This is a reproduction of a library book that was digitized by Google as part of an ongoing effort to preserve the information in books and make it universally accessible.

Google books

https://books.google.com

UC-NRLF
C 3 012 937

GIFT OF
J.C.CEBRIAN

SIGILLVM · VNIVERSITATIS · CALIFORNIENSIS
FIAT LVX
MDCCCLXVIII

EX LIBRIS

795
V632
B79

Digitized by Google

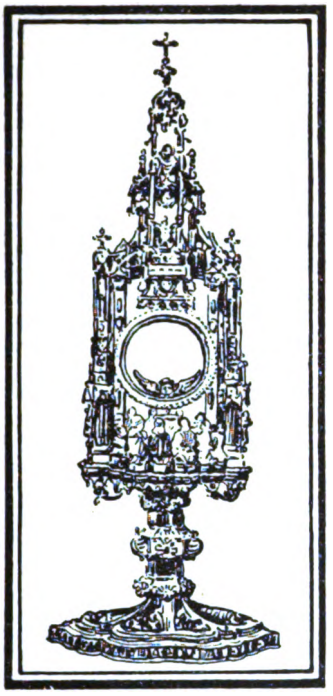
Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

UNIV. OF CALIFORNIA

Branca



Gil

GIL VICENTE TROVADOR
MESTRE DA BALANÇA

Tragicomedia novamente impreffa
em a antiga, mvy nobre, fempre leal e invicta
Cidade do Porto

Anno de M. DCCCC. xix.

(***)

Sem licença da Sancta Inquifiçam
nem do Ordinario

Digitized by Google

UNIV. OF
CALIFORNIA

. C. Gebrien.

Digitized by Google

GIL VICENTE

Digitized by Google

Edição de 150 exemplares, todos numerados e rubricados pelo autor

Nº 118

Digitized by Google

UNIV. OF CALIFORNIA

VIDA E OBRAS

DE

GIL VICENTE

«TROVADOR, MESTRE DA BALANÇA»

POR

Anselmo Braamcamp Freire

Presidente actual da Academia das Sciências de Lisboa
da Sociedade de Geografia de Lisboa e da Sociedade Portuguesa de Estudos Históricos
Sócio correspondente da Rial Academia de História de Inglaterra
Director do Arquivo Histórico Português e dos Portugaliae Monumenta Historica

PÔRTO
TIP. DA EMPRESA LITERÁRIA E TIPOGRÁFICA
321 — RUA DA BOAVISTA — 321
1919

Digitized by Google

UNIV. OF
CALIFORNIA

795
V632
B79

Digitized by Google

À minha querida afilhada

Maria Luisa Dias

452734

Digitized by Google

Digitized by Google

EXPLICAÇÃO

Teve princípio êste livro em um artigo destinado à REVISTA DE HISTÓRIA *com o intuito único, expresso no Preâmbulo, de reunir dois precedentes estudos meus, « modificados em certas passagens, desenvolvidos em outros pontos e acrescentados com as considerações sugeridas pelo último argumento » apresentado contra a identidade de Gil Vicente, poeta e ourives. Pouco depois, reparando para os muitos apontamentos anteriormente colhidos, abalancei-me a tentar escrever a vida de Gil Vicente e já no Capítulo I o anunciava: « São traços biográficos e bibliográficos da vida e obras dêste homem extraordinário, que me propus lançar no papel, e vou começar ».*

D'aqui resultou uma tal qual precipitação na tentativa biográfica e um certo descosido na sua exposição. Não obstante êstes defeitos, que me apresso de reconhecer e confessar, estou persuadido de alguma coisa útil poder resultar do meu labor.

Começado com carinho, fui-lhe criando afeição, vindo esta minha obra a ser a predilecta do meu espírito. D'aqui a lembrança de a dedicar a quem tem sido o encanto dos meus últimos anos, a alegria desta casa de velhos, tanto tempo só e êrma.

Um dia lindo de primavera foi o mais triste da minha vida! Já lá vão perto de nove lustros e não me sai da lembrança a memória dêle. Entre rosas e lírios, lilazes e madresilvas, corria, brincava, saltava uma linda criança de olhos negros, profundos, cheia de vida e de saúde, enlevo querido de seus pais, esperança prometedora de afago e afecto para a sua vèlhice ainda bem distante então. De repente entristece, esmorece, e em três dias some-se na escuridão do túmulo para onde partiu envôlta naquelas mesmas flôres entre as quais havia tam pouco se expandia a sua juvenil alegria. Foi um assombro de dôr!... Resiste-se porêm a tal derrocar de afectos e esperanças! Resiste-se; mas nunca fecha a cicatriz de tam doloroso e profundo golpe.

Passados anos, muitos anos, vinte e oito, num dia não de amena primavera mas de ardente estio, em resultado de uma série de circunstâncias encadeadas umas nas outras, torna, em nossa casa, a nascer uma criança, não de olhos negros, pensativos, mas de olhos azuis, risonhos. Com ela, pouco a pouco, suave e imperceptivelmente, foi-se reanimando a casa triste; o seu chilrear, a sua vózinha fresca e metálica, o seu bulício encantador, foi animando a solidão; a melancolia vai-se desvanecendo e dentro em pouco, sem apagar a memória querida, dos corações ansiosos de amor tomou ela inteira posse.

É o meu agradecimento por esta serena e afectuosa transformação que eu quero tornar perdurável com a dedicatória dêste livro.

Salitre, 8 de Outubro de 1919.

Digitized by Google

Digitized by Google

UNIV. OF CALIFORNIA

PREÂMBULO

Pela terceira vez tomo por tese da minha controvérsia a asserção contida no título destas investigações biográficas e não será talvez ainda a última: se é difícil convencer do êrro, difícilimo se torna levar alguêm a reconhecê-lo, quando com isso se possa sentir ferida uma mal entendida vaidade.

Não há hoje em dia ninguêm entre nós, dos poucos que nos interessamos pelas letras pátrias, que duvide, creio eu, de haver sido a custódia dos Jerónimos lavrada pela própria mão que escreveu o *Auto da Mofina Mendes;* ninguêm, a não ser o doutor Teófilo Braga. O festejado Professor não descorçoa e como denodado aventureiro nêste torneio de que eu sou o mantenedor, torna à liça, empunhando lança nova e para tentar quebrá-la obriga-me a voltar à balha. Na melhor disposição vou correr a aventura, não tendo há mais tempo levantado o repto já lançado em Julho do ano findo, para me não desviar doutras incruentas lides (o x vol. do Arquivo Histórico) que me prendiam. Agora, livre, acorro ao toque do sino do campanário da távola, há tantos meses a badalar, anunciando mais outra vez a presença do aguerrido justador. Porque, nêste passo honroso de nova espécie e mais demorado que o famoso *del puente de Orbigo,* vários cavaleiros, em tempos diversos, têem corrido suas lanças: Camilo, Sanches de Baena, Brito Rebêlo, Teófilo Braga. Os dois primeiros sempre arremetentes, o terceiro, apesar de ter vibrado um decisivo bote, hesitante, o quarto de defensor passou a pertinaz investidor.

Pela terceira vez acorro pois à chamada; deverei porêm primeiro recordar ràpidamente os trâmites percorridos.

Em 1870, na *Hist. do theatro portuguez*, tratando da obra dramática e literária de Gil Vicente, não alude o Doutor Teófilo Braga ao ourives; em 1873 porêm, nos números de Janeiro e Fevereiro das Artes e Letras, em um artigo não assinado e intitulado *Gil Vicente e a custodia de Belem*, defende calorosamente a identificação do poeta e do ourives. Chega a dizer, que «um argumento existe unicamente contra a identidade... é não ser citado como ourives fóra dos documentos officiaes[1].» A força dêste argumento não alcanço; outro todavia

[1] Artes e Letras. 1873—2.º Anno, pag. 19.

Digitized by Google

UNIV. OF CALIFORNIA

apresenta o Doutor Teófilo Braga, bem valioso para prova da sua asserção e na classe daquele por mim posteriormente exposto, ao qual logo me referirei e que reputo de grande pêso. Lê-se na página precedente das cit. ARTES E LETRAS: «No Cartorio do Hospital de S. José, de Lisbôa, encontrou o snr. José Maria Antonio Nogueira... um documento, em que, além de outros factos sobre Gil Vicente, lhe chama *Ourives da rainha D. Leonor* [1]. Como era possivel que a rainha tivesse um lavrante tão perito, como Gil Vicente, e um poeta dramático tão gracioso e fecundo, tambem chamado Gil Vicente, sem que os seus contemporaneos, que de tudo chasqueavam, não tirassem partido dessa homonymia?»

Eu inverterei o argumento e preguntarei: como seria possível existirem na côrte dois homens com o mesmo nome, apaniguados da mesma Rainha, aos quais se concediam mercês, se entregavam mandados de pagamento, se registavam tenças, sem serem discriminados nos diversos diplomas? Não podia ser e lá adiante tornarei ao assunto.

Seis anos depois entra o Camilo em scena no primeiro artigo da HISTORIA E SENTIMENTALISMO impresso no Pôrto em 1880, artigo intitulado *Gil Vicente*.

Tornei agora a lê-lo e a impressão penosa, que me causara em tempos, ainda agora a senti mais profunda. Aquilo não vale o papel!

Sem se fundar em um único documento, sem se acostar a nenhum autor coevo ou próximo dos acontecimentos, estribado exclusivamente em nobiliários dos séculos XVII e XVIII, faz o Romancista as mais peremptórias afirmações. Retira o crédito em tempos prestado a Cristóvão Alão de Morais, porque o Camilo tambêm fôra pela identidade, para o outorgar a outro genealogista tão bom como aquele, senão pior, Afonso da Gama Palha [2].

Para desmerecer no primeiro transcreve um trecho do autor da *Hist. genealogica*, omitindo algumas palavras que eu introduzirei em itálico ao transcrever aqui parte da aludida passagem: «Christovaõ Alaõ de Moraes, Desembargador do Porto, onde viveo, e morreo, homem Letrado na sua profissaõ, e erudîto, e muy dado às Genealogias, de que escreveo seis volumes; *o primeiro trata de Familias Estrangeiras, e os cinco das do Reyno; examinou os Cartorios de muitos Mosteiros, e Cameras da Provincia do Minho, de que tirou muitas noticias para as Notas, que fez ao Nobiliario do Conde D. Pedro.* Naõ se lhe póde negar, que soube muito, mas que naõ tinha intensaõ muy recta, e que no que toca à Genealogia, naõ merecem os seus livros estimaçaõ, porque escreveo sem escolha, de pessoas desconhecidas, e que naõ deviaõ entrar em Nobiliario, e cuido, que sómente para deslustrar humas, e outras as meteo entre as Familias illustres, e nobres. Etc. [3]»

Ao Teatino não podia agradar Alão de Morais, «que extrahio [dos Cartórios da província] importantes noticias conducentes às Familias de que fallava, onde o amor da verdade lhe fez descobrir alguns defeitos indignos de que os soubesse a posteridade». Êste *amor da verdade* denunciado por Barbosa Machado

---

[1] É o alvará de 15 de Fevereiro de 1509. — Doc. I.
[2] HISTORIA E SENTIMENTALISMO, pags. 8 e 8.
[3] D. ANTONIO CAETANO DE SOUSA, *Historia genealogica da Casa Real*, Tom. I, pag. CXXII, n.º 134.

Digitized by Google

na *Bib. Lusitana* é que não aprazia ao genealogista da côrte! Alão de Morais nasceu em 1630 e morreu em 1693.

Foi êste o linhagista repudiado por Camilo; vejamos agora quem era o preferido.

Afonso da Gama Palha, natural de Elvas, sucedeu em 1657 por morte de seu irmão no vínculo da casa paterna; «foi mesario da Misericordia em 1664-86, sendo riscado d'esta confraria por accórdão de 25 abril 1688». O motivo por que seria riscado proviria da sua índole, a qual transparece da seguinte nota biográfica: «Ha um accórdão camarario, de 10 junho 1678, em que se declara, que havendo falta de trigo na casa pública, fôra este Affonso da Gama intimado a que, do muito que tinha enceleirado, mandasse algum á casinha para se vender ao pôvo; ao que respondera que o mandaria quando se acabasse de vender o de José Gomes da Silva; mas acabado este, sendo de novo intimado, se recusara a fazel-o, salvo se lh'o pagassem por preço superior ao da taxa, que estava fixada em 260 rs. O juiz e officiais da Câmara mandaram-lh'o então tomar por força, e vender ao pôvo pelo preço corrente, prendendo a Affonso da Gama para responder pela desobediencia [1]».

Segundo o autor citado teve Afonso da Gama Palha propensão para as letras, deixando manuscrita uma *Relação dos successos da guerra da Liga,* impressa em 1876 num periódico elvense, e uma cópia do *Theatro das antiguidades d'Elvas* do cónego Aires Varela, a qual serviu para a impressão da obra feita em Elvas em 1915 pelo benemérito editor António José Tôrres de Carvalho. No prólogo declara António Tomás Pires: «Affonso da Gama Palha, na copia que damos, e que extraiu no anno de 1709, ampliou nalguns logares o trabalho de Varela, e abalançou-se por vezes a corrigir o original».

Três anos antes mandara êle copiar em dez tomos uns livros genealógicos escritos por José de Cabedo de Vasconcelos, de Setúbal, e Manuel Moniz Castelo Branco, de Fronteira, assegurando na anteposta introdução «que se não lerá nestes escriptos cousa alguma que possa macular o lustre dalguma geração, porque nisso puz grande cuidado [2].» Está-se a ver o açambarcador do trigo a *abalançar-se* a corrigir o original.

A êste nobiliário, escrito e coordenado por homens do Alentejo, deu Camilo a preferência, tratando-se de uma família do Minho, ao coordenado por um desembargador do Pôrto, que rebuscara os cartórios da província. Não compreendo êste critério, apesar de ligar muito restricta confiança aos linhagistas de todas as províncias.

Fundado pois nêstes genealógicos afirma Camilo haver sido Gil Vicente membro da ilustre família dos Cantos, homem não de todo desabonado de bens de fortuna, e mestre de retórica de D. Manuel, tendo, depois de dispensado de dar lições, aberto carreira nova no teatro [3]; dá foros de nobreza à pobre Branca Bezerra, primeira mulher do poeta, que supõe viúvo em 1514, no que parece ter acertado; não acerta porêm quando declara existirem, já então e dêsse matri-

---

[1] VICTORINO D'ALMADA, *Elementos para um Dicc. de geographia e hist. port. Concelho de Elvas*, Tom. I, pag. 111.

[2] CAMILO, *Hist. e sentimentalismo*, pag. 7.

[3] *Ibidem*, pags. 5, 9 a 11 e 24, mostrando o autor (pag. 10), numa observação a propósito de umas andainas de roupa, perfeito desconhecimento da valia e preço dos panos no século XV.

Digitized by Google

mónio, tres filhos, sendo dois dêles Paula Vicente e Luís Vicente que, se isto fosse exacto, viria a morrer quási centenário em 1601; continúa aferrado ao propósito de enobrecer a estirpe do poeta e fá-lo casado pela segunda vez com a viúva de um comendador [1]. E mais afirmações produz levantadas sôbre tais bases e tão pouco seguras como elas.

Quanto à dualidade diz... O melhor é transcrever: «Concedo a Christovão Alão e ao snr. Theophilo Braga que houve um Gil Vicente, de Guimarães, lavrante da rainha e esculptor da custodia de Belem. Esse artífice Gil Vicente teve um filho, moço da capella d'el-rei D. João III. A pag. 789 do tomo II das PROVAS DA HIST. GENEAL. lá se encontra BELCHIOR VICENTE, *filho de* GIL VICENTE. Este é que é o lavrante, o vedor das obras de ouro e prata, o primoroso artista da custodia de Belem, etc.[2]»

Mais nada diz. É uma sentença sem considerandos nem citações. Sem citações, não, a bem dizer, porque lá estão apontadas as *Provas* e por sinal que, sendo esta a única vez em todo o artigo em que aparece referência a um documento, êste não serve para o caso, visto não haver dúvida do Belchior Vicente, môço da capela, ser filho do poeta. É verdade que, sendo filho do poeta, também o era do ourives; mas isso assim não entendia Camilo.

Em 1879, no POSITIVISMO, no artigo *Gil Vicente Ourives e Poeta*, e ainda em 1881, no livro *Questões de literatura e arte portuguesa*, tornou o doutor Teófilo Braga a defender a sua hipótese d'então tendente a identificar o poeta e o ourives [3]. Ainda trilhava o caminho da verdade.

Entre estas duas composições do dr. T. B. publicou o general Brito Rebêlo no OCCIDENTE, vol. III, ano de 1880, de pag. 134 em diante, um artigo intitulado *A custodia do convento dos Jeronimos*. Nêste estudo, referindo-se à conjectura de haverem sido o mesmo homem o ourives e o poeta, diz: «Seduzia-nos um pouco essa idéa, mas os documentos e noticias que temos consultado e colligido fizeram-nos perder tão grata illusão» (pag. 154). Mais adiante trata de destrinçar os vários individuos de nome Gil Vicente mencionados em documentos, os quais o dr. Teófilo Braga tinha, no *Positivismo*, referido todos ao poeta, e eram um carpinteiro de Santarêm, um requeredor das sisas desta vila e um moço da estribeira de D. João II ainda príncipe. A seguir indica vários docs. relativos ao poeta, os quais posteriormente reproduziu noutra obra adiante indicada, e nas pags. 187 e 202 apresenta a, na aparência, mais importante prova até ali aduzida contra a identidade do ourives e do poeta.

Consiste a prova numas verbas de um livro de pagamentos do cartório de Tomar, pelas quais se mostra que de 1533 a 1539 outro era o ourives que trabalhava para o convento, deduzindo d'aqui ser o ourives Gil Vicente já falecido, visto ter êle o exclusivo daqueles trabalhos, concedido pelo alvará de 15 de Fevereiro de 1509 já citado, e portanto diversa pessoa do poeta que ainda em 1536 compunha a comédia *Floresta de enganos*. Nas duas posteriores edições da sua biografia de Gil Vicente não torna o General a aduzir êste argumento, por haver deixado de lhe encontrar o alcance que na primeira impressão lhe

---

[1] CAMILO, *Hist. e sentimentalismo*, pags. 11 a 15.
[2] *Ibidem*, pag. 18.
[3] T. BRAGA, *Gil Vicente e as origens do theatro nacional*, pags. 512 e 518.

Digitized by Google

supoz. A Gil Vicente não foi concedido pelo referido alvará o exclusivo do fabrico de objectos de oiro ou prata para Tomar, foi apenas nomeado «vedor de todas as obras que mandarmos fazer, ou se fizerem de ouro e prata pera o nosso convento de Tomar» etc. Ora isto é muito diverso, e o facto de andar outro qualquer artífice a fornecer de artefactos de metais preciosos a sede da Ordem de Cristo em 1533 e anos seguintes, não implica por forma nenhuma o falecimento prévio de Gil Vicente ourives e muito menos pelos anos de 1517, como ao General, na pag. 202, parece provável. É de tão pouca valia o argumento, que o ilustre biografo de Gil Vicente trata de o deixar esquecer, não mais se referindo a êle.

Seguem-se as fantasias do Visconde de Sanches de Baena.

A psicologia dêste homem era curiosa. Boticário, não empregou nunca o nitrato de prata para fazer uma limonada de nitro; comerciante, não deixou jámais protestar uma letra; cidadão, cumpriu com todos os deveres cívicos. De tudo isto estou certo, mas também tenho a certeza de que, escrevendo genealogias, foi de uma audácia poucas vezes igualada. Em 1894 publicou êle o seu *Gil Vicente*, estudo fundado em nobiliários e documentos de duas espécies, uns de cartórios particulares, outros do Arquivo Nacional. Dêstes tratarei lá mais adiante, patenteando a forma ousada como Sanches de Baena os alindou à sua feição; dos outros, inacessíveis, já o general Brito Rebêlo em 1902 desconfiava, não lhes ligando crédito nenhum, opinião que em 1912 manteve e a qual eu sempre perfilhei.

Êste opúsculo, mal comparado, foi a estrada de Damasco do doutor Teófilo Braga. Aqui, o Saul da identificação do poeta com o ourives passou a ser o apóstolo da dualidade, saindo com a primeira epístola em 1898 no livro já citado, *Gil Vicente e as origens do theatro nacional.*

As genealogias de Sanches de Baena eram um evangelho; por êle se podia jurar; tudo estava esclarecido; os homens foram dois: o ourives, tio; o poeta, sobrinho. De repente estoira uma bomba! Já vamos ver.

O ourives Gil Vicente era irmão de Luis Vicente e êste era pai de Gil Vicente, poeta, de Afonso Vicente e de Felipa Borges, todos portanto sobrinhos do insigne lavrante. Para ajuda do casamento de Felipa fizera D. Manuel, por mandado de 21 de Setembro de 1515, mercê ao poeta Gil Vicente de 20:000 reais, documento aduzido por Sanches de Baena como prova da irmandade do poeta e Felipa. Não encontrara porêm o genealogista o recibo dos 20:000 rs. o qual apresentou o general Brito Rebêlo e nêle declara Gil Vicente ser *mestre da balança,* e portanto transforma-se indubitávelmente o irmão de Felipa Borges de poeta em ourives. Isso, todavia, apesar de invalidar toda a arquitectada genealogia de Sanches de Baena, não mereceu consideração maior perante o doutor Teófilo Braga, *que sem outro algum apoio e com a sua habitual promptidão,* com um simples retoque emendou o dilacerado esquema genealógico [1].

O simples retoque apareceu primeiro na pag. 150 do *Gil Vicente e as origens do theatro nacional,* nestas palavras: «Por tanto toda a filiação de Luiz Vicente encabeça-se em volta d'este *ourives*, que em vez de tio (segundo as genealogias consultadas pelo sr. Visconde de Sanches de Baena) passa a ser primo de

---

[1] Brito Rebelo, *Ementas historicas.* II. *Gil Vicente.* Lisboa, 1902. Pag. 72. Dêste autor são as palavras em itálico no texto.

Digitized by Google

Gil Vicente, o poeta». E no fundo da pag. 526 onde se lê: «Ha apenas um pequeno equivoco, que resulta de uma deslocação genealogica: é que *Gil Vicente poeta não é sobrinho de Gil Vicente ourives*, como na genealogia se estabelece, mas simplesmente *primo co-irmão*». A letra grifa é do autor. Tal é o simples retoque procedente das palavras do recibo. Até faz lembrar uma famosa emenda na biografia de Camões: onde se lê pa., leia-se primo.

Felipa Borges passa de irmã do poeta a irmã do ourives, e aquele, de filho de Luís Vicente a filho de Martim Vicente. E quando eu uma vez disse que a genealogia era um jogo de damas no qual os parceiros mudavam as pedras a seu talante, talvez houvesse quem se admirasse.

Em 1896 deu o Visconde de Ouguela à estampa o seu *Gil Vicente*, livro principalmente de crítica literária, aceitando o autor para os traços biográficos do poeta os tópicos de Camilo.

Em 1902 publicou o General Brito Rebêlo, na segunda EMENTA HISTORICA, o seu estudo intitulado *Gil Vicente*. É a mais conscienciosa e documentada biografia do poeta até hoje impressa. Pena foi que o autor não sentisse a solidez da base documental por êle encontrada e sôbre a qual podia, sem «fantasiar romances em história», decidir a dúvida da identificação do poeta e do ourives. Causa pena, repito, a hesitação com que fecha o opúsculo.

Em 1907 publiquei no JORNAL DO COMMERCIO os meus primeiros artigos intitulados *Gil Vicente, poeta-ourives*.

Em 1912 saíu o General com o seu segundo *Gil Vicente*, tom. II dos GRANDES VULTOS PORTUGUESES. Nesta segunda edição da biografia aparece uma novidade importante: uma assinatura incontestávelmente do poeta Gil Vicente, muito diferente doutra do ourives, mediando entre as duas o espaço de vinte anos. Mantém todavia o autor as mesmas hesitações, afirmando a dualidade no princípio, duvidando dela no fim.

Logo a seguir, em Dezembro dêsse ano, li na Academia das Sciências de Lisboa uma comunicação, publicada no vol. VII do BOLETIM DA SEGUNDA CLASSE e em separata com o título de *Gil Vicente, poeta e ourives* (*novas notas*).

Em 1914, no II vol. da *Hist. da litteratura portuguesa*, reedita o Doutor Teófilo Braga, resumindo-as, quási todas as suas afirmações de 1898, emendando algumas por forma um tanto velada.

Finalmente, no número de Julho de 1916 da ATLANTIDA, o mesmo Professor, respondendo a um meu artigo de crítica publicado naquele mensário no número de Abril precedente [1], manda-me passar a vista pelas contas das festas

---

[1] O meu artigo na ATLANTIDA, sob o título de *Maria Brandoa, a do Crisfal*, foi de crítica ao estudo àcêrca da «vida, poesias e época» anteposto pelo doutor Teófilo Braga a uma nova edição das *Obras de Christovam Falcão*.

Os meus reparos, todos fundados em documentos, tendiam a revelar o desconhecimento, ou imperfeito conhecimento do autor do estudo-prefácio dos principais episódios da vida, tanto de Cristóvão Falcão, como de Maria Brandoa; a apontar os anacronismos cometidos nas suposições de referências existentes na égloga *Crisfal* a certos factos da vida da côrte; a esclarecer a errada identificação de pessoas diversas numa só; a expôr a facilidade com que se bordavam peripécias da vida íntima de gente do século de quinhentos, tendo por base única indicações tiradas de uma obra de fantasia, as quais, com pequeno esfôrço, tanto podem servir para serem interpretadas num sentido, como no oposto; a patentear em fim o método pouco seguro geralmente adoptado pelo dr. T. B. nos seus trabalhos histó-

Digitized by Google

da recepção em Lisboa da terceira mulher de D. Manuel dirigidas por Gil Vicente, ourives, e folhear a *Comédia de Rubena*, representada por essa mesma ocasião em Évora ao príncipe D. João por Gil Vicente, poeta, a fim de me desconvencer da identidade dos dois.

Expostos assim muito sumáriamente os trâmites por que tem passado a questão vicentina, irei a seguir reeditar reunidos os meus dois precedentes artigos, modificados em certas passagens, desenvolvidos em outros pontos e acrescentados com as considerações sugeridas pelo último argumento apresentado pelo defensor da dualidade ourives e poeta. Em segunda parte apresentarei um esboço de catálogo cronológico das obras de Gil Vicente, estudo fundado em dados ministrados por documentos e ilações cautelosamente tiradas dos próprios dizeres das obras catalogadas.

---

ricos, nos quais se atende quási exclusivamente à preocupação de produzir muito. Bem patente até torna êle êsse estado de espírito, atribuindo a *desconcertos da fortuna* o facto de eu encontrar os docs. que aponto. Ora, nesta ocasião não houve, que me lembre, nenhum acaso feliz: todos os docs. que me guiaram apareceram indicados nos índices; portanto, se o dr. T. B., em vez de ter a tineta de produzir muito, diligenciasse produzir bem, tê-los-hia achado muito antes de mim. Isso não sucedeu porque os nossos processos de estudo são mui diversos: eu, mesmo tratando de trovadores, não me «fio em cantigas», desculpem-me o plebeismo, mas vou sempre procurar às fontes a informação documentada; o dr. T. B. deixa-se levar pelas alusões dos poetas, na tendência natural de quem também verseja.

Na sua resposta intitulada *Maria Brandôa, a do Chrisfal não foi apeada*, não pôde o dr. T. B. rebater as minhas asserções, nem seria fácil dadas as bases sôbre que assentam; mas, continuando a deduzir argumentos de passagens do poema e recorrendo a divagações, trata de baralhar e confundir o mais que pode. Era de esperar, nem tive nunca a presunção de o convencer, nem foi de certo com êsse fim que escrevi a apreciação da obra. Não, e tanto que anteformei a tenção de não retorquir caso fosse contraditado, e se agora volto ao assunto, aproveitando o ensejo, é únicamente para me defender da imputação de um êrro que por acaso não cometi.

Na pag. 820 da ATLANTIDA lê-se: «Ahi escreveu [Braamcamp Freire]: «Um infante portuguez foi Conde de Flandres (1211-1233) e já era sobrinho de Mathilde, filha de D. Afonso e Condessa de Flandres (1184-1219)». Sem rufar sobre as confusões que d'aqui resaltam, basta apontar a simples rectificação: Este infante (Ferrante, Fernando, filho de D. Sancho I) sobrinho de Thereza Affonso, filha de D. Affonso Henriques, a celebrada *Puela de Portugal*, casada com Philippe de Alsacia, Conde de Flandres, por influencia de sua tia casou com Mathilde, que succedeu no Condado de Flandres por seu tio não ter deixado filhos».

Transcrevo o que lá está, *ipsis verbis*, com ortografia, pontuação e tudo, mas terei de interpretar para que se entenda. «O infante Fernando, filho de Sancho I e sobrinho de Teresa Afonso, filha de D. Afonso Henriques e mulher de Filipe de Alsácia, conde de Flandres, casou por influência da tia com Matilde, que sucedeu no condado de Flandres, por seu tio não ter deixado filhos». Era isto que o dr. T. B. queria dizer, e o meu êrro está em chamar Matilde a Teresa Afonso. Ora, para mostrar que não errei, não careço de ir procurar os historiadores estrangeiros, basta-me recorrer a Alexandre Herculano. Diz êle no tom. I da *Hist. de Portugal*, pag. 455 da 3.ª ed.: «O namorado Philippe d'Alsacia veiu receber a princeza ao entrar nos seus estados e, na presença do exercito e de grande numero de povo que concorrera áquelle espectaculo, se uniu pelos laços nupciaes com a formosa infanta [D. Theresa Affonso], *a qual por esta occasião trocou o seu nome pelo de Mathilde*, posto que alguns lhe chamam impropriamente Beatriz».

Pode rufar, senhor Doutor, que eu, sem repicar, lhe observarei que o tal infante Fernando não casou com *Matilde*, como V. Ex.ª deixou dito, mas sim com *Joana*, sucessora no condado de Flandres por morte do tio (*L'Art de vérifier les dates*, XIII, 319).

Digitized by Google

Digitized by Google

I

Dados biográficos

IDENTIFICAÇÃO DO POETA E DO OURIVES

Nos princípios do século XVI, quando em Portugal se começaram a sentir os efeitos da acertada política, discreta e desvelada administração do Príncipe Perfeito, tudo era grande e belo, pelo menos na aparência. As viagens, os descobrimentos, o comércio, o oiro da Mina, os armazens de Guiné já abarrotados de mercadorias; a futura Casa da India, esboçando-se; a feitoria de Flandres, por onde inundariamos a Europa de drogas, especiarias e produtos orientais, medrando; o respeito, a inveja do mundo culto, mirando-nos. A par floresciam as artes, a arquitectura, a pintura, a iluminura, a escultura, na Batalha, no hospital de Todolos Santos, na Misericórdia, na Madre de Deus, nos paços riais e senhorís, nos conventos e mosteiros; as letras, com a invenção do livro de fôrma, difundiam-se, não já só em latim, mas em linguagem, o *Sacramental*, o *Catecismo* do Calçadilha, o *Cancioneiro* de Resende, e outros e outros. Período ditoso! Breve relâmpago de fulgurante brilho que ainda hoje nos assombra!

Ao lado da côrte vivia recolhida uma mulher, para quem a felicidade fôra também um breve relâmpago. Não tenho simpatia pelo seu caracter, já por mim analisado [1], mas sou justo, e a sua desventura, de que por infelicidade minha posso bem avaliar a parte principal, merece o meu respeito. Esta mulher perdera o único filho, perdera o amor do marido, assistira à ruína e morte trágica dos seus mais chegados parentes, lutara desesperadamente para justiça ser mantida ao último; e que luta! Constante, implacável, estorcia-se entre as paredes da câmara conjugal, onde ela, a mulher, a fraca, pugnava pelo direito contra a alta política sustentada por um homem, e que homem! aquele que em si encarnava a realeza absoluta na sua mais apurada essência, sôbrehumana, divinal quási. Pois ela venceu... Não, não foi ela própriamente que venceu, sejamos justos, foram a razão e a justiça que no ânimo do grande Rei nunca se apagaram. Ela, a firme Rainha, ia lançando no amortecido braseiro as acendalhas que por fim o reincendiaram. Também, depois da vitória, foi cruel. Abandonou o marido enfermo, espreitou-lhe de longe a agonia e só desoprimiu o coração quando lhe constou terem-se apagado aqueles olhos «de muyto boa vista» pregados no oceano, onde se sumia o sol que partia a alumiar as praias da Índia tão desejada. Então sim, então respirou desafogada.

Esta mulher era a viuva de D. João II, a irmã de D. Manuel, a *Rainha velha*, como lhe chama Gil Vicente, que nela encontrou a melhor, mais afectiva e efectiva protecção.

Como e quando entrara para o seu serviço, ignoro; se teve moradia na sua casa, desconheço. Só sei que na noite de 7 de Junho de 1502, na câmara

---

[1] *Crítica e História*, pag. 97 e seguintes.

Digitized by Google

da Rainha Nova, depois de Gil Vicente recitar o monólogo da *Visitação*, «por ser cousa nova em Portugal, gostou tanto a Raynha velha desta representaçam que pedio ao autor que isto mesmo lhe representasse às matinas do Natal, enderençado ao nacimento do Redemptor [1].» Só me consta que sete anos depois, em Fevereiro de 1509, era seu ourives, quando, provávelmente a recomendação sua, foi nomeado vedor de todas as obras de oiro ou prata que se mandarem fazer, ou se fizerem, para o convento de Tomar, hospital de Todolos Santos de Lisboa e mosteiro de Nossa Senhora de Belem [2]. Sei mais que para ela simultâneamente compôs Gil Vicente a maior parte das suas comédias e peças [3], e lavrou pelo menos dois cálices legados pela Rainha ao mosteiro da Madre de Deus [4].

São traços biográficos e bibliográficos, da vida e obras dêste homem extraordinário, que eu me propús lançar no papel, e vou começar.

Antes de entrar própriamente na biografia de Gil Vicente, apresentarei os argumentos que me levam a identificar em um homem só o trovador e o lavrante.

Camilo Castelo Branco foi, como acima disse, quem primeiro, pela imprensa, em 1881, na *História e sentimentalismo*, pretendeu provar haverem sido pessoas diferentes o poeta e o ourives. Antes dêle, escondida nas folhas manuscritas dalguns nobiliários do século XVII e do seguinte, se encontrava indicação análoga, apresentada sem base documental, sem fundamento em notícias contemporâneas, inventada, ao que parece, sómente para tirar de cima da prosápia dos descendentes de Gil Vicente, poeta, o labéu de provirem de um mecânico, como sucederia no caso dêste haver tambêm sido ourives. Porque, note-se bem, nem Camilo, nem o doutor Teófilo Braga, na sua segunda maneira, apresentam *um único documento* para prova da dualidade do ourives e do poeta. Ambos aqueles escritores, os mais notáveis que se pronunciaram a favor da novidade, não incluindo na conta o general Brito Rebêlo, porque não sai das hesitações; ambos êles, repito, fundam a sua argumentação exclusivamente nas alegações dalguns genealogistas dos séculos XVII e XVIII, reforçadas, para o dr. Teófilo Braga, pelo *Gil Vicente* de Sanches de Baena, linhagista do século XIX.

Antes de proseguir mostrarei sumáriamente a conta em que esta obra [5] deve ser tida.

Declara o seu autor havê-la fundado em nobiliários dos séculos XVII e XVIII, corroborados com documentos. Êstes são de duas proveniências: uns, existentes na Tôrre do Tombo; outros, pertencentes a um cartório particular. Examinemos alguns dos primeiros e o que dêles extraíu Sanches de Baena.

O documento V, pag. 54, é o processo de habilitação do padre Vicente

---

[1] *Copilaçam de todalas obras de Gil Vicente*, ed. de 1562, fl. 2. Supôr-se que a *Rainha Velha* era a mãe de D. Manuel é desacerto grave. Lá adiante explicarei.

[2] Doc. I.

[3] *Copilaçam de todalas obras de Gil Vicente*, ed. de 1586, prólogo do liv. terceiro.

[4] «Item deixo ao dito Moesteiro da Madre de Deos... os dous Calices, que andaõ em minha Capella: a saber, o que corregeo Gil Vicente, e outro dos que elle fez, que está ja no dito Moesteiro». FR. JERÓNIMO DE BELEM, *Chronica serafica da santa provincia dos Algarves*, parte III, pag. 85.

[5] VISCONDE DE SANCHES DE BAENA, *Gil Vicente*. Marinha Grande. Empresa typographica. 1894. 8.º de XXV-168 pag. precedido de uma carta ao autor assinada António Maria de Freitas.

Digitized by Google

Fernandes, processo guardado no «Cartório do Santo Ofício, maço 1 [de Vicentes], diligência 8». Em seguida a esta citação passa o autor a extractar o processo e declara-nos haver nêle encontrado o seguinte, que resumirei:

O padre Vicente Fernandes, maior de cinqùenta anos (é engano, era maior de trinta), natural de Guimarães, foi em 1609 aprovado para familiar do Santo Ofício (outro engano, êle foi aprovado para escrivão do comissário daquele tribunal em Guimarães). Era o padre filho de Gonçalo Fernandes, alfaiate, e de sua mulher e *prima* Ana Álvares; neto paterno de Violante Pires e de Gonçalo Pires, que morreu na ilha da Madeira (foi para uma das ilhas e lá faleceu, é o que declaram as testemunhas); neto materno de Álvaro Fernandes, serralheiro, e de Brites Pires; bisneto pela avó Violante, de «*Vicente Afonso, natural de Guimarães, onde era curtidor, e de Cecilia Gonçalves, da mesma naturalidade de seu marido*»; bisneto, pelo avô Gonçalo, de «Pero Fernandes, lavrador em Guimarães (aliás no casal de Souto de Versas, freguesia dos Gémeos), e de Margarida Brás»; bisneto, pelo avô Álvaro, de «*Pero Fernandes, lavrador acima, e de Margarida Vaz*»; bisneto, finalmente, pela avó Brites, de «*Afonso Pires, que era sapateiro em Guimarães. (O documento não diz com quem era casado.)*»

O documento não diz com quem era casado! O documento não nomeia o Álvaro Pires, nem nenhum dos outros cujos nomes pus em itálico! Dos bisavós do padre Vicente Fernandes, as oito testemunhas que depuseram na informação [1] apenas nomeiam Pero Fernandes e Margarida Brás; os outros cinco... não estão lá.

Vejamos outro extracto feito por Sanches de Baena de mais um documento dos da Tôrre do Tombo.

Aparece o extracto sob o n.º XII, a pag. 68, e foi extraído do processo de habilitação para familiar do Santo Ofício de Gaspar de Goes de Castro, processo guardado no respectivo cartório no maço 2 de Gaspares, n.º 98. Extractando-o, afirma-nos o genealogista haver lá encontrado o seguinte, que resumo:

Gaspar de Goes de Castro foi filho de «Belchior de Goes do Rêgo, natural de Barcelos, *senhor do morgado de Merece na freguesia de Santa Eufemia de Calvêlo*, comendador da comenda de seu pai e *procurador em Côrtes por Barcelos*». Mais afirma declarar o processo ser êste Belchior filho de «Gaspar de Goes do Rêgo, natural de Barcelos, comendador da Ordem de Cristo, [que] viveu alguns annos em Vila Viçosa. Morreu em 1578 na batalha de Alcàcerquibir, *para onde tinha ido na leva do 6.º duque de Bragança, D. João.* Casou, *em Vila Viçosa* com D. Maria Tavares, *menina da vela da 6.ª duquesa de Bragança, a senhora D. Caterina. Depois de viuva casou em 1580 com Gil Vicente de Almeida*».

Nada do que vai escrito em itálico se encontra no processo!

Ora, quando Sanches de Baena fantasia por esta forma sôbre documentos que estão, por assim dizer, públicos, que qualquer pode ir examinar ao Arquivo Nacional, até que ponto nos é lícito supor se exerceria a fértil inventiva do genealogista extractando documentos particulares, cuidadosamente aferrolhados?

---

[1] A informação, na qual depuseram oito testemunhas, foi tirada em Guimarães a 25 de Agosto de 1609; vista na mesa da Inquisição de Lisboa em 19 de Outubro e no Conselho Geral a 21, onde assentaram que o P.e tinha a suficiente limpeza de sangue para poder servir de escrivão do comissário naquela vila.

Digitized by Google

A propósito dêstes tais documentos inacessíveis pondera muito sensatamente o general Brito Rebêlo:

«Ora a minuciosidade de esclarecimentos, precisão de datas em memorias particulares de uma familia pouco importante, escriptas não se sabe por quem nem em que tempo, — caso singular e unico no seculo XVI, quando os proprios historiadores, e até os documentos officiaes, em factos de primeira ordem são omissos ou incongruentes, — deviam ter feito carregar o sobr'olho ao meu illustre amigo [Sanches de Baena], pôl-o de sobr'aviso e fazel-o olhar de soslaio para tanta minudencia, acustumado, como está, a manusear as memorias genealogicas dos seculos findos, e a ter de corrigil-as em face dos documentos que se encontram, etc. [1]»

Há mais ainda.

As tais memórias, «escritas não se sabe por quem nem em que tempo», são apanhadas em êrro em pontos capitais: Gil Vicente, dizem elas, nasceu em 1475; morreu em fins de 1540.

Logo veremos que o nascimento de Gil Vicente tem de ser colocado bastantes anos antes de 1470, quanto mais de 1475; prova-nos um documento [2], autêntico êste, ser êle já certamente falecido em 16 de Abril de 1540, provàvelmente nos fins de 1539. E, coisa curiosa, êste documento extractado pelo Conde de Raczynski [3] e pelo general Brito Rebêlo [4], é publicado na íntegra por Sanches de Baena [5], sem ter sequer reparado para a divergência das datas.

Outros êrros se encontram ainda nas tais memórias, como, por exemplo, o das supostas doações da quinta do Mosteiro feitas por D. Manuel e infanta D. Maria a Gil Vicente e sua filha Paula Vicente. A êste respeito transcreverei as observações do general Brito Rebêlo, porque demonstração mais clara e positiva não saberia fazer. Diz o indefesso investigador:

«Diz-se que Gil Vicente possuíra a quinta do Mosteiro no reguengo de Torres Vedras, que lhe fôra dada em parte por D. Manoel; mas onde está o documento que o prova? Torres Vedras, com outras villas, formava como que o apanagio da rainha D. Leonor desde 24 de agosto de 1482, passando para sua nora a princeza D. Izabel a 8 de dezembro de 1490. Fallecida esta rainha-princeza em 24 de agosto de 1498, ficou devoluta á coroa, mas logo que D. Manoel passou a segundas nupcias em 1500, foi a mesma Villa, com Viseu, dada á rainha D. Maria por carta de 14 de dezembro desse anno. De novo devoluta á coroa pelo fallecimento desta rainha a 7 de março de 1517, depois de algumas doações de varios rendimentos e direitos della a diversos individuos, foi, finalmente, com Viseu, dada á infanta D. Maria em 26 de janeiro de 1545 para usufruir as suas rendas e jurisdição, em logar de quatro mil dobras castelhanas, que, pelo casamento da mãe, lhe deviam ser entregues.

«Ora, como se vê, quasi sempre a jurisdição da villa esteve nas mãos das princezas, e só num pequeno intervallo, de deseseis mezes, na coroa; mas fosse a doação feita pelo rei, fosse por qualquer das princezas, de tal facto se não encon-

---

[1] JACINTO INÁCIO DE BRITO REBÊLO, *Ementas historicas. II. Gil Vicente. Estudos.* Lisboa, 1902, pags. 71-72.

[2] Doc. XV.

[3] RACZYNSKI, *Les Arts en Portugal.* Paris, 1846, pag. 212.

[4] BRITO REBÊLO, *Gil Vicente*, cit., pag. 108.

[5] SANCHES DE BAENA, *Gil Vicente*, cit., pag. 44.

Digitized by Google

tra documento nos registos da chancellaria de D. Manoel, nem nas do filho e mais successores, como forçosamente devia aparecer nas necessarias e successivas confirmações, e como se encontram muitas outras. Accrescenta-se mais que a infanta D. Maria fizera doação do resto da tal quinta a Paula Vicente, isto tem só o contra, de que ninguem pode dar o que não é seu. A infanta era senhora dos rendimentos da villa, e jurisdição d'ella, mas não das propriedades que eram da coroa, e quando quizesse fazer mercê de qualquer d'ellas que vagasse ou fosse tomada por justiça, tinha que solicitar auctorisação ao rei para o fazer, e, feita a doação, necessitava de ser confirmada; mas em nenhum registo das chancellarias de D. João III e D. Sebastião, nem nos das *Confirmações geraes*, nem nos das *Doações da Torre do Tombo* se encontra vestigio de tal doação, o que prova que nunca existiu, e portanto que nem Gil Vicente nem sua filha Paula Vicente possuiram bens alguns em Torres Vedras... Se não se pode crer na doação, é claro que fica prejudicada toda a fantasiosa narrativa dos ultimos annos da vida de Gil Vicente, passados na quinta do Mosteiro, seu fallecimento ahi e transporte dos seus restos para a igreja de S. Francisco de Evora, o que nem era facil, nem pouco dispendioso, e que só se explicaria, tendo elle capella instituida naquella igreja, facto que nunca se disse, nem consta de documento algum [1]».

As deducções são perfeitamente lógicas.

Só o Rei podia doar bens da Coroa, carecendo, ainda assim, esta mercê, tanto temporária, como perpétua, de confirmação dos sucessores no trono, as chamadas confirmações de rei a rei [2]; os donatários, como haviam sido de Torres Vedras as mencionadas rainhas e infanta, não podiam fazer doações de bens da Coroa, pois que eram meras usufrutuárias. Não aparecem registos de doações nem de confirmações; não se pode presumir, quanto mais admitir, que todos houvessem desaparecido; temos portanto de considerar indubitável que tal doação da quinta do Mosteiro nunca existiu.

Isto não consente discussão e está acima de toda a dúvida; pois, apesar disso, ainda em 1914 lá torna o doutor Teófilo Braga, com obstinada reincidência, a repetir a afirmação de Gil Vicente haver passado os últimos quatro anos da vida na sua quinta do Mosteiro, citando a Sanches de Baena por forma a prestar-se a equívocos [3].

Ainda mais êrros nas tais fantasiadas memórias se encontrarão; mas não paga a pena gastar tempo em os procurar e destruir, o que fica dito basta de sobejo para se desprezar completamente a informação ministrada por Sanches de Baena no seu opúsculo.

Posto isto, que nos resta para provar haverem sido duas pessoas distintas o poeta e o ourives? — Apenas os dizeres dalguns genealogistas dos séculos XVII e posteriores. Ora «os linhagistas tanto valem uns como outros, todos se enganam, todos erram, de proposito, por inadvertencia ou por falta de averiguação [4]».

---

[1] BRITO REBÊLO, *Ementas historicas. II. Gil Vicente*, pags. 89 e 90.

[2] Ácêrca das confirmações de rei a rei e das por sucessão, veja-se em JOÃO PEDRO RIBEIRO, *Memoria para a historia das confirmações regias*, secções II e III.

[3] T. BRAGA, *Historia da litteratura portugueza*, II, pag. 96. A citação a que aludo no texto é assim: «Dos apontamentos... extrahiu Sanches de Baena... (*Doc.*, pag. 57).» Ora na tal pag. 57 não há doc. nenhum; existe apenas uma nota em que S. B. dá largas à fantasia, sem ter ainda assim a ousadia de se reportar a nenhum doc.

[4] BRITO REBÊLO, *Ementas historicas. II. Gil Vicente*, pag. 78.

Digitized by Google

Quis pôr aqui palavras alheias, porque todos os meus leitores, se os tenho, sabem o profundo desdem que me inspiram as indigestas compilações da maior parte dos genealogistas portugueses. Fechando a digressão, repetirei: para prova de Gil Vicente, ourives, ser pessoa diversa de Gil Vicente, poeta, ficam-nos únicamente os dizeres dalguns genealogistas.

Vejamos quanto baste dêsses dizeres.

Afirmam êles, destrinçando os dois Gis Vicentes, entre outras coisas secundárias, ter Gil Vicente, *ourives*, sido pai de Belchior Vicente, moço da capela rial; e ter Gil Vicente, *poeta*, sido irmão de Felipa Borges.

Pois bem, um documento publicado pelo general Brito Rebêlo provou haver sido Felipa Borges irmã, não do Gil Vicente, *poeta*, mas do Gil Vicente, *ourives*[1]; e o mesmo consciencioso investigador demonstrou, com sete documentos à vista, mais temíveis do que sete pedras na mão, ter sido o moço da capela Belchior Vicente, filho do Gil Vicente, *poeta*, e não do *ourives*[2].

Ficaram por esta maneira destruidas duas das principais afirmações dos linhagistas, dos tais que «todos erram, de propósito, por inadvertência, ou por falta de averiguação»; deveriam portanto ficar, para todos os críticos desapaixonados, as restantes afirmações, mais do que suspeitas, indignas de fé. Porque, entendamos bem, aceitar como dogma um texto, provar-se que parte dêle é falso, e querer-se acreditar ainda no resto, é, não direi para não ofender ninguêm, insensatez, mas certamente muita falta de ponderação e de são critério[3].

Pois era lá crível que pudessem ter existido dois homens do mesmo nome, vivendo exactamente no mesmo período de tempo, servindo ambos durante muitos anos a mesma pessoa, a rainha D. Leonor, começando um a tornar-se conhecido em 1502, monólogo da *Visitação*, o outro no ano seguinte, custódia dos Jerónimos; morrendo ambos no mesmo ano, 1539, e não haver nos documentos uma palavra para os diferençar?

Nêsses tempos usava-se muito distinguir os homónimos da mesma família por *velho* e *moço*, conforme a diferença de idade, ou o grau de parentesco; nada mais provável portanto do que designar por velho o Gil Vicente, tio, e por moço

---

[1] Brito Rebêlo, *Ementas historicas. II. Gil Vicente*, doc. VIII, pag. 103.—Vidé o doc. V, lá adiante.

[2] *Ibidem*, pags. 73 e 74. — Vidé os docs. XIII, XV, XVI e XVII, lá adiante.

[3] É característica a maneira como o doutor Teófilo Braga acolheu a ruína das duas afirmações genealógicas provocada pelo general Brito Rebêlo.

Quanto à da primeira, limitou-se ao simples retoque já lá acima indicado: o ourives em vez de tio passa a ser primo do poeta; quanto à da segunda, é mais peculiar ainda o processo adoptado. Belchior Vicente continua a ser filho do ourives, sem se fazer a mínima referência às averiguações do General, a quem contudo se cita pela maneira seguinte: «Tambem um Belchior Vicente, que apparece apontado como môço da camara da Infanta D. Maria, que por ser casado com Catarina Arnaa, e despachado em 30 de Abril de 1567 Juiz dos Orfãos de Miranda de Podentes, deve considerar-se, segundo Brito Rebello, *neto do Ourives*». O estilo e o itálico são do celebrado professor, e tudo se encontra na nota da pag. 80 do II vol. da *Hist. da litteratura portuguesa*.

Ora vamos agora ver que B. R. diz exactamente o contrário do que insinua T. B. — Transcrevo da pag. 82 da II das *Ementas historicas, Gil Vicente:* «Paula Vicente [filha de Gil Vicente, dos autos] entrou por 1543 para a casa da infanta D. Maria... e, naturalmente, a seu pedido, entrou na casa da infanta, como moço da camara, outro Belchior Vicente, *que supomos filho de seu irmão*, do mesmo nome (doc. n.º 32)». Este doc. é a tal carta de 30 de Abril de 1567, pela qual Belchior Vicente foi despachado juiz dos orfãos de Podentes. Não carece de comentário.

Digitized by Google

o Gil Vicente, sobrinho. É verdade que o ourives à última hora passou de tio a primo.

Estava o uso tão arreigado, ia tão longe, que se estendia mesmo a homónimos de diferente família, e até em casos notórios. Na côrte viviam Fernão da Silveira, coudel mor, e outro Fernão da Silveira, escrivão da puridade interino. Eram de diversa geração e o primeiro uns vinte anos mais velho do que o segundo. Entrou êste na conspiração do Duque de Viseu, conseguiu fugir e foi julgado e condenado à revelia; pois, apesar de todas as distinções, apesar da ausência, a sentença foi proferida contra Fernão da Silveira, *o moço* [1]. Para êstes dois fidalgos tão conhecidos na côrte entendia-se necessária a especialização, para dois simples peões havemos de julgá-la escusada?

Escapou ao general Brito Rebêlo dizer que tinha encontrado *simultâneamente* documentos «que ora nos apresentam Gil Vicente como ourives, ora sem designação alguma [2]».

Não é bem exacto. De 1509 a 1517 conhecem-se sete documentos relativos a Gil Vicente, adiante impressos de n.º I a VII: nos dois primeiros, de 1509 e 1513, é êle designado por ourives da rainha D. Leonor; no terceiro, também de 1513, aparece como procurador dos mesteres, e só o podia ser na qualidade de ourives; no quarto e no quinto, de 21 e 25 de Setembro de 1515, um a mercê de certa quantia, o outro o recibo dela, só naquele é que se nomeia Gil Vicente sem designação nenhuma; finalmente no sexto e sétimo, de 1516 e 1517, é designado num por mestre da balança e no outro vende êste ofício. Quere dizer: nos sete primeiros documentos conhecidos relativos a Gil Vicente só num êle não aparece com a sua profissão de ourives indicada, dando-se o caso de mesmo nêsse a omissão ser por assim dizer reparada, visto que a designação se encontra noutro papel complemento do precedente. Depois de 1517, ano em que vendeu o ofício de mestre da balança, aparece sempre Gil Vicente nos documentos sem designação nenhuma. Não me parece pois que seja rigorosamente exacta a *simultaneidade* acima notada. Examinemos porêm alguns dos diplomas posteriores.

Em 1524 concedeu D. João III uma tença de doze mil reaes, acrescentada no ano seguinte com mais oito, e concedeu-a a Gil Vicente, sem outra individuação qualquer [3]; nêste mesmo ano de 1525, por carta de 19 de Janeiro, deu outra tença de tres moios de trigo a Gil Vicente, também sem mais particularização [4]. Prescindindo de saber, caso houvesse dois indivíduos do mesmo nome, como os encarregados do pagamento destas tenças distinguiriam o verdadeiro tencionário, preguntarei: A qual dos dois, poeta ou ourives, foram dadas as referidas tenças?

Responde o snr. Teófilo Braga: «Não pode haver aqui equivoco com o *ourives* Gil Vicente, seu primo, o qual por ter dirigido as festas do terceiro casamento de D. Manoel, quando fez a sua entrada em Lisboa, não ficára nas

---

[1] *Arch. hist. port.*, II, 71.

[2] *Ementas historicas. II. Gil Vicente*, pag. 79.

[3] «Temcças que elRey noso Senhor deu o anno de vimta quatro..... It (*nos ordenados*) A Gill Vicçemte de temcça 12:000 rs..... Temcças que elRey noso Senhor deu o ano de vimta cimco..... It (*nos ordenados*) A Gill Vicçemte dacreçemtamento, 8:000 rs.» (*Arch. hist. port.*, II, 125 e 126).

[4] Doc. X.

Digitized by Google

boas graças do principe[1]». É um tanto subtil o argumento; deixemos porêm isso e vejamos como o ilustre Professor identifica o Gil Vicente, que dirigiu as festas, com o ourives: «Por carta régia de 20 de novembro de 1520, mandou D. Manoel á Camara de Lisboa, que tratasse dos festejos para a sua entrada com a nova rainha na capital, e que se entendesse em tudo, ouvindo e seguindo as indicações de Gil Vicente. Dá-se aqui a natural confusão do *ourives* Gil Vicente com o poeta Gil Vicente seu primo; mas effectivamente é do ourives que trata o documento. Como se sabe pelo requerimento de Garcia Fernandes, já em 1518 o rei D. Manoel mandára fazer as bandeiras e outros ornatos para o recebimento da rainha, e pelo testemunho de Belchior Vicente que era *moço pequeno* n'este tempo, sabe-se que vira tratar estas cousas em casa de seu pae[2].»

As tenças foram pois dadas a Gil Vicente, *poeta*, porque Gil Vicente, *ourives*, caíra no desagrado de D. João III por haver dirigido em Lisboa as festas da entrada da rainha D. Leonor, como consta pela declaração de *seu filho* Belchior Vicente. Foi portanto o ourives quem tomou parte na organização da festa, porque era *pai* de Belchior Vicente. Pois bem, hoje não há dúvida nenhuma, como já lá acima referi, de haver Belchior Vicente sido filho do *poeta* Gil Vicente.

Esta e outras confusões, êste e outros equívocos têem sido desfeitos pelos documentos até agora conhecidos; mais provas, talvez de futuro apareçam, desnecessárias, inda assim, para validarem a identificação do poeta com o ourives, isso é matéria julgada, úteis unicamente para a confirmarem. Devido porêm ao desaparecimento de grande parte dos livros da Chancelaria de D. Manuel (dos setenta e um primitivos[3] apenas existem quarenta e cinco) e à maneira defeituosa como os documentos estão arrumados na Tôrre do Tombo, só o acaso poderá proporcionar (amanhã? d'aqui a cinqùenta anos?) a algum feliz investigador o encontro doutros testemunhos.

É matéria julgada, disse acima e torno a repetí-lo, porque nem sequer a prova directa, positiva, coeva, irrefragávelmente autêntica, lhe falta.

De três espécies são os principais fundamentos, base da crítica histórica: o documento e monumento coetáneo e autêntico; as memórias e escritos, contemporâneos e fidedignos; a tradição contínua.

Esta não nos falta; o documento é presumível que se descubra; a memória contemporânea e fidedigna, quási com a valia de um documento, tais são as garantias de que vem acompanhada, teve a felicidade de encontrar o general Brito Rebêlo.

---

[1] *Gil Vicente e as origens do theatro nacional*, pag. 234, e *Hist. da litteratura*, II, 86 e 87, supondo aqui haver sido a mercê da tença dos três moios de trigo «motivada pela dedicatoria do *Don Duardos*.» Seria bem pago. Á carta de mercê desta tença chama o laureado Professor alvará, designação quási invariável por êle adoptada para todos os diplomas. E' mais sonoro, não há dúvida.

[2] *Gil Vicente*, cit., pag. 204-205. Na *Hist. da Literatura*, cit., pag. 77, não se fala no Belchior Vicente à cautela, e apenas se diz: «A Camara Municipal de Lisboa por Alvará de 29 de Novembro de 1520 encarregou Gil Vicente, ourives, para organisar e dirigir essas festas, etc.» Cá está outra vez a carta régia transformada em alvará, e agora alvará municipal.

[3] No auto de 8 de Fevereiro de 1529 de entrega da Tôrre do Tombo ao novo guarda mor Fernão de Pina declara-se, haverem-lhe sido entregues «setenta livros de pergaminho e hum de papel, todos de Registo do tempo do dito senhor Rey dom Manuel» (*Arch. hist. port.*, III, 299).

Digitized by Google

No alto do verso da folha 20 do liv. 42.º da *Chancelaria del Rei D. Manuel* está registada a carta de 4 de Fevereiro de 1513, pela qual Gil Vicente, ourives da rainha D. Leonor, foi nomeado mestre interino da balança da Casa da Moeda de Lisboa. Junto a êste documento está a prova; antes porêm, para se compreender bem toda a sua força, algumas palavras de explicação tornam-se necessárias.

Na Chancelaria mor do reino existiam no século XVI, de que especialmente agora me ocupo, uns livros nos quais se registavam os diplomas régios. Êstes livros, desde tempos remotos, passavam por morte dos diferentes soberanos para a Tôrre do Tombo, onde ficavam guardados [1]. Eram portanto os registos feitos pelos escrivães da Chancelaria mor os quais, quási sempre, acrescentavam à margem, para facilidade das buscas, pois que fruiam «a utilidade das certidões [2]», o nome do indivíduo ou corporação a que o diploma se referia, e a especialidade dêle. Por exemplo: o oficial da Chancelaria tinha de registar a carta de nomeação de Pero Fernandes para juiz das sisas de Santarêm; transcrevia a carta e em seguida escrevia à margem *P.º Frz. oficio;* se era uma tença, punha, *P.º Frz. padrão*, e assim para as mais espécies. Nêste estado passavam os livros do registo da Chancelaria mor para a Tôrre do Tombo, encadernados por anos, ultimamente mais de um tomo por ano [3].

Vejamos agora, para o caso presente, o sucedido com o actual liv. 42.º da *Chancelaria de D. Manuel.*

Foi começado em Évora a 10 de Janeiro de 1513, como se declara no alto da primeira folha [4]; não foi porêm o único dêsse ano, porque mais dois nêle se escreveram [5]. Consta hoje de 134 folhas, tendo-se perdido uma, visto que primitivamente se compunha de 135, segundo o têrmo de encerramento escrito e assinado por Tomé Lopes, escrivão da Tôrre do Tombo servindo de guarda mor. Em 2 de Março de 1526 ainda o livro não tinha dado entrada no arquivo; já lá estava porêm a 8 de Fevereiro de 1529 [6].

---

[1] «... e este costume e uso durou até el Rei D. Afonso 4.º, em cujo tempo se mudou de cada cousa se fazer huma só carta, e que esta ao passar da Chancellaria se recolhese por treslado, escrita no livro dos registos, que se de cada hum Rey nella cada ano fazem, concertado e assinado pelo escrivão da dita Chancellaria, e desi para esta Torre, como casa sua propria em que ordenadamente hão destar, buscar e achar, quando se mester ouverem, por fallecimento de cada hum Rey, a saber: passão e recolhem todos os ditos livros e outras quaesquer escrituras... » Carta de 2 de Março de 1526 de Tomé Lopes, escrivão da Tôrre do Tombo, a D. João III, informando-o do que se passava e guardava na dita Tôrre (*Arch. hist. port.*, III, 290).

«... só achei a tradição constante de que para a Torre do Tombo passão os Livros da chancellaria por fallecimento dos Reys. » Informação do chanceler mor Manuel Gomes de Carvalho, datada de 3 de Agosto de 1761 (*Ibidem*, IV, 459).

[2] « ..parece justo que em quanto durão os Reynados tenhão os officiaes da chancellaria a utilidade das certidões...» Cit. informação do Chanceler mor.

[3] Inventário de 8 de Fevereiro de 1529 dos livros e documentos entregues ao guarda mor Fernão de Pina, quando tomou posse da Tôrre (*Arch. hist. port.*, III, 299 e seg.)

[4] «Lyvro do Registo dos oficios e doacões e padrões do anno presemte de mill e quynhemtos e treze o quali se começou na cidade deuora aos x dias do mes de janeiro anno da dita era».

[5] «E tres do anno de v^c^xiij, que tem de folhas etc.» (Cit. Inventário).

[6] «E destas escrituras e cousas necessarias... que se apurarão e apartarão em 149 volumes de livros, a saber: del Rey seu padre [D. Manuel], que Deus tem, dos primeiros 9 annos 2 meses 6 dias de seu regnado», por tanto até 31 de Dezembro de 1504 (cit. informação de 2 de Março de 1526, no *Arch. hist. port.*, III, 289). Já lá se encontrava porêm, como se declara na precedente nota, quando se fez o inventário de 8 de Fevereiro de 1529.

Digitized by Google

Tomé Lopes havia sido encarregado por D. Manuel de classificar e em seguida mandar trasladar em livros, expressa e luxuosamente feitos para êsse fim, os documentos escolhidos d'entre todos os da Tôrre do Tombo que parecessem necessários. Esta foi a origem da chamada Livraria Nova, toda composta de cópias de documentos em *leitura nova*, designação geralmente dada a esta compilação [1].

O actual livro 42.º, talvez por ter chegado tarde ao Arquivo, não foi mandado trasladar para a leitura nova por Tomé Lopes, mas sim pelo guarda mor Fernão de Pina, que tomou posse do cargo em 1532 [2] e incumbiu as cópias a Diogo de Medina. Uma nota posta na última folha do livro revela-nos o facto [3]; o processo todavia seguido para aquelas transcrições foi sempre o mesmo.

Certos letrados nomeados pelo Rei apuravam e escolhiam os documentos, que se haviam de trasladar para a Livraria Nova; em seguida escrevia-se no alto de cada um o sumário, verdadeira rúbrica por ser em tinta vermelha; feito isto eram copiados pelos escrivães da leitura nova e ainda depois, revistos, corrigidos e emendados por um licenciado, também de escolha régia, o qual autenticava as cópias assinando no fundo de cada folha [4].

No livro 42.º lá se encontra tudo isto. Lá estão as cotas à margem, escritas quási todas, abstraíndo de umas postas no século XVIII para os novos índices, pelos mesmos oficiais da Chancelaria mor que escreveram o registo; a semelhança da letra garante-nos o facto. Lá estão os sumários vermelhos para a leitura nova, escritos por cima dos documentos para ela escolhidos. E, caso não previsto acima, lá se encontram também, começando no verso da folha cinco e repetindo-se em mais algumas até à vinte e duas, umas cotas breves, escritas com tinta preta na parte superior dalguns registos sem sumário à margem. Aquelas cotas, pouco numerosas, são de letra muito diversa da das outras todas, letra, certamente do tempo, larga, muito especial nos *dd* e *ss*, tanto que se não deve perder a esperança de um dia ser reconhecida.

Não é a letra de Tomé Lopes, guarda mor interino nos anos de 1509 a 1532 [5]; nem a do escrivão Fernão Dasnães, 1527 a 1556 [6]; nem a do padre Diogo

---

[1] «Digo que este negocio [da Livraria Nova] começou, por mandado del Rey seu padre [D. Manuel] que Deus tem, Rui de Pina, e creo que sem regimento, e proseguindo nelle, por arrecear ou se escusar do trabalho delle, foi do dito Senhor chamado, e constrangido me mandou que de todallas escrituras e cousas necessarias que nesta Torre andassem, e que parecessem que em algum tempo podiam ser providas e assinadas, fizesse tresladar e fazer em livros...» Cit. informação de 2 de Março de 1526 (*Arch. hist. port.*, III, pag. 289).

[2] Alvará de 8 de Fevereiro de 1532 *Ibidem*, pag. 292).

[3] «Este liuro do anno de mil b^c^xiij Annos tem de folhas Cemto trimta e Cimquo fs com esta em que asyney — *Thome lopez*».

«Este liuro mandou trelladar ho senhor fernã de pina cronista mor etc. por Medina etc.»

[4] «Sam escritos, e de todo acabados, 87 volumes de livros... destas ditas escrituras e cartas necessarias, e que parecem que o podem ser, que depois de apuradas e apartadas por certos letrados, que o dito Senhor [D. Manuel] para isso ordenou, com que foram vistas, sam por mim em seus titulos assinadas, e pellos escrivães escritas, contadas, e revistas por hum licenciado que o dito Senhor seu padre dello emcarregou, que no dito negocio serve; e dos erros e viçios emendados e corregidos, sam pelo dito licenciado ao pee de cada huma lauda do livro assinados;... e porque ao menos na hordem e modo das tavoadas destes que se ora fasem, serem conformes, lhas fiz de novo posto que na leitura o nom sejão...» Cit. informação de 2 de Março de 1526 (*Arch. hist. port.*, III, 289 e 290).

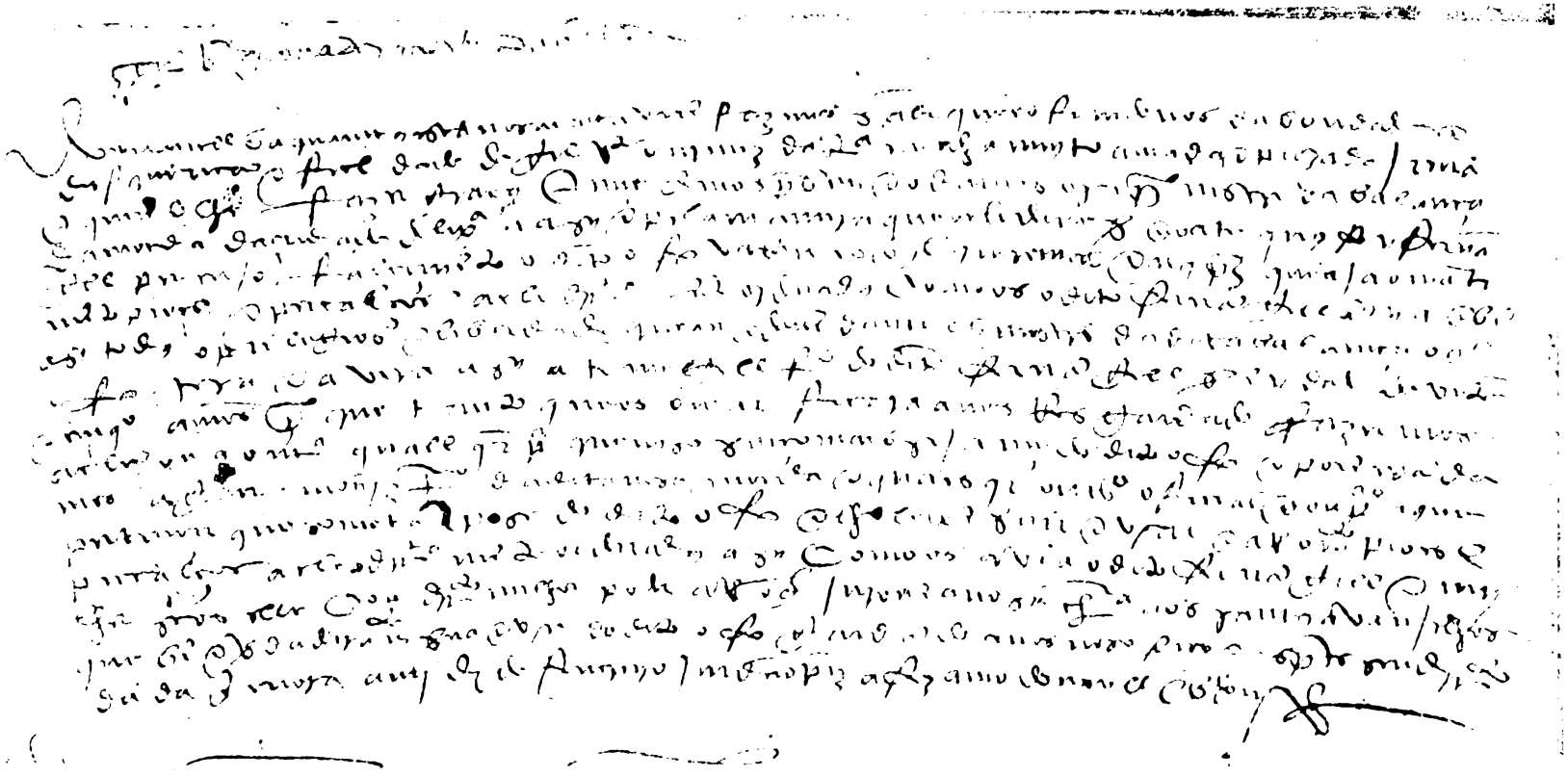
[5] João Pedro Ribeiro, *Memorias do Real Archivo*, pags. 68 a 65.

[6] *Ibidem*, pag. 141.

Digitized by Google

UNIV. OF
CALIFORNIA

Digitized by Google



Carta de 4 de Fevereiro de 1513, nomeando Gil Vicente mestre da balança da Casa da Moeda de Lisboa.
No alto o sumário: *Gil Vicente trovador mestre da balança.*

Digitized by Google

de Medina encarregado de trasladar êste livro[1]. Não me inclino muito, digo-o francamente, a que seja, apesar da nota posta na última folha do livro, a do guarda mor Fernão de Pina, com a qual o general Brito Rebêlo lhe encontra alguma semelhança[2]; mas ainda nos ficam várias pessoas que por êsses tempos exerceram autoridade na Tôrre do Tombo: o guarda mor interino Antão Gonçalves, os vários letrados que escolhiam os documentos para a leitura nova, os licenciados que reviam e autenticavam as cópias.

Não sabemos qual a mão que traçou aquelas cotas; mas, pela maneira franca, decidida, como estão lançadas, vê-se que foram escritas às claras por quem tinha, não só autoridade para o fazer, mas pouco tempo para despender com serviço tão secundário, a breve trecho interrompido. Aquilo não foi obra de nenhum subalterno e muito menos de nenhum estranho, a quem o acesso ao arquivo, dificultoso um século depois[3], seria então absolutamente vedado. Na Tôrre do Tombo, na primeira metade do século XVI, existiam apenas, afora os guardas, certamente analfabetos, dois empregados efectivos, o guarda mor e o escrivão[4]; além dêstes, trabalhavam nas cópias da leitura nova pessoas escolhidas, eclesiásticos todos, segundo parece[5]; dirigiam e reviam êste serviço vários letrados. Os escrivães da leitura nova operavam sob a inspecção do Guarda mor, interino ou efectivo; limitavam-se pois às cópias e não lançavam notas nos registos originais. Não são portanto dêles as tais cotas; mas, evidentemente, dalgum dos outros, qual? Não se pode por ora dizer.

Ora, no alto do verso da folha vinte deste livro 42.º, por cima do registo da carta régia de 4 de Fevereiro de 1513, pela qual foi nomeado mestre da balança da Moeda de Lisboa, Gil Vicente, ourives da rainha D. Leonor, mão autorizada e contemporânea escreveu êste sumário: GIL VICENTE TROVADOR MESTRE DA BALANÇA[6].

Estas palavras, escritas em vida de Gil Vicente por pessoa que não podia adivinhar as futuras dúvidas àcêrca da identidade do poeta e do ourives; por pessoa que tinha faculdade especial para dentro da Tôrre do Tombo anotar livros

---

[1] Diogo de Medina, clérigo de missa e vigário da ilha das Flores, morador ao tempo nos paços da Alcáçova, apresentou-se na Inquisição de Lisboa, em 29 de Agosto de 1544, a denunciar de herege o cronista mor Fernão de Pina (*Liv. das Denunciações de 1543 a 1550*, códice n.º 104 da Inquisição de Lisboa, fl. 45, onde, no verso, aparece a assinatura do P.e Medina). Morreu antes de Novembro de 1549 sem ratificar a sua denúncia e das informações tiradas àcêrca da sua pessoa consta que escrevera na Tôrre do Tombo em quanto Fernão de Pina, «que o tinha naqueles tombos del Rei», lhe dera que fazer; também consta haver-se queixado do Cronista mor por lhe não pagar nem recomendar certo negócio a el Rei (*Processo de Fernão de Pina*, fl. 110, n.º 12091 da Inquisição de Lisboa).

[2] *Ementas historicas. II. Gil Vicente*, pag. 94.

[3] «A individuos extranhos ao Archivo, ainda que revestidos de funcções officiaes tornavam-se necessarias licenças particulares para consulta e estudo» (PEDRO DE AZEVEDO E ANTONIO BAIÃO, *O Archivo da Torre do Tombo*, pag. 15).

[4] «... digo que os Reys passados para recolhimento e guarda destas escrituras... ordenárão esta caza que, por estar em huma das torres do castello desta cidade se chama Torre do Tombo, e nom caza, com portas de duas chaves, e dous officiaes, a saber: hum, que cerrasse, o guarda mor della; e outro, escrivão . das quaes chaves cada hum destes dous officiaes tinhão sua, como tem...» Informação já cit. de 2 de Março de 1526 (*Arch. hist. port.*, III, 290).

[5] Os nomes dalguns dêles encontram-se no *Arch. hist. port.*, III, 180 e 401.

[6] Vidé o fac-simile em frente, e o doc. II.

Digitized by Google

da Chancelaria régia nesta e, note-se, em várias outras folhas; estas palavras, repito, dadas tôdas as circunstâncias acima especificadas, revestem-se de tal autoridade e pêso que eqùivalem a um documento, autêntico, coevo, sem falta de nenhum requisito para merecer inteira fé em tôda a parte; com tal força, em suma, que só outro documento o poderia destruir.

Não há sofismas argutos, não há subtilezas artificiosas, que tenham o poder de nem de leve abalar o crédito daquelas palavras escritas em hora feliz.

Gil Vicente ourives e Gil Vicente poeta foram o mesmo homem.

Assente êste facto indubitável, tudo o sabido da vida de Gil Vicente se harmoniza, tudo se explica; não há confusões, não há embaraços. Percebemos perfeitamente a razão por que êle é quási sempre antonomásticamente designado; por que é que, sem mais explicação, Afonso de Albuquerque, em 1513, numa carta a el Rei, se refere ao filho de Gil Vicente, — D. Manuel manda em 1520 Gil Vicente à Câmara de Lisboa para dirigir as festas da sua entrada na cidade, — D. João III concede certas tenças a Gil Vicente; por que é, finalmente, que a Inquisição, tão cautelosa sempre em deixar bem deslindadas as particularidades dos delatos, recebe uma denúncia contra «Luis, filho de Gil Vicente», sem outra individuação[1].

Gil Vicente era só um; não careciam os contemporâneos de mais particularização para o distinguirem.

Cabe aqui expôr a maneira como o doutor Teófilo Braga considera a valia desta cota e da minha argumentação, à qual se não refere apesar de a conhecer perfeitamente. Escreve o laureado Professor na nota da pag. 78 do II tomo da *Hist. da litteratura:*

«N'este documento em que é nomeado Mestre da Balança da Casa da Moeda, vem a SIGLA MARGINAL, POR LETRA DE QUEM REGISTOU O MESMO DOCUMENTO no livro da Chancellaria: «*Gil V.te trobador* (sic) *mestre da balança*». Quando em 1872 copiamos este alvará (*sic*) julgámos esta sigla insufficiente para sustentar a these da identificação do poeta com o ourives. Tendo Brito Rebello então trabalhado para destrinçar esta homonymia, veiu na sua *Ementa historica*, insinuar que o ourives e o poeta eram um só Gil Vicente. A SIGLA POSTA Á MARGEM não tem valor official; seria posta para as buscas no livro da Chancellaria, para o differençar de um outro Gil Vicente, que era môço no paço. Quando muito, poderia significar que o eximio lavrante da Rainha sabia fazer *trovas* no gosto popular. Nesse tempo o nome *trovador* não tinha o sentido elogioso da epoca medieval; na Renascença era uma designação banal, inferior á de poeta, adoptada pelos humanistas, podendo, e porque não, versejar nos serões do paço, como Diogo Fernandes, que era ourives e figura no Cancioneiro geral».

É apenas nêste trecho, sem argumentação, nem discussão, de uma banalidade invulgar, que o doutor Teófilo Braga se refere ao valioso achado do general Brito Rebêlo e, coisa singular, apesar da brevidade da referência, há nela afirmações contrárias à verdade e que fiz imprimir em versaletes para as destacar. A *sigla não é marginal;* a *sigla não é da letra de quem registou o documento;* a *sigla nem sequer é sigla, será uma cota, um sumário, uma rúbrica, nunca uma*

---

[1] Aludo nêste trecho a episódios da vida de Gil Vicente, os quais apresentarei nos capítulos seguintes.

Digitized by Google

sigla[1]. É como a inconsideração de às cartas patentes, com efeito por mais de um ano, chamar sempre alvarás[2]. Voltemos porêm à tal *sigla* que é uma cota. Está ela posta da parte de cima do registo do diploma e é de letra muito diversa da daquele; tão diversa, que não é preciso ser paleógrafo para o reconhecer. Também não é preciso ir à Tôrre do Tombo para tudo examinar: na pag. 94 do *Gil Vicente* do general Brito Rebêlo, da ed. de 1902, encontra-se a reprodução fotográfica de parte das duas primeiras linhas do documento e da cota escrita acima delas. Lá atrás ficou outra reprodução de todo o diploma.

Há uma observação interessante no trecho transcrito e que precisa ser arquivada. É quando nêle se lê: «A sigla... seria posta... para o diferençar de um outro Gil Vicente, que era môço no paço». Não sei da existência então de tal moço no paço de nome Gil Vicente, mas consigno o insuspeito parecer do dr. Teófilo Braga, que era preciso diferençá-lo do ourives. Nunca tive a ventura de estar tão perfeitamente de acôrdo com o ilustre Professor; é indispensável porêm dar ao princípio toda a sua latitude e reconhecer a necessidade de discriminar as pessoas do mesmo nome que seguiam a côrte, não tanto nas cotas dos documentos, como principalmente nêles próprios. É indispensável por tanto confessar que, se o poeta e o ourives fossem pessoas diversas, nos diplomas relativos a qualquer dêles, por qualquer forma haveriam de ser discriminados. Esta é inegávelmente a dedução lógica; não há porêm pior cego do que o que não quere ver.

Em 1912 publicou o general Brito Rebêlo o seu *Gil Vicente*, segundo volume da colecção dos Grandes vultos portugueses, e nêle estampou o mandado aqui em frente reproduzido e transcrito lá adiante com o n.º XII dos documentos.

O mandado é de 19 de Junho de 1535 e por êle dá ordem o Vedor da Fazenda ao Tesoureiro do Tesouro da Casa Rial para entregar a Gil Vicente oito mil reaes, «que lhe mando dar e o dito anno de mim ha daver de sua vestiaria». Na vista ou subscrição posta no fundo do desembargo, lê-se: «biij mill rs no tesouro a gill viçemte de sua vestiaria deste anno de xxxb per seu filho belchior vicemte». Destas palavras se há de entender, ou que a vestiaria era devida ao filho, com direito a ela na qualidade de moço da capela, ou então que o dinheiro a êle foi entregue e êle assinou o recibo, não só pelo pai, mas com o seu nome. Parece-me inverosímil esta segunda conjectura, apesar dela destruir imediatamente as dúvidas sugeridas ao General por aquela assinatura, mas para as resolver não careço de recorrer a improbabilidades. O que devemos inferir do resumo do mandado é que a vestiaria era devida ao moço da capela e não a seu pai, continuando portanto a ignorarmos se êle estava por qualquer forma assente nos livros das moradias.

---

[1] «Sigla, s. f. Abreviatura nos escriptos com as letras iniciaes das palavras, *v. g. Dec.* por *Decreto*, etc.» Moraes, *Diccionário*.

[2] «Outro si Ordenamos, e Mandamos que aquellas cousas que por Nós ouverem de passar, cujo efecto aja de durar mais de huũ anno, nom se façam por Alvaraes, mas todas se façam por Cartas Patentes» (*Ordenaçoens de D. Manuel*, II 20-5). Havia excepções, mas nêstes casos sempre se declarava derrogada a Ordenação. As cartas começavam pelo nome do soberano, os alvarás pelas palavras «Nós el Rei», ou «Eu el Rei». Isto sabe o mais cábula dos estudantes da aula de diplomática ao cabo de quinze dias.

Digitized by Google

O recibo, a que já aludi, encontra-se por baixo do mandado, foi passado em Évora a 11 de Agosto do mesmo ano e está assinado por Gil Vicente. É aqui, na assinatura, que se originaram as dúvidas do General.

Diz êle: «por ultimo temos a assinatura, que é muito diferente da que autentica o recibo de 25 de setembro de 1525, dez anos antes, mostrando que são dois individuos [1]». Na errata emenda-se uma deplorável inadvertência na revisão das provas tipográficas dêste trecho; o primeiro recibo é de 1515 e portanto o intervalo entre os dois é de vinte e não de dez anos.

Notarei, que a ilação tirada aqui em absoluto da diferença entre as duas assinaturas é tudo quanto há de mais forçoso, e tanto que o próprio General lá muito mais adiante, na página 139, escreve: «Não estando ainda completamente esclarecida a dúvida á cerca da individualidade de G. Vicente, poeta e ourives, etc.» Ora isto não pode ser. Ou as assinaturas são de dois homens diversos, como se afirmara na página 12, e está o caso resolvido; ou as diferenças entre elas não têem, como realmente não têem, importância especial. Então, mesmo em dez anos, quanto mais em vinte, não se podem dar circunstâncias que insensivelmente vão alterando a assinatura de uma pessoa? Há apenas quatro anos, que estou na Câmara Municipal de Lisboa (eu lia isto à Academia em Dezembro de 1912), comparem a minha assinatura de hoje com a anterior a Novembro de 1908 e verão a enorme diferença existente entre as duas.

Não é porêm, creio, caso análogo o que se dá com a firma de Gil Vicente. Não se viu êle forçado, no serviço da balança da Casa da Moeda, a assinar tantos papéis, que da repetição do acto resultasse modificação na conformação da letra. Não, senhor. Foi propositadamente que aperfeiçoou a sua assinatura, querendo-lhe dar o aspecto de mais... não sei como diga, de mais correcta, de mais erudita, supunhamos. Em 1515 escreveu *gill* com *g* minúsculo e dois *ll*; em 1535, com *G* maiúsculo e um só *l*. Da primeira vez pôs *uiçemte*, com *u*, *i*, *ç* cedilhado, *e*, *m*, *t*, *e*; da segunda vez, *v*, *i*, *ç* cedilhado, *ẽ* til, *t*, *e*. A antiga assinatura *gill uiçemte* passou a ser *Gil viçẽte*. Não crêem perfeitamente explicável a alteração?

O que eu encontro no novo achado do general Brito Rebêlo é mais um documento para provar que na côrte só havia um Gil Vicente. O Vedor da Fazenda ordenando ao Tesoureiro do Tesouro da casa del Rei que entregasse oito mil reaes ao poeta, nenhum receio de engano tinha e nem sequer lhe passou pela cabeça a possibilidade do dinheiro ir parar à mão do ourives, porque êste e o outro eram o mesmo homem.

Desvanecida esta dúvida relativa à identidade vicentina, passemos à última na ordem cronológica.

No artigo da ATLANTIDA, já muito lá acima citado, dirige-me o doutor Teófilo Braga o seguinte repto:

«Se o sr. Braamcamp Freire passar a vista pelas contas da despeza feita com as grandiosas festas na recepção da rainha D. Leonor, terceira esposa de D. Manuel, dirigidas por Gil Vicente, em *Lisboa*, e folhear a *Comédia de Rubena*, representada por essa occasião ao principe (D. João, o III) por Gil Vicente em *Evora*, que (entenda-se o Principe) para ali se retirara despeitado, por certo a

---

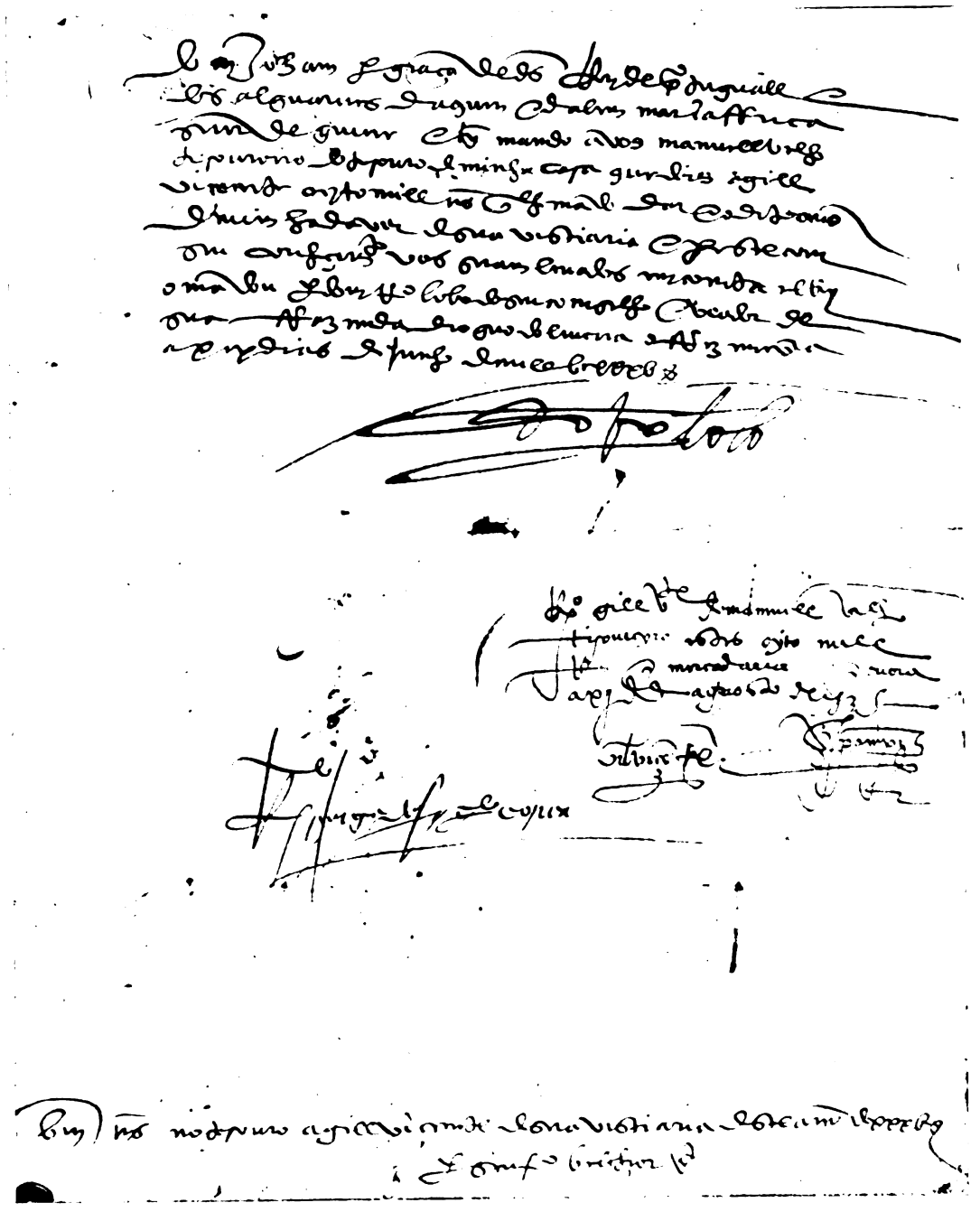
[1] Obra cit., pag. 12.

Digitized by Google

UNIV. OF
CALIFORNIA

Digitized by Google

UNIV. OF CALIFORNIA



Desembargo de 19 de Junho de 1535 mandando pagar 8.000 reaes a Gil Vicente.

Digitized by Google

fé da identificação do *ourives* com o *poeta*, já lhe não parecerá incontestavel. Não é preciso abalisada critica para apreciar estes dois factos simultaneos [1].»

Ora vamos lá apreciá-los com a minguada crítica de que dispomos. Comecemos por dividir o período por partes para melhor o podermos analisar. Temos:

1.º) passar a vista pelas contas da despesa feita com as festas da recepção da rainha D. Leonor, terceira mulher de D. Manuel, em *Lisboa*, festas dirigidas por Gil Vicente;

2.º) folhear a *Comédia de Rubena* representada por essa ocasião ao príncipe D. João por Gil Vicente, em *Evora;*

3.º) para onde o Príncipe se retirára despeitado.

1.º Contas.)— Não lhe passei a vista por cima, contentando-me com lê-las nos *Elementos para a historia do municipio de Lisboa* do meu falecido amigo Freire de Oliveira; fui ao Arquivo Municipal e examinei-as directamente. Por sinal que lá encontrei mais um documento, até agora desconhecido, no qual se nomeia Gil Vicente; deixemos porêm isso para logo e vejamos primeiro em que situação se encontrava êle junto da Câmara Municipal.

D. Manuel, por carta escrita em Evora a 29 de Novembro de 1520, avisou os vereadores e procurador da cidade, de que enviava «ora lá Gil Vicente para por sua ordenança se fazerem algumas das cousas e autos, que se ham de fazer para a entrada nossa e da Rainha... Encomendamos-vos que tudo o que se houver de fazer pratiqueis com êle, e por sua ordem mandeis tudo fazer; e tambêm para o que há de fazer, ao feitor e oficiais das nossas Casas de Guiné e Indias lhe deis todo favor e ajuda que lhe cumprir. E mandeis constranger todos os oficiais, de quaisquer oficios que seja, e assim servidores e pessoas que para os ditos autos forem necessarios, de maneira que tudo se possa bem fazer e acabar para o tempo que nós... formos... E porêm o que se houver de fazer será parecendo-vos bem e que se deve fazer, e para isso tomareis seu parecer, para tomardes o que vos bem parecer, porque a vós o deixamos [2]».

Vê-se desta carta haverem sido os amplos poderes cometidos por D. Manuel a Gil Vicente para a parte, que lhe foi atribuída, dos festejos da entrada solene da Rainha em Lisboa, restritos ainda assim á aprovação dos vereadores. Apresentou-se-lhes Gil Vicente e iniciaram-se os trabalhos e do seu prosseguimento informaram D. Manuel para Évora, d'onde êste lhes tornou a escrever em 10 de Dezembro. Desta carta aproveitarei os seguintes períodos a nosso intento, amodernizando a grafia, como já fiz acima:

«Vimos o que dizeis sobre o que tendes passado com Gil Vicente, e as pinturas que vos mostrou, e as cousas e cadafalsos (*estrados, tablados*), que vos disse que são necessários, e o dinheiro que se assim nisso pode despender... Ao que vos respondemos que em todas as cousas, que a nossa entrada tocarem... façais tudo o que vos bem parecer, porque o que nisso fizerdes, nós o havemos por bem feito... E quanto aos trezentos cruzados que dizeis que são necessários para os cadafalsos, havemos por bem que, o que vos parecer que é necessário

---

[1] ATLANTIDA, n.º 9 de 15 de Julho de 1916, artigo do dr. Teófilo Braga intitulado *Maria Brandôa, a do «Chrisfal» não foi apeada*, pag. 828 do vol. III do mensário.

[2] Doc. VIII, onde se encontrará a carta em transcrição paleográfica.

Digitized by Google

para aí se ter, a dita quantia se pague do dinheiro da imposição como nos escreveis [1].»

Estavam pois orçados os cadafalsos em 300 cruzados, que a 390 reaes o cruzado somavam 117:000 reaes; mas parece haver-se a vereação aproveitado da antecipada aprovação que D. Manuel lhe outorgara, para proceder conforme entendesse, e ter só dispendido com os estrados 40:000 rs.; pelo menos é esta a verba assentada nas contas [2]. As festas da entrada da rainha D. Leonor foram dispendiosas, pois que pela imposição do sal se pagaram 1.796:621 rs., mais 488:263 pelo tesoureiro da cidade [3], e ainda 140:000 rs. dispendidos por Palos (*Paulo*) da Mota [4]; ao todo 2.424:884 reaes, com o poder aquisitivo actual bastante superior a 66 contos.

Gil Vicente ficou certamente em Lisboa até à festa e muito provàvelmente foi êle quem ensaiou e dirigiu a chacota de trinta foliães, vinte e quatro moças folioas de Abrantes e da Castanheira, e seis trombetas. Iam as raparigas vestidas de briais de pano roxo, com barras de cetim branco da Índia, cetim amarelo nos forros das portas das quais pendiam fitas encarnadas, cingidoiros de barbilho, sapatos novos, gorras de cetim de Bruges, branco, roxo e amarelo, forradas de bocaxim vermelho e «cornos» de veludo; êles vestidos de pelotes de pano roxo, com barras de pano branco e paris amarelo nas portas, corpinhos de cetim de Bruges amarelo, forrados de briona, calças de pano branco, roxo e amarelo forradas de pano de pecetas, sapatos, gorras de paris branco, debruadas de cetim roxo e forradas de bocaxim vermelho; e finalmente os trombetas, cortando a garridice dos mais, com pelotes e capas de ipre preto, e gorras de cetim de Bruges, branco e preto, forradas de bocaxim vermelho. Agora qual a espécie de arremedilho, momo, auto ou farsa êles representaram, ou se simplesmente se limitaram a cantar e bailar, é que não havemos nunca de saber.

A 1 de Janeiro ainda a côrte permanecia em Évora, a 14 e a 19 estava no Lavradio e a 21 já se encontrava em Lisboa [5]. Nêste intervalo fez o Venturoso a sua entrada triunfal na cidade com sua terceira mulher, mal supondo que entrara também no último ano de vida.

Examinadas as contas, que me dão indubitávelmente Gil Vicente em Lisboa todo o mês de Dezembro e todo o de Janeiro, pelo menos até vinte, passarei ao segundo ponto do exame a que o doutor Teófilo Braga me sujeitou.

2.º Comédia de Rubena representada por Gil Vicente em Évora ao príncipe D. João por ocasião da entrada da Rainha em Lisboa.) — Não foliei a comédia, como me era aconselhado, mas li-a e da sua leitura adquiri a convicção, que

---

[1] Doc. IX.

[2] Freire de Oliveira, *Elementos para a historia do municipio de Lisboa*, vol. I, nota de pag. 514 a 522, com algumas omissões e incorrecções. Na pag. 516: por dois apitos de prata ao patrão e ao *comitre* da galé; a *Pero de Frias*, carpinteiro *de maçanaria* pelo feitio do sam Cristovam; a *Pero de Abreu, pintor*, por pintar o sam Christovam; etc. Nesta mesma pag. encontra-se, incorrectamente transcrita, a verba: «R^ta^ mill rrs que o thesoureiro pagou a gill vicemte pera fazer os cadafalsos pera a ẽtrada delRey e Rainha nossos Senhores Soma coremta mjll rs.» (Arquivo da Câmara Municipal de Lisboa, *Liv. primeiro de Festas*, fl. 52).

[3] Cit. *Elementos*, pag. 521.

[4] *Cartas de quitação de D. Manuel*, no ARCH. HIST. PORT., vol. IV, pag. 480, n.º 504.

[5] *Corpo cronológico*, passim.

Digitized by Google

fácilmente vos transmitirei, leitor benévolo, de haver sido representada em Lisboa e não em Evora.

O doutor Teófilo Braga não teve tempo de ler a comédia, e guiou-se pelo que encontrou escrito no primeiro *Gil Vicente* do general Brito Rebêlo e repetido no segundo, sem se lembrar de Homero e das suas passageiras sonolências.

A rúbrica diz isto simplesmente: «Segue se o segundo livro das comedias, e esta primeyra he repartida em tres cenas. Foy feyta ao muyto poderoso e nobre Rey dom Ioam o terceyro, sendo principe. Na era do Redemptor de M. D. XXI.» Dela por tanto só podemos inferir haver a comédia sido representada ao Príncipe no ano de 1521, mais nada. Mas quem ler a segunda scena da peça colhe logo a certeza dela haver sido levada ao palco em Lisboa.

Como é sabido as produções dramáticas de Gil Vicente não demandavam larga preparação; concebia-as, ou por iniciativa própria, ou por sugestão alheia, e representava-as. Além disso relacionava-as muita vez com o meio em que haviam de ser recitadas. Por ex.: no *Velho da horta*, representado na côrte, os *namorados* são a gente mais em evidência no paço e as *virgens*, as donzelas da Rainha; no *Auto dos Fisicos*, farsa popular, entram os médicos mais conhecidos de Lisboa; na *Rubena*, torna-se para a côrte e nomeiam-se o Bispo do Funchal (D. Diogo Pinheiro), o Conde de Penela e o Embaixador junto a Carlos v, talvez João Mendes de Vasconcelos, do Esporão, ainda não substituido na embaixada.

Ora que foi representada na côrte a comédia, já se sabia; a rúbrica o declara, agora vou mostrar como foi desempenhada em Lisboa, servindo-me dos próprios dizeres das figuras da peça.

Na scena segunda recebeu a Feiticeira a recem-nascida Cismena e para a aviar do necessário, começa por mandar os espíritos, que lha trouxeram:

Dous de vós me vam furtar
ali, apar da Trindade,
hum berço que deu hum frade
a Joana d'Aguiar. (*fl. 91, col. 2.*)

Eles distribuem entre si a tarefa e diz

Caroto) Draguino, tu a *Sam Vicente de Fora*
Draguino) E tu?
Caroto) Aa See,
porque crede que ali he
o feyto mais comũmente.
Hum berço tẽ hũa mogueyra
na *rua de Calca Frades*
.....
Legião) Estaa hũa lavrandeyra
laa no bayrro sobre *Alfama* (*fl. 91, col. 3.*)
.....

Manda-lhes a feiticeira procurar uma ama e êles dizem:

Plutão) Eu vou buscala a *Carnide*
e tu vay a *Sacavem.*
Legião) Mas vay tu a *Santarem*
e eu yrey a *Campolide.*
Mas eu seraa bem que fique,
e tu vay a *Monte Axique*
a casa do Deos da Murteyra.
.....

Digitized by Google

Voltam os espíritos com o berço e a ama, e diz:

Draguino) Que vos parece nossa ama?
Este berço fomos furtar
ao *Paço do Lumear*
que foy dado a hũa dama
de frey Queromecalar. (*fl. 91, col. 3.*)
.....
Hum que tinha Madanella
colchoeyra na *Trindade*. (*fl. 91, col. 4.*)

Lá mais adiante diz a Feiticeira, dirigindo-se á Ama:

Em tanto quero eu benzer
os caminhos e carreyras
que vam daqui pera *Oeyras*,
que de laa deveis de ser. (*fl. 92, col. 1.*)

Não se encontram senão alusões a Lisboa e a sítios de roda da cidade. Nem uma palavra recorda Évora. E já antes, na primeira scena, dissera a Parteira a Rubena:

Estava sancta Ana oo pe do loureyro
veo o Anjo por seu messageyro,
vayte aa *Porta do Ouro*
acharás teu parceyro. (*fl. 89, col. 2.*)

E mais adiante:

que como o vento he de bayxo,
logo a chuva he no terreyro
e o *Tejo* faz lameyro
nas leziras do *Cartaxo*. (*fl. 89, col. 3.*)

Todas as citações e transcrições que farei serão sempre da primeira edição da *Copilaçam das obras*, a de 1562, e estas aqui aproveitadas servem para provar indiscutívelmente haver sido a *Comédia de Rubena* composta para ser recitada em Lisboa.

O último argumento apresentado pelo doutor Teófilo Braga contra a identificação do ourives e do poeta, por estarem simultâneamente, um em Lisboa e o outro em Évora, não tem fundamento de espécie nenhuma; nasceu da leviandade e morreu da precipitação e falta de ponderação com que foi apresentado.

Êste está arrumado; os impugnadores da identidade tratem de inventar outro. Ainda existe porêm uma terceira afirmação infeliz do festejado Professor, a qual quero também destruir.

3.º Retirada do Príncipe despeitado para Évora.) — Esta imponderada afirmação já vem de longe e encontra-se repetida na pag. 77 do II vol. da *Hist. da litteratura*. Qual a base do autor para aceitar tal fantasia ignora-se, pois que nenhuma fonte apresenta para a justificar.

Não há dúvida de ao príncipe D. João e aos moradores da sua casa ter desagradado o terceiro casamento de D. Manuel; e perfeitamente justificada se me afigura essa desaprovação. É inegável também que o Príncipe e os seus criados manifestaram de princípio por forma visível o seu desgosto; mas também é certo que depois de repreendidos públicamente pelo Rei e de afastado da côrte o conselheiro de seu filho, Luís da Silveira, mudaram de atitude. E foi mudança tão radical que até serviu de motivo para Fr. Luís de Sousa exaltar o procedimento do Príncipe, dizendo: «E todavia devemos-lhe muyto louvor, porque

Digitized by Google

sabendo sintir, nunca por palavra nem obra, mostrou a seu pay sinal de sentimento, nem desgosto.» E mais adiante, referindo-se ao destêrro de Luís da Silveira, acentua que «o Principe não ignorava que elle era, o que fazia mal a Luís da Silveyra: e que sua verdadeyra culpa era, não poder elle Principe deixar de sintir o novo estado delRey. Porém como filho obediente e muyto christão sofreo o tiro que o feria no criado, cubrindo e dissimulando este segundo desgosto, a que não podia resistir, com tanta prudencia e fingido descuydo, que em nenhuma cousa se lhe enxergou por isso escandalo, ou desconfiança de seu pay. E o mesmo estilo seguia nas cousas mayores, e em todas as que entendia serem de seu serviço e gosto [1]».

Destas palavras se vê já que nunca o príncipe D. João daria «a seu pai sinal de sentimento nem desgosto» tão grande, como seria o de não concorrer com a sua presença para realce das festas da entrada da Rainha em Lisboa. E do procedimento submisso do Príncipe dava já fé, antes do Dominicano, o cronista mor Francisco de Andrada nestas palavras: «porem nunca pode tanto com elle (D. João) a paixão que tomou por este casamento que ella lhe fizesse deixar de obedecer inteyramente a elRey seu pay em todas as cousas graves e de importancia [2]».

Apesar de serem os cronistas bem explícitos nos têrmos empregados, e de à vista dêles ninguêm autorizadamente poder supôr a não comparência do Príncipe na festa da entrada de sua madrasta em Lisboa, quis procurar prova documental sem grande esperança de a encontrar. Ainda assim, mais feliz do que previa, ela apareceu.

Entre as disposições adoptadas para a solenidade, uma foi a de se aprontarem aposentos em Lisboa para cómodo da família rial e da côrte, desde fins de Agosto de 1518 ausente da cidade, tendo-se então dirigido por Sintra e Tôrres Vedras a Almeirim, onde passara o Natal e os primeiros cinco meses do ano seguinte, partindo nos princípios de Maio para Évora, onde ainda permanecia quando se fizeram os preparativos para os festejos em Lisboa. Não admira pois que houvesse necessidade de arranjos, depois de tão longa ausência durante a qual os infantes, não só haviam crescido em idade, mas também em jerarquia. Das obras deparei com vários vestígios, sem interesse para o presente caso, excepto uma certidão de 11 de Janeiro de 1521, oito ou nove dias anterior aos festejos, a qual nos revela haver o medidor das obras da cidade medido umas paredes então levantadas «na torre que está apeguada com a salla do senhor principe [3].» Pelo sumário contemporâneo, no verso da certidão, sabe-se ser aquella tôrre a do Almazem.

Já passei a vista pelas contas, já folheei a *Comédia de Rubena*, já reparei para o amuo do Príncipe e de tudo tirei conclusões em parte diversas das do doutor Teófilo Braga; porque, se o exame das contas me revelou, como aliás já sabia, a residência de Gil Vicente em Lisboa nos meses de Dezembro de 1520 e Janeiro de 1521, a leitura da peça me mostrou claramente haver ela sido representada na mesma cidade, e, finalmente, a investigação das crónicas apresentaram-me um Príncipe, queixoso sim, mas submisso e obediente a seu pai.

---

[1] *Annaes de elRei dom João terceiro* por Fr. Luis de Sousa, pags. 17 e 18.
[2] *Cronica do muyto alto e muito poderoso rey... dom Ioão o III*, part. I, cap. VI, fl. 5.
[3] *Corpo cronológico*, parte II, mac. 94, doc. 16.

Digitized by Google

Digitized by Google

II

Dados biográficos

PRIMÓRDIOS INDECISOS

1460 (?)-1502

Quando e onde nasceu Gil Vicente? — São as primeiras interrogações formuladas por quem deseje escrever a biografia do fundador do teatro nacional; a elas porêm só responde a dúvida.

Tem-se-lhe dado por pátria Guimarães, Barcelos e Lisboa, havendo certamente a primeira daquelas povoações muito mais sólido fundamento para reclamar para si a glória. D. António de Lima, no seu *Nobiliário*, declara haver Gil Vicente sido natural de Guimarães [1], e o genealogista era, não só filho do alcaide mor daquela então vila, fidalgo lá morador, mas homem da idade de um dos filhos do poeta, Belchior Vicente, pois que ambos deviam ter nascido nos primeiros anos do XVI século [2], e ainda, o que mais pêso vem dar à sua asserção, devia ter tido relações pessoais com êle, ou pelo menos com sua viúva [3].

Persuadir-me-hia pois sem grande hesitação de haver sido Guimarães a pátria de Gil Vicente, se num artigo, escrito com perspicácia e crítica notáveis, me não fosse chamada a atenção para o conhecimento e amor da província da Beira revelados pelo poeta [4]. Seria êle beirão? é possível; alfacinha é que certamente não era. Homem do campo e não da cidade foi êle.

Se a dúvida relativa à sua naturalidade se não esclarece; a outra, a que

---

[1] «D. Antonio de Meneses... casou com D. Valeria Vicente, filha de Gil Vicente, natural de Guimarães, e irmão do Provedor, que fazia os autos, que foy o que melhores, e mais graciosos, e substanciaes até agora fez em Portugal, de que houve D. Luis, e a D. Constantino, que casou na India, e D. Pedro que não houve geração, e a D. Brittes Freyra em Santos, e a D. Ilena freyra em Sacavem, e a D. Mariana de Meneses, e a D. João.» — *Nobiliário de D. Antonio de Lima Pereyra*, cópia do século XVII em meu poder, fl. 346 do I tomo.

[2] Em 1525, tendo dois irmãos mais velhos, foi D. António de Lima apresentado na igreja de Vairão e deveria ser ao tempo rapaz de vinte anos. Abandonou a carreira eclesiástica, foi também alcaide mor de Guimarães e morreu em 1582. (*Brasões de Cintra*, liv. 2.º, pags. 306 e 307).

[3] «aos vynta sete dias dagosto de 1554... bautizey maria filha de manoell diez scryuão e de ana marynha sua molher foy padrynho dõ antonio de lyma, e madrynhas guyomar tauares...» (*Registo da freguesia de Santa Cruz do Castello*, pag. 81). Guiomar Tavares era viúva de Belchior Vicente.

[4] AUBREY F. G. BELL, *Gil Vicente*, pag. 155 do vol. IX do BOLETIM DA SEGUNDA CLASSE DA ACADEMIA DAS SCIENCIAS DE LISBOA; e pag. 142 do vol. V da REVISTA DE HISTORIA, onde apareceu traduzido em português.

Digitized by Google

diz respeito ao ano do seu nascimento, pouco mais desvanecida a poderei deixar.

Os biógrafos do poeta têem querido descobrir indicações auto-biográficas nas suas obras, sem embargo delas serem de fantasia; encontram-se porêm perplexos, quanto à idade que êle se atribui, por isso que na farsa do *Velho da horta*, representada em 1512, na qual «com toda a probabilidade era Gil Vicente que representava o papel de Velho» [1], lhe diz a mulher:

avey ma ora vergonha
a cabo de sesenta annos,
que sondes ja carantonha. (*fl. 204, col. 1.*)

Teria por esta conta nascido em 1452; sucede porêm que na comédia da *Floresta de enganos*, composta em 1536, na qual «pode bem ser que fosse o mesmo Gil Vicente que representasse o papel «de Justiça maior [2]», êle declara em scena:

Ya hize sessenta y seis
ya mi tiempo es passado. (*fl. 117, col. 3.*)

Nêste caso transfere-se o ano natalício para 1470.

Querendo-se por tanto tirar dados biográficos dêstes trechos, tão bom fundamento temos para supôr Gil Vicente nascido em 1470, como em 1452; e, note-se, qualquer destas datas não se opõe ao que está averiguado àcêrca da duração da vida do poeta. Dêle sabemos com certeza que ainda vivia em 1536, e que já era morto a 16 de Abril de 1540, tendo talvez falecido nos fins do ano precedente. Se nasceu em 1470, viveu setenta anos; se nasceu em 1452, alcançou os oitenta e sete ou oitenta e oito, idade provecta certamente, mas nada impossível.

Note-se que deve haver mais confiança nos dizeres da mulher no *Velho da horta*, do que nas palavras do Justiça maior na *Floresta de enganos;* basta reparar para o título desta comédia. Nela todos tratam de lograr o seu semilhante: logo no prólogo o Filósofo afirma haver dado conselhos aos «antigos Romanos»; na primeira scena um escudeiro vestido de mulher defrauda em certa quantia um onzeneiro; depois é o deus Cupido, sempre magano, que mistifica o cândido Apolo, até que, nesta altura, fica em scena o Justiça maior, que não só engana o seu rei, fingindo ministrar justiça recta, mas pretende tambem iludir uma moça a quem diz:

Que buscaes aca, señora?
Moça) Senhor, vinha vos falar.
Doctor) Y pues no aveis dentrar?
Moça) Entrarey, mas nam jagora.
Doctor) Y pues cuando?
Moça) Estais agora estudando
soo, e eu sam grande ja.
Doctor) No sé que estais recelando.
Moça) Mas seraa bem que me vaa.
Doctor) Si traeis, hija, algun pleyto,
quereis consejo de mi?

---

[1] Brito Rebelo, *Gil Vicente*, ed. de 1902, pag. 77.

[2] Barreto Feio, *Ensaio sobre a vida e escritos de Gil Vicente*, pag. xxi do vol. i das *Obras*, ed. de Hamburgo, 1834.

Digitized by Google

Moça) A isso vinha eu aqui,
por ver se tinha dereyto.
Doctor) Si es a esso,
recontadme el hecho vuesso,
y entrad bien sin temor.
Moça) Sabeis que, senhor doctor,
vós pareceis me travesso?
Doctor) Ya hize sessenta y seis,
ya mi tiempo es passado.
Moça) Nam sey que annos avees,
mas olhais me de travees
e com o barrete embicado,
e por isso
me quero acolher ao siso. (*fl. 117, col. 3 e 4.*)

Transcrevi a scena porque é alegre e movimentada e para mostrar que o Juiz, quando pretende atraír a moça ao seu estudo, deverá, para lhe diminuir o receio, exagerar a sua idade. Estamos na *floresta de enganos;* é preciso não esquecer.

Note-se ainda que, se Gil Vicente, como parece provável e é muito plausivel, estava em recente viuvez no ano de 1514, pensando já todavia em contraír segundas núpcias [1]; e se o *Auto da Festa*, composto certamente depois da morte da mulher, porque em vida dela não podia o autor propôr casamento à Velha [2], e antes, como logo veremos, do *Templo de Apolo* representado em 1526, tivesse sido pôsto em scena no Natal de um dos anos de 1514, ou 15, ou mesmo ainda no de 1516, viria a indicação relativa à idade do poeta concordar nêste auto com a da farsa do *Velho da horta*. Digo isto, entenda-se, para os que se comprazem em arquitectar hipóteses e tirar ilações biográficas dos dizeres destas e de mais farsas, comédias ou trovas, de Gil Vicente e dos outros, nas quais não sabemos se da pena do poeta estão correndo verdades, se gracejos ou ironias. Haverá quem acredite nos seguintes dados auto-biográficos oferecidos em scena pelo Licenciado argumentador da obra, no *Auto da Lusitania?*

Gil Vicente, o autor,
me fez seu embayxador;
mas eu tenho na memoria,
que para tam alta historia
naceo muy bayxo doutor.
Creo que he da Pederneyra,
neto dum tamborileyro,
sua mãy era parteyra,
e seu pay era albardeyro.

---

[1] Brito Rebêlo, *Gil Vicente*, ed. de 1902, pags. 80 e 81; e ed. de 1912, pag. 129.
[2] No *Auto da Festa*, fl. 6, diz a Velha:

ja me a mim mandou rogar
muitas vezes Gil Vicente,
que faz os autos a elRey,
porem..... .....
.....não me contenta
.....
he logo muy barregudo,
e mais passa dos sessenta.

Digitized by Google

E per rezam
elle foy já tecelam
destas mantas d'Alentejo;
e sempre o vi e vejo
sem ter arte nem feyçam. (*fl. 241, col. 1.*)

Pois assim como estas indicações devem ser repelidas, terá a boa crítica de só muito cautelosamente aceitar quaisquer outras em idênticas circunstâncias apresentadas.

É porêm séria e verdadeira a informação a deduzir das palavras de Gil Vicente na carta por êle endereçada, nos princípios do ano de 1531, a D. João III a propósito dos desatinos dos Frades de Santarêm em seguida ao terremoto de 26 de Janeiro. Nela, depois de contar havê-los convocado para se reunirem na crasta do convento de S. Francisco, e tê-los convencido, em virtude da fala que lhes dirigiu, a mudarem de processos, acrescenta estas palavras: «e porem saberaa V. A. que este auto foy de tanto seu serviço, que nunca cuydey que se offerecesse caso em que tam bem empregasse o desejo que tenho de o servir, *assi vezinho da morte como estou*[1]».

Entendeu o general Brito Rebêlo aludir o poeta nestas palavras a um estado de doença grave que o pusera às portas da morte[2]; não me parece. Êle não declara haver estado vizinho da morte; não se refere a coisa passada, mas a estado presente: *estou vezinho da morte*, diz êle. Ora, se Gil Vicente estivesse então gravemente doente, não podia ter ido arengar aos Frades; êle achava-se vigoroso, e tanto que ainda compôs mais de meia duzia de obras; mas estava vizinho da morte porque era velho, porque era idoso, porque tinha certamente mais de sessenta e um anos, porque roçava pelos oitenta, porque, finalmente, não nascera em 1470, mas anos ant-s.

Preguntarei ao General, sem receio de o magoar por lhe revelar a idade, se êle em 1891, quando contava os sessenta e um anos que atribui em 1531 a Gil Vicente, se sentia vizinho da morte?—Não, certamente, e ainda bem para as boas letras portuguesas, às quais tem prestado, já depois disso, excelentes serviços.

Inclina-se o general Brito Rebêlo, e por isso não foi de todo descabida a pregunta, a aceitar por plausível o ano de 1470, «que não se afastará muitos anos da verdadeira data», como sendo o do nascimento de Gil Vicente; vê-se porêm obrigado, tratando de fixar o tempo do seu primeiro casamento, a colocá-lo nos anos de 1490 a 1492, ou nos de 1484 a 1486[3], datas pouco prováveis, as primeiras, quási impossíveis, as segundas, para contraír matrimónio um homem nascido em 1470. Agrava ainda a dificuldade em 1912, alongando, sem declarar o fundamento, o praso do nascimento do trovador de 1470 a 1475 e pondo o seu primeiro consórcio nos anos de 1488 a 1490. Isto é, despresando as médias, porque estas nos dariam Gil Vicente casado entre os dezaseis e dezasete anos, tê-lo-hiamos a mudar de estado aos dezoito ou vinte anos o máximo. É verosímil? — Não me parece e tudo me leva a afirmar que a data do seu nascimento se deve antecipar bastante ao ano de 1470, não estando talvez muito longe da verdade a

---

[1] *Copilaçam de todalas obras de Gil Vicente*, *fl.* 258.
[2] *Gil Vicente*, ed. de 1902, pags. 61 e 87.
[3] *Ibidem*, pag. 79-80.

Digitized by Google

de 1452 deduzida da indicação do *Velho da horta*. Objectar-me-hão ser estranho haver Gil Vicente começado a escrever só aos cinqùenta anos, ao que responderei: 1.º não temos a certeza dêle não haver composto nada antes de 1502, ano em que recitou o monólogo do *Vaqueiro*, sua primeira produção dramática sabida; 2.º que a mais escritores tem sucedido só começar daquela idade a aparecer com as suas obras em público. Tenho exemplo bem de casa: eu nasci em 1849 e o meu primeiro livro é de 1899; deixem-me conservar êste único traço de semelhança com Gil Vicente.

Não acabam aqui as dúvidas, continuam ainda e para bem dizer não cessarão até final.

Quem foi o pai de Gil Vicente? — Responde o general Brito Rebêlo: «Até o sr. V. de Sanches de Baena quasi todos os linhagistas conhecidos davam como pae de *Gil Vicente*, um ourives de Guimarães de nome *Martim Vicente*, aquelle escriptor, porem, segue outra versão, indicando por pae delle *Luis Vicente*[1]». Comenta mais tarde: «mas não se apoiando [a nova genealogia] em monumentos de irrefragável autoridade, não nos póde inspirar absoluta confiança. Documentos nenhuns publicos ou particulares, ao alcance de todos, nos confirmam essa genealogia. Continuâmos pois no mesmo estado, sobre este ponto, em que se achavam os primeiros biografos[2]».

Estou inteiramente de acôrdo e tanta confiança me merecem os primeiros linhagistas como o último; observarei porêm que apenas encontrei, sem muito procurar, confesso, título da família de Gil Vicente em um nobiliário, o de Diogo Gomes de Figueiredo, e nêste se declara ser o poeta filho de «Luis Vicente, *homem nobre*, natural de Guimaraens[3]». É notável esta preocupação dos genealogistas de quererem enobrecer a geração do poeta-ourives: êle era filho do povo; viveu em moço no campo em contacto com a natureza e os homens rústicos, talvez pelas fragosas encostas da Beira, talvez sob as viridentes ramadas do Minho. Não obstante, é indubitável haver recebido uma larga educação. Sabia latim, um tanto macarrónico, mas com certa profundeza; das línguas vivas aprendeu o castelhano, o francês e o italiano; leu os livros sagrados e os santos padres, e também os poetas e trovadores do seu tempo, nacionais e algum estrangeiro; recebeu uma tintura de jurisprudência; mas era sobretudo inclinado às crendices e superstições do povo, da gente da sua classe, das quais tinha largo conhecimento. De tudo nas suas obras se encontram vestígios, mais ou menos gravados; eu porêm proponho-me simplesmente a apresentar dados biográficos, deixarei por tanto essa apreciação à crítica literária.

Quanto à mãe parece ter sido pessoa de apelido Borges, por isso que dêle usaram a irmã e uma das filhas de Gil Vicente.

Aquela irmã houve nome Felipa Borges e para ajuda do seu casamento fez D. Manuel mercê a Gil Vicente de vinte mil reais inscritos entre a despesa no caderno da sisa do pescado e madeira de Lisboa para 1514, assinado a 8 de Abril dêsse anno [4], mercê de que tivera um alvará de lembrança rôto ao assinar

---

[1] *Gil Vicente*, ed. de 1902, pag. 78.
[2] *Gil Vicente*, ed. de 1912, pag. 9.
[3] *Nobiliario genealogico escrito por Diogo Gomes de Figueiredo*, V, fl. 195, *mihi*.
[4] *Arch. hist. port.*, VIII, pag. 71, n.º 32.

Digitized by Google

a carta de confirmação de 21 de Setembro de 1515, e que o mestre da balança recebeu a 25 do mesmo mês [1]. Nas suas genealogias declara Sanches de Baena ter Felipa Borges casado com Estêvão de Aguiar, uchão de D. Manuel, e que «deste matrimonio houve um filho tambem do mesmo nome do pae, que foi uchão de D. João III», e uma filha, D. Brites de Aguiar, mulher de D. Luís de Meneses, pais, êstes dois, de D. António de Meneses, aliás de Almeida, futuro genro de Gil Vicente [2]. Há aqui uma parte verdadeira e outra inventada. Conforme os nobiliários contemporâneos, o meu anónimo lá adiante citado e o de D. António de Lima, D. Luís de Meneses foi efectivamente casado com uma filha do uchão de D. João III, Estêvão de Aguiar, não nomeando porêm a êste mulher; mas é certo não haver nunca existido outro Estêvão de Aguiar que tivesse sido uchão de D. Manuel. A êste monarca serviram naquele ofício Fernão da Costa que o traspassou a Rui Cotrim de Castanheda, a quem foi confirmado por carta régia de 17 de Março de 1504 [3]. Estêvão de Aguiar, também designado nos documentos por Estêvão de Aguiar Gorizo, foi nomeado uchão do príncipe D. João por carta de 23 de Maio de 1517 [4]. Quando o Príncipe subiu ao trono manteve o antigo uchão no seu ofício e deu-lhe quitação, por carta de 5 de Abril de 1536, do período de treze anos que gerira a ucharia, a contar de 1 de Janeiro de 1522 a fim de Dezembro de 1534 [5]. Pouco depois, tendo já falecido Estêvão de Aguiar Gorizo, foi seu filho Pedro de Aguiar nomeado para servir o ofício do pai por carta de 16 de Dezembro de 1538 [6]. Estêvão de Aguiar Gorizo não foi só um inútil servidor do paço, desempenhou os cargos de feitor da alfandega de Çafim, desde 1 de Junho de 1510 a 31 de Julho de 1512 [7], e o de feitor em Malaga, desde 1 de Julho de 1520 a 31 de Dezembro de 1521 [8].

Alonguei-me um pouco, mas pareceu-me necessário para mostrar mais uma vez, que será a última, as trapalhadas genealógicas de Sanches de Baena. Felipa Borges casaria, mas com um Estêvão de Aguiar, uchão de D. Manuel, não, porque foi inventado. Também certamente não era ela a Felipa Borges a quem foi confirmada, por carta de 27 de Janeiro de 1523, a renúncia que fizera a favor de seu filho Manuel de Macedo, fidalgo da casa rial, de uma tença graciosa que lhe fôra outorgada por D. Manuel pelos serviços de seu marido [9], Joane Mendes de Macedo [10]. Ficaremos por tanto sem saber o destino que teve a irmã de Gil Vicente, e até sem mesmo podermos garantir que não tivesse tido outros irmãos, ou irmãs.

Tornando à educação literária de Gil Vicente, notarei que o doutor Teófilo Braga segue passo a passo, com uma perspicácia assombrosa, os progressos nos estudos do futuro poeta dos autos. «Passou-se a sua mocidade em Guimarães,

---

[1] Doc. IV e V.
[2] *Gil Vicente*, pags. 7 e 70, respectivamente.
[3] *Chancelaria de D. Manuel*, liv. 23.º, fl. 7.
[4] *Chancelaria de D. Manuel*, liv. 10.º, fl. 42, onde o escrivão do registo escreveu Godinho por Gorizo.
[5] *Chancelaria de D. João III*, liv. 22 de *Doações*, fl. 152.
[6] *Ibidem*, liv. 26.º de *Doações*, fl. 134.
[7] Carta de quitação de 4 de Julho de 1513.— *Arch. hist. port.* II, pag. 74, n.º 180.
[8] Carta de quitação de 24 de Dezembro de 1522 na qual é intitulado «fidalgo de nossa casa e nosso hucham». — *Ibidem*, VIII, pag. 407, n.º 659.
[9] Brito Rebêlo, *Gil Vicente*, ed. de 1902, pag. 105.
[10] *Arch. hist. port.*, II, 96.

Digitized by Google

recebendo a cultura do *Trivium* (Grammatica, Logica e Rhetorica) nas Escholas da Collegiada da Oliveira, dirigidas pelo *Cabiscol*, ou o Conego docente [1]». Depois veio «para Lisboa frequentar os estudos da Universidade... Em Lisboa trabalhava Gil Vicente ourives, lavrante da Rainha D. Leonor, encarregado das joias e baixellas para o casamento do principe D. Affonso. Seria esse o movel que levaria a chamar para Lisboa o extraordinario lavrante? A epoca em que collocamos a sahida de Gil Vicente, poeta, de Guimarães, calculamol-a por occasião da peste que ahi grassava em 1489... [2]» Mais adiante: «A vida escholaresca de Gil Vicente na Universidade de Lisboa, e a sua entrada nas festas da côrte de D. João II, por occasião do casamento do principe D. Affonso com D. Isabel... vieram suscitar o seu genio dramatico. Viva impressão lhe deixaria o *singular Mômo de Santos*, em 24 de Septembro de 1490, quando D. João II regressou de Santhiago de Compostella... [3]»

Até aqui a fantasia, agora a análise: para comprovar as asserções contidas nos dois primeiros trechos, não existe um documento, nem uma memória contemporânea, nem sequer um indício; quanto às do último sabe-se que D. João II depois de rei não saiu nunca de Portugal. A romaria a Santiago de Compostela foi empreendida por D. Manuel, e realizada no mês de Novembro de 1502, entre 9, dia da assinatura de uma carta em Barcelos [4], e 24, data de outra em Ponte de Lima, pela qual fez mercê de quinze mil reaes de tença a Tristão Francês, «nosso hóspede, morador na vila de Pontevedra, havendo respeito ao serviço que dêle recebemos em sua casa, quando ora fomos em romaria ao bem aventurado apóstolo Santiago [5].»

Esta história do momo de Santos em 1490 já vem dos *Poetas palacianos*, pag. 288, onde para prova se citam umas palavras da senhora D. Felipa, de Odivelas, sem reparar que a filha do Infante da Alfarrobeira se refere à sua própria romaria a Santiago nas palavras transcritas: «onde eu e vós, madre muito amiga, com algumas irmãs de companhia fomos.» A seguir fixa a data pelos processos já sabidos: «A festa em que se celebrou o *Momo*, foi a 24 de Septembro, quando el-rei trasladou o Mosteiro velho de Santos para o novo Mosteiro de Sam Thiago, etc.»

Se vos espantais ainda vereis mais, e com esta última nota porei ponto aos meus reparos à obra do doutor Teófilo Braga.

Na precedente página dos *Poetas palacianos* escreveu o autor: «No *Cancioneiro* encontram-se umas coplas do Prior de Santa Cruz *pelo principe dom Affonso, quando casou Dona Branca, com quem ele andava de amores.* D'este poeta diz Sousa: «Quem fosse este Prior, se vê na *Chronica dos Regrantes*, na P. II, cap. 23 e 24, a pag. 244, em que se lê... Dom Affonso Martins, XIX Prior de Santa Cruz... filho de Martim Affonso de Sousa, Senhor de Baião. O Prior, acompanhára *na sua mocidade (sic)* seu pae na batalha de Aljubarrota. Foi vedor da casa da Rainha Dona *Leonor (sic)* e casou com Dona Mayor Rodrigues [6]». Esta

---

[1] *Hist. da litteratura*, II, 41.
[2] *Ibidem*, pags. 43-44.
[3] *Ibidem*, pag. 46.
[4] *Chancelaria de D. Manuel*, liv. 21.º, fl. 13 v.
[5] *Corpo cronológico*, part. II, mac. 6, doc. 147.
[6] Aqui citam-se os *Grandes de Portugal* de D. António Caetano de Sousa e eu, zelando a memória do Teatino, trasladarei as suas palavras, depois de se referir ao nobiliário de Xisto Tavares: «onde diz que o Doutor Fernando Affonso da Sylveira era filho do Prior de Santa

Digitized by Google

do Prior casado andar, em 1385, a quebrar lanças na batalha de Aljubarrota, e aí por 1490 a aguçar penas para escrever versos, é um pouco forte.

Apesar do meu protesto acima ainda tenho mais uma vez, mas esta será definitivamente a última, de me referir à crítica do doutor Teófilo Braga. É no debatido caso de se saber se Gil Vicente foi professor de retórica de D. Manuel.

O sr. Teófilo Braga, aceitando como factos provados haver Gil Vicente nascido em 1470 e ter ensinado aquela arte ao Duque de Beja, viu-se forçado em 1898, sem se abonar em documentos nem crónicas, a afirmar que foi só depois de 1492, «que se pensou na educação do Duque de Beja D. Manoel, que pela fatalidade dos acontecimentos tinha de ser o successor no throno de Portugal[1]». Em 1914 agrava arbitráriamente ainda um pouco mais a situação, declarando que Gil Vicente se achava «habilitado já em 1493 para Mestre de Rhetorica de D. Manoel, herdeiro presumptivo do throno[2]». Admitindo por mera hipótese, é claro, haver sido só em 1492 ou 1493, quando D. Manuel contava já vinte e três ou vinte e quatro anos, que se pensasse em ensinar-lhe retórica, será lícito supôr que nêsses tempos, pouco férteis em meninos prodígios e nada propensos a admití-los, se fosse escolher para professor do herdeiro da coroa um rapaz de vinte e dois ou vinte e três anos, ainda mais moço que o discípulo? — É custoso de crer.

Os críticos de história têem, na falta de documentos, de recorrer, no caso de existirem, aos historiadores contemporâneos ou quási dos factos que pretendem analisar; mas hão de interpretrar as indicações como as encontrarem, e não torcê-las, nem pô-las de parte. Nêstes têrmos vejamos o que das narrativas dos cronistas se pode apurar àcêrca do tempo em que, na realidade, se pensaria na educação de D. Manuel.

Contam êles que a êste senhor, quando em 1481 passou a primeira vez a Castela, ordenara D. João II, então ainda príncipe, casa numerosa, acrescentada em 1483, da segunda vez que lá tornou; e por aio lhe dera a Diogo da Silva de Meneses. Regressado D. Manuel ao reino, mal entrado da segunda vez em Castela, o recolheu D. João II com toda a sua casa no paço e lá o criou junto do Príncipe[3]. Por êstes tempos por tanto, ou o mais tardar em 1485, depois da morte do Duque de Viseu, quando seu irmão D. Manuel contava catorze ou dezaseis anos, é que é lícito supôr-se haverem-lhe sido dados mestres. Escolher-se-ia então para seu professor de retórica um rapaz de treze ou quinze anos, idade de Gil Vicente se houvesse nascido em 1470? — Ninguêm o acreditará.

Terá porêm Gil Vicente sido mestre de retórica de D. Manuel?

Cruz. Quem fosse este Prior, se vê na Chronica..., em que se lê que D. Vasco Martins era irmaõ de D. Affonso Martins, XIX Prior de Santa Cruz, e ambos filhos de Martim Affonso de Sousa, Senhor de Bayaõ, o qual Prior antes de ser Religioso, servio a ElRey D. João o I., e se achou na batalha de Aljubarrota em companhia de seu pay, e foy Védor da Casa da Rainha D. Filippa, e havia sido casado com Dona Mayor Rodrigues, etc.» (Obra cit., pag. 440).

O P.e Sousa, nem diz que foi este Prior o autor dos versos, nem que servira a rainha D. *Leonor*, nem acompanhara na *sua mocidade* o pai na batalha.

O Prior de Santa Cruz, poeta do *Cancioneiro*, foi D. João de Noronha, filho do 1.º Marquês de Vila Rial, eleito prior em 1473 e falecido em 1506.

[1] *Gil Vicente e as origens*, pag. 110.

[2] *Hist. da litteratura*, II, 44.

[3] PINA, *Cronica de D. João II*, caps. 14 e 50; RESENDE, *Vida de D. João II*, caps. 26, 46 e 131; GOES, *Cronica de D. Manuel*, part. I, cap. 5.

Digitized by Google

Em quanto esta asserção aparecia únicamente em nobiliários seiscentistas, não se devia, no meu entender, ligar-lhe grande consideração; encontrei-a porêm num nobiliário do século precedente por mim há anos adquirido no leilão do espólio do Visconde da Baía. Êste livro de gerações, tão semelhante ao descrito por D. António Caetano de Sousa sob n.º 8 no *Aparato* à *Hist. genealogica* que, sem grande risco, com êle se pode identificar, é cópia escrita em 1576, como se declara no alto da fl. 178 v., doutro composto ainda no reinado de D. João III, ao qual, infelizmente, o copista, curioso também na matéria, em partes fez acrescentamentos. Ora, nêste tal nobiliário, na fl. 67, lê-se o seguinte: «Dom amtonyo dalmeyda filho deste dom luis [de Meneses] foy casado com dona valerya borges filha de gyll uisemte mestre que foy de reytorica delrey dom manoel de que teue» etc.

Basta isto para provar haver Gil Vicente ensinado retórica a D. Manuel? — Certamente não, mas certo é também não haver ainda sido aduzida prova mais valiosa.

Em vista dela, em 1907, ainda eu hesitava; hoje porêm, refletindo, concordo inteiramente com as últimas observações do general Brito Rebêlo, que ainda em 1902 também apenas duvidava da veracidade do facto[1]. Fale o consciencioso biógrafo de Gil Vicente: «Disse um genealogico qualquer que ele havia sido mestre de retorica: outro acrescentou que o fôra de D. Manuel, e houve espiritos elevados que não duvidaram disso... Esqueceu-lhes porem reparar n'uma coisa; que G. V. era mais novo que D. Manuel dois a sete anos, que ainda mesmo, quando por precocidade de talento, podesse ser mestre de alguma coisa antes dos vinte e cinco anos, quanto tempo passára já desde que o duque de Beja havia completado a sua educação com professores conhecidos, quando G. Vicente poderia começar a leccionar? A inverosimilhança é manifesta[2]». D'acôrdo.

Dos tempos da mocidade de Gil Vicente e dos primeiros anos de sua idade varonil nada se sabe ao certo; manteve-se provávelmente do seu trabalho de ourives, em que se iria tornando notável, e entremeava o labor do artífice com a composição dalgumas trovas, mas nenhuns vestígios, por mais leves que sejam, de nada disto se encontram. São conjecturas plausíveis, mais nada; foi porêm durante êste período do seu ignorado viver que contraiu pela primeira vez os laços do matrimónio.

Sôbre a data provável dêste acontecimento doméstico continuam as incertezas. Gil Vicente teve um filho que em 1512 servia na Índia e nêsse ano, como logo veremos, foi enviado por Afonso de Albuquerque na qualidade de escrivão de uma embaixada ao Hidalcão. Este filho de Gil Vicente deveria ter dezoito a vinte anos quando partiu para a Índia; portanto, se foi com o futuro governador na armada de 1506, o que não é forçoso, apesar de provável, havia de ter nascido entre 1486 e 1488 e teria tido lugar o casamento de seus pais pelos anos de 1484 a 1486; se porêm partiu só nalguma das armadas seguintes, a tempo de estar em Goa em 1512, então deveria ter tido lugar o consórcio pelos anos de 1490 a 1492[3].

---

[1] *Gil Vicente*, ed. de 1902, pags. 54 e 117.
[2] *Gil Vicente*, ed. de 1912, pag. 136-137.
[3] Brito Rebêlo, *Gil Vicente*, ed. de 1902, pags. 79-80. Na ed. de 1912 altera, sem explicação, a data do casamento para os anos de 1488 a 1490.

Digitized by Google

O nome de sua mulher era Branca Bezerra; «é coisa assente», diz Brito Rebêlo apesar de concordar que para prova apenas existe um epitáfio atribuido a Gil Vicente, mas não incluido pelo filho na *Copilaçam* das obras do pai. A inscrição, que se não sabe se chegou a ser gravada na campa, rezava assim:

AQVI IAZ A MVI PRVDENTE
SENHORA BRANCA BEZERRA
MOLHER DE GIL VICENTE
FEITA TERRA[1].

Em versos, a trasbordar de carinhoso afecto, retrata Gil Vicente a amada da sua mocidade, a dedicada companheira da sua idade varonil:

Esta desastrada vida
que perdiera yo en perdella
quando al mundo fue venida?
pues amara y dolorida
es toda mi parte della,
Que perdi muger tan bella
como estrella;
y pues triste me dexo
muriera mezquino yo,
y no ella.
Pluguiera á Dios que cupiera
la suerte suya por mia;
pues quedé, que no deviera,
robada mi compañera,
consumida mi alegría.
Vida sin tal compañía,
noche y dia,
me daa tan triste cuydado,
que jamas seree, cuytado,
el que solia.
Que acordarme su nobleza,
su beldad, su perfecion,
sus mañas, su gentileza,
su tan medida llanqueza,
quebrántame el coraçon.
Oo que humilde condicion,
a la razon,
quan callada, quan sofrida,
toda plantada y enxerida
en descricion.
Alegre con mi alegría;
con mi tristeza llorava
prompta á quanto yo dezia;
querria lo que yo querria;
amava lo que yo amava.
Toda su casa mandava,
y castigava,
sin de nadie ser oyda,
ni de persona nacida
porfaçava
Amiga de mis amigos,
amparo de mis parientes; *(fl. 99 v.)*

---

[1] Brito Rebêlo, *Gil Vicente*, ed. de 1902, pags. 79 e 81; ed. de 1912, pag. 128.

Digitized by Google

muy humilde á mis castigos,
cruel á mis enimigos,
plazentera á sus servientes.
Tal que con fieras serpientes
impacientes
hiziera vida paciente:
no fue muger mas prudente
en las prudentes.
Enemiga de celosas,
de las castas compañera,
contraria á las maleciosas,
callada con prefiosas,
para virtud la primera:
Muy honesta y plazentera,
de manera,
que nunca se desmedia;
soblimada en cortesía
verdadera.
Embidia, ni parlería
yamas la senti ni ohi
y si mal de alguien ohia,
desculpava, y respondia
como si fuera de sí.
Pues que tanto bien perdí,
porqué nací?
oo muger, flor de las castas,
donde estás, que tú te gastas
y á mi?
En el punto que partiste.
no deviera quedar yo;
porque la vida que es triste
mas muere quien la resiste,
que el muerto que la dexó.
Aaquel Dios que la llevó
pido yo
muerte luego por vitoria;
pues la vida de mi gloria
ya passó. (*fl. 100, col. 1.*)

Esta lamentação seria sincera; estou convencido que foi sincera, mas, apesar disso, o poeta não guardou por muito tempo o luto pela falecida consorte; logo veremos. Agora continuarei seguindo a ordem cronológica das notícias, que vão começando a aparecer mais nítidas.

Gil Vicente conheceu D. João II. Não há dúvida; o próprio poeta, ou seu filho, o declara na nota marginal a êstes versos:

Conociste a Juan Domado,
Ioã do- que era pastor de pastores?
mado yo lo vi entre estas flores
dezia con gran hato de ganado,
por el con su cayado Real,
rey dõ repastando en la frescura
Ioã se- con favor dela ventura,
gũdo. di, zagal,
que se hizo su corral? (*fl. 2, col. 4.*)

Conheceu-o por o ver passar na rua, ou mais de perto? — Se tivesse sido mestre de retórica de D. Manuel, havia de ter moradía na sua casa e como esta foi toda tomada por D. João II, freqùentes ocasiões teria o poeta de se avistar

Digitized by Google

com o soberano; mas não foi mestre, nem teve nunca moradía na casa rial, pelo menos nenhum rasto disso se encontra e esta prova negativa basta para o caso. É mais provável que estivesse já trabalhando para a rainha D. Leonor e que dêste facto resultasse a possibilidade da referida alusão no *Auto pastoril castelhano,* composto a pedido dela, a Rainha Velha, para as matinas do Natal de 1502. Notável é contudo não se tornar a encontrar em toda a obra de Gil Vicente mais nenhuma referência ao Principe Perfeito; lembrou-se dêle na sua segunda produção dramática, mas compreendeu, ou fizeram-lhe compreender, que recordar aquela altiva figura era desagradável na côrte.

Digitized by Google

III

Dados biográficos

NO REINADO DE D. MANUEL

1502-1521

Chegamos finalmente a um período no qual as conjecturas, apesar de inseparáveis companheiras até final do biógrafo de Gil Vcente, começam a concorrer com indicações positivas e concretas ministradas por documentos e memórias fidedignas. O poeta vai estrear a côrte.

Estava esta em Lisboa, quando, no fim da tarde de um radioso domingo de Junho, do alto do paço da Alcáçova desceu à cidade a nova de haver a Rainha começado a sentir os rebates do próximo parto. O alvorôço foi grande e prontamente se organizou uma procissão de preces, que já de noite se dirigiu ao convento de S. Domingos, acompanhada de tantos círios e tochas acesas que alumiavam as ruas como se fosse dia. Continuava a Rainha entretanto no seu trabalho e às duas horas da madrugada, de segunda-feira 6 de Junho de 1502, deu à luz um rapaz. A alegria foi muito grande na cidade, mas as manifestações tiveram de se adiar, porque, apesar da quadra do ano, «no mesmo dia se armou no ar huma tormenta de agoas, trovões, rayos e coriscos tão extraordinaria, e continuada o dia todo, com tamanha furia e teyma [1],» «que não avia memoria de homẽs que se lembrassem de outra semelhante [2].» Passaria porêm, como as trovoadas da primavera, e no dia 7 já o céo se apresentaria limpo de nuvens.

Visitação.

Na noite dêsse dia, a segunda depois do nascimento do Príncipe, encontrava-se na câmara da rainha D. Maria, que jazia no leito enlevada no seu filhinho, seu marido, elrei D. Manuel, sua cunhada a rainha D. Leonor, sua sogra a infanta D. Beatriz, sua outra cunhada a Duquesa de Bragança [3], e alguns

---

[1] FR. LUÍS DE SOUSA, *Annaes de D. João III*, pag. 3.

[2] FRANCISCO D'ANDRADA, *Cronica de D. João III*, fl. 1 v.

[3] Diz a rúbrica: «Por quanto a obra de devaçam seguinte procedeo de hũa visitaçam, que o autor fez ao parto da muyto esclarecida raynha dona Maria, e nacimento do muyto alto e excelente principe dom Ioam o terceyro em Portugal deste nome. Se põe aqui primeyramente a dita visitaçam por ser a primeyra cousa que o autor fez, e que em Portugal se representou, estãdo o muy poderoso rey dom Manoel e a raynha dona [Lianor sua yrmaã, e a iffante dona] Breytiz sua mãy, e a senhora Duqueza de Bragãça sua filha, na segunda noyte do nacimento do dito senhor. E estando esta cõpanhia assi junta entrou hum vaqueyro...».

Lá adiante, mostrarei como um lapso do tipografo tem privado a rainha D. Leonor da merecida honra de haver contribuido poderosamente para a implantação do teatro nacional.

Digitized by Google

dos oficiais e damas mais chegados às pessoas riais, quando se abre uma porta e rompe um homem vestido de vaqueiro, exclamando

Pardiez! siete arrepelones
me pegaron ala entrada,
mas yo di una puñada
a uno de los rascones;
empero, si yo tal supiera
no viniera,
y si viniera, no entrara,
y si entrara, yo mirara
de manera
que ninguno me diera. (*fl. 1 v.*)

Continuou Gil Vicente, porque era êle o vaqueiro, a recitar o monólogo, e concluido êste, entraram na sala uns trinta pastores com queijadas, queijos, e ovos a oferecer ao príncipe recem-nascido. «E por ser cousa nova em Portugal, gostou tanto a Raynha velha (*sc.* D. Leonor) desta representaçam, que pedio ao autor que isto mesmo lhe representasse às matinas do Natal [1]».

Estava fundado o teatro português.

É pois o monólogo da *Visitação* ou do *Vaqueiro* a mais antiga obra poética de Gil Vicente nossa conhecida. Não é desta opinião o general Brito Rebêlo que assinala, sem razão, como vou mostrar, uma data anterior a outra produção do mesmo engenho.

Parecer

No *Cancioneiro geral* impresso em 1516 reuniu Garcia de Rèsende, na fl. 209 e segs., um certâmen poético ao qual deu por título: «Anrrique da Mota a Vasco Abul, porque andando hũa moça baylãdo em Alanquer deulhe zombando hũa cadea douro e depois a moça nam lha quys tornar, e andaram sobre isso em demanda, e veo Vasco Abul falar sobre isso ha rraynha, estando em Almada, e hahy [Anrique da Mota] lhe fez estas trovas». A esta colecção de versos de diversos rimadores se dá a designação de *Processo de Vasco Abul*, entrando no número daqueles Gil Vicente de quem é «O *pareçer* de Gil Vyçente neste proçesso de Vasco Abul à rraynha dona Lianor [2]».

Quere o General que o *Processo* seja de 1494 por ser nêste ano que de Maio a Novembro «a côrte esteve em Setubal, onde a rainha D. Leonor se achou gravemente enferma, passando depois a Almada» [3]. Alega em abono a Rui de Pina na *Crónica de D. João II*, cap. XLIX, aliás LXIX. Ora nem Rui de Pina, nêste ou noutro qualquer capitulo da *Crónica*, nem Garcia de Rèsende, nos correspondentes passos da *Vida de D. João II*, dizem coisa nenhuma que de longe possa confirmar a estada da Rainha nêsse anno em Almada. Foi um equívoco do sr. Brito Rebêlo; todos a êles estamos sujeitos, e isso em coisa nenhuma desmerece o seu altíssimo valor de investigador histórico. Os cronistas declaram sómente que, no princípio do inverno, por causa da humidade muito prejudicial à doença de D. João II, a côrte transitou de Setúbal para Évora. Não ficando Almada no

---

[1] *Copilaçam de todalas obras de Gil Vicente*, fl. 2.
[2] *Cancioneiro geral*, fl. 210, col. 5.
[3] *Gil Vicente*, ed. de 1902, pags. 14 e 102, mostrando nesta a nenhuma valia do argumento aduzido para trazer a composição do *Processo* ao ano de 1510, ou ainda a outro posterior. Na ed. de 1914 apenas se refere ao *Parecer* na «Tentativa cronologica», pag. 139, mantendo a data de 1494, pôsto que seguida de um ponto de interrogação.

Digitized by Google

caminho entre aquelas duas povoações, ambas hoje cidades, nenhuma plausibilidade existe para podermos supôr a estada lá de D. Leonor em 1494; tanto mais que ainda então a vila pertencia a uma tia da Rainha, a senhora D. Felipa, por cuja morte, sucedida antes de 22 de Dezembro de 1495, o senhorio passou para sua irmã a infanta D. Beatriz [1] e provávelmente desta, depois de 1506, ano do seu falecimento, a sua filha a referida Rainha.

Demais o *Processo de Vasco Abul* foi provocado por Henrique da Mota, que nuns *Embargos* anteriores ao *Parecer* de Gil Vicente declara ser juiz dos orfãos [2]. Ora êle encontra-se, exercendo o ofício de juiz dos orfãos de Óbidos, numa certidão junta a um mandado de 15 de Maio de 1521 [3]; ao passo que num instrumento de aforamento feito em Leiria, a 15 de Fevereiro de 1499, é Henrique da Mota apenas designado como escudeiro del Rei, morador no Bombarral [4]. Foi, em vista disto, a sua nomeação de juiz dos orfãos posterior a 1499, e por tanto posterior também a êste ano o *Processo de Vasco Abul*, no qual um dos trovadores que versejaram foi o mestre Gil, cirurgião mor, já falecido a 16 de Julho de 1511, como logo mostrarei. Ora, havendo o *Processo* tido origem numa queixa pelo Abul apresentada à rainha D. Leonor, estando ela em Almada, e havendo de ser as trovas compostas depois de 1499 e antes de 1511, que dúvida poderemos ter de colocar o episódio do *Parecer* de Gil Vicente no ano de 1509 no qual sabemos, não só que a Rainha esteve em Almada, mas também que Gil Vicente lá lhe representou então o *Auto da Índia?* Nenhuma, porque embaraço nenhum nos pode trazer o epitáfio, na página 203 do vol. II da *Hist. de Santarem* do P.e Inácio da Piedade e Vasconcelos, transcrito da sepultura de Agostinho Girão, outro poeta do *Processo*, marcando-lhe a morte em Maio de 1500, porque, além do epitáfio haver sido renovado em 1731, o que lhe tira todo o valor, consta receber ainda em 1523 Agostinho Girão duas tenças de vinte mil reaes cada uma [5].

É pois indubitávelmente de 1509 o *Parecer* de Gil Vicente no *Processo de Vasco Abul*, e por tanto a sua mais antiga composição nossa conhecida o monólogo do *Vaqueiro*, representado em Junho de 1502.

Por último, para ocorrer a algum reparo, notarei que Vasco Abul se dirigiu à rainha D. Leonor por ela ter as jurisdições da vila de Alenquer, onde se dera a queixa originária da demanda; e bem assim observarei que ela também possuia as da vila de Óbidos [6], sendo por tanto a Rainha quem nomeára Henrique da Mota juiz dos orfãos daquella vila, dando êste facto lugar a que na Chancelaria de D. Manuel, mesmo no caso de estar completa, se não devesse encontrar o registo da carta de tal nomeação. Henrique da Mota parece ter sempre servido aquela Senhora em quanto ela viveu, passando por sua morte a ser escrivão da Câmara Rial de que teve carta em 12 de Agosto de 1527 [7]. Ainda vivia, exercendo o ofício, a 10 de Março de 1544 [8].

Ao *Parecer* me tornarei a referir lá mais adiante.

---

[1] Tôrre do Tombo, liv. 1.º dos *Místicos*, fl. 54.
[2] *Cancioneiro geral*, fl. 210, col. 2.
[3] LOUSADA, *Sumários da Tôrre do Tombo*, III, fl. 274 v., *mihi*.
[4] *Chancelaria de D. Manuel*, liv. 16.º fl. 135 v.
[5] *Arch. hist. port.*, II, 86.
[6] Por carta de 22 de Agosto de 1482 foram doadas à rainha D. Leonor várias vilas, entre elas as de Óbidos e Alenquer, com as jurisdições cível e crime, data dos ofícios, etc. (*Chancelaria de D. João II*, liv. 3.º fl. 49 v.).
[7] *Chancelaria de D. João III*, liv. 30.º de *Doações*, fl. 131 v.
[8] Data de uma carta por êle feita (*Ibidem*, liv. 41.º fl. 16).

Digitized by Google

No *Processo de Vasco Abul* aparecem umas trovas do mestre Gil, em ajuda a um vilancete de Henrique da Mota [1]. Este mestre Gil havia sido físico do Duque de Viseu [2], e já em 1497 exercia o cargo de cirurgião mor do reino [3]. Parece ter estado quási sempre ao serviço da rainha D. Leonor, e era já falecido a 16 de Julho de 1511 [4], tendo ainda a 8 dêsse mesmo mês sido mandada livrar em seu nome uma carta de cirurgia [5]. Isto serve para provar duas coisas: primeiro, que o *Processo de Vasco Abul* não pode ser posterior ao primeiro semestre do ano de 1511, como já notei; segundo, que em parte andou Camilo muito acertadamente identificando o mestre Gil das trovas com o cirurgião mor, enganou-se porêm quando o confundiu com o outro cirurgião mor, mestre Gil da Costa, e quando supôs haver na rúbrica do *Cancioneiro*, «Ajuda do mestre Gil», qualquer gracejo [6], aquela fórmula é muito repetida e poucas folhas atrás aparece uma «ajuda do Conde do Vimioso» a qual não envolve certamente nenhuma alusão jocosa. Muito maior êrro porêm, no qual todavia já bastantes têem incorrido, é confundir Gil Vicente com o mestre Gil.

Parece sina dos Gis dêsses tempos prestarem-se a confusões; e, já agora, assim como lá em cima deixei, me parece, bem identificados os supostos dois Gis Vicentes, quero deixar aqui bem destrinçados os tres mestres Gis que foram cirurgiões mores.

Mestre Gil, o primeiro, sendo criado e cirurgião de Afonso v, teve, em 25 de Outubro de 1448, carta de cirurgião mor do reino, com poder e autoridade de examinar e dar cartas àqueles que achar autos e pertencentes para a dita arte da cirurgia, e licença para trazer consigo, de dia e de noite, três homens com armas curtas para as prisões que lhe forem precisas fazer, e ainda com outros privilégios e cláusulas a seguir especificados numa sorte de regimento do ofício [7]. Não era judeu, porque jurou aos Santos Evangelhos. Por sua morte sucedeu no cargo seu filho, o doutor mestre Fernando, nomeado por carta de 15 de Julho de 1475, confirmada por D. João II em 9 de Fevereiro de 1483 [8]. Ao doutor mestre Fernando seguiu-se o doutor mestre António, a quem foram confirmados os privilégios de cirurgião mor por carta de 17 de Março de 1486 [9]. Era judeu, mas parece que já então, por no diploma vir intitulado cavaleiro da

---

[1] *Cancioneiro geral*, fl. 209, col. 6.

[2] Mestre Gil, «nosso cirurgião mor», tinha de tença 13:663, outro tanto como havia de sua moradia, calçado, cevada, ração e vestearia em casa do Duque de Viseu, e pediu para daqueles dinheiros traspassar 10:000 rs. em sua filha Inês de Faria, moça da câmara da rainha D. Leonor. Outorgado, foi dada à filha carta de padrão daquela quantia, em 15 de Março de 1498 (*Chancelaria de D. Manuel*, liv. 31.º, fl. 63 v.).

[3] Carta de físico a mestre «Sabastiam de Carvalho» passada por mestre Gil «nosso físico e sollorgiam mor» e feita a 17 de Dezembro de 1497 (*Arch. hist. port.*, III, 331).

[4] «Havendo respeito aos serviços de mestre Gil, que Deus perdoe, e assi aos que tem feitos à Senhora Rainha minha irmã», carta de vinte e três moios de pão meado de tença a seu filho Francisco de Faria, «cavaleiro de nossa casa», a qual vagara por morte de seu pai, para começar a receber do S. João que passou, etc. Dada em Lisboa a 16 de Julho de 1511. A seguir outra, a 19, das saboarias de Palmela à viuva do cirurgião mor, Guiomar de Faria (*Chancelaria de D. Manuel*, liv. 8.º, fl. 68).

[5] Carta de cirurgia do mestre Sebastião de Carvalho (*Ibi*, fl. 70 v.).

[6] *Hist. e sentimentalismo*, pag. 20.

[7] Tôrre do Tombo, *Liv. de Extras*, fl. 108 v.

[8] *Chancelaria de D. João II*, liv. 26.º, fl. 88.

[9] *Ibidem*, liv. 10.º, fl. 146 v.

Digitized by Google

casa del Rei, se tinha convertido à fé católica, havendo sido D. João II seu padrinho de baptismo, segundo conta Garcia de Rèsende[1].

Mestre Gil, o segundo, era cirurgião mor em 1497 e morreu em 1511, conforme ficou dito. Dêste, como sucedera ao primeiro, herdou o cargo o filho, o dr. Diogo de Faria, o qual, na qualidade de físico del Rei e cirurgião mor do reino, livrou uma carta de cirurgia em 18 de Setembro de 1513[2]. Era a sua vestearia de cirurgião mor de 4:240 reais anuais e foi-lhe mandada pagar a do ano de 1513 por desembargo de 12 de Outubro[3]. Consta ser filho do mestre Gil porque, por carta de 26 de Agosto de 1514, foi confirmado o traspasse da renda das saboarias de Palmela, que em seu filho o dr. Diogo de Faria, cirurgião mor, fizera Guiomar de Faria[4], a quem, sendo viúva do mestre Gil, aquela renda havia sido doada por uma carta do ano de 1511 já lá acima citada. Poucos anos depois, nos fins do ano de 1518, já estava morto, sendo feita mercê a sua viúva, Francisca Carneira, por carta de 26 de Janeiro de 1519, para ajuda da mantença de seus filhos, da renda das saboarias de Palmela, como a tivera sua sogra e depois seu marido[5].

Mestre Gil, o terceiro, era doutor e, sendo físico de D. Manuel, foi nomeado cirurgião mor por carta de 2 de Dezembro de 1518, para haver o ofício pela maneira por que o tivera o dr. Diogo de Faria, «que se finou», nomeação confirmada por D. João III em 8 de Setembro de 1524. Também jurou aos Santos Evangelhos[6]. Êste é que foi o mestre Gil da Costa.

Destrinçados por esta forma os três cirurgiões mores que tiveram o nome de Gil, continuarei com os dados biográficos de Gil Vicente.

Quando lá acima disse que na noite de 7 de Junho de 1502 se fundara o teatro português, não pretendia por forma nenhuma afirmar não se haverem antes disso apresentado em público produções dramáticas. Já tinhamos, havia muito, os arremedilhos, momos e entremeses, e até nas igrejas, nas ocasiões de festa, eram freqüentes as representações, tanto que por provocarem scenas imorais tiveram de ser proíbidas em várias Constituições diocesanas. Gil Vicente o que fez foi estabelecer a verdadeira representação dramática, vasando-a em moldes originais, seus próprios[7].

Auto pastoril castelhano.

Ainda no mesmo ano pelas matinas do Natal representou na côrte perante os régios personagens o *Auto pastoril castelhano,* que lhe fôra encomendado pela rainha D. Leonor ao terminar a recitação do monólogo do *Vaqueiro*[8]. Agora, ao findar o auto, «a dita senhora Raynha muyto satisfeyta desta pobre cousa, pedio ao autor que pera dia dos Reys logo seguinte lhe fizesse outra obra[9].» Compôs então, nêsses poucos dias, o *Auto dos Reys Magos,* o qual «acaba em breve, porque nam ouve espaço pera mais»[10].

Auto dos Reis Magos.

---

[1] *Vida de D. João II*, cap. 90.
[2] *Chancelaria de D. Manuel*, liv. 42.º, fl. 104 v.
[3] Tôrre do Tombo, *Corpo cronológico*, parte II, maç. 42, doc. 144.
[4] *Chancelaria de D. Manuel*, liv. 15.º, fl. 163.
[5] Tôrre do Tombo, liv. 7.º de *Odiana*, fl. 231.
[6] *Chancelaria de D. João III*, liv. 39.º de *Doações*, fl. 80.
[7] VISCONDE DE OUGUELA, *Gil Vicente*, pags. 34, 54 e 56.
[8] *Copilaçam de todalas obras de Gil Vicente*, fl. 2.
[9] *Ibidem*, fl. 5 v.
[10] *Ibidem*, fl. 7 v.

Digitized by Google

O poeta estava revelado, aproxima-se o tempo em que a mais esplêndida obra do ourives ia ser começada a lavrar.

Custódia de Belêm.

Em Setembro ou Novembro de 1503 aportou D. Vasco da Gama a Lisboa de volta da sua segunda viagem à Índia, trazendo nos cofres da nau os mil e quinhentos miticais de oiro das páreas extorquidas por desumanos processos ao régulo de Quiloa. Ao receber êste oiro entregou-o D. Manuel a Gil Vicente para dêle fazer uma custódia destinada ao mosteiro de Belêm. Valia o mitical nêsses tempos quinhentos reais[1]; correspondia portanto o oiro dos mil e quinhentos miticais a 29 marcos, 5 onças, 6 oitavas e 6 grãos, aproximadamente o pêso da custódia, que é de 29 a 30 marcos[2].

Foi apresentada ao público na Exposição retrospectiva de Arte ornamental realizada em Lisboa no ano de 1882. Transcreverei aqui a descrição que da custódia escreveu então o dr. Augusto Felipe Simões, secretário da comissão executiva da referida Exposição, e darei já a nova, para todos tão grata, de que em apenso a êste artigo se dignará o sr. Joaquim de Vasconcelos, o mais notável dos nossos críticos de Arte, publicar um estudo completo sôbre a obra prima da nossa ourivesaria, acompanhado de várias estampas. Diz Felipe Simões:

«Entre esta cruz e outra de que mais adiante fallarei está a custodia de Belem, o mais admiravel dos monumentos da ourivesaria portugueza. Em nenhuma outra obra d'este genero se reproduziu com tanto primor a phantasia, o arrojo, a esbelta elegancia e maravilhosa delicadeza do estylo ogival, pela difficuldade de reduzir no ouro ou na prata as fórmas dos elementos architectonicos das grandes cathedraes de pedra.

«O auctor da custodia de Belem fez este milagre da arte, e deu á sua obra uma apparencia verdadeiramente phantastica e maravilhosa. O genio nacional, as idéas que exaltavam o caracter portuguez no seculo XVI, as inspirações que os artistas recebiam do Oriente patenteiam-se na obra de Gil Vicente, como em Thomar, em Belem, ou nos Lusiadas.

«Compõe-se a custodia de quatro partes: base, haste, relicario e cupula.

«No bordo inferior da base lê-se o seguinte em caracteres de esmalte branco:

O MVITO ALTO PRINCIPE E PODEROSO SENHOR
REI DOM MANVEL I.
A MANDOV FAZER DO OVRO I. DAS PARIAS DE QUILVA
AQUABOV E. CCCCCVI.[3]

«A superficie da base é distribuida em seis gomos adornados com aves, buzios e flôres esmaltadas e em alto relevo.

«Formam a haste dois corpos hexagonos, fenestrados, ligados pelo nó tambem hexagono, muito volumoso e proeminente; em cada uma das seis faces, entre dois columnellos, a esphera armillar. Estes columnellos são uma transformação ou derivação das torrinhas que adornam as partes correspondentes de algumas alfaias do seculo XV...

---

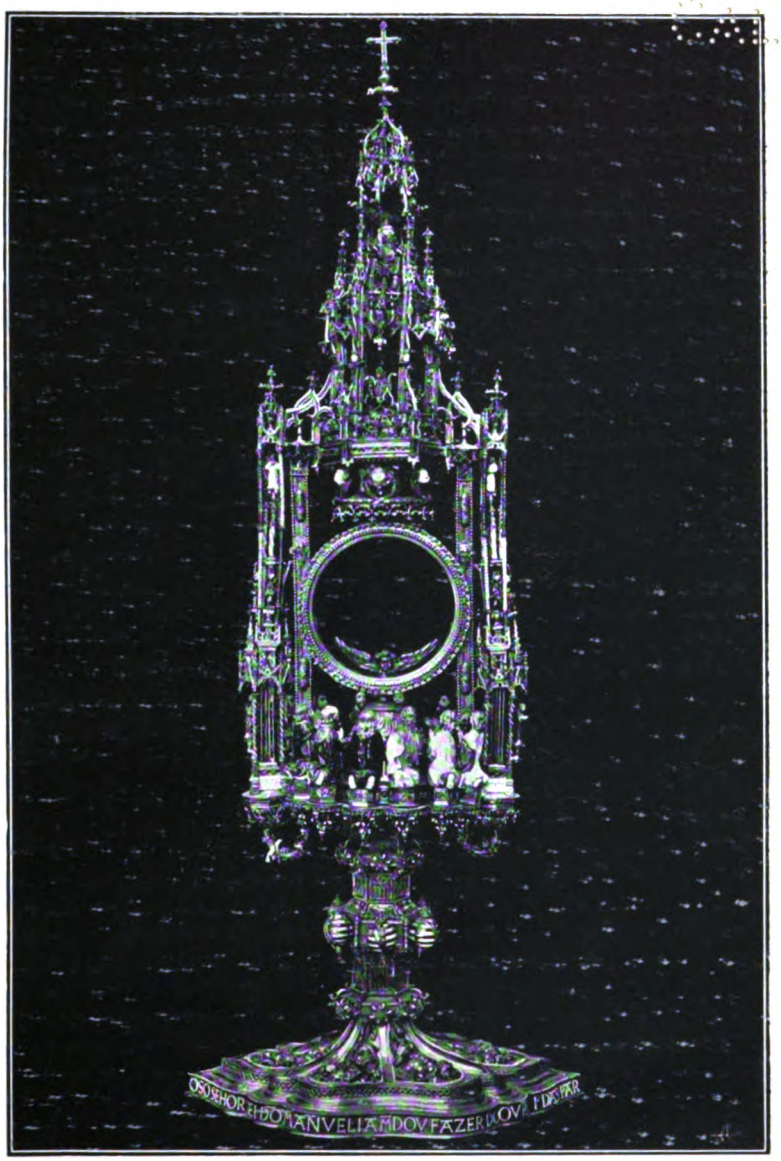
[1] Carta de quitação de 8 de Janeiro de 1511 dada ao Feitor de Çofala dos dois anos de 1505 e 1506 (*Arch. hist. port.*, IV, pag. 441, n.º 470).

[2] TEIXEIRA DE ARAGÃO, *Vasco da Gama e a Vidigueira*, ed. de 1898, pags. 112 e 114.

[3] Conforme a leitura de TEIXEIRA DE ARAGÃO, *Vasco da Gama*, cit., pag. 111.

Digitized by Google

UNIV. OF CALIFORNIA



Digitized by Google

UNIV. OF
CALIFORNIA

Digitized by Google

«Sobre a haste ergue-se o grande corpo architectonico que contém o relicario, e cuja base é, na face inferior, adornada de rendilhados e de festões. Doze modilhões de fórma pyramidal, com os vertices para baixo, guarnecem adiante e atraz a circumferencia da base. Sobre cada um d'elles, n'um plintho hexagono, está de joelhos a estatueta de um apostolo.

«Querendo evitar a monotonia que offereceriam doze figuras de joelhos, o artista variou por extremo as fórmas, as côres e os pannejamentos das vestes, e tambem as cabeças, fazendo umas calvas, outras com cabellos, doirados todos, mas diversamente annellados.

«Sobre a base do relicario erguem-se duas columnas quadrangulares, entre as quaes está fixada a caixa circular com vidros para conter a hostia.

«Exteriormente reveste cada uma das columnas um corpo de grande altura, formado de peças delicadissimas. Em baixo nichos com anjos cobertos com baldaquinos, sobre os quaes se levantam altos columnellos, ornados de espiraes e sustendo outros anjos e baldaquinos. Os ornatos cada vez se tornam mais delicados, de baixo para cima, até chegarem a parecer quasi microscopicos.

«A cupula articula-se com as columnas e corpos lateraes, baixando na parte media até ao nivel superior do hostiario, ao qual fórma uma como corôa, guarnecida de rendilhados e ornada com seis seraphins n'outros tantos medalhões.

«A cupula propriamente dita, que se eleva acima d'esta especie de corôa, compõe-se de tres corpos de arcarias, rendilhados, anjos e baldaquinos, ligados entre si por columnellos encimados por corocheus. Por baixo do corpo superior está o busto do Padre Eterno, coroado, com a esphera do mundo e a cruz n'uma das mãos, e abençoando com a outra. Uma cruz serve de remate superior a toda a obra [1].»

Cruz de Belêm.

Outros artefactos de ourivesaria produziu Gil Vicente, apesar de não ser o único ourives notável do seu tempo e nem mesmo o preferido para aqueles trabalhos, como provam vários documentos; não obstante é indubitável, dado o breve espaço de três anos consumido com a feitura da custódia, haver êle tido oficina sua com oficiais hábeis para o auxiliarem no seu lavor [2]; facto aliás confirmado pelos dizeres do alvará de 15 de Fevereiro de 1509 já citado [3]. Há notícia dos dois cálices deixados pela rainha D. Leonor ao mosteiro da Madre de Deus, aos quais já me referi lá muito acima, e ainda de uma cruz grande que estava no tesouro de D. Manuel e por êle foi legada ao convento de Belêm [4]. Desta cruz não encontro vestígios, apesar de ao tempo em que o Venturoso assinou o seu testamento ela estar ainda no seu tesouro. Na carta de quitação dada em 3 de Agosto de 1510 ao recebedor do referido tesouro, relativa aos anos de 1507 a 1509, entre os objectos de oiro, um dos quais uma custódia, não aparece

---

[1] A. Filippe Simões, *A Exposição retrospectiva de Arte ornamental portugueza e hespanhola em Lisboa. Cartas ao Redactor do «Correio da Noite»*. Lisboa, 1882, pag. 38 e segs.

[2] Brito Rebêlo, *A custodia do convento dos Jeronimos*, no Occidente, vol. III, pag. 178.

[3] Doc. I.

[4] «Iteem mamdo que se dee ao moesteiro de nosa senora de beleem A custodia que ffez gil vicemte pera a dita casa E a cruz gramde que estaa em meu tysouro que fez o dito gill vicemte e asy as bryuias escpritas de pena que amdam em minha gardaroupa as quaes sam garnecidas de prata e cubertas de veludo cremesim.» — Testamento de D. Manuel feito no mosteiro de Pera Longa a 7 de Abril de 1517 (Tôrre do Tombo, *Gaveta 16*, mac. 2, n.º 2).

Digitized by Google

nenhuma cruz, e entre os de prata é que se encontra uma[1]; na outra carta dada ao mesmo recebedor em 15 de Julho de 1516, abrangendo o período decorrido de 22 de Agosto de 1510 a 27 de Março de 1515, deu êle conta: «de costodias de ouro, 1, muito rica», e de uma cruz simples de prata[2]; finalmente, na terceira carta dada ao mesmo Miguel Nunes, em 13 de Setembro de 1522, de quitação da sua gerência de 1 de Julho de 1516 a 24 de Setembro de 1519, continua a inscrever-se a custódia, e as cruzes passaram a ser quatro[3]. Se me virar para a guarda-roupa encontrarei apontadas duas cruzes de oiro e uma de prata, na carta de quitação de 23 de Abril de 1499 dada a Fernão Lopes Correia[4], continuando as de oiro a lá estar quando D. Manuel morreu, como consta da carta de quitação dada a Pero Carvalho do que recebeu na guarda-roupa desde 19 de Dezembro de 1520 a 21 de Novembro de 1521[5]; se procurar no inventário dela, feito em 1522, apenas verei esta verba: «Item mais huũa cruz douro esmaltada de branco e roxicre que pesou huũa oytava e vymte e çimquo graãos[6]». Esta, evidentemente, não é a «cruz grande que está em meu tysouro» nem nenhuma das outras mencionadas, me parece.

Note-se todavia que, tendo o referido inventário mais de 308 folhas, só encontrei e publiquei 94, sabendo pela *Tavoada* que nas restantes se descreviam os objectos existentes na Casa da Mina, na Alfândega e no Tesouro Rial. Talvez entre êles estivesse a cruz. Na Casa da Mina sei da existência de uma cruz de prata, «grande, dourada e esmaltada em partes, que pesou 60 marcos»; já lá estava porêm antes de Abril de 1497[7], o que parece excluir a probabilidade de ser a lavrada por Gil Vicente. Ribeiro Guimarães supôs existir esta em 1873 na Casa da Moeda, para onde viera do mosteiro de Belêm, e mais adiante descreveu-a[8]. Esta cruz guarda-se hoje no Museu de Arte Antiga, com o n.º 151 do inventário da secção de ourivesaria, e não pode ser a mencionada no testamento de D. Manuel[9].

Entre nós, e mais ou menos em toda a parte, os homens notáveis encontram mais detractores que admiradores e Gil Vicente não escapou à regra. Em vida disputaram-lhe a originalidade dos seus autos, como veremos na rúbrica da *Farsa de Inês Pereira;* depois de morto ainda o querem privar de parte da sua glória artística. Será agora a minha tarefa reivindicar-lha inteira.

Vilhena Barbosa, referindo-se à custódia de Belêm, escreveu com muita leviandade: «Aquella custodia foi feita por Gil Vicente, portuguez, famoso ourives de Lisboa. A este eminente artista cabem sómente as honras da execução... As honras da invenção pertencem, porém, a outro nosso compatriota, que juntou ao titulo de distincto escriptor o de insigne desenhador. O nome de Garcia de Rezende é tão celebre na litteratura nacional pela sua *Chronica del-rei D. João II*,

---

1 *Arch. hist. port.* vol. IV, pag. 474, n.º 492.
2 *Ibidem*, pag. 475, n.º 493.
3 *Ibidem*, vol. VIII, pag. 402, n.º 647.
4 *Ibidem*, vol. II, pag. 238, n.º 219.
5 *Ibidem*, vol. IX, pag. 453, n.º 719.
6 *Inventario da Guarda-roupa de D. Manuel* in ARCH. HIST. PORT., II, 387.
7 *Arch. hist. port.* IV, pag. 285, n.º 449
8 *Summario de varia historia*, III, pags. 31 e 60.
9 Joaquim de Vasconcellos, *Arte Religiosa em Portugal*, fasciculo 13 e respectiva estampa.

Digitized by Google

como na historia das bellas artes em Portugal pelos esbeltos e formosos desenhos *que fez e foram executados*, na fabrica da torre de S. Vicente de Belem, e da custodia de oiro que foi do visinho mosteiro dos monges de S. Jeronymo. Traçou o primeiro d'aquelles desenhos por ordem del-rei D. João II, a quem a morte não deu tempo para que o visse convertido na obra que hoje admiramos. Delineou o segundo por encommenda del-rei D. Manuel[1].»

Onde êste muito distinto arqueólogo foi buscar a segunda destas informações, não sei, mas tem de certo tão pouco fundamento como a primeira derivada da incompleta e incompreendida leitura de um trecho de Garcia de Rèsende. E o pior é que atrás de Vilhena Barbosa foram outros conscienciosos escritores: Teixeira de Aragão[2], Brito Rebêlo[3], e até Sousa Viterbo se ía deixando levar na corrente[4].

O tal trecho de Rèsende é como segue: «E assi mandou [D. João II] fazer entã a torre de Cascaes cõ sua cava cõ tanta e tã grossa artelharia que defendia o porto. E assi outra torre e baluarte de Caparica defrõte de Belem em que estava muita e grãde artelharia: e tinha ordenado de fazer hũa *forte fortaleza* onde ora está ha *fermosa torre* de Belẽ que el rey dõ Manoel que sãta gloria aja mãdou fazer: pera que a fortaleza de hũa parte e a torre [de Caparica] da outra tolhessẽ a entrada do rio. A qual *fortaleza* eu per seu mãdado debuxey e cõ elle ordeney aa sua võtade: e ele tinha já dada a capitania della a Alvoro da Cunha seu estribeiro mor e pessoa de que muito confiava: e porque elrey logo faleceu nã ouve tempo para se fazer[5]».

Garcia de Rèsende fez o desenho para a *forte fortaleza*, que, devido á morte de D. João II, se não chegou a construir, e no lugar onde se havia de levantar estava, já quando o cronista escreveu, a *fermosa torre* mandada fazer por D. Manuel. O desenho da *forte fortaleza* é que foi de Rèsende e não se executou nunca; o da *fermosa torre*, que ainda hoje lá vemos, tôda enfarruscada para nossa vergonha, é provávelmente do mestre Boutaca. Quanto a ter o cronista dado o desenho para a custódia nem sequer a má interpretação de um texto pode ter por fundamento, porque na realidade não tem nenhum.

Em quanto trabalhava na custódia não se encontram vestígios de haver Gil Vicente composto nenhum auto novo de vulto: o cinzel cortou os bicos à pena. Sei bem que todos os biógrafos marcam para a representação do *Auto da Sibila Cassandra* o Natal de um dos anos de 1503 a 1505, levados a indicar esta data pela falta absoluta de ponderado critério (desculpem-me, mas é verdade) com que apreciaram a rúbrica inicial e as seguintes das obras de Gil Vicente. Lá adiante, quando apresentar o catálogo delas, seria talvez ocasião mais adequada para deixar êste ponto elucidado; não obstante prefiro resolvê-lo já.

No prólogo do livro terceiro da *Copilaçam das obras de Gil Vicente*, da ed. de 1586, no verso da folha 150, marcada por êrro 105, diz o autor, dirigindo-se a D. João III: «Como quiera (excellente Principe y Rey muy poderoso)

---

[1] *A Exposição retrospectiva portugueza em Paris*, in ARCHIVO PITTORESCO, X, 184.

[2] *Vasco da Gama e a Vidigueira*, ed. de 1898, pag. 109-110, e no *Catalogo da Exposição retrospectiva da Arte ornamental*, sala G, pag. 127.

[3] *A custódia dos Jeronimos*, já cit., pag. 135 do III vol. do OCCIDENTE.

[4] *Dicc. dos architectos*, II, 362.

[5] *Livro das obras de Garcia de Resende. Vida... delRei dom João o segundo*, cap. 180, fl. 109 v.

Digitized by Google

que las Comedias, farças, y moralidades que he compuesto en servicio dela Reyna vuestra tia, etc.» Esta declaração é perfeitamente exacta: as peças foram feitas em obséquio a D. Leonor, para o confirmar basta ter a paciência de pôr por ordem as rúbricas dos primeiros autos, para nos convencermos da falta dalgumas palavras na primeira delas. Vejamos:

1.ª) *Visitação.* — «Por quanto a obra de devaçam seguinte procedeo de hũa visitaçam que o autor fez ao parto da muyto esclarecida raynha dona Maria, e nacimento do muyto alto e excelente principe dom Ioam o terceyro em Portugal deste nome. Se põe aqui primeyramente a dita visitaçam por ser a primeyra cousa que o autor fez, e em Portugal se representou estãdo o muy poderoso rey dom Manoel e a raynha dona *Lianor sua irmaã, e a iffante dona* Breytiz sua mãy, e a senhora Duqueza de Bragãça sua filha, na segunda noyte do nacimento do dito senhor.» (*fl. 1 v. da primeira ed., é claro.*) — As palavras em itálico são as que por um salto na composição deixaram de ser impressas. — No fim do monólogo lê-se: «E por ser cousa nova em Portugal, gostou tanto a Raynha velha desta representaçam, que pedio ao autor que isto mesmo lhe representasse às matinas do Natal, enderençado ao nacimento do Redemptor. E porque a substancia era muy desviada, em lugar disto fez a seguinte obra.» (*fl. 2.*)

2.ª) *Auto pastoril castelhano* — Não tem rúbrica. (*fl. 2 a 5.*)

3.ª) *Auto dos Reis Magos* — «A dita senhora Raynha muyto satisfeyta desta pobre cousa (*o auto antecedente*), pedio ao autor que pera dia dos Reys logo seguinte lhe fizesse outra obra. E fez a seguinte, cuja introduçam he, que hum pastor, etc.» (*fl. 5 v.*) — No fecho diz: «... E acaba em breve, porque nam ouve espaço pera mais.» (*fl. 7 v.*)

4.ª) *Auto da Sibila Cassandra* — «A obra seguinte foy representada aa dita Senhora no mosteyro Dẽxobregas nas matinas do Natal.» (*fl. 8 a 13.*)

5.ª) *Auto da Fé* — «A seguinte representação foy representada em Almeyrim, ao muy poderoso Rey dom Manoel.» (*fl. 13 v. a 15 v.*)

6.ª) *Auto dos Quatro tempos* — «Esta seguinte obra se chama dos quatro tempos, foy representada ao muy nobre e prospero Rey dom Manoel na cidade de Lisboa, nos paços Dalcaceva na capella de sam Miguel, per mandado da *sobredita senhora sua yrmaã* nas matinas do Natal.» (fl. 15 v.)

Querem-no mais claro? A *sobredita senhora sua irmã* é *a dita Senhora* do 4.º auto, é a *dita senhora rainha* do 3.º, é a *Rainha velha* para quem se fez o 2.º, é, finalmente, a *rainha D. Leonor*, que por omissão do tipógrafo deixou de aparecer na rúbrica do 1.º monólogo.

Além disso, como queriam que o *Auto da Sibila Cassandra* fosse representado á infanta D. Beatriz, no mosteiro *Dẽxobregas,* o da Madre de Deus, que só foi fundado em 1509 [1], tendo a Infanta falecido em Setembro de 1506? A não ser que admitissem ter ela ido comer a consoada do Natal com os Franciscanos do próximo convento de Santa Maria de Jesus.

Já por esta falta tinha dado a Senhora D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos e pena foi que o não dissesse por claro, para me poupar a demonstração. Escreveu a venerada professora: «Há nêles (nos pontos essenciais das *didascálias*)

---

[1] Fr. Jerónimo de Belem, *Chronica serafica*, III, pags. 3 e 4.

Digitized by Google

êrros cronológicos... e às vezes lapsos. Um, que foi fatal, relativo à Raínha D. Leonor, deturpou a cota que precede o *Monologo do Vaqueiro*» [1]. Ao alto critério desta distintissima escritora, a quem as letras e a história da literatura portuguesa tanto devem, não podia escapar o lapso na rúbrica.

Naqueles tempos de feroz pragmática uma infanta decorada com o título de rainha! E tem sido acreditado por espíritos ponderados!

Ainda há mais obras de Gil Vicente que se supõem representadas entre 1503 e 1506. São o *Auto de S. Martinho*, o *Auto dos quatro tempos* e a farsa *Quem tem farelos*.

O auto dos *Quatro tempos*, representado em Lisboa nas matinas de um Natal, presume o general Brito Rebêlo que tivesse sido no do ano de 1504 [2]; não é porêm possível tal presunção, porque poucos dias antes chegara à côrte a notícia da morte de Isabel, a Católica, sogra de D. Manuel, falecida a 26 de Novembro. O dr. Teófilo Braga marca o ano de 1505 para a representação do auto [3], mas também não pode ser, porque o Natal dêsse ano foi passado em Almeirim, onde a côrte estava desde fins do mês d'Outubro [4].

A farsa *Quem tem farelos*, a qual, segundo a rúbrica, foi representada em Lisboa a D. Manuel, «nos paços da ribeyra. Era do senhor de M. D. V. Annos», também não pode ter sido representada naqueles paços no ano indicado, porque êles ainda em 1505 não estavam habitados pela família rial [5], que em Outubro dêsse ano, fugindo da peste, se retirou para Almeirim, d'aí para Abrantes, Setúbal, Tomar, Coímbra, etc, só voltando com permanência para Lisboa, mas para o paço de Santos, no mês de Fevereiro de 1511 [6].

Fica apenas, para ser representado no referido período, o *Auto de S. Martinho*, que o foi à «rainha dona Lianor, na ygreja das Caldas, na prossissam de Corpus Christi... Era de mil quinhentos e quatro» *(fl. 84 v.)*, se a rúbrica está certa. Certo porêm seguramente está o fêcho que nos diz: «nam foy mais porque foy pedida muyto tarde» *(fl. 87)*. Na realidade é uma muito breve composição. *Auto de S. Martinho.*

Em Outubro de 1505, como acima ficou dito, saíu a côrte de Lisboa fugindo à peste, e dirigiu-se a Almeirim, onde permaneceu uns meses; estava porêm, continuando a defender-se do contágio, em Abrantes já a 14 de Fevereiro do ano seguinte, isto é, D. Manuel com a sua família e algumas das suas dependências, porque muitas das repartições, chamemos-lhe assim, instalaram-se na próxima vila de Punhete [7]. A 3 de Março nasceu o infante D. Luís e nessa noite recitou Gil Vicente um «Sermam feyto aa Christianissima Raynha dona Lianor, e preegado em Abrantes ao muyto nobre Rey dom Manoel... na noyte do nacimento do... Iffante dõ Luis. Era do Senhor de M. D. VI.» *(fl. 251.)* *Sermão.*

No *Sermão* aparecem uns versos que não sei como não foram ainda apro-

---

[1] *Notas Vicentinas*, pag. 76 da separata, nota 61.
[2] *Gil Vicente*, ed. de 1902, pag. 119, e pag. 189 da ed. de 1912.
[3] *Gil Vicente*, pag. 154; *Hist. da Literatura*, II, 56.
[4] *Corpo cronológico*, passim.
[5] JÚLIO DE CASTILHO, *A Ribeira de Lisboa*, pag. 244.
[6] *Corpo cronológico*, passim.
[7] *Ibidem*.

Digitized by Google

veitados, pelos que se fundam em tais bagatelas para traçarem biografias, como indicação do poeta haver recebido ordens sacras, pois que êle declara

> Juro a las ordenes que recebi
> y al sacramiento que oy celebré, *(fl. 252, col. 2.)*

e até que fôra clérigo regular,

> ya os juro, señores, neste habito mio. *(fl. 252, col. 3.)*

A custódia tem a data de 1506, vê-se pois que o trabalho principal dela, o que mais dependia do génio criador do artista, a escultura, devia estar, senão concluido, muito adiantado nos princípios do ano, permitindo a Gil Vicente o acompanhar a côrte, a não ser, e é o mais provável, que êle, retirando também diante da peste, tivesse, acompanhado dos seus oficiais, saído de Lisboa com a côrte. Não se repute fantasia esta transferência da oficina dum lado para outro, antes se creia muito plausível. O Rei levava atrás de si tudo quanto operava dentro da sua órbita. Reparem os incrédulos para a última folha do *Cancioneiro* de Rèsende e nela lerão: «Começouse em Almeyrym e acabouse na... çidade de Lixboa. Per Hermã de Cãpos alemã bõbardeyro delrey nosso senhor e empremjdor. Aos xxviij. dias de setẽbro... de mil e quynhentos e xvi anos.» Ora, assim como a oficina do impressor, na primavera de 1516, recolheu de Almeirim a Lisboa, porquê, no outono de 1505, não havia de seguir da cidade para a vila a oficina do ourives? O transporte desta não era certamente mais dificultoso, nem mais dispendioso, que o da outra, pelo contrário.

Obras dramáticas por êstes tempos afirma-se na rúbrica haver Gil Vicente composto uma, o *Auto da Alma*, feito à rainha D. Leonor e representado por seu mandado a D. Manuel «na cidade de Lisboa, nos paços da ribeyra, em a noyte de endoenças. Era do Senhor de M. D. & viij.» *(fl. 38)* Ora esta data, em virtude do que já lá acima expus, não pode estar certa, porque em Abril de 1508 estava D. Manuel fora da capital, na Chamusca [1]; suponho pois haver gralha na rúbrica e em vez de M. D. & viij (1508) se deva ler M. D. xviij (1518), não só porque em Abril dêsse ano D. Manuel assistia em Lisboa e residia nos paços da Ribeira, mas também porque é estranho o uso da conjunção & dentro de números escritos por aquela forma. Deixarei porêm esta averiguação lá mais para diante e aqui continuarei com os dados biográficos doutra espécie.

Em 1506, quando Gil Vicente prègou o *Sermão*, já eram nascidos os dois filhos que consta êle haver tido de sua primeira mulher, Branca Bezerra, os quais foram Gaspar Vicente e Belchior Vicente. O primeiro deve ter vindo ao mundo pelos anos de 1486 a 1488 e o segundo pelos de 1505 a 1506; a ambos êles me tornarei a referir. Quanto à existência de um terceiro a quem, seguindo uma costumeira antiga, seria posto o nome de Baltasar, se existiu, o que é muito duvidoso, não há dêle mais notícias [2].

Certo é ter Gil Vicente, por alvará de 15 de Fevereiro de 1509, tornando

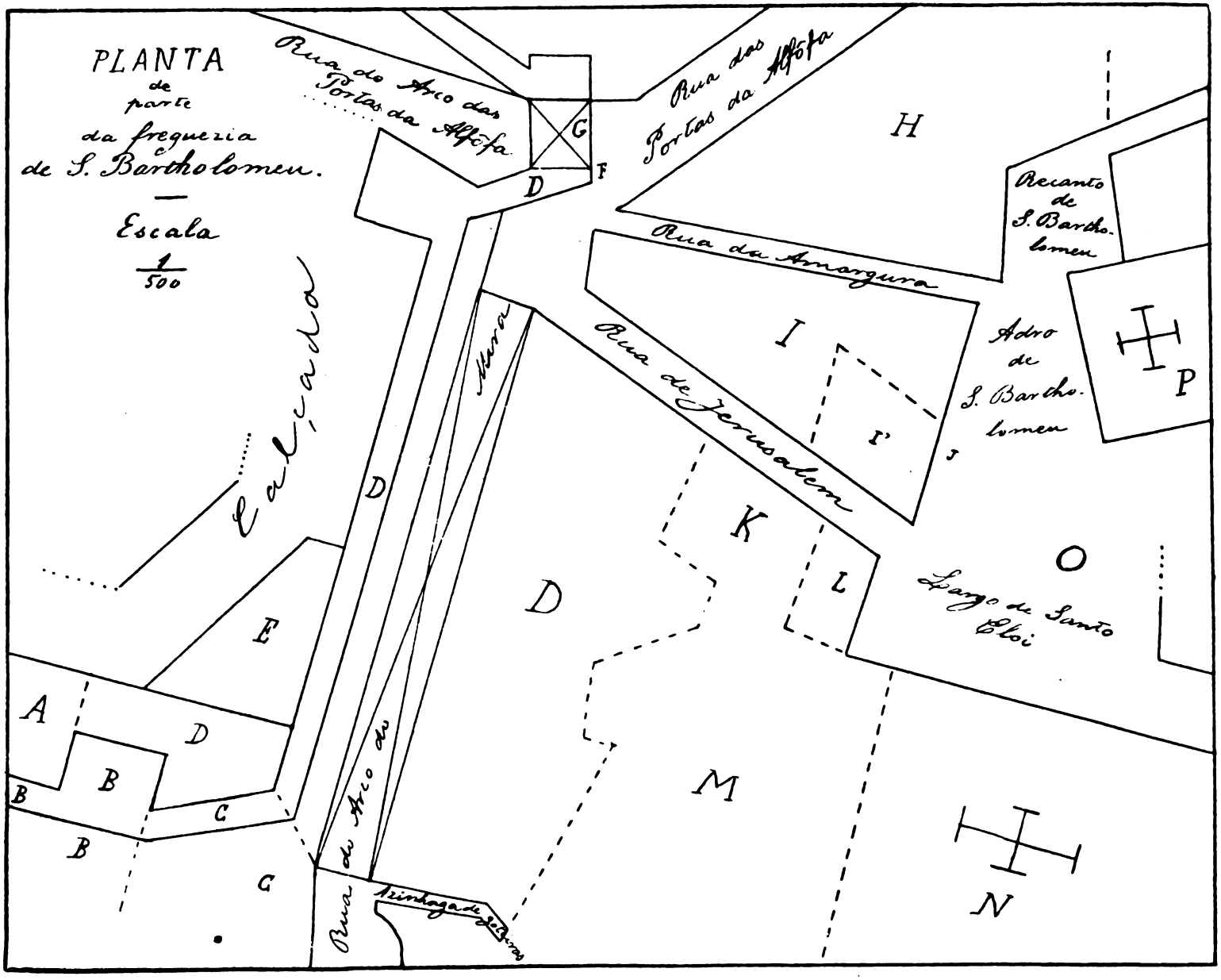
---

[1] *Corpo cronológico*, passim.
[2] Brito Rebêlo, *Gil Vicente*, ed. de 1912, pags. 12 e 128.

Digitized by Google

UNIV. OF
CALIFORNIA

Digitized by Google



EXPLICAÇÕES Á PLANTA: — O norte fica na parte superior. — *A*, casas de Denis Eanes, clérigo. — *B*, muro da cêrca moira, tôrre e casas de D. João de Abranches. — *C*, muro e casás da Sé... — *D*, quintal, muro e casas de Antão de Faria. — *E*, chão onde depois de 1563 se fundou a ermida de S. Crispim. — *F*, sítio onde haviam de ser as casas pequenas feitas por Pero da Alcáçova... — *G*, porta da Alfôfa. — *H*, sítio provável das casas dos Fonsecas no XVI século, onde depois, em 1771, existia uma grande propriedade do conde de Bobadela. — *I*, paços da rainha D. Leonor. — *I'* casas de Inês Vaz por baixo dos paços da Rainha... — *J*, sítio provável de umas casas mandadas derrubar por D. Manuel para as de sua irmã ficarem em terreiro. — *K*, sítio das casas onde, ao tempo em que a Rainha fez o seu testamento, vivia Gil Vicente, o ourives trovador. — *L*, casas pertencentes ao convento de Santo Eloi. — *M*, convento de Santo Eloi. — *N*, igreja de Santo Eloi. — *O*, sítio onde existia o hospital de Santo Eutrópio. — *P*, igreja de S. Bartolomeu.

Digitized by Google

a encadear a série cronológica, sido nomeado «vedor de todas as obras que mandarmos fazer ou se fizerem, de ouro e prata, pera o nosso convento de Tomar, hospital de Todolos Santos e mosteiro de Nossa Senhora de Belem». O exímio artista era nêsse tempo «orivez da senhora Rainha minha irmãa», D. Leonor, e pelo alvará foi determinado, que todas as obras para as ditas casas encomendadas, quer por mandado régio, quer por deliberação dos administradores delas, se façam pelo dito Gil Vicente ou pelos oficiais, que êle para êste fim ordenar, se as não quiser êle mesmo executar. Determina-se mais que as peças, não lavradas por êle nem na sua casa, as veja e examine se vão na perfeição devida e ainda as avalie, se necessário fôr. Finalmente, ordena aos priores de Tomar e de Belêm e ao provedor do hospital, que reconheçam a Gil Vicente por oficial e vedor das ditas obras e das ditas casas, lhe dêem e façam dar toda a prata e oiro para êle lavrar e tudo executem com seu acôrdo e conselho [1].

Dêste diploma colhe-se a certeza, como já lá acima notei, de haver tido Gil Vicente oficina de ourives em sua casa, que já talvez fosse na rua de Jerusalêm, defronte e pertença dos paços da rainha D. Leonor, situados entre aquela rua e a da Amargura, como se vê na planta em frente, onde as casas cedidas por aquela senhora ao seu ourives eram no sítio marcado com a letra K [2]. Em 1509 já a Rainha possuia os paços, pois que antes de adquirir, naquele ano, as casas e horta em Xabregas, onde edificou o mosteiro da Madre de Deus, se propusera, no ano anterior, a fundá-lo num palácio que possuia em Lisboa «entre a Igreja de Santo Eloy de Conegos Seculares de S. João Evangelista, e a Parochia de S. Bartholomeu [3].» Consta haver Gil Vicente morado em casas dadas por D. Leonor para sua habitação, de uma verba do seu testamento: «Mando que todas as outras casas que mandei comprar, que estão de redor das casas sobreditas em que vivo em Lisboa, assim como são as que estão de baixo do eirado, e as que estão de sob a Casa de Jerusalêm, com todalas outras que estão ao longo da rua que vai para onde vive João da Fonseca, e as em que vivia Gil Vicente que estão da outra parte, todas se vendam, etc.» [4] Fosse porêm já nestas casas, como é provável, ou noutras, o certo é ter tido nelas Gil Vicente oficina de ourives. Também é certo não existirem vestígios dos paços da rainha D. Leonor nem das casas de roda dêles. Os paços tomavam aproximadamente metade do actual largo dos Loios, desde a esquina ocidental da rua de S. Bartolomeu, passando em frente da desembocadura da rua da Saudade, e ocupavam ainda uma parte do chão dos prédios que deitam para o lado norte do largo dos Loios, desde a esquina oriental da rua de S. Bartolomeu [5]. Nêste sitio eram pois os paços da rainha D. Leonor e não na casa da rua de Santiago, onde o autor da *Lisboa antiga* os colocou [6], engano por êle próprio nobremente reconhecido [7],

---

[1] Doc. I.

[2] *Critica e historia*, já cit., pags. 350 a 358, onde aponto os documentos que me guiaram para poder traçar a planta.

[3] Fr. Jerónimo de Belem, *Chronica serafica, III, 2.*

[4] *Critica e historia*, cit., pag. 354.

[5] *Ibidem*, pag. 357.

[6] Parte II, tom. VII, pags. 54 e sgs.

[7] Em uma carta publicada no Jornal do Commercio de 8 de Julho de 1902 e transcrita na cit. *Critica e historia*, pag. 357.

Digitized by Google

o que não impede de ainda hoje haver quem teime em não os deslocar de um edificio evidentemente muito mais moderno, do século XVII.

A nomeação de Gil Vicente para vedor das obras de oiro e prata destinadas às três principais fundações em que D. Manuel prosseguia com empenho, é a primeira manifestação documental da protecção dispensada pela rainha D. Leonor ao seu trovador lavrante, e aqui, antes de continuar, será ocasião oportuna de levantar o conceito, deprimente para o caracter daquele homem extraordinário, enunciado pelo Visconde de Ouguela.

Condensa êste autor, depois de várias referências [1], a sua opinião sôbre o aspecto moral de Gil Vicente, dizendo: «Era reputado um truão, um bobo do palco, e por isso escapou á sorte que teve Damião de Goes e o auctor do *Palmeirim de Inglaterra.*» [2] Perdão! mas isto não é exacto, bem como também não o é que o poeta fosse «oriundo de familia fidalga [3].» Nem tanto ao mar, nem tanto à terra. É evidente que Gil Vicente não era tratado em pé de igualdade, muito longe disso, pelos fidalgos da côrte; é provável que nem mesmo privasse de mano a mano com os cortesãos nobres de segunda e terceira ordem que frequentavam a Garcia de Rèsende, mas d'aqui a ser tido por um jogral, um truão, um bobo, um folião, um bufão da côrte, como o classifica o Visconde de Ouguela, vai um abismo.

A um truão não se cometia a vèdoria dos artefactos de oiro e prata que a Gil Vicente por D. Manuel fôra confiada; não se nomeava em 1513 mestre interino da balança da Casa da Moeda de Lisboa; não se elegia procurador dos mesteres junto da vereação da mesma cidade, com assento na câmara; não se encarregava de dirigir as festas de uma entrada régia na capital; não se atendia, como fizeram os Frades de Santarêm em 1531, quando os desviou de provocarem distúrbios fundados no terremoto dêsse ano. Não, para um bobo nada disto seria admissível. Tinha a língua sôlta, não há dúvida; nos seus autos dirigia-se aos cortesãos com gracejos de certo pesados às vezes, assim como atirava merecidas e ásperas censuras ao clero imoral, também é indubitável; tudo isso lhe traria inimisades, despresos, ódios até. Tudo é certo e tudo transparece, não só no caso que provocou a composição da farsa de *Inês Pereira* [4], mas até na caluniosa suposição, ainda rastejante em 1646, mais dum século depois da morte de Gil Vicente, e propalada por Faria e Sousa [5]. É verdade, mas nêsses ódios havia qualquer coisa de elevado, incompatível com o jogral.

---

[1] VISCONDE DE OUGUELA, *Gil Vicente*, pags. 67, 68, 69, 71 e 75.

[2] *Ibidem*, pag. 101.

[3] *Ibidem*, pag. 81.

[4] «O seu argumento he, que por quanto dovidavam certos homẽs de bom saber se o autor fazia de si mesmo estas obras, ou se as furtava de outros autores...» Rúbrica do *Auto de Inês Pereira* (fl. 218 v.).

[5] «Cansó este moço [Gil Vicente el moço, hijo de Gil Vicente] tanto à su Padre por ver que lo vencia de Ingenio (mirese asta donde llega la embidia!) que le hizo desterrar para la India, donde en una ocasion muriò con tanto valor...» MANUEL DE FARIA E SOUSA, *Rimas varias de Luis de Camoens... commentadas*, II, 338. Foi no ano de 1646 que o autor passou a limpo, como declara no prólogo, os seus apontamentos, que só foram impressos em 1685.

Digitized by Google

Na vila de Almada estava a rainha D. Leonor na primavera de 1509, quando se lhe apresentou Vasco Abul, queixando-se «porque andando hũa moça baylãdo em Alanquer [elle] deulhe zombando hũa cadea douro e depois a moça nam lha quys tornar e andaram sobre isso em demanda [1].» Sabido o caso, começou logo o desfrute, rompendo com êle Henrique da Mota, simulando um diálogo com o Abul que lhe vai contando como o caso se passou: *Parecer.*

Hũa gentyl bayladeyra
dAlanquer,
fremosa, gentil molher,
me chofrou desta maneyra.
Por me nam pareçer fea
vendo a baylar hũ dia,
lhe mandey por boa estrea
hũa cadea
qu'eu no pescoço trazya.
Depoys, quando a quysera
rrecolher,
quyseram me fazer crer,
que eu por sua lha dera [2].

A seguir aconselha-o a que seja liberal; ainda que perca cinqúenta cruzados, que importa!

Hó calayvos, ganhay fama,
husay lyberalydade
e quiçá, se vos nom ama
essa dama
amar vos ha de verdade.
.....
Vestyvos de gentyleza,
que Deos vos valha
e rrapayvos aa navalha,
que vos veja sua alteza.
Fazey muy alegre rrosto,
guarneçeyvos de rretros,
e poys soes tam bem desposto,
levay gosto
em falarem cá de vós [3].

Em ajuda de Henrique da Mota vieram o mestre Gil e vários outros da casa da rainha D. Leonor, entre êles um «por Branc'Alvarez, crystaleyra» a quem faz dizer:

Porque ssey que soys dureyro
em sayr de vós merçês,
deveys andar prazenteyro
por terdes o mealheyro
pregado como sabeys [4].

---

1 *Cancioneiro geral*, fl. 209, col. 2.
2 *Ibidem*, col. 3.
3 *Ibidem*, col. 4 e 5.
4 *Ibidem*, fl. 210, col. 2.

Digitized by Google

Seguiram-se os *Embargos d'Anrrique da Mota*, começando pelos versos:

Bem posso eu cõ rrazam,
por sser dos orfaãos juyz,
açeytar a tal auçam,
o dyreyto assi o dyz
nas *Sergas d'Esprandiam* [1].

Las sergas de Esplandian só saíram impressas em Julho de 1510, mas já corriam manuscritas anos antes e eram ávidamente lidas na côrte portuguesa, como aliás todos os romanoes de cavalaria.

Continuam os autos com o *Pareçer de Gil Vycente neste proçesso de Vasco Abul à rraynha dona Lianor*, o qual começa:

Senhora.
Vossalteza me perdoe,
eu acho muyto danado
este feyto proçessado
em que manda que razoe.
Vay a cura tam errada,
vay o feyto tam perdido,
vay tam fora da estrada,
que a moça condenada
Vasc'Abul fica vençydo [2].

Mas falta a sentença: por se perder? ou por não se chegar a lavrar? ignoro.

Auto da Índia. Por êsses mesmos tempos compôs êle a farsa chamada *Auto da India.* «Foy fundado sobre que hũa molher, estando ja embarcado pera a India seu marido, lhe vieram dizer que estava desaviado e que ja nam hia, e ella de pezar està chorando, e falalhe hũa sua criada. Foy feyta em Almada, representada aa muyto catholica Raynha dona Lianor. Era de M. D. IX. Annos. [3]»

Por fim, com grande satisfação da mulher, que aproveita a ausência *pour se mal conduire,* sempre o coitado do marido partiu na nau Garça, uma das da armada do ano de 1506, da qual era capitão mor Tristão da Cunha e nela é muito provável haver passado à Índia Gaspar Vicente, filho primogénito de Gil Vicente.

Auto da Fé. No ano seguinte, 1510, nas matinas do Natal, representou a D. Manuel, em Almeirim, o *Auto da Fé*, o qual tem a data no próprio texto, na resposta à pregunta de Brás relativa ao nascimento de Cristo

Que años ha que aqueció?
Mil e quinhentos e dez, (*fl. 15, col. 1.*)

---

[1] *Cancioneiro geral*, fl. 210, col. 2.
[2] *Ibidem*, col. 5.
[3] *Copilaçam de todalas obras de Gil Vicente*, fl. 195.—Na ed. de Hamburgo, de 1834, no III vol., pag. 24, aparece na rúbrica, por êrro de impressão, 1519, em vez de 1509, e o mesmo êrro passou às edições de 1852 e 1912.

Digitized by Google

lhe responde a Fé. Poucas são os obras dramáticas de Gil Vicente com indicação tão precisa, e já vamos ver outro auto onde ela será mais difícil de marcar, pôsto que se possa determinar.

Chegamos ao ano de 1511 no qual, a meu ver, foi representado o *Auto das Fadas*, ainda que ao general Brito Rebêlo se afigure tê-lo sido no ano de 1516 pelo entrudo [1]. Que o fosse pelo entrudo não duvido, mas em 1516 não pode ser; a isso se opõem as indicações do próprio texto, como vou mostrar. *Auto das Fadas.*

O *Auto das Fadas* foi representado no paço em presença de D. Manuel, rainha D. Maria, príncipe D. João, infantas D. Isabel e D. Beatriz e cortesãos, a alguns dos quais dirige Gil Vicente vários remoques: Gonçalo da Silva, talvez o senhor de Abiul de quem existem trovas no *Cancioneiro*; João de Saldanha, veador da casa da Rainha, pelo

que tiene las llaves de vuestro parayso; (*fl. 210 v.*)

Francisca da Guerra, dama da Rainha [2]; e ainda outros, além dos adiante nomeados. Êste auto é dos mais interessantes de Gil Vicente. Nêle aparece, evocado pela Feiticeira, personagem principal da farsa, um diabo que fala em língua picarda, que nem a bruxa entendeu:

Oo dame, jordene
vu seae la bien trevee,
tu es fause te humeyne
sou ye vous esposee
.....
Tu has fet bianco de mal
avec un frayre jacopim. (*fl. 208, col. 2.*)

Mas, antes de entrar o diabo picardo, diz a Feiticeira num longo monólogo, entre outras coisas:

E assi desta maneyra
se vier o Marichal
por Guiomar do Ataude
buscar a minha saude,
he (*hei*) per força pôr me a risco. (*fl. 207, col. 3.*)

Mais adiante o diabo traz dois frades e ao primeiro manda a Feiticeira prègar um sermão, no qual êle se refere a vários cortesãos que andam apaixonados, e entre êles

No quiero olvidar don Luis de Meneses
á que doña Leonor de Castro tien muerto. (*fl. 210.*)

Bastam êstes nomes do Marichal, D. Luís de Meneses e D. Leonor de Castro para se poder marcar, com bastante probabilidade, a data da composição do *Auto das Fadas.*

---

1 *Gil Vicente*, ed. de 1912, pag. 65.
2 *Provas da Hist. Genealógica*, II, 375.

Digitized by Google

O Marichal não pode ser D. Fernando Coutinho, que partiu para a Índia como capitão mor da armada de 1509 e lá morreu no ano seguinte [1]; não pode ser, porque então, nem êle, por velho, se achava em idade própria para namorado, nem a infanta D. Beatriz, por nova, quatro para cinco anos, assistia a serões. O Marichal é portanto o filho de D. Fernando, D. Álvaro Coutinho, a quem foi dado o cargo, em sucessão ao pai, por carta de 1 de Agosto de 1510 [2]. Aqui temos já uma data; procuremos outra. D. Luís de Meneses, filho segundo do Conde Prior do Crato, casou com aquela D. Leonor *que o tenia muerto*, à qual, por ser filha dos condes da Feira, D. Diogo Pereira e D. Brites de Noronha, e neta de D. Joana de Castro, senhora da casa de Monsanto, ora se dá o apelido Pereira, ora o de Castro, e até os de Noronha ou de Meneses; uma trapalhada. Dado isto, encontrei um desembargo de 21 de Abril de 1512, ordenando o pagamento do primeiro e segundo terço das cinco mil coroas do seu casamento a D. Leonor Pereira, mulher de D. Luís de Meneses [3], evidentemente recem-casados, um ou dois meses antes, quando muito. Aqui temos pois a outra data tão segura como a primeira; porque, dado mesmo, por mera hipótese, que a D. Leonor do auto não fosse a futura mulher de D. Luís de Meneses, não ia Gil Vicente atribuir-lhe públicamente amores com outra, estando êle casado de tão fresco, e se o faz é porque ainda o galan estava solteiro, não destruindo, pelo contrário confirmando esta suposição ainda mais a minha dedução cronológica. Temos portanto duas datas extremas, Agosto de 1510, Fevereiro de 1512, entre as quais foi composto o *Auto das Fadas*, que pela mascarada «das sortes ventureyras dos galantes per animais», uns sessenta bichos de todas as classes, até da fabulosa, que, reunidos em scena, «se foram todos com sua música, e se acabou a dita farsa», se deve realmente acreditar haver sido representada pelo entrudo. Posto isto, só nos fica o entrudo de 1511, a 4 de Março, para a representação do auto, a qual teve lugar no paço de Santos, em Lisboa, onde a côrte já residia a 26 de Fevereiro e permaneceu todo o mês seguinte e parte do de Abril [4].

Velho da horta

A êste auto seguiu-se, em 1512, outra composição dramática no mesmo género, pondo tambêm em contacto a sala com o estrado, a farsa do *Velho da horta*. Apresentou-a Gil Vicente a D. Manuel, em Lisboa, certamente na primavera e muito provávelmente na sexta feira de Endoenças, que nêsse ano caíu a 9 de Abril [5]. Esta farsa é das mais interessantes de Gil Vicente, não só como obra dramática, mas pelas alusões nela contidas, relativas a pessoas da côrte.

Em virtude das notícias, que da rapariga por quem se apaixonou, trazem ao Velho, êle desmaia ao lado de Branca Gil, o Mercúrio feminino que o anda

---

[1] BARROS, *Asia*, dec. II, liv. 3.º, cap. 9, fl. 45, e liv. 4.º, cap. 1, fl. 51.
[2] *Chancelaria de D. Manuel*, liv. 8.º, fl. 27 v.
[3] *Corpo cronológico*, part. II, mac. 32, doc. 14.
[4] *Corpo cronológico*, passim.
[5] A rúbrica declara apenas haver sido a farsa representada a D. Manuel no ano de 1512; mas quando o moço vem chamar para jantar o Velho, teimoso em não saír da horta, diz-lhe: «Ireis vós pera Sanhoanne», isto é: ireis só para o S. João? Logo depois vem a mulher do Velho e pregunta-lhe: «Agora co as hervas novas, vos tornastes vós garanhão?» As hervas novas, como é sabido, rebentam em Março; devia-se portanto estar em Abril, entre as hervas novas e o S. João. A suposição da farsa haver sido representada em 31 de Janeiro ao nascimento do infante D. Henrique carece, a meu ver, de plausibilidade.

Digitized by Google

logrando. Ela então, para que acudam ao senil galan, entôa uma ladainha, na qual os santos invocados são cortesãos e as santas, as virgens, as donzelas do paço. Começa:

Oo precioso sancto Arelhano [1]
martyr bem aventurado!
tu que foste marteyrado
neste mundo cento e hũ anno;
Oo sam Gracia
Moniz [2], tu que hoje em dia
fazes milagres dobrados!
dá-lhe esforço e alegria
pois que és da companhia
dos penados. *(fl. 204, col. 3.)*

E continua dirigindo-se a João Fogaça, Tristão da Cunha, Simão de Sousa, Martim Afonso de Melo, D. João de Meneses, Gonçalo da Silva, D. Jorge de Eça [3], Comendador mor de Avis (D. Pedro da Silva), Comendador mor de Santiago (D. Henrique de Noronha), D. Martinho (de Castelbranco) e o Barão de Alvito.

Todos santos marteyrados,
socorrey ao marteyrado,
que morre de namorado
pois morreis de namorados. *(fl. 205, col. 1.)*

É de notar que todos os cortesãos nomeados são poetas do *Cancioneiro* excepto D. Jorge de Eça; mais digno de nota porêm é a aproximação que logo vou fazer.

Continuando Branca Gil com a ladainha, vai dizendo:

Polo livrar
as virgẽs quero chamar
que lhe queyram socorrer,
ajudar e consolar,
que estaa já pera acabar
de morrer. *(fl. 205, col. 1.)*

É agora aqui, nos nomes das donzelas, que se dá uma coincidência tão singular, que a não posso julgar casual. Vou explicar.

Garcia de Rèsende compôs, em Almeirim, em Março ou Abril de 1510,

---

[1] João Ramírez de Arelhano, fidalgo castelhano já quarentão, pois entrara nas justas de Évora de 1490. Talvez nos cento e um anos de martírio haja alusão à idade do homem.

[2] Garcia Moniz deve ser o tesoureiro da Moeda de Lisboa, nem encontro outro por êsses tempos; mas já devia ter mais de sessenta anos, o que o tornava um pouco maduro para galan. E' verdade que Gil Vicente refere-se a milagres e contra êles não há argumentos. Garcia Moniz foi victima de gracejos pesados no auto da *Barca do Inferno*, como logo direi.

[3] Na ed. de Hamburgo, de 1834, e em todas as posteriores, crismado em D. *João* de Eça.

Digitized by Google

uns versos com as novas da côrte endereçados a Manuel de Goios, que lhos pedira e estava por capitão na Mina [1]. Nêles referiu-se Rèsende a algumas donzelas do paço por uma certa ordem, a mesma por que as nomeia dois anos depois Gil Vicente na farsa do *Velho da horta*. E note-se que não são duas ou três; são cinco, todas a seguir, como nas décimas que vou reproduzir se verá.

Garcia de Rèsende em 1510

D'Anrriquez dona Marya
bem deveys laa de saber
que nam he jaa quem soya,
nam diguo no pareçer
porque creçe cada dia.
Não traz nenhũ servydor,
porqu'ee de tanto primor
que ninguem a nam contenta,
nem he de todo ysenta
que o nam consenta mor.
D. Joana de Mendoça,
que deixastes hà partyda
hũa muyto gentyl moça,
nam he cousa desta vyda
que mat'oos omẽs per força.
Creçeo tanto em fermosura,
em manhas, desenvoltura,
graça, saber, discriçam
que nam synto coraçam
a que nam dê maa ventura.
A outra ssua ygoal
no nome e na ydade
sabey que em Portugoal
gentileza de verdade
nunca se vyo outra tal.
Poys a nam posso louvar
quero vola nomear
dona Joana Manuel,
mays que o anjo Guabriel
tem tudo para guabar.
As duas favoreçydas
Calatayud, Fygueyroo
de serem qua mal servydas
perdey disso bem o doo,
qu'estam longe desqueçidas.
Fygueyroo he no seram
de cantiguas de tençam
mays servyda que ninguem
de tres, que cantam muy bem,
nysto sabereys quem sam [2].

Gil Vicente em 1512

Oo sancta dona Maria
Anriquez, tam preciosa,
queyraislhe ser piadosa
por vossa sancta alegria.
E vossa vista,
que todo o mundo conquista,
esforce seu coraçam,
porque à sua dor resista,
por vossa graça, e bemquista
condiçam.
Oo sancta D. Joana
de Mendoça, tam fermosa,
preciosa e muy lustrosa,
muy querida e muy oufana,
Daylhe vida,
com outra sancta escolhida,
que tenho *in voluntas mea*,
seja de vós socorrida,
como de Deos foy ouvida
a Cananea.
Oo sancta D. Joana
Manoel, pois que podeis
E sabeis e mereceis
ser angelica e humana,
soccorree.

E vós, senhora, por mercê,
oo sancta dona Maria
de Calataúd, porque
vossa perfeiçam lhe dee
alegria.
Sancta dona Caterina
de Figueyro, a real,
por vossa graça especial,
que os mais altos inclina...
daylhe, senhora, conforto [3]....

---

[1] *A gente do Cancioneiro*, na Revista Lusitana, vol. x, pag. 277.
[2] *Cancioneiro geral*, fl. 216, col. 1 e 2.
[3] *Copilaçam das obras*, fl. 205, col. 1 e 2.

Digitized by Google

D'aqui se conclue que as poesias compostas pelos poetas palacianos corriam na côrte de mão em mão, e que daqueles versos de Garcia de Rèsende tivera Gil Vicente conhecimento ou por outrem, ou mesmo talvez pelo próprio poeta, pois que as relações entre os dois foram não só cordeais, mas até familiares. Na *Miscellanea*, impressa em 1554, mas lida em manuscrito certamente por Gil Vicente, escreveu Rèsende:

E viimos singularmente
fazer representações
destilo muy eloquente,
de muy novas envenções
e fectas por Gil Vicente.
Elle foy o que inventou
isto caa, e ho usou
cõ mais graça e mais dotrina,
posto que Joam del Enzina
ho pastoril começou. (*fl. 14, col. 4.*)

E por seu turno na tragicomédia *Côrtes de Jupiter*, representada em 1521, põe Gil Vicente na bôca de Venus êstes versos:

É Gracia de Resende
feyto peyxe tamboril,
e inda que tudo entende,
yraa dizendo por ende:
«Quem me dera hum arrabil». (*fl. 167, col. 1.*)

Com os quais Garcia de Rèsende se não ofendeu certamente, porque mais adiante um tão grande senhor como Tristão da Cunha é tratado desta maneira:

E na sua dianteyra
Tristam da Cunha yraa
em congro da Pederneyra
bradando: « Aparta carreyra! »
tanto que enrouqueceraa. (*fl. 167, col. 2.*)

Aqui me está a pena a desafiar para me demorar um pouco de roda das gentis donzelas da Rainha, mas apenas cederei por dois minutos.

Além das cinco acima nomeadas, uma das quais, D. Caterina de Figueiró, aparece na edição de Hamburgo e em todas as posteriores com o apelido transformado em Figueiredo; além das cinco, como ia dizendo, são nomeadas mais D. Beatriz de Sá, D. Margarida de Sousa e D. Ana de Eça, todas mencionadas no *Cancioneiro*. As quatro restantes, D. Beatriz da Silva, D. Violante de Lima, D. Isabel de Abreu e D. Maria de Ataíde, não aparecem lá.

De D. Beatriz de Sá já tratei largamente [1]. Era da ilha da Madeira e formosissima mulher. Foi casada com um Castelhano que a não merecia, e morreu muita nova, em 1537, no serviço da imperatriz D. Isabel, também linda mulher, e que ainda mais nova faleceu d'ali a dois anos. Outra, que não só morreu moça, mas que também se agradou dum Castelhano, foi D. Joana Manuel, filha do mavioso poeta D. João Manuel e primeira mulher de D. Alonso Pacheco, de quem no *Cancioneiro* se encontram trovas.

---

[1] *A gente do Cancioneiro*, já cit., pag. 275 do vol. x da REVISTA LUSITANA.

Digitized by Google

D. Joana de Mendoça era aquela para quem d'ali a meses o duque de Bragança D. Jaime, assassinando sua mulher, abria a porta da alcova ducal. D. Margarida de Sousa ainda era solteira em 1523, ao passo que D. Maria de Calataúd já então estava casada com D. Jorge Henriques. Finalmente, D. Caterina de Figueiró, a Rial, é ainda hoje para mim um enigma indecifrável. Por ela andava perdido de amores um dos santos da ladainha do *Velho da horta*, Simão de Sousa; perdido e desenganado:

He tanto o mal que ssento
que nam posso escusar,
senhora, de vos lembrar
que moyro de sofrimento.
E poys estou neste fym,
a que me determinastes,
quero vos lembrar de mym,
poys vós vos nunca lembrastes [1].

Já passaram os dois minutos; tornemos a Gil Vicente.

Auto dos Físicos.

No inverno do princípio dêste ano de 1512, no qual Gil Vicente na primavera apresentou no paço o *Velho da horta*, suponho ter sido representado o *Auto dos Físicos*, um dos mais chistosos produtos do seu engenho. A minha suposição assenta nas seguintes bases, uma das quais, a primeira, não será talvez muito firme; a segunda porêm é firmissima.

O físico Tôrres, chamado para tratar de um clérigo, começa o diagnóstico pelas palavras

bisexto he anno agora, (*fl. 248, col. 3.*)

e continuando, vai dizendo

e mestre Nicolao quer
e outros curar a esmo. (*fl. 248, col. 4.*)

Mestre Nicolau, de apelido Coronel, era espanhol e físico da rainha D. Maria, com quem viera de Castela. Recebia em 1523 anualmente duas tenças, uma de vinte mil reais, paga no almoxarifado de Santarêm [2], e outra de dois moios de trigo nas jugadas da mesma vila [3], tenças que vagaram em 1525 por morte do tencionário [4]. Temos portanto que a farsa foi representada num ano bissexto anterior ao de 1525, no qual morreu mestre Nicolau, ainda vivo quando o físico Tôrres a êle se refere. Anos bissextos anteriores foram os de 1524, 1520, 1516 e 1512, excluindo os de 1508 e 1504, nos quais não tinham ainda nomeada, nem talvez carta de física, os outros dois a que o mesmo Tôrres alude, dizendo:

Topey ali com Mestre Gil
e com Luis Mendez... (*fl. 248, col. 3.*)

---

[1] *Cancioneiro geral*, fl. 193, col. 6.

[2] Desta tença ainda aparece memória no caderno do almoxarifado de Santarêm para 1528: «E 12:328 rs. à molher e erdeiros de mestre Nicolao, fisyco, de quebra de sua tença dos ãnos pasados» (*Arq. hist. port.*, X, 104).

[3] *Ibidem*, vol. II, pag. 112.

[4] *Ibidem*, pags. 130 e 182.

Digitized by Google

Em 1524 e 1520 a côrte, à qual Gil Vicente andava atrelado, residiu em Évora e o auto foi representado evidentemente em Lisboa, basta lê-lo; afastados por êsse motivo êstes dois anos, ficam-nos apenas os de 1512 e 1516. Entre êles qual escolher? Procurei outra indicação na farsa e lá, quási no fim, encontrei a seguinte:

Quede ansi este misterio
suspenso hasta el verano;
sobre vos pongo la mano,
como dize el evangelio,
y hazed cuenta que sois sano.
Voyme a *la huerta d'amores*
y traeré una ensalada
por Gil Vicente guisada,
e diz que otra de mas flores
para pascua tien sembrada. (*fl. 249, col. 3.*)

Parece pois que foi representada nos princípios do ano e vejo *en la huerta de amores para Pascua* alguma alusão, não só ao *Velho da horta*, na qual êle vio a moça por quem se apaixonou, e por isso se lhe podia chamar *huerta de amores*, mas também à composição dessa farsa que Gil Vicente já andaria preparando para apresentar, como de feito apresentou, nas endoenças do ano de 1512. Por êste conjunto de ilações dou àquele ano a preferência para a composição do *Auto dos físicos*.

Depois de escrever isto, sorri-me para mim mesmo. Que fundamentos tão vacilantes! Entretanto, quem os tiver mais firmes, apresente-os, que todos lhe agradeceremos. Eu não tenho outros.

Voltêmos à farsa. A rúbrica diz apenas: «Auto chamado dos físicos no qual se tratam hũs graciosos amores de hum clerigo. O qual entra logo e diz a hum seu moço

Perico, vê tu aora
a verme Blanca Denisa,
saludamela de guisa
que sepa qu'es mi señora,
y en despues diremos missa.
Si estuviere bien segura,
sola, sin la madre y tia,
dale tu esta carta mia
y harás tan gran mesura
como yo se la haria. (*fl. 245, col. 3.*)

O moço, para fugir ao recado, porque a rapariga da última vez prometeu-lhe,

se tu mais me dizes nada,
dartey tanta bofetada
que nam saybas a primeyra, (*fl. 245, col. 3.*)

aconselha o clérigo a que antes diga missa.

Cuerpo de Dios con la missa
y con el moço, y con la prissa! (*fl. 245, col. 4.*)

brada o clérigo e, em quanto o moço, ao cabo de muita insistência, se decide a levar o recado, invoca

Oo Copido mi señor
in te sperari, e espero, (*fl. 246, col. 1.*)

e fica pensando na rapariga.

Digitized by Google

Volta o moço, diz que ela ensaboava e espirrava e, logo que vio o «dom alcoviteirinho», vociferou contra o padre e os seus galanteios, rompeu a carta «de barra a barra» e aqui lha traz esmigalhada. O clérigo esmorece e exclama:

Cubreseme el coraçon
y la sangre se me yela,
y pues no ay quien se duela
de mi triste perdicion,
moço, venga la candela.
Moço) Pera a missa?
Clérigo) No, cuytado!
nel infierno diré missa.
Moço) Pesar de Branca Denisa!
Clérigo) Ay, ay, ay, desemparado!
trae la candela á prissa *(fl. 246, col. 3.)*

Cai doente na cama e o primeiro médico a aparecer-lhe é mestre Felipe. Interroga e receita

Hora será bom que tomeis
cristel d'agoa de cevada
com farelos mesturada;
e sabeis que comereis?
hũa alface esparregada. *(fl. 247, col. 1.)*

Retira-se, aconselhando:

Fazey o que vos eu digo,
qu'essa febre hé velhaca,
procede da cardiaca:
atentaes no que vos digo?
atee vermos se se apraca.
Faç'eele embora as ourinas,
e pola menhaam eu virey,
entendeis? — e vos direy,
entendeis? — se sam sanguinhas,
entendeis? — Entam virey. *(fl. 247, col. 2.)*

Êste mestre Felipe, do estribilho do *entendeis?*, havia tido carta de física, sendo morador em Lisboa, em 10 de Fevereiro de 1498, depois de aprovado pelo dr. mestre António de Lucena, físico mor. Declarou, ao requerer a carta, que aprendera, muito tempo havia, a arte de física e fôra examinado três anos antes pelo dr. mestre Rodrigo, de quem houvera carta de licença, a qual desejava ver confirmada segundo o novo regimento [1]. Anos depois, por carta dada em Almeirim a 12 de Janeiro de 1510, teve o mestre Felipe, físico, morador em Lisboa, licença para andar em mula [2]. Acêrca do mestre Felipe ministrou-me o doutor Silva Carvalho muito interessantes informações, as quais cordialmente agradeço e são, resumidamente, as seguintes: Quando D. Manuel em 1518 estabeleceu nos Estudos de Lisboa uma cadeira de astronomia, nomeou para a reger mestre Felipe, seu físico, nomeação confirmada ou ratificada por D. João III em 5 de Janeiro de 1523; ainda vivia a 16 de Maio de 1541, data de uma carta régia de doação da praia fronteira a uma sua propriedade a Santos o Velho, onde construira um

---

1 *Chancelaria de D. Manuel*, liv. 28.º, fl. 86.
2 *Ibidem*, liv. 36.º, fl. 50.

Digitized by Google

cais; não se deverá confundir com um cirurgião do mesmo nome a quem Amato Lusitano se refere em 1552 [1].

Tornemos á farsa. Ido para fora mestre Felipe, entra mestre Fernando, dizendo

Oulá, qu'é isto? qu'é isto?
Brásia) Venhades com Jesu Christo,
mestre Fernando [2], amigo; *(fl. 247, col. 2.)*
quem vos chamou pera isto?
Mestre Fernando) Porquê! sou de palha eu?
Brásia) Vós sodes sorlogiam.
Mestre Fernando) Nam estaa ferido?
Brásia) Nam.
Mestre Fernando) Pois que foy?
Brásia) Mal que lhe deu.
Mestre Fernando) E tambem fisico sam;
tanto sey cá como lá. *(fl. 247, col. 3.)*

Faz o seu diagnóstico e continua:

Dizem os nossos doutores,
ouvilo? ouvis que vos digo?
non est bona purgacio, amigo,
illa qui incipit con dolores,
porque traz flema consigo.
E *illa qui incipit trarantram*
quia tralarum est.
Ouvilo? De fisico sam eu mestre
mais que de surlugiam,
em que me chamão Sudeste.
Chamãome vento assomado
alguns assi, ouvilo?
porque alço o gorgomilo
e ando assi espetado;
mas eu rio me daquillo.
Que tendes pera comer?
Brásia) Pastel de lebre.
Mestre Fernando) Pera a febre
jugamos a que tem lebre?
Ora vos faço a saber
que ha de comer cousa leve.
Nem a lebre, nem coelho,
nem porco, nem caçam,
congro, lamprea, tubaram,
nam coma de meu conselho,
inda qu'estivesse sam.
Brásia) Ora pois que comeraa?
Mestre Fernando) Hũs poucos de grãos torrados,
nam sejam muyto salgados, *(fl. 247, col. 3.)*
e aa menhaã eu virey ca,
ainda que pês oos dados. *(fl. 247, col. 4.)*

---

[1] Cita respectivamente: LEITÃO FERREIRA, *Noticias chronologicas da Universidade de Coimbra*, pag. 459; *Chancelaria de D. João* III, liv. 1.º de *Doações*, fl. 117 v. e 118; SOUSA VITERBO, *Archivos da hist. da medicina portuguesa*, vol. de 1913, pag. 88; MAXIMIANO LEMOS, *Amato Lusitano*, pag. 187.

[2] Por êrro de impressão está Rodrigo em vez de Fernando.

Digitized by Google

Mestre Fernando, o do *ouvilo*, era cristão novo, físico do Marquês de Vila Rial, com as honras de físico del Rei, e morador em Lisboa. Tivera carta de física em 20 de Março de 1498; nela se declara haver cinco anos que fôra examinado pelo dr. mestre Rodrigo e houvera carta de licença, a qual é agora confirmada depois de aprovado pelo dr. mestre António de Lucena, físico mór [1]. Pouco depois, a 11 de Maio do mesmo ano, teve análoga carta para cirurgia livrada por mestre Gil, físico e cirurgião mór [2]. Em 1501, a 3 de Dezembro, teve carta de cidadão de Lisboa e de escusado das fintas lançadas aos cristãos novos e da obrigação de aposentadoria [3]; e a 17 de Dezembro de 1507 alcançou carta, na qual é intitulado doutor e mestre e se lhe concedem os privilégios, liberdades, graças e mercês de que gozavam «os nossos fisicos continos, assi e tão perfeitamente como se êle fosse nosso, assentado nos livros da cozinha [4].» Por êstes livros eram pagos os médicos e muita outra gente boa. Mais nada sei dêste mestre Fernando [5], que julgo não poder ser um de cuja existência em 1539, 41 e 43 me dá noticia o doutor Silva Carvalho nas suas informações.

Mal mestre Fernando teve tempo de virar a esquina, entra mestre Anrique. Faz preguntas, entremeia-as com uma cantiga e diagnostica:

Esta febre es sincopal,
y la enfermedad tal
curase con mucho peso—
aveis mirado?—que es mortal.
Que cuando la cólera adusta
aveis mirado?—senfria
buélvese malenconia,—
aveis mirado?—y desgusta
la salud de la sangría.
Aveis mirado? Y ansi
que avemos experiencia
que no ay ninguna dolencia
que yo quisiesse pera mi
en cargo de mi concencia.
Que tiene para comer?
Brásia) Tem ali quatro coelhos,
dous caçapos e dous velhos;
e hum chouriço; pera beber
muito bõs vinhos vermelhos.

---

[1] Sousa Viterbo. *Noticia sobre alguns medicos portugueses*, 2.ª série, pag. 57, onde, nas pags. precedentes, se encontram mais notícias àcêrca do mestre Fernando.

[2] *Chancelaria de D. Manuel*, liv. 14.º fl. 22 v.

[3] Sousa Viterbo, *Noticia* cit., pag. 55.

[4] *Chancelaria de D. Manuel*, liv. 36.º fl. 8.

[5] Encontro uma escritura de 30 de Setembro de 1496 na qual se declara haver mestre Fernando, físico, marido de Ana Denis e filho do mestre Isaque Romeiro, herdado de seu pai umas casas na rua que foi da Judaria Nova, apar da Moeda, as quais aforara a uns cristãos novos e agora, juntamente com sua mulher, faz delas doação a Gil Vaz da Cunha e D. Isabel da Silva, sua mulher, «seus padrinhos», pela grande amizade que lhes tinham, etc. (liv. 9.º de D. Manuel, fl. 47 v.). Êste físico mestre Fernando, baptizado em pé, como êles diziam dos Judeus então convertidos, é bem possível que seja o mencionado no *Auto dos Físicos*; os seus padrinhos êsses são, indubitávelmente, os dois conjuges nomeados na tragicomédia *Côrtes de Jupiter*, como veremos.

Digitized by Google

Mestre Anrique) Par diós! vós—aveis mirado?—
estais donosa, mi parienta;
es fiebre continua y quenta,
aveis mirado, y bien mirado?
errada estais en la cuenta.
Aveis mirado? No coma—
aveis mirado, señora?—
sino passas por aora;
y buscalde una redoma
grande, de agoa dalcanfora.
Aquesto le procedió
de comer demasiado,
y es menester purgado—
aveis mirado?—y digo yo
queste hombre estaa opilado.
El tiene febre podrida—
aveis mirado?—y fimera;—
aveis mirado?—de manera
que para dalle la vida,
es menester que no muera.
Oís, dueña? Tomaraa
a la noche un violado,
y de mañana—aveis mirado?—
un cristel, y salirá,
para el ser aliviado.
Tiene el sol en la cabeça
del verano que passó—
aveis mirado?—Pero yo
antes que su mal mas crieça,
daré el remedio ó no.
Sois vos el que me dizen?
aveis mirado?—esforçad,
que esas febres en verdad,
que por mas que ellas atizen,
yo las sacaré dallá.
Mantenga Dios el casamiento
del Ruy barbo con aquella
muy preciosa donzella
cañafistola, que yo siento
que sereis sano con ella.
Y cozelde unas borrajas,
y su erva de caldo caliente,—
aveis mirado?—qu'el doliente
no se cura con las pajas;
aveis mirado, pariente?
Hareis las aguas mañana,
yo verné á ver os priado,
Dios queriendo,—aveis mirado?
y hazelde una tizana,
y yo terné del cuydado. *(fl. 248, col. 1, 2 e 3.)*

Mestre Henrique, o do *aveis mirado*, aprendera muito tempo da sciência e arte de física e sabia muito bem curar; mas, não ousando de o fazer com receio da ordenação, pediu para ser examinado, como de feito foi pelo dr. mestre António de Lucena, físico mor, que o aprovou e lhe mandou passar carta de física em 27 de Dezembro de 1497 [1]. Pouco depois apresentou-se novamente, dizendo

[1] *Chancelaria de D. Manuel*, liv. 12.º, fl. 50.

Digitized by Google

que, poderia haver dezaseis anos, fôra examinado pelo dr. mestre Fernando, cirurgião mor, e houvera carta de licença para curar da arte de «solorgia»; e, porque «ora nós mandaramos que todos os selorgiães eixaminados confirmassem suas cartas», vinha pedir a referida confirmação. Mandado a mestre Gil, físico del Rei e cirurgião mor, para ver se era suficiente e bastante, foi aprovado e teve carta de cirurgia, em 8 de Fevereiro de 1498, livrada pelo dito mestre Gil [1]. Em 1516 era físico de D. Manuel e nessa qualidade examinou em física o bacharel Luís Mendes [2]; em 1528 teve oito mil reais de mercê no almoxarifado de Santarêm [3]; e já era morto em 26 de Junho de 1532, data de uma carta de dois moios de trigo de tença, vagos por morte do «mestre Anrrique, meu físico», a sua viúva Isabel da Silveira [4].

Depois do mestre Henrique sair, observa filosóficamente o moço:

Cant'eu nam posso entender
estes físicos, senhor;
vós sois doente d'amor
e eles querem vos meter
per caminho doutra dor. *(fl. 248, col. 2.)*

Pois ainda aparece quarto médico e novo diagnóstico produz. Entra o físico Tôrres e diz:

Ora bem, Deos vos ajude,
e vos dee muyta saude;
isto seram amores?
ontem quis vir e nam pude.
Topey ali com mestre Gil
e com Luis Mendez [5]...
Este mal hé já de dias? *(fl. 248, col. 3.)*

Faz mais umas preguntas e diagnostica:

Bisexto he anno agora,
em Picis estava Jupiter,
Saturno ha de desfazer
quanto natureza melhora:
bem ha qui que guarecer.
Tambem em Piscis a lũa...

---

[1] *Chancelaria de D. Manuel*, liv. 12.º, fl. 50.
[2] *Ibidem*, liv. 25.º, fl. 81 v.
[3] *Arq. hist. port.*, X, 104.
[4] *Chancelaria de D. João III*, liv. 16.º de *Doações*, fl. 116 v.
[5] Mestre Gil é o que veio a ser cirurgião mor por carta de 2 de Dezembro de 1518, ao qual já lá acima aludi. Em 1516 constituiu, com o físico mor mestre Afonso, e com mestre Diogo e mestre Anrique, todos quatro «nossos físicos», o juri que aprovou em física o bacharel Luis Mendes, sujeito a novo exame, «por bem do regimento que ora tinhamos dado ao... nosso físico mor», apesar de haver já «muitos anos que usava e praticava em física.» Foi-lhe passada a carta, em Lisboa, a 25 de Junho de 1516 (liv. 25.º de D. Manuel, fl. 81 v.) e é interessante ver o examinador, mestre Gil, e o examinado, Luis Mendes, acamaradados na farsa e no diploma.

Digitized by Google

isso foy em quarta feyra;
Mercurio à ora primeyra...
nam vejo causa nenhũa
pera febre verdadeyra.
E tambem deste ajuntamento
dos planetas desta era...
nam sey... nam sey... mas per mera
estrolomia... nam sey, eu sento...
nam sey que he, nem que era;
mas hade saber quem curar
os passos que daa hũa estrela
e ha de sangrar por ella,
e ha de saber julgar
as agoas nũa panella.
E ha de saber proporções
no pulso, se he ternario,
se altera, se he vinario,
e saber quantas lições
deu Ptolomeu a elRey Dário.
E quem isto nam souber
vasse beber disso mesmo:
e Mestre Nicolao quer
e outros curar a esmo!
ora agora quero ver.
Mostray ca ora, e veremos
este pulso que nos diz.
oys! que altera; ora chis,
que antes que nos casemos
averaa outro juyz.
Isto procede do baço;
bem o mostram essas côres.
tendes vós nas costas dores?

Moço) Pardeos, em grande embaraço
vejo eu estes doutores!

Torres) Que dizes lá, moço? hao!
falas e nam saes do ninho?

Moço) Que levais muy bom caminho:
estaa a doença em Bilbao,
vós his pera Antre Douro e Minho
.....

Torres) Nam coma senam lentilhas,...
si,—ou abobara cozida...
si; e assi Deos dará vida.
si, e dem-lhe caldo dervilhas...
si—questa febre he parida.
Agoa cozida lhe dareis
com avenca... si, entam
amenham lhe tiraram... (*fl. 248, col. 3 e 4.*)
algum sangue... si, entendeis?
si... entam... si... logo he sam.
Porem a falar verdade,
segundo seu pulso estaa,
e segundo os dias que ha,
e segundo a viscosidade,
e segundo eu sinto ca,
e segundo estaa o zodiaco,
e segundo estaa retrogrado
Jupiter, confessado
aa mister, que estaa muy fraco,
Si... si... si, bem trabalhado. (*fl. 249, col. 1.*)

Digitized by Google

O último assistente ao clérigo enfermo foi o licenciado Tomás de Tôrres, «medico e astrologo naquelle tempo insigne», o qual ensinou ao príncipe D. João «a teoria dos planetas, e algũas cousas faciles de astrologia [1].» Escolhera-o D. Manuel para mestre de seu filho, porque a Tomás de Tôrres, «seu physico, homem mui experto, assi na Astrologia, quomo em outras sciẽcias», mandava, por ser também el Rei «muito dado à Astrologia judiciaria», tirar juizos (horoscópos) «no partir das naos pera ha India, ou no tempo que has sperava [2]». E aqui está por que Gil Vicente na farsa o apresentou como um médico, para quem as indicações tiradas dos astros são o principal fundamento para o tratamento dos doentes.

Ainda em vida de D. Manuel passou para o serviço do Príncipe na qualidade de seu físico, como nos revela um mandado de 4 de Fevereiro de 1520 [3]. Em 1524 comprou uma tença de 10:000 rs. [4]; em 10 de Agosto de 1553 ainda vivia [5]; em 16 de Maio de 1555 era porêm já falecido [6].

Demorei-me talvez de mais com o *Auto dos Físicos*; é possivel e o leitor me desculpará, porque, assim como eu, o achará interessantissimo. É uma das nossas antigas revistas do ano com personagens da vida real em scena, nem sequer mascaradas com outros nomes. E para me despedir dêle contarei uma resposta engraçada atribuida a Gil Vicente num códice do século XVII da qual devo o conhecimento ao meu amigo dr. António Baião, ilustre director da Tôrre do Tombo. Eis o caso:

«Gil Vicente, cuidando que por bom poeta podia entender de tudo, quis sustentar huma opinião na física, contra o parecer de hum físico del Rei, castelhano, ao qual disse, que se calasse, que não sabia que cousa era física; agastando-se o físico e respondendo-lhe que sim sabia, porque havia quarenta annos, que era Doutor nella, disse-lhe Gil Vicente, que pois assim era, que lhe declarasse que cousa era física; e o Doutor respondeo-lhe, que era curar as doenças com saber e experiencia; e Gil Vicente tornou-lhe: Vedes Doutor, cuidais que sabeis, pois não hé essa; a física hé a molher do físico.»

Em quanto Gil Vicente andava representando na côrte as farsas dos *Físicos* e do *Velho da Horta*, achava-se servindo na Índia seu filho Gaspar Vicente. Para lá devia ter partido na armada de 1506, da qual era capitão mor Tristão da Cunha, levando de conserva cinco náus para andarem nas costas da Arábia capitaneadas por Afonso de Albuquerque. Estou persuadido, de haver Gaspar Vicente embarcado então, não só olhando á protecção lá dispensada ao rapaz pelo futuro governador da Índia, mas também porque vejo Gil Vicente recordar-se daquela armada no *Auto da India*, representado em 1509.

---

[1] FRANCISCO DE ANDRADA, *Cronica de D. João III*, part. I, cap. 3.º, fl. 3; e por outras palavras em FR. LUÍS DE SOUSA, *Annaes de D. João III*, pag. 8.

[2] GOES, *Quarta parte da Chronica de dom Emanuel*, cap. 84, fl. 105, col. 4.

[3] LOUSADA, *Sumários da Torre do Tombo*, II, fl. 127 v., mihi.

[4] *Arch. hist. port.*, II, 125.

[5] Foi padrinho de uma criança (*Registo da freguesia de Santa Cruz do Castello*, pag. 26).

[6] Carta daquela data confirmando a referida tença de 10:000 rs. a Maria Vicente de Tôrres, mulher do licenciado João de Araujo e filha do falecido licenciado Tomás de Tôrres, «que foy meu fisico» (SOUSA VITERBO, *Duarte Galvão e a sua familia*, pag. 66).

Digitized by Google

Tres annos ha
que partio Tristam da Cunha (*fl. 197, col. 2.*)

A protecção por Afonso de Albuquerque dispensada a Gaspar Vicente não creio que proviesse, como insinuam certos genealogistas, dêste ser sobrinho ou parente de Joana Vicente, mãe de Brás, filho do futuro conquistador de Goa [1]; creio antes que a protecção resultasse de recomendação de Tristão da Cunha, pois que o vejo repetidamente nomeado em obras do poeta, no *Auto da Índia*, no *Velho da horta*, e nas *Côrtes de Jupiter*, parecendo indicar a existência de relações entre os dois. Fosse como fosse, o certo é ter Afonso de Albuquerque, em princípios do ano de 1513, mandado «com Diogo Fernandez e Joham Navarro ho filho de Gill Vicente», indo o primeiro, que era adail de Goa, por embaixador ao Çabaio, o segundo por língua [2], e o terceiro por escrivão [3]. A 21 de Janeiro assinou o Capitão mor o mandado para serem dados «a Diogo Fernandes e a Joham Navarro trimta cinquo pardaos de mãtymento de dous meses que lhe mãdo dar pera despesa daqui a Belagate, homde está o Sabaio, onde agora o ẽvio por ẽbaxador [4].» Na véspera tinha assinado outro mandado para se darem dois pardaos ao patrão da barca Ribeira para compra de mantimentos «pera a gente que leva na barca cõ os cavalos e mesegeiros que emvyo ao Sabaio [5]». Só para Gaspar Vicente é que não encontro mandado nenhum especial.

Ainda na Índia servia em 1517, sendo datado de 18 de Março dêsse ano um mandado de D. Goterre de Monroy, capitão de Goa, ordenando que do soldo de «Gaspar Vicente, filho de Gil Vicente» fossem dados, em virtude de uma sentença do Ouvidor, quatro pardaos a Vicente da Costa, a quem o outro os devia. Numa espécie de sumário está escrito: «mandado do capitão pera quatro pardaus *do filho de gill vicente*». Este documento revelador do nome do filho do poeta foi encontrado pelo general Brito Rebêlo, que do achado deu conhecimento à Academia, terminando a sua comunicação com estas palavras, referindo-se ao tal sumário: «Por conseguinte era Gaspar Vicente sempre conhecido ou mencionado como *o filho de Gil Vicente* [6].» Mais uma prova da identidade do poeta e do ourives: Gil Vicente é sempre antonomásticamente designado, porque era só um.

Pouco mais tempo se demorou na Índia, visto que por desembargo de 6 de Maio de 1519 foram mandadas pagar as moradias do primeiro quartel do ano às pessoas assentadas nos livros de matrícula da casa rial, e a primeira no título dos moços da capela, que haviam por mês quatro centos e seis reais, era Gaspar Vicente, filho de Gil Vicente, e como lhe foi desembargada tôda a quantia correspondente ao primeiro trimestre do ano, vê-se que êle serviu todo êsse

---

[1] Carta de 26 de Fevereiro de 1506 de legitimação de «brás filho de afonso dalbuquerque fidalguo de nossa cassa e de joanna vicente molher solteira» (Liv. 3.º de *Legitimações de leitura nova*, fl. 308).

[2] *Cartas de Afonso de Albuquerque*, I, 201, carta datada de Cananor, a 4 de Dezembro de 1513.

[3] *Commentarios do grande Afonso de Alboquerque*, ed. de 1576, pag. 442.

[4] *Cartas de Afonso de Albuquerque*, V, 512.

[5] *Ibidem*, pag. 370.

[6] *Boletim da Segunda Classe da Academia das Sciências de Lisboa*, X, 318.

Digitized by Google

período [1], devendo ter regressado na armada de 1518. Esta averiguação é suficiente para destruir a torpe calúnia divulgada por Faria e Sousa, à qual já lá acima aludi, e que acusava Gil Vicente de ter feito, por inveja do seu talento, desterrar para a Índia um filho que lá morrera. O filho foi com efeito para a Índia, mas por sua livre vontade, à cata de aventuras ou de fortuna, e de lá voltou a servir na capela rial.

Depois de Maio de 1519 não há mais notícias de Gaspar Vicente. Admite o general Brito Rebêlo a possibilidade dêle haver morrido de peste e ser ao seu falecimento que aludem certas palavras nas *Trovas* «de Gil Vicente ao Conde do Vimioso... em tempo de peste, e o primeyro rebate della deu por sua casa [2],» marcando para o fúnebre sucesso o ano de 1518 [3], no que se engana. Teria porêm morrido na peste de 1520, da qual se encontram vestígios na primavera [4]; mas eu não creio que o poeta tivesse nessa ocasião perdido nenhum filho. Na rúbrica das *Trovas* lê-se apenas o acima transcrito e não é indicativo de desastre grave; o texto também não aparece muito sombrio, como se pode ver:

Senhor, a longa esperança
muy curto prazer ordena;
minha vida estaa em balança
e a muyta confiança
nunca causou pouca pena.
Isto digo
polo que passo comigo
polo tempo que se passa,
vejo minha morte em casa
e minha casa em perigo. *(fl. 258, col. 1.)*

Só se pode conjecturar, quanto a Gaspar Vicente, que morreria depois de Maio de 1519, com pouco mais de trinta anos, entrando, provávelmente, para moço da capela no seu lugar seu irmão Belchior Vicente.

Em Janeiro de 1513, como acima vimos, servia Gaspar Vicente na Índia e seu pai, que ficára no reino exercendo o mister de ourives da raínha D. Leonor, foi, por carta dada em Èvora a 4 de Fevereiro do mesmo ano, nomeado

---

[1] *Livro das moradias do primeiro quartel do ano de 1519* (Tôrre do Tombo, mac. 1.º de Moradias, liv. 4) e *Livro dos cavalleiros de 1519* (*Ibi*, liv. 5). No primeiro, no verso da fl. 4, lê-se: «[m]oços da capela que ão por [mes quatro] cẽtos e seys rs... filho de gill vicente [de todo avera] *mil* ij° xbiij°.» No segundo, na fl. modernamente numerada 9, na qual estão os nomes começados pela letra *G*, encontra-se sob título de moços da capela: «gaspar de vicente filho de gill vicente—82». Este livro é o índice doutro, no qual estavam assentados com seus vencimentos todos os moradores da casa rial, livro desaparecido e certamente diverso do acima primeiro citado, que não chega a ter 82 folhas.

Brito Rebêlo, na ed. de 1902 do seu *Gil Vicente*, pag. 101 e na pag. 12 da ed. de 1912, refere-se, pouco explicitamente todavia, a êstes dois livros, aproveitando e muito bem a indicação do segundo para preencher a lacuna existente no primeiro, ao qual falta parte da folha, mas não reparou no quartel do ano a que o vol. se refere, induzindo-o isso ao engano de supôr que tudo se reportava ao ano de 1518 (ed. de 1912, pags. 128 e 141), quando êle é o de 1519.

[2] *Copilaçam*, fl. 258, marcada por êrro 255.

[3] *Gil Vicente*, ed. de 1912, pags. 128 e 141.

[4] FREIRE DE OLIVEIRA, *Elementos para a historia do municipio de Lisboa*, I, 469.

Digitized by Google

mestre da balança da Moeda de Lisboa durante a menoridade do filho do falecido proprietário do ofício [1]. Esta carta está registada no livro 42.º da *Chancelaria de D. Manuel*, no verso da fl. 20, e por cima do registo tem, como já lá acima ficou dito, escritas de letra contemporânea, em ar de sumário, as palavras «Gil Vicente, trovador, mestre da balança».

Antes da sua nomeação para mestre da balança havia Gil Vicente, a 21 de Dezembro de 1512, sido eleito pela bandeira dos ourives um dos vinte e quatro mesteres da Casa dos Vinte e Quatro, devendo portanto, segundo o regimento da Casa, ter mais de quarenta anos e ser casado. A seguir foi eleito pelos seus colegas para ser um dos quatro procuradores dos mesteres junto da vereação de Lisboa, ficando pelo facto tendo assento na Câmara, em lugar inferior ao procurador da cidade, e com direito de voto nos negócios relativos às corporações dos ofícios mecânicos e ao govêrno económico da cidade [2]. No dia 6 de Outubro de 1513 reuniram-se na Câmara, em vereação, os vereadores Fernão Lopes Correia [3], D. Pedro [de Castelbranco] [4] e João Fogaça [5], o procurador da cidade, e os procuradores dos mesteres Simão Vaz, Gil Vicente e Gonçalo Dias, e deliberaram, satisfazendo a uma indicação de D. Manuel, dar a D. Diogo

---

[1] Doc. II, lá adiante transcrito e já reproduzido em fac-simile em frente da pag. 18.

[2] Freire de Oliveira, *Elementos para a hist. do município de Lisboa*, I, pags. 3 e 4. — Advertirei que a sentença de 22 de Maio de 1506, pela qual fôra abolida a Casa dos Vinte e Quatro, havia sido revogada e dada sem efeito por carta régia de 14 de Julho de 1508.

[3] Fernão Lopes Correia foi guarda roupa de D. Manuel e, em 23 de Abril de 1449, teve carta de quitação do que recebera na guarda roupa. Vendeu o ofício a seu concunhado Álvaro da Costa, criado e feitura daquele soberano, que lhe deu o título de dom e o ofício de armador mor. As mulheres dos dois eram irmãs de Bartolomeu de Paiva, outro valido, êste porém de D. João III de quem foi amo e apenas com a designação de *O Amo* assinou muitos docs. Fernão Lopes parece ter sido vereador desde 1512 até 1520; ainda vivia em 1534 (*Arq. hist. port.*, X, 141), e foi sepultado à porta da antiga igreja paroquial de Sacavem, guardando-se hoje a campa da sua sepultura no Museu do Carmo para onde eu a dei. Tem o epitáfio muito apagado, não se podendo ler a data da morte.

[4] D. Pedro de Castelbranco, irmão do vedor da fazenda D. Martinho de Castelbranco, futuro conde de Vila Nova de Portimão, ainda era vereador em 1521, quando foi da quebra dos escudos por morte de D. Manuel. Seu colega na vereação, João Fogaça, dirigiu-lhe umas trovas reproduzidas no *Cancioneiro*, fl. 89, col. 3; e Rèsende, no cap. 185 da *Vida de D. João II*, conta uma reprimenda aplicada por el Rei a D. Martinho, por dar a preferência aos negócios dêste seu irmão sôbre os doutros requerentes. Morreu D. Pedro, que havia sido guarda mor do senhor D. Jorge, em 1524 (*Arch. Hist. port.*, II, 129).

[5] João Fogaça, um dos poetas mais nomeados no *Cancioneiro*, foi almoxarife da alfândega de Lisboa por carta dada em Çamora, a 26 de Outubro de 1476, e foi mandado meter de posse do ofício por carta de 21 de Janeiro de 1478, em sucessão a seu pai, Diogo Fogaça, outro poeta do *Cancioneiro*. Renunciou o ofício, dando-lhe D. Manuel em troca certas rendas no Algarve e na Azambuja, por carta de 1 de Abril de 1490. Foi outrosim provedor e superior das aposentadorias de Lisboa, lugar que renunciou em D. Martinho de Castelbranco, a quem foi confirmado por carta de 24 de Agosto de 1511. João Fogaça morreu em um dos três anos de 1523, 24 ou 25 (*Arch. hist. port.*, II, 131). Havia sido do conselho de D. João II e D. Manuel e é mencionado por Gil Vicente, em 1512, na ladainha do *Velho da horta*:

Oo apostolo sam Joam Fogaça,
tu que sabes a verdade,
pola tua piedade
que tanto mal nam se faça. *(fl. 204, col. 3.)*

Digitized by Google

Lobo [1], barão de Alvito e vedor da fazenda, um chão junto à porta do Terreiro do Trigo, em troca de trinta mil reais para ajuda da obra dos canos da água de Andaluz [2]. Está-se aqui a ver o truão, como o Visconde de Ouguela classifica a Gil Vicente, a tomar parte nas deliberações da Câmara. Está-se mesmo a ver!

Exortação da guerra.

Meado Agosto dêste ano de 1513, estando já reunida em Lisboa toda a expedição, que sob as ordens do duque de Bragança D. Jaime havia de partir à conquista de Azamor, realizou-se um serão no paço e Gil Vicente representou a tragicomédia *Exortação da guerra.* Notarei, para mostrar a confiança devida às rúbricas antepostas às obras dramáticas do mestre da balança, que naquela se declara haver ela sido «representada a... dom Manoel... na sua cidade de Lixboa na partida pera Azamor do... Duque de Bargança... Era de M. D. xiiij. (1514) annos». *(fl. 156.)* É tão sabido haver a empresa de Azamor tido lugar no ano precedente, que nem carece de citações; veja-se porêm o cuidado com que se hão de aproveitar as tais rúbricas. Na edição de Hamburgo emendaram a data, sem o advertir.

Na *Exortação da guerra*, não só há referências a pessoas presentes, como até o autor se mete a adivinhar o futuro, saíndo os seus vaticínios certos, visto que êle retocou a peça posteriormente, não depois de 1536, quando D. João III lhe mandou coligir as suas obras, mas antes disso.

Em scena está um clérigo nigromante que evoca, e por dois diabos que tem a seu serviço, um dos quais parece ser da sociedade protectora dos animais, pois pregunta,

hé vivo aquelle alifante
que foy a Roma tam galante? *(fl. 151, col. 3.)*

manda trazer à sua presença as almas de «Policena, Pantasilea, Archiles, Anibal, Eytor e Cepiam», os quais, no fim, todos juntos, «se ordenaram em caracol, e a vozes cantaram e representaram o que se segue, cantando todos... E com esta soyça se sayram e fenece a suso dita Tragicomédia». *(fl. 160, col. 1 e 2.)*

Ora, quando entra a Policena, diz:

. . . . . .
Nam foy o paço Troyano
dino do vosso primor:
vejo um Priamo mayor,
hum Cesar muy soberano.
Outra Ecuba mais alta,
muy sem falta,

---

[1] D. Diogo Lobo, 2.º barão de Alvito, também foi poeta do *Cancioneiro*. Foi êle que levantou o castelo de Alvito, tendo começado a obra em Agosto de 1494. Serviu o ofício de vedor da fazenda desde 1496 a 1525, ano em que morreu. Na ladaínha do *Velho da horta* dedica-lhe Gil Vicente êstes versos:

Oo sancto barão dAlvito
serafim do Deos Copido,
consolay o velho aflito,
porque inda que contrito,
vay perdido. *(fl. 205, col. 1.)*

[2] Doc. III.

Digitized by Google

em poderosa, doce, humana,
a quem por Febo e Diana
cada vez Deos mais esmalta.
E vós, Principe excelente,
day-me alvisaras liberais,
que vossas mostras sam tais
que todo mundo he contente.
E aos planetas dos ceos
mandou Deos
que vos dessem tais favores,
que em grandeza sejais vós
prima dos antecessores.
Por vós muy fermosa flor,
iffante dona Isabel,
foram juntos em torpel,
per mandado do Senhor,
O ceo e sua companha,
e julgou Jupiter juiz
que fosseis Emperatriz
de Castella e Alemanha.
Senhor iffante dom Fernando,
vosso signo he de prudencia,
Mercurio per excelencia
favorece vosso bando.
Sereis rico e prosperado
e descansado,
sem cuydado e sem fadiga,
e sem guerra e sem briga;
isto vos estaa guardado.
Iffante dona Breatiz,
vós sois dos sinos julgada
que aveis de ser casada
nas partes de flor de lis.
Mais bem do que vós cuydais,
muyto mais,
vos tem o mundo guardado;
perdey, senhores, cuydado,
pois com Deos tanto privais.
Clerigo) Que dizeis vós destas rosas,
deste val de fermosura?
Policena) Tal fôra minha ventura
como ellas sam de fermosas.
Oo que côrte tam lozida,
e guarnecida
de lindezas pera olhar!
quem me podera ficar
nesta gloriosa vida! (*fl. 158, col. 1 e 2.*)

Na realidade, a infanta D. Beatriz casou, não bem «nas partes da flor de lis», mas aí por perto, com o Duque de Saboia, casamento realizado porêm só d'ali a oito anos, tendo por sinal Gil Vicente compôsto a tragicomédia *Côrtes de Jupiter* para ser representada à partida da desposada. A infanta D. Isabel veio também, com efeito, a ser imperatriz, mas mais tarde ainda, porque só se desposou com Carlos v em Novembro de 1525, representando da mesma maneira Gil Vicente nessa ocasião, ou em Janeiro à partida, outra tragicomédia, o *Templo de Apolo*. Ora as profecias do bruxo saíram certas, não há dúvida, mas foi porque Gil Vicente as retocou e também certo é que nunca havemos de adivinhar as palavras primitivamente escritas, apesar de podermos, com bastante precisão, marcar o tempo em que foram substituidas.

Digitized by Google

Dirigindo-se, como vimos acima, ao infante D. Fernando diz-lhe Gil Vicente: «sereis rico e prosperado e descansado», alusão manifesta ao seu casamento com a opulenta herdeira das casas de Marialva e Loulé. O enlace, realizado em Março de 1530, foi dissolvido de uma maneira realmente funesta, em Novembro de 1534, um mês após a morte do último filho, um mês antes do falecimento da viúva [1]. Foram portanto os retoques introduzidos no auto depois de Março de 1530 e antes de Novembro de 1534.

Outra figura do auto, a rainha Pentesilea, mais guerreira, exorta a que se deixem de deleites e tráfegos.

> Oo! deixay de edificar
> tantas camaras dobradas,
> muy pintadas e douradas,
> que he gastar sem prestar.
> Alabardas! alabardas!
> espingardas! espingardas!
> nam queyrais ser Genoeses,
> senam muyto Portugueses,
> e morar em casas pardas. (*fl. 159, col. 1.*)

Agora que estamos também em guerra, sem bem sabermos por quê, nem para quê, ponhamos os olhos na exortação da Rainha das Amazonas... para a não seguirmos.

Comédia do Viúvo

Chegamos a um ponto importante da vida doméstica de Gil Vicente, ponto pouco esclarecido ainda e que na mesma penumbra terei de deixar. Em que ano enviuvou êle?

Inclina-se o melhor biógrafo do poeta a supôr que seria em 1514, ano em que compôs e representou a comédia do *Viúvo*. «Nessa comedia o protagonista tem duas filhas, *Paula* e *Melicia*, nomes não muito vulgares então, principalmente o segundo, e que por uma circumstancia, de certo, propositada, nos apparecem na familia de Gil Vicente, um em uma filha, outro em uma viuva. O sentimentalismo no seculo XVI, não levava os homens á inconsolabilidade. Desde o soberano, que, ao contrario do famoso Barba azul, não tinha empenho em ser viuvo, mas apenas via o tálamo deserto, procurava logo aquecel-o com a suave companhia de outra consorte, até à mulher do meirinho, do escrivão, etc., a quem, logo que enviuvava, se fazia mercê do cargo do fallecido, para aquelle que com ella tornasse a casar, o que se realisava breve, graças á emprego-mania lusitana, passado o tempo natural do desgosto, não era raro, antes communissimo, o conjuge viuvo passar a segundas e terceiras nupcias e ainda a mais [2].»

Segundo a rúbrica, a comédia «trata de hum homem mercador que morava em Burgos, e tinha hũa muyto nobre dona por molher, a qual falecida da vida presente, lhe ficárão duas filhas, hũa per nome Paula, outra Melicia, e de como casaram. Foy representada na era do Senhor de M. D. XIIII.», num serão da côrte, ao qual assistia o príncipe D. João, tendo apenas doze anos de idade. Abre a comédia pela lamentação sentida do Viúvo, já lá acima transcrita, na qual êle,

---

[1] *Brasões de Cintra*, II, 448 e 449.
[2] BRITO REBÊLO, *Gil Vicente*, ed. de 1902, pag. 80.

Digitized by Google

em saudosas e maguadas frases, fere a nota do seu desconsôlo. Estando nisto, entra um Frade a confortá-lo e tão bem se houve, que o Viúvo lhe diz:

Padre, quedo consolado.
Frade) El vero consolador,
Christo nuestro redemptor,
esfuerce vuestro cuydado.
Paula) Oo que padre tan honrrado!
Viúvo) Descansado
algun poquito me siento,
y parte del pensamiento
me ha quitado. (*fl. 100, col. 4.*)

Continua expondo ás filhas apreensões pelo seu futuro e dando-lhes conselhos, tudo a breve trecho interrompido pela visita do Compadre, que lhe pregunta de entrada

Que hazes, compadre amigo?
Viúvo) Lo que quiere la tristura,
sin muger y sin abrigo.
Compadre) Bien trocara yo contigo,
si supiera tu ventura;
que tengo muger tan dura
de natura,
que se daa la vida en ella
mejor que en sierra dEstrella
la verdura. (*fl. 100, col. 4.*)

E vai proseguindo com inveja do Viúvo, da sua sorte tão diferente da dêle, obrigado a aturar uma mulher que, *por mas mi daño ser, es imortal.* «E' claro que quem póde formular taes contrastes em verso tão corrente, rima tão facil, que não apresenta a minima dureza, e vem sem artificio, não está longe de admittir consolações, se se lhe depara alma terna, que queira vir suavisar-lhe as magoas do coração. Se pois, a *Melicia Rodrigues* que em 1565 nos aparece como viuva de Gil Vicente, foi com effeito a alma dulcissima, que veio mitigar a falta de uma primeira esposa, não deixa de ser explicavel, a razão por que na referida comédia *Melicia* é desposada por *Gil-berto.* Temos este facto como muito provavel, visto acharem-se residindo, naquelle anno, no mesmo local, a viuva, um filho e duas netas de Gil Vicente [1].»

Já agora notarei para confirmar estas ilações, as quais aceito por as encontrar concordes com factos averiguados da vida de Gil Vicente, que na comédia do *Viúvo* o namorado D. Rosvel está apaixonado por ambas as filhas do protagonista, Paula e Melícia, e quando aquela lhe pregunta:

Por qual de nós lo aveis vós?

ingenuamente lhe responde:

---

[1] Brito Rebêlo, *Gil Vicente*, ed. de 1902, pag. 81, confirmada em 1912, pag. 129.

Digitized by Google

Dos amores se ajuntaron
contra mi,
los males de dos en dos
mi cuerpo y alma cercaron,
quando os vi.
De dos en dos las dolores,
dos saetas en mi siento
y me hirieron;
ay. que juntos dos amores
en un solo pensamiento
no se vieron! (*A. 104, col. 4.*)

concordando lá mais adiante:

Con ambas no puede ser
casar yo, como sabeis;
hechad suertes,
que quiero satisfazer
la merced que me hazeis
de mil muertes.
Melicia) Burlais vos de nós, señor?
parece me sueño esto.
Paula) Ansi lo es.
Rosvel) No quiero mas ser pastor,
echad vuestras suertes presto
y vello eis. (*A. 105, col. 2-3.*)

Então «tirou dom Rosvel o chapeyrão... e forã se as moças a el Rey D. Joam III, sendo Principe (que no serão estava) e lhe perguntarão, dizendo:»

Principe...
juzgad vós:
la una Dios casar quiere,
dezid nos, señor Real,
qual de nós.

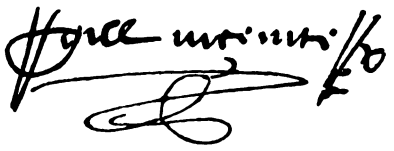
«Julgou o dito senhor que a mais velha casasse primeyro, e diz Melicia»

En Paula cayó la suerte,
Dios se acordaraa de mi. (*A. 105, col. 3.*)

Quero dizer: a Paula casou primeiro com um D. Rosvel, que não sabemos na realidade quem fosse; a Melícia casou depois com o *Gil-berto* (Gil Vicente?) e ao primeiro fruto dêste casamento puseram o nome de Paula, em consideração à tia. Até aqui nos podem levar as suposições fundadas em factos posteriores: os nomes da segunda mulher de Gil Vicente e da primeira filha dêste consórcio, respectivamente Melícia Rodrigues e Paula Vicente. E fiquemos nisto de acôrdo com o general Brito Rebêlo, em quanto algum documento não vier modificar em parte ou revogar no todo as formuladas conjecturas. Um aparece que talvez tenha alguma conexão com a recente viuvez do poeta. Em 8 de Abril de 1514 foi assinado em Lisboa o caderno da sisa do pescado e madeira daquela cidade, no qual se determinaram os pagamentos a fazer pelo produto daquele imposto e

Digitized by Google

entre êles aparece: «E 20:000 a Gil Vicente, dajuda de casamento de sua irmaã [1].» O pagamento não se chegou a efectuar naquele ano, caso muito vulgar, e só se realizou em virtude de um mandado de 21 de Setembro de 1515, no qual se declara que dos 20:000 rs. fôra feita mercê a Gil Vicente «para ajuda do casamento de Felipa Borges sua irmaã [2].» Daquela quantia foi passado recibo em Lisboa, a 25 do mesmo mês, por «Gil Vicente mestre da balança [3],» que o assinou assim:



Um reparo sugerem as datas dêstes documentos: como é que, tendo Gil Vicente nascido pelos anos de 1460, só em 1514, cinqùenta e quatro anos depois, se pensava em ajudar o casamento de uma sua irmã? Podia ela na verdade ser muito mais nova, até doutro leito; podia a mercê haver sido concedida anteriormente e só então efeituada; ambas as conjecturas são presumiveis, mas o certo é que muitas vezes os documentos, desacompanhados doutras indicações, colocam o investigador em embaraços dificeis de resolver. Em análoga situação me encontrarei logo com uma neta de Gil Vicente.

Do seu primeiro consórcio teve o poeta, além de Gaspar Vicente, outro filho pelo menos, com o nome de Belchior Vicente, o qual deve ter nascido pelos anos de 1504 ou 1505. Dêle me ocuparei lá mais adiante.

Durante o período da sua viuvez compôs Gil Vicente pelo menos tres autos, o da *Fama*, o da *Festa* e o da *Barca do Inferno*.

Auto da Fama.

A rúbrica do primeiro diz: «A Farsa seguinte foy representada aa muy catholica e serenissima Raynha dona Lianor e depois ao muyto alto e poderoso Rey dom Manoel na cidade de Lixboa, em Santos o velho, na era do Senhor de M. D. X.» Esta data está evidentemente errada, como muito bem advertiu o general Brito Rebêlo, quando se referiu ao auto, «pois que do seu contexto vemos que não podia ser escripto antes de 1515, portanto suppomos a sua verdadeira data 1516, erro facil de imprimir, 0 em vez de 6 [4]». Se primitivamente a data tivesse sido impressa em caracteres arábicos, não seria dificil ter-se dado o aludido êrro de impressão; mas, tendo ela sido reproduzida em caracteres romanos, fica inteiramente prejudicada a suposição. Não obstante, é indubitável que a composição do auto há de ter sido bastante posterior ao ano de 1510, como muito bem observa o general, notando que na peça a Fama «faz uma rese-

---

[1] *Arch. hist. port.*, vol. VIII, pag. 71, n.º 32.
[2] Doc. IV.
[3] Doc. V.
[4] *Gil Vicente*, ed. de 1902, pag. 47.

Digitized by Google

nha das empresas portuguesas desde Guiné até Malaca, não esquecendo o Brazil, Ormuz e Aden. Eis porque suppomos não poder a peça ser anterior a 1515. Goa foi tomada em 1510, Malaca em 1511, Azamor em Africa em 1513, no mesmo anno em que foi destruida Aden, noticia que só se podia conhecer no reino no segundo semestre de 1514 [1]. O trecho, a que o General alude, é recitado pela «primeyra figura, hũa mocinha da Beyra chamada Portuguesa Fama [2]», nêstes versos:

Preguntay ora a Veneza
como lhe vay de seu jogo:
eu vos ensinarey logo
de que se fez sua grandeza.
Começay de navegar,
yreis ao porto de Guinee;
preguntaylhe cujo he,
que o nam pode negar.
Com ylhas mil
deyxay a terra do Brasil;
tende-vos aa mão do sol,
e vereis homẽs de prol,
gente esforçada e baronil.
Aos comercios preguntareis
de Arabia, Persia, a quẽ se derã
ou quando os homẽs tiveram
este mundo que vereis.
E não fique
preguntar a Moçambique
quem he o alferez da fee,
e Rey do mar quem o he,
ou saa outrem a que saplique.
Hormuz, Quiloa, Mombaça,
Çofala, Cochim, Melinde,
como em espelhos dalinde,
reluze quanta he sua graça.
E chegareys
a Goa, e preguntareys
se he ainda sojuzgada
por peyta, rogo, ou espada?
veremos se pasmareis.
Preguntay ha populosa,
prospera e forte Malaca,
se lhe leixaram nem estaca
pouca gente, mas furiosa.
E vereis de longo e de través
se treme todo o sertam:
vêde se feyto Romão
com elle me ygualareis.
Italiano) Oo Diu!
Fama) Esperay vós,
que ind'eu agora começo;
que'ste conto he de gram preço;
bento seja o Rey dos ceos!
Preguntay
ao Soldam como lhe vay

---

[1] Brito Rebêlo, *Gil Vicente*, ed. de 1902, pag. 48.
[2] *Copilaçam das obras de Gil Vicente*, fl. 198, marcada 191.

Digitized by Google

com todos seus poderios;
que contr'elle sam seus rios:
e esta nova lhe day.
Hidevos pola foz de Meca,
vereis Adem destroyda,
cidade muy nobrecida,
e tornouselhe marreca.
E achareis
em calma suas galees,
e as velas feytas em isca,
e balhando ha mourisca
dentro gente Portugues.
Achareis Meca em tristeza,
ainda muy sem folgança,
renegando a vezinhança (*fl. 199, col. 3 e 4.*)
de tam forte natureza.
Porque foram
na ilha do Camaram
e no estreyto fortalezas,
e as mouriscas riquezas
ao Tejo se viram. (*fl. 200, col. 1.*)

Não há pois dúvida: o auto é posterior a 1514, visto que só nêste ano podia constar no reino a destruição de Adem, levada a efeito em Março e Agosto de 1513 [1]. Inclino-me, em divergência porêm com a opinião do general Brito Rebêlo, a que êle tivesse sido representado em 1515 e não em 1516 e já vou dizer por quê. Em 1515 D. Manuel esteve em Almeirim até meado Março, transportando-se para Lisboa entre 10 e 20 do mês, e aqui permaneceu até fins de Outubro, indo passar a festa dos Santos a Almeirim [2]. Nesta vila ainda residia em 17 de Maio de 1516, mas já se encontrava outra vez em Lisboa a 28 do mesmo mês e nesta cidade passou todo o resto do ano e grande parte do seguinte [3]. Não há portanto embaraço proveniente da residência da côrte: em qualquer dos dois anos de 1515 e 1516 D. Manuel assistiu durante muitos meses em Lisboa, se no paço de Santos, se no da Ribeira, não sei; mas que foi na cidade, não há dúvida. Não é pois a êste indício que posso ir procurar a preferência para o ano de 1515; é porque nêle a Páscoa, período festivo, passou a côrte em Lisboa; é principalmente porque em 1516, a 23 de Janeiro, morreu Fernando, o Católico, sogro de D. Manuel, trazendo o fúnebre sucesso o luto ao paço régio... A não ser que Gil Vicente, ao coligir as suas obras, retocasse êste auto, como fez ao da *Exortação da guerra*, segundo já lá acima mostrei, então, nêsse caso, poderia a data de 1510 na rúbrica estar certa... se D. Manuel nêsse ano tivesse estado em Lisboa, mas tal se não deu, porque o passou todo em Almeirim [4]. Mais ainda, se tivesse retocado o auto depois de 1536, porquê, entre as glórias portuguesas no Oriente, não havia de incluir a ocupação de Diu realizada no ano precedente? É tudo um labirinto de que dificilmente se sai.

---

[1] Barros, *Asia*, decad. II, liv. 7, cap. 9, e liv. 8, cap. 4.
[2] *Corpo cronológico*, passim.
[3] *Ibidem*.
[4] *Ibidem*.

Digitized by Google

Auto da Festa. O *Auto da Festa*, no caso de ser de Gil Vicente, como parece, é evidentemente do tempo da sua viuvez, nem em outra quadra teria explicação a resposta dada em scena pela Velha ao alvitre que lhe propôs o Rascão, dizendo-lhe

deveis vos de casar.

Ao que ela retorque

Olhay, filho, eu vos direy,
já me a mim mandou rogar
muitas vezes Gil Vicente,
que faz os autos a elRey,
porem eu não sou contente,
antes me assi estarey [1]. (*fl. 6, col 2.*)

Foi representado êste auto pelo Natal, segundo de várias passagens se depreende, e dei a preferência ao do ano de 1515 para não juntar duas representações no mesmo dia, como sucederia no de 1516, no qual, com bom fundamento, a meu ver, suponho haver sido representado o auto da *Barca do Inferno* na câmara da rainha D. Maria. No Natal de 1517 creio, conformando-me em parte com o parecer do general Brito Rebêlo, estar já Gil Vicente pela segunda vez casado. É certo que no mês de Dezembro de 1515 estava a côrte em Almeirim, mas também é certo que Gil Vicente andava no caminho, dividido entre as suas ocupações na Casa da Moeda e as diversões palatinas; um documento d'aqui a pouco citado nos tornará patentes as repetidas jornadas do poeta lavrante. Faço esta observação porque tenho a certeza de não haver o auto sido representado diante de D. Manuel, e tenho a convicção de não haver mesmo sido levado ao tablado em sitio onde estivesse a côrte, que passou o Natal dos três anos de 1513, 14 e 15 em Almeirim [2]. Excluida esta vila e com mais fundamento ainda a cidade de Évora, onde nada nêsses anos chamava Gil Vicente, só fica Lisboa para a representação.

Teve ela lugar em casa de alguma personagem, pois que o auto abre logo por estes versos:

Verdade) Esteys muyto embora, senhor muy honrado,
esteys muyto embora, assi como estays,
e Deos vos faça tão prosperado,
quanto eu sey que vós desejais.
Eu sam a Verdade
que venho, senhor, com grande vontade
beijarvos as mãos como a meu senhor
pello verdadeyro, e antigo amor,
que sempre vos tive por vossa bondade. (*fl. 1.*)
. . . . . .
E tendo sabido que vós, meu senhor,
me tendes amizade, e fé verdadeira
e por isso venho de aquesta maneyra
darvos as graças por tão grande amor.
E com pensamento
de em vossa pousada fazer aposento. (*fl. 2.*)

---

[1] *Gil Vicente — Auto da Festa. Obra desconhecida, com uma Explicação previa pelo Conde de Sabugosa, Socio effectivo da Academia Real das Sciencias de Lisboa.* Lisboa. Imprensa Nacional. 1906. 8.º No fim a reprodução em fac-simile das 16 páginas da primitiva impressão.

[2] *Corpo cronológico*, passim.

Digitized by Google

Lá mais adiante a cigana Graciana dirige-se «Ao dono da casa», declara a rúbrica, e diz-lhe:

Dá-me, senhor generoso,
. . . . . .
dezir te he la buena ventura
. . . . . .
tienes presencia honrada
. . . . . .
haz que vaya consolada
desta tu noble pozada
. . . . . (*fl. 3, col. 1 e 2.*)

Finalmente, a rúbrica da última scena é assim: «Aqui entra Fernando Pastor, e tres moças pastoras, e... diz Fernando ao senhor da casa:

Esteis muyto na boa hora
e tenhais muyta saude,
porque dizem lá por fora
que em *vossa mercê* mora
grande soma de virtude. (*fl. 8. col. 2.*)

O tratamento de vossa mercê aqui dado ao dono da casa exclui imediatamente a hipótese dêle haver sido o Conde do Vimioso, como o publicador do auto supôs. Os condes tinham já então o tratamento de senhoria e com êle se dirige o próprio Gil Vicente ao mesmo Conde nêstes versos:

Porem por cima de tudo
o meu despacho queria,
porque minha fantesia
ocupa o mais do estudo
todo em *vossa senhoria.* (*fl. 255, col. 2.*)

Outros exemplos: em 1515 ou 16 João Rodrigues de Sá manda ao 2.º Conde de Portalegre a sua tradução da *Epistola de Dido a Eneas* acompanhada dêstes versos

Muyto manifyco Conde
tome *vossa senhoria*;

anteriormente, ao mesmo Conde, ou a seu pai, dirige-se Luís Henriques, dizendo:

Dê vos Deos tanta vytorea
com que *vossa senhoria*
seja dino de memorea [1];

e não é precisa mais prova.

Que o *Auto da Festa* não foi representado ao Conde do Vimioso, não pode haver dúvida; que eu não sei a quem o fosse, também é certo, assim como também o é de ter Gil Vicente tirado dêle, em 1526, longos trechos para o *Templo de Apolo*, como lá adiante mostrarei. Ainda notarei que no *Auto da Festa* torna

[1] *Cancioneiro geral*, fl. 120, col. 3, e fl. 101, col. 4.

Digitized by Google

a aparecer indicada, como já lá acima consignei, a idade do poeta, quando a Velha declara não querer casar com êle, porque

hé logo muy barregudo
e mais passa dos sessenta. (*fl. 6, col. 2.*)

Por esta conta vinha Gil Vicente a nascer antes de 1455 e portanto pelos anos de 1452, conforme a indicação do auto do *Velho da horta;* mas já mostrei a mínima valia biográfica desta espécie de elementos.

Barca do Inferno. Segue-se o auto da *Barca do Inferno*, o primeiro da trilogia das *Barcas* tão aplaudida pelo público e tão apreciada pela crítica literária.

Declara-se na rúbrica: « Esta præfiguraçam se escreve neste primeyro livro, nas obras de devação: porque a segunda e terceyra parte forão representadas na capella, mas esta primeyra foy representada de camara pera consolação da muyto catholica e sancta raynha dona Maria estando enferma do mal de que faleceo, na era do Senhor, de 1517 [1]. » A data, 1517, indica o ano da morte de D. Maria e não o da representação do auto. Em 9 de Setembro de 1516 nasceu o infante D. António e logo morreu, deixando sua mãe « tam mal tratada do parto... que atté ha hora da morte nunqua se mais achou bem, porque se lhe gerou hũa apostema dentro nas entranhas, sem em toda ha mediçina haver cousa que lhe podesse dar saude, pelo que proçedendo esta mà disposiçam, com que se lhe acresçentavam de dia em dia gravissimas dores, faleçeo em Lisboa nos Paços da ribeira ahos sette dias do mes de Março... de Mil, quinhentos, e dezasete [2]. » O mal da Rainha foi-se agravando, as dores iam-se tornando cada vez mais violentas, não permitindo que nos últimos tempos, é evidente, se pudesse pensar em fazer-lhe representações no quarto e sobretudo ir evocar o inferno diante de uma pessoa « muim continua em suas orações, e devoções » e em tão grave estado de doença. Seria pois provávelmente composto o auto, como outros, para ser exibido ao nascimento do infante que se aguardava; mas não tendo o sucesso correspondido às esperanças, adiou-se a representação para mais tarde, talvez para o Natal. O segundo e o terceiro auto das *Barcas* foram, como se consigna na rúbrica do primeiro, representados em capela, na do hospital de Todos os Santos, o da *do Purgatório,* nas matinas do Natal de 1518, e na capela dos paços de Almeirim, o da *da Glória*, nas Endoenças do ano seguinte. No ano de 1517, devido á morte da Rainha, parece não se ter representado nenhum auto novo.

O entrecho do auto da *Barca do Inferno* é-nos apresentado pelo próprio autor. As almas, ao separarem-se dos corpos, chegam a um profundo braço de mar onde estão dois batéis, um dêles passa para o Inferno, o outro para o Paraíso, aquele tripulado por Diabos, êste por Anjos. Apresentam-se como passageiros um Fidalgo, um Onzeneiro, um Parvo, um Sapateiro, um Frade acompanhado da sua Moça, uma Alcaiota, um Judeu, um Corregedor, um Procurador, um Enforcado e finalmente quatro Cavaleiros da Ordem de Christo mortos nas partes de Africa. Êstes aparecem evidentemente para opôr aos mais, e são todos

---

1 *Copilaçam das obras*, fl. 43. v.
2 GOES, *Chronica de dom Emanuel*, part. IV, cap. 19, fl. 26.

Digitized by Google

admitidos na barca do Paraíso, cujo arrais, o Anjo, cheio de alegria lhes diz ao vê-los:

Oo cavaleyros de Deos,
a vós estou esperando;
que morrestes pelejando
por Christo, senhor dos ceos,
soes livres de todo mal,
sanctos por certo sem falha;
que quem morre em tal batalha
merece paz eternal. (*fl. 49, col. 3.*)

Dos outros apenas levou bom rumo o Parvo a quem o Anjo pregunta

Tu que queres?
Parvo) Quereisme passar aalem?
Anjo) Quem és tu?
Parvo) Nã sou ninguẽ.
Anjo) Tu passarás, se quiseres,
porque em todos teus fazeres,
per malicia nam erraste;
tua simpreza t'abaste
pera gozar dos prazeres. (*fl. 45, col. 4.*)

Tornam no auto da *Barca do Inferno* a aparecer referências a pessoas vivas de tal qual evidência na côrte, nomeadas pelos seus nomes e produzindo-se insinuações mais do que desagradáveis, ofensivas para algumas, principalmente para uma em quem concorria a particularidade de ser o chefe da repartição, como hoje diriamos, na qual Gil Vicente era empregado. Refiro-me a Garcia Moniz, tesoureiro da Moeda de Lisboa, onde o poeta servia então com outro indivíduo de mestre da balança. Vão ver.

Aparece em scena a alma de um Enforcado e pregunta-lhe o Diabo

Venhais embora, enforcado.
que diz lá Gracia Moniz?
Enforcado) Eu vos direy que elle diz
que fuy bem aventurado;
que pollos furtos que eu fiz,
sou sancto canonizado;
pois morri dependurado,
como o tordo na buiz [1].
Diabo) Entra ca, e remarás
atee ás portas do inferno.
Enforcado) Nã he essa a nao que eu govérno.
Diabo) Entra, que inda caberas.
Enforcado) Pesar de sam Barrabas!
se Garcia Moniz diz
que os que morrem como eu fiz,
sam livres de Satanás! (*fl. 48, col. 4.*)
E disse que a Deos prouvera
que fôra elle o enforcado,
e que fosse Deos louvado,
que em bo'ora eu nascêra;

1 Armadilha de caça.

Digitized by Google

e que o senhor mescolhêra,
e por meu bem vi beleguins:
e com isto mil latins,
como s'eu latim soubera.
E no passo derradeyro,
me disse nos meus ouvidos,
que o lugar dos escolhidos
era a forca e o Limoeyro:
nem guardiam de mosteyro
nam tinha mais sancta gente,
como Affonso Valente,
o que agora he cacereyro [1]. *(fl. 49, col. 1.)*

Lá mais adiante alega que o Moniz não pode mentir pois lhe assegurara a ida para o paraíso, tendo feito o tempo do purgatório no Limoeiro, e outras indicações para mostrar que da fôrca também era merecedor Garcia Moniz e pelo mesmo crime de furto.

Ora, dá-se o caso de por carta de 22 de Junho do ano seguinte ser Rui Leite, cavaleiro da casa do rei, nomeado tesoureiro da Moeda de Lisboa na vaga de Garcia Moniz que tinha o ofício «e foy julgado que o perdesse [2]». Os fundamentos que deram lugar à demissão do antigo tesoureiro transparecem no diploma e ficam patentes no auto, pondo bem clara a feia acção por Gil Vicente praticada, ainda talvez durante o período da investigação do delito. Fossem quais fossem os motivos que tivesse, se os tinha, de má vontade contra o seu superior, não o devia condenar num tribunal onde o réu não tinha voz nem defesa. Além disso Garcia Moniz era um velho, pois que entre 1472 e 1480 havia sucedido ao pai, Rui Moniz, na tesouraria da Moeda de Lisboa [3]; e ainda mais, porque parece não haver do desfalque (à moderna) encontrado na Moeda sido tão culpado Garcia Moniz que não tivesse havido com êle a benevolência, não só de lhe ser permitido continuar a viver, pagando renda, «nas logeas e sobrelogeas de baixo» da própria Casa da Moeda, como se declara na citada carta de nomeação de Rui Leite, mas também de lhe ser feita mercê, por carta de 6 de Julho de 1517, menos de um mês depois da sua substituição na tesouraria da Moeda, de se

---

[1] Afonso Valente, cavaleiro de nossa casa, carta de carcereiro da cadeia da cidade de Lisboa, assi como o era Fernão Gonçalves Bandarra, nosso escudeiro, que se ora finou, dada em Lisboa a 29 de Outubro de 1501 (liv. 1.º da *Chancelaria de D. Manuel*, fl. 51). No *Cancioneiro geral*, na fl. 62 e ainda noutras, aparecem trovas de um Afonso Valente que julgo ser diversa pessoa, residente em Tomar, onde servia no convento e tinha moradia assentada nos gerais (*Arch. hist. port.*, II, 86).

Pouco antes de se referir a Garcia Moniz já Gil Vicente dissera, que, se Pero de Lisboa viesse, iria naquela barcada para o Inferno. Este Pero de Lisboa era escrivão da fazenda e contas da Casa da Imposição de Lisboa, nomeado por carta de 15 de Dezembro de 1500 (liv. 12.º de D. Manuel, fl. 62) e tivera, em 2 de Janeiro de 1489, carta de privilégio de fidalgo para a correição de Lisboa (liv. 16.º de D. Manuel, fl. 101 v.).

[2] *Chancelaria de D. Manuel*, liv. 10.º, fl. 91, apud Brito Rebêlo, *A Custodia dos Jerónimos*, pag. 128 do III vol. do Occidente.

[3] Em 14 de Dezembro de 1472 ainda Rui Moniz era tesoureiro da Moeda (liv. 29.º de Afonso V, fl. 257); num alvará porém de 11 de Maio de 1480 foram mandadas pagar a Garcia Moniz, tesoureiro da Moeda de Lisboa, 1400 dobras de seu casamento, alvará transcrito na carta de 14 de Junho de 1524 de confirmação das ditas dobras a D. Genebra, viúva de Garcia (liv. 37.º de João III, fl. 127).

Digitized by Google

transferir desta casa para a de Guiné o assentamento de uma tença graciosa, note-se, de quinze mil reais que êle possuía [1].

Não me deterei contudo mais com Garcia Moniz, a quem não pretendo reabilitar a memória, e se dêle me ocupei foi só para castigar Gil Vicente por uma acção pouco louvável por êle praticada, a qual, me parece, excedia a pública repreensão de seus defeitos que D. Manuel estimava ver dar aos moradores de sua casa [2].

O inverno de 1515 a 1516 passou D. Manuel em Almeirim e para lá lhe levou Gil Vicente uns apontamentos dos mercadores, tosadores e alfaiates de Lisboa, papéis que pelo mesmo portador el Rei enviou aos Vereadores da cidade, recomendando-lhes, em carta de 6 de Março, o seu atento exame e fundada informação, depois de ouvirem sôbre o caso ao mestre da balança [3]. Estranha o melhor biógrafo do poeta vê-lo andar atrelado à côrte, como êste documento mais uma vez revela, observando ser para notar que pelo regimento da Moeda, de 1497 ou 1498, fosse criado um segundo lugar de mestre da balança, para os dois conjuntamente resolverem as coisas do seu mister, e andar um dêles quási sempre com a côrte [4]. Efectivamente era estranho e muito tempo não podia durar a irregularidade, sendo o terminar com ela um dos motivos, provávelmente, que Gil Vicente teve para vender o ofício no ano seguinte.

Antes de passar a êste, o de 1517, notarei que no precedente saíu à luz o *Cancioneiro geral* «ordenado e emẽdado por Garçia de Reesende, fidalguo da casa del Rey nosso senhor e escriuam da fazenda do prinçipe. Começouse em almeyrym e acabouse na... çidade de Lixboa. Per Hermã de cãpos alemã bõbardeyro delrey ...e empremjdor. Aos xxviij. dias de setẽbro... de mil e quynhentos e xvi anos». Em 1516, a 17 de Maio, a côrte estava ainda em Almeirim, para onde partira em fins de Outubro precedente; já se encontrava porêm em Lisboa a 28 do mesmo mês de Maio [5]. A impressão do *Cancioneiro* demorou portanto menos de um ano. Não há dúvida e assim eu pudesse resolver um caso da vida de Gil Vicente, a data do seu segundo casamento, do qual chegou a ocasião de tratar.

Haver sido Melícia Rodrigues a sua segunda mulher parece indiscutível. No *Livro do lançamento e serviço que a cidade de Lisboa fez a el Rei nosso senhor*

---

[1] Garcia Moniz, fidalgo de nossa casa, tinha 15:000 rs. de tença graciosa assentada na Moeda de Lisboa por carta geral, que de nós houve por respeito de seus serviços e assi por algum interesse que nos disse que havia com o ofício de tesoureiro da dita Moeda por usança antiga, como o houveram seus antecessores, e lhe foi tirado por bem do regimento novo que fizemos na dita Moeda, e ora nos pediu que lhos mandassemos mudar e assentar na Casa de Guiné, etc. Lisboa, 6 de Julho de 1517 (*Chancelaria de D. Manuel*, liv. 10.º, fl. 59).

[2] «Trazia [dom Manoel] cõtinuadamẽte na sua corte choquarreiros castelhanos, cõ hos motes, e ditos dos quaes folgava, não porque gostasse tanto do que dizião, quomo ho fazia das dissimuladas reprehensões que com geitos, e palavras trocadas davão ahos moradores de sua casa, fazẽdolhes conheçer has manhas, viços, e modos que tinhã de que se muitos tiravã, e emmẽdavão, tomando ho que estes truães dizião com graças, por spelho do que haviam de fazer» (Goes, *Quarta parte da Cronica de... dom Emanuel*, cap. 84, fl. 105, col. 4).

[3] Doc. VI.

[4] Brito Rebêlo, *Gil Vicente*, ed. de 1902, pag. 79.

[5] *Corpo cronológico*, passim.

Digitized by Google

o anno de 1565, no «Titulo da freguesia de santa Cruz Dalcaçova» no rol da «Rua Direita De santa cruz», na fl. 569, encontra-se esta verba:

«It. Meliçia Roiz molher que foi de gill viçente nos mesmos paços avaliada ẽ dez mill rs — pagara Lxx rs [1]. » Aqueles paços eram os paços velhos da Alcáçova, onde ela já devia morar nos anos de 1536 a 1546 com seus filhos, um dos quais era Luís Vicente, pois que da residência dêste aí se originou a caluniosa denúncia, apresentada à Inquisição de Évora, de relações imorais mantidas entre êle e o cronista mor Fernão de Pina, também nos paços morador durante o referido decénio, e chamo caluniosa à denúncia porque o severo tribunal não lhe deu seguimento [2]. Para casas no paço da Alcáçova iria viver Gil Vicente com a família depois de 1511, quando D. Manuel passou a residir nos paços da Ribeira, e antes da rainha D. Leonor, que faleceu em 1525, ter feito o seu testamento, de uma das verbas do qual consta não pousar já então o poeta nas casas da rua de Jerusalêm àquela senhora pertencentes [3]. Nos paços da Alcáçova, em 1569, meio século depois, mais ano, menos ano, morava o filho de Gil Vicente, Luís Vicente [4].

Identificada a segunda mulher de Gil Vicente, vou tentar indicar aproximadamente a data do consórcio.

O general Brito Rebêlo está convencido de Gil Vicente ter já enviuvado em 1514, quando representou a comédia do *Viúvo*, e de haver passado pouco depois, nos anos de 1515 a 1516, a segundas núpcias com Melícia Rodrigues [5]. Eu porêm inclino-me mais para o ano de 1517 e já vou dizer porquê.

Nêle, por instrumento público de 3 de Agosto lavrado em Lisboa, vendeu Gil Vicente o ofício de mestre da balança da Moeda a Diogo Rodrigues, ourives da infanta D. Isabel, ao qual se deu logo carta a 6 do mesmo mês [6]. Vejo nesta venda os aprestos para o casamento, mais ainda do que a necessidade de se libertar de um emprêgo incompatível com a sua assiduidade na côrte, muita vez deslocada para longe de Lisboa. Além disso, o filho Luís Vicente já era casado e tinha filhos em 1553, como logo veremos, e entre os anos de 1536 e 1546, tempo

---

[1] Arquivo da Câmara Municipal de Lisboa, liv. 12-80.—A 4 de Outubro de 1566 levaram os sacadores o rol da freguesia de Santa Cruz (fl. 571 v.) e a 5 de julho de 1567 entregaram o produto do lançamento (fl. 572). — Foi o sr. Gomes de Brito quem encontrou as preciosas verbas dêste livro e as comunicou ao general Brito Rebêlo.

[2] A 11 de Janeiro de 1546 compareceu na Inquisição de Évora Simão da Gama, criado do Mestre de Santiago, e denunciando seu tio Fernão de Pina, cronista mor, entre outras coisas disse: «que asy o dito vrbano fernandez e sua molher diserão a elle testemunha que o dito seu tio era imfamado do crime nefamdo e que isto lhe diserão peramte o dito dom Amtonio seu irmão delle testemunha e que lhes nomearão manoel de sousa filho de symão de Rebelo e françisco chama moço da Capela delRey noso senhor filho de françisco chama Camtor / e luis filho de gil vicente / e outro luis filho de huũa branca fernandez medideira do tireiro do trigo: e huũ moço discypolo de bertholameu velho filho de huũ pedreiro o qual he gramde parte neste negoçeo e que asy perguntem dous moços que o dito seu tio tem em casa que se chamão huũ / nuno /e outro Rodrigo/ naturaes de gouvea os quaes forão Requeridos por o dito seu tio.» (*Processo de Fernão de Pina*, n.º 12.091 da Inquisição de Lisboa, fl. 24.) O general Brito Rebêlo já no seu *Gil Vicente* de 1902, pag. 109, transcrevera o trecho acima do referido processo, e dêste consta em várias passagens (fl. 15 e 16 p. ex.) a residência de Fernão de Pina ser nos paços da Alcáçova.

[3] *Crítica e historia*, cit., pag. 354.

[4] *Registo da fréguesia de Santa Cruz do Castello*, pag. 251.

[5] *Gil Vicente*, ed. de 1902, pag. 81; ed. de 1912, pag. 129 e 141.

[6] Doc. VII.

Digitized by Google

em que Fernão de Pina residiu nos paços da Alcáçova, devia ter, pelo motivo acima expôsto, completado os vinte anos, não sendo pois arriscado supô-lo nascido em 1520. Antes dêle devia ter vindo ao mundo sua irmã Paula Vicente, que todos consideram a primogénita dêste segundo casamento de Gil Vicente [1], facto tornado plausível por a ela ser concedido o privilégio para a impressão e venda das obras do pai, como se declara no alvará de 3 de Setembro de 1561 [2]. Dado isto, teria Paula nascido pelos anos de 1519 e seu pai casado dois anos ou ano e meio antes, no decurso de 1517. São tudo hipóteses, mas nêste caso, como infelizmente em muitos outros da biografia de Gil Vicente, de conjecturas não podêmos passar.

Nos princípios do ano de 1517, no qual suponho ter o poeta-ourives casado pela segunda vez, morreu, a 7 de Março, nos paços da Ribeira, a rainha D. Maria. A impressão causada no marido pelo lutuoso sucesso foi tão viva, quanto efémera. Recolheu-se ao mosteiro de Penhalonga, nas abas da serra de Sintra e aí, um mês certo depois da morte da mulher, a 7 de Abril, assinou o seu testamento [3]. Passou ao mosteiro dos Lóios de Xabregas, onde, segundo o cronista, se demorou oito dias, passados os quais se tornou para a cidade «com cuja vinda se alegraram todos, e se reformou ha côrte, e começou elRei dentender em negocios [4].» Não obstante, a saudade no viúvo permanecia viva e tanto, que resolveu, no verão dêsse ano, aposentar-se no reino do Algarve e d'ali, com as suas rendas e as do mestrado de Cristo, fazer guerra aos Mouros, como fronteiro. Estando nesta resolução, por notícias que lhe vieram de certos propósitos aconselhados ao Príncipe pelos seus privados, «se fez em outra volta», escreve Damião de Goes com certa ironia, e tratou de ajustar casamento com a indigitada noiva do filho. Tão rápida foi a resolução e o seu efeito, que não só, apenas sete meses depois da morte da primeira mulher, em Outubro de 1517, mandou o seu camareiro a Castela para assentar com Carlos I as condições do contrato de casamento, como êste se efectuou por procuração em Saragoça logo em Maio, chegando a notícia a Lisboa no começo de Julho, pouco antes da peste que no mês seguinte invadiu a cidade [5].

Em quanto todos êstes sucessos públicos iam decorrendo, realizava Gil Vicente o seu segundo casamento e passava socegadamente os primeiros tempos dêle em Lisboa, tendo apenas em sua companhia, dos filhos de sua primeira mulher, se foram só os dois nossos conhecidos, a Belchior Vicente (rapazote de catorze ou quinze anos), pois que seu irmão mais velho, Gaspar Vicente, só regressou da Índia no verão de 1518, na armada dêsse ano. Antes porêm do seu regresso representou Gil Vicente mais um auto na côrte, onde, já vimos, se retomara a vida normal pouco depois do desaparecimento da rainha D. Maria, que D. Manuel pensava em substituir no tálamo conjugal ainda não decorridos oito

---

[1] Brito Rebêlo, *Gil Vicente*, ed. de 1902, pag. 82; ed. de 1912, pag. 129.
[2] Doc. XX.
[3] Tôrre do Tombo, *Gaveta* 16, mac. 2, n.º 2.
[4] Goes, *Chronica de dom Emanuel*, part. IV, cap. 19, fl. 26 v.—Declara o cronista haver D. Manuel estado só duas semanas em Peralonga (Penhalonga), mas em vista da data do testamento parece-me ter havido equívoco, e a permanência no mosteiro ter sido durante todo o primeiro mês do luto.
[5] Goes, *Chronica de Dom Emanuel*, part. IV, caps. 26, 33 e 34, fls. 32 v., 39 e 40 v.

Digitized by Google

meses depois de sua morte. Não é portanto para estranhar que, passado o ano do luto, nos paços da Ribeira se festejassem as Endoenças com a representação de uma peça puramente hierática, como é o *Auto da Alma*, composto para a rainha D. Leonor e representado por seu mandado a seu irmão, segundo a rúbrica explica nêstes termos: «Este auto presente foy feyto aa muyto devota raynha dona Lianor, e representado ao muyto poderoso e nobre rey dom Emmanuel seu yrmão por seu mandado, na cidade de Lisboa nos paços da ribeyra, em a noyte de endoenças. Era do Senhor de M. D. & viij.», *aliás*, M. D. xviij.

Auto da Alma.

Já lá acima [1] expliquei os motivos por que julgo ter havido êrro de impressão naquela data, êrro derivado da troca de um *x* por um *d*, devendo-se ler, em vez de M. D. & viij, forma não usada, M. D. xviij.

A sexta feira de endoenças caíu nêsse ano a 2 de Abril e do argumento do auto se infere bem a sua natureza: «Assi como foy cousa muyto necessaria aver nos caminhos estalagens, pera repouso e refeyçam dos cansados caminhantes: assi foy cousa cõveniente, que nesta caminhante vida ouvesse hũa estalajadeyra pera refeyçam e descanso das almas que vam caminhantes pera a eternal morada de Deos. Esta estalajadeyra das almas he a madre sancta ygreja, a mesa he o altar, os mãjares as insignias da payxã. E desta prefiguraçã trata a obra seguinte. Estâ posta hũa mesa cõ hũa cadeyra: vẽ a madre sancta ygreja cõ seus quatro doctores Sancto Thomas, sam Hieronymo, sancto Ambrosio, sancto Agostinho e diz Agostinho [2]...»

No verão seguinte, em fins de Agosto, rompeu a peste em Lisboa e D. Manuel fugiu para Sintra; de lá, em fins de Setembro, seguiu para Colares, e, continuando a jornada, encontrava-se em Tôrres Vedras nos principios de Outubro, partindo d'aí para Almeirim, onde já estava a 19 de Novembro [3]. A fugida do soberano deu logar a umas trovas «de Gil Vicente ao conde do Vimioso, a quem o elRey remeteo sobre hum despacho seu. Foy isto em tempo de peste, e o primeyro rebate della deu por sua casa, e andava entam na côrte hum Gonçalo dAyola Castelhano muyto falador, e medrava muyto [4].»

Trovas ao Conde do Vimioso.

Admite o general Brito Rebêlo a possibilidade das trovas serem dêste ano de 1518 e de no *rebate de peste por casa do poeta* haver alusão á morte do filho Gaspar ou doutro [5]. Quanto á primeira suposição julgo-a muito plausível, quanto á segunda não a posso admitir, como já observei, visto que no fim do primeiro trimestre de 1519 ainda Gaspar Vicente era vivo. Porventura sucederia em casa de Gil Vicente, com a peste de 1518, o mesmo que aconteceu em 1569, com a peste grande, em casa do filho Luís Vicente, onde dois escravos foram as primeiras victimas da epidemia na freguesia de Santa Cruz do Castelo [6].

Nas trovas ao Conde do Vimioso encontram-se umas alusões ao próprio poeta, as quais convêm registar. Diz êle:

---

[1] Na página 52.
[2] *Copilaçam das obras*, fl. 38.
[3] *Corpo cronológico*, passim.
[4] *Copilaçam das obras de Gil Vicente*, fl. 255, aliás 258, col. 1.
[5] *Gil Vicente*, ed. de 1902, pag. 119; ed. de 1912, pag. 141 e 128.
[6] *Registo da freguesia de Santa Cruz do Castelo*, pag. 251.

Digitized by Google

Muyto debayxo da sola
trouxera quanto desejo,
s'eu aprendera na escola
onde Gonçalo dAyola
aprendeo tanto despejo.
Que o sesudo
deste tempo fala tudo,
quer va torto quer dereyto:
e tornando a meu respeyto,
pera mi sempre fuy mudo.
Agora trago antre os dedos
hũa farsa muy fermosa;
chamoa a *Caça dos segredos,*
de que ficareis muy ledos
e minha dita ouciosa.
Que o medrar,
se estivera em trabalhar,
ou valera o merecer,
eu tivera que comer,
e que dar e que deyxar. (*fl. 255*, aliás *258, col. 2.*)

Nêstes últimos versos querem ver os biógrafos de Gil Vicente a prova da sua pobreza e, ainda que êle a exagerasse um pouco para captar mais benevolência, é certo não haverem sido numerosos seus haveres, tanto que em 1566, a fortuna da viúva foi avaliada apenas em dez mil reais, e a do filho, Luís Vicente, em trinta mil [1].

O Conde do Vimioso, a quem o poeta se dirigiu, era D. Francisco, filho primogénito, legitimado em 1505, de D. Afonso, bispo de Évora, que era neto do 1.º Duque de Bragança e primo com irmão da infanta D. Beatriz, mãe de D. Manuel. D. Francisco fôra criado conde por carta de 2 de Fevereiro de 1515, confirmado no ofício de vedor da fazenda por outra, de 28 de Junho de 1516, e veio a morrer em 1549 [2], estando desde 1543 substituido na védoria da fazenda por seu filho, D. Afonso de Portugal [3]. Foi o Conde um dos poetas mais notáveis do *Cancioneiro geral* e a êle se dirige Gil Vicente em 1511 no *Auto das Fadas*, pondo na bôca da Feiticeira estas palavras:

E se me rogar dom Francisco
que lhe enfeytice a Benim [4],
s'eu nam for muyto roim,
nam lhe posso negar cousa. (*fl. 207, col. 4.*)

Em 1533, na *Romagem de agravados*, alude a êle, dizendo que

nem o Conde do Vimioso,

na qualidade de vedor da fazenda, não despacharia um falso alvará de filhamento; e no *Romance* à aclamação de D. João III põe na bôca do Conde estas palavras:

---

[1] Cit. *Livro do lançamento de 1565*, fl. 569 e 565.
[2] *Brasões de Cintra*, cit., II, 438.
[3] *Arq. hist. port.*, X, 116.
[4] Está Beneni, mas parece êrro de impressão, até por causa da rima.

Digitized by Google

O conde do Vemioso,
como quem sabe daçor,
deria com grande amor:
assi como soes fermoso,
tal seraa vosso lavor.
Conselhovos, Rey, meu senhor,
por vossa honrra e proveyto
que deis ao bom servidor
antes renda, que favor
muyto estreyto. *(fl. 256, col. 4.)*

Quanto ao fanfarrão do Gonçalo de Ayala, nas *Trovas* Ayola para rimar com sola e escola, não encontro notícia fidedigna em parte nenhuma. Num romance não concluido lembrou-se o autor de introduzir entre os personagens o Castelhano, na qualidade de noivo, imposto por el Rei, da irmã do Conde do Vimioso [1], e houve quem a sério apresentasse a anecdota como facto histórico! Efectivamente é de acreditar que D. Manuel desejasse o casamento de uma sua prima em segundo grau e demais tão opulenta como era D. Beatriz de Portugal [2], com uma espécie de aventureiro; e também é de presumir que Gil Vicente se dirigisse naqueles têrmos ao Conde do Vimioso, se o Ayala fosse noivo da irmã. Não haja dúvida!

Autos perdidos: *Caça dos segredos;*

Nos versos acima transcritos também se alude a uma farsa em preparação, «trago antre os dedos», com o título de *Caça dos segrêdos*. Não há mais notícia desta obra e não é ela a única das de Gil Vicente de que se sabe a existência sómente por indicações fugitivas.

Na primeira das suas *Notas vicentinas*, plena de uma erudição discreta, apresentada sem alarde, decorrendo espontânea e plácida pelo papel; uma erudição atraente, amiga que nos captiva e seduz, que reconhecemos e aceitamos, acatamos e veneramos sem constrangimento nem aborrecimento; uma erudição tão diversa, até por ser mais sólida e substancial, daquela que nos chega a ferir pelo despejo e maneira como é apresentada por certos pedantes; na tal primeira das *Notas vicentinas*, publica a Senhora D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos o catálogo dos autos de Gil Vicente proibidos no *Rol dos livros defesos de 1551*. São os sete primeiros nomeados numa lista de doze merecedores de condenação, todos sem nome de autor. Foram êles:

---

[1] AUGUSTO FELIPE SIMÕES, *Sempre-noiva*, nos *Escriptos diversos*, pag. 54, e anteriormente nos vols. XV e XVI do *Instituto*.

[2] D. Beatriz de Portugal, irmã de D. Francisco, conde do Vimioso, e de D. Martinho de Portugal, depois arcebispo do Funchal, instituiu, por escritura de 15 de junho de 1531, lavrada na Vidigueira, nas casas do 2.º Conde daquela vila, morgado de todos seus bens, fazendo dêle cabeça a quinta da Sempre Noiva no têrmo de Évora, e nomeou a administração no irmão D. Francisco e nos seus descendentes; de tudo houve confirmação régia a 26 de Julho seguinte (liv. 9.º de *Doações de D. João III*, fl. 72). D. Beatriz faleceu solteira a 25 de Outubro de 1535, como declara o epitáfio no Museu Arqueológico de Évora, indicação, quanto ao ano, confirmada por uma carta de 15 de Janeiro de 1536 pela qual se manda pagar ao Conde do Vimioso, a contar do 1.º do mês, uma das tenças vinculadas ao referido morgado (*ibidem*, liv. 66, fl. 78). Alguns querem que fosse D. Beatriz, por nunca ter casado, quem houvesse dado o nome à sua quinta, mas parece haver esta sido designada por Sempre Noiva muito antes ainda de pertencer àquela senhora.

Digitized by Google

1. *O auto de dom Duardos* que nom tiver cēsura como foy emendado.
2. *O auto da Lusitania*, com os diabos — sem eles poderse ha emprimir [1].
3. *O auto de Pedreanes*, por causa das matinas.
4. *O auto do Jubileu de amores.*
5. *O auto da aderencia do paço.*
6. *O auto da vida do paço.*
7. *O auto dos Phisicos* [2].

Os autos 1, 2, 3 e 7 entraram sem cortes, apesar da proibição inquisitorial, na edição de 1562 da *Copilaçam das obras*, aparecendo o 3 com o título de *Clérigo da Beira*; os restantes três perderam-se.

Jubileu de amores;

O *Jubileu de amores* sabemos agora haver sido composto e representado em Portugal entre os anos de 1525 e 1531 [3], e novamente representado em Bruxelas, em casa do embaixador português D. Pedro Mascarenhas, a 21 de Dezembro de 1531, solenizando o nascimento do príncipe D. Manuel, havendo sido provávelmente remetido de Lisboa em exemplares impressos [4]. Às festas então celebradas pelo Embaixador e comemoradas por André de Rèsende no poema *Genetlíaco* [5], assistiu o núncio Aleandro, que, em carta guardada nos arquivos do Vaticano e destinada a ser mostrada ao Pontífice, se indigna contra a maneira ousada como o autor expôs em público e claramente a corrupção do clero romano, e ainda mais se revolta contra a forma por que a sangrenta sátira foi recebida pela assistência. «Todos — exclama êle — riram tanto que parecia que todo o mundo se desfazia em júbilo.» Resume o seu sentir nestas palavras: «Julgava achar-me dentro da Saxónia e ouvir Lutero ou estar no meio dos horrores do saque de Roma [6].»

Fraca idea nos poderão dar, do que seriam as invectivas por Gil Vicente dirigidas contra os padres e talvez a própria Cúria, as décimas por êsses mesmos tempos, mais lustro, menos lustro, compostas por Garcia de Rèsende e suprimidas pela censura inquisitorial nas edições posteriores á primeira da sua *Miscellanea*. Ei-las:

[13]

Estes infiees pagãos [7]
possuem mares e terras,
todo bẽ lhes vẽ aas mãos,
e veemos entre os christãos
pestes, fames, grãdes guerras!
Paresce que sam melhores,
pois com todos seus errores
teẽ mais, senhoream mais.
Os juyzos humanaes
nõ penetram taes primores.

---

[1] Entenda-se reimprimir, observa a autora na nota 127.

[2] CAROLINA MICHAELIS DE VASCONCELOS, *Notas Vicentinas. Preliminares de uma edição critica das obras de Gil Vicente. I. Gil Vicente em Bruxelas ou o Jubileu de Amor*, pag 31.

[3] *Ibidem*, pag. 25.

[4] *Ibidem*, pag. 22 e 26.

[5] L. AND. RESENDII *Genethliacon Principis Lusitani, ut in Gallia Belgica celebratum est, a uiro clariss. D. Petro Mascaregna, regio legato, Mense Decembri M.D.XXXII. Eiusdem Resendii epicedion et Ode, in raptum Dacorũ principem, puerum miserrimum.* Ioannes Baptista Phaellus Bononiensis Bononiæ Impressit Anno Incarnationis Dominica M.D.XXXIII. Mense Ianuario.

[6] *Notas Vicentinas*, cit., pag. 21.

[7] Turcos e Persas.

Digitized by Google

hirmão do papa Sisto e pay do papa Julio e ãbos vio ẽ sua vida papas.

[135]
Viimos em Roma hũ villão
pobre, com bem pobre capa,
de muy baixa geeraçam,
veer papa hũo seu hirmão
e tambem hũo filho papa:
que foy Julio, muy timido,
acatado, obedescido,
mais que papa, Imperador,
ho moor edificador
que se vio, nem foy sabido.

Alexandre e Pio, ho de Sena: q̃ viveo. xviij[1] dias. e Julio e Hadriano

[136]
Em hũo mes tres papas ser
viimos, e outro elegido
sem ho terem conhescido
nem ho verem, mas viver
em Castella esquescido:
dahi o viimos levado,
em Barcelona embarcado,
sem tẽer mais outro primor.
que meestre do Imperador,
e por isso ouve ho papado.

[139]
Vii em Florença adjuntado
povoo contra ha clerizia,
com gram furia indignado,
sem ordem, todo yrado,
combatteo ha see hũo dia:
e tanto que ha entraram
hos clerigos se salvaram;
ho Arcebispo ficou
no coro, onde ho povo entrou,
e no coro ho enforcaram.

[140]
Viimos ha grã maldiçam,
ho grã mal e grã vergonha
de tantos destruyçam,
que matam aa trayçam
em Italia com peçonha:
matam papas, cardeaes,
reys, senhores principaes,
nobres, ricos, sabedores,
baixos, meãos, e maiores,
estrangeiros, naturaes[2].

---

[1] Aliás xxviij.

[2] MISCELLANEA DE GARCIA DE REE || sende: & variedade de historias, costumes, casos & cou- || sas que em seu tempo accontesceram. || *No fim:* Foy impressa esta Miscellanea de Garcia de Reesende || em ha cijdade Euora, em casa de Andree de Burgos || impressor do Cardeal iffante. &c. accabouse a || ho fim de Mayo do anno do nacimento || de nosso señor Iesu Christo de || 1554. || —Por baixo um brasão gravado em madeira e que saíu invertido, isto é, a direita para a esquerda. No escudo (envolvido num singelo paquife), uma banda saíndo das bôcas de dois animais; no elmo quatro plumas. Não são as armas dos Resendes; parecem ser as dos Freires, apesar de lhe não ver relação nenhuma com a obra nem a impressão. No fim do livro, de que a *Miscellanea* é apenso, repete-se a mesma gravura.

Em apenso ao *Livro das obras de Garcia de Resende* da edição daquele ano. As décimas transcritas encontram-se nas fls. 2, col. 3, e 11, cols. 1, 2 e 3, e mais nenhumas foram suprimidas pela censura inquisitorial, a qual contudo ainda aparece em palavras substituídas e até em frases cortadas, deixando o verso incompleto. A *Miscellanea* só tornou a ser impressa, com os cortes da censura, em 1622, em apêndice à *Chronica dos valorosos e insignes feitos del Rey dom Ioão II*... em Lisboa, por António Álvarez, de fl. 151 a 174. Por esta edição incompleta se fizeram as mais posteriores.

Digitized by Google

Os outros dois autos, os da *Aderência do Paço* e da *Vida do Paço*, êste recordando as duas epístolas com o mesmo título dirigidas por André de Rèsende *ad Speratum Martianum Ferrariam*, de Bruxelas, no ano de 1531, e *ad Damianum Goium*, de Évora, no de 1535, perderam-se de todo, sem deixarem outro rasto, apesar de provávelmente haverem sido também impressos antes de 1551, ano em que entraram no *Rol dos livros defesos*. Êstes autos «não ficariam muito longe, cronológicamente, da criação do tipo do Padre Frei Paço, que é de 1533 [1]», e figura principal na tragicomédia *Romagem de Agravados*. *Aderência do Paço. Vida do Paço.*

Ainda em 1518, no tempo da peste, decorreram factos com os quais Gil Vicente teve remota relação e que andam apresentados com menos verdade.

Por ordem de D. Manuel procedia-se na Casa da Relação de Lisboa a vastas obras, já iniciadas em 1505, pelo menos, e que ainda continuavam em 1522, se não terminaram então [2]; conjuntamente prosseguiam outras no Limoeiro, também indicadas num dos documentos citados. Outro logo alegado denota haver el Rei ordenado para a Casa da Relação «hũa grande obra de pintura» e dela encarregado Francisco Henriques, «por ser o milhor official de pintura» daquele tempo, que Sousa Viterbo, na *Notícia dalguns pintores*, supõe, não sei se com suficiente fundamento, ser flamengo. Na mesma ocasião também lhe foi cometida a obra de pintura do coruchéu do Limoeiro, e a das bandeiras para a entrada solene da rainha D. Leonor em Lisboa. Entretanto deu a peste na cidade, no verão daquele ano, e D. Manuel fugiu, como vimos, para Sintra, mas deixou, com egoísmo rial, ordem ao pobre pintor para não arredar pé, afim de prosseguir nas pinturas, fazendo-lhe vários prometimentos. Fiado nêles, Francisco Henriques ficou na cidade, onde lhe morreram de peste sete ou oito oficiais, que de Flandres mandara vir para a obra, sete escravos «e elle mesmo por derradeiro». D. Manuel não cumpriu as promessas feitas e delas foi pedida a satisfação a seu sucessor, mandando-se então proceder, em 16 de Abril de 1540, a uma inquirição de testemunhas e entre elas depôs «Belchior Vicente, filho de Gil Vicente, que Deus perdôe, moço da capela delRei nosso senhor e morador na Alcaçova». No seu depoimento declarou que, sendo moço pequeno, «ouvyo dyzer a seu pay... que ellRey dom Manoell... emcarregara a hobra da pymtura que se mamdava ffazer pera o curucheo do Lymoeyro a Francisco Amrryquez... e que elle testemunha vyo em casa de FernandAlvarez huũa pityçam que ho sopricamte fizera a ellRey [3]...» Fundado nesta deposição poder-se-há afirmar, que «já em 1518 o rei D. Manoel mandara fazer as bandeiras e outros ornatos para o recebimento da rainha»; mas não é licito asseverar, que «pelo testemunho de Belchior Vicente... sabe-se que vira tratar estas cousas em casa de seu pae [4]», porque de tal facto êle não testemunhou.

Ao cerrar-se o ano de 1518, nas matinas do seu Natal, representou Gil Vicente o *Auto da Barca do Purgatório*. «Esta segunda [cena] he atribuida aa *Barca do Purgatório.*

---

[1] *Notas Vicentinas*, cit., pag. 25.
[2] *Cartas de quitação del Rei D. Manuel*, no ARCH. HIST. PORT., vol. V, pag. 472, n.º 572; pag. 478, n.º 586; e vol. IX, pag. 467, n.º 751.
[3] Doc. XV.
[4] T. BRAGA, *Gil Vicente e as origens*, pag. 205.

Digitized by Google

embarcaçam do purgatorio, trata se per lavradores. Foy representada aa muyto devota e catolica Raynha dona Lianor no hospital de todolos sanctos da cidade de Lisboa, nas matinas do natal. Era do Senhor de M. D. Xviij. annos.» Além dos lavradores entra uma regateira, Marta Gil se chama ela, e para se defender das acusações do diabo, declara os preços honestos, provávelmente porêm exagerados, por que tratava de impingir a sua mercadoria, preços de certo interêsse para comparar com os actuais.

Vendia minha lavrança,
hum ovo por dous reaes,
hum cabrito, se salcança,
tee quatro vintens, não maes:
tendes vós isto em lembrança?
Hum frangão por hum vintem,
e hũa galinha sessenta;
e acertase tambem
que aas vezes vem alguem,
que as leva por setenta.
Diabo) E pera que era agoa no leyte,
que deytavas, yeramaa?
Marta) Mas azeyte:
ind'oje o elle diraa!
vistes ora o diabreyte! (*fl. 51, col. 4.*)

Conségue porêm ficar no purgatório, para onde tambêm vão os lavradores, pois que no fim «saem se os diabos do batel, e com hũa cantiga muyto desacordada levã o taful. E os anjos cantando levam o menino, e fenece esta segunda cena.»

Barca da Glória. Quatro meses depois, a 22 de Abril, sexta feira de Endoenças do ano de 1519, representou-se na capela dos paços de Almeirim o terceiro auto das barcas, o da *Barca da Glória.* Diz a rúbrica: «Segue se a terceyra cena que he enderençada â embarcaçã da gloria. Trata se por dignidades altas .s. Papa, Cardeal, Arcebispo, Bispo, Emperador, Rey, Duque, Conde. Primeyramente entrão quatro Anjos cantando, e trazem cinquo remos com as cinquo chagas, e entram no seu batel. Vem o arraiz do inferno e diz ao seu companheiro.

Foy representado ao muyto nobre Rey dom Manoel, o primeyro deste nome em Almeyrim. Era do redemptor de M. D. XIX. Annos.»

Em Almeirim estava D. Manuel, como já lá acima vimos, a 19 de Novembro e por lá se conservou até meado Maio, passando para Évora, onde já se encontrava a 24 e permaneceeu até fins de Dezembro de 1520 [1]. Conjugando por tanto as indicações da rúbrica e dos documentos citados, é que posso marcar para a representação a data das Endoenças, e não admitir a do Natal, passado por D. Manuel naquele ano em Évora.

Este auto constitui uma invectiva tremenda. Verdades temíveis são arremessadas pelo poeta às consciências dos grandes da terra, ausentes e presentes; nem o Papa, nem o Rei são poupados. Entra êste e o Diabo, depois de lhe apontar para os fogos

adó sereis morador, (*fl. 56, col. 4.*)

---

[1] *Corpo cronológico*, passim.

Digitized by Google

e de lhe escutar com desdêm as lástimas, diz-lhe:

Vuessa alteza vendrá aqui,
porque nunca cá senti
que aprovechasse aderencia.
Ni lisonjas, crer mentiras,
ni voluntario apetito,
ni puertos, ni aljeciras,
ni diamanes, ni çafiras,
sino solo aquesse espirito
seraa assado.
Porque fuistes adorado
sin pensar serdes de tierra;
con los grandes alterado,
de los chicos descuydado,
fulminando injusta guerra. (*fl. 57, col. 1.*)

King Manuel, we may safely say, had heard no words more outspoken [1], nem mesmo de Albuquerque.

Em frente do pequeno cardial D. Afonso, que no dia seguinte completaria dez anos, se assistiu á representação, como é bem provável, apresenta Gil Vicente um Cardial a quem o Diabo saúda com estas palavras:

Domine Cardenalis,
entre vuessa perminencia,
yreis ver vuessos yguales
a las penas infernales,
haziendo su penitencia.
Pues moristes
llorando porque no fuistes
siquiera dos dias papa,
y á Dios no agradecistes,
viendo quan baxo os vistes
y en despues os dió tal capa.
Y no quiero declarar
cosas mas pera dezir:
determinad dembarcar,
y luego sin dilatar,
que no teneis que argoir.
Sois perdido,
oys aquel gran roydo
nel lago de los leones?
despertad bien el oydo:
vos sereis alli comido
de canes y de dragones.

(*fl. 59, col. 2.*)

E ainda não fica por aqui. « Vem a Morte e traz hum Papa e diz a

Morte) Vos, Padre sancto, pensastes
ser immortal? Tal os vistes,
nunca me considerastes,
tanto en vos os enlevastes,
que nunca me conocistes. (*fl. 59, col. 4.*)

---

[1] AUBREY F. G. BELL, *Gil Vicente*, já cit., pag. 165.

Digitized by Google

Ao que o Papa responde com lamentos, atalhados pelo Diabo que o convida para entrar na sua barca

Venga vuesa sanctidad
en buen ora, padre Sancto,
beatissima magestad
de tan alta dignidad,
que moristes de quebranto.
Vos yreis,
en este batel que veis,
comigo a Lucifer;
y la mitara quitareis,
y los pies le besareis;
y esto luego ha de ser.
Papa) Sabes tu que soy sagrado
vicario en el sancto Templo?
Diabo) Quanto mas de alto estado,
tanto mas es obligado
dar á todos buen exemplo,
y ser llano,
a todos manso y humano. (*fl. 59, col. 4.*)
quanto mas ser de corona,
antes muerto que tyrano,
antes pobre que mundano,
como fue vuessa persona.
Luxuria os desconsagró,
sobervia os hizo daño;
y lo mas que os condenó,
simonía con engaño.
Veni embarcar,
veis aquellos açotar
con vergas de hierro ardiendo,
y despues atanazar?
pues allí aveis dandar
para siempre padeciendo. (*fl. 60, col. 1.*)

Mas todos por fim se salvam, porque, apesar de dirigirem suas preces aos anjos e dêstes não fazerem delas menção, «veo Christo da resurreyçam e repartio por elles os remos das chagas, e os levou com sigo [1]». Nêste passo Gil Vicente para adular o Rei da terra atribui ao Rei do céu injustiça intolerável, porque em todas as três *Barcas* só vêem finalmente a ser réprobos gente humilde, ou relativamente humilde, ao passo que predestinados são papas, imperadores, reis, cardeais e outros grandes do mundo para os quais o biógrafo diabo esboça rápidamente uma vida de maleficios e torpezas.

Já D. Manuel «se tinha feito na outra volta», quando foi representada a *Barca da Glória;* mas ainda não era sabido na côrte, apesar de estar em vésperas de se ultimar, em Saragoça, o terceiro casamento del Rei. Chegou a nova raínha à raia no dia 23 de Novembro e veio encontrar-se com o esposo ao Crato no dia 25 depois de ceia, sendo aí recebidos nessa mesma noite pelo Arcebispo

---

1 *Copilaçam das obras*, fl. 60 v.

Digitized by Google

de Lisboa [1]. A ânsia de D. Manuel pela realização dêste casamento foi extraordinária! Levou-o a aceitar todas as muito onerosas condições impostas pelos ministros de Carlos I de Espanha, e a apressar os trâmites indispensáveis por forma a parecer mais um rapaz de dezoito ou vinte anos do que um homem maduro de quarenta e nove. Pois as informações, que em 5 de Fevereiro de 1517 lhe havia enviado Pero Correia, seu embaixador em Bruxelas, não deviam ser de molde a exaltar-lhe muito a concupiscência.

«Madama Lianor — escrevia o amigo de Albuquerque — não é muy fremosa, nem lhe podem chamar feia. Tem boa graça e bom despejo e parece-me de condição branda e avisada; não tem bons dentes e é pequena de corpo, e parece-o ainda mais, porque cá não trazem chapins que passem d'altura de dous dedos. É grande dançadeira e folga de o fazer. Toda esta côrte há por cousa mui certa, que eu não venho a al senão a seu casamento [com o principe D. João] e falam nisso públicamente. Tenho sabido que ela, e todos os de sua casa, o desejam quanto é rezão, e parece-me que ficariam mui desconsolados se soubessem como a isso não sou vindo [2]».

Oiçamos agora Brantôme: «J'ay ouy conter à madame de Fontaine-Chalandray, dite la belle Torcy [3], que la reyne Eléonor as maistresse, estant habillée et vestue, paraissoit une très-belle princesse... et de belle et riche taille; mais, estant déshabillée, elle paroissoit du corps une géante, tant elle l'avoit long et grand: mais tirant en bas, elle paroissoit une naine, tant elle avoit les cuisses et les jambes courtes avec le reste [4]». Destas particularidades não poderia dar conhecimento o Embaixador, que para mais parece ter sido um pouco tímido, como se infere da narração da sua visita ao aposento das «Madamas», Margarida e Leonor de Áustria, tia e irmã de Carlos: «quando ao outro dia a elas fui, ambas estavam e a ambas juntamente fiz a visitação de V. A.; e depois de um grão pedaço estar com elas, ao espidir, fui constrangido (o toleirão!) que beijasse todas as mulheres que havia na casa, em que haveria bem trinta, de doze até vinte [anos], e assim me vim por aquela vez bem envergonhado de tal gasalhado me fazerem».

Nesta mesma interessantissima carta comunica Pero Correia a D. Manuel a impressão que lhe causara o futuro imperador, então rei de Castela: «El Rei

---

1 GOES, *Chronica delRei dom Emanuel*, part. IV, cap. 88, fls. 40 v. e 41. — SOUSA na *Hist. genealogica*, III, 235, diz ter tido lugar o casamento a 24, em divergência com a *Chrónica*. Nesta declara Damião de Goes claramente haverem as comitivas chegado à raia no dia 23, fazendo-se a entrega da Infanta, «ho que feito se despediram hũs dos outros». Logo adiante continua: «Este dia que se despediram hũs dos outros *(23)* veo ha Rainha dormir a Castello de vide, onde steve hum dia *(24)*, e aho seguinte *(25)* se foi aho Crato», onde D. Manuel chegou às 9 horas da noite, etc.

2 *Corpo cronológico*, part. I, mac. 21, doc. 24. — Amodernizei a ortografia e pus a pontuação.

3 Cláudia Blosset, senhora de Torcy e donzela da rainha de França Leonor de Áustria, veio a casar em 1553 com Luís de Montberon, barão de Fontaines, de Chalandray, etc. (P. Anselme, *Hist. gen. et chron. de la Maison Royale de France*, VII, 25). « La belle Torcy » é a dama francesa por quem Francisco de Moraes se apaixonou durante a sua estada na côrte de França (1540-1543), amores desdenhosamente repelidos, dos quais êle se desculpa, confessando porêm haver, em homenagem a êles, introduzido no seu *Palmeirim de Inglaterra*, nos caps. 137 e próximos segs., a história das quatro damas francesas, uma das quais « Torsi... donzella e por casar ».

4 BRANTÔME, *Vies des Dames Galantes*, pag. 163 mihi.

Digitized by Google

tem mui boa disposição de corpo, e é gentil homem de rôstro, pero na bôca tem alguma desgraça *(falta de graça)* por não chegar bem um beiço ao outro. Fala mui pouco, e a meu parecer não tem a língua bem despejada *(desembaraçada)*; não entende em negócios, senão quando alguma hora o Xevres *(Guilherme de Croy, senhor de Chièvres)* chama... Sua ocupação principal é brincar *(fazia dezasete anos por êsses dias)* com Framengos sem querer que Castelhanos nisso entrem, antes me dizem que lhe aborrecem. Não fala nada espanhol, nem creio que o entende, senão se for algumas poucas palavras; não responde, a cousa que se lhe fale, por si, senão por o bispo [de Badajoz], o mestre Mota, que naqueles tempos que lhe hão de falar castelhano, está sempre àcêrca dêle e põe de sua casa o que lhe parece necessário».

Conta Pero Correia assim a sua primeira audiência:

«Por algumas cartas que d'aqui enderencei ao Bispo de Siguênça para as enviar a V. A., lhe tenho dado conta de todo o passado em minha viajem até entrar nesta côrte del Rei vosso sobrinho (*Bruxelas*) e como, por Chièvres e o Chanceler (*Jean le Sauvage, senhor d'Escaubecq*) estarem mal dispostos, estive cinco ou seis dias em casa antes de ir ao paço, porque sem êles se não podia fazer. Como foram em disposição para isso, vieram por mim duas pessoas honradas e com outra muita companhia, que se chegou, fui ao paço a pé, porque o chão era tão vidrado de regelo (*era em Janeiro*) que se corria muito perigo em ir a cavalo. Achei el Rei em uma câmara grande e àcêrca dêle o Conde Palatino, e moseor de Ravastem *(Felipe de Clèves, senhor de Ravensteyn e neto do infante D. Pedro)*, e Chièvres, e o Chanceler e pela casa muita outra gente flamenga e castelhana etc.»

Aquele Conde Palatino era Frederico de Baviera, filho segundo da casa palatina, e por êle, ali mesmo em Bruxelas, se havia Leonor de Áustria apaixonado, chegando a entregar-lhe uma promessa de casamento. Apanhou o futuro Carlos v entre as mãos da irmã uma carta, na qual o Conde lhe chamava *minha querida* e lhe renovava o juramento de só a ela pertencer. Irritou-se; obrigou-os, em presença de testemunhas e de um notário apostólico, a romperem o compromisso; afastou da côrte o Conde e levou a irmã para Espanha [1]. Esta scena passou-se certamente depois de meado Abril, que foi quando o Embaixador de D. Manuel se retirou, tendo inteiramente seguido as instruções enviadas de cá em fins de Fevereiro, para que «não façais lá mais detença, nem faleis em cousa alguma tocante aos ditos casamentos», do Príncipe português e da madama Leonor. Se à partida lhe falarem nisso, assunto que por êle nunca deve ser proposto, poderá responder, «que pois tanto se afirma a vinda del Rei êste verão a Castela, êle devia folgar de trazer consigo madama Leonor, sua irmã, porque, ordenando nosso Senhor nêste casamento se entender, estivesse cá mais perto» [2].

Ordenou nosso Senhor de nêste casamento se entender, mas foi quando D. Manuel «se fez na outra volta.»

Consumado o matrimónio no Crato passaram os conjuges para Almeirim, onde permaneceram até meado Maio de 1519, seguindo então para Évora [3]. Desta cidade, nos princípios de Janeiro de 1520, se encaminharam para Lisboa, onde,

---

1 THÉODORE JUSTE, *Éléonore d'Autriche*, artigo na BIOGRAPHIE NATIONALE DE BELGIQUE.
2 *Corpo cronológico*, part. I, mac. 22, doc. 137.
3 *Corpo cronológico*, passim.

Digitized by Google

UNIV. OF CALIFORNIA

como já lá acima ficou dito, a rainha D. Leonor fez a sua entrada triunfal no dia 20 ou 21.

Para esta solenidade resolveu por insinuação régia a Câmara Municipal concorrer com uns certos festejos, e para em parte os dirigir lhe mandou D. Manuel a Gil Vicente, com uma carta escrita em Évora a 29 de Novembro de 1520, já lá acima extractada, documentando uma breve indicação dos tais festejos, aos quais, nem à intervenção do poeta nêles, não tenho de tornar a referir-me, remetendo o leitor para as pags. 23 e 24 desta biografia. Aqui, agora, apenas notarei de novo, que não foi só a Câmara Municipal a promover festejos por essa ocasião; foram também as Casas de Guiné e Indias, os rendeiros das outras casas da cidade, isto é, as da portagem, do avêr do pêso, do paço da madeira, das diversas sisas, etc., os mercadores, corretores [1] e certamente mais alguns ofícios, e finalmente a Universidade, que por assento tomado em conselho de 27 de Novembro de 1520 resolveu mandar fazer um cadafalso, no lugar para tal fim indicado numa carta del Rei e dar ao Lente de Prima de Leis o vestido enviado pelo soberano e ao Bedel uma loba de grã fina roxa, umas mangas de damasco e um barrete prêto. Aquele Lente, então o dr. Gonçalo Vaz Pinto, seria o encarregado de fazer a oração gratulatória [2].

Estamos no ano de 1521 durante o qual decorreram em Lisboa, na côrte, sucessos de vária espécie, uns festivos, outros fúnebres, com os quais Gil Vicente esteve mais ou menos relacionado. Nos princípios do ano, como já vimos, teve lugar a entrada solene da raínha D. Leonor na cidade; dali a pouco mais de dois meses, a 26 de Março, assinou-se o contrato de casamento da infanta D. Beatriz com Carlos III, duque de Saboia; a 15 de Abril morreu o infante D. Carlos, primogénito do terceiro casamento de D. Manuel; a 8 de Junho nasceu a infanta D. Maria, que tão notável se tornou e tão carinhosa foi para Paula Vicente, filha do poeta. Isto durante o primeiro semestre, no qual suponho se representaria ao Príncipe a *Comédia de Rubena*, talvez nas Endoenças, 29 de Março, poucos dias depois de celebrados os esposórios de D. Beatriz.

Comédia de Rubena.

A comédia, já claramente deixei demonstrado, foi representada em Lisboa [3]. O seu entrecho é simples:

En tierra de Campos, allá en Castilla
avia un abad, que alli se morava;
tenia una hija que mucho preciava,
bonita, hermosa á gran maravilla.
Un clérigo moço, que era su criado,
enamorose de aquella donzella;
la conversacion acabo con ella
lo que no deviera haver començado.
Llamavan á ella per nombre Rubena:
hallóse preñada; el moço hauyo:
. . . . . *(fl. 87 bis no v.)*

---

[1] Doc. IX.

[2] LEITÃO FERREIRA, *Noticias chronologicas da Universidade de Coimbra*, §§ 989, 990 e 991, e *Notas ás Noticias*, no INSTITUTO, vol. XIV, pag. 278.

[3] Pag. 24 a 26.

Digitized by Google

UNIV. OF CALIFORNIA

Isto explica o «Licenciado argumentador» ao aparecer no estrado. Entra Rubena a lamentar-se, pois chegára a hora reveladora da sua desonra; abre-se com a criada que lhe alcança uma parteira, a qual por seu turno lhe traz uma feiticeira que entrega a mísera Rubena a quatro diabos, e estes

Llevaron nel ayre ansi á Rubena
. . . . . a una montaña;
parió una hija, más linda d'España,
segun trataremos en estotra cena.
Como se vido ya fuera de pena
hecho sus vestidos en una ribera,
ceñió su camisa las carnes de fuera,
hermosa en cabello como una serena.
Fue la cuytada de tierna edad
subiendo la sierra, dentonces parida,
por do la guiava su misera vida,
sin otra compaña sino soledad.
Y por escusarmos la prolexidad,
dexemos la madre, que es cosa profunda,
y tratarse ha nesta cena segunda
daquesta su hija destrema bondad. (*fl. 90 v.*)

Assim termina a primeira scena.

«Nesta segunda cena se contem de como Rubena pario e de como a feyticeyra mandou crear a menina, a que puseram nome Cismena, e de como tudo aconteceo [1]». Os espíritos trazem a criança à feiticeira; umas fadas vẽem fadá-la; é entregue a uns vilãos que lhe mandam guardar gado; chega o tempo de se realizarem os prognósticos; tornam as fadas, revelam a Cismena o seu nascimento e encaminham-na para Creta, onde o seu destino a manda. Ela vai dizendo:

Oo mãy da filha perdida!
oo filha da mãy prenhada
sem ventura!
alma sem vida nacida!
filha da morte acordada,
sempre escura!
Oo minha mãy! onde estais?
minha mãy, onde me vou?
minha mãy, nam me buscais?
vós bem sey que sospiraes,
porque os sospiros que eu dou
sam os mesmos que vós daes. (*fl. 39. col. 3.*)

«Nesta terceyra cena se trata, de como sendo Cismena de idade de quinze anos, criada em Creta, perfilhada de hũa nobre dona, ficou della orfam, porem herdeyra de toda a sua fazenda [2]». Bonita e rica é pretendida de tres galans, um já maduro, assim descritos:

He Felicio discreto,
e dom Crasto liberal
e Dario Ledo, desperto,
gracioso perenal,
e musico grande por certo. (*fl. 95, col. 3.*)

---

[1] *Copilaçam*, fl. 90 v.
[2] *Copilaçam*, fl. 93 v.

Digitized by Google

Despede-os porêm ela todos três. Ao velho, que lhe oferece toda sua fazenda, diz:

Senhor, nam estou em tenda,
nem me vendo. *(fl. 97, col. 1.)*

Ao músico, mal disfarçando o desdem:

Quando Dario se me atreve,
oo Deos! pera que he viver! *(fl. 97, col. 2.)*

Ao poeta:

Felicio, em toda maneyra
nam cureis mais de mi nada,
porque em vão tomais canseyra.

Responde-lhe o mesquinho:

Oo minha vida primeyra!
minha morte apresurada!
Eu me vou pois me mandais;
porem pera onde yrey?
Cismena) Onde mais me nam vejais. *(fl. 97, col. 3.)*

Desenganado, foge para umas montanhas, onde « determinou de acabar seus dias. » Aqui desenrola-se uma scena muito dramática. Ás exclamações do apaixonado amante responde o Eco.

Oo o mais triste onde vou?
onde vou, triste de mi?
oo dores, matayme aqui,
onde nunca homem chegou.
Eco) —Ou. *(fl. 97, col. 4.)*
. . . . . .
Felicio) Amo e mouro, ay de mi!
vayse esta alma dolorosa;
oo voz tambem lacrymosa,
voume do mundo e de ti.
Eco) Hi.
Felicio) Hi! minha alma desespera,
porque me falas esquiva;
dizeme se és cousa viva;
se o és, ahi me espera.
Eco) Era.
Felicio) Era pera preguntar
se tem minhas lagrymas conto;
e se averaa hi alguem
que tantas possa assomar.
Eco) O mar.
Felicio) O mar de choros abranjo;
pois falas como quem ama,
que te parece esta dama
que me faz tal desarranjo?

Digitized by Google

Eco) Anjo.
Felicio) Anjo que tu, alma, adoras;
anjo que me tira a vida,
ora he de seres hida
do triste corpo em que moras.
Eco) Oras. (*fl. 98, col. 3.*)

«Em este passo cay Felicio de todo morto». Ainda não acaba porêm aqui a peça.

Um príncipe da Síria viera «desconhecido a ver a cidade de Creta, e tanto que vio a Cismena ficou perdido por ela». É aceito, casam e, «*laus Deo*», acaba a comédia.

Vê-se que ela é toda de fantasia e quem quiser lá encontrar alusões à vida cortesã arrisca-se, por ex., ao desacêrto de supôr ver no Crasto Liberal, «velho muito loução», o duque de Bragança, D. Jaime [1], que nem então, com quarenta e dois anos, era velho, nem nunca foi liberal. Não obstante, na comédia aparecem, é certo, mas chamadas pelos seus nomes, duas pessoas da côrte.

Cismena) Mostray, Sequeyra, o lavor:
que franzido tam real!
seraa pera algum senhor?
Sequeira) Senhora, he penteador
pera o Bispo do Funchal.
Cismena) Muyto boa obra he ella.
Andresa, isso que sam?
Andresa) He daljofre hum cabeção
pera o Conde de Penella.
Cismena) He de muy linda feyção. (*fl. 95, col. 3.*)

D. Diogo Pinheiro, bispo do Funchal, era filho de um criado da casa do Bragança e êle mesmo fôra capelão do duque D. Fernando e seu defensor no processo, tornando-se notável o *Manifesto em que se mostra a innocencia do Duque*, escrito, ainda assim, já no reinado de D. Manuel. Êste o chamou para o Desembargo do Paço e o enviou a Inglaterra com o embaixador Garcia de Melo a participar a Henrique VII a sua elevação ao trono [2]. Foi prelado de Tomar, dom prior da colegiada de Guimarães, vigário geral do arcebispado de Braga e por fim bispo do Funchal em 1514, onde nunca ninguêm o viu, nem depois da morte de D. Manuel, havendo-se então retirado para a sua casa de Barcelos e daqui, em virtude de um caso grave por êle provocado em 1523, para Tomar, onde morreu em 1526. Era «homem de muito boas letras e bom saber», na opinião de Garcia de Rèsende, mas de génio arrogante, violento e ambicioso, tendo, já depois de bispo, apunhalado e arrastado pelos cabelos um notário que lhe fôra fazer uma citação [3]. Deixou vários filhos e entre êles D. Rodrigo Pinheiro, que

---

[1] T. BRAGA, *Gil Vicente e as origens*, pag. 221.
[2] *Arch. hist. port.*, vol. II, pag. 235, n.º 212.—À probabilidade de se haver realizado esta embaixada alude o Visconde de Santarêm no *Quadro elementar*, tom XV, pag. VI. Segundo o doc. cit. não há dúvida dela haver tido lugar e também se fica sabendo ter ela custado 245:000 reais.
[3] *Brasões da sala de Cintra*, II, 303 e 583.

Digitized by Google

veio a ser bispo de Angra, onde, seguindo o exemplo paterno, também nunca pôs os pés.

D. João de Vasconcelos e de Meneses, 2.º conde de Penela, senhor de Mafra, trineto do infante D. João, filho de D. Inês de Castro, havia recebido o título em sucessão ao pai, por carta de 16 de Abril de 1481 e era casado desde 1492 com D. Maria de Ataíde, filha de João de Sousa, capitão dos ginetes [1]. Veio a ser posteriormente vedor da fazenda, por carta de 30 de Setembro de 1527, e morreu em 1543 antes de Abril [2]. Gil Vicente torna a mencioná-lo no *Clérigo da Beira* e na *Romagem de agravados*, assim como nas *Orações dos grandes depois denterrado elRey* e no *Romance* à aclamação de D. João III.

À *Comédia de Rubena*, segundo alguns biógrafos de Gil Vicente fiados na rúbrica, seguiu-se a farsa das *Ciganas*, a qual foi representada a D. João III em Évora e na Páscoa, não podendo portanto ser na do ano de M.D.XXI., mas muito provávelmente na do de M.D.XXV. (V por I), primeiro ano em que êle passou aquela festa na capital do Alentejo, depois de casado, e insisto nêste ponto porque as Ciganas em toda a farsa sempre se dirigem às Damas.

A poucas pessoas melhor se poderá aplicar o prolóquio de «quem porfia mata caça», do que a Carlos III, de Saboia. Já em 1516, quando D. Beatris ainda não tinha completado os doze anos, mandara o Duque por seus embaixadores cometer o casamento com a Infanta. Respondeu-lhe então D. Manuel serem a clareza do seu sangue, a grandeza dos seus estados e a excelência das suas virtudes qualidades muito apreciáveis para desejar estreitar os vínculos de amisade já entre ambos existentes; havia porêm alguns impedimentos que de nenhuma sorte permitiam aceitar a lisongeira proposta [3]. Os impedimentos proviriam das diferenças de idade (30:12) e de categoria, principalmente talvez a segunda. Efectivamente a soberbia da côrte portuguesa não se acomodaria fácilmente da aliança da Infanta com o chefe de um Estado pequeno, pobre, «nem livre, nem independente» [4], entalado entre o Imperador e o Rei de França, os quais, para dizer a verdade, ambos junto de D. Manuel patrocinaram as pretensões do Duque de Saboia, que foi sempre insistindo até conseguir o seu intento.

Assinado o contrato, entrouxado o dote [5], que tão regatinhado havia de ser pelo futuro marido, tratou-se, para condução da esposa, de aprestar uma brilhante armada. Compôs-se ela de dezoito velas; foi capitaneada pelo Conde de Vila Nova de Portimão, um velho servidor da Coroa; recebeu a bordo, além da côrte da infanta, além de numeroso e luzido séquito de fidalgos portugueses, o terrível vírus da peste; levantou ferro depois de brilhantes festas; mas não teve sorte na derrota, dilatada por cinqùenta dias. Quantas lágrimas, quantas saudosas recordações, quantos receios pelo futuro não viriam amargurar a longa e traba-

---

[1] *Brasões da sala de Cintra*, II, 403 e 404.

[2] *Arch. hist. port.*, vol. X, pag. 116.

[3] GAUDENZIO CLARETTA, *Notizie storiche intorno alla vita ed ai tempi di Beatrice di Portogallo, duchessa di Savoia*, pag. 25 e doc. I.

[4] *Ibidem*, pag. 20.

[5] O dote da Infanta importou, segundo a carta de quitação de 21 de Março de 1536 dada a Fernãd'Alvarez, tesoureiro mor, em 64.154:101 reais (*Arch. hist. port.*, vol X, pag. 1, n.º 760), correspondendo, pelas tabelas de Costa Lobo, na *Hist. da sociedade*, a 349 contos da moeda de hoje, com o poder aquisitivo de 1.745 contos.

Digitized by Google

lhosa viagem daquela «menina e moça levada de casa de seu pai para longes terras»? E depois de chegar? A prolongada e vexatória scena da avaliação do dote, a miséria daquela côrte onde a Infanta se encontrou um dia sem dinheiro para pagar o homem do açougue nem o galinheiro, sem baixela nem alfaias doutra vez para receber seus hóspedes [1], tudo constituiu um penoso contraste com a casa paterna. Carlos III tributou afeição e consideração a sua mulher, não há dúvida; na casa de Saboia, perpetuou-se a sua memória no nome de seu pai dado a vários príncipes e ainda hoje repetido no chefe da casa, o rei de Itália, Vittorio Emanuele III; tudo isso é certo, mas D. Beatriz foi uma desditosa mulher. Dos seus não tornou a ver mais nenhum, e, se em 1533, para aproveitar a aproximação, tentou avistar-se com a Imperatriz sua irmã, teve de desistir por não poder suportar o enjôo do mar [2], conseguindo apenas entrever o embaixador português D. Pedro Mascarenhas e o seu séquito, no qual ia André de Rèsende que dedicou um poema à morte de D. Beatriz [3]. Dos seus oito filhos sete morreram-lhe em vida e ela mesma sucumbiu, com trinta e quatro anos apenas, ao dar à luz o oitavo. Formosa e pouco ditosa, inspira-me sua memória profunda simpatia [4].

Às quatro horas da tarde do domingo 4 de Agosto, véspera do dia destinado ao embarque, foi D. Manuel, em pomposo cortejo, com a rainha, o príncipe e infantes, fidalgos e damas da côrte, acompanhar D. Beatris à sé e depois a casa da rainha viúva a despedir-se dela. «Sayram do paço ás horas que disse, e vieram por a Tenoaria á Rua Nova que estava muy fermosa cousa, toda armada de muy rica tapeçaria, e dahi por a Padaria foram até à Sé. E da Sé, depois de feitas orações, por as ruas principaes até a casa da senhora raynha [sua tia], onde estiveram, e a iffante se despedio della: e á vinda vieram por toda a ribeyra, que era cousa muy bem lustrosa.

«Deceram no paço, e em huma muy grande salla armada toda de muy rica tapeçaria douro e muyto bem alcatifada, dorsel, cadeiras, e almofadas de muy rico brocado, se começou hum grande serão, em que el rey nosso senhor dançou com a senhora yffante duquesa sua filha, e a rainha nossa senhora com a yffante dona Isabel, o principe nosso senhor e o senhor yffante dom Luys com damas que tomaram. E assi dançaram todos os galantes que hiam a Saboya, e muytos outros senhores e galantes que durou muyto. E as danças acabadas se começou huma muyto boa e muyto bem feyta comedia de muytas figuras, muyto bem ataviadas e muy naturaes, feyta e representada ao casamento e partida da senhora yffante, cousa muyto bem ordenada e bem a proposito: e com ella acabada se acabou o serão [5].»

---

1 CLARETTA, *Notizie di Beatrice di Portogallo*, cit. pag 80 e 81.

2 LANZ, *Correspondenz des Kaiser Karl V*, II, 53 e 55.

3 *In obitum Beatricis Allobrogum Reginæ Carmen*, do qual o próprio autor dá notícia no escólio 25 do segundo livro do poema L. ANDR. RESENDII. *Vincentius levita et martyr*, impresso em Lisboa, no ano de 1545. Do poema à morte de D. Beatriz existe apenas aquela referência do mestre André.

4 Sôbre a Infanta D. Beatriz podem-se ver dois interessantes estudos de Sousa Viterbo intitulados *O dote de D. Beatriz de Portugal, duqueza de Saboia*, no VI e VII vols. do *Arch. hist. port.*

5 GARCIA DE RÈSENDE, *Ida da iffante dona Breatiz pera Saboya*, fl. 160 do *Livro das obras de Garcia de Resende.*

Digitized by Google

Aquela «muyto boa e muyto bem feyta comédia» era de Gil Vicente e intitulava-se as *Côrtes de Jupiter*. Diz a rúbrica: «A tragicomedia seguinte foy feyta ao muyto alto e poderoso Rey dom Manoel o primeyro em Portugal deste nome, aa partida da illustrissima senhora iffante dona Breatiz duquesa de Saboya, da qual sua invençam he, que o senhor Deos querendo fazer merce aa dita senhora, mandou sua providencia por messagenra a Jupiter Rey dos elementos, que fizesse côrtes em que se concertassem planetas e sinos (*signos*) em favor de sua viagem. Foy representada nos paços da ribeyra na cidade de Lisboa. Era de M.D.xxj[1]» Ao compôr, o tipógrafo transpôs o j ao segundo x e imprimiu xjx, forma absolutamente desusada, pois que, no caso de querer dizer 19, empregaria um i, x i x, e não um j, sempre colocado no final do número. *Côrtes de Jupiter.*

Ao terminar o borborinho na sala entrou a «Providencia em figura de princesa, com espera (*esfera*) e cetro na mão» e declarou que, visto serem os desejos de todos da infanta D. Beatriz ser levada a salvamento a Saboia, vem enviada por Deus para mandar comparecer ali a Jupiter afim de convocar côrtes,

Porque Deos me deu a mi
que o fizesse Rey do mar,
e dos ventos outro si,
e dos sinos, venha aqui
pera logo começar. (*fl. 165, col. 2.*)

Entra Jupiter, recebe as ordens da Providencia e obriga-se a fazer o mar muito brando a fim da viagem decorrer serena, para o que vai convocar as côrtes, começando por mandar chamar pelos quatro Ventos, «em figura de trombeteyros», o Mar, que «vem muyto forioso», o Sol e a Lua, que «vem baylando ao som das trombetas dos Ventos» e a seguir cantam com Venus a três vozes o vilancete

Ninha, erguedeme los ojos
que a mi namorado m'am (*fl. 166, col. 1.*)

Ficam-se todos em scena descrevendo o cortejo fantástico por êles inventado que acompanhará a armada da Infanta ao levantar ferro, concluindo por cantarem «em chacota a cantiga de *Llevade me por el rio*». Entretanto os Ventos foram chamar o planeta Mars «o qual veo com seus sinos, a saber: Cancer, Leo e Capricorneo», e toma á sua conta afugentar os adversários do reino lusitano porque

Deos me tem dito e mandado
que lho tenha bem guardado,
porque o quer fazer romano. (*fl. 168, col 4.*)

Não obstante aconselha a Jupiter que mande

os planetas musicaes
ao encantado lugar,
e a poder de seu cantar
tragam a Moura Taes. (*fl. 168, col. 4.*)

---

1 *Copilaçam das obras de Gil Vicente*, fl. 165.

Digitized by Google

Ela deverá trazer um anel encantado, um dedal de condão

e o precioso terçado
que foy no campo tomado
depois de morto Roldam. (*fl. 169, col. 1.*)

Para a desencantar e mais a forçar

avemoslhe de cantar,
a historia desta senhora
como vay longe a morar.
E ficaraa por vitoria
polo mundo adiante
pera sempre, por sua gloria,
este romance em memoria
da partida desta iffante.

ROMANCE

Niña era la iffante,
dona Breatiz se dezia,
nieta del buen Rey Hernando,
el mejor Rey de Castilla,
hija del Rey don Manuel
y Reyna doña Maria,
Reys de tanta bondad
que tales dos no avia.
Niña la caso su padre,
muy hermosa á maravilla,
con el duque de Saboya, (*fl. 169, col. 1.*)
que bien le pertenecia,
señor de muchos señores,
mas que Rey es su valia.
Ya se parte la iffanta,
la iffanta se partia
dela muy leal ciudad
que Lixbona se dezia;
la riqueza que llevava
vale toda Alexandría;
sus naves muy alterosas,
sin cuento la artellaria;
va por el mar de Levante,
tal que temblava Turquía.
Con ella va el Arçobispo
señor dela cleresia;
van condes y cavalleros
de muy notable osadia;
lleva damas muy hermosas,
hijas dalgo y de valia.
Dios los lleve á salvamiento
como su madre querria. (*fl. 169, col. 2.*)

Com estas palavras e música desencantam a Moura Taes, a qual « entra com o terçado, e anel, e didal de condam » e tudo entrega á Infanta. Então Jupiter declara as côrtes encerradas, tornando « todos a cantar a modo de chacota *Por el rio me llevade*, e com ella se foram e acabam as côrtes ».

Nesta tragicomédia, em que se mistura o cristianismo com a mitologia, como fizeram Camões e outros, há uma parte muito original e devéras interessante: é a descrição do cortejo que deverá acompanhar D. Beatriz rio abaixo.

Digitized by Google

E ao desferir das velas
. . . . . .
sayram desta cidade
toda a geralidade
dos nobres per esse mar.
Não com velas nem cõ remos,
mas todos feytos pescados,
da feyçam que aqui diremos,
que em tal caso os estremos
em estremo sam louvados.
Os conegos da see embora,
em figura de toninhas,
yram com esta senhora
atee bem de foz em fóra
por essas ondas marinhas.
Sol) E tambem atee Cascaes
yram os vereadores, (*fl. 166, col. 2.*)
feytos rodovalhos tais,
e delles darão mil ays,
e delles diram amores.
Venus) Tambem yram frades alguns
do termo e da cidade.
Lua) Mas nam ficaram nenhuns;
seram ruyvos ametade,
os outros seram atuns.
Venus) E todolos corretores
em figura de robalos.
Sol) Juyzes e ouvidores,
delles peyxes voadores,
e delles peyxes cavalos,
Lua) Como yram os estudantes?
Jupiter) Feytos barbos de Monção,
e delles em raãs cantantes,
dizendo per consoantes:
quem nos dera aqui o Duram!
Os da Moeda yram tornados
em garoupas de Guinee,
das moreas espantados,
preguntando aos pescados
cada hum que peyxe he.
Venus) Sayram as regateyras
em cardume de sardinhas,
nadando muyto ligeyras,
desviadas das carreyras,
por nam topar co'as toninhas.
Sol) Yram certos bacharees
em forma de Tubarões, (*Já néstes tempos!*)
esses apo'las galees;
e yram almotacees
convertidos em cações.
Venus) Jorge de Vasco goncelos
num esquife de cortiça
yraa, alfenando os cabelos,
por devisa dous novelos;
a letra diraa: *Ou yça!* (*fl. 166, cols. 3.*)

Detenhamo-nos aqui um pouco: Jorge de Vasconcelos merece a nossa atenção, tanto mais que, esquécido pelos antigos genealogistas, as notícias dêle existentes são muito vagas e confusas. Seu pai chamou-se Luís Mendes de Vasconcelos, foi fidalgo e criado do infante D. Henrique e parece haver sido contemplado nas suas últimas disposições. Dois meses após a morte do solitário do

Digitized by Google

cabo de S. Vicente, por carta régia de 20 de Janeiro de 1461, foi pelos serviços prestados ao falecido Infante, feita mercê a Luís Mendes da ilha da Berlenga com toda a sua pescaria, rendas e direitos pela guisa por que o dito Infante a tivera até morrer; e logo pouco depois, por carta de 27 de Junho redigida em têrmos idênticos, foi-lhe feita doação do lugar do Baleal, com seu têrmo, pescaria e rendas [1]. Morreu Luís Mendes de Vasconcelos e por duas cartas, ambas de 14 de Março de 1498, foram confirmadas a Jorge de Vasconcelos, seu filho, fidalgo da casa del Rei, as duas referidas doações [2], às quais foi acrescentada, por carta de 16 de Maio de 1501, a dizima nova de tôda a pescaria da Berlenga [3]. De todos êstes direitos desistiu Jorge de Vasconcelos para fazer serviço a D. Manuel que os queria doar ao mosteiro então em construção naquela ilha, recebendo em satisfação da desistência uma tença anual de trinta mil reais, da qual se lavrou carta de padrão em 10 de Março de 1512 [4].

Antes disso, «consirando nós como pera o trauto das Índias são necessárias muitas naus, navios e grande soma de mantimentos, almazens, aparelhos e cousas outras e que assi pera elo, como pera os trautos de Guiné, por o negócio todo junto ser grande e de muita importância, compria muito a nosso serviço haver hi huma pessoa apartada per si, que tivesse carrego de mandar fazer e aviar as ditas naus, navios e compras de mantimentos, almazem e cousas outras que pera elo são necessárias», nomeia D. Manuel a Jorge de Vasconcelos armador e provedor mor dos armazens e armadas da cidade de Lisboa, por carta de 27 de Novembro de 1501. Com o ofício haveria quarenta mil reais de mantimento anual e teria dois homens para com êle servirem, tudo pago na Casa de Guiné e das Índias [5]. Recaíu pois sobre Jorge de Vasconcelos, na ocasião em que a navegação e comércio com a Índia tomava grande incremento, a enorme responsabilidade da armação e aprovisionamento dos navios destinados áquela rota, e de ter satisfeito ao encargo dá prova o havê-lo exercido por mais de vinte anos, até morrer. Na provedoria dos armazens parece ter sucedido a Jorge de Vasconcelos Pedro Afonso de Aguiar, «mui entendido nas cousas do mar», como se lê na crónica, e a êste, por carta de 25 de Agosto de 1546, o famoso capitão e navegador Fernão Peres de Andrade, com o ordenado elevado a cinqùenta mil reais [6], numa sorte de aposentação bem merecida pelo seu trabalhoso esforço no Oriente.

Jorge de Vasconcelos morreu em 1525 e vagaram então as suas três tenças, na importância total de oitenta e dois mil reais e dez moios de trigo [7], sendo esta provida logo nos seus filhos [8], e as duas em dinheiro confirmadas, por cartas de 22 e 26 de Julho, a seu filho António de Vasconcelos [9]. Havia Jorge casado com D. Leonor de Meneses, viúva de Diogo Lopes de Azevedo, senhor

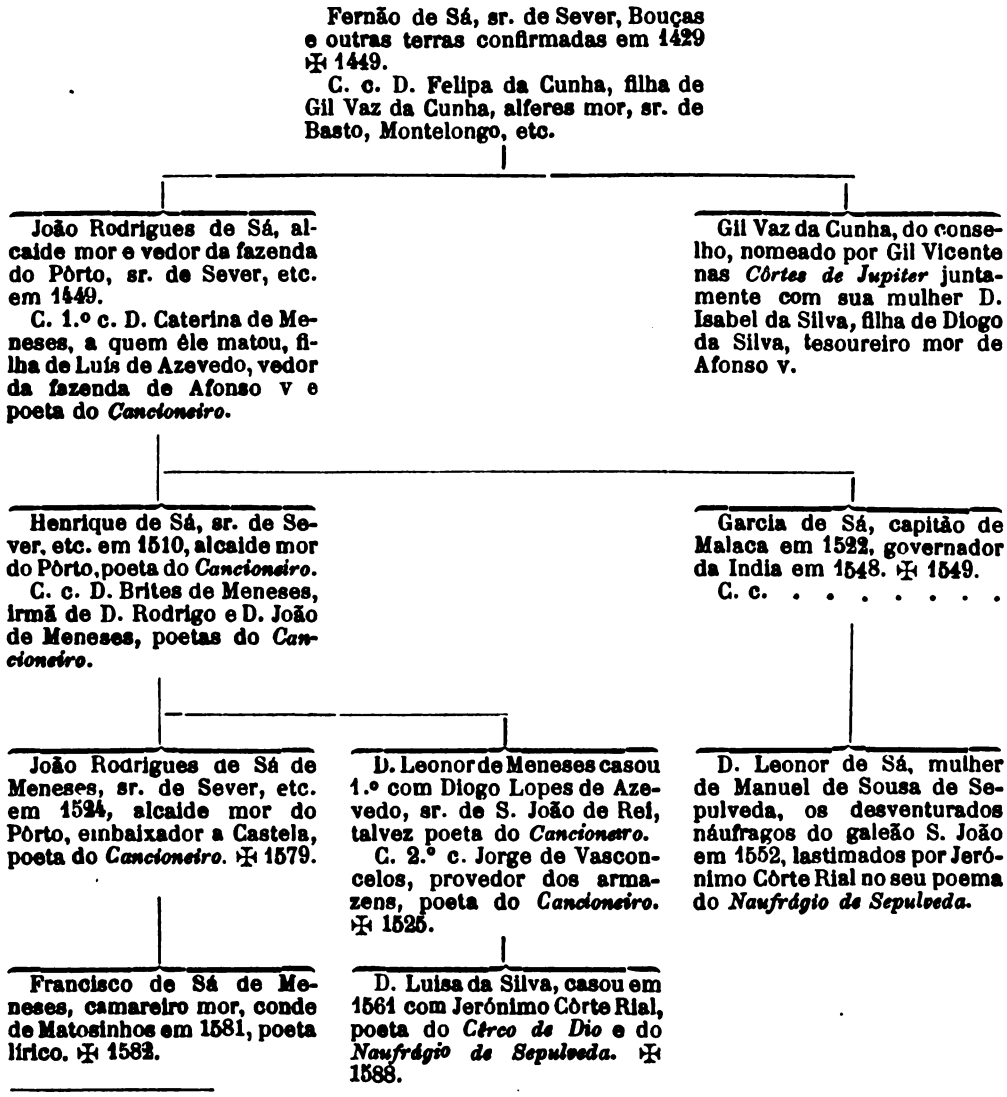
---

[1] *Chancelaria de D. Manuel*, liv, 20.º, fl. 9 v., e livro 41.º, fl. 101 v.
[2] *Ibidem*.
[3] *Ibidem*, liv. 37.º, fl. 43 v.
[4] *Chancelaria de D. João III*, liv. 8.º de *Doações*, fl. 82.
[5] *Chancelaria de D. Manuel*, liv. 1.º, fl. 64, onde, por omissão de cópia ou de redacção, se não indicou o ofício, dizendo-se simplesmente, «lhe damos o dito oficio».
[6] *Chancelaria de D. João III*, liv. 33.º de *Doações*, fl. 160 v.
[7] *Arch. hist. port.*, II, 131 e 132.
[8] *Ibidem*, pag. 128.
[9] *Chancelaria de D. João III*, liv. 8.º de *Doações*, fl. 82.

Digitized by Google

de S. João de Rei, filha de Henrique de Sá, alcaide mor do Pôrto, senhor de Sever e doutras terras, e irmã de João Rodrigues de Sá de Meneses, alcaide mor do Pôrto, senhor de Sever, embaixador a Castela, bem conhecido poeta do *Cancioneiro geral*, como aliás também o foram seu pai e seu cunhado. Do referido casamento teve Jorge de Vasconcelos, além do filho António, pelo menos mais uma filha, D. Luisa da Silva, dama da rainha D. Caterina e mulher de Jerónimo Côrte Rial, com quem casou pouco depois de 3 de Março de 1561 [1]. Êste é o poeta do *Cêrco de Dio* e do *Naufrágio de Sepulveda*.

Talvez interesse ao leitor ver rápidamente, num esbôço de árvore genealógica, a maneira como todos êstes poetas estavam aliados. Aqui a tem:



[1] Diogo Lopes de Azevedo, acima mencionado, perdeu a casa em sua vida «por

Digitized by Google

Isto não são própriamente divagações. Parece-me também conveniente estudar um pouco a sociedade onde Gil Vicente se movia, a qual, de mais a mais, tão ignorada ainda anda de todos nós.

Após Jorge de Vasconcelos introduz o poeta, no cortejo da infanta D. Beatriz, além de Gil Vaz da Cunha, já mencionado acima na árvore genealógica e lá atrás na nota 5 da pag. 66, a

...todolos cantores:
contras altas carapaos;
os tiples, alcapetores;
enxarrocos os tenores;
contrabaxas, bacalhaos. (*fl. 166, col. 4.*)

Os irmãos da Infanta tambem irão: o Príncipe sôbre quatro rocins marinhos; o infante D. Luís, em cisnes alvos; o «precioso cardeal», D. Afonso, de doze anos, sôbre homens marinhos; D. Fernando, pôsto em um castelo; D. Henrique, o futuro inquisidor geral, então criança de nove anos,

yraa em cama darminhos,
brincando com dous anginhos; (*fl. 167, col. 2.*)

e a infanta D. Isabel numa galé.

Dos homens da côrte nomeiam-se mais Garcia de Rèsende [1], «feyto peyxe tamboril», João de Saldanha [2], «feyto arenque de Alemanha», Diogo Fernandes comendador [3], «em hum peyxe que hi nam há», Tristão da Cunha [4], «em congro

---

alguns feytos e desmanchos que fez» (fl. 229 v. do *Nobiliario* cit. na pag. 87), tendo, ao que parece, retirado para Roma onde morreu. Um dos tais *feytos* foi dar uma cutilada na cara da mulher. E' provável que Diogo Lopes já tivesse falecido em 1 de Agosto de 1517, quando o infante D. Luís fez doação a seu irmão Pero Lopes de Azevedo das terras de S. João de Rei e Bouças (*Chancelaria de D. Manuel*, liv. 10.º, fl. 69). Não sei se dêste Diogo Lopes de Azevedo, se de seu pai do mesmo nome, será uma trova no *Cancioneiro geral*, fl. 136, col. 2.

A data do casamento de Jerónimo Corte Rial consta de uma carta de 100:000 rs. de tença a D. Luisa da Silva «ora concertada a casar» com êle (SOUSA VITERBO, *Trabalhos náuticos*, II, 165).

[1] Vidé na pag. 61 os versos que lhe são dedicados.

[2] João de Saldanha era o filho primogénito de Diogo de Saldanha, castelhano do partido da Excelente Senhora com quem ficou em Portugal, servindo-a de secretário, e parece ter trazido o filho de Castela, pois que Gil Vicente lhe faz dizer: «es cosa estraña ser castellano y pescado». Foi veador da casa da rainha D. Maria e depois da de sua filha a infanta D. Isabel. Tinha a sua casa em Santarém em cuja comarca possuia a grande quinta da Melhorada, coutada por carta de 10 de Abril de 1529 (liv. 17.º de D. João III, fl. 62, v.). João de Saldanha foi poeta do *Cancioneiro* e morreu entre Março de 1535 e Novembro de 1536 (liv. 24.º de D. João III, fl. 5), deixando numerosa descendência de sua primeira mulher D. Joana de Lima, filha de D. Alvaro de Lima, monteiro mor de D. Manuel.

[3] Diogo Fernandes, comendador, fôra reposteiro del Rei; de presente era escrivão da alfândega de Lisboa desde 1503, em sucessão a seu sogro João do Avelar (liv. 35.º de D. Manuel, fl. 25 v.); e desde 1506 tomara o apelido de Meireles, tendo provado por instrumento de justificação ser daquela família pelo lado materno (DIOGO GOMES DE FIGUEIREDO, *Nobiliario*, vol. v, fl. 376 v. mihi, asseverando ter visto o doc.). Em 1516 já era comendador (*ibi*), ignorando eu qual a comenda e a Ordem a que ela pertencia, sabendo apenas que dos 66:133 rs. de tenças por êle disfrutadas em 1523, uma de 20:000 rs. era com o hábito duma das Ordens militares (*Arch. hist. port.*, II, 91). Pouco depois da representação das *Côrtes de Jupiter* foi Diogo Fernandes de Meireles confirmado no officio de escrivão da alfândega com o ordenado aumentado de 25 a 35:000 rs. (liv. 18.º de D. Manuel, fl. 30), e faleceu no ano de 1533 antes de 31 de Julho. (liv. 19.º de D. João III, fl. 227). Há no *Cancioneiro geral*, fl. 176, col. 2, umas trovas muito porcas feitas no inverno de 1500 para 1501 por um Diogo Fernandes, que deverá ser êste pela alusão ao oficio de reposteiro: «porque á porta não via», diz êle.

[4] Tristão da Cunha, como Garcia de Rèsende, não carece de ser apresentado. Lá atrás,

Digitized by Google

da Pederneyra», e o Estribeiro mor [1], «convertido em peyxe mu». Da parte feminina da côrte só aparecem nomeadas «Madama dona Maria», alguma das damas que vieram do Brabante com a raínha D. Leonor, e Joana do Taco, aliás Taço, castelhana da casa da rainha D. Maria, com a moradia de dez mil reais, outro tanto como as damas [2]. A Raínha no seu testamento, de 26 de Julho de 1516, além de deixar uns legados importantes a esta sua servidora, a recomendou muito a seu marido [3], que a passou para a casa da infanta D. Isabel, onde servia de criada em 15 de Janeiro de 1525, data de uma carta de padrão de 33:970 rs. que D. João III lhe deu [4]. Já se vê que nenhum fundamento plausível teve Garrett, no seu formoso drama *Um auto de Gil Vicente*, para fazer de Joana do Taço uma cómica e demais borracha. E mais ninguêm se nomeia nas *Côrtes de Júpiter*, onde contudo aparecem umas poucas de décimas dedicadas ás « damas que ficam cá », mas

nam digamos aqui
nenhum nome de molher,
nem dama; mas tomem di
cada hũa pera si
o que milhor lhe vier. (*fl. 167, col.* 3.)

Estava pois todo o trecho cheio de alusões, sem dúvida muito chistosas para o auditório, que fácilmente as decifrava, insípidas porêm para nós por indecifráveis.

Nas festas do casamento de D. Beatriz ostentou D. Manuel pela última vez a magnificência da sua côrte; mas já então a prosperidade do país estava longe da dos primeiros tempos do seu reinado. Se a abundância do dinheiro só por si representasse a riqueza pública, poucas vezes em Portugal as receitas do Estado se aproximariam das do ano de 1521. O Almoxarifado do reino, como quem hoje dissesse a parte relativa á metrópole do ministério da Fazenda, ao qual nenhum Português amante da sua língua de bom grado chamará jámais

---

na pag. 61, ficaram os versos que Gil Vicente aqui lhe dirigiu. No *Cancioneiro geral*, fl. 155, col. 6, estão umas trovas do futuro embaixador em Roma, compostas trinta e tantos anos antes da embaixada.

[1] O Estribeiro mor era Francisco Homem. Sucedera no ofício a seu pai Pedro Homem, que nêle servira a D. Manuel em quanto Duque de Beja, continuando depois da sua elevação ao trono, como consta de muitos docs. apesar de se não encontrar o registo da nomeação. Pedro Homem já era falecido em Março de 1498 (liv. 31.º de D. Manuel, fl. 19 v.), deixando sua viúva, Violante Pacheca, tutora dos filhos menores (*Sumários* de Lousada, III, fl. 109 mihi). Dêstes, o mais velho, Francisco Homem, outrosim estribeiro mor, também não tem registada a carta de nomeação, mas encontra-se em muitos docs. com o cargo, que ainda exercia em Junho de 1521 (*ibi*), tendo-o desempenhado durante a sua menoridade Pero Correia (Goes, *Chronica de D. Manuel*, part. I, cap. 27). Francisco Homem só foi substituido por D. João III, que logo nos primeiros dias do seu reinado, a 1 de Janeiro de 1522, nomeou estribeiro mor D. Pedro Mascarenhas (liv. 51.º de D. João III, fl. 25). Francisco Homem ainda vivia em 1534 (*Sumários*, loc. cit.), solteiro, segundo parece. Tanto Pedro Homem, como seu filho Francisco, foram poetas do *Cancioneiro*, do primeiro encontram-se trovas nas fls. 59, 143, 148, 149, 155, 158, 159 e 169, e do segundo nas fls. 150, 180, 196 e 197, e ainda nas 145 e 153 sem o seu nome, só com a designação de Estribeiro mor.

[2] *Provas da Hist. genealogica*, II, 375.

[3] *Ibidem*, pag. 409.

[4] *Chancelaria de D. João III*, liv. 8.º de *Doações*, fl. 40 v. — Os 33:970 rs. da tença correspondiam à soma destas três verbas: 10:000 rs. de moradia por ano; 21:720 de mantimento, a razão de 1:810 por mês; «e os 2.250 que montam, a rezão de 50 rs. por arratel, nos 45 arrates de cera que tinha por ano, a rezão de 20 onças por dia».

Digitized by Google

ministério das Finanças, recebeu naquele ano, de saldos, em números redondos, 510 contos [1], correspondendo, pelas tabelas acima citadas, a 16:000 contos de hoje; a Casa da Índia, dos seus tratos, 116 contos [2], mais de 2:900 contos de agora, metade, ainda assim, do rendimento do ano anterior; a Alfândega de Lisboa, 22 contos [3], uns 600 contos; e mais e mais, afora os contratos de especiaria feitos directamente na Fazenda [4], os negócios das feitorias de Antuérpia e Malaga, muitas outras receitas ainda não averiguadas, ou de que não existem vestígios. Acrescente-se mais as prêsas da índia, os escravos de Guiné, o oiro da Mina, pôsto que já menos produtivo. Isto tudo é verdade e ainda muito áquem da verdade fica, mas não tinhamos trigo para pão [5] (como hoje) e a fome por mais de uma vez investira com o reino; não teciamos um fio de linho, apesar dos nossos linhares, nem um velo de lã, apesar das nossas ovelhas; nas outras indústrias nada produziamos; de Flandres até carne e peixe salgado importávamos; os ornamentos, as alfaias de casa nos vinham de fora; o oiro da Índia ia de passagem por Lisboa para Antuérpia; ninguêm trabalhava em Portugal; era uma vergonha [6].

Batia-nos pois á porta a decadência; D. Manuel porêm, venturoso até final, suspeitá-la-hia, mas não a sentiu. Êle, tão cauteloso sempre em fugir das epidemias, deixou-se ficar em Lisboa apesar da peste ir picando, e do seu arrôjo foi vítima. No dia 4 de Dezembro dêste ano de 1521 adoeceu, no dia 7 já não pôde assinar um alvará [7], no dia 11 ditou ao secretário António Carneiro o seu codicilo [8] e no dia 13 «faleçeo nos Paços da ribeira, de hũa febre speçia de modorra, doẽça de que naquelle tẽpo em Lisboa morria muita gẽte [9]».

---

[1] *Cartas de quitação del Rei D. Manuel*, n.º 695, no ARQUIVO HISTÓRICO PORTUGUÊS vol. IX, pag. 441.

[2] *Ibidem*, n.º 646, vol. VIII, pag. 401.

[3] *Ibidem*, n.º 686, vol. IX, pag. 436.

[4] Garcia de Rêsende, que era escrivão da fazenda, declara ter visto os vêdores dela venderem juntamente, em um só dia e por um só contrato, 700.000 cruzados, 280 contos, de drogas e especiaria (*Miscellanea*, fl. 21, col. 3), aproximadamente 7:600 contos de hoje.

[5] Na *Miscellanea*, a propósito exactamente dêste ano de 1521, escreveu Garcia de Rêsende:

Viimos em Evora valer
hos moyos de pam yguaes
quinze, viinte mil reaes;
agora hos veemos vender
a septenta mil e maes.
Anno vii tam abastado
que a octo reaes comprado
foy ho alqueire de pam,
No ãno de outro viimos em que nam
vinte e hũ se achava por hũo cruzado. (*fl. 18, col. 1.*)

[6] Confirme-se com JOAQUIM DE VASCONCELOS, *Albrecht Dürer*, pag. 52 e outras, citando autores estrangeiros, pouco conhecidos em Portugal.

[7] No *Corpo cronológico*, part. I, mac. 27, doc. 82, está um alvará datado de 7 de Dezembro, mas com a data emendada para 27 e assinado por D. João III.

[8] D. ANTÓNIO CAETANO DE SOUSA, *Provas da Hist. genealógica*, II, 348.

[9] DAMIÃO DE GOES, *Quarta parte da Chronica delRei dom Emanuel*, cap. 83; fl. 104 v.

Digitized by Google

Morreu no ãno de D.xxj. a xiij de dezembro.

Neste anno se finou
ho gram rey dom Manoel;
quantos consigo levou
ha morte triste cruel!
que rey? que gente matou?
Duzẽtos homẽs honrados,
em que hiam muitos destados,
viimos que entam se finarã
de modorra; e escaparam
muitos já quasi enterrados [1].

O contraste entre as festas tão brilhantes do casamento de D. Beatriz e o luto da apressada morte de seu pai foi notado:

Oo quem vio as alegrias
daquellas naves tam bellas,
bellas e poderosas vellas,
agora ha tam poucos dias,
pera yr a Iffante nellas!
Vay buscar o senhor dellas,
Rey que o mundo mandou,
veraas que tal se tornou;
e verey como te velas
da vida que o enganou (*fl. 253, col. 4*).

Trovas à morte de D. Manuel

«De Gil Vicente aa morte do muyto alto e esclarecido Rey dom Manoel o primeyro do nome». Ao mesmo assunto escreveu tambêm um

ROMANCE

Pranto fazem em Lixboa,
dia de santa Luzia,
por elRey dom Manoel,
que se finou nesse dia.
choraram duques, mestres, condes,
cada hum quem mais podia;
os fidalgos e donzelas
muyto tristes em perfia;
os Iffantes davam gritos,
a Iffanta se carpia;
seus cabelos, fios douro,
arrincava e destroya;
seus olhos maravilhosos
fontes dagoa pareçia.
bem merecem ser escritas
as lástimas que dezia.
«Paço tam desemparado
«derribado merecia,
«pois a sua fortaleza
«se tornou em terra fria.
«Oo minha senhora madre,
«Rainha dona Maria,
«quem a vós levou primeyro
«muy grande bem vos queria,
«pois que vos livrou da pena
«que passamos neste dia».
E outras magoas que de tristes
contar nam nas ousaria.
O princepe dava sospiros,
que alma se lhe saya;
suas lagrymas prudentes,
como a gram senhor compria;
de dia sempre velava,
de noyte nunca dormia,
A Rainha estrangeyra
ja chorar o nam podia:
com ronca voz dolorosa
estas palavras dezia:
«Oo Reyna desemparada!
«qué haré sin compañia,
«pues que en esta triste vida
«sola una vida tenia!
«Y pues que me la llevó la muerte,
«para que quiero la mia?
«Oo sin ventura casada
«tres años no mas avia,
«quien tan presto fue beuda,
«triste pera que nascia.
«Niña sola en tierra agena,
«huerfana sin alegria!»
Se hũa vez acordava
otras sete esmorecia;

[1] Garcia de Rèsende, *Miscellanea, fl. 20, col. 1.*

Digitized by Google

assi pedia a deos morte,
como quem pede alegria,
Dizendo: «Llévenme luego,
«questa tierra ya no es mia·
«por la mar por donde fuere
«algun peligro venía,
«que me matase á mi sola
«salvando la compañia.»
O bom Rey em seu acôrdo
deste mundo se partia;
sua morte conhecendo,
com muyta sabedoria,
per palavras piadosas
os sacramentos pedia;
falando sempre com todos,
deu sua alma a quem devia.
Morto levam o gram Rei
senhores de gram valia,
dizendo huns aos outros:
Oo que triste romaria!
que grande amigo perdemos
e que doce companhia.
Ja passada a mea noyte,
tres horas antes do dia
metido em hum ataude
o que ainda ha pouco regia,
o gram senhor doriente
dos seus paços se partia;
seiscentas tochas acesas,
escuras a quem as via;
triste pranto atee Belem,
nem passo, nam se esquecia;
em terra fica enterrado,
porque assi mandado avia,
conhecendo que era terra
a mundanal senhoria,
disse que os vãos tesouros
aa morte nam pertencia.
Desque ficou enterrado
cada hum se despedia,
dizendo estes versos tristes
aa gloriosa Maria. *(fl. 254, cols. 1, 2 e 3.)*

Orações dos grandes

Ainda ao mesmo assunto escreveu as «Orações dos grandes de Portugal a nossa Senhora depois denterrado el Rey [1]». Os grandes foram: o 4.º «Duque de Bragança», D. Jaime, a quem, em 1496, D. Manuel restituíra a casa contra a expressa determinação testamentária de D. João II; o «Mestre de Santiago», D. Jorge, duque de Coimbra, filho natural de D. João II; o 2.º «Marquês de Vila Real», D. Fernando de Meneses, 4.º capitão de Ceuta; o 1.º «Marquês de Torres» Novas, D. João de Lancastre, filho primogénito do Mestre D. Jorge e futuro duque de Aveiro; o 4.º «Conde de Marialva», D. Francisco Coutinho, pelo seu casamento 2.º conde de Loulé, que veio a morrer em 1530, não assistindo por poucos dias ao enlace de sua única filha com o infante D. Fernando; o «Bispo de Évora», D. Afonso de Portugal, filho ilegitimo do Marquês de Valença, primogénito do 1.º Duque de Bragança; o 1.º «Conde de Tentúgal», D. Rodrigo de Melo, marquês de Ferreira em 1533, filho do senhor D. Álvaro e neto do 2.º Duque de Bragança; o 3.º «Conde da Feyra», D. Manuel Pereira, 6.º senhor da terra da Feira e 4.º do seu castelo; o 2.º «Conde de Penela», D. João de Vasconcelos e de Meneses, já lá acima mencionado; o 2.º «Conde de Alcoutim», D. Pedro de Meneses, filho primogénito do Marquês de Vila Rial e marido da filha única do Condestável D. Afonso, sobrinho do falecido monarca; e o 2.º «Conde de Portalegre», D. João da Silva de Meneses, mordomo mor do príncipe D. João.

Nos versos de Gil Vicente todos lastimaram a morte de D. Manuel; mas na verdade parece não ter sido bem assim. Garcia de Rèsende, poeta também contemporâneo, deixou-nos esta nota, fugitiva mas sugestiva:

Viimos gram planto fazer
pollos reys; quando morriã
burel, grande doo trazer,
cousa muy digna de ser
pois tam grã perda perdiã.

---

[1] *Copilaçam das obras*, fl. 254, col. 3.

Digitized by Google

Viimos burel defendido;
e viimos pouco sentido
hũo rey que depois morreo;
porque ho doo se perdeo,
foy tambem nojo perdido. [1]

O *gram planto* foi em 1495 quando D. João II morreu, e nêste ponto estão de acôrdo os cronistas contemporâneos, Rui de Pina e Garcia de Rèsende, a quem não contestam os dois mais próximos, Damião de Goes e Jerónimo Osório. Foi o *burel defendido* pela Ordenação de 17 de Outubro de 1499 [2], e o rei *pouco sentido*, que depois morreu, foi D. Manuel, nem podia ser outro. Não obstante, Gil Vicente havia de tê-lo visto com saudade sumir-se no túmulo, pois junto dêle encontrara sempre favorável agasalho; mas sem grandes preocupações pessoais encararia o futuro, por isso que já experimentara benévolas disposições a seu respeito no novo soberano.

Foram durante o reinado de D. Manuel representados ainda seguramente os autos dos *Quatro tempos* e da *Sibila Cassandra*, e a farsa de *Quem tem farelos;* mas não é fácil precisar a ocasião em que Gil Vicente os exhibiu na côrte. A todas as três peças já me referi para mostrar a falta de exactidão dos dados contidos nos seus respectivos sumários [3]; agora tornarei a elas para deixar consignado tudo quanto pude apurar relativo às datas da sua composição.

Auto dos Quatro tempos.

Diz a rúbrica do primeiro auto: «Esta seguinte obra se chama dos quatro tempos, foy representada ao muy nobre e prospero Rey dom Manoel na cidade de Lisboa, nos paços Dalcaceva na capella de sam Miguel, per mandado da sobredita senhora sua yrmaã nas matinas do Natal [4].» Nos paços da Alcáçova foi portanto representado o auto em véspera de Natal. Vejamos.

Em Março de 1505 ainda D. Manuel habitava aqueles paços [5], mas em Outubro dêsse ano, fugindo à peste, retirou-se da cidade para onde só regressou em Fevereiro de 1511, indo habitar o paço de Santos [6]. Naquele ano, aí por volta de Abril ou Maio [7], fixou el Rei a sua residência nos paços da Ribeira, apesar das obras não estarem inteiramente concluidas, pois elas ainda continuaram por muito tempo [8]. Antes de 1511 não foi habitado o paço da Ribeira,

---

[1] GARCIA DE RÉSENDE, *Miscellanea*, *fl. 20, col. 1.*

[2] JOSÉ ANASTACIO DE FIGUEIREDO, *Synopsis chronologica da Legislação Portugueza*, tom. I, pag. 153.

[3] Pág. 50-51.

[4] *Copilaçam das obras*, fl. 15 v.

[5] JÚLIO DE CASTILHO, *A Ribeira de Lisboa*, pág. 244, citando as *Lendas da India.*

[6] Vidé pág. 51.

[7] A 7 de Abril ainda um doc. do *Corpo cronológico* é datado do paço de Santos, a 8 e daí por diante muitos outros são apenas datados de Lisboa, mas no liv. 8.º da *Chancelaria*, a fl. 38 v., aparece uma carta de 26 de Abril datada ainda de Santos. Por êste motivo não devo precisar mais a data da mudança da residência de D. Manuel para os paços da Ribeira, pôsto que para o caso sejam muito mais seguras as indicações dos alvarás do *Corpo cronológico*, feitos nos próprios dias em que eram assinados, do que as das cartas da *Chancelaria*, às vezes só assinadas muito depois de escritas e datadas.

[8] AUGUSTO VIEIRA DA SILVA, *As muralhas da Ribeira de Lisboa*, págs. 260 e segs.

Digitized by Google

sem dúvida, porque a indicação da rúbrica do auto de *Quem tem farelos*, à qual logo me referirei, não tem validade histórica; mas também desde Outubro de 1505 não tornou o paço da Alcáçova a ser morada da família rial. Portanto, se a informação do sumário do auto dos *Quatro tempos* merece confiança, êle havia de ter sido representado num Natal anterior ao de 1505. Procuremos.

D. Manuel passou nos anos de 1502, 3 e 4 aquele dia festivo em Lisboa. No primeiro representou-lhe Gil Vicente o *Auto pastoril castelhano* [1]; no último não houve festas na côrte por pouco antes ter chegado a notícia da morte de Isabel a Católica; fica-nos só o Natal de 1503, nêle porêm tenho muitas dúvidas se tivesse representado o auto dos *Quatro tempos*. As primeiras peças de Gil Vicente eram quási simples tentativas; experimentava nelas as suas forças: em 1502 o *Auto pastoril castelhano*, em 1503 o auto dos *Reis Magos*, em 1504 o auto de *S. Martinho*, são tudo obras muito simples, de pequeno movimento scénico; só em 1509 no auto da *Índia* é que as qualidades dramáticas de Gil Vicente se começam a expandir. Porque hão de estar as indicações desta rúbrica certas, quando tantas vezes as temos já encontrado erradas noutras e em mais as tornaremos a encontrar no capítulo seguinte? Se o orago da capela rial, ao passar dos paços da Alcáçova para os da Ribeira, não tivesse mudado de S. Miguel para S. Tomé, eu proporia que na rúbrica se alterasse a denominação dos paços onde o auto se representou, e teriamos para a sua exibição os natais de 1511 e 1516 passados em Lisboa, no primeiro dos quais se não representou auto nenhum novo a D. Manuel; assim porêm hesito.

Auto da Sibila Cassandra.

Passemos ao segundo auto. «A obra seguinte foy representada aa dita Senhora [raynha dona Lianor] no mosteyro Dēxobregas nas matinas do Natal. Trata se nella da presunçam da Sebila Casandra, que como per spirito prophetico soubesse o misterio da encarnaçam, presumio que ella era a virgem de quem o Senhor avia de nacer. E com esta openiam nunca quis casar. A qual Casandra entra em figura de pastora... [2]» Aqui há uma indicação precisa que devemos aceitar, a do sítio, mosteiro de Xabregas, o da Madre de Deus, onde o auto se representou. Ora o mosteiro povoou-se de freiras «no mesmo dia em que a Egreja se benzeo [3]», e portanto a 18 de Julho de 1509 [4]. Não é muito provável que, tendo começado a obra da igreja menos de um mês antes de ser bento o terreno sôbre que se edificava, ela estivesse já, no Natal dêsse ano, em termos de se poderem lá celebrar as matinas daquela festividade, apesar do primitivo edifício ser de fábrica bastante restricta, pois abrangia apenas a futura casa do capítulo [5]. Não seria pois a representação do auto nêsse ano; talvez porêm no de 1513, no qual não só a côrte estava fora, em Almeirim [6], mas Gil Vicente permanecia em Lisboa, desempenhando as funções de procurador dos mesteres junto da Câmara Municipal, como já vimos [7]. E' pois bem possível que o auto da *Sibila Cassandra* tivesse sido representado no Natal de 1513.

---

1 Pág. 45.
2 *Copilaçam das obras*, fl. 8.
3 Fr. Jerónimo de Belem, *Chronica seráfica*, III, pág. 4.
4 *Ibidem*, pág. 3.
5 *Ibidem*.
6 *Corpo cronológico*, passim.
7 Pág. 73.

Digitized by Google

Falta mencionar a terceira obra dramática, das acima apontadas, representada perante D. Manuel por Gil Vicente. «Este nome da farsa seguinte, quem tem farelos, pos lho o vulgo. He o seu argumento, que hum escudeyro mancebo per nome Ayres rosado, tangia viola, e a esta causa ainda que sua moradia era muyto fraca, cõtinuadamente era namorado. Tratase aqui de hũs amores seus per cinco figuras .s. Ordonho, Apariço, Ayres rosado, Isabel, e hũa velha sua mãy. Foy representada na muy nobre e sempre leal cidade de Lixboa, ao muyto excelente e nobre Rey dom Manoel primeyro deste nome nos paços da ribeyra. Era do Senhor, de M. D. V. Annos [1]». Ora, como acabei há pouco de mostrar, em 1505, não só o paço da Ribeira não estava habitado, como ainda se encontrava muito atrasado nas suas obras. Há portanto êrro na informação da rúbrica. *Quem tem farelos.*

Encontram-se porêm na farsa indícios suficientes para marcar a sua data. O moço de esporas Ordonho, para mostrar a cobardia do escudeiro seu amo, diz:

Habla en roncas, picas, dalles,
en guerras y desbaratos;
y se pelean alli dos gatos,
ahuyraa montes y valles.
Nunca viste tal buharro;
cuenta de los Anibales,
Cepiones, Roçasvalles,
y no matara un jarro.
Apuesto te que un judio
con una beca lo mate;
quando alhende fue el rebate,
nunca el entro en navio. (*fl. 192, col. 1.*)

Ora nêstes dois últimos versos, para os quais não tinha ainda olhado com a devida atenção, há alusão evidente a um facto sucedido pouco antes e que deixara brado: «quando alêm foi o rebate, nunca o escudeiro entrou em navio». Esmiucemos.

Allende, alêm, era o têrmo pelo qual, para simplificar, muita vez se designavam as terras e praças do norte de Africa possuidas então pelos Portugueses. Exemplos: quem vender por mais de quatrocentos reaes os cinco livros das Ordenações, alêm da multa, «será degradado dous annos pera *Alem*» [2]; trigo comprado para os *lugares d'Alem* [3]; dinheiro levado aos *lugares d'Alem*, ou para pagamentos dos socorros d'*Alem* [4]; cal enviada aos nossos *lugares d'Alem* [5]; recebedores dos dinheiros da *passagem d'Alem*, ou para despesa da *nossa passagem d'Alem* [6]; e outros muitos exemplos poderia apontar, mas parecem-me escusados. Nêstes mesmos documentos citados também aparecem às vezes designadas aquelas terras por *lugares d'Alem Mar*, designação derivada, se não foi já dela que tomou a origem, do ditado de «Rei de Portugal e dos Algarves

---

[1] *Copilaçam das obras*, fl. 191.
[2] *Ordenaçoens de D. Manuel*, ed. de Coimbra, tom. v, pág. 347.
[3] *Cartas de quitação de D. Manuel*, n.os 171 e 280, no ARCH. HIST. PORT., vol. II, págs. 37 e 434.
[4] *Ibidem*, n.os 172, 373 e 522, IBI, vol. II, pág. 37; III, 393; e V, 79.
[5] *Ibidem*, n.os 396 e 397, IBI, vol. III, pág. 474.
[6] *Ibidem*, n.os 444 e 497, IBI, vol. IV, págs. 283 e 477.

Digitized by Google

daquem e dalem mar em Africa», adoptado por Afonso v depois de 1471 [1]. Portanto, indubitávelmente, *allende*, além, refere-se nêste caso às praças de Africa, e só falta achar o facto originário do rebate. Não é difícil.

No mês de Outubro de 1508 el Rei de Fez juntou as suas tropas e com grande multidão de gente veio acometer a praça de Arzila, onde estava por capitão o Conde de Borba bastante desprevenido de forças militares. Pôsto o cêrco à vila, ao segundo dia foi ela entrada e saqueada, salvando-se a guarnição no castelo, que nunca se rendeu. A vila foi tomada a 19 ou 20 de Outubro, no que há dúvidas [2], as quais para o nosso caso nenhuma importância têem.

Ganhada Arzila pelos Mouros começaram logo a chegar socorros, tanto de Tánger, como das praças da fronteira costa castelhana. Entretanto era levada a notícia a D. Manuel a Évora, donde partiu imediatamente a mata cavalos para Tavira, chegando lá no domingo 29. Então e já anteriormente, quando constara haver sido pôsto cêrco a Arzila, mandara D. Manuel aos fidalgos e cidades principais do reino ordem para dirigirem toda a gente de armas disponível sôbre Tavira, onde, no espaço de cinco dias, se juntaram por mar e por terra passante de vinte mil homens de pé e de cavalo [3]. Recuperada a vila e desalojados os Mouros com os primeiros socorros sobrevindos, tudo socegou, mas não obstante D. Manuel permaneceu ainda na risonha vila algarvia até meado Dezembro, pelo menos [4].

Ora, quando Damião de Goes se refere aos vinte mil homens reunidos

---

1 João Pedro Ribeiro, *Dissertações*, II, 204.

2 A data da perda de Arzila não está bem averiguada, me parece. Damião de Goes, na 2.ª parte da *Chronica delRei dom Emanuel*, cap. 28, fl. 47, diz haver sido «aos xix dias do mes Doutubro, de M.D.VIII, hũa quarta feira», que se avistou o exército del Rei de Fez, e «aho outro dia chegou», começando logo a combater e escalar a vila na qual entrou no dia seguinte, sexta feira. Por esta conta a perda de Arzila teria tido lugar a 21; há porém na conta um êrro, porque o dia 19 não foi quarta feira, mas sim quinta feira, e portanto a sexta não foi 21, mas 20. — Bernardo Rodrigues, nos *Anais de Arzila*, cap. 3, pág. 11, afirma ter sido pôsto o cêrco «ũa quinta feira, quinze dias de outubro» de 1508, e a vila entrada na sexta feira e portanto a 16; aqui porém erra-se igualmente na concordância das datas do mês e da féria. — A carta de quitação dada, em 5 de Abril de 1509, a Aníbal Teixeira, almoxarife de Arzila, declara haver êle prestado boa conta «de todo o tempo que tem recebido o dito almoxarifado... salvo do mes de Julho de 507... até 19 dias do mes de Outubro do anno passado de 1508, em que os Mouros entraram a dita vila de Arzila, em que perdeo todolos livros, cartas e papeis» (*Arch. hist. port.*, II, pág. 286, n.º 83). Dou mais fé a êste documento que aos dois cronistas.

Existe noutra carta de quitação também referência à perda de Arzila, sem contudo lhe precisar a data. E' na de 17 de Fevereiro de 1509 dada a João de Figueiredo, recebedor ao tempo do almoxarifado e alfândega de Arzila (*Ibidem*, vol. III, pág. 391, n.º 369). Foi êle um dos heróicos defensores da vila, tanto que mereceu ser-lhe concedido um acrescentamento nas suas armas, por carta de 8 de Outubro de 1528, «por quanto no serquo darzylla que foy no anno de myl bc blij° no prymeiro combate a porta de fez lhe quebraram huũ olho como se vê em sua pessoa e asy despois estamdo na sua estamcya do albacar e tore que lhe ffoy dada pello comde dom Vasco com corenta homẽs em a quall tore tvnha quatro bamdeyras de crystos aleuamtadas nõ avemdo outras nenhũas em toda a villa nẽ na tore de menagem a quall tore lhe mynarã hos mouros ate ho meo e aby matarã ho adayr Joham Pymento e ele ffoy ferido despois de lhe quebrarẽ o dito olho, etc.» (*Armaria portuguesa*, pág. 197).

3 Goes, *Chronica* cit., fl. 50.

4 *Corpo cronológico*, passim.

Digitized by Google

em tão curto espaço em Tavira, comenta, «porque todos acudiram a este *rebate*, quomo se fora pela prinçipal çidade do Regno»; e Bernardo Rodrigues nos declara que o Mestre de Santiago estava em Setúbal, «donde lhe tomou o *rebate*», e fez-se prestes com a mais gente para acudir [1]. Aqui temos pois dois escritores já nascidos quando tiveram lugar os sucessos de Arzila, dando-lhes a designação de *rebate*, e por esta maneira nos vêem provar que o moço de esporas do escudeiro poltrão da farsa de *Quem tem farelos*, na ocasião de afirmar não haver êle entrado nunca em navio, quando *além foi o rebate*, era a perda de Arzila que recordava.

Pôsto isto, só pode ter sido composta a farsa nos fins de 1508, princípios de 1509, porque de certo a alusão não se refere a caso remoto, mas a acontecimento próximo. A 15 de Fevereiro de 1509, como já vimos, foi Gil Vicente nomeado mestre da balança da Casa da Moeda de Lisboa e nêstes primeiros tempos não se afastaria muito do emprêgo, como posteriormente sucedeu. Tanto isto é certo, que só o encontrâmos desde 1509 a 1519, representando autos na côrte, estando ela em Lisboa, ou à raínha D. Leonor quando em Almada, com excepção do Natal de 1510 no qual foi a Almeirim representar o *Auto da Fé*. Virando-me para a rúbrica leio nela uma afirmação interessante: «este nome, *Quem tem farelos*, pôs-lho o vulgo», e dela deduzirei a seguinte conclusão. A farsa, na qual se não encontra nenhuma alusão a haver sido composta para ser exibida no paço, foi representada em Lisboa ao tal *vulgo* que a apreciou e aplaudiu, tanto que a tornou popular ao ponto de lhe haver substituido a designação primitiva pela de *Quem tem farelos* aceita pelo próprio autor. Depois, quando D. Manuel, em Fevereiro de 1511, tornou para Lisboa, chegou-lhe a notícia da engraçada farsa e provávelmente nêsse mesmo ano, por indicação sua, lha representou Gil Vicente no paço da Ribeira, entre a Páscoa e o Natal, não marcando as Endoenças por então ainda talvez D. Manuel residir no paço de Santos e a rúbrica indicar o da Ribeira.

É tudo quanto sei àcêrca dêstes três autos, e mais nada digno de nota relativo a Gil Vicente se passaria, que me conste, no reinado do Monarca venturoso.

---

[1] *Anois de Arzila*, cit., pág. 26.

Digitized by Google

Digitized by Google

IV

Dados biográficos

NA CÔRTE DE D. JOÃO III

Não foi muito sentida a morte de D. Manuel, segundo declara Garcia de Rèsende; mas, não obstante, ao quarto dia após o seu falecimento fez-se em Lisboa e com grande concorrência a ceremónia do pranto, ou quebra dos escudos, como posteriormente se lhe chamou, ceremónia oficial, imprescindível e que eu ainda vi fazer pela última vez, por D. Pedro V.

Saíram da Casa da Câmara os vereadores, a pé, com varas pretas nas mãos, precedidos do alféres da cidade montado em um cavalo à bastarda, coberto de raso negro, e levando ao ombro uma haste da qual pendia derrubada uma grande bandeira prêta com as pontas a arrastar pelo chão; atrás dêles três juízes da cidade, dois do crime e um do cível, cada qual com seu escudo à cabeça. Ao transporem as portas juntou-se-lhes a fidalguia, formando-se então um numeroso cortejo que se dirigiu à Sé, em frente da qual um dos juízes deu com o escudo em terra onde êle se fez em pedaços. Então um homem a cavalo disse em alta voz certas palavras que por ordem da Câmara trazia escritas [1], convidando os presentes a fazerem pranto, chôro e lamentação pelo muito alto e esclarecido e muito virtuoso rei D. Manuel, etc. D'ali seguiram primeiro para a rua nova dos Mercadores, onde, ao quebrar o segundo escudo, foi tal a gritaria, «que parecia que se destruía o mundo»; encaminharam-se depois para o Rossio, «hindo multidão de gentes... com grande pranto... que foi huma tam sentida cousa, que não sinto coração humano que não chorasse [2]».

Ao outro dia, quarta feira, devia ter lugar a ceremónia da corosção, mas «foi huma muito grãde tempestade», e teve de se adiar para o dia seguinte [3].

O céu manifestamente repelia o futuro introdutor da Inquisição em Portugal. Ao seu nascimento como ser humano desencadeou uma medonha trovoada sôbre a cidade; à sua inauguração como rei repetiu a tempestade. Entre os dois actos, ao dar ingresso pelo baptismo na Igreja Católica, ateou-se o fogo na capela do paço onde a solenidade se estava realizando [4]. Sinistros presságios!

Chegou emfim o dia 19 de Dezembro e nêle

---

1 FRANCISCO DE ANDRADA, *Chronica de D. João III*, fl. 6 v.
2 *Memoria da doença e enterro de D. Manuel*, nas PROVAS DA HIST. GEN., II, 308 e 309.
3 *Ibidem*.
4 ANDRADA, *Chronica de D. João III*, fl. 1 v.; SOUSA, *Annaes de D. João III*, pág. 20.

Digitized by Google

Vii el rey nosso senhor
..... por rey alçado.
Nunca foy tã grande estado,
nem rey cõ tanto primor
se vio nunca allevantado
com tanto estado real,
iffantes e cardeal,
duques, marqueses, prelados,
condes, fidalgos honrados,
com a frol de Portugal [1].

Romance à aclamação de D. João III.

Não foi só Garcia de Rèsende a deslumbrar-se com êste festejo, outro poeta, Gil Vicente, a êle assistiu e o deixou celebrado no «Romance que fez quando foy levantado por Rey el Rey dom Ioã o terceyro de gloriosa memoria», nêstes versos:

Dezanove de Dezembro,
perto era do Natal,
na cidade de Lixboa,
muy nobre e sempre leal,
foy levantado por Rey
dos Reynos de Portugal
o Principe dom Joam,
Principe angelical.
Sahio nũa faca branca,
parecia de cristal,
guarnecida de maneyra
que nam se vio sua ygual.
Opa leva roçagante,
todo fio d'ouro tal, (*fl. 255, col. 2.*)
forrada de ricas martas,
bem parecia Real;
pelote de prata fina,
prata muy oriental,
barrado de pedraria
vinhalhe muy natural.
De perlas nam fazem conta,
porque he baixo metal;
so hum colar que levava
toda Alexandria val;
na cabeça leva preto,
por seu padre natural.
Sahio com lagrimas tristes,
como filho muy leal,
o seu rosto tam fermoso
que parece devinal;
seus olhos resplandeciam
como estrelas ygual;
os cabelos da cabeça
douro eram que nam dal;
sua boca graciosa
com ar muy angelical,
hum sembrante soberano,
hum olhar imperial.
Nam foy tal contentamento
no povo todo em geral
como ver na Rua Nova
yr o seu Rey natural
com tanta graça e lindeza,
que nam parece humanal.
Os forasteyros deziam:
muy ditoso he Portugal!
O Iffante dom Luis
leva o estoque Real;
o Iffante dom Fernando,
outro seu yrmão carnal,
ao estribo dereyto
a pee, nam lhestava mal,
porque em tal solenidade
tudo lhe vem natural.
Todolos grandes a pee,
quantos ha em Portugal;
o Conde Priol levava
a bandeyra principal.
Chegou assi a sam Domingos,
onde estava o Cardeal;
benzeo o muy alto Rey
de bençam pontefical,
e deu logo juramento:
jurou num livro missal
de fazer comprir as leis
como ley emperial;
confirmou os previlegios
desta cidade Real.
Os povos muyto contentes
de Rey tam especial,
de pequeno sempre grande,
manifico e liberal,
que he vertude julgada
dos Principes a principal.
Isto tudo assi acabado,
disseram: arrayal! arrayal!
Ali tocam as trombetas,
atabales outro tal;
todos lhe beyjam a mão
os senhores em geral. (*fl. 255, cols. 3 e 4.*)

---

[1] GARCIA DE RÈSENDE, *Miscellanea*, fl. 20, col. 1.

Digitized by Google

«Aqui diz o autor o que cada hũ dos senhores de Portugal derião ao beyjar da mão». *Palavras dos senhores ao beijar da mão.*

Eu estava cá no chão,
com'outro desmazelado,
do teatro tam alongado,
que via beyjar a mão,
mas nam ouvia o falado.
E acupey o cuydado
no que cada um deria
assi de minha fantesia,
segundo vi o passado
e a mudança que via. (*fl. 255, col. 4.*)

Os *senhores de Portugal* são todos, com excepção do Marquês de Tôrres Novas, os que haviam feito oração a nossa Senhora depois de D. Manuel enterrado [1], e mais os seguintes: O *Conde Priol*, D. João de Meneses, capitão de Arzila em 1481 e de Tánger em 1486, governador da casa do príncipe D. Afonso em 1489, mordomo mor del Rei desde 1491, conde de Tarouca em 1499, capitão proprietário de Tánger em 1501, prior do Crato em 1508, alféres mor em 1521, havia enviuvado em 1498 ou 99 e veio a morrer em 1522 antes de 12 de Julho, deixando muitas trovas no *Cancioneiro geral.* O *Conde de Vila Nova* de Portimão, D. Martinho de Castelbranco, vedor da fazenda de 1481 a 1493 e de 1496 a 1516, governador da Casa do Cível de Lisboa em 1494, 95 e parte de 96, conde em 1514, camareiro mor do Príncipe em 1516, continuando no ofício depois dêle ser rei, foi poeta do *Cancioneiro*, almirante da armada que levou D. Beatriz a Saboia e veio a falecer em 1527 antes de 23 de Outubro. O *Conde do Vimioso*, a quem já me referi na pag. 91. O *Conde Almirante*, D. Vasco da Gama, descobridor do caminho marítimo para a Índia, onde morreu em 1524, sendo lá vice rei, era almirante do mar da Índia desde 1500 e conde desde 1519. O *Bispo do Funchal*, também já mencionado na pág. 105. O *Regedor* das justiças da Casa da Suplicação era João da Silva, que por alvará de 4 de Fevereiro de 1518 exercia o cargo nos impedimentos de seu pai Aires da Silva, a quem, em 1522, sucedeu no ofício em virtude de renúncia e, em 1530, no senhorio de Vagos por falecimento. O *Governador* da Casa do Cível de Lisboa, D. Álvaro de Castro, vedor da fazenda de D. João II, fôra nomeado governador por carta de 26 de Abril de 1496 e morreu em 1528, deixando entre outros filhos o ínclito D. João de Castro.

Por fim falam os da grei:

Diria o povo em geeral:
bonança nos seja dada,
que a tormenta passada
foy tanta e tam desigual,
que no mundo he soada.
E pois a mão vos he dada,
fazeynos sorte ditosa,
e praza aa Virgem gloriosa,
que guardeis esta manada
como vossa. (*fl. 257, col. 1.*)

Nestas trovas transparece outra vez a sensação de alívio pelo desaparecimento do faustoso monarca: *a tormenta passada foi tanta;* pois, meu caro poeta,

---

1 Vidé pág. 116.

Digitized by Google

a que estava para vir muito mais áspera havia de ser, e, se tu a não experimentaste, outros muitos sossobraram nela.

Sentava-se agora no trono um rapaz de dezanove anos, a quem óptimos mestres não haviam conseguido ensinar rudimentos sequer de latim, tam imbecil êle era [1]; mas no seu espírito acanhado, bem próprio para a receber, lançaram a semente do fanatismo e essa germinou, enraizou, rebentou, cresceu e lançou frondosos ramos a cuja mefítica sombra o sangue português, acabando de se corromper, decompôs-se e levou à morte a nação.

«Fosse resultado do curto engenho e da ignorância, fôsse vício da educação, D. João III era um fanático [2]». Aos onze anos empenhou-se na fundação do convento da Serra de Almeirim [3]; aos doze deu de uma varanda dos paços de Santos abaixo uma queda sôbre a cabeça, perdendo os sentidos durante vinte e quatro horas e ficando com uma brecha na testa por cima do ôlho direito [4]. D. Manuel era levado, segundo a opinião de muitos, a «sintir no Principe alguma fraqueza secreta», pelo que hesitava em lhe dar casa apartada [5]. Tudo concorreu, tanto a incapacidade inata agravada pelo desastre, como a tendência religiosa provocada pela educação e posteriormente incitada pelo interêsse sectário, para se dever atribuir a intolerância do reinado de D. João III principalmente ao seu caracter e inclinações, que o levavam a reservar para si a resolução das questões religiosas, apesar de nos demais negócios públicos conceder ampla preponderância aos seus ministros [6].

Ao egoísmo de D. Manuel ia suceder o fanatismo de D. João III; à relativa tolerância do pai, as ferozes perseguições do filho; às festas sumptuosas da côrte, as procissões das ruas; às brilhantes iluminações festivas, as lúgubres fogueiras inquisitoriais [7]. Ia ser uma mudança radical, consecutiva e gradualmente realizada; com Gil Vicente porêm só houve alteração para melhor. D. João III foi muito mais liberal com êle do que D. Manuel havia sido. Além de dádivas de dinheiro em 1523 e 1524, fez-lhe mercê nêste ano de uma tença de 12:000 rs. acrescentada no ano seguinte com mais 8:000 rs. e três moios de trigo, e ainda em 1528 lhe outorgou outra tença de 20:000 rs., ficando então o poeta a receber três moios de trigo e 40:000 reais em dinheiro, uns 218 escudos de hoje com o poder aquisitivo de 900, ou mais [8]. Muito menos generoso foi com o seu escrivão da fazenda, Garcia de Rèsende, a quem só fez, que se encontre registada, uma doação relativamente importante, em 1525, a das pensões dos capitães e escrivães dos navios que se armarem para Arguim, rios de Guiné e ilhas [9].

---

1 FRANCISCO DE ANDRADA, *Chronica de D. João III*, part. I, cap. 3, fl. 3; FR. LUIS DE SOUSA, *Annaes de D. João III*, cap. 5, pág. 8. — O falecido par do reino COSTA LOBO publicou, no vol. I do *Arch. hist. port.*, uma composição pessoal de D. João III, as recomendações por êle dadas a sua filha a infanta D. Maria, quando casou com o futuro Filipe II de Espanha, e comenta: «Os conselhos de D. João III pertencem a ordem muito diferente [dos de sua mulher]. São um desconjuncto de pensamentos confusos, contradictorios, e, a nosso ver, de pouco tino».

2 HERCULANO, *Hist. da origem e estabelecimento da Inquisição*, vol. I, pág. 168.

3 FR. LUÍS DE SOUSA, *Annaes*, pág. 9.

4 *Ibidem*, pág. 11.

5 *Ibidem*.

6 HERCULANO, *Hist. da Inquisição*, I, 169.

7 Gil Vicente, para dizer a verdade, não chegou a assistir a elas.

8 COSTA LOBO, *Hist. da sociedade em Portugal no seculo XV*, tabelas de págs. 417 e 418.

9 *Critica e historia*, cit., pag. 42.

Digitized by Google

Pranto de Maria Parda.

O ano de 1522 passou o novo soberano em Lisboa e durante êle, como aliás é de supôr, não se realizaram representações no paço; não permaneceu porêm ocioso o nosso poeta e nêste período foram compostas, em Lisboa, as trovas «de Gil Vicente em nome de Maria Parda fazendo pranto porque vio as ruas de Lixboa com tam poucos ramos nas tavernas e o vinho tam caro e ella nam podia viver sem elle [1]». A data está determinada no próprio poema:

E ante de meu finamento
hordeno meu testamento
desta maneyra seguinte:
Na triste era de vinte
e dous desd'o nascimento
a minha alma encomendo
ha Noé e ha outrem nam,
e meu corpo enterraram
onde estam sempre bebendo. *(fl. 261, col. 1.)*

Faz várias recomendações e entre elas:

Nam digam missas rezadas,
todas sejam bem cantadas
em framengo e alemam,
porque estas me levaram
aas vinhas mais carregadas. *(fl. 261, col. 2)*

A estas trovas populares seguiram-se logo várias produções dramáticas representadas no paço nos tempos em que D. João III permaneceu solteiro; tempos em que êle, sentindo-se livre do pesado e desdenhoso domínio paterno, permitiu à sua mocidade a natural expansão. Esta fase da vida do lúgubre monarca resumiu Fr. Luís de Sousa, em 1628, quando escrevia os *Annaes*, nestas palavras: «Dous annos avia que o poder e liberdade real junta com o fervor da mocidade trazião a elRey distrahido com molheres de que ouve filhos, como adiante diremos, vicio da fraqueza humana a que os moços por muy prudentes que sejão sabem mal resistir; mas cahindo na conta que offendia a Deos», tratou de se casar [2]. Nisto diferençou-se de D. Manuel, a quem nunca se conheram amantes, pois que não passa de uma fantasia de genealogista a existência em Odivelas da sepultura de uma filha natural daquele monarca [3].

Um dos entretenimentos de D. João III muito repetidos foram as representações de autos de Gil Vicente. Nos anos de 1523 e 1524 há a certeza de se terem representado três, *Auto de Inês Pereira*, *Auto pastoril português* e *Frágoa de Amor*. Vamos ver.

Passara o ano da morte de D. Manuel, ano de terríveis fomes em todo o reino provindas da esterilidade do precedente; a côrte permanecia em Lisboa, tendo transitado talvez para o paço de Santos, onde D. João III em Novembro recebera o Embaixador de Carlos V [4]; el Rei tomára já em conselho uma daquelas deliberações, muito meditadas, altamente políticas e sumamente interessantes ao desenvolvimento da nação, dum género que sempre lhe mereceu par-

---

1 *Copilaçam das obras*, fl. 259 v.
2 *Annaes de elRei dom João terceiro*, cap. XIV, pág. 110.
3 Veja-se a nota de pág. 168 da *Crítica e historia*.
4 FRANCISCO D'ANDRADA, *Chronica de D. João III*, part. I, cap. 25, fl. 26 v.

Digitized by Google

ticular desvêlo, a qual foi a de regular a forma como os infantes « hão de escrever pera dentro e fora do Reyno... acção muy politica e acertada [1] », quando, nos princípios do ano seguinte, estalou a peste em Lisboa. Pôs-se tudo em debandada. A 25 de Janeiro já a côrte estava no Barreiro, onde permanecia ainda a 10 de Março, encontrando-se porêm a 18 em Almeirim [2]. Na fuga também seguira a viúva de D. Manuel, que atrás do enteado abalara do Lavradio, onde primeiro poisara, para Almeirim; mas saíu-lhe ao caminho o Embaixador de Carlos v e, com o pretexto de ordens recebidas directamente de seu irmão, obrigou D. Leonor a ficar em Muja, donde em Maio partiu para Castela, desfazendo-se por esta forma o seu *flirt* com D. João III, se é que chegou a existir galanteio entre madrasta e enteado, tão repugnante se me afigura o caso.

Durante a sua curta estada em Almeirim fez D. João III, depois de 8 de Maio, mercê de seis mil reais a Gil Vicente [3] e, terminada a primavera, passou para Tomar onde permaneceu de meado Julho a fins de Setembro [4]. Nêste período foi representado o *Auto de Inês Pereira*.

Inês Pereira. A êste auto já me tenho referido; com êle provou Gil Vicente contra émulos invejosos, como na rúbrica se declara, serem originais suas as produções dramáticas por êle apresentadas.

« A seguinte farsa de folgar foy representada ao muyto alto e muy poderoso Rey dom Ioam o terceyro do nome em Portugal, no seu convento de Tomar. Era do Senhor de M. D. XXIII. O seu argumento he, que por quanto dovidavam certos homẽs de bom saber se o autor fazia de si mesmo estas obras, ou se as furtava de outros autores, lhe deram este tema sobre que fizesse .s. hum exemplo comum que dizem, *mais quero asno que me leve, que cavalo que me derrube*. E sobre este motivo se fez esta farsa. Fingese na introduçam, que Ines Pereyra, filha de hũa molher de bayxa sorte, muyto fantesiosa, estaa lavrando em casa, e sua mãy he a ouvir missa, e ella diz:

Renego deste lavrar,
e do primeyro que o usou,
oo diabo que o eu dou,
que tam mao hé daturar.
Oo Jesu! que enfadamento,
e que rayva, e que tormento,
que cegueyra, e que canseyra!

---

[1] SOUSA, *Annaes*, pág. 55.
[2] *Corpo cronológico*, passim.
[3] O doc. comprovativo desta mercê encontrou o primeiro conservador da Tôrre do Tombo, meu amigo e confrade Pedro de Azevedo, num dos vinte e tantos maços de fragmentos existentes naquele arquivo. Do doc. foi dada notícia pelo seu descobridor ao dr. Sousa Viterbo, entre cujos papéis ela foi encontrada pelo general Brito Rebêlo, que a divulgou no seu *Gil Vicente* da ed. de 1912, pág. 142. Exactamente os mesmos trâmites seguiu uma segunda informação relativa a outra mercê de seis mil reais, « alem de quatro mil para certas coisas que lhe el-rei mandou fazer » em 1524 (*ibi*). Nos maços de fragmentos existem milhares e milhares de bocados de papel sem catalogação, nem disposição cronológica; o sr. Azevedo não guardou nota do maço onde encontrou as referências a Gil Vicente; eu por ora ainda as não achei, nem sei se até ao fim da impressão dêste estudo terei tempo para as procurar e publicar, mas não me parece todavia que seja grande a perda.
[4] *Corpo cronológico*, passim.

Digitized by Google

eu hey de buscar maneyra
dalgum outro aviamento.
Coytada! assi ey destar
encerrada nesta casa,
como panela sem asa
que sempre estaa num lugar? (*fl. 213 v.*)

Não pode mais; larga o bordado, continuando a queixar-se da clausura em que a trazem encarcerada. Nisto volta a mãe, que já na missa adivinhara ir encontrar a filha com o trabalho pôsto de parte. Altercam as duas, insistindo uma em querer casar e dizendo-lhe a outra que não tenha pressa:

como queres tu casar
com fama de preguiçosa?
. . . . . .
Nam te apresses tu, Ines,
mayor he o anno c'o mes,
quando te nam precatares
viram maridos a pares,
e filhos de tres em tres. (*fl. 214, col. 2.*)

Entra Leonor Vaz «mais ruiva que uma panela», ainda toda ofegante do encontro que tivera, agora mesmo, ali, ao redor da sua vinha, com um clérigo, «um zote tamanhouço», que pegou dela e a empurrou para o meio das cepas a fim de a confessar, e quando andava «no retouço»

Jesu! homem, que hás com tigo?
— Yrmaã, eu t'assolverey
co breviayro de Braga.
. . . . Aaque del Rey! (*fl. 214, col. 3.*)

Ao ouví-la, vendo «revolta a voda», foi-se, e ainda bem, porque ela não podia bradar por estar rouca

e coxa pera fogir
e fraca pera vencer, (*fl. 214, col. 3.*)

se, «no meo da requesta» lhe não acode um homem,

nam me valia rogar,
nem me valia chamar
aaque de Vasco de Foes,
acudime como soes! (*fl. 214, col. 4.*)

Mas não era a isto que ela vinha:

Ines Pereyra he concertrada
pera casar com alguem? (*fl. 214, col. 4.*)

pregunta ela. Não, até agora, não, responde a mãe, e logo acode a filha:

Porem nam ey de casar
senam com homem avisado,
ainda que pobre pelado,
seja discreto em falar.
Lianor) Eu vos trago hũ bom marido,
rico, honrrado, conhecido;
diz que em camisa vos quer. (*fl. 215, col. 1.*)

Digitized by Google

Isto é, sem dote; não se suponha outra coisa. Recebe a Inês uma carta do pretendente

Pero Márquez, vosso amigo,

a quem ela nunca tinha visto. A carta é de um lorpa; consente porêm Inês em vê-lo. Entra, começa logo por se sentar de costas para elas, e as suas palavras não destoam dos dizeres da carta; se esta era de lorpa, aquelas são de imbecil. Deixam-no só com a rapariga; êle porêm, mal o pressente, quere-se ir embora; entretanto escurece e safa-se.

Volta a mãe e pregunta pelo Pero Marques. Para que era êle aqui, responde Inês. Então não agradou?—Não, sempre disse à mãe que só casaria com uma pessoa discreta

Que seja homem mal feyto,
feo, pobre, sem feyçam,
como tiver descriçam
nam lhe quero mais proveyto.
E sayba tanger viola
e coma eu pam e cebola,
siquer hũa canteguinha,
discreto, feyto em farinha,
porque isto me degola.
Mãy) Sempre tu has de baylar
e sempre elle ha de tanger?
se nam tiveres que comer,
o tanger te ha de fartar?
Inês) Cada louco com sua teyma;
com hũa borda de boleyma [1],
e hũa vez d'agoa fria,
nam quero mais cada dia. *(fl. 216, col. 2.)*

Havia porêm a Inês falado na véspera com uns Judeus casamenteiros, os quais ficaram de voltar; com efeito aparecem e contam, que para lhe alcançar um bom tocador de viola

Falamos a Badajoz,
musico, discreto, solteyro;
este fora o verdadeyro,
mas soltousenos da noz.
Fomos a Vilha Castim [2]
e falounos em latim:
vinde cá daqui a hũa hora
e trazeyme essa senhora. *(fl. 216, col. 3.)*

---

[1] Bôlo demassa de farinha, com açúcar e canela (*Obras de Gil Vicente*, ed. do dr. Mendes dos Remédios, *Glossário*).

[2] Dos dois músicos, aqui nomeados por Gil Vicente, Badajoz não sei quem fosse apesar de também o encontrar nomeado na *Miscellanea* de Rêsende, fl. 14 col. 3, e de ler trovas suas no *Cancionero general*, ed. de 1540 fl.150 e 151. Não me atrevo a identificá-lo com um Jorge Fernandes de Badajoz, morador em Lisboa, a quem foi dada carta de brasão em 1530 (*Armaria portuguesa*, pag. 52, apenso ao *Arch. hist. port.*). Apesar de todas as fidalguias invocadas no documento, o que já então pouco significava, não seria êle o músico, mas não andaria muito longe.

Quanto ao outro músico era um Castelhano, vindo provávelmente com alguma das primeiras mulheres de D. Manuel, e chamava-se João de Vilhacastim. Já era cavaleiro da Or-

Digitized by Google

Palestram ainda e indicam-lhe

. . . .um escudeyro
de feiçam d'atafoneyro,
que viraa logo essora,
que fala, e com'ora fala,
que estrogiraa esta sala.
E tange, e com'ora tange,
e alcança quanto abrange
e se preza bem da gala. (*fl. 216, col. 4.*)

Entra o escudeiro com o seu moço, a quem diz:

Olha cá, Fernando, eu vou
ver a com que ey de casar,
avisa te, que has destar
sem barrete onde eu estou.
Moço) Como a Rey! Corpo de mi,
muy bem vay isso assi.
Escudeiro) E se cospir pola ventura.
põe lhe o pee e faz mesura.
Moço) Ainda eu isso nam vi.
Escudeiro) E se me vires mentir,
gabandome de privado,
estaa tu dissimulado,
ou sayte pera fora a rir.
Isto te aviso daqui;
faze o por amor de mi. (*fl. 217, col. 1.*)

Chegado em frente de Inês Pereira, saúda-a por fresca rosa, graciosa donzela e outros galanteios e vai-lhe dizendo:

Obrou bem a natureza
em vos dar tal condiçam,
que amais a descriçam
muyto mais que a riqueza. (*fl. 217, col. 1.*
.....
Sey bem ler
e muyto bem escrever,
e bom jugador de bola;
e quanto a tanger viola,
logo me vereis tanger. (*fl. 217, col. 2.*

Canta, toca e casa. A mãe chama os amigos, aparecem moças e mancebos, há festa, baile, todos saem alegres, desejando muitas felicidades aos novos consortes. Mal se fecha a porta trava-se entre êles êste diálogo:

---

dem de Cristo, com 20:000 rs. de tença, em 1514 e posteriormente foi mestre da capela de D. João III, recebendo nesta qualidade, de 1532 em diante, 20:000 rs. de vestearia, cevada e mercê, além da sua moradia. Em Setembro de 1548 foi aposentado com 80:000 rs. (SOUSA VITERBO, *Mestres da Capella Real nos reinados de D. João II e D. Manuel*, na ARTE MUSICAL, vol. de 1906). A vestearia de 8:000 rs., que João de Vilhacastim havia em 1532, era igual à desfrutada em 1535 por Gil Vicente ou seu filho Belchior Vicente, na qualidade de moço da capela, como vimos na pág. 21.

Digitized by Google

Escudeiro) E vós cantaes, Ines Pereyra?
em vodas m'andaveis vós?
juro ao corpo de Deos
que esta seja a derradeyra.
Se vos eu vejo cantar,
eu vos farey assoviar.
Inês) Bofee, senhor meu marido,
se vós disso soes servido,
bem o posso eu escusar.
Escudeiro) Mas he bem que o escuseis,
e outras cousas que nam digo.
Inês) Porque bradaes vós comigo?
Escudeiro) Seraa bem que vos caleis,
e mais sereis avisada
que nam me respondais nada,
em que ponha fogo a tudo;
porque o homem sesudo
traz a molher sopeada,
Vós nam haveis de falar
com homem, nem molher que seja;
somente yr aa ygreja
nam vos quero eu leyxar.
Ja vos preguey as janelas,
porque nã vos ponhaes nellas;
estareis aqui encerrada
nesta casa tam fechada,
como freyra dOudivelas.
Inés) Que peccado foy o meu,
porque me daes tal prisam?
Escudeiro) Vós buscastes descriçam,
que culpa vos tenho eu?
Pode ser mayor aviso,
mayor descriçam e siso
que guardar eu meu tisouro?
nam soes vós, molher, meu ouro?
que mal faço em guardar isso?
Vós nam aveis de mandar
em casa somente hum pelo;
se eu disser, isto he novelo,
aveylo de confirmar.
E mais, quando eu vier
de fora, aveis de tremer,
e cousa que vós digaes,
nam vos ha de valer maes
daquilo que eu quiser. (*fl. 218, col. 3*)

Para amostra, não está mau; felizmente para Inês Pereira o Escudeiro quere-se fazer cavaleiro; deixa a mulher encarcerada em casa, guardada pelo Moço e abala para Arzila, onde, indo fugindo

da batalha pera a villa,
mea legoa d'Arzilla,
ho matou hum mouro pastor. (*fl. 219, col. 2.*)

A viúva tira a chave ao moço, a quem manda «buscar a vida», e aceita com tôda a satisfação a renovada proposta de casamento com Pero Marques. Casados, aparece-lhes à porta a pedir esmola um ermitão em quem Inês Pereira reconhece um seu antigo namorado.

Digitized by Google

UNIV. OF
CALIFORNIA

Digitized by Google

UNIV. OF
CALIFORNIA

Digitized by Google

Soes vós aquelle que hum dia
em casa de minha tia
me mandastes camarinhas?
E quando aprendia a lavrar
mandaveis me tanta cousinha? (*fl. 220, col. 2.*)

Era sim, e apesar de despresado, nunca deixara de a servir, pede agora para o tempo passado se não contar por perdido. Sim, senhor, i-vos, meu santo, que eu brevemente vos irei visitar à vossa ermida.

Marido aquelle hermitam
he hum anginho de Deos
.....
Sabeis vós o que eu queria?
.....
Que ouvesseis por prazer
de yrmos lá em romaria. (*fl. 220, col. 2.*)

Põe-se a caminho, encontram uma ribeira e diz Inês

descalçayvos.
Pero) Assi ha de ser?
Inês) E pois como?
E levarmeeis no hombro,
nam me corte a madre o frio.

Põe-se nas costas do marido

Assi.
Pero) Ides aa vossa vontade?
Inês) Como estar no paraiso.
Pero) Muyto folgo eu c'o isso.
Inês) Esperade ora, esperade.
Olhay que lousas aquelas,
pera poer as talhas nelas.
Pero) Quereis que as leve?
Inês) Si: hũa aqui, e outra aqui,
oo como folgo com ellas!
Cantemos.
Pero) Se vós quereis.
Inês) E vós me respondereis
a tudo quanto eu cantar:
pois assi se fazem as cousas.

Canta Inês Pereyra

Marido cuco me levades
e mais duas lousas.
Pero) Pois assi se fazem as cousas.
Inês) Bem sabedes vós, marido,
quanto vos quero;
sempre fostes percebido
pera cervo.
Agora vos tomou o demo
com duas lousas.
Pero) Pois assi se fazem as cousas.
Inês) Bem sabedes vós, marido,
quanto vos amo;
sempre fostes percebido
pera gamo.
Carregado ydes, nossamo,
com duas lousas.
Pero) Pois assi se fazem as cousas.
(*fl. 220, cols. 2 e 3.*)

E assim, com muito espírito, satisfez Gil Vicente ao tema dado para a farsa: «Mais quero asno que me leve (*Pero Marques*) que cavalo que me derrube (*Escudeiro*)».

Com que franca alegria não seria escutada a farsa, naquela côrte de rapazes, ainda não eivada de pesado ceremonial e lúgubre fanatismo; que risadas não estrugiriam espontâneas ao ouvir a narrativa de Leonor Vaz, cheia de catarrão e peitogueira para não poder gritar, a tremelicar de cócegas e de riso, e «côxa para fugir e fraca para vencer», na luta dentro da vinha com o clérigo curioso de averiguar nela «se era femea, se macho!»; que irreprimível gargalhada não acolheria a scena do marido, transpondo o rio, com a mulher às cavalitas, para a levar à ermida do seu amante? Expansivas alegrias em breve esvaecidas. Uma coisa contudo carece de explicação. Porque é que Leonor Vaz, na sua aflição, em vez de gritar pelo juiz ou alcaide, clama por Vasco de Foes,

Digitized by Google

«àque de Vasco de Foes»? Porque êle era o alferes mor da Ordem de Cristo e a scena passava-se em Tomar, sede da Ordem? Talvez, ainda que se não perceba lá muito bem por que, existindo na vila ouvidor privativo do mestrado, não fosse invocada de preferência a sua autoridade. Suspeito contudo que a invocação de Vasco de Foes seria propositada para aumentar ainda o risível da scena.

Vasco de Foes, cevadeiro mor e mariscal del Rei, parece estar então em voga na côrte e prestar-se um tanto ao ridículo. Velho galan, baixo, de muita barba e pintada, servia para a caturreira. No ano seguinte, na *Frágoa de Amor*, descreve-o Gil Vicente em scena:

Hum fidalgo assi meão,
hum Vasco de Fois naltura,
a barba daquella feytura,
nam tam denegrida, nam,
senam assi castanha escura. (*fol. 155, col. 3.*)

E em 1529, no *Clérigo da Beira*, pregunta:

Sabes quantos annos ha
que Vasco de Foes he nado?
Pedreanes) Quando foy a do Selado
era elle mancebo já,
mas nam era tam barbado. (*fol. 238, col. 1.*)

Foi poeta do *Cancioneiro* [1]; serviu a D. João II, com quem se encontrava em Alvor quando êle morreu em 1495; D. Manuel nomeou-o cevadeiro mor e mariscal do Príncipe em 1509, ofícios em que êste o confirmou, logo que subiu ao trono, por carta de 2 de Janeiro de 1522; foi comendador de S. Martinho de Santarêm na Ordem de Cristo, em 1528, na qual servia de alferes mor parece que desde 1503; e finalmente, nos fins do ano de 1533, morreu. [2]

---

[1] Existem trovas suas nas folhas 145, col. 3; 149, col. 5; 152, col. 6; 159, col. 6; 177, col. 5; 180, col. 4; e 151, col. 5, onde o apelido aparece escrito Foyos.

[2] Vasco de Foes, e algumas vezes de Foyos, era filho de João Rodrigues de Carvalho e de Caterina de Foios, e irmão de Isabel de Foios (*Corpo cronológico*, parte II, mac. 188, doc. 151). Servia a D. João II quando êle faleceu em Alvor a 25 de Outubro de 1495 (Rèsende, *Vida*, cap. 212, fl. 122 v.). Parece que em 1503 já era alféres mor da Ordem de Cristo, na qual teve o hábito com três tenças de 20:000 rs. cada uma, sendo uma com o dito ofício, tenças que desfrutava todas em Maio de 1523 (*Arch. hist. port. II, 117*). Antes disto, por alvará de 6 de Maio de 1509, nomeara-o D. Manuel, sendo já fidalgo de sua casa, cevadeiro mor e mariscal do Príncipe (*Sumários* de Lousada, III, fl. 19, mihi), ofícios em que D. João III o confirmou por carta de 2 de Janeiro de 1522 (liv. 51.º fl. 26). Dêste rei recebeu as seguintes mercês: em 1524, por carta de 27 de Junho, deu-lhe o dom para a filha Guiomar de Foyos (liv. 4.º, fl. 55 v.); em 1527, por cartas de 16 de Fevereiro e 1 de Abril, deu-lhe respectivamente licença para tirar por seis anos urzela da ilha de Santiago e a posse em vida de um moinho da Ordem de S. João na ribeira de Ceda (livs. 2.º, fl. 15, e 30.º, fl. 88 v.); e finalmente em 1528, por cartas de 22 de Maio e 14 de Novembro, deu-lhe a comenda de S. Martinho de Santarêm na Ordem de Cristo, e licença para o seu criado poder andar em mula (livs. 14.º, fl. 108, e 11.º, fl. 147). Morreu em fins do ano de 1533, como consta da carta de quitação de todo o tempo que teve carrego da cevadaria, doze anos, de 1 de Janeiro de 1522 a 31 de Dezembro de 1533, carta dada a seus herdeiros a 20 de Dezembro de 1535 (liv. 2.º, fl. 5 v.). Deixou viúva a Isabel Gomes e já casada a sua referida filha D. Guiomar de Foios com Nuno Fernandes Cogominho (*Corpo cronológico*, part., II, mac. 188, doc. 151), senhor da Tôrre de Coelheiros, próximo de Evora. Parece ter também sido seu filho Miguel de Foes, inscrito no Liv. dos Confessados de 1528 sob título de moços fidalgos a 1:000 rs. por mês d(*Sumários* cit., II, fl. 562); mas, se foi filho dêste Vasco de Foes, morreu sem descendência em vida do pai, visto não ser contado entre os seus herdeiros.

Digitized by Google

Viera D. João III a Tomar para reunir capítulo geral da Ordem de Cristo e nêle, entre várias reformas, transformar os freires em frades de cogula. Em menino, brincara D. João III aos conventos e fundara, como apontei, o da Serra em Almeirim; depois de rei o seu primeiro acto de vulto foi tratar de apagar as recordações guerreiras da Ordem Militar, representante e sucessora dos valorosos Templários que tanto haviam pugnado pela libertação do território português, substituindo-a por uma clausura monacal. Felizmente da sua estada em Tomar não resultou só isto, dela proveio também o afecto dedicado ao monumento por D. João III que poderosamente concorreu, não há dúvida, para o seu desenvolvimento artístico.

Realizado o capítulo da Ordem, partiu el Rei para Évora, onde já se encontrava a 2 de Outubro e passou o Natal[1]. Então foi o «Auto em pastoril Portugues, representado ao muyto alto e poderoso Rey nosso senhor dõ Ioão o terceyro em Portugal deste nome, na sua cidade d'Evora per Natal, era do Senhor de M. D. xx iij.[2]» *Auto pastoril português*

Entra em scena um lavrador d'alêm de Tomar, casado em Almeirim, um pouco à pressa, por causa da oposição dos parentes e do cura;

mas rayvar
que já recebidos semos;
dentro bem no seu linhar
todos os verbos dissemos
que se dizem ó casar. *(fl. 26, col. 2.)*

O feito ia contudo mal encaminhado e a ama, a quem não sabe o nome, aconselhou-o a que fosse a Évora pedir um alvará a el Rei. A isso veio.

E hum Gil... hũ Gil... hum Gil...
que maa retentiva ey!
hum Gil... já nam direy;
hum que nam tem nem ceitil,
que faz os aytos[3] a el Rey.
Elle me fez,
e tirou de minha aquella
muyto inda em que me pez,
que entrasse cá na capella
previcar hum antremes.
Ayto cuydo que dezia
e assi cuydo que he;
mas nam já ayto, bofee,
como os aytos que fazia
quando elle tinha com quê:
mas o mundo
he já desgorgomelado;
todo bem se vay oo fundo;
o dinheyro anda acossado
e o prazer vagabundo. *(fl. 26, col. 3.)*

---

1 *Corpo cronológico*, passim.
2 *Copilaçam das obras*, fl. 26.
3 Em 1900 o Visconde Júlio de Castilho e eu publicamos um opúsculo intitulado: **Indices / do / Cancioneiro de Resende / e das / Obras de Gil Vicente** / Lisboa / Typographia de Francisco Luiz Gonçalves / 80, Rua do Alecrim, 82 / 1900 / — 8.º de VIII-114 pags. e mais 2 não numeradas, contendo, a primeira: *Acabousse de empremyr a tauoada de todalas cousas / que estam no cançyoneyro geeral & nos aytos. Foy / ordenada & emẽdada por Julio de Castilho*

Digitized by Google

Em seguida especifica os figurantes que hão de entrar no auto, entre êles vinte e sete frades, «que vem de furtar melões», e no fim cantam, ordenam-se em chacota e despedem-se.

Chegara o tempo dos ministros de D. João III, que havia tido o bom senso de conservar os antigos de seu pai, seguindo as suas últimas recomendações, lhe tratarem do casamento. Ajustou-se êle com D. Caterina, irmã de Carlos V, e em Abril e Maio de 1524 foram expedidas de Évora as procurações para o contrato que se assinou em Burgos a 19 de Julho, celebrando-se o casamento por promessa em Tordessilhas em Agosto de 1524 [1].

Em quanto em Castela iam seguindo os seus trâmites os ajustes esponsalícios, adoptavam-se em Portugal determinações interessantes, uma, às frivolidades da côrte, outra, à vida económica da nação. Certo dia de calor em Évora, onde êle é abrasador, levou D. João III ao conselho esta consulta: seria bem guardar-se o antigo estilo, até então usado pelos reis, de porem nos diplomas *Nós el Rei*, ou se o mudaria para *Eu el Rei?* «Discutida bem esta matéria, com muytas rezões de parte a parte», se determinou por unanimidade que S. A. se mandasse nomear por *Eu el Rei*, «por ser assy mais própio e decente hà magestade real»; nesta conformidade se mandou passar provisão feita pelo secretário António Carneiro, em 16 de Junho de 1524 [2]. A outra disposição foi a Ordenação de 7 de Julho proíbindo novamente o uso das sedas, em absoluto a todos que não fossem fidalgos assentados nos livros das moradias, ou suas mulheres e filhos, e a êstes restringindo-lhes muito a permissão, sob pena de apreensão das

---

& Anselmo / Freyre fidalguos da casa delRey nosso senhor. Co- / meçouse & acabouse na muyto nobre & sempre leall / çidade de Lixboa. Per Françisco Gonçaluez empremj- / dor. Aos xij dias de nouẽbro da era de nosso senhor / Jesu cristo de mil & nouecentʼanos. E a segunda, um brasão d'armas gravado em aço.— A capa da brochura, em pergaminho, tem impresso em caracteres góticos: **Tauoada do Cancioneiro / geeral e dos Aytos** / — A edição foi de vinte exemplares numerados, e não se creia diminuta, porque nem tantos estudiosos existirão entre nós que se interessem pelo assunto.

No Prefácio confirmâmos o título da obrinha, declarando tratar-se únicamente de um índice, supondo já com isso prestar um valioso subsídio aos estudiosos, e confessâmos ser êle «um pouco menos completo» na parte relativa às obras de Gil Vicente. No fim do Prefácio assinamos *Os novos Obsequiosos de Sacarem*. Tenho até aqui empregado a primeira pessoa do plural, mas a verdade obriga-me a dizer que o meu trabalho consistiu únicamente em pôr por ordem os verbetes e rever as provas; mais nada. A composição foi tôda do Castilho.

Ora sucede que o general Brito Rebêlo na ed. de 1912 do seu *Gil Vicente*, na secção da *Bibliografia*, pág. 153, refere-se a êstes INDICES, e transcreve o colofon, pondo um (*sic*) em seguida à palavra *aytos*, como que notando um desacêrto, e referindo-se a datas erradas, não emendadas. Quanto à palavra *aytos*, lá acima no texto se encontra e tornará a aparecer no *Auto da Lusitânia*, na bôca de gente rude, é certo, mas os *Obsequiosos* de um logarejo como Sacavêm outra coisa não eram. Quanto às datas, tinham de ser transcritas as das rúbricas, porque só se pretendia fazer um índice e não uma obra de crítica, e a respeito de datas, em matéria ainda tão indeterminada como esta, todos as errâmos, ontem o General, hoje eu, sem que isso traga desmerecimento às nossas honestas tentativas. Se eu fôsse o verdadeiro autor dos INDICES, deixaria passar, muito embora com desgôsto, as censuras pouco justas do General; mas, tratando-se de obra alheia e demais feita a meu pedido, desculpar-me-hão êste comentário, em tom de reivindicação.

1 ANDRADA, *Chronica de D. João III*, part. I, cap. 56; SOUSA, *Annaes*, cap. 14.

2 *Chronica* cit., cap. 48, fl. 53 v.; *Annaes*, pag. 165, onde se diz ser a provisão de 18; DUARTE NUNES DO LIÃO, *Leis extravagantes*, ed. de 1796, pág. 702.

Digitized by Google

roupas e de degrêdo por um ano para Africa [1]. Como tôdas as pragmáticas, o seu efeito foi efémero, achando-se já em parte derrogada cinco meses depois, pela carta régia de 23 de Dezembro, a qual dispensou da proibição das sedas os mercadores estrangeiros residentes em Lisboa [2].

Outra disposição, bem notável pelo contraste com os factos subseqùentes, foi a tomada pela carta régia de 16 de Dezembro de 1524 de confirmação da Lei de 1 de Março de 1507 pela qual D. Manuel, a quem o terrível morticínio dos cristãos novos de Lisboa trouxera o remorso das tiranias passadas, derroga na sua maior parte as leis de excepção contra êles lançadas e abre-lhes uma era de paz [3]. Era a continuação da política tolerante dos fins do precedente reinado, tolerância em breve substituida pela mais feroz e odiosa perseguição.

A data daquela carta pouco se antecipou à partida dos infantes D. Luís e D. Fernando para a raia, a fim de irem tomar entrega da nova Rainha, pois que êles saíram de Évora no fim do ano [4]; antes porêm representara-se na côrte um novo auto de Gil Vicente. «Tragicomedia representada na festa do desposorio do muyto poderoso e catholico Rey de gloriosa memoria, dom Ioam o terceyro deste nome, com a serenissima Raynha dona Caterina nossa senhora em sua ausencia, na cidade d'Evora, na era de Christo nosso Senhor de M. D. xxv. A qual tragicomedia he chamada Fragoa d'amor. E o castello de que aqui se fala he per metafora, porque se toma castelo por Caterina [5].» *Frágoa de Amor.*

A data, 1525, está evidentemente errada, ou por desarranjo do editor das obras de Gil Vicente, ou por deslembrança dêste, confundindo o ano do casamento com o dos desposórios. O general Brito Rebêlo não reparou e aceitou o ano da rúbrica para a representação do auto [6]; pois êle foi representado, não ao casamento, mas aos desposórios, como muito claramente declara a rúbrica e se confirma na própria peça, quando o Negro, à pregunta se vem de Castela, responde:

> Poro que puruguntaa bos esso?
> Mi bem laa de Tordesilla;
> que tem bos de ver co esso,
> qu'eu bay Castilla, qu'eu bem Castilla? *(fl. 153, col. 1.)*

Foi em Tordessilhas que se celebraram os desposórios de D. Caterina de Áustria e D. João III, a 10 de Agosto de 1524 [7]; teve portanto lugar a representação depois da notícia chegar a Lisboa e antes do fim de Dezembro, quando os infantes foram buscar a nova Rainha, pois que não se faria certamente a festa na ausência dêles.

---

1 DUARTE NUNES DO LIÃO, *Livro das extravagantes, que atte ho tempo presente ha na Casa da Supliçação. Ho qual se lançou na Torre do Tombo No anno do senhor M. D. LXVI*, fl. 247 v. (Tôrre do Tombo. liv. 19 do Inventário da Livraria).

2 JOÃO PEDRO RIBEIRO, *Additamentos e retoques á Synopse Chronologica*, pág. 208.

3 JOÃO PEDRO RIBEIRO, *Additamentos e retoques á Synopse Chronologica*, pág. 208; JOSÉ ANASTACIO DE FIGUEIREDO, *Synopsis chronologica*, I, 167; ALEXANDRE HERCULANO, *Hist. da Inquisição*, I, 149.

4 ANDRADA, *Chronica* cit., fl. 69 v.

5 *Copilaçam das obras*, fl. 151.

6 *Gil Vicente*, ed. de 1902, págs. 58 e 86; ed. de 1912. pág. 143.

7 ANDRADA, *Chronica*, cit., cap. 56, fl. 63 v.; SOUSA, *Annaes*, cit., pág. 112-113. A procuração para se fazer o casamento foi assinada por D. João III em 18 do mesmo mês (SANTAREM, *Quadro elementar*, II, 46).

Digitized by Google

A parte principal da tragicomédia é descrita pelo próprio autor e revela-nos um aparato scénico já bastante complicado; diz êle: «Em este passo foy posto hũ muyto fermoso castello e abrio se a porta delle, e sayram de dentro quatro galantes em trajo de caldeyreyros com cada hum sua serrana muyto louçaã polla mão, e elles muy ricamente ataviados cubertos d'estrelas, porque figurã quatro planetas, e ellas os gozos de amor, e cada hũ delles traz seu martelo muyto façanhoso e todos dourados e prateados, e hũa muyto grande e fermosa fragoa, e o deos Copido por capitam delle, e estas serenas (aliás, serranas) trazem cada hũa sua tenaz do teor dos martelos pera servirem quando lavrar a fragoa damor, e assi sayram do dito castello com sua musica, e acabando fazem o razoamento seguinte pera declaraçam do significado das ditas figuras [1]» etc.

Na frágoa do Amor os anões tornam-se altos; os gigantes, medianos; os gordos, magros; os velhos, moços; os negros, brancos. Apresenta-se logo o Negro.

Como quieres tu hazer te?
Branco como ovo de galinha, (*fl. 154, col. 2.*)

responde êle. Entra na frágoa, «andam os martelos todos quatro em seu compasso e cantam as serenas (aliás serranas) quatro vezes ao compasso dos martelos» uma cantiga «feyta pollo author ao proposito» [2]. No fim sai da frágoa o Negro feito branco, mas «fala guiné» como antes; lastima-se e pede para o tornarem outra vez negro. Ao prêto segue-se uma velha corcovada, torta, muito mal feita; é a Justiça com a sua vara quebrada. Pede que a «mandem reformar e de novo endereitar»:

Fazey me estas mãos menores,
que nam possam apanhar;
e que nam possa escutar
estes rogos de senhores,
que me fazem entortar. (*fl. 154, col. 4*)

Entra a Justiça para a frágoa, mas não há maneira de a endireitar, senão depois das serranas com as tenazes tirarem as escórias, que são as peitas; então sai ela «muyto fermosa e dereyta».

Segue-se um sujeito, que de carpinteiro da Ribeira e de Rui Pires se fizera frade e frei Rodrigo, mas

queria me desfazer
e tornasseys me a fazer
muyto leygo se podeis. (*fl. 155, col. 2*)

E que o transformem num Vasco de Foes, na altura e na barba, conforme se vê nos versos já transcritos lá atrás, e dêem-lhe mais

hũs olhos garços cansados
e o ar de Pero Moniz [3]; (*fl. 155, col. 3*)

mas o Cupido não vai no ajuste, sem que êle traga provisão do seu superior.

---

[1] *Copilaçam das obras*, fl. 153.
[2] *Copilaçam*, fl. 154, col. 2.
[3] A êste Pero Moniz já Gil Vicente se referira em 1509, no *Parecer*, no *Processo de Vasco Abul*, dizendo que, se quiserem apelar, por êles «procure Pero Moniz». Com a indicação concordam, pois que

Digitized by Google

Aparece então um pagem com «recado do senhor Marquês» para que lhe levem lá a frágoa, mas Cupido, em resposta

dizid a su señoria
que no le haze menester,
ni le quiero deshazer,
porque mi sabedoria
otro tal no puede hazer. *(fl. 155, col. 3.)*

O Marquês por excelência nêsses tempos era o de Vila Rial [1], e em 1524 já possuia o marquesado D. Pedro de Meneses, aquele Conde de Alcoutim a quem Gil Vicente atribui uma oração a Nossa Senhora depois de enterrado D. Manuel, segundo lá acima vimos, e a quem me tornarei a referir por ocasião de mencionar o casamento da infanta D. Isabel. Para contrapôr ao Vila Rial, tratado com todo o respeito, vem um parvo da parte do nosso conhecido Vasco de Foes, pedindo o mandem forjar; e o Cupido pregunta:

Para que hombre tan fino?
Parvo) Para que o façais menino
e eu para o embalar.
Cupido) No sé si es moço, si viejo;
mas no sé donde le viene
que ninguna cana tiene
y arrugado el pelego.
Júpiter) Algunos peynanse allá
con peynes de vinte y ocho.
Parvo) E vinta nove, e tinta ainda.
Cupido) Este parvo es pevidoso;
per dezir trinta, dixo tinta. *(fl. 155, col. 4.)*

Não tenhas dúvida, Gil Vicente, arranjaste aqui mais um amigo e outro logo a seguir no Conde de Marialva, que por um seu pagem manda preguntar a Cupido,

se o podereis fazer
mancebo no corpo e nalma.
E que lhe nam refundais
o dinheyro que elle tem,
mas nelle forgeis tam bem,
que apanhe muyto mais
e nam dee nada a ninguem. *(fl. 155, col. 4)*

..... se procurar
esse galante Moniz

hão de se concertar o procurador com o juiz e a causa está vencida (*Concioneiro*, fl. 210, col. 6, e fl. 211, col. 2). Este Moniz *galante*, de *olhos garços cansados*, havia sido cantor de D. João II que o nomeara, sendo êle já escrivão da Casa do Cível de Lisboa, solicitador dos feitos da justiça na mesma Casa, por carta de 18 de Novembro de 1492 (liv. 7.º de D. João II, fl. 119); e por outra, da qual apenas existe a confirmação de D. Manuel, o fizera escrivão dos feitos das apelações no mesmo tribunal (liv. 26.º de D. Manuel, fl. 9). A alusão de Gil Vicente provêm pois dos ofícios exercidos por Pero Moniz. D. João III, tornando a chamar-lhe «meu cantor», pois que nas cartas de D. Manuel é intitulado «escudeiro de nossa casa», lhe concedeu, em 28 de Fevereiro de 1527, um alvará para poder renunciar o seu ofício de escrivão da Casa do Cível no filho Nicolau Moniz, moço da câmara, então servindo nas armadas da Índia, renúncia levada a efeito no ano seguinte (liv. 14.º de D. João III, fl. 23).

Não se deve confundir êste Pero Moniz, cantor, com outro que foi poeta do *Cancioneiro*. O poeta, que também se chamou Pero Moniz da Silva, foi reposteiro mor de D. Manuel em quanto duque e depois de rei até 1506 ou 1507. Era fidalgo do conselho e primo com irmão de Felipa Moniz, primeira mulher de Cristóvão Colombo.

[1] Anterior ao marquesado de Vila Rial haviam sido criados os de Valença, em 1451, de Vila Viçosa, em 1455, e de Montemor o Novo, em 1476, todos concedidos a fidalgos da

Digitized by Google

Torna ainda o Frade a insistir para ser refundido e que o façam como

o Marichal,
assi daquela feyçam,
ydade e desposiçam,
assi nobre e liberal,
e gaste-se todo carvam. *(fl. 156, col. 2.)*

Não se gastaria o carvão, mas acabou-se a tragicomédia.

Haviam abalado os infantes para Elvas, onde a êles se foi juntar o Duque de Bragança com numeroso e luzido séquito; dali partiram, já no mês de Fevereiro, a receber a Raínha na ribeira do Caia; e, feita a entrega, regressaram para Elvas d'onde seguiram logo para o Crato. Aqui os aguardava D. João III e aqui se consumou o matrimónio no mesmo quarto, talvez, em que, pouco mais de cinco anos antes, o pai do noivo realizara o seu enlace matrimonial com a irmã da noiva. Dados alguns dias no Crato para D. Caterina descansar da jornada, tomaram o caminho de Évora. Acho marcado o dia 5 de Fevereiro como o da ultimação dêste casamento [1]; mas não pode ser, porque a 7 do próprio mês assinou a Raínha dois mandados ainda em Badajoz [2]. Acho também assinalado o dia 14 para a entrega de D. Caterina na raia e consecutiva viagem para o Crato a encontrar-se com o marido [3]; mas também me parece difícil aceitar-se esta data, porque no dia seguinte, 15 de Fevereiro, assinou a Rainha, já em Évora, um mandado para se darem dezaseis ducados de oiro, que montam em seis mil e quatrocentos maravedis, a «Beltran de Gamboa, criado de la Catolica Reyna mi señora», para êle e quatro companheiros que haviam vindo com D. Caterina êste caminho, em seu serviço [4]. Só se pode pois afirmar haver tido lugar o casamento entre 7 e 15 de Fevereiro de 1525. Antes de passar a êste ano porêm tenho de me referir a casos da vida de Gil Vicente anteriormente sucedidos.

Em 1517, pelos motivos atrás aduzidos [5], creio dever-se ter realizado o casamento de Gil Vicente com Melícia Rodrigues, estando da família conhecida dêle apenas em sua casa o filho Belchior Vicente, moço então ainda pequeno, segundo a sua própria, mas talvez não muito apurada reminiscência, vinte e

---

casa de Bragança. O de Valença extinguiu-se em 1460; o de Vila Viçosa incorporou-se no ducado de Bragança em 1461 e foi, bem como o de Montemor, extinto por sentença de 1483; portanto, quando em 1489 D. João II dera o título de marquês de Vila Rial a D. Pedro de Meneses, 3.º conde daquela vila, mais nenhum marquês existia em Portugal. Restituida em 1496 a casa aos Braganças, nenhum dêles se intitulou marquês de Vila Viçosa apesar de na restituição se incluir o marquesado. Posteriormente, só em 1520 foi dado ao filho primogénito do Duque de Coimbra o título de marquês de Torres Novas, título já em 1535 incorporado no ducado de Aveiro; e em 1533 ao Conde de Tentúgal o de marquês de Ferreira, título extinto em 1545 e só renovado em 1585, meses depois do Marquês de Vila Rial haver sido elevado a duque (*Livro segundo dos brasões de Cintra*, passim). Vê-se pois que em perto de um século, de 1489 a 1585, existiu quási sempre único marquês em Portugal o de Vila Rial; por isso e pela grandeza da sua casa era antonomásticamente designado, mesmo nos documentos, por *O Marquês*, fórmula também por êle adoptada na sua assinatura.

1 D. António Caetano de Sousa, *Hist. genealógica*, *III*, 521.
2 *Corpo cronológico*, part. I, mac. 31, docs. 144 e 145.
3 Fr. Luís de Sousa, *Annaes de D. João III*, pág. 131.
4 *Corpo cronológico*, part. I, mac. 31, doc. 150.
5 Págs. 87 e 88.

Digitized by Google

três anos depois. O outro filho, Gaspar Vicente, andava ao tempo na Índia, d'onde só regressou na armada do ano imediato, entrando logo para a capela rial, ou por mercê nova, ou em verificação de anterior posse. Lá serviu o primeiro trimestre do ano de 1519 e dêle não há mais noticias, sendo provável ter falecido pouco depois, substituindo-o na capela seu irmão Belchior. No mesmo ano de 1519, o último em que Gaspar Vicente é mencionado, deve ter nascido sua irmã Paula Vicente [1], que pelos anos de 1539, pouco antes ou em seguida à morte do pai, entrou para casa da infanta D. Maria, tendo ao tempo dezoito ou vinte anos de idade [2]. Outra criança, Luís Vicente, veio pouco depois, talvez no ano seguinte [3], alegrar a modesta morada de Gil Vicente, já instalada certamente nos paços velhos da Alcáçova.

Bons e socegados tempos foram êstes! Quando o poeta, já sexagenário, ouvia enternecido as vózinhas das duas crianças chilreando pelos corredores do velho paço, ou desvanecido namorava os seus olhitos pasmados para a faina marítima avistada ao longe das janelas ogivadas do alcaçar roqueiro; quando tentava prescrutar os pensamentos que se atropelavam naqueles pequeninos cérebros, ou se via embaraçado para satisfazer a imperiosa e insaciável curiosidade infantil; quando, de olhos orvalhados, abraçava os pequerruchos com o amor que só velhos sabem sentir por crianças, mal pensava Gil Vicente quanto recompensado seria o seu carinho paternal. Àquelas duas crianças havia êle de dever a nomeada de que hoje goza a sua memória, não só entre nós, como ainda entre estranhos, onde por tantos o seu génio dramático é tido na alta conta devida. Paula e Vicente compilaram e publicaram em 1562 as obras de seu pai.

Outra filha, Valéria Borges, quere o general Brito Rebêlo trazer ao mundo antes do ano de 1525 [4]; parece-me possível haver antecipação nesta data, não obstante aceitá-la-hei por se não opôr em absoluto a factos averiguados da vida daquela senhora.

Ao aumento da família do poeta ia ocorrendo a munificência régia. Em 1524, além de umas mercês em dinheiro a que já me referi na nota 3 de pág. 128, foi concedida a Gil Vicente uma tença de doze mil reais acrescentada no ano seguinte com mais oito mil [5], ficando a receber ao todo, em dinheiro, vinte mil reais aos quais, por carta de 19 de Janeiro, se juntaram três moios de trigo também de tença [6]. Passou então Gil Vicente a receber de contias ou mercês aproximadamente tanto como desfrutava Garcia de Rèsende, com a diferença que a tença de vinte mil reais dêste era com o hábito, da Ordem de Cristo provávelmente, e a outra em dinheiro não a houvera de mercê, mas por compra [7]. Não deixou de ser intencional aqui a aproximação dos dois poetas cortesãos, contemporâneos e amigos. Trouxe-a por supôr que, assim como D. João III por carta de 29 de Abril de 1525 fizera mercê a Garcia de Rèsende das pensões dos capitães e escrivães dos navios armados para Guiné [8], também pelo mesmo tempo, talvez por alvará de 19 de Março, dera a Gil Vicente o ofício de língua

---

1 Pág. 89.
2 Brito Rebêlo, *Gil Vicente*, ed. de 1912, pag. 129.
3 Pág. 88-89.
4 *Gil Vicente*, ed. de 1912, pág. 142.
5 *Arch. hist. port.*, II, 125 e 126.
6 Doc. X.
7 *Arch. hist. port.*, II, 99.
8 *Crítica e história*, cit., pág. 43.

Digitized by Google

da cidade de Ormuz, ofício que êle vendeu no ano seguinte a Francisco de Ponte, a quem foi passada carta a 30 de Junho[1].

Voltemos agora para a côrte.

Farsa das Ciganas.

Celebrado o casamento e recolhidos os conjuges a Évora, nesta cidade permaneceram D. João III e D. Caterina até princípios do verão[2] e persuadido estou que nas Endoenças dêsse ano, a 14 de Abril, lhes representou Gil Vicente a *Farsa das ciganas*. Diz a rúbrica: «Auto de hũas ciganas, representado ao muyto alto e poderoso Rey dom Ioam o terceyro deste nome em a sua cidade d'Evora. Era do Redemptor de M. D. XXI. Estando em seram, na fim delle entraram quatro ciganas, cujos nomes sam[3]» etc. Esta data está evidentemente errada. Em 1521 D. João III só foi rei de 14 de Dezembro em diante; não saíu de Lisboa; e a Évora só tornou com permanência a 2 de Outubro de 1523, ou melhor, de meado Dezembro em diante, porque de 17 daquelle mês a 10 dêste residiu em Montemor o Novo. O ano de 1524, êsse, passou todo em Évora[4]. Vou contudo mostrar que nêste ano tambêm se não realizou a representação.

O auto ou farsa parece ter sido levado à scena pela Páscoa,

aora em pascoa de flores, (*fl. 226 v.*)

diz logo no princípio uma das quatro Ciganas. Juntam-se a elas outros tantos Ciganos, entoam em côro a cantiga

En la cozina estava el aznu
baylando; (*fl. 227, col. 1.*)

e «cantando e baylando se foram aas damas», às quais logo de entrada cada uma das Ciganas já se havia dirigido, e agora propõem-lhes ler-lhes as sinas. Uma há de casar em Alcácer do Sal, com homem bem principal; outra em Santiago do Cacêm, muito rica e muito bem, e ainda mais em várias terras, sendo uma destas Alvito. Esta indicação far-me-hia levar a composição do auto para o ano designado na rúbrica, supondo nela apenas o engano de pôr já a D. João III no trono, se em 1521 a côrte tivesse estado em Évora, mas só lá passou alguns, muito poucos, dos primeiros dias de Janeiro ocupados com os preparativos do regresso a Lisboa. Além disso aquela indicação não é tão precisa que se torne imperativa e não passará na realidade de uma fantasia. Tudo isto é por se dar a coincidência de em 1521, antes de Novembro, ter casado D. Rodrigo Lobo, ao

---

1 Doc. XI — Esta carta já foi impressa por Sousa Viterbo num artigo intitulado *Gil Vicente, dois traços para a sua biographia*, e publicado no vol. I do Arch. Hist. Port., pág. 219 e segs. Aí, o indefesso investigador e publicador de tantos docs. preciosos para ilustração de várias espécies da história pátria, supôs indicar esta carta a existência de um Gil Vicente na India, ao qual a mercê fosse feita. Não é exacta a suposição. A mercê do ofício de língua de Ormuz não obriga à presunção da residência do agraciado na India, como bem patente torna a própria carta de confirmação do ofício ao indivíduo a quem Gil Vicente o vendeu. Nela diz-se: «Porem mando ao meu capitão moor... que apresemtamdo lhe o dito Francisco de Ponte *huma pesoa auta lhe deem juramento e o deyxem servir*, etc.» Estas mercês de ofícios no ultramar eram freqüentes em pessoas residentes no reino às quais o soberano, sem onerar o tesouro público já nada obeso, por esta forma galardoava, proporcionando-lhes os meios de alcançarem algum dinheiro pela venda dos ofícios a sujeitos naquelas paragens residentes ou para lá encaminhados.

2 *Corpo cronológico*, passim.

3 *Copilaçam das obras*, fl. 226.

4 *Corpo cronológico*, passim.

Digitized by Google

tempo o mais velho dos filhos sobreviventes do Barão de Alvito, a quem veio a suceder na baronia, com D. Guiomar de Castro, filha do regedor João da Silva [1]; torno porêm a dizer que não devo tomar em conta a indicação do casamento em Alvito, mas atender únicamente à da presença de damas na sala, às quais as actrizes constantemente se dirigem, facto só realizável depois do casamento de D. João III nalgum ano em que êle passasse a Páscoa em Évora depois de casado, e o primeiro foi o de 1525.

Pouco depois da festa abalou D. João III para Montemor, onde já estava a 22 de Abril. Aqui permanecia ainda a 10 de Maio, mas já a 20 se encontrava em Almeirim e a 1 de Julho em Tomar para assistir às Côrtes. Por causa da peste tiveram elas de ser transferidas para Tôrres Novas, onde a côrte já poisava a 24 de Setembro e demorou-se até 21 de Outubro pelo menos [2]. Neste intervalo realizaram-se as Côrtes que haviam sido convocadas para 15 de Setembro [3].

Reunidas elas, arrancados cento e cinqúenta mil cruzados [4] de novos impostos cobráveis em dois anos, e isto era o urgente para se poder pagar o dote da infanta D. Isabel prometida ao Imperador, respondeu-se com boas palavras e evasivas às representações dos concelhos, mas abriram-se bem os ouvidos para reter e registar a patente má vontade geral contra os cristãos novos, a qual pela primeira vez se pôde manifestar por um modo solenemente significativo [5]. Não quero deixar de transcrever da obra citada o estado da moral pública revelado nas queixas dos povos apresentadas nestas Côrtes, tanto mais que entre a situação do reino então e a presente da nação há muitos pontos de semelhança e de aproximação que apavoram. No século XVI a ruína ainda pairou por mais de cinqùenta anos, ao passo que o desbarato agora deve despenhar-se rápido e atemorizados olhamos em redor sem entre a lusa gente vermos quem possa desviar o perigo.

Disse o nosso Herculano, grande historiador, grande cidadão e grande homem de bem, na sua *Historia da Inquisição:* «As côrtes de Torras-novas são, sob dous aspectos, importantes para a historia da intolerancia... Ao passo que as tendencias do rei e do povo na epocha de D. João III pareciam fructo de uma grande exaltação religiosa, exaltação que o clero fomentava, o estado da moral publica era deploravel. Teremos occasião, mais de uma vez, de descubrir as ulceras que roíam então a sociedade; mas os capitulos de côrtes relativos a esse objecto, quer se attribuam á assembléa de 1525, quer á de 1535, começam a habilitar-nos para avaliarmos os costumes daquelle tempo. Os vexames e abusos na administração da justiça practicavam-se em todas as instancias, desde as inferiores até as mais elevadas, e não só no fôro secular, mas tambem no ecclesiastico. O reino estava cheio de vadios que viviam opulentamente, sem se saber como. O vicio do jogo predominava em todas as classes, com as suas fataes consequencias de roubos e de discordias e miseria domesticas. O luxo era desenfreiado. A côrte andava atulhada de ociosos, e a casa real dava o exemplo da

---

[1] *Brasões de Cintra*, II, 457.
[2] *Corpo cronológico*, passim.
[3] J. P. RIBEIRO, *Memorias sobre as Fontes do Codigo Philippino*, vol. II das MEMORIAS DE LITTERATURA DA ACADEMIA, pág. 99.
[4] Correspondiam a 60 contos de reais, uns 327 contos de hoje com o poder aquisitivo de 1.638 pelas cit. tabelas de COSTA LOBO na *Hist. da sociedade*.
[5] ALEXANDRE HERCULANO, *Hist. da origem e estabelecimento da Inquisição*, I, 178.

Digitized by Google

falta de ordem e de economia. Nos paços dos fidalgos via-se um sem numero de criados, bem superior ao que permittiam as rendas dos amos, de modo que faltavam os braços para o trabalho, sobretudo para a agricultura... Se, porém, no civil ía mal o reino, não ía melhor no ecclesiastico... [1] » Não parece isto, feitas as alterações procedentes das mudanças dos tempos, a fotografia do presente?

Quanto aos cristãos novos, as queixas formuladas pelos procuradores dos concelhos tomavam um aspecto temível para os da raça judaica. Já não se agravavam só dos vexames resultantes das extorsões praticadas por aqueles como rendeiros de grandes propriedades, ou como açambarcadores de géneros, não, uma terrível suspeita lançavam no ânimo do povo: os físicos e boticários, quási todos hebreus, envenenavam e impunemente matavam os cristãos velhos, por vingança, por ódio. Os factos citavam-se, apontavam-se, e, quem sabe, talvez em alguns casos tivessem fundamento as suspeitas. Perante a moral é indesculpável, mas perante a fragilidade da natureza humana não custa a crer que os filhos, parentes ou amigos de tanta vítima da intolerância não cedessem às vezes à tentação de se vingarem dalgum perseguidor da sua raça. Já não eram pois só a impiedade e relaxação no cumprimento dos preceitos da religião católica as acusações levantadas perante o monarca pelos inimigos dos conversos; eram crimes muito graves contra a sociedade que careciam de punição. As incitações caíam em ânimo bem disposto a recebê-las e abraçá-las e pode-se dizer que de Tôrres Novas trouxe D. João III o propósito firme de se esforçar pelo estabelecimento da Inquisição nos seus reinos e senhorios.

A toda esta evolução assistia o nosso poeta e decerto não indiferente. O seu espírito não só se nos revela sempre liberal e tolerante nos seus escritos, mas ainda o encontramos nêles, com audácia extraordinária, a reprovar e condenar a imoralidade do clero, sem atacar todavia a religião nos seus dogmas, nos seus mistérios, porque êle sempre foi um católico convicto, muito embora revoltado contra o procedimento geral dos ministros do seu culto. Vê-lo-hemos tomar decididamente e de moto próprio a defesa dos cristãos novos de Santarêm após o terremoto de 1531, e salvá-los de um morticínio semelhante ao por êles padecido em Lisboa vinte e cinco anos antes. Pois êle não emudeceu e contra o fanatismo iminente continuou destemido, em quanto pôde, a vibrar golpes certeiros e profundos.

Ainda em Tôrres Novas, a 18 de Outubro, juraram D. João III e a infanta D. Isabel sua irmã que dariam cumprimento a todas as condições assentadas no contracto, na véspera assinado entre os procuradores do Imperador e do Rei de Portugal, do casamento daquele com a irmã dêste [2]. Pudera-se tomar o compromisso do dote em virtude do serviço de cento e cinqùenta mil cruzados para êsse efeito outorgado pelas Côrtes a el Rei [3]. Obtida a certeza da realização dêste tão desejado enlace, partiu D. João III para Almeirim a celebrar os desposórios da irmã.

Nos paços daquela vila, no dia 1 de Novembro à noite fez-se a ceremónia do recebimento por palavras de presente da infanta D. Isabel com o imperador

---

[1] *Hist. da Inquisição*, I, 178.
[2] ANDRADA, *Chronica de D. João III*, part. I, fl. 88; SOUSA, *Annaes*, pág. 135.
[3] J. P. RIBEIRO, *Memorias sobre as Fontes do Codigo Philippino*, cit., pág. 99.

Digitized by Google

Carlos v, seguindo-se ao acto um serão na mesma sala, o qual, feito «com muyto vagar, e aparato, durou ate quasi as duas oras despoys da meya noite, e dançárão nelle a Rainha com a Emperatriz, e elRey cõ dona Anna de Tavora, e os Ifantes dom Luis e dom Fernando com as damas de que mais se contentárão [1].» Vemos aqui a repetição exacta dos festejos celebrados por ocasião do casamento da infanta D. Beatriz com o Duque de Saboia. O mesmo serão no paço, as mesmas danças, só falta, depois daquelas, a «boa e muyto bem feyta comédia» nos anteriores festejos representada; mas faltaria ela, ou o cronista acharia impróprio deixar dela menção? Inclino-me a esta segunda conjectura, tanto mais que na anterior ocasião foi numa relação especial e não na crónica que tivemos notícia da representação. Além disso, estou persuadido de ter havido da parte de D. João III capricho em dar o máximo realce a esta ceremónia, não só por se tratar de um enlace por toda a nação desejado e que a engrandecia, mas também para deslumbrar os embaixadores de Carlos v com a magnificência da côrte portuguesa. Pôsto isto, representar-se-hia então outra «boa e muyto bem feita comédia» e esta deveria ser o *Dom Duardos* do nosso Gil Vicente.

Dom Duardos.

A rúbrica diz apenas: «Começam as obras do livro terceyro que he das Tragicomedias. E esta primeyra he sobre os amores de dom Duardos principe de Inglaterra, com Flerida filha do Emperador Palmeyrim de Cõstantinopla. Foy representada ao serenissimo Principe e poderoso Rey dom Ioam o terceyro deste nome em Portugal».

Não existe pois na rúbrica indicação de lugar, nem de data; mas, havendo sido a trágicomédia impressa antes de 1551, pois estava compreendida, como já lá acima vimos, no *Rol dos livros defesos* daquele ano, foi então precedida de um prólogo, omitido na primeira edição da *Copilaçam de todalas obras de Gil Vicente*, transcrito porêm na segunda, a de 1586. Nas primeiras palavras do prólogo declara o poeta a D. João III, a quem se dirige, «que las Comedias, farças, y moralidades que he compuesto en servicio dela Reyna vuestra tia,» em casos de amores, metiam só gente baixa entre a qual não havia a conveniente retórica, o que não sucederá agora com os amores de D. Duardos e Flérida [2]. Desta referência à raínha D. Leonor como pessoa ainda viva, visto que, se já fosse morta, Gil Vicente acrescentaria as palavras sacramentais *que haja glória*, ou outras análogas, concluiu o general Brito Rebêlo e muito bem a meu ver, que a peça fôra representada antes do falecimento da viúva de D. João II, em 17 de Novembro de 1525 [3]. O doutor Teófilo Braga, concordando com o General, reputa a composição do *Dom Duardos* posterior a 1524, por nêste ano haver sido publicado o *Primaleão*, novela da qual Gil Vicente tirou a sua tragicomédia [4]. Como esta edição do *Primaleão*, ou para melhor dizer do *Libro segundo de Palmerin que trata de los grandes fechos de Primaleon y polendos sus fijos: y assimismo de los de dõ Duardos principe de ynglaterra etc.*, foi acabada de imprimir em Sevilha no 1.º de Outubro de 1524 [5], teriamos a composição do *Dom Duardos* precisamente determinada entre aquela data e a da morte da raínha D. Leonor. Não sei porêm se o argumento do dr. Teófilo Braga terá, em absoluto, toda a força que êle lhe atribui, porque encontro a notícia doutra edição muito

---

1 ANDRADA, *Chronica*, fl. 112 v.; SOUSA, *Annaes*, pág. 136, por outras palavras.
2 Doc. XXIV.
3 *Gil Vicente*, edição de 1902, pág. 64.
4 *Hist. da litteratura portuguesa*, II, 85.
5 GALLARDO, *Ensayo de una Biblioteca Española*, vol. I, col. 978, n.º 998.

Digitized by Google

anterior do *Libro segundo de Palmerin*, edição de 1516[1]. Não obstante inclino-me, concordando com o laureado professor, a acreditar que a edição do *Palmeirim* de 1524 veio sugerir a Gil Vicente a composição do *Dom Duardos*.

A sua origem e parte do entrecho estão indicados no prólogo, no qual Gil Vicente declara ter encontrado assunto elevado nos amores de D. Duardos e Flérida, «que son tan altas figuras como su historia recuenta». Nela se diz que andando D. Duardos pelo mundo em busca de aventuras perigosas a fim de conseguir fama, se bateu com Primaleão, um dos mais esforçados cavaleiros da Europa, sôbre a formosura de Gridónia, por êle ofendida. «Y comieça luego don Duardos a hablar, pidiendo campo al Emperador contra Primaleon su hijo[2].» Combatem em scena; Flérida separa-os e manda a D. Duardos que se descubra; êle não anui, mas afirma-lhe que na volta da Turquia, onde irá ganhar fama, se fará conhecido dela. Ségue-se o episódio cómico de Maimonda, «a mais fea criatura que nunca se vio», e Camilote, que não só a acha a mais linda mulher do mundo, como pelas armas quere obrigar todos a por tal a terem. Nêste passo quis Gil Vicente pôr ao lado da apologia dos cavaleiros andantes a crítica aos ridículos da seita.

Passa-se para a horta de Flérida, onde se desenrolarão scenas do mais patético amor. Á porta bate D. Duardos de volta da Turquia para onde, como vimos, partira depois do combate singular, doido já de amor pela princesa com quem se pretende avistar na horta. Consegue receber agasalho do hortelão que o apresenta a Flérida como seu filho; consegue mais ainda, fazer-se amar dela por si próprio, sem saber ao certo quem êle seja, pôsto haja a suspeita de se tratar de algum príncipe disfarçado. Ela entrega-se-lhe; embarca em um navio da sua armada, e então cantam este

ROMANCE POR FIM DO AUTO

En el mes era de Abril,
de Mayo antes un dia,
quando lyrios y rosas
muestran mas su alegria,
en la noche mas serena
quel cielo hazer podia,
quando la hermosa infanta
Flerida ya se partia,
en la huerta de su padre
a los arboles dezia:
Quedaos a Dios, mis flores,
mi gloria que ser solia;
voyme á tierras estrangeras,
pues ventura allá me guia.
Si mi padre me buscare,
que grande bien me querria,
digan que amor me lleva,
que no fue la culpa mia;
tal tema tomó comigo,
que me venció su profia:
triste no sé adó vó,
ni nadie me lo dezia.
Artada) Alli habla don Duardos.
D. Duardos) No lloreis mi alegria
que en los reynos d'Inglaterra
mas claras agoas avia,
y mas hermosos jardines,
y vuessos, señora mia.
Terneis trezientas donzellas
de alta genelosia;
de plata son los palacios
para vuessa señoria;
desmeraldas y jacintos
doro fino de Turquia,
con letreros esmaltados
que cuentan la vida mia,
cuentan los bivos dolores
que me distes aquel dia
quando con Primaleon
fuertemente combatia,
señora, vos me matastes
que yo á el no lo temia.
Artada) Sus lagrymas consolava
Flerida, que esto oya.
Fuéronse à las galeras
que don Duardos tenia;
cincoenta eran por cuenta
todas van en compañia,

[1] GALLARDO, *Ensayo de una Biblioteca Española*, vol. I, col. 978, n.º 992.
[2] Doc. XXIV.

Digitized by Google

al son de sus dulces remos
la princesa se adormia
en braços de don Duardos,
que bien le pertenecia.
Sepan quantos son nacidos
aquesta sentencia mia:
que contra la muerte y amor
nadie no tiene valia.
Lo mismo yremos cantando
por essa mar adelante
a las serenas rogando,
y vuestra alteza mandando,
que en la mar siempre se cante [1].

Patrão da Galera)

Ainda nêste ano, segundo a rúbrica, representou-se em Almeirim a farsa do *Juiz da Beira*. Esta, dado o seu tom burlesco, não seria decerto escolhida para a festa dos desposórios da infanta D. Isabel; mas, se está certa a data indicada, ter-se-hia representado por êsses mesmos tempos, pois que D. João III só habitou, no referido ano, a vila ribatejana de vinte e tantos de Outubro em diante, e cessaria com os serões do paço depois de 18 ou 19 de Novembro, quando lhe constou a morte de sua tia D. Leonor, viúva de D. João II. É muito possível porêm, que a farsa fosse representada em Fevereiro do ano seguinte ao nascimento do príncipe D. Afonso. *Juiz da Beira.*

Declara a rúbrica: «Esta farsa que se adiante segue, he o seu argumento desta maneyra, diz o autor que este Pero Márquez, como foy casado com Ines Pereyra se foram morar onde elle tinha sua fazenda, que era la na Beyra, onde o fizeram juiz. E porque dava algũas sentenças disformes por ser homem simprez foy chamado aa corte, e mandaramlhe que fizesse hũa audiencia diante delRey. Foy representado ao muyto nobre e Christianissimo Rey dõ Ioam o terceyro em Portugal deste nome em Almeyrim, na era do Senhor, de M. D. XXV. [2]»

É uma bufonaria pegada em continuação à farsa de *Inês Pereira*, pois que o Juiz da Beira é o seu segundo marido, o lorpa que a levou às cavalitas para a ermida do namorado. Estão-se a ver as sentenças proferidas por tal juiz; basta apontar a última para se fazer idea das primeiras. «Vem aa audiencia quatro yrmãos, hum delles muyto preguiçoso, outro que sempre bayla, outro que sempre esgrime, outro que sempre fala amores. A estes per morte do pay não lhes ficou senam hum asno: deyxou o pay no testamento que o herdasse hũ delles, e nam nomeou qual [3]». Ouve-os o Juiz a todos quatro e por fim

Julgo per minha sentença
que o asno seja citado
pera a prymeyra audiença. (*fl. 226, col. 2.*)

E com isto e mais uma cantiga acaba a farsa, na qual, logo no princípio, declara o Juiz comparecer na côrte a mandado de Diogo López de Carvalho, que

por me meter em trabalho
diz que nam cumpro a Ordenaçã,
e que pera juyz nam valho. (*fl. 220, col. 4.*)

A referência é ao dr. Diogo Lopes de Carvalho, então ouvidor da Casa da Suplicação, tribunal onde servia desde os tempos de D. João II, como declaram

---

[1] *Copilaçam das obras*, fl. 186, col. 4, e 137, col. 1.
[2] *Ibidem*, fl. 220 v.
[3] *Ibidem*, fl. 224 v.

Digitized by Google

as cartas de 9 de Julho de 1553, de mercê do ofício de desembargador do paço e petições, e de nomeação para o conselho del Rei[1].

Em quanto Gil Vicente andava entretido nestas representações nos paços de Almeirim, finava-se em Lisboa, depois de «freqùentes e repetidos achaques», a sua antiga protectora a raínha D. Leonor. Nos seus paços de apar de Santo Eloi morreu a viúva de D. João II com sessenta e sete anos. Do seu testamento, ainda até agora não encontrado, consta apenas, que nos interesse, além de se haver mandado sepultar longe do marido[2], ter ordenado a venda das suas casas de morada e as mais de redor delas, sendo uma destas aquela onde Gil Vicente em tempos residira, e ter legado ao mosteiro da Madre de Deus de Xabregas dois cálices, um por êle Gil Vicente corrigido, e outro dos que êle fizera[3].

Morreu esta notável senhora já esquècida. Deixou por seu herdeiro a seu sobrinho D. João III que, na verdade, desveladamente olhou pelo aumento da fundação de sua tia, o mosteiro referido. Quanto a Gil Vicente, já de há muito vivia afastado da sua primeira protectora e natural era que, exaltando-se nela com a idade a devoção, o seu poeta lavrante, incorrigível censor do clero devasso, fosse encontrando menos entrada junto da Raínha. Morreu ela, como já notei, afastada da côrte, toda composta de gente nova, e não muito pranteada parece ter sido, visto que, pouco mais de dois meses após o seu falecimento, houve função no paço por ocasião do segundo recebimento e partida da infanta D. Isabel. A morte de D. Leonor, ainda assim, fez «amaynar muyto no que se apercebia de festas e pompa de atavios[4].»

Ao despedir-me desta Senhora quero recordar a sua influência benéfica sôbre a pessoa e a obra de Gil Vicente, como poeta e como ourives. Assistiu D. Leonor á estreia do poeta dramático no monólogo do *Vaqueiro*[5], em seguida ao qual lhe pediu mais obras daquele género, sendo a seu pedido, como o próprio autor declara no prólogo do terceiro livro, que a maior parte dos seus primeiros autos foram compostos. Quero recordar também o auxílio por ela prestado ao ourives, chamando-o, dando-lhe obra para lavrar, recomendando-o a seu irmão, facilitando-lhe as nomeações de mestre da balança da Casa da Moeda e, antes desta, a de vedor das obras de oiro e prata dos conventos de Belêm e Tomar e do hospital de Todos os Santos. Foi ela, sem dúvida, desvelada protectora de Gil Vicente nos seus primeiros tempos. Deu-lhe casa para habitação; deu-lhe entrada no paço. A sua sombra protectora pôde medrar o poeta artista. Á viúva de D. João II devemos pois, sob êste aspecto, todos os que amamos as artes e as letras, profunda gratidão e indiscutível aplauso.

---

1 *Chancelaria de D. João III*, liv. 19.º de *Doações*, fl. 143 v., e liv. 45.º, fl. 36 v.
2 Fr. Jerónimo de Belêm, *Chronica seraphica da Santa Provincia do Algarve*, III, 48.
3 Ambos os factos já lá acima apontados, nas págs. 10 e 53.
4 Fr. Luis de Sousa, *Annaes de D. João III*, pág. 137.
5 Já antes de mim, na sua interessante e erudita conferência, impressa em 1914 e intitulada *Gil Vicente e a sua obra*, o sr. Queirós Veloso, ao referir-se à representação do monólogo do *Vaqueiro*, deixou, assinalada entre o auditório, a presença da raínha D. Leonor, e muito sensatamente notou que a *Raínha velha* das rúbricas dos autos de Gil Vicente não podia ser outra «senão a viúva de D. João II» (pág. 7 e nota VII). Tinha esta nota para introduzir no seu lugar competente, quando tratei do salto de impressão na rúbrica, do qual resultou a confusão da infanta D. Beatriz com a *Raínha velha*, mas o apontamento tresmalhou-se e escapou-me. *Suum cuique*.

Digitized by Google

Como vimos acima, nos paços de Almeirim realizaram-se no 1.º de Novembro de 1525 os desposórios da Infanta D. Isabel com Carlos v; reconheceu-se porêm não ser suficientemente amplo o breve de dispensação, por existirem muitos vínculos de parentesco entre os nubentes, e impetrou-se outro, tendo-se, ao chegar dêste, repetido a ceremónia dos desposórios no dia 20 de Janeiro do ano seguinte[1]. Poucos dias depois cavalgava a nova Imperatriz pelo caminho de Castela e no serão dado no paço à sua partida representou Gil Vicente a tragicomédia *Templo de Apolo*. « Esta seguinte tragicomedia he chamada templo Dapolo. Foy representada na partida da sacra e preclarissima Emperatriz filha delRey dom Manoel, pera Castela, quando casou com o Emperador Carlos. Era de M. D. xxvj. Annos.»[2] *Templo de Apolo.*

Hesitei em aceitar os dizeres da rúbrica, atendendo à morte recente da raínha D. Leonor e a nas crónicas não haver referência a nenhum serão no paço feito à partida de D. Isabel, ao passo que na ocasião dos seus primeiros desposórios, a 1 de Novembro, a indicação é precisa. Na tragicomédia encontro porêm umas trovas, que confirmam, creio, o alegado na rúbrica. São elas quando o Mundo pede a Apolo que mande

... a qualquiera montaña
Portuguesa y Castellana,
por do pasare a Hespaña
la Emperatriz soberana,
que sea muy fresca y llana.
Y que hajas convertidos
los caminos en cristales,
y las estradas reales
sean lirios floridos
que le vengan naturales. (*fl. 162, col. 1*).

Pôsto isto, convencido fico de haver o *Templo de Apolo* sido então representado, não própriamente no dia da partida da Imperatriz, dia pouco azado para serões, mas, dando mais latitude à expressão da rúbrica, *na partida*, pouco antes, a 20 de Janeiro, na ocasião de se repetir a ceremónia dos desposórios de D. Isabel.

Quando D. João III encomendou êste auto a Gil Vicente, estava êle doente, segundo declara em scena, no prólogo. « Entra primeyramente o autor. E porquanto os dias em que esta obra fabricou esteve enfermo de grandes febres vem desculpando-se da imperfeyçam da obra pera tam alta festa, e diz

Teniendo fiebre contina
aquestos dias passados
la muerte puesta a mis lados
diziendome, ayna, ayna
que tus dias son llegados.
Y tomado ansi entre puertas
me parecio que moria
y en despues de muerto veya
las hermosas que son muertas
que en este mundo leya. (*fl. 160*).
.....

---

[1] ANDRADA, *Chronica de D. João III*, part. I, fl. 112, col. 4; SOUSA, *Annaes de D. João III*, pág. 178.
[2] *Copilaçam das obras*, fl. 160.

Digitized by Google

Dende aquesta callentura
maldito el seso que yo tengo
y la obra con que vengo
es de tan alta dulçura
como yo creci por luengo.
Hize todo en Castellano
el spirito mio ausente
y pues la obra es doliente,
valgame el desseo sano
que estuvo siempre presente. (*fl. 160, col. 4*)

Esta declaração de Gil Vicente, além de confirmar a minha afirmação acima enunciada das obras dêle serem feitas sem larga preparação, vem também mostrar a razão por que o poeta, para poupar o seu espírito a maior fadiga, estando o corpo combalido da doença, incluiu nêste auto um longo trecho doutro, anteriormente composto e nunca representado na côrte, o *Auto da Festa* [1]. E tanto pretendeu Gil Vicente poupar o seu espírito a fadiga que, esquècido de haver no prólogo declarado compôr *todo en Castellano*, introduziu o tal longo trecho *todo em português*. Depois, quando por ordem de D. João III compilou as suas obras, se o chegou a fazer, não incluiu nelas o *Auto da Festa*, provàvelmente para não descobrir a ousadia de haver, em ocasião tão solene, apresentado como original um pedaço doutra obra mais antiga. Finalmente, volvidos anos, tratando Luís Vicente de mandar imprimir as obras do pai, ou não achou já o *Auto da Festa*, ou encontrou qualquer recomendação para êle se não juntar às mais obras. Também, só em tempos de preocupação de espírito proveniente de padecimento físico, se pode admitir que, para aproveitar trabalho já feito, chame Gil Vicente mosteiro ao templo de Apolo, como fez nos seguintes versos trasladados do *Auto da Festa* para a tragicomédia:

Quero ora cuspir primeyro
antes que entre no sagrado,
porque deve ser peccado
cuspir ninguem no mosteyro
quanto mais see ladrilhado. (*fl. 163, col. 3.*)

Quanto a haver sido composta posteriormente ao *Auto da Festa* a tragicomédia do *Templo de Apolo*, parece-me de fácil demonstração, bastando para o efeito transcrever e comparar alguns versos comuns às duas obras. Temos: no auto, *huma cebolla assada;* na tragicomédia, *huma cochina pellada;* — no auto, *si, logo ca entrais;* na comédia, *si, luego aca entrareis;* — no auto, *porem si, vos deixais;* na comédia, *porem si, vos leixareis;* — no auto, *e bem inda vos digo;* na comédia, *e bem ainda vos digo;* — no auto, *vir homem dalem de Bragança;* na comédia, *vir homem dalem de Braga;* — no auto, *e na Sé cortiçada;* na comédia, *e na see da Cortiçada;* etc. Além dêstes versos que aparecem errados, nem todos certamente por culpa do impressor, no *Auto da Festa* e certos no *Templo de Apolo*, temos no segundo mais os seguintes que para êle passaram aperfeiçoados do primeiro: auto, *sicais dirá que si;* comédia, *e quiçais dirá que si;* — auto, *e esta he minha voz;* comédia, *e esta he a minha voz.*

---

[1] Veja-se a *Explicação prévia* na edição do *Auto da Festa* de 1906, na nota de págs. 84 a 87 onde se imprimiram os dois textos a par.

Digitized by Google

Temos portanto no trecho seis versos errados no *Auto da Festa*, emendados no *Templo de Apolo;* temos mais dois versos daquele melhorados nêste. E note-se que, pelo menos em três dos do primeiro grupo e em um dos do segundo, não é possível atribuir o defeito a êrro da impressão. Bem sei que Gil Vicente nem sempre se preocupou muito com o metro dos seus versos, e a prova têmo-la nêste mesmo trecho, no qual ainda para o segundo auto passaram alguns versos errados; mas é também certo haverem alguns sido emendados e outros melhorados. Pôsto isto, quem poderá cuidar haver jámais algum autor reproduzido a sua obra deturpando-a e não melhorando-a? Ninguêm por certo.

E' o auto, ou tragicomédia, como o autor lhe chama, do *Templo de Apolo* uma das obras menos felizes de Gil Vicente. Em toda ela a lisonja predomina e reincide por forma a enojar. Todo Portugal estava prosternado ante o Imperador, como se dêle alguma vantagem pudesse esperar, estando regido por um imbecil. E' para notar contudo que os frades não escapam e, mesmo diante da sacra rial majestade e dos muito poderosos e católicos reis seus irmãos, Gil Vicente dirige áqueles êstes remoques pesados:

Y deviera de hazer
de azero los barones,
segun mis opiniones,
y de plata la muger
para hazella tostones.
Monjas podiessen bolar;
los monges d'estopa bella,
que en llegando la candela
os acabassen de quemar,
y luego fuego a su cela.
Y plantar todos los frayles
en la tierra que no es buena,
las coronas so ell'arena
las piernas azia los ayres,
como quien pumar ordena.
Y si no diessen limones
en mitad del arenal
a todo genero humanal
y prisigos a montones,
luego fuego y san Marçal.
Y en despues de hecho esto,
los clerigos devieron ser
de manteca por cozer,
y puestos al sol num cesto
esto fuera menester.
Por acortar la carrera
no quiero maas alargar.
Dios ha destar nel altar
y no andar mucho fuera
por la villa a negocear. (*fl. 161, cols. 1 e 2*)

No *Templo de Apolo* também são nomeadas, pelos seus próprios nomes, ou pelos cargos, algumas pessoas presentes: Diogo López de Siquera, doctor Bras Nieto, el Chanciller mayor, el Veedor, don Juan Perera, el Amo, el Secretareo, el Esmoler e Luis Texera. Algumas palavras de apresentação dêstes personagens aqui porei.

Diogo Lopes de Sequeira, do conselho e almotacé mor, alcaide mor do Alandroal em sucessão a seu pai, passara pela primeira vez à Índia em 1508, como capitão mor de uma armada encarregada de explorar a ilha de S. Lourenço (Ma-

Digitized by Google

dagascar), e pela segunda vez em 1518, como governador e capitão mor, exercendo o governo até 1522. Então voltou para o reino e serviu o ofício de almotacé mor até morrer, em 14 de Outubro de 1530, segundo o seu epitáfio na ermida de Nossa Senhora da Conceição do Alandroal. Havia sido capitão da Mina e de lá dirigiu, em 22 de Dezembro de 1523, uma carta a D. Manuel, na qual, queixando-se do procedimento do soberano para consigo, lhe diz, entre outras coisas : «o que tinha gastey em vosso serviço e ho que ganhar nom ho quero senõ pera vos servir [1] ». Nobres palavras que merecem ser conservadas e lembradas. Foi casado com D. Maria Freire, filha de Nuno Fernandes Freire, de Beja, e depois com D. Maria de Vilhena, que lhe sobreviveu e era filha de Rui Barreto, vedor da fazenda do Algarve.

O dr. Brás Neto, filho do dr. Pedro Gonçalves Neto [2], era então desembargador do paço e petições; em Março dêste mesmo ano de 1526, servia de chanceler mor [3]; e por carta de 6 de Fevereiro do ano seguinte foi nomeado para o conselho [4]. D. João III aproveitou as suas aptidões em missões diplomáticas, sendo a primeira em 1529 ao imperador Carlos V para assunto de mim ignorado e que não era certamente o tratado de Moluco, porque êste fôra assinado a 22 de Abril [5] e o dr. Brás Neto só foi enviado em Julho [6], havendo notícia de estar em Barcelona a 30 de Agosto, d'onde informava haver-se celebrado paz entre Carlos V e Francisco I [7]. É a paz de Cambrai assinada a 3 do mês. Talvez que de Barcelona seguisse para Roma, onde certamente já residia havia tempos em meado Julho do ano seguinte [8]. Junto da Cúria permaneceu até fins do ano de 1532, pois que só a 16 de Novembro dêsse ano foi expedido por Clemente VII um breve, recomendando a D. João III o seu embaixador Brás Neto que recolhia ao reino. Da embaixada foi o prémio o bispado de Santiago de Cabo Verde, no qual já estava confirmado em 21 de Janeiro de 1533, data da respectiva bula de comunicação a el Rei [9]. Restituido ao reino, continuou D. Brás Neto servindo no desembargo do paço e em 1534 foi nomeado executor da reforma da Ordem Seráfica[10]. Ainda tornou ao estrangeiro nomeado por provisão de 15 de Julho de 1537, juntamente com o desembargador Afonso Fernandes, comissário de Portugal no Tribunal das Presas, que se havia de reunir em Baiona com os delegados del Rei de França, para julgarem das tomadias feitas reciprocamente pelos corsários dos dois países. Parece não ter o Bispo de Santiago chegado a tomar posse do cargo por se ter dilatado a sua comparência em Baiona e estar já falecido em 9 de Fevereiro de 1538, data da momeação do seu substituto [11]. No bispado de

---

1 SOUSA VITERBO, *Trabalhos náuticos*, II. págs. 211 e segs.

2 Consta da carta de brasão de 28 de Novembro de 1534 dada a seu irmão Simão Neto (liv. 20.º de D. João III, fl. 80 v.). Ao dr. Brás Neto tambem havia sido concedida, em 12 de Setembro de 1515, carta de brasão das armas dos Netos de Salamanca (liv. 11.º de D. Manuel, fl. 124 v.).

3 *Arch. hist. port.*, IV, 468.

4 *Chancelaria de D. João III*, liv. 2.º de *Doações*, fl. 6.

5 SANTAREM, *Quadro elementar*, II, 66.

6 Desembargo de 13 de Julho de 1529 mandando entregar ao dr. Brás Neto, a quem ora envio por embaixador à côrte do Imperador, 500 cruzados em parte do seu ordenado (LOUSADA, *Sumários da Torre do Tombo*, II, fl. 226 mihi).

7 SANTARÉM, *Quadro elementar*, II, 67.

8 *Corpo diplomático portuguez*, II, 315.

9 *Ibidem*, págs. 411 e 415.

10 Fr. FERNANDO DA SOLEDADE, *Hist. seráfica*, 2.ª ed., part. IV, § 593.

11 GOMES DE CARVALHO, *D. João III e os Franceses*, pág. 92 a 97.

Digitized by Google

Cabo Verde foi confirmado D. João Parvi por bula de 23 de Setembro seguinte [1]. De Brás Neto existem várias cartas na colecção citada e para uma delas chamou a atenção o dr. Sousa Viterbo, num artigo àcêrca da reliquia do braço de S. Sebastião [2]. Na carta, datada de Roma a 21 de Junho de 1531, admira-se Brás Neto, com despreocupada candidez, da existência de tantos braços do mártir, em Milão, em Coimbra, e de tantas outras relíquias espalhadas por todo o orbe católico, idénticas em sítios diversos.

O Chanceler mor era o dr. João de Faria. Havia êle sido enviado a Castela em 1508, sôbre delimitações das conquistas de África [3], e a Roma em 1514, quando foi da grande embaixada de Tristão da Cunha, do qual foram acessores os doutores Diogo Pacheco e João de Faria [4]; tinha êste sido nomeado desembargador do paço e petições por carta de 3 de Dezembro de 1522, sendo já do conselho e desembargador dos agravos da Casa da Suplicação [5]; e finalmente fôra investido no alto cargo de chanceler mor do reino, por carta de 11 de Abril de 1525 [6]. No diploma declara D. João III tomar em muito especial consideração os serviços prestados «na embaixada em que o enviei por meu embaixador ao Emperador, de que se seguiu o meu casamento... no qual muito a meu prazer e contentamento me serviu». Tinha a sua casa em Santarêm, edificada num chão e terreiro, que D. João III lhe doara por alvará de 21 de Junho de 1525 passado em carta a 13 de Julho do ano seguinte, e era situado «onde soía antigamente ser a saída desta vila da porta de Leiria [7]». O dr. João de Faria ainda era vivo em fins de Novembro de 1527 [8], mas já tinha falecido em Janeiro de 1531, quando pelo seu sucessor, o dr. Alvaro Fernandes, cuja carta de nomeação não encontro registada, foi mandado livrar um diploma régio [9].

O Vedor, ou melhor, Veador era Rui Lopes. Tinha êle a alcunha do Pato [10] e pertencia a uma família de Beja muito dedicada aos parentes de D. Manuel. O pai do Veador chamou-se Rodrigo Afonso e fôra vedor da fazenda da infanta D. Beatriz e do conselho de seu filho; o irmão primogénito de Rui Lopes, João Afonso de Beja, era veador da casa do infante D. Luís e dirigira com outros em 1500 umas trovas à camisa debruada de veludo de D. Francisco de Castro [11]. Rui Lopes era veador da casa de D. João III desde os tempos em que D. Manuel

---

1 *Corpo diplomático portuguez*, III, 452.
2 *Arch. hist. port.*, I, 111.
3 GOES, *Chronica del Rei dom Emanuel*, part. II, cap. 30, fl. 50 v.
4 *Ibidem*, part. III, cap. 55, fl. 99 v.
5 *Chancelaria de D. João III*, liv. 47.º de *Doações*, fl. 120.
6 *Ibidem*, liv. 8.º de *Doações*, fl. 69.
7 *Ibidem*, liv. 36.º de *Doações*, fl. 127.
8 *Ibidem*, liv. 2.º de *Doações*, fl. 116 v., na carta de confirmação da renúncia da comenda de S. Nicolau de Carrazeda feita pelo doutor em seu filho Luís de Faria.
9 Carta de 23 de Janeiro de 1531 no liv. 9.º de *Doações de D. João III*, fl. 8.
10 Á alcunha dò *Pato* alude Gil Vicente na farsa do *Clérigo da Beira:*

Almeida) Do veedor he necessario
saber a planeta sua.
Pedreanes) Sua planeta he a lũa,
o sino he sagitario
com hũa frecha databua.
Tem folego como gato,
digo, vida perlõgada;
porem nam coma de *pato*
senam soo hũa talhada,
inda que custe barato. (*fl. 238, col. 2.*)

11 *Cancioneiro geral*, fl. 181, col. 4.

Digitized by Google

nomeara os oficiaes dela, pelos anos de 1514 [1], e, se não existe registada a carta de nomeação, sabe-se contudo que lhe foi já mandada pagar a vestearia ordenada ao ofício e relativa aos anos de 1517 e 18 [2]. Quando Gil Vicente o menciona, já era do conselho, para que havia sido chamado por carta de 7 de Abril de 1524 [3], e casado, anteriormente a 1518 [4], com D. Caterina Freire, filha de Nuno Fernandes Freire e irmã da primeira mulher do almotacé mor Diogo Lopes de Sequeira, lá acima mencionado. Em 1528 já Rui Lopes era viúvo [5] e deverá ter falecido no ano de 1540, porque por carta de 13 de Maio de 1541 foi feita mercê do ofício de veador da casa a D. Francisco de Sousa e no diploma declara-se haver já tempo que êle servia o cargo antes do 1.º de Janeiro daquele ano [6]. Vê-se pois que o Veador mencionado por Gil Vicente em 1533 na *Romagem de Agravados* ainda era Rui Lopes.

D. João Pereira. — Existiram três contemporâneos: D. João Pereira, o Mulato, filho bastardo do 1.º Conde da Feira, foi poeta do *Cancioneiro* e morreu em 1523 [7]; D. João Pereira, o de Santarêm, filho do comendador mor D. Henrique Pereira, foi escrivão da puridade e chanceler do infante D. Luís e é o nomeado por Gil Vicente no *Templo de Apolo;* e D. João Pereira, o de Serpa, filho de D. Fernando Pereira, o Espelho, foi nomeado, por cartas de 26 e 30 de Março de 1527, do conselho e capitão de Goa [8] e por outra de 22 de Outubro de 1545, em satisfação dos serviços prestados no exercício da referida capitania, foram-lhe doadas as ilhas Brava, do Sal e de Santa Luzia do arquipélago de Cabo Verde, com os ilheos conjuntos [9]. Veio a falecer pouco antes de Março de 1572 [10].

Se D. João Pereira, o de Santarêm, como o seu homónimo o Mulato, não é nomeado no *Cancioneiro*, em compensação lá está sua mulher D. Felipa Henriques dando o mote, *com nadia my coraçon*, por Duarte de Brito glosado [11], sendo ela nêsses tempos donzela da rainha D. Leonor. Seu marido, D. João Pereira, com quem casaria num dos últimos seis ou sete anos do século XV, já em 1519 era do conselho e comendador do Pinheiro na Ordem de Cristo [12] e por carta de 25 de Abril de 1522 foram-lhe arbitrados cinqùenta mil reais de mantimento com os ofícios de escrivão da puridade e chanceler do infante D. Luís [13]. Morreu D. João Pereira num dos oito ou nove anos decorridos posteriormente ao de 1525 em que terminaram os acrescentamentos feitos ao *Somaryo* de Afonso Mexia [14].

O Amo era Bartolomeu de Paiva, a quem Francisco de Andrada na *Chronica de D. João III* se refere nêstes termos: « O primeyro leyte que o principe

---

1 ANDRADA, *Chronica de D. João III*, part. I, cap. 4, fl. 3 v.; SOUSA, *Annaes de D. João III*, pág. 12.

2 Mandado de 4 de Julho de 1520, por extracto nos *Sumários* de LOUSADA, III, fl. 105 v. mihi.

3 *Chancelaria de D. João III*, liv. 4.º de *Doações*, fl. 95.

4 *Chancelaria de D. Manuel*, liv. 9.º, fl. 69.

5 *Chancelaria de D. João III*, liv. 14.º de *Doações*, fl. 114 e 130.

6 *Ibidem*, liv. 31.º de *Doações*, fl. 121.

7 *Arch. hist. port.*, II, 203.

8 *Chancelaria de D. João III*, liv. 2.º de *Doações*, fl. 34 v. e liv. 30.º, fl. 80 v.

9 *Ibidem*, liv. 66.º de *Doações*, fl. 160.

10 *Ibidem*, liv. 25.º de *Doações*, fl. 25, na verba à margem.

11 *Cancioneiro geral*, fl. 43, col. 5.

12 *Chancelaria de D. João III*, liv. 51.º de *Doações*, fl. 120 v.

13 *Ibidem*, liv. 51.º de *Doações*, fl. 101.

14 *Arch. hist. port.*, vol. II, pág. 102, confirmado com o exposto na pág. 202.

Digitized by Google

tomou... foy de Britiz de Payva molher d'Alvaro da Costa... mas porque... por causa de hũa infirmidade que teve se lhe secara o leyte, pedio elle por mercê a elRey que desse a criação do Princepe a Felipa d'Abreu molher de Bertolameu de Payva seu cunhado, homem nobre e cidadão dos antigos de Lisboa, a qual mercê lhe elRey fez: e Felipa d'Abreu começou logo a dar o leite ao princepe, e o acabou de criar cõ cuidado, e diligencia que convinha: e desta boa criação se ouve elRey por tã bẽ servido que a ella e a seu marido fez por isso muytas mercês, antre as quais foy darlhe o officio de guarda roupa, e Veador das obras do reyno, e outras hõras para seus descendẽtes [1]». Confirmam os documentos êstes dizeres do cronista. Em 1514 já o Amo era cavaleiro e guarda roupa do Príncipe quando D. Manuel, por carta de 7 de Fevereiro, lhe fez doação de uma corte de terra de pão defronte do convento das Virtudes [2], antiga fundação do melancólico «rei Eduarte», da qual ainda se vêem uns tristes paredões, restos da igreja, à esquerda da linha férrea de norte e leste. Em 1520, por carta de 29 de Agosto, manda D. Manuel dar trinta mil reais de tença a Bartolomeu de Paiva, havendo respeito à «ocupação e cuidado que das obras dos moesteiros, em que as mandamos fazer», tem e leva [3]. Não se encontra a carta de nomeação, mas da que foi passada, em 9 de Março de 1536, a Pero Carvalho, seu sucessor, consta que o ofício era de provedor das obras de mosteiros, igrejas e hospitais mandadas fazer por determinação régia [4]. Pouco depois sucedeu na coroa D. João III que já em 1528 tinha chamado o Amo para o seu conselho [5] e por carta de 22 de Setembro lhe outorgou os privilégios de desembargador da Casa da Suplicação [6]. Várias outras mercês lhe fez das quais apenas apontarei duas, a de lhe confirmar, em 1522, a eleição que dêle fizeram para seu cônsul mor em Lisboa os mercadores sicilianos residentes no reino, e bem assim os «mercadores cezelianos, italianos e napolitanos» estantes na cidade de Cádiz [7]; e a de lhe quitar, por carta de 1 de Junho de 1531, o quarto das novidades da sua quinta, no reguengo de Algés, abaixo da ermida de Santa Caterina, junto da aldeia que se chama de Linha Pastor [8]. A 12 de Outubro de 1534 já era viúvo [9], e em princípios de Março de 1536 já tinha morrido [10].

O Secretário era António Carneiro, um dos nossos homens de Estado mais notáveis do século XVI. A sua biografia está ainda por escrever e aqui será apenas lugar próprio para dela deixar fugitivas notas.

António Carneiro, sobrinho de Vasco Carneiro, cidadão do Pôrto, exercia,

---

1 Part. I, cap. 2, fl. 2.

2 *Chancelaria de D. Manuel*, liv. 15, fl. 6.

3 *Chancelaria de D. Manuel*, liv. 39.º, fl. 91. — Revelando a interferência por êstes tempos de Bartolomeu de Paiva em algumas das obras ordenadas por D. Manuel, encontram-se várias cartas do Amo publicadas por SOUSA VITERBO no *Dicc. dos Architectos*, vol. II, págs. 284 e 290 a 294.

4 *Chancelaria de D. João III*, liv. 21.º de *Doações*, fl. 168 v.

5 Alvará de 21 de Abril de mercê de uma capela na Azinhaga (*Chancelaria de João III*, liv. 11.º de *Doações*, fl. 54 v.).

6 *Ibidem*, fl. 121.

7 *Ibidem*, liv. 51.º de *Doações*, fl. 82 v.; liv. 1.º, fl. 22; e liv. 47.º, fl. 120 v.

8 *Ibidem*, liv. 50.º de *Doações*, fl. 66.

9 Mandado de pagamento de tenças, incluindo a de Felipa de Abreu (LOUSADA, *Sumários da Torre do Tombo*, II, fl. 6 v. mihi.

10 Carta de 9 de Março, acima citada. Por outra de 20 foi feita mercê dos ofícios de camareiro e guarda roupa, vagos por falecimento de Bartolomeu de Paiva, a seu genro Manuel de Sampaio (*Chancelaria de D. João III*, liv. 21.º de *Doações*, fl. 70).

Digitized by Google

desde 1482 pelo menos, com vinte e tres anos de idade apenas, se os dizeres do seu epitáfio estão certos, o ofício de escrivão da câmara de D. João II, não tendo alcançado porêm carta de nomeação em forma senão a 4 de Fevereiro de 1490, aos trinta anos. A sua aptidão e talento eram todavia de tal ordem, que, apesar da sua pouca idade, mereceram completa confiança em negócios políticos a el Rei, como claramente o revela a relação dos livros e documentos, alguns bem particulares e importantes, entrègues pelo Escrivão da câmara por ordem de D. João II, em 22 e 29 de Setembro de 1491, em Alenquer, para onde foi desterrado, quando caiu no desagrado do soberano [1]. Deu origem ao facto, segundo anda contado, o casamento a furto, como então se dizia, de António Carneiro com Beatriz da Alcáçova, filha de Pero da Alcáçova, cavaleiro muito do valimento de D. João II e seu escrivão da fazenda, com tão ampla alçada, que el Rei no seu testamento declara dela ter êle tido o principal cargo. Acrescenta-se, e esta segunda parte parece-me inventada *après coup*, haverem os noivos sido desterrados para a ilha do Príncipe, da qual António Carneiro veio posteriormente a ser donatário. Se Beatriz da Alcáçova era donzela da raínha D. Leonor, como se afirma, e o casamento clandestino teve lugar no paço, explica-se bem a cólera de D. João II; mas não creio que ela provocasse a aplicação de tão duro castigo e até me inclino a acreditar num perdão relativamente rápido. No preâmbulo da carta de doação da ilha do Príncipe declara D. Manuel lembrar-se «do muito serviço que António Carneiro, cavaleiro de nossa casa e escrivão da nossa câmara, fez a elrei D. João, e como das cousas em que o encarregou, lhe deu de si sempre mui boa conta e recado, polo qual *sabemos que o dito senhor tinha vontade de lhe fazer mercê e acrecentamento*» [2]. Destas palavras deverá depreender-se ter chegado D. João II a perdoar a António Carneiro e provàvelmente a restituí-lo ao seu ofício de escrivão da câmara, pois que investido nêle se encontra em um alvará de 17 de Junho de 1496 [3], oito meses apenas depois da morte do Príncipe Perfeito, espaço talvez curto para a notícia do passamento chegar à ilha do Príncipe e de lá voltar o desterrado, se lá estivesse. D. Manuel, por seis cartas de Março e Abril de 1500, fez mercê a António Carneiro da capitania da ilha do Príncipe para êle e descendentes, com dispensa da Lei Mental, com a propriedade dos moinhos, serras de água, fornos de pão, terras da ilha, etc., com toda a jurisdição cível e crime, reservando sòmente morte de homem e talhamento de membro, os quais dois únicos casos reservados demite de si, em quanto fôr sua mercê, em António Carneiro, fazendo todos os feitos fim nêle, pois os seus ouvidores os julgarão sem apelação nem agravo; dá-lhe mais, também para descendentes, como a capitania, a alcaidaria mor da ilha, com a menagem das fortalezas a el Rei; concede-lhe por dez anos o resgate da pimenta, malagueta e toda a especiaria nos rios de Guiné; e finalmente outorga vários privilégios, isenções e liberdades aos povoadores da ilha, aos quais dá ainda quitação da dizima e portagem de todas as mercadorias enviadas para o reino [4]. Depois destas largas mercês, entre as quais a da concessão especial de todas as jurisdições sem reserva é realmente notável e prova bem a confiança de D. Manuel no seu Es-

---

1 *Crítica e historia*, cit., pág 294.
2 *Chancelaria de D. Manuel*, liv. 21.º, fl. 18 v.
3 *Arch. hist. port.*, III, 298.
4 *Chancelaria de D. Manuel*, liv. 21.º, fls. 18 v. e 19.

Digitized by Google

crivão da câmara, nomeou-o êle seu secretário por carta de 16 de Abril de 1509 [1]. D'então por diante foi António Carneiro o ministro de confiança do soberano. Todos os negócios de importância eram por êle tratados; nos registos da Chancelaria os diplomas de maior circunstância vê-se que foram escritos por êle; nas colecções do *Corpo Cronológico*, das *Cartas missivas* e das *Gavetas*, na Tôrre do Tombo, encontram-se centenas de documentos, alvarás, minutas de cartas patentes e de instruções a embaixadores, cartas missivas, etc., tudo da letra do Secretário. Na ante véspera da morte chamou-o D. Manuel, fechou-se com êle na câmara e ditou-lhe o seu codicilo, no qual, sem o nomear, deixa recomendado ao filho que se continui a servir dêle. D. João III seguiu a indicação paterna, mas António Carneiro, talvez cansado, impetrou del Rei a carta de 15 de Janeiro de 1522 pela qual seu filho primogénito, Francisco Carneiro, foi nomeado secretário [2]; parece porêm ter êle tido mais propensão para as armas [3] do que para o govêrno, e d'aí resultou agregar-lhe o pai, para os negócios da Índia, seu outro filho Pero da Alcáçova Carneiro, nomeado por carta de 16 de Março de 1530 [4], encontrando-se durante o resto da vida do progenitor diplomas indiferentemente escritos pelos dois irmãos. António Carneiro morreu a 3 de Abril de 1545, com oitenta e seis anos [5], ficando d'então por diante exercendo só o cargo de secretário Pero da Alcáçova Carneiro, que também foi notável ministro.

O esmoler era Marcos Esteves, capelão del Rei, que neste mesmo ano de 1526, por carta de 30 de Agosto, o apresentou na igreja da Madalena da Matança, do bispado de Viseu [6], onde já comia os réditos da igreja de Santa Olaia (Eulália) de Bèsteiros, por carta de apresentação de D. Manuel de 25 de Janeiro de 1511 [7]. E mais nada sei dêle, ao certo, pois não posso afirmar que êle fosse o mesmo Marcos Esteves, capelão del Rei e provedor mor dos hospitais, capelas, etc. de Lisboa e seu têrmo nomeado em escrituras de 1518 [8]. No *Clérigo da Beira* o tornaremos a encontrar.

Luís Teixeira, também em documentos chamado Luís Teixeira Lobo, era filho do dr. João Teixeira, chanceler mor; sucedera ao pai, por carta de 19 de Março de 1493, em uns casais e herdades do Chouto, no têrmo de Santarêm [9]; e fôra mestre de D. João III, como consta de uma carta de 11 de Fevereiro de 1520 pela qual D. Manuel lhe fizera mercê de trinta mil reais de tença, «havendo respeito a ler ao Principe [10].» O seu antigo discípulo nomeou-o do desembargo do paço e petições, por carta de 12 de Abril de 1525, e do conselho, por outra de 13 de Fevereiro de 1527 [11]. Estudara Luís Teixeira Lobo jurisprudência em Itália com o famoso Angelo Policiano, e veio a ser um afamado jurisconsulto elogiado públicamente por André de Rèsende na *Oratio pro rostris* recitada na Universidade

---

1 FRANCISCO MANUEL TRIGOSO DE ARAGÃO MORATO, *Memoria sobre os Secretários dos Reis e Regentes de Portugal*, na HIST. E MEMS. DA ACADEMIA R. DAS SCIENCIAS DE LISBOA, 2.ª série, tom. I, part. I, pág. 41.

2 *Chancelaria de D. João III*, liv. 51.º de *Doações*, fl. 32 v.

3 GOES, *Chronica de dom Emanuel*, part. IV, cap. 23, fl. 28, col. 4.

4 *Chancelaria de D. João III*, liv. 42.º de *Doações*, fl. 97, e liv. 52.º fl. 58.

5 SOUSA, *Memorias dos grandes*, pág. 392.

6 *Chancelaria de D. João III*, liv. 12.º de *Doações*, fl. 99.

7 *Chancelaria de D. Manuel*, liv. 41.º, fl. 1.

8 *Chancelaria de D. João III*, liv. 3.º de *Doações*, fl. 144 v.

9 Carta transcrita na de confirmação, de 23 de Fevereiro de 1529 (*Chancelaria de D. João III*, liv. 37.º de *Doações*, fl. 67).

10 Transcrita na de confirmação, de 20 de Fevereiro de 1524 (*Ibidem.*)

11 *Ibidem*, liv. 8.º de *Doações*, fl. 69 v. e liv. 2.º, fl. 9.

Digitized by Google

de Lisboa no dia 1 de Outubro de 1534, não só naquela qualidade, mas também por muito versado nas línguas grega e latina[1]. Nas notas biográficas do dr. Luís Teixeira Lobo, lançadas por Diogo Barbosa Machado na sua *Bibliotheca Lusitana*, escapou um engano que convêm emendar: Luís Teixeira não foi chanceler mor, pois não passou do desembargo do paço e petições, pelo menos nenhuns vestígios encontro nos documentos dêle haver exercido o outro cargo, se alguma vez o desempenhou, foi interinamente. Era já falecido em 18 de junho de 1533, data da carta pela qual D. João III fez mercê a sua viúva, D. Caterina Leitoa, dos tais casais e herdades do Chouto[2]. Um mês depois era dada uma tença de vinte mil reais a seu filho Rafael Lobo, moço fidalgo[3].

E mais ninguem nomeia Gil Vicente na tragicomédia.

Representado a 20 de Janeiro de 1526 o auto do *Templo de Apolo*, poucos dias depois, na terça feira 30, partiu a Imperatriz de Almeirim acompanhada até à raia pelos infantes D. Luís e D. Fernando e daí por diante pelo marquês de Vila Real, D. Pedro de Meneses, expressamente enviado por D. João III para atender a sua irmã. Levava o Marquês «famoso acompanhamento de criados e gente de pé e de cavallo, e ricas librés; quarenta azemalas de sua recamara, com reposteiros quarteados de branco e preto e bordados, e no meo a sua divisa do Aleo; e a da sua cama com reposteiro de velludo carmesi com bandas de tela d'ouro; vinte e quatro alabardeyros vestidos de suas cores, e vinte e quatro moços da camara a cavallo[4]».

Do Marquês existem sete cartas dirigidas a D. João III e uma ao secretário António Carneiro, desde 4 de Fevereiro até 6 de Abril[5], sem maior interêsse algumas delas. De Monforte é datada a primeira carta. Aparece muita gente para ver e saudar a Imperatriz; de mantimento houve sempre muito boa provisão, e até na Ponte de Sôr não faltaram bons vinhos «o que cuydo nõ desaprouve a Laxao», La Chaulx, o embaixador de Carlos V com quem D. Isabel casara por procuração, e a acompanhava na viagem. Na terça feira seguinte, 6 de Fevereiro, devia a Imperatriz ir dormir a Badajoz, com o que não está muito concorde a data de 14 de Fevereiro assinalada por Fr. Luís de Sousa para a entrega daquela senhora no Caia[6]. De Llerena, a 22 de Fevereiro, é datada a segunda carta. Em Almendralejo, lugar do mestrado de Santiago, houve festa,

---

1 *Arch. hist. port.*, IX, 273.

2 *Chancelaria de D. João III*, liv. 19.º de *Doações*, fl. 123. — Por êste doc. consta ter-se chamado Leitoa e não Perestrelo a mulher do dr. Luís Teixeira, apesar de com aquele apelido ela ser designada nas genealogias e até na *Bib. lusitana*.

3 *Chancelaria de D. João III*, liv. 19.º, fl. 123 v.

4 Fr. Luís de Sousa, *Annaes de dom João III*, pág. 179.

5 Tôrre do Tombo, *Corpo cronológico*, part. I, mac. 31, docs. 148 e 154; mac. 33, doc. 102; mac. 32, doc. 9; mac. 34, docs. 58 e 10; mac. 32, docs. 22 e 25. — Como se vê estas cartas estão na cit. colecção quási todas fora da ordem cronológica, por a pessoa que lhes escreveu os sumários não ter entendido as datas e supôr estar escrito 152b (1525) e não 1526, como se fosse crível misturarem-se no mesmo número algarismos romanos e arábicos. Com as datas erradas ficaram apontadas algumas das cartas no *Quadro elementar* de Santarêm, II, pág. 47, onde se deve emendar duas vezes 1525 para 1526; pág. 48 com o mesmo êrro uma vez; pág. 49, idem duas vezes; e pág. 54, lendo Março em vez de Maio. Nesta mesma página há a notar que o Visconde de Santarêm se enganou, supondo serem as primeiras cartas do marquês D. Fernando, quando são todas do marquês D. Pedro, pois que o pai estava certamente morto em Novembro de 1524 (*Brasões de Cintra*, II, 442). No tom. IV das *Obras do Cardeal Saraiva*, pág. 406, n.os 148 e 154, também aparecem indicadas duas das cartas do Marquês com as datas erradas.

6 *Annaes de D. João III*, pág. 179.

Digitized by Google

«nõ muito pera contar, porque nõ era mais que dous meninos do lugar cõ camisas vestidas sob los pelotes, que pareciam mais da Misericordia que da festa, e bradavam: Biva el Emperador y la Emperatriz». Depois são questões de etiqueta e formalidades, com os Castelhanos da comitiva da Imperatriz, dos quais cinco eram embaixadores, dominando sôbre tudo as apreensões pela demora imposta pelo Imperador à jornada, os sucessivos adiamentos da sua comparência e até a incerteza do lugar onde a ceremónia do casamento se celebraria. O que levou o Marquês a dizer a um dos tais embaixadores, que se fôra do conselho do Imperador lhe dissera, que a Imperatriz era sua mulher, que os negócios seus, dêle, também eram dela, que não viera para lhos estorvar, senão para cuidar nêles «com o muito siso que lhe Deus dera e com o muito dinheiro que lhe vós déreis». O Marquês parecia ignorar que nêste comenos Carlos v acompanhava Francisco I de França de Madrid, onde estivera preso, a Torrejon, onde a 19 de Fevereiro casara com a viúva de D. Manuel, pôsto que já lhe haviam chegado vagas notícias de tal facto se haver realizado. Por fim entrou D. Isabel em Sevilha, onde Carlos v veio ter com ela e o casamento celebrou-se por palavras de presente a 11 de Março de 1526 [1], um domingo.

Realizada a ceremónia e dada audiência pelo Imperador a Vila Rial, escreveu este, a 17 de Março, duas cartas muito interessantes, uma para D. João III, outra para o Secretário. Na primeira declara o Marquês que Carlos v «lhe dissera este domingo, que à segunda feira» lhe falaria; o domingo não pode ter sido senão o próprio dia do casamento, e portanto a segunda feira foi o dia 12 de Março. Extratarei algumas notas desta entrevista.

Ás três horas mandou Carlos v o Duque de Bejar, acompanhado de La Chaulx e do Bispo da Canária, às pousadas do Marquês a fim de o acompanharem a êle e a Rui Teles, mordomo mor e governador que fôra da casa da Imperatriz desde a morte de sua mãe até ao seu casamento, e a António de Azevedo Coutinho, embaixador ordinário de D. João III, até ao paço, onde chegaram já tarde por a distância ser larga e a afluência de gente nas ruas muita. Esperaram um pouco pelo Imperador que à entrada, depois de saudar o Marquês e receber dêle uma carta del Rei, se encostou no vão de uma janela. Lida a carta, mandou despejar a sala, trazer cadeiras, sentando-se êle numa de espaldas e os Portugueses em três rasas de veludo, e pôr velas, « porque era já noite, as quais vieram duas em dois castiçais de prata, de uma feição que parecem de estanho, e foram postas em uma mesa aberta, com um bancal de pano verde. E deste modo de sua casa e da pobreza dos aparelhos dela há tanto que dizer, que isto, com outras muitas cousas, guardo eu para por mim o contar a V. A. [2] »

Após várias banalidades sôbre a nova aliança contraída entre as duas famílias, tendo Vila Rial metido as palavras necessárias para a fala « durar o espaço que me pareceu conveniente», calou-se e largou a voz ao Imperador. « Êle me quis responder em forma, e parece-me ainda que quis mostrar-me, que o sabia fazer. E porêm eu tenho bem visto nêle tudo o que me êle quer mostrar e por ventura o que me não quer mostrar». Continuaram as cortesias de parte a parte, mostrando-se Carlos v tão satisfeito, «agora depois de vista a pessoa da Imperatriz», que confessava dever muito mais a S. A. de Portugal do que sus-

---

[1] GACHARD, *Charles Quint*, na BIOGRAPHIE NATIONALE DE BELGIQUE, vol. III, col. 550.

[2] *Corpo cronológico*, part. I, mac. 83, doc. 9. Advertirei que me não cingi à grafia do original, o que já fiz e continuarei a fazer nas transcrições das cartas de Vila Rial.

Digitized by Google

peitava e lhe prometia verdadeira e inalterável amizade. Aproveitou o Embaixador esta nota para tocar nas coisas relativas a D. Isabel de cá muito encomendadas, e a todas o Imperador prometeu satisfazer, pedindo, afim de se não esquecer de nenhuma, lhe fossem todas lembradas por escrito.

Seguiu-se na palavra António de Azevedo, queixando-se do sucedido a umas naus, «que se perderam vindo de Flandres», ao que o Imperador, depois de duvidar um pouco do facto, declarou não saber «se havia alguns costumes naqueles portos». Não se fica entendendo, mas percebe-se que alguma tomadia ou arresto de navios portugueses haviam feito súbditos de Carlos v. O Marquês assistia calado; «porêm, quando vi isto, escandalizou-me dentro em mim ver que, havendo tão pouco que falara tantas amizades, tornara a duvidar em tão pouca cousa», e disse-lhe: «Que nas cousas, que a V. A. tocassem, não se havia de esguardar costumes, quanto mais que se algum costume aí havia per que tomassem o seu a seu dono, que S. A. não me parecia que tinha muita obrigação de o guardar». Vila Rial disse isto sorrindo e sorrindo lhe respondeu o Imperador, que tinha razão. Provávelmente nada fez a favor dos súbditos de seu cunhado, como de costume, pois que só por êles se interessou deveras quando se tratou de os obsequiar com o estabelecimento da Inquisição. D. João III, «sem o auxílio de Carlos v não teria obtido triunfo tão decisivo», como foi a bula de 23 de Maio de 1536, estabelecendo definitivamente o Tribunal da Fé [1].

Estava o Marquês impaciente pelo regresso à sua casa, como se vê da sua outra carta do mesmo dia ao Secretário: «Se me lá desejais, já d'agora pera diante é tempo, porque já a Imperatriz dorme cada noite com seu marido em braços, e estão mui namorados e mui contentes». Na sua ida não fala, pois que, quando o mandam servir, não pensa em si. Quanto «às novas de cá todas quero encerrar nesta: que depois que vi Castela, folgo mais de ser Português [2]».

Doutras cartas de Vila Rial trechos haveria interessantes a aproveitar, mas, francamente, já demais me tenho demorado com êste episódio, pôsto que bem notável seja; não obstante, como culpa confessada está meio perdoada, ainda irei buscar mais umas notas à última carta do Marquês, escrita já no caminho para Portugal, em Castilblanco, a 6 de Abril.

«No derradeiro dia da minha estada em Sevilha fiz a V. A. mais serviço que em toda a outra jornada junta, porque toda a jornada eram os trabalhos dela com muito gôsto, porque era servir V. A., e isto que digo foi com muito desgôsto, que foi aceitar mercê ao Imperador, que se mostrou nisso tão mau homem de paço como contarei a V. A.». Afirmaram-lhe porêm que, se não aceitasse, Carlos v só de D. João III ficaria escandalizado, pois que só a instruções suas atribuiria a recusa. «Como vi que isto entrava em tocar em vosso serviço, esqueci-me de minha honra e quis-me fazer do número dos que folgam mais com dádivas que eu; ainda que a pouquidade desta é a milhor cousa que nela houve. Mandou-me uma copa de ouro, que dizem êles a Fernand'Alvares, que mo disse, que pesa mil e tantos cruzados; não me afirmo serão mil e seiscentos, se mil e oitocentos; e uma fonte grande de prata que terá catorze ou quinze marcos, dourada e de bastiães; e na copa e na fonte vinham seis mil cruzados. As palavras foram, que aquilo tomasse dêle como de irmão de V. A., e como de quem tão meu parente e tão meu amigo era, que se estas cousas lhe não deram atrevimento,

---

1 ALEX. HERCULANO, *Hist. da Inquisição*, II, 174.
2 *Corpo cronológico*, part. I, mac. 34, doc. 58.

Digitized by Google

que êle se correra de me mandar tão pouco a quem tanto merecia. Eu, como determinei de o aceitar, por me parecer e ver que compria assim a vosso serviço, quis ser na reposta milhor homem de paço do que êle quis comigo ser. À saída de Sevilha mandou vir muitos pera mim. O Duque de Alva e o de Bejar me levaram no meio, e diante ia o Duque de Arcos, o Marquês de Vila Franca, muitos outros homens de título e muita gente que com êles vinha, e todos ess'outros Castelhanos de conto que aqui há. E creia V. A. que se vira, assi êste dia como todos os outros que eu cavalgara, os louvores que diziam os velhos de Sevilha de V. A. e de Portugal, na metade da barba dos Castelhanos, que vira V. A. quanto mais amado sois cá que o Imperador, que o é bem pouco. Eu parti de Sevilha à quinta feira... [1]».

Tornemos a Gil Vicente.

Chegamos a um período durante o qual a actividade literária do nosso poeta teve uma expansão prodigiosa. A *Farsa das Ciganas* e o *Dom Duardos* foram representados em 1525; no ano seguinte foi o *Templo de Apolo;* e num daqueles dois anos o *Juiz da Beira*, tudo peças a que já me referi. Em 1527 representou em Lisboa a *Nau de Amores* e em Coimbra a *Farsa dos Almocreves* e as comédias da *Divisa da cidade de Coímbra* e da *Serra da Estrêla.* Ainda nêste ano compôs em Almeirim o *Vilancete a D. João III*, e em 1528, em Lisboa, coube a vez ao *Auto da Feira*, o qual, se não é dêste ano, é do seguinte. Durante êste período, em 1526 ou 1528, levou ao tablado em Almeirim a *História de Deus* e o *Diálogo sôbre a Ressurreição.* Finalmente, em 1529, o *Triunfo do inverno* e o *Clérigo da Beira*, ambos em Lisboa. Isto é: em cinco anos catorze produções dramáticas e umas trovas, algumas das primeiras extensas e complicadas. Ainda assim notarei que parte destas datas estão averiguadas, mas que noutras tive de admitir as indicações das rúbricas, nem sempre seguras. Segundo estas, foi a *Farsa dos Almocreves* representada em Coímbra a D. João III em 1526, mas tal não pode ser, porque êle só no ano seguinte esteve naquela cidade; e o *Clérigo da Beira* no mesmo ano em Almeirim, o que não é igualmente exacto, como logo mostrarei.

Sumário da historia de Deus.

Também, conforme as rúbricas, o auto intitulado *Breve sumário da história de Deus* foi representado a D. João III e rainha D. Caterina «em Almeirim, na era do Senhor de 1527»; dá-se porêm o caso dos soberanos só terem estado no referido ano naquela vila de princípios de Maio a princípios de Julho [2], não tendo portanto lá passado as Endoenças, festa em que, manifestamente, o auto foi representado. Pôsto isto, e aceitando a indicação do lugar apresentada na rúbrica como verdadeira, tenho de marcar um dos anos de 1526 ou de 1528 para a representação do drama, por serem aqueles os únicos dois posteriores ao casamento de D. João III e anteriores ao de 1536, nos quais a côrte passou a Páscoa na vila ribatejana [3]. Tanto no *Sumário da história de Deus*, como no *Diálogo sôbre a Ressurreição*, espécie de complemento do primeiro, se nota a influência francesa, encontrando-se muitos pontos de semelhança entre aqueles autos portugeses e alguns dos *mystères* representados em França no século XV [4].

Diálogo sôbre a Ressurreição.

---

[1] *Corpo cronológico*, part. I, mac. 32, doc. 25, amodernizado na ortografia e na pontuação.

[2] *Corpo cronológico*, passim.

[3] *Corpo cronológico*, passim.

[4] T. Braga, *Gil Vicente e as origens do theatro*, pág. 304 e segs.

Digitized by Google

Transcreverei aqui as rúbricas dos dois autos. A do *Sumário* diz: «Ho auto que se segue he intitulado breve sumario da historia de Deos. Foy representado ao muyto alto e muyto poderoso Rey dom Ioam o .III. deste nome em Portugal, e â serenissima e muito esclarecida Raynha D. Caterina em Almeyrim. Na era do Senhor de .1527. Entra hum Anjo, e a modo de argumẽto diz o seguinte introito [1].» A do *Diálogo*: «Diálogo de hũs tres judeus e dous centurios sobre a Resorreyção de Christo nosso Redemptor, e os nomes delles, rabi Levi, rabi Samuel, dous Centurios e rabi Aroz. Entra primeyro rabi Levi... [2].» E nêste sumário não há mais indicação nenhuma.

Tendo recrudescido a peste por forma assustadora, nos primeiros dias do ano de 1523

por minha mofina se foy vossa alteza (*fl. 145, v.*)

de Lisboa e por longe se manteve durante longos quatro anos, até que, apresentando-se no inverno de 1526 para 1527 as condições de salubridade da cidade na aparência muito regulares, D. João III resolveu trazer a ela sua mulher e em entrada festiva apresentá-la aos seus vassalos da capital. Á vista dela, em Alcochete, poisava a côrte desde o precedente mês de Setembro; mas, ou por o estado higiénico da cidade ainda não ser satisfatório, ou para dar tempo a se concluirem os preparativos para os festejos da entrada da Raínha, o caso é que só em fins de Janeiro, principios de Fevereiro, encontro vestígios claros da presença da côrte em Lisboa. Aqui permaneceu apenas até à primeira década de Abril, pois que já a 15 do mês, fugindo ante um recrudescimento da peste, havia de novo transposto o Tejo e pelo Lavradio e Benavente permaneceu uns dias, até que a 9 de Maio já outra vez se encontrava em Almeirim [3]. Teve portanto lugar a entrada solene de D. Caterina na pátria de seu marido nos últimos dias de Janeiro de 1527, como aliás indirectamente é afirmado no próprio auto então representado por Gil Vicente, quando põe na bôca da cidade de Lisboa êstes dois versos, entre outros da sua saudação aos soberanos:

que tam lindas flores vieram por Mayo
que entam minhas festas poseram desmayo. (*fl. 146.*)

As flores eram os régios consortes.

Nau de Amores.

À peça composta para esta solenidade deu Gil Vicente o título de *Nau de Amores*, segundo é declarado na rúbrica onde se lê: «A Tragicomedia seguinte he chamada Nao damores. Representouse ao muyto poderoso Rey dom Ioam o terceyro aa entrada da esclarecida e muy catholica Raynha dona Caterina nossa Senhora, em a cidade de Lixboa. Era de M. D. XXVII.» Do entrecho dá aproximadamente idea o segundo parágrafo da rúbrica. Diz êle: «Primeyramente [entra] hũa princesa em figura da Cidade de Lixboa, que estando fazendo hũa fala a elRey e aa Raynha, entra hum page de hum Principe de Normandia com hum recado a ella, e depois entra o mesmo Principe com quatro fidalgos seus, os quaes carafetam a Nao damores, entra o Deos damor que ha dir por capitam da Nao. Por passageyros entram, hum frade doudo, e hum pastor Castellano, e hum negro de beni, e hum velho, e dous fidalgos Portu-

---

[1] *Copilaçam das obras*, fl. 61.
[2] *Ibidem*, fl. 75.
[3] *Corpo cronológico*, passim.

Digitized by Google

gueses, e hum parvo, e entrou logo a cidade com grande aparato de musica, e diz fazendo sua fala[1].»

Oo alto e poderoso em grande grandeza
meu Rey precioso per graça divina,
de mi apartado por eu nam ser dina,
por minha mofina se foy vossa alteza.
Venhais em tal ponto, em tal dia, em tal hora,
como aquella em que Deos incriado,
criou todo mundo tam bem acabado
como seraa e foy atee agora. (*fl. 145 v.*)

Continua na sua oração, aludindo, quási no fim dela, ao terrível flagelo, de que tanta vez a cidade era vítima nêsses tempos:

ainda que peste me dee muyta guerra. (*fl. 146.*)

Termina porêm por ter de ir falar ao Príncipe de Normandia, a quem aprasara para encontro o chafariz del Rei, ou a tôrre da Varanda, ou o cais da Madeira. Vinha êle pedir à Cidade a nau da sua divisa afim de com ela ir cobrar a Lúcida Fama, donzela por quem se apaixonara e que habitava uma ilha solitária de muito perigoso acesso. Não lhe pode a Cidade dar a sua nau, a qual

val mais que todo Paris, (*fl. 147, col. 1.*)

não por isso, mas por ser de S. Vicente; concede-lhe porêm licença para na Ribeira construir uma nau de amores. Então, «foy posta no serão onde se esta obra representou, hũa Nao da grandura de hum batel aparelhada de todo o necessario pera navegar, e os fidalgos do Principe tirárão suas capas e ficaram em calções e gibões de borcado como carafates: os quaes começão a carafetar a Nao com escoparos e maçanetas douradas que para isso levávão ao som desta cantiga.

Muy serena estaa la mar,
a los remos, remadores,
esta és la nave damores.
..... (*fl. 147, col. 4.*)

Apregoa-se que quem quiser ventura ter junto de suas damas, deverá embarcar na Nau de Amores, da qual Cupido é patrão e capitão mor. Apresenta-se um frade doido, um pastor castelhano, um negro de Beni, um velho e por fim dois fidalgos portugueses, sempre infelizes com as suas belas, travando-se entre êles êste diálogo:

.....
Prim.º fid.º) Sabeis, senhor, que eu asselo?[2]
que sam assi sem ventura
como Manoel de Melo,[3]
que em amores sempre atura
sem ventura nunca velo.

---

[1] *Copilaçam das obras*, fl. 145.

[2] Asselo. «Asseguro, confirmo (*Obras de Gil Vicente*, ed. do dr. Mendes dos Remédios, *Glossário*).

[3] Manuel de Melo era filho terceiro de Jorge de Melo, anadel mor dos bèsteiros, senhor e capitão da praça de Mazagão onde morrera às mãos dos Moiros em 1505, e de sua

Digitized by Google

Seg.º fid.º) Sabeis quem eu sam tambem
em ser ditoso em amores?
Simam de Sousa do Sem,[3]
que a todas mostra dores
e nam lhas cura ninguem.
Prim.º fid.º) Sabeis quem he dessa clima
desses de vós e de mi?
Seg.º fid.º) Quem?
Prim.º fid.º) Dõ Fernando de Lima,[4]
porque, se arma a rede aqui,
saltam lhe os peyxes per cima.
Seg.º fid.º) Fernam Soares[5] tambem,
yrmão do Porteyro[6] mor,
quanto mayor amor tem
mais pequeno he o favor,
que elle espera de ninguem.
Prim.º fid.º Vedes vós o mesmo yrmão
traz demanda em Villanova
e elle pede razam;
mas quando vier aa prova,
nam lhe vejo concrusam.
Seg.º fid.º Dom Jorge[7] fora ditoso,
mas casou temporão;
tem o pescoço ayroso
e tem de sua nação
fala de moço mimoso.
Prim.º fid.º) O conde do Redondo[8] assi,
se nam fora tam casado,
fora o mais sancto alfaqui[9]
no templo damor sagrado,
que em Portugal nunca vi.
(*fl. 150, col. 2 e 3*).

Entram os fidalgos para a nau e chega um parvo, dizendo:

Dom Francisco Lobo diz...
nam sey, esta seri'ella?
ja sey, diz que a Emperatriz
lhe levou pera Castella...
nam sey... será Breatiz?
Nome de molher er'ella;
e elle querialhe bem,
e elle samicas nam na tem,
e ella samicas jaa
teraa la querença alguem. (*fl. 150, col. 4.*)

---

mulher D. Branca Coutinha, aquela a quem o príncipe D. Afonso galanteara, sendo ainda ambos crianças, caso registado no *Cancioneiro* (Cfr. *Crítica e historia*, cit., pág. 146 a 148). Era Manuel de Melo designado nos docs. por Manuel de Melo Coutinho para o diferençarem de seu cunhado que foi monteiro mor e doutro Manuel de Melo, de Tavira. Em 1527 apresentanos Gil Vicente Manuel de Melo como homem infeliz em amores; a sorte porêm depressa lhe sorriu, pois que em Março de 1529 estava concertado de casar com D. Maria de Mendoça, filha de Jorge de Melo, monteiro mor (liv. 17 de *Doações de D. João III*, fl. 53) e donzela que fôra da rainha D. Leonor de Áustria (*Sumários* de LOUSADA, II, 239 v.). Foi Manuel de Melo veador da princesa das Astúrias D. Maria, a quem acompanhou em 1543 quando partiu para Castela (*Arch. hist. port.* I, 133) e lá tornou por embaixador em 1555-56, recebendo, em prémio dos seus serviços então, uma tença de 160:000 rs. (liv. 7 de *Doações de D. Sebastião*, fl. 62). Ainda vivia em 1567 (*ibi.*, liv. 18.º, fl. 526) e tinha sido feito do conselho em 1551 (*Privilégios de D. João III*, liv. 4, fl. 163 v.).

Digitized by Google

A êste passo já me referi, deixando apenas afirmado não ser esta D. Beatriz a mesma D. Beatriz de Sá, a quem Gil Vicente já mencionou no auto do *Velho da horta*, porque D. Beatriz de Sá, quando em 1526 partiu para Castela

---

[3] Antonio do Sem, senhor da casa dos Sens (sôbre a etimologia dêste apelido veja-se o liv. 2.º dos *Brasões de Cintra*, págs. 114 e 115) e do conselho de Afonso v, João II e D. Manuel, casou pouco antes de Abril de 1468 com D. Felipa de Sousa, donzela da casa da raínha D. Isabel e filha de Rui de Sousa, senhor de Sagres. Dêste casamento nasceram, além de raparigas, Pero do Sem, Simão de Sousa e Álvaro Fernandes de Almeida, que todos três foram poetas do *Cancioneiro*. Simão, aquele a quem Gil Vicente aqui se refere, encontro com três nomes diversos em diplomas e memórias contemporâneas: Simão de Sousa, em cartas de 1500, 1505, 1514 e 1522, em 1512 no *Velho da horta* de Gil Vicente, em 1516 no *Cancioneiro* de Rèsende e em 1523 no *Liv. das tenças*; Simão de Sousa do Sem, também no *Cancioneiro* e no *Liv. das tenças*, na *Nau de Amores* de Gil Vicente, e na *Chronica de D. Manuel* de Damião de Goes por ter servido nas duas empresas de Azamor, de 1508 e 1513; Simão de Sousa de Almeida em cartas de 1526, 1527, 1532 e 1539. Não há porém dúvida de se tratar sempre do mesmo homem pelas referências que existem de uns docs. para outros. Foi do conselho em 1526 (liv. 12 de D. João III, fl. 24 v.), e possuiu umas casas em Lisboa ao pé da barroca do convento do Carmo, as quais seu pai lhe doara e D. Manuel lhe confirmou em 1500 (liv. 1.º da *Estremadura*, fl. 281), e outras no terreiro dos paços de Almeirim, doadas por D. João III em 1527 (liv. 30, fl. 106 v.). Já a Simão de Sousa me referi, na pág. 62, como apaixonado de D. Caterina de Figueiró. Sei que foi comendador da Sabacheira na Ordem de Cristo, e que morreu solteiro, ignorando porém quando.

[4] De D. Fernando de Lima traça Diogo do Couto o retrato: «Era este fidalgo da criação d'Elrey dom Ioão, sendo Principe, e foi sempre taõ limpo, taõ grave, e taõ cortezaõ, que era um dos fidalgos em que naquelle tempo se trazia o olho Casousse por amores com hũa dama do paço, que se chamava dona Frãcisca de Vilhena: filha do grande Ruy Barreto, Fronteiro mor do Algarve, e de dona Branca de Vilhena,... que era pobre, e tinha pouco dote: e como Elrey lhe era afeiçoado, despachouo o anno passado [de 1536] pera a India com a capitania de Goa, per ser cousa que lhe entrava logo, e com a capitania de hũa nao» (*Década* v, liv. 2.º, cap. 6, fl. 45). Desta vez não lhe *saltou o peixe por cima da rede*, mas nela se deixou arrastar a amada de D. Fernando, a qual devia ter sido linda a ajuizar pela extraordinária nomeada de formusura deixada nas folhas do *Cancioneiro* por sua irmã D. Beatriz de Vilhena, a Perigosa (*Gente do Cancioneiro*, na *Revista lusitana*, x, 281). Não só por isto, mas também pela beleza da filha de D. Fernando e D. Francisca, aquela D. Maria Manuel por quem o Mestre de Santiago e Duque de Coimbra se apaixonou loucamente e com quem, segundo parece, veio a casar clandestinamente em 1548. Já então era D. Fernando de Lima falecido havia muito. Fôra êle filho de Diogo Lopes de Lima, alcaide mor de Guimarães, e de sua mulher D. Isabel de Castro Pereira, 3.ª senhora de Castro Daire, senhorio, que por sua morte fôra confirmado ao filho por carta régia de 1535 (liv. 38 de D. João III, fl. 43 v.). D. Fernando morreu lá pelo Oriente, em 1537, em Ormuz, de que Nuno da Cunha lhe dera a capitania, «porque desejava de o ver tornar pera o reino remedeado», pois que lhe tinha grande afeição (*Década*, cit., fl. 48 e 45). D. António de Lima Pereira, famoso genealogista já aqui citado, era irmão de D. Fernando de Lima e veio a ser por sua falta alcaide mor de Guimarães e senhor de Castro Daire.

[5] De Castela vieram em 1500, ao serviço da raínha D. Maria, segunda mulher de D. Manuel, João de Calataiud e Aldonça Soares, camareira pequena da mesma Raínha. Dêstes conjuges nasceram, entre outros, D. Maria e João de Calataiud, de quem tratarei nas notas seguintes, e Fernão Soares, assunto desta nota. Dêle apenas sei que ainda era moço fidalgo quando, por carta de 2 de Agosto de 1519, lhe foram dados 20:000 rs. de tença em satisfação dos serviços de sua falecida mãe (liv. 37 de D. João III, fl. 149), e já escudeiro fidalgo na fôlha de 1528 com a moradia, além da cevada, de 2:500 rs. (*Sumários* de Lousada, I, 694). Depois passou para África e pelo seu serviço durante dois anos em Tánger lhe foi dada a comenda de S.ta Maria de Almendra na Ordem de Cristo, por carta de 13 de Junho de 1537 (liv. 24 de D. João III, fl. 128). Parece ter morrido solteiro, não sei quando.

[6] O porteiro mor era João de Calataiud, irmão mais velho do Fernão Soares da precedente nota. Havia sido nomeado, por carta de 22 de Julho de 1517, porteiro mor do príncipe D. João (liv. 10 de D. Manuel, fl. 81), sendo-lhe por êle confirmado o ofício ao subir ao trono, por outra carta de 31 de Julho de 1522 (liv. 46 de D. João III, fl. 150). Em 1519 havia-he D. Manuel feito mercê, em satisfação dos serviços de sua mãe, de uma tença de 25:000

Digitized by Google

com a Imperatriz, já era casada[1]. Interessante porêm é notar que Gil Vicente não andava perfeitamente a par das intrigas amorosas da côrte. A *Nau de Amores* foi representada nos últimos dias de Janeiro, pois do dia 31 e do seguinte são datados três diplomas fazendo mercês a D. Francisco Lobo, por estar « concertado de casar » com D. Branca de Meneses, filha de Afonso Teles, alcaide mor de Campo Maior e Ouguela[2]. D. Francisco e as donzelas da Raínha, ao ouvirem a alusão aos seus passados amores com D. Beatriz, haviam de ter sorrido, expressão que não tomaria o semblante de D. Branca, se estivesse presente, mas não estaria, porque não era do paço.

D. Francisco Lobo, filho segundo de D. Diogo Lobo, barão de Alvito e vedor da fazenda, foi da criação de D. João III, que se lhe mostrou muito afeiçoado. Em novo serviu-lhe de pagem da lança e depois mandou-o por seu embaixador a Carlos V, em tempo de assistir à morte da imperatriz D. Isabel e de o acompanhar nas subseqüentes viagens até à desastrosa empresa de Argel no outono de 1541, voltando a seguir para o socêgo de sua casa. D. Francisco Lobo foi pai da famosa madre soror Maria da Visitação, a Freira Santa da Anunciada, condenada pela Inquisição como embusteira por sentença de 1588[3].

---

rs. (liv. 26 de D. João III, fl. 84 v.). Continuou a exercer o ofício de porteiro mor até ao ano de 1538, no qual o renunciou, recebendo em satisfação uma tença vitalícia de 50:000 rs. (*ibi*, fl. 33 v.) e sendo nêle investido Cristóvão de Melo, que já o servia em Março de 1540 (liv. 40 de D. João III, fl. 195 v.). Na côrte foi sempre vivendo e D. João III o fez do seu conselho em 1554 (*Privilégios de D. João III*, liv. 3.º, fl. 41 v.). Veio a falecer, segundo o seu epitáfio na casa do capítulo do convento de S. Francisco de Lisboa, a 18 de Fevereiro de 1565, deixando de sua mulher D. Maria de Azevedo, entre mais filhas, a D. Helena de Calataiud, mulher doutro Cristóvão de Melo, neto do acima nomeado e, como êle, porteiro mor.

[7] O D. Jorge da *fala de moço mimoso* deverá ser D. Jorge Henriques, senhor de Barbacena, cunhado dos precedentes João de Calataiud e Fernão Soares, por ser marido de sua irmã D. Maria de Calataiud. O casamento efectuara-se entre Junho e Setembro de 1514 (*Corpo cronológico*, I,-15-65 e II-51-47), devendo ser ambos os noivos muito novos. D. Jorge Henriques era reposteiro mor de D. João III desde a sua elevação ao trono (liv. 51 de D. João III, fl. 108 v.), oficio que em 1548 trocou pelo de caçador mor (liv. 55, fl. 52 v.) e apenas conservou até 1554 (liv. 65, fl. 25). Em 22 de Maio de 1561 morreu em Lisboa D. Maria de Calataiud (*Crónica da Graça*, II, fl. 260 v.) e seu viúvo tornou pouco depois a casar com D. Maria de Meneses, e pouco depois havia de ter sido porque êle faleceu a 5 de Agosto ou a 6 de Janeiro de 1563 (cit. *Crónica*, ou Obituário da Misericórdia de Évora, a pág. 121 da *Evora antiga* do A. F. Barata, que era fraco paleógrafo). Suponho ser o Senhor de Barbacena o D. Jorge das *falinhas mimosas*, porque, no meu *Nobiliário quinhentista* já cit., na fl. 141 v, se diz dêle, referindo-se ao seu primeiro casamento (o segundo foi posterior à obra): « aynda não tem filhos nem terá por sua vida », profecia que saíu certa; e D. António de Lima no seu *Nobiliário* acompanha a menção do segundo casamento de D. Jorge destas palavras « e dizem que [D. Maria de Meneses] ficou donzela ».

[8] O Conde do Redondo era D. João Coutinho que, antes de 4 de Setembro de 1523, sucedeu no título a seu pai D. Vasco Coutinho, conde de Borba e 1.º do Redondo, e estava casado desde 1503 com D. Isabel Henriques, filha do capitão dos ginetes D. Fernando Martins Mascarenhas (*Brasões de Cintra*, II, 441). D. João Coutinho foi muitos anos capitão de Arzila, primeiro nos impedimentos do pai, depois em seu próprio nome, havendo sido nomeado capitão por carta de 10 de Setembro de 1523. Dos seus feitos em África dão boa conta os *Anais de Arzila* de Bernardo Rodrigues, agora em via de publicação sob a direcção do erudito académico David Lopes. Morreu o Conde do Redondo na segunda metade do ano de 1548, deixando na capitania de Arzila seu filho D. Francisco Coutinho, 3.º conde do Redondo e último capitão daquela praça.

[9] Alfaqui. «Propriamente teólogo casuista e jurisconsulto entre os muçulmanos. Aqui em sentido irónico» (*Obras de Gil Vicente*, ed. do dr. Mendes dos Remédios, *Glossario*).

[1] *A gente do Cancioneiro*, na Revista Lusitana, X. 278.

[2] *Chancelaria de D. João III*, liv. 30 de *Doações*, fl. 10.

[3] Teixeira de Aragão, *Diabruras, santidades e prophecias*, pág. 83.

Digitized by Google

Tornemos à *Nau de Amores*. Uns embarcam, outros acercam-se dela e «começárão a cantar a prosa que comunmente cantam nas naos aa salve que diz,

bom Jesu, nosso senhor,
tem por bem de nos salvar,

etc., o velho cãta com'a velho, o negro apos elle com'a negro, e respondiam-lhe os passageyros a quatro vozes de canto dorgam, e com isto se vam com a Nao e fenece esta tragicomedia[4]».

Pouco tempo, como já indiquei, persistiu desta vez a côrte em Lisboa, por isso que, reaparecendo casos de peste, transpôs o Tejo em Abril e foi passar o resto da primavera e os primeiros dias do estío a Almeirim, onde ainda se encontrava a 2 de Julho, partindo então para Coimbra, onde já estava a 10 do mesmo mês[5]. Nesta cidade representou Gil Vicente três peças a D. João III, uma a 15 de Outubro, ao nascimento da infanta D. Maria, as outras duas não se diz quando; mas suponho que, se não à entrada, pelo menos pouco depois seria representada a *Comédia sôbre a Divisa da cidade de Coímbra*. Declara a rúbrica: «Comedia representada ao muyto alto, poderoso, e não menos Christianissimo Rey dom Ioão o terceyro em Portugal deste nome. Estando na sua muyto honrrada nobre e sempre leal cidade de Coimbra. Na qual Comedia se trata o que deve significar aquella Princesa, Lião, e serpente, e calez ou fonte que tem por devisa, e assi este nome Coimbra donde procede, e assi o nome do rio e outras antiguidades a que nam he sabido verdadeyramente seu origem, tudo composto em louvor e honrra da sobredita cidade. Feyta e representada era do Senhor de M. D. XXVII[6].» *Divisa da cidade de Coimbra*

Entra em scena um Peregrino e, começando a recitar o argumento da comédia, diz:

Pois que o honor do mundo presente
se daa com razam aa antiguidade,
infinita honrra tem esta cidade
segundo se escreve copiosamente.
E a honrra mayor
he, que o altissimo Emperador,
vossas Magestadas, a sacra Emperatriz,
a alta Duquesa dona Breatiz,
se seis sacros fructos, daqui foy a flor,
Tambem a Raynha que he Dinglaterra[1],
e a verdadeyra Raynha de França[2],
a quem Deos, Deos nosso, dee tanta bonança
como daa Mayo aas flores da serra.
O lucido infante,
Rey, duque Daustria[3], Eytor melitante,

---

[1] *Copilaçam das obras*, fl. 151.
[2] *Corpo cronológico* passim.
[3] *Copilaçam das obras*, fl. 106 v.
[4] Caterina de Aragão, mulher de Henrique VIII.
[5] Leonor de Áustria, viúva de D. Manuel e desposada, desde Fevereiro do ano anterior, com Francisco I, mas ainda não recebida por el Rei de França se ter recusado a cumprir o tratado de Madrid. Não obstante Gil Vicente tinha-a já como verdadeira rainha de França, o que só veio a ser em 1530.
[6] O infante D. Fernando, rei da Boémia e da Hungria em 1526 e 27, irmão de Carlos V.

Digitized by Google

e o sacro sancto nosso Cardeal,
os nobres infantes, bem de Portugal,
daqui procedestes e his adiante.
Assi que os principes da Christandade,
que agora reynam, daqui floreceram;
aqui jaz o Rey de que procederam. (*fl. 106-107.*)

Antes porêm, «que ouvesse aqui nunca habitantes», um «feroz salvagem gigante» viera morar naquela serra e dos sucessos que por lá nesses tempos se passaram, da razão por que a cidade se chamou Coimbra, e d'onde lhe veio o leão, a serpe e a princesa do seu brasão, todas estas coisas «ordena o autor de representar»

feytas em Comedia muy chaam e moral. (*fl. 107.*)

E para mostrar bem a moralidade

vereis donde veo, e de que planetas
. . . . . .
Outrosi as causas, porque aqui tem
os clerigos todos muy largas pousadas
e mantem as regras das vidas casadas,
desta anteguidade procedem tambem.
Sem serem culpados,
porque sam leis dos antigos fados,
cousa na terra já determinada,
que os sacerdotes, que nam tem ninhada
de clerigozinhos, sam escomungados. (*fl. 107.*)

Chega a causar assombro como diante dos «Christianissimos» D. João III e D. Caterina, diante do cardial D. Afonso, ousava Gil Vicente expôr, em quadro de tam vivas côres, a devassidão do clero; vinha-lhe porêm a ousadia de impulso adquirido. D. Manuel, já notei, estimava ver repreender públicamente os vícios e maus hábitos da gente da côrte, afim de se coibirem ou emendarem [1]; não seria porêm só a êstes que êle folgava de ver aplicar o cautério, era a todos os mais súbditos seus que pelo seu procedimento irregular o merecessem. Não há dúvida que os costumes do clero, nesses tempos, quanto à sensualidade, eram em geral como Gil Vicente sem exagêro os pintava [2]; mas certo é também que a unidade de crença religiosa tirava às suas sátiras em Portugal a intenção heterodoxa que aparecia quando transportadas dêste meio. Por isso, em Coimbra, a diatribe contra os padres nesta comédia era recebida no meio de gargalhadas, ao passo que em Bruxelas, num país dividido por questões religiosas, a representação do *Jubileu de Amor* foi um escândalo [3]. Tanto assim era que na edição de 1562 da *Copilaçam das obras de Gil Vicente*, livro «visto polos deputados da sancta Inquisiçam», como se declara no frontispício, o trecho alusivo ao clero ficou e só foi suprimido na edição de 1586, quando, radicado já o estabelecimento da Inquisição em Portugal, ela pelos seus próprios excessos fomentava em grande parte, como reacção contra êles, o desenvolvimento de sentimentos heterodoxos, here-

---

1 GOES, *Chronica de dom Emanuel*, part. IV, fl. 105, col. 4.
2 DR. FORTUNATO DE ALMEIDA, *Hist. da Igreja em Portugal*, tom. III, part. II, pág. 464.
3 *Ibidem*, pág. 125.

Digitized by Google

ditários nuns, os da raça hebraica, subjugada, mas não cativada, gerados agora de novo em muitos cristãos velhos pelo contacto e conversação com estrangeiros pertencentes às reformas religiosas, pela leitura de livros heréticos, tanto mais apetecida, quanto proíbida.

Conflito doutra espécie nasceu porêm, segundo creio, desta representação, o qual magoou o nosso poeta que se desforçou duramente.

Quando a côrte veio em 1527 a Coímbra, encontrava-se Francisco de Sá de Miranda na cidade, ou por ter acompanhado D. João III, ou por se ter transportado para lá de qualquer terra da província onde habitasse, ou mesmo por estar ao tempo aí residindo. Fosse porêm como fosse, certa é a sua presença na cidade do Mondego, dado mesmo o caso de não ser êle, como parece não ter sido, o Francisco de Sá que então recitou uma Oração gratulatória aos soberanos [1]; estava lá contudo e assim o declara na sua *Carta a Pero Carvalho* [2]. Pôsto isto, foi Sá de Miranda um dos espectadores à representação da comédia *Sobre a divisa da cidade de Coimbra*, a qual, além de o ofender por ser ave desgarrada da *ninhada de clérigosinhos*, devia ser julgada por êle, «costumado ao culto estilo italiano, uma farça grotesca, semsabor e vulgar [3]». Dar-se-ia porêm a coincidência de ao mesmo assunto e para a mesma ocasião ter êle preparado a *Fábula do Mondego*, dedicada a D. João III [4], contando-lhe, em estilo elevado, a lenda por Gil Vicente no tablado apresentada em tom burlesco. Limava cautelosamente Sá de Miranda as suas poesias, pelo que não posso supôr tivesse êle tido tempo, nos cinco meses da estada de D. João III em Coímbra e no meio do bulício dos festejos, para conceber, compôr e dedicar ao soberano aquela obra, e tenho a certeza de lha não ter podido oferecer no ano seguinte em Coímbra, como alguns querem, por D. João III só lá ter tornado em 1550. Por outro lado, estou per-

---

1 Encontra-se esta Oração transcrita na pág. 372 do vol. IX do *Dic. bibliographico* de INOCÊNCIO e na pág. 562 das *Poesias de Francisco de Sá de Miranda*, ed. da Senhora D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos. Da Oração deu notícia Barbosa Machado na *Bibliotheca lusitana*, II, 247, declarando que ela se conservava na biblioteca do Marquês de Abrantes. Esta informação basta para nos dar quási a certeza de não ser Sá de Miranda o autor da Oração. Entre êle e seus descendentes nenhumas relações de parentesco havia com os ascendentes do Marquês, as quais justificassem a conservação de um original do poeta na biblioteca daquela casa. Existia nesses tempos outro Francisco de Sá, vedor da fazenda rial da cidade do Pôrto, ofício que vendeu a seu irmão Garcia de Sá, a quem, por desembargo de 22 de Fevereiro de 1528, foi mandado pagar um conto de reais, preço por que êle vendera (ambas as vendas a retro aberto) o dito ofício a el Rei (LOUSADA, *Sumários*, III, fl. 569 v.). Este Francisco de Sá, já em 1520 casado com D. Isabel da Silva (*ibi*, 568 v.), pôsto que fosse da família dos ascendentes do Marquês de Abrantes, não pode ter sido o orador de Coímbra, porque estava então servindo na Índia (*ibi*, 569 v.). Ainda tenho conhecimento de mais um Francisco de Sá vivo por êsses tempos, o qual, por escritura de 15 de Julho de 1513, sendo viúvo de D. Caterina, vendeu, na qualidade de curader e tutor de seus filhos, a Tomé Lopes 500 coroas das da ordenança as quais haviam sido dadas em casamento a D. Caterina por seu pai Martim Ferreira (*Chancelaria D. Manuel*, liv. 25, fl. 108 v.). Este Francisco de Sá, sobrinho de Estêvão Ferreira e primo de Martim Ferreira, senhores da casa de Cavaleiros, não creio que tivesse sido o orador de Coímbra de 1527, porque por um documento de 1521 sei que tinha a sua casa em Santarêm (LOUSADA *Sumarios*, III, fl. 569) e até porque não tenho a certeza dêle ainda então ser vivo.

2 *Poesias*, cit., pág. 214 e notas nas págs. 792 e 861.

3 DONA CAROLINA MICHAËLIS DE VASCONCELOS, *Poesias de Sá de Miranda*, pág. 816.

4 *Poesias* cit., pág. 205.

Digitized by Google

suadido de encontrar na farsa do *Clérigo da Beira*, representada nos fins de 1529, ou principios de 1530, e não em 1526, como erradamente declara a rúbrica, o terrível desfôrço de Gil Vicente à investida de Sá de Miranda.

O desfôrço parece na verdade exceder em muito a ofensa, pois na *Fábula* não se encontra nenhuma alusão clara ao poeta cómico, a qual lhe pudesse ferir sequer a vaidade. Assim é; mas porque não seria a *Fábula* seguida pouco depois da *Carta a António Pereira, senhor do Basto* [1]? Nela, referindo-se á côrte, Sá de Miranda escreveu:

Que troca, ver lá Pasquinos
Desta terra cento a cento,
Quem o vee sem sentimento
Trattar os livros divinos
Com tal desacatamento.

O que se nam deve ousar
A lér, se em gioihos não,
(Que graças pera chorar)
Torcem, fazendo fallar
Ao som de sua paixam.

Esquecidos do conselho,
Podera dizer mandado,
Sendoo, porque foy vedado
No sanctissimo Evangelho,
Aos cães não deis o sagrado [2].
. . . . . .
Trasposeram os amores,
E deixaram o paço às cegas,
Ficárão por mantenedores
Rouxinoes assoviadores
Pollas hortas de Enxobregas [3].

Porque não seria?

Mas, mesmo no caso, cada vez menos provável se me afigura, da *Carta* não ter sido escrita em seguida à *Fábula*, por todo o ano de 1528 talvez, foi certamente êste poema acompanhado de crítica mordaz e comentários incisivos derra-

---

[1] Quando SÁ DE MIRANDA em 1527 escreveu a *Fábula do Mondego*, já António Pereira era senhor do Basto, homem casado e morador na sua quinta da Taipa. Foi êle filho primogénito varão de João Rodrigues Pereira, senhor do Basto, e devia ter nascido pelos anos de 1497, segundo vou expôr. Seu pai casara depois de 13 de Julho do ano precedente (*Crítica e história*, cit., pág. 192) e o filho primogénito de António, João Rodrigues Pereira como o avô, foi capitão interino de Ceuta em Agosto de 1553 (AFONSO DE DORNELAS, *Governadores e capitães de Ceuta*, pág. 116 do IV vol. da *Hist. e genealogia*), «tan grande capitan en tiernos años», como escreve SÁ DE MIRANDA, os quais *tenros anos* nunca seriam menos de vinte e cinco, tendo portanto o rapaz nascido em 1527 ou ainda antes, quando seu pai roçava pelos trinta. O senhorio de Celorico de Basto e mais casa paterna tudo fôra confirmado a António Pereira em 1519 e 20 (*Crítica e história*, cit., pág. 193). Dêstes dados se colhe a possibilidade da *Carta a António Pereira*, a qual a Senhora D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos reconhece poder ser anterior a 1536 (*Poesias de Sá de Miranda*, pág. 801), haver sido composta pouco depois da *Fábula do Mondego*, a tempo de provocar em 1529 o terrível desfôrço de Gil Vicente no *Clérigo da Beira*.

[2] *As obras do doctor Francisco de Saa de Miranda*. Anno de 1614. Fl. 109, col. 1.

[3] *Ibidem*, fl. 111, col. 3. Apontou-me esta quintilha o sr. Delfim Guimarães e nela, com efeito, também julgo ver alusão a Gil Vicente.

Digitized by Google

mados por conversações palacianas e afinados no tom dos versos transcritos. Estou até ouvindo, não só a crítica própriamente literária, mas ainda os remoques injuriosos para a baixa extração de Gil Vicente, não se lembrando Sá de Miranda que nêste ponto, apesar de toda a sua proa, tinha telhados de vidro, os quais, num voltear de mão, ficariam reduzidos a estilhaços pelo seu antagonista. Maguou-se êste profundamente, não há dúvida, e em 1529 ou 30, no paço, diante da côrte tôda, em frente talvez do próprio Francisco de Sá de Miranda, pôs Gil Vicente em scena um clérigo da Beira, partindo para a caça, numa fria manhã de véspera de Natal, acompanhado de seu filho *Francisco*, indisciplinado e malcriado, a quem o pai quere mandar a casa buscar a esquecida furoa, e insistindo, diz-lhe:

Vay, Francisco.
Moço) Si, yrás!
hide vós; nam tendes pees?
Clérigo) Filho de clerigo és
nunca bõ feyto farás.
Moço) Piores sam os de frey Mendo
e *os do beneficiado*,
que vam tomar o bocado
que seu pay estaa comendo.
. . . . . .
Clérigo) Medraria este rapaz
na côrte mais que ninguem,
porque lá nam fazem bem
senam a quem menos faz.
Outras manhas tem assaz,
cada hũa muyto boa
nunca diz bem de pessoa,
nem verdade nunca a traz.
Mexerica, que per nada
rebolveraa sam Francisco,
que pera a côrte é um visco,
que caça toda a manada. (*fl. 233, col. 1*).

Aqui está tudo, além do coito danado, *filho do beneficiado:* a maledicência, a mentira, os mexericos, tudo quanto podia ter ofendido o poeta dramático nas apreciações do poeta da nova escola. Outra estocada lá mais adiante.

Os verdadeiros Sás, os senhores de Sever, alcaides mores do Pôrto, haviam acrescentado ao apelido da sua sua casa o de Meneses, em virtude de sucederem num morgado instituido por D. Aldonça de Meneses, filha bastarda de D. Pedro de Meneses, conde de Viana e capitão de Ceuta, e mãe da primeira mulher do segundo João Rodrigues de Sá, tendo-se os filhos, netos e mais descendentes dêste consórcio chamado sempre Sás de Meneses. Ora Francisco de Sá de Miranda, filho do beneficiado Gonçalo Mendes de Sá, era neto de Felipa de Sá (simplesmente Felipa, nunca *dona* Felipa) e de seu marido João Gonçalves de Miranda Soutomaior [1], a quem, chamando-lhe João Fernandes de Soutomaior, li-

[1] Consta da carta de brasão de 14 de Novembro de 1561 concedida a Diogo de Sá, fidalgo da casa del Rei, natural de Coimbra e morador em Lisboa, filho de Fernão de Sá Souto-

Digitized by Google

nhagistas aduladores inculcam irmão de D. Pedro Alvares de Sotomayor, conde de Caminha, que nunca tal irmão teve [1]. Quanto a Felipa de Sá diz-se ser filha de um Rodrigueanes de Sá, a quem os genealogistas da tal espécie dão por pai o primeiro João Rodrigues de Sá, progenitor dos Sás do Pôrto; é possível, pôsto que tal se não encontrará em documentos nem nobiliários antigos [2]. Entretanto não há dúvida de haver Sá de Miranda começado a carta dirigida a João Rodrigues de Sá de Meneses pela quintilha:

Dos *nossos* Sás Coloneses
Gram tronco, nobre colũna,
Grosso ramo dos Meneses,
Em sangue e bens de fortuna,
Que he tudo entre os Portugueses [3].

E' certo; resta porêm saber se os *nossos* está ali para indicar consanguinidade, ou nacionalidade; somos ambos Sás, ou somos todos Portugueses? Isto, quanto aos Sás, porque lá com os Meneses nada tinha Sá de Miranda. Admitamos porêm que os dizeres da citada carta de brasão de Diogo de Sá não são os do formulário próprio, mas sim a expressão da verdade, e os Sás de Diogo de Sá e do primo eram dos que « nestes reinos são fidalgos de cota darmas », lá temos o poeta pertencendo a um obscuro ramo dêles. Ora Gil Vicente, bem mais ao facto destas máculas do que nós, às quais êle e todos ligavam então exagerada importância, não se privou do prazer de aludir a elas na mesma comédia, nos versos:

Bofá! vejo eu Purtugueses
da côrte muyto alterados,
mais propincos dos arados
que parentes dos Meneses. (*fl. 234, col. 4.*)

A alusão é evidente e já Camilo notou que no *Clérigo da Beira* a sátira a Sá de Miranda « é pessoal demais para a considerarmos mera casualidade [4] ».

Supõe a Senhora D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos ter Sá de Miranda composto a égloga *Alexo* como réplica crítica a qualquer peça das proibidas e

---

maior, morador em Coimbra, e neto de João Gonçalves de Miranda Soutomaior e de Felipa de Sá (*Brasões de Cintra*, I, 416; *Arch. hist. port.*, II, 464). Diogo de Sá era primo com irmão de Sá de Miranda, e é o autor do opúsculo *De Navigatione, libri tres*, impresso em Paris em 1549 para impugnar afirmações do insigne matemático Pedro Nunes. Ao tratado se referem Leitão Ferreira nas *Noticias da Universidade*, § 1092; Garção Stockler no *Ensaio historico sobre as Mathematicas em Portugal*, pág. 44; e o sr. Rodolfo Guimarães, em *Les Mathématiques en Portugal*, 2.ª ed., pág. 412.

[1] Cfr. Lopez de Haro, *Nobiliário de España*; Fr. Felipe de la Gandara, *Nobiliário de Galicia*; Salazar y Castro, *Casa de Lara*, e outros, passim.

[2] Êste filho do Sá das Galés não encontro mencionado em nenhum nobiliário do século XVI, nem no de Xisto Tavares, nem no meu anónimo já citado, nem no de D. António de Lima; e mesmo, nos do princípio do século seguinte meus conhecidos, não aparece. Só dou com êle no livro do maltês Jerónimo Barreto, do último quartel do século XVII.

[3] *As obras do doctor Francisco de Saa de Miranda*. Anno de 1614, fl. 115, col. 8.

[4] *Hist. e sentimentalismo*, pág. 83.

Digitized by Google

perdidas de Gil Vicente [1]; mas, se a suposição tem fundamento, porque não há de ser réplica ao *Clérigo da Beira* representado não em 1526, mas em fins de 1529, como lá adiante mostrarei? — Digam-no os que têem estudado a vida e a obra do solitário da quinta da Tapada. E, já que me dirijo a êles, ousarei lembrar-lhes a necessidade de procurarem mais documentos para instruir a ainda pouco fundamentada biografia de Sá de Miranda.

Sousa Viterbo, nos seus *Estudos sobre Sá de Miranda* [2], publicou trinta e sete, ou melhor, quarenta e três documentos dos quais, própriamente para a biografia mirandina, apenas quatro são aproveitáveis: uma carta de legitimação; outra de licença para comprar bens de raiz; um assento de receita; e uma carta missiva, sem data, dirigida a D. João III, contendo referências elogiosas a Sá de Miranda, retirado então em Entre Doiro e Minho [3]. O assento de receita foi lançado em 18 de Abril de 1537 e mostra haver então Sá de Miranda pago o quarto das suas comendas na Ordem de Cristo, d'onde se deduz, em conformidade com o Estatuto, havê-las recebido dentro dos dois anos precedentes. Agora irei examinar rápidamente os dois primeiros documentos, conjugando um com outro, e não me afastarei muito do meu assunto, não só por Sá de Miranda ser um poeta contemporâneo de Gil Vicente, mas também porque estiveram em contacto, contacto muito embora de fusil e pedreneira.

A carta de legitimação é de 5 de Dezembro de 1490 e foi concedida, a requerimento do pai, a Francisco, filho de Gonçalo Mendes, cónego de Coimbra, e de Inês de Melo, mulher solteira; havia portanto Francisco nascido anos antes do ano de 1490 no qual foi legitimado. Sucede porêm que a *Vida do doutor Francisco de Sa de Miranda, collegida de pessoas fidedignas que o conhecerão, e tratarão, e dos livros das gerações deste Reyno*, anteposta à edição de 1614 das suas *Obras*, começa por estas palavras: «Nasceo Francisco de Sà de Miranda na Cidade de Coymbra no Anno do Senhor de 1495. o mesmo dia em que el Rey Dom Manoel tomou posse do governo destes Reynos [4]», portanto a 27 de Outubro. Esta data está com tanta firmeza precisada que não é lícito duvidar dela [5]. Entre os amigos e os parentes de Sá de Miranda o nascimento dêle e o advento de D. Manuel ao trono estavam perfeitamente identificados, sendo esta coincidência para ficar gravada e não para ser inventada. Mas, nesse caso, como conciliar a data da carta de legitimação, 1490, com a do nascimento, 1495? — Perfeitamente: repudiando a carta de legitimação e para isso nos habilita o segundo documento acima indicado, a carta de 12 de Abril de 1497, pela qual é concedida licença a Gonçalo Mendes de Sá, beneficiado na sé de Coimbra, para poder comprar bens de raiz até à quantia de cem mil reais.

Conjuguem-se pois os dois diplomas.

---

1 *Boletim da Segunda Classe da Academia das Sciências de Lisboa*, V, 164.

2 Saíram três séries no *Instituto*, vols. 42 e 43, anos de 1895 e 1896, e em separatas.

3 Todos quatro na primeira série, n.os 6, 10, 13 e 5.

4 A biografia anónima de Sá de Miranda continua com estas palavras: «foy filho de Gonçalo Mendes de Sá, e neto de João Gonçalves de Miranda, que viveo junto a Buarcos, e de Dona Phelippa de Sà sua molher, que era filha de Rodrigueanes de Sá, e neta de Ioão Rodigues de Sá o primeiro que chamarão das Galès assas conhecido em tempo del Rey Dom Ioão de boa memoria». Ficou esquècido o estado do pai.

5 O dr. Teófilo Braga não só duvidou da data, como a emendou, com aquela *sua habitual promptidão* já nossa conhecida. Diz êle: «Francisco de Sá de Miranda nasceu em Coimbra a 27 de Outubro de 1485 (equívoco do biógrapho anónymo, «1495)» (*Hist. da litteratura portuguesa*, II, 152).

Digitized by Google

Em 1490 existia um Gonçalo Mendes, *cónego na sé de Coímbra*, e pai de cinco filhos, entre êles um chamado Francisco, todos havidos de Inês de Melo e todos legitimados naquele ano; em 1499 o mesmo cónego legitima mais três filhos, nascidos ainda da mesma mulher [1]. Entre êsses anos, em 1497, é concedida a referida licença para compra de bens a Gonçalo Mendes de Sá, *beneficiado na sé de Coímbra*. Da confrontação dêstes documentos tira-se uma conclusão evidente: Gonçalo Mendes, *cónego* em 1490 e 1499, e Gonçalo Mendes de Sá, simples *beneficiado* em 1497, são dois homens diversos, com a diferença que um, o beneficiado, usou do apelido Sá, ao passo que o outro, o cónego, aparece sempre sem apelido nenhum [2]. Sá de Miranda em tôda a sua obra apenas se refere a um seu irmão, Mem de Sá, futuro governador do Brasil, a quem dirige uma das suas *Cartas* [3]. De Mem de Sá, irmão indubitável do poeta, não se encontra a carta de legitimação. Porquê? — Ou porque nunca existiu, ou porque se não registou, ou porque o livro da Chancelaria de D. Manuel, onde foi lançada, é um dos que faltam. A primeira hipótese é a menos provável; a segunda e a terceira, qualquer delas, é plausível. O que sucedeu com a carta de legitimação de Mem de Sá, aconteceu com a de seu irmão Francisco de Sá: desapareceu. Em conclusão: o Francisco, filho legitimado em 1490 do cónego Gonçalo Mendes, não é o poeta, porque êste foi filho de Gonçalo Mendes de Sá, simples beneficiado ainda em 1497, e porque nasceu a 27 de Outubro de 1495, como se declara na *Vida* anteposta à edição de 1614 das suas obras. Reforçam singularmente a minha asserção dois daqueles versos acima transcritos nos quais Gil Vicente, para invectivar a Sá de Miranda, afirma na farsa, referindo-se a maus filhos de clérigos, que

> piores sam os de frey Mendo
> e *os do beneficiado*. (*fl. 233, col. 1.*)

Assim também se compreende melhor, não sendo Sá de Miranda um dos oito filhos de um cónego qualquer, mas sim um dos poucos de um clérigo a quem era dada licença para comprar bens de raiz, como tivesse podido arranjar os meios indispensáveis para a sua dilatada viagem, a qual se não faria sem avultado dispêndio:

> Vi Roma, vi Veneza, vi Milão,

Nápoles, Florença e o melhor de Sicília, depois de ter visitado os mais célebres lugares de Espanha [4].

Acêrca da data do nascimento de Sá de Miranda consultei dois distinctos investigadores históricos, ambos conhocedores da biografia do poeta.

Dirigi-me primeiro a Delfim Guimarães, o poeta vernáculo da *Alma portuguesa*, e a sua opinião é, que a data consignada na *Vida* anónima não pode estar certa, porque, além doutras considerações a atender, ela exclui, ou pelo menos torna pouco plausível, a possibilidade de se terem incluido em 1516, no *Cancioneiro geral*, trovas de Sá de Miranda. Ele então teria apenas vinte e um anos,

---

[1] Doc. VII na I série dos cit. *Estudos* de SOUSA VITERBO.

[2] SOUSA VITERBO publicou ainda outros docs. dos anos 1481, 84, 85, 90 e 92 em todos os quais o cónego Gonçalo Mendes se encontra só com o patronímico, sem apelido (*Estudos sobre Sá de Miranda*, cit., págs. 30, 31 e 34, n.os VIII, IX e XII da part. I).

[3] *Poesias de Francisco de Sá de Miranda*, ed. MICHAËLIS, pág. 225.

[4] *Obras* e *Vida* cits.

Digitized by Google

não sendo crível tratá-lo Rèsende ceremoniosamente por doutor Francisco de Sá, e menos ainda que êle em tam curta idade tivesse já podido ter tomado aquele grau universitário. Concorda o sr. Delfim Guimarães que nos dizeres do autor da *Vida* não há mentira, mas, no caso da data do nascimento, uma simples transposição. «Porque — palavras suas — não havemos de admitir que o nascimento do poeta se deu *no dia em qae el Rey dom João o segundo tomou posse do governo destes Reynos*, ou seja a 28 de Agosto de 1481, data que tudo concilia harmónicamente?» Este alvitre já foi apresentado pelo sr. Delfim Guimarães quando em 1909 publicou a edição popular dos *Versos portuguêses* de Sá de Miranda. Portanto, na opinião dêste crítico, conspicúo e sincero, teria o poeta do Neiva nascido a 28 de Agosto de 1481.

Dirigi-me seguidamente ao general Brito Rebêlo, para quem a Tôrre do Tombo não tem segredos, na esperança dêle me poder dar algumas notas sôbre Sá de Miranda, e as primeiras palavras a ouvir da sua bôca, espontâneas, sem sugestão nenhuma, pois que ainda ignorava o alvitre do sr. Delfim Guimarães, foram, que na data do nascimento do poeta, tal como aparece indicada na *Vida*, deve haver confusão entre D. Manuel e D. João II. É curioso como nestes dois espíritos investigadores a mesma idea se gerou!

Seguramente muito plausível é êste alvitre e eu aceitá-lo-hia incondicionalmente, se tivesse a certeza do dr. Francisco de Sá, autor das trovas transcritas por Garcia de Rèsende no *Cancioneiro*, haver sido Francisco de Sá de Miranda.

Reparou o dr. Sousa Viterbo no facto de na *Vida* se ter apontado «com tanta minudencia o nascimento de uma criança... e se deixasse no olvido o falecimento de um homem que se tinha elevado pelo seu grande talento, creando uma reputação indiscutivel [1]». É sem dúvida para lastimar, mas não me parece que seja muito para estranhar. A *Vida de Sá de Miranda* foi «collegida de pessoas fidedignas que o conhecêrão e tratárão». Essas pessoas ouviram, talvez a êle próprio, seguramente a outras de sua casa, notar a coincidência de ter êle nascido no dia da entronização de D. Manuel, e não é para admirar que, sendo os dias natalícios de festa para a família e amigos, êstes se ficassem recordando do de Sá de Miranda. Foi por isto mesmo, por se ficar recordando, que um amigo de Herculano, o sr. Gomes de Brito, ainda há bem pouco tempo pôde provar o êrro, não de uma biografia, mas de um assento paroquial, na data do nascimento do insigne historiador. Foi pelas recordações de família, por lho ouvir a êle próprio [2]. Como explicar porêm o esquècimento do autor da *Vida* de indicar o dia do falecimento do poeta, isso é que não sei.

A minha argumentação já foi apresentada por alguem? Ignoro-o. Não é exacta? Os biógrafos de Sá de Miranda, os seus panegiristas, como, em virtude do seu entusiasmo, a alguns classifica um crítico perspicaz [3], aqueles, ou outros, procurem mais documentos, nos cartórios de Coímbra, por exemplo, e deixem de parte os nobiliários, manancial profundo de verdades e mentiras, onde, à procura daquelas, muitos se têem afogado nestas. Procurem, porque a mim não me compete agora fazê-lo. Não obstante, quero aqui deixar a indicação de um documento, como a encontro: «No maço vinte e sette dos numerados da Casa da Rainha [na Tôrre

---

1 *Estudos sobre Sá de Miranda*, cit., I, pág. 12.

2 Gomes de Brito, *No primeiro centenario de Alexandre Herculano. Paginas intimas*, pags. 163 e segs.

3 Dr. Fidelino de Figueiredo, *História da Litteratura Clássica*, pág. 127.

Digitized by Google

do Tombo] está huma certidão do Capitão de Ceita, e de seus oficiaes dos que morrião no desbarate de Dom Pedro de Meneses Capitão daquella Cidade no anno de 1553, a qual tem huma verba que diz assy. *Matárão Gonçalo Mendez de Sà filho de Francisco de Sà de Miranda que avia tres annos que era vindo a esta Cidade a servir Vossa Alteza, mancebo solteiro o qual matárão a cavallo e hum homem seu noutro cavallo. Matárão João Rodriguez de Sà filho de Mem de Sà Dezembargador de Vossa Alteza e avia seis meses que viera a esta Cidade onde estava servindo a Vossa Alteza com dois cavallos à sua custa e perdeo os dittos cavallos* [1].» Por aqui se vê que não é bem exacta a *Vida do doutor Francisco de Sá de Miranda* quando diz, que Gonçalo Mendes de Sá, seu filho, morrera «chegado de poucos dias a Ceyta», porque já lá estava havia três anos. Também aquela indicação vai levar, depois de bem averiguada, a data do casamento do poeta para o ano de 1533 [2] ou outro anterior, visto que o filho poderia ter ido servir comenda em Africa aos dezaseis anos e morrido aos dezanove, mas não morrer aos dezaseis, tendo para lá passado aos treze.

Ainda desejaria que os biógrafos de Sá de Miranda não aceitassem sem averiguação a aliança com os Colonas [3], a qual eu estimaria ver confirmada, já não digo em documentos, mas ao menos em livros italianos. Seria bem que fossem examinados os documentos de Grijó, onde, segundo informação que tenho, recebiam comedorias Rodrigo Anes de Sá e sua mulher, que não era a Colona, mas sim uma dona da linhagem do Avelar. Bem sei que não é só Francisco de Sá de Miranda a desvanecer-se com esta aliança, também a ela alude João Rodrigues de Sá de Meneses nas suas *Quintilhas heráldicas* compostas em 1515 ou 16.

Nos esscaques celestriaes
e de prata está mostrado
o muy nobre e muy hõrrado
e por batalhas rreaes
sangue de Saa derramado.
Cõ que o rromão columne
se mesturou datraves,
cada hũ de grão primor,
forte, leal, sem temor
em combates e guallees [4].

Entretanto é certo que os Sás, condes de Penaguião e marqueses de Fontes e de Abrantes, nunca trouxeram no escudo a coluna; dêste enfeite usaram só os Sás de Coimbra.

---

[1] Gaspar Álvares de Lousada, *Sumários da Torre do Tombo*, III, fl. 575 v. mihi.

[2] É interessante notar que neste ano de 1533 estava o irmão de Sá de Miranda casado de pouco: «No maço catorze do Almario acima [das mercês e moradias que está junto à escada que vai para a Casa da Coroa, na Tòrre do Tombo] está outro mandado. *Ibi* Fernão d'Alvarez mandovos que deis ao Licenceado Mem de Sá, do meu Desembargo, sessenta mil rs. que lhe mando dar da metade dos cento e vinte mil rs. que se montaram nas mil dobras de que fiz mercê a Brites de Moraes, molher que foi do Licenceado Affonso Annes, que Deus perdoe, pera casamento de Guiomar de Faria, sua filha, molher do dito Mem de Sá, etc. em Evora a seis de Mayo de 1533» (Lousada, *Sumarios*, III, fl. 568 v., mihi).

[3] Muito sensatos reparos a êste parentesco com os Colonas apresenta o distinto académico, general Fernandes Costa, numa sua carta publicada no número de Outubro passado do Instituto, a pag. 502 do vol. 64.

[4] *Cancioneiro geral*, fl. 116, col. 2.

Digitized by Google

Entre Sá de Miranda,

Homem de hum só parecer,
D'hũ só rostro, hũa só fé,
D'antes quebrar, que torcer
(Elle tudo pode ser)
Mas da côrte homem nã hé [1].

Cristão de uma admirável resignação estóica,

Quando mandey meu filho em tal idade
A morrer polla Fé (se assi cumprisse)
Que esta era a verdadeira sua verdade.
. . . . . .
No dia do começo a conta encheo,
Seguro vio a morte, espanto antigo,
Nôs sonhamos aqui: tu vas-te ao Ceo.
. . . . . .
Era ella conta ygual que quem entrou
Primeiro à vida, fossese primeiro,
Eu sou quem devera ir, quem nos trocou?
Cordeiro, ante o throno alto do Cordeiro,
Lavado irás no teu sangue sem magoa,
Ó! quem, como era pay, fôra parceiro [2].

e Gil Vicente, prasenteiro, mofador, cortesão, o contraste era tão violento que tornaria a antipatia e a repulsão inevitáveis entre os dois.

Continuava a permanência de D. João III em Coímbra, apesar do enfado dos cortesãos a quem Sá de Miranda por isso increpa:

Que tençam todos tomastes
Á terra que me criou,
De quem tanto praguejastes!
Porquê? — porque vos livrou
Da peste com que hi chegastes?

Fostes mal agasalhados?
Nã certo, que atè as fazendas
Vos dávão parvos honrados;
Pois porquê? — porque os privados
Tinheis longe vossas rendas [3].

Não seria só por terem longe as suas rendas; era também por se encontrarem envoltos no mais asfixiante calor de que havia memória.

No último dia de Julho ou no primeiro de Agosto a ardência do sol foi tal em Coímbra, que uma mulher moradora no mosteiro das Celas, vindo com outras mulheres do campo do Botão de correger seus linhos, morreu de calma ao entrar em Santo António dos Olivais. Um frade da Conceição de Aveiro, man-

---

1 *As obras do doctor Francisco de Saa de Miranda.* Anno de 1614, fl. 103, col. 3.
2 *Ibidem*, fl. 133.
3 *Ibidem*, fl. 118, na Carta a Pero Carvalho, um a quem Gil Vicente se há de referir em 1533 na *Romagem de agravados.*

Digitized by Google

cebo de vinte e quatro anos, indo do Botão para Penacova, finou-se, também de calma, junto do lugar de Gavinhos. O estio não apertara só na região de Coimbra; para o sul também se sentira. Entrara no Tejo a 24 de Julho, nos navios da armada da Índia dêsse ano, a embaixada do Preste João e partira logo, a fugir do contágio, em barcas rio acima direito a Santarêm d'onde, seis dias depois, saíu uma manhã, «em ha mayor calma que eu nunca vy», queixa-se na sua relação o P.e Francisco Álvares, bem experimentado em calores pois residira por bastantes anos na zona tropical, na Etiópia, d'onde vinha a embaixada. Ainda êle pôde resistir, mas um dos Abexins do séquito do Embaixador morreu, apesar de africano, ao chegar à Azinhaga [1].

Nos primeiros dias de Setembro entrou a embaixada em Coimbra onde foi recebida com muito luzimento, servindo de pretêsto para mais festas, as quais, para dizer a verdade, parece não terem descontinuado, visto que ainda houve ocasião para representar a farsa dos *Almocreves* e a tragicomédia da *Serra da Estrêla*, esta ao nascimento da infanta D. Maria, aquela não sei quando. Na sua rúbrica declara-se: «Esta seguinte farsa foy feyta e representada ao muyto poderoso e excelente Rey dom Ioam o terceyro em Portugal deste nome na sua cidade de Coimbra, na era do Senhor, de M. D. XXVI. (*aliás 1527, porque em 1526 não esteve D. João III em Coimbra*). Seu fundamento he, que hum fidalgo de muyto pouca renda usava muyto estado, tinha capelam seu, e ourivez seu, e outros officiaes, aos quaes nunca pagava. E vendose o seu capelam esfarrapado e sem nada de seu, entra dizendo:

Farsa dos Almocreves.

Pois que nam posso rezar
por me ver tam esquipado
por aqui por este arnado
quero hum pouco passear
por espaçar meu cuydado.
E grosarey o romance
de *Yo me estava en Coimbra*,
pois Coimbra assi nos cimbra
que nam ha quem preto alcance. (*fl. 228.*)

O diálogo do padre com o fidalgo é chistoso. Queixa-se aquele de ser capelão dêste há três anos, e mais seu comprador e azemel,

e outros carregozinhos
desonestos pera mi,
. . . . . .
e ter carrego dos gatos
e dos negros da cozinha,
e alimparvolos çapatos
e outras cousas que eu fazia. (*fl. 228, col. 4.*)

O fidalgo concorda, mas não paga: que mais pode querer um clérigo do que ter de comer e a honra de ser capelão de tal senhor, além da plena confiança outorgada, pois lhe fiava toda a sua esmolaria sem lhe tomar conta.

P.e Francisco Alvares, *Verdadeira informação das terras do Preste João das Indias*. Lisboa, 1889, pags. 182 e 183.

Digitized by Google

Dos tres annos que eu alego
dala ey logo sem pendenças,
mandastes dar a hum cego
hum real por endoenças.
. . . . . .
E logo dahi a hum anno
pera ajuda de casar
hũa orfaã, mandastes dar
meo covado de pano
dAlcobaça por tosar.
E nos dous annos primeyros
repartistes tres pescadas
por todos esses mosteyros,
na Pederneyra compradas
daquestes mesmos dinheiros.
Ora eu recebi cem reaes
em tres annos, contay bem,
tenho aqui meo vintem. (*fl. 228, col. 4.*)

Quantos risos amarelos não haveria no auditório ao escutar tôda esta farsa? Já na continuação só dois espectadores ririam constrangidos. O fidalgo promete ao capelão dá-lo a el Rei ou à Raínha, mas

dizey ora hum profaceo a ver
que voz tendes pera laa.
Capelão) Folgarey de o dizer;
mas quem me responderaa?
Fidalgo) Eu.
Capelão) *Per onia seoula seculorum.*
Fidalgo) Amẽ.
Capelão) *Dominus vobiscum.*
Fidalgo) Avante.
Capelão) *Sursum corda.*
Fidalgo) Tendes essa voz tam gorda,
que pareceis Alifante
depois de farto daçorda.
Capelão) Pior voz tem Simão Vaz,
tesoureyro e capelam,
e pior o Adayam
que canta como alcatraz
e outros que per hi estam. (*fl. 229, vol. 2.*)

Simão Vaz já era capelão e tesoureiro da capela rial em 1521 quando, por carta de 29 de Abril, foi apresentado chantre na igreja de Santa Maria da Alcáçova de Santarem[1]. O «Adayam» era Diogo Ortiz de Vilhegas a quem D. Manuel, por carta de 20 de Agosto de 1516, nomeara deão da capela do Príncipe, declarando na carta ter em consideração o muito serviço recebido do mestre Diogo Ortiz, fidalgo de sua casa, seu capelão e mestre dos infantes seus filhos, e as suas letras e bondades[2]. Era da família de D. Diogo Ortiz de Vilhegas, o Calçadilha[3], insigne gramático e cosmógrafo, então bispo de Viseu. D. João III,

---

[1] *Chancelaria de D. Manuel*, liv. 39.º, fl. 113 v.
[2] *Ibidem*, liv. 25.º, fl. 106.
[3] Pela alcunha do Calçadilha, terra do reino de Leão donde êle era natural, aparece por duas vezes designado Diogo Ortiz no *Cancioneiro:* em versos muito obscuros de João Gomes, da Ilha (fl. 47, col. 6), e noutros do Coudel mor, escritos em 1498 às cerollas de

Digitized by Google

subindo ao trono, confirmou o segundo Diogo Ortiz no deado da sua capela por carta de 13 de Janeiro de 1522 [1]. Foi êle nomeado bispo de S. Tomé em 3 de Novembro de 1534, no próprio dia da creação daquele bispado, do qual foi transferido para o de Ceuta por bula de 24 de Setembro de 1540 [2]. Morreu a 4 de Julho de 1544 [3].

Mal descartado o fidalgo caloteiro do seu capelão, aparece-lhe o ourives a quem embala com boas palavras e a promessa de falar nêle a el Rei. Atrás daquele «vem Pero Vaz almocreve, que traz hum pouco de fato do fidalgo, e vem tangendo a chocalhada, e cantando.

A serra he alta,
fria e nevosa
vi venir serrana,
gentil graciosa.

Acaba de cantar e diz:

Arre! mulo namorado,
que custaste no mercado
sete mil e novecentos
e hum traque pera o siseyro;
apre! ruço acrecentado
à moradía de quinhentos
paga per Nuno Ribeyro [4].
Dix, pera a paga e pera ti,
arre! arre! arre! embora
que já as tardes sam damigo,
apre! besta do roim!
uxtix! o atafal vay por fora
e a cilha no embigo;
sam diabos pera os ratos
estas vinhas da Candosa. (*fl. 230, col. 3.*)

A êste almocreve vem juntar-se outro, discreteam sobre vários casos e entre êles o da fuga da mulher do primeiro que filosóficamente recebe o caso,

que as molheres nam sam
todo o veram senam pulgas. (*fl. 231, col. 1.*)

Manuel de Noronha: «E compre que Calçadylha || no sermão diga em Castilha» (fl. 162, col. 6). Esta indicação até serve para suprir uma omissão de Garcia de Rèsende, que na *Entrada del rey dom Manoel em Castella* não nomeia Diogo Ortiz entre as pessoas que acompanharam então o soberano. Mas a alcunha não aparece só no *Cancioneiro*, até se encontra em diplomas. Por cartas de 8 de Novembro e 29 de Dezembro de 1488, p. ex., foi o «licenciado Calçadilha, do nosso conselho», nomeado para fazer parte de duas alçadas para exame de determinados delitos e julgamento dêles (liv. 21.º de D. João II, fl. 176 e 100 v.).

[1] *Chancelaria de D. João III*, liv. 51 de *Doações*, fl. 15.

[2] Dr. Fortunato de Almeida, *Historia da Igreja*, tom. III, part. II, pags. 1054 e 983.

[3] Levy Maria Jordão, *Memoria historica sobre os bispados de Ceuta e Tanger*, pag. 40.

[4] Nuno Ribeiro, cavaleiro da Ordem de Cristo, fôra pagador das moradias ainda no ano de 1526, do qual se lhe deu quitação por carta de 11 de Maio de 1534 (liv. 20.º de D. João III, fl. 88), mas em 1527 parece que o tesoureiro e pagador já era Heitor Henriques (*Arq. hist. port.*, IX, pag. 456, n.º 724). Este facto talvez faça dar em parte razão à rúbrica da farsa e que esta tivesse sido *composta* em 1526, mas só *representada* em Coimbra em 1527.

Digitized by Google

Pior mordedura foi a do fidalgo, pois não lhe pagou o frete. Com êste acabam os lôgros, mas não a farsa, porque ainda entra um segundo fidalgo e ficam os dois discorrendo sôbre mulheres, pelas quais um dá tudo e outro nada.

Ainda em Coimbra, a 15 de Outubro, nasceu a infanta D. Maria, a malograda futura princesa das Asturias, mãe do desditoso D. Carlos a quem Filipe II, seu pai, apressou a morte; mas como o porvir se não adivinha, tratou-se de festejar o presente, recorrendo-se, como de costume, a Gil Vicente, que acudiu com o auto da *Serra da Estrêla*. «Tragicomedia pastoril feyta e representada ao muyto poderoso e catholico Rey dom Ioam o terceyro deste nome em Portugal ao parto da serenissima e muy alta Raynha dona Caterina nossa senhora e nacimento da illustrissima iffante dona Maria que depois foy princesa de Castella, na cidade de Coimbra na era do senhor de M. D. xxvij [1]». *Serra da Estrêla.*

Aparece neste auto a prova da pouca antecipação com que Gil Vicente preparava as suas peças; nêle até existem versos compostos entre a hora do parto da Raínha e a da representação do auto. Diz a Serra em scena, referindo-se à recem-nascida infanta:

E mais naceo em bom dia,
Martes, deos dos vencimentos, (*fl. 170, col. 2.*)

e com efeito o dia do nascimento da infanta foi uma terça-feira.

Esta peça é das tais bucólicas capazes hoje de dar sono ao mais espertinado, mas que nesses tempos agradavam. De chiste só aparece o delineamento feito por um ermitão da ermida ideal para sua habitação nos cêrros pitorescos da Beira:

E queria a eu achar feyta,
por nam cansar em fazella,
que fosse a minha cella
antes bem larga que estreyta,
e que podesse eu dançar nella.
E que fosse num deserto
denfindo vinho e pão
e a fonte muyto perto,
e longe a contemplação.
Muyta caça e pescaria,
que podesse eu ter coutada,
e a casa temperada,
no veram que fosse fria
e quente na invernada.
A cama muyto mimosa
e hum cravo aa cabeceyra,
de cedro a sua madeyra;
porque a vida religiosa
queria eu desta maneyra.
E fosse o meu repousar
e dormir atee tais horas,
que nam podesse rezar

Copilaçam das obras, fl. 169 v. — As palavras, *que depois foy princesa de Castela*, revelam a interferência do filho de Gil Vicente na composição da rúbrica.

Digitized by Google

por ouvir cantar pastoras
e outras assoviar.
Aa cea e jantar perdiz,
ao almoço moxama [1]
e vinho do seu matiz,
e que a filha do juyz
me fizesse sempre a cama.
E em quanto eu rezasse,
esquecesse ella as ovelhas,
e na cela me abraçasse
e mordesse nas orelhas,
inda que me lastimasse.
Irmãos, pois deveis saber
da serra toda a guarida,
praza vos de me dizer
onde poderey fazer
esta minha sancta vida.

Gonçalo, pastor) Estaa li, padre, hum silvado,
viçoso, verde, florido,
com espinho tam comprido,
e vós nun ali deytado
perderieis o proído. *(fl. 173, cols. 2 e 3.)*

Despediu-se finalmente a côrte dos choupais e salgueirais do Mondego já quando êles estavam despidos de fôlhas, e foi passar o Natal a Almeirim, onde se encontrava a 16 de Dezembro [2]. Na jornada foi Gil Vicente vítima de uma extorsão da qual se queixou amargamente. « De Gil Vicente a elRey dom Ioão terceyro do nome, de gloriosa memoria, porque na tornada de Coimbra a Santarem lhe levaram hũs Castelhanos almocreves daluger quãto trazia, porque a Raynha nossa senhora mandou que aos Castelhanos não tomassem bestas por taxa, mas pollo preço que elles quisessem».

Trovas a D. João III.

. . . . . .
A Santarem cheguey eu
bem tal como Deos naceo
que nam trouxe la do ceo
consigo hum vintem de seu;
e pois tanto bem vos deu,
alto senhor,
a quien contare mis quexas
si a vos no.
Castelhanos me trouxeram
e levaram quanto tinha,
porque Deos e a Rainha
diz que os favoreceram;
tam grande golpe me deram
com favor,
que no contare mis quexas
si a vos no.

---

1 «Peixe sêco e salgado que se pode conservar por muito tempo». DR. MENDES DOS REMÉDIOS, *Glossário ás Obras de Gil Vicente.*
2 *Corpo cronológico*, passim.

Digitized by Google

E por mais desaventura,
alem do muyto dinheyro,
fuy eu de bom cavaleyro
e cay dalbardadura;
ay de mi que estou em cura!
Oo senhor!
a quien contare mis quexas
si a vos no.
Fernan dÁlvares me seria
grande saude e socego,
e no bispo de Lamego
queria eu a portaria,
e se passa deste dia
morto no,
porque no conto mis quexas
si a vos no. (*fl. 261-262.*)

A mulher de D. João III foi sempre mais castelhana que portuguesa e, como o dominava inteiramente, favorecia o mais possível os seus patrícios em detrimento mesmo dos de seu marido. Gil Vicente não o encobre. Via êle em Fernão d'Álvares e no Bispo de Lamego o seu livramento, por isso os lembra, por serem respectivamente o tesoureiro de D. João III e o capelão mor de D. Caterina, que nêles sentiam o dinheiro e a crença, as duas constantes preocupações dos régios consortes.

Fernão d'Álvares foi um daqueles ministros que, sem terem a capacidade de António Carneiro, também mereciam a atenção da parte dos investigadores históricos. Em 1518, sendo cavaleiro da casa de D. Manuel e escrivão da sua câmara, foi-lhe confiado o cargo de tesoureiro dos almoxarifados do reino, lugar que desempenhou desde 1 de Setembro daquele ano, apesar da carta de nomeação ser só de 30 de Janeiro de 1521 [1], até 31 de Dezembro dêste ano, recebendo neste período 597 contos [2], uns 3209 contos de há três anos com o poder aquisitivo então de cêrca de 16.000 contos [3]. Era Fernão d'Álvares ao mesmo tempo tesoureiro da rainha D. Leonor de Áustria [4], lugar que no reinado de D. João III acumulou com o de seu tesoureiro, desde Janeiro de 1522 [5] até Maio do ano seguinte, quando D. Leonor partiu para Castela, sendo pouco depois nomeado, por carta de 28 de Março de 1525, tesoureiro da infanta D. Isabel [6]. Largou êste

---

1 *Chancelaria de D. Manuel*, liv. 37, fl. 104 v.

2 *Arch. hist. port.*, II, pág. 158, n.º 199, e IX, pág. 441, n.º 695. Ainda se lhe passaram mais duas cartas de quitação, uma a 15 de Setembro de 1531 relativa aos anos de 1525, 26 e 27, nos quaes recebeu 910 contos (liv. 50.º de D. João III, fl. 106), a outra em 19 de Maio de 1537 concernente ao período de 1532 e 34, no qual a receita havia sido de 555 contos (liv. 23.º, fl. 43).— E' conveniente não confundir êste Fernão d'Álvares, então recebedor dos almoxarifados do reino e depois tesoureiro mor, com outro Fernão d'Álvares, cavaleiro da casa e escrivão da câmara, que teve carta de tesoureiro e pagador das moradias em 31 de Outubro de 1519, confirmada a 7 de Janeiro de 1522 (liv. 51.º de D. João III, fl. 6 v.), ofício já anteriormente exercido como consta da carta de quitação de todo o ano de 1519, a qual lhe foi dada em 7 de Dezembro de 1520 (*Arch. hist. port.*, II, pág. 159, n.º 200).

3 Cit. tabelas de Costa Lobo na *Hist. da sociedade.*

4 *Chancelaria de D. João III*, liv. 36.º de *Doações*, fl. 120.

5 *Ibidem*, liv. 51.º, fl. 37.

6 *Ibidem*, liv. 8.º, fl. 67.

Digitized by Google

ofício a pedido del Rei que, por carta de 2 de Janeiro de 1526, lhe deu por êle cinco mil cruzados e por outra carta da mesma data o confirmou no ofício de escrivão da fazenda comprado a Fernão da Alcáçova [1]. Apesar de já não ser seu tesoureiro acompanhou D. Isabel a Castela, para assistir às liquidações do dote, segundo consta de duas cartas de quitação a êle dadas por Carlos V [2]; teve pois parte neste negócio, como aliás já o tivera no dote da infanta D. Beatriz, do qual se lhe veio a passar quitação só em Março de 1536 [3]. Regressando Fernão d'Alvares a Portugal, continuou servindo, nos ofícios de tesoureiro e escrivão da fazenda, a D. João III, de quem foi muito valido, passando brevemente a seu tesoureiro mor, como já aparece designado em diploma de Maio de 1531 [4]. Era fidalgo da casa del Rei desde 1529 [5], comendador de Santa Maria do Castelo de Tôrres Vedras na Ordem de Cristo por carta de 9 de Outubro de 1531 [6], e por outra de 26 de Março de 1535 fôra chamado para o conselho [7]. Muito rico e cheio de honras e distinções, chegou-lhe a vaidade de se afidalgar; então inventou uma descendência dos Condes de Andrada, galegos, e passou a chamar-se Fernão d'Alvares de Andrade, apelido com que o encontro pela primeira vez em um diploma de 5 de Setembro de 1534 [8]. Em 1533 edificou em Lisboa um palácio, na Corredoira, defronte do convento de Santo Antão, onde depois se instalou o da Anunciada, palácio que os seus descendentes, os Condes da Ericeira, muito ampliaram e magnificamente adornaram, do qual só existe memória na rua dos Condes, pois o palácio com os seus jardins ocupava a vasta área limitada por aquela rua, a das Portas de Santo Antão (hoje de Eugénio dos Santos), o largo da Anunciada e a avenida da Liberdade [9]. Em 1542 deu D. João III ao seu predilecto ministro um alvará para êle e sua mulher, Isabel de Paiva, poderem receber das freiras da Anunciada o uso da capela mor da sua igreja, tendo respeito a ter reedificado quási de novo todo o convento [10]. Escolheu Fernão d'Álvares a capela mor para sua sepultura e dos seus descendentes, guardando-se hoje a campa no Museu do Carmo. Do epitáfio consta haver êle falecido em Março de 1552 e sua mulher em Maio de 1580. Foi notável a prole oriunda dêste consórcio [11].

O Bispo de Lamego era D. Fernando de Vasconcelos e de Meneses, irmão do Conde de Penela, vedor da fazenda. D. Manuel chamara D. Fernando para seu capelão mor por carta de 1 de Setembro de 1516 [12], sendo já Bispo de Lamego, nomeado em Outubro de 1513 e confirmado no ano seguinte. D. João III não o manteve na capelania mor [13], mas parece que o passou à Rainha, e em 1540

---

1 LOUSADA, *Sumários da Tôrre do Tombo*, I, fl. 624 v. mihi.
2 Tôrre do Tombo, *Gaveta* 17, mac. 5.º, n.º 23, e mac. 7.º n.º 13.
3 *Arch. hist. port.*, VI, 129.
4 *Chancelaria de D. João III*, liv. 9.º de *Doações*, fl. 37.
5 *Ibidem*, liv. 48.º, fl. 113 v.
6 *Ibidem*, liv. 9.º, fl. 93 v.
7 *Ibidem*, liv. 10.º, fl. 69.
8 *Ibidem*, liv. 7.º, fl. 169.
9 CASTILHO, *Lisboa antiga, O Bairro Alto*, 2.ª ed., vol. I, pág. 214.
10 FR. LUÍS DE SOUSA, *Chronica de S. Domingos*. Lisboa, 1678, pag. 17.
11 *Brasões de Cintra*, liv. 1.º, págs. 367 e 368.
12 *Chancelaria de D. Manuel*, liv. 25.º, fl. 119 v.
13 Por carta de 7 de Janeiro de 1522 nomeou D. João III seu capelão mor a D. Paulo Pereira, em substituição do Bispo de Lamego (liv. 51 de D. João III, fl. 13).

Digitized by Google

isso é certo, transferiu-o para o arcebispado de Lisboa, onde foi confirmado por bula de 24 de Setembro. Morreu a 7 de Janeiro de 1564 [1].

Instalada a côrte em Almeirim nos fins do mês de Dezembro de 1527, brevemente lá chegou um embaixador de Carlos v, Lopo Hurtado de Mendoça, para quem haviam sido assinadas as instruções em 8 de Fevereiro de 1528 [2]. A êste embaixador se referirá Gil Vicente no ano seguinte, na farsa do *Clérigo da Beira:*

O senhor embayxador
do Cesar Emperadqr
creo que naceo no ceo,
. . . . . .
de condiçam tam graciosa,
que nam tem em nada grosa
senam soo ser Castelhano. (*fl. 237-238.*)

A referência é sem dúvida nenhuma a Lopo Hurtado, pois que, antes dêle, Carlos v tivera por seu embaixador a Carlos Popet, senhor de La Chaulx, natural do Brabante, ou dessas partes, e não castelhano. Lopo Hurtado, comendador de Villa-Rubia, foi embaixador ordinário de Carlos v na côrte portuguesa, onde alcançou muitas simpatias e permaneceu por mais de quatro anos, retirando só em fins de 1532 [3] para Itália, creio, e lá se veio a encontrar pouco depois envolvido, por ordem de Carlos v, nas peripécias do casamento de sua filha natural, a princesa Margarida, conhecida entre os historiadores por Margarida de Parma, com Octávio Farnésio, duque de Parma. Passados anos ainda tornou a Portugal na mesma qualidade, em 1544.

Pouco depois da sua chegada a Almeirim, nas Endoenças, teria o Embaixador de Carlos v assistido à representação dalgum, ou dos dois mistérios, a *História de Deus* e a *Ressurreição*, levados ao tablado por Gil Vicente naquela vila, segundo a rúbrica, o que só poderia ter tido lugar, conforme já mostrei, num dos anos de 1526 ou de 1528.

Relativa a êste ano encontro uma nota pessoal respectiva a Gil Vicente: «1528. É feita mercê de uma tença de doze mil réis a G. Vicente, além dos vinte que já tinha [4]». O autor citado não se reporta a nenhum documento, nem eu sei da existência dêle; até parece ter havido neste ponto confusão ou equívoco, e nem mesmo será caso análogo ao já lá atrás apontado [5].

Passadas as festas da Páscoa não chegou D. João III a demorar-se mais um mês em Almeirim, pois que, se ainda encontro vestígios da sua permanência lá em 5 de Maio, já a 16 o acho em Lisboa [6]. Foi esta a última estada de D. João III na risonha vila ribatejana durante a vida de Gil Vicente. Ao embar-

---

[1] Dr. Fortunato de Almeida, *Hist. da Igreja em Portugal*, tom. III, part. II, págs. 825 e 846.

[2] Fr. Luís de Sousa, *Annaes de D. João* III, pág. 230.

[3] Carta datada de Madrid, a 30 de Outubro de 1532, da imperatriz D. Isabel a seu irmão, comunicando-lhe a retirada imediata de Lopo Hurtado para outro pôsto (*Corpo cronológico*, part. I, mac. 50, doc. 22).

[4] Brito Rebelo, *Gil Vicente*. Lisboa, 1912, pág. 144.

[5] Pag. 128, nota 8.

[6] *Corpo cronológico*, passim.

Digitized by Google

car avistou êle mais uma vez á sua direita, as muralhas romanas da velha vila de Santarêm, no alto do seu monte, dominando a já então bastante laboriosa Ribeira e a sempre pacata e pobre Alfange, uma à beira do rio, outra a meia encosta enlevada às noites no canto dos seus inumeros rouxinois. À esquerda, a perder de vista, a extensa planície viridente dos campos de Almeirim, picada dalguns choupos e emoldurada entre o verde luzidio dos salgueiros à borda da água, e o verde escuro do mato e arvoredo da coutada, debruado do verde claro das vinhas nas ademas junto à alvejante vila. Além ainda, avistou a recortada linha dos azulados montes dividindo o ceo da terra. Olharia para o quadro, tam alegre de manhã, tam melancólico à tarde, mas provávelmente não lhe passou pela mente ser esta uma das suas últimas jornadas rio abaixo.

Auto da Feira.

Chegou o tempo de falar numa das mais afamadas e discutidas peças de Gil Vicente, o *Auto da Feira*. Diz a sua rúbrica: «A obra seguinte he chamada auto da feyra. Foy representada ao muy excellente principe el Rey dom Ioam ho terceyro deste nome, na sua nobre e sempre leal cidade de Lisboa, aas matinas do Natal. Na era do Senhor de M. D. XXVII [1]». Estas indicações não podem porêm ser exactas; D. João III, desde a morte do pai até 1536, só passou o Natal em Lisboa nos anos de 1521, 22, 28 e 29 [2]. Os dois primeiros estão naturalmente excluídos; nêles não se celebraram festas na côrte dada a proximidade da morte de D. Manuel. Ficam-nos pois os dois últimos, num dêles, sem dúvida, foi representado o *Auto da Feira*, se a indicação do lugar na rúbrica está certa, e está, porque lá diz um dos compradores:

Vamonos daqui, Vicente,
. . . . . .
vamos comprar aa Ribeyra. (*fl. 37, col. 2.*)

Inclino-me porêm a que tivesse sido em 1528, porque, como logo direi, nos fins do ano seguinte, principios de 1530, coube a vez à farsa do *Clérigo da Beira* de ser apresentada no paço. Só por isto.

Ao correrem-se as cortinas, «entra primeyramente Mercurio, e posto em seu assento, diz:

Pera que me conheçaes
e entendais meus partidos,
todos quantos aqui estaes
afinay bem os sentidos,
mais que nunca, muyto mais.
Eu sou estrella do ceo,
e depois vos direy qual
e quem me ca decendeo,
e a que, e todo o al
que me a mi aconteceo.
E porque a estronomia
anda agora muy maneyra,
mal sabida e lisongeyra,
eu aa honrra deste dia
vos direy a verdadeyra. (*fl. 30 col. 3.*)

---

1 *Copilaçam das obras*, fl. 80 v.
2 *Corpo cronológico*, passim.

Digitized by Google

Esta *estronomia* não era a verdadeira astronomia, mas sim a astrologia judiciária muito em voga no reinado de D. Manuel e de seu sucessor [1], como já notei ao referir-me ao físico Tôrres, uma das figuras da farsa dos *Físicos*. Aponta porêm o Mercúrio de Gil Vicente um matemático e astrólogo verdadeiro, brincando até um pouco com êle:

Porem querovos preegar,
sem mentiras nem cautellas,
o que per curso destrellas
se poderaa adevinhar,
pois no ceo naci com ellas.
E se Francisco de Melo,
que sabe sciencia avondo,
diz que o ceo he redondo
e o sol sobre amarelo,
diz verdade, não lho escondo.
Que, se o ceo fora quadrado,
nam fora redondo, senhor;
e, se o sol fora azulado,
dazul fora a sua cor
e nam fora assi dourado. (*fl. 30, col. 4.*)

Francisco de Melo, «que entam era o milhor mathematico que avia no reyno», segundo afirma Gil Vicente [2], nascera em Lisboa em 1490, filho de Manuel de Melo, reposteiro mor de D. João II e capitão de Tánger, e sobrinho de Rodrigo Afonso de Melo, conde de Olivença. Estudara em Paris nos anos de 1514 a 1520, e tomara os graus de mestre em Artes e de licenciado em Teologia. Regressando a Portugal foi mestre dos filhos de D. Manuel, orador de D. João III nas côrtes de Tôrres Novas de 1525 e nas de Évora de 1535, e ainda neste mesmo ano recitou a oração no auto do juramento do príncipe D. Manuel; também foi do conselho nomeado em 1529. Morreu em 1536, tendo escrito alguns tratados sôbre matemática, os quais não foram impressos [3].

Vai Mercúrio no seu monólogo continuando a discorrer sôbre *estronomia*, com transcrições e citações de Joannes de Monterégio, célebre astrónomo alemão do século XV, até entrar na matéria do auto, dizendo:

E por quanto nunca vi
na côrte de Portugal
feyra em dia de Natal,
ordeno hũa feira aqui
pera todos em geral.
Faço mercador moor
ao Tempo, que aqui vem,
e assi o ey por bem;
e nam falte comprador
porque o Tempo tudo tem. (*fl. 31, col. 4.*)

---

1 ANTONIO RIBEIRO DOS SANTOS, *Mems. historicas sobre alguns Mathematicos*, nas MEMS. DE LITTERATURA DA ACADEMIA, vol. VIII, pág. 167.

2 *Copiloçam das obras*, fl. 258 v.

3 ANTÓNIO RIBEIRO DOS SANTOS, *Memória da vida e escritos de D. Francisco de Mello*, no vol. VII das MEMORIAS DE LITTERATURA PUBLICADAS PELA ACADEMIA, pág. 287 e segs. — Nesta *Memória*, escrita aliás com muita investigação e honestidade, deverá suprimir-se o título de dom atribuído a Francisco de Melo, êrro provindo da *Bib. lusitana*, e terão de se não aceitar sem exame algumas asserções, como, p. ex., a da eleição para o bispado de Goa.

Digitized by Google

Começa a dispôr-se a feira. «Entra o tempo e arma hũa tenda, com muytas cousas, e diz:

Em nome daquelle que rege nas praças
de Envers e Medina as feyras que tem,
começa se a feyra chamada das Graças
aa honrra da Vírgem parida em Belem:
quem quiser feyrar
venha trocar, que eu nam ey de vender;
todas virtudes, que ouverem mister,
nesta minha tenda as podem achar
a troco de cousas que hão de trazer. (*fl. 31-32.*)

Remédios contra fortunas ou adversidades, conselhos maduros, justiça e verdade, a paz desejada (quem no-la dera!), o temor de Deus, «já perdido em todos estados», as chaves dos ceus, tudo se encontra na tenda do Tempo. Receia êle porêm que a feira seja de maus compradores, mais inclinados a fazerem suas mercas na feira do Demo, e pede a Deus auxílio, o qual lhe é enviado na pessoa de um Serafim, grande pregoeiro.

Aa feyra, aa feyra, ygrejas, mosteyros,
pastores das almas, papas adormidos,
compray aqui panos, muday os vestidos,
buscay as çamarras dos outros primeyros,
os antecessores;
feiray o caram que trazeis dourado.
oo presidentes do Crucificado,
lembrayvos da vida dos sanctos pastores
do tempo passado.
Oo principes altos, imperio facundo,
guardayvos da yra do Senhor dos ceos,
compray grande soma do temor de Deos
na feyra da Virgem, Senhora do mundo,
exemplo da paz,
pastora dos anjos, luz das estrelas;
aa feyra da Virgem, donas e donzellas,
porque este mercador sabey que aqui traz
as cousas mais belas. (*fl. 32.*)

Sim, mas lá «entra hum Diabo com hũa tendinha diante de si, como bofolinheyro, e diz:

Eu bem me posso gavar
e cada vez que quiser,
que na feyra ond'eu entrar
sempre tenho que vender
e acho quem me comprar:
e mais vendo muyto bem,
porque sey bem o que entendo,
e de tudo quanto vendo
nam pago sisa a ninguem
por tratos que ande fazendo. (*fl. 32, col. 3.*)

Quere o Tempo impedir o Diabo de vender na feira; mas êle teima, porque tem compradores certos e numerosos para a sua mercadoria:

Digitized by Google

Hi ha de homẽs roins
mais mil vezes que nam bõs,
como vós muy bem sentis.
E estes ham de comprar
disto que trago a vender,
que sam artes denganar,
e cousas pera esquecer
o que deviam lembrar:
que o sages mercador
ha de levar ao mercado
o que lhe compram milhor,
porque a roim comprador
levar lhe roim borcado.
E mais as boas pessoas
sam todas pobres a eyto,
e eu por este respeyto
nunca trato em cousas boas,
porque nam trazem proveyto.
Toda a gloria de viver
das gentes, he ter dinheyro,
e quem muyto quiser ter
cumprelhe de ser primeyro
o mais roim que poder.
E pois sam desta maneyra
os contratos dos mortais,
nam me lanceis vós da feyra,
onde eu ey de vender mais
que todos hà derradeyra.
Serafim) Venderaas muyto perigo
que tens nas trevas escuras.
Diabo) Eu vendo prefumaduras
que, pondoas no embigo,
se salvam as criaturas.
Aas vezes vendo virotes,
e trago dAndaluzia
naypes, com que os sacerdotes
arreneguem cada dia
e joguem atee os pellotes[1]. (*fl. 33, col. 1.*)
Serafim) Nam venderaas tu aqui isso,
qu'esta feyra he dos ceos;
vay lá vender ao abisso
logo da parte de Deos.
Diabo) Senhor, apello eu disso.
Se eu fosse tam mao rapaz,
que fizesse força a alguem,
era isso muyto bem;
mas cada hum veja o que faz,
porqu'eu nam forço ninguem.
Se me vem comprar qualquer
clerigo, ou leygo, ou frade
falsas manhas de viver
muyto por sua vontade,
senhor, que lh'ey de fazer?
E se o que quer bispar
ha mister hipocresia
e com ella quer caçar,
tendo eu tanta em perfia,
porque lha ey de negar?

---

[1] Os versos em itálico foram suprimidos pela censura na edição de 1586.

Digitized by Google

E se hũa doce freyra
vem aa feyra
por comprar hum ingoento
com que voe do convento,
senhor, inda que eu nam queyra,
lhe ey de dar aviamento [1]. (*fl. 33, col. 2.*)

Até aqui, em todo êste famoso auto da *Feira*, a censura inquisitorial só encontrou proposições mal soantes, merecedoras de supressão, nos quinze versos acima impressos em grifo e em mais êstes cinco do monólogo de Mercúrio, no princípio do auto:

a lũa tem este geyto:
vee que clerigos e frades
já nam tem ao ceo respeyto,
mingualhes as sanctidades
e crecelhes o proveyto. (*fl. 31, col. 1.*)

Nêles aparece matéria heterodoxa? Foi por os achar heréticos, foi por isso que Fr. Bartolomeu Ferreira, o revedor da Inquisição, os mandou cortar? Ninguêm tal poderá supôr. O censor fez o que sempre fizeram, fazem e farão os censores de tôda a espécie: eliminou o que ofendia a si, à sua seita, aos de que directamente dependia. Até aqui pois a ortodoxia de Gil Vicente sai ilesa. Vejamos mais para diante.

Entra Roma na feira, cantando e queixando-se dos próprios cristãos a desacatarem, e diz:

Eu venho aa feyra dereyta
comprar paz, verdade e fee.
Diabo) A verdade pera quê?
cousa que nam aproveyta
e avorrece, pera que he? (*fl. 33, col. 3.*)
. . . . . .
Vender vos hey nesta feyra
mentiras vinta tres mil,
todas de nova maneyra,
cada hũa tam sotil
que nam vivaes em canseyra.
Mentiras . . . . . .
. . . . que a todas horas
vos nação dellas favores.
E como formos avindos
nos preços disto que digo,
vendervos ey como amigo
muytos enganos enfindos
que aqui trago comigo.
Roma) Tudo isso tu vendias
e tudo isso feyrey
tanto, que inda venderey,
e outras çujas mercancias
que por meu mal te comprey.

[1] Suprimidos também pela censura inquisitorial em 1586.

Digitized by Google

Porque a troco do amor
de Deos, te comprey mentira,
e a troco do temor,
que tinha da sua yra,
me deste o seu desamor.
E a troco da fama minha
e sanctas prosperidades
me deste mil torpidades,
e quantas virtudes tinha
te troquey pollas maldades. *(fl. 33, col. 4.)*

Vai-se Roma ao Serafim, pedindo-lhe aquilo de que há mister, mas sujeita-se a dura repreensão. Êle dar-lhe-há a paz, a trôco porêm de santa vida, da qual ela anda arredada e por isso tem guerra com Deus, não podendo pois ter paz com o mundo. Responde-lhe Roma:

A troco das estações
nam fareis algum partido,
e a troco de perdões
que he tesouro concedido
pera quaesquer remissões.
Oo! vendeyme a paz dos ceos
pois tenho o poder na terra.
Serafim) Senhora a quem Deos dá guerra
grande guerra faz a Deos,
que he certo que Deos nam erra.
Vede vós que lhe fazeis,
vede como o estimais,
vede bem se o temeis *(fl. 34, col. 1.)*
atentay com quem lutais
que temo que cayreis.
Roma) *Assi que a paz nam se dá*
a troco de jubileus?
Mercurio) *Oo Roma sempre vi lá*
que matas peccados cá
e leyxas viver os teus.
Tu nam te corras de mi:
mas com teu poder facundo
assolves a todo o mundo
e nam te lembras de ti,
nem vês que te vás ao fundo [1].
Roma) Oo Mercurio valeyme ora
que vejo maos aparelhos. *(fl. 34, col. 2.)*

Nestes versos suprimidos pela censura há, sem dúvida, não só irreverência para com Roma, mas até a corrupção e venalidade dalguns papas, da cúria e do alto clero d'então são verberadas com merecida veemência; mas é um católico a repreender e não um herege a taxar. Esta é a grande diferença. Gil Vicente não atacou nunca nenhum dogma, nenhum mistério da religião católica; êle limitou-se a censurar, ásperamente muito embora e aproveitando o terrível processo do ridículo, os que mais obrigação tinham de a acatar, observando os seus preceitos, e que pelo contrário davam o tristíssimo exemplo da maior devas-

[1] Suprimidos também pela censura inquisitorial.

Digitized by Google

sidão e do menor temor de Deus. Foi um látego violento contra êstes, que se vingaram suprimindo-lhe peças inteiras, mutilando ou deturpando várias outras [1]. Quem quiser ver em Gil Vicente tendências para a Reforma e seus propugnadores cai, na minha opinião e salvo o devido respeito pelas opiniões contrárias, num êrro análogo ao daquele que suposer no Marquês de Pombal irreligião por a sua política o ter levado a expulsar os Jesuítas, a mandar decretar um novo *Regimento* para a Inquisição, o qual aliás foi sempre iludido ou mal observado [2]. E' dar no escolho fatal a muitos, historiadores certamente não direi, mas investigadores ou pseudo investigadores de história de ajuizarem dos actos das gèrações passadas pelos das presentes, de transportarem ao seu meio social e de acôrdo com êle apreciarem e criticarem os sucessos de tempos pretéritos. Quanto à ortodoxia de Gil Vicente será a própria censura inquisitorial que dela dará fé, não lhe cortando por heterodoxas nenhumas passagens, como lá adiante verá o leitor, quando eu puser em confronto os textos das duas primeiras edições da *Copilaçam de todalas obras de Gil Vicente.*

Voltemos ao *Auto da Feira.* Apelara Roma para Mercúrio que a aconselha a mudar de vida se não quiser perder-se. Com isto sai Roma pouco satisfeita e o auto perdeu todo o interêsse, pois são incapazes de o despertar os lavradores queixosos das mulheres, as mulheres furiosas contra os maridos, as moças e mancebos dos montes e outras figuras que vêem à feira por curiosidade.

Triunfo do Inverno.

Passados pouco meses, a 28 de Abril de 1529, nasceu em Lisboa a infanta D. Isabel e a sua vinda ao mundo foi festejada com a representação de uma peça de Gil Vicente, como na rúbrica dela se declara: «A tragicomedia que se segue he chamada Triunfo do inverno. Foy representada ao muyto alto e excelente Princepe elRey dom Ioam o terceyro deste nome em Portugal na sua cidade de Lixboa, ao parto da devotissima e muyto esclarecida Raynha dona Caterina nossa senhora. He repartida em duas partes [3]». Não se declara a data nem o nome da recem-nascida e como no ano seguinte, a 15 de Fevereiro, na mesma cidade, nova infanta veio ao mundo, Beatriz se chamou ela, poderia entrar-se em dúvida sôbre qual das duas teria tido o nascimento festejado com o auto, se êste próprio se não encarregasse de nos esclarecer. A segunda parte da tragicomédia é o *Triunfo do Verão*, notando-se que Gil Vicente entendia por verão, como aliás era comum nesses tempos a Portugueses e Castelha-

---

[1] A censura inquisitorial anterior a 1562 suprimiu, como já notei, os autos do *Jubileu de amores*, da *Aderência do paço*, da *Vida do paço* e dos *Fisicos;* a censura de 1562 não sabemos o que fez, mas não há dúvida de se ter exercido, não só por isso se declarar no frontispício da edição dêsse ano, mas até por ter cortado no final do *Auto da Fé* a «enseliada que veyo de França» e ainda por ter permitido a reimpressão do auto dos *Fisicos;* a censura de 1586 suprimiu o *Prólogo a D. João III*, os autos da *Exortação da guerra*, do *Templo de Apolo*, da *Romagem de agravados*, das *Fadas*, do *Clérigo da Beira* e dos *Fisicos*, o *Sermão* e finalmente a *Carta a D. João III*, uma nota tão preciosa para avaliar o caracter de Gil Vicente, só porque nela se atacavam os Frades de Santarêm! Quanto às mutilações e alterações usadas pela censura nas outras peças, ver-se-hão lá adiante no seu capítulo próprio.

[2] Cfr. na *Narrativa da perseguição de Hippolyto José da Costa Pereira Furtado de Mendonça.* Londres, 1811. — Se fosse possível o Marquês de Pombal tornar hoje a Portugal com todo o seu poder antigo, uma das suas primeiras providências seria a de mandar rabiscar nas paredes do Limoeiro, ou cogitar entre os pedregulhos do Pungo Andongo, muitos dos seus actuais apologistas declamadores. Olá!

[3] *Copilaçam das obras*, fl. 174 v.

Digitized by Google

nos, a nossa primavera [1], e já no auto dos *Quatro tempos* as estações são o inverno, verão, estio e outono. Ora, na segunda parte da tragicomédia diz o Verão à Serra de Sintra:

Que en *mi tiempo* fue alumbrada
la reyna vuestra senhora [2], (*fl. 182, col. 3.*)

o que só se pode aplicar a 28 de Abril e não a 15 de Fevereiro. Ainda maior certeza dão à minha afirmação alguns versos do *Romance* recitado pelo Inverno na primeira parte do auto. Dizem êles:

Recuerda te, Portugal,
quanto Dios te tiene honrado:
diote las tierras del sol,
. . . . . .
diote el Rey don Juan
tercero deste ditado,
y de su reyna preciosa,
porque seas mas liado, (*fl. 180, col. 4.*)
dos hijas primeramente,
. . . . . .
tu principe natural
Dios te le tiene guardado,
y naceraa en tus manos
a su tiempo limitado. (*fl. 181, col. 1.*)

As duas filhas são a infanta D. Maria nascida em 1527, como lá acima já ficou consignado por ao seu nascimento ter sido representada a *Serra da Estrêla*, e a recêm-nascida. Ainda pelos versos se averigua haver sido a morte do príncipe D. Afonso, vindo ao mundo em 1526, anterior a Abril de 1529, o que se não encontrará consignado em cronistas nem genealogistas.

Abre a tragicomédia o próprio autor, recitando estes versos:

Em Portugal vi eu já
em cada casa pandeyro
e gayta em cada palheyro,
e de vinte annos acá
nam ha hi gayta nem gayteyro.
A cada porta hum terreyro,
cada aldea dez folias,
cada casa atabaqueyro [3],
e agora Geremias
he nosso tamburileyro.
Soo em Barquerena avia
tambor em cada moinho,
e no mais triste Ratinho
s'enxergava hũa alegria,
que agora nam tem caminho. (*fl. 174. col. 3.*)
. . . . . .

---

[1] BLUTEAU, *Vocabulário*, v. Verão.
[2] A vila de Sintra com todo seu têrmo entrara no apanágio de D. Caterina de Áustria.
[3] Tocador de atabáque, espécie de tambor com coiro só de uma banda. MORAES. *Dicc.*

Digitized by Google

Se neste tempo de gloria
nacera a infanta sagrada,
como fora festejada
soomente polla vitoria
da Raynha alumiada.
. . . . . .
Porem co a ajuda dos ceos
ymaginey hũa festa
aa nossa Julia modesta
nacida per mão de Deos,
a qual festa seraa esta.
Quando vi de tal feyçam
tam frio o tempo moderno,
fiz hum triumpho dinverno,
despois seraa o do veram.
Nos quaes foy meu pensamento
fazer a farsa distinta,
por nam gastar tanta tinta
neste primeyro argumento,
e porque milnor se sinta.
O inverno vem salvagem,
Castellano en su dezir,
porque, quem quiser fingir,
na Castelhana lingoagem
achará quanto pedir. (*fl. 175, col. 1.*)

Neste auto são dignas de nota a scena da Velha,

que quiere un moço marido,
y el dize que la toma
y sacole este partido:
que si esta sierra passar,
assi lloviendo y nevando,
luego la quiere tomar;
y ella por se casar
viene descalça cantando. (*fl. 177, col. 3.*)

E a da tempestade, na qual a nau corre risco de sossobrar pela incapacidade do pilôto e imperícia dos grumetes

Nam vay nesta nao grumete
que valha hum soo caracol,
aa vella chamam lançol
e picota ao traquete. (*fl. 178, col. 4*)

Quanto ao pilôto houve o lugar únicamente pelas aderências, o antepassado da empenhoca de hoje em dia,

porque hum piloto de pao
sabe mais na marinhagem. (*fl. 179, col. 1.*)

E assim ficamos nós sabendo, porque tanta nau se perdeu na carreira da Índia.

Continuava a côrte em Lisboa, quando D. João III, «havendo respeito ao crescimento em que, louvores a nosso Senhor, vai esta cidade de Lisboa e povo dela, e como pera as cousas da justiça serem melhor feitas e menistradas, e as

Clérigo da Beira

Digitized by Google

partes com mais brevidade despachadas, era necessário acrescentar mais um corregedor dos feitos crimes, além do outro que até aqui havia, pera serem dous, houve por bem de o acrescentar, etc.» Em virtude desta resolução foi o dr. Francisco Tibau, desembargador da Casa do Cível, nomeado, por carta de 12 de Setembro de 1529, um dos dois corregedores dos feitos crimes de Lisboa [1]. Que relação pode haver, preguntará o leitor, entre esta carta e as obras de Gil Vicente? Há muita. Ela precisa a data da composição da farsa do *Clérigo da Beira*. Nela, com efeito, diz-se, em linguagem de preto:

Já a mim forro, nam sa catibo.
Bosso conhece Maracote?
corregedor Tibao hé,
elle compray mi primeyro,
quando ja paga a rinheyro
deyta a mim fero na pé.
He masa tredora aquelle,
aramá, que te ero Maracote. (*fl. 235, col 8.*)

Francisco Tibau, o corregedor do crime de Lisboa, era filho de Afonso Martins Tibau, feitor que fôra em Flandres nos anos de 1493 a 1498 e de 1505 a 1506 [2], e genro do bacharel Rui Gonçalves Maracote, casado com sua filha Leonor Gonçalves Maracote. Rui Gonçalves fôra nomeado corregedor com alçada na comarca de Entre Doiro e Minho por carta de 23 de Dezembro de 1499, promotor da justiça na Casa do Cível em 30 de Outubro de 1504, conservador do Estudo de Lisboa, em sucessão a seu pai Gonçalo Martins Maracote, por carta de 27 de Janeiro de 1505, e finalmente corregedor do crime de Lisboa por outra de 6 de Fevereiro de 1515 [3]. Em 1529 tinha a filha já casada com o dr. Francisco Tibau e dera-lhe em casamento o ofício de conservador do Estudo de Lisboa, o qual renunciou no genro e lhe foi confirmado por carta de 23 de Julho [4].

---

1 *Chancelaria de D. João III*, liv. 48 de *Doações*, fl. 75 v. — O outro corregedor do crime nomeado então, por carta de 26 do mesmo mês, foi o dr. Álvaro Estevenz, também do desembargo (*ibi*, fl. 89).

2 *Arch. hist. port.*, vol. VI. págs. 367-368 e 380-381.

3 *Chancelaria de D. Manuel*, livs. 14.º, fl. 79; 23.º, fls. 34 v. e 52 v.; e 24.º, fl. 24.

4 Esguardando os muitos serviços que Rui Gonçalves Maracote, do meu desembargo e corregedor dos feitos crimes desta cidade, tem feito a el Rei meu padre e a mim, confiando das letras, bondade e descrição do dr. Francisco Tibau, genro do dito corregedor Maracote, etc. Carta nomeando Francisco Tibau conservador do Estudo de Lisboa, com a jurisdição cível e crime, mantimento, proes, precalços, honras, privilégios, etc., ordenados, assim como tudo tinha seu sogro, que o ofício em minhas mãos enviou renunciar (*Chancelaria de D. João III*, liv. 48.º de *Doações*, fl. 47 v.). Consta, haver o ofício sido dado em casamento, de outra carta de 23 de Maio de 1538, pela qual se mandou pagar integralmente ao dr. Francisco Tibau os dez mil reais que havia com o ofício de conservador dos estudos da Universidade de Lisboa, «que ora mudei a Coimbra», pôsto que no primeiro despacho fosse determinado pagar-se-lhe seis mil reais sómente, «por quanto fez certo que lhe foi o dito ofício dado em casamento» (*ibi*, liv. 49.º, fl. 112 v.). Continua dizendo: E assi hei por bem que o dito dr. Francisco Tibau haja e goze de todos os privilégios, honras e liberdades, que tinham e gozavam os lentes dos ditos Estudos de Lisboa, pôsto que hi não haja o dito ofício por os ditos Estudos se mudarem a Coimbra, assim como gozara se actualmente servira, tirando que se não poderá chamar à jurisdição do conservador dos ditos Estudos, porque nesta parte hei por bem que os ditos privilégios lhe não sejam guardados.

Na já citada carta de 27 de Janeiro de 1505, pela qual Rui Gonçalves Maracote, do desembargo e promotor da justiça da Casa do Cível, foi nomeado conservador do Estudo de Lisboa, encontra-se uma disposição interessante: Porquanto sempre costumou fazer as

Digitized by Google

Também por esta ocasião, ainda que o diploma o não declare, largou o corregedor Maracote [1] a correição crime de Lisboa ao genro. Foi êste, por duas cartas de 29 de Outubro de 1546, acrescentado a desembargador da Casa da Suplicação e ouvidor dos feitos crimes dela [2] em que persistiu por muitos anos, sendo só por carta de 30 de Setembro de 1564 que o ofício, vago por sua morte, foi provido no dr. Manuel de Andrade [3]. Era contudo o dr. Francisco Tibau já então falecido havia muitos meses, ainda no ano de 1563 [4].

De todo o arrazoado conclui-se haver sido a farsa do *Clérigo da Beira* composta depois de Setembro de 1529, data da nomeação de Francisco Tibau para corregedor do crime de Lisboa, e antes de 19 de Fevereiro de 1530, porque na peça se encontra esta referência:

Duarte) O conde de Marialva
sabes quanto ha de viver?
Pedreanes) Mao he isso de saber,
que elle nam he flor de malva
que apodrece sem chover.
Com todas suas feridas
e muyto enferma canseyra
contratou se de maneyra,
que Deos lhe deve tres vidas
e esta he inda a primeyra. (*fl. 238, col 1.*)

O Conde de Marialva morreu a 19 de Fevereiro de 1530 [5] e, como êle estava vivo quando Gil Vicente compôs a farsa, é esta anterior àquela data. A sua composição e representação teve portanto certamente lugar num dos quatro meses de Outubro a Janeiro e, muito provávelmente, nas proximidades do Natal de 1529, se não foi a 15 de Fevereiro de 1530 ao nascimento da infanta D. Beatriz.

Nesta farsa, como já mostrei e não tornarei ao caso, há a parte que constituiu uma sátira mordaz a Sá de Miranda, e a outra melhor ou pior explicada na rúbrica. «Seguese outra farsa de folgar, que trata como hum clerigo da Beyra bespora de natal determinou de hir aos coelhos, e indo pera a caça com hũ filho

---

audiências ordenadas aos estudantes pelas manhãs o conservador do dito Estudo, a nós praz que as faça o dito Rui Gonçalves à tarde, depois de véspera, havendo respeito como é ocupado pelas manhãs na Relação, onde há de desembargar e promoter (*sic*) nos feitos da justiça, que se na dita Casa do Cível tratam, e porque isto foi consentido pelo reitor, lentes e estudantes, etc. Tornarei a advertir que estas transcrições e várias outras não são paleográficas.

1 Meado o século XVI existia em Lisboa uma tôrre do Maracote, a qual era provávelmente a última para o lado do poente das da Judiaria Nova e ficava onde hoje está a igreja de S. Julião, aproximadamente no sítio da porta (VIEIRA DA SILVA, *As Muralhas de Lisboa*, pág. 174 e Est. I). Não muito longe existia o bêco do Tibau o qual ia, em direcção quási norte sul, da rua direita de S. Paulo à rua direita da Praia, no sítio onde hoje está a sede da companhia de seguros Fidelidade e parte do prédio fronteiro, além da rua do Corpo Santo (Est. I, *ibi*).

2 *Chancelaria de D. João III*, liv. 33.º de *Doações*, fl. 195 e 186 v.

3 *Chancelaria de D. Sebastião*, liv. 16.º de *Doações*, fl. 172.

4 Carta de 10 de Fevereiro de 1564 de vinte mil reais de tença a sua viúva Leonor Gonçalves Maracote pelos serviços do marido, para começar a vencer do 1.º de Janeiro passado (*Ibidem*, liv. 14.º, fl. 51).

5 *Brasões de Cintra*, II, 418. — Ao Conde de Marialva já Gil Vicente se referira em 1521, nas *Orações dos grandes* por morte de D. Manuel, e em 1524 na *Frágoa de amor*, aludindo nesta peça também claramente ao génio ambicioso e avaro do Conde.

Digitized by Google

seu rezam as matinas. Tratase outro si, de hum vilam que indo vender à corte hũa lebre e hũs capões e hum cabaz com fruyta, foy roubado que atee o chapeyram lhe furtaram, o qual furto foy descuberto per Cezilia demoninhada, em quẽ deziam que falava hum Pedreanes. Foy representada ao muyto poderoso e Christianissimo Rey dõ Ioam o terceyro do nome em Portugal, em Almeyrim (*aliás*, Lisboa). Era do Senhor de M. D. XXVI (*aliás*, 1529 ou 30) [1]». Na farsa, o que mais impressionou o público, foi a rapariga possessa da alma de Pedreanes, e por isso, como já fizera ao auto de *Quem tem farelos*, crismou êste em *Auto de Pedreanes*, título por que vem designado no *Rol dos livros defesos de 1551*, em terceiro lugar: «*O auto de Pedreanes* por causa das matinas». Estas rezam em scena o clérigo acolitado pelo filho, indo para a caça. Terminadas elas, dá o pai umas instruções ao rapaz para as levar à mãe, mandando-lhe, entre outras coisas, que

tire as teas daranhas
aa martel santa Luzia.
E solte a cabra tambem
que estaa presa pola estola
e logo, nam seja tola,
que correja tudo bem.
Porque, se Deos ca aportar
Marcos Estevez da côrte
e achar tudo dessa sorte,
veloeis vós espirar, hay hay. (*fl 234, col. 1.*)

O Marcos Esteves, que metia medo ao clérigo, era o esmoler já nosso conhecido do *Templo de Apolo*, e não é êle o único capelão do paço com alusões na farsa. Já antes respondera o Clérigo, quando o filho lhe preguntou:

Matinas de ca da Beyra,
ou como quereis rezar?
Clérigo) Si, pera que he mudar
cada dia hũa maneyra.
Porque os capelães delRey,
que ca na Beyra tem renda,
se rezam la doutra ley,
tem outra ley de fazenda.
Mas Deos dee muyta prebẽda
Antone Alvarez, que he rezam
que elle e outros que la estam
nos leyxaram esta lenda. (*fl. 233, col. 2.*)

Dá-se a conhecer aqui a inveja dos padres da província contra os capelães do paço que lá de longe, sem fadiga, comiam as rendas das melhores igrejas da Beira e doutras comarcas. António Álvares, capelão del Rei e prebendado na Beira, havia sido apresentado na igreja de Vilar de Bèsteiros, do bispado de Viseu, por carta de 12 de Setembro de 1523 [2], e ainda havia sido provido em 1526 noutra igreja, pôsto que não na Beira, na de Santa Maria de Miranda do Douro [3], sendo bem possível que fosse êle o mesmo António Alvares nomeado em 1522 tesoureiro da capela do infante D. Luís [4]. Eram estas acumulações de

1 *Copilaçam das obras*, fl. 232 v.
2 *Chancelaria de D. João III*, liv. 45 de *Doações*, fl. 112.
3 *Ibidem*, liv. 12, fl. 4 v.
4 *Ibidem*, liv. 3, fl. 20 v.

Digitized by Google

beneficios nos clérigos da côrte, que Gil Vicente pretendia verberar, satirizando-as.

Nas matinas ainda há alusões a mais pessoas da côrte:

Clérigo) *Laudate deum omnes gentes,*
laudate Nuno Ribeyro,
que nunca paga dinheyro
e sempre arreganha os dentes. (*fl. 238, col. 3.*)

E lá mais adiante, metido a martelo por causa da rima:

Clérigo) *Inducas in tentationem.*
Filho) Responda-te Luís Homem. (*fl. 233, col. 4.*)

Nuno Ribeiro é o pagador das moradias já nosso conhecido da farsa dos *Almocreves*; Luís Homem é pessoa nova e desperta tal qual interêsse. Fôra êle várias vezes enviado como correio a diferentes partes [1], dando sempre, ao que parece, boa conta de si. Desta prática resultou lembrar-se dêle D. João III quando, em 1525, estando em Tomar, criou o oficio de correio mor do reino e lho confiou[2]. Poucos anos serviu o oficio, mas parece tê-lo feito com satisfação, pois que, por cartas de 18 de Maio de 1528 e de 23 de Junho de 1529, lhe foram dadas uma tença de três moios de trigo e a comenda de S. Vicente de Fornelos na Ordem de Cristo [3]. Morreu em 1532 e por carta de 13 de Janeiro do ano seguinte foi dado o oficio de correio mor, «por o dito Luís Homem ser falecido», a Luís Afonso [4].

Entra agora em scena Gonçalo, com criação e fruta para vender na côrte; é filho de um lavrador, porêm parvo de todo e deixa-se roubar por «dous moços do paço muyto louçãos» e por um «negro grande ladram». «Roubado assi Gonçalo vem hũa velha sua dona, e traz com sigo Cecilia da Beyra em que fala Pedreanes», e por saber do roubo

trago esta demoninhada,
ha Cezilia nomeada,
falla Pedreanes nella
e descobriraa a cilada.
Pedreanes!
Pedreanes) Aqui estou.

---

1 Em 30 de Janeiro de 1517 deu o Embaixador de D. Manuel em Bruxelas ordem ao Feitor de Flandres para entregar 100 ducados a Luís Homem para despesa da jornada a Portugal, «como lhe já outras veses fôram dados», onde vai levar recados a el Rei. (*Corpo cronológico*, part. I, mac. 21, doc. 22).

2 Vendo eu quanta necessidade em estes meus reinos há de neles haver correios e pessoas, que com toda fieldade e deligencia levem cartas e recados, assi do que a meu serviço toca, como do que toca à negociação dos tratos e mercadorias dos ditos meus reinos e mercadores que neles tratam, e olhando como, com ajuda de nosso Senhor, os ditos tratos nele vão em grande crecimento, hei por bem e me praz que em minha côrte e em minha cidade de Lisboa se façam e ordenem os ditos correios (neste momento pela primeira vez interrompidos há mais de dez dias!); e porque pera os ordenar e enviar, e se saber os que vão e vem, e quando partem e tornam, é necessario haver mestre e correio mor deles, confiando de Luis Homem, cavaleiro de minha casa, etc. Tomar, 2 de Agosto de 1525 (*Chancelaria de D. João III*, liv. 8.º, de *Doações*, fl. 94).

3 *Ibidem*, liv. 24.º, fl. 106 v., e liv. 48.º, fl. 31 v.

4 *Collecção dos diplomas e outros documentos necessarios, para devidamente se apreciar o direito do Conde de Penafiel, e hoje sua filha a Condessa do mesmo titulo, ácerca das rendas que, por transacção com a Corôa, lhe foram dadas por esta em compensação do officio de Correio Mór do Reino*, pág. 6.

Digitized by Google

Velha) E aqui aveis destar
e aveis vos dassentar;
e pois sabeis quem roubou
meu neto, fazey lho achar. (*fl. 237, col. 1.*)

Afirma o Pedreanes pela bôca da Cecília que descobrirá os ladrões; não garante porêm a sua solvência. Com efeito os dois moços do paço voltam, confessam o roubo, mas o Pedreanes, até êste! põe-se contra o lôrpa:

Gonçalo, sei tu lembrado
que dixeste, que por deos
lhe avias por perdoado
pola alma de teus ereos,
e nam te devem cornado [1]. (*fl. 237, col. 3-4.*)

Vai-se embora corrido o parvo do Gonçalo e ficam os dois moços do paço interrogando a alma de Pedreanes metida no corpo da Cecília. Querem êles saber os planetas dalguns senhores, os signos que presidiram ao seu nascimento, as suas inclinações derivadas da sua constelação, quais são os mais namorados e as suas condições de que planeta proveem. A responder-lhes está Pedreanes habilitado:

Dizey embora, rascões,
que eu sey isso muyto bem.
Porque per ostrolomia
conheço os seus nacimentos,
e polla filosomia [2]
sey todolos pensamentos
que trazem na fantesia. (*fl. 237, col. 4.*)

Vai Gil Vicente mais uma vez, e não será a última, trazer ao tablado alusões a várias pessoas da côrte, pelos seus próprios nomes, e na presença certamente dalgumas, que nem todas ouviriam com agrado as referências dos cómicos. Começam as preguntas:

Duarte) Qual he o mor namorado
de Portugal e Castela?
Pedreanes) He o Conde de Penela,
mas anda dissimulado
por amor da sua estrela.

O Conde de Penela, já nosso conhecido da *Comédia de Rubena*, era um fidalgo velho, ainda do tempo de Afonso V, que lhe dera o título, e era casado, havia perto de quarenta anos, com D. Maria de Ataíde, de quem d'ali a um ano estaria viúvo, o que Gil Vicente não poderia adivinhar, mas já presumiria, que, dado o caso, se não conservasse muito tempo sem tornar a casar, como na realidade sucedeu [3].

Seguem-se o «Embayxador do Cesar Emperador», nos versos já lá acima em parte transcritos; o Conde de Marialva, noutros que me serviram para pre-

---

[1] «Moeda de baixa lei que mandou bater Afonso XI de Castela.» (MORAES, *Dicc.*)
[2] Fisionomia.
[3] *Brasões de Cintra*, vol. II, págs. 403 e 404. — A condessa de Penela D. Maria de Ataíde já tinha morrido em Setembro de 1531 e antes de Abril de 1533 já o Conde tinha tornado a casar.

Digitized by Google

cisar a data da farsa; o «Veedor», Rui Lopes, nosso conhecido do *Templo de Apolo;* Vasco de Foes, o cortesão do cabelo pintado, já mancebo quando foi a do Salado, com quem travamos conhecimento na farsa de *Inês Pereira;* e o Conde do Redondo, com alusões na *Frágoa de Amor*. Agora entram pessoas novas.

Almeida) Afonso dAlbuquerque, irmão,
que foy ao Emperador,
que signo tem por senhor
e porque ha sua condiçam
nam podera ser melhor?
Pedreanes) Mercurio he a sua estrella
e seraa bem esquençado [1]
se jugar jogo assentado,
porem se jugar ha pella
nam lhe ficará cruzado. (*fl. 238, col. 2*)

Afonso de Albuquerque é o filho do heroi da Índia, o autor dos *Commentarios do Grande Afonso Dalboquerque* impressos duas vezes em sua vida, em 1557 e 1576. Fôra legitimado em 1506 com o nome de Brás, como filho de Afonso de Albuquerque e de Joana Vicente, mulher solteira [2], «huma mulher d'Africa», declara um autor contemporâneo [3], uma parenta de Gil Vicente, insinuam sem fundamento certos genealogistas. Por morte do pai mandou-lhe D. Manuel mudar o nome em Afonso de Albuquerque, deu-lhe quatrocentos mil reais de juro para sempre e mandou-lhe pagar cento e oitenta mil cruzados devidos a seu pai de ordenados e quintaladas de pimenta [4]. Pouco depois casou-o com D. Maria de Noronha, filha de D. António de Noronha, primo del Rei, seu escrivão da puridade e conde de Linhares por carta de 20 de Outubro de 1525. Afonso de Albuquerque era muito rico; edificara em Lisboa, pelos fins do primeiro quartel do século XVI, a casa dos Bicos [5]; comprara em 1528 a quinta da Bacalhoa, em Azeitão, a qual posteriormente muito aformoseou, terminando as obras em 1554 [6]; D. João III pedia-lhe em 1524 dinheiro emprestado [7]; por êstes e outros factos análogos é que Gil Vicente afirma ser Mercúrio a estrêla de Afonso de Albuquerque. Da sua viagem à Itália, acompanhando a infanta D. Beatriz, encontram-se notícias seguras; agora, da sua ida à côrte de Carlos V, só me aparece a menção nos versos acima. Afonso de Albuquerque foi provedor da Misericórdia de Lisboa em seis anos diversos, desde 1542 a 1577, e presidente da Câmara Municipal da mesma cidade por carta régia de 12 de Dezembro de 1572. Morreu a 6 de Maio de 1581, com oitenta anos [8] e as faculdades mentais um tanto obscurecidas, única atenuante, que encontro, para certos actos públicos e particulares da sua vèlhice.

Após Afonso de Albuquerque sobe à berlinda Jorge de Melo.

---

[1] Esquençado — Afortunado, venturoso (DR. MENDES DOS REMÉDIOS, *Glossário*. cit.).
[2] Doc. já cit. na pág. 71.
[3] GASPAR CORREIA, *Lendas da Índia*, II, 461.
[4] *Ibidem*.
[5] *Brasões de Cintra*, I, 342.
[6] ANTÓNIO BAIÃO, *Alguns ascendentes de Albuquerque e seu filho*, Lisboa, 1915, pág. XXXIV.
[7] *Ibidem*, pág. 81, doc. 58.
[8] *Ibidem*, pág. XXXIX.

Digitized by Google

Duarte) Eu tenho Jorge de Mello
por hum padre sam Giam,
tras sempre contas na mão;
mas nam sey lá no capello
como vay aa devaçam.
Almeida) Elle reza polla rua,
que tras contas todo o dia,
ou hé por galanteria?
Pedreanes) Muy boa vontade hé a sua,
mas o cuydado o desvia.
Reza mais que cinco donas
a Deos, se estaa sem paixam.
Duarte) Que lhe pede na oraçam?
Pedreanes) Que lhe dee sete atafonas
aa porta de Sanct'Antam.
E que lhe dê tanto gado
como Isac trazia,
e huma capitania,
com que fosse tam honrrado
como elle merecia. *(fl. 238, col. 2.)*

Êste Jorge de Melo, apresentado diante da côrte tôda por Gil Vicente como uma espécie de beato falso, era, nem mais nem menos, o monteiro mor do reino; antes porêm de dar a prova disso, convêm-me indicar os homónimos então existentes na côrte, quando mais não seja senão para ocorrer ao possível reparo dalguem que, fundado no meu silêncio, como em casos análogos já me tem sucedido, suponha eu não saber da existência dêles. Apontarei cinco todos vivos e conhecidos no paço em 1529-30, quando o *Clérigo da Beira* foi representado, e ainda deixarei de mencionar alguns, simples moços fidalgos ou escudeiros fidalgos, longe de lembrança pela sua idade e condição. Já o leitor vê que não eram poucos os Jorges de Melo, mesmo sem me referir aos falecidos pouco antes e que não foram dos menos notáveis, pelo contrário.

O mais em evidência dentre os vivos, afóra o Monteiro mor, era filho segundo [1] de Vasco Martins de Melo, alcaide mor de Castelo de Vide. Tinha a alcunha do Picota, talvez por ser alto e magro, e servira de capitão na armada da Índia do ano de 1507. Lá, fôra grande parcial de Afonso de Albuquerque nas suas contendas com o vice-rei D. Francisco de Almeida, a cuja morte, no regresso ao reino em 1509, assistira, como trágicamente narra João de Barros [2]. Ainda tornou à Índia na qualidade de capitão de uma das esquadras da armada do ano de 1512, provido na capitania de Cananor, a qual serviu, e voltou ao reino na armada de 1515 [3]. Poucos anos depois chamou-o D. Manuel para mestre sala de sua terceira mulher, D. Leonor de Áustria [4], a quem provàvelmente serviu todo o pouco tempo da sua permanência em Portugal. Já então era casado com

---

[1] Quando digo filho segundo, apenas pretendo indicar não ter sido o primogénito e não o segundo na idade. Fique advertido para outras vezes.

[2] *Asia*, dec. II, liv. 3, cap. 9, fl. 46 v.

[3] GASPAR CORREIA, *Lendas da Índia*, II, 289, 302 e 466.

[4] Não encontro a carta de nomeação, mas consta de muitos docs., p. ex.: do *Livro das tenças de 1523* (ARCH. HIST. PORT., II, 103 e 127), de extractos de várias fôlhas de moradias dos anos de 1528, e 1539, 40 e 41 (LOUSADA, *Sumários da Tôrre do Tombo*, I, fl. 224 v. e 227), etc., É preciso porêm não o confundir com outro Jorge de Melo que foi mestre sala de D. Manuel até 1513, ano em que largou o ofício ao genro, D. Álvaro de Abranches *(A gente do Cancioneiro*, na REVISTA LUSITANA, X, 272).

Digitized by Google

D. Antónia de Mendoça, pois que nos aparece um filho dêstes conjuges com o fôro de moço fidalgo na fôlha de 1528 [1]; ainda vivia em Novembro de 1556, quando foi confirmada a sua mulher certa tença em géneros que o infante D. Luís lhe dera [2]. Em muitos documentos e algumas passagens de historiadores é êle chamado Jorge de Melo Pereira para ser diferençado dos mais seus homónimos.

Outro Jorge de Melo, ou Jorge de Melo Pereira também, era sobrinho do precedente; viveu porêm no Alandroal onde morreu em 1549 e foi sepultado na Misericórdia [3].

Jorge de Melo, filho de Martim Afonso de Melo, capitão que fôra de Mazagão e de uma armada da China, era moço fidalgo na fôlha de 1520-21 [4]; havia sido nomeado camareiro mor e guarda mor do infante D. Duarte por carta de 21 de Abril de 1526 [5]; e veio a ser por êle contemplado no seu testamento com uma tença de trinta mil reais [6]. Dêle mais nada sei senão que aparece às vezes com o apelido Coutinho para evitar confusões, e que, na fé dos nobiliários, casou três vezes. Foi pai de Martim Afonso de Melo, capitão nos Açores e na Índia. Se dêste Jorge de Melo pouco sei, ainda menos notícias tenho de um seu primo com irmão, também Jorge de Melo Coutinho, de que só encontro memória nos nobiliários.

O quinto Jorge de Melo, depois designado por Jorge de Melo da Silva, foi pagem da Imperatriz, com quem em fins de Janeiro de 1526 partiu para Castela [7]. Não estava na côrte portuguesa em 1530, porque só voltou para Portugal alguns tempos após a morte de sua ama, em 1545 [8]. Três anos depois estava justo a casar com D. Isabel de Mendoça, donzela da rainha D. Catarina [9], e veio a morrer em 1554, deixando sua mulher viúva [10].

Pois nenhum dêstes era o Jorge de Melo visado por Gil Vicente na farsa do *Clérigo da Beira;* mas, ainda antes de expôr os motivos da exclusão dêles, ou melhor, os que me levaram a encabeçar a alusão no Monteiro mor, farei notar, recordando um dos meus argumentos para confirmarem a identidade do poeta e do ourives, o facto de todos êstes rapazes Jorges de Melo, assim que passaram a homens, terem começado a acrescentar a seu nome algum apelido de suas mães ou avós para se distinguirem uns dos outros e daquele, que pela sua situação era o maioral dêles. Ora dêste uso, então tam freqùente entre fidalgos, haviam de estar isentos dois homens do povo?—Não. É evidente. Tornemos porêm à farsa.

---

[1] LOUSADA, *Sumários* cit., I, fl. 226 v.
[2] *Chancelaria de D. João III*, liv. 54, de *Doações*, fl. 263.
[3] *Archeologo português*, II, 139.
[4] LOUSADA, *Sumários* cit., I, 273 v.
[5] *Chancelaria de D. João III*, liv. 11 de *Doações*, fl. 84 v.
[6] SOUSA, *Provas da Hist. genealogica*, II, 611.
[7] Mandado de 29 de Janeiro de 1526 de trinta cruzados de mercê a Jorge de Melo, filho de Rui de Melo, pagem da Imperatriz (LOUSADA, *Sumários* cit., I, 241).
[8] Consta de uma carta de Carlos V a D. João III, na qual se mostra reconhecido aos serviços do antigo pagem de sua mulher, concordando nos motivos que êle apresenta para justificar o seu regresso a Portugal (LOUSADA, *Sumários* cit., I, 257).
[9] *Chancelaria de D. João III*, liv. 2.º de *Privilégios*, fl. 285.
[10] A. F. BARATA, *Evora antiga*, pág. 118.

Digitized by Google

Nela alude Gil Vicente a um Jorge de Melo que anda sempre de contas na mão, até pela rua, a rezar a Deus a quem pede na sua oração,

que lhe dê sete atafonas
à porta de Santo Antão.

Pois a casa do Monteiro mor era fora da porta de Santo Antão [1], na Carreira dos Cavalos, como ao tempo era designada a futura rua das Portas de Santo Antão.

Jorge de Melo era filho segundo de Garcia de Melo, alcaide mor de Serpa, a quem seu tio Fernão da Silveira, coudel mor, enviou umas trovas, «dãdo-lhe regra pera se saber vestyr e tratar o paço» [2], e irmão de Diogo de Melo, ou Diogo de Melo Pereira, porteiro mor de D. Manuel e veador da casa da raínha D. Caterina, poeta do *Cancioneiro*. Jorge de Melo já era pagem de D. Manuel em 1505, quando el Rei lhe mandou dar um capuz, pelote e calças de lila, um gibão e carapuça de veludo preto, e mais duas camisas de olanda [3]; ainda o era d'ali a dois anos, quando, por alvará de 18 de Junho de 1507, foi nomeado monteiro mor do príncipe D. João [4]. A esta nomeação seguiram-se várias mercês: doação das rendas e direitos do celeiro da Queirã e dos direitos riais das vilas de Aguiar da Beira, Çatam e Rio de Moínhos, por carta de 23 de Fevereiro de 1510 em sucessão a seu pai; doação da saboaria de Azamor e seu têrmo por carta de 4 de Dezembro de 1513; doação das pensões dos tabeliães das notas e do judicial de toda a ilha da Madeira e da do Pôrto Santo, por carta de 4 de Maio de 1515; e mercê de duas cartas de padrão de duas tenças, respectivamente de 6:000 rs. e de 25:852, passadas ambas as cartas a 26 de Fevereiro de 1515 [5]. Foi Jorge de Melo por ocasião de despachar um dêstes padrões vítima da usura de um cristão novo, caso que deu lugar a uns apodos em verso registados no *Cancioneiro geral:* «D'Ayres Telez a Jorge d'Oliveyra rrẽdeyro da Chãçelaria, porque levou a Jorge de Melo doze mil rreaes por hũ padram que despachou sem lhe querer quitar nada [6]»; havia de ter sido alguma das cartas de

---

[1] Da casa encontra-se boa menção um século depois, quando se tratou de defender a cidade de Lisboa das incursões dos Ingleses e dos piratas. No relatório da diligência mandada fazer em 1625 pela Câmara Municipal, lê-se: «Fazer um paredão na porta de Santo Antão... e tapar um dos postigos que está da parte das casas de Garcia de Melo... Tapar as portas e janelas das casas de Garcia de Melo, até o último andar, e as últimas janelas até o meio; e deitar um paredão... que tome do cunhal último das ditas casas até umas que estão junto às da Penitência...» (Freire de Oliveira, *Elementos para a Hist. do Município*, III, 167). Este Garcia de Melo era o monteiro mor d'então, neto de Jorge de Melo, monteiro mor de 1530.

[2] *Cancioneiro geral*, fl. 19, col. 5.

[3] «Nos elRey mandamos a vos luys de gooes cavaleiro de nosa casa e nosso thesoureiro della... que deis a Jorje de melo nosso paje huũ capuz pelote e calças de lila de preço de oitocentos Rs covado e gibam e carapuça de veludo preto do mesmo preço e duas camisas dolanda de iij^c Rs vara de que lhe fazemos merce pera seu vestido E vos fazelhe dele muy boo paguamento tirado de custura... Feyto ẽ lixboa a biij° de Junho... de mjl b^c e b — *Rey*» (*Corpo cronológico*, part. II, mac. 9, doc. 120). — D. João II trazia o seu pagem muito mais ricamente vestido (Cfr. *Crítica e historia*, pág. 283).

[4] *Chancelaria de D. Manuel*, liv. 18.°, fl. 128.

[5] *Chancelaria de D. João III*, liv. 41.° de *Doações*, fl. 82 v. e 83; *Chancelaria de D. Manuel*, liv. 24.°, fl. 34 v.; e cit. liv. 41.°, fl. 83 v. e 82 v.

[6] *Cancioneiro geral* fl. 179, col. 3.

Digitized by Google

1510 ou 1513 [1]. Outra mercê de D. Manuel merece menção especial para se apreciar a maneira que êle tinha nos seus desperdícios.

Em 1515 andava D. Manuel a mandar construir umas estrebarias encostadas às muralhas da Ribeira de Lisboa, junto onde vendiam o carvão, aproximadamente no sítio onde hoje a travessa do Cotovêlo desemboca na rua do Arsenal, e confrontando do poente, contra Cata-que-farás, com Vasco Anes Côrte Rial, vedor da casa del Rei, e do nascente, contra as Taracenas, com o Conde de Vila Nova de Portimão, quando, por carta de 23 de Outubro, fez doação para sempre, de juro e herdade, do ar (dos altos, da parte superior) das referidas estrebarias a Jorge de Melo, para sôbre elas fazer casas e bemfeitorias, como lhe aprouvesse, podendo depois de feitas dispôr de tudo livremente, como se fossem bens seus próprios e patrimoniais [2]. Passados meses, por carta de 14 de Fevereiro de 1516, determinou que as boticas dos ferreiros, existentes entre as ditas estrebarias e o mar, se não possam levantar acima dos vinte palmos que já tinham, para não tolherem a vista das casas que Jorge de Melo no ar das estrebarias há de fazer, e estendeu a determinação a todos os mais prédios, desde a porta da Oura até às casas de Alvaro da Costa, que ficassem em frente das casas dos referidos Vasco Anes Côrte Rial e Conde de Vila Nova, entre as quais estavam as de Jorge de Melo [3]. Ainda não ficâmos por aqui. No ano seguinte volta D. Manuel a beneficiar Jorge de Melo com uma nova mercê, fazendo-lhe, por carta de 6 de Julho, doação para êle e todos os que dêle descenderem, sem embargo da Lei Mental, do chão das ditas estrebarias com toda a obra já lá feita [4]. Quere dizer: adquiriu D. Manuel um terreno, começou nêle umas obras de casas térreas, cede os sobrados por cima dessas casas a um cortesão, proíbe que lhe tirem a vista, e pouco depois dá-lhe tudo, ar, chão, obras feitas e ainda, provávelmente, os sobejos do material por lá abandonado. A um soldado da Índia ou de África era-lhe regateada a satisfação dos seus serviços, como tantas vezes então sucedeu; a um fidalgo palaciano, bem aparentado e pedinchão, sem nenhuns serviços ao país, tudo se lhe concede. Em todas as côrtes sempre foi assim.

As casas de Jorge de Melo a Cata-que-farás estavam já habitadas por êle em 1538, quando morreu seu visinho e cunhado Vasco Anes Côrte Rial [5]. Muito antes disso havia Jorge de Melo casado com D. Margarida de Mendoça, irmã da formosa D. Joana de Mendoça com quem o Duque de Bragança casou por amores em 1520. Nas trovas enviadas em Março ou Abril de 1510 por Garcia de Rèsende a Manuel de Goios, às quais já me referi [6], uma das novas da côrte que lhe manda é esta:

---

[1] *A gente do Cancioneiro* cit., na REVISTA LUSITANA, XI, 317.
[2] *Chancelaria de D. Manuel*, liv. 24.º, fl. 148 v.
[3] *Archivo dos Açores*, IV, 530.
[4] *Chancelaria de D. Manuel*, liv. 10.º, fl. 55.
[5] FR. APOLINÁRIO DA CONCEIÇÃO, *Demonstraçam historica*, pág. 438.—Cfr., para a data da morte de Vasco Anes, em ERNESTO DO CANTO, *Os Corte-Reaes*, pag. 214.—Posteriormente foram as casas vendidas por Garcia de Melo, monteiro mor e bisneto de Jorge de Melo, ao infante D. Pedro, futuro rei segundo do nome (JÚLIO DE CASTILHO, *A Ribeira de Lisboa*, pag. 499).
[6] Na pág. 59-60.

Digitized by Google

Tem por cousa muy sabida
muytos, qu'estaa conçertado
casar dona Margaryda
de Mendoça c'um privado,
de qu'aa muyto qu'ee servyda [1].

O privado era Jorge de Melo, monteiro mor do Príncipe e antigo pagem del Rei, que, por desembargo de 27 de Junho de 1515, lhe mandou pagar os seus corregimentos desposouros [2]. A noiva era filha de Diogo de Mendoça, do conselho e alcaide mor de Mourão, um dos aventureiros nas célebres justas de Évora de 1490, nas quais se apresentou com umas ancoras por cimeira. Em justas não entraria Jorge de Melo e menos ainda em combates; na côrte passou a vida exercendo o ofício de monteiro mor do reino, no qual D. João III o investiu por carta de 18 de Dezembro de 1521 [3] e ao qual correspondia uma relativamente larga jurisdição [4]. Foi feito do conselho por carta de 22 de Maio de 1525 [5] e outras mercês ainda recebeu de D. João III, como a de lhe prometer, por alvará de 26 de Outubro de 1530, de distribuir por seus filhos os bens da Coroa que vagassem por sua morte [6]; a de lhe dar, por carta de 23 de Março de 1534, uma tença vitalícia de vinte mil reais [7]; e, segundo consta de uma apostila de 6 de Junho de 1550, a de lhe dar mais quinze mil reais de tença em satisfação da saboaria de Azamor, por motivo da praça ser largada aos Mouros [8]. Quando se pôs esta verba já êle era falecido havia muito, por isso que sua viúva D. Margarida de Mendoça fôra nomeada camareira mor da princesa das Astúrias D. Maria de Portugal e com ela partira para Castela no ano de 1543 [9].

A Jorge de Melo segue-se na farsa outro valido, de mais baixa esfera porêm.

Almeida) Gaspar Gõçalvez, Pedreãnes,
em que signo naceria?
fazeme esta obra pia,
e olha que nam me enganes,
porque vay sobre perfia.
Desejo sabello em cabo.

---

1 *Cancioneiro geral*, fl. 216, col. 1.

2 *Corpo cronológico*, part. II, mac. 58, doc. 125.

3 *Chancelaria de D. Manuel*, liv. 18, fl. 128 v. — D. João III confirmou a Jorge de Melo as mercês recebidas de D. Manuel, por tres cartas de 26 de Março de 1522, uma de 26 de Abril do mesmo ano e outra de 8 de Agosto de 1523, respectivamente registadas na *Chancelaria de D. Sebastião*, liv. 2.º de *Doações*, fl. 375 v., e na *Chancelaria de D. João III*, liv. 41.º de *Doações*, fl. 82 v., 83 e 83 v. Jorge de Melo gozava de 60:000 reais de duas tenças com o hábito de Cristo (*Arch. hist. port.*, II, 104).

4 «Monteiro môr. Ministro, superintendente de toda a montaria, e caça da casa Real. Tem jurisdição sobre os Monteiros môres das Comarcas, e Couteiros de cavallo, moços de monte, Escudeiros, e mais officiaes de coutada, montaria, e caça, cujos officios provê por carta sua, passada em seu nome por resolução delRey, sellada com ó seu sello; e assim os póde o Monteiro môr privar dos seus officios, e pôr outros em seu lugar, mandallos prender, e dar as penas, que merecerem, ou mandar por seu alvarà às justiças, que os executem, os prendão, e soltem». (BLUTEAU, *Vocabulário*, V, 570). Jorge de Melo não tinha, ainda assim, jurisdição sôbre os caçadores e oficiais de caça, porque no seu tempo existia o ofício de caçador mor.

5 *Chancelaria de D. João III*, liv. 4.º de *Doações*, fl. 107 v.

6 *Chancelaria de D. Sebastião*, liv. 2.º de *Doações*, fl. 375 v., e liv. 29.º, fl. 248.

7 *Chancelaria de D. João III*, liv. 7.º de *Doações*, fl. 204.

8 *Ibidem*, liv. 41.º de *Doações*, fl. 83, verba à margem.

9 ANDRADA, *Chronica de D. João III*, part. III, cap. 89, fl. 119 v.

Digitized by Google

Pedreanes) Naçeo no escorpiam;
afagua vos co a rrazam,
mas despejavos co rabo
no cabo da concrusam. (*fl. 238, col. 2.*)

Gaspar Gonçalves, segundo uma carta dêle à rainha D. Caterina, começara a servir a D. Manuel nos primeiros anos do século XVI. Já exercia o cargo de seu porteiro da câmara em 1518 quando, divulgada a nova do seu terceiro casamento, teve lugar no paço por êsse motivo solene beijamão [1]; e em 1525 havia sido feito cavaleiro da Ordem de Cristo com vinte mil reais de tença [2]. Era êle sobrinho de Duarte Fernandes, vigário que foi por muitos anos da igreja de S. Martinho de Sintra, e irmão de André Gonçalves, almoxarife da vila e paços de Sintra nomeado por carta de 21 de Novembro de 1501, lugar que exerceu até depois de 1535, tendo sido executadas sob sua inspecção as grandes obras mandadas fazer por D. Manuel no histórico palácio. André Gonçalves ainda vivia em 1544, sendo então apenas cavaleiro da casa del Rei, quando seu irmão já era fidalgo de cota de armas e de solar conhecido e se chamava Gaspar Gonçalves de Ribafria, com brasão de armas concedido por carta de 16 de Setembro de 1541 [3]. Havia êle instituido o morgado de Cabris por escritura de 7 de Maio de 1536, o qual ampliou, passando a designá-lo por morgado de Ribafria, por outra escritura de 10 de Setembro de 1541, sendo já então fidalgo da casa del Rei, que ambas as instituições confirmou. Rico e afidalgado, gozando, além disso, da estima da família rial, subiu finalmente ao mais alto grau da escala social compatível com a sua origem e primitiva condição: em 1559, por alvará de 19 de Maio, foi nomeado pela rainha D. Caterina alcaide mor da sua vila de Sintra [4], com lugar em Côrtes, junto aos mais graduados fidalgos [5]. Gaspar Gonçalves morreu a 21 de Julho de 1562 [6], tendo casado pelos anos de 1536 a 1544 com Maria Luís de Sá, ou D. Maria de Sá, depois de, por carta de 9 de Setembro de 1552, lhe haver sido permitido chamar-se de dom [7]. Dêste consórcio nasceram entre outros filhos: Jerónimo de Sá, militar; Luís Gonçalves de Ribafria, doutor em cânones, inquisidor em Coimbra e Lisboa; D. Antónia de Sá, mulher de Mem de Brito; e André Gonçalves de Ribafria, primogénito, 2.º alcaide mor de Sintra e copeiro mor de D. Sebastião pelo seu casamento com D. Luisa de Albuquerque, herdeira, por seu pai, da casa dos Albuquerques copeiros mores

---

1 GOES, *Chronica de D. Emanuel*, part. IV, cap. 34, fl. 46, col. 3.
2 *Arch. hist. port.*, II, 126.
3 Transcrita a pág. 428 da *Armaria portuguesa*, apenso ao *Arch. hist. port.*
4 JOSÉ PEREIRA BAYÃO, *Portugal cuidadoso e lastimado*, liv. 1.º cap. 5, pág. 30.
5 O sr. Teófilo Braga, na novela que intitulou *Bernardim Ribeiro e o bucolismo*, faz de Gaspar Gonçalves de Ribafria uma espécie de alcaiote de D. Manuel (págs. 28, 53 e outras). Diz ter-lhe aquele soberano feito mercê da alcaidaria mor de Sintra, inexactidão flagrante pois êle só a houve trinta e oito anos após a morte de D. Manuel, e como esta várias outras asserções *estrafolários* relativas a diferentes pessoas introduzidas no romance. Quanto ao papel de alcaiote junto de um rei, que teve a qualidade indiscutida de ser casto, prova a falsidade da asserção o facto de haver sido D. Caterina de Áustria, mulher austera, quem deu a alcaidaria mor da sua vila de Sintra a Gaspar Gonçalves de Ribafria, «pelos muitos e bons serviços que lhe tinha feito», a não ser que admitam haver a Rainha incluido nestes serviços os da tal espécie prestados ao sogro.
6 *Chancelaria de D. Sebastião*, liv. 9.º de *Doações*, fl. 345 v., na carta de padrão de 100:000 rs. de juro ao filho, André Gonçalves de Ribafria.
7 *Chancelaria de D. João III*, liv. 1.º de *Privilégios*, fl. 31 v.

Digitized by Google

de que fôra chefe o 1.º Conde de Penamacor, e por sua mãe, da dos Castros de Penhaverde fundada pelo grande D. João de Castro. E aqui está como os netos de um simples lavrador do têrmo de Sintra se encontraram em breve representando duas das mais ilustres casas do reino. Voltas que o mundo dá! Dois monumentos subsistem ainda para atestar o bom gôsto de Gaspar Gonçalves de Ribafria: a tôrre e casa de Ribafria, já edificada em 1541 ao poente de Lourel, pequena aldeia na estrada de Sintra à Granja; e as suas casas na vila, na antiga rua da Praça, logo acima de S. Martinho, as quais ficaram concluídas em 1534, tendo sido construídas por mestre Pero Pexão. Estas passaram em 1727, por subrogação, para a casa dos futuros Marqueses de Pombal, em cuja posse permaneceram por muitos anos. A tôrre e casa de Ribafria não sei a quem primitivamente foram vendidas, mas haverá já trinta anos que não estão na posse da família [1].

Ainda outra pessoa nomeia Gil Vicente no *Clérigo da Beira:*

Duarte) E Brezeanes, guardador
das damas, *qu'és perro viejo?*
Pedreanes) Esse Brezeanes, senhor,
o seu signo he do cranguejo,
porque anda através do amor
e atravees do desejo.
E he tomado da lũa,
muyto seco dos espritos,
porque ha y signos malditos
que nam tem graça nenhũa. (*fl. 238, col. 2-3.*)

Não sei quem fosse Brás Eanes, nem isso interessará muito. Encontro alguns nomeados em documentos [2], mas não creio que nenhum dêles seja o guarda das damas.

Trovas a Felipe Guilhem.

Por êstes tempos, pelos anos de 1530, escreveu Gil Vicente umas trovas que se encontram precedidas dêste sumário: «O anno de mil e quinhentos e dezanove veo a esta côrte de Portugal hum Felipe Guilhem Castelhano, que se disse que fôra boticayro nel Porto de sancta Maria, o qual era grande logico e muyto eloquente de muyto boa pratica, que antre muytos sabedores o folgavam douvir, tinha alguma cousa de mathematico, disse a elRei que lhe queria dar a arte de Leste a Oeste que tinha achada. Pera dar mostra desta arte fez muytos estromentos, entre os quaes foy hum estrolabio de tomar o sol a toda

---

[1] Cfr. com *Brasões de Cintra*, vol. I, de pág. 451 a 460, e vol. III, págs. 245 e 246.

[2] Aparece um mencionado num diploma interessante que extractarei livremente: «Vendo eu quão necessário é haver nesta cidade de Lisboa escrivão dos seguros que os mercadores e outras pessoas de suas mercadorias fazem, por ser a principal cidade dêstes reinos e que disso tem mais necessidade por os muitos mercadores que nela há, que continoadamente fazem os ditos seguros, os quais se até agora escreveram per diversas pessoas sem haver oficial certo dêles, como há em Sevilha e Burgos e outras partes dos reinos de Castela; e sentindo-o assim por serviço de Deus e meu e bem das partes, hei por bem de criar novamente o dito ofício de escrivão dos seguros; e confiando de Brás Eanes, amo de Fernão d'Alvares, meu tesoureiro e escrivão de minha fazenda, que nisso servirá bem e fielmente, tenho por bem e lhe faço dêle mercê, pera que êle sòmente, e não outra alguma pessoa, faça os ditos seguros e *pólycas* dêles, as quais escreverá em livro de notas... Manuel da Costa a fez, em Lixboa, a 15 de Outubro de 1529». *Chancelaria de D. João III*, liv. 48.º de *Doações*, fl. 98). — As *pólycas* serão o remoto antepassado das modernas *apólices?*

Digitized by Google

a hora, praticou a arte perante Francisco de Melo que entam era o milhor mathematico que avia no reyno, e outros muytos que pera isso se ajuntaram per mandado de sua A. Todos aprovaram a arte por boa: fezlhe elRey por isso mercê de cem mil reaes de tença co habito, e a corretagem da casa da India que valia muyto. Neste tempo mandou sua A. chamar ao Algarve a hum Simão Fernandes [1] grande astrologo, mathematico, tanto que o Castelhano falou com elle que o vio que o entendia e que lhe fazia de tudo falso, quis fogir pera Castela, descobriose a hum Ioam Rodriguez Portugues que o mandou dizer a elRey, que o mandou prender em Aldea Galega estando em hũ cavalo de posta, sendo preso porque era grande trovador lhe mandou Gil Vicente estas trovas [2]». Nelas, entre outros remoques pesados, diz-lhe:

A muchos hizo espantar
vuessa prospera fortuna,
pues nunca vistes la mar
ni arroyo, ni laguna,
sopistes muy bien pescar.
Diziendo el pueblo traviesso
contra vós, sabio profundo,
por emendarse el aviesso
justo fue, que fuesse preso
el mas suelto hombre del mundo. (*fl. 258 v.*)

Era o homem na verdade um simples impostor, ou seria um inventor de real merecimento? E' impossível discriminar, mesmo porque às vezes os aspectos são muito semelhantes. Era presunçoso, não há dúvida: «porque, diz êle, se V. A. tuvyere por bien de me hazer dos mercedes, la una libertarme y la otra favorecirme, certifico a V. A. vea tan grandes cosas qual nunca fueron vistas.» Não sei se D. João III, a quem a carta era dirigida, se deixaria influir pela espanholada, mas é certo que nas proximidades de 1538 partiu Filipe Guilhen desterrado para o Brasil. Lá tornou-se apreciado, tanto que dez anos depois o chamou Tomé de Sousa, governador do Estado, para Pôrto Seguro e o nomeou provedor da fazenda da capitania, onde se mantinha ainda em 1563, último ano em que se encontram notícias suas. Outro governador, Mem de Sá, parece terlhe dado parte numa expedição organizada em 1561 para a pesquisa do oiro. «Guilhen era um curioso de geologia, explorador de terrenos auríferos e de pedras preciosas [3].» Viria êle para Portugal em 1519, como declara Gil Vicente, mas o certo é só haver notícias documentais da sua estada no reino de Junho de 1527 em diante, sendo de 18 daquele mês a carta régia que o nomeia veador e avaliador de drogas das Casas da Índia e Mina. O hábito de Cristo foi-lhe lançado no ano seguinte, pelo menos a carta da respectiva tença foi passada a 2 de Novembro, depois da do ordenado datada de 18 do precedente mês de Setembro. Gil Vicente exagera quando diz ter aquela sido de cem mil reaes, quando na realidade foi só de quinze mil; o ordenado é que foi mais avantajado,

---

[1] Era natural de Tavira ou lá morador e escreveu uma *Arilmética* em verso (BARATA, *Cancioneiro geral continuação ao de Garcia de Resende*, pag. 215; R. GUIMARÃES, *Les Mathématiques en Portugal*, 2.ª ed., pág. 190). Em 1528 fez D. João III mercê a Simão Fernandes, *estroleguo*, de 24:000 rs. de tença acrescentados com mais 12:000 (*Arch. hist. port.*, II, 123 e 127.

[2] *Copilaçam das obras*, fl. 258 v.

[3] SOUSA VITERBO, *Trabalhos nauticos dos Portuguezes*, vol. I, pág. 143. Dêste autor tirei todos os precedentes dados biográficos de Felipe Guilhen e ainda os seguintes.

Digitized by Google

pois era de vinte e cinco mil reaes. Pelo facto destas mercês serem dos fins do ano de 1528 e Gil Vicente se referir a elas, é que as trovas têem de ser trazidas para as proximidades do ano de 1530.

No seu sumário, como vimos, declara Gil Vicente ter sido a sua vítima «grande trovador». Efectivamente encontro dêle estas trovas:

Otra cancion de felipe guillen

Sola vna puntada dieron
gran señora en tu calçado
los que loar te quisieron
y el hilo les fue prestado
de ti con que lo cosieron.
Porque tu sancta presencia
es de tanta perfecion
que la diuinal essencia
viendo tu gran excelencia
de ti hizo guarnicion
pues digan quantos dixerõ
los que en algo te han loado
que si tal puntada dieron
de ti les fue el hilo dado
con que cosella supieron [1].

Passara a côrte todo o ano de 1530 em Lisboa até aos princípios de Novembro, em que ela se dividiu: a Raínha ficou na cidade; D. João III transpôs o Tejo em viagem para o sul. Encontro vestígios da sua passagem por Aldeia Galega a 3 de Novembro, permanência no Torrão de 8 a 9 e avanço até Castro Verde onde estava a 21 [2] e iria visitar o campo de batalha de Ourique, como dali a quarenta e três anos faria seu neto D. Sebastião [3]. D. Caterina ficara entretanto em Lisboa até 22 de Dezembro, apesar da peste lá grassar com bastante intensidade nos fins do mês [4]; na véspera de Natal porêm toda a côrte já

---

[1] *Cancionero general* copilado por Hernando del Castillo. Sevilla, 1540, fl. 191, col. 5.

[2] *Corpo cronológico*, passim.

[3] ANDRÉ DE RÈSENDE, *Antiquitates Lusitaniae*, fl. 216.

[4] Provisão régia de 28 de Dezembro dirigida à Câmara Municipal de Lisboa, em FREIRE DE OLIVEIRA. *Elementos para a historia do município de Lisboa*, pág. 472, nota, advertindo que o autor não interpretou bem a data, supondo que o ano de 1531, nela declarado, era o da Circuncisão, quando êle é o do Nascimento. Em 1532 e também a 28 de Dezembro encontro outro exemplo de idêntico cômputo num desembargo guardado no *Corpo cronológico*, part. I, mac. 50, doc. 60. Ainda era mais vulgar do que muitos julgam esta maneira de contar o ano civil (à moderna) no século XVI, e por isso carecem sempre de exame todas as datas indicadas em docs. régios entre os dias 25 e 31 de Dezembro. A 28 de Dezembro de 1531 da Circuncisão não podia D. João III datar uma carta do Lavradio, a tal relativa à peste, porque estava em Alvito e no ano precedente é que estivera na vila ribatejana; e bem assim a 28 de Dezembro de 1532 não podia datar de Alvito o outro doc., o desembargo, porque só lá estivera no ano precedente.

A propósito de peste e das providências para defesa dela transcreverei um doc. despresado por Freire de Oliveira e que é muito interessante por nos revelar a forma, verdadeiramente feroz, por que D. João III tratava de se livrar do contágio:

«Vereadores procurador e procuradores dos mesteres / eu elRey vos emuio muito saudar / eu tenho passada hũa prouisão e assy o mãdey jaa apregoar nesta cidade deuora que qualquer pessoa que nella emtrar em quãto eu aquy estiuer vijmdo dessa Cidade ou de qualquer outro lugar Jmpedido / moura por ello morte natural e asy que farey merçe aa pessoa que o descobryr e ffizer çerto de çimquoenta Cruzados e porque he neçesairo que se sayba tambem liaa pera que nhũa pessoa ouse vijr / vos o manday lloguo assy apregoar na

Digitized by Google

se encontrava reunida no Lavradio [1]. Antes do aparecimento da peste tormenta medonha se anunciara já, não cessando, a bem dizer, de trazer a população de Lisboa sobresaltada por muitos dias. A 7 ou 8 de Dezembro houve um tremor de terra, ao qual se seguiram diáriamente outros, até que na quinta feira 26 de Janeiro, ante manhã, precedido de faiscante raio, estoirou formidável trovão, seguido logo de horroroso terremoto, que subverteu templos e casas, destroçou naus e embarcações, enterrou milhares de pessoas nas ruínas em todo Portugal, mas principalmente em Lisboa e povoações ribatejanas até Santarêm e Almeirim, dum e doutro lado do rio. Às sete horas da manhã e depois do meio dia repetiram-se os abalos e ainda a 31 de Janeiro e 2 de Fevereiro outros tremores de terra, pôsto que menos violentos, mantiveram a população espavorida espalhada pelos campos, desabrigada no pino do inverno por covas e barracas. Um poeta, testemunha presencial, narra assim o pavoroso período do sobresalto.

E no Janeiro do anno
logo seguinte, signaes
espantosos viimos: taes
que nõ basta ingenho humano
a hos boquejar non mais:
antemanhaã quinta feira
foy em tam grande maneira
terremoto em Portugal,
que se no vio outro tal,
nem Deos que se veja queira.
Veyo primeiro hũo rayo,
apos elle hũo trovam,
e gram terremoto entam,
tam grãde, que pos desmayo,
qual nã viiram nem veraã:
tal que a todos parescia
que ho mũdo se destruhia
para nõ aver mais mũdo,
e que tudo era defundo
e ha terra se sovertia.
Obra de hũo credo durou,
se mais fora, destruyra
tudo, por terra cahira:
morrera quem escapou,
ha moor parte se fundira:
em hũo poncto punctual
foy em todo Portugal,
na Estremadura moor,
nas outras partes menor,
que nõ foy todo ygual.
E aas septe horas do dia
foy outro tremor estranho,
que pos medo e covardía,
e depois do meo dia
outro, porẽ nõ tamanho:
e em outra quinta feira
ante manhaã, da maneira
que foy ho grãde espãtoso,
foy outro muy temeroso,
outro ante aa terça feira.
Deste grãde a ho primeiro
cincoẽnta dias ouve,
nos quaes todos per inteiro
tremem, deu tal marteiro,
qual teegora se non soube:
hũo anno todo tremeo,
mas pouca cousa, e perdeo
ha gente ja ho temor,
aprouve a nosso Senhor
que cessou, non esqueeceo.
Gretas, buracos fazia
ha terra e se abrio,
agua e arẽa sahia
que a enxufre fedia
isto em Almeirim se vio:
e porque logo vieram
grãdes chuvas que chouverã
e algũos dias duraram:
has aberturas taparam
que nũqua mais parescerã.
Todos cõ medo que aviam,
deixaram casas: fazendas:
nos campos, plaças dormiã,
em tẽdilhões, e em tendas,
casas de ramas faziam,
has mais das noctes velando,
temendo e receando,
porque tremor nõ cessava,
ha gente pasmada andava
com medo, morte esperãdo.

---

cidade pellos lugares pubricos della pera que a todos seja notoryo / e esta ffareis Registar na camara / e scpreuermeis de como se asy apregoou / manuel da costa a fez em euora a tres de Julho de 1531 — Fernãdaluarez a fez escreuer.

«Esta casa (*aliis* carta) ffoy apresẽtada nesta mesa ao primeiro dia dagosto de mjll e quinhẽtos e trimta e hũ anos e logo no dito dia... a ffez apregoar per toda esta çidade, etc.» (Arquivo da Câmara Municipal de Lisboa, liv. 1.º do *Provimento da saúde*, fl. 113).

1 *Corpo cronológico*, passim.

Digitized by Google

Dous meses assi esteverã
na moor força do inverno,
aguas, ventos sosteveram,
tormẽtas, torvões soffreram,
bradãdo por Deos eterno:
todos logo confessados,
casos grandes perdõados,
fectas grandes devoções,
romarias, procissões,
em esmolas ocupados.
Tambẽe se sentio no mar:
sem vento mares se alçaram,
navios foram tocar
no fundo cõ quilhas dar,
como perdidos andaram:
todas has cousas nascidas
foram quasi amortescidas,
feras, domesticas bestas,
caães, e aves, cousas destas
estavam esmorescidas.

Muros e torres cahiram,
villas, paços, mõesteiros,
igrejas, casas, celleiros,
quintas: e has mais abrirã,
nõ cahíam pardieiros:
pedras se viam rachadas
e em pedaços quebradas,
e cousas de muitas sortes,
quãto mais rijas, mais fortes,
tanto mais espedaçadas.
Hinfinda gente morreo,
grandes perdas receberam,
grande perda se perdeo,
muitos maa morte morrerã,
porque de nocte aqueeceo:
cousas per nossos peccados
nunca vistas dos passados
nestes regnos, nem ouvidas,
Deos nos livre nossas vidas
de casos tam desastrados [1].

Foi medonho, mas os cronistas oficiais entenderam que a uma fatalidade de tal amplitude se não deviam referir. Para Francisco de Andrada o único sucesso interessante passado no reino em 1531 foi o nascimento do príncipe D. Manuel, o seu baptismo e o nome das pessoas que o levaram e acompanharam à pia [2]. Dos *Annaes* de Fr. Luís de Sousa falta a parte relativa àquele ano, mas no material reunido para a sua exposição nada aparece relativo ao terremoto [3]. Só Diogo do Couto, ao compilar em Goa as suas *Décadas*, se recordou dos grandes trabalhos em 1531 padecidos no reino: «porque este anno foraõ tamanhos os terremotos em todo elle (principalmente em Lixboa, Azambuja, Almeirim, Santarem e outras partes) que cayão a mor parte dos edeficios: e foi no mar a tempestade tamanha, que destroçou, e quebrou todas as naos que estavão no porto de Lixboa, e se affirma que o rio Tejo se abrio pello meyo, apartandose suas agoas, deixando caminho de feiçaõ, que apparecerão as areas. Com isto foi tamanho o medo nas gentes, que se foraõ morar aos campos, em lapas, e tendas... e ouve nos ceos grandes e espantosos sinaes, de que os homens andavão como pasmados [4]».

No Lavradio estava a côrte, como lá acima indiquei, e parece não ter sido aí o abalo tão violento, visto que os serviços, pelo menos os da casa da Raínha, se não interromperam [5]. Não obstante, a 30 já D. João III estava em Alhos

---

1 MISCELLANEA DE GARCIA DE REESENDE, de fl. 22, col. 2, a fl. 23, col. 1, da ed. de 1554, e págs. 102 a 105 da ed. de 1917 do DR. MENDES DOS REMÉDIOS, vol 19.º da sua tão apreciável colecção dos *Subsidios para o estudo da Historia da Literatura Portuguesa*.

2 FRANCISCO DE ANDRADA, *Cronica de dom João o III*, part. II, cap. 73, fl. 105 v.

3 FR. LUIS DE SOUSA, *Annaes de dom João terceiro*, mems. e docs., de pág. 373 a 377.

4 DIOGO DO COUTO, *Decada quarta da Asia*, liv. 7.º, cap. 11, fl. 141 v. — Dos autores estrangeiros, que escreveram pelos tempos dos nossos citados, aponta MOREIRA DE MENDONÇA, na nota de pág. 54 da sua *Hist. universal dos terremotos*, a GARIBAY, *Compendio historial de las Chronicas*, Anveres, 1571; SANDOVAL, *Historia de Carlos V*, Valladolid, 1604. Além dêstes FREIRE DE OLIVEIRA, a pág. 137 do tom. XVI dos *Elementos*, indica a SIMÃO GOULART, *Thrésor d'histoires etc*. Genebra, 1620. Outros haverá ainda de que não tenho conhecimento.

5 A 26 de Janeiro de 1531 mandado de Pero Correia, veador da fazenda da Raínha, para serem pagas certas mulheres de sua casa, tendo sido o recibo passado no mesmo dia, o do terremoto grande, «aqui no Lavradio.» (*Corpo cronológico*, part. II, mac. 166, doc. 112).

Digitized by Google

Vedros, e a 4 de Fevereiro em Palmela, onde se demorou até fim de Março [1] e para onde Gil Vicente lhe dirigiu uma notável carta [2].

Carta a D. João III.

Estava ao tempo o nosso poeta dramático em Santarêm. Foi esta uma das povoações mais afligidas pelo terremoto, e todos perderam a cabeça, principalmente os frades. O ódio aos cristãos novos, já bem patente nas Côrtes de 1525, irrompeu exterminador. Do púlpito começaram os religiosos, «com mais soma de ignorância que de graça do Spírito Sancto», não a prègar, mas antes a praguejar, afirmando que o fenómeno sísmico não proviera de uma comoção natural dos elementos, mas da ira de Deus pelos grandes pecados em Portugal cometidos, os quais nomeavam, apontando a demasiada tolerância havida com os «estrangeiros na nossa fé», os Judeus e cristãos novos. Não bastando aos prègadores o espanto, em que todos se encontravam já, asseguravam que outro terremoto, mais extraordinário ainda, se seguiria ao primeiro, e marcavam para a sua vinda a uma hora da tarde da futura quinta-feira. O povo, já bem atemorizado com os precedentes acontecimentos e receoso dos seguintes anunciados, fugiu para os olivais e ainda por lá permanecia quando a D. João III dirigiu Gil Vicente uma carta narrando-lhe tudo. Revoltara-se êle contra o procedimento dos frades e, animado de verdadeiro espírito cristão, lutou para evitar a muito provável repetição de morticínios análogos aos que em 1506, também provocados por frades fanáticos, ensanguentaram Lisboa. Para êsse fim fez reunir a seu rôgo os padres da vila na crasta de S. Francisco, e lá dirigiu-lhes a seguinte fala:

Fala aos frades de Santarém.

«Reverendos padres! O altissimo e soberano Deos nosso tem dois mundos: o primeiro foi de sempre e pera sempre, que é a sua resplandecente glória, repouso permanecente, quieta paz, sossêgo sem contenda, prazer avondoso, concórdia triunfante, mundo primeiro. Este segundo, em que vivemos, a sabedoria imensa o edificou polo contrário, a saber, todo sem repouso, sem firmeza certa, sem prazer seguro, sem fausto permanecente; todo breve, todo fraco, todo falso, temeroso, avorrecido, cansado, imperfeito, pera que por êstes contrários sejam conhecidas as perfeições da glória do segre primeiro. E pera que milhor sintam suas pacíficas concordanças, todolos movimentos que neste orbe criou e os efeitos dêles, são letigiosos; e porque não quis, que nenhuma cousa tivesse perfeita durança sôbre a face da terra, estabeleceu na ordem do mundo, que umas cousas dessem fim às outras e que todo o género de cousa tivesse seu contrário, como vemos, que contra a fermosura do verão, o fogo do estio; e contra a vaidade humana, a esperança da morte; e contra o fermoso parecer, as pragas da enfermidade; e contra a força, a vèlhice; e contra a privança, a enveja; e contra a riqueza, a fortuna; e contra a firmeza dos fortes e altos arvoredos, a tempestade dos ventos; e contra os fermosos templos e sumptuosos edifícios, o tremor da terra, que per muitas vezes em diversas partes tem pôsto por terra muitos edifícios e cidades; e por serem acontecimentos, que procedem da natureza, não foram escritos, como escreveram todos aqueles que foram por milagre, como *Templum Pacis* de Roma, que caíu todo supitamente no ponto que a Virgem nossa Senhora parín. E o sovertimento das cinco cidades mui populosas de Sodoma e dos Egícios no mar Ruivo, e a destruição dos que adoraram o bezerro, e o sovertimento dos que murmuraram de Mousés e Arom, e a destroição de Jerusalêm, por serem milagrosos e procederem por nova promissão divina, sem a ordem dêste segre nisso ter parte. E porque nenhuma cousa há hi debaixo do sol sem tornar a ser o que foi, e o que viram desta calidade de tremor havia de tornar a ser per fôrça, ou cedo ou tarde, não o escreveram.

«Concruo que não foi êste nosso espantoso tremor *ira Dei*, mas ainda quero que me

---

[1] *Corpo cronológico*, passim.

[2] «Carta que Gil Vicente mandou de Santarem a elRey dom Ioam o terceyro do nome. Estando sua Alteza em Palmela sobre o tremor de terra, que foy a vinte e seis de Ianeyro de M. D. XXXI.» (*Copilaçam das obras*, fl. 257).

Digitized by Google

queimem, se não fizer certo que tam evidente foi, e manifesta, a piedade do Senhor Deos neste caso, como a fúria dos elementos e dano dos edefícios.» [1]

A segunda afirmação lançada do púlpito, que logo viria outro tremor de terra e a 25 de Fevereiro se levantaria o mar, respondeu Gil Vicente:

«Tanto que Deos fez o homem, mandou deitar um pregão no paraíso terreal, que nenhum serafim, nem anjo, nem arcanjo, nem homem, nem molher, nem sancto, nem sancta, nem sanctificado no ventre de sua mãe, não fosse tam ousado que se entremetesse nas cousas que estão por vir. E depois no tempo de Mousés mandou deitar outro pregão, que a nenhum adevinhadeiro nem feiticeiro não dessem vida. E depois de feito deos e homem, deitou outro pregão sôbre o mesmo caso, dizendo aos discípulos, *não convém o vós outros saber o que está por vir, porque isso pertence à omnipotência do Padre*, polo qual mui maravilhado estou dos letrados mostrarem-se tam bravos contra tam hórridos pregões e defesa do Senhor, sendo certo que nunca cousa destas disseram, de que não ficassem mais mentirosos que profetas. E não menos me maravilho daqueles que crem que nenhum homem pode saber aquilo que não tem ser, senão no segredo da eternal sabedoria, que o tremor da terra ninguêm sabe como é, quanto mais quando será e camanho será. Se dizem que por estrolomia, que é sciência, o sabem, não digo eu os d'agora que a não sabem soletrar, mas é em si tam profundissima, que nem os de Grécia, nem Mousem, nem Joannes de Monterégio alcançaram da verdadeira judicatura pêso de um oução [2]; e se dizem que por mágica, esta carece de toda a realidade, e toda a sustância sua consiste em aparências de cousas presentes, e do por vir não sabe nenhuma cousa; se por espírito profético, já crucificaram o profeta derradeiro; já não há de haver mais.

«Concruo, virtuosos padres, sob vossa emenda, que não é de prudência dizerem-se taes cousas pubricamente, nem menos serviço de Deos; porque prègar não há de ser praguejar. As vilas e cidades dos reinos de Portugal, principalmente Lixboa, se hi há muitos peccados, há infindas esmolas e romarias, muitas missas e orações, e procissões, jejuns, disciplinas e infindas obras pias, púbricas e secretas. E, se alguns hi há que são ainda estrangeiros na nossa fé e se consentem, devemos imaginar que se faz por ventura com tam santo zêlo, que Deos é disso muito servido; e parece mais justa virtude aos servos de Deos e seus prègadores, animar a êstes e confessá-los e provocá-los, que escandalizá-los e corrê-los por contentar a desvairada opinião do vulgo [3].»

Ouviram-no, atenderam-no e mudaram completamente de atitude, pelo que Gil Vicente, com razão ufano, fechou a sua carta a D. João III com estas palavras: «e porem saberaa V. A. que este auto foy de tanto seu serviço, que nunca cuydey que se offerecesse caso em que tam bem empregasse o desejo que tenho de o servir, assi vezinho da morte como estou: porque ha primeyra preegaçam os Christãos novos desapareceram, e andavam morrendo de temor da gente, e eu fiz esta diligencia, e logo ao sabado seguinte seguiram todolos preegadores esta minha tençam [4].» A carta foi escrita depois de 4 de Fevereiro, quando já D. João III estava em Palmela, para onde foi dirigida.

Fr. Bartolomeu Ferreira, o censor da edição de 1586 das obras de Gil Vicente, mandou suprimir esta carta, na qual se reflectem tam vivamente a isenção e nobreza de caracter, e até o denôdo pessoal do seu autor. Mandou-a riscar, porquê? — Porque dizia mal dos frades, únicamente.

A carta foi pois enviada para Palmela, onde encontro D. João III desde 4 de Fevereiro até fins de Março. De lá seguiu então para Montemor o Novo, a

---

[1] *Copilaçam das obras*, fl. 257.
[2] Oução — Bichinho com feitio de lendea (Dr. Mendes dos Remedios, *Glossário* cit.)
[3] *Copilaçam das obras*, fl. 257 v.
[4] *Copilaçam das obras*, fl. 258.

Digitized by Google

passar os meses de Abril e Maio, e d'aí para Évora, onde já estava a 31 dêste mês e parmaneceu todo o verão e parte do outono. Então, nos primeiros dias de Outubro, partiu para o castelo de Alvito [1], a ser hóspede do seu vedor da fazenda D. Rodrigo Lobo [2]. »

Foi lá que a 1 de Novembro de 1531 nasceu o príncipe D. Manuel, mas ainda no castelo permaneceram seus pais por alguns meses, pois que só a 4 de Março os encontro em Alcácer do Sal, caminho de Setúbal. Na vila da margem do Sado, espreitando, de 21 de Março por diante, a salubridade da cidade da margem do Tejo, ainda permanecia a côrte a 1 de Julho de 1532, mas já a 11 poisava em Lisboa [3].

Auto da Lusitania.

O nascimento do Príncipe, como era muito desejado, foi muito festejado, não só nos «bailos de Alvito» [4], mas até fora do reino. Em Bruxelas, em casa de D. Pedro Mascarenhas, embaixador de Portugal, houve a 21 de Dezembro sarau muito concorrido, no qual se representou o *Jubileu de amores*, auto perdido de Gil Vicente [5]; em Lisboa, no verão do ano seguinte, houve representação doutro auto de Gil Vicente: «A farsa seguinte foy representada ao muyto alto e poderoso Rey dom Ioam, o terceyro deste nome em Portugal, ao nacimento do muyto desejado Principe dom Manoel seu filho. Era do Senhor de M. D. XXXII. E porque ao diante vay o argumento della se nam põe aqui neste principio. Começa a farsa nũ razoamento de hũs judeus...[6]» A data acima está certa, caso não muito vulgar nas rúbricas; nesta porêm encontra-se confirmada no próprio auto, nestes versos:

Pera que compridamente
ayto novo enventemos,
vejamos um excelente
que presenta Gil Vicente,
e per hi nos regeremos.
Elle o faz em louvor
do Principe nosso senhor,
porque não pode em Alvito,
logo virá o relator,
veremos com que primor
argumenta bem seu dito. (*fl. 241, col. 1.*)

---

[1] *Corpo cronológico*, passim.

[2] D. Rodrigo Lobo, filho segundo de D. Diogo Lobo, 2.º barão de Alvito, sucedera em 1525 ao pai na vèdoria da fazenda e na posse, litigiosa porêm, da casa, mas o título de barão só lhe foi confirmado em 1541, depois de vencer a demanda que lhe pusera o filho de seu irmão primogénito falecido em vida do pai. D. Rodrigo foi poeta do *Cancioneiro*; era casado desde 1521 com D. Guiomar de Castro, filha do regedor João da Silva, e veio a morrer a 24 de Dezembro de 1559. Quinze anos depois de ter sido seu hóspede, mandou D. João II o Barão de Alvito preso para o castelo de Soure, onde permaneceu ano e meio, motivada a prisão nos amores e talvez casamento clandestino do filho do Barão com D. Juliana, irmã do Marquês de Vila Real, que ao casamento se opunha por não encontrar suficiente fidalguia no noivo. D. Juliana veio a casar em 1547 com o Duque de Aveiro. O Barão, numa carta de queixas dirigida, em 6 de Dezembro de 1546, do castelo de Soure, onde estava preso, a D. João III, alude à estada dêste no de Alvito: «nelle (o de Soure) recebo... mais e melhor gasalhado do que V. A. recebeo serviço no de Alvito». (Cf. nos *Brasões de Cintra*, II, págs. 456 e 457, e III, pág. 302 e segs.). Gil Vicente refere-se ao Barão de Alvito na *Romagem de Agravados*, chamando-lhe D. Rui Lobo.

[3] *Corpo cronológico*, passim.

[4] Carta de D. Pedro Mascarenhas a António Carneiro (*Arch. hist. port.*, I. 225).

[5] Vidé lá atrás, na pág. 93

[6] *Copilaçam das obras*, fl. 238 v.

Digitized by Google

E lá mais adiante nos dá a certeza de haver a representação sido em Lisboa, quando no argumento declara: «E como este Portugal todo fundado em amores, visse a fermosura sobrenatural de Lusitania filha do Sol, emproviso se achou perdido por ella. Lisibea sua madre de desatinada ciosa, morreo de ciumes deste Portugal. Foy enterrada na montanha que naquelle tempo se chamava a Felix deserta: *onde depois foy edificada esta cidade*, que por causa da sepultura de Lisibea *lhe poseram nome Lixboa* [1].»

É nesta farsa que se encontram os muito repetidos versos já lá acima em parte transcritos, alusivos ao autor e recitados pelo Licenciado argumentador:

Oo que douda presunçam
cuydar ninguem na pousada,
que traz discreta invençam,
aqui onde ha descriçam
tem sua propria morada.
Que a corte
he hum precioso norte,
que guia os mais sabedores,
e onde ha rosas e flores
pampillos nam fazem sorte.
E pois o primor inteyro
nace aqui em taes lugares
e todo o al he grosseyro,
nam presuma o sovereyro
de dar tamaras doçares.
Gil Vicente o autor
me fez seu embayxador,
mas eu tenho na memoria
que pera tam alta historia
naceo muy bayxo doutor.
Creo que he da Pederneyra,
neto dum tamborileyro,
sua mãy era parteyra
e seu pay era albardeyro.
E per razam
elle foy ja tecelam
destas mantas Dalentejo
e sempre o vi e vejo (*fl. 241, col. 1.*)
sem ter arte nem feyçam.
E querse o demo meter,
o tecelam das aranhas,
a trovar e escrever
as Portuguesas façanhas
que soo Deos sabe entender. (*fl. 241, col. 2.*)

O auto divide-se em três partes: a introdução, o «razoamento de uns Judeus»; o argumento, em prosa e verso; e a farsa própriamente. Nela, entre vários motejos, que talvez seriam melhor designados como sátiras, destaca-se o diálogo de Todo o Mundo e Ninguêm com os comentários dos diabos, no qual se revela o pensamento crítico do autor. «Entra Todo o Mundo, homem como rico mercador, e faz que anda buscando algũa cousa que se lhe perdeo. E logo apos elle hum homem vestido como pobre, este se chama ninguẽ e diz Ninguem:

1 *Coyilaçam das obras*, fl. 241 v.

Digitized by Google

Ninguem) Que andas tu hi boscando?
Todo Mundo) Mil cousas ando a buscar
dellas nam posso achar,
porem ando perfiando.
per quam bem he perfiar.
Ninguem) Como has nome, cavaleyro?
Todo Mundo) Eu ey nome Todo mundo
e meu tempo todo enteyro
sempre he buscar dinheyro
e sempre nisto me fundo.
Ninguem) E eu ey nome ninguem
e busco a consciencia.
Berzabu) Esta he boa experiencia,
Dinato, escreve isto bem.
Dinato) Que escreverey, companheyro?
Berzabu) Que ninguem busca conciencia
e todo mundo dinheyro.
Ninguem) E agora que busca lá?
Todo Mundo) Busco honrra muyto grande.
Ninguem) E eu virtude, que Deos mande
que tope co ella ja.
Berzabu) Outra adiçam nos acude,
escreve logo hi a fundo,
que busca honrra Todo mundo
e ninguem busca virtude.
Ninguem) Buscas outro mor bem qu'esse?
Todo Mundo) Busco mais quem me louvasse
tudo quanto eu fezesse.
Ninguem) E eu quem me reprendesse
em cada cousa que herrasse.
Berzabu) Escreve mais.
Dinato) Que tẽes sabido?
Berzabu) Que quer em estremo grado
todo o mundo ser louvado,
e ninguem ser reprendido.
Ninguem) Buscas mais, amigo meu?
Todo Mundo) Busco ha vida e quem ma dê
Ninguem) Ha vida nam sey que he;
a morte conheço eu.
Berzabu) Escreve lá outra sorte.
Dinato) Que sorte?
Berzabu) Muyto garrida!
todo o mundo busca a vida
e ninguem conhece a morte.
Todo Mundo) E mais queria o paraiso
sem mo ninguem estrovar.
Ninguem) E eu ponhome a pagar
quanto devo pera isso.
Berzabu) Escreve com muyto aviso.
Dinato) Que escreverey?
Berzabu) Escreve
que todo mundo quer paraiso,
e ninguem paga o que deve.
Todo Mundo) Folgo muyto denganar;
e mentir naceo comigo.
Ninguem) Eu sempre verdade digo
sem nunca me desviar.
Berzabu) Ora escreve lá, compadre,
nam sejas tu preguiçoso.
Dinato) Que?
Berzabu) Que todo mundo he mentiroso
e ninguem diz a verdade.

Digitized by Google

Ninguem) Que mais buscas?
Todo Mundo) Lisonjar.
Ninguem) Eu som todo desengano.
Berzabu) Escreve, ande la mano.
Dinato) Que me mandas assentar?
Berzabu) Põe a hi muy declarado,
nam te fique no tinteyro:
todo mundo he lisongeyro
e ninguem desenganado [1].

O *Auto da Lusitânia*, impresso antes de 1551, foi compreendido no *Rol dos livros defesos* dêsse ano, «com os diabos, sem eles poderse ha emprimir» de novo [2]. Todavia, na edição das *Obras* de 1562 lá vem êle, apesar da defesa, reimpresso com os diabos, mas na de 1586 prevaleceu a antiga determinação censória e todo o diálogo de «Dinato e Berzabu, capelães destas deosas», foi suprimido.

Romagem de agravados.

Apesar de já septuagenário, «assi vezinho da morte», não minguava o estro ao nosso poeta, nem o estro, nem as fôrças físicas. Em Évora, para onde D. João III partira de Lisboa nos fins de Novembro de 1532 [3], nasceu a 25 de Maio seguinte o infante D. Felipe e ao seu nascimento compôs Gil Vicente um auto. «Esta Tragicomedia seguinte he Satira, seu nome he Romagem dagravados. Foy representada ao muyto excelente Principe e nobre Rey dom Ioam o terceyro em Portugal deste nome na cidade de Evora, ao parto da muyto esclarecida e Christianissima Raynha dona Caterina nossa senhora, e nacimento do illustrissimo Iffante dom Felipe. Era do Senhor de M. D. xxxiij [4]».

Um dos tipos satirizados era o de Fr. Paço, ascendente directo do *abbé de ruelle*. «Entra logo Frey paço com seu habito e capelo e gorra de veludo e luvas e espada dourada, fazendo meneos de muyto doce cortesam, e diz:

Quem me vir entrar assi,
com estes geytos que faço,
cuydaraa que endoudeci
atee que sayba de mi
que sam o padre Frey Paço.
Deo gracias nam me pertence,
nem *pera sempre* nem nada,
senam espada dourada,
porque muyto bem parece
ao paço trazer espada.
Eu sam fino da pessoa
e por se nam duvidar
fiz hũa cousa muy boa,
leixey crecer a coroa
sem nunca a mandar rapar.
E por tanto vos não digo
Deo gracias, satentais nisto,
nem *louvado Jesu Christo*,
inda que trago comigo
habito quee muyto disso.
E sam tam paço em mi,

1 *Copilaçam das obras*, fl. 243-244.
2 Vidé pág. 93.
3 *Corpo cronológico*, passim.
4 *Copilaçam das obras*, fl. 183 v.

Digitized by Google

que me posso bem gabar,
que envejar, mexericar
sam meus salmos de Davi
que costumo de rezar.
Falo muy doce, cortees,
gram soma de comprimentos;
obras nam nas esperees
senam que vos contentees
com palavrinhas de ventos.
Sou favor e desfavor,
mestre moor dos namorados,
engano dos confiados;
sou templo do deos damor,
inferno de magoados.
Porem nam como soya
he ja a ley namorada;
e porque tudo senfria,
amo assi de sesmaria
e sospiro dempreytada.
O auto que ora vereis
se chama, yrmãos amados,
romagem dos agravados,
inda que algũs achareis
que se agravam dabastados.
E pera declaraçam
desta obra sancta *et cetra*
quisera dizer quem sam
as figuras que viram
por sentender bem a letra.
Porem he perder maree
e dilatar a viagem,
que per muy clara lingoagem
cada hũ diraa quem he
e a causa da romagem.
Entraraa logo hum vilam
chamado Joam Mortinheyra,
agravado em gram maneyra;
quero ver sua payxam
assentado nesta cadeyra [1].

Acompanhado do filho, entra agora um vilão a queixar-se de Deus. Dá-lhe chuva, quando não a pede, e sol quando dela precisa; mata-lhe a tia que fazia infindas esmolas e deixa-lhe os rendeiros do verde que o citam todos os dias. Fr. Paço manda-o conformar-se com o querer de Deus.

Conformese elle comigo
er tambem no quee rezam,
qu'eu sam pobre coma cam
e cada dia lho digo,
e folgo se vem aa mão.
Nam me presta nemigalha
offerta nem oraçam,
ora daa palha sem gram,
ora nam dá gram nem palha,
senam enfinda opressam.
Por isso quero fazer
este meu rapaz digreyja,

1 *Copilaçam das obras*, fl. 183 v. e 184.

Digitized by Google

nam com devaçam sobeja,
mas porque possa viver,
como mais folgado seja. (*fl. 184, col. 3.*)

O rapaz porêm é bruto de todo e Fr. Paço não o quere ensinar.

Após êstes chegam dois fidalgos apaixonados e maltratados pelas suas damas. Queixam-se, Fr. Paço escuta-os calado até que intervem, declarando-lhes quem é, ao que um dêles observa

Quant'eu aa minha vontade
o paço em frade tornado,
nem he paço nem he frade.
Fr. Paço) Yrmãos aveis de notar
que o paço he flor das flores,
pasto de grandes senhores,
e mais he hum grande mar
com soma de pescadores.
Hũa grandeza somaria
de virtudes e nobrezas,
floresta muy necessaria,
linda escola sebilaria
onde se aprendem grandezas.
Colopendio) Padre, muyto bem dizeis,
que tambem suas donzelas
sam figuras das estrelas,
e imagens de Deos os Reys
que dam luz a todas ellas [1].

Dá-lhes Fr. Paço conselhos, mas dentro em breve ficam-se todos a ouvir duas regateiras que lá vem a ralhar. Pregunta-lhes Fr. Paço:

E de que ydes agravadas
nesta sancta ladaynha?
Branca) Tinhamos hũa sobrinha
que tinha hum conto a osadas [2]
e tudo se tornou tinha.
Say nos hum casamento
cum moço da camara delRey;
casarey, nam casarey,
tam doce, tam cucarento,
Jesu! como o contarey.
Luua vay e luua vem,
e alvalá de filhamento,
fazemolo casamento
co carrapato dOurem,
moço da camara do vento!
Fr. Paço) Tem de casamento tanto
e moradia sabida?
Marta) Huy! pola sua negra vida
elle he dos do livro em branco
e da esperança perdida.
Branca) O alvalá que nos mostrou,
com tanto de filhamento,
tanto dacrecentamento,
nam sey quem lho despachou.

---

[1] *Copilaçam das obras*, fl. 185, cols. 3 e 4.
[2] A osadas, certamente.

Digitized by Google

Damiam Diaz, ou alguem,
lhe ouve elle o negro alvalá;
Christovam Estevez tambem,
ou quiçais sabe Deos quem,
Andre Pirez nam seraa.
Nem o Conde do Vimioso;
Fernam dAlvarez seria
ou o Conde de Penella,
que he muyto dadivoso.
Ja sey quem lho averia:
o dom Ruy Lobo em Palmela,
ou o Lourenço de Sousa,
ou nam sey se o Veador,
se o mesmo Pero Carvalho,
se foy bispo, se doutor
que nos deu tanto trabalho.
Marta) Mao quebranto que os quebrante,
porque vam aportunar
para ajudar a enganar
hũa cachopa amarante [1]
cum rascam do mao pesar.
Branca) Elles sam os presidentes
e os mesmos requerentes,
e se lhes dizeis que he mal,
tornam a culpa ao sinal
e eles fazemse inacentes.
Marta) Pois já isto anda tã baixo,
averey co esta cautela
hum alvalá de donzella [2].
. . . . . .

E, para remate da aventura, o tal «moço da câmara do vento» era dos que sabiam «a Brivia de cor» e não acertavam com a Ave Maria, um cristão novo, em suma.

Esta alusão ao alvará falso assenta, sem dúvida, sôbre algum facto verdadeiro. Alguêm, fora da scena, na vida real, havia sido agravado últimamente com qualquer despacho simulado. Ora, que Gil Vicente, observando a declaração feita na rúbrica de ser esta tragicomédia uma sátira, nela introduza a alusão à falsificação, está bem; mas que o faça diante do soberano, disparando suspeitas sôbre ministros seus, nomeados em scena e alguns decerto presentes, isto, com a tenção firme e clara de punir pelos humildes e de lançar em rôsto aos grandes a sua corrupção, «pois já isto anda tam baixo»! é, não só arrôjo, mas, mais ainda, propósito de castigar vícios, de pôr em scena a comédia moral, quási aristofânica. Não são só os frades que êle acusa, são tambêm os poderosos.

Dos quatro vèdores da Fazenda então em exercício são apontados no auto o Conde do Vimioso, o de Penela e D. Rodrigo Lobo, ficando apenas esquècido o valido, D. António de Ataíde, conde da Castanheira, nomeado vedor da fazenda em 1530 [3]. Da Fazenda ainda se nomeiam: o tesoureiro mor, Fernan

---

[1] Amarante, por ignorante.
[2] *Copilaçam das obras*, fl. 186, cols. 2 e 3.
[3] Para os vèdores da fazenda veja-se o *Arq. hist. port.*, x, 116, quanto aos Condes do Vimioso e de Penela e a D. Rodrigo Lobo, já tive ocasião de os apresentar ao leitor nas págs. 91, 105 e 214.

Digitized by Google

d'Alvares, já por mim apresentado ao leitor [1]; o juiz dos seus feitos, Cristóvão Esteves, desembargador do paço e petições, um cristão novo de verdadeiro merecimento, muito apreciado por D. João III e já aproveitado por D. Manuel para a compilação das Ordenações [2]; dois escrivães, Damião Dias, nomeado escrivão da fazenda do Príncipe em 1518, «como o era Garcia de Rèsende [3]» e André Pires, escrivão da fazenda adjunto desde 1529 e que em 1536 seria definitiva-

---

1 Pág. 183.

2 Cristóvão Esteves era filho do mestre Estêvão, judeu castelhano que passara para Beja com sua mulher e filhos, onde todos foram baptisados, vindo êle depois para Lisboa a servir de advogado na Casa da Suplicação (Diogo Gomes de Figueiredo, *Nobiliário*, VIII, pág. 514 mihi). Cristóvão Esteves, sendo licenciado em Leis, foi nomeado procurador do infante D. Afonso em 5 de Dezembro de 1516 (liv. 25 de D. Manuel, fl. 105 v.), ouvidor de Almada, em 2 de Fevereiro de 1517 (*ibi*, liv. 10, fl. 2), procurador dos feitos da fazenda, no mesmo ano, a 20 de Outubro (*ibi*, liv. 38, fl. 107), desembargador da Casa da Suplicação e ouvidor dos referidos feitos, a 22 de Maio de 1521 (*ibi*, liv. 39, fl. 63). Isto no reinado de D. Manuel, que lhe cometeu e a mais três desembargadores a ordenação, compilação, publicação, impressão e autentificação dos respectivos exemplares das *Ordenações do Reino*, como consta das determinações finais delas e mais claramente da carta de 4 de Março de 1534, pela qual D. João III deu a Cristóvão Esteves o grau de doutor (liv. 20 de D. João III, fl. 38). No reinado dêste Soberano continuou o Desembargador a prosperar, pois além de várias tenças, rendas e terras, doadas ou compradas, foi nomeado desembargador do paço e petições em 10 de Março de 1528 (*ibi*, liv. 14, fl. 71 v.), do conselho no ano seguinte, a 5 de Janeiro (*ibi*, liv. 17, fl. 6), e finalmente, por cartas de 29 de Agosto e 3 de Novembro de 1533, foi respectivamente feito fidalgo de solar conhecido, com o apelido da Espargosa e dispensa de todos os defeitos de sua gèração, porque todos se haveriam por supridos e por derrogadas todas as leis em contrário, e lhe foi dada carta de brasão de armas (*ibi*, livs. 45, fl. 66, e 46, fl. 104). Havia casado com Isabel Lopes, já falecida em 1544, segundo o epitáfio na sua capela da igreja de S. Francisco de Evora (transcrito com êrros na *Evora antiga* de A. F. Barata, pág. 56), a quem êle sobreviveu seis ou sete anos, pois que só tinha já morrido em Julho de 1551, como consta do alvará de confirmação de certas mercês a seu filho Estêvão da Espargosa (*Priv.os de D. João III*, liv. 4.º, fl. 78). Encontro o dr. Cristóvão Esteves envolvido nuns sucessos domésticos, talvez vulgares então, para os quais nós hoje olhâmos contudo com justa repulsa. Êle tinha, além doutras, uma filha chamada Guiomar da Espargosa, a quem não tivera ensejo para mandar ensinar a ler, mas tivera oportunidade para meter noviça no mosteiro de Cós, e antes de professar e de atingir a maioridade de vinte e cinco anos a levara a outorgar numa escritura, pela qual fizera doação e renúncia a favor de sua mãe das legítimas paterna e materna, tudo aprovado por alvará régio de 15 de Abril de 1535, no qual se supria a menoridade da doadora. As freirinhas de Cós é que não estiveram pelos ajustes. Assim que lhes constou a transacção, ameaçaram o grave Desembargador do paço de lhe pôr uma demanda e levaram-no a assinar um instrumento de composição com elas, em virtude do qual se obrigou a dar-lhes dois moios de trigo de renda, ou cem mil reais para os comprar, ficando reservado o usufruto vitalício para a filha e a propriedade ao mosteiro (liv. 24 de D. João III, fl. 185). Parece-me porêm que as freirinhas, apesar de tudo, ainda ficaram de perda.

3 De Damião Dias a mais remota notícia documental encontrada é a carta de 17 de Dezembro de 1518, pela qual, sendo cavaleiro da casa de D. Manuel e escrivão da sua câmara, foi por êle nomeado escrivão da fazenda do Príncipe, na maneira como também o era Garcia de Rèsende, carta confirmada por D. João III a 30 de Dezembro do ano do Nascimento de 1522 e 1521 da Circuncisão (liv. 51 de D. João III, fl. 179). No ano seguinte, por alvará de 9 de Janeiro, no qual já é intitulado «escrivão da nossa fazenda», foi nomeado escrivão das confirmações régias (*ibi*, liv. 54, fl. 270). Além dêstes dois ofícios, nos quais serviu toda a vida a D. João III que os confirmou a seu filho, ainda desempenhou nos anos de 1520, 21 e 22 o lugar de tesoureiro mor das aposentadorias de Lisboa, Évora e Santarém, sendo-lhe dada quitação por carta de 10 de Maio de 1526 (*Arch. hist. port.*, vol. IX, pág. 445, n.º 702). D. João III mandou-lhe dar terras para plantar cana e montar um engenho de açúcar na ilha de S. Tomé, as quais lhe foram dadas de sesmaria à borda da ribeira do rio do Oiro e confirmadas por el Rei em 7 de Março de 1529 (liv. 42 de D. João III, fl. 94 v.). Era Damião Dias então casado com Leonor Vaz, que parece ter sido rica, pelo menos desde 1522 a 1526

Digitized by Google

mente nomeado na vaga deixada por falecimento do compilador do *Cancioneiro geral* [1]. Ainda, mais ou menos ligados com a fazenda pública, chamemos-lhe assim, porque era o superintendente da administração da casa rial, aparece o Veador, Rui Lopes, ao qual também já me referi largamente [2]. Finalmente, do paço estão Lourenço de Sousa, sobrinho da falecida aia e camareira mor da Rainha Princesa, D. Isabel de Sousa, «mulher muito fidalga e prudente e de muito honesta vida», rapaz solteiro, muito novo, que talvez já fosse então aposentador mor [3], e em último lugar outro predilecto de D. João III, o cama-

---

comprou o marido para ela três tenças de valor superior a oitenta mil reais (*ibi*, livs. 46, fl. 25 v.; 3, fl. 93 v.; e 36, fl. 18), e ainda possuia mais outra de quatro moios de trigo assentada em 1530 no reguengo de Algés (*Arch. hist. port.*, x, 117). Passados poucos anos, em 1537, encontro-o já casado pela segunda vez com D. Joana de Vilhena (liv. 54, de D. João III, fl. 11 v.), filha natural de D. Duarte de Meneses, governador da Índia. Subiu então a fidalgo da casa rial e foi buscar um apelido às suas terras da ribeira do Oiro na ilha de S. Tomé, passando a chamar-se Damião Dias de Ribeira, nome com que já aparece em um diploma régio de 17 de Janeiro de 1544, de confirmação do aforamento de umas terras no paúl de Muja (*ibi*, liv. 5, fl. 25 v.), tendo-lhe talvez D. João III dado préviamente carta de fidalgo de solar e de brasão, pois que também teve armas próprias (*Armaria portuguesa*, pág. 430), a qual não tivesse sido registada. Morreu, sem deixar filhos de sua primeira mulher, a 14 de Novembro de 1554, como consta da carta de confirmação de uma tença de trinta mil reais a seu filho Duarte Dias de Ribeira (liv. 54 de D. João III, fl. 11 v.). Foi sepultado na igreja de Santo Eloi de Lisboa (P. Francisco de Santa Maria, *Céo aberto na terra*, pág. 447).

1 André Pires, sendo simples escudeiro, fôra nomeado escrivão na côrte das obras, terças, residos, hospitais, etc., de todo o reino por carta de 20 de Janeiro de 1503, na vaga deixada por seu irmão Pantalião Dias, nomeado então para a Casa da Mina (liv. 44 de D. Manuel, fl. 18); d'aqui ascendeu a cavaleiro da casa del Rei e escrivão da sua câmara, como já é intitulado na carta de 26 de Abril de 1516 de nomeação de escrivão das moradias (*ibi*, liv. 38, fl. 101 v.). D. Manuel confiava nêle a ponto de o encarregar, no ano de 1512, de ir levar recado a D. Álvaro de Castro, governador da Casa do Cível, do castigo que lhe impunha por ter mandado açoitar em sua casa um homem, segundo conta Damião de Goes, com alguma confusão talvez, porque dá a André Pires o apelido de Landim (*Cronica de D. Emanuel*, part. III, cap. 40, fl. 76), com o qual não aparece em nenhum documento, e só dêle usaram alguns de seus filhos. D. João III deu-lhe carta de privilégios de escrivão da fazenda em 14 de Outubro de 1529 (liv. 17 de D. João III, fl. 149), talvez para auxiliar Garcia de Rèsende a quem veio a suceder no ofício em que foi investido por carta de 11 de Fevereiro de 1536 (*ibi*, liv. 21, fl. 39), nove dias após o falecimento do cronista. De André Pires pouco mais sei: em 1533, quando se lhe passou carta de padrão de uma tença por êle comprada, era já cavaleiro fidalgo (*ibi*, liv. 19, fl. 213 v.), e em 1549 faleceu, como consta duma carta de padrão dada a sua viúva Felipa da Maia (*ibi*, liv. 66, fl. 155). No mesmo ano foi seu filho Álvaro Pires de Landim nomeado, por três cartas de 12 e 16 de Maio, escrivão da fazenda, das obras, terças, residos, etc., e ainda da receita e despesa do dinheiro extraordinário na côrte, tudo em sucessão a seu pai (*ibi*, liv. 60, fl. 161 v., e liv. 64, fl. 85 v.).

2 Na pág. 153.

3 Lourenço de Sousa era um fidalgo morador no bairro da Alcáçova, onde as casas de seu pai Rui de Sousa ficavam «a cabo da dita igreja» de Santa Cruz, como se declara no assento de seu óbito, a 29 de Novembro de 1557 (*Registo da freguesia de Santa Cruz do Castelo*, pág. 240). Seriam porventura únicamente as relações de vizinhança que lembrariam a Gil Vicente o nome do jovem fidalgo como possível culpado no despacho do falso alvará, pois que êle ao tempo talvez não exercesse nenhum cargo na côrte. Na realidade, veio a ser aposentador mor e já o era em Junho de 1534 (liv. 7 de D. João III, fl. 120), mas não se sabe quando começou a exercer o cargo, nem êle era de grandes atribuições depois que se criou o ofício de superior das aposentadorias de Lisboa, Évora e Santarém. Aposentadores mores de D. João III foram êstes três: D. Felipe Lobo, nomeado por carta de 9 de Janeiro de 1522 para servir o cargo, como até ali o fizera Manuel da Silva em tempo de D. Manuel (*ibi*, liv. 51, fl. 10 v.); D. Afonso de Noronha, a quem D. Felipe vendeu o ofício e lhe foi passada carta a 13 de Fevereiro de 1525 (*ibi*, liv. 36, fl. 87); e Lourenço de Sousa, mas não consta a data do provimento por a carta de nomeação não estar registada. As atribuições do aposentador mor estavam determinadas no tit. 61 do liv. I das *Ordenações afonsinas*; a par porém

Digitized by Google

reiro e guarda roupa do Príncipe, Pero Carvalho, a quem Sá de Miranda pouco antes endereçara uma das suas cartas, e veio a ser provedor de todas as obras de mosteiros e hospitais, como fôra Bartolomeu de Paiva, o amo, outro valido [1].

A propósito de validos, é curioso observar que D. João III teve, como nenhum outro soberano antes dêle, tendência para afeiçoar-se a homens de classes relativamente inferiores, a alguns dos quais nobilitou, fazendo-os fidalgos de solar e dando-lhes brasões de armas, como, por ex., os dois irmãos Cristóvam e Bernardim Esteves, cristãos novos, aos quais em 1533 e 1550 deu respectivamente os apelidos de Espargosa e Alte, os físicos Manuel de Vilaboa e Pedro de Vilanova, ambos em 1550 agraciados com armas novas, isto além de Bartolomeu de Paiva, Fernan d'Alvares, Pero Carvalho e outros, alguns já nestes estudos nomeados, aos quais deu valimento e altos cargos no reino ou no paço.

Continuam ainda em scena as regateiras, ás quais Fr. Paço, em tom de fatalista, se propõe dar conselhos: os casamentos são com quem desde o nascer está determinado.

E assi as religiosas
nacerão pera ser freyras,
e vós pera regateyras,
outras pera ser viçosas,
e outras pera canseyras. (*fl. 186, col. 4.*)

---

daquele cargo criara-se o de provedor e superior da casa da aposentadoria de Lisboa, o qual João Fogaça traspassou em D. Martinho de Castelbranco, a quem foi confirmado por carta de 24 de Agosto de 1511 (liv. 42 de D. Manuel, fl. 12 v.). Três anos depois já o cargo abrangia também as casas das aposentadorias de Évora e Santarém e as atribuições regimentais do superior, já elevado a conde de Vila Nova de Portimão, eram esclarecidas e ampliadas pela carta de 18 de Dezembro de 1514 (*ibi*, liv. 24, fl. 10). Ficaram pois muito restritas as atribuições do aposentador mor, pois se estabeleceram casas para aposentadorias nas três povoações onde a côrte principalmente habitava. Lourenço de Sousa veio porém a reunir toda a jurisdição, por isso que comprou a seu tio materno D. João de Castelbranco, filho segundo do Conde de Vila Nova e seu sucessor na superintendência das aposentadorias, o ofício de superior delas, o qual lhe foi confirmado por carta de 4 de Julho de 1538 (liv. 60 de D. João III, fl. 152). Era tam importante e proveitoso o cargo que, quando a prazimento dos povos de Lisboa, Evora e Santarém as rendas das aposentadorias foram vendidas, tiveram de dar de satisfação a Lourenço de Sousa uma tença de trezentos mil reais, em sua vida e na de seu filho Manuel de Sousa (liv. 38 de D. Sebastião, fl. 54 v.). D'então por diante continuou nos descendentes dêstes fidalgos o ofício, simplesmente honorífico porém, de aposentador mor. Para terminar, direi que Lourenço de Sousa casou em 1534, no ano seguinte ao da representação da *Romagem de agravados*, com D. Isabel de Eça, donzela da Raínha (liv. 7 de D. João III, fls. 120, 180 v., 204 v. e 205), e morreu no dia 31 de Agosto de 1576 (liv. 38 de D. Sebastião, fl. 54 v.).

[1] Pero Carvalho era, segundo contam alguns nobiliários, filho do homem em cuja casa estava o Duque de Beja hospedado em Alcácer do Sal, à espera da notícia da morte de D. João II. Pode não ser verdade, mas é de certo muito plausível e explicaria a protecção dispensada por D. Manuel, no trono, aos filhos do seu antigo hospedeiro. Dois dêles, Pero e Rui, foram trazidos para o paço e acomodados na guarda roupa; Pero Carvalho avantajou-se porém muito ao irmão. Em 1518, na ocasião de se publicar o terceiro casamento de D. Manuel, foram admitidos a beijar-lhe a mão, depois de todos os senhores e fidalgos, Pero Carvalho e Damião de Goes, «que — conta êste — andavamos ainda em pelote no paço» (*Chronica de D. Emanuel*, part. IV, cap. 34. fl. 40) e portanto eram muito novos. De 19 de Dezembro de 1520 a 21 de Novembro de 1521 teve cargo da guarda roupa de D. Manuel (*Arch. hist. port.*, vol. IX, pág. 453, n.º 719), recebendo já neste último ano 20:000 rs. de tença com o hábito de Cristo (LOUSADA, *Sumários*, III, fl. 770 v.). Em 1528 já era casado com D. Maria, filha única de João Patalim e de sua mulher Joana Brandoa, que nesse ano instituiu um morgado em Évora a favor de sua filha e genro (liv. 11 de D. João III, fl. 92 v.), e em 1532

Digitized by Google

Mas apanha uma ensaboadela mestra.

Marta) E vós, mano, frey Trogalho,
em que perneta nacestes,
que maa hora ca viestes?
dizey, padre frey Chocalho,
tudo vós isso aprendestes?
Cebolinho e espinafre,
ja vola barba nace;
ora ouvideihe o sermão,
e tangedeihe o atabaque,
nam caya, pondeihe a mão. (*fl. 186, col. 4.*)

Desenganam-se porêm e resolvem, para não perder mais tempo, seguir ambas na sua romaria. Para aliviar tristezas, põem-se a cantar, quando avistam dois vultos que se aproximam, os quais por uma delas são apresentados:

O frade he frey Narciso,
e vem ca muito queyxoso,
porque o nam fizeram bispo;
o outro he Cerro Ventoso,
gram cabecinha de pisco. (*fl. 187, col. 1.*)

O frade quer ser bispo:

Ja fizessemme ora bispo
siquer do ilheo de Peniche
pois sam frade pera isso.
Que sem saber ler nem rezar
vi eu já bispos que pasmo,
e nam sey conjecturar
como se pode assentar
mitara em cabeça dasno. (*fl. 187, col. 2.*)

Cêrro Ventoso, talvez, quem sabe? alcunha dalgum dos validos, queixando-se diz

Padre, eu sam dos agravados,
porque nam tenho de renda
senam quatro mil cruzados;

---

lhes doou outro morgado, o de Val de Gramaxo, no têrmo da mesma cidade (*ibi*, liv. 18, fl. 101 v.). A êste tempo já D. João III havia passado Pero Carvalho, fidalgo da sua casa e seu guarda roupa, para o serviço do Príncipe, dando-lho por camareiro e guarda roupa por alvará de 8 de Junho do referido ano (*Provas da Hist. gen.*, III, 54). A outros cargos de maior importância ascendeu. Por carta de 9 de Março de 1536 nomeou-o D. João III provedor mor das obras, como o havia sido Bartolomeu de Paiva, seu amo (liv. 21 de D. João III, fl. 168 v.), ofício que se conservou por muitos anos em seus descendentes por linha varonil, passando nos princípios do século XVIII, por extinção daquela, para a linha feminina, a dos Condes de Soure. Em 1543 concedeu-lhe os privilégios de desembargador (*ibi*, liv. 28, fl. 14 v.); em 1548 nomeou-o veador da princesa D. Joana (*Provas*, cit.); e em 1551 chamou-o para o conselho (liv. 4.º de *Privilégios de D. João III*, fl. 177), isto além de muitas tenças e rendas de que lhe fez mercê. Morreu Pero Carvalho a 13 de Janeiro de 1562, segundo consta da carta de confirmação de uma tença de 200:000 rs. a seu filho João Carvalho (liv. 9 de D. Sebastião, fl. 320). Este filho e duas filhas casaram nas mais nobres famílias do reino.

Digitized by Google

fezme elRey dos mais privados,
mas nam daa com que me estenda. (*fl. 187, col. 1.*)
. . . . . .
Digovos sem mais arengas,
como quem vos nada esconde,
que eu me fundo em ser conde,
siquer conde das Berlengas. (*fl. 187, col. 3.*)

Atrás dêstes entram Apariceanes, «lavrador que fala bem», e sua filha Giralda. Vem êle lastimando-se da sua vida actual, comparada com a passada; d'antes andava alegre, não sentia canseira, cantava sempre, mas agora

... pobreza e alegria
nunca dormem nũa cama. (*fl. 187, col. 4.*)

Isto porque trás aforados dois casais de frades, «verdadeyros Cartuxos de sancta vida», e lhe penhoraram tudo por não poder pagar os foros, destruídas as searas pelos temporais. Consolam-no os frades, dizendo-lhe

.... que nam tomaram
espeera por sua devisa. (*fl. 187, col. 4.*)

Com êste trocadilho alusivo à emprêsa de D. Manuel, espera, como então diziam por esfera, não se sentia o lavrador muito aliviado; mas, não obstante, nenhum mal lhes roga, apetecendo-lhes apenas que às seixadas lhes quebrem as coroas, e perdoa-lhes pelo amor de Deus, encomendando-os ao diabo.

Pregunta o nome do seu interlocutor; exulta quando sabe ser êle Fr. Paço e pede-lhe para examinar a cachopa, que é lá da serra da Lousã e êle trá-la para ser dama no paço. Observa-lhe o frade, muito requebrado:

Amigo, a dama prezada
ha de ser rica e fermosa,
muyto sentida, assossegada,
cortees, mansa, graciosa. (*fl. 188, col. 1.*)

Todavia começa o exame. Põe Fr. Paço na cabeça de Giralda um trançado, isto é, uma trança de cabêlo postiça; o pai porêm não consente tal cauda de pêga para toucado da filha, pois nunca viu pardal com o rabo no toutiço. A cachopa traz nódoas nos focinhos por andar a pisar uvas no lagar, concorda, mas há de se ir lavar; é «assi pertelhoa», mas já lhe mercou solimão e alvaiade, para a embranquecer e dez boiões de «rebiquelhe Genoees» para lhe dar côr às faces.

Continua a lição

Fr. Paço) Ora faça hũa mesura,
vejamos que ar lhe daa.
Giralda) Pera cá, ou pera lá?
Fr. Paço) Olhayme aquella doçura!
pera a doçura de cá.
Senhora dama das cabras,
aveis de fazer assi...
atentastes pera mi?
e day assi as passadas...
entendeis este latim?

Digitized by Google

E olhareis deste geyto,
assi com hum recacho oufano;
vosso corpo muy dereyto,
pouco riso, e muy bem feyto,
forrado donesto engano.
De quando em quando o falar
cousa he que muyto contenta;
nam amar, nem o leyxar;
e por vos mostrar isenta,
guardayvos de sospirar.
Giralda) Tudo isso que dizeis
farey eu senam de flores. (*fl. 188, col. 2*)

Então o frade, todo dengue:

Quereis vós falar amores,
por ver que respondereis
aos vossos servidores?
Senhora, ha ja mil annos
que vos quisera falar,
e por vos nam anojar,
padeço ja tantos danos,
que os nam posso calar. (*fl. 188, col. 2*)

Ao que a cachopa, nada pêca, responde:

Que maa hora cá viestes,
como eu folgo co isso tal!

Segue o diálogo engraçado e chistoso e não me privarei de o transcrever, pois êle nos dá a amostra das conversações alambicadas dos galans da côrte.

Fr. Paço) Se vós folgais co meu mal,
o meu mal vós o fizestes,
oo meu bem angelical,
que em pago do bem que vos quero,
se nam vos, quem me ferio
com o vosso lindo cutelo?
Giralda) Disso estaes vós amarelo
do sangue que vos sahio.
Fr. Paço) Oo senhora que matais
a todos quantos feris,
e a ninguem perdoais!
Giralda) Quam docemente mentis
todos quantos bem falaes!
Fr. Paço) Senhora, quem amansasse
vossas yras de matar!
Giralda) Quantos mortos que eu matasse,
ajudastes a enterrar?
Fr. Paço) Ao menos eu agora
sem remedeo de conforto,
ja minha alma he de mi fóra:
pois *memento mei*, senhora,
lembre vos que ando morto.
Morto me tendes aqui,
e morto desesperado.
Giralda) Quantá, se isso fosse assi,
espantarmia eu de mi
nam pasmar domem finado.
Como! fantasma sois vós!

Digitized by Google

Fr. Paço) Oo como estais graciosa!
Giralda) Digo que sam tam medrosa
dos mortos, livrenos Deus!
que nam creo a morte vossa.
Se morto, como falaes?
se defunto, como ouvis?
sem alma, como sentis?
sem sentidos, que pedis?
finado, vós que buscaes?
Fr. Paço) Sã morto, e vivo em tormento;
sam finado, e ando em pena.
Giralda) Porem vosso enterramento?
quando embora se ordena
e se cumpre o testamento? (*fl. 188, col. 4*)

Acode aqui o pai:

Frey Paço, ja bem estaa;
escusada he mais lingoagem.
quero yr minha romagem,
quisto muy bem se faraa
porque a moça he davantagem. (*fl. 188, col. 4.*)

Seguem-se duas freiras, agravadas, porque

... eramos claustaes,
e fazem nos de observancia. (*fl. 189, col. 1*)
. . . . . .
E se formos visitadas
de mãy, ou tias, ou dona,
porque males ou erradas
lhes falaremos tapadas,
como bestas datafona? (*fl. 189, col. 2.*)

Havia uma delas proposto para seguirem na romaria acompanhadas pelo Fr. Narciso, mas objectara a outra:

He milhor que vamos soos
que nam mal acompanhadas. (*fl. 189, col. 1.*)

As últimas pessoas agravadas são duas pastoras a quem os pais querem casar com outros, não já os seus namorados. Mal despachadas estas, «ordenárão se todas as feguras como em dança, e a vozes baylaram e cantaram a cantiga seguinte:

Por Mayo era por Mayo
ocho dias por andar,
el Iffante don Felipe
nació en Evora ciudad. (*fl. 190, col. 1.*)

E aqui temos Gil Vicente a marcar datas por um sistema já em completo desuso e tão esquècido, que até parece ter-se o poeta enganado. «Oito dias por andar» do mês de Maio corresponde ao dia 24 [1] e não ao 25, no qual o cronista

[1] Veja-se o modo de contar os dias andados e por andar em João Pedro Ribeiro, *Dissertações*, II, 62.

Digitized by Google

declara ter nascido o infante [1], mas talvez fosse Francisco de Andrada que se enganasse.

Nota um autor contemporâneo que só aqui, na cantiga final, há alusão ao infante recêm-nascido [2]. É exacto e isto, a meu ver, confirma a minha suposição de muitas vezes aproveitar Gil Vicente trabalho já feito para satisfazer às incumbências régias.

Não sei porquê, é talvez questão de palpite, mas afigura-se-me ser a *Romagem de agravados* um dos dois autos, o da *Aderência do Paço* ou o da *Vida do Paço*, condenados pela censura no *Rol dos livros defesos* do ano de 1551. Pôs-lhe Gil Vicente o titulo de *Romagem de agravados* e o vulgo crismou-o num dos outros dois nomes, como já fizera aos autos de *Quem tem farelos*, de *Pedreanes* e da *Mofina Mendes*. A benévola censura de 1562 deixou-o passar; a de 1586, mais severa, voltou atrás e, como a de 1551, proibiu a peça.

Amadis de Gaula.

Ainda em 1533 e também em Évora, se as indicações da rúbrica estão certas, representou Gil Vicente o *Amadis de Gaula*. «Seguese a segunda tragicomedia sobre Amadis de Gaula. Esta tragicomedia se começa que entra a corte delRey Lisuarte com as figuras seguintes .s. Lisuarte, Raynha Brisena, Oriana, Emabilia, e Corisanda, Dinamarca, Hurgauda, don Dorin, Amadis, Galaor, Florestam, Gandalim.— Representouse ao muyto excelente Principe e Christianissimo Rey dom Ioam o terceyro deste nome, em a sua cidade Devora. Era de M.D.xxxiij» [3].

Esta tragicomédia, como a de *Dom Duardos*, é tirada de um romance de cavalaria e com ela tem muitos pontos de semelhança. D. Duardos disfarça-se, rapta a princesa Flérida e casa com ela; Amadis, transformado em ermitão, é intimado pela princesa Oriana a comparecer para casar com ela. Em ambas entram donzelas músicas, em ambas há solilóquios dos heróis e até, para emparelhar com a feia e presunçosa Maimonda da primeira, vem na segunda o Anão que se tem na conta de «ombre gentil, dispuesto». A analogia entre as duas tragicomédias é tam grande, o compilador das obras de Gil Vicente aproxima-as a ponto de dizer que ao *Dom Duardos* se segue «a segunda tragicomédia sobre *Amadis de Gaula*», que me custa a crer tivesse havido oito anos de intervalo entre as duas obras; mas como em todo o texto da segunda nenhumas indicações aparecem, além das consignadas na rúbrica, tenho de aceitar estas. Ambas as tragicomédias haviam já sido impressas antes da primeira edição das obras, sendo-nos o facto certificado pelos *Índices expurgatórios*. No português de 1551, como já lá muito acima ficou apontado, aparece o *Dom Duardos*, e no castelhano de 1559 o *Amadis*, com êste título: *Auto hecho nuevamente por Gil Vicente sobre los muy altos y muy dulces amores de Amadis de Gaula con la princesa Oriana, hija del rey Lisuarte* [4].

Neste mesmo ano de 1533, no qual Gil Vicente representou a *Romagem de agravados* e o *Amadis de Gaula*, concluiu Garcia de Rèsende o livro da *Vida*

---

1 ANDRADA, *Chronica de D. João III*, fl. 117 v.
2 APOLLINO AUGUSTO MARQUES, *Gil Vicente e as suas obras*, Portalegre, 1917. Pág. 43.
3 *Copilaçam das obras*, fl. 137.
4 Senhora D. CAROLINA MICHAËLIS DE VASCONCELOS, *Notas Vicentinas*, I, pag. 82, nota 137.

Digitized by Google

e feitos del rey Dom João segundo, conforme a declaração estampada na primeira edição da obra, a de 1545 [1].

Auto da Cananeia.

Não só na côrte ou perante o vulgo, como êle lhe chamava, representou Gil Vicente os seus autos; num mosteiro foi êle convidado a exibir uma obra dramática composta sôbre assunto préviamente indicado. Assim o declara a rúbrica por estas palavras: «Este Auto que a diante se segue fez o autor por rogo da muyto virtuosa e nobre senhora dona Violante, dona abbadessa do muyto louvado e sancto convento do mosteiro de Oudivelas: a qual senhora lhe pedio que por sua devaçam lhe fizesse hũ auto sobre o Evangelho da Cananea. Primeyramente entram tres pastoras, a primeyra per nome Silvestra ley de natureza, a segunda ley de escriptura per nome Hebrea, a terceyra ley de graça per nome Veredina. Foy representado na era do Senhor de mil, quinhentos e trinta e quatro annos» [2].

A abadessa de Odivelas, D. Violante Cabral, era, estou persuadido, apesar de não ter ainda encontrado prova documental, filha de Fernão Cabral, alcaide mor de Belmonte e regedor da justiça da comarca da Beira, irmã de Pedro Álvares Cabral, descobridor do Brasil, e viúva de Luís da Cunha, senhor das terras de Ovoa, Barreiro e Senhorim, e da casa de Santar, tudo na referida comarca.

Aquelas terras havia o príncipe D. João doado, por carta de 27 de Abril de 1475, ao referido fidalgo, em sua vida; a êle as confirmou, depois de subir ao trono, por carta de 30 de Dezembro de 1484, dando-lhe então nelas mais uma vida a favor do filho primogénito; e, finalmente, a êste, que se chamava António da Cunha, foram as terras confirmadas por morte do pai, por carta de 6 de Março de 1497 [3]. Era António da Cunha ainda menor no ano seguinte, tendo seu tio Lopo da Cunha a administração da sua casa [4]; estava porêm já concertado de casar em 1513 com D. Isabel de Abreu, dama da raínha D. Maria, filha de Bartolomeu de Paiva, amo do Príncipe [5], e uma das virgens da ladaínha do *Velho da horta* de Gil Vicente [6]. A casa de António da Cunha era em Santar, onde vivera em solteiro [7] e continuou morando depois de casado [8].

Pouco tempo creio ter D. Violante Cabral estado casada e nos nobiliários contemporâneos, ou de tempos próximos, apenas se lhe aponta um único filho. Era ela, como acima mostrei, já viúva em 1497 e viria professar a Ordem de S. Bernardo no mosteiro de Odivelas, se o fez [9], provávelmente após o casamento do filho, sendo certo haver sido eleita abadessa a 21 de Dezembro de 1516, conforme a conta lançada no seu epitáfio abaixo transcrito. Não foi D. Vio-

---

1 *Crítica e historia*, cit., pag. 48.

2 *Copiaçam das obras*, fl. 79, marcada 89.

3 *Chancelaria de D. Manuel*, liv. 30, fl. 40, onde as três cartas são transcritas.

4 Carta de 21 de Maio de 1498 relativa á nomeação de tabeliães para as três terras do menor António da Cunha (Lousada, *Sumários*, III, 864 v.).

5 *Chancelaria de D. João III*, liv. 39 de *Doações*, fl. 27 v.

6 Vidé pag. 61.

7 *Chancelaria de D. Manuel*, liv. 32, fl. 36 v.

8 Lousada, *Sumários da Torre do Tombo*, III, fl. 845 v.

9 Motiva as minhas dúvidas a informação ministrada por Fr. Manuel da Esperança na II part. da *Hist. seráfica*, pag. 536, n.º 6, quando transcreve das memórias do convento de Orgens deixadas por Fr. Marcos de Lisboa esta lembrança: «No primeiro de Outubro de 1557 falecêo nossa tão principal, e devotissima irmãm D. Violante de Santàr comprida de muitos annos de vida», etc. Na opinião do cronista seráfico esta D. Violante de Santar era a

Digitized by Google

lante mulher vulgar e, se o facto de ela haver pedido a Gil Vicente para lhe ir representar um auto ao mosteiro já revela o seu interêsse pelas belas letras, outra prova existe em memória para atestar a sua predilecção pelas belas artes. No ano precedente ao da representação do auto, mandara a Abadessa fazer um cofre «de prata de obra ao antigo, cujos quatro cantos adornão nichos com imagens de vulto, de S. Dinys, S. Bernardo, S. Guilhelme, e S. Ursula, cercado com tres letreiros pela ordem seguinte. 1. *Este relicario mandou fazer a Abbadessa D. Violante Cabral na E. de 1533.*—2. *Aqui està a cabeça de S. Vrsula, & outra meia da Rainha Ierasina sua tia, & outras muitas reliquias das 11. mil Virgens.*—3. *Aqui jaz mais: o corpo de S. Guilhelme Bispo, & outras muitas reliquias*». O qual cofre «para dar delle relação verdadeira vi, e tomei nas mãos» [1]. Este cofre deverá ser o mencionado no inventário da sacristia do convento organizado em 1828, sob a verba «Hum Cofre das Reliquias das Onze mil Virgens», o qual torna a aparecer no inventário de 1831, com a seguinte nota adiante, *vendeose!* [2] Desde 1834 que esta terra está a saque, e de pasmar é como ainda há que roubar.

Apenas dois anos mais, se tanto, teve de vida D. Violante Cabral, a quem deram sepultura na casa do capítulo do mosteiro de Odivelas, à direita da porta, em campa rasa. «E' uma lapide enorme ($2^m,535 \times 1^m,432$), em cujo centro se vê esculpido o baculo abbadessal, e sobre elle um escudo onde com difficuldade, mas com certeza, se vêem gravados os tres pregos da cruz ao centro da coroa d'espinhos... O epitaphio em primorosas lettras gothicas allemãs, começando no alto da pedra forma-lhe em duas linhas uma dupla órla e diz assim: *Aquj Jaz a mujto virtuosa dona Vio || llamte cabral abadesa deste mosteiro a quall ẽ xix ãnos & iii meses & meo || Regeo no culto deuino & seruiço de || deos ennosa sãcta Rellegiã mujto acrecẽtou & na fabrjca delle qua || si todo ho Redeficou & nas Rẽ || das & posisões mujto melhorado e acrecemtado ho dej || xou falleceo a bj dias || dabril de j̃ b^c xxx bj cuja alma Requjescat in pace*» [3].

O auto foi composto a pedido da dona Abadessa «sobre o evangelho da Cananeia». Êste evangelho lê-se à missa na féria quinta depois do primeiro domingo da quaresma e portanto, em 1534, leu-se a 26 de Fevereiro. Também se designa por *Dominica Chananeæ* o segundo domingo da quaresma, o qual na-

---

viúva de Luís da Cunha e de igual parecer foram Fr. Martinho do Amor de Deus, na *Chronica da provincia de Santo Antonio*, pag. 222, n.º 253, e Fr. Pedro de Jesus Maria José, na *Chronica da provincia da Conceição*, vol. I, pag. 651, n.º 812, o primeiro sem discrepar, o segundo ponderando que mais fidalgas houve na casa de Santar com o nome de Violante. Ora, a não haver aqui confusão resultante de homonimia, como ao último cronista se afigura possível, não poderá ter sido D. Violante Cabral, viúva de Luís da Cunha, a abadessa de Odivelas de 1534, mas, neste caso, ignoro absolutamente quem ela tivesse sido.

O filho de D. Violante Cabral era ainda de menor idade em 1498, mas estava já contratado a casar em 1513, pelo que deveria já existir antes de 1484 quando foi feita mercê a seu pai de mais uma vida nas terras da Coroa a favor de seu filho varão primogénito. Supondo êste nascido em 1483 e ter então sua mãe vinte anos, viria ela, no caso de ser a D. Violante de Santar das memórias de Fr. Marcos, a morrer com bastante mais de noventa anos, o que, na realidade, não é impossível.

Se existisse o livro contemporâneo das profissões do mosteiro de Odivelas e me constasse o seu paradeiro, examiná-lo-hia e todas as dúvidas cessariam; mas assim...

[1] George Cardoso, *Agiologio lusitano*, tom. I, pag. 102, impresso em 1652, mas já composto em 1647, como consta das licenças

[2] Borges de Figueiredo, *O Mosteiro de Odivellas*, pags. 213 e 214.

[3] *Ibidem*, pag. 100-101.

Digitized by Google

quele ano caíu a 1 de Março. Suponho que nalgum dêstes dias tivesse havido festa religiosa no mosteiro de Odivelas e para a abrilhantar houvesse sido encomendado o auto, apesar de não encontrar nesses dias mencionado no calendário nenhum santo da particular devoção de Odivelas. Do S. Guilherme da relíquia guardada no cofre reza-se a 10 de Janeiro.

O milagre da Cananeia é sabido. No corpo de sua filha introduzira-se um diabo; a mãe, cheia de confiança e de fé, procura Jesus Cristo para lhe valer e entra cantando

Senhor, filho de David,
amerceate de my.
. . . . . .
Fala Que minha filha é tentada
d'espritos que nam tem cabo,
e minha casa assombrada
minha camara pintada
de figuras do diabo.
De mal tão acelerado
quem se livrará sem ti?

Canta Senhor, filho de David,
amerceate de my. *(fl. 82, col. 1.)*
. . . . . .
Fala Tem os seus braços torcidos
os olhos encarniçados,
os cabellos desgrenhados,
seus membros amortecidos;
daa gritos, faz alaridos,
e o socorro está em ti.

Canta Senhor, filho de David,
amerceate de my. *(fl. 82, col. 2.)*
. . . . . .

Intercedem por ela os Apostolos, mas Cristo diz lhes

Eu nam sam ca enviado
per piadoso nivel,
senam socorrer ao gado,
que pereceo no montado
das ovelhas de Israel.
Por este vesti burel
de vil terra,
e nam por gado de serra,
que pace feno emfiel,
sem querer sentir que erra. *(fl. 82, col 3)*

Insiste a pobre Cananeia, reconhecendo nada merecer por si, mas cheia de fé implora de novo. Então Cristo diz-lhe:

Molher, muito grande he
o teu bom perseverar,
e muy grande a tua fee;
e he justo que te dê
o que vieste buscar.
Porque tens muito sofrido,
como constante oradora,
mando que logo nessora
se cumpra o que tens pedido
e seja saã desdagora. *(fl. 83, col. 4)*

E faz-se o milagre com grande pavor dos diabos que são corridos.

Digitized by Google

Auto da Mofina Mendes.

Viera Gil Vicente a Lisboa a fim de ir representar a Odivelas o *Auto da Cananeia*, mas brevemente tornou para Évora, onde a côrte ainda persistia e onde o poeta representou os seus últimos autos. A um dêles deu o título de *Auto dos Mistérios da Virgem*, segundo declara o Frade no prólogo, « a modo de prègação »:

A qual obra he chamada
os Mysterios da Virgem; (*fl. 21, col. 1.*)

sucedeu porêm a esta obra de Gil Vicente como a outras; o vulgo crismou-a em *Auto da Mofina Mendes*, designação aceita, se não pelo autor na rúbrica, quando menos pelo editor na *Taboada*, onde vem designada por « Auto chamado da Mofinamendez ». No sumário lê-se apenas: « A Obra seguinte foy representada ao excellente Principe e muyto poderoso Rey dom Ioão terceyro: enderençada aas matinas do Natal na era do Senhor. M.D.xxxiiij [1].»

Terminada a prègação do Frade, ridícula pela abundância de citações latinas, entra Nossa Senhora acompanhada de quatro donzelas, Pobreza, Humildade, Fé e Prudência, e precedida de quatro anjos com música. Sentam-se, discorrem, aparece o anjo Gabriel e tem lugar o primeiro mistério, o da Anunciação.

Ecce ancila Domini,
faça se sua vontade, (*fl. 22, col. 4.*)

diz a Virgem em conclusão. «Em este passo se vay o Anjo Gabriel, e os anjos aa sua partida tócão seus instrumentos, e cerra se a cortina...»

E' muito interessante esta rúbrica por nos revelar como nesses tempos, no tablado, o nosso pano de bôca era substituido por uma simples cortina que corria, certamente para os lados, sôbre corrediças, como as das camas.

Passa-se depois ao segundo mistério, o da Natividade. Estão vários pastores discorrendo e é nesta altura que se anuncia a Mofina Mendes, pastora de Paio Vaz, que a descreve como uma moça, irrequieta e sem socêgo;

anda em saltos como pêga,
tanto faz, tanto trasfega,
que a muytos emportuna. (*fl. 22, col. 4.*)

Entra ela d'ali a pouco e o patrão logo lhe pregunta pela boiada e pelas vacas.

Mas que cuydado vós tendez
de me pagar a soldada,
que ha tanto que me retendes! (*fl. 23, col. 2.*)

E' como ela lhe responde.

Trava-se um diálogo engraçado. Ela não sabe de nada. A boiada, as cabras, ignora onde andam; das vacas morreram sete e dos bois, três; dos porcos os mais são mortos de magreira e má ventura; das trinta vitelas poucas escaparam, umas devoradas pelos lobos, outras vítimas de mau olhado; os cabritinhos, levou-os a zorra, e tudo mais à proporção. Assim lhe dá a conta do gado e lhe renova o pedido da soldada. Paio Vaz não pode mais e dá à pastora, a quem

1 *Copilaçam das obras*, fl. 20 v.

Digitized by Google

despede, um pote de azeite para se pagar dos salários. Então põe Mofina Mendes o pote à cabeça e começa dizendo:

Voume aa feyra de Trãcoso
logo, nome de Jesu,
e farey dinheyro grosso.
Do qu'este azeyte render
comprarey ovos de pata,
que he a cousa mais barata
qu'eu de laa posso trazer.
E estes ovos chocarão,
cada ovo dara hũ pato,
e cada pato hũ tostão,
que passaraa de hũ milhão
e meo, a vender barato.
Casarey rica e honrrada
per estes ovos de pata,
e o dia que for casada
sayrey ataviada
com hũ brial descarlata,
e diante o desposado
que mestaraa namorando;
virey de dentro baylando,
assi desta arte baylado,
esta cantiga cantando.

Estas cousas diz Mofina Mendez co pote dazeyte aa cabeça, e andando enlevada no baylo, caelhe e diz Payo Vaz:

Payo) Agora posso eu dizer,
e jurar, e apostar
qu'és Mofina Mendez toda.
Pessival) E sella baylava na voda
questaa inda por sonhar,
e os patos por nacer,
e o azeyte por vender,
e o noyvo por achar,
e a Mofina a baylar
que menos podia ser?

Vaise Mofina Mendez cantando:

Por mais que a dita mẽgeyte,
pastores, nam me deis guerra,
que todo o humano deleyte,
como o meu pote dazeyte,
ha de dar consigo em terra. (*fl. 23, cols. 3 e 4.*)

Deitam-se a dormir os pastores, aos quais se tinham juntado outros, «e logo se segue a segunda parte, que he hũa breve contemplação sobre o nacimento». Realiza-se êste e o Menino ouve-se chorar dentro do berço; o Anjo chama os pastores para virem adorar o recem-nascido e por fim, depois dos anjos tocarem os seus instrumentos, as virtudes cantarem e os pastores bailarem, vai-se tudo embora.

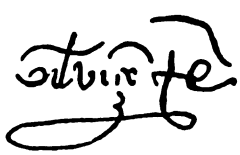
E assim, a ouvir êste auto do seu poeta predilecto, passou D. João III, se não alegre, pelo menos descuidado, a noite de Natal do ano de 1534, esquè-

Digitized by Google

cendo por umas horas a situação angustiosa do seu tesouro. Já então se pensava em largar as praças de África, por não haver recursos para as sustentar, pois que neste ano, além de um *deficit* de trinta e tantos contos, a dívida del Rei subia a mais de oito centos contos, por juros vencidos, dívidas da Casa da Índia e câmbios de Flandres [1], uns quatro mil e quatro centos contos, com o valor aquisitivo de perto de dezoito mil, aqui há três anos, antes da actual depreciação da moeda. Era uma dívida muito grande para os tempos, uma bagatela porêm comparada com a presente dívida pública.

No ano seguinte não me consta que Gil Vicente compusesse nenhum auto novo, apesar de a 16 de Abril ter nascido o infante D. Denis e de nessas ocasiões ser freqùente haver representações no paço; mas não encontro notícias de nenhuma. Encontro porêm dêsse mesmo ano uma provisão, à qual já lá muito acima aludi [2]. Por ela deu D. Rodrigo Lobo, vedor da fazenda, ordem, em nome del Rei, para se entregar «a Gil Vicente oito mil reais que lhe mando dar e o dito anno de mim ha daver de sua vestiaria», em Évora, a 19 de Junho de 1535. Por êstes dizeres parece manifesto haver Gil Vicente vestiaria na Casa Rial e por tanto estar assente nos livros da matrícula, com moradia por qualquer título; mas a subscrição do próprio mandado vem tornar duvidosa tal interpretação. Nela, na subscrição, lê-se: «8:000 rs. no Tesouro a Gil Vicente de sua vestiaria deste ano de 35 per seu filho Belchior Vicente.» Para que entra aqui o nome de Belchior Vicente? era êle, por ser moço da capela, que tinha direito à vestiaria? Então, se era êle, para que há de o mandado declarar ser a vestiaria do pai? E' um círculo vicioso para o qual só encontro esta saída. A vestiaria era devida a Belchior Vicente, moço da capela, êle porêm estava ausente [3] e por êste motivo, a pedido seu ou do pai, foi despachado o mandado a êste para receber o dinheiro pertencente ao filho.

A 11 de Agosto foi passado em Évora o recibo dos oito mil riais e Gil Vicente assinou-o assim



divergindo bastante esta assinatura da outra, posta vinte anos antes em documento análogo e lá acima reproduzida [4]. Esta diferença entre as duas assinaturas levou o melhor biógrafo do poeta a dizer que ela mostrava tratar-se de duas pessoas diversas [5], conjectura logo mais adiante posta em dúvida [6]. Outro crítico, igualmente conspícuo, é porêm de opinião mui diversa, de opinião simi-

---

[1] Fr. Luís de Sousa, *Annaes de dom João III*, pág. 385.
[2] Na pág. 21.
[3] Brito Rebelo, *Gil Vicente*, ed. de 1912, pág. 128, põe entre os anos de 1535 e 1540 o casamento de Belchior Vicente e a sua residência na rua dos Penosinhos, no bairro da Alcáçova de Lisboa; estou porêm persuadido que em 1536 ainda Belchior não tinha casado.
[4] Na pág. 79.
[5] Brito Rebelo, *Gil Vicente*, ed. de 1912, pág. 12.
[6] *Ibidem*, pag. 139.

Digitized by Google

lhante à minha, pois diz: «A differença das assignaturas é que pouco ou nada pode demonstrar, pois com um intervallo de vinte annos rarissimas serão aquellas que se conservem absolutamente eguaes [1].»

Neste ano de 1535, ano de fomes grandes em Lisboa [2], reuniram-se as Côrtes em Évora no mês de Junho, para ser jurado o príncipe D. Manuel [3] e também em virtude da resolução tomada nas precedentes de Tôrres Novas para serem convocadas análogas assembleas de dez em dez anos [4].

Floresta de enganos.

Estamos chegados ao ano de 1536, ano nefasto para a literatura nacional. Nêle, a 3 de Fevereiro, morreu em Évora Garcia de Rèsende [5]; nêle, compôs Gil Vicente a sua última obra, a *Floresta de enganos*, «que he a derradeyra [comedia] deste segundo livro, e a derradeyra que fez Gil Vicente em seus dias» [6]. Também em 1536, a 12 de Julho, morreu em Basilea Erasmo, o humanista célebre que, segundo a lenda propalada por Barbosa Machado na *Bib. lusitana*, aprendera o português para poder apreciar no original as obras de Gil Vicente.

Diz a rúbrica desta última peça: «Comedia chamada floresta denganos. Foy representada ao muyto alto e poderoso Rey dom Ioam o terceyro deste nome na sua cidade de Evora. Era do Senhor de M.D.XXXVI. Annos.—Figuras della.—Hum Filosofo com hum parvo atado ao pee, hũ Mercador, hum homem com trajos de viuva, com hũa mocinha, Copido, Apollo, Rey Telebano, Grata Celia, Princesa, doutor, justiça mayor, hũa velha, hum pastor, hum Duque pelegrino, hum Principe, a ventura pelegrina, cõ outros tres pelegrinos [7].»

Entra logo o Filósofo com o Parvo atado ao pé, faz a sua apresentação, várias vezes interrompida pelo Parvo, até que, deitando-se êste a dormir, aproveita para dizer:

Y pues me tiene dexado,
del autor dire el intento,
y por yr mas declarado
seraa en prosa el argumento.
Pero, o señores! os pido
que tengais todo encubierto
en vuestro seno escondido,
porque no sepa Copido
que descubro su secreto. *(fl. 114, col. 4.)*

«La comedia seguiẽte, altos y famosos señores, su nombre es floresta dengaños. Y el primero engaño es, que un pobre escudero engañó un mercader en figura de muger beuda. El segundo engaño seraa, que siẽdo Copido enamorado dela princesa Grata Celia, la qual era hija del Rey Telebano, Rey de Tesalia. Por lo qual siendo Grata Celia hija deste Rey, y señora dela mas excelencia y estremada hermosura del mundo. No podiendo Copido aver con ella lugar solitario, ni tiempo opportuno, descanso de su angustiada vida, determino de engañar al dios Apolo, porque el dios Apolo engañasse al Rey Telebano. Y

1 Dr. Queirós Velloso. *Gil Vicente e a sua Obra*, pág. 50
2 Fr. Luís de Sousa. *Annaes del Rei dom João terceiro*, pág. 397.
3 João Pedro Ribeiro, *Mems. sobre as Fontes do Codigo Philippino*, cit., pág. 99.
4 *Capitolos de cortes. E leys que se sobre alguũs delles fezeram*, cap. 105.
5 *Critica e historia*, cit., pág. 50.
6 *Copilaçam das obras*, fl. 122, col. 2.
7 *Ibidem*, fl. 114.

Digitized by Google

el Rey Telebano engañado del dios Apolo, llevo Grata Celia engañada ala sierra Minèa, adonde con grande angustia su padre la dexó desterrada y presa, y quando Copido uvo alcançado y hecho su engaño, descendio del cielo ala tierra donde presa estava, y fue della engañado dos vezes, y ella casada con el Principe dela gran Grecia [1].»

Esqueceu no argumento aludir ao mais cómico de todos os enganos, o da Moça ao Doutor Justiça Maior, episódio muito engraçado do qual já transcrevi o princípio [2]. Ela atrai o velho galan a casa de sua ama, onde o introduz com todo o cuidado, depois de lhe ter feito deixar à porta a vara da justiça, e diz-lhe:

Tiray a loba e dayma ca,
luvas, e sombreyro, e tudo,
e a beca de veludo,
que tudo se guardaraa,
e entam fazeyvos mudo.
Item mais,
guardayvos que nam tussais,
e vesti esta fraldilha,
e ponde esta beatilha,
e fazey que peneyrais. (*fl. 118 col. 2.*)

Pôsto o Doutor nesta figura defronte do alguidar, a peneirar em lugar da negra que foi para o marido, vai a Moça chamar a Velha, «sua dona», a quem previne da presença do intruso. Vem ela, toma-o de princípio pela negra, mas depois de saber quem é, exclama

Jesu! e quem vio doutor
en fraldas de panadeyra,
. . . . . .
que tam tarde começastes
a ser doutor e padeyra. (*fl. 118, vol. 4.*)

E' tal a montaria, que o Doutor foge ataviado de padeira, mas torna, porque

Aca me ha quedado todo,
una beca de veludo,
y loba de contray frisado,
que se me quedo olvidado.
no vaya todo tan crudo.
Moça) E vós, doutor, hervilhastes ? [3]
Vindes vós em vosso siso?
que mentira!
yde preegar Altemira
que s'eu quisesse falar,
mais quisereis vós furtar,
se volo eu consentira.
Doctor) Quien pensara nora buena,
que una rapaza de un año
hiciera tan grande engaño
a un doctor hecho en Sena?
Seraa mas sano
callar hecho tan profano,
y olvidar esta guerra,
y yrme á juzgar la tierra... (*fl. 119, col. 2*)

---

[1] *Copilaçam das obras*, fl. 115.
[2] Pág. 30.
[3] Hervilhar. — Enlouquecer, perder o siso (*Obras de Gil Vicente*, ed. do dr. Mendes dos Remédios, *Glossário*).

Digitized by Google

Era certamente bem velho Gil Vicente quando compôs esta comédia. Na mais favorável hipótese, isto é, supondo-o nascido por 1460, tinha, ao tempo em que compunha com tanta viveza estas scenas da *Floresta de enganos*, mais de quinze lustros. Compunha, mas não há suficiente motivo para acreditarmos que ainda representasse, como supõem os editores de Hamburgo, ou melhor, José Gomes Monteiro [1], no *Ensaio sobre a vida e escriptos de Gil Vicente*, na nota de pág. XXI, porque não fundamenta a sua suposição e nem sequer nos dizeres da peça poderia ter encontrado semelhante indicação. Já não é pouco, aos setenta e cinco anos, ter tal disposição de espírito.

Prólogo a D. João III

Por êstes tempos andava já o poeta a compilar as suas obras por ordem de D. João III, segundo expressões contidas no «Prologo em que o autor deregia esta copia de suas obras ao muyto alto e excelso Principe elRey dom Ioam o terceyro deste nome em Portugal [2].» Nêle declara Gil Vicente, entre várias outras cousas: «Determinava leyxar minhas miserrimas obras por empremir, porque os antigos e modernos nam leyxaram cousa boa por dizer, nem invençam linda por achar, nem graça por descobrir.» Por isto e para escusar censuras, «estava sem proposito de empremir minhas obras se V. A. mo nam mandara, nam por serem dinas de tam esclarecida lembrança, mas V. A. averia respeyto a serem muytas dellas de devaçam, e a serviço de Deos enderençadas, e nam quis que se perdessem, como quer que cousa virtuosa por pequena que seja nam lhe fica por fazer: por cujo serviço trabalhey a copilaçam dellas com muyta pena de minha velhice e gloria de minha vontade, que foy sempre mais desejosa de servir a V. A. que cobiçosa de outro nenhum descanso [3]».

Chegaria Gil Vicente a compilar todas ou mesmo parte das suas obras? ou apenas delas deixaria um borrão de catálogo com as respectivas anotações? A esta segunda conjectura me inclino. Em meu parecer teve êle apenas tempo para alinhavar em tôsco rascunho o elenco das suas obras. A análise dos sumários ou rúbricas a elas antepostos, à qual tenho procedido nestes dois capítulos, revelou-me tais inexactidões, que não posso admitir tamanha obliteração de memória no autor, nem tanto descuido de revisão no editor. Não, Gil Vicente não chegou a dispôr ordenadamente as suas obras e os dizeres do filho plenamente o atestam. «E porque sua tençam era que se empremissem suas obras, escreveo per sua mão e ajuntou em hum livro muyto grande *parte dellas, e ajuntara todas se a morte o nam cõsumira*». Para maior certeza acrescenta: «A este livro ajuntey as mais obras que faltavam e de que pude ter noticia», pelo que «tomey a minhas costas o trabalho de as apurar e fazer empremir [4]». A interferência de Luís Vicente nas rúbricas dos autos do pai revela-se na tragicomédia *Serra da Estrêla*. Foi ela representada, como vimos, em Coimbra, ao nascimento da infanta D. Maria, e no antepôsto sumário lêem-se estas palavras referidas à recem-nascida, *que depois foi princesa de Castela*, as quais não podem ser da pena de Gil Vicente, porque o casamento da infanta só teve logar em 1543, alguns anos depois da morte do poeta.

---

[1] Cfr. em Inocêncio, *Dicc. bibliographico*, IV, 363.
[2] *Copilaçam das obras*, fl. IV, n. n.
[3] *Ibidem*.
[4] *Ibidem*, fl. III v., n. n.

Digitized by Google

Apesar de em virtude destas considerações estar persuadido de Gil Vicente não ter pôsto inteiramente em ordem as suas obras para serem impressas, tenho todavia a certeza dêle ter revisto e modificado algumas muito antes até de 1536, ano em que compôs a *Floresta de enganos* e depois do qual geralmente se crê haver o poeta procedido à resenha das suas obras. Já lá acima mostrei que à tragicomédia *Exortação da guerra* foram acrescentadas ou modificadas trovas entre os anos 1530 e 1534 [1], e quando, no competente capítulo, apresentar as variantes existentes nas duas edições do *Dom Duardos*, a de 1562 e a de 1586, se verá que indubitávelmente esta segunda foi feita sôbre outra muito diversa da primeira, certamente aquela anterior a 1551 a que se refere, como já vimos, o *Rol dos livros defesos* dêsse ano. Na edição de 1586 comparada com a de 1562 não há só cortes e modificações evidentemente impostos pela censura inquisitorial, existem também outros nos quais se não pode descortinar matéria censurável e, mais ainda, até aparecem versos novos, os quais certamente se não comprouve em compôr Fr. Bartolomeu Ferreira, o censor da edição. Indicarei, por exemplo, as seguintes passagens:

Edição de 1562		*Edição de 1586*
y seraa Emperador el engaño.		y sera Emperador el engaño.
. . . . .		Por si, si, y por no, no,
. . . . .		sea la vuestra divisa
. . . . .		principal.
. . . . .		Que quien lo contrario uso
. . . . .		su fama paradisa
. . . . .		hizo mal.
Gridonia senhor estaa [2]	(*fl. 123 v., col. 1.*)	Gridonia señor esta (*fl. 151, col. 1*).
. . . . .		. . . . .
Clarissimo Emperador		Clarissimo Emperador
sepa vuestra magestad		esta hermosa donzella
imperial,		el su nombre
que esta donzella es la frol		Es de las hermosas flor
dela hermosa beldad		tal que no merece a ella
natural.		ningun hombre.

Emperador)	Cuya hija es si sabeis.	*Emperador*)	Y de donde es natural?
Camilote)	Hija del sol es por cierto.	*Camilote*)	Hija es del sol, señor.
Emperador)	Bien parece	*Emperador*)	Bien pareçe
	en que intencion la traeis?		por cierto celestial,
Camilote)	Por mostrar por quiê soy muerto		nascida del resplandor.
	que merece.	*Camilote*)	Y siempre crece
Emperador)	Cobrastes alta ventura,		en mucha mas hermosura
	que años avera ella?	*Emperador*)	Y que años havera ella?
Camilote)	Dare prueva	*Camilote*)	Dara prueva
	que a poder de hermosura		que es tan alta su ventura,
	el tiempo bive con ella		quel tiempo bive con ella
	y la renueva [3]. (*fl. 125, col. 1.*)		y la renueva. (*fl. 152, col. 2.*)

Não foi certamente Fr. Bartolomeu Ferreira, repito, quem acrescentou aqueles seis primeiros versos, nem quem introduziu todas as alterações no segundo trecho, e muito menos quem compôs os quarenta e seis versos, que lá

---

[1] Pág. 76.
[2] *Obras de Gil Vicente*, ed. de Lisboa de 1852, vol. II, pág. 183.
[3] *Ibidem*, ed. de 1852, pág. 189.

Digitized by Google

mais adiante se encontram, com o retrato da Grimanesa e o diálogo de incitação para D. Duardos casar com ela, por sinal que bastante apimentado [1]. Não foi êle, não, mas sim Gil Vicente quem alterou e suprimiu, deixando escrita por sua mão, no tal livro muito grande, a tragicomédia como Luís Vicente a fez imprimir, muito diversa da que saíra a público talvez ainda em vida do autor. Não reviu êle cuidadosamente todas as suas obras, até mesmo porque não creio que tivesse tido muito tempo de vida após a composição da *Floresta de enganos*.

Antes de me ocupar da data da morte de Gil Vicente, apenas me faltará mencionar tres composições suas: a paráfrase do salmo do *Miserere mei, Deus*, e as trovas por duas vezes dirigidas a Afonso Lopes Çapaio.

Salmo do Miserere.

A paráfrase é o primeiro poema do livro v da *Copilaçam de todalas obras*, o qual «he das trovas e cousas meudas» e começa por «O salmo de misere mei Deus [2]». São umas décimas exclusivamente hieráticas, sem indicações nenhumas que me permitam conjecturar a data da sua composição. Talvez seja posterior ao *Breve sumário da historia de Deus*.

Trovas a Afonso Lopes Çapaio.

Quanto às trovas, apesar das indicações contidas no sumário das primeiras, não me posso aventurar a marcar-lhes data. Diz êle: «Affonso lopez çapayo Christam novo, que vivia em Tomar, fez hum rifam que andava no cancioneyro Portugues, ao qual rifam fizeram muytos muytas trovas e boas. Pedio o Conde do Vimioso a Gil vicente que fizesse tambem, e elle fez esta trova, diz o rifam.

Matoume Moura e nã mouro
e quem ma lançada deu,
moura ella, e mouro eu. *(fl. 259, col. 1.)*

A rúbrica das outras trovas é como segue: «De Gil Vicente ao mesmo Affonso lopez, estando em Santarem muyto doente de camaras [3]».

Ignoro quem fosse êste Afonso Lopes Çapaio, morador em Tomar, por dêle não encontrar notícias em parte nenhuma. Também não sei qual fôsse o *Cancioneiro português* onde andava o seu rifão, pois que êle não era o *Cancioneiro geral* de Garcia de Rèsende falto de colaboração de qualquer Afonso Lopes. Encontro vários sujeitos com êste nome, nenhum porêm com a alcunha de Çapaio, a qual poderia talvez não entrar em documentos. Alguns daqueles tiveram oficios de fazenda: sacador da sisa do Aver do Peso de Lisboa, escrivão da alfândega desta cidade [4], recebedor mor das alfândegas do Algarve, etc., e por êste facto dependiam do Conde do Vimioso, vedor da fazenda, que por qualquer motivo poderia embirrar com o seu subordinado e mandá-lo apodar por Gil Vicente; mas tudo

---

[1] Estes quarenta e seis versos encontram-se nas fls. 160, col. 4, e 161, cols. 1 e 2, fôlhas marcadas respectivamente 163 e 168 na muito incorrecta paginação da ed. de 1586. O trecho entraria, na ed. de 1562, na fl 182, col. 4, entre os versos *salada como la sal* e *Y vos aun rehusais*, os quais na ed. de 1852 se encontram na pág. 229 do vol. II. Lá adiante, no cap VII, serão os versos transcritos.

[2] *Copilaçam das obras*, fl. 250.

[3] *Ibidem*, fl. 259, col. 2.

[4] O Afonso Lopes, posteriormente escrivão da alfândega de Lisboa, era em 1508 moço da capela de D. Manuel (Góis, *Chronica de D. Emanuel*, part. I, cap. 29, fl. 49, col. 4) e foi nomeado para a escrivaninha por carta de 30 de Agosto de 1538 (liv. 49 de D. João III, fl. 174 v.). Em 1568 já estava aposentado (*Ibidem*, verba à margem).

Digitized by Google

são suposições com pouco fundamento. Quanto á data das trovas, é impossível precisá-la. O título de conde do Vimioso é de 2 de Fevereiro de 1515 [1], mas mesmo isso não basta para termos a certeza das trovas serem posteriores, porque não sabemos se Gil Vicente usou do processo de Garcia de Rèsende, para quem todas as trovas do Conde recolhidas no *Cancioneiro*, ainda que muito anteriormente à sua investida no condado houvessem sido compostas, sempre na rúbrica são atribuídas ao *Conde do Vimioso*. Não obstante, é provável serem as trovas dirigidas ao Çapaio posteriores a 1515 e até já do reinado de D. João III, e é certo que nada perderia a fama literária de Gil Vicente se elas tivessem ficado esquècidas.

Mais nenhumas obras literárias de Gil Vicente conheço além de todas as mencionados neste e no precedente capítulo.

Lá acima digo não crer que Gil Vicente tivesse tido muito dilatada vida após a composição, em 1536, da *Floresta de Enganos*, sua derradeira obra dramática, como esclarece a rúbrica. Parece-me também ter deixado provado que êle não reviu nem coordenou cuidadosamente todas as suas obras e êste facto só se poderá atribuir a falta de tempo, porque desejo de o fazer mostra-o êle ter nas passagens do *Prólogo* a D. João III acima transcritas. A falta de tempo poderia provir de moléstia, mas mais verosímil se me antolha ter ela sido resultado da ausência da vida, como aliás dos acima transcritos dizeres do filho se evidencia.

Está geralmente admitido que Gil Vicente morreu nos fins de 1539, princípios de 1540 [2], ou por todo o ano de 1539 [3]. Eu mesmo segui até agora esta opinião [4] da qual hoje todavia discordo e persuadido estou da morte do poeta se ter antecipado ao ano de 1539 e até ao de 1538. Vou dar as minhas razões.

Todos nos temos fundado em um documento, ao qual já me referi na pág. 95 e que, sob n.º XV, será transcrito entre os documentos apensos a esta biografia. Consiste êle em uma carta testemunhável passada a 16 de Abril de 1540, na qual se transcrevem os depoimentos de várias testemunhas, sendo uma delas Belchior Vicente, «filho de Gil Vicente *que Deus perdôe*, moço da capela delRei nosso senhor e morador na Alcácova.» Não nos declara o instrumento o dia em que Belchior Vicente depôs; não é provável contudo que êle tivesse sido chamado muito antes da data da carta testemunhável, apesar das habituais delongas na expedição dos documentos oficiais [5]. Pode-se portanto assegurar que em

---

[1] Esta data anda quási em toda a parte errada por ser atribuida ao ano de 1516. Cfr. nos *Brasões de Cintra*, II, 428.

[2] Brito Rebelo, *Gil Vicente*, ed. de 1902, pág. 87; ed. de 1912, pág. 135.

[3] Dr. Mendes dos Remédios, *Obras de Gil Vicente*, Prefácio, pág. XXVI; Dr. Queirós Veloso, *Gil Vicente e a sua Obra*, pág. 70.

[4] Neste mesmo estudo, págs. 12, 30 e 141.

[5] Neste doc., como aliás em vários outros dêsses tempos, nota-se uma estranhável incerteza no cômputo do tempo e ainda noutras circunstâncias alegadas. Vejamos.

Garcia Fernandes dirigiu a D. João III um requerimento, alegando o seguinte: D. Manuel ordenara para a Casa da Relação uma grande obra de pintura e encarregara dela a Francisco Henriques, «por ser o melhor oficial de pintura que naquele tempo havia»; isto passou-se no ano de 1518 ou 1519, «quando a peste deu nesta cidade de Lisboa.» Então mandou-lhe el Rei que se não saísse e ficasse trabalhando na dita obra de pintura e bem assim nas bandeiras destinadas à entrada da raínha D. Leonor em Lisboa, assegurando-lhe que, se morresse, teria lembrança de sua mulher e filhos para lhes fazer mercê. Francisco

Digitized by Google

princípios de 1540 o poeta era já falecido, mas nada nos obriga a supôr que a morte tivesse tido lugar pouco antes. Pôsto isto temos, resumindo o precedentemente alegado, que Gil Vicente já entre 1530 e 1534 retocava obras suas; que em 1536 compôs a sua última comédia, depois da qual se supõe ter começado a compilar as suas obras por ordem de D. João III; que não é admissível ter o poeta chegado a pôr esta tarefa em ordem, atendendo aos muitos erros introduzidos nos sumários das peças; que o facto se dera, não por falta de vontade sua, mas por impossibilidade e essa proveniente da morte; que portanto esta sobreveio pouco depois da composição da *Floresta de enganos* em 1536. Confirmando esta minha conjectura aparece um documento ao qual me vou já referir; antes porêm convêm indicar o estado da família de Gil Vicente nesses tempos.

Vivia êle pela segunda vez casado e com filhos de ambos os matrimónios. Da primeira mulher, Branca Bezerra, de quem tivera Gaspar Vicente, falecido em 1519 ou pouco depois, e Belchior Vicente, nascido em 1504 ou 1505, só êste existia. Da segunda, Melícia Rodrigues, havia três filhos vivos: Paula Vicente, Luís Vicente e Valéria Borges, nascidos respectivamente pelos anos de 1519, 1520 e 1530. Belchior devia ter portanto trinta e dois anos, Paula dezassete, Luís dezasseis

---

Henriques deixou-se ficar em Lisboa e morreu da peste, tendo já recebido tam grande parte do preço da obra da pintura, que ninguêm a queria concluir pelo restante. Nesta altura constou a D. Manuel que Garcia Fernandes acabaria a obra em sua perfeição e querendo el Rei amparar os filhos de Francisco Henriques, pela obrigação contraída com seu pai, escreveu a Garcia Fernandes, propondo-lhe casar com uma das filhas do falecido pintor e tomar sobre si a conclusão da obra sómente pelo saldo em dívida, fazendo-lhe por isso mercê do ofício de passavante, vago por morte de Francisco Henriques. Fiado na palavra rial, aceitou Garcia Fernandes a proposta; casou e concluiu a obra até ao momento em que D. João III mandou suspendê-la. Em 1528 porêm, quando começou a requerer, ainda nenhuma das promessas estavam cumpridas e o ofício de passavante fôra dado a António de Holanda. Para mais ajuda a petição apresentada por Garcia Fernandes a D. João III por intermédio do Amo (Bartolomeu de Paiva, já nosso conhecido) o qual, na qualidade de vedor das obras, tinha a superintendência nesta matéria, fôra enviada com a carta de D. Manuel a Fernando Álvares, a quem fôra entregue por Garcia de Rèsende e pelo mesmo Amo, o qual Fernando Alvares tudo perdera. Alega finalmente ter concluido a obra e encontrar-se casado havia vinte e dois anos, com uma ranchada de nove filhos, isto é: ter cumprido com as cláusulas impostas na carta de D. Manuel, sem que nenhuma das promessas nela contidas houvesse sido satisfeita. Foi nesta altura que se mandou proceder à inquirição de testemunhas, uma das quais foi Belchior Vicente.

Nas alegações há asserções inverosímeis ou contraditadas pelas testemunhas. É inverosímil, admitindo mesmo ser do ano de 1540, no qual se tirou a carta testemunhável, o requerimento de Garcia Fernandes e não seria certamente, atendendo aos trâmites por que a súplica teria de passar antes de se executar o despacho nela pôsto; admitindo mesmo isso, é inverosímil, repito, que já em 1540 estivesse Garcia Fernandes casado havia vinte e dois anos, porque, se assim fôsse, havia de em 1518, desde Agosto, quando a peste acometeu Lisboa, até Dezembro, ter falecido Francisco Henriques, ter D. Manuel tratado de escrever a carta de prometimentos a Garcia Fernandes, ter êste contratado a conclusão da obra de pintura da Relação e ter casado. Parece muita coisa para se realizar em cinco meses, nos quais a peste não cessou de fustigar implacável a cidade e do soberano se manter bem separado e muito afastado dela. Afirma Garcia Fernandes que em casa de seu futuro sogro Francisco Henriques morreram da peste sete ou oito oficiais de pintor, sete escravos «e elle mesmo por derradeiro»; ora sucede que Cristóvão de Figueiredo, outro pintor e genro de um irmão de Francisco Henriques, declara no seu depoimento que, andando êle a trabalhar juntamente com o tio da mulher na obra da Relação, sobreviera em 1518 a peste «e o dito Francisco Henriques foi o primeiro que logo faleceu em sua casa». Qual dos dois pintores acertou com a verdade? Não sei, nem me importa, mas fico tendo o direito de não ligar inteiro crédito aos dados cronológicos e biográficos contidos no requerimento de Garcia Fernandes.

Digitized by Google

e Valéria seis. A Gaspar Vicente ainda se mandou pagar a moradia do primeiro quartel de 1519 relativa ao ofício de moço da capela rial, no qual parece ter sido provido por falecimento de Gaspar seu irmão Belchior, a quem, em 1535, como já vimos, se pagou a vestiaria ordenada ao ofício. Estava portanto Belchior já então arrumado pôsto que modestamente, como aliás modesta era a condição social de todos os seus. Os outros três irmãos ainda eram muito novos para se pensar nêles; viviam amparados na casa paterna.

Tal era a situação da família de Gil Vicente em 1536.

Nos fins dêste ano, a meu ver, ou nos primeiros dias do seguinte, morreu o poeta e por carta de 29 de Janeiro de 1537 fez D. João III mercê do ofício de escrivão segundo da feitoria da Mina a Belchior Vicente, seu moço da capela [1]. Belchior Vicente era o filho de Gil Vicente, não pode neste ponto haver dúvidas, e a mercê ser-lhe-hia feita, não só em memória de seu pai, mas também para lhe melhorar as condições não muito prósperas de fortuna em que ficaria [2]. Aquelas mercês de lugares nas nossas possessões orientais constituiam, como já por vezes aqui mesmo notei, a maneira mais económica para a Coroa de galardoar protegidos seus sem encargo para o Tesouro. Êles, de posse do diploma, tratavam de vender a concessão e isto veio Belchior Vicente a realizar no ano de 1545 [3]. Morreu portanto Gil Vicente, segundo creio, nos fins do ano de 1536, ou nos primeiros dias do seguinte, pouco depois de ter representado em Évora a D. João III a *Floresta de enganos;* e morreu naquela cidade, conforme a tradição conservada por Barbosa Machado na *Bibliotheca Lusitana.*

Desde Dezembro de 1532 tinha a côrte a sua residência em Évora e lá permaneceu até Agosto de 1537, recolhendo então a Lisboa [4]. Quanto a Gil Vicente, sei que em Maio de 1533 na cidade alentejana representou a *Romagem de agravados* e no mesmo ano o *Amadis de Gaula.* Depois veio a Lisboa e, na quaresma de 1534, foi levar ao tablado de Odivelas o *Auto da Cananeia.* Nos fins do ano já de novo se encontrava em Évora, pois que na véspera do Natal lá representou o *Auto da Mofina Mendes.* Em 1535 não há notícia de nenhum auto novo, mas consta a estada do poeta naquela cidade em Agosto [5] e lá permaneceria até representar no ano seguinte a *Floresta de enganos.* Então, atendendo à sua vèlhice, concedeu-lhe D. João III uma espécie de aposentação, mas impôs-lhe a obrigação de compilar as suas obras, trabalho em que o poeta já andava entretido havia tempos e para o concluir preferiria, é evidente, recolher-se ao socêgo da sua casa da Alcáçova de Lisboa. A morte porêm não o deixou; nem lhe deu tempo para terminar a compilação das suas obras, nem sequer lhe permitiu o regresso a Lisboa. Morreu pois em Évora, segundo a tradição, e com a revisão das suas obras apenas começada, como se depreende da análise dos sumários a elas antepostos. Nesta ocasião lembrou-se D. João III das horas de prazer espiritual que Gil Vicente com a representação dos seus autos lhe proporcionara, e fez mercê a seu filho mais velho da referida escrivaninha da feitoria da Mina, e não foi muito largo.

---

[1] Doc. XIV.

[2] Belchior Vicente quando depôs, já depois da morte do pai, ainda vivia na Alcáçova, com a madrasta certamente.

[3] Instrumento de 19 de Outubro de 1545 apontado na carta de provimento do ofício a Afonso Castanho (*Chancelaria de D. João III,* livro 25.º de *Doações,* fl. 182).

[4] *Corpo cronológico,* passim.

[5] Recibo lá passado a 11 de Agosto de 1535. Doc. XII.

Digitized by Google

UNIV. OF
CALIFORNIA

Digitized by Google

UNIV. OF CALIFORNIA

alto senhor
a quien contarei mis quexas
si a vos no.
¶ Castelhanos me trouxeram
e leuaram quanto tinha
porque Deos e a Rainha
diz que os fauoreceram
tam grande golpe me deram
com fauor
que no contarei mis quexas
si a vos no.
¶ E por mais desauentura
alem do muyto dinheyro
fuy eu de bom caualeyro
e cay dalbardadura
ay de mi que estou em cura
oo senhor
a quien contarei mis quexas
si a vos no.
¶ Fiz mandados mes de la
grande saude e sosego
e no lo pode Lamego
que ma a portarta
e sepultura deste dia
morto so
porque no conto mis quexas
si a vos no.

¶ Fim do quinto liuro o qual ay eram carecido destas obras meudas porque as mais das q̃ o autor fez desta calidade se perderam.

¶ Sepultura de Gil Vicente.

¶ O gram juyzo esperando
jaço aqui nesta inorada
tambem da vida cansada
de ensandecido.

¶ Ho reguntame quem fuy eu
atenta bem para mi
porque tal fuy como ti
e tal has de ser como eu.
E pois tudo a isto vam
oo lector de meu conselho
tomame por teu espelho
olhame e olha te bem.

Sepultura de Gil Vicente, fl. 262 da primeira edição, a de 1562, das obras de Gil Vicente

Digitized by Google

Estas são as ilações que eu deduzo do exame dos factos conhecidos dos derradeiros tempos da vida de Gil Vicente. Poderá a crítica não se conformar com elas, mas terá contudo de considerar que posterior a Agosto de 1537, quando D. João III deixou Évora para vir residir em Lisboa, não pode ter tido lugar o falecimento do poeta, se foi na cidade alentejana, como a tradição indica e tudo faz crer, que êle exalou o último suspiro. Em conclusão: morreu Gil Vicente em Évora poucos meses ou dias antes de 29 de Janeiro de 1537, data da referida mercê feita a Belchior Vicente, e para aqui me inclino; ou antes de Agosto do mesmo ano, quando a côrte saiu daquela cidade, onde o poeta nada tinha que ficar fazendo.

Deveria êle estar então entre os setenta e sete e oitenta anos.

Também nos conservou a *Bibliotheca lusitana* a tradição de haver Gil Vicente sido sepultado no convento de S. Francisco de Évora. É possível, apesar de nenhuma referência ao facto se encontrar nos três grossos *Tombos de S. Francisco* existentes na Biblioteca Pública daquela cidade [1]; é possível porêm, porque nestes *Tombos* se lançavam as memórias dos que, para obterem jazigo no convento, instituiam capelas, ou ordenavam sufrágios, vinculando bens a umas ou outras instituições. Gil Vicente não o poderia fazer, mas poderia alguem ter alcançado para seus restos sepultura em qualquer sítio do convento, mesmo sem pensões obrigatórias perpétuas ou temporárias.

Na última fôlha da *Copilaçam de todalas obras de Gil Vicente*, da edição de 1562, encontra-se, mandado imprimir pelo filho, êste epitáfio:

SEPULTURA DE GIL VICENTE.

O gram juyzo esperando
jaço aqui nesta morada,
tambem da vida cansada
descansando.

(*Aqui uma cáveira entre ossos, gravura tosca.*)

Preguntame quem fuy eu,
atenta bem pera mi,
porque tal fuy com'a ti
e tal has de ser com'eu.
E pois tudo a isto vem,
oo lector, de meu conselho
tomame por teu espelho,
olhame e olhate bem [2].

Em um manuscrito, talvez ainda do século XVI, existente na biblioteca da Universidade de Coimbra, encontra-se um desenho dividido em duas partes sobrepostas, mas distintas. A de cima representa uma caixa tumular com a sua tampa, na qual se desenhou uma càveira entre quatro ossos, dois de cada lado em aspa; no corpo do monumento lê-se êste epitáfio:

Aqui jaço nesta morada
O gram Iuizo esperando
E da vida muy cansada
Descansando.

---

[1] ANTONIO FRANCISCO BARATA, *Gil Vicente e Évora*, 2.ª ed., pág. 9.
[2] *Copilaçam de todalas obras*, fl. 262.

Digitized by Google

A parte de baixo representa um rôlo de papel meio desdobrado, deixando ler estes versos:

Preguntame quem fuy eu,
Attenta bem para mim;
Porque tal fuy como ti,
E tal hasde ser como eu:
E pois tudo á isto vem
O Leytor de meu conselho,
Tomame por teu espelho,
Olhame, olhate bem.

Inferior ao desenho explica-se: «As quatro regrinhas que estão dentro no sepulchro hé o Epitafio que fez Gil Vicente sobre a campa da sua sepultura. E as do pé do sepulchro são as que fez a hũa caueyra, ou ossada, que fica de hum cadaver depois de comido [1].» Esta explicação, aliás muito sensata, não a juntou Luís Vicente ao epitáfio, incluíndo nêle uns versos que manifestamente lhe não pertencem, pôsto que fúnebres também.

Uma urna funerária semelhante na forma à do desenho acima mencionado existe com efeito na Casa dos Ossos em S. Francisco de Évora; tem ela porêm gravado um epitáfio datado de 1629 e relativo aos três padres fundadores daquela capela [2]. Lembra o autor citado a possibilidade de haverem os Franciscanos aproveitado a urna, substituindo a inscrição antiga pela subsistente e trasladando os ossos lá encontrados para outra parte. Eram muito capazes disso e não seria a primeira nem a última vez que facto análogo em convento de frades tivesse ocorrido; mas tudo são apenas conjecturas, nem sequer pela tradição abonadas. Fiquemos com esta e limitemo-nos a crer que os restos do nosso primeiro poeta dramático jazem em ponto ignorado do convento de S. Francisco de Évora. Fiquemos pois nisto e lancemos para o rol das fábulas a informação divulgada por Sanches de Baena de haver o poeta morrido numa quinta no têrmo de Tôrres Vedras.

Tendo trazido até êste ponto a biografia de Gil Vicente, deveria agora, se estas notas não fossem apenas biográficas, analizar a sua obra literária, apontar as influências estranhas que em partes dela se podem divisar, registar o influxo por ela exercido sôbre os seus continuadores, fazer em suma um exame crítico e comparativo entre as suas produções dramáticas e as doutros autores, tanto nacionais como estrangeiros, que sôbre êle exerceram influência ou dêle a receberam. Isto deveria eu aqui fazer, se fosse minha tarefa a análise literária das obras de Gil Vicente: mas, repetindo o mais de uma vez já expresso, a minha aplicação tem sido dirigida quási exclusivamente para a biografia e a cronologia: a biografia do autor, ligando-a ao de leve à das pessoas nas suas obras mencionadas; a cronologia destas, como parte indispensável para o perfeito conhecimento daquela. Além da biografia e da cronologia também lancei no papel algumas notas de história relacionadas com assuntos tocados pelo poeta. Tudo fundei no estudo dos documentos e nas deduções que o meu critério, dêles, da tradição e dos próprios dizeres do autor, me permitiu inferir.

---

[1] Brito Rebelo, *Gil Vicente*, ed. de 1902, págs. 87 e 88.
[2] A. F. Barata, *Gil Vicente e Evora*, cit., págs. 7 e 8.

Digitized by Google

Os documentos por ora divulgados não são muitos; outros irão todavia aparecendo. Poderei agora aqui juntar mais dois encontrados por lembrança do sr. Gomes de Brito, que me aconselhou o exame do arquivo da Casa da Moeda.

Como já vimos, é datada de 4 de Fevereiro de 1513 a carta nomeando Gil Vicente mestre da balança da Moeda de Lisboa, pois já anteriormente lhe havia sido concedido o ofício e até com aumento de salário. Consta da carta de 28 de Janeiro precedente, abaixo transcrita, pela qual D. Manuel mandou acrescentar cinco mil reais no ordenado anual do outro mestre da balança, a fim dêle ficar recebendo os mesmos vinte mil reais arbitrados a Gil Vicente [1]. Não lhe fez portanto D. Manuel só a mercê da serventia de mestre da balança da Moeda de Lisboa, mas conjuntamente com ela a de lhe aumentar o ordenado.

O outro documento por mim encontrado no arquivo da Casa da Moeda consiste na fôlha do ordenado pago no ano de 1517 a Gil Vicente, como mestre da balança. Por ela se vê não haver êle servido o ofício em todo aquele ano, pois que os dois primeiros trimestres quem recebeu o ordenado foi o ourives Afonso Rodrigues, autorizado por alvará régio a substituir o poeta; o terceiro trimestre foi pago, parte ao dito Afonso e o resto a Diogo Rodrigues, a quem Gil Vicente vendera o ofício por instrumento de 3 de Agosto de 1517 confir-

---

1 «Dom manoel... a quamtos esta nosa carta vyrem fazemos saber que queremdo nos fazer graça e merce a João martinz mestre da balamça da nosa moeda de lixboa temos por bem e nos praz de acrecentar em seu mamtymento que tem com o dito oficio de Janeiro que ora pasou desta era de quinhentos e treze em diamte em cada hum anno cymco myl reaes pera aver por todo vymte myl reaes como tem gil vicente outro sy mestre da balança dita porem mamdamos a garcya moniz noso thesoureiro da dita moeda que lhos faça pagar com os outros e por sua guarda e nosa lembrança lhe mamdamos dar esta por nos asynada e aselada do noso selo pendemte dada em evora a vinte e oito de Janeiro afonso figueira a fez de mil quinhentos e treze annos». Encontra-se esta carta transcrita na seguinte obra:

Apontamentos // para a // historia da moeda // em // Portugal // (Armas riais) *Lisboa // Casa da Moeda e Papel Sellado // 1878* — 4.º — Esta muito interessante publicação foi mandada fazer por José de Saldanha Oliveira e Sousa, ao tempo director daquela repartição do Estado, que da organização dos mapas e transcrição dos documentos incumbiu Pedro José Marcos Fernandes, perito em paleografia, empregado da Tôrre do Tombo. Dividiu-se a compilação em três corpos: mapas extraídos dos livros com as verbas das entradas e saídas do oiro e da prata e das espécies de dinheiros a que os metais foram reduzidos, com a sua proveniência, os nomes dos indivíduos a que pertenciam, o custo da fabricação da moeda, etc.; e duas colecções de cópias de documentos. Os mapas são extraídos dos livros de Receita e despesa, um por ano a começar em 1517, do qual existem 18 mapas, 1518 abrangendo 9, 1521 com 17, 1523 com 12 e 1524 com 15. A primeira colecção de docs. compreende a transcrição de 38, impressos em 28 páginas, todos registados num códice por muitos títulos interessante. O livro, composto de 100 folhas de pergaminho, tem uma encadernação do tempo de D. Manuel, com pastas de pau forradas de coiro lavrado e em cada uma delas, além de quatro cantos abertos em latão, tem ao meio um escudo das armas riais, com coroa de florões e treze castelos na bordadura, e de roda dêle quatro esferas armilares, apontadas ao escudo do centro e aos cantos, tudo também de latão, e brochas do mesmo. Na fôlha 1 do livro o primeiro doc. registado é uma carta de privilégios para os moedeiros, dada por D. Denis em Alverca a 7 de Julho de 1362 (1324 e. v); seguem-se cópias de mais docs., até que na fôlha 20 começam êles a ser lançados em pública forma por autoridade de justiça. A 20 de Setembro de 1456 fez-se o primeiro lançamento, marcando esta data aproximadamente a da organização do livro, no qual o último doc. registado é um alvará de 19 de Fevereiro de 1751. Como já disse, dêste livro apenas se transcreveram 38 docs., não passando a cópia além da folha 41. A outra colecção compreende a transcrição de 144 docs. impressos em 52 páginas, começando por um alvará de 1518 e terminando num auto de embargo feito em 1522, não se seguindo porêm rigorosamente a ordem cronológica. O livro original d'onde se extraíram êstes traslados desapareceu, não existe hoje infelizmente no arquivo da Casa da Moeda. E' nesta colecção, a pág. 42, sob n.º 117, que se encontra o doc. acima transcrito.

Digitized by Google

mado por carta régia de 6 do mesmo mês [1]; o quarto quartel já Diogo Rodrigues recebeu por inteiro [2]. Êste documento vem confirmar, julgo, a minha suposição de ter no ano de 1517 Gil Vicente casado pela segunda vez. Havia êle, desde o princípio do ano pelo menos, abandonado o ofício de mestre da balança, tendo alcançado um alvará régio de licença para o lugar ser ocupado por outro, a quem seria pago o respectivo ordenado. O abandôno prova o desígnio do poeta de vender o seu ofício na Moeda, não por êle se tornar então mais incompatível com qualquer serviço na côrte, porque ela desde Fevereiro de 1511, apenas com excepção de poucos meses passados em Évora ou Almeirim nos fins dalguns anos, permanecera sempre em Lisboa, mas por outro qualquer motivo, que eu suponho ser a necessidade de criar recursos pecuniários para ocorrer ao seu novo estado.

De sua viúva e filhos me ocuparei no capítulo seguinte.

---

[1] Doc. VII.

[2] Sob o título *Gil uicẽte tẑ* $\widehat{xx}$ *rrs*, lê-se:

«Recebeo afonsso rroiz ouriuez de Ruj leite cinco mil rrs que havia daver gil vicente do primeiro quartel per hũ alu[a]ra delRey nosso senhor e por verdade asynou no liuro daluoro pestana aos xxxj dias de março de b^c^xbij. . . . . $\widehat{b}$ rrs.

«Recebeo / afonsso Roiz ouriuez / do tisoureiro / cinco mil rrs / que lhe mõtarã aver do mantimẽto / de gil vicẽte mestre da balanca deste segũdo quartel / e por verdade asynou no liuro dalvoro pestana a iiij dias de julho de b^c^xbij . . . . . $\widehat{b}$ rrs.

«Receberã afonsso Roiz, e diogo Roiz do thesoureiro, cinco mil rrs. que lhe mõtou aver do mãtimẽto de gil vicente deste terceiro quartel e por verdade asynarã no liuro daluoro pestana a biij dias de oitubro de b^c^xbij . . . . . $\widehat{b}$ rrs.

«Recebeo diogo Roiz mestre da balança do thesoureiro cinco mil rrs. que lhe mõtou aver de seu mãtimẽto deste quarto quartel e por verdade asynou no liuro daluoro pestana a biij dias doutubro de b^c^xbij . . . . . $\widehat{b}$ rrs.

(Casa da Moeda, liv. n.º 828 do Inventário, fl. 204.)

O outro mestre da balança, João Martins, recebeu directamente os quatro quartéis do ano, como consta da fôlha precedente, a 203, marcação moderna a lápis em ambas.

Digitized by Google

V

Os filhos de Gil Vicente

Nos fins do ano de 1536, segundo o meu parecer, ou nos sete primeiros meses do seguinte, morreu Gil Vicente, em Évora, longe da sua casa, afastado da maior parte dos seus, se não de todos, pois que muito duvidosa se me afigura a estada lá do filho Belchior, apesar do seu serviço na capela rial. Das pessoas conhecidas da sua família sobreviveram ao poeta, Melícia Rodrigues, sua segunda mulher, Belchior Vicente, filho havido do primeiro matrimónio, Paula Vicente, Luís Vicente e Valéria Borges, nascidos do segundo. O assento da família era, havia já bastantes anos, nuns aposentos cedidos ao poeta por D. Manuel nos paços velhos da Alcáçova, depois del Rei trocar a estância neles pela habitação nos novos paços da Ribeira, mais propínquos do tráfico marítimo e comercial. Foi em 1511 que teve lugar a transferência do domicílio régio do alto do monte para a beira do rio, e depois disto mudou Gil Vicente, não posso dizer ao certo quando, a sua morada da não muito afastada rua de Jerusalêm, onde a raínha D. Leonor lhe dera casas, para o velho alcáçar, no alto do morro sobranceiro à cidade. Lá residia já Melícia Rodrigues pelos anos de 1536 [1], e lá continuou vivendo com seus filhos e com seu enteado, como êste próprio declara no seu depoimento, em Abril de 1540 [2]. Depois espalhou-se a família: Paula entrou para casa da infanta D. Maria, e os outros três casaram, de maneira que em 1565, nos velhos paços da Alcáçova, só residia «Melicia Roiz molher que foi de Gill Vicente», sendo então o seu rendimento avaliado em dez mil reais [3]. Mais nada me consta ao certo da viúva do nosso poeta dramático, pois que não tenho a certeza de a ela se referir o seguinte assento de óbito: «Aos .11. de Julho [de 1569] faleceo na dyta freguesya de Santa Cruz Melycia Roiz. e emterrouse na sobredyta ygreja e não fez testamento e por verdade asyney aquy — Bras Vicente» [4]. Se esta era a segunda mulher de Gil Vicente, sobreviveu ela cin-

---

[1] Pag. 88.

[2] Pags. 95 e 240.

[3] *Livro do lançamento e serviço que a cidade de Lisboa fez a elRei o anno de 1565*, já cit. fl. 569. — Moravam então nos antigos paços da Alcáçova, segundo êste livro:

«It Francisco borjes goarda da porta dos paços velhos braçall paguara xbj rs.

«It guonçallo Roiz tabalião ẽ o tilleyro dos paços velhos avaliado ẽ dozentos mill rs. pagara mill liijc rs.

«It Meliçia Roiz molher que foi de gill viçente nos mesmos paços avaliada ẽ dez mill rs. pagara Lxx rs.

«It Isabel dagiar viuva nos mesmos braçall paguara xbj rs.

«It Jermão lourenço ceguo nos mesmos braçall paguara xbj rs.

«It Caterina vieyra molher parda Nos mesmos braçall paguara xbj rs.»

Mais seis moradores, tudo gente baixa, dos quais quatro riscados por pobres.

[4] *Registo da freguesia de Santa Cruz do Castello*, pág. 251.

Digitized by Google

qùenta e dois anos ao seu casamento; suponho porêm que não seria e antes creio que haveria transferido a sua residência para fora do bairro da Alcáçova, ou teria morrido pouco depois de seu marido, por não a encontrar mencionada em nenhum dos assentos de casamento ou de baptismo de seus filhos e netos.

Belchior Vicente, o filho mais velho dos sobreviventes do poeta, devia ter ao tempo da morte do pai trinta e dois para trinta e três anos, pois que nascera em 1504 ou 1505 [1], como êle próprio o indica. Efectivamente, chamado em Abril de 1540, ou pouco antes, a depôr num processo de justificação, declarou ser moço pequeno quando ouvira falar a seu pai nos factos que se pretendiam justificar, os quais haviam sucedido depois de Agosto de 1518, quando a peste deu em Lisboa [2]; não era porêm moço tão pequeno que não tivesse notado e retido na memória o facto de ver certa petição e carta «andar em maço em casa de Fernão d'Álvares» [3]. Dêstes dizeres se deverá concluir não poder Belchior Vicente ter menos de catorze anos em fins de 1518, ou princípios de 1519, e portanto haver nascido em 1504 ou 1505.

Seu irmão primogénito, Gaspar Vicente, que deveria ter vindo ao mundo pelos anos de 1486 a 1488, partira para a Índia na armada de 1506 e lá servira alguns anos, havendo-o Afonso de Albuquerque nomeado escrivão de uma embaixada por êle enviada em 1513 ao Hidalcão. Ainda por lá permanecera após a morte do Governador, e consta estar servindo em Goa no mês de Março de 1517. Para Portugal regressou na armada do ano seguinte e já se encontra exercendo o ofício de moço da capela rial no primeiro quartel do ano de 1519. Depois disto nenhum outro vestígio dêle tenho achado, sendo de presumir que pouco tempo mais teria de vida, indo substituí-lo na capela rial seu irmão Belchior, então rapaz de quinze a dezasseis anos. Anteriormente, talvez em 1514, morrera Branca Bezerra, primeira mulher de Gil Vicente e mãi de Gaspar e Belchior. Tudo isto já lá atrás mais largamente ficou dito [4].

As primeiras notícias documentais que aparecem de Belchior Vicente são do ano de 1535, no qual, a 19 de Junho, foi passado mandado para se darem a Gil Vicente «oyto mill reais que lhe mando dar e o dito anno de mim ha daver de sua vistiaria»; em baixo, na vista, declara-se porêm: «biij mill rs. no tesouro a gill viçemte de sua vistiaria deste anno de xxxb», e mais abaixo: «per seu filho belçhior viçente [5]». Esta forma ambígua deixa no espírito a dúvida de ser a vestiaria devida ao pai ou ao filho, ou até se foi êste que a recebeu pelo pai; inclino-me porêm a que a vestiaria seria a de Belchior Vicente na qualidade de moço da capela, e noto a coincidência de por êsses mesmos tempos um mestre da capela, Vilhacastim, também ter oito mil reais de vestiaria.

Falecido Gil Vicente, fez D. João III mercê a seu filho Belchior, moço da sua capela, do ofício de escrivão segundo da feitoria da Mina, por carta dada em Évora a 29 de Janeiro de 1537 [6]. Era esta, como já notei, a maneira mais

---

1 Págs. 52 e 79, emendando na primeira 1505 a 1506, para 1504 ou 1505; BRITO REBÊLO, *Gil Vicente*, ed. de 1902, pág. 95.
2 Pág. 95.
3 Doc. XV.
4 Págs. 37, 70, 71, 76 e outras.
5 Est. II, e Doc. XII.
6 Doc. XIV.

Digitized by Google

económica para o soberano de facilitar ao agraciado, pela venda do cargo, embolsar dinheiro sem agravo para o Tesouro rial. Foi o que Belchior Vicente tratou de fazer e realizou por instrumento escrito em Évora a 19 de Outubro de 1545, como se declara na carta de 23 do mesmo mês de confirmação do oficio ao comprador, Afonso Castanho, moço da câmara [1].

Em todos êstes diplomas é sempre Belchior Vicente intitulado moço da capela e bem assim o é na carta testemunhável de Abril de 1540, já lá acima apontada. Por esta consta mais ser êle então morador na Alcáçova, certamente com a madrasta e os meios irmãos, conservando-se ainda então solteiro, estou persuadido. Pouco depois porêm casou com Guiomar Tavares e baptizou a sua primeira filha, Paula, na igreja de Santa Cruz, a 11 de Abril de 1549. Foram padrinhos Jorge da Silva, talvez o filho do Regedor, o suposto apaixonado da infanta D. Maria, e Alvaro Peres de Andrade, o filho primogénito de Fernão d'Álvares, tesoureiro mor de D. João III. A madrinha foi uma senhora D. Leonor [2]. Alêm de Paula Vicente ainda Belchior teve outra filha chamada Maria Tavares, mas desta não se encontra o assento de baptismo, bem como tambêm não aparece o de óbito de seu pai, que já todavia era morto em 30 de Março de 1552, havendo chegado a ser acrescentado a escudeiro da casa del Rei. Com efeito, por duas cartas daquela data foi feita mercê, em sua vida, a Guiomar Tavares, viúva de Belchior Vicente, «escudeiro de minha casa», pelos seus serviços, de uma tença de dois moios de trigo [3], e a Paula Vicente, sua filha, de outra tença de dez mil reais, tambêm em vida, «os quais hei por bem que sejam entregues em cada um ano, em quanto a dita Paula Vicente não casar, a Guiomar Tavares sua mãe... para mantimento da dita Paula Vicente e de outra sua irmã» [4]. Guiomar Tavares ainda em 19 de Novembro de 1555 foi madrinha de uma criança [5], e suas filhas, Paula Vicente e Maria Tavares, moravam em 1566 na rua dos Penosinhos, frèguesia de Santa Cruz da Alcáçova, em casas suas, avaliadas as fortunas de cada uma das irmãs em sessenta e sete mil reais. Maria Tavares alugava parte da sua casa a seu tio Luís Vicente; Paula Vicente tinha como inquilinos no seu prédio a António Fernandes [6] e Isabel Furtada, sua mulher, avaliado em dez mil reais; Marcos Teixeira [7], avaliado em cinqùenta mil reais; e António Mourão [8], avaliado noutros cinqùenta mil reais [9]. Destas irmãs

---

1 *Chancelaria de D. João III*, liv. 25.º de *Doações*, fl. 182.

2 *Registo da freguezia de Santa Cruz do Castello*, pág. 14.

3 Doc. XVI.

4 Doc. XVII.

5 *Registo*, cit., pág. 36.

6 «Antonio Fernandez, homẽ preto, morador na rua dos Penozinhos», morreu a 26 de Março de 1568 e deixou em sêu testamento sua mulher Isabel Furtada por testamenteira. *Registo*, cit., pág. 249.

7 Marcos Teixeira era casado com Isabel Tavares e baptizaram uma filha em Santa Cruz a 19 de Fevereiro de 1564, e outra a 14 de Fevereiro de 1566 (*Registo*, cit., págs. 56 e 63).

8 António Mourão casara em 17 de Outubro de 1564 com Leonor Soares (*Registo*, cit. pág. 168).

9 *Livro do lançamento e serviço que a cidade de Lisboa fez a el Rei nosso senhor o anno de 1565*. fl 564 v. e 565. Arquivo da Câmara Municipal de Lisboa, liv. 12-80.

Como terei de voltar mais vezes a invocar êste códice para justificar asserções minhas, extrairei aqui dêle toda a matéria mais directamente relativa à família de Gil Vicente:

«Titulo Da freguesia de santa Cruz Dalcaçoua e começa No postigo do moniz...» (fl. 563 v.)

Digitized by Google

apenas sei que a segunda, também designada pelo nome de Maria Vicente Tavares, devia em 1584 cinqùenta mil rs. a seu tio Luís Vicente, dívida ainda por liquidar em Janeiro de 1602 [1].

Pode ter sido também filho de Belchior Vicente um outro indivíduo do mesmo nome que em 1567, sendo moço da câmara da infanta D. Maria, teve, em 30 de Abril, carta de juiz dos orfãos de Miranda de Podentes, por se achar casado com Caterina Arná, filha de Pero do Rêgo, a quem pertencera o ofício que por sua morte vagara [2]. Entraria êste segundo Belchior Vicente a pedido de sua tia Paula Vicente para a casa da infanta D. Maria [3], na qual contudo já se não encontrava quando a Infanta, em Julho de 1577, mandou fazer o *Rol de meus criados e criadas e oficiaes pello qual quero que ajão as satisfações de seus serviços conforme a hũa verba do meu testamento*, etc., documento a que mais largamente me referirei lá adiante. Belchior Vicente teria ido viver para Miranda de Podentes, hoje do Corvo, onde era o seu juizo dos orfãos.

Paula Vicente, decerto a mais interessante pessoa d'entre os filhos de Gil Vicente, nasceu pelos anos de 1519 primeiro fruto do segundo casamento do poeta, e com êle viveu até à sua morte, em fins de 1536, princípios de 1537 [4].

Neste ano, a 8 de Junho, a infanta D. Maria, a tam notável e tam justamente celebrada filha de D. Manuel, completou os dezasseis anos de idade e seu irmão pôs-lhe casa apartada [5]. Foi nesta ocasião que a jovem orfã de Gil Vicente, apenas dois anos mais velha que a Infanta, entrou para sua casa na qualidade de moça da câmara e tangedora, com a moradia de seis mil reais por ano, com a qual aparece no livro das moradias de 1543 [6]. O general Brito Rebêlo,

---

« Rua dos penosinhos... (fl. 564 v.)

« It Maria tauares Neta de gill vicente avaliadas casas em sesenta e sete mill rs. pagara iiij^c Lxix rs.

« It Luis vicente seu tio Nas mesmas avaliado ẽ trinta mill paguara ij^cx rs.

« It Antonio fernandez Isabel furtada sua molher ẽ casas de paula vicente avaliada em dez mill rs. paguara Lxx rs.

« It Paula vicente casas suas avaliadas ẽ sesenta e sete mill rs. paguara iiij^c Lix rs. (fl. 564 v.)

«It Marcos Teixeira Nas mesmas avaliado ẽ cinquoẽta mill rs. paguara iij^c L^ta rs.

« It Antonio mourão nas mesmas avaliado ẽ cinquẽta mill rs. paguara iij^c L rs.

. . . . . .

« It Margaida fernandez a galega ẽ casas de dom Antonio de meneses braçall paguara— » (Está riscada por pobre e bem assim mais dois moradores na mesma casa — fl. 565).

1 Inventário de Joana de Pina, em SANCHES DE BAENA, *Gil Vicente*, pag. 82 e 103.

2 BRITO REBÊLO, *Gil Vicente*, ed. de 1902, doc. XXXII, pág. 115.

3 *Ibidem*, pág. 82.

4 Págs. 89 e 241.

5 FREI MIGUEL PACHECO, *Vida de la Serenissima Infanta doña Maria*, fl. 91.

6 BRITO REBÊLO, *Gil Vicente*, ed. de 1902, doc. XIX, pag. 109. — No *Lyuro das moradias da Rainha dona cateryna nosa senhora do anno de mjll quinhemtos e coremta e tres em o quall estão Asemtados todos os moradores feyto em almejrym* (Tôrre do Tombo, *Moradias*, maç. II, liv. n.º 4) começa na fl. 86 o *Lyuro das moradias da casa da Jfante dona maria Jrmaã delRey noso Senhor deste ano de b^c Riij ẽ o qual estão Asemtados todos os Moradores de sua casa em almejrjm*. Na folha 87 v. dêste é que se encontra a verba de Paula Vicente: « it paulla vicemte filha de gill viçemte Moça da camara e tamgedora a seis mill rs por ano ». Moças da câmara a 6.000 rs. tinha então a Infanta mais a Inês Rodrigues de Escovar, filha de Francisco de Escovar, a qual não servia o cargo, e a Joana da Costa; a 10.000 rs. eram Ana de Lomanha, Brites de Oliveira, Isabel Monteira e Gidine de Ponte, irmã de Joannes, tangedor. Esta Gidine, nome que leio com certa dificuldade, talvez seja a Gedrũ, dama da infanta D. Maria, madrinha de Paula, primeira filha de Valéria Borges, como logo veremos.

Digitized by Google

persuadido da morte de Gil Vicente só ter tido lugar nos fins do ano de 1539 ou princípios do seguinte, supôs haver Paula Vicente entrado para casa da Infanta depois de 1540 e antes de 1543, data do referido livro, tendo ao tempo dezoito a vinte anos de idade [1]. Não me parece que houvesse acertado o consciencioso biógrafo do nosso primeiro poeta dramático; na cronologia, entenda-se, porque em tudo mais está certo. Vejamos.

Quando Gil Vicente morreu, não ficaram os seus em condições muito prósperas; provam-no, como já indiquei, os valores dados em 1566 às legítimas de sua viúva, de seu filho Luís e de suas netas Paula e Maria. Ao pai destas, Belchior Vicente, filho único sobrevivente do primeiro matrimónio, acudiu logo D. João III fazendo-lhe, por carta de 29 de Janeiro de 1537, também já apontada, mercê de uma escrivaninha da feitoria da Mina; a Paula, filha primogénita do segundo consórcio, deu, em Junho dêsse mesmo ano, abrigo em casa da Infanta sua irmã. Parece-me tam natural, tam provável, que tenho o caso como sucesso certo. O facto, de ser só no livro das moradias de 1543 que aparece Paula Vicente, não é objecção aceitável, pois nada nos impede de acreditar que já nos anteriores o seu nome não estivesse inscrito. Diz-nos o General, no lugar citado da sua excelente biografia, que em 1540 a 1543, quando entrara para casa da Infanta, contava Paula Vicente dezoito a vinte annos de idade, havendo portanto nascido em 1522 ou 1523; mas tam pouco seguro estava nesta conta, que algumas páginas adiante, na 142, declara-nos supôr «que de 1518 até êste ano [de 1524] poderão ter nascido Paula e Luís Vicente, e Valéria Borges, filhos de Gil Vicente». Não é fácil fazer concordar uma afirmação com a outra.

Entrou pois Paula Vicente para casa da infanta D. Maria no próprio ano, em que D. João III lha deu apartada. Lá, ao lado das damas e donas, conviveu com as notáveis mulheres Joana Vaz, mestra da filha de D. Manuel; Luisa Sigea, a célebre poetisa que aos dezasseis anos compôs em latim o poema *Syntra;* a irmã desta, Angela Sigea, excelente música; Hortênsia de Castro, aquela menina de dezassete anos ante cuja erudição o próprio mestre André de Rèsende pasmou, estas três todas mais novas que Paula. Nos serões da Infanta, nas leituras de poemas e romances de cavalaria, na execução das músicas tam apreciadas naquela casa, no desempenho de algum auto, em todas estas recreações, incluindo as danças, entraria Paula Vicente, discípula de seu pai, ora tangendo a harpa, o órgão ou o saltério, ora ensaiando as gentis figuras dalgum auto ou comédia, com muito recato representado na câmara da Infanta pelas alegres moradoras da sua casa. Saíram porêm as Sigeas e Hortênsia de Castro [2]; mor-

---

1 Brito Rebêlo. *Gil Vicente*, ed. de 1912, pág. 129.

2 O códice n.º 720 do Arquivo dos Feitos Findos tem escrito no rosto: *Liuro Onde estaa tresladado o testamento e codiçilho da Iffante Dona Maria que Deus tem, Que Falçeeo a 10: doutubro Do ano de 1577. E assy estaa treladado o Rol das tençaa que deixou as pesoas nelle declaradas em satisfações de seus seruiços E dos Legados que mais deixou.* Neste livro, além do traslado do testamento e codicilo da Infanta, respectivamente datados de 17 de Julho e 31 de Agosto de 1577, segue-se na fôlha 22 o *Rol que mandey fazer de meus criados E criadas E offiçiaes pello qual quero que ajão as Satisfações de seus seruiços conforme a hũa verba de meu testamento en que me rrefiro a elle E pellas declarações aqui feitas tirarão seus padrões E prouisões neçessarias pera seus paguamentos depois de meu faleçimento.* Neste doc. não vem mencionada Hortênsia de Castro, porque já não estava, é evidente, ao serviço da Infanta, que dela contudo se lembrou. Ao *Rol das Satisfações*, composto anteriormente ao testamento, segue-se na fl. 29, outro intitulado: *Tençaa que A Iffante que esta en gloria Deixou encomendadas a Se-*

Digitized by Google

reram Joana Vaz e Paula Vicente; estava pois todo êste grupo das mais afamadas desfeito na ocasião da morte da Infanta.

Paula e Luís eram novos, muito novos, dezoito e dezassete anos apenas respectivamente contavam, quando o pai lhes faltou. Os seus haveres e rendimentos não lhes permitiam grandes empreendimentos, até que pela entrada de Paula para casa da Infanta e talvez instigada por ela mesma, se resolveram os dois irmãos a levar a têrmo a compilação e impressão das obras de seu pai. Dirigiram-se à raínha D. Caterina, regente do reino, e ela, lembrada das agradáveis horas passadas tanta vez a assistir à representação das obras dramáticas de Gil Vicente, a leitura das quais, segundo a tradição, permitia a seu neto o jovem rei D. Sebastião, prontamente concedeu em nome dêle a Paula Vicente, «moça da câmara de minha muito amada e presada tia», o alvará de 3 de Setembro de 1561, pelo qual lhe foi dado privilégio por tempo de dez anos para a impressão e venda do «livro e cancioneyro de todalas obras de Gil Vicente seu pay, assi as que atee ora andavão empremidas polo miudo, como outras que o ainda nam foram». Apenas se pôs por condição, que «cada volume do dito cancioneyro se nam poderaa vender por mais de hum cruzado [1]». Naquele mesmo ano, como se declara no frontispício especial do livro primeiro, se começou a impressão, em Coimbra, na oficina de João Alvares, segundo a nota final dêle, vindo os demais livros a ser impressos pelo mesmo impressor em Lisboa no ano seguinte. De tudo mais miudamente tratarei ao referir-me a Luís Vicente, visto como foi êle quem dirigiu a impressão.

Por ter sido a Paula Vicente outorgado o privilégio para a impressão das obras do pai, derivou para ela a mentirosa fama de o ter auxiliado na sua composição. Paula recordou Pola e assim como esta ajudara Lucano seu marido na sua tarefa literária, assim também para alguns autores portugueses Paula colaborara com seu pai. O primeiro que encontro com a novidade é António de Sousa de Macedo, em 1631, ou melhor, 1630, na fl. 70 das suas *Flores de Espa-*

---

nhora Dona Costança que queria que se dessem, neste, na fôlha seguinte, lê-se: «It. tinha S. A. prometido a Ortensia de crasto dez mil rs. pera se concertar pera a entrada do mosteiro. Digo dez mil rs. em dinheiro.» Á margem: «Houve pagamento destes dez mil rs. em Alvaro fernandez tesoureiro por mandado feito a xxbij de Março de 1582» No mesmo códice, na fl. 47, começa o *titollo das tenças que A Jff^a dona maria que D's tem deixou as pessoas abaixo declaradas — 1578*, nêle, na fl. 50, lê-se: «Jt Hortençia de crasto que foy moça da camara tem seis mill Rs. de tenca em cada hũ anno em sua vida.» Á margem: «faleçeo no ano de 595.» Fôra-lhe arbitrada a tença em alvará separado, como às sobrinhas de Paula Vicente.

Alarguei-me na descrição dêste códice, não só pelas notícias que ministra relativamente a Hortênsia de Castro, mas principalmente porque dêle logo extrairei dados biográficos muito essenciais para a vida de Paula Vicente.

Em 1907, no vol. v do *Arch. hist. port.*, começou o sr. Gomes de Brito a publicar uma série de muito interessantes artigos, continuados no vol. seguinte, intitulados *As tenças testamentarias da Infanta D. Maria* e fundados nos «Cadernos das tenças da Jffante» etc. encontrados por aquele escrupuloso investigador no Arquivo da Relação de Lisboa, onde só apareceram contudo os de 1590, 1591, 1593, 1596 e 1597, e ainda o de 1623, do qual o sr. Gomes de Brito não chegou a tratar. A êle constou e depois a mim a existência doutros docs. da testamentaria da Infanta no Arquivo dos Feitos Findos e pedi ao meu douto amigo licença para os utilizar na parte relativa a Paula Vicente e suas sobrinhas, em quanto não fossem publicados na referida revista. Estes docs. andam reunidos em quatro vols. com os n.ºs 720 a 723 do referido Arquivo dos Feitos Findos.

[1] Doc. xx.

Digitized by Google

ña, Excelencias de Portugal: «Paula Vicente, como Pola a Lucano su marido, ayudô a su padre Gil Vicente en sus comedias, y cõpuso otras». Atrás dêste vieram mais.

Em 1700, Fr. Francisco da Natividade, nos *Lenitivos da dor*, pág. 310, limitou-se, seguindo Sousa de Macedo, a dizer que Paula ajudara o pai e também compusera algumas comédias; trinta e quatro anos depois começou a hipérbole. «Paula Vicente foy discretissima mulher: extão muitas obras suas em que reluz grandemente a raridade do seu talento. Soube diversos idiomas com bastante perfeição; e por sua curiosidade compoz huma Arte para aprender o Inglez, e Olandez. Bordava com muito aceyo, e pintava com igual primor. Teve grande noticia da Arquitectura civil [1]» Pelo século XVIII fora continuaram os encómios: Fr. João de S. Pedro, no II vol. do *Theatro heroíno, abecedario historico, e catalogo das mulheres* [2], copia do precedente; o P.e António dos Reis, no *Enthusiasmus poeticus* [3], compara-a com Pola; Barbosa Machado, na *Bibliotheca lusitana*, diz que representava as comédias de seu pai na presença da infanta D. Maria e compusera *Comédias várias*, ms., e a tal *Arte da lingua inglesa e olandesa;* na *Bibliotheca hispana nova*, na ed. de 1788, lá aparece também «Paula Vincentii... scripsit inter alias [comœdias] *O Cerco de Dio*». Já no século XIX o autor do *Ensaio sobre a vida e escriptos de Gil Vicente*, anteposto à edição das suas *Obras* impressa em Hamburgo, em 1834, refere-se, na pág. XVII, não só ao auxílio prestado por Paula Vicente ao pai na composição dos autos, mas também a um perdido volume de comédias por ela composto. Além disto exalta o seu «singular talento histrionico», isto é, cómico; mas (há um *mas*, com tanto fundamento, suponho, como o resto)... mas com ela «a natureza não foi tão prodiga em attractivos phisicos como em dotes de espirito.» Pobre Paula! Já Barbosa Machado te declarara feia, «nacendo pouco favorecida da natureza na simetria do rosto, como na proporção da estatura»; feia e talvez aleijada, ou corcunda, e o outro afina pela mesma toada. Onde foram êles buscar isto?

Garrett, no seu drama *Um Auto de Gil Vicente*, representado no teatro da Rua dos Condes no dia 15 de Agosto de 1838, põe Paula Vicente a colaborar e a desempenhar o papel de Providência no auto das *Côrtes de Júpiter*, representado em 1521 à partida da infanta D. Beatriz para Saboia, quando a filha do poeta o mais que poderia ter eram dois para três anos de idade. Escrevera porêm Garrett na Introdução anteposta ao drama: «Digo *verdade dramatica*, porque a historica propriamente, e a chronologica, essas as não quiz eu, nem quer ninguem que saiba o que é theatro.» Pode-se pois presumir que êle não acreditava na colaboração, nem na recitação. Outrotanto se não pode supôr do jovem autor do brilhante artigo de crítica, *Theatro português*, publicado na CHRONICA LITTERARIA DA NOVA ACADEMIA DRAMATICA, Coimbra, 1840, no qual se aprecia o drama de Garrett. A crítica era literária e seu autor, o sr. Anselmo José Braamcamp, então rapaz de vinte e dois anos, deixou-se arrastar pela tradição sem mais preocupações.

José Silvestre Ribeiro, na sua memória intitulada *Luiza Sigéa* e apresentada em 1880 à Academia Rial das Sciências de Lisboa, aceita, ou pelo menos

---

[1] DIOGO MANOEL AYRES DE AZEVEDO (*aliás*, P.e Manoel Tavares), *Portugal illustrado pelo sexo feminino*. Lisboa, 1734, pag. 92.

[2] Publicado em dois vols. em 1736 e 1740 sob o nome de Damião de Froes Perim, anagrama do autor.

[3] Publicado no tom. I do *Corpus illustrium poetarum Lusitanorum*, Lisboa, 1745.

Digitized by Google

transcreve sem impugnar, a opinião daqueles que julgam Paula Vicente autora de comédias e colaboradora de seu pai. O dr. Teófilo Braga, no *Gil Vicente e as origens do theatro nacional*, impresso em 1898, já nas págs. 175 e 269 classifica de lenda a suposição de haver Paula Vicente composto comédias e, quanto a colaboração nas obras do pai, apenas admite a de o ter auxiliado nas cópias dalguns dos seus autos ao prepará-los para a impressão. A mesma sensata opinião mantêm em 1914 no vol. II da *Historia da Litteratura portuguesa*, pág. 97.

A Senhora D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, pondo de remissa a lenda da composição de comédias e de gramáticas inglesas e holandesas, e a outra quási risível da perfeição na arquitectura civil, retrata bem a meu ver Paula Vicente: «fez companhia carinhosa ao pae nos annos em que, satisfazendo os desejos de D. João III, preparava para a imprensa... as suas obras dramaticas e lyricas. É muito possivel que lhe servisse de secretaria intelligente e mesmo de ajudante chistosa e de fino gosto. Acreditamos piamente que entendia diversos idiomas, bordava e pintava. Menos ainda repugna crer que sabendo dançar, cantar e tocar varios instrumentos, recitasse deliciosamente, com graça e naturalidade, trechos soltos e composições inteiras das obras do pae, agradando sem ser formosa. Ou ainda, que a sua veia dramatica e talento mimico a levassem a organizar, no circulo das damas, ligeiras representações scenicas, ex-improviso, ou com a devida preparação [1]».

Continuou pois a nossa Paula, que todos insistem em fazer feia, até a Senhora D. Carolina Michaëlis apesar da sua simpatia por ela e pelo pai! a viver com a infanta D. Maria. Era esta senhora a princesa mais rica da Europa nesses tempos e mantinha uma côrte brilhante, não só pelo fausto, mas ainda pelo tom literário e artístico que lhe quis dar. Neste elevado meio viveu pois a filha de Gil Vicente muitos anos, perto de quarenta, não esquècida contudo dos seus. Em Agosto de 1553 dá Valéria Borges à primeira filha havida do seu casamento com Pero Machado o nome de sua irmã Paula; em igual mês de 1565 e em Fevereiro de 1568 encontramo-la servindo de madrinha a dois filhos de seu irmão Luís Vicente [2]; em 1567 sabemos, como já deixei indicado, ser moço da câmara da infanta D. Maria um Belchior Vicente, talvez sobrinho de Paula e por sua intercessão admitido ao serviço daquela casa.

Também da sua moça da câmara se não esquecia a Infanta. A seu pedido, e talvez por a ver adoentada, alcançou ela de seu sobrinho uma tença verbal de doze mil reais a qual, por instrumento público feito em Lisboa a 4 de Novembro de 1572, Paula Vicente nomeou, para com isso se poder meter freira, em sua sobrinha D. Beatriz de Meneses, a mais velha das filhas do segundo casamento de Valéria Borges e talvez, na realidade, a mais velha existente de todas as suas filhas, visto que mais nenhuma notícia tenho da pequenina Paula nascida em 1553, e provávelmente pouco depois falecida, pois não seria totalmente olvidada. Confirmou D. Sebastião o traspasse por alvará geral, passado em Évora a 17 de Dezembro de 1572, e mandou assentar a tença a favor de D. Beatriz no recebedor do dinheiro do um por cento e obras pias [3].

É êste o último documento meu conhecido relativo a Paula Vicente passado em sua vida; quatro anos depois já estava morta. Efectivamente, em 7 de

---

1 *A infanta D. Maria de Portugal e as suas damas*, Pôrto, 1902, pág. 43.
2 *Registo da freguesia de S.ta Cruz do Castello*, págs. 26, 60 e 68.
3 Doc. XXII.

Digitized by Google

Fevereiro de 1577, assinou a infanta D. Maria um alvará no qual declara, «que havendo eu respeito aos serviços que Paula Vicente, que foi minha moça da câmara, me fez em todo tempo que me serviu, e por outros respeitos que me a isso movem, hei por bem e me prás de fazer mercê a D. Helena da Silva, sua sobrinha, filha de D. Valéria sua irmã, de dez mil reais de tença em cada um ano, em sua vida, para ajuda de seu sostentamento e de se meter freira, os quais começará a vencer do 1.º de Janeiro que passou dêste ano de 577 em diante [1]». No fim do alvará declara a Infanta «que, além dêstes dez mil reais de tença, fiz mais mercê à dita D. Valéria, por respeito dos serviços da dita sua irmã, de vinte mil rs. de tença para duas filhas, para ajuda de as meter freiras [2]». Fez portanto a infanta D. Maria por três alvarás da mesma data mercê de trinta mil reais de tença em suas vidas às três sobrinhas de Paula Vicente, D. Beatriz de Meneses, D. Helena da Silva e D. Mariana de Meneses. Lembrou-se a Infanta, ainda em sua vida, de premiar os serviços da falecida Paula, sua modesta e dedicada moça da câmara; é por êsse facto que se não encontra o nome dela no *Rol das satisfações* assinado pela Infanta na ocasião de fazer o seu testamento, que tem a data de 17 de Julho de 1577 [3].

Não pode portanto haver dúvida de ser já então falecida Paula Vicente, mas de uma verba do já citado *Rol das satisfações* julgo poder depreender não ter tido lugar o fúnebre sucesso muito tempo antes. A Infanta tinha tomado uma moça da câmara a quem manda dar uns dinheiros, «ainda que me não tenha servido» [4]; esta suponho haver sido a destinada a preencher a vaga deixada por Paula. Seja porêm como fôr, é certo ter ela falecido antes do 1.º de Janeiro de 1577, dia em que suas sobrinhas começaram a receber as tenças, e muito provável ter morrido no ano precedente.

Mais nenhumas notícias tenho da filha estremecida de Gil Vicente, daquela a quem principalmente devemos o conhecimento das obras de seu pai.

Luís Vicente, o único filho varão procedente do segundo casamento de Gil Vicente, deve ter nascido depois de Paula; em 1520 é provável [5]. Viveu com seu pai nos paços velhos da Alcáçova e lá continuou residindo com sua mãe nos anos de 1536 a 1546 [6]. Neste último ano, a 11 de Janeiro, foi denunciado na

---

[1] Doc. XXIII.

[2] *Ibi* e cit. Liv. 720 do Arquivo dos Feitos Findos, fl. 73.

[3] A êste *Rol* encontra-se referência no testamento. Veja-se na tradução dêle na *Vida da Infanta* de Fr. Miguel Pacheco, fl. 173, n.º 5.

A propósito observarei que as mercês feitas às sobrinhas de Paula Vicente corresponderam, pouco mais ou menos, às satisfações dadas pela Infanta às outras suas moças da câmara. Tinha ela então em serviço quatro: D. Joana da Costa, a quem legou 40:000 rs. de tença em vida, entrando neles 20:000 que já tinha; Joana Fernandes, 40:000 rs. de tença em vida, entrando neles 26:000 que já tinha; Ana Paes, 30:000 rs. de tença em vida e 200 cruzados em dinheiro; Joana Sardinha, 20:000 rs. de tença em vida e 300 cruzados em dinheiro (*Rol* cit.). Hortênsia de Castro, Joana Maldonado e talvez mais alguma, não estavam então em exercício.

Quanto às supostas doações de prédios em Tôrres Vedras atribuidas à Infanta a favor de Paula, não paga a pena voltar a isso; já na pág. 13 ficou notado o êrro de tal suposição.

[4] «It. A sobrinha de Isabel dandrade (*dona da câmara da Infanta*) que tenho tomado por minha moça da camara ainda que me não tenha seruido mando que dem ho casamento de moça da camara .. havendo respeito aos seruiços de sua tya» (cit. Liv. n.º 720, fl. 23 v.)

[5] Págs. 89 e 141.

[6] Pág. 88.

Digitized by Google

Inquisição de Évora de supostas relações imorais com Fernão de Pina, cronista mor. Fundado nesta denúncia e no facto de saber que Melícia Rodrigues, viúva de Gil Vicente, morara nos ditos paços, onde também habitara no referido decénio Fernão de Pina, é que posso determinar com muita probabilidade a idade de Luís Vicente em dezasseis para dezassete anos à data da morte do pai [1].

Em 1552 continuava a morar na frèguesia de Santa Cruz da Alcáçova, não sei se ainda solteiro, nos paços velhos com sua mãe, se já casado, em domicílio apartado. Naquele ano, em 1 de Maio e 10 de Julho, serviu de testemunha em dois casamentos, sendo o segundo o de sua irmã Valéria Borges com Pero Machado [2]. No ano seguinte já certamente estava casado com Mor de Almeida e a 21 de Dezembro baptizou seu primeiro filho, a quem pôs o nome do avô paterno [3]. Por aqui mais uma vez se vê o muito restrito crédito que se pode conceder às informações ministradas por Sanches de Baena ou por êle mal deduzidas dos documentos que transcreveu. Marcam elas o ano de 1557 para o casamento de Luís Vicente e Mor de Almeida [4], quando êles já quatro anos antes baptizavam um filho.

Em 1565, 66 e 67 residiu Luís Vicente na rua dos Penosinhos, frèguesia de Santa Cruz da Alcáçova, em casas de sua sobrinha Maria Tavares, e foi avaliado o seu rendimento em trinta mil reais [5]. Em 1569 morava outra vez no velho paço da Alcáçova e até sucedeu serem dois escravos seus as primeiras vítimas da peste grande na frèguesia de Santa Cruz, e outra uma Melícia Rodrigues, talvez sua mãe [6].

Chamou-se Gil o primeiro filho de Luís Vicente e nasceu em 1553, como acima digo. Doze anos depois, a 4 de Agosto de 1565, baptizou êle uma filha, Maria, e foram seus padrinhos Manuel de Sousa, provávelmente o filho primogénito do aposentador mor Lourenço de Sousa, morador junto da igreja de Santa Cruz, e Paula Vicente, a dedicada irmã de Luís [7]. Agora, num período muito mais curto, a 10 de Fevereiro de 1568, outro filho, Jerónimo, foi baptizado, sendo padrinhos D. António de Almeida, marido de sua tia D. Valéria Borges, e a irmã desta, a nossa Paula [8]. Dos registos da frèguesia de Santa Cruz da Alcáçova, ou do Castelo, como depois se lhe chamou, não consta a existência de mais nenhum filho de Luís Vicente e de Mor de Almeida; a incúria

---

1 Pags. 88 e 89.

2 *Registo de Santa Cruz*, cit., págs. 166 e 167. — No primeiro casamento intervieram muitas pessoas, umas, parentas sabidas de Gil Vicente: seu filho Luís Vicente, sua nora Guiomar Tavares e Pero Machado, noivo de sua filha Valéria; outras, presumíveis: Cecília Borges, a nubente, e João Tavares.

3 «Aos vinte e um dias de Dezembro de 1553 anos, eu, João Gonçalves, cura, bautizei Gil, filho de Luís Vicente e de Mor de Almeida sua mulher; foram padrinhos António Rodrigues, tesoureiro da tapeçaria, Diogo de Contreiras e Gaspar Pinto, e madrinhas Mecia Rodrigues e Joana Fernandes» (Cit. *Registo*, pág. 28, d'onde se transcreveu em ortografia corrente).

4 SANCHES DE BAENA, *Gil Vicente*, pág. 11.

5 *Livro do lançamento e serviço*, já cit., fl. 364 v. — Vidè nota na pág. 249.

6 *Registo*, cit. pág. 251.

7 «Aos 4 dias do mês de Agosto de 1565 bautizei... a Maria, filha de Luís Vicente e de sua mulher Mor de Almeida, e foram padrinhos Manuel de Sousa e Paula Vicente...» (*Registo*, cit., pág. 60).

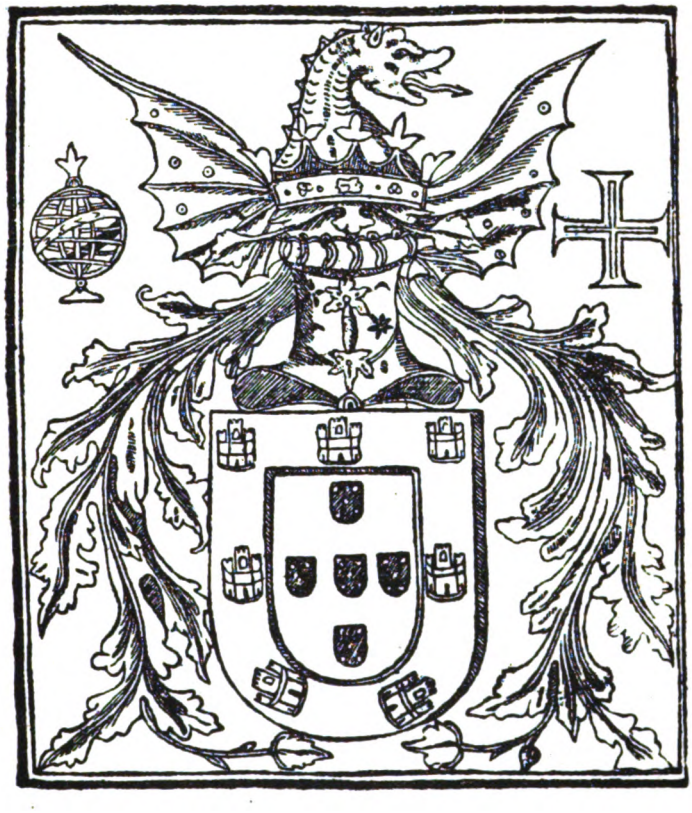
8 «Aos 10 dias do mês de Fevereiro de 1568 bautizei... Jerónimo, filho de Luís Vicente e de sua mulher Mor de Almeida e foram padrinhos dom António de Almeida e Paula Vicente...» (*Registo*, cit., pág. 68.)

Digitized by Google

UNIV. OF CALIFORNIA
EST. IV

COPILACAM DE

TODALAS OBRAS DE GIL VICENTE, A Q VAL SE REPARTE EM CINCO LIVROS O PRIMEYRO HE DE TODAS suas cousas de deuaçam O segundo as comedias. O terceyro as tragicomedias. No quarto as farsas. No quinto as obras meudas.



¶Empremiose em a muy nobre & sempre leal cidade de Lixboa em casa de Ioam Aluarez impressor del Rey nosso senhor
Anno de M D LXII
¶Foy visto pelos deputados da santa Inquisiçam.

COM PRIVILEGIO REAL

¶Vendem se a cruzado em papelaria casa de Francisco Fernandez na rua nova.

Frontispicio da primeira edição (1562) das obras de Gil Vicente.

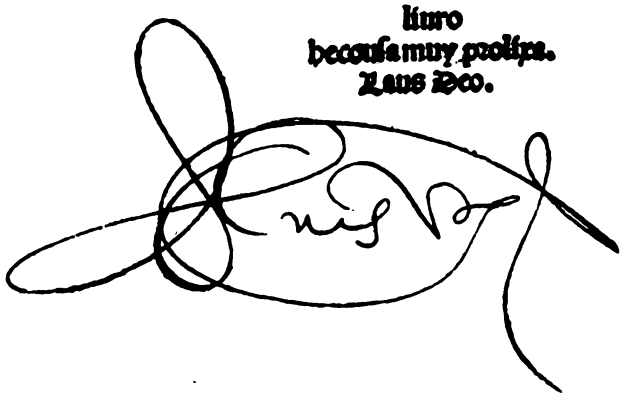
Digitized by Google

UNIV. OF
CALIFORNIA

Digitized by Google

UNIV. OF
CALIFORNIA

¶ Acabouse de emprimir esta copilaçam das obras de Gil vicente em Lixboa
em casa de Joam Alvarez impressor delRey nosso senhor na vniuersidade de Co
imbra aos .xij. dias do mes de Setembro de M. D. Lxij. annos. E nam nestes ca
bos assinados todos os liuros por Luis vicẽte, por se nã poder ẽ emprimir
nem vender outros per outras pessoas que nam tem o preuilegio
de sua alteza que no principio vay impresso, porque soomẽ
te os que forem assinados se conheceram ser ẽ desta im-
pressam e per licença da pessoa a quem se o pri-
uilegio concedeo. Achar se bam neste liuro
algũs erros, assi de faltas de letras como
tãbem algũas mudadas: porem sam tã
conhecidos os erros, que facilmen
te poderaa o discreto lector su
prilos. E por tanto se nam
faza aqui errata delles
porq̃ parece q̃ yr
buscar o erro
ao fim do
liuro
he cousa muy prolixa.
Laus Deo.



Colofon da primeira edição (1562) das obras de Gil Vicente
e assinatura de seu filho Luís Vicente.

Digitized by Google

UNIV. OF
CALIFORNIA

Digitized by Google

porêm havida nesses tempos com os assentos paroquiais era tal, que muitos ficavam esquècidos no tinteiro do cura. Pode se ter aqui, por ventura, dado muito bem o caso, naqueles doze anos de intervalo entre o primeiro e o segundo filho. No documento transcrito por Sanches de Baena ainda se atribui a Luís Vicente e Mor de Almeida um quarto filho, Bernardim Borges [1]; do seu baptismo não se lavraria o têrmo, como sucedeu ao de sua prima Maria Tavares, e ao de óbito de seu tio Belchior Vicente.

Antes de ocorrerem os últimos sucessos apontados, tinham Paula e Luís Vicente assentado em pagar à memoria do estimado pai o tributo do amor filial que seus corações lhes pedia. Apreciavam êles a alta valia das obras literárias paternas; não se lhes apagava da lembrança a recordação do respeito e a admiração com que correspondiam ao seu carinho e agora, que a idade avançara e as condições de fortuna melhoraram, resolveram compilar e mandar imprimir os versos do pai. No seu espólio havia Gil Vicente deixado um «livro muito grande», no qual transcrevera parte das suas obras com intenção de lhe reunir as restantes, quando a morte o surpreendeu. Às transcritas no livro ajuntou Luís Vicente «as mais obras que faltavam e de que pude ter noticia», e preparou o manuscrito para a impressão. Entretanto alcançava Paula Vicente da raínha D. Caterina o alvará de privilégio de 3 de Setembro de 1561, acima referido. Pôsto tudo em ordem, começou nos fins dêsse mesmo ano João Álvares, impressor del Rei, a imprimir o cancioneiro, como lhe chamavam, na sua oficina de Coímbra, segundo se declara no frontispício especial do livro primeiro, na estampa VI reproduzido, terminando a impressão dêle, conforme a declaração final, já no ano seguinte. Então passou o resto para a sua oficina de Lisboa, onde a impressão de toda a obra terminou a 12 de Setembro de 1562, segundo se declara no colofon, tambêm reproduzido numa estampa junta, a V, no qual se vê que João Alvares era impressor del Rei na Universidade de Coímbra. No fim de tudo a assinatura autógrafa de Luís Vicente, «por se nã poderẽ empremir nem vender outros per outras pessoas que nam tem o previlegio,... porque soomente os que forem assinados se conheceram serẽ desta impressam». Pois sim, Luís Vicente, mas não te livraste das capilhas já no teu tempo existentes, e o exemplar da Tôrre do Tombo lá está, sem a tua assinatura, para atestar a existência delas.

Saíu o volume com o título: *Copilacam de // todalas obras de Gil Vicente, a qval se // reparte em cinco livros O primeyro he de todas // suas cousas de deuaçam O segundo as comedias. O terceyro as // tragicomedias. No quarto as farsas. No quinto as // obras meudas.* // Gravura das armas riais com a esfera à direita e a cruz de Cristo à esquerda do elmo. *Empremiose em a muy nobre & sempre leal cidade de Lixboa // em casa de Ioam Aluarez impressor delRey nosso senhor // Anno de M D LXII // Foy visto polos deputados da sancta Inquisiçam. // Com privilegio real // (***) // Vendemse a cruzado em papel em casa de Francisco fernandez na rua nova.* Tudo melhor se verá na estampa IV aqui junta. Do volume darei completa e fiel notícia no cap. VI, aqui apenas me referirei à parte tomada por Luís Vicente na edição. Na primeira fôlha a seguir ao frontispício, a segunda das preliminares não numeradas, transcreve-se o Alvará de privilégio; no verso dessa fôlha e no recto da seguinte, a Taboada; no verso desta, a terceira fôlha

[1] Inventário de Joana de Pina, em SANCHES DE BAENA, *Gil Vicente*, pág. 82.

Digitized by Google

n. n., encontra-se o «Prologo deregido ao muyto alto & poderoso Rey nosso Senhor dom Sebastiam o primeyro do nome per Luis vicemte» (Doc. XXI); em frente, no recto da folha quarta não numerada, o «Prologo em que o auctor deregia esta copia de suas obras a... elRey dom Ioam o terceyro...» (Doc. XIII).

No seu Prólogo apresenta Luís Vicente com muita modéstia o produto do labor literário do pai: «E ainda que as obras de meu pay nam tenham tamanho merecimento como tiveram as doutros poetas antigos e modernos tam celebradas em todo o mundo: todavia ainda que as deste livro fiquem muyto abaixo destas, por serem cousas algũas dellas feytas por seruiço de Deos, e todas em seruiço de vossos avoos, e de que elles muyto gostaram era razam que se empremissem». Logo a seguir continua dizendo: «E porque sey que ja agora nessa tẽrra ydade <de> V. A. gosta muyto dellas, e as lee e folga douvir representadas, tomey a minhas costas o trabalho de as apurar e fazer empremir sem outro interesse senã servir V. A. com lhas deregir, e comprir com esta obrigaçam de filho». Por estas palavras revelarem o agrado com que D. Sebastião e seus avós liam os autos de Gil Vicente é que, só para ocultarem o facto, todo o Prólogo foi mandado suprimir em 1581, no *Catalogo dos Livros que se prohibem nestes Regnos e Senhorios de Portugal;* foi únicamente por isso, pois que matéria contra a Fé e bons costumes não se encontra na prosa de Luís Vicente. Seguindo critério idêntico foi também então proíbido o Prólogo de Gil Vicente a D. João III.

Já me referi à influência exercida pelo editor na composição dos sumários das peças de Gil Vicente; já provei mesmo a sua interferência manifesta na redacção dalgum [1]; não tornarei por isso ao assunto, e só me deterei com uma observação digna de ficar registada. Estranha o general Brito Rebêlo que Luís Vicente se tivesse esquècido de incluir nas obras miúdas do pai o epitáfio de Branca Bezerra, primeira mulher do poeta, e do facto mui judiciosamente deduz um indício mais para justificar a sua convicção de ser Luís filho do segundo casamento de Gil Vicente, pois que o esquècimento seria indisculpável se Branca fosse sua mãe [2].

Terminada a impressão da *Copilaçam de todalas obras de Gil Vicente* em Setembro de 1562, continuou Luís Vicente vivendo no bairro da Alcáçova, onde encontro vestígios da sua residência até Julho de 1569, como já acima deixei indicado. Em 1571 terminou o privilégio concedido aos filhos de Gil Vicente para a impressão e venda das obras de seu pai e não consta que fosse renovado. Do fim do ano seguinte é a última notícia documental de Paula Vicente encontrada até agora; quatro anos depois já ela não era dêste mundo, segundo pude verificar. Teve portanto lugar a morte de Paula desde Dezembro de 1572 até Dezembro de 1576. Neste intervalo, não sei se antes, se depois do fúnebre sucesso, realizou-se o segundo casamento de seu irmão, como vou mostrar.

Sanches de Baena, na descrição genealógica anteposta à transcrição dos documentos publicados no seu opúsculo *Gil Vicente*, confundiu três indivíduos do mesmo nome:

1.º) Luís Vicente, reposteiro do Infante D Luís em 1536, com seiscentos e seis reais por mês de moradia e mantimento, passou de 1539 em diante a viver em Moura, continando a receber lá a moradia por alvará de mercê dêsse ano. Em 1545 foi acrescentado de reposteiro a escudeiro com quatrocentos e seis reais

---

[1] Vid. pág. 181.
[2] Brito Rebêlo, *Gil Vicente*, ed. de 1902, pág. 81; ed. de 1912, pág. 128.

Digitized by Google

por mês e três quartas de cevada por dia, e logo a seguir acrescentado de escudeiro a cavaleiro com setecentos reais por mês e alqueire por dia, tendo cavalo. Faleceu em 1550, havendo sido casado com Leonor Martins, também já falecida em 1551, ficando herdeira dêle sua irmã Guiomar Vicente [1];

2.º) Luís Vicente, moço da câmara, nomeado por alvará de 5 de Maio de 1555 tabelião na vila de Santarêm por dois meses, no impedimento do proprietário do ofício, não é o precedente já então falecido, nem o filho de Gil Vicente, porque havia grande diferença entre a assinatura dum e doutro [2]. Deverá ser o mesmo que, por carta de 14 de Fevereiro de 1558, foi provido no ofício de escrivão dos órfãos de Moura, declarando-se no diploma ser filho de Gil Vicente, também moço da câmara, o que o poeta nunca foi [3]. Finalmente, êste segundo Luís Vicente é provávelmente o mesmo moço da câmara nomeado, por carta de 12 de Outubro de 1560, escrivão dos órfãos de Lisboa no impedimento do proprietário [4]; e que, por um alvará com fôrça de carta, dado em Lisboa a 10 de Julho de 1563, foi provido no ofício de escrivão do tesouro da casa rial, lugar que exerceu até ao ano de 1601, no qual morreu, sendo, por alvará de 10 de Dezembro, nomeado António Lameira para o substituir [5];

3.º) Luís Vicente, filho do poeta, de quem há notícias documentais desde 1546 a 1595, ano em que já era finado a 14 de Janeiro, tendo últimamente, como já vou mostrar, acrescentado a seu nome o apelido de *Crasto* (= Castro).

Publicou Sanches de Baena o «Inventário de toda a fazenda que ficou por falecimento de Joana de Pina, mulher que foi de Luís Vicente de Crasto, cavaleiro fidalgo da casa del Rei, morador no lugar do Mosteiro de Matacães, têrmo de Tôrres Vedras» [6]. Este documento, no qual se encontram notícias que vão desde 1584 até 1619, foi prejudicado pelo seu publicador em virtude da forma como apresentou os dados dêle extraídos, enlaçando-os com outros infundados colhidos nas genealogias. Esta mistura de verdades e mentiras e a falta de confiança merecida por Sanches de Baena em assuntos desta espécie, fizeram com que o general Brito Rebêlo pusesse logo de quarentena o documento, que eu igualmente recebi com muita reserva; agora porêm, depois de conhecidos os assentos paroquiais de Santa Cruz da Alcáçova, posso, combinando-os com os factos apresentados no Inventário, não só restituir a êste todo o crédito, como esclarecer definitivamente a biografia do filho de Gil Vicente, editor das suas obras.

Em 1568, ainda Luís Vicente vivia na frèguesia de Santa Cruz, onde na sua igreja baptizou, a 10 de Fevereiro, o filho Jerónimo, e no ano seguinte, em Julho, morava nos próprios paços velhos [7]; ignoro porêm se ainda casado, se já viúvo, mas consta-me que a 18 de Junho de 1576 já tinha tornado a casar. Neste dia, no lugar do Mosteiro de Matacães, têrmo de Tôrres Vedras, passaram Joana de Pina e Mecia Barreto sua mãe uma procuração assinada a rôgo, por

---

1 Brito Rebêlo, *Gil Vicente*, ed. de 1902, doc. xxi.
2 *Ibidem*, doc. xxvii e pág. 90.
3 *Ibidem*, doc. xxviii e pág. 90-91.
4 *Ibidem*, doc. xxix e pág. 91.
5 *Chancelaria de D. Felipe II*, liv. 7.º de *Doações*, fl. 304.
6 Sanches de Baena, *Gil Vicente*, de pág. 71 a 117.
7 Vid. pág. 256.

Digitized by Google

elas não saberem escrever, a Luís Vicente, marido de uma e genro da outra. Munido desta autorização pôde êle outorgar, em 23 de Dezembro de 1578, na escritura pela qual as suas constituintes venderam um praso foreiro ao convento da Trindade, constante de um assento de casas com seu quintal, em Lisboa, na rua direita que vai para Santa Bárbara. Na escritura é Luís Vicente designado por fidalgo da casa rial, morador no referido lugar do Mosteiro de Matacães [1].

Aqui estabeleceu o filho de Gil Vicente a sua residência, dedicando-se à administração de sua casa. Em 1580, por escritura feita em Lisboa a 27 de Julho, comprou às Freiras do Salvador por oitenta mil réis parte das propriedades possuidas por êle naquele lugar [2]. A sua fazenda, com estas aquisições e com o que sua mulher já haveria, foi em 1584 avaliada toda em 466:000 rs. e o móvel em 291:370, somando tudo na quantia de 757:370, da qual, deduzidos 326:000 rs. de dívidas, ficaram livres 431:370 rs., uns cinqùenta a sessenta contos da moeda anterior à actual guerra. Fizeram-se estas avaliações quando, por morte de Joana de Pina, se procedeu, em 10 de Dezembro daquele ano, ao inventário dos bens do casal, para se fazerem as partilhas entre o viúvo e os seus três filhos nascidos de Joana, Martim Barreto, de seis anos, Francisco, de quatro e Damião, de um. Neste documento já o filho do poeta dramático aparece designado pelo nome de Luís Vicente de Crasto, e intitulado cavaleiro fidalgo da casa del Rei [3].

Na descrição dos bens do casal feita pelo viúvo há pontos interessantes. Declarou possuir em Lisboa, na Alcáçova, duas moradas de casas pequenas, derrubadas e desabitadas por causa da guarnição dos Castelhanos, as quais partiam com D. Fradique [Manuel] e com casas de Francisco Serrão. Foram avaliadas em dez mil réis e na partilha ficaram a Martim Barreto [4]. Talvez que a ocupação do bairro do Castelo pela guarnição castelhana fôsse um dos motivos que de lá afastaram Luís Vicente.

Declarou mais dever-lhe sua sobrinha Maria Vicente Tavares cinqùenta mil réis de tornas duma fazenda que ela lhe vendera sem o poder fazer, e recebera o preço [5]. É a segunda filha de Belchior Vicente, em parte de cujas casas Luís Vicente vivia em 1566, como acima se disse. A dívida ainda em 1602 estava por pagar e foi repartida pelos três filhos de Joana de Pina [6]. Declarou também dever êle aos filhos havidos de sua primeira mulher, Mor de Almeida, de suas legítimas, o seguinte: a Jerónimo de Almeida, oitenta mil réis; a Bernaldim (Bernardim Borges), outros oitenta mil rs.; a Gil Vicente de Almeida só quarenta e sete mil rs., por já lhe ter dado trinta e três mil à conta dos oitenta de sua legítima, e a Maria da Visitação, freira professa no mosteiro de Santa Iria de Tomar, cinqùenta mil rs. por já lhe ter entregado trinta mil [7].

Esta coincidência dos nomes da primeira mulher e de três dos quatro filhos dela havidos, como aparecem no Inventário de Joana de Pina e nos têrmos de baptismo de Santa Cruz da Alcáçova, é tam frisante que leva à evidência de ser o Luís Vicente, antigo morador da Alcáçova de Lisboa, o mesmo Luís Vicente de Crasto, residente no lugar do Mosteiro de Matacães, do têrmo de Tôrres Vedras.

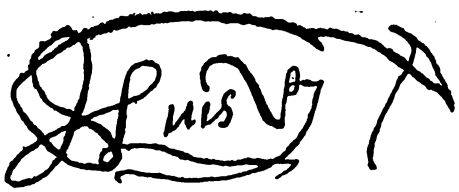
---

[1] Brito Rebêlo, *Gil Vicente*, ed. de 1902, doc. xxxiv, pág. 115.
[2] Inventário cit., em Sanches de Baena, *Gil Vicente*, pág. 83.
[3] *Idem*, *ibi*, pág. 71.
[4] *Idem*, *ibi*, págs. 81 e 96.
[5] *Idem*, *ibi*, pág. 82.
[6] *Idem*, *ibi*, págs. 103 e 104.
[7] *Idem*, *ibi*, págs. 82 e 83.

Digitized by Google

A 14 de Janeiro de 1595 já êle tinha morrido, por isso que neste dia compareceu perante o juiz dos orfãos do lugar do Mosteiro de Matacães, no têrmo de Tôrres Vedras, Bernardim Borges, solteiro, morador no dito lugar, filho de Luís Vicente de Crasto, defunto, outrosim morador que fôra no mesmo lugar [1]. Deixara êle uma viúva, pois tornara pela terceira vez a casar. Chamava-se ela Isabel de Castro e durante os anos de 1598 a 1602 amanhara os bens do enteado ausente, Damião, segundo a declaração feita em 1617 pelo seu irmão e tutor, Martim Barreto de Pina, e lançada no Inventário: «os [bens do ausente] trouxe Isabel de Castro, madrasta do dito tutor Martim Barreto [2]».

Em quanto Luís Vicente vivia lá para os lados de Tôrres, fazia-se em Lisboa a segunda edição das obras do pai. Revira-as e censurara-as Fr. Bartolomeu Ferreira, em Fevereiro de 1585, e a Inquisição autorizara a sua reimpressão; mas só um ano depois, por alvará de 14 de Fevereiro, foi concedido a Afonso Lopes, moço da capela, privilégio para a impressão, a qual ainda nesse ano se realizou em Lisboa, na oficina de André Lobato. Estranho a esta mutiladíssima reedição das obras de seu pai se manteve Luís Vicente, que só de passagem vinha a Lisboa, como sucedeu em 1592, quando seu cunhado D. António de Almeida, talvez já então muito doente, o nomeou seu procurador para receber dos testamenteiros da infanta D. Maria o último quartel do ano anterior das tenças de suas três filhas. Recebeu Luís Vicente aqueles dinheiros e dêles passou recibo a 23 de Janeiro, assinando-o assim [3]



Teve Luís Vicente sete filhos, que eu saiba, sendo quatro do seu primeiro casamento com Mor de Almeida, e três do segundo com Joana de Pina. De sua terceira mulher Isabel de Castro não teve filhos, pelo menos não constam do Inventário ainda em aberto muitos anos depois do falecimento de seu marido. Os filhos do primeiro matrimónio foram: Gil Vicente de Almeida, nascido em 1553; Bernardim Borges, nascido antes de 1570, era solteiro e morador no lugar do Mosteiro de Matacães, quando foi nomeado em 1595, por morte de seu pai, tutor dos três menores seus meios irmãos, tutoria que lhe foi tirada em 1599 por ser solteiro e se ausentar repetidas vezes; Jerónimo de Almeida, baptizado em 1568, a quem seu pai em 1584 ainda devia a legítima materna; e Maria, nascida em 1565, era em 1584 freira professa no mosteiro de Santa Iria de Tomar, e o pai também lhe devia então parte da sua legítima materna. A Gil Vicente de Almeida me tornarei a referir; de seus irmãos mais nada sei.

Os filhos do segundo matrimónio foram: Martim Barreto de Pina, nascido

---

[1] Inventário cit., em SANCHES DE BAENA, *Gil Vicente*, pág. 100.
[2] *Idem, ibi*, pág. 107.
[3] GOMES DE BRITO, *As tenças da Infanta D. Maria*, no ARCH. HIST. PORT., vol. V, pág. 308.

Digitized by Google

em 1578, era já casado em Janeiro de 1602, morador em Tôrres Vedras em 1604 e lá escrivão do juiz dos orfãos em 1617; Francisco de Aguiar, nascido em 1580, foi servir à Índia e lá morreu antes de 1604, no primeiro assalto do Cunhal; e Damião de Aguiar, nascido em 1583, já em 1605 andava na Índia e lá morreu na guerra de Malaca, antes de 1617. Êstes dados constam do referido Inventário. Segundo Sanches de Baena, Martim Barreto havia casado a 12 de Novembro de 1601, em Tôrres Vedras, com Leonor de Faria, dotada com o ofício de escrivão dos orfãos daquela vila, no qual o marido foi encartado a 29 do mesmo mês. Era filha de Pero Godinho, escrivão dos orfãos de Tôrres Vedras em 1583, e de sua mulher Maria de Faria, a quem, por alvará de 25 de Fevereiro de 1600, fôra feita mercê do ofício para a pessoa que casasse com sua filha. Morreu Martim Barreto em Tôrres, no ano de 1621, deixando descendência [1].

Gil Vicente de Almeida, primeiro filho de Luís Vicente, foi baptizado em Dezembro de 1553. Não estava no lugar do Mosteiro de Matacães quando seu pai morreu em 1595, e só voltou d'ali a quatro anos, sendo nomeado pelo juiz dos orfãos, em 13 de Janeiro de 1599, tutor dos três menores seus meios irmãos. Só com repugnância e constrangido aceitou a tutoria, pois alegava que a fazenda dada aos orfãos por morte de sua mãe lhe pertencia e a queria reivindicar [2]. Continuou sempre a morar no referido lugar do Mosteiro, onde durante os anos de 1600 a 1618 cultivou por sua conta as terras de seu meio irmão Damião, ausente na Índia. Em Agosto de 1604, depondo no processo do inventário de sua madrasta, intitula-se fidalgo da casa del Rei e declara passar de quarenta anos [3], quando na realidade já tinha cinqùenta. Casou, conforme dizem os nobiliários, com Maria Tavares e dela teve a D. Antónia de Almeida, mulher de seu primo com irmão D. Luís de Meneses, de quem viveu apartada [4].

Com êste Gil Vicente de Almeida dá-se um caso bem pouco esclarecido ainda, me parece.

Faria e Sousa diz ser o auto intitulado *Don Luís de los Turcos*, obra de Gil Vicente, o moço, filho de Gil Vicente, «el que escribió tantos Autos, y que tan estimados fueron poquissima causa: podiendolo ser con mucha los de su hijo, si el ubiera escrito muchos tales como este; que tambien por esso se pudo presumir seria del Infante don Luís [5].» A seguir transcreve dez versos em português, os quais diz serem dêste auto ou pelo menos dêste poeta e continua com a infame calúnia a que já aludi [6]. D'aqui passou para a *Bibliotheca lusitana* a noticia do auto e a insinuação caluniosa, ampliada a primeira com alguns dados biográficos, o nome da mãe, Branca Bezerra, e bibliográficos nestas palavras: «entre muitos autos que deixou escritos merece a primazia o que intitulou *D. Luis de los Turcos*». Ora, nem o segundo Gil Vicente era filho do primeiro, mas sim neto, nem mais ninguêm anteriormente o dá por autor do tal auto. Está êle completamente perdido, declara o dr. Teófilo Braga [7], não se podendo

---

[1] Sanches de Baena, *Gil Vicente*, pág. 17, com as modificações derivadas dos docs. pelo próprio autor publicados, nas págs. 118 e 120, mas não aproveitados.

[2] Cit. Inventário, em Sanches de Baena, *Gil Vicente*, pág. 101.

[3] *Idem, ibi*, págs. 107, 108 e 115.

[4] Num *Livro de gerações deste Reino*, ms. de 1626 (cfr. no *Arch. hist. port.* VI, 294), no vol. II, fl. 80, lê-se à margem: «Dom Luis de Meneses filho deste dom Antonio he casado com dona filha de de quem uiue apartado.»

[5] *Rimas varias de Luis de Camões*, I, 338.

[6] Na pag. 54.

[7] *Historia da literatura portuguesa*, II, 818.

Digitized by Google

porêm duvidar da sua existência, pois que ela nos é revelada no *Index* de 1624, no qual, sem se nomear o autor, foi o auto proíbido [1].

Quanto à outra prova aduzida por Sanches de Baena e depois aproveitada pelo dr. Teófilo Braga, para afirmarem haver Gil Vicente de Almeida composto autos [2], não tem valia nenhuma. Foram buscá-la a um códice da Colecção Pombalina da Biblioteca Nacional de Lisboa, no qual se encontram apenas umas notas genealógicas muito sumárias, escritas não se sabe por quem nos fins do século XVIII, nas quais se confunde Gil Vicente de Almeida com o poeta Gil Vicente, a quem se não nomeia. Se mais nenhuma prova existe, além das insinuações de Faria e Sousa e das confusões do tal ms., havemos forçosamente de lançar à conta de fábula a veia poético-dramática atribuida a Gil Vicente de Almeida.

Valéria Borges, a última filha de Gil Vicente, é possível que tivesse nascido antes de 1525, como quere o general Brito Rebêlo [3], mas pouco provável me parece, pois que, sendo assim, viria a casar pela primeira vez em 1552, aos vinte e oito anos, idade já um pouco adiantada para uma rapariga sem dote; e a segunda muito perto dos quarenta, nas proximidades de 1565, com um rapaz de vinte e cinco anos quando muito, como logo veremos. Por estes motivos, julgo estar mais próximo da verdade, trazendo o nascimento de Valéria Borges para um ano chegado ao de 1530, apesar dos setenta anos do pai. Seja porêm como fôr, o certo é já ela ser madrinha de uma criança em 14 de Outubro de 1551 e doutra a 3 de Maio do ano seguinte [4]. Neste mesmo ano, a 10 de Julho, casou com Pero Machado, sendo testemunhas, entre outros, Francisco Álvares e Luís Vicente, irmãos dos nubentes [5]. Pero Machado era moço da câmara rial e irmão de Cristóvão Machado, casado com Mecia Pinta; tinha ainda outro irmão casado com Joana Correia, o qual deveria ser o acima referido Francisco Álvares [6].

D. João III, «havendo respeito aos serviços que me tem feitos Gil Vicente», fizera mercê a sua filha Valéria Borges, para a pessoa que com ela casar, do ofício de juiz da alfândega de Gogala (Diu) por tempo de quatro anos, «pôsto que per meu regimento houvessem de ser três anos sómente». O alvará só foi assinado no dia imediato ao do casamento [7], e a carta de mercê do ofício a Pero Machado, «por respeito de ser casado com Valéria Borges», foi passada a 15 de Fevereiro do ano seguinte [8], o mesmo em que, a 7 de Agosto, se baptizou Paula, filha dos recem-casados [9]. Da criança foram padrinhos Francisco de Gusmão, mordomo mor da infanta D. Maria, e uma sua dama estrangeira, com o nome estropiado em Gedrum; talvez, quem sabe? a moça da câmara Gidine

---

[1] «Auto dos cativos chamado de *Dom Luys, e dos Turcos*» é proíbido (*Index auctorum damnatæ memoriæ*, Lisboa, 1624, pag. 95).

[2] SANCHES DE BAENA, *Gil Vicente*, pag. 13; TEÓFILO BRAGA, *Hist. da literatura portuguesa*, II, 316.

[3] *Gil Vicente*, ed. de 1912, pág. 142.

[4] *Registo da freguesia de Santa Cruz*, págs. 18 e 21.

[5] *Ibidem*, pág. 167.

[6] *Ibidem*, passim.

[7] Doc. XVIII.

[8] Doc. XIX.

[9] «E logo no mesmo dia [7 de Agosto de 1553]... bautizei Paula, filha de Pero Machado e de Valéria Borges, sua mulher, foram padrinhos Francisco de Gusmão e Álvaro Peres, madrinha Gedrũ, dama da infanta D. Maria...» (*Registo de Santa Cruz*, pág. 26).

Digitized by Google

(outro nome extravagante) de Ponte, irmã de Joannes, tangedor, mencionada no livro das moradias de 1543 [1]. Uma coisa se há de deduzir sem dúvida do exposto; é que na escolha dos padrinhos se vê já a influência de Paula Vicente em casa da Infanta.

Em 1555, a 20 de Fevereiro, baptizou-se um filho de Cristóvão Machado, irmão de Pero Machado, e foram madrinhas Joana Correia e Valéria Borges, «cunhadas do pai da criança [2]». Ainda então seria vivo o primeiro marido da filha mais nova de Gil Vicente, a qual contudo pouco depois enviuvou e não tardou muito em tornar a casar. O seu segundo marido foi D. António de Almeida; isto é certo, na data porêm do casamento é que algumas dúvidas existem.

O general Brito Rebêlo, no seu primeiro *Gil Vicente*, marcou para o segundo casamento de Valéria Borges os anos de 1555 a 1557 e êste último para o nascimento da mais velha das suas filhas, D. Beatriz de Meneses, em quem sua tia Paula Vicente, por instrumento de 4 de Novembro de 1572, nomeou uma tença de doze mil reais, «pera com isso se meter freira», devendo a sobrinha a êsse tempo ter quinze anos pouco mais ou menos [3]. Veio depois o sr. Gomes de Brito e nos vols. V e VI do *Arch. hist. port.*, publicou uns interessantes artigos intitulados *As tenças testamentárias da Infanta D. Maria.* Por êles se viu que ainda em 1597 quem recebia a tença daquela filha e a doutra, era D. Valéria, na qualidade de sua «mãe e tutor», devendo portanto D. Beatriz ter então menos de vinte e cinco anos. Em vista disto, o General, no seu segundo *Gil Vicente*, transportou a data do nascimento daquela menina para o ano de 1572 [4], em Novembro do qual, estando ela portanto ainda no bêrço, sua tia Paula lhe nomeou a tença. Não havia o sr. Gomes de Brito porêm, apesar de se preocupar do mesmo modo com êste caso, publicado, juntamente com o caderno do ano de 1597 das tenças da Infanta, as datas dos recibos de D. Valéria, e por elas veria e mostraria ao General que, em 21 de Abril de 1598, ainda aquela senhora assinara o recibo pela filha que, nêste caso e mantendo-se o pressuposto, só podia ter vindo ao mundo depois de Abril de 1573, e portanto a tia Paula lhe haveria nomeado a tença para se meter freira, não no berço, mas ainda no ventre de sua mãe. Seria pois a data dêste recibo suficiente indício para mostrar aos dois distintos críticos, que as palavras «sua mãe e tutor» não se haviam de tomar na sua rigorosa acepção jurídica. Com efeito não a tinham, e as primeiras conjecturas do general Brito Rebêlo eram um pouco mais conformes à verdade. Já vou dar a prova.

A segunda filha de D. Valéria Borges, D. Helena da Silva, era maior de vinte e cinco anos em 4 de Outubro de 1592, data do instrumento pelo qual ela vendeu, sem outorga nem consentimento de sua mãe já viúva, a tença que a Infanta lhe dera [5]. Tinha portanto a segunda das filhas de D. Valéria Borges nascido antes de Outubro de 1567, visto ter já completado os vinte e cinco anos em 1592. Agora, como interpretar o sentido daquelas palavras «sua mãe e tutor»? — Que elas não têem poder para afectar a ordem cronológica, já vimos e isso era o essencial; quanto a explicá-las, talvez se possa aceitar esta conjectura. As tenças às sobrinhas de Paula Vi-

---

[1] Pág. 250, nota 6.
[2] *Registo da freguesia de Santa Cruz*, pág. 83.
[3] *Gil Vicente*, ed. de 1902, págs. 72 e 73.
[4] *Gil Vicente*, ed. de 1912, pag. 146.
[5] Doc. XXIII.

Digitized by Google

cente foram dadas pela Infanta, «pera ajuda do seu sostentamento e de se meterem freiras», por alvarás de 7 de Fevereiro de 1577, quando todas elas eram ainda menores, e por isso foram dadas, segundo se declara no fim do único daqueles diplomas que encontrei, não às raparigas, mas a sua mãe para elas, nestas palavras: «e alêm dêstes dez mil reais de tença fiz mais mercê à dita dona Valéria, por respeito dos serviços da dita sua irmã, de vinte mil rs. de tença pera duas filhas, pera ajuda de as meter freiras [1]». Recebia pois D. Valéria aqueles dinheiros para ajudar ao mantimento de suas filhas em sua casa, e para as dotar, quando quisessem tomar o veo em algum mosteiro. Em quanto o marido viveu, recebia-as êle; depois da sua morte e da profissão de uma das filhas, continuou pelas duas restantes a receber as tenças a viúva, para o fim estipulado: o sustento em casa e o dote ao entrar para um convento, passo que nenhuma destas nunca deu.

Quís deixar já êste caso arrumado, porque tudo mais da vida de Valéria Borges se deduz fácilmente dos elementos colhidos.

Pelos anos de 1565, pouco antes seria [2], realizou-se o segundo casamento daquela senhora com o já dito D. António de Almeida. Era êle o filho primogénito de D. Luís de Meneses e de sua mulher D. Brites de Aguiar, aquele, do último ramo dos Meneses chamados de Cantanhede, esta, filha de Estêvão de Aguiar, uchão de D. João III. Tomara D. António o apelido de Almeida por sua avó paterna D. Isabel de Almeida, filha de Pero Vaz de Almeida, capitão de Arguim e homem rico. Devia ser D. António muito novo quando se desposou, pois que o casamento de seu avô D. António de Meneses com a referida D. Isabel teve lugar entre 18 de Março e 1 de Maio de 1520 [3]. Deverá pois D. António de Almeida ter nascido entre 1540 e 1545, sendo uns dez a quinze anos mais novo que sua mulher. Agora, a esta ao menos, não neguem formosura, como o fazem a sua irmã Paula.

Dêste casamento nasceram sete filhos: quatro rapazes, D. Luís, D. Pedro, D. João e D. Constantino de Meneses; e três raparigas, D. Beatriz de Meneses, D. Helena da Silva e D. Mariana de Meneses [4]. D. Helena da Silva, a segunda das filhas, era já nascida antes de Outubro de 1567, como acima mostrei, devendo portanto sua irmã mais velha D. Beatriz ter, em Novembro de 1572, seis para sete anos, quando sua tia Paula Vicente, por instrumento de 4 daquele mês, nela nomeou uma tença de doze mil rs., a qual foi confirmada a D. Beatriz por alvará com força de carta geral, dado em Lisboa a 17 do seguinte mês de

---

[1] Doc. XXIII.

[2] Em 1565 possuia D. António de *Meneses* (provável confusão com o verdadeiro apelido da família que não era o de *Almeida*) umas casas na rua dos Penosinhos, onde as filhas de Belchior Vicente eram proprietárias (vidé pág. 249, nota 9). Podiam aquelas casas pertencer a Valéria Borges. A 9 de Fevereiro de 1566 era D. António de Almeida padrinho de uma criança baptizada na igreja de Santa Cruz da Alcáçova, e a 10 de Fevereiro de 1568 foi padrinho de um filho de seu cunhado Luís Vicente.— (*Registo de Santa Cruz*, cit., pág. 62 e 69).

[3] *Gente do Cancioneiro*, cit., na REVISTA LUSITANA, vol. XI, pag. 314-315.

[4] Sigo para os homens a ordem por que os encontro no meu *Nobiliário quinhentista* já por vezes citado, e para as senhoras aquela por que estão inscritas nos cadernos das tenças da infanta D. Maria dos anos de 1578, 1590 e 1591, ordem evidente das suas idades. O facto a que se refere o sr. Brito Rebêlo, na pág 132 do seu *Gil Vicente* de 1912, de em alvarás de 1598 serem D. Beatriz e D. Mariana designadas por *filha mais velha* e *filha segunda* de D. António de Almeida, não prejudica a ordem da inscrição nos cadernos referidos. Aquelas duas filhas eram então a *primeira* e a *segunda*, porque a nascida entre elas morrera para o mundo, sepultara-se em vida, no ano de 1592, no mosteiro das Descalças de Sacavêm.

Digitized by Google

Dezembro, e mandada pagar anualmente no recebedor do um por cento e obras pias [1].

Por então, em Outubro de 1574 e tempos anteriores, vivia D. Valéria junto de Nossa Senhora da Graça, indo às vezes visitá-la a sua casa uma sua prima, Antónia Borges, recolhida no mosteiro das Donas de Santos, onde vivia agravada contra a comendadeira, D. Helena de Lancastre, e sua irmã D. Isabel, por a não favorecerem e lhe não fazerem pagar o tempo que tinha servido ao Mestre D. Jorge, seu pai. Como a não atendiam, foi denunciar de proposições heréticas a segunda daquelas senhoras ao P.e Mestre Frei Francisco de Bobadilha, que se apressou em transmitir a denúncia à Inquisição de Lisboa [2]. Não sei por onde vinha o parentesco desta pouco simpática sujeita com a filha de Gil Vicente.

Na mesma casa da Graça continuaria D. Valéria Borges a viver e lá padeceria o desgôsto de saber da morte de sua irmã Paula, finada em um dos anos de 1572 a 1576, deixando tão recomendadas suas três sobrinhas à infanta D. Maria, que esta por outros tantos alvarás de 7 de Fevereiro de 1577 arbitrou a cada uma delas, em sua vida, uma tença de dez mil reais [3]. Faleceu a Infanta a 10 de Outubro e no *Titollo das tenças que a Iffante dona maria que Deos tem deixou as pessoas abaixo declaradas. 1578* [4]. nas fls. 49 v. e 50 lê-se:

Jt Dona Britiz de menesses filha de dom Amttonio dalmeida / tem dez mill Rs de tença em cada hũ anno em sua vida / por Respeito Dos seruiços de paula viçente sua tia. 10U—

Jt Dona Ilena / filha do dito dom Antonio / tem dez mill Rs de tença em cada hũ ano em sua vida por Respeito de paula viçente sua tya . . . . . 10U—

Do primeiro de Janeiro de 593 ẽ diante não ha mais daver a dita dona Jlena estes x mill rs. por os vemder a joana jnacia como em sua carta he declarado.

Jt Dona Mariana / filha do dito Don Antonio dalmeida / tem dez mill Rs de tença em cada hũ ano em sua vida / por Respeito de paula Viçente sua tia . . . . . 10U—

Continuam as três irmãs inscritas nos cadernos das tenças de 1590 e 1591, recebendo nestes anos a importancia delas seu pai, ou directamente, ou por procurador, sendo-o para o último quartel de 1591 seu cunhado Luís Vicente [5]. No caderno de 1593 já se inscreveram só as duas irmãs Beatriz e Mariana, porque Helena havia vendido a sua tença [6]; nos de 1596 e 1597 sucede o mesmo e em todos estes anos é D. Valéria Borges que por seu procurador recebe o dinheiro

---

[1] Doc. XXII.

[2] *Livro de Denunciações do Anno de 1560*, n.º 106, fls. 296, extratado pelo DR. ANTÓNIO BAIÃO, na *Inquisição em Portugal e no Brasil*, a pág. 159 do vol. VII do *Arch. hist. port.*

[3] Doc. XXIII e cit. liv n.º 720 do Arquivo dos Feitos Findos, fl. 73 e 73 v.

[4] Arquivo dos Feitos Findos, liv. n.º 720, fl. 47. — No mesmo, nas fls. 73, 73 v. e 74, lançaram êstes três assentos:

«Dona Britiz de Menezes, sobrinha de Paula Viçente que foi moça da Camara da Iffante, tem dez mil rs de tenca em sua vida per aluara da ditta Sra feito a 7 de feuereiro de 577 — E esta registado no L. 5 fl. 163 — *Antonio da Fonseca.*

«Dona Mariana de Menezes, sobrinha de Paula Vicente que foi moca da Camara da Iffante, tem dez mil rs de tenca em sua uida per aluara da dita Sra feito a 7 de feuereiro de 577 o qual esta registado no L. 5 fl. 164 — *Antonio da Fonseca.*

À margem: faleceo.

«Joana Inacia filha de Luis gomez angel morador nesta cidade, tem dez mil rs. de tenca, em sua uida que dona Ilena da Silva sobrinha de Paula Vicente, que foi moca da Camara da Iffante, nella renunciou com licenca dos testamenteiros por prouisão feita a 24 de Outubro de 592 — que esta registada neste liuro a fl 239 — *Antonio da Fonseca*».

[5] GOMES DE BRITO, *As tenças testamentárias da Infanta D. Maria*, no *Arch. hist. port.*, vol. V, págs. 118 e 308.

[6] *Ibidem*, pág. 380.

Digitized by Google

das tenças das filhas [1]. Em 1610 já foram as tenças pagas directamente a D. Beatriz de Meneses e a D. Mariana, que as mandaram receber por seus procuradores [2]. No ano de 1613 também as tenças foram pagas às duas irmãs, mas não me consta por quem as receberam [3], por isso que o respectivo caderno não aparece; encontrei porêm o de 1623 no Arquivo da Relação de Lisboa e nêle ainda vem inscritas as duas irmãs: «Dona Britiz de Menezes, sobrinha de Paula Vicente, que foy moça da Camara de sua .A. ha da uer dez mil rs. de tenca, em sua uida»; a seguir idênticos dizeres para D. Mariana de Meneses. O primeiro quartel receberam elas por um criado de D. Luís de Meneses seu irmão, os outros por um António de Alcobia, morador nesta cidade ao Grilo, passando recibo do último a 18 de Janeiro de 1624.

Para agrupar todas as informações relativas às tenças usufruídas pelas três filhas de D. Valéria, quebrei a linha cronológica e tenho agora de tornar atrás.

A 23 de Janeiro de 1592 ainda D. António de Almeida era vivo, por isso que nesse dia seu cunhado Luís Vicente, com procuração sua, recebeu o último quartel do ano anterior das tenças das sobrinhas [4]; todavia a 24 de Setembro do mesmo ano já era finado. Consta de um alvará daquela data pelo qual o Arcebispo de Lisboa, na qualidade de testamenteiro da infanta D. Maria, autoriza D. Helena da Silva, «filha de dõ António de Almeida, que Deos haja», a vender a sua tença de dez mil réis «por ora estar concertada pera se meter freira no mosteiro de nossa Senhora dos Mártires de Sacavêm... pera ajuda de se fazer prestes [5]». A seguir, por escritura feita em Lisboa a 4 de Outubro, vendeu D. Helena da Silva os dez mil réis de tença à já referida Joana Inácia. Na escritura, como lá acima ficou notado, nenhuns vestígios existem da interferência de D. Valéria Borges dando seu consentimento para a filha poder vender, pelo que se há de entender ser ela já de maior idade.

Viúva, e com perto de setenta anos, tratou D. Valéria Borges de transferir às filhas umas tenças de dez mil réis e de dois moios de trigo, que recebia nas Obras Pias. Por alvará de lembrança de 20 de Outubro de 1597 os Governadores, em nome del Rei, autorizaram D. Valéria, «havendo respeito aos serviços de dom António de Almeida, que Deos perdoe», a renunciar os dez mil réis em uma das suas filhas, «que quer meter freira». Alcançada a autorização, ainda D. Valéria protelou a renúncia até Julho do ano seguinte, em que, no dia 21, assinou em Lisboa o instrumento de renunciação a favor de sua filha D. Beatriz de Meneses. A esta foi passada, em 5 de Setembro do mesmo ano de 1598,

---

[1] GOMES DE BRITO, *As tenças da Infanta*, cit., vol. VI do *Arch. hist. port.*, págs. 29 e 286.

[2] *Conta do thesoureiro Fernão Lopez do anno de 610*, liv. n.º 722 do Arquivo dos Feitos Findos, na fl. 13 v.:

«Jt x mill rs que pagou a dona Britis de menezes e asinarão na folha ioão Caldeira guiomar fernandez Antonio Luis e dom joão de menezes seu jrmão por procurações suas.

«Jt x mil rs que pagou a dona mariana que tẽ de tença em vida e asinarão na folha Antonio Luis de Gouuea e Dom João de menezes.»

[3] *Conta da receita e despesa que no anno de 1613 os testamenteiros da infanta carregaram sobre o tesoureiro de sua fazenda*, liv. n.º 723 do Arquivo dos Feitos Findos, na fl. 14:

«Jt x mil rs. — A Dona Britis de menezes de sua tença em Vida per adição da folha em serviço fl. 7.

«Jt x mil rs — A dona mariana de sua tença em Vida per adição da folha em serviço fl 8.»

[4] GOMES DE BRITO, *As tenças da Infanta*, cit., vol. V do *Arch. Hist. Port.*, pág. 308.

[5] Doc. XXIII.

Digitized by Google

provisão para do 1.º de Janeiro do ano seguinte em diante haver em sua vida os dez mil rs. pagos no tesoureiro das Obras Pias [1]. No mesmo dia 5 de Setembro foi dada outra provisão dos dois moios de trigo a D. Mariana de Meneses, os quais nela renunciara sua mãe, também «pera com isso se poder recolher em um mosteiro [2]». Pouco depois disto morreu D. Valéria Borges, de quem mais nenhumas notícias tenho, sendo para notar a coincidência de serem as duas tenças, que ela recebia na Obra Pia e traspassou nas filhas, exactamente iguais às duas concedidas por cartas de 30 de Março de 1552 a sua cunhada Guiomar Tavares, viúva de Belchior Vicente, e à filha dêles, Paula Vicente [3]. Mera casualidade?

Morreu D. Valéria e as suas duas filhas, Beatriz e Mariana, apesar de haver já mais de um quarto de século que andavam a fazer-lhes doações para se meterem freiras, continuavam leigas; leigas ainda eram em 1624 e leigas ficaram toda a vida. Também não admira muito a falta de vocação para monjas, em netas de Gil Vicente.

De uma observação posta à margem do averbamento da tença de D. Mariana de Meneses, deve-se depreender ter ela falecido antes da irmã [4].

Quanto aos filhos de D. Valéria Borges só tenho notícias pelos nobiliários e muito resumidas. D. Luís de Meneses, o primogénito, reivindicou para si a administração do morgado de Tamugem ou Terrugem e casou com sua prima com irmã D. Antónia de Almeida, filha de Gil Vicente de Almeida, da qual teve descendência por linha feminina. D. Pedro de Meneses, sem mais notícia. D. João de Meneses serviu nas armadas e em 1610 recebeu as tenças de suas irmãs. D. Constantino de Meneses, se não há confusão com outro do mesmo nome, ou êrro na data, foi capitão de um galeão que se perdeu em 1580, salvando-se êle com pouca gente no batel; posteriormente passou à India com o despacho de capitão de Chaul. Seria um dos fidalgos que em 1614 embarcaram em Goa na armada do comando de Francisco de Miranda Henriques destinada a Cochim [5]. Parece ter morrido casado, mas sem deixar descendência, como também sucedeu a seus dois irmãos, Pedro e João.

Eis tudo quanto pude apurar a respeito dos filhos e netos de Gil Vicente; quanto a seus bisnetos e mais descendentes já nos não interessam.

---

1 Doc. XXV.
2 *Chancelaria de D. Felipe II*, liv. 7.º de *Doações*, fl. 34.
3 Docs. XVI e XVII.
4 Vidé na pág. 266, nota 4.
5 ANTÓNIO BOCARRO, *Década 13 da História da Índia*, pág. 236.

Digitized by Google

UNIV. OF
CALIFORNIA

Digitized by Google

Título do primeiro livro das obras de Gil Vicente da primeira edição, de 1562.

Digitized by Google

VI

Tentativa bibliográfica

Neste capítulo vou entrar em matéria para que, desde já o declaro, me não sinto convenientemente preparado. Para a poder tratar com suficiência seria indispensável ter, durante largo tempo, procedido a buscas especiais por bibliotecas públicas e particulares, ter tomado sucessivas notas de indicações encontradas em livros e catálogos nacionais e estrangeiros, e, na verdade, nada disso tenho feito. Reconheço, não obstante, ser imprescindível deixar aqui do assunto as poucas informações colhidas e fá-lo-hei reconhecendo a sua diminuta valia.

As obras de Gil Vicente dividem-se, para estudo bibliográfico, em duas classes distintas: as compilações; as impressões avulsas. A primeira relativamente fácil é de expôr; a segunda dificílima, sendo talvez impossível a ninguêm apresentá-la completa. Compreende-se perfeitamente que, tendo entrado as composições do nosso primeiro poeta dramático na categoria da literatura pitorescamente chamada de cordel, muitas edições delas se fizeram que se perderam, sem deixar vestígios. Pôsto isto, entrarei na matéria do capítulo sem mais preâmbulo.

Em 1561, provávelmente depois de concedido a Paula Vicente o alvará de 3 de Setembro de privilégio para a impressão e venda das obras de seu pai, foi Luís Vicente, de acôrdo com sua irmã, entregar a João Álvares, impressor del Rei na Universidade de Coímbra, para na sua oficina ser estampado, o manuscrito das obras de Gil Vicente divididas em cinco livros. Começou-se logo a compôr o livro primeiro naquela cidade, e lá se concluiu a sua impressão no ano seguinte; a dos outros livros passou porêm para Lisboa, onde ela, na tipografia do dito João Álvares, se continuou e finalizou a 12 de Setembro do mesmo ano de 1562. Saíu com os seguintes título e disposição:

Copilacam de || todalas obras de Gil Vicente, a qval se || reparte em cinco livros O primeyro he de todas || suas cousas de deuaçam O segundo as comedias. O terceyro as || tragicomedias. No quarto as farsas. No quinto as || obras meudas. || *Armas riais gravadas em madeira, tendo à direita do elmo a esfera armilar e à esquerda a cruz de Cristo, tudo dentro duma tarja quadrangular* ¶ Empremiose em a muy nobre & sempre leal cidade de Lixboa || em casa de Ioam Aluarez impressor delRey nosso senhor || Anno de M D LXII || ¶ Foy visto polos deputados da sancta Inquisiçam. || Com privilegio real || ¶ Vendem se a cruzado em papel, em casa de Francisco fernandez na rua noua [1]. *O verso do frontispício em branco.*

Seguem-se mais três fôlhas não numeradas, quatro fôlhas preliminares ao

---

[1] Est. IV.

Digitized by Google

todo. Na segunda destas está o Priuilegio [1]. *No verso a* ¶ Taboada do liuro primeyro das obras de deuaçam:..... Taboada do segundo liuro das comedias..... Taboada do liuro terceyro, que he das tragicomedias..... *A terceira fôlha contêm* ¶ Taboada do quarto liuro, que he das farsas..... Taboada das obras do quinto liuro..... ¶ Fim da taboada. *No verso desta fôlha:* ¶ Prologo deregido ao muyto alto & poderoso Rey nosso Se- || nhor dom Sebastiam o primeyro do nome, || per Luís vicente [2]. *A quarta fôlha:* ¶ Prologo em que o autor deregia esta copia de suas obras ao muy- || to alto & excelso Principe elRey dom Ioam o terceyro de- || ste nome em Portugal [3]. *O verso em branco.*

Na fôlha 1 n. n., dentro de uma portada gravada em madeira: Come || cam as obras || de deuaçam. || Livro pri- || meyro. || M.D.LXI [4]. *Continuam até à fôlha 86 marcada por êrro 77, terminando com o seguinte colofon:* Laus & honor tibi sit Rex || Christe Redemptor. || ¶ Impresso em a muy nobre & sempre leal ci- || dade de Coimbra per Ioão Aluarez, || impressor del Rey N. S. || M.D.LXII. || Com priuilegio || Real.

Na fôlha 87 n. n., no recto, dentro de portada gravada em madeira: Livro se || gvndo, qve he das || comedias. || ¶ Segue se o segundo liuro das comedias, & esta || primeyra he repartida em tres cenas. Foy || feyta ao muyto poderoso & nobre || Rey dom Ioam o terceyro, || sendo principe. Na era || do Redemp- || tor de || M.D.XXI [5]. *No verso começa a comédia. Termina o livro na fôlha 122 com esta subscrição:* ¶ Fim do segundo liuro. || Lavs Deo. *O verso da fôlha 122 está em branco.*

Na fôlha 123 n. n., dentro de portada igual à do livro segundo, está: Come || çam as obras do || liuro terceyro que he das || Tragicomedias. || ¶ E esta primeyra he sobre os amores de || dom Duardos principe de Inglater- || ra, com Flerida filha do Em- || perador Palmeyrim de Cõ- || stantinopla. Foy repre || sentada ao sere- || nissimo || Prin- || cipe & poderoso Rey dom || Ioam o terceyro deste || nome em Por- || tugal. *No verso começa a tragicomédia e termina o livro no recto da fôlha 190, com estas palavras:* ¶ E com esta musica & dança se sayram & fenece esta vltima Tragico || media do liuro terceyro || Finis. *O verso da fôlha 190 está em branco.*

Na fôlha 191 n. n., dentro de portada igual à dos dois precedentes livros, lê-se: Come || cam as obras do || quarto liuro, em que se con || tem as farsas.·. || ¶ Este nome da farsa se- || guinte, quem tem farelos, pos lho o vulgo. He o || seu argumento, que hum escudeyro mancebo || per nome Ayres rosado, tangia viola, & a esta || causa ainda que sua moradia era muyto fraca, cõ || tinuadamente era namorado. Tratase aqui de || hũs amores seus per cinco figuras .s. Ordonho, || Apariço, Ayres rosado, Isabel, & hũa velha sua || mãy. Foy representada na muy nobre & || sempre leal cidade de Lixboa, ao muy- || to excelente & nobre Rey dom || Manoel primeyro deste nome || nos paços da ribeyra. Era || do Senhor, de || M.D.V. Annos. *No verso começa a farsa e o livro estende-se até à fôlha 249 verso, terminando com estas palavras:* ¶ Fim do quarto liuro das farsas.

Na alto da fôlha 250, sem frontispício especial, abre o quinto livro com estas palavras: Começam as obras do quinto liuro que he das trouas || & cousas meu-

---

[1] Doc. XX.
[2] Doc. XXI.
[3] Doc. XIII.
[4] Est. VI, em frente da pag. 269.
[5] Est. VII.

Digitized by Google

UNIV. OF CALIFORNIA

EST. VII

LIVRO SE
GVNDO. QVE HE DAS
COMEDIAS.

¶Segue se o segundo livro das comedias, & esta primeyra he repartida em tres cenas. Foy feyta ao muyto poderoso & nobre Rey dom Ioam o terceyro, sendo principe. Na era do Redemptor de
M. D. XXI.

Portada do segundo livro das obras de Gil Vicente da primeira edição, de 1562.

Digitized by Google

UNIV. OF
CALIFORNIA

Digitized by Google

UNIV. OF CALIFORNIA

Digitized by Google

UNIV. OF CALIFORNIA

LIVRO SEGVNDO. 7

¶Vem as moças vestidas de gala, & entra o clerigo com o viuuo, & diz o clerigo desposandoos.

¶Este sancto sacramiento
magnificos desposados
es precioso ayuntamiento
Dios mismo fue el instrumento
delos primeros casados.
Por su boca son sagrados
seran dos en carne vna,
benditos del sol y luna
en vn amor conseruados.

¶El señor sea con vos,
las manos aqui poneis,
y dezid nombre de Dios
don Rosuel recibo a vos
&c. ya lo sabeis
y aquel dicho de Noe
le dixo Dios multiplicad,
enchid la tierra y holgad
con salud que Dios os de.
¶Aqui se acabou. Laus Deo.

Comedia representada ao muyto alto, poderoso, & não menos Christianissimo Rey dom Ioão o terceyro em Portugal deste nome. Estando na sua muyto honrrada nobre & sempre leal cidade de Coimbra. Na qual Comedia se trata o que deue significar aquella Princesa, Lião, & serpente, & calez ou fonte que tem por deuisa, & assi este nome Coimbra donde procede, & assi o nome do rio & outras antiguidades a que nam he sabido verdadeyramente seu origem, tudo composto em louuor & honrra da sobredita cidade. Feyta & representada era do Senhor de M. D. XXVII.

¶Figuras della.

¶Peregrino, Laurador, Ermitão, Celiponcio, Liberata, Galameno, Heridea, Mõderigon, Melidonio, Colimena, Perigeria, Belicrasta, Siluenda, Sossideria, os quatro yrmãos.

¶Argumento da Comedia seguinte per hum peregrino.

¶Pois que o honor do mundo presente
se daa com razam aa antiguidade,
infinita honrra tem esta cidade
segundo se escreue copiosamente.
E a honrra mayor
he, que o altissimo Emperador
vossas Magestadas, a sacra Emperatriz,
a alta Duquesa dona Beatiz,
se sois sacros fructos, daqui foy a flor.

¶Tambem a Raynha que he Dinglaterra,
e a verdadeyra Raynha de França
a quem Deos Deos nosso dee tanta bonança

Página interior (fl. 106 v.) da primeira edição das obras de Gil Vicente, de 1562.

Digitized by Google

das. *Termina o livro no recto da fôlha 262, assim:* Fim do quinto liuro o qual vay tam || carecido destas obras meudas porque || as mais das q̃ o autor fez desta calidade || se perderam. *Por baixo, dentro de uma tarja gravada em madeira, lê-se um epitáfio precedido desta epígrafe:* Sepultura de Gil Vicemte [1].

No verso desta fôlha 262, última do livro, lê-se: ¶ Acabouse de emprimir esta copilaçam das obras de Gil vicente em Lixboa || em casa de Joam Aluarez impressor delRey nosso senhor na vniuersidade de Co || imbra aos .xij. dias do mes de Setembro de M.D.Lxij. annos. Vam nestes ca || bos assinados todos os liuros por Luis vicẽte, por se nã poderẽ empremir || nem vender outros per outras pessoas que nam tem o preuilegio || de sua alteza que no principio vay impresso, porque soomẽ || te os que forem assinados se conheceram serẽ desta im- || pressam e per licença da pessoa a quem se o pri- || uilegio concedeo. Achar se ham neste liuro || algũs erros, assi de faltas de letras, como || tãbem algũas mudadas: porem sam tã || conhecidos os erros, que facilmen || te poderaa o discreto lector su || prilos. E por tanto se nam || faz aqui errata delles || porq̃ parece q̃ yr || buscar o erro || ao fim do || liuro || he cousa muy prolixa. || Laus Deo. *Por baixo a assinatura autógrafa*: Luis Vicente, *como milhor se verá na Est. V.*

Caracteres romanos no frontispício geral e nos dos quatro primeiros livros, na Taboada, no Prólogo do autor, nas rúbricas iniciais das peças, nas intercaladas no texto delas, e nas cotas marginais a algumas trovas, tudo mais em caractéres góticos; quási sempre impresso a duas colunas; algumas letras iniciais ornadas [2]*; numeração no recto das fôlhas, caracteres arábicos até à fôlha 9 inclusivé, e daí em diante romanos. Na fl. 25 v., no fim do* Auto da Mofina Mendes, *vê-se uma gravura em madeira reproduzida na Est. IX.*

O livro I, das «obras de devaçam», contêm:

Monólogo da Visitação, rúbrica: — Por qvanto a obra de devaçam seguinte procedeo de hũa visitaçam que o autor fez ao parto da muyto esclarecida raynha dona Maria, & nacimento do muyto alto e excelente principe dom Ioam o terceyro em Portugal deste nome. Se põe aqui primeyramente a dita visitaçam por ser a primeyra cousa que o autor fez, & que em Portugal se representou, estãdo o muy poderoso rey dom Manoel & a raynha dona [Lianor sua irmaã, e a iffante dona] Breytiz sua mãy, & a senhora Duqueza de Bragãça sua filha, na segunda noyte do nacimento do dito senhor. E estando esta cõpanhia assi junta entrou hum vaqueyro, dizendo,... *(fl. 1 v.)*

Fecho: Entràram certas figuras de pastores, & offereceram ao principe os ditos presentes. E por ser cousa noua em Portugal, gostou tanto a Raynha velha desta representaçam, q̃ pedio ao autor que isto mesmo lhe representasse às matinas do Natal, enderençado ao nacimento do Redemptor. E porque a substancia era muy desuiada, em lugar disto fez a seguinte obra. *(fl. 2.)*

Auto Pastoril Castelhano, argumento: — Entra primeyramente hum pastor inclinado à vida contemplatiua, & anda sempre solitario. Entra outro que o reprende disso. E porque a obra em si, dali a diante vay muy declarada, nam serue mais argumento. *(fl. 2.)*

Fecho: Vam se cantando. Laus Deo. *(fl. 5.)*

Auto dos Reis Magos, rúbrica: — A Dita señora Raynha muyto satisfeyta desta pobre cousa, pedio ao autor que pera dia dos Reys logo seguinte lhe fizesse outra obra. E fez a seguinte, cuja introduçam he, que hum pastor determinou de yr a Belem & errou o caminho, & entra dizendo... *(fl. 5 v.)*

Fecho: E cantando assi todos juntamente, offerecem os Reys seus presentes. E assi muyto alegremente cantando se vam. E acaba em breue, porque nam ouue espaço pera mais. *(fl. 7 v.)*

---

[1] Est. x, em frente da pág. 243.

[2] Est. VIII na qual se vêem exemplos de todas as formas da composição tipográfica.

Digitized by Google

Auto da Sibila Cassandra, rúbrica:—A Obra seguinte foy representada aa dita Senhora no mosteyro Dẽxobregas nas matinas do Natal. Trata se nella da presunçam da Sebila Casandra, que como per spirito prophetico soubesse o misterio da encarnaçam, presumio que ella era a virgem de quem o Senhor auia de nacer. E com esta openiam nunca quis casar. A qual Casandra entra em figura de pastora, dizendo... *(fl. 8.)*
Fecho: Laus Deo. *(fl. 13.)*

Auto da Fé, rubrica: — A Seguinte representação foy representada em Almeyrim, ao muy poderoso Rey dom Manoel. Cuja inuençam he. Que estando nas matinas do Natal. Entrã dous pastores cimpres na capella, & estando marauilhados no pontifical de todas aquellas cousas, entra a Fee que lhe declara a significaçam dellas.

¶ Entra primeyro hum pastor chamado Bras, & vendo assi aquella festa chama seu companheyro, dizendo... *(fl. 13 v.)*
Fecho: Cantam a quatro vozes hũa ensellada que veyo de França, & assi se vão com ella, & acaba a obra. Laus Deo. *(fl. 15 v.)*

Auto dos Quatro Tempos, rúbrica: — Esta seguinte obra se chama dos quatro tempos, foy representada ao muy nobre & prospero Rey dom Manoel na cidade de Lisboa, nos paços Dalcaceua na capella de sam Miguel, per mandado da sobredita senhora sua yrmaã nas matinas do Natal. *(fl. 15 v.)*
Fecho: ¶ E todos assi juntamẽte com te Deum laudamus, se despedirão & derão fim a esta representação: Laus Deo. *(fl. 20.)*

Auto da Mofina Mendes, rúbrica:—A Obra seguinte foy representada ao excellente Principe & muyto poderoso Rey dom Ioão terceyro : endereçada aas matinas do Natal na era do Senhor .M D.xxxiiij. *(fl. 20 v.)*
Fecho: Tocam os Anjos seus instrumẽtos & as Virtudes cantando & os pastores baylando se vão. Laus Deo. *(Por baixo a gravura reproduzida em frente, na Est. IX.* *(fl. 25 v.)*

Auto Pastoril Portugués, rúbrica:—Avto em pastoril Portugues, representado ao muyto alto & poderoso Rey nosso Senhor dõ Ioão o terceyro em Portugal deste nome, na sua cidade Deuora per Natal, era do Senhor de M.D.xxiij. *(fl. 26.)*
Fecho: ¶ E com esta chacota se despediram. Laus Deo. *(fl. 30.)*

Auto da Feira, rúbrica:—A Obra seguinte he chamada auto da feyra. Foy representada ao muy excellente principe el Rey dom Ioam ho terceyro deste nome, na sua nobre & sempre leal cidade de Lisboa, aas matinas do Natal. Na era do Senhor de M.D.XXVII. *(fl. 30 v.)*
Fecho: Gratias agamus domino Deo nostro. *(fl. 37 v.)*

Auto da Alma, rúbrica:—Este auto presente foy feyto aa muyto deuota raynha dona Lianor, & representado ao muyto poderoso & nobre Rey dom Emmanuel seu yrmão por seu mandado, na cidade de Lisboa nos paços da ribeyra, em a noyte de endoenças. Era do Senhor de M.D. & viij. *(fl. 38.)*
Fecho: ¶ E todos com a alma, cantando, Te Deum laudamus, foram adorar ho muymento. Lavs Deo. *(fl. 43 v.)*

Auto da Barca do Inferno, rúbrica: — Representase na obra seguinte hũa prefiguração, sobre a regurosa acusaçam que os immigos fazem a todas as almas humanas, no ponto que por morte de seus terrestes corpos se partem. E por tratar desta materia, põe o autor por figura que no dito momento ellas chegão a hum profundo braço de mar, onde estam dous bateis: hũ delles passa pera a gloria, o outro pera o purgatorio. He repartida em tres partes .s. de cada embarcaçam hũa cena. Esta primeyra he da viagẽ do inferno, trata se pollas figuras seguintes. Primeyramente a barca do inferno, arraiz & barqueyro della diabos. Barca do parayso, arraiz & barqueyros della anjos. ¶ Passageyros. Fidalgo, Honzeneyro, Ioanne, Çapateyro, Frade, Florença, Alcouuiteyra, Iudeu, Corregedor, Procurador, Enforcado, quatro caualeyros. ¶ Esta præfiguração se escreue neste primeyro liuro, nas obras de deuação: porque a segunda & terceyra parte forão representadas na capella, mas esta primeyra foy representada de camara, pera consolação da muyto catholica & sancta Raynha dona Maria, estando enferma do mal de que faleceo, na era do Senhor, de .1517. *(fl. 43 v.)*
Fecho: Aqui fenece a primeyra cena. *(fl. 49 v.)*

Auto da Barca do Purgatório, rúbrica:—Esta segunda he atribuida aa embarcaçam do purgatorio, trata se per lauradores. Foy representada aa muyto deuota & catolica

Digitized by Google

UNIV. OF CALIF. EST. IX

qu: nos chamamos ey quem.
Tibal. Bem nosso cu, porem
que tem Deos vencer comigo.
Andre.
¶ Isso he paruocar:
Leuantay vos companheyros
que por vales e outeyros
nam fazem nego chamar
por pastores e vaqueyros.
Anjo. Para a festa do Senhor
poucos pastores estais.
Payo. Vos bacio queres per
ou fazer algum lanor
que tanta gent: ajuntaes?
Anjo.
¶ Vos nam sois oficiaes.
se nam de guardar de gado.
João cal. Dizey senhor sois casado
ou quando embora casaes?
Andre. Ora como es desmoedo.

Anjo. Quisera que fosse vos
vinte e tres a pegar eyros.
Payo. Antes q̃ vos deis tres vos
bem aluntaremos nos
nesta serra com vaqueyros.
Anjo.
¶ Ora trazeios aqui
te pery naquella estrada
que logo a Virgem sagrada
em Ierusalem vay ferir
no templo endereçada.

¶ Tocam os Anjos seus instrumẽtos
& as Virtudes cantando & os
pastores bailando
se vão.

Laus Deo.

Gravura na fl. 25 v. da primeira edição das obras de Gil Vicente.

Digitized by Google

Digitized by Google

Raynha dona Lianor no hospital de todolos sanctos da cidade de Lisboa, nas matinas do natal. Era do Senhor de M.D.Xviij. annos. (*fl. 49 v.*)
Fecho: Saem se os diabos do batel, & com hũa cantiga muyto desacordada leuã o taful E os anjos cantando leuam o menino, & fenece esta segunda cena. (*fl. 54 v*)

Auto da Barca da Glória, rúbrica: — Segue se a terceyra cena que he enderençada à embarcaçã da gloria. Trata se per dignidades altas .s. Papa, Cardeal, Arcebispo, Bispo, Emperador, Rey, Duque, Conde. Primeyramente entrão quatro Anjos cantãdo, & trazem cinquo remos com as cinquo chagas, & entram no seu batel. Vem o arraiz do inferno & diz ao seu companheyro.
¶ Foy representado ao muyto nobre Rey dom Manoel o primeyro deste nome em Almeyrim. Era do redemptor de M.D.XIX. Annos. (*fl. 55.*)
Fecho: Nam fazendo os Anjos mençam destas prezes, começàram a botar o batel às varas, & as almas fizeram em roda hũa musica a modo de pranto com grandes admirações de dor, e veo Christo da resurreyçam & repartio por elles os remos das chagas, & os leuou com sigo. Laus Deo. (*fl. 60 v.*)

Breve sumário da História de Deus, rúbrica: — Ho auto que se segue he intitulado breue sumario da historia de Deos. Foy representado ao muyto alto & muyto poderoso Rey dom Ioam o .III. deste nome em Portugal, & à serenissima & muyto esclarecida Raynha Dona Caterina em Almeyrim. Na era do Senhor de .1527. (*fl. 61.*)
Fecho: Aqui tocam as trombetas & charamellas, & aparece hũa figura de Christo na resurreyção, & entra no limbo & soltara aquelles presos bẽauenturados. E assi acaba o presente auto. Gloria laus & honor tibi sit rex Christi Redemptor. (*fl. 75.*)

Diálogo sôbre a Resurreição, rúbrica: — Dialogo de hũs tres judeus & dous centurios sobre a Resurreyção de Christo nosso Redemptor, & os nomes delles, rabi Leui, rabi Samuel, dous Centurios & rabi Aroz. Entra primeyro rabi Leui & diz. (*fl. 75.*)
Fecho: Laus Deo. (*fl. 89, aliás 79.*)

Auto da Cananea, rúbrica: — Este Auto que a diante se segue fez o autor por rogo da muyto virtuosa & nobre senhora dona Violante, dona abbadessa do muyto louuado & sancto conuento do mosteiro de Oudiuelas: a qual senhora lhe pedio que por sua douaçam lhe fizesse hũ auto sobre o Euangelho da Cananea. Primeyramente entram tres pastoras, a primeyra per nome Siluestra ley de natureza, a segunda ley de escriptura per nome Hebrea, a terceyra ley de graça per nome Veredina. Foy representado na era do Senhor de mil, quinhentos & trinta & quatro annos. (*fl. 89, aliás 79.*)
Fecho: E cantando, Clamabat autem se acaba o dito Auto. Lavs Deo. (*fl. 84 v.*)

Auto de S. Martinho, rúbrica: — O Auto q̃ adiãte se segue foy representado à muy Caridosa & deuota senhora a Raynha dona Lianor na ygreja das Caldas, na prossiçam de Corpus Christi sobre a charidade que o bẽauenturado sam Martinho fez ao pobre quando partio a capa. Era de mil & quinhentos & quatro. (*fl. 84 v.*)
Fecho: Emquanto sam Martinho com sua espada parte a capa, cantam muy deuotamente hũa prosa: nam foy mais porque foy pedida muyto tarde. E com ella fenecem as obras de deuaçam do primeyro liuro. Laus & honor tibi sit Rex Christe Redemptor. (*fl. 77, aliás 86.*)

O livro II, «das comédias», contêm:

Comédia de Rubena, rúbrica: — ¶ Segue se o segundo liuro das comedias, & esta primeyra he repartida em tres cenas. Foy feyta ao muyto poderoso & nobre Rey dom Ioam o terceyro, sendo principe. Na era do Redemptor de M.D.XXI.
¶ Primeyramente entra por argumentador hum Licenciado, & diz. (*fl. 87.*)
Fecho: Seguese a segunda cena. (*fl 90 v.*)
Nesta segunda cena se contem de como Rubena pario, & de como a feyticeyra mandou criar a menina, a que poseram nome Cismena, & de como tudo aconteceo. Começa que ficando a feyticeyra esperando q̃ os spiritos lhe trouxessem Rubena parida, estaa dizendo antre si. (*fl. 90 v.*)
Fecho: Fim da segunda cena. (*fl. 93 v.*)
Nesta terceyra cena se trata, de como sendo Cismena de idade de quinze annos, criada em Creta, perfilhada de hũa nobre dona, ficou della orfam, porem herdeyra de toda sua fazenda. (*fl. 93 v.*)
Fecho: Aleuantam se todas as laurandeyras & fazem festa ha princesa dona Cismena. E com esta festa se acaba a sobre dita Comedia. Lavs Deo. (*fl. 99 v.*)

Comédia do Viuvo, rúbrica: — A comedia segvinte trata de hum homem mercador que

Digitized by Google

moraua em Burgos, & tinha hũa muyto nobre dona por molher. A qual falecida da vida presente, lhe ficarão duas filhas, hũa per nome Paula, outra Melicia, & de como casaram. Foy representada na era do Senhor de M.D.XIIII. (*fl. 99 v.*)

Marcação: ¶ Tirou dom Rosuel o chapeyrão & ficou vestido como quem era, & forã se as moças a elRey dom Ioam .III. sendo Principe (que no serão estaua) & lhe perguntarão, dizendo... Julgou o dito señor que a mais velha casasse primeyro, & diz Melicia. (*fl. 105, col. 3.*)

Fecho: Aqui se acabou. Laus Deo. (*fl. 106 v.*)

Comédia sôbre a divisa da Cidade de Coimbra, rúbrica: — Comedia representada ao muyto alto, poderoso, & não menos Christianissimo Rey dom Ioão o terceyro em Portugal deste nome. Estando na sua muyto honrrada nobre & sempre leal cidade de Coimbra. Na qual Comedia se trata o que deue significar aquella Princesa, Lião, & serpente, & calez ou fonte que tem por deuisa, & assi este nome Coimbra donde procede, & assi o nome do rio, & outras antiguidades a que nam he sabido verdadeyramente seu origem, tudo composto em louuor e honrra da sobredita cidade. Feyta e representada era do Senhor de M.D.XXVII. (*fl. 106 v.*)

Fecho: E assi fenece esta comedia saindose com sua musica. Laus Deo. (*fl. 113 v.*)

Floresta de Enganos, rúbrica: — Comedia chamada floresta denganos. Foy representada ao muyto alto & poderoso Rey dom Ioam o terceyro deste nome na sua cidade de Euora. Era do Senhor de M.D.XXXVI. Annos. (*fl. 114.*)

Fecho: A ventura tomou as mãos ao Principe & Princesa, & com sua musica se acabou esta Comedia, que he a derradeyra deste segundo liuro, & a derradeyra que fez Gil Vicente em seus dias. (*fl. 122.*)

O livro III, «das tragicomédias», contêm:

Dom Duardos, rúbrica: — ¶ E esta primeyra he sobre os amores de dom Duardos principe de Inglaterra, com Flerida filha do Emperador Palmeyrim de Cõstantinopla. Foy representada ao serenissimo Principe & poderoso Rey dom Ioam o terceyro deste nome em Portugal. (*fl. 123.*)

Entra primeyro a corte de Palmeyrim com estas figuras .s. Emperador, Emperatriz, Flerida, Artada, Amandria, Primaleam, dom Robusto, & depois destes assentados, entra dom Duardos a pedir campo ao Emperador com Primaleam seu filho, sobre o agrauo de Gridonia dizendo. (*fls. 123 v.*)

Fecho: Este romance se disse representado, & depois tornado a cantar por despedida. Finis. (*fl. 137.*)

¶ Seguese a segunda tragicomedia sobre Amadis de Gaula. (*fl. 137.*)

Amadis de Gaula, rúbrica: — Esta Tragicomedia se começa que entra a corte del Rey Lisuarte com as figuras seguintes .s. Lisuarte, Raynha Brisena, Oriana, Emabilia, & Corisanda, Dinamarca, Hurganda, don Dorin, Amadis, Galaor, Florestam, Gandalim, (*fl. 137.*)

¶ Representouse ao muyto excelente Principe & Christianissimo Rey dom Ioam o terceyro deste nome, em a sua cidade Deuora. Era de M.D.xxxiij. (*fl. 137.*)

Fecho: E com isto se deu fim a esta tragicomedia suso dita. Fim. (*fl. 145.*)

Nao de Amores, rúbrica: — A Tragicomedia seguinte he chamada Nao damores. Representouse ao muyto poderoso Rey dom Ioam o terceyro aa entrada da esclarecida & muy catholica Raynha dona Caterina nossa Senhora, em a cidade de Lixboa. Era de M.D.XXVII. Figuras. Primeyramente hũa princesa em figura da Cidade de Lixboa, que estando fazendo hũa fala a elRey & aa Raynha, entra hum page de hum Principe de Normandia com hum recado a ella, & depois entra o mesmo Principe com quatro fidalgos seus, os quaes carafetam a Nao damores, entra o Deos damor que ha dir por capitam da Nao. Por passageyros entram, hum frade doudo, & hum pastor Castellano, & hum negro de beni, & hum velho, & dous fidalgos Portugueses, & hum paruo, & entrou logo a cidade com grande aparato de musica, & diz fazendo sua fala. (*fl. 145.*)

Fecho: Começarão a cantar a prosa que comunmente cantam nas naos aa salue que diz, bom Iesu nosso senhor, tem por bem de nos saluar &c. o velho cãtava coma velho, o negro apos elle coma negro, & respondiamlhe os passageyros a quatro voses de canto dorgam, & com isto se vam com a Nao & fenece esta tragicomedia. Finis. (*fl. 151.*)

Frãgoa de Amor, rúbrica: — Tragicomedia representada na festa do desposorio do muyto poderoso & catholico Rey de gloriosa memoria dom Ioam o terceyro deste nome, com a serenissima Raynha dona Caterina nossa senhora, em sua

Digitized by Google

ausencia na cidade Deuora, na era de Christo nosso senhor, de M.D.xxv. A qual tragicomedia he chamada Fragoa damor. E o castello de que aqui se fala, he per metafora, porque se toma castelo por Caterina. (*fl. 151.*)

Fecho: Co esta musica se vam, & fenece a fragoa. (*fl. 156.*)

Exortação da Guerra, rúbrica: — A Tragicomedia seguinte seu nome he Exortação da guerra. Foy representada ao muyto alto & nobre Rey dom Manoel o primeyro em Portugal deste nome na sua cidade de Lixboa na partida pera Azamor do illustre & muy magnifico senhor dõ Gomes Duque de Bargança & de Guimarães, &c. Era de M.D.xiiij annos. (*fl. 156.*)

Fecho: E com esta soyça se sayram, & fenece a suso dita Tragicomedia. (*fl. 160.*)

Templo de Apolo, rúbrica: — Esta seguinte tragicomedia he chamada templo Dapolo. Foy representada na partida da sacra & preclarissima Emperatriz filha del Rey dom Manoel, pera Castela, quando casou com o Emperador Carlos. Era de M.D.xxvj. Annos. ¶ Entra primeyramente o autor. E por quanto os dias em que esta obra fabricou esteue enfermo de grandes febres vem desculpandose da imperfeyçam da obra pera tam alta festa e diz. (*fl. 160.*)

Fecho: E assi cantando se acabou o templo Dapolo. Finis. (*fl. 164 v.*)

Côrtes de Júpiter, rúbrica: — A Tragicomedia seguinte foy feyta ao muyto alto e poderoso Rey dom Manoel o primeyro em Portugal deste nome, aa partida da illustrissima senhora iffante dona Breatiz duquesa de Saboya, da qual sua inuençam he, que o senhor Deos querendo fazer merce aa dita senhora, mandou sua prouidencia por messagenra a Iupiter Rey dos elementos, que fizesse cortes em que se concertassem planetas & sinos em fauor de sua viagem. Foy representada nos paços da ribeyra na cidade de Lixboa. Era de M.D.xjx. (*fl. 165.*)

Fecho: Tornaram todos a cantar a modo de chacota, por el rio me lleuade, & com ella se foram, & acabam as cortes. Finis. (*fl. 169 v.*)

Serra da Estrêla, rúbrica: — Tragicomedia pastoril feyta & representada ao muyto poderoso e catholico Rey dom Ioam o terceyro deste nome em Portugal ao parto da serenissima & muy alta Raynha dona Caterina nossa senhora & nacimento da illustrissima iffante dona Maria que depois foy princesa de Castella, na cidade de Coimbra na era do Senhor de M.D.xxvij. (*fl. 169 v.*)

Fecho: E com esta chacota se sayram, e assi se acabou. (*fl. 174 v.*)

Triunfo do Inverno, rúbrica: — A Tragicomedia que se segue he chamada Triunfo do inuerno. Foy representada ao muyto alto & excelente Principe elRey dom Ioam o terceyro deste nome em Portugal na sua cidade de Lixboa, ao parto da deuotissima & muyto esclarecida Raynha dona Caterina nossa senhora. — He repartida em duas partes. (*fl. 176 v.*)

¶ Esta segunda parte da Tragicomedia trata do triumpho do Verão, o qual entra cantando. (*fl. 181.*)

Fecho: Os Sintrãos em folia com o Principe se vam, que he a fim da suso dita tragicomedia. (*fl. 183 v.*)

Romagem de Agravados: — Esta Tragicomedia seguinte he Satira, seu nome he Romagem dagrauados. Foy representada ao muyto excelente Principe & nobre Rey dom Ioam o terceyro em Portugal deste nome na cidade de Euora, ao parto da muyto esclarecida & Christianissima Raynha dona Caterina nossa senhora, & nacimento do illustrissimo Iffante dom Felipe. Era do Senhor de M.D.xxxiij. ¶ Interlocutores.... (*fl. 183 v.*)

Fecho: E com esta musica & dança se sayram & fenece esta vltima Tragicomedia do liuro terceyro. Finis. (*fl. 190.*)

O livro IV, «das farsas», contêm:

Farsa de Quem tem farelos, rúbrica: — Este nome da farsa seguinte, quem tem farelos, pos lho o vulgo. He o seu argumento, que hum escudeyro mancebo per nome Ayres rosado, tangia viola, & a esta causa ainda que sua moradia era muyto fraca, cõtinuadamente era namorado. Tratase aqui de hũs amores seus per cinco figuras .s. Ordonho, Apariço, Ayres rosado, Isabel, & hũa velha sua mãy. Foy representada na muy nobre & sempre leal cidade de Lixboa, ao muyto excelente & nobre Rey dom Manoel primeyro deste nome nos paços da ribeyra. Era do Senhor, de M.D.V. Annos. (*fl. 191.*)

Fecho: E com isto se recolhem & fenece esta primeyra farsa. Finis. (*fl. 194 v.*)

Auto da Índia, rúbrica: — A Farsa seguinte chamão Auto da India. Foy fundado sobre que hũa molher estando ja embarcado pera a India seu marido lhe vieram dizer

Digitized by Google

que estaua desauiado, & que já nam hia, & ella de pesar està chorando, & falalhe hũa sua criada. Foy feyta em Almada, representada aa muyto catholica Raynha dona Lianor. Era de M.D.IX. Annos. (*fl. 195.*)

Fecho: Vam se a ver a Nao & fenece esta primeyra farsa. (*fl. 191, aliás 198.*)

Auto da Fama, rúbrica: — A Farsa seguinte foy representada aa muy catholica & serenissima Raynha dona Lianor, & depois ao muyto alto & poderoso Rey dom Manoel na cidade de Lixboa em Santos o velho, na era do Senhor de M. D. X. Cujo argumento he, que a fama he hũa tam gloriosa excelencia que muyto se deue de desejar, a qual este Reyno de Portugal estaa de posse da mayor de todolos outros Reynos, seguese que esta fama Portuguesa [he] desejada de todalas outras terras, nam tam soomente pola gloria interessal dos comercios, mas principalmente polo infinito dano que os Mouros Imigos de nossa fee recebem dos Portugueses na indica nauegaçam, & porque antigamente a fama desta nossa prouincia era em preço de pequena estima, significando isto seraa a primeyra figura hũa mocinha da Beyra chamada Portuguesa fama, guardando patas, a qual seraa requerida por França, per Italia, per Castela, & de todos se escusaraa, porque cada hum a quereraa leuar, e prouaraa per euidentes rezões que este Reyno a merece mais que outro nenhũ. Polo qual seraa posta na fim do auto em carro triumphal per duas virtudes .s. fee & fortaleza. Entra logo a fama com hum paruo per nome Ioane com sigo careando suas patas, & diz. (*fl. 191, aliás 198.*)

Fecho: Aqui coroam as virtudes a Fama & a põe em seu carro triumphal com musica, & assi a leuam, & se acaba esta suso dita farsa. Fim. (*fl. 201 v.*)

Farsa do Velho da Horta, rúbrica: — Esta seguinte farsa, he o seu argumento, que hum homem honrrado: & muyto rico, ja velho, tinha hũa orta. E andando hũa menhaã por ella esparecendo. Sendo o seu ortelam fora, veo hũa moça de muyto bom parecer buscar ortaliça, & o velho em tanta maneyra se namorou della q̃ per via de hũa alcouuiteyra gastou toda sua fazenda. A alcouuiteyra foy açoutada, & a moça casou honrradamente. Entra logo o velho rezãdo pola horta. Foy representada ao muy serenissimo Rey dom Manoel o primeyro deste nome. Era do Senhor de M. D. XII. (*fl. 201 v.*)

Fecho: Fim. (*fl. 206 v.*)

Auto das Fadas, rúbrica: — Na farsa seguinte se contem, que hũa feyticeyra temendose que a prendessem por vsar de seu officio, se vay queyxar a elRey, mostrandolhe per rezões que pera isso lhe daa, quam necessarios sam seus feytiços. E entrando ella no paço embaraçada de se ver nelle, começa dizendo. (*fl. 207.*)

Fecho: E acabadas de dar assi estas sortes, se foram todos com sua musica, & se acabou a dita farsa. Finis. (*fl. 213 v.*)

Farsa de Inês Pereira, rúbrica: — ¶ Auto de Ines Pereyra. A seguinte farsa de folgar foy representada ao muyto alto e muy poderoso Rey dom Ioam o terceyro do nome em Portugal, no seu conuento de Tomar. Era do Senhor de M. D. XXIII. O seu argumento he, que por quanto douidauam certos homẽs de bom saber se o autor fazia de si mesmo estas obras, ou se as furtaua de outros autores, lhe deram este tema sobre que fizesse .s. hum exemplo comum que dizem, mais quero asno que me leue, que canalo que me derrube. E sobre este motiuo se fez esta farsa. Fingese na introduçam, que Ines pereyra filha de hũa molher de bayxa sorte, muyto fantesiosa, estaa laurando em casa, & sua mãy he a ouuir missa, & ella diz. (*fl. 213 v.*)

Fecho: E assi se vam & se acaba a dita farsa. Laus Deo. (*fl. 220 v.*)

Farsa do Juiz da Beira, rúbrica: — Esta farsa que se adiante segue, he o seu argumento desta maneyra, diz o autor que este Pero marquez: como foy casado com Ines pereyra se foram morar onde elle tinha sua fazenda, que era la na beyra onde o fizeram juiz. E porque daua algũas sentenças disformes por ser homem simprez foy chamado aa corte, & mandaramlhe que fizesse hũa audiencia diante delRey. Foy representado ao muyto nobre & Christianissimo Rey dõ Ioam o terceyro em Portugal deste nome em Almeyrim, na era do Senhor, de M. D. XXV. Entra logo Pero marquez, dizendo. (*fl. 220 v.*)

Fecho: Fim da farsa do juiz da Beyra. Sayram se todos cantando a cantiga seguinte. (*fl. 226.*)

Farsa das Ciganas, rúbrica: — Avto de hũas ciganas, representado ao muyto alto & poderoso Rey dom Ioam o terceyro deste nome em a sua cidade Deuora. Era do Redemptor de M. D. XXI. Estando em seram, na fim delle entraram quatro ci-

Digitized by Google

ganas, cujos nomes sam, Martina, Casandra, Lucrecia, Giralda. E diz Martina. *(fl. 226.)*

Fecho: Tornaramse a ordenar em sua dança, & com ella se foram. Laus Deo. *(fl. 228.)*

Farsa dos Almocreves, rúbrica: — Esta seguinte farsa foy feyta & representada ao muyto poderoso & excelente Rey dom Ioam o terceyro em Portugal deste nome na sua cidade de Coimbra, na era do Senhor de M. D. XXVI. Seu fundamento he, que hum fidalgo de muyto pouca renda vsava muyto estado, tinha capelam seu, e ouriuez seu, & outros officiaes, aos quaes nunca pagaua. E vendose o seu capelam esfarrapado & sem nada de seu, entra dizendo. *(fl. 228.)*

Fecho: Finis. *(fl. 232 v.)*

Farsa do Clérigo da Beira, rúbrica: — Seguese outra farsa de folgar, que trata como hum clerigo da Beyra bespora de natal determinou de hir aos coelhos, & indo pera a caça com hũ filho seu rezam as matinas. Tratase outro si, de hum vilam que indo vender à corte hũa lebre & hũs capões & hum cabaz com fruyta, foy roubado que atee o chapeyram lhe furtaram, o qual furto foy descuberto per Cezilia demoninhada, em quẽ deziam que falaua hum Pedreanes. Foy representada ao muyto poderoso e Christianissimo Rey dõ Ioam o terceyro do nome em Portugal, em Almeyrim. Era do Senhor de M. D. XXVI. *(fl. 232 v.)*

Fecho: — Deo Gracias. *(fl. 238 v.)*

Auto da Lusitânia, rúbrica: — ¶ Auto chamado da Lusitania. A farsa seguinte foy representada ao muyto alto & poderoso Rey dom Ioam, o terceyro deste nome em Portugal, ao nacimento do muyto desejado Principe D. Manoel seu filho. Era do Senhor de M. D. XXXII. E porque ao diante vay o argumento della se nam põe aqui neste principio. Começa a farsa nũ razoamento de hũs judeus polas figuras seguintes .s. Lediça, hũ cortesam, a mãy da Lediça, Saulinho, & Iacoo pay delles. E diz logo Lediça andando barrendo. *(fl. 238 v.)*

Fecho: Laus Deo. *(fl. 245 v.)*

Auto dos Fisicos, rúbrica: — Avto chamado dos fisicos, no qual se tratam hũs graciosos amores de hum clerigo. O qual entra logo, & diz a hum seu moço. *(fl. 245 v.)*

Fecho: Fim do quarto liuro das farsas. *(fl. 249 v.)*

O livro V, «das trovas e cousas meudas», contêm:

Salmo de Miserere mei, Deus, rúbrica: — O salmo de miserere mei Deus. *(fl. 250.)*

Sermão prègado em Abrantes, rúbrica: — Sermam feyto aa Christianissima Raynha dona Lianor, & preegado em Abrantes ao muyto nobre Rey dom Manoel o primeyro do nome, na noyte do nacimento do illustrissimo Iffante dõ Luis. Era do Senhor de M. D. VI. & porque algũs foram em contrayro parecer que se nam preegasse sermão domẽ leygo, começou prymeiro dizendo antes dentrar no sermão. *(fl. 251.)*

Tema. ¶ Non volo, volo & deficior. *(fl. 251 v.)*

Trovas à morte de D. Manuel, rúbrica: — De Gil Vicente aa morte do muyto alto & esclarecido Rey dom Manoel o prymeiro do nome. *(fl. 253 v.)*

¶ Romance. *(fl. 254.)*

e Orações dos grandes de Portugal a Nossa Senhora, depois denterrado lRey. *(fl. 254 v.)*

Romance à aclamação de D. João III, rúbrica: — Outro romance de Gil Vicente que fez quando foy leuantado por Rey elRey dom Ioã o terceyro de gloriosa memoria. *(fl. 255.)*

d Aqui diz o autor o que cada hũ dos senhores de Portugal derião ao beyjar a mão. *(fl. 255 v.)*

Carta a D. João III, rúbrica: — Carta que Gil Vicente mandou de Santarem a elRey dom Ioam o terceyro do nome. Estando sua Alteza em Palmela sobre o tremor da terra, que foy a vinte & seis de Ianeyro de M. D. XXXI. *(fl. 257.)*

Trovas ao Conde do Vimioso, rúbrica: — De Gil Vicente ao conde do Vimioso, a quem o elRey remeteo sobre hum despacho seu. Foy isto em tempo de peste, & o primeyro rebate della deu por sua casa, & andaua entam na corte hum Gonçalo dayola Castelhano muyto falador, & medraua muyto. *(fl. 255, aliás 258.)*

Trovas a Felipe Guilhem, rúbrica: — O Anno de mil & qninhentos & dezanoue veo a esta corte de Portugal hum Felipe Guilhem Castelhano, que se disse que fora boticayro nel Porto de sancta Maria, o qual era grande logico & muyto eloquente de muyto boa pratica, que antre muytos sabedores o folgauam douuir, tinha al-

Digitized by Google

gũa cousa de mathematico, disse a elRey que lhe queria dar a arte de Leste a Oeste que tinha achada. Pera dar mostra desta arte fez muytos estromentos, entre os quaes foy hum estrolabio de tomar o sol a toda a hora, praticou a arte perante Francisco de melo que entam era o milhor mathematico que auia no reyno, & outros muytos que pera isso se ajuntaram per mandado de sua A. Todos aprouaram a arte por boa: fezlhe elRey por isso merce de cem mil rees de tença co habito, & a corretagem da casa da India que valia muyto. Neste tempo mandou sua A. chamar ao Algarue a hum Simão fernandes grande astrologo, mathematico, tanto que o Castelhano falou com elle que vio que o entendia & que lhe fazia de tudo falso, quis fogir pera Castela, descobriose a hum Ioam rodriguez Portugues qne o mandou dizer a elRey que o mandou prender em Aldea galega estando em hũ caualo de posta, sendo preso porque era grande trouador lhe mandou Gil vicente estas trouas. (*fl. 258 v.*)

Trovas a Afonso Lopes Çapaio, rúbrica:—Affonso lopez çapayo Christam nouo, que viuia em Tomar, fez hum rifam que andaua no cancioneyro Portugues, ao qual rifam fizeram muytos muytas trouas & boas. Pedio o Conde do Vimioso a Gil vicente que fizesse tambem, & elle fez esta troua diz o rifam. (*fl. 259.*)

Trovas ao mesmo, rúbrica:—De Gil vicente ao mesmo Affonso lopez, estando em Santarem muyto doente de camaras. (*fl. 259.*)

Trovas ao mesmo:—Outras. (*fl. 259.*)

Pranto de Maria Parda, rúbrica:—De Gil Vicente em nome de Maria parda fazendo pranto porque vio as ruas de Lixboa com tam poucos ramos nas tauernas & o vinho tam caro & ella nam podia viuer sem elle. (*fl. 259 v.*)

¶ Começa o testamento de Maria parda. (*fl. 261.*)

Trovas a D. João III, rúbrica:—De Gil Vicente a elRey dom Ioão terceyro do nome, de gloriosa memoria, porque na tornada de Coimbra a Santarem lhe leuaram hũs Castelhanos almocreues daluger quãto trazia porque a Raynha nossa senhora mandou que aos Castelhanos não tomassem bestas por taxa, mas pollo preço que elles quisessem. (*fl. 261 v.*)

Epitáfio: — ¶ Sepultura de Gil Vicente [1]. (*Est. X, em frente da pág. 243.*) (*fl. 262.*)

Vinte e quatro anos depois, em 1586, um Afonso Lopes, moço da capela del Rei, obteve, por alvará datado de 14 de Fevereiro, licença e privilégio para impressão e venda durante dez anos do «Livro de Gil Vicente» [2]. Naquele mesmo ano foi publicado com o seguinte título:

Copilaçam || de todalas obras || de Gil Vicente, a qval se || reparte em cinco Liuros. O Primeyro he de todas suas || cousas de deuaçam. O segundo às Comedias. O ter- || ceyro as Tragicomedias. No quarto às Far- || sas. No quinto, às obras || meudas. || (;) || ¶ Vam emmendadas polo Sancto Officio, || como se manda no Cathalogo || deste Regno. || ¶ || Foy impresso em a muy nobre, & sempre leal Ci- || dade de Lixboa, por Andres Lobato. || Anno de M. D. Lxxxvj. || ¶ Foy visto polos Deputados da Sancta Inquisiçam || com privilegio real. || (***) || ¶ Esta taxado em papel a reis || [3] — *8.º de II n. n., 280 fls. numeradas pela frente e mais 1 com a* Sepultura de Gil Vicente *no recto e o verso em branco, caractéres romanos, impressão a duas colunas muito ordinária e em mau papel, numeração das páginas erradissima.*

---

[1] A descrição dêste volume é tirada do magnífico e perfeito exemplar da livraria do meu falecido amigo Fernando Palha, exemplar que primeiro me emprestou seu cunhado Francisco van Zeller, outro meu também já falecido amigo, e últimamente seus filhos a quem agradeço o favor.

[2] Êste alvará, adiante reproduzido da transcrição dêle feita pelo próprio Afonso Lopes, foi registado na *Chancelaria de D. Filipe I*, na fl. 105 do liv. 1.º de *Privilégios*, d'onde foi copiado por Venâncio Deslandes para a pág. 106 dos seus *Documentos para a historia da typographia portugueza* da ed. de 1888.

[3] Est. XI.

Digitized by Google

EST. XI
UNIV. OF CALIFORNIA

COPILAÇAM DE TODALAS OBRAS

DE GIL VICENTE, A QVAL SE reparte em cinco Liuros. O Primeyro he de todas suas cousas de deuaçam. O segundo às Comedias O terceyro as Tragicomedias. No quarto às Farsas. No quinto, às obras meudas.

(;)

¶ Vam emmendadas polo Sancto Officio, como se manda no Cathalogo deste Regno.

¶

¶ Foy impresso em a muy nobre & sempre leal Cidade de Lixboa, por Andres Lob·to. Anno de M. D. Lxxxvj

¶ Foy visto polos Deputados da Sancta Inquisiçam

COM PRIVILEGIO REAL.

(.°.)

¶ Ha taxado em papel a rels

Frontispício da segunda edição (1586) das obras de Gil Vicente

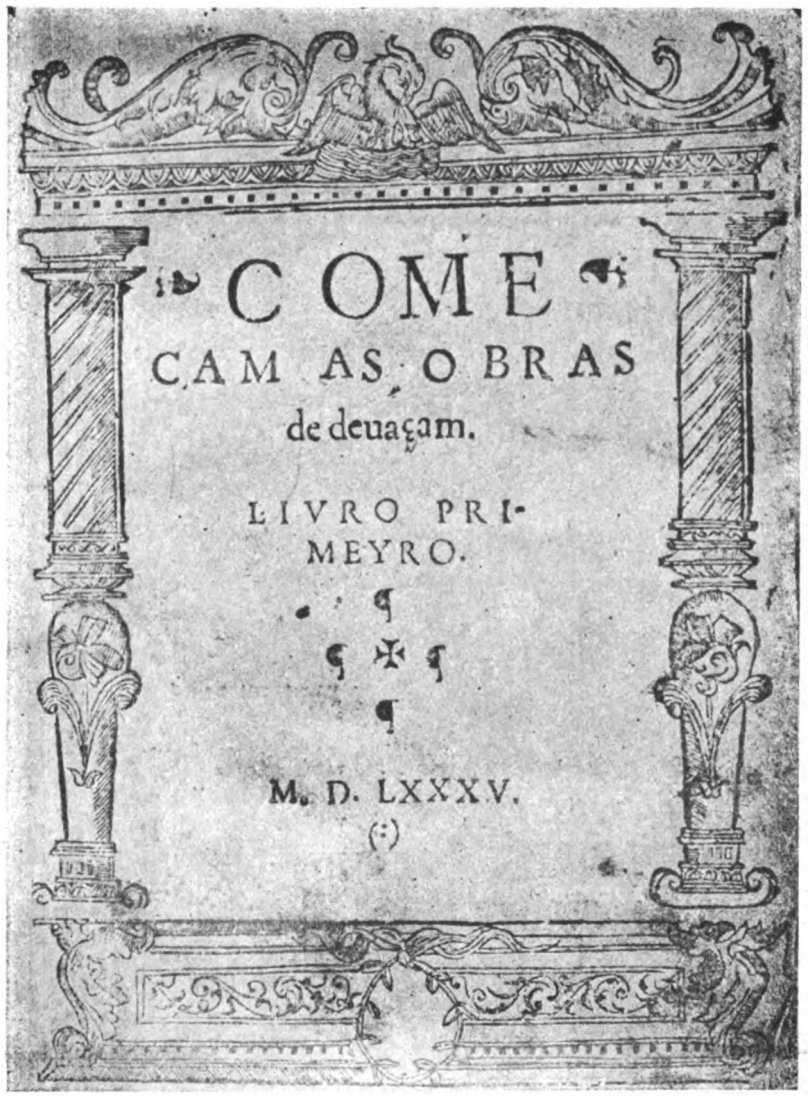
Digitized by Google

Digitized by Google

UNIV. OF
CALIFORNIA

Digitized by Google

UNIV. OF CALIFORNIA



COME
CAM AS OBRAS
de deuaçam.

LIVRO PRI-
MEYRO.

¶
¶ ✠ ¶
¶

M. D. LXXXV.
(:)

Portada do primeiro livro das obras de Gil Vicente da segunda edição, a de 1586

Digitized by Google

No verso do frontispício estão as licenças da Inquisição nestes termos:

Por mandado do Illustrissimo, e Reuerendissimo Senhor Arcebispo, Inquisidor Geral destes Regnos vi hum liuro cujo titulo he, Copilaçam de todas as obras de Gil Vicente. As quaes ẽmendadas conforme ao Cathalogo do Regno, & tirada a carta que vay no cabo, com o mais que se tirou, & censurou: nam tem nada contra a Fee e bõs costumes, nem cousa escandalosa, nem temeraria & malsoante. E assi se poderam imprimir da maneira que aqui vão. Quatro de Feuereyro, de mil quinhentos oytenta & cinco.

Frey Bertolameu Ferreyra.

Vista a informação podese imprimir, com às emmendas do Padre reuedor. E depois de impresso tornarà à esta mesa com o proprio original emmendado pera se conferir com elle, & se lhe dar licença pera correr. Em Lixboa, cinco de Feuereyro de Lxxxv.

Iorge Sarrão. Antonio de Mendoça.

Na fôlha seguinte, não numerada, lê-se o privilégio de 14 de Fevereiro de 1586, que tal é:

Ev el Rey faço saber aos que este aluara virem que auendo respeito ao que na petição atras escrita diz Afonso Lopez meu moço da capella, & visto as causas que allega, & por lhe fazer merce, ey por bem & me praz que elle possa imprimir o liuro de Gil Vicente, de que na dita petição faz menção, & por tempo de dez anos, Imprimidor nem liureiro algũ nem outra pessoa, de qualquer calidade que seja, não podera imprimir nem vender em todos meus reynos & senhorios, nem trazer de fora delles o dito liuro todo junto nem pelo meudo, saluo aqueles liureyros & pessoas, que pera isso tiuerem seu poder & licença, & qualquer imprimidor, liureyro ou pessoa que durando o dito tempo, imprimir ou vẽder o dito liuro inteyro ou pello meudo nos ditos meus Reynos e señorios, ou o trouxer de fora delles, sem licença do dito Afonso Lopez, perdera pera elle todos os volumes, que assi imprimir & vender ou de fora trouxer, & alẽ disso encorrera em pena de cincoenta cruzados, ametade pera a minha camara, e a outra ametade pera quem ho acusar, & mando a todas minhas justiças a que o conhecimento disto pertencer que lhe cumprão guardem & fação inteiramente cõprir este aluara como se nelle contem, o qual me praz que valha como se fosse carta feita em meu nome por mim assinada, & passada por minha Chancilleria, sem embargo da ordenação do segundo liuro, titulo xx. que o contrario dispoem Ambrosio Daguillar o fez, em lixboa a xiiij. de feuereiro de M. D. Lxxxvj. & diz o mal escrito liureyros. Gaspar Beleagoa a fez escreuer. Rey.

No verso a Taboada.

Na fôlha 1 n. n. dentro de uma portada gravada em madeira: Come || çam as obras || de deuaçam. || Livro pri- || meyro. || M. D. LXXXV. || [1]. *Seguem as obras do livro primeiro até ao verso da fôlha 104 onde se lê:* ¶ Em quanto sam Martinho com sua espada parte a capa, cantam muy deuotamente hũa prosa: nam foy mais porque foy pedida muyto tarde. E com ella fenecem as obras de deuaçam do prymeiro liuro. ¶ Laus & honor tibi sit Rex Christe Redemptor.

Na fôlha 105 n. n. no recto dentro de portada igual à precedente: ¶ Libro se || gvndo, qve he das || comedias || ¶ Segue se o segundo liuro das come- || dias, & esta primeyra he repartida em || tres cenas. Foy feyta ao muyto podero- || so & nobre Rey dom Ioam o || terceyro, sendo principe. || Na era do redem- || ptor de || M. D. XXI. *Começa a comédia no verso da fôlha e o livro chega até à quarta coluna da fôlha 151, aliás 149, onde termina com estas palavras:* ¶ Fim do segundo liuro.

Na fôlha 105, aliás 150, por baixo do título de cabeça de página, das tragicomedias, *pois que ainda não encontrei frontispício especial para êste livro, está impresso:* ¶ Don Dvardos ¶ *Abaixo, entre duas tarjas horizontais, vêem-se duas figuras de mulher representando* Artada *e* Flérida. *Ao lado delas dois cavaleiros batalhando representam* Primaleon *e* Don Duardos; *por baixo das vinhetas lê-se:* ¶ Avto Nueuamente hecho... por Gil Vicente. Agora de nueuo emendado y puesto en perfection... *No verso* Prologo *a D. João III* [2], *e a seguir começa a tra-*

---

[1] Est. XII.
[2] Doc. XXIV

Digitized by Google

gicomédia. O livro terceiro vai até à fôlha 215 recto, onde termina com as palavras Laus Deo. *O verso da fl. 215 em branco.*

Na fôlha 216 n. n. dentro de uma portada igual à dos livros 1.º e 2.º lê-se: Começam || as obras do qvar- || to liuro, em que se contem || as farsas. || ¶ Este nome da farsa || seguinte, quẽ tem farelos..... *No verso começa a farsa, e o livro quarto termina no recto da fôlha 269, com as palavras* Laus Deo.

No verso da fôlha 269 Começam às obras do quinto li || uro, que he das trouas, & cou- || sas meudas. *Na fôlha 280 verso lê-se:* ¶ Fim do quinto liuro, o qual vay carecido destas obras meudas, porque as mais das que o autor fez desta calidade se perderam.

Ainda há mais uma fôlha, a 281, na qual se imprimiu o chamado epitáfio sob a epígrafe: ¶ Sepultura de Gil Vicente: *O verso em branco.*

O livro I contêm:

Monólogo da Visitação, fl. 1 v.

Auto Pastoril Castelhano na fl. 2 v. o sumário, começando o auto na fl. 3 por baixo de três toscas gravuras representando um pastor a tocar gaita de foles junto de uma árvore, um camponês de chapeu na cabeça, grande cajado na mão esquerda terminado em cruz e umas cordas na mão direita, e finalmente uma árvore. Termina na fl. 6 v. com duas estampas de músicos militares, um pífaro e um tambor.

Auto dos Reis Magos, fl. 7, três vinhetas, um cavaleiro de espada levantada entre um pastor à esquerda e o tal camponês à direita.

Auto da Sibila Cassandra, fl. 10, três gravuras: um rei sentado no trono com scetro na mão, entre duas figuras de mulheres.

Auto da Fé, fl. 17. Num medalhão redondo uma senhora de meio corpo apoiada a uma mesa, com uma flor elevada na mão direita; no verso outra vinheta representando o tal camponês com o cajado na mão. Termina na fl. 20 com uma estampa representando dois cavaleiros armados, viseiras levantadas, correndo suas lanças.

Auto dos Quatro Tempos, fl. 20 v., medalhão redondo encerrando uma gravura que representa um camponês colhendo uvas. Termina na fl. 26 com os mesmos dois músicos de fl. 6 v.

Auto da Mofina Mendes, fl. 26 v., três vinhetas, no meio dois pastores chamados pelo anjo, dos lados o pastor tocando gaita de foles e a árvore da fl. 3. Termina na fl. 32 com uma estampa, o diabo tentando Christo dentro de um C inicial.

Auto Pastoril Português, fl. 32 v., quatro figuras, três mulheres e o camponês do cajado. Termina na fl. 36 com uma gravura representando um caçador de altanaria a cavalo.

Auto da Feira, fl. 36, v.

Auto da Alma, fl. 45 v., três estampas, os mesmos dois vultos da fl. 32 no centro, à esquerda uma casa ou mosteiro acastelado e à direita uma árvore [1].

Auto da Barca do Inferno, fl. 53, quatro vinhetas, um diabo, um fidalgo, uma torre e uma velha embrulhada numa grande capa. Termina na fl. 59 v. com duas gravuras, representando uma o caçador de altanaria de fl. 36 e a segunda outro cavaleiro barbado com uma lança na mão.

Auto da segunda Barca, fl. 60, três estampas, no centro os dois pastores chamados pelo anjo, e aos lados outros dois, um com um pau na mão e o outro tocando gaita de foles. Esta lauda vai reproduzida na Est. XIII.

Auto da terceira Barca, fl. 67, três vinhetas, no centro o rei sentado no trono de fl. 10, aos lados duas figuras de senhores, tendo por cima impressas as respectivas designações, *Rey* no meio, à esquerda *Conde*, à direita *Duque*.

Breve sumário da história de Deus, fl. 75, três figuras, representando, conforme os dizeres, *Belial*, *Lúcifer* e *Satanás*.

Diálogo sobre a Resurreição, fl. 91, v.

---

[1] Estas figuras encontram-se reproduzidas na edição avulsa de 1902 a qual adiante enmcionarei, na pag. 299, sob n.º 61.

Digitized by Google

UNIV. OF CALIFORNIA

Auto da segunda barca.

ESta segunda he atribuida aa embarcaçam do purgatorio, tratase per lauradores. Foy representada aa muyto deuota Raynha dona Lianor, no hospital de todolos sanctos da cidade de Lisboa, nas marinas do Natal. Era do Senhor de M. D. Xvij. annos.

¶ Primeyramente entram tres Anjos cantando o romance seguinte com seus remos.

Pag. 60 da segunda edição, (1586) das obras de Gil Vicente

Digitized by Google

Digitized by Google

UNIV. OF
CALIFORNIA

Digitized by Google

UNIV. OF CALIFORNIA

¶ Acena Mabilia ao correo & diz el Rey Lisuarte.

¶ Daqui a quanto se dezia
que los reyes han de venir.
Cor. Tanta gente se hazia
que aun no se sabe el dia
ni el mes que han de venir.
Lisu. No está en la mucha gente
la victoria de razon,
sino en la deuocion
y rezar continuamente
las horas dela passion.
Correo
A todo se daraa remedio
q̃ aun q̃ es rezio el intervalo
no puede ser mal tan malo
que no tenga algun remedio.

¶ Diz Oriana ao Correo.

¶ Viste el douzel del mar?
Cor. Si señora Oria. Que hazia?
Cor. Hazia quanto queria.
Oria. Dexemos su pelear

porque aquel q̃ mucho habla
no tiene hecho alguno.
¶ Quando la lid començaua
muy encendido en amor,
no se porque sospiraua
que no era de temor
el mal de que se quexaua.
Y acabada la victoria
en lugar de dar loores
a Dios que le dio tal gloria
dezia amores amores,
memoria de mi memoria.

¶ Y por cimera traya
vna O, y el mundo enella
oo quan bien que parecia,
y su letrero dezia,
todo es paco pera ella.
Oria. Por quien tomo essa O,
seran alguna cosa vana.
Cor. La O, creo que la tomo
por el nombre de Oriana,
el Mundo, no entiendo yo
Mabilia.
¶ Pues sufre por vos dolor
que hareis a sus dolores,
que os piden embaxadores
delos Romanos señor
para el su Emperador
Y su sacra magestad
os ama cosa sin cuento

X iij y es

Página interior da segunda edição das obras de Gil Vicente, a de 1586.

Digitized by Google

Auto da Cananea, fl. 97, três figuras de mulher, *Silvestra*, *Hebrea* e *Veredina*, dizem os letreiros.
Auto de S. Martinho, fl. 103 v.

O livro II contêm:

Comédia de Rubena, scena primeira, fl. 105 v., com uma figura de mulher na 1.ª col. da fl. 106.—Segunda scena, fl. 109 v.—Terceira scena, fl. 113, com três estampas, *Clita criada*, *Cismena* e *Principe*. No fim, fl. 120 v., a gravura dos dois cavaleiros correndo suas lanças de fl. 20.
Comédia do Viúvo, fl. 121.
Comédia da divisa da Cidade de Coimbra, fl. 129, quatro vinhetas, uma árvore, uma mulher, uma senhora e um fidalgo.
Floresta de enganos, fl. 138 v., quatro vinhetas, *Philosopho*, *Parvo*, *Ventura pelegrina* e *Principe*, dizem os letreiros.

O livro III contêm:

Dom Duardos, fl. 105, aliás 150, duas figuras de mulher, *Artada* e *Flerida*, ao lado delas dois cavaleiros batalhando, *Primaleon* e *Don Duardos*.
Amadis de Gaula, fl. 169, três vinhetas, *Don Dorin*, *Lisuarte* e *Amadis*. Termina na fl. 179 v., onde está gravada uma nau vogando no mar em alusão ao auto seguinte.
Nau de Amores, fl. 180.
Frágoa de Amor, fl. 186 v. e termina na fl. 192 com a gravura das armas de um dos papas Médicis, mas posta deitada. E' esta a última estampa do livro.
Côrtes de Júpiter, fl. 192 v.; *Serra da Estréla*, fl. 198 v.; *Triunfo do Inverno*, fl. 204.

O livro IV das farsas contêm:

Farsa de quem tem farelos, fl. 216; *Auto da Índia*, fl. 221; *Auto da Fama*. fl. 225; *Velho da horta*, fl. 230; *Farsa de Inês Pereira*, fl. 235 v.; *Farsa do Juiz da Beira*, fl. 243 v.; *Farsa das Ciganas*, fl. 253; *Farsa dos Almocreves*, fl. 255; *Auto da Lusitânia*, fl. 261.

No livro V reeditaram-se:

Salmo de Miserere mei, Deus, fl. 269 v.; *Trovas à morte de D. Manuel*, fl. 271 v.; *Romance*, fl. 271 v.; *Orações dos grandes de Portugal*, fl. 272 v.; *Romance à aclamação de D. João III*, fl. 273 v.; *O que cada um dos senhores de Portugal diriam ao beijar da mão*, fl. 274; *Trovas ao Conde do Vimioso*, fl. 275 v.; *Trovas a Felipe Guilhem*, fl. 276; *Trovas a Afonso Lopes Çapaio*, fl. 276 v.; *Trovas ao mesmo*, fl. 277; *Outras*, fl. 277; *Pranto de Maria Parda*, fl. 277; *Testamento de Maria Parda*, fl. 279; *Trovas a D. João III*, fl. 280; *Sepultura de Gil Vicente*, fl. 281.

Nesta edição, da qual se vê reproduzida em frente, na Est. XIV, uma das páginas interiores, seguiu-se inteiramente a ordem das matérias adoptada na primeira, com as supressões e alterações adiante indicadas no cap. VII.

Afonso Lopes, o editor da reimpressão da *Copilaçam de todalas obras de Gil Vicente*, foi o mesmo indivíduo que, no ano seguinte, o de 1587, publicou os *Autos e Comédias* de António Prestes, Luís de Camões e outros [1], tendo alcançado

---

[1] Saíu com o título *Primeira | parte dos Avtos | e Comedias Portvgvesas | feitas por Antonio Prestes, & por Luis de Camões, & por | outros Autores Portugueses, cujos nomes vão nos princi | pios de suas obras. Agora nouamente juntas & emen- | dadas nesta primeira impressão, por Afonso | Lopez, moço de Capella de sua | Magestade, & a sua | custa. | ¶ Impressas com licença & priuilegio Real | ¶ Por Andrès Lobato Impressor de Liuros.—Anno M. D. Lxxxvij.* | .4.º de II n. n., 179 fls. numeradas pela frente. Na fôlha segunda das preliminares está a informação não datada de Fr. Bartolomeu Ferreira e a licença da Inquisição para se poder imprimir, dada em 2 de Setembro de 1586. No verso desta fôlha imprimiu-se o alvará de 21 de Março de 1587, concedendo a Afonso Lopes, «meu moço da Capella,» privilégio por dez anos para venda e impressão do «Livro dos Avtos & Comedias Portuguesas», de que fazia menção na sua súplica.

Não resistirei a pôr aqui uma nota bibliográfica interessante e bem do tempo presente.

Dos *Autos de António Prestes* conheceu Inocêncio apenas dois exemplares: um na Biblioteca Nacional de Lisboa, sem a fôlha 107, e outro completo na posse dos herdeiros do dr. António Maria de Sousa Lobo, os quais resistiram a todas as instâncias para consentirem em se tirar uma cópia da fôlha que falta no exemplar da Bib. Nac. Pois bem, há poucas semanas, em Agosto dêste ano de 1918, vieram-me oferecer para comprar o tal exem-

Digitized by Google

licença e privilégio rial para a impressão por alvará de 21 de Março de 1587. O censor inquisitorial e o impressor da presente obra foram os mesmos da precedente, respectivamente, Fr. Bartolomeu Ferreira e André Lobato.

Barbosa Machado, na *Bibliotheca lusitana*, I, 39, chamando-lhe Afonso Lopes da Costa, que era pessoa diversa e se poderá encontrar nos Livros das Moradias com o fôro de cavaleiro fidalgo, confunde êste Afonso Lopes, moço da capela e leigo, com outro Afonso Lopes, eclesiástico, capelão del Rei e tesoureiro da sua capela por alvará de 22 de Junho de 1571 [1], oficio que já servia em Maio dêsse ano e desempenhou até Janeiro de 1582 pelo menos, com um intervalo de Agosto de 1578 a Outubro de 1579 [2], talvez o tempo que esteve preso em África, se é verdadeira a informação de Barbosa Machado. Ao moço da capela havia sido feita mercê, por alvará do ano de 1583, de um moio de trigo, o qual lhe foi mandado pagar no almoxarife das jugadas por desembargo de 12 de Novembro [3]. Também se não deve confundir, como bem adverte Venâncio Deslandes [4], com um impressor do mesmo nome existente em Lisboa nos fins do século XVI, apesar de Sousa Viterbo notar não ser documentalmente fundamentada aquela opinião [5].

Quis deixar aqui estes breves apontamentos relativos a Afonso Lopes, porque se vê haver êle sido afeiçoado à literatura pátria à qual prestou um bom serviço com a publicação dos *Autos de António Prestes*, e, se com a *Copilaçam de todalas obras de Gil Vicente* não foi tam feliz, a culpa não foi sua, mas sim do censor inquisitorial que mutilou a obra.

Decorreram dois séculos e meio até que José Vitorino Barreto Feio e José Gomes Monteiro, dois patriotas refugiados na Alemanha em resultado das suas opiniões liberais, encontraram na biblioteca da Universidade de Göttinguen um exemplar da primeira edição da *Copilaçam de todalas obras de Gil Vicente* e resolveram, « movidos do amor que sempre tiveram pelas nossas cousas », reproduzí-lo pela imprensa. Encarregou-se o primeiro da cópia e escreveu o segundo a Advertência, o Ensaio biográfico e a Tábua glossária [6], com que ilustraram a nova edição, a qual saíu em 1834, em Hamburgo [7], com o seguinte título:

Obras / de / Gil Vicente, / correctas e emendadas / pelo cuidado e diligencia / de / J. V. Barreto Feio e J. G. Monteiro. / Tomo primeiro. / *Vinheta representando as máscaras da Comédia e da Tragédia.* / Hamburgo / Na Officina Ty-

---

plar tam avaramente guardado; o preço era de mil escudos. Não pude adquiri-lo, infelizmente, porque, em vez de ser um novo rico, sou mais depressa, segundo com graça diz um caricaturista francês, *un ancien riche en train de devenir un nouveau pauvre*. Pois se eu o tivesse podido comprar já a esta hora a Bib. Nac. tinha uma reprodução fotográfica da tal fôlha 107, e assim...

[1] *Chancelaria de D. Sebastião*, liv. 26 de *Doações*, fl. 276.

[2] Cartas de quitação de 26 de Março de 1586 (*Chancelaria de Felipe I*, liv. 5.º de *Privilégios*, fls. 143, e liv. 2.º, fls. 46).

[3] *Ementas*, liv. 4.º, fls. 134. Este doc. discrimina perfeitamente os dois homónimos empregados na rial capela.

[4] *Docs. para a hist. da typ. port.*, cit., pag. 106.

[5] *Fr. Bartholomeu Ferreira, o primeiro censor dos Lusiadas*, pág. 45, nota.

[6] Artigo na *Quarterly Review* cit. na pag. 390; Inocêncio, *Dic. bibliografico*, IV, 363, e V, 156. O dr. Teófilo Braga julga, sem razão, que nesta edição das *Obras de Gil Vicente* tudo se deve á pena de Barreto Feio, tendo Gomes Monteiro apenas concorrido com o auxílio pecuniário (*Gil Vicente e as origens*, pág. 442 a 445).

[7] Dois anos antes na mesma cidade haviam sido impressos trechos de alguns autos de Gil Vicente, como lá adiante direi.

Digitized by Google

pographica de Langhoff. / 1834. / *Idênticos frontispícios para o* Tomo segundo *e* Tomo terceiro. 8.º, três volumes, respectivamente de XLIV-387, 535 e 404 págs.

O Tomo primeiro contêm: *Advertência*, pág. III a IX; *Ensaio sobre a vida e escriptos de Gil Vicente*, pág. X a XXXIV; *Appendix*, no qual se contêm entre outras notas em número de nove, o *Privilégio* concedido a Paula Vicente e o *Prólogo* escrito por seu irmão, pág. XXXV a XLI; *Livro I das Obras de Devação*, pág. XLIII; *Obras de Gil Vicente, Livro I. Das obras de Devação. [Visitação]*, pág. 1, continuando d'aqui para diante até pág. 385 com todos os mais autos contidos no livro primeiro da primeira edição e na mesma disposição nela adoptada: *Erratas*, pág. 386; *Index*, pág. 387.

Tomo segundo contêm: *Livro II. Das Comédias* abrangendo todas as da primeira edição, pág. 3 a 180; *Livro III. Das Tragicomédias*, também como na primeira edição, pág. 181 a 532; *Index*, pág. 533; *Erratas*, pág. 535.

Tomo terceiro contêm: *Livro IV. Das Farças*, tudo como na primeira edição, pág. 3 a 324; *Livro V. Das Obras Varias*, seguindo a ordem da edição princeps até pág. 364, fim do que «cada hum dos senhores de Portugal deriam ao beyjar da mão», continuando com o *Pranto de Maria Parda*, pág. 364; *Trovas a Felipe Guilhem*, pág. 377; *Trovas a Affonso Lopes Çapaio*, pág. 379; *Ao mesmo, estando em Santarem*, pág. 380; *Outras*, pág. 380; ao *Conde do Vimioso*, pág. 381; a *el-Rei D. João III*, pág. 383; *Carta a D. João III*, pág. 385; *Epistola dedicatoria a D. João III*, pág. 389; *Sepultura de Gil Vicente*, pág. 391, marcada por êrro 139; *Taboa glossária*, 393 a 401; *Erratas*, pág. 402; *Index*, 403 e 404.

Nesta edição existe uma lacuna de três versos na tragicomédia da *Serra da Estrêla*, por nesse ponto estar rôto o exemplar de que os beneméritos editores se serviram, e ter sido suprimido o trecho na segunda edição, como êles advertem na nota de pág. 440 do volume segundo. Anteriormente, nesse mesmo volume, de pág. 185 a 189, teve de ser substituido o texto da primeira edição pelo da segunda em 110 versos, por falta, no exemplar de que se serviram, da respectiva fôlha, a 124, como em nota também advertem os editores.

Posteriormente simulou-se uma nova edição, aproveitando-se os exemplares da anterior existentes em depósito, aos quais para os rejuvenescer se substituiram os rostos e puseram ante-rostos. Ficaram assim os frontispícios dos três tômos com a alteração, é claro, das respectivas designações dos seus números:

Obras / de / Gil Vicente, / correctas e emendadas / pelo cuidado e diligencia / de / J. V. Barreto Feio e J. G. Monteiro. / Tomo primeiro. / *Vinheta das armas riais dêsse tempo.* / Lisboa. / Acha se também em Pariz. / Na Livraria Europea de Baudry, / 3, quai Malaquais, près le pont des Arts. / 1843. / *Tem no ante-rosto esta designação*: Classicos / portuguezes. / Tomo IV. / Gil Vicente. / I. / *Na página seguinte, verso desta, em baixo:* Pariz. — Na officina typographica de Fain e Thunot, / Rua Racine, 28, junto ao Odéon. /

Acrescentadas as duas páginas do ante-rosto e substituidas as duas do rosto às correspondentes da edição de Hamburgo, de 1834, exposeram-se à venda os exemplares desta quási fraude de livraria e um dêles foi parar à Bibliotheca Nacional de Lisboa, onde se guarda na secção de Literatura sob n.os 6503 a 6505 vermelho.

Finalmente, em referência à edição de Hamburgo, não negando aplauso e louvor aos dois beneméritos Portugueses que a empreenderam e ultimaram, o amor à verdade obriga-me a dizer que ela não é inteiramente isenta de defeitos. Existem alterações e modificações não justificáveis pelo desejo de acertar o metro de alguns versos; desapareceram em três, quatro ou seis pontos versos in-

Digitized by Google

teiros, talvez por êrro de cópia, talvez por descuido de revisão; num trecho alteraram-se os nomes de pessoas mencionadas pelo poeta [1]; aperfeiçoou-se o castelhano, limpando-o em partes dos lusismos de Gil Vicente; e outras mais máculas existirão incapazes contudo de diminuir o grandissimo serviço por Barreto Feio e Gomes Monteiro prestado à literatura portuguesa com a publicação das *Obras de Gil Vicente.*

Em 1852 começou-se a publicar uma colecção de livros raros de autores escolhidos intitulada *Bibliotheca portugueza ou reproducção dos livros nacionaes escriptos até ao fim do seculo XVIII,* indicações ministradas por Inocêncio no *Dicc. bibliographico* [2], as quais estariam na capa dos respectivos volumes, pois que ainda as não encontrei em nenhum dos varios exemplares examinados, todos, na verdade, encadernados. Nesta colecção aparecem as

Obras / de / Gil Vicente. / Tomo I. / Lisboa. / Escriptorio da Bibliotheca Portugueza. / Rua Augusta N.º 110. / 1852. / *No verso:* Typographia de F. I. Pinheiro. / Rua da Annunciada N.º 14. / *Idênticos frontispícios para o* Tomo II. *e* Tomo III. In-18.º, três volumes, respectivamente de LX-387, 529 e 394 pags. [3]

Sucede porêm que os frontispícios dêstes volumes substituem os primitivos, os quais eram por esta forma: *Obras / de / Gil Vicente. / Editores / J. da S. Mendes Leal Junior / e / F. I. Pinheiro. / Tomo* etc., como acima. Conhece-se bem a substituição por estar a fôlha pegada e sei das palavras suprimidas por dois exemplares que possuo na minha livraria com aqueles dizeres [4]. Pode-se pois supôr, com todas as probabilidades, que esta edição das *Obras de Gil Vicente* tivesse sido dirigida por Mendes Leal e que dêle seja o Prólogo a ela anteposto.

Nêle se declara: «Nós seguimos o mesmo plano da edição de Hamburgo. — Confrontámos a 1.ª edição com a 3.ª: restabelecemos o texto nos dois logares que apontámos da 3.ª edição: adoptámos as correcções e ortographia da ultima: e tambem nada omittimos do que se acha impresso na 1.ª — A presente edição, por tanto, é a reproducção completa da 1.ª com as correcções da 3.ª. Finalmente, convencidos de que, a respeito da vida e obras do nosso Poeta, não poderiamos dizer mais, nem melhor, do que os illustres Editores da 3.ª edição, resolvemos extrahir della o já citado Ensaio...» Para ser perfeitamente verdadeiro deveria declarar Mendes Leal, se foi êle, como creio, quem escreveu o Prólogo, que, afora o restabelecimento do texto nos dois lugares apontados, em tudo mais a quarta edição é uma reprodução servil da terceira, pois que até os erros dela reproduz, p. ex.: no *Index* do tom. II da ed. de Hamburgo esqueceu incluir a

---

[1] Já ao caso me referi na pág. 59, nota 3, e na pág. 61.—Agora mesmo encontrei outra alteração curiosa do original. A fôlha 232 dêste abre com o verso seguinte: *que sam dalem da Sertãy*, para rimar com *mãy*; pois na edição de Hamburgo, vol. III, pag. 222, transcreveram o verso assim: *Que sou d'alem do sertão.*

[2] Vol. I, pág. 387.

[3] Exemplares existentes na Biblioteca Nacional de Lisboa, secção de Literatura, n.ºs 11060 a 11062 vermelho, e 12075 a 12077 também vermelho.

[4] Os dois exemplares a que me refiro são ambos sómente do tom. II das *Obras de Gil Vicente;* mas para confirmar a minha asserção possuo ainda dois exemplares das *Obras de Bernardim Ribeiro*, da mesma colecção, no rosto de um dos quais se nomeiam os mesmos editores, declarando-se no verso haver sido o volume impresso na Typographia d'Andrade e Companhia, Calçada de Santo André, N.º 52 a 54, ao passo que no segundo o frontispício foi substituido por outro sem aqueles dizeres.

Digitized by Google

Floresta de enganos, pois idêntica omissão se deu na edição de Lisboa, resultando d'aqui ter havido quem suposesse faltar nesta aquela comédia.

Contêm pois a edição de 1852 tudo quanto na de 1834 se encontra e pela mesma ordem disposto; só a mais aparecendo o Prólogo no tom. I de pàg. V a X.

Ainda existe quinta edição das obras completas de Gil Vicente. Empreendeu-a e levou-a a cabo o dr. Mendes dos Remédios, incluindo-a na sua interessante colecção de *Subsidios para o estudo da Historia da Literatura Portuguesa*, da qual constitui os vols. XI, XV e XVII. Adoptou o prestante professor na sua reprodução ordem mui diversa da seguida pelos seus predecessores, tendo sido o seu plano incluir exclusivamente no primeiro tomo as *obras portuguesas*, no segundo as *obras bilíngùes* e no terceiro as escritas sómente em *língua espanhola*. Dirigiu o seu critério o intuito didáctico, pois quís facilitar ao professor o encaminhar-se em primeiro lugar ao texto que lhe interessa [1]. Nesta última edição, de que adiante reproduzo o título, aparece o labor literário de Gil Vicente assim disposto:

Subsídios para o estudo da Historia da Literatura Portuguesa / XI / Obras / de / Gil Vicente / Com revisão, prefacio e notas de Mendes dos Remédios / Tomo. primeiro / *Emblema do editor.* / Coimbra / França Amado — Editor / 1907 /

Contêm: *Prefácio*, de pàg. V a LIX; *Advertencia*, pàg. LXI; Auto de Mofina Mendes, pag. LXIII; *Figuras* [dêste Auto], pàg. 1; *Auto da Mofina Mendes*, pag. 2; *Auto Pastoril Português*, 21; *Auto da Feira*, 41; *Auto da Alma*, 69; *Auto da Barca do Inferno*, 93; *Auto da Barca do Purgatorio*, 119; *Auto da Historia de Deos*, 143; *Dialogo sobre a Resurreição*, 173; *Auto da Cananea*, 183; *Exhortação da Guerra*, 205; *Côrtes de Jupiter*, 223; *Tragicomedia Pastoril da Serra da Estrella*, 243; *Romagem de Aggravados*, 265; *O Velho da Horta*, 295; *Farça dos Almocreves*, 317; *O Clerigo da Beira*, 339; *Obras varias*, 365, compreendendo: *Paraphrase do Psalmo L.*, 367; *A' morte d'El Rei D. Manuel*, 372; *Romance ao mesmo assumpto*, 373; *Oração dos Grandes de Portugal a N. Senhora, depois de enterrado D. Manuel*, 375; *Romance á aclamação de D. João III*, 378; *Aqui diz o Autor o que cada hum dos senhores de Portugal dirião ao beijar da mão*, 380; *Pranto de Maria Parda*, 384; *A Afonso Lopes Çapaio*, 393; *Ao mesmo*, 393; *Outras*, 394; *Ao Conde do Vimioso*, 395; *Carta a D. João III*, 396; *Epistola dedicatoria a D. João III*, 399; *Index*, 401.

Subsidios para o estudo... / XV / Obras / ... Tomo segundo / ... / 1912 /

Contêm: *Auto da Fé*, pag. 1; *Comedia de Rubena*, 13; *Comedia sobre a divisa da cidade de Coimbra*, 63; *Floresta de Enganos*, 89; *Nao d'amores*, 125; *Fragoa d'amor*, 151; *Templo d'Apolo*, 173; *Triumpho do inverno*, 195; *Farça de «Quem tem farelos»*, 235; *Farça chamada «Auto da India»*, 253; *Farça chamada «Auto da Fama»*, 271; *Farça chamada «Auto das Fadas»*, 289; *Farça de Ines Pereira*, 315; *O Juiz da Beira*, 347; *Farça chamada «Auto da Lusitania»*, 373; *Farça dos Fisicos*, 405; *Auto da Festa*, 427; *A El Rei D. João III*, 455; *Index*, 457.

Subsídios para o estudo... / XVII / Obras / ... / Tomo terceiro / ... / 1914 /

Contêm: *Visitação*, pàg. 5; *Auto Pastoril Castelhano, endereçado às Muti-*

---

[1] Prefácio, págs. XII e XIII.

Digitized by Google

nas do Natal, 11; *Auto dos Reis Magos*, 27; *Auto da Sibilla Cassandra*, 39; *Auto dos Quatro Tempos*, 63; *Auto da Barca da Gloria*, 83; *Auto de S. Martinho*, 109; *Comedia do Viuvo*, 115; *Dom Duardos*, 145; *Amadis de Gaula*, 201; *Farça das Ciganas*, 235; *Obras Varias*, 245; *Sermão*, 247; *Trovas a Felipe Guilhem*, 257; *Contribuições para o conhecimento das obras de Gil Vicente*, 259, nas quais se contêm a matéria seguinte: *Em fórma de prefácio, carta ao Ex.mo Sr. Julio de Castilho*, 261; I *Versos liricos ou fragmentos de canções dispersos nas Obras de Gil Vicente*, por Júlio de Castilho, 263; II *Cronologia Gil-Vicentina*, pelo mesmo, 295; III *Indice das Obras de Gil Vicente*, ainda pelo mesmo, 299; IV *Glossário e notas*, 349. Seguem-se: *Erratas principais*, 406; e *Index*, 407.

Anterior dois anos à edição de Hamburgo havia sido impressa na mesma cidade uma pequena colecção de trechos, mais ou menos longos e mais ou menos deturpados, de autos de Gil Vicente. Publicara-os D. João Nicolas Böhl de Faber no livro intitulado *Teatro español / anterior / á / Lope de Vega. / Por el Editor / de la / Floresta de rimas antiguas castellanas.* / Hamburgo: / en la librería de Frederico Perthes. / 1832. / — 8.º de IV, aliás VI-468 págs.

No índice mencionam-se as seguintes composições de Gil Vicente: «*Auto del Nacimiento* (abrangendo o monólogo da *Visitação* e o *Auto pastoril castelhano*), *Auto de los Reys Magos*, dito de *Cassandra*, dito de *los cuatro tiempos*, escena de *Rubena*, *Comedia del Viudo*, un paso del *triunfo del invierno*, e dito de *los fisicos*.» No Prólogo declara o publicador: «Este tomo encierra... ocho [representaciones] de Gil Vicente (que son todas las que se hallan escritas en castellano entre sus obras)...» Esta afirmação é errónea. Escritos inteiramente em castelhano ainda se encontram o *Auto da Barca da Glória*, as tragicomédias *Dom Duardos* e *Amadis de Gaula* e a *Farsa das Ciganas*, ao passo que a *Camédia de Rubena*, o *Triunfo do Inverno* e o *Auto dos Físicos* foram compostos em português e castelhano. A leviandade e falta de estudo de Böhl de Faber ainda se revela mais adiante de uma forma significativa. Diz êle numa espécie de explicação prévia anteposta às transcrições: «Gil Vicente (Portugues) fue contemporáneo de Juan del Encina, y sus ensayos dramáticos se representaron en Portugal á fines del mismo siglo XV. La copilacion de sus obras (que se ha hecho muy rara) se imprimió en Lisboa 1562. Ademas de las castellanas, que se reimprimen, contienen estas obras 34 piezas en portugues algunas mezcladas de castellano.» Na pág. seguinte transcreve o sumário da *Visitação* nestes termos: «Auto pastoril del Nacimiento, el primeiro que en Portugal se representó... en la segunda noche del nacimiento del Príncipe Don Juan tercero en Portugal (6 Junio de 1502).» O primeiro auto foi pois levado à scena em 1502, mas os ensaios dramáticos de Gil Vicente representaram-se nos fins do século XV!

A par destas faltas de estudo e ponderação é extraordinário o arrojo com que o publicador suprime estrofes inteiras (do *Auto pastoril português* desapareceram 76 versos, do da *Sibila Cassandra*, 293, etc.), substitui versos de Gil Vicente por outros da sua própria lavra e constantemente moderniza a linguagem. Deplorável edição!

Outra compilação das obras de Gil Vicente, também incompleta, mas mais ampla, foi recentemente publicada:

Biblioteca Lusitana / Autos de Gil Vicente / seguidos de alguns excertos / Compilação e prefacio / de / Affonso Lopes Vieira / *(Emblema gravado)* / Edição da / «Renascença Portuguesa» / Porto. / — In-8.º de 258 págs. e mais 2 com

Digitized by Google

o *Indice*, erratas e colofon da impressão, o qual diz: «Acabou de se imprimir / na tipografia da «Renascença Portuguesa» / Rua dos Mártires da Liberdade, 178, / aos 4 de Abril de 1916.»

Contêm: *Prefacio*, pág. 7; Notas aos excertos contidos neste volume, 31; *Visitação*, 33; *Monologo do Vaqueiro*, versão de Afonso Lopes Vieira, 39; *Farça chamada «Auto da Fama»*, 43; *O Velho da Horta*, 63; *Auto da Barca do Inferno*, 93; *Auto pastoril portuguez*, 127; *Auto da Feira*, 153; *Auto de Mofina Mendes;* 189; *Excertos*, 219: do *Auto da Alma*, 221, da *Exortação da Guerra contra os Mouros de Azamor*, 231, do *Auto da Lusitania*, 235; *Carta que Gil Vicente mandou de Santarem a El Rei D. João III*, 239; *Sepultura de Gil Vicente*, 245; *Glossário*, 247; *Indice*, 259; *Erratas*, 261.

Outros extractos de autos de Gil Vicente encontram-se ainda em compilações espanholas, p. ex.: nas *Orígenes del Teatro Español* de D. Leandro Fernández de Moratín onde o autor publicou trechos da scena primeira da *Comédia de Rubena*, da *Comédia do Viúvo* e do que êle chama *Auto pastoril del Nacimiento*, no qual reuniu o monólogo da *Visitação* e o *Auto pastoril castelhano* [1]; e nos *Autos sacramentales* de D. Eduardo González Pedroso entre os quais aparece o *Auto de S. Martinho* [2].

Começarei agora o catálogo das impressões avulsas de autos de Gil Vicente, não só das que encontrei em bibliotecas e catálogos portugueses, mas também daquelas com que deparei na Biblioteca Nacional de Madrid e na do British Museum de Londres, visitadas agora por mim, em Setembro e Outubro dêste ano de 1918, sendo para notar que na Biblioteca Nacional de Paris apenas existe de Gil Vicente a edição de Hamburgo das *Obras* e a moderna reprodução do *Auto da Festa*. Seguirei quanto possível a ordem cronológica e apresentarei uma lista, seguramente não completa, mas certamente muito ampla.

1

(*Estampa alegórica.*) Avto de moralidade composto per Gil vicẽ / te Por contemplaçam da serenissima e muyto catholica / raynha dona Lianor nossa señora: e representada per seu / mãdado ao poderoso principe e muy alto rey dõ Manuel / primeyro de portugal deste nome. Começa a declaraçã e argumẽto / da obra. ¶ Primeyramente no presente auto se fegura que no põto / q̃ acabamos despirar chegamos supitamente a huũ ryo: ho qual per / força auemos de passar: em huũ de dous batees q̃ naquelle porto está / .s. huũ delles passa pera ho parayso: e ho outro pera ho inferno: os quaes / batees tem cada huũ seu arraez na proa: ho do parayso huũ anjo: e ho / do inferno huũ arraez infernal e huũ companheyro. Ho primeyro / entrelocutor he huũ fidalgo que chegua com huũ page q̃ lhe leua huũ / rabo muy comprido e huũa cadeyra despaldas. E começa ho arraez / do inferno desta maneyra ante que ho fidalguo venha. /

No fim: ¶ Autos das barcas q̃ fez Gil vicente per seu maão. Corregi- / do e empremido per seu mandado. Pera ho quall e todas suas / obras tem priuile-

---

[1] Tomo x da *Coleccion de los mejores autores españoles*, a chamada colecção Baudry, do nome do primitivo editor, pags. 236 a 246 da edição de 1838, e 240 a 251 da de 1905.

[2] Na pag. 3 do tomo 58.º da *Biblioteca de autores españoles*, a colecção geralmente designada pelo nome do seu impressor e editor, Rivadeneyra.

Digitized by Google

gio delRey nosso senhor. Cõ as penas e do / tehor que pera ho cancioneyro geeral portugues se ouue. / — 4.º, gótico, 8 fls. n. n., marcadas [a j.] a ij, a iij e a iiij, impresso em 2 cols. começando no verso do frontispício.

Biblioteca Nacional de Madrid, R. 9438. Fac-simile na II das *Notas Vicentinas* da Senhora D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, Coimbra 1918. — Suponho o *Auto* impresso num dos anos de 1517, 18 ou 19, no tempo em que em Portugal só uma raínha existia, a viúva de D. João II, e por isso o poeta lhe dá a designação de «raynha dona Lianor *nossa senhora*».

2

¶ Tragicomedia alegorica / del parayso y del infierno. / (*Duas gravuras em madeira sobrepostas, representando duas naus.*) ¶ Moral representaciõ del diuerso / camino que hazen las animas partiendo desta presente vi-/ da figurada por los dos nauios que aqui parescen: el vno / del cielo y el otro del infierno. Cuya subtil inuencion y ma-/ teria en el argumento dela obra se puede ver. 1539.

No fim: Fue impressa en Burgos en casa de Juan de junta / A xxv dias del mes de Enero. / Año de M.D.xxxix. / — 4.º, letra gótica, 12 fls.

Bib. Nac. de Madrid, R. 9419. Fac-simile nas cit. *Notas Vicentinas.* — Dalguns versos do introito se conhece não se ter pretendido fazer uma tradução dos autos de Gil Vicente, mas sim uma imitação. Os versos são êstes:

e si no os arrepentis
de me escuchar,
mia fe yo os quiero contar
que se que, que vi en lisboa,
que dizen que es cosa boa
segun su comun hablar
e quiere significar
en concrusion
no se que nauegacion
en vn lago, rio, o mar
y al tiempo de embarcar
hay mucha tribulacion
escuchad con atencion.

Moratín, nas cits. *Orígines del Teatro Español*, pag. 78, n.º 60, refere-se a esta obra como sendo «una imitación de la que escribió el portugués Gil Vicente por los años de 1519.» Gallardo, no *Ensayo de una Biblioteca española*, vol. I, col. 981, n.º 1012, aponta o próprio exemplar por mim examinado e ainda então não pertencente à Bib. Nac. de Madrid. Na Biblioteca Rial de Munich existe também um exemplar desta mesma edição (Barrera y Leirado, *Catalogo del Teatro Antiguo Español*, Madrid, 1860, pag. 476).

3

Auto de dom Duardos.

Este he o rol dos liuros defesos por o Cardeal Jffante, Jnquisidor nestes Reynos de Portugal. Anno de. 1551. Na fl. 11 lê-se: «O auto de don Duardos que nom tiuer cẽsura como foy emendado». (Brito Aranha, *Dicc. Bibliographico*, x, pag. 387; *Notas Vicentinas*, I, 31.)—Daqueles dizeres se vê ter havido uma edição anterior a 1551. Foi o *Auto* reimpresso em 1562, na *Copilaçam de todalas obras.*

4

Auto da Lusitania.

Idem, ibi. Com esta declaração: «O auto... com os diabos / sem elles poderse ha emprimir», isto é: reimprimir.

Digitized by Google

5

Auto de Pedreanes.

Idem, ibi. Declarando-se proíbido, «por causa das matinas».—Foi reimpresso em 1562 com a designação de *Farsa do Clérigo da Beira.*

6

Auto do Jubileu de amores.

Idem, ibi, sem motivar. — Representado em Bruxelas no mês de Dezembro de 1531.

7

Auto da Aderência do paço.

Idem, ibi.

8

Auto da Vida do paço.

Idem, ibi.—Êste, ou o precedente, foi, em meu parecer, reimpresso na edição de 1562 com o título de *Romagem de agravados.*

9

Auto dos Físicos.

Idem, ibi.—Também reimpresso em 1562.

10

Auto hecho nuevamente por Gil Vicente sobre los muy altos y muy dulces amores de Amadis de Gaula con la princesa Oriana, hija del rey Lisuarte.

Cathalogo de los libros en Romance que se prohiben incluido no *Cathalogus librorum qui prohibentur mandato...* de D. Fernando de Valdés, bispo de Sevilha e inquisidor geral de Espanha, no ano de 1559, em *Notas Vicentinas*, pág. 82, nota 137, e já antes nas *Origenes del Teatro español* de Moratín, pág. 77-78, atribuido, sem justificar, ao ano de 1532.

11

¶ De gil Vyçente. / Prãto de maria parda porque vio / as ruas de Lixboa com tam poucos ramos nas tauernas. / E ho vinho tam caro. / *(Gravura em madeira reproduzida na Est. XVI, em frente da pag. 358.)* — S. l. n. d., 4.º, gótico, de 4 fls. n. n., marcadas a, aij, impressas a duas colunas.

Biblioteca de Fernando Palha, n.º 1014 do Catálogo. Impressão dos princípios do século XVI, reproduzida de pag. 358 a 364.

12

Auto de Ines Pereira. / *(Quatro figuras:* Escudeyro. Jnes pereyra. Lianor vaz. Mãy. *dizem os letreiros superiores.)* Feyto por Gil Vicente, representado ao muyto alto, e / muy poderoso Rey dom Joam o terceyro no seu con- / uento de Tomar: Era do senhor de M.D.xxiij. O seu / argumento he, hum exemplo comum que dizem: mais / quero asno que me leue, que cauallo que me derrube. / As figuras sam as seguintes. Jnes pereyra, sua mãy, / Lianor vaz, Pero marquez, dous Judeus, / hum chamado Latam, e outro Vidal / Hum Escudeyro, com hum seu / Moço, hum Ermitam. / ¶ Entra logo Jnes Pereyra, e finge que esta lauran / do soo em casa, e canta esta cantiga. / — *Est. XVII, pag. 365.*

No fim: ¶ E assi se vam, e se acaba / o dito Auto. / ¶ Laus Deo. /—S. l. n. d., 4.º, gótico, 10 fls. n. n., marcadas [Aj.] A ij, Aiij, Aiiij, A v, impresso a 2 cols.

Bibliotheca Nacional de Madrid, R. 4051. Impressão anterior a 1562 (data da 1.ª ed. da *Copilaçam*) reproduzida na pag. 365 e segs.

Digitized by Google

13

Ho auto que se segue he intitula· / do breue sũmario da historia de / Deos, Feyto por Gil Vicente. / Foy representado ao muyto alto / e muyto poderoso Rey dõ João / o terceyro deste nome em Por- / tugal, e aa serenissima e muyto es / clarecida Raynha dona Cateri- / na em Almeyrim, na era de / M.D.xxvij. / (*Dentro da portada da primeira edição dos Lusiadas, tendo o pelicano o colo para a direita, e por baixo de uma gravurinha tosca, representando a Resurreição. Vidè Est. XV*).—S. l. n. d., 4.º, gótico, 12 fls. n. n., marcadas [Aj,] Aij, Aiij, Aiiij, A v, A vj, impresso a duas cols., começando o auto no verso do frontispício.

Biblioteca Nacional de Madrid, R. 3630. Edição anterior à de 1562 da *Copilaçam*.

14

¶ Dialogo de hũs tres judeus e dous Centurios sobre a re- / surreyção de Christo nosso Redemptor, e os nomes delles, rabi Leui, rabi / Samuel, dous Centurios e rabi Aroz. Entra primeyro rabi Leui e diz. /

Começa, tomando toda a largura do texto, no alto da fl. 10 n. n. da acima cit. impressão.

15

¶ Segue se hũ romãce ẽ vul / gar estilo pera cãtar ao som / de Emperatriz y Reyna, que / lhe vem muito natural / Romance /

Na 4.ª col. da fl. 7 do opúsculo seguinte: *Auto de Santiago* / (Estampa grande, representando Santiago a cavalo desbaratando um trôço de Moiros, gravura em madeira.) *Auto do bẽaẽturado señor Sãtiago, feyto per Afonso / aluares, no qual ẽtrã as figuras seguintes .s. hũ Mouro, hũ ca / tiuo. Sãctiago: hũ Romeiro: hũ diabo em abitos de Ermi / tã: hũ Anjo, hũ pastor, hũa Serrana, hũ Ermitã de nossa se / ñora.* / — 4.º de 8 fls. n. n. (Biblioteca Nacional de Madrid, R. 8592).

16

¶ Sigue se la segunda parte que / es un Romance que cuenta de / como fue levantado por Rey / el muy alto Principe dom Joã / tercero Rey de Portugal. / Romance /

Na fl. 8, col. 2.ª do acima cit. *Auto de Santiago*.—Indicou-me a existência desta e da precedente reprodução a Senhora D. Carolina Michaëlis.

17

Auto de Amadís de Gaula. Lisboa por Vicente Alvres, 1586, 4.º

Barbosa Machado, *Bibliotheca lusitana*, II, 384.—Esta edição é, muito provávelmente, a mesma indicada no n.º seguinte, tendo aqui o nome do impressor emendado, Alvarado para Alvares, e a data errada, talvez até êrro de revisão, 6 por 9.

18

Auto nuevamente hecho sobre los muy altos, y muy dulces amores de Amadis de Gaula. Por Vicente Alvarado, 1589.

Index librorum prohibitorum... pro universis Hispaniarum regnis. Madrid, 1747, pag. 500.—«Prohibidos: El Auto... *de Amadis de Gaula &c.* como no sean de la impression del año 1589 y 1612. que estas abaxo se emiendan..... En la Comedia de *Amadis*, impressa en Lisboa por Domingo de Fonseca, año de 1612. y por Vicente Alvarado 1589. pag. 5. se borre *Señor no os atengais à esto*, y mas abaxo: *No os cureis de oraciones*».

Digitized by Google

UNIV. OF CALIFORNIA

Frontispício do *Breve sumario da Historia de Deos*, de Gil Vicente, impressão talvez contemporânea do autor

Digitized by Google

Digitized by Google

19

O Auto que segue he intitulado, Breve Summario da Historia de Deos. Feyto por Gil Vicente. Foi representado ao muy alto e muy poderoso Rei Dom João o terceiro deste nome em Portugal, e á Serenissima Raynha Dona Caterina, em Almeirim.—*Dentro de frontisp. com portada igual à da chamada 1.ª edição dos Lusiadas de L. de Camões, e vinheta.—No fim*—Impresso com licença: Por Antonio Alvares. Anno M.D.XCVIII. Vinheta. In-4.º de 12 ff. n. n.

Catalogo methodico da livraria dos Marquezes de Sabugosa, Condes de S. Lourenço, coordenado por Luiz Carlos Rebello Trindade, pag. 106, não se indica, mas provávelmente também aqui, como no n.º 13, se reproduziu o *Diálogo*.

20

Barca Primeira. / *(Gravura representando uma nau e um batel.)* Avto de moralidade, compvesto / por Gil Vicente, por contemplação da serenissima, & muito Catho / lica Rainha Dona Lianor, & representada por seu mandado ao po- / deroso Principe Dom Manuel primeiro de Portugal deste / nome. Começa a declaração, & argumento da obra. / Primeyramente no presente auto se figura, que no ponto que acaba / mos despirar chegamos supitamẽte a hum rio, o qual por força aue / mos de passar, em hum de dous bateis que nequelle porto estão, s. / hum delles passa pera o Parayso, & outro pera o Inferno. Os quaes / bateis tem cada hum seu arraez na proa: o do Parayso hum Anjo: / & do inferno hum arraez infernal, & hum companheiro. O primei / ro interlocutor he hum fidalgo, que chega com hum paje que lhe / leua hũ rabo muy comprido, e hũa cadeira despaldas. E come- / ça o arraez do inferno desta maneira [ante] que o fidalgo venha. / Cõ todas as licenças necessarias. Em Lisboa. Por Antonio Aluarez. / Na rua dos douradores. Tayxado 3 a *(sic)* reis a folha.

No fim: Visto pello D. Iorge Cabral. / Vista a conferencia pode correr. Em Lisboa. / *Gaspar Pereira. Francisco Barreto.* / —4.º de 8 fls. n. n., marcadas [A1,] A2, A3, A4, impresso a 2 cols. em caractéres romanos, começando o auto no verso do frontispício. O verso da última fôlha está todo tomado por uma gravura em madeira, representando uma barca sem velas, com os tripulantes a orarem a uma Virgem com o Menino que lhes aparece no ceu. Por baixo mais quatro figuras: uma mulher, um diabo, um senhor e um homem de cajado na mão.

Bib. Nac. de Madrid, R. 11059. Fac-simile nas cit. *Notas Vicentinas*, II, pag. 12. Gallardo, *Ensayo* cit., vol. IV, col. 1566, n.º 4573.

21

Avto da Festa. (*Vinhetas.*) / Auto nouamente feito por Gil Vicente, & re- / presentado, em o qual entrão as figuras seguin- / tes, s. primeiramẽte a Verdade, hum Vilão, duas / Ciganas, hũa per nome Lucinda, & outra Gra- / ciana, & hum Paruo, & outro Vilão per nome / Ianafonso, & hũa Velha, & hum Rascão, q̃ quer / casar com a Velha, hum Pastor per nome Fer- / nando, & tres moças Pastoras, hũa per no / me Mecia, & outra Caterina, & / outra Filipa. / — S. l. n. d., 4.º de 8 fols. n. n., marcadas [A i,] Aij, Aiij, Aiiij.

Fac-simile na reprodução feita em 1906 adiante mencionada sob n.º 65 — Impressão do século XVI, provávelmente posterior a 1562, data da primeira edição da *Copilaçam de todalas obras de Gil Vicente*.

Digitized by Google

22

Auto da Fee *(Vinheta.)* A seguinte representação foy representada em Almeyrim ao muyto poderoso Rei D. Manuel.—In-4.º de 10 fls. n. n., ante-rosto com as armas do reino, na última folha outra vinheta.

Catalogo Sabugosa, pag. 106, impressão do século XVI-XVII, segundo lá se declara.

23

Barca primeira. / (*Gravura, a mesma do n.º 20.*) Avto de moralidade, compves / to por Gil Vicente, por contemplação da Serenissima, & muyto Ca- / tholica Raynha Dona Lianor: & representada por seu mandado ao / poderoso Principe Dom Manuel primeiro de Portugal deste nome. / Começa a declaração, & argumento da obra.

¶ Primeyramente no presente auto se figura, que no ponto que aca-/bamos despirar chegamos supitamente a hum rio, o qual per força / auemos de passar, em hum de dous batees que naquelle porto estão, / s. hum delles passa pera o Parayso, & outro pera o Iuferno. Os quaes / batees tem cada hum seu arraez na proa: o do Parayso hũ Anjo & o / do Inferno hum arraez infernal, & hũ companheyro. O primeyro in / terlocutor he hum fidalgo q̃ chega cõ hum paje q̃ lhe leua hum rabo / muy comprido, & hũa cadeyra despaldas. E começa o arraez do in- / ferno desta maneyra ante que o fidalgo venha. Com licença. / — In-4.º de 8 pags. n. n. e no verso da última folha vinhetas.

Catalogo Sabugosa, pag. 106. Fac-simile do frontispício nas cit. *Notas Vicentinas II.* Impressão dos fins do século XVI, princípios do século XVII; confira-se com o n.º 20, decerto mais antigo.

24

Auto de Amadis de Gaula. Lisboa por Domingos da Fonseca. 1612. 4.º.

Bibliotheca lusitana, loc. cit. — «Na Tragicomedia *Amadis* impressa separada em Lisboa por Domingos da Fonseca anno 1612. pag. 5. col. 1. lin. 3. risque-se...» (*Index auctorum damnatæ memoriæ*, Lisboa, 1624, pag. 625-626. Também mencionado no cit. *Index* espanhol de 1747, pag. 500.)

25

Auto de D. Duardos. Lisboa por Vicente Alvres. 1613. 4.º.

Bibliotheca lusitana, loc. cit. — «A [impressão do *D. Duardos*] do anno de 1613 em Lisboa por Vicente Alvares hé das correctas» (cit. *Index* de 1624, pag. 625, col. 2).

26

Triumpho do Inverno. Comédia. Lisboa por Manuel de Carvalho. 1613. 4.º

Bibliotheca lusitana, loc. cit. — «Anda tambem esta obra separada impressa em Lisboa por Manoel Carvalho, anno 1613.» (*Index* de 1624, pag. 626, col. 2.)

27

Pranto de Maria Parda. Lisboa, 1619.

Consta esta edição da licença para se imprimir passada a 13 de Julho daquele ano (vidé o n.º 87).

28

Juiz da Beira. Lisboa, 1619.

Consta de análoga licença mencionada no n.º 38.

Digitized by Google

29

Auto de D. Duardos. Braga, por Frutuoso de Basto. 1623. 4.°
Bibliotheca lusitana, loc. cit.

30

Auto da Barca do Inferno. Lisboa, 1623, 4.°
Bibliotheca lusitana, loc. cit.

31

Auto da segunda barca que he a do Purgatorio. Lisboa. 1623.
Não encontrei nenhum exemplar desta edição de cuja existência não é contudo lícito duvidar.

32

Auto da terceyra barca, que he endereçada a embarcaçam da gloria. — S. l. n. d. (Lisboa, 1623).
Dizeres do Catálogo da Biblioteca Nacional de Lisboa, onde existia um exemplar na colecção marcada com o n.° 2159 azul, a qual desapareceu.

33

Amadis. Lisboa, por Antonio Alvares, sem data.
Index de 1624 já cit., pag. 626 col. 1, onde declara que nesta impressão de António Álvares se farão as mesmas emendas marcadas para a edição de 1612 (n.° 24). Deverá portanto a edição de António Álvares ser posterior a 1612 e anterior a 1624.

34

Auto do Juiz da Beira. Lisboa por Antonio Alvares. 1630. 4.°
Bibliotheca lusitana, loc. cit.

35

Pranto de Maria Parda. Lisboa por Antonio Alvares. 1632. 4.°
Bibliotheca lusitana, loc. cit.

36

Auto de D. Duardos. Lisboa, por Antonio Alvares, 1634.
Bibliotheca lusitana, loc. cit.

37

Pranto de / Maria Parda, porqve vio as / Ruas de Lisboa com tam poucos ramos nas tauer- / nas, & o vinho tam caro. / *(Parte da gravura do n.° 11, cortada dos lados.)* Podese imprimir. Em S. Eloy de Lisboa a 14. de Iu- / lho de 1619. *M. Vicente da Resurreição.* / Concorda com este Original impresso que me fica / em S. Eloy de Lisboa: a 25. de Nouembro de 1619. / *M. Vicente da Resurreição.* / Podese imprimir. *Fr. Francisco Guerreiro.* / Com todas as licenças necessarias, & Priuilegio Real. / Em Lisboa. Por Antonio Aluarez. Impressor DelRey / nosso Senhor. Anno de 1643. / — 4.° de 3 fls. n. n., marcadas [A 1,] A 2, A 3, impresso a 2 cols., começando no verso do frontispício.
Bib. Nac. de Madrid, R. 11059. — Gallardo, *Ensayo* cit., IV, col. 1568, n.° 4577.

38

Iviz da Beyra. / (*Quatro figuras em linha.*) ¶ Auto feyto por Gil Vicente,

Digitized by Google

Representado ao muito / poderoso Rey Dom Ioão em Almeyrim. Em que en- / trão as figuras seguintes. Hum Iuiz da Beyra, hum Por / teiro, hum Ferreyro, & hũa velha por nome Anna Dias, / Calçado velho, hũ escudeiro, hũ moço, & assi vem / quatro irmãos demandando hum asno, / que ficou de seu pay. He obra / mui graciosa. / Podese imprimir. Em S. Eloy de Lisboa a 13. de Iulho de / 1619. M. Vicente da Resurreição. / Com priuilegio Real. / Com todas as licenças necessarias. Em Lisboa, por Antonio Alua- / rez. Impressor DelRey N. S. Anno 1643. /

No fim: Taixado a 8 reis em papel. / —8.º, de 8 fls. n. n., marcadas [A 1,] A 2, A 3, A 4, impresso em 2 cols., começando no verso do frontispício.

Biblioteca do British Museum de Londres, C. 63. b. 4. — É o exemplar que pertenceu a Salvá e está descrito no seu *Catalogo*, vol. I, pág. 555, n.º 1491, declarando que « la edicion arriba descrita contiene numerosas variantes y algunas adiciones », quando se compare com o texto impresso nas *Obras* de Gil Vicente.

39

Jviz da Beyra. / *(Gravura de madeira com quatro figuras.)* ¶ Auto feyto por Gil Vicente, Representado ao mui / to poderoso Rey Dom Ioão em Almeyrim. Em que / entrão as figuras seguintes. Hum Iuiz da Beyra, hum / Porteyro, hum Ferreyro, & hũa velha por nome An- / na Diz, Calçado velho, hũ escudeiro, hũ moço / & assi vem quatro irmãos demandando / hum asno, q̃ ficou de seu pay. He / obra mui graciosa. / Podese imprimir. Em S. Eloy de Lisboa a 13. de Iulho de / 1619. / M. Vicente da Resurreição. / Com priuilegio Real. / Com todas as licenças. necessarias. Em Lisboa, por Antonio Alua- / rez Impressor DelRey N. S. Anno 1643. /

No fim: Taixado a oito reis em papel. / —4.º de 8 fols. n. n., marcadas]A 1,] A 2, A 3, A 4, impresso em 2 cols., começando no verso do frontispício.

Bib. Nac. de Madrid, R. 11059. — Gallardo, *Ensayo* cit., IV, col. 1567, n.º 4574. Por algumas diferenças na composição do frontispício vê-se ser esta edição diversa da precedente.

40

Pranto de / Maria Parda, porque vio as / Ruas de Lisboa com tam poucos ramos nas / Tavernas, & o vinho caro. / *(Gravura representando dois homens carregando aos ombros um grande cacho de uvas terminado em cima num molho de espigas.)* Podemse imprimir. Em S. Eloy de Lisboa a 14. de Ju / lho de 1619. M. Vicente da Resurreiçam. / Concorda com este original impresso, que me fica em / S. Eloy de Lisboa a 25. de Novembro de 1619. / M. Vicente da Resurreiçam. / Podese imprimir. Fr. Francisco Guerreiro / Com todas as licenças necessarias. / Em Lisboa, por Domingos Carneyro; Impressor das tres / Ordens Militares, anno 1645. / — 4.º de 8 pags, sendo 1 do frontispício, 5 do *Pranto,* mais 1 com as licenças passadas em 1619 e a última em branco.

Biblioteca Nacional de Lisboa, reservados, n.º 219 vermelho.

41

Don Dvardos. *(Duas gravuras a par, representando uma dama e dois cavaleiros armados investindo-se com as lanças.)* Auto nvevamente hecho sobre / los muy delicados amores de Dõ Duardos Principe de Ingla- / terra, con la hermosa Flerida hija del Emperador de Costanti- / nopla. Hecho por Gil Vicente. Agora de nuevo em- / mendado, y puesto en perfeccion. / Interlocvtores. / Don Duar-

Digitized by Google

dos, Emperador, Primaleon, Camilote, y Maymonda / Marquez, Flerida, Artada, Amandria, Olimba, Iulian hor- / telano, Costança, Roiz, Grimanesa, y un Patron. / Y en el cabo vn Romance de la despedida de Flerida, muy / sentido, y galan. / Com licença & Priuilegio Real. Em Lisboa por Antonio Alua- / rez Impressor DelRey. N. S. Anno de 1647. / Tayxada a tres reis a folha.

No fim: Foy visto, & aprouado pelo Doutor Iorge Cabral. / Concorda com seu original em S. Domingos. / Frey Ayres Correa. / — 4.º de 16 fols. n. n., marcadas [A 1, A 2,] A 3, A 4, impresso em 2 cols.

Bib. Nac. de Madrid, R. 11059. — Gallardo, *Ensayo* cit., IV, col. 1567, n.º 4575.— Traz o *Prólogo* a D. João III.

42

Pranto de / Maria Parda, porque vio as / Ruas de Lisboa com tam poucos ramos nas Ta- / vernas, & o vinho caro. / (*Três vinhetas: uma velha, uma árvore e uma mulher segurando na mão esquerda o cordão da cintura o qual cai quási até o chão.*) Podem-se imprimir. Em S. Eloy de Lisboa a 14. de Julho de / 1619. M. Vicente da Resurreyção. / Concorda com este original impresso, que me fica em S. Eloy de / Lisboa a 25. de Novembro de 1619. / M. Vicente da Resurreyção. / Pode-se imprimir. — Fr. Francisco Guerreyro. / Com todas as licenças necessarias. / Em Lisboa, por Domingos Carneyro, impressor das tres Or- / dens Militares, Anno 1665.

No fim: Licenças de 19 e 22 de Novembro de 1619. — 4.º de 8 pags. n. n. marcadas [A 1,] A 2, A 3.

Tôrre do Tombo, livraria, dois exemplares, 18-B-4 e 18-D-3; biblioteca de Fernando Palha, n.º 1015 do catálogo impresso.

43

Pranto / de Maria Parda, / Porque vio as Ruas de Lisboa com tão poucos ramos das / tavernas, & o vinho caro. / (*Três vinhetas, representando uma mulher com um cesto no braço, uma árvore e um camponês de capuz e pau na mão.*) Pódem-se imprimir. Em S. Eloy de Lisboa a 14 de Julho de / 1619. M. Vicente da Resurreyção. / Concorda com este original impresso, que me fica em S. Eloy de / Lisboa a 25. de Novembro de 1619. / M. Vicente da Resurreição. / Póde-se imprimir. Fr. Francisco Guerreyro. / Com todas as licenças necessarias. / Em Lisboa, por Domingos Carneyro, Impressor das tres Ordens / Militares. Anno 1665. / — 1 fôlha de 7 páginas, com as licenças de 1619 impressas no fim.

Bib. Nac. de Lisboa, secção de Literatura, n.º 4611 vermelho. Frontispício reproduzido em fac-simile na edição do anno de 1902, n.º 61.

44

Pranto / De Maria Parda, / Porque vio as ruas de Lisboa com tão poucos ramos das / tavernas, e o vinho caro. / (*Três vinhetas, representando uma velha, uma árvore e uma mulher com um cesto no braço.*) Podemsem (*sic*) imprimir. Em Santo Eloy de Lisboa a 14 de Ju- / lho de 1619. M. Vicente da Resurreição. / Concorda com este original impresso, que me fica em Santo / Eloy de Lisboa a 25 de Novembro de 1619 / M. Vicente da Ressurreição / Póde-se imprimir. Fr. Francisco Guerreiro. / Com todas as licenças necessarias / [Em Lisboa por] Domingos Carneiro, Impressor da[s] tres [Or]dens / [Militares] Anno de 1665. /

Biblioteca Nacional de Lisboa, secção de Literatura, n.º 3572 azul, d'onde já desapareceu depois de eu ter mandado tirar a cópia, pelo que a não pude con-

Digitized by Google

ferir. E' evidente que estas três edições, com pequenas variantes nos frontispícios, não são do mesmo ano, nem até provávelmente do mesmo impressor. Para evitar nova censura aproveitavam-se os dizeres do frontispício da verdadeira edição de 1665 e iam-se em tempos diversos publicando outras.

45

Auto da Barca do Inferno. Evora na Oficina da Universidade. 1671. — 4.°
Bibliotheca lusitana, loc. cit.

46

Auto da segunda barca / qve he a do Pvrgatorio. / *(Gravura representando uma barca de dois mastros com as velas enroladas, remada por dois anjos, com uma cruz à proa e outra numa bandeirinha no mastro de diante, a estampa dentro de uma moldura feita de bocados.)* Tratasse por lavradores. / Representado na noite do natal. / Primeiramente entram tres Anjos can- / tando o Romance seguinte com / seus remos. / Com todas as licenças requisitas. Em Evora, Na / Officina da Universidade. No Anno de 1671. / — 4.° de 16 pags. numeradas, impresso a 2 cols., começando no verso do frontispício.
Biblioteca do British Museum, 5015 aa 48 (10 *a*).

47

Auto da terceira barca / qve he endereçada a / embarcaçam da Gloria. / *(Estampa igual à precedente, moldura e tudo.)* Tratasse por dinidades altas a- / saber Papa, Cardeal, Arcebispo, Bispo, Empe- / rador, Rey, Duque, & Conde / Primeiramente entram quatro Anjos cantando, & trazem / sinco remos com as sinco chagas, e netram *(sic)* no seu batel. / Vem o Arraiz do Inferno, & diz ao seu Companheyro. / — S. l. n. d., 4.° de 16 pags. numeradas, impresso em 2 cols., começando no verso do frontispício.
Biblioteca do British Museum, 5015 aa 48 (10 *b*). — Apesar de não ter data é evidentemente do mesmo ano, 1671, no qual se imprimiram as duas primeiras barcas.

48

Auto da primeira barca que he a do Inferno. Lisboa, 1715.
Não encontrei nenhum exemplar desta edição da *Barca do Inferno*, nem sequer menção dela em parte nenhuma, mas não duvido da sua existência, sabendo que no mesmo ano se imprimiram as *Barcas do Purgatorio e da Gloria* e que certamente não ficaria incompleta a trilogia.

49

Auto da segunda barca / que he a do Purgatorio. / *(Gravura bastante tosca, representando uma barca com duas velas, levando na proa uma cruz levantada e à pôpa um diabo sentado.)* Tratase por lavradores, / representado na noite de natal, / Primeyramente entram tres Anjos cantando o Romance / seguinte com seus remos / Lisboa. Com as licenças necessarias. / Por Bernardo da Costa, Impressor Anno. 1715. / — 4.° de 16 pags. numeradas.
Bib. Nac. de Lisboa, secção de literatura, n.° 3024 vermelho, hoje nos Reservados.

50

Auto da terceyra barca, / que he endereçada / a embarcacam da Gloria: *(Gravura igual à da precedente.)* Tratase por dignidades altas / a saber Papa,

Digitized by Google

Cardeal, Arcebispo, Bispo, Em- / perador, Rey, Duque, & Conde. / Primeyramente entram quatro Anjos cantando, & trazem sinco / remos com as sinco chagas, & entram no seu batel. / Vem o Arrais do Inferno, & diz ao seu Companheiro. / — S. l. n. d., 4.° de 16 pags. numeradas.

Bib. Nac. de Lisboa, secção de literatura, n.° 3024 vermelho, hoje nos Reservados. — Apesar de não ter lugar nem data é evidentemente do mesmo impressor da precedente e provávelmente do mesmo ano.

51

Don Duardos / Auto nuevamente hecho, sobre los / muy delicados amores de Don Duardos, Principe de Inglaterra, / con la hermosa Flerida hija del Emperador de Constantinopla, / hecho por Gil Vicente. Agora de nuevo emenda- / do, y puesto con gran perfecion. / (*Listão em elipse prendendo dois bustos, cada um de seu lado, na ponta as palavras VT VIVAT, e dentro o sol e a fenix entre chamas, gravura em madeira.*) Interlocutores. / Dom Duardos, Marquez, Julian hortelano / Emperador, Flerida, Constança Rodriguez, / Primaleon, Artada, Grimaneza. / Camilote, Amandria, Un Patron. / Maymonda Olimba. / Y en el cabo lleva un Romance de la despedida de Flerida / muy sentido & galan. / Lisboa Occidental. / Na Officina de Bernardo da Costa Carvalho. Anno de 1720. / Com as licenças necessarias. / — 4.° de 32 pags. n. n., marcadas [A 1,] A 2... a A 8.

Tôrre do Tombo, livraria, 18-B-4.

52

Auto da Barca do Inferno. — S. l. n. d. (Lisboa, 1720), 4.°

Dizeres do Catálogo da Bib. Nac. de Lisboa, onde existia um exemplar sob n.° 3565 azul e, se êles são exactos, neste ano se reimprimiriam também as outras duas Barcas.

53

Auto / do Juiz da Beyra / *(Quatro vinhetas.)* Auto feyto por Gil Vicente, reprezen- / tado ao muito poderoso Rey Dom Joaõ, em Almeyrim. Em que / entraõ as figuras seguintes / Hum Juiz da Beyra. Calçado velho. / Hum Porteyro. Hum Escudeyro. / Hum Ferreyro. Hum moço. / Huma velha por nome Anna Dias. / E assi vem quatro Irmãos demandando hum asno, que / ficou de seu Pay. He obra mui graciosa. / Lisboa Occidental. / Na Officina de Bernardo da Costa Carvalho. / Impressor do Serenissimo Senhor Infante. / Anno de M.DCCXXI. / Com todas as licenças necessarias. / — *No fim* outra vinheta. — 4.° de 16 págs.

Tôrre do Tombo, livraria, 18-B.-4 e 18-D-3.

54

Auto da Barca / do Inferno / *(Gravura representando uma barca com a proa para a esquerda.)* Feyto por Gil Vicente. / Representa-se nesta obra huma perfiguraçaõ a (*sic*) sobre a rigurosa oc- / cusaçaõ, que os inimigos fazem às almas no ponto, q̃ sahem de seus / corpos. E por tratar dessa materia poem o Author por figura, que / no dito momento chegaõ ellas a hum profundo braço do mar; onde / estaõ tres bateis: hum delles passa para o Inferno, outro para o Pur- / gatorio, & outro para a Gloria. / He repartido em tres Autos: este primeiro he da viagem do Infer- / no: trata-se pelas figuras seguintes. Primeira,

Digitized by Google

a Barca do Inferno: / Arrays, & Barqueiro della Diabos. / Passageyros. / Fidalgo, Onzeneyro, Parvo, Çapateyro, Brizida, Vaz / Alcoviteyra, Judeo, Corregedor, Procurador, & quatro Cavalleyros. / — S. l. n. d., 4.º de 15 págs. numeradas.

Biblioteca Nacional de Lisboa, secção de literatura, n.º 3024 vermelho.

55

Auto da barca / do Inferno. / (*Gravura representando uma barca de duas velas, com a proa para a esquerda.*) Feyto por Gil Vicente. / Representa se nesta obra huma perfiguraçaõ sobre a rigurosa ac- / cusaçaõ, que os inimigos fazem ás almas no ponto, que sahem de / seus corpos. E por tratar dessa materia poem o Author por figura, / que no dito momento chegaõ ellas a hum profundo braço do mar, / onde estaõ tres bateis: hum delles passa para o Inferno outro para / o Purgatorio; & outro para a Gloria. / He repartido em tres Autos: este primeiro he da viagem do In- / ferno: trata-se pelas figuras seguintes. Primeira, a Barca do Infer- / no: Arrays, & Barqueyros della Diabos. / Passageyros. / Fidalgo, Onzeneyro, Parvo, Çapateyro, Brizida Vaz / Alcoviteyra, Judeo, Corregedor, Procurador, & quatro Cavalleiros. / — S. l. n. d., 4.º de 15 págs. numeradas, impresso a 2 cols. com o verso do frontispicio em branco.

Bib. de Fernando Palha, n.º 1214 do catálgo impresso; Tôrre do Tombo, livraria, 18-B.-4 e 18-D-3.

56

Auto da barca / do Inferno. / *(Gravura representando uma barca de duas velas, com a proa para a esquerda.)* Feyto por Gil Vicente. / Representa-se nesta obra huma perfiguraçaõ sobre a rigorosa ac- / cusaçaõ, que os inimigos fazem às almas no ponto, que sahem de / seus corpos. E por tratar dessa materia poem o Author por figura, / que no dito momento chegam ellas a hum profundo braço de mar, / onde estaõ tres bateis: hum delles passa para o Inferno, outro para / o Purgatorio; & outro para a Gloria. / He repartido em tres Autos: este primeyro he da viagem do In- / ferno: trata-se pelas figuras seguintes. Primeyro a Barca do Infer- / no: Arrays, & Barqueyros della diabos. / Passageyros / Fidalgo, Onzeneyro, Parvo, Çapateyro, Brizida Vaz, / Alcoviteyra, Judeo, Corregedor, Procurador, & quatro Cavalleiros. / — S. l. n. d., 4.º de 15 pags. numeradas, impresso em 2 cols. começando na pag. 3.

Biblioteca do British Museum, 5015 aa 48 (10) —Apesar de serem poucas as variantes nos rostos dêste opúsculo e dos dois precedentes, mostram elas todavia serem três edições diversas, pois que não me parece se possa admitir reimpressões só dos frontispícios.

57

Auto / da segunda Barca, / que he a do / Purgatorio. / *(Gravura da barca com a proa para a direita.)* Trata-se por lavradores / representado na noyte de natal. / Primeiramente entraõ tres Anjos, cantando o Romance seguinte com / seus remos. / Lisboa Occidental, / Na Officina de Francisco Xavier de Andrade. / M.DCC.XXIII. / Com todas as licenças necessarias. / — 4.º de 16 pags. numeradas.

Tôrre do Tombo, livraria, 18-B-4 e 18-D-3; biblioteca de Fernando Palha, n.º 1216 do catálogo, onde por êrro se imprimiu *Officina de Francisco Borges de Sousa.* Existia também um exemplar na Biblioteca Nacional de Lisboa, na colecção marcada 2159 azul.

Digitized by Google

58

Auto / da terceyra barca, / que he endereçada / a embarcaçam / da Gloria. / *(Vinheta igual à do precedente.)* Trata-se por dignidades altas, / a saber, Papa, Cardeal, Arcebispo, Bispo, / Emperador, Rey, Duque Conde. / Primeiramente entraõ quatro Anjos cantando, & trazem cinco remos / com as cinco Chagas, & entraõ no seu batel. / Vem o Arrais do Inferno, & diz ao seu companheyro. / — S. l. n. d., 4.° de 19 pags. numeradas.

Tôrre do Tombo, livraria, 18-B-4 e 18-D-3; loc. cit. do catálogo Palha.

59

Bibliotheca Dramatica / da Revista Theatral / N.° 6 / Farça de / Inez Pereira / por / Gil Vicente / Com uma carta do Dr. Theophilo Braga / *(Vinheta)* Lisboa / Revista Theatral / Rua do Carmo, 76. / — S. d. [1896]. — *No verso do frontispício:* Imprensa de Libanio da Silva, Rua do Norte, 91, — Lisboa — 8.° de 55 pags.

Exemplar em meu poder, contêm: Carta de Collares Pereira ao Dr. Theophilo Braga, pag. 3; resposta dêste datada de Maio de 1896, pag. 5; Figuras, pag. 7; Farça de Inez Pereira, pag. 9.

60

Auto / Pastoril / Portuguez / de / Gil Vicente / O seguinte auto foi representado ao mui alto e poderoso Rei, / nosso Senhor, D. João, terceiro em Portugal d'este nome, na sua cidade / de Evora, pelo Natal, era do Senhor de 1523 / Lisboa / Typographia—Rua da Barroca, n.° 72, 2.° andar. / 1898 / — 8.° de 32 pags.

Exemplar em meu poder.

61

Gil Vicente / Quarto Centenario do Theatro Portuguez / Auto da Alma / Com o *fac-simile* do frontespicio da edição de 1586, e um estudo / critico do Auto pelo Visconde de Ouguella / Pranto de Maria Parda / Com um *fac-simile* do frontespicio da edição de 1665, e o retrato da atriz / Adelina Ruas, vestida e caracterisada de Maria Parda / Carta a el-rei D. João III / Sobre o terremoto de 1531 / *(Emblema da empresa.)* 1902 / As Tres Bibliothecas / Empreza de Urbano de Castro e Alvaro Pinheiro Chagas / Rua da Barroca, 72 / Lisboa / — 4.° de 99 pags. com 3 estampas.

Exemplar em meu poder, contêm: Duas palavras, pag. 3; Auto da Alma, pelo Visconde de Ouguella, pag. 9; Auto da Alma / quinta edição / Primeira em separado das Obras de Devaçam / Com o *fac-simile* da edição de 1586 / , pag. 47; Pranto de Maria Parda / Por que vio as ruas de Lisboa / com tão poucos ramos nas tavernas e o vinho tão caro, / e ella não podia viver sem elle / Decima primeira edição / Setima em separado das Obras varias /, pag. 77; Carta / que Gil Vicente mandou de Santarem / a el-rei D. João III, estando S. A. em Palmella, / sobre o tremor de terra, / que foi a 26 de Janeiro de 1531 / Quinta edição / primeira em separado das obras varias / , pag. 95.

62

Gil Vicente / Pranto de / Maria Parda / Porque vio as ruas de Lisboa / com tão poucos ramos nas tavernas, e o vinho tão caro / e ella não podia passar sem elle / Edição popular / Decima segunda edição / (oitava em separado das obras varias) / Preço 20 rs. / (*Emblema da empresa.*) As Tres Bibliothecas / Em-

Digitized by Google

preza de Urbano de Castro e Alvaro Pinheiro Chagas / Rua da Barroca, 72 — Lisboa / 1902 / *No verso:* Offic. a vapor da Pap. de Nstevão Eunes (*sic*) & F.º — Aurea, 58 — Lisboa — 8.º de 16 pags.

Exemplar em meu poder. Para esta edição aproveitou-se a composição da precedente.

63

Gil Vicente / Quarto Centenario do Theatro Portuguez / Visitação / (Monologo do *Vaqueiro)* / Todo o Mundo e Ninguem / (Da farça *Auto da Lusitania)* / O Preguiçoso / (Da farça *Juiz da Beira)* / A Velha Namorada / (Da tragicomedia *Triumpho do Inverno)* / Scenas do Auto da Feira / Prece da Cananêa / (Do *Auto da Cananêa)* / Preço 200 réis / 1902 / As Tres Bibliothecas / Empreza de Urbano de Castro e Alvaro Pinheiro Chagas / 72 — Rua da Barroca — 72 / Lisboa / — *No verso:* Lisboa / Typographia — Rua da Barroca, 72, 2.º andar / 1902 — 8.º de 46 pags.

Exemplar em meu poder. Contêm [uma Explicação] pag. 3; Visitação ou o Monologo do Vaqueiro [Introdução], pag. 5; Visitação ou o Monologo do Vaqueiro, pag. 7; Farça Auto da Lusitania Todo o Mundo e Ninguem, pag. 11; Juiz da Beira (Monologo do *Preguiçoso*) pag. 17; O Preguiçoso (Da farça *O Juiz da Beira*), pag. 19; Triumpho do Inverno, pag. 21; A velha namorada (Da tragicomedia *Triumpho do Inverno*), pag. 23; Auto da Feira, pag. 29; Scenas do Auto da Feira, pag. 31; Auto da Cananêa, Prece da Cananêa, pag. 45.

64

Farsa / chamada / Auto da India / por / Gil Vicente / Edição para o povo e para as escolas, com muitas notas auxiliares / para a interpretação do texto original. / Por / Luis Callado Nunes / Lisboa / Typographia do Commercio / 3, T. do Sacramento ao Carmo, 7 / 1905 / — 8.º de 33 pags.

Exemplar em meu poder, contêm: Advertencia, pag. 3; Gil Vicente, pag. 5; Farsa chamada Auto da India, pag. 7; Variantes, pag. 34 n. n.; Quadro genealogico, pag. 35 n. n.; Erratas, pag. 36 n. n.

65

Gil Vicente / Auto da Festa / Obra desconhecida / com uma explicação previa / pelo / Conde de Sabugosa / Socio effectivo da Academia Real das Sciencias de Lisboa / (*Vinheta*) Lisboa / Imprensa Nacional / 1906 / — *No verso do ante-rosto:* Tiragem de 50 exemplares em papel de linho. — 8.º de 130 pags. e mais 18 n. n. com o fac-simile da edição originária.

Exemplar em meu poder, contêm: Summario, pag. 5; Explicação previa, pag. 7; Transcripção do Auto da Festa, pag. 95; Fac-simile do Auto da Festa, pag. 131. — Além dos exemplares em papel de linho, outros se imprimiram em papel comum.

De paráfrases e adaptações de textos vicentinos não me ocuparei, porque, além de perigosas, as acho pouco interessantes. Das traduções, com pesar meu, não tratarei, mas por motivo bem diverso, por não possuir elementos suficientes; antes porêm de concluir êste capitulo referir-me-hei a dois autos que, mais ou menos, andam ligados a Gil Vicente. São êles o *Auto da Donzela da Tôrre* e o *Auto de D. Luis e dos Turcos.*

Atribui Barbosa Machado na sua *Bibliotheca lusitana* a Gil Vicente a composição do «*Auto da Donzella da Torre, ou do Fidalgo Portuguez.* Lisboa, por Antonio Alvres. 1643. 4.º» Enganou-se porêm neste ponto o benemérito Abade

Digitized by Google

de Sever, e para reconhecer o engano basta ler o título da obra da qual encontrei dois exemplares com pequenas variantes nos frontispícios, conforme se verá nas transcrições a seguir:

a) Avto da / Donzella da Torre chama- / do, do Fidalgo Portuguez. / (*Cinco figuras: um pastor com um cajado na mão, uma mulher segurando a ponta da cinta com a mão esquerda, uma ermida com sua tôrre, um homem e uma mulher discutindo*). Auto feito por Gil Vicente da Torre, no qual se representa / que andando hum Fidalgo perdido num deserto achou hũa / Donzella fechada numa Torre, a qual tirou com hũa / corda que tomou a hum Pastor, & despois vem / hum Castelhano, que a tinha fechada, / & foi apoz o Fidalgo, & ficou / o Castelhano vencido. / Foi visto pelo M. Vicente da Resurreição, & o Doutor Ior- / ge Cabral. / Com licença, & Priuilegio Real. / Em Lisboa por Antonio Aluarez Impressor DelRey / nosso Senhor. Anno 1652. / Taxão este Auto a quatro reis a folha / — 8.º, 8 fls. n. n., marcadas [A 1,] A 2, A 3, A 4, impresso em 2 cols., começando no verso do frontispício. O verso da última fôlha cheio com seis figuras gravadas em madeira, postas em duas ordens [1].

b) Avto da / Donzela da Torre chamado, / do Fidalgo Portuguez. / (*Quatro figuras: uma árvore, uma tôrre, o fidalgo e o pastor.*) Auto feito por Gil Vicente da Torre, no qual se repre- / senta que andando hũ Fidalgo perdido num deserto a- / chou hũa Donzella fechada numa torre, a qual tirou cõ / hũa corda que tomou a hum Pastor, & despois vem / hum Castelhano, que a tinha fechada, & foy / a poz o Fidalgo, & ficou o Castelha- / no vencido. / Foy visto pelo M. Vicente da Resurreição, & o Doutor / Iorge Cabral. / Com licença, & priuilegio Real. / Em Lisboa por Antonio Aluarez Impressor DelRey / N. S. Anno 1652. / Taixão este Auto a quatro reis a folha. / — 8.º de 8 fls. n. n., marcadas [A 1,] A 2, A 3, A 4, impresso em 2 cols., começando no verso do frontispício. O verso da última fôlha ocupado por seis gravuras em madeira, postas em duas ordens, todas de figuras de mulheres e homens [2].

Da edição de 1643 apontada por Barbosa Machado é que não encontrei nenhum exemplar. O nome de *Gil Vicente da Tôrre*, atribuído ao autor do auto, é provável pseudónimo escolhido propositadamente para despertar a atenção do público com a evocação da memória do fundador do teatro português.

Passemos ao outro auto.

Na página 263 declarei não se poder duvidar da existência do *Auto de D. Luis e dos Turcos* atribuído a Gil Vicente de Almeida, neto do Plauto português, por a obra aparecer mencionada no *Index* de 1624. Agora posso aqui acrescentar que encontrei um exemplar dela com o seguinte título:

¶ Auto de dom Luis e dos Turcos. / (*Quatro figuras por baixo dêstes letreiros:* Dom Luis. Dona Clara. Bras lourenço. Fernam gil., *gravuras em madeira algumas aproveitadas em autos de Gil Vicente.*) ¶ Auto nouamente feito, em o qual entram as figuras seguin- / tes, conuem a saber, hum fidalgo per nome dom Luis, e / paje seu, per nome Mena, e hum soldado per nome / Perez, e dous vilões, hum chamado Fernã / Gil, e o outro Bras lourenço, e dona Cla / ra, Laricio seu pay, Theodoro seu / criado. Hum Principe turco / per nome Olismael, dous / chamados Solino, e / Zaidel. O Turco / velho, Lopea / nes capti- / uo. / ¶ Jmpresso anno de M. D. Lxxij. / — 4.º, gótico, 12 fls. n. n.,

---

[1] Biblioteca Nacional de Madrid, R. 11059.
[2] Biblioteca do British Museum de Londres, C. 63. b. 8.

Digitized by Google

marcadas [Aj,] Aij, Aiij, Aiiij, Av, Avj, impresso em 2 cols., começando no verso do frontispício [1].

A data da impressão, 1572, vem destruir de vez a suposição do auto ser obra de Gil Vicente de Almeida, ao tempo rapaz de dezoito para dezanove anos, pois que havia sido baptizado, como acima vimos, em Dezembro de 1553.

Ainda mais uma derradeira observação.

Na pag. 284, a propósito da edição de 1852 das *Obras de Gil Vicente*, transcrevi do *Dic. bibliographico* umas indicações ministradas por Inocêncio supondo tê-las êle encontrado nas capas dos respectivos volumes, mas não é exacto, porque os dizeres nelas impressos são muito diversos, como tive agora ocasião de verificar. Na primeira página das capas dos três vols., lê-se: *Bibliotheca Portugueza / ou / Reproducção dos Livros classicos / Portuguezes. /* (Emblema.) *Lisboa. / Escriptorio da Bibliotheca Portugueza / Rua Augusta n.º 110. /* — Na última página das capas: *Obras publicadas pela Bibliotheca / Portugueza. / Obras de Bernardim Ribeiro... 1 vol. / Obras de Gil Vicente... 3 » / Obras de Luiz de Camões... 3 » / Obras de Francisco de Moraes... 3 » / Obras de Francisco d'Andrade — O / Primeiro Cerco de Diu... 1 » / Obras de D. Francisco Child Rolim / de Moura — Os Novissimos do Ho- / mem... 1 » / Cartas do Cavalleiro de Oliveira... 3 » /* [2]

---

[1] Biblioteca Nacional de Madrid, R. 3616.
[2] Biblioteca do British Museum de Londres, 12231. a. q.

Digitized by Google

VII

Censura inquisitorial

As obras de Gil Vicente foram sujeitas à censura inquisitorial desde o seu início entre nós. O *Rol dos livros defesos do anno de 1551* proíbiu, como já vimos, o *Auto de dom Duardos*, «que nom tiver censura como foy emendado», o *Auto da Lusitania*, «com os diabos, sem elles poderseha emprimir», o *Auto de Pedreanes*, «por causa das matinas», e sem declarar o motivo os autos do *Jubileu de Amores*, da *Aderência do Paço*, da *Vida do Paço* e dos *Físicos*. No *Cathalogus librorum qui prohibentur hoc anno 1559* publicado por ordem da Inquisição de Espanha foi proíbido, como também já vimos, o *Auto de Amadis de Gaula*, defesa não mantida, segundo parece, por se não tornar mais a repetir, senão muito restrita nos *Indices* de 1624 e 1747, como abaixo veremos. Passou-se isto no tempo em que apenas alguns dos autos do nosso poeta haviam sido divulgados em edições avulsas.

Em 1562, quando foi da primeira impressão da *Copilaçam de todalas obras de Gil Vicente*, não chegou o livro a saír senão depois de «visto polos deputados da sancta Inquisiçam», como se declara no frontispício. Esta censura porêm foi extraordináriamente benigna, pois que consentiu na publicação dalguns dos autos proíbidos em 1551. Assim entraram na *Copilaçam* o *Dom Duardos*, os *Autos da Lusitânia* e dos *Físicos*, o de *Pedreanes*, com o nome de farsa do *Clérigo da Beira*, e ainda, segundo creio, um dos dois da *Aderência do Paço* ou da *Vida do Paço* transformado na tragicomédia *Romagem de agravados*. Todavia foi sol de pouca dura.

Em 1581 novo rol de livros defesos apareceu. Saíu com o título de *Index librorum prohibitorum... de mandato... D. Georgij Dalmeida Metropolyt. Archiepiscopi Olysipponensis, totiusque Lusitanicæ ditionis Inquisitoris Generalis in lucem editus*, levando em aditamento, de fl. 44 em diante, com rosto e paginação próprios, o *Catalogo dos livros que se prohibem nestes Regnos & Senhorios de Portugal por mandado de... Dom Jorge Dalmeida Metropolytano Arcebispo de Lisboa, Inquisidor Geral*. As intenções, em princípio, do Inquisidor geral relativamente a peças dramáticas revelam-se bem nas seguintes palavras de fl. 18: «Comedias, Tragedias, Farças, Autos, onde entram por figuras pessoas Ecclesiasticas, e se representa algum sacramento, ou acto sacramental, ou se reprende, e pragueja das pessoas que frequentão os sacramentos, e os templos, ou se faz injuria a alguma ordem, ou estado aprovado pola Igreja» serão proíbidos. Não admira pois que mais adiante, na fl. 21, se leia: «Das obras de Gil Vicente, que andão juntas em hum corpo, se ha de riscar o prologo, até que se proveja na emmenda dos seus autos, que tem necessidade de muita censura, e reformação» [1].

D'aqui se não passou então, mas apresentado o original para a nova edição de 1586 teve a censura largas para se exercer. Até onde ela chegou verá o leitor na confrontação a seguir feita entre os textos da primeira edição e da segunda.

---

(1) Imediatamente anterior ficou a ameaça à obra de Garcia de Rèsende: «Obras de graças, zombarias, que andão no Cãcioneiro geeral, Portugues, ou Castelhano, no que toca a deuação, & cousas Christãs, & da sagrada Scriptura: ou em outra qualquer parte onde estiuerem», serão proíbidas. Se alguêm tivesse por êsses tempos pensado em fazer uma segunda edição do *Cancioneiro geral*, em que lástima não nos apareceria êle!

Digitized by Google

Edição de 1562	*Edição de 1586*
TABOADA	TABOADA
Auto chamado da Mofinamendez. fl. II, n. n., v.	Auto da Mofina mendez. fl. II, n. n., v.
Tragicomedia da exortaçam da guerra	. . . . .
Tragicomedia chamada templo Dapolo. *Ibi.*	. . . . . *Ibi.*
A tragicomedia dos agrauados. *Ibi.*	. . . . . *Ibi.*
A farsa chamada auto da fama fl. III, n. n., r.	A farsa da fama. *Ibi.*
O auto das fadas. *Ibi.*	. . . . . *Ibi.*
A farsa do clerigo da Beyra. *Ibi.*	. . . . . *Ibi.*
Taboada das obras do quinto liuro.	Taboada das obras meudas do quinto liuro.
O psalmo de Miserere mei Deus.	. . . . .
Hũa pregaçam feyta em Abrantes ao nacimento do iffante dom Luis.	. . . . .
Romance aa morte delRey dom Manoel.	. . . . .
Orações dos grandes de Portugal a nossa Senhora de Belem por elRey dom Manoel.	. . . . .
Romance de quando foy leuantado por Rey elRey dom Ioam terceyro de gloriosa memoria.	. . . . .
O que o autor fingio dizerem os senhores de Portugal, quando beyjaram a mão ao nouo Rey.	. . . . .
Carta que o autor escreueo a elRey sobre o tremor da terra.	. . . . .
Trouas que o autor mandou ao conde do Vimioso sobre seu despacho.	. . . . .
Outras que o autor mandou a Felipe Guilhem Castelhano, estando preso.	. . . . .
Troua que o autor fez a hum rifam de Affonso lopez çapayo, que diz matoume moura e nam mouro.	. . . . .
Trouas que o autor mandou a Affonso lopez çapayo, estando doente de camaras.	. . . . .
Trouas que o autor mandou a elRey, porque em hum caminho lhe leuaram hũs almocreues muyto aluguer.	. . . . .
A sepultura do autor.	. . . . .
Fim da Taboada.[1] *Ibi.*	Fim da Taboada. *Ibi.*
Prologo deregido ao muyto alto e poderoso Rey nosso Senhor dom Sebastiam o primeyro do nome, per Luis vicente.	. . . . .
B. P., I, LXII. fl. III, n. n., v.	

[1] As peças do quinto livro em itálico são as suprimidas pela censura na segunda edição.

Digitized by Google

Prologo em que o autor deregia esta copia . . . . . .
de suas obras ao muyto alto e excelso . . . . . .
Principe elRey dom Ioam o terceyro deste . . . . . .
nome em Portugal. . . . . .
B. P.[1], III, 390. M. R.[2], I, 399. fl. IV n. n., r.

AUTO PASTORIL CASTELHANO

que ya me debroca el sueño . . . . . .
B. P., I, 15. M. R. III, 20. fl. 4, col. 1. fl. 5, col. 1.

Gil. Dezid todos como yo, ...
enhel mes del padre . . . . . .
enhel mes del fijo . . . . . .
ellotro mes se moluido. . . . . .
B. P., I, 15. M. R. III, 20. fl. 4, col. 1-2. fl. 5, col. 2.

menor en quanto humanal . . . . . .
y esto no es impossible. . . . . .
B. P., I, 21. M. R., III, 25. fl. 5, col. 2. fl. 6, col. 3.

y vna cosa misma se es y vna misma cosa es.
B. P., I, 21. M. R., III, 25. fl. 5, col. 2. fl. 6, col. 3.

AUTO DOS REIS MAGOS

y aun el crego a mas andar . . . . . .
lo veo resquebrajar . . . . . .
y sospirar . . . . . .
por Turibia del corral, ...
dizidme frayle, es gran mal . . . . . .
desigual . . . . . .
o se deue perdonar . . . . . .
pues no se puede escusar. . . . . .
B. P., I, 28. M. R., III, 34. fl. 6, col. 3. fl. 8, col. 4.

Valerio) Crio Dios por la ventura . . . . . .
hermosura . . . . . .
d'aqui até . . . . . .
que nho podemos trocer . . . . . .
de subjectos, suyos ser. (*38 versos.* . . . . . .
fl. 6, col. 4 e fl. 7, col. 1. *Ibi.*
B. P., I, 29-30. M. R., III, 35-36.

que mostraua . . . . . .
B. P., I, 32. M. R. III, 37. fl. 7, col. 2. fl. 9, col. 2.

que el Señor . . . . . .
por qualquier culpa mortal . . . . . .
no pide al, al peccador. . . . . .
B. P., I, 33. M. R., III, 38. fl. 7, col. 4. fl. 2, col. 4.

---

[1] Pelas letras B. P. designo a edição de 1852 das *Obras de Gil Vicente* da BIBLIOTECA PORTUGUESA, mais completa e perfeita, ainda assim, que a de 1834 de Hamburgo.

[2] Com as letras M. R. aponto a edição de Coimbra do dr. Mendes dos Remédios, por ser hoje a mais acessível.

Digitized by Google

AUTO DA SIBILA CASSANDRA

Casandra) El seso es, no yr alla. B. P., I, 41. M. R., III, 46. fl. 9, col. 1.	eso es, no yr alla. fl. 12, col. 1.
Trax Salamão Esaias, e Moysem B. P., I, 46. M. R., III, 50. fl. 10, col. 1.	*Entram Salamão, e Moysem* fl. 13, col. 1.
y la llamaua B. P., I, 51, M. R., III, 54. fl. 11, col. 1.	. . . . . . fl. 14, col. 2.
Antes sancta que engẽdrada B. P., I, 54, M. R., III, 56. fl. 11, col. 3.	Ante secula loada fl. 15, col. 1.

AUTO DA FÉ

Fee, he amar a deos soo por elle B. P., I, 68. M. R., II, 7. fl. 14, col. 3.	Amar a Deos soo a elle fl. 18, col. 3.
Bras) Mi hamo ha nombre tambiẽ Pero alonso y Pero matos *d'aqui até* la lluua ni va ni viene y la cruz estaa se ahi. (*13 versos* B. P., I, 68-69. M. R., II, 8. fl. 14, col. 3-4.	. . . . fl. 18, col, 4.
cuberto o culto diuino B. P., I, 73. M. R., II, 11. fl. 15, col. 3.	cuberto o señor benigno fl. 19, col. 4.

AUTO DOS QUATRO TEMPOS

El infinito amador *d'aqui até* con el padre en vn estado concordados. (*12 versos* B. P., I, 76-77. M. R., III, 67. fl. 16, col. 2.	. . . . fl. 21, col. 2.
la gran princesa sin falta B. P. I, 78. M. R., III, 68. fl. 16, col. 3.	la gran princesa fl. 21, col 3.
Immenso padre eternal B. P., I, 79. M. R., III, 68. fl. 16, col. 3.	Immenso Dios eternal fl. 21, col. 4.

AUTO DA MOFINA MENDES

Era do Senhor. M. D. xxxiiij B. P., I, 98. M. R., I, 1. fl. 20 v.	*era do Senhor de M. D. xxxiij* fl. 26 v.
Entra primeyramẽte hum frade, e a modo de pregação diz o que se segue. Tres cousas acho que fazem ao doudo ser sandeu, *d'aqui até* e hũ gibão de tafetaa e hũa gorra dorilhado (*131 versos* fl. 20 v. e 21, col. 1 e 2. B. P., I, 98 a 102. M. R., I, 2 a 5.	. . . . fl. 27, col. 1.
Em este passo entra nossa Senhora B. P., I, 103. M. R., I, 5. fl. 21, col. 2.	*Entra nossa Senhora* fl. 27, col. 1.

Digitized by Google

busca bem leyxa o fardel B. P., I, 111. M. R., I, 11. fl. 23, col. 1.	busca bem deyxa o fardel fl. 29, col. 1.
que a negra burra ruça B. P., I, 111. M. R. I., 11. fl. 23, col. 1.	. . . . . . fl. 29, col. 1.
aos ĩmigos, B. P., I, 116. M. R., I, 15. fl. 24, col. 1.	. . . . . . fl. 30, col. 2.
e a gente religiosa mandalhes vellas bispaes a cera de renda grossa, os pauios de casaes e logo nam poram grosa. fl. 24, col. 4 e 25, col. 1. B. P., I, 120. M. R. I. 18.	. . . . fl. 31, col. 2.
Andre) E doulhe que fossem tres B. P., I, 121. M. R., I, 19. fl. 25, col. 2.	. . . . . . fl. 31, col. 3.

AUTO EM PASTORIL PORTUGUES

Ora o nosso cura er *d'aqui até* que se dizem o casar. (*10 versos* B. P., I, 125. M. R., I, 24-25. fl. 26. col. 1-2.	. . . . fl. 33, col. 1.
Frades virão vinte e sete *d'aqui até* seraa o ayto atimado. (*10 versos.* B. P., I, 128-129. M. R., I, 27. fl. 26, col. 4.	. . . . fl. 33, col. 4.
Vem Margaida pastora que achou hũa imagem de nossa Senhora, e trala escondida num feyxe de lenha e diz. Ay manas que eu achey. *d'aqui até* ao padre, e ao filho, e espirito, e a ella. (*204 versos* fl. 28, col. 3 a fl. 30, col. 1. B. P., I, 138 a 145. M. R., I, 34 a 39.	. . . . fl. 36, col. 1.

AUTO DA FEYRA

Figuras. *Mercurio, Tempo, Serafim, Diabo, Roma, Amancio vaz, Denis Lourenço, Branca anes, Marta diaz, Iustina, Lionarda, Teodora, Moneca, Giralda, Iuliana, Tesaura, Merenciana, Dorothea, Gilberto, Nabor, Dionysio, Vicente, Matheus.* B. P., I, 147. M. R., I, 43. fl. 30 v.	. . . . fl. 36 v.
Entra primeyramente Mercurio, e posto em seu assento diz. B. P., I, 147. M. R., I, 44. fl. 30 v.	*Entra Mercurio e diz.* fl. 36 v.

Digitized by Google

a lũa tem este geyto vee que clerigos e frades ja nam tem ao ceo respeyto mingualhes as sanctidades e crecelhes o proueyto.	. . . .
B. P., I, 150. M. R, I, 45-46. fl. 31, col. 1.	fl. 37, col. 2.
Aas vezes vendo virotes, e trago Dandaluzia naypes com que os sacerdotes arreneguem cada dia, e joguem atee os pellotes.	. . . .
B. P., I, 158. M. R., I, 51. fl. 33, col. 1-2.	fl. 40, col. 1.
E se o que quer bispar *d'aqui até* lhe ey de dar auiamento. (*11 versos.*	. . . .
B. P., I, 159. M. R., I, 51-52. fl. 33, col. 2.	fl. 40, col. 1
Roma) Assi que a paz nam se da *d'aqui até* nem ves que te vas ao fundo. (*10 versos.*	. . . .
B. P., I, 163. M. R., I. 55. fl. 34, col. 2.	fl. 41, col. 1.

AUTO DA ALMA

e vaydades	. . . . .
B. P., I, 186. M. R., I. 74. fl. 38, col. 4.	fl. 46, col. 4.
neste espelho vos vereis	neste espelho . . . . .
e sabereis	. . . . .
B. P., I, 193. M. R., I. 79. fl. 40, col. 1.	fl. 48, col. 3.
violentas	e tromentas
B. P., I, 197. M. R., I. 82. fl. 41, col. 1.	fl. 49, col. 3.
Tinha outra alma ja vencida	Tinha outra alma vencida
B. P., I. 200. M. R., I, 84. fl. 41, col. 3.	fl. 50, col. 2.
E teu filho delicado *d'aqui até* a ser mortal. (*14 versos.*	. . . .
B. P., I, 203. M. R., I, 86. fl. 42, col. 1.	fl. 50, col. 4.
em lagrymas da culpa vossa	em lagrymas da culpa
B. P., I, 206. M. R., I, 88. fl. 42, col. 3.	fl. 51, col. 3.
Geronymo) A quarta yguaria he tal	A quarta yguaria
B. P., I, 209. M. R., I, 91. fl. 43, col. 2.	fl. 52, col. 3.

AUTO DA BARCA DO INFERNO

Çapateiro, *Frade*, *Florença*, *Procurador*, *Enforcado*, *quatro cavaleyros.*	*çapateiro*, ... *Florença*, *Procurador*, ... *quatro cavaleyros.*
B. P., I, 212. M. R., I, 95. fl. 43 v.	fl. 53 v.
Diabo) Porque a vedes la de fora.	Porque a vedes de fora.
B. P., I, 214. M. R., I, 96, fl. 44, col. 1.	fl. 53, col. 4.
Diabo) Ora muy muyto mespanto	Ora muyto mespanto
B. P., I, 219. M. R., I, 100. fl. 45, col. 1.	fl. 55, col. 1.

Digitized by Google

Entra hum frade com hũa moça pola mão, e vem dançando fazendo a bayxa com a boca, e acabando diz o diabo.	. . . . .
Que he isso padre, que vay laa.	. . . . .
Frade) Deo gracias, sam cortesam.	. . . . .
D'aqui até.	. . . . .
Frade) Si, tomayme la florença	. . . . .
e cumpramos a sentença	. . . . .
ordenemos de partir. (*108 versos.*	. . . . .
de fls. 46, col. 2 a fls. 47, col. 1.	fl. 56, col. 3.
B. P., I, 225 a 229. M. R., I, 105 a 108.	
pera os conegos da see,	pera as vender muyto bem
passayme por vossa fee,	passayme ora la alem
B. P., I, 231. M. R., I, 109. fl. 47, col. 2.	fl. 57, col. 1-2.
olhos de peerlinhas finas	. . . . .
d'aqui ate	. . . . .
nem ponta, e nam se perdeo. (*12 versos.*	. . . . .
B. P., I, 231. M. R., I, 109. fl. 47, col. 2.	fl. 57, col. 2.
maa corrença que tacuda:	maa corrença que.....
por el deu que te sacuda	..... te sacuda
B. P. I, 232 e 233. M. R., I, 110. fl. 47, col. 4.	fl. 57, col. 3.
e vrdir outra meada.	. . . . .
B. P., I, 238. M. R., I, 114 fl. 48, col. 4.	fl. 59, col. 2.
Vem hũ enforcado, e diz o diabo.	. . . . .
Venhais embora enforcado,	. . . . .
que diz la Gracia moniz.	. . . . .
d'aqui até	. . . . .
vos doutor beta batel,	. . . . .
fidalgo saltay oo mar. (*72 versos.*	. . . . .
fl. 48, col. 4, a 49, col. 2.	fl. 59, col. 2.
B. P., I, 238 a 240. M. R., I, 115 e 116.	

AUTO DA BARCA DO PURGATORIO

Foy representada aa muyto deuota e catolica Raynha	*Foy representada aa muyto deuota... Raynha*
Era do Senhor de M. D. Xviij annos.	Era do Senhor de M. D. Xvij annos.
B. P., I, 242. M. R., I, 121. fl. 49 v.	fl. 60.
Diabo) E eu tambem vos sey nacer	*Diabo*) E eu tam bem vos vi nacer
B. P., I, 252. M. R., I, 129. fl. 51, col. 3.	fl. 62, col. 45.
que trago os testos britados,	que trago os testos quebrados
B. P., I, 254. M. R., I, 130. fl. 52, col. 1.	fl. 63, col. 2.
E a barca de Satam	. . . . .
nam passa oje ninguem	. . . . .
e per força ey dir aalem	. . . . .
sopena descomunham	. . . . .
que posta tem.	. . . . .
B. P., I, 256. M. R., I, 131. fl. 52, col. 2.	fl. 63, col. 3.
Moça) Muyto bem, era redondo.	*Moça*) Muyto bem em toda parte
B. P., I, 264. M. R., I, 137. fl. 54, col. 1.	fl. 65, col. 3.

Digitized by Google

o vi eu vezes auondo. B. P., I, 264. M. R., I, 137. fl. 54, col. 1.	o vi eu vezes que farte fl. 65, col, 3.
nos te viremos passar B. P., I, 265. M. R., I, 138. fl. 54, col. 1.	nos te viremos buscar fl. 65, col. 4.
nam tem nenhum saluamento. B. P., I, 269. M. R., I, 141. fl. 54, col. 4.	nam tem muy bom libramento fl. 66, col. 4.

AUTO DA BARCA DA GLORIA

	Auto da segunda barca fl. 67.
Obispo honrrado porque fuistes desposado siempre desde juuentud, de vuestros hijos amado, sancto bien auenturado tal sea vuestra salud. fl. 58 [1], col. 1-2. B. P., I, 286. M. R., III, 98.	. . . . fl. 71, col. 3.
biua fuente perenal nuessa carne natural no permitas tanto daño. B. P., I, 299, M. R., III, 107. fl. 60, col. 4.	. . . . fl. 74, col. 4.

BREVE SUMARIO DA HISTORIA DE DEUS

o tempo e relogio os despediraa, B. P., I, 309, M. R. I, 151. fl. 64.	. . . . . . fl. 79.
torna te monje, descalça esses pees B. P., I, 315. M. R., I, 155. fl. 66.	muda o traxo, descalça esses pees fl. 81.
senhor agrauaisme que ainda crecia, B. P., I, 315. M. R., I, 155. fl. 66.	senhor es dolor que ainda crecia, fl. 81 v.
Entra Abel na escuridade do limbo, e diz Abel. Despois de viuer vida trabalhada, *d'aqui até* recebe meus gritos, prantos, e ays nas tuas orelhas. (*20 versos* B. P., I, 316-317. M. R., I, 156. fl. 66, r. e v.	. . . . fl. 81 v.
Belial) Hora anday que tudo he nada quanto vos podeis dizer. *d'aqui até* me fazem pesarme, porque fuy nacido. (*10 versos* B. P., I, 323. M. R., I, 160. fl. 68 v.	. . . . fl. 84.
Belzebu) Oo Morte, oo Morte, sejas bem casada *d'aqui até* *Belzebu*) Bem estais assi. (*10 versos* B. P., I, 327-328. M. R. I, 163. fl. 70.	. . . . fl. 85 v.

[1] Numerada 57.

Digitized by Google

vay ver o fenix da sancta Trindade B. P., I, 328. M. R., I, 163. fl. 70 v.	vay ver a Fenis de toda a verdade fl. 86.
ou propheta enuiado B. P., I, 329. M. R. I, 164. fl. 70 v.	. . . . . . fl. 86 v.
cujo captiueyro teraa cedo fim. B. P., I, 331. M. R., I, 165. fl. 71 v.	cujo captiueyro teraa fim. fl. 87.
oo temporal criatura B. P., I, 333. M. R., I, 167. fl. 72.	9 oo vida que sempre dura fl. 88.
viste este fato, e fazete monge porque sem isto andaras de longe. B. P., I, 336. M. R., I, 168-169. fl. 73.	viste outro fato, e muda essa arte porque sem isto andaras de parte fl. 89, r. e v.
Satanaz) Bem ves tu Senhor que sam hirmitão, logo meu trajo demostra quem sam e he escusado ho mais perguntar sam monje Senhor. B. P., I, 337. M. R., I, 169. fl. 73 v.	*Satanaz*) Bem ves tu Senhor minha authoridade logo meu trajo demostra a verdade e he escusado ho mais preguntar. . . . . . . fl. 89 v.

DIALOGO SOBRE A RESURREIÇÃO

quem nam faz mal nam merece pena B. P., I, 342. M. R., I, 175. fl. 75.	quem nam faz nam merece pena. fl. 91 v.
Em aquelles dias se fez o contracto das alcaçarias e Dauid ladainhas da manga cagada leixou assentado que vindo o mexias que as alcaçarias nam tendo ellas nada que fossem vazias B. P., I, 353. M. R., I, 181. fl. 78 r. e v.	. . . . fl. 95 v.
Aros.) Sabes que receo B. P., I, 354. M. R., I, 182. fl. 79 [1].	*Aroz.*) Sabes que creo fl. 96.

AUTO DA CANANEA

Satanaz) Eu fizme pobre barbato B. P., I, 363. M. R., I, 190. fl. 80, col. 4.	*Satanaz*) Dirtoey mudey o fato fl. 99, col. 2.
Belzebu) Fallas aa tua vontade eramaa se tu isso dizes laa mao caminho leuaua o abade. B. P., I, 365. M. R., I, 192. fl. 81, col. 2.	. . . . fl. 99, col. 3.
Belzebu) Senhores sanctos benditos hi ha planetas vesiueis *d'aqui até* foy nascer na conjunçam que reynaua a nossa ora. (*38 versos* fl. 82, col. 4, a fl. 83, col. 1. B. P., I, 372, 373. M. R., I, 197, 198.	. . . . fl. 101, col. 3.

[1] Marcada 89.

Digitized by Google

Belzebu) Nã dizem que o Spiritu sancto falaua dentro em Dauid *d'aqui até* honrramos suas maldades e isso he o que elle quer. (*20 versos* fl. 83, col. 1-2. B. P., I, 374, 375. M. R., I, 199.	. . . . fl. 101, col. 3.
Belzebu) Eu to direy. B. P., I, 378. M. R., I, 201. fl. 83, col. 4.	. . . . . . fl. 102, col. 2.
nam era mais seu repique B. P., I, 378. M. R., I, 201. fl. 83, col. 4.	. . . . . . fl. 102, col. 2.
e o drago frey tropão B. P., I, 379. M. R., I, 202. fl. 84, col. 2.	e o drago dom tropão fl. 102, col. 4.

COMEDIA DE RUBENA

CENA PRIMEYRA

Vn clerigo moço que era su criado B. P., II, 6. M. R., II, 16 fl. 87 v.	Vn moço tenia que era su criado fl. 105 v.
el ojo al clerigo nueuo B. P., II, 12. M. R., II, 20. fl. 88, col. 4.	con el ojo al moço nueuo fl. 107, col. 2.
Faz a parteyra que a benze, e diz. Estaua sancta Ana ao pe do loureyro *d'aqui até* que ja o quebrãto cayo no ribeyro. (*10 versos.* B. P., II, 14. M. R., II, 21-22. fl. 89, col. 2.	. . . . fl. 107, col. 3.
Rubena) Oo cuytada dolorida B. P., II, 15. M. R., II, 22. fl. 89, col. 2.	. . . . . . fl. 109, col. 4.
Dizey tres vezes passinho o verbo caro fato he, douuos a sam Sadorninho, saya ca o cordeyrinho o coneguinho da see. B. P., II, 15. M. R., II, 22-23. fl. 89, col. 3.	. . . . fl. 107, col. 4.
Leda estaa sancta Maria sobre o craro lũar em cadeyra dalegria, dizeylhe hũa aue Maria em quanto eu vou mijar. B. P., II, 16. M. R., II, 23. fl. 89, col. 3.	. . . . fl. 108, col. 1.
Rubena) Venga ya todo el infierno por esta triste Rubena, B. P., II, 16-17. M. R., II, 23. fl. 89, col. 4.	*Rubena)* Abrase ya el pecho tierno daquesta triste Rubena, fl. 108, col. 2.

CENA SEGUNDA

que quinque vulto salmus es antemonia opus es, *d'aqui até* Oo que maa hora venhais e louuado seja Deos, Jesu quanto me tardais. (*32 versos.* fl. 90, col. 3, e 91, col. 1. B. P. II, 22 e 23. M. R. II, 29 e 30.	. . . . fl. 110, col. 1.

Digitized by Google

ali apar da Trindade hum berço que deu hum frade a Joana daguiar. B. P., II, 24 e 25. M. R., II, 30. fl. 91, col. 2.	onde mora pero grou hum berço que ahi ficou de Ioana daguiar. fl. 110, col. 2.
desses menistros e curas B. P., II, 25. M. R., II, 31. fl. 91, col. 2.	desses mestres que hazen curas fl. 110, col. 2.
viste ma minha burrinha. *Cismena*) Viste ma minha burrinha. B. P. II, 32. M. R., II, 36. fl. 92, col. 4.	viste ma minha burrinha. . . . . . . fl. 112, col. 1.

CENA TERCEIRA

A saluaçam eu me fundo na freyra nam ser segura porque estaa sempre em vẽtura este segredo profundo em quanto lhe a vida dura. B. P., II, 43. M. R., II, 45. fl. 94, col. 4.	. . . . fl. 114, col. 4.
Mais ganhou o Publicano de longe que o Leuita, que a todo estado humano o diabo traz engano per promissam infinita. B. P., II, 43. M. R., II, 45. fl. 94, col. 4.	. . . . fl. 114, col. 4.
Ao deos Apolo claro, cõuertida. B. P., II, 45. M. R., II, 45. fl. 95, col. 1.	Ao deos claro, conuertida fl. 115, col. 2.
fauorece me Diana B. P., II, 45. M. R., II, 45. fl. 95, col. 1.	fauorece minha vida fl. 115, col. 2.
e a ventura tirana B. P., II, 45. M. R., II, 45. fl. 95, col 2.	e a ventura desmedida fl. 115, col. 2.
E foy em sua companhia aaquellas mõtanhas onde Felicio determinou de acabar seus dias. E em partindo Felicio com seu page, diz Clita. B. P., II, 58. M. R., II, 56. fl. 97, col. 3-4.	*E foy em sua cõpanhia a las mõtanas onde Felicio acabo sus dias. E partindo se diz Clita.* fl. 118, col. 2.
dizeme se es cousa viua, B. P., II, 62. M. R., II, 59. fl. 98, col. 3.	dizeme se es cousa noua, fl. 119, col. 2.

COMEDIA DO VIUVO

Foy representada na era do Senhor de M.D.XIIII. B. P. II, 68. M. R., III, 117. fl. 99 v.	*Foy representada na era do Senhor de M.D.XIII.* fl. 121.
y pues triste me dexo muriera mezquino yo y no ella. B. P., II, 68. M. R., III, 118. fl. 99 v. col. 1.	. . . . fl. 121, col. 1.
Quitad el luto de vos y esses paños negregosos, que cierto sabemos nos negar los hechos de Dios todos los que estan lutosos. B. P., II, 72. M. R., III, 121. fl. 100, col. 2.	. . . . fl. 122, col. 1.

Digitized by Google

Los que mueren por la ley *d'aqui até* es meritoria.	(*10 versos*	. . . . .	
B. P., II, 72. M. R., III, 121.	fl. 100, col. 3.		fl. 122, col. 1.
Y le hiziera rezar *d'aqui até* de bayones.	(*10 versos*	. . . . .	
B. P., II, 79. M. R., III, 126.	fl. 101, col. 4.		fl. 123, col. 3.
con vn flayre estaa a soldada		con vn amo estaa a soldada	
B. P., II, 82. M. R., III, 128.	fl. 102, col. 2.		fl. 124, col. 1.
vna faxa colorada		vna saya colorada	
B. P. II, 82. M. R., III, 128.	fl. 102, col. 2.		fl. 124, col. 2.
Rosuel) Rascaua la bestia al frayle		Rascaua la bestia al amo	
B. P., II, 82. M. R., III, 128.	fl. 102, col. 2.		fl. 124, col. 2.
es parayso.		es me auiso	
B. P., II, 89, M. R. III, 133.	fl. 103, col. 3.		fl. 125, col. 3.
es parayso.		. . . . .	
B. P., II, 94. M. R. III, 136.	fl. 104, col. 3.		fl. 126, col. 3.
como a angeles del cielo		. . . . .	
B. P., II, 94. M. R. III, 136.	fl. 104, col. 3.		fl. 126, col. 3.
Y se muy cierto que no con seruicios os enamore, ya en mis dias porque no soy dino yo ni se como os adore ydolas mias.		. . . . .	
B. P., II, 94. M. R., III, 195.	fl. 104, col. 3.		fl. 126, col. 4.
diesas mias.		reynas mias	
B. P., II, 98. M. R., III, 139.	fl. 105, col. 2.		fl. 127, col. 3.
Estas diesas dela vida		Estas reynas de la vida	
B P., II. 100. M. R., III, 141.	fl. 105, col. 4.		fl. 128[1], col. 1.

DEVISA DA CIDADE DE COIMBRA

Outro si as causas porque aqui tem *d'aqui até* de clerigozinhos, sam escomungados.	(*9 versos*	. . . . .	
B. P., II, 107. M. R., II, 67.	fl. 107, r. e v.		fl. 130.
Laurador) Consolaraa como suele que el me roba y haze herege mi concencia.		. . . . .	
B. P., II, 110. M. R., II, 68.	fl. 108, col. 1.		fl. 131, col. 1.

[1] Marcada 127.

Digitized by Google

Laurador) Todo el que nacio desdichoso, cred cierto que no vuo parte en el baptismo. B. P., II, 110-111. M. R., II, 69. fl. 108, col. 2.	. . . . fl. 131, col. 2.

FLORESTA DE ENGANOS

hũa velha, hum pastor, hum Duque pelegrino B. P., II, 137. M. R., II, 91. fl. 114.	*hũa velha,..... hum Duque pelegrino* fl. 138 v.
y dormiremos ala vna. B. P., II, 140. M. R., II, 94. fl. 114, col. 3.	. . . . . . fl. 139, col, 3.
pues que a tu Dios tienes muerto B. P., II, 147. M. R., II, 99. fl. 116, col. 1.	pues que a tu rey tienes muerto fl. 141, col. 3.
que mataste al Dios damor, B. P., II, 148. M. R., II, 99. fl. 116, col. 2.	que mataste al Rey damor, fl. 141, col. 4.
Vay elRey Telebano fazer oração ao deos Apollo, e diz Apollo. B. P., II, 151. M. R., II, 102. fl. 116 col. 4.	*Vay elRey Telebano fazer oração Apollo, e diz Apollo.* fl. 142, col. 3.
mi sagrado paraiso. B. P., II, 156. M. R., II, 105. fl. 117[1], col. 4.	porque me matais com isso fl. 143[1], col. 4.
Rey) Mandalo Apolo Dios B. P., II, 164. M. R., II, 111. fl. 119, col. 2.	*Rey*) Mandalo Apolo a nos fl. 145, col. 4.
dexee el cielo a escuras B. P., II, 165. M. R., II, 113. fl. 119, col. 4.	dexe mi casa a escuras fl. 146, col. 2.
porque el Dios que se enamora si lo adoran, el os adora y siempre os adoraria. B. P., II, 166. M. .R, II, 113. fl. 119, col. 4.	. . . . , fl. 146, col. 2.
en traer vn dios perdido. B. P., II, 167. M. R., II, 114. fl. 120, col. 1.	en traer vn perdido. fl. 146, col. 3.
del cielo no descendiera B. P., II, 168. M. R., II, 115. fl. 120, col. 2.	del palacio no uiniera fl. 146, col. 4.
que lo al basta llorallo. B. P., II, 174. M. R., II, 119. fl. 121, col. 3.	. . . . . . fl. 148, col. 3.
que he a derradeyra deste segundo liuro, e a derradeyra que fez Gil Vicente em seus dias. B. P., II, 179. M. R. II, 123. fl. 122, col. 2.	*que he a derradeyra..... que fez Gil Vicéte em seus dias.* fl. 149[2], col. 4.

1 Marcada 107.

1 Marcada 135.
2 Marcada 151.

Digitized by Google

DOM DUARDOS

Começam as obras do liuro terceyro que he das Tragicomedias.

E esta primeyra he sobre os amores de dom Duardos principe de Inglaterra, com Flerida filha do Emperador Palmeyrim de Cõstantinopla. Foy representada ao serenissimo Princepe e poderoso Rey dom Ioam o terceyro deste nome em Portugal.

B. P., II, 181. M. R., III, 147. fl. 123.

Entra primeyro a corte de Palmyrim com estas figuras .s. Emperador, Emperatriz, Flerida, Artada, Amandria, Primaleam, Dom Robusto, e depois destes assentados, entra dom Duardos a pedir campo ao Emperador com Primaleam seu filho, sobre o agrauo de Gridonia, dizendo.

B. P., II, 182. M. R., III, 148. fl. 123 v.

. . . . .

. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .

vuessa sacra magestad
sea enxalçada
y biua su resplandor,
tanto como su bonda
es pregonada.
Y los dioses immortales
os den gloria neste nundo
y en el cielo,

B. P., II, 182. M. R., III, 148. fl. 123 v. col. 1.

Auto Nueuamente hecho, sobre los muy delicados amores de Don Duardos Principe de Inglaterra, con la hermosa Flerida, hija del Emperador de Costantinopla. Hecho por Gil Viciente. Agora de nueuo emendado y puesto in perfection.

fl. 150 [1].

Interlocvtores,

Don Duardos, Emperador, Primaleon, Camilote, y Maymonda, Marques, Flerida, Artada, Amandria, Olimba, Iulian hortelano, Costança, Ruyz, Grimanesa y vn Patron.

Y en el cabo vn Romançe dela despedida de Flerida, muy sentido y galan.

fl. 150

Prologo,

Como quiera (excellente Principe y Rey muy poderoso) que las Comedias, farças, y moralidades que he compuesto en seruicio dela Reyna vuestra tia, (quanto en caso de amores) fueron figuras baxas, en las quales no auia cõueniente rethorica, que pudiesse satisfazer al delicado spiritu de V. A. Conosci q̃ me cumplia meter mas velas a mi pobre fusta. Y assi con desseo de ganar su contentamiento halle lo que en estremo desseaua, q̃ fue Don Duardos y Flerida, que son tan altas figuras como su historia recuenta, con tan dulce rethorica, y escogido estilo, quãto se puede alcançar en la humana intelligencia: lo que yo aqui hiziera si pudiera tanto como la mitad del desseo, que de seruir a V. A. tengo. Pero yo me confie en la bondad dela historia, que cuenta como Don Duardos buscando por el mundo peligrosas auenturas para conseguir fama, se combatio cõ Primaleon, vno delos mas esforçados caualleros que auia em Europa, sobre la hermosura de Gridonia, la qual Primaleon tenia enojada. Y comieça luego don Duardos a hablar, pidiendo campo al Emperador contra Primaleon su hijo.

fl. 150 v.

exalçado siempre sea
vuestro estado
y haga vuestro loor
la gran Reyna Gigantea
prosperado.
Con los santos immortales
tengays el piazer jocundo
en el cielo.

fl. 150 v., col. 1.

[1] Marcada 105.

Digitized by Google

Porque sois suma justicia B. P., II, 183. M. R., III, 148. fl. 123 v., col. 1.	Y deueis de hazer justicia fl. 150 v., col. 2.
Porque si cõ muestra de Rey B. P., II, 183. M. R., III, 149. *Ibi.*	Que si con muestra de rey *Ibi.*
y seraa Emperador el engaño. . . . . B. P., II, 183. M. R., III, 149. *Ibi.*	y sera Emperador el engaño. Por si, si, y por no, no, sea la vuestra diuisa principal. Que quien lo contrario vso su fama paradisa hizo mal. fl. 151 [1], col. 1.
y de manera que de pesar moriraa. y pues señor esto temo B. P., II, 183. M. R., III, 149. fl. 123 v., col. 2.	de manera. Que temo que morira. y pues esto señor temo *Ibi.*
como a Dios, B. P., II, 183. M. R., III, 149. *Ibi.*	mas que a nos *Ibi.*
y vuessa muerte buscais y no loor. B. P., II, 184. M. R., III, 149. *Ibi.*	y pues se que os matays es dolor. fl. 151, col. 2.
Neste passo se combatem, e temendo o Emperador a morte de tais dous caualeyros segundo se cõbatiam fortemente. Mandou a sua filha Flerida que os fosse despartir, a qual diz. B. P., II, 184. M. R., III, 150. fl. 124, col. 1.	*En este passo se cõbatẽ, y estãdose cõbatiendo viene la Princesa Flerida, y dize.* *Ibi.*
cessen por me hazer plazer B. P., II, 185. M. R., III, 150. *Ibi.*	cessen por me dar plazer *Ibi.*
. . . . . . *Dom Duardos*) Señora luego sin falla no por temor ni por dios soy contento, porque mas fuerte batalla contra mi traeis con vos yo lo siento. Oo admirable ventura *d'aqui até* que es otro tal. (*17 versos.* fl. 124, col. 1 e 2. B. P., II, 185-186. M. R., III, 150-151.	Descubrios cauallero. *Don Duardos*) No mas verme ha vuestra Alteza algun dia. Quiero yr ganar primero la fama de mi nobreza a Turquia. . . . . fl. 151, col. 3.
Ido dom Duardos e Primaleam, e Flerida assentada cõ a Emperatriz, entra Camilote caualeyro saluagem com Maymonda sua dama polla mão e sendo ella o cume de toda a fealdade, Camilote a vem louuando desta maneyra. B. P., II, 186. M. R., III, 151. fl. 124, col. 2.	*Apartarse hã estas figuras y entra Camilote y Maymõda la mas fea criatura q̃ nũca se vio, y Camilote loãdola dize.* *Ibi.*
Por vos canto Salamon el cantar delos cantares namorados, B. P., II, 186. M. R., III, 151. *Ibi.*	Por vos cantou Amplion aquellos tristes cantares enamorados. *Ibi.*

[1] Numerada 150.

Digitized by Google

Y las diesas soberanas B. P., II, 187. M. R., III, 151. fl. 124. col. 9.	Y las Reynas soberanas fl. 151, col. 4.
Maymonda) Ni el mundo por mi vida. B. P., II, 187. M. R., III, 152. *Ibi.*	*Maymonda*) Assi es ello por mi vida. *Ibi.*
que quien ama y no adora no tien fee. Si esto fuesse lisonjaros como muchos que han mantido a sus esposas, mas esso me daa miraros que ver vn vergel florido con mil rosas. B. P., II, 187. M. R., III, 152. *Ibi.*	que quien alaba colora su gran fee. No es esto lisonjaros como muchos hã mentido a sus amores. Mas esso me da miraros que vn prado verde florido de mil colores. *Ibi.*
que cada vez que mirais matais de pura afficion aaquel que os vio. *Maymonda*) Ya vn angel me dixo esso. *d'aqui até* de mi muerte. (*11 versos* fl. 124, col. 4. B. P., II, 188-189. M. R., III, 152, 153.	que solo el ayre que days mata de pura afficion al que os vio. . . . . fl. 152[1], col, 1.
Chegam diante o Emperador e diz Camilote. B. P., II, 189. M. R., III, 153. *Ibi.*	*Aqui llega delante del Emperador Palmerin, y dize Camilote.* *Ibi.*
Clarissimo Emperador sepa vuestra magestad imperial, que esta donzella es la frol dela hermosa beldad natural. *Emperador*) Cuya hija es si sabeis. *Camilote*) Hija del sol es por cierto. *Emperador*) Bien parece em que intencion la traeis.	Clarissimo Emperador esta hermosa donzella el su nombre Es delas hermosas flor tal que no merece a ella ningun hombre. *Emperador*) Y de donde es natural *Camilote*) Hija es del Sol señor. *Emperador*) Bien pareçe por cierto celestial nascida del resplandor.
Camilote) Por mostrar por quiẽ soy muerto que merece. *Emperador*) Cobrastes alta ventura, que años aura ella. *Camilote*) Dare prueua que a poder de hermosura el tiempo biue con ella fl. 124, col. 4 e 125, col. 1. B. P., II, 189-190. M. R., III, 153.	*Camilote*) Y siempre crece en mucha mas hermosura. *Emperador*) Y que años auera ella *Camilote*) Dara prueua que es tan alta su ventura quel tiempo biue con ella fl. 152, col. 2.
que dixe, oo triste de mi B. P., II, 190. M. R., III, 154. fl. 125 col. 1.	Que dixe, triste de mi *Ibi.*
Empero señor seraa muchacha de quarenta años, mas no menos. *Emperador*) Y ques vuessa quanto aueraa? *Camilote*) Señor, mios son los daños no agenos.	. . . . *Emperador*) Como pudistes alcançar donzella tanto estimable. *Camilote*) No digo assi

[1] Marcada 155.

Digitized by Google

Pero ella no tien cuya, y aun que vengo con ella como suyo, suyo soy, y ella suya, *d'aqui até* sino esta. (*9 versos* B. P., II, 190. M. R., III, 154. fl. 125, col. 1-2.	que aun la tengo de cobrar porque visible, y no palpable es para mi. . . . . fl. 152, col. 2.
respondieron con las tormentas que vistes B. P., II, 190. M. R., III, 154. fl. 125, col. 2.	Y respondieron con la tormenta que vistes, fl. 152, col. 3.
A la nieue la pedi B. P., II, 191. M. R., III, 154. *Ibi.*	A la Luna la pedi *Ibi.*
adorar en essa muerte, B. P., II, 191. M. R., III, 155. *Ibi.*	perderse por esta muerte *Ibi.*
otros dioses poderosos, que haze ser B. P., II, 192. M. R., III, 155. *Ibi.*	otros Reyes poderosos pues haze ser fl. 152, col. 4.
sin se ver. B. P., II, 192. M. R., III, 155. fl. 125, col. 3.	por se ver *Ibi.*
los pensamientos diuinos, y tambien es diuinal. B. P., II, 192. M. R., III, 155. *Ibi.*	Los pensamientos indignos aunque sea immortal *Ibi.*
Mas el nunca ver deuisa y ser presente la ausencia y conuersar, B. P., II, 192. M. R., III, 155. *Ibi.*	Mas el nunca ver de vista y ser presente en ausencia y el penar. *Ibi.*
desta dama se perdio B. P., II, 192. M. R., III, 155. *Ibi.*	desta dama se vencio *Ibi.*
Camilote) Vi a Dios y la campana tañida B. P., II, 193. M. R., III, 156. *Ibi.*	*Camilote*) Vimos nos La campana ya tañida fl. 152-153[1].
Camilote) Bien podeis escarnecer, mas juro a Dios que ni Elena B. P., II, 193. M. R., III, 156. *Ibi.*	*Camilote*) Bien podeys burla hazer mas juro a dies ni Elena fl. 153, col. 1.
por Dios vos estais donosa comparais vna estrella B. P., II, 193. M. R., III, 156. fl. 125, col. 4.	Pardiez vos estays donosa comparar aquella estrella *Ibi.*
Dõ Robusto) Mucho os demandais vos. B. P., II, 193. M. R., III, 156. *Ibi.*	*Marques*) Mucho os desmandays vos *Ibi.*
Dõ Robusto) Sois cauallero? si lo sois juro a Dios B. P., II, 193. M. R., III, 156. *Ibi.*	*Marques*) Soys cauallero, Qui si lo soys juro a nos *Ibi.*
nadie es dino de vella ni osamos, porque nos defende Dios que no pensemos en ella	digno es nadie de vella ni osamos. . . . .

[1] Numerada 156.

Digitized by Google

que peccamos. Y manda no se porque que por do vaya o estee la tierra sea sagrada y sea luego adorada la pisada de su pie. Oo erege entre barones puede ser mayor locura que la excelsa hermosura compararla con tisones contra Dios contra natura. B. P., II, 193-194. M. R., III, 156. *Ibi.*	. . . . No se crea entre varones poder ser tan gran locura como la tierna hermosura compararla con tizones. . . . . . . *Ibi.*
Dõ Robusto) Mas cercana os es la muerte B. P., II, 194. M. R., III, 157. *Ibi.*	*Marques*) Mas cierta teneys la muerte fl. 153, col. 2.
Camilote) Yo he sido tan certero B. P., II, 194. M. R., III, 157. fl. 126, col. 1.	*Camilote*) Tanto he sido certero *Ibi.*
Dõ Robusto) Dezid antes que os conquiste con los inojos hincados la oracion delos ahorcados que es ellanima Christe, por vuessa anima y peccados. B. P., II, 194. M. R. III, 157. *Ibi.*	*Marques*) Antes que yo os conquiste mirad bien lo que dezis que si a mi resistis en fuerte punto naciste. *Ibi.*
Dõ Robusto) Yo os juro a Dios del cielo B. P., II, 194, M. R., III, 157. *Ibi.*	*Marques*) Pues yo juro a Dios del cielo *Ibi.*
Y deueis por honrra vuessa pues de morir teneis cierto desta trecha, buscar luego antes de muerto el que os haga la huessa muy bien hecha. B. P., II, 195. M. R. III, 157. *Ibi.*	Yo no tengo otro cuydado sino enla muerte vuestra juro a nos. Y causar trabajo al cuytado que os hiziere la huessa para vos *Ibi.*
por hazaña entre diez mil alimañas muy fieras muy peligrosas cosa estraña. Y pues a tan peligrosa ventura de buena gana me offreci, la doy ala mas hermosa que nacio en la vida humana hasta aqui. fl. 126, col. 1-2. B. P., II, 195-196, M. R., III, 158.	con querellas De mil brauas alimañas rosas que hazen amorosas las donzellas. Y porque la presumpcion combida la hermosura a bien de hecho. A Maymonda de razon pertence esta ventura de derecho. fl. 153, col. 3.
Y aun qualquier que dixiere que a Flerida conuiene mas que a ella, yo le hare conocer que miente con quanto tiene delante ella *D. Rbusto*) Yo os lo quiero combatir. *Camilote*) Vos señor Emperador dais licencia? *Emperador*) Si doy, y alla quiero yr ver el campo y el loor y la sentencia,	. . . . *Marques*) Yo acepto la demanda *Emperador*) Tomad armas y cauallo con despecho y vamos a la varanda que enojado me hallo deste hecho.

Digitized by Google

Estes se vam todos, e entra a infanta Olimba com dom Duardos.	*Vanse estos todos, y entra dõ Duardos, e Olimba.*
Olimba) Quanto tiempo ha señor B. P., II, 196. M. R., III, 158. fl. 126, col. 2.	*Olimba)* Quanto tiempo aura señor fl. 153, col. 3.
que vencerdes a Melcar en Normandia, B. P., II, 197. M. R., III, 159. fl. 126, col. 3.	que vencerdes a Belcar en Vngria. fl. 153, col. 4.
alos mas altos estados B. P., II, 198. M. R. III, 159. *Ibi.*	En los mas altos estados fl. 154 [1], col. 1.
al infierno *Olimba)* Si amais por essa via B. P., II, 198. M. R. III, 160. fl. 126, col. 3-4.	al desierto. *Olimba)* Si seruis por essa via *Ibi.*
plado tierno. B. P., II, 198. M. R. III, 160. fl. 126, col. 4.	prado tierno *Ibi.*
y las madrugadas B. P., II, 199. M. R., III, 160. *Ibi.*	y terneys las madrugadas fl. 154, col. 2.
a ella os ternaa ella, B. P., II, 199. M. R., III, 160. *Ibi.*	tambien os lo terna ella *Ibi.*
D. Duardos) A los dioses immortales B. P., II, 199. M. R., III, 160. *Ibi.*	A los sanctos immortales *Ibi.*
Vãose dom Duardos e Olimba, e vem os ortelões da orta de Flerida .s. Iuliam, Costança Roiz sua molher, e Francisco e Iuan seus filhos, e diz Iuliam. B. P., II, 199. M. R. III, 161. fl. 126-127.	*Entra Iulian ortelano, y su muger Costança ruyz, y dize Iulian.* *Ibi.*
Costança Roiz amada. *Costança)* Mi Iulian que mandais. *d'aqui até* y el rosal apañado, no mereço la comida. (*23 versos* fl. 127, col. 1. B. P., II, 199 e 200. M. R., III, 161.	. . . . *Ibi.*
Julian) Quan hufano y quan bonito B. P., II, 200. M. R., III, 161. *Ibi.*	*Juliam)* Quã hermoso y quã bonito *Ibi.*
Julian) Mirad mi alma el rosal B. P., II, 200. M. R., III, 161. *Ibi.*	*Juliam)* Mirad mi vida el rosal *Ibi.*
el jazmin y los granados, B. P., II, 201. M. R., III, 162. *Ibi.*	el jardin y los granados fl. 154, col. 3.
Francisco) Padre no oys batir B. P., II, 201. M. R., III, 162. fl. 127, col. 2.	*Costança)* Mi amor no oys batir *Ibi.*

[1] Numerada 157.

Digitized by Google

Abrelhe a porta, e vendoo em trajos de trabalhador lhe diz.
B. P., II, 201. M. R., III, 162. fl. 127, col. 2.

. . . . . .
. . . . . .
Enesta huerta señor
estaa terrible tesoro
de infinitas peças doro,
y solo yo soy sabidor
esto es cierto.
Hagamos vn tal concierto
que me tengais simulado
y de vos perde el cuydado
si teneis esto encubierto.

B. P., II, 202. M. R., III, 152-163. *Ibi.*

bien podeis aqui andar
y vengais mucho en buenora.
Entrando dom Duardos na orta diz.
Huerta bien auenturada
jardin de mi sepultura
dolorida,
yo adoro la entrada
aun que fuesse sin ventura
la salida.

Vem Flerida cõ suas damas, Amãdria e Artada, e vem praticando pola orta sobre o desafio de dom Duardos com Primaleam.
fl. 127, col. 3.
B. P., II, 202-203. M. R., III, 163.

Amandria) Supe señora quien era?
B. P., II, 203. M. R. III, 163. *Ibi.*

mas a segun su manera
B. P., II, 203. M. R., III, 163. *Ibi.*

Amandria) Oo como se combatia
B. P. II, 203. M. R., III, 164. fl. 127, col. 4.

D. Duardos) Mas diesa
B. P., II, 204. M. R., III, 164. *Ibi.*

Qual coraçon osa aora
en tan disforme visage
B. P., II, 204. M. R., III, 164. *Ibi.*

Abre Iulian la puerta, y viendolo en traje de villano, dize Iulian.
fl. 154, col. 3.

Costança) Iulian con quien estays
Juliam) Estoy con este vaquero.
D. Duardos) Hermanos si me escuchays
yo tambiẽ soy hechizero
y esto no lo descubrays
Ha quedado dũ rey moro
en esta huerta señor
vn muy terrible thesoro
de infinitas pieças de oro
de que yo soy sabidor
Tales conjuros hare
que lo auremos sin letijo
y porque simulado este
dezid que foy vuestro hijo,
que dende niño se os fue.
Juliam) Esso es cierto
D. Duardos) No desso perded cuydado
tenedme vos encubierto
que yo os juro bien jurado
que holgueys cõ el concierto
fl. 154, col. 4.

hijo bien podeys entrar
y vengays muy en buẽora

Entra Flerida con sus damas Artada y Amandria, e dize Flerida.
fl. 154, col. 4 e 155 [1], col, 1.

Amandria) No supistes del quien era
fl. 155, col. 1,

Mas el segun su manera
Ibi.

Amandria) Mas como se combatia.
Ibi.

D. Duardos) Mas Reyna,
fl. 155, col. 2.

Qual coraçon osara
en vn tan disforme traje
Ibi.

[1] Numerada 154.

Digitized by Google

yr a ver los mas diuinos B. P., II, 205. M. R., III, 165. fl. 128, col. 1.	yr a ver los mas benignos *Ibi.*
como es bonito y despierto, B. P., II, 205. M. R., III, 165. *Ibi.*	como es bonito, y dispuesto fl. 155. col. 3.
Amandria) O espulgaraa la mona B. P., II, 205. M. R., III, 165. *Ibi.*	*Amandria*) Mas espulgara la mona *Ibi.*
Porque yo vide a Melisa esposa de Recendoos B. P., II, 206. M. R., III, 165. *Ibi.*	porque yo vide a Milicia la esposa de Recindo *Ibi.*
vi Viceda y Valerisa por quien elRey Arnedoos B. P., II, 206. M. R., III, 165. fl. 128, col. 2.	vi Vlceda y Talerosa por la qual el Rey Arnedos fl. 155, col. 4.
Y vi Silueda y Finea B. P., II, 206. M. R., III, 166. *Ibi.*	Y vi Syluia y Finea *Ibi.*
mucho linda. B. P., II, 206. M. R., III, 166. *Ibi.*	y muy linda, *Ibi.*
y vi la iffanta Campora B. P., II, 206. M. R., III, 166. *Ibi.*	vi la Infanta Canfora *Ibi.*
con ganado, B. P., II, 206. M. R., III, 166. *Ibi.*	de ganado. *Ibi.*
y sus famas. B. P., II, 207. M. R., III, 166. *Ibi.*	y sus hazañas. *Ibi.*
diuinales. B. P., II, 207. M. R., III, 167. fl. 128, col. 3.	muy reales. fl. 156 [1], col. 1.
que a todos vereis quexar y ninguno vereis morir B. P., II, 208. M. R., III, 167. *Ibi.*	A todos vereys quexar y a ninguno vereis morir fl. 156, col. 2.
Julian sin saber que es quiere ordenar tambien de quexarse, y muchos tales veres mas querria ver alguien que amasse. Si alguno al dios Apolo hiziesse adoracion fl. 128, col. 3-4. B. P., II, 208-209. M. R., III, 167.	julian sin saber quien es quierese tambien quexar del amor. A muchos tales vereys que se quexan, mas ninguno es amador. Si alguno al Rey Apolo hiziesse exclamacion *Ibi.*
y llorando su passion B. P., II, 209. M. R. III, 167. fl. 128, col. 4.	lamentando su passion *Ibi.*
es amar noches y dias, B. P., II, 209. M. R., III, 168. *Ibi.*	es hazer las noches dias *Ibi.*

[1] Não se percebe bem o número.

Digitized by Google

Estas cousas vay Amandria dizendo indose Flerida cõ ellas recolhendo da orta, e hidas diz dom Duardos a Iuliam.

B. P., II, 209. M. R., III, 168. fl. 128, col. 4

bien cerrada,
las noches son de verano
aun que durmais en la huerta
no es nada.

B. P., II, 209. M. R., III, 168. *Ibi.*

Venios acostar señora

B. P., II, 210. M. R., III, 168. *Ibi.*

falado bien solia yo mosicar
nel tiempo que Dios querria.
Costança) Como os oyo cantar
llorame ellanima mia.
Julian) Vamonos ora acostar.

Soliloquio de dom Duardos.

Oo palacio consagrado

B. P., II, 210. M. R., III, 168. fl. 129, col. 1.

de otro metal mas hufano

B. P., II, 210. M. R., III, 168. *Ibi.*

Huuieron de ser robines
esmeraldas muy polidas

B. P., II, 210. M. R., III, 169. *Ibi.*

pues que pueblan serafines
tus entradas y salidas

B. P., II, 210. M. R., III, 169. *Ibi.*

Yo adoro diosa mia
mas que alos dioses sagrados
tu alteza,
que eres dios de mi alegria
criador de mis cuydados
y tristeza.
A ti adoro causadora
deste vil officio triste
que escogi,
a ti adoro señora
que mi anima quesiste
para ti.

B. P., II, 210-211. M. R., III, 169. *Ibi.*

eres, que si lo sabes

B. P., II, 211. M. R., III, 169. *Ibi.*

Por los ojos piadosos

B. P., II, 211. M. R., III, 169. fl. 129, col. 2.

clarificos y lumbrosos
dos soles para cegar

B. P., II., 211. M. R., III, 169. *Ibi.*

Vanse estas damas, y viene julian y Costança Roiz, y dize Don Duardos.

fl. 152, col. 2.

. . . . . .
aunque durmais en la huerta
las noches son de verano
. . . . . .

fl. 156, col. 3.

Vamos nos acostar señora

Ibi.

Pardiez quando Dios queria
solia yo muy biẽ musiquiar
vamonos ora acostar.
Costança) Llorame esta alma mia
quando os veo cantar.

Queda don Duardos solo en la huerta, y diz e

O palacio esmerado

Ibi.

dalgun metal mas vfano

Ibi.

Deuieran de ser rubines
y esmeraldas muy polidas

Ibi.

Poes que tus frescos jardines
tienen entradas e solidas

Ibi.

. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
A ti llamo yo señora
porque mi vida quesiste
para ti
A ti llamo causadora
deste vil officio triste
que escogi.

fl. 156, col. 4.

eres porque si lo sabes

Ibi.

Por los ojos preciosos

Ibi.

Clarificos alumbrosos
dos solos para cegar

Ibi.

Digitized by Google

oo Flerida diesa mia de tal suerte que mires la deuocion B. P., II, 211. M. R., III, 169. fl. 129, col. 2.	o Flerida vida mia de tal suerte Que veas la deuacion fl. 156, col. 4.
sin Dios, sin alma, sin vida, B. P., II, 212. M. R., III, 170. *Ibi.*	sin mi, y sin alma y vida fl. 157 [1], col. 1.
es Flerida señora mia de cuyo dios y adoro su poderio. . . . . B. P., II, 212. M. R., III, 170. *Ibi.*	es Flerida vida mia aquella por quien yo lloro de continuo *Viene Iulian, y Costança roiz y dise Iulian.* *Ibi.*
harto escura sin lunar B. P., II, 212. M. R., III, 170. *Ibi.*	fria elada, y sin lunar *Ibi.*
Costança) Vuesso almoço estaa guisado. B. P., II, 212. M. R., III, 170. *Ibi.*	*Costança*) Dezid, aueis almorzado. *Ibi.*
Julian) Oo que cosa pardiez ayna dire que no es Flerida en su manera B. P., II, 212. M. R., III, 170. fl. 129, col. 3.	*Costança*) O que cosa. *Julian*) Pardiez ayna dire no es Flerida en su manera *Ibi.*
Julian) Venis cansado. B. P., II, 212. M. R., III, 170. *Ibi.*	*Julian*) Estas cansado. *Ibi.*
Costança) Comereis vn hueuo assado mi hijo, mi alegria, B. P., II, 213. M. R., III, 170. *Ibi.*	*Costança*) Quereis vn hueuo assado hijo mio y mi alegria, fl. 157, col. 1-2.
Esta le viene de herencia de sus aguelos passados, B. P., II, 213. M. R., III, 171. *Ibi.*	Esta viene de herencia de sus abuelos passados fl. 157, col. 2.
y los trezientos ducados B. P., II, 213. M. R., III, 171. *Ibi.*	y los quinientos ducados *Ibi.*
Costança) Oo mi hijo y mi hermano mi sancto descanso mio y de mi vida, Dios os truxo a nuestra mano y fue por el yo os fio la venida. Su alteza vendra ora B. P., II, 213. M. R., III, 171. *Ibi.*	. . . . *Costança*) Su alteza verna aora *Ibi.*
Julian) Oo Dios quien tuuiera aora B. P., II, 213. M. R., III, 171. *Ibi.*	*Julian*) O quien tuuiera agora *Ibi.*

[1] Numerada 152.

Digitized by Google

y pornemos en recaudo B. P., II, 213. M. R., III, 171. fl. 129, col. 3.	y pondremos en recado fl. 157, col. 2.
Dios sabe ora quan vazios B. P., II, 214. M. R., III, 171. fl. 129, col. 4.	*Julian*) Dios sabia quan vazios *Ibi.*
nos hallamos. Vamos hijo ala posada y descansareis siquiera dela noche mala que aueis lleuada, no faltaraa vna estera en que os heche. *Vem Flerida, Artada, Amandria aa orta, e diz Flerida.* B. P., II, 214. M. R., III, 171. *Ibi.*	nos estamos. . . . . *Viene otra vez Flerida con sus damas, y dize Flerida.* *Ibi.*
no hazen oy labor B. P., II, 214. M. R. III, 171. *Ibi.*	y no hazen oy labor *Ibi.*
de su hijo y su amor B. P., II, 214. M. R., III, 171. *Ibi.*	del hijo y su amor fl. 157, col. 3.
. . . . *Amandria*) Dize la señora infanta B. P., II, 214. M. R., III, 172. *Ibi.*	*Llegando Amandria a don Duardos, dize Amandria.* Dize la infanta *Ibi.*
que pienso que el trabajar B. P., II, 215. M. R., III, 172. *Ibi.*	que pienso que el trabajo *Ibi.*
Cauare de coraçon B. P., II, 215. M. R., III. 172. *Ibi.*	Cauarde de coraçon *Ibi.*
tu veniste a mi poder por mi mal. *Flerida*) De que te quexas. *Dõ Duardos*) de dios. porque no nos hizo vguales B. P., II, 215. M. R., III, 172. fl. 130, col. 1.	poes amor me fue hazer tanto mal. *Flerida*) De que te quexas. *Dõ*) No de Dios porque no somos yguales fl. 157, col. 4.
y sin manzilla de nos, nos dio ojos corporales B. P., II, 215. M. R., III, 172. *Ibi.*	Y el nos criou nos y dio ojos corporales fl. 157, col. 4.
sentir para conocer B. P., II, 215. M. R., III, 172. *Ibi.*	sentido para conocer *Ibi.*
Dõ Du) Si me prendio mi cuydado ado me yre. B. P., II, 216. M. R., III, 173. *Ibi.*	*Dõ*) Si me mata mi cuydado do me yre *Ibi.*
Trazem a Flerida agoa polla copa encantada, e primeyro diz Amandria quando a vee. B. P., II, 216. M. R., III, 173. *Ibi.*	. . . . *Ibi.*

Digitized by Google

Depois de beber Flerida, diz.	. . . . .
B. P., II, 217. M. R., III, 173. fl. 130, col. 2.	fl. 158 [1], col. 1.
y la copa muy graciosa:	Y la copa muy hermosa
B. P., II, 217. M. R., III, 173. *Ibi.*	*Ibi.*
alo menos escudero.	alomenos escudero
. . . . .	muy honrado
B. P., II, 217. M. R., III, 174. *Ibi.*	*Ibi.*
que el precio estaa en la persona.	que el precio esta en persona
B. P., II, 217. M. R., III, 174. *Ibi.*	fl. 158, col. 2.
yde os yr a vuesso estrado.	deueis yr a vuestro estrado.
B. P., II, 217. M. R., III, 174. *Ibi.*	*Ibi.*
tambien vo,	tambien voy
los cuydados quedaran	los sospiros alla yran
pero yo quedar no puedo	yo tãbien quedar no puedo
tal esto.	tal estoy,
fl. 130, col. 2-3.	*Ibi.*
B. P., II, 217-218. M. R., III, 174.	
Despois de ydas, diz Iuliam a dom Duardos.	*Viene Iulian hortelano, y dize a don Duardos.*
Quereis ora que os diga,	*Julian*) Quereis que os diga
B. P., II, 218. M. R., III, 174. fl. 130, col. 3.	*Ibi.*
y antes que nos hechemos	y antes que nos acostemos
B. P., II, 218. M. R., III, 174. *Ibi.*	*Ibi.*
los secretos de mis ais.	el secreto de mis ays.
Soliloquio segundo de dom Duardos.	. . . . .
B. P., II, 218. M. R., III, 175. *Ibi.*	fl. 158, col. 3.
immortales,	agradables
B. P., II, 218. M. R., III, 175. *Ibi.*	*Ibi.*
pues que Dios eres llamado	pues que eres rey llamado
diuinal,	triunfal.
si tu diuinal poder	si tu tan grande poder
B. P., II, 219. M. R., III, 175. fl. 130, col. 4.	*Ibi.*
que para seres loado	. . . . .
a milagros te esperamos	. . . . .
que lo ygual	. . . . .
ya senti se estaa acabado,	. . . . .
por lo impossible andamos	. . . . .
no por al.	. . . . .
Aluorada a ti adoro,	O aluorada por ti lloro
oo mañana a ti loamos	o mañana a ti llamamos
B. P., II, 219-220. M. R., III, 175-176. *Ibi.*	*Ibi.*
quiero lleuar mas tesoro	Quiero lleuar mi thesoro
B. P., II, 220. M. R., III, 176. *Ibi.*	fl. 158, col. 4.

[1] Numerada 153.

Digitized by Google

Vayse dom Duardos e vem Flerida descobrindo a Artada o amor que tem a dom Duardos sem saber que era aquelle, e diz.	*Vase don Duardos, y viene Flerida hablando con Artada, y dize.*
Oo Artada mi amiga fl. 130, col, 4 e 131, col. 1. B. P., II, 220. M. R., III, 176.	O Artada amiga mia fl. 158, col. 4.
quien era y de cuya es, B. P., II, 221. M. R., III, 176. *Ibi.*	quien era y de quien es *Ibi.*
vuesso imperio y merecer B. P., II, 221. M. R., III, 176. *Ibi.*	vuestro estado y merecer fl. 159 [1], col. 1.
Artada) Que hareis. B. P., II, 221. M. R., III, 176. *Ibi.*	*Artada*) Que señora. *Ibi.*
que vos muy bien mereceis, B. P., II, 221. M. R., III, 177. *Ibi.*	De que soys merecedora *Ibi.*
Teneis principe en Romanos don Duardos en Inglaterra B. P., II, 221. M. R., III, 177. *Ibi.*	teneis principe de Romanos don Duardos Dinglaterra *Ibi.*
y dixo que es cauallero B. P., II, 221. M. R., III, 177. fl. 131, col. 2.	dixo que era cauallero *Ibi.*
Vem Amandria com as donzellas musicas, e diz. B. P., II, 221. M. R., III, 177. *Ibi.*	*Viene Amandria, y dize* *Ibi.*
embiaos a preguntar se yreis caçar sora B. P., II, 222. M. R., III, 177. *Ibi.*	y embia os a preguntar si quereis caçar agora *Ibi.*
y mas ydo el mi amado B. P., II, 222. M. R., III, 177. *Ibi.*	y mas os ydo mi amado *Ibi.*
Vem Costança Roiz, e diz chorando a Flerida	*Viene Costança royz, y dize a Flerida.*
Ha hi açucar rosado B. P., II, 222. M. R., III, 177. *Ibi.*	Hay açucar rosado fl. 159, col. 2.
Artada) Si lo apalpa la tierra. *Amandria*) Quiẽ guardo ganado en sierra enel poblado es perdido. B. P., II, 222. M. R., III, 177. *Ibi.*	*Artada*) Si lo prouara la tierra. *Flerida*) Quiẽ ganado guarda ẽ sierra enel pueblo es perdido *Ibi.*
sospira de tarde en tarde, pero quexase a menudo quel anima se le arde. B. P., II, 222. M. R., III, 178. *Ibi.*	entre si de tarde en tarde habla y sospira a menudo . . . . . . *Ibi.*
Vem dom Duardos com sua enxada, e diz. B. P., II, 223. M. R., III, 178. fl. 131, col. 3.	*Viene dõ Duardos y dize.* *Ibi.*

[1] Numerada 154.

Digitized by Google

no se entienda descansar en mi, porque descansando B. P., II, 223. M. R., III, 178. *Ibi.*	No entiendo descansar porque yo en descansando fl. 159, col. 2.
y mirad estas donzellas B. P., II, 223. M. R., III, 178. *Ibi.*	mirad aquestas donzellas *Ibi.*
. . . . B. P., II, 223. M. R., III, 178, *Ibi.*	*Vase costança royz, y queda dõ Duardos con ellas, y dize Flerida.* fl. 159, col. 3.
debaxo del naranjal. B. P., II, 223. M. R., III, 178. *Ibi.*	debaxo del laranjal. *Ibi.*
que va honda esta ribera. *Artada*) Señora yo esto espantada. B. R., II, 223. M. R., III, 178. *Ibi.*	que va honda la ribera. *Artadas*) Señora estoy espantada. *Ibi.*
Tocam as damas seus instrumentos, e diz Artada. B. P., II, 224. M. R., III, 179. fl. 131, col. 3-4.	*Tañen las damas sus instrumẽtos, y dize Artada.* *Ibi.*
que me trayan mas tromentos B. P,, II, 224. M. R., III, 179. fl. 131, col. 4.	que me traen mis tormentos *Ibi.*
Cantam esta cantiga, e acabada diz dom Duardos. B. P., II, 224. M. R., III, 179. *Ibi.*	*Cantan las damas, y despues dize don Duardos.* fl. 159, col. 4.
Indose Flerida com suas damas chorando, diz Artada. B. P., II, 225. M. R., III, 180. fl. 132, col. 1.	*Va Flerida atras las damas llorando, y dize Artada.* fl. 160 [1], col. 1.
y son tantos mis enojos B. P., II, 225. M. R., III, 180. *Ibi.*	y tantos son mis enojos. *Ibi.*
Vendo dom Duardos a pena de Flerida, diz. B. P., II, 225. M. R., III, 180. *Ibi.*	*Dõ Duardos solo.* *Ibi.*
medicina prouechosa, B. P., II, 226. M. R., III, 180. *Ibi.*	melezina prouechosa *Ibi.*
La copa me hecho en medio B. P., II, 226. M. R., III, 180. *Ibi.*	La copa me puso en medio fl. 160, col. 2.
Oo preciosa diesa mia yo confiesso que peque señora a ti, y por esso ellalegria del remedio que busque es contra mi. B. P., II, 226. M. R., III, 181. fl. 132, col. 2.	. . . . *Ibi.*

[1] Numerada 163.

Digitized by Google

Vem Iuliam visitar dom Duardos e vem cantando.

Este es el cal bi ora bi.
B. P., II, 227. M. R., III, 181. fl. 132, col. 2

Julian) Como os va bona mi.
B. P., II, 227. M. R., III, 181. *Ibi.*

Dõ Duardos) Nunca tan triste me vi
no me hallo en esta tierra
y este tesoro me tiene
este solo me daa guerra
que quando andaua en la sierra
hazia vida solene.
Julian) Pues deueis os dauezar
B. P., II, 227. M. R., III, 181. *Ibi.*

y vn mulato, y vn molino.
B. P., II, 227. M. R., III, 181. fl. 132, col. 3.

que la pide vn calcetero
y vn curtidor o dos,
B. P., II, 227. M. R., III, 181. *Ibi.*

graciosa tan salada
B. P., II, 228. M. R., III, 182. *Ibi.*

que no quede enamorada.
B. P., II, 228. M. R., III, 182. *Ibi.*

y segun holgada estaa
ala voluntad me daa
que escusadas son espuelas.
B. P., II, 228. M. R., III, 182, *Ibi.*

y su padre y su nacio
B. P., II, 228. M. R., III, 182. *Ibi.*

Dõ Du) Hios Julian amigo
B. P., II, 228. M. R., III, 182. *Ibi.*

quel cansado pensamiento
B. P., II, 228. M. R., III, 182. *Ibi.*

Julian) Costança roiz amor mio,
B. P., II, 228. M. R., III, 182. *Ibi.*

Costança) Que me quereis señor mio.
B. P., II, 228. M. R., III, 182. *Ibi.*

Dõ Du) Fortuna duelete de mi
B. P., II, 229, M. R. III, 182. fl. 132, col. 4.

Viene Iulian ortelano cantando lo siguinte.

Este es el calbi orabi
fl. 160, col 2.

Julian) Como os va bon ami.
Ibi.

Dõ) Mas contento y descansado
andaua yo por la sierra
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
Julian) Pues aueys os de abezar
Ibi.

y vna huerta, y vn molino
fl. 160, col. 3.

que la pide vn barrachero
y vn texedor o dos,
Ibi.

graciosa, y tan salada
Ibi.

que no se quede espantada
Ibi.

y segun desembuelta esta
en la voluntad me da
que no ha menester espuelas
Ibi.

y su madre y su nacion
Ibi.

Costança Ruiz) Hios Julian amigo
Ibi.

que el que se casa sin tiento
Ibi.

Julian) Costança ruiz amor
Ibi.

Costança) Que me quereys amor mio
Ibi.

Dõ Du) Amor duelete de mi
fl. 160, col. 4.

Digitized by Google

de cruel, porque estaa aqui el mi cruel enemigo.	de muy cruel enemigo.
Aora vienes con esto quando yo la muerte pido, oo mi dios señor Copido loado seas por esto	Agora vienes con esto quando ya la muerte pido o maluado Rey Cupido maldito seas por esto
B. P., II, 229. M. R., III, 182-183. fl. 132, col. 4.	fl. 160, col. 4.
y ampararos, y abrigaros,	ampararos y abrigaros.
B. P., II, 229 M. R., III, 183. *Ibi.*	*Ibi.*
moça, machuela, y doblada pescoço cuerto amassada salada como la sal.	moça machuela doblada pescueço tuerto amassada salada como la sal,
. . . . .	los dedos tuertos y gruessos crespa la ceja y babosa pretellona y graciosa juro a tal que hasta los huessos es buena para la cosa Grimanesa.
	Grimanesa) Ola.
	Julian) Ven aca.
	Grimanesa) Eis me aqui que me quereys
	Julian) He aqui la moça do esta esta creo que sera buena para ya sabeys.
	Costança) Quereys casar hija mia con este nuestro criado.
	Grimanesa) Con este si casaria.
	Dõ Du.) Como tardas alegria quã presto vienes cuydado.
	Grimanesa) Y vn hombre tan hermoso pues tirado este sayal es el para ser esposo de Artada estays donoso, no casa assi hombre tal
	Julian) Mirad vos soys estrangero la moça no descuydada bien quista y aparentada tiene vn asno y vn sendero tratareys em membrillada
	Costança) Si bien quisieres casar estimate Grimanesa quien te manda a ti abaxar
	Grimanesa) Mas que aprouecha alterar para tal cosa como essa.
	Dõ Du.) El que casa ha de casar con tan sobrado plazer como yo tengo pesar no hago sino cauar escondeseme el auer No tengo de tomar muger hasta que el thesoro mio no lo tenga en mi poder, entonces el mi querer mostrara gran poderio, Andad por Dios en buen ora hios dexadme cauar, no desprecio esta señora mas no puedo por agora ni casar, ni descansar.

Digitized by Google

Y vos aun rehusais de casar con Grimanesa oo que moça alli dexais. B. P., II, 229. M. R., III, 183. fl. 132, col. 4.	*Julian*)	Y aun vos rehusays de casar con Grimanesa o que moça que dexays. fl. 160, col. 4 e fl. 161 [1], col. 1-2.
Apartase dom Duardos dos hortelões, e porque a princesa Flerida querendose apartar desta conuersaçam temendose do mal que se lhe podia seguir, determinou de nam vir aa horta. Sobre este passo neste terceyro soli loquio dom Duardos diz o que se segue. B. P., II, 230. M. R., III, 183. *Ibi.*		*Vanse los ortelanus, y dise Don Duardos.* fl. 161, col. 2.
señora quien te detiene, B. P., II, 230. M. R., III, 183. *Ibi.*		Princesa quien te detiene *Ibi.*
despiadosa batalla B. P., II, 230. M. R., III, 183. fl. 133, col. 1.		tan fuerte y cruel batalla *Ibi.*
y mi paz estaa perdida, B. P. II, 230. M. R., III, 183. *Ibi.*		Ya mi paz esta perdida *Ibi.*
Dios de amor, no te contentas B. P., II, 230. M. R., III, 184. *Ibi.*		Rey de amor no te contẽtas, *Ibi.*
la misma que tu atromentas, sacame la dolorida B. P., II, 230. M. R., III, 184. *Ibi.*		Porque no des tales tormentas a aquesta dolorida fl. 161, col. 2-3.
Que maas quieres oo huerta B. P., II, 230. M. R., III, 184. *Ibi.*		O muy agradable huerta fl. 161, col. 3.
quema tu cierca y tu puerta B. P., II, 231. M. R., III, 184. *Ibi.*		Quemada tu cerca y puerta *Ibi.*
Tu diesa porque no viene ver queste suyo se vaa al infierno onde por tu amor pene, y la gloria seraa que es eterno. *Apertando o amor a Princesa Flerida, e nam podendo comprir o degredo que en si mesma pos, manda primeyro Artada, e vendoa dom Duardos vir, diz antre si.*		. . . .
Aqui do viene Artada del mallo menos es bueno B. P., II, 231. M. R., III, 184. *Ibi.*		He aqui do viene Artada del mal el menos es bueno *Ibi.*
mi anima atribulada B. P., II, 231. M. R., III, 184. *Ibi.*		Mi anima desdichada *Ibi.*

1 Marcadas respectivamente, 163 e 168.

Digitized by Google

y la manera. B. P., II, 231. M. R., III, 184. fl. 133, col. 2.	y manera. fl. 161, col. 3.
la donzella es bien criada B. P., II, 231. M. R., III, 184. *Ibi.*	la donzella y bien mirada *Ibi.*
Dõ Du.) Y la que os manda esso saber B. P., II, 232. M. R., III, 184. *Ibi.*	*Dõ Duardos*) La que os mãda esso saber *Ibi.*
que matarme en tierras estrañas B. P., II, 232. M. R., III, 185. *Ibi.*	que matarme ẽ tierra estraña fl. 161, col. 4.
Dõ Du.) Nellalma estaa B. P., II, 232. M. R., III, 185. *Ibi.*	*Dõ Duardos*) En el anima esta *Ibi.*
y en ellalma la passion B. P., II, 232. M. R., III, 185. *Ibi.*	y en el anima la passion *Ibi.*
con amores, con ser ciego, B. P., II, 232. M. R., III, 185. fl. 133, col. 3.	con amores, sin sossiego *Ibi.*
pues do cabraa mi alegria B. P., II, 233. M. R., III, 185. *Ibi.*	Do cobrare la alegria *Ibi.*
luego la huerta y no ha qui de venir B. P., II, 233. M. R., III, 185. *Ibi.*	esta huerta. Y que aqui no ha venir fl. 162 [1], col. 1.
Dõ Du.) Señora esso para que, soy suyo, ella es mi señora y mi dios. *Artada*) Ya Flerida es sabedor B. P., II, 333. M. R., III, 186. *Ibi.*	*Dõ Duardos*) Señora, y esso para que bien basta ques mi señora despues de Dios. *Artada*) Ya ella es sabidora *Ibi.*
que sereis grande señor. B. P., II, 233. M. R., III, 186. *Ibi.*	que deueys ser gran señor, *Ibi.*
para tan alta princesa B. P., II, 234. M. R., III, 186. fl. 133, col. 4.	para tan alta señora *Ibi.*
antes que mas ruegos gaste descobrid aaquella diesa B. P., II, 234. M. R., III, 186. *Ibi.*	Antes que mas tiempo gaste descubridme vos agora *Ibi.*
Dõ Du.) Que merced me haria ella B. P., II, 234. M. R., III, 186. *Ibi.*	*Dõ Duardos*) Que mercedes me haria ella *Ibi.*
como diesa imperial milagrosa. B. P., II, 234. M. R., III, 186. *Ibi.*	como Reyna Imperial poderosa fl. 162, col. 2.

[1] Marcada 165.

Digitized by Google

Y porque señora me deshaze si piensa ser yo el señor que dezis vos, sino porque no me haze de nadia por su loor pues es Dios. Que si me pone en olvido por nascer baxo vassallo fl. 133, col. 4. B. P., II, 234-235. M. R., III, 186-187.	. . . . Ca si me pone en oluido por nascer baxo villano fl. 162, col. 2.
Dezilde que no tengo nombre B. P., II, 235. M. R., III, 187. fl. 134, col. 1.	Dezilde que no soy hombre *Ibi.*
el su nombre. Tengo de contar arreo a Flerida su passion del que encobria, *d'aqui até* ser principe delos mayores que ay enel mundo. (*36 versos* fl. 134, col. 1 e 2. B. P., II, 236-237. M. R., III, 188.	su renombre. . . . . fl. 162, col. 3.
Entrando Flerida soo pollo pumar da horta, vay dizendo. B. P., II, 237. M. R., III, 189. fl. 134, col. 2.	*Viene Flerida sola disiendo.* fl. 162, col. 3.
que no son graues tromentos los que sufre Julian B. P., II, 237. M. R., III, 189. *Ibi.*	que no son grandes tormentos los que passa Iulian *Ibi.*
del dolor que siento yo, B. P., II, 238. M. R., III, 189. fl. 134, col. 3.	Del dolor que passo yo fl. 162, col. 4.
con los daños. Y mis jardines texidos con seda de oro tirado se amustiaron, B. P., II, 238. M. R., III, 189. *Ibi.*	con mis daños Y mis reposteros texidos con seda y oro tirados se entiznaron *Ibi.*
teñidos de mi cuydado B. P., II, 238. M. R., III, 189. *Ibi.*	teñidos de mis cuydados *Ibi.*
la mayor diesa del cielo B. P., II, 238. M. R., III, 189. *Ibi.*	la mas hermosa del suelo *Ibi.*
Si ruega a Dios que me de muerte B. P., II, 238. M. R., III, 189. *Ibi.*	Y si ruega por mi muerte *Ibi.*
y dichosa fue mi suerte pues muerto no puedo auer B. P., II, 238. M. R., III, 189. *Ibi.*	Fuera dichosa mi suerte si muerte pudiera auer *Ibi.*
el sueño de vuesso oluido B. P., II, 239. M. R., III, 190. fl. 134, col. 4.	el sueño de nuestro oluido fl. 163 [1], col. 1.

[1] Marcada 166.

Digitized by Google

Flerida) Se supiesse bien de cierto B. P., II, 239. M. R., III, 190. fl. 134, col. 4.	*Flerida*) Si yo supiesse de cierto fl. 163, col. 1.
en andaros contemplando B. P., II, 239. M. R., III, 190. *Ibi.*	en estaros contemplando *Ibi.*
Diesa mia no peque en adoraros señora la hermosura, como contra ley ni fee va aquel que os adora B. P., II, 239. M. R., III, 190. *Ibi.*	Vida mia no peque en loar quien matizo tal figura. Contra Dios, su ley, ni fee va aquel que tal loo *Ibi.*
vuessa alteza, pues que sabe B. P., II, 239. M. R., III, 190. *Ibi.*	vuestra alteza pues ya sabe *Ibi.*
no ha hi cura. B. P., II, 240. M. R., III, 190. *Ibi.*	no tiene cura. *Ibi.*
cura en mi, pues pesad en justo peso que por vos reyna serena B. P., II, 240. M. R., III, 190-191. *Ibi.*	porque os vi. Pesadlo con justo peso pues por vos reyna serena fl. 163, col. 2.
Y perdi ellanima mia B. P., II, 240. M. R., III, 191. *Ibi.*	Perdi yo la vida mia *Ibi.*
perdi de ser quien solia B. P., II, 240. M. R., III, 191. fl. 135, col. 1.	Perdi de quien ser solia *Ibi.*
despues dexe el arado B. P., II, 240. M. R., III, 191. *Ibi.*	y despues dexe el arado *Ibi.*
Despues estuue a soldada y acarreaua harina B. P., II, 240. M. R., III, 191. *Ibi.*	. . . . . . Y acarretaua harina *Ibi.*
sobre el altar. B. P., II, 241. M. R., III, 191. *Ibi.*	y del penar. *Ibi.*
Dõ Duardos) Oo mi dios B. P., II, 241. M. R., III, 191. *Ibi.*	*Dõ Duardos*) O gran Dios fl. 163, col. 3.
y yo la moça del molino la quel hizo por amor B. P., II, 241. M. R., III, 191. *Ibi.*	y la moça del molino a quien hizo por amor *Ibi.*
Oo milagrosa señora oo milagrosa princesa diuinal, no mateis quien os adora que ninguna sancta diesa B. P., II, 241. M. R., III, 191. *Ibi.*	O piadosa señora o Princesa poderosa muy real Piedad pido agora que ninguna sancta cosa *Ibi.*
Flerida) Vamonos daqui Artada B. P., II, 241. M. R., III, 192. *Ibi.*	*Flerida*) Vamos de aqui Artada *Ibi.*

Digitized by Google

Dõ Duardos) Plazeme con tal cautela B. P., II, 242. M. R., III, 192. fl. 135, col. 2.	*Dõ Duardos*) Plazeme por tal cautela fl. 163, col. 3.
Alli os descobrire B. P., II, 242. M. R. III, 192. *Ibi.*	Y alli os descobrire fl. 163, col. 4.
Y si teneis desconsuelo pensando que pera enojaros esto quiero, juro alos dioses del cielo que solamente en miraros temblo y muero. B. P., II, 242-243. M. R., III, 192. *Ibi.*	Y si teneys pensamiento que esto es para enojaros y esso quiero Iuro por mi juramento que en solamente miraros tiemblo y muero. *Ibi.*
Vayse dom Duardos, e vam Artada e Flerida falando, e diz Artada. B. P., II, 243. M. R., III, 193. *Ibi.*	*Vayse don Duardos, y dize Artada a Flerida.* *Ibi.*
saluo si es princepe el B. P., II, 243. M. R., III, 193. fl. 135, col. 3.	saluo si es principal el fl. 164 [1], col. 1.
Artada) Yo duermo luego en la hora, que anochece, y sus dulçuras B. P., II, 243. M. R., III, 193. *Ibi.*	*Artada*) Yo duermo luego a la hora que la noche, y sus dulçuras *Ibi.*
Flerida) Que remedio que yo me fino B. P., II, 243. M. R., III, 193. *Ibi.*	*Flerida*) Que remedio que me fino *Ibi.*
Camilote em quanto estas cousas passaram sobre o reto de Maymonda contra Flerida, matou dom Robusto e outros caualeyros: sabendo isto dom Duardos armouse, e foyse ao campo, e matou Camilote, e Amandria entra dizendo. B. P., II, 244. M. R. III, 193. *Ibi.*	*Viene Amandria cõ las otras donzellas, y dize* *Ibi.*
luego ahuyo, va tras della el cauallero. B. P. II, 244. M. R., III, 193. *Ibi.*	luego huyo Va tras ella el cauallero. *Ibi.*
es vn principe estrangero, tan presto le dio la muerte B. P., II, 244. M. R. III, 193. fl. 135, col. 4.	No es sino estrangero diole tan presto la muerte *Ibi.*
y ansi hermoso, B. P. II, 244. M. R., III, 194. *Ibi.*	assi hermoso *Ibi.*
ques el cauallero del can B. P., II, 244. M. R., III, 194. *Ibi.*	ques el cauallero de Can fl. 164, col. 2.
Flerida) Assentaos y holguemos, B. P., II, 244. M. R., III, 194. *Ibi.*	*Flerida*) Assentaos y hablaremos *Ibi.*

[1] A numeração que se vê é 11, mas percebe-se faltar ainda mais outro algarismo.

Digitized by Google

que cedo al son delos remos
B. P., II, 245. M. R., III, 194. fl. 135, col. 4.

que presto al son delos remos
fl. 164, col. 2.

Cantam e tangem, e acabando dis Artada.

Acuerdeseos señora quel sol es partido
B. P., II, 245. M. R., III, 194. *Ibi.*

Tañen y cantã, y acabando de tañer, dize Artada.

Acuerdeseos señor
quel sol es ya partido
Ibi.

la luna aora es toda menguada
y solas estrellas quedo nel partido
eis que parece la estrella Polas
con la bozina si carrogiando.
B. P., II, 245. M. R., III, 194. *Ibi.*

La Luna agora
es toda menguada
y solo las estrellas
quedo enel partido
Ya se demuestra
señora los polos
siguiendo los carros
las nuues guiando.
Ibi.

dexadnos vos otras rezar aqui solas
B. P., II, 245. M. R., III, 194. *Ibi.*

hablemos vn poco
entrambas a solas
Ibi.

Y este mafirmo ser mor cauallero
B. P., II, 245. M. R., III, 194. *Ibi.*

Y este me affirmo
ser mayor cauallero
fl. 164, col. 3.

y cada vez maas este caso es profundo
que aora le quiero mas que de primero.

Vem dom Duardos vestido de Princepe com a grinalda de Maymonda, e diz.
B. P., II, 245. M. R. III, 194. *Ibi.*

Y cada vez mas
mi caso es profundo
ca doblado le quiero
mas que de primero.

Viene Don Duardos con la grinalda de Maymõda, y dize.
Ibi.

Por vos se deue morir
a vos se deue el osar
B. P., II, 246. M. R., III, 194. fl. 136, col. 1.

A vos se deue el seruir
a vos se deue agradar
Ibi.

que sois diesa del biuir
y señora del matar
B. P., II, 246. M. R., III, 195. *Ibi.*

Por vos se deue biuir
no conuiene a vos matar
Ibi.

flores de mas altas rosas
B. P., II, 246. M. R., III, 195. *Ibi.*

grinaldas de mas altas rosas
Ibi.

en las sierras mas hermosas
B. P., II, 246. M. P., III, 195. *Ibi.*

en sierras mas peligrosas
Ibi.

se puso en harta ventura
B. P., II, 246. M. R., III, 195. *Ibi.*

se puso en alta ventura
Ibi.

Digitized by Google

que deua besar la mano de mi seda y no de vuessa grandeza, pues si yo me soy villano ahi se queda. B. P., II, 246. M. R., III, 195. fl. 136, col. 1	tener pensamiento vano en oro y seda Pues mire vuestra grandeza que el traje de villano alla se queda fl. 164, col. 4.
por princesa por ventura B. P., II, 246. M. R., III, 195. *Ibi.*	por riqueza por ventura *Ibi.*
de vuessa gran hermosura vuesso estado. Por mi por mi, que yo por vos y no por serdes tan alta soy catiuo, dadme la vida mi Dios quel hombre ado no ay falta bueno es biuo. B. P., II, 247. M. R., III, 195. fl. 136, col. 1-2.	de vuestra gran hermosura vuestro estado. . . . . *Ibi.*
quereis vencer mi pelea B. P., II, 247. M. R., III, 195. fl. 136, col. 2.	Quereis vencer la pelea *Ibi.*
y a mi fama y a mi loor B. P., II, 247. M. R., III, 196. *Ibi.*	Y a mi fama y a mi honor *Ibi.*
Flerida) En todo quanto desseo en todo os hallo duro B. P., II, 247. M. R., III, 196. *Ibi.*	*Flerida*) En todo lo que desseo os he hallado muy duro fl. 165 [1], col. 1.
todo siento, todo veo y todo se haze escuro B. P., II, 248. M. R., III, 196. *Ibi.*	Todo siento y todo veo y todo es muy escuro *Ibi.*
pues que amar y resistir B. P., II, 248. M. R., III, 196. *Ibi.*	pues amar y resistir *Ibi.*
Cantiga Al amor y ala fortuna B. P., II, 248. M. R., III, 196. fl. 136, col. 3.	. . . . Al amor y ala fortuna *Ibi.*
Oo ventura diesa mia B. P., II, 248. M. R., III, 196. *Ibi.*	O ventura Reyna mia *Ibi.*
tu sola tomo por guia y entregome en tus manos B. P., II, 248. M. R., III, 197. *Ibi.*	A ti tomo yo por guia y pongome en tus manos *Ibi.*
. . . . .	*Aqui entra vn Patron de Galera, y dize.*
Patron) Señor es ya plena mar B. P., II, 248. M. R. III, 197. *Ibi.*	Señor ya es plena mar fl. 165, col. 2.

[1] Marcada 162.

Digitized by Google

estan y vienen loçanas espalmadas y ligeras B. P., II, 249. M. R., III, 197. fl. 136, col. 3.	Estan todas muy loçanas y para vos tan ligeras fl. 165, col. 2.
Dõ Du.) Que dezis señora mia? *Flerida*) Ya me di ala ventura mi señora. Y pues sabe este pumar B. P., II, 249. M. R., III, 197. *Ibi.*	*Dõ Duardos*) Que dezis señora. *Flerida*) Ya me doe a la ventura mi señor. Yo por saber este pomar *Ibi.*
que el amor es el señor deste mundo. B. P., II, 249. M. R., III, 197. *Ibi.*	que el amor es gran señor eneste mundo *Ibi.*
Romance por fim do auto. B. P., II, 249. M. R., III, 197. fl. 136, col. 4.	*Comieça el romance.* *Ibi.*
quando lyrios y rosas B. P., II, 250. M. R., III, 197. *Ibi.*	quando los lirios y rosas fl. 165, col. 3.
. . . . quedaos a Dios mis flores B. P., II, 250. M. R., III, 198. fl. 136, col. 4.	Yamas en quanto biuiere os vere tan solo vn dia ni cantar los Ruyseñores con suave melodia, quedate a Dios agua clara quedate a Dios agua fria quedaos cõ Dios mis flores *Ibi.*
voyme a tierras estrangeras B. P., II, 250. M. R., III, 198. *Ibi.*	voyme a tierras estrañas *Ibi.*
si mi padre me buscare B. P., II, 250. M. R., III, 198. *Ibi.*	si mi padre os preguntare *Ibi.*
digan que amor me lleva B. P. II, 250. M. R., III, 198. *Ibi.*	dizid que el amor me lleva *Ibi.*
triste no se ado vo ni nadie melo dezia. *Artada*) Alli habla don Duardos. *Dõ Du.*) No lloreis mi alegria B. P., II, 250. M. R., III, 198. *Ibi.*	Triste no se donde voy ni nadia me lo dezia Alli hablo don Duardos, no lloreis mi alegria *Ibi.*
y vuessos señora mia, B. P., II, 250. M. R., III, 198. *Ibi.*	y huertas señora mia *Ibi.*
de alta genelosia, B. P., II, 250. M R, III, 198. *Ibi.*	de alta genealogia fl. 165, col. 4.
. . . . . . desmeraldas y jacintos B. P., II, 250. M. R., III, 198. *Ibi.*	las camaras ladrilladas . . . . . . *Ibi.*
que yo a el no lo temia. *Artada*) Sus lagrymas consolaua B. P., II, 251. M. R., III, 198. fl. 137, col. 1.	que yo a el no le temia Sus lagrimas consolaua *Ibi.*

Digitized by Google

la princesa se adormia B. P., II, 251. M. R., III, 198. fl. 137, col. 1.	la Infanta se adormecia fl. 165, col. 4.
sepan quantos son nacidos B. P., II, 251, M. R., III, 198. fl. 137, col. 2.	Sepan todos los nacidos *Ibi.*
que contra la muerte y amor nadie no tiene valia. *Patrã)* Lo mismo yremos cantando B. P., II, 251. M. R., III, 198-199. *Ibi.*	que contra muerte y amor nadia no tiene valia. Lo mismo yremos cantãdo *Ibi.*
Este romance se disse representado, e depois tornado a cantar por despedida. Finis. B. P., II, 251. M. R., III, 199. *Ibi.*	. . . . Fin. *Ibi.*

AMADIS DE GAULA

Seguese a segunda tragicomedia sobre Amadis de Gaula. B. P., II, 252. M. R., III, 203. fl. 137.	*Avto sobre Amadis de Gavla.* fl. 169.
no descansan descansando. Y aun nos obligan a esto B. P., II, 254. M. R., III, 205. fl. 137, col. 4.	no descanso descansando. Y aun nos obligan a esto fl. 169, col. 4.
Hazed de señas os ruego B. P., II, 258. M. R., III, 208. fl. 138, col. 3.	Hazed señas os ruego fl. 171, col. 1.
Correo) Señor no os atengais a esso, sabed que en fin de razones para el perro que es trauiesso buen palo valiente y gruesso y no cureis de oraciones. *Lisuarte)* A todo se daraa medio. B. P., II, 259. M. R., III, 209. fl. 138, col. 4.	. . . . A todo se daraa remedio *Ibi.*
que yo quierole como amigo. B. P., II, 260. M. R., III, 210. fl. 139, col. 1.	que yo quiero le comigo. fl. 171, col. 3.
que lo embies a llamar B. P., II, 261. M. R., III, 211. fl. 139, col. 2.	que lo embieys a llamar fl. 171, col. 4.
y hallarnos ha en fruente B. P., II, 262. M. R , III, 211. *Ibi.*	y hallarnos ha de frente *Ibi.*
porque os no osa mostrar B. P., II, 270. M. R., III, 217. fl. 141, col. 1.	porque no os osa mostrar fl. 174, col. 1.
no pueden en vn coraçon B. P., II, 271. M. R., III, 218. fl. 141, col. 2.	no puede en vn coraçon *Ibi.*
Todo ellõbre gẽtil, dispuesto B. P., II, 272. M. R., III, 219. fl. 141, col. 3.	Todo el hõbre biẽ dispuesto fl. 174, col. 2.

Digitized by Google

porque sin cuenta las cuento. . . . . .
B. P., II, 282. M. R., III, 226. fl. 143, col. 3. fl. 176, col. 4.

NAU DE AMORES

Por passageyros entram, hum frade doudo, e hum pastor castellano,
B. P., II, 292. M. R., II, 127. fl. 145.

Por passageyros entram, hum pastor Castelhano,
fl. 180.

y los rumos pensamientos
B. P., II, 301. M. R., II, 134. fl. 147, col. 3.

y los remos pensamientos
fl. 183, col 1.

ficaram em calções e gibões de borcado
B. P., II, 302. M. R., II, 135. fl. 147, col. 4.

ficaram em gibões de borcado
fl. 183, col. 2.

Entra o frade doudo, e diz o page. . . . . . .
Este frayle que aqui viene . . . . . .
damores enloquecio . . . . . .
d'aqui até . . . . . .
frey Martinho olha o que fazes . . . . . .
nam tambaraces co elles. (*96 versos* . . . . . .
fl. 148, col. 1, 2 e 3. fl. 183, col. 4.
B. P., II, 304 a 307. M. R., II, 136 a 138.

Frade) Coas agoas del llorar . . . . . .
d'aqui até . . . . . .
huha valha me Deos. (*10 versos* . . . . . .
B. P., II, 308. M. R., II, 139-140. fl. 148, col. 4. fl. 184, col. 1.

es dios damor sempiterno
B. P., II, 308. M. R., II, 140 fl. 149, col. 1.

es rey damor niño tierno
Ibi.

Frade) Bem diz o paruo echam . . . . . .
aue tua gayta aa mão . . . . . .
y vayte ao meu ferrador . . . . . .
que te ferre o gauiam, ...
ora vay. . . . . .
B. P., II, 309. M. R., II, 140. *Ibi.* *Ibi.*

Frade) Daa oo demo essa cachopa . . . . . .
d'aqui até . . . . . .
sus letras al peccador. (*11 versos* . . . . . .
fl. 149, col. 1-2. fl. 184, col. 2.
B. P., II, 309 e 310. M. R., II, 141.

Frade) Nam, mas vayte tu ao Crato . . . . . .
d'aqui até . . . . . .
e nam cheyraras a monte, ...
ora vay. (*22 versos* . . . . . .
fl. 149, col. 3. fl. 184, col. 4.
B. P., II, 311-312. M. R., II, 142.

Frade) Este negro chilrra mais . . . . . .
que salmonete em figueyra. . . . . .
B. P., II, 313. M. R., II, 143. fl. 149, col. 4. *Ibi.*

Digitized by Google

Principe) Lo mas de que estoo espantado . . . . . .
d'aqui até . . . . . .
que todo el tiempo passado . . . . . .
de nueuo se me ha venido. (*10 versos* . . . . . .
B. P., II, 313. M. R., II, 143. fl. 149, col. 4. fl. 184, col. 4.

Frade) Tomay tres cordas de viola . . . . . .
e atayas no calcañar . . . . . .
con sua salsa e cebola . . . . . .
bem oo longo do linhar . . . . . .
e vos me nomeares. . . . . .
B. P., II, 314. M. R, II, 144. fl. 150, col. 1. fl. 185, col. 1.

Frade) Olhay ca Simão Galego . . . . . .
d'aqui até . . . . . .
todos vam na carauela. (*14 versos* . . . . . .
fl. 150, col. 3-4.
B. P., II, 317. M. R., II. 146-147. fl. 185, col. 4.

Frade doudo) Tingue tingue tingue tingue . . . . . .
vees hi Aldonça goterrez . . . . . .
d'aqui até . . . . . .
Frade) Se es sam Bertolameu . . . . . .
tu me diraas a verdade. (*11 versos* . . . . . .
fl. 150, col. 4 e 151, col. 1.
B. P., II, 318 e 319. M. R., II, 147-148. fl. 186, col. 1.

FRAGOA DE AMOR

Tragicomedia representada
B. P., II, 321. M. R., II, 153. fl. 151.

Esta Tragicomedia foi representada
fl. 186, v.

fermosa e dereyta, e diz.
B. P. II, 341. M. R., II, 168. fl. 155, col. 2.

fermosa e diz:
fl. 191, col. 4.

Vayse a justiça e vẽ hũ frade, e diz. . . . . . .
Frade) Señores fui carpinteyro . . . . . .
d'aqui até . . . . . .
mas eu virey aprecebido . . . . . .
de feyção pera acabalo (*50 versos* . . . . . .
fl. 155, col. 2-3.
B. P., II, 341 a 343. M. R., II, 169-170. *Ibi.*

Vayse o frade, e vem hum pagem, e diz Copido.
B. P., II, 343. M. R., II, 170. fl. 155, col. 3.

Vẽ hũ page, e diz copido.
Ibi.

Torna o frade com hum saco de caruam, e diz. . . . . . .
Todalas cousas do mundo . . . . . .
estam na boa diligencia. . . . . .
d'aqui até . . . . . .
que lo que estaa por hazer . . . . . .
otro dia lo haremos. (*45 versos* . . . . . .
fl. 156, col. 1-2. fl. 192, col. 2.
B. P., II, 344 a 346. M. R., II, 171 e 172.

Digitized by Google

EXORTAÇÃO DA GUERRA

de fl. 156 a 160. . . . . .
B. P., II, 347 a 366. M. R., I, 205 a 221.

TEMPLO DE APOLO

de fl. 160 a 164. . . . . .
B. P., II, 367 a 391. M. R., II, 173 a 193.

CÔRTES DE JÚPITER

dizendo per consoantes B. P., II, 400. M. R., I, 231. fl. 166, col. 3.	dizendo per consonantes fl. 194, col. 3.
e yraa adorando a ella. B. P., II, 404. M. R., I, 234. fl. 167, col. 2.	e yra mirando a ella. fl. 195, col. 3.
mas nam ja outrem ninguem. B. P., II, 405. M. R., I, 235. fl. 167, col. 3.	mas nam aja outrem ninguẽ fl. 196, col. 1.
e seraa delle adorada. B. P., II, 409. M. R., I, 238. fl. 168, col. 2.	e sera delle estimada. fl. 196, col. 4.

AUTO DA SERRA DA ESTRELA

Tragicomedia pastoril feyta B. P., II, 416. M. R., I, 245. fl. 169 v.	*Esta Tragicomedia pastoril foy feyta* fl. 198 v.
pera yrmos visitar B. P., II, 419. M. R., I, 246. fl. 170, col. 2.	pera yrmos a visitar fl. 199, col. 2.
Parvo) Aas vezes faz Deos cousas B. P., II, 420. M. R., I, 248. *Ibi.*	*Parvo*) Aas vezes faz vn rey cousas fl. 199, col. 3.
mas nam sey se querra ella, B. P., II, 420. M. R., I, 249. fl. 170, col. 3.	mas nam sey se querera ella *Ibi.*
nega porquee tam deuassa B. P., II, 422. M. R., I, 249. fl. 170, col. 4.	nega porque tam deuassa. fl. 199, col. 4.
nem eu nam quero Gonçalo. B. P., II, 427. M. R. I, 254. fl. 171, col. 4.	nem eu nam quero a Gonçalo. fl. 201, col. 2.
Vem hum hermitam, e diz. . . . . . . Fazeyme esmola pastores . . . . . . por amor do senhor Deos. . . . . . *d'aqui até* . . . . . . onde poderey fazer . . . . . . esta minha sancta vida. (*116 versos* . . . . . . fl. 172, col. 4 a fl. 178, col. 3. B. P., II, 432 a 436. M. R., I, 257 a 260.	fl. 202, col. 2.
E os do val dos penados B. P., II, 437. M. R., I, 261. fl. 173, col. 4.	E os do val dos penedos fl. 202, col. 4.

Digitized by Google

se sayram, e assi se acabou.	*se sayram todos, e assi se acabou.*
B. P., II, 441. M. R., I, 263. fl. 174, col. 4.	fl. 203, col. 4.

TRIUNFO DO INVERNO

Autor.	*Entra logo o auctor dizendo.*
B. P., I, 442. M. R., II, 198. fl. 174, v.	fl. 204.
assi andando mora yrey.	assi andando me yrey.
B. P., II, 458. M. R., II, 210. fl. 177, col. 4.	fl. 208, col. 1.
filho do priol daueyro	filho do juiz daueyro
B. P., II, 458. M. R., II, 210. *Ibi.*	fl. 208, col. 2.
e leyxay os sanctos agora.	que ymos ja de fos em fora
B. P., II, 467. M. R., II, 217. fl. 179, col. 3.	fl. 210 [1], col. 3.
eu te prometo huũa cruz e huũ tribullo e huũ bago	. . . .
B. P., II, 469. M. R., II, 218. fl. 179, col. 4.	fl. 210, col. 4.
day oo demo frey Gonçalo	day oo demo
B. P., II, 469. M. R., II, 219. fl. 180, col 1.	*Ibi.*
Gonçalo) Ora chamay a sam frade	*Gonçalo)* Ora chamay meu cõpadre
B. P., II, 470. M. R., II, 219. *Ibi.*	fl. 211, col. 1.
como a deos te adoraram.	com verte se alegraram.
B. P., II, 478. M. R., II, 225. fl. 181, col. 3.	fl. 212, col. 4.
todos muyto bem atauiados	*todos bẽ atauiados*
B. P., II, 486. M. R., II, 231. fl. 183, col. 1.	fl. 214, col. 4.

ROMAGEM DE AGRAVADOS

de fl. 183 v. a fl. 190.	. . . . .
B. P., II, 490 a 527. M. R., I, 265 a 294.	

FARSA QUEM TEM FARELOS

Foy representada na muy nobre e sempre leal cidade de Lixboa, ao muyto excelente e nobre Rey dom Manoel primeyro deste nome nos paços da ribeyra. Era do Senhor de M.D.V. Annos.	*Foy representada ao muyto excelente Rey dõ Manuel nos paços da ribera. Era do Senhor de 1550.*
B. P., III, 6. M. R., II. 237. fl. 191.	fl. 216.
Ordonho) Y no tienes que le dar.	. . . . .
B. P., III, 14. M. R., II, 244. fl. 193, col. 1.	fl. 218, col. 2.
Escudeyro cantando.	*Canta o Escudeyro, e diz.*
B. P., III, 20. M. R., II, 248. fl. 194, col. 1.	fl. 220, col. 1.

[1] Marcada 205.

Digitized by Google

Escudeyro cantando. B. P., III, 20. M. R., II, 249. fl. 194, col. 1.	*Torna o Escudeyro a cantar.* fl. 220, col. 1.
Apariço) Dizeylhe que va comer B. P., III, 21. M. R., II, 249. fl. 194, col. 2.	. . . . . . fl. 220, col. 2.
Prosegue a cantiga. B. P., III, 21, M. R., II, 259. *Ibi.*	*Prosegue a cantiga o Escudeyro.* *Ibi.*
Vayse o Escudeyro, e fica a velha dizendo aa filha. B. P., III, 21. M. R., II, 250. *Ibi.*	*Vayse o Escudeyro, da rua, e fica a velha dizendo aa sua filha.* *Ibi.*

AUTO DA INDIA

Ama) Certo he que bem pequenos B. P., III, 26. M. R., II, 256. fl. 195, col. 1.	*Ama*) Certo que bem pequenos fl. 221, col. 3.
de hum diabo zebedeu. B. P., III, 26. M. R., II, 257. fl. 195, col. 2.	de hum diabo como ho meu fl. 221, col. 4.
Todos ficassem assi B. P., III, 27. M. R., II, 257. fl. 195, col. 3.	Todas ficassem assi *Ibi.*
el cielo imperio es testigo B. P., III, 29. M. R., II, 258. fl. 195, col. 4.	el cielo impireo es testigo fl. 222, col. 2.
vos y Dios sois contra mi B. P., III, 29. M. R., II, 259. *Ibi.*	senhora soys contra mi *Ibi.*
Mas como euaugelio es esto B. P., III, 30. M. R., II, 259. *Ibi.*	Mas la verdad es aquesto fl. 222, col. 3.
hablo en las tripas de dios B. P., III, 30. M. R., II, 260. fl. 196, col. 1.	hablo en las cosas de Dios *Ibi.*
Castelhano) Y aun vos estes hufana. B. P., III, 36. M. R., II, 264. fl. 197, col. 1.	*Castelhano*) Y aun vos estays vfana fl. 223, col. 4.
Deyta essa carne esses gatos B. P., III, 39. M. R., II, 266. fl. 197, col. 3.	Deytay essa carne esses gatos fl. 224, col. 2.
Vam se a ver a Nao e fenece esta primeyra farsa. B. P., III, 42. M. R., II, 269. fl. 198 [1], col. 2.	. . . . fl. 225, col. 2.

AUTO DA FAMA

Cujo argumento he, que a fama he hũa tam gloriosa B. P., III, 43. M. R., II, 274. fl. 198.	*Cujo argumento he hũa tam gloriosa* fl. 225.

[1] Marcada 191.

Digitized by Google

carro triumphal per duas virtudes .s. fee e fortaleza.	*carro triumphal .s. fee e fortaleza.*
B. P., III, 44. M. R., II, 274. fl. 198.	fl. 225.
Italiano) Oo mi dulce paradiso	*Italiano*) Oo mi dulce bem diuiso
B. P., III, 50. M. R., II, 279. fl. 199, col. 3.	fl. 226, col. 4.
diesa mia y mi dolore	reyna mia y mi dolore
B. P., III, 50. M. R., II, 279. *Ibi.*	*Ibi.*
que le veritate he ansi.	. . . . .
B. P., III, 60. M. R., II, 286. fl. 201, col. 2.	fl. 229 [1], col. 2.
Fee) Os feytos Troyanos, tambem os Romãos	Os feytos Troyanos, tambem os Romanos
B. P., III, 60. M. R., II, 287. fl. 201 v.	fl. 229.
vos Portuguesa fama nam tenhaes ceumes	vos Portuguesa fama nam tengaes ceumes
B. P., III, 60. M. R., II, 287. *Ibi.*	*Ibi.*

AUTO DO VELHO DA HORTA

sem querela.	sem cautela.
B. P., III, 67. M. R., I, 301. fl. 202, col. 4.	fl. 231, col. 2.
Velho) Polo corpo de sam Roque	*Velho*) Polo corpo de Dõ Roque
B. P., III, 73. M. R., I, 305. fl. 203, col. 4.	fl. 232, col. 3.
Vẽ Branca gil alcouuiteyra,	*Ven Branca alcouuiteyra,*
B. P. III, 75. M. R., I, 307. fl. 204, col. 2.	fl. 233 [2], col. 1.
e fez de mi outro Mancias	e fez de mi outro Macias
B. P., III, 75. M. R., I, 307. *Ibi.*	*Ibi.*
Esmorece o velho, e a alcouuiteyra começa a ladaynha seguinte.	. . . . .
Oo precioso sancto Arelhano	. . . . .
martyr bem auenturado	. . . . .
d'aqui até	. . . . .
socorrey ao namorado	. . . . .
que vos vejais namoradas. (*143 versos* de fl. 204, col. 3 a fl. 205, col. 3.	. . . . . fl. 233, col. 3.
B. P., III, 77 a 82. M. R., I, 308 a 311.	
matar os de qualquer ydade.	matar de qualquer idade.
B. P., III, 83. M. R., I, 312. fl. 205, col. 3.	fl. 233, col. 4.

AUTO DAS FADAS

de fl. 207 a 213 v.	. . . . .
B. P., III, 89 a 118. M. R., II, 287 a 313.	

---

[1] Numerada 232.
[2] Tem a numeração apagada.

Digitized by Google

AUTO DE INÊS PEREIRA

licença como a bugia B. P., III, 120. M. R., II, 319. fl. 214, col. 1.	licença como a senhora fl. 236, col. 1.
he ja mais que a Madanella quando achou a aleluya. B. P., III, 121. M. R., II, 319. *Ibi.*	diz que ydes a estar nella por olhar o que vay fora *Ibi.*
quanta cousa que se faz B. P., III, 122. M. R., II, 320. fl. 214, col. 2.	. . . . . . fl. 236, col. 2
e hum clerigo mana minha B. P., III, 122. M. R., II, 320. *Ibi.*	e hum homem mana minha *Ibi.*
era hum zote tamanhouço B. P., III, 122. M. R., II, 320. *Ibi.*	era hũ madraso tamanhouço *Ibi.*
assoluerey, nam assolueraas B. P., III, 123. M. R., II, 320. fl. 214, col. 3.	pegarey nam pegaras fl. 236, col. 3.
Yrmaã eu tassoluerey co breuiayro de Braga, que breuiayro ou que praga que nam quero aaque delRey B. P., III, 123. M. R., II, 320. *Ibi.*	. . . . *Ibi.*
Mãy) Deraslhe ma ora boa e morderalo na coroa. *Lianor*) Assi, fora escomungada. B. P., III, 125. M, R., II, 322. fl. 214, col. 4.	*Mãy*) Deraslhe tu muy depressa cõ hũa pedra na cabeça. *Lianor*) Ficara eu bem auiada. fl. 236, col. 4.
como homem de bom pecado B. P., III, 130. M. R., II, 326. fl. 215, col. 4.	como homem de bom recado fl. 238, col. 1.
Ines) Minha mãy e vos seguro B. P., III, 130. M. R., II, 326. *Ibi.*	*Inés*) Minha mãy eu vos seguro fl. 238, col. 2.
foram de sancta Luzia e cabelos da Madanela B. P., III, 136. M. R., II, 330. fl. 216, col. 4.	que sam como claro dia fermosa como hũa estrela fl. 239, col. 2.
Vem hum hermitam a pedir esmola, e diz. Senhores por caridad dad limosna al dolorido *d'aqui até* *Pero*) Correge vos esses veos e pondeuos em feyçam. (*89 versos* fl. 219, col. 4 a 220, col. 2. B. P., III, 152 a 155. M. R., II, 343 a 345.	. . . . fl. 243, col. 2.
Ines) Como estar no paraiso. B. P., III, 156. M. R., II, 345. fl. 220, col. 3.	*Ines*) Cõtente e com muyto riso. *Ibi.*

Digitized by Google

FARSA DO JUIZ DA BEIRA

pues que hara para la auer ala mano B. P., III, 170. M. R., II, 358. fl. 222, col. 4.	pues para auerla ala mano fl. 246, col. 2.
tẽs bem de comer com tigo. B. P., III, 186. M. R., II, 370. fl. 225, col. 4.	tẽs bem de ver com tigo. fl. 252, col. 1.
e a oraçam de sam liam. B. P., III, 186. M. R., II, 370. *Ibi.*	era qualquer hum lião *Ibi.*

FARSA DAS CIGANAS

Cirne dela mar salada B. B., III, 199. M. R., III, 243. fl. 228, col. 2.	Carne dela mar salada fl. 255, col. 2.
Fim das ciganas. B. P., III, 199. M. R., III, 243. *Ibi.*	. . . . . . *Ibi.*

FARSA DOS ALMOCREVES

que vos deyxem de pagar nunca vi tal esperar B. P., III, 207. M. R., I, 325. fl. 229, col. 3.	nunca vi tal esperar nunca vi tal esperar fl. 256-257.
Fidalgo) Elle he dos mais maos saleyros B. P., III, 208. M R, I, 325. fl. 229, col 4.	*Fidalgo)* Elle he dos maos saleyros fl. 257, col. 1.
juro a Deos queu mabruquele. B P, III, 209. M. R., I, 326. *Ibi.*	. . . . . . fl. 257, col. 4.
Fidalgo 1.º) Pola hostea consagrada *d'aqui até* lhe dou por missa hum tostam. (*10 versos* B. P, III, 221. M R., I, 335. fl. 232, col. 1.	. . . . fl. 260, col, 1.
senam espinhos enfindos. B. P, III, 222. M. R., I, 335. fl. 232, col. 2.	. . . . . . fl. 260, col. 2.
. . . . . . B. P., III, 224. M. R., I, 337. fl. 232, col. 4.	*Vanse estas figuras e acabouse esta farsa.* fl. 260, col. 4.

FARSA DO CLERIGO DA BEIRA

de fl. 232 v. a 238 v. B. P., III, 225 a 257. M. R., I, 339 a 364.	. . . . .

AUTO DA LUSITANIA

A farsa seguinte B. P., III, 258. M. R., II, 375. fl. 238 v.	*Esta Farsa seguinte* fl. 261.
que soo Deos sabe entender: B. P., III, 272. M. R., II, 886. fl. 241, col. 2.	que a muytos dão que fazer fl. 264, col. 2.
diuersas e famosas caças B. P., III, 274 M. R., II, 887. fl. 241, v.	*diuersas caças*] fl. 264 v.

Digitized by Google

sua madre de desatinada eiosa, morreo B. P., III, 274. M. R., II, 388. fl. 241 v.	*sua madre desatinada ciosa, morreo* fl. 264 v.
tirae aramaa os olhos della B. P., III, 278. M. R., II, 391. fl. 242, col. 2.	tirae eramaa os olhos della fl. 265, col. 4.
e mandouos visitar B. P., III, 281. M. R., II, 393. fl. 243 [1], col. 1.	e mandauos visitar fl. 266, col. 3.
e que nam sey neste passo B. P., III, 282. M. R., II, 393. *Ibi.*	e que nam sey neste caso *Ibi.*
he que o ditoso casar B. P., III, 282. M. R., II, 393. *Ibi.*	he que he ditoso o casar *Ibi.*
em cobrir estaa allegria B. P., III, 282. M. R., II, 393. *Ibi.*	encobrir esta alegria *Ibi.*
Dinato e Berzabu capelães destas deosas começam dizendo. *Dinato*) No saber vniuersal cree que o meu spirito voa. *d'aqui até* pois, pera prouar o certo escreue quanto passar. (*85 versos* fl. 243, col. 2 a 4. B. P., III, 283 a 286. M. R., II, 394 a 396.	. . . . fl. 266, col. 4.
Ninguem) E eu ey nome ninguem B. P., III, 287. M. R., II, 397. fl. 243, col. 4.	*Ninguem*) Eu ey nome Ninguem fl. 267, col. 1.
ay diuz quien luz auera ay diuz quien luz auera. B. P., III, 289. M. R., II, 399. fl. 244, col. 2.	ay diuz quem luz auera . . . . . . fl. 267, col. 3.
con galan tan esmerado B. P., III, 294. M. R., II, 403. fl. 245, col. 2.	con galan tan esperado fl. 268, col. 4.

AUTO DOS FISICOS

de fl. 245 v. a 249 v. B. P., III, 297 a 321. M. R. II, 405 a 426.	. . . . .

O SALMO DE MISERERE MEI DEUS

e maldizem me as estrelas B. P., III, 324. M. R., I, 367. fl. 250, col. 1.	e dizem me as estrelas fl. 269, col. 3.
todos tem guerra comigo B. P., III, 324. M. R., I, 367. *Ibi.*	todos tem de ver comigo fl. 269, col. 4.

---

[1] Marcada 244.

Digitized by Google

SERMAM

de fl. 251 a 253 v. . . . . .
B. P., III, 331 a 334. M. R., III, 247 a 256.

ROMANCE A MORTE DE D. MANUEL

pois logo deyxa de se ser B. P., III, 344. M. R., I, 372. fl. 253, col. 4.	pois logo deyxa de ser fl. 271, col. 3.
guiate per este norte B. P., III, 345. M. R., I, 372. fl, 254, col. 1.	. . . . . . fl. 271, col. 4.
Oo Reyna desemparada B. P., III, 347. M. R., I, 373. fl. 254, col. 2.	Oo Raynha desemparada fl. 272, col. 1.
y pues que mela lleuo la muerte B. P., III, 347. M. R., I, 374. *Ibi.*	y pues la lleuo la muerte *Ibi.*

O QUE OS SENHORES DE PORTUGAL DIRIAM AO BEIJAR DA MÃO

fuy homo missus a Deo B. P., III, 357. M. R., I, 381. fl. 256, col. 1.	. . . . . . fl. 274, col. 3.

CARTA A D. JOÃO III

de fl. 257 a 258 [1]. . . . . .
B. P., III, 385 a 389. M. R., I, 396 a 399.

TROVAS AO CONDE DO VIMIOSO

quando anda assi ocupado B. P., III, 383. M. R., I, 396. fl. 258, col. 3.	quando assi vay ocupado fl. 276, col. 1.

TROVAS A FELIPE GUILHEM

e outros muytos que pera isso B. P., III, 376. M. R., III, 257. fl. 258 v.	*e outros que pera isso* fl. 276.

PRANTO DE MARIA PARDA

O trauessa zinguizarra B. P., III, 364. M. R., I, 385. fl. 259, col. 4.	O trauessa zanguizarra fl. 277, col. 3.
como estaas chea de guaias B. P., III, 364. M. R., I, 385. *Ibi.*	como estaas chea de guais fl. 277, col. 4.

---

[1] Marcada 255.

Digitized by Google

que pareçeis Esaias dayme de beber tres dias B. P., III, 367. M. R., I, 387. fl. 260, col. 2.	que pareçeis vn frances dayme de beber vn mes fl. 278, col. 3.
e dous des do nascimento. B. P., III, 371. M. R., I, 390. fl. 261, col. 1.	e dous do nascimento. fl. 279, col. 2.
Fim do quinto liuro o qual vay tam carecido fl. 262, col. 2.	*Fim do quinto liuro, o qual vay carecido* fl. 280, col. 4.

Além de todas as substituições e supressões parciais apontadas, foram, como se vê, proibidos por completo o *Prólogo* de Luís Vicente, o *Prólogo* de Gil Vicente, as tragicomédias *Exortação da guerra*, *Templo de Apolo* e *Romagem de agravados*, as farsas *Auto das Fadas*, *Clérigo da Beira* e *Auto dos Físicos*, o *Sermam* e a *Carta a D. João III*. Pois ainda não ficou satisfeita a censura inquisitorial.

Em 1624 novo catálogo de livros defesos mandou o inquisidor geral D. Francisco Martins Mascarenhas, bispo do Algarve, imprimir na oficina de Pedro Craesbeck e publicar com o título de *Index Auctorum damnatæ memoriæ, tum etiam librorum, qui vel simpliciter, vel ad expurgationem usque prohibentur, vel denique jam expurgati permittuntur.* Aqui, na parte segunda, entre vários autos proibidos, encontram-se, que nos interessem, o *Auto da adherencia do Paço*, o da *Vida do Paço*, o *Auto dos Cativos* chamado de *Dom Luis e dos Turcos*, o *Auto dos Físicos*, o do *Jubileu de Amores* e o da *Lusitânia* com os diabos [1].

Mais adiante lê-se: «Gil Vicente. Varias impressoẽs das obras deste Author, ou não estão correctas, ou não bastantemente, pelo que não poderão correr sem as emendas que estão no Expurgatorio, de algũas obras em particular [2]». Para aqui, acompanhando-os dalgumas breves explicações, transcreverei os dizeres do tal terrível Expurgatório, pags. 625 e 626.

«Gil Vicente

«Por quanto ha variedade na ordem das obras de Gil Vicente, em diuersas edíçoẽs que teue: apontase sòmente o titulo, ou principio da obra, & o lugar que se emenda deixando comunmente o tempo da impressam, & numero das folhas; principalmente porque tambem algũas das ditas obras andam fora do corpo grande, das quaes assi mesmo procede a prohibiçam, ou emenda que aqui se faz.

«Do Auto intitulado, *Mofina mendez*, ou obra endereçada às Matinas do Natal, logo no principio se risque o dito do Frade, começa, *Tres cousas acho que fazem*, acaba *& hũa gorra d'orelhado.* Em algũas impressoẽs anda já tirado, & nellas começa o auto pello dito da Virgem, *Que ledes minhas criadas, &c.*

Já mandado riscar pela censura para a edição de 1586, na qual o auto começa no verso apontado.

---

[1] Os três primeiros na pag 95 e os outros três na 96.
[2] *Ibi*, pag. 126.

Digitized by Google

«No Auto da barca na primeira Scena, que começa, *á barca á barca oulà*, no dito da Alcoueteyra Brisida Vaz, se tire o verso que começa, *Seiscentos, &c.* E no Auto da barca 3. que começa *Paludo ve muy saltando*, se risque no cabo de todo o Auto, *& veyo Christo da resurreiçam, &c.* ate, *Laus Deo*, exclus.

Estas supressões são novas. Na *Barca do Inferno* o verso mandado riscar,

seis centos virgos postiços,

encontra-se na fl. 47, col. 1 da *Ed. princeps*, na pag. 229 do vol. I de B. P., e na pag. 108 do vol. I de M. R.

Na *Barca da Gloria* mandou-se suprimir toda esta parte da marcação final: «& veo Christo da resurreyçam & repartio por elles os remos das chagas, & os levou com sigo.» (*Ed. prin.*, fl. 60 v., B. P., I, 299, M. R., III, 108.) Assim ficou na verdade, apesar de não ter sido essa a intenção dos censores, sendo mais moral o auto por isso que os grandes pecadores, papa, cardial, imperador, rei, etc. que nêle entravam, não foram perdoados e não poderam embarcar na barca da glória. Ingénuamente supunha isto, mas depois fui examinar um dos exemplares da edição de 1715 e encontrei as palavras mandadas riscar, desaparecidas com efeito, mas substituidas por estas: *apparecelhes o Senhor Resuscitado: volta outra vez o Batel à terra, embarcam todos com grande gozo para a Gloria.* Assim devia ser; era impossivel que tam alta gente deixasse de ir para o céu!

«A Comedia de Rubena repartida em tres Scenas, & começa, *En tierra de Campos alla en Castilla, &c.* acaba *ventura bem empregada*, toda se prohibe.

Esta supressão é nova e abrange toda a *Comédia de Rubena*, pois que os dois versos são respectivamente o primeiro da primeira Scena (*Ed. prin.*, fl. 87 v., B. P., II, 6 e M. R. II, 13) e o último da terceira (fl. 99, II, 67 e II, 62).

«Na Comedia *Floresta de Enganos*, perto do fim, o que da ventura se diz, lease cautamente.

O trecho visado constitui a última scena da comédia. (*Ed. prin.*, fl. 122, B. P., II, 176 a 178, M. R. II, 121 a 123.)

«A Tragicomedia de Dom Duardos da impressam mais antigua se prohibe, por andar outra ja correcta da impressam de 1586, para cà, começa, *Famosissimo señor, &c.* E tambem se entende ser prohibida a que andar fora do corpo de todas as obras se for impressa conforme aquellas antiguas, como acima fica geralmente aduertido. A do anno de 1613 em Lisboa por Vicente Alures he das correctas.

Esta proibição já na realidade existia, pois que de todos os autos de Gil Vicente o que passou da edição princeps para a de 1586 com mais alterações, foi certamente o *D. Duardos*, como acima se viu.

«Na Tragicomedia *Amadis*, impressa separada em Lisboa por Domingos da Fonseca anno 1612. pag. 5. col. 1. lin. 3. risquese, *Señor no os atengais a esso.* E logo abaixo, *no cureis de oraciones.* O mesmo se emenda na impressam por Antonio Alures sem anno: mas nas obras juntas do anno de 1586. está feita a emenda.

A censura de 1586 tinha já suprimido os cinco versos lá acima transcritos na pag. 340; agora parece ter-se limitado a fazer desaparecer sómente o primeiro e o quinto.

«A Tragicomedia intitulada, *Nao de amores*, que começa, *o Alto & poderoso, &c.*, em que andar o ditto do Frade, logo no principio da mesma Tragicomedia onde se nomeiam as figuras, se tirem aquellas palauras *hum Frade doudo.* E no corpo da obra se risque o titulo, *Entra o Frade doudo*, com todo o mais ate o titulo, *Entram dous fidalgos Portugueses*, exclus. E mais adiante a troua, *olhai cá Simão Gallego*, ate o titulo, *Chegão os fidalgos*, exclus. E mais abaixo risquese o titulo, *Entra o Frade doudo*, cõ os versos seguintes ate, *pues que dize la marea*, exclus.

Tudo isto já tinha sido suprimido na edição de 1586, como acima se pode ver.

Digitized by Google

«Na Tragicomedia intitulada, *Fragoa de Amor*, começa, *Vn castillo me han loado*, se risque desda troua, *Señores fuy carpintero*, com as quatro seguintes ate, *mandais algo hermano aca*, exclus. E mais adiante se risque a troua que começa, *todalas cousas do mundò*, com as tres seguintes ate, *vamonos no enhademos*, exclus.

Também já suprimido na edição de 1586.

«As duas Tragicomedias intituladas, *Exhortaçam da guerra*, começa, *famosos & esclar[ec]idos*. E *Templo de Apollo*, começa, *teniendo febre continua*, se prohibem de todo.

Ambas já suprimidas na edição de 1586.

«Na Tragicomedia pastoril feita ao parto da Rainha, começa, *Prazer que fez abalar*, no ditto do Ermitão, se risque desdo vltimo verso da troua, *Agora quero eu dizer*, ate, *esta minha sancta vida*, inclusiué.

Esta tragicomédia pastoril é a da *Serra da Estréla* e os trechos aqui mandados riscar já o tinham sido na edição de 1586.

«A Tragicomedia intitulada, *Triumpho do inuerno*, fol. 2. pag 2. na troua, *bendito seas verano*, se risque, *mas inuierno yo jurara*, ate, *cantando*, exclus. E mais adiante na troua, *no cures de mas rezones*, risquese, *plega al martyr San Anton*. E pouco alem do meyo da obra na troua, *o Senhora da batalha*, se risque, *o Senhora do Loreto*, ate, *vos piloto esmoreceis*, exclus. Anda tambem esta obra separada impressa em Lisboa por Manoel Carualho anno 1613.

E' novidade e os versos mandados suprimir nos três trechos apontados são os seguintes:

Mas inuierno yo juraria
por la crisna del baptizo
que satañe se lo hizo
sin saber lo que hazia.
(*Ed. princ.*; fl. 175, col. 3-4; B. P., II, 448; M. R., II, 202.)

Brisco. Plega al martyr santanton
(*Ed prin.*, fl. 176, col. 2; B. P., II, 451; M. R., II, 204.)

Grumete. Oo vyrge Marya do loreto
sescapullo eu te prometo
huña carregua de palha
pollo santo dia de deos.

Marinheiro. Eyllo pricioso santo
frey Pero gonçaluez bento.

Piloto. Emparanos de tanto vento
co teu precioso manto
senhor so libra noos a mallo.

Grigorio. Demos aa bomba piloto
day oo demo frey Gonçalo
e sam frey Pero minhoto.

Piloto. He o bem auenturado
frey Pero gonsalues bento.

Grigorio. Sancto que anda com tal vento
nam he elle senam peccado
pollos sanctos euangelhos.
(*Ed. prin.* fl. 179-180; B. P., II, 469 470; M. R., II, 218-219.)

«A Tragicomedia intitulada, *Romagem de aggrauados*, começa, *quem me vir assi entrar* (aliás, *Quem me vir entrar assi*), toda se prohibe.

Já suprimida em 1586.

«A farça que começa, *Pater noster criador*, & a que começa, *pois que nam posso rezar*, de todo se prohibem.

A primeira destas duas farsas agora proíbidas é a do *Velho da horta*, e a segunda a dos *Almocreves* (*Ed. prin.*, fl. 201v. e 228; B. P., III, 62 e 200; M. R., I., 295 e 317.)

Digitized by Google

«Das obras meudas se ha de tirar o *Miserere mei Deus*, começa, *Que farei angustiado.*

Também é proibição nova. Encontra-se o texto na *Ed. prin*, fl. 250, no B. P. III, 323, e no M. R., I, 367.

«Do pranto de Maria parda, que começa, *Eu só quero prantear*, na troua, *O rua de Sam Gyam*, se tire o verso, *como altares de Coresma.* E na troua, *O rua da ferraria*, se risque o verso, *na menhãa que Deus naceo*, & o seguinte. Na troua, *ó triste rua dos fornos*, se risque o verso, *agora rua damargura.* Na troua, *ó rua da mouraria*, se risque o verso, *que nos presta ser Christãos*, ou, *Choray ja que sois Christãos.*

Constitui matéria nova censurada. O primeiro verso suprimido,

como altares de coresma.

está na *Ed. prin.*, na fol. 259, col. 3; no B. P., III, 363, e no M. R. I, 385; os dois seguintes,

na menhã que Deos naçeo
aa honrra do naçimento,

encontram-se na *Ed. prin.*, na fl. 259, col. 4, no B. P., III, 364, e no M. R., I, 385; o quarto verso suprimido,

agora rua damargura

na fl. 260, col. 1 da *Ed. prin.*, no B. P., III, 365 e no M. R., I, 386. O último verso

que nos presta ser christãos,

está na fol. 260, col. 1 da *Ed. princ.*, no B. P., III, 366 e no M. R., I, 386; quanto à variante,

choray já que sois Christãos,

não sei ao certo desde quando aparece, mas suponho que será desde a edição de 1619, porque na de 1646, feita sôbre aquela, lá se lê a variante, que não foi suprimida apesar da proibição.

«O testamento da mesma Maria parda começa, *A minha alma encomendo*, todo se prohibe.»

Também é nova esta supressão. *O testamento* começa na *Ed. prin.*, fl. 261, no B. P., III, 372 e no M. R., I, 390.

Como se vê, não só se mantiveram e ampliaram as supressões e substituições da anterior censura, como ainda neste *Index* se proibiram de novo por completo a *Comédia de Rubena*, as farsas do *Velho da Horta* e dos *Almocreves*, a paráfrase do salmo *Miserere mei, Deus*, e o *Testamento de Maria Parda.* Não foi todavia ainda êste o último golpe padecido pelas obras de Gil Vicente.

Em 1747 publicou-se em Madrid um *Index librorum prohibitorum ac expurgandorum novissimus*, o qual certamente repercutiu em Portugal, e nêle, além de se manterem todas as interdições anteriores, proibiram-se mais o *Pranto de Maria Parda* e as tragicomédias *Nau de Amores* e *Frágoa de Amor.* Ficaram pois proibidas em absoluto pela Inquisição as seguintes obras de Gil Vicente:

Auto do Jubileu de Amores, *Auto da Aderência do Paço* e *Auto da Vida do Paço*, pela censura de 1551;

Prólogo a D. João III, tragicomédias da *Exortação da guerra*, *Templo de Apolo* e *Romagem de agravados*, *Auto das Fadas*, *Farsa do Clérigo da Beira*, *Auto dos Físicos*, *Sermão prègado em Abrantes* e *Carta a D. João III*, pela de 1586;

Comédia de Rubena, *Farsa do Velho da horta*, *Farsa dos Almocreves* e *Salmo de Miserere*, pela de 1624;

Pranto de Maria Parda e tragicomédias da *Nau de Amores* e *Frágoa de Amor*, pela de 1747.

Por vontade dos Inquisidores toda a obra literária de Gil Vicente ficaria reduzida ao seguinte, que se pode dividir em quatro classes:

Digitized by Google

1.ª, ilesas: *Visitação*, *Auto de S. Martinho*, *Farsa das Ciganas*, *Farsa de Quem tem farelos*, *Trovas* e *Romance à morte de D. Manuel*, *Romance à aclamação de D. João III*, *Trovas ao Conde do Vimioso*, *a Felipe Guilhem*, *a Afonso Lopes Çapaio* e *a D. João III*, e o *Epitáfio*;

2.ª, só com alterações, notando-se que apenas levo em conta as manifestamente procedentes da censura inquisitorial: *Auto da Sibila Cassandra*, 1 verso alterado, *Côrtes de Júpiter*, alterações em 2 versos, *Auto da Índia*, em 4, *Farsa do Juiz da Beira*, em 1;

3.ª, só com supressões, entendendo-se também únicamente as provenientes da censura: *Auto Pastoril Castelhano*, suprimidos 6 versos; *Auto dos Reis Magos*, 49 versos; *Auto da Mofina Mendes*, 137; *Auto Pastoril Português*, 224; *Auto da Feira*, 31; *Auto da Alma*, 14; *Auto da Barca da Glória*, 9; *Diálogo sôbre a Resurreição*, 6; *Divisa da cidade de Coímbra*, 15; *Amadis de Gaula*, 5; *O que os senhores de Portugal diriam ao beijar da mão*, 1 verso suprimido;

4.ª, com supressões e alterações: *Auto da Fé*, suprimidos 13 versos, alterado 1; *Auto dos Quatro Tempos*, 12 e 1; *Auto da Barca do Inferno*, 193 e 3; *Auto da Barca do Purgatório*, 5 e 2; *Breve sumário da História de Deus*, 42 e 8; *Auto da Cananea*, 64 e 2; *Comédia do Viúvo*, 34 e 5; *Floresta de enganos*, 3 e 7; *Serra da Estrêla*, 116 e 2; *Triunfo do Inverno*, 24 e 5; *Auto da Fama*, 1 e 2; *Farsa de Inês Pereira*, 94 e 13; e finalmente o *Dom Duardos*, no qual as supressões e alterações são tantas que se não podem contar.

A isto queria a censura inquisitorial reduzir as obras de Gil Vicente, mas felizmente frustraram se-lhe os designios, e temo-las, se não completas, pelo menos como o filho as deixou.

Digitized by Google

Digitized by Google

VIII

Confrontação de textos vicentinos

RETOQUES FINAIS

Quem tiver olhado para as diferenças, no capítulo precedente apontadas, entre os dois textos da tragicomédia de *Dom Duardos*, conforme se encontra reproduzida nas duas edições de 1562 e 1586 da *Copilaçam de todalas obras*, terá imediatamente reparado que quási todas as variantes não provieram da censura inquisitorial, mas de divergência entre os originais aproveitados para a reprodução. Já na página 238 notei o facto e até, para prova da existência dos dois textos, apresentei em confronto a transcrição dalguns versos diferentes nas duas edições, e ainda assinalei o aparecimento na segunda de trechos, mais ou menos longos, omitidos na primeira. Deixei assim evidentemente provada, julgo, a existência de dois transuntos da mesma tragicomédia, ambos devidos à pena do seu autor. Com efeito, sei que o *Dom Duardos* fôra já impresso num ano anterior ao de 1551; ignoro porêm qual dos textos foi então o adoptado; isto é: se a reprodução feita em 1562 teve por original a edição anterior a 1551, se pelo contrário o editor, Luís Vicente, reproduziu o que achou copiado pelo pai no tal «livro muito grande», do qual declara ter tirado as obras que deu à estampa. Neste caso, temos de admitir que para a edição de 1586 passou o texto da mais antiga, tendo-o Gil Vicente corrigido, modificado e abreviado ao transpô-lo para o tal «livro grande»; e parece-me isto tanto mais provável, quanto se me afigura mais limada e de melhor gôsto a redacção mandada imprimir pelo filho. Não é porêm só do *Dom Duardos* que se conhecem edições anteriores à primeira da *Copilaçam de todalas obras:* no catálogo acima esboçado das impressões avulsas, menciono mais de uma dúzia de autos já antes da *Copilaçam* publicados.

As edições antigas dos autos de Gil Vicente conhecem-se, umas por exemplares existentes, outras, apenas em virtude de referências. A'quelas pertencem o *Auto de moralidade* (n.º 1 do meu catálogo) com a sua imitação em castelhano (n.º 2), o *Pranto de Maria Parda* (n.º 11), o *Auto de Inês Pereira* (n.º 12), o *Auto do Breve sumário da história de Deus* (n.º 13) e o *Diálogo de três Judeus* (n.º 14). Muito curioso e interessante seria a confrontação dos textos destas edições com os da primeira da *Copilaçam de todalas obras* feita por Luís Vicente. Quanto ao *Auto de moralidade*, isto é, o *Auto da Barca do Inferno*, temos a promessa da Senhora D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos de tratar dêle na sua terceira *Nota Vicentina*, portanto apenas devo esperar com ansiedade pela realização da sua promessa. Com respeito a alguns dos outros, parece-me ter aqui bom cabimento a confrontação dos seus textos com os da *Copilaçam*. Farei isso ao *Pranto de Maria Parda*, a mais popular de todas as composições de Gil Vicente, a que mais vezes tem sido reproduzida, e ao *Auto de Inês Pereira*, a comédia mais perfeita saída da sua pena.

Para o *Pranto* servir-me-hei do exemplar existente na preciosa biblioteca do meu falecido amigo Fernando Palha e que seus sobrinhos amávelmente me

Digitized by Google

facultaram, e para a *Inês Pereira* aproveitarei a cópia que em Setembro passado tirei do exemplar existente na Biblioteca Nacional de Madrid, tendo-me a Senhora D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos permitido, para revisão, confrontar a minha cópia com a fotografia do mesmo auto que S. Ex.ª possue. Seguem-se as transcrições, vendo-se na primeira coluna a edição antiga e na segunda a da impressão de 1562.

De gil Vycente.
Prãto de maria parda porque vio as ruas de Lixboa com tam poucos ramos nas tauernas. E ho vinho tam caro.

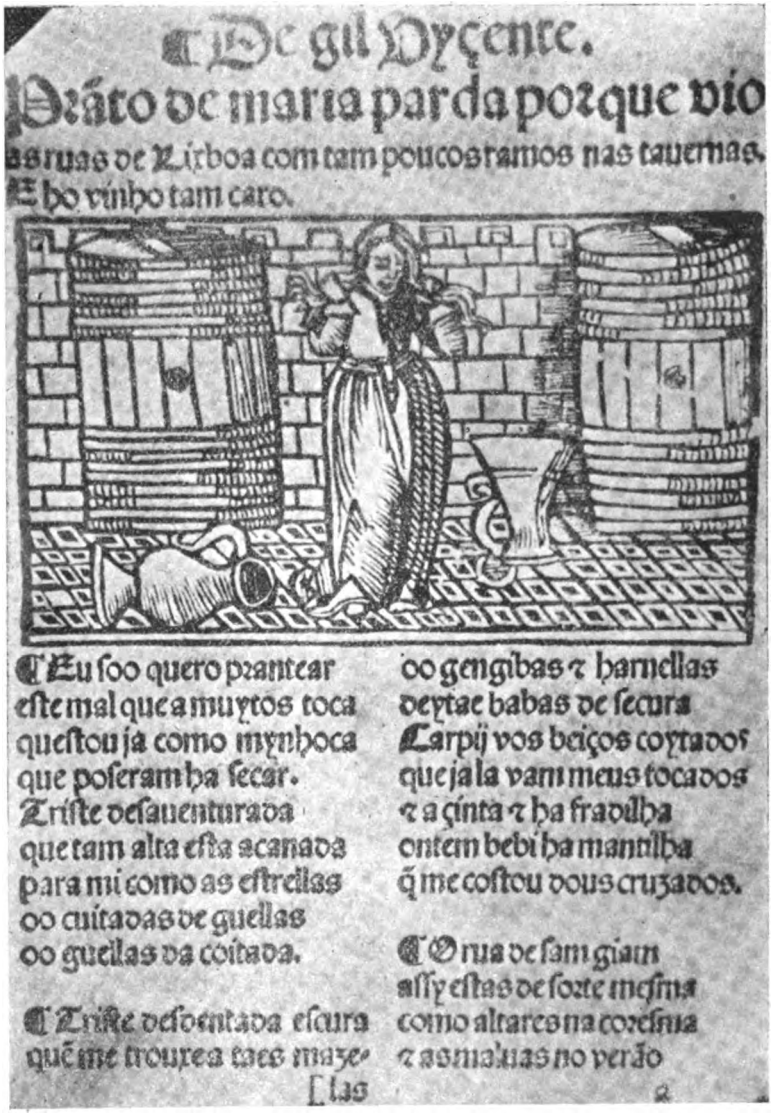
Eu soo quero prantear
este mal que a muytos toca
questou ja como mynhoca
que poseram ha secar.
Triste desauenturada
que tam alta esta a canada
para mi como as estrellas
oo cuitadas de guellas
oo guellas da coitada.
Triste desdentada escura
quẽ me trouxe a taes mazelas
oo gengibas e harnellas
deytae babas de secura
Carpij vos beiços coytados
que ja la vam meus tocados
e a çinta e ha fradilha
ontem bebi ha mantilha
q̃ me costou dous cruzados.
O rua de sam giam
assy estas de sorte mesma
como altares na coresma
e as maluas no verão
quẽ leuou teus trinta ramos
e ho meu mana bebamos
isto a cada bocadinho
ho vinho mano meu vinho
que maa ora te gostamos.
O trauessa zinguizarra
de mata porcos escura
como estaas de maa vẽtura
sem ramos de barra a barra
Porque teẽs ha tantos dias
as tuas pipas vazias
os tones secos em pee
ou te tornaste guinee
ou ho barco das ynguias.
Triste quẽ nõ çegas em veer
nas carneçerias velhas
muytas sardeñas nas grelhas
mas ho demo ha de beber
e agora que estam erguidas
as coytadas doloridas
das pipas limpas da borra
achegou ha paz com porra
de creceren as medidas.
Oo rua da ferraria
onde as portas eram mayas
como estaas de guaias

De Gil Vicente em nome de Maria parda fazendo pranto porque vio as ruas de Lixboa com tam poucos ramos nas tauernas e o vinho tam caro e ella nam podia viuer sem elle.

Eu soo quero prantear
este mal que a muytos toca
questou ja como minhoca
que poseram a secar.
Triste desauenturada
que tam alta estaa a canada
para mi como as estrellas
oo coytadas de guellas
oo guellas da coytada.
Triste desdentada escura
quem me trouxe a taes mazelas
Oo gẽgibas e arnellas
deitai babas de secura.
Carpij vos beyços coytados
que ja la vam meus toucados
e ha cinta e a fraldilha
ontem bebi ha mantilha
que me custou dous cruzados.
O rua de sam gyam
assi estas da sorte mesma
como altares de coresma
e as maluas no veram.
Quem leuou teus trinta ramos
e ho meu mana bebamos
isto ha cada bocadinho
ho vinho mano meu vinho
que maa ora te gostamos.
O trauessa zinguizarra
de mata porcos escura
como estaas de maa ventura
sem ramos de barra a barra.
Porque tẽs ha tantos dias
as tuas pipas vazias
os toneis secos em pee
ou te tornaste guinee
ou ho barco das enguias.
Triste quem nam cega em ver
nas carnecerias velhas
muytas sardinhas nas grelhas
mas o demo ha de beber
e agora que estam erguidas
as coytadas dolloridas
das pipas limpas da borra
achegou ha paz com porra
de creçerem as medidas.
Oo rua da ferraria
onde as portas eram mais
como estaas chea de guaias

Digitized by Google

UNIV. OF CALIFORNIA



¶ De gil Vyçente.

Prãto de maria parda porque vio as ruas de Lixboa com tam poucos ramos nas tauernas. E ho vinho tam caro.

¶ Eu soo quero prantear
este mal que a muytos toca
questou ja como mynhoca
que poseram ha secar.
Triste desauenturada
que tam alta esta acanada
para mi como as estrellas
oo cuitadas de guellas
oo guellas da coitada.

¶ Triste desdentada escura
quẽ me trouxe a taes maze-
[las

oo gengibas ⁊ harnellas
deytae babas de secura
Carpij vos beiços coytados
que ja la vam meus tocados
⁊ a çinta ⁊ ha fradilha
ontem bebi ha mantilha
q̃ me costou dous cruzados.

¶ O rua de sam giam
assy estas de sorte mesma
como altares na coresma
⁊ as ma'ruas no verão

Página inicial do *Pranto de Maria Parda*, de Gil Vicente, impressão talvez contemporânea do autor.

Digitized by Google

Digitized by Google

com tanta louça varia [1]
Ja me amy aconteçeo
na menhaã que deos naçeo
aa honrra do nacimento
beber alli huũ de çento
que nunca mays pareceo.
Rua de cata que faras
que farees. e que farey
quando vos vi taes chorey
e torney me por detras
que foy de vosso boõ vinho
e tanto ramo de piuho
laranja: papel: e cana
onde bebemos joana
e eu çento e huũ cinquinho.
O tauernas da ribeira
nam vos vera a vos ninguẽ
mosquitos ho verão q̃ vem
porque serees areeyra
triste que sera de mym

que maa ora me vos vistes
que maa hora me paristes
may da filha do roim.
Quã vio nũca toda alfama
cõ quatro ramos caguados
os tornos todos quebrados
os bicos de minha mama
Bem aly o sancto esprito
hy eu sempre dar no fito
nhũ vinho craro rosete
Oo meu bem doce palhete
quem podera dar huũ grito.
Oo triste rua dos fornos
que foy da vossa verdura
agora rua da amargura
vos fez a payxã dos tornos
quando eu rua per vos vou
todollos traques que dou
Sam sospiros de saudade
para vos ven tosidade
nacy toda como estou.
Fuyme ho poço do chão
fuyme aa praça dos escanes
carpij vos manas e manos
que ha dezaseys ho dam
Oo velhas. amarguradas
que antre tres sete canadas
Sohiamos de beber
agora tristes remoer
sete rayuas apertadas.
O rua da mouraria
quem vos fez matar ha sede

com tanta louça vazia.
Ja me ami aconteçeo
na menhã que Deos naçeo
aa honrra do naçimento
beber ali hum de çento
que nunca mais pareçeo.
Rua de cata que faras
que farey: e que faras
quando vos vi tais chorey
e torneyme por detras
que foy de vosso bom vinho
e tanto ramo de pinho
laranja, papel, e cana
onde bebemos Joana
e eu, cento e hum cinquinho.
O tauernas da ribeyra
nam vos vera a vos ninguem
mosquitos ho veram que vem
porque sereis areeyra.
Triste que sera de mi
que maa ora vos eu vy
que maa ora me vos vistes
que maa ora me paristes
may da filha do roim.
Quem vio nunca toda alfama
com quatro ramos cagados
os tornos todos quebrados
oo bicos de minha mama
Bem alli o sancto esprito
hi eu sempre dar no fito
num vinho claro rosete
oo meu bem doce palhete
quem podera dar hum grito.
Oo triste rua dos fornos
que foy da vossa verdura
agora rua damargura
vos fez a paixam dos tornos
quando eu rua per vos vou
todollos traques que dou
sam sospiros de saudade
para vos vem tosidade
naci toda como estou.
Fuy me o poço do chão
fuy me aa praça dos canos
carpij vos manas e manos
que a dezaseis o dam.
Oo velhas amarguradas
que antre tres sete canadas
soyamos de beber
agora tristes remoer
sete rayuas apertadas.
Oo rua da mouraria
quem vos fez matar ha sede

---

[1] É assim que lá está e mantenho a evidente gralha para mostrar o mínimo cuidado que houve nesta impressão. Outros análogos descuidos se encontrarão reproduzidos do original, nesta e na outra coluna, sem que os torne a advertir, bastando assegurar ter eu dado cuidadosa revisão aos textos.

Digitized by Google

pella ley de mafamede
com a triste daugua fria
O bebedores jrmãos
que nos presta seer xp̃jãos
poys nos deos tirou o vinho
Oo anno triste cainho
porque nos fazes pagaãos.
Os braços traguo cansados
de carpir estas quexadas
as orelhas engelhadas
de me ouuir tantos brados
quero mir aas tauerneiras
tauerneiros: medideras
que me dem huũa canada
sobre meu rosto fiada
a pagar la pollas eyras.
Pede fiada a vizcainha
Oo senhora vizcainha
fiaeme canada e mea
ou me dae huũa candea
que se vay esta alma minha
acodijme dolorida.
que trago ha madre cayda
e çarra se mo gorgo milho
emquanto posso engulilo
socorreeme minha vida
Bizcaynha.
Nam dou eu vinho fiado
y de vos em boora amiga
queres ora que vos diga
nam tendes ysso auiado
dizem la que nam he tempo
de posar ho cuu ao vento
sangrada vos maria parda
agora tem vez ha guarda.
e ha raya no auento
A joam caualeyro
castelhano.
Deuoto Joam caualeyro
que pareçes ysayas
dayme de beber tres dias
e far vos hey meu erdeyro
nam tenho filhas nem filhos
se nam canadas e quartilhos
tenho enxoual de guarda
se herdardes maria parda
serees fora dempeçilhos.
Joam caualeyro.
Amiga dizem por villa
hũ enxemplo de pelayo
q̃ vua cosa piensa el bayo
y otra quiem lo ensilha
pagad si quereis beuer
porque deueys de saber
que quien su ygoa mal pea
aun que nunca mas la vea
el sella quiso perder.
Vayse a branca leda.
Branca mana q̃ fazedes
meu amor deos vos ajude
ge eu estou no ataude
se me vos nam acorredes

pella ley de mafamede
com a triste dagoa fria.
O bebedores yrmaãos
que nos presta ser christãos
pois nos Deos tirou o vinho
o anno triste cainho
porque nos fazes pagãos.
Os braços trago cãsados
de carpir estas queyxadas
as orelhas engelhadas
de me ouuir tantos brados.
Quero mir aas tauerneyras
tauerneyros medideyras
que me dem hũa canada
sobre meu rosto fiada
a pagar laa polas eyras
Pede fiada a Bizcainha.
Oo senhora bizcainha
fiaeme canada e mea
ou me dae hũa candea
que se vay esta alma minha.
Acodijme dolorida
que trago ha madre caida
e çarrasemo gorgomilo
em quanto posso engulilo
socorreyme minha vida.
Bizcaynha.
Nam dou eu vinho fiado
yde vos em boora amiga
quereis ora que vos diga
nam tendes isso auiado.
Dizem la que nam he tempo
de pousar o cuu ao vento
sangrade vos Maria parda
agora tem vez ha guarda
e a raya no aueuto.
A Ioam caualeyro
castelhano.
Deuoto Joam caualeyro
que pareçeis Esaias
dayme de beber tres dias
e far vos ey meu erdeyro.
Nam tenho filhas nem filhos
se nam canadas e quartilhos
tenho enxoual de guarda
se herdardes Maria parda
sereis fora dempecilhos.
Joam caualeyro.
Amiga dizem por villa
hum enxempro de pelayo
que vna cosa piensa el bayo
y otra quien lo ensilla
pagad si quereis beber
porque deueis de saber
que quien su yegoa mal pea
avn que nunca mas la vea
el se la quiso perder.
Vayse a Branca leda.
Branca mana que fazedes
meu amor Deos vos ajude
geu estou no ataude
se me vos nam acorredes

Digitized by Google

fiade mora tres meas
que ando por casas alheas
com esta sede tam viua
que ja nam acho catiua
gota de sangue nas veas.
Branca leda.
Oulhade molher de bem
dizem que em tẽpo de figos
nam hay nenhũs amigos
nem o busque entam ninguẽ
e diz o enxemplo dioso
que bem passa de golloso
ho que come ho que nem tẽ
muyta agoa ha em boratem
e no poço do tinhoso.
Vayse a joam do lumiar
Senhor joam do lumiar
lume da mjnha çegueyra
esta era verde pereyra
em que vos eu via estar
fiaeme hũ gentar de vinho
e pagar vos hey em linho
que ja minha laam nã presta
tenho mandada hũa besta
por elle ãtre douro e minho.
Joam do lumiar.
Enxẽpro de molher hõrada
q̃ nos ninhos dora a hũ ãno
nam ha passaros ogano
hij vos que soes auiada
em quanto ysto assi dura
matae com agoa a secura
ou hide outrem enganar
que eu nam mey de fiar
de mula com matadura.

Maria parda jndo pera casa d' martĩ alho vai dizẽdo

Amara aqui ey destallar
nesta manta emburilhada
O maria parda cuytada
que nam teẽs ja que mijar
eu nam sey que mal foy este
pior çem vezes que ha peste
q̃ q̃ndo era a trama e o tramo
andaua eu de ramo ẽ ramo
nam quero deste mas deste.
Diz ha martim alho.
Martim alho amygo meu
martim alho meu amigo
tam seco trago ho embigo
como nariz de judeu
de sede nam sey que faça
ou fiado ou de graça
mano socorrede mora
que traguo ja los olhos fora
como rolla danaguaça.
Martim alho.
Diz hũ verso acostumado
quẽ quer fogo busque a lẽha
e mas seu dono da çenha

fiade mora tres meas
que ando per casas alheas
com esta sede tam viua
que ja nam acho catiua
gota de sangue nas veas.
Branca leda.
Olhade molher de bem
dizem que em tempo de figos
nam ha hy nenhũs amigos
nem os busque entam ninguẽ
e diz ho enxemplo dioso
que bem passa de golloso
ho que come o que não tem
muyta agoa ha em Boratem
e no poço do tinhoso.
Vayse a loam do Lumiar.
Senhor Joam do Lumiar
lume da minha çegueyra
esta era a verde pereyra
em que vos eu via estar
fiaeme hum gentar de vinho
e pagar vos ey em linho
que ja minha laã nam presta
tenho mandada hũa besta
por elle antre douro e minho.
Joam do Lumiar
Enxẽplo he molher honrrada
que nos ninhos dora ha hũ ãno
nam ha passaros ogano
hiuos que soes auiada,
Em quanto isto assi dura
matae com agoa a secura
ou hide outrem enganar
que eu nam mey de fiar
de mula com matadura.

Maria parda indo pera casa de Martim alho vay dizendo.

Amara aqui ey destallar
nesta manta emburilhada
o Maria parda coytada
que nam teẽs já que mijar.
Eu nam sey que mal foy este
pior çem vezes que a peste
que quando era o trão e o tramo
andaua eu de ramo em ramo
nam quero deste mas deste.
Diz a Martim alho.
Martim alho amigo meu
martim alho meu amigo
tam seco trago ho embiguo
como nariz de judeu.
De sede nam sey que faça
ou fiado, ou de graça,
mano socorrede mora
que trago ja os olhos fora
como rola danegaça.
Martim alho.
Diz hum verso acostumado
quem quer fogo busque a lenha
e mais seu dono dacenha

Digitized by Google

apella de dar fiado
Vos quereys dona folguar
e mandaeesme ami fiar
poys diz outro enxẽpro ãtigo
quem quiser comer comygo
traga em que sasentar.

A falulla.

Amor meu mana falula
minha groria e meu deleyte
emprestaeme do azeyte
que se me seca amatula
atee que aja dinheyro
fiae que pouco requeyro
duas canadas bem puras
por nam ficar aos escuras
que semarde o candieiro.

Falulla.

Diz na boca donosor
no siderac. e miseraque
aq̃lle que da gram traque
atreuesse no saluanor
e diz mays: quẽ muyto pede
mana. minha. muyto fede
sete mil custou a pipa
se querees fartar a tripa
pagaee q̃ ha veinte se mede.

Maria parda.

Rayuou tanto sideraque
e tanta zarza guania
vou me a morrer desequia
em çima dum almadraque
E ante de meu finamento
hordeno meu testamento
desta maneira seguinte
na triste era de vinte
e dous desdo o nacimento.

Começa ho testamento de Maria parda.

A minha alma encomẽdo
ha Noe. e ha outrem nam
e meu corpo enterrarem
onde estam sempre bebendo
leyxo por minha erdeira
e tambem testamenteyra
lianor mendez daa ruda
que vendeo como sesuda
por beber ataa peneira.
Jtem mays mando leuar
por tochas. çepos de vinha
e huũa boracha minha
com que me ajam dencençar
Porque teue mal vasia
em çençem nassy vazia
poys tambem eu assy vou
e ha sede que me matou
venha polla clerezia.
Leuar mã en huũ andor
de dia aas oras certas
que estam as portas abertas
das tauernas. perufor

apela de dar fiado
Vos quereis dona folgar
e mandaes me a mi fiar
pois diz outro exemplo antigo
quem quiser comer comigo
traga em que se assentar.

Vayse aa falula.

Amor meu mana falula
minha gloria e meu deleyte
emprestayme do azeyte
que se me seca a matula.
Atee que aja dinheyro
fiay que pouco requeyro
duas canadas bem puras
por nam ficar aas escuras
que se marde o candieyro.

Falula.

Diz Nabucdonosor
no sideraque, e miseraque
aquelle que da gram traque
atrauesseo no saluanor.
E diz mais quem muyto pede
mana minha muyto fede
sete mil custou a pipa
se querees fartar a tripa
pagaey que a vinte se mede.

Maria parda.

Raiuou tanto sideraque
e tanta zarzagania
vou me a morrer de sequia
em çima dum almadraque
E ante de meu finamento
hordeno meu testamento
desta maneyra seguinte
na triste era de vinte
e dous desdo nascimento.

Começa o testamento de Maria parda.

A minha alma encomendo
ha Noe e ha outrem nam
e meu corpo enterraram
onde estam sempre bebendo.
Leyxo por minha erdeyra
e tambem testamenteyra
Lianor mendez daa ruda
que vendeo como sesuda
por beber ataa peneyra
Jtem mais mando leuar
por tochas, cepas de vinha
e hũa boracha minha
com que me ajam dencençar.
Porque teue maluasia
encencem masi vazia
pois tambem eu assi vou
e a sede que me matou
venha polla cleresia.
Leuar mam em hum andor
de dia aas oras certas
que estam as portas abertas
das tauernas per hu for.

Digitized by Google

Eu jrey pois mays no pude
nhũ quarto por ataude
que nam teuesse agoa pee
no so venite a Noe.
nomeem sempre ameude.
Diante. jrã muy sem pejo
trinte. e seys odres vazios
que despejey neste frios
se nunca matar desejo:
nam diguam missas rezadas
todas sejam bem cantadas
em framengo e alemam
porque estas me leuaram
aas vinhas mais caregadas.
Jtẽ dirmam por do meu
q̃tro ou cinco ou dez tritayros
cantados per taes vigayros
que nã bebam menos que eu
Sejã destes. tres dalmada
e cinco da qui da see
que sam filhos de noee
a que som em comendada.
Venha todo sacerdote
a este meu enterramento
que teuer tam boõ alento
como eu teue ca de cote:
Os dabrantes e punhete
daa ruda e dalcochete
dalhos vedros: e barreyro
me venham ca sim dinheiro
ataa cento e vinte sete.
Jtẽ mando vestir loguo
ho frade: alemam vermelho
daquelle meu manto velho
que tem buracos de foguo
Jtẽ mays: mays mãdo dar
aquem se bem embebedar
no dia em que eu morer
quanto mouel hi ouuer
e quanta rayz sachar.
Jtem mando agasalhar
dar orfaãos: estas no mays
as que por beber dos pays
ficam proues por casar
As quaes darã por maridos
barqueiros bem recozidos
ẽ vinhos de muy boõ cheiros
ou busquem taes escudeiros
que bebam como perdidos.
Jtẽ mays me compriram
as seguintes romarias
com muytas aue marias
e nam curem de moçam
vaão por mim a sctã orada
daa touguia. e da abrigada
e aa curujeyra sancta
q̃ me deram aa guarganta
saude ha peste passada
Jtem mays me promety
vna aa pedra destrema
quando eu tiue aa postema
no beyço de baixo aqui

E irey pois mais nam pude
num quarto por ataude
que nam teuesse agoa pee
o souenite a Noe
cantem sempre a meude.
Diante, yram muy sem pejo
trinta e seis odres vazios
que despejey nestes frios
sem nunca matar desejo.
Nam digam missas rezadas
todas sejam bem cantadas
em framengo e alemam
porque estas me leuaram
aas vinhas mais carregadas.
Jtem diram per do meu
quatro, ou cinco, ou dez tritayros
cantados per taes vigayros
que nam bebam menos que eu.
Sejam destes, tres dalmada
e cinquo daqui da see
que sam filhos de Noe
a que som encomendada.
Venha todo sacerdote
a este meu enterramento
que teuer tam bom alento
como eu tiue ca de cote.
Os de Abrantes e Punhete
da Arruda e Dalcouchete
Dalhos vedros, e Barreyro
me venham ca sem dinheyro
ataa cento e vintesete.
Jtem mando vestir logo
o frade alemam vermelho
da quelle meu manto velho
que tem buracos de fogo.
Jtem mais, mais mando dar
a quem se bem embebedar
no dia em que eu morrer
quanto mouel hi ouuer
e quanta rayz se achar.
Jtem mando agasalhar
das orfaãos, estas no mais
as que por beber dos pais
ficam proues por casar.
As quais daram por maridos
barqueyros bem recozidos
em vinhos de muy bos cheyros
ou busquem taes escudeyros
que bebam coma perdidos.
Jtem mais me compriram
as seguintes romarias
com muytas aue marias
e nam curem de monçam
vam por mi aa sancta orada
da Atouguia, e da abrigada.
E aa curugeyra sancta
que me deram na garganta
saude ha peste passada.
Jtem mais me prometi
nua ha pedra destrema
quando eu tiue ha postema
no beyço de baixo aqui

Digitized by Google

e porque grão gloria senta
lãçem me muyta agoa benta
nas vinhas de caparica
onde meu desejo fica
e se vay ha ferramenta.
Jtem me leuaram mays
huũ gram cirio pascoal
ao glorioso seixal
senhor dos outros seyxaees
Sete missas me diram
e os calez encheram
nam me digam missa seca
porque a door da xaqueca
me fez esta deuacam.
Jtem mays mando fazer
huũ espaçoso esprital
que quem vyer de madrigal
tenha honde se acolher
e do terma dalcobaça
quem vier demlhe em q̃ jaça
e dos termos de leyrea
denlhe pam vinho e candea
e cama tudo de graça.
Os dobydos e santarem
se aqui pidirem posada
dẽlhes tanta de pancada
como de maos vynhos tem
hom.ẽ dãtre douro e minho
nam lhe daram pã nẽ vinho
e quem de riba da via for
fazelhe por meu amor
como se fosse vezinho.
Fim do testamento.
Assi que por me saluar
fyz este meu testamento
com mays sizo e entẽdimẽto
que nunca me sey estar
choray todos ho meu prigo
nam leuo ho vinho q̃ digo
q̃ eu chamaua das estrellas
agora me yrey perellas
com grande sede comigo.

Fin.

e porque gram gloria senta
lancem me muyta agoa benta
nas vinhas de caparica
onde meu desejo fica
e se vay a ferramenta.
Jtem me leuaram mais
hum gram cirio pascoal
ao glorioso Seyxal
senhor dos outros Seyxaes.
Sete missas me diram
e os calez encheram
nam me diguam missa seca
porque a door da enxaqueca
me fez esta deuaçam.
Jtem mais mando fazer
hum espaçoso esprital
que quem vier de madrigal
tenha onde se acolher.
e do termo dalcobaça
quẽ vier dẽlhe em que jaça
e dos termos de Leyrea
denlhe pam vinho e candea
e cama tudo de graça.
Os dobidos, e Santarem
se aqui pedirem pousada
denlhes de tanta pancada
como de maos vinhos tem
homẽ dantre douro e minho
nam lhe daram pam nem vinho
e quem de riba Da via for
fazelhe por meu amor
como se fosse vezinho.
Fim.
Assi que por me saluar
fiz este meu testamento
com mais siso e entendimento
que nũca me sey estar
Choray todos meu perigo
nam leuo o vinho que digo
que eu chamaua das estrellas
agora me yrey parellas
com grande sede comigo.

Nesta peça são insignificantes as variantes e até acho a lição adoptada por Luís Vicente mais correcta do que a da impressão avulso. Outro tanto não sucede na farsa seguinte, nem na transcrição do *Pranto* na edição de Hamburgo e nas posteriores. Em todas elas, além doutras pequenas variantes destinadas a acertar o metro, aparecem três versos com o sentido alterado: *Os toneis postos em pé*, pag. 364 da ed. de Lisboa, por *os toneis secos em pee*; na mesma pag., *A' hora do nacimento*, por *aa honrra do nacimento*; e na pag. 368, *Que estou no ataude*, por *geu* (= g'eu ou ge eu) *estou no ataude*, como se lê nos textos antigos. Passemos ao

Digitized by Google

UNIV. OF
CALIFORNIA

Digitized by Google

Auto de Ines Pereira.

Escudeyro. Ines pereyra. Lianor vaz. Mãy.

Feyto por Gil Vicente, representado ao muyto alto, e muy poderoso Rey dom Joam o terceyro no seu conuento de Tomar: Era do senhor de M.D.xxiij. O seu argumento he, hum exemplo comum que dizem: mais quero asno que me leue, que cauallo que me derrube. As figuras sam as seguintes. Ines pereyra, sua mãy, Lianor vaz, Pero marquez, dous Judeus, hum chamado Latam, e outro Vidal Hum Escudeyro, com hum seu Moço, hum Ermitam.

¶ Entra logo Ines Pereyra, e finge que esta lauran do soo em casa, e canta esta cantiga.

Frontispício do *Auto de Inês Pereira*, de Gil Vicente, impressão certamente anterior á edição das *Obras* de 1562.

Digitized by Google

Auto de Ines Pereira.

Feyto por Gil Vicente, representado ao muyto alto, e muy poderoso Rey dom Joam o terceyro no seu conuento de Tomar: Era do senhor de M.D.xxiij. O seu argumento he, hum exemplo comum que dizem: mais quero asno que me leue, que cauallo que me derrube. As figuras sam as seguintes. Jnes pereyra, sua mãy, Lianor vaz, Pero marquez, dous Judeus, hum chamado Latam, e outro Vidal, Hum Escudeyro, com hum seu Moço, hum Ermitam.

Entra logo Jnes Pereyra, e finge que esta laurando soo em casa, e canta esta cantiga.

Canta Jnes.

Quiẽ cõ veros pena y muere
que hara quando no os viere.

Falado.

Renego deste laurar
e do primeyro que o vsou,
ao diabo que o eu dou
que tam mao he daturar.
Oo Jesu que enfadamento
e que rayua, e que tormẽto,
que cegueyra, e que canseyra,
eu ey de buscar maneyra
dalgum outro auiamento.
Coytada assi ey destar
encerrada nesta casa,
como panela sem asa,
que sempre estaa nhũ lugar.
E assi ham de ser logrados
dous dias amargurados
que eu posso durar viua,
e assi ey destar catiua
em poder de desfiados.
Antes o darey ao diabo
que laurar mais nem pontada,
ja tenho a vida cansada
de jazer sempre dhum cabo.
Todas folgam e eu nam,
todas vem, e todas vam
orde querem, senam eu,
huy que peccado he o meu
ou que door de coraçam
Esta vida he mais que morta,
sam eu coruja ou curujo,
ou sam algum caramujo
que nam sae senão aa porta.
E quando me dão algũ dia
licença, como a bugia
que possa estar aa janella
he ja mais que a Madanella
quando achou a aleluya

Vem a mãy da ygreja, e não na achando laurando diz.

Logo eu adeuinhey

Auto de Jnes Pereyra.

A seguinte farsa de folgar foy representada ao muyto alto e muy poderoso Rey dom Ioam o terceyro do nome em Portugal, no seu conuento de Tomar. Era do Senhor de M.D.XXIII. O seu argumento he, que por quanto douidauam certos homẽs de bom saber se o autor fazia de si mesmo estas obras, ou se as furtaua de outros autores, lhe deram este tema sobre que fizesse .s. hum exemplo comum que dizem, mais quero asno que me leue, que caualo que me derrube. E sobre este motiuo se fez esta farsa Fingese na introduçam, que Ines pereyra filha de hũa molher de bayxa sorte, muyto fantesiosa, estaa laurando em casa, e sua mãy he a ouuir missa, e ella diz.

Jnes pereyra.

Renego deste laurar
e do primeyro que o vsou
oo diabo que o eu dou
que tam mao he daturar.
Oo Jesu que enfadamento
e que rayua, e que tormento
que cegueyra, e que canseyra
eu hey de buscar maneyra
dalgum outro auiamento.
Coytada assi ey destar
encerrada nesta casa
como panela sem asa
que sempre estaa num lugar.
E assi ham de ser logrados
dous dias amargurados
que eu posso durar viua
e assi ey destar catiua
em poder de desfiados.
Comendome eu logo oo demo
seu mais lauro nem pontada
ja tenho a vida cansada
de jazer sempre dum cabo.
Todas folgam e eu nam
todas vem e todas vam
onde querem senam eu
huy e que peccado he o meu
ou que dor de coraçam.
Esta vida he mais que morta
sam eu curuja ou curujo,
ou sam algum caramujo
que nam sae senam aa porta.
E quando me dam algum dia
licença como a bugia
que possa estar aa janella
he ja mais que a Madanella
quando achou a aleluya.

Vem a mãy, e diz.

Logo eu adeuinhey

Digitized by Google

la na missa onde eu estaua
como a minha Jnes lauraua
a tarefa que lhe eu dey.
Acaba esse trauesseyro,
huy naceote algum vnheyro
ou cuydas que he dia sancto.
Jnes. Praza a deos que algũ quebranto
me tire de catiueyro
Mãy. Toda tu estas aquella
chorante os filhos por pão
Jnes. prouuesse a deos que ja he rezã
de nam estar tam singela.
Mãi. Olhade la o mao pesar
como queres tu casar
com fama de preguiçosa,
Jnes. Mas eu mãy sam aguçosa,
e vos daisuos de vagar.
Mãy. Ora espera assi vejamos
Jnes. Quem ja visse esse prazer
Mãi. Calte que podera ser
que ante pascoa vẽ os ramos.
Nam te apresses tu Jnes
mayor he o anno que o mes.
quando te nam precatares
viram maridos a pares
e filhos de tres em tres.
Jnes. Queromora aleuantar,
folgo mais de falar nisso
assi Deos me dee o parayso
mil vezes que nam lau[r]ar.
Jsto nam sey que o faz,
Mãy Aqui vem Lianor vaz
Jnes. E ella vem se benzendo,
Lianor vaz.
Jesu que me eu encomendo,
quanta cousa que se faz.
Mãy Lianor Vaz, que he isso?
Lia. Venho eu mana amarela?
Mãi. Mais ruiua que hũa panela
Lia. Nam sey como tenho siso,
Jesu Jesu que farey
não sey se me va a el Rey,
se me va ao Cardeal.
mãi. E como tamanho he o mal
Lia. Tamanho eu to direy.
Vinha agora por aly
oo redor da minha vinha,
e hum clerigo mana minha
pardeos lançou mão de mi.
Nam me podia valer,
diz que auia de saber
se era eu femea se macho:
mãy. Huy seria algũ mochacho
que brincaua por prazer.
Lia. Si mochacho sobejaua,
era hum zote tamanhouso
e eu andaua no retouço
tam rouca que nam falaua:
Quando o vi pegar comigo
que me achey naquelle perigo,
assoluerey, nam assolveras,
tomarey, nam tomaras,

la na missa onde eu estaua
como a minha Jnes lauraua
a tarefa que lhe eu dey.
Acaba esse trauasseyro
e naceote algum vnheyro
ou cuydas que he dia santo
Jnes. Praza a deos que algum quebranto
me tire de catiueyro.
Mãy. Toda tu estaas aquella
choram te os filhos por pam.
Jnes. Prouuesse a deos, que ja he rezã
de eu nam estar tam singela.
Mãy. Olhade ali o mao pesar
como queres tu casar
com fama de preguiçosa?
Jnes. Mas eu mãy sam aguçosa
e vos daisuos de vagar.
Mãy. Ora espera assi, vejamos.
Jnes. Quem ja visse esse prazer.
Mãy. Calte, que poderaa ser
que ante a pascoa vem os ramos
Nam te apresses tu Jnes
mayor he o anno co mes
quando te nam precatares
viram maridos a pares
e filhos de tres em tres.
Jnes. Queromora aleuantar
folgo mais de falar nisso
assi me de Deos o parayso
mil vezes que nam laurar,
isto nam sey que o faz.
Mãy. Aqui vem Lianor vaz.
Jnes. E ella vem se benzendo.

Lian. Jesu a que meu encomendo
quanta cousa que se faz
Mãy. Lianor vaz, que foy isso?
Lian Venho eu mana amarela.
Mãy. Mais ruyua que hũa panela
Lian. Nam sey como tenho siso
Jesu Jesu que farey
nam sey se me va a el Rey
se me va ao Cardeal.
Mãy. Como, e tamanho he mal.
Lian. Tamanho, eu to direy.
Vinha agora pereli
oo redor da minha vinha
e hum clerigo mana minha
pardeos lançou mão de mi
nam me podia valer.
Diz que auia de saber
se era eu femea se macho.
Mãy. Huy seria algum mochacho
que brincaua por prazer.
Lia. Si mochacho sobejaua
era hum zote tamanhouço
eu andaua no retouço
tam rouca que nam falaua.
Quando o vi pegar comigo
que machey naquelle perigo
assoluerey, nam assolveraas

Digitized by Google

Jesu homẽ que has contigo.
Irmaã eu te assoluerey
co breuiayro de Braga,
que breuiayro, ou que praga
que nã quero aaque del Rey.
Quando vio reuolta a voda
foy e esfarrapoume toda
o cabeçam da camisa,
Mãi. Assi me fez dessa guisa
outro no tempo da poda.
Eu cuidey que era jogo,
e elle day o vos oo fogo
tomoume tamanho riso
riso em todo meu siso
e elle deixoume logo.
Lia. Si agora yeramaa
tam bem eu me ria ca
das cousas que me dizia,
chamauame luz do dia
nunca teu olho veraa.
Se estiuera de maneyra
sem ser rouca bradara eu
mas logo o demo me deu
cadarram e peytogueyra.
Cocegas, e cor de ryr,
e coxa pera fugir,
e fraca pera vencer:
porem pudeme valer
sem me ninguem acudir.
O demo, e não pode al ser
se meteo no corpo delle,
Mãi. Mana conhecia telle?
Lia. Mas queriame conhecer,
Mãi. Vistes vos tamanho mal
Lia. Eu me yrey ao Cardeal
e farlhey assi mesura,
e contarlhey aa auentura
que achey no meu olival.
Mãy. Nam estaas tu arranhada
de te carpir, nas queyxadas,
Lia. Eu tenho as unhas cortadas
e ma[i]s estou trosquiada,
E mais pera que era ysso,
e mais pera que he o siso
e mais no meo da requesta
veo hum homẽ de hũa besta
que em velo vi o parayso.
E soltoume porque vinha
bem contra sua vontade
porem a falar verdade,
ja eu andaua cansadinha.
Nam me valia rogar
nem me valia chamar
aaque de Vasco de foes,
acudime como soes,
e elle se nam pegar.
Mais mansa Lianor vaz.
assi Deos te faça sancta,
trama te dee na garganta
como isso assi se faz.
Jsto nam releua nada,
tu nam ves que sam casada:

Jesu homem que has com tigo
Yrmaã eu tassoluerey
co breuiayro de Braga,
que breuiayro ou que praga
que nam quero aaque delRey
Quando vio reuolta a voda
foy e esfarrapoume toda
o cabeçam da camisa.
Mãy. Assi me fez dessa guisa
outro no tempo da poda.
Eu cuydey que era jogo
e elle day o vos oo fogo
tomoume tamanho riso
riso em todo meu siso
e elle leyxoume logo.
Lian. Si, agora eramaa
tambem eu me ria ca
das cousas que me dezia
chamavame luz do dia,
nunca teu olho veraa.
Sestiuera de maneyra
sem ser rouca bradareu
mas logo mo demo deu
cadarram e peytogueyra
cocegas e cor de rir
e coxa pera fogir
e fraca pera vencer
porem pudeme valer
sem me ninguem acudir.
O demo, e nam pode al ser
se chantou no corpo delle.
Mãy. Mana conhecia telle.
Lian. Mas queriame conhecer.
Mãy. Vistes vos tamanho mal.
Lian. Eu me yrey ao Cardeal.
e farlhey assi mesura
e contarlhe ey aa uentura
que achey no meu oliual.
Mãy. Nam estaas tu arranhada
de te carpir nas queyxadas.
Lian. Eu tenho as vnhas cortadas
e mais estou trosquiada
e mais pera que era isso
e mais pera que he o siso
e mais no meo da requesta
veo hum homem de hũa besta
que em velo vi o parayso.
E soltoume porque vinha
bem contra sua vontade
porem a falar verdade
ja eu andaua cansadinha.
Nam me valia rogar
nem me valia chamar
aaque de Vasco de foes
acudime, como soes
e elle se nam pegar.
Mais mansa Lianor vaz
assi Deos te faça sancta
trama te dee na garganta
como, isto assi se faz
isto nam releua nada,
tu nam ves que sam casada.

Digitized by Google

Mãy. Deras lhe maora boa
e morderalo na coroa,
Lia. Assi, fora escomungada.
Nam lhe dera hum empuxão
porque sou tam mauiosa
que he cousa marauilhosa,
e esta he a concrusam.
Leyxemos isto, eu venho
cõ grande amor que vos tenho
porque diz o exemplo antigo,
que amiga e bom amigo
mais aquenta que o bõ lenho.
Jnes estaa concertada
pera casar com alguem.
May. Ateegora com ninguem
nam he ella embaraçada.
Lia. Em nome do Anjo bento
eu vos trago hum casamẽto
filha, nam sey se vos praz:
Jnes. E quando Lianor vaz?
Lia. Ja vos trago auiamento.
Jnes. Porem nam ey de casar
senam com homem auisado,
inda que pobre, e pelado,
seja discreto em falar,
que assi o tenho assentado.
Lia. Eu vos trago hũ bõ marido
rico, honrrado, conhecido,
diz que em camisa vos quer:
Jnes. Primeyro eu ey de saber
se he paruo se he sabido.
Lia. Nesta carta que aqui vem
pera vos filha damores,
veredes vos minhas flores
a discriçam que elle tem.
Jnes. Mostrayma ca, quero ver,
Lia. Tomay, e sabeys vos ler?
Mãi. Huy, e ella sabe latim
e gramateca, e alfaqui
e sabe quanto ella quer.
Lee Jnes Pereyra a carta, a qual diz assi.
Senhora amiga, Jnes pereira
Pero marquez vosso amigo
que ora estou na nossa aldea,
mesmo na vossa mercea
me encomendo, e mais digo.
Digo que benza vos Deos
que vos fez de tam bõ geyto
bom prazer, e bom proueyto
veja vossa mãy de vos
E de mi tambem assi,
ainda que eu vos vy
estoutro dia de folgar,
e nam quisestes baylar
nem cantar presente mi.
Jnes. Na voda de seu auoo
ou donde me vyo ora elle,
Lianor vaz, este he elle?
Lia. Lede a carta sem doo
que inda eu sam contente delle.

Mãy. Deraslhe ma ora boa
e morderalo na coroa.
Lian. Assi, fora escomungada.
Nam lhe dera hum empuxão
porque sou tam mauiosa
que he cousa marauilhosa,
e esta he a concrusam.
Leyxemos isto, eu venho
com grãde amor que vos tenho
porque diz o exempro antigo
que amiga e ho amigo
mais aquenta que bom lenho.
Jnes pereyra he concertada
pera casar com alguem?
Mãy. Atee gora com ninguem
nam he ella embaraçada.
Lian. Eu vos trago hum casamento
em nome do Anjo bento
filha, nam sey se vos praz
Jnes. E quando Lianor Vaz.
Lian. Eu vos trago auiamento.
Jnes. Porem nam ey de casar
senam com homem auisado
ainda que pobre pelado
seja discreto em falar

Lian. Eu vos trago hũ bom marido
rico, honrrado, conhecido
diz que em camisa vos quer.
Jnes. Primeyro eu ey de saber
se he paruo, se sabido.
Lian. Nesta carta que aqui vem
pera vos filha damores
veredes vos minhas flores
a descriçam que elle tem.
Jnes. Mostrayma ca, quero ver
Lian. Tomay, e sabedes vos ler?
Mãy. Huy, e ella sabe latim
e gramateca, e alfaqui
e tudo quanto ella quer
Lee Jnes pereyra a carta.
Senhora amiga Jnes pereyra
Pero marquez vosso amigo
que ora estou na nossa aldea
mesmo na vossa mercea
mencomendo, e mais digo
Digo que benza vos Deos
que vos fez de tam bom geyto
bom prazer e bom proueyto
veja vossa mãy de vos.

Ainda que eu vos vi
estoutro dia de folgar
e nam quisestes baylar
nem cantar diante mi.
Jnes. Na voda de seu auoo
ou onde me vio orelle,
Lianor vaz este he elle?
Lian. Lede a carta sem doo
que inda eu sam contente delle.

Digitized by Google

Torna Jnes Pereyra a proseguir com a carta.

Nem cantar presente mi,
pois Deos sabe a rebentinha
que me fizestes entam,
ora Jnes, que ajais bençam,
de vosso pay, e a minha
que venha ysto a concrusam.
E rogouos como amiga
que samicas vos sereis,
que de parte me faleis,
antes que outrẽ volo diga.
E se nam fiaes de mi,
esteja vossa mãy ahy,
e Lianor vaz de presente
veremos se sois contente,
que casemos na boa ora.

Jnes. Des que nasci atee agora
nam vi tal villam comeste,
nem tanto fora de mão,

Lia. Nã queyras ser tã senhora
casa filha que te preste
nam percas a occasiam.
Queres casar a prazer
no tempo dagora Jnes,
antes casa em que te pez
que não he tẽpo descolher.
Sempre eu ouui dizer
ou seja sapo, ou sapinho,
ou marido, ou maridinho,
tenha o que ouuer mister
este he o certo caminho.

Mãy. Pardeos amiga, essa he ella
mata o caualo de cela
e bo he o asno que me leua.

Lia. Filha, no chão do couçe
quẽ nã poder andar choute,
e mais quero que me adore,
que quem faça com que chore.
chamaloey.

Jnes. Si
venha, e vejame a mi,
quero ver quando me vir
se perdera o presumir
logo em chegando aquy.
pera me fartar de ryr.

Mãy. Toucate bem se vier
pois que pera casar anda:

Jnes. Essa he boa demanda
cerimonias ha mister
homem que tal carta mãda.
Eu o estou ca pintando,
sabeis mãy que eu adeuinho
deue ser hum vilanzinho,
eylo se vem penteando
seraa com algum ancinho.

Aquy vem Pero marquez, vestido como filho de laurador rico com hum gabão azul deitado ao hombro, cõ o capelo por diante, e vem dizendo.

Homem que vay onde eu vou
nam se deue de correr,

Prosegue Jnes pereyra a carta.

Nem cantar presente mi,
pois Deos sabe a rebentinha
que me fizestes entam.
Ora Jnes que ajais bençam
de vosso pay e a minha
que venha isto a concrusam

Jnes. Vistes tam paruo vilam
eu nunca tal cousa vi
nem tanto fora de mão.

Lian. Quereis casar aprazer
no tempo dagora Jnes
antes casa em que te pes
que nam he tempo descolher.
Sempre eu ouui dizer
ou seja sapo ou sapinho
ou marido ou marinho,
tenho o que ouuer mister
este he o certo caminho.

Mãy. Pardeos amiga essa he ella
mata o caualo de sela
e bo he o asno que me leua.

Lian. Filha, no chão do couse
quem nam poder andar, choute
mais quero eu quem madore
que quem faça com que chore,
chamaloey Jnes?

Jnes: Si
venha e vejame a mi
quero ver quando me vir
se perderaa o presomir
logo em chegando aqui
pera me fartar de rir.

Mãy. Toucate se ca vier
pois que pera casar anda,

Jnes. Essa he boa demanda
cerimonias ha mister
homem que tal carta manda.
Eu o estou ca pintando
sabeis mãy que eu adeuinho
deue ser hum vilanzinho,
eylo se vem penteando
seraa com algum ancinho.

Vem Pero marquez, e diz.

Homem que vay aonde eu vou
nam se deue de correr

Digitized by Google

ria embora quem quiser,
que eu em meu siso estou.
Nam sey onde mora aqui
olhay que me esquece a mi,
eu creo que nesta rua,
esta parreyra he sua,
ja conheço que he aqui.
Chega Pero [m]arquez a onde ellas estam, e diz.
Digo que esteis muitẽbora,
folguey ora de vir ca,
eu vos escreui de la
hũa cartinha, senhora.
Assi que, e de maneyra:
Mãi. Tomai aquella cadeyra
Pero. E que val aqui hũa destas?
Jnes. O Jesu que jam das bestas,
olhay aquella canseyra.
Assentouse com as costas pera ellas, e diz.
Eu cuydo que não estou bem
Mãy. Como vos chamã amigo
Pero. Eu Pero marquez me digo
como meu pay que Deos tẽ.
Faleceo perdoelhe Deos
que fora bem escusado,
e ficamos dous ereos
perem meu he o morgado.
Mãy. de morgado he vosso estado
isso veria dos ceos.
Pero. Mais gado tenho eu ja quãto
e o mor de todo o gado,
digo mayor algum tanto,
e desejo ser casado
prouguese ao spiritu sancto
com Jnes, que eu me espãto
quem me fez seu namorado.
Parece moça de bem,
e eu de bem er tambem,
ora vos ide la vendo
se lhe vem milhor ninguem
a segundo o que eu entendo.
Cuido que lhe trago aqui
peras da minha pereyra,
ham destar na derradeyra
tende ora Jnes por hi,
Jnes. E isso ey de ter na mão,
Pero. Deitay as peas no chão.
Jnes. As perlas pera enfiar,
tres chocalhos, e hũ nouelo,
e as peas no capelo:
E as peras onde estam.
Pero. Nunca tal me aconteceo
algum rapaz mas comeo,
que as meti no capelo,
e ficou aqui o nouelo,
e o pentem nam se perdeo.
Pois trazias de boamente,
Jnes. Fresco vinha o presente,
com folhinhas borrifadas,
Pero. Nã quellas vinhã chẽtadas
ca no fundo no mais que[n]te,

ria embora quem quiser
que eu em meu siso estou.
Nam sey onde mora aqui
olhay que mesquece a mi
eu creo que nesta rua
e esta parreyra he sua,
ja conheço que he aqui.
Chega a casa de Ines pereyra,
Digo que esteis muyto embora
folguey ora de vyr ca
eu vos escreui de laa
hũa cartinha senhora
e assi que de maneyra
Mãy. Tomay aquella cadeyra
Pero. E que val aqui hũa destas
Jnes. Ho jesu que jam das bestas
olhay aquella canseyra.
Assentouse com as costas pera ellas e diz.
Eu cuydo que nam estou bem
Mãy. Como vos chamais amigo
Pero. Eu Pero marquez me digo
como meu pay que deos tem:
Faleceo perdoelhe deos
que fora bem escusado
e ficamos dous ereos
perem meu he o morgado
Mãy. De morgado he vosso estado
isso veria dos ceos:
Pero. Mays gado tenho eu ja quãto
e o mayor de todo o gado
digo mayor algum tanto
E desejo ser casado
prouguesse ao Spiritu santo
com Jnes, que eu mespante
quem me fez seu namorado:
Parece moça de bem
e eu de bem er tambem
ora vos er yde vendo
se lhe vem milhor ninguem
a segundo o que eu entendo
Cuydo que lhe trago aqui
peras da minha pereyra
ham destar na derradeyra
tende ora Jnes per hi:
Jnes. E ysso ey de ter na mão
Pero. Deitay as peas no cham
Jnes. As perlas pera infiar
tres chocalhos e hũ nouelo
e as peas no capelo
e as peras onde estam?
Pero. Nunca tal me aconteceo
algum rapaz mas comeo
que as meti no capelo
e ficou aqui o nouelo
e o pentem nam se perdeo:
pois trazias de boa mente
Jnes. Fresco vinha ahy o presente
com folhinhas borrifadas
Pero. Não que ellas vinhã chẽtadas
ca em fundo no mais quente

Digitized by Google

Vossa mãy foyse, ora bem
soos nos deixou ella assi,
canteu quero me yr daquy
não diga algũ demo alguẽ.
Jnes. E vos que auieis de fazer
nem ninguem que ha de dizer
o galante despejado,
Pero. Se eu fora ja casado.
doutra arte auia de ser
como homẽ de bom recado.
Jnes. Quam desuiado este estaa
todos andam por caçar
suas damas, sem casar
e este tomadeo la.
Pero. Vossa mãy he la no muro,
Jnes. Minha mãy, eu vos seguro
que ella venha ca dormir,
Pero. Pois senhora quero mir,
antes que venha o escuro

Vira ca Lianor vaz
veremos que lhe dizeis,
Jnes. Homẽ nam aporfiieis
que nam quero, nem me praz
yde casar a cascais,
Pero. Nam vos anojarey mais,
inda que sayba estalar,
e prometo nam casar
atee que vos nam queyrais.
Estas vos sam ellas a vos
anda homẽ a gastar calçado
e quãdo cuida que he auiado
escarnefucham de vos.
Nam sey se fica la a pea
pardeos bo hya eu a aldea,
senhora ca fica o fato,
Jnes. Olhay se o leuou o gato
Pero. Jnda nam tendes candea.
Ponho per cajo que alguẽ
vem como eu vim agora,
e vos acha soo a tal hora
parece nos que sera bem.
Ficayuos ora com Deos
çarray a porta sobre vos
com vossa candeazinha
e siquaes sereis vos minha
entonces veremos nos.
Jnes Pereyra.
Pessoa conheço eu,
que leuara outro caminho,
casay la com hum vilãzinho
mais couarde que hum judeu.
Se fora outro homẽ agora
e me topara a tal ora,
estando assi as escuras,
falarame mil doçuras
ainda que mais nam fora.
Vem a Mãy e diz.
Pero marquez foyse ja?
Jnes. Pera que era elle aqui,
Mãi. Nam te agrada elle a ti?
Jnes. Vasse muytierama.

Vossa mãy foisse, ora bem
soos nos leyxou ella assi
canteu quero me yr daquy
nam diga algũ demo alguem
Jnes. Vos que me auies de fazer
nem ninguem que ha de dizer:
O galante despejado
Pero. Se eu fora ja casado
doutra arte auia de ser
como homem de bom pecado
Jnes. Quam desuiado este esta
todos andam por caçar
suas damas sem casar
e este tomadeo la
Pero. Vossa mãy he la no muro
Jnes. Minha mãy e vos seguro
que ella venha ca dormir
Pero. Pois senhora eu quero mir
antes que venha o escuro
Jnes. E nam cureis mais de vyr
Pero. Vira ca Lianor vaz
veremos que lhe dizeis
Jnes. Homem nam aporfieis
que nam quero nem me praz
yde casar a Cascays.
Pero. Nam vos anojarey mays
aynda que sayba estalar
e prometo não casar
ate que vos nam queiraes
Estas vos sam ellas a vos
anda homem a gastar calçado
e quando cuyda que he auiado
escarnefucham de vos.
Creo que la fica a pea
pardeos bo hia eu aa aldea,
senhora ca fica o fato.
Jnes. Olhay se o leuou o gato.
Pero. Jnda nam tendes candea.
Ponho per cajo que alguem
vem como eu vim agora
e vos a escuras a tal hora
pareceuos que seraa bem.
Ficayuos ora com Deos
çarray a porta sobre vos
com vossa candeazinha
e siquaes sereis vos minha
Entonces veremos nos.
Vayse Pero marquez, e diz Ines pereyra.
Pessoa conheço eu
que leuara outro caminho,
casay la com hum vilanzinho
mais couarde que hum judeu.
Se fora outro homem agora
e me topara a tal hora
estando comigo aas escuras
dixerame mil doçuras
ainda que mais nam fora.

Mãy. Pero marquez foyse ja?
Jnes. E pera que erelle aqui.
Mãy. E nam tagrada elle a ti?
Jnes. Vasse muytieramaa

Digitized by Google

Que sempre disse, e direy:
mãy, eu me nam casarey
senam com homem discreto,
e assi volo prometo,
ou antes o leyxarey.
Que seja homem mal feyto,
feo pobre, sem feyçam,
como tiuer descriçam,
nã lhe quero mais proueyto.
E sayba tanger viola,
e coma eu pão, e cebola,
siquer hũa cantiguinha,
discreto feyto em farinha,
porque isto me degola.

Mãy. Sempre tu has de baylar
e sempre elle ha de tanger,
se nam tiueres que comer
o tanger te ha de fartar.

Jnes. Cada louco cõ sua teima,
com hũa borda de boleyma
e hũa vez dagoa fria,
nam quero mais cada dia.

mãi. Como as vezes isso queyma
E que he desses escudeyros?

Jnes. Eu faley ontem ali
que passaram por aqui
os Judeus casamenteyros
e ham de vyr logo aqui.

Aqui entram os Judeus casamenteyros, chamados, hum Latam, e o outro Vidal, e diz Vidal.

Ou de ca, quem esta la,

Vid. Nome del deu aqui somos

Latã. Nã sabeis quã lõje fomos,

Vid. Corremos a yra maa.
Este e eu.

Latã. Eu e este,

[Vi.] polla lama, e pollo poo,
que era per auer doo,
com chuiua, sol, e Nordeste,
Foy a coysa de maneyra
tal friura, e tal canse[y]ra,
que trago as tripas maçadas,
assi me fadem boas fadas,
que me saltou caganeyra.
Pera vossa merce ver
o que nos encomendou,

Latã. O que nos encomendou,
seraa se oyuer de ser,
Todo este mundo he fadiga,
vos dissestes filha amiga
que vos buscasemos logo,

Vid. E logo pusemos fogo,

Lat. Calte.

Vid. nã queres que diga
nam sou eu tambem do jogo,

Latã. Nam fuy eu tambẽ contigo,
tu e eu, nam somos eu,
tu judeu, e eu judeu
nã somos massa dum trigo.

Vid. Si somos juro al deu.

Latã. Deixame falar.

que sempre disse, e direy
mãy, eu me nam casarey
senam com homem discreto
e assi volo prometo
ou antes o leyxarey.
Que seja homem mal feyto
feo, pobre, sem feyçam
como tiuer descriçam
nam lhe quero mais proueyto.
E sayba tanger viola
e coma eu pam e cebola
siquer hũa canteguinha
discreto feyto em farinha
porque isto me degola.

Mãy. Sempre tu has de baylar?
e sempre elle ha de tanger,
se nam tiueres que comer
o tanger te ha de fartar?

Jnes. Cada louco com sua teyma
com hũa borda de boleyma
e hũa vez dagoa fria
nam quero mais cada dia.

Mãy. Como aas vezes isso queyma.
E quee desses escudeyros?

Jnes. Eu faley ontem ali
que passaram por aqui
os judeus casamenteyros
e ham de vir agora aqui.

Latã. Ou de ca, quem estaa la.

Vidal. Nome del deo aqui somos

Latã. Nam sabeis quam lõge fomos.

Vidal. Corremos a yra maa
Este e eu:

Latã Eu e este

[Vi.] pola lama e polo poo
que era pera auer doo
com chuyua, sol, e Noroeste.
Foy a coysa de maneyra
tal friura e tal canseyra
que trago as tripas maçadas,
assi me fadem boas fadas
que me saltou caganeyra.
Pera vossa merce ver
o que nos encomendou.

Latã. O que nos encomendou
seraa o que oyuer de ser.
Todo este mundo he fadiga,
vos dixestes filha amiga
que vos buscassemos logo.

Vidal E logo pujemos fogo.

Latã Calte:

Vidal Nam queres que diga.

Nam fuy eu tambem comtigo,
tu e eu nam somos eu?
tu judeu e eu judeu
nam somos massa dum trigo.

Latã. Leyxame falar.

Digitized by Google

Vid. Ja calo:
Vid. Senhora, ha ja tres dias,
Lat. Falas lhe tu, ou eu falo?
ora dize o que dizias,
que foste, que fomos, que hias,
buscalo, esgarauatalo.
Vidal. Vos amor quereis marido
discreto, e de viola:
Lat. Esta moça nam he tola
que quer casar por sentido.
Vid. Judeu, queres me leyxar?
Lat. Deixo, não quero falar:
Vid. buscamolo.
Lat. demo foi logo
crede que o vosso rogo
vencera o Tejo, e o mar.
Eu cuydo que falo, e calo:
calo eu agora, ou não?
ou falo se vem a mão?
nam digas que nam te falo.
Jnes. Jesu, guardeme ora Deos,
nam falara hum de vos:
ja queria saber isso.
Mãy. Que siso Jnes, que siso
tẽs debayxo desses veos.
Jnes. Diz o exemplo da velha,
o que nam aueis de comer
dexayo a outrem mexer.
Mãy. Eu nã sey quẽ tacõselha.
Jnes. Em fim, que nouas trazeis?
Vid. O marido que quereis
de viola, e dessa sorte,
nam no ha senam na corte,
que ca não no achareis.
Falamos a Badajoz,
musico, discreto, solteyro,
este fora o verdadeyro,
mas soltousenos da nos.
Fomos a Villa castim,
e falounos em latim,
vinde ca daqui a hũa hora
e trazeime essa senhora.
Jnes. Tudo he nada em fim.
Vidal. Esperay, aguarday ora,
soubemos dhum escudeyro
de feyçam de atafoneyro,
que viraa logo essora.
Que fala e comora fala,
estrogira esta sala:
e tange, e comora tange
alcança quanto abrange,
e se preza bem da gala.
Vẽ o escudeyro cõ seu moço, que lhe tras hũa viola, e diz falando soo.
Se esta senhora he tal
como os Judeus ma gabarã
certo os anjos a pintaram,
e nam pode ser hi al.
Diz que os olhos com que via,
erão de sancta Luzia:
cabellos, da Madanela:

Vidal. Ja calo
senhora fomos .·. agora falo
ou falas tu.
Latã. Dize, que dizias
que foste, que fomos, que hias
buscalo, esgarauatalo.
Vidal. Vos quereis amor marido
muy discreto, e de viola
[Latã] esta moça nam he tola
que quer casar per sentido.
Vidal. Judeu queres me leyxar
Latã. Leyxo nam quero falar.
Vidal. Buscamolo.
Latã. demo foy logo,
crede que o vosso rogo
venceraa o tejo e o mar.
Eu cuydo que falo e calo,
falo eu agora ou nam?
ou falo se vem aa mão,
nam digas que nam te falo

Jnes. Nam falara hum de vos
ja queria saber isso.
Mãy. Que siso Jnes, que siso
tẽs debayxo desses veos.
Jnes. Diz o exemplo da velha
o que nam aueis de comer
leyxayo a outrem mexer.
Mãy. Mao conselho taconselha.
Jnes. Judeus que nouas trazeis?
Vidal. O marido que quereis
de viola e dessa sorte
nam no ha senam na corte
que ca nam no achareis.
Falamos a Badajoz
musico, discreto, solteyro,
este fora o verdadeyro
mas soltousenos da noz.
Fomos a vilha Castim
e falounos em latim
vinde ca daqui a hũa hora
e trazeyme essa senhora.
Jnes. Assi que he tudo nada em fim.
Vidal. Esperay aguarday ora
soubemos dum escudeyro
de feyçam datafoneyro
que viraa logo essora
que fala e comora fala.
Que estrugiraa esta sala
e tange, e comora tange
e alcança quanto abrange
e se preza bem da gala.
Vem o escudeyro, e diz.

Se esta senhora he tal
como os Judeus ma gabaram
certo os anjos a pintaram
e nam pode ser hi al.
Diz que os olhos com que via
foram de sancta Luzia
e cabelos da Madanela

Digitized by Google

se ella fosse donzella
tudo essoutro passaria.
Moça de villa seraa ella
com sinalzinho postiço,
e sarnosa no toutiço,
como burra de Castella.
Eu assi como chegar,
cumpreme bem atentar
se he garrida, se he honesta,
porque o milhor da festa
he achar siso e calar.

Mãy. Se este escudeyro ha de vyr,
e he homem de discriçam,
has te de por em feyçam,
e falar pouco, e nam rir.
E mais Jnes nã muito olhar
e muyto cham o menear,
porque te julguem por muda
porque a moça sesuda
he hũa perla pera amar.

Esc. Olha ca Fernando, eu vou
ver a com que ey de casar,
[a]uisate, que has de estar
sem barrete onde eu estou.

Moço. Como a rey, corpo de mi,
muy bem vay isso assi,

Esc. E se cuspir polla vẽtura,
põelhe o pee, e faze mesura:

Moc. Ainda eu ysso nam vy.

Esc. E se me vires mintir
gabandome de priuado,
estaa tu dissimulado,
ou sayte la fora a ryr.
Jsto te auiso daqui,
fazeo por amor de mi

Moço. Porem senhor digo eu,
que mao calçado he o meu
pera estas vistas assi.

Esc. Que farey, que o çapateyro
nam tem sollas, nẽ tem pelle,

Moço. Çapatos me daria elle
se me vos desseis dinheyro.

Esc. Eu o auerey agora,
e mais calças te prometo:

Moço. Homem que nã tẽ nem preto
casa muyto na maa ora.

Chega o escudeyro onde esta Jnes pereyra, e aleuantão se todos, e fazem suas mesuras, e diz ho Escudeyro.

Antes que mais diga agora,
Deos vos salue, fresca rosa,
e vos de por minha esposa,
por molher, e por senhora.
Que bem vejo
nesse ar, nesse despejo,
muy graciosa donzella:
que vos sois minhalma aquella
que eu busco, e que desejo.
Obrou bem a natureza
em vos dar tal condiçam,
que amais a discriçam
muyto mais que a riqueza.

se fosse moça tam bela
como donzella seria.
Moça de villa seraa ella
com sinalzinho postiço
e sarnosa no toutiço
como burra de Castella.
Eu assi como chegar
compreme bem datentar
se he garrida, se honesta,
porque o milhor da festa
he achar siso e calar.

Mãy. Se este escudeyro ha de vir
e he homem de descriçam
has te de por em feyçam
de falar pouco e nam rir.
E mais Jnes nam muyto olhar
e muyto cham o menear
porque te julguem por muda
porque a moça sesuda
he hũa perla pera amar.

Escu. Olha ca Fernando, eu vou
ver a com que ey de casar,
auisate que has destar
sem barrete onde êu estou.

Moço. Como a Rey corpo de mi
muy bem vay isso assi.

Escu. E se cospir pola ventura
põelhe o pee e faze mesura.

Moço Ainda eu isso nam vi.

Escu. E se me vires mentir
gabandome de priuado
estaa tu dissimulado
ou sayte pera fora a rir
isto te auiso daqui
fazeo por amor de mi.

Moço. Porem senhor digo eu
que mao calçado he o meu
pera estas vistas assi.

Escu. Que farey que o çapateyro
nam tem solas nem tem pele.

Moço. Çapatos me daria elle
se me vos desseis dinheyro

Escu. Eu o auerey agora
e mais calças te prometo.

Moço Homem que nam tem nẽ preto
casa muyto na ma ora.

Chega o escudeyro onde estaa Ines pereyra, e diz.

Antes que mais diga agora
Deos vos salue fresca rosa
e vos de por minha esposa
por molher e por senhora.
Que bem vejo
nesse ar, nesse despejo
muy graciosa donzella
que vos sois minha alma aquella
que eu busco e que desejo.
Obrou bem a natureza
em vos dar tal condiçam
que amais a descriçam
muyto mais que a riqueza.

Digitized by Google

Bem parece.
que soo discriçam merece
gozar vossa fermosura,
que he tal que de ventura
outra tal nam se acontece.
Senhora eu me contento,
receberuos como estais,
se vos, vos não contentais,
o vosso contentamento
pode falecer no mais.
Latã. Como fala
Vid. Mas ella como se calla,
tem atento o ouuido,
Latã. Este ha de ser seu marido
segundo a cousa sabala.
Esc. Eu nam tenho mais de meu
soomente ser comprador
do Marichal meu senhor
e sam escudeyro seu.
Sey bem ler
e muyto bem escreuer,
e bom jugador de bola,
e quanto a tanger viola,
logo me ouuireis tanger.
Moço que estas la olhando,
Moço. Que manda vossa merce,
Esc. que venhas ca.
Moço. pera que
Esc. Pera fazeres o que mando.
Moço. Logo vou,
o diabo me tomou
tirarme de Joam montes,
por seruir hum tauanes
mor doudo que Deos criou.
Esc. Fuy despedir hum rapaz
por tomar este ladram,
que valia Perpinham,
moço.
Moço. que vos praz.
Esc. A viola,
Moço. Oo como ficara tola,
se nam fosse casar ante
co mais çafio bargante,
que coma pão e cebola.
Ey la aqui bem temperada
nam tendes que temperar,
Esc. Faria bem de ta quebrar
na cabeça, bem migada.
Moço. E se ella he emprestada
quem na auia de pagar.
Meu amo, eu quero mhyr,
Esc. E quando queres partir?

Moço. Antes que venha o inuerno
porque vos não dais gouerno
pera vos ninguem seruir.
Esc. Nam dormes tu que te farte,
Moço. No chão, e o telhado por mãta
e çarrasema gargãta
cõ fome.
Esc. Jsso tem arte.

Bem parece
que a descriçam merece
gozar vossa fermosura
que he tal que de ventura
outra tal nam sacontece.
Senhora eu me contento
receberuos como estaes
se vos nam vos contentaes
o vosso contentamento
pode falecer no mais.
Latã. Como fala.
Vidal. E ella como se cala

este ha de ser seu marido
segundo a coysa sabala.
Escu. Eu nam tenho mais de meu
somente ser comprador
do marichal meu senhor
e sam escudeyro seu.
Sey bem ler
e muyto bem escreuer
e bom jugador de bola,
e quanto a tanger viola
logo me vereis tanger
Moço que estas la olhando
Moço. Que manda vossa merce.
Escu. Que venhas ca.
Moço. Pera que?
Escu. Porque faças o queu mando.
Moço. Logo vou.
O diabo me tomou
sayrme de Jam montes
por seruir hum tauanes
mor doudo que Deos criou.
Escu. Fuy despedir hum rapaz
por tomar este ladram
que valia Perpinham,
moço.
Moço. Que vos praz.
Escu. A viola.
[Moço]Oo como ficaraa tola,
senam fosse casar ante
co mais çafeo bargante
que coma pão e cebola.
Eyla aqui bem temperada
nam tendes que temperar.
Escu. Faria bem de ta quebrar
na cabeça bem migada.
Moço. E se ella he emprestada
quem na auia de pagar,
meu amo, eu quero mir.
Escu. E quando queres partir?
Moço. Logo quero começar
Determino de partir
ante que venha o inuerno
porque vos nam daes gouerno
pera vos ninguem seruir.
Escu. Nam dormes tu que te farte.
Moço. No chão e o telhado por mãta
e çarrassema garganta
de fome.
Escu. Jsso tem arte,

Digitized by Google

Moço. Vos sempre zõbais assi,
Esc. Oo que boas vozes tem
esta viola aqui,
deixame casar a mi,
depois eu te farey bem.
Mãy. Agora vos digo eu
que Jnes estaa no parayso,
Jnes. Que tendes de ver cõ isso
todo o mal ha de ser meu.
Mãy. Quanta doudiçe,
Jnes. Como he seca a velhice,
leixaime ouuir, e folgar,
que nam me ey de contentar
de casar com paruoice.
Pode ser mayor riqueza?
que hum homem auisado,
Mãy. muitas vezes mal peccado
he milhor boa simpreza.
Latam. Ora ouui, e ouuireis,
escudeyro cantareis
algũa boa cantadela,
namoray esta donzela
esta cantiga direis.
Canta o Judeu.
Canas do amor, canas
canas do amor.
Polo longo de hum rio
canaual vy florido,
canas do amor.

Canta o escudeyro o romãce de mal me quieren en Castilla e diz, Vidal.

Latam, ja o sono he comigo
como oyuo cantar guayado,
que nam vay esfandegado,
Lat. E se he o demo queu digo,
Viste cantar dona Sol?
Pello mar vay a vella,
vela vay polo mar.
Latam. Filha Jnes, assi viuaes,
que tomeis esse senhor,
escudeyro, cantador,
e caçador de pardaes,
Sabedor, reboluedor,
falador, gracejador,
afoytado pella mão,
e sabe de gauiam,
tomayo por meu amor.
Podeis topar hũ rabujento
desmazalado, baboso,
descancarrado, brigoso,
medroso, carrapatento,
Este escudeyro sosadas
onde se derem pancadas
elle as ha de leuar,
boas senam apanhar.
nelle tendes doas fadas
Mãy. Quero rir, com todaa magoa
destes teus casamenteiros,
nunca vi Judeus ferreiros
aturar tambem a fragoa.
Não tee milhor, mal por mal
Jnes, hum bom official

Moço. Vos sempre zombais assi.
Escu. Oo que boas vozes tem
esta viola aqui
leyxame casar a mi
depois eu te farey bem.
May. Agora vos digo eu
que Jnes estaa no paraiso.
Jnes. Que tendes de ver co isso
todo mal ha de ser meu.

Oo como he seca a velhice.
Leixayme ouuir e folgar
que nam mei de contentar
de casar com paruoice.
Pode ser mayor riqueza
que hũ homem auisado.
Mai. Muitas vezes mal pecado
he milhor boa simpreza.
Latã. Ora oyui e oyuireis

dizei algũa cantadela
namorai esta donzela
e esta cantiga direis

canas do amor canas
canas do amor.
polo longo de hũ rio
canaual estaa florido
canas do amor.

Canta o escudeyro ho romãce de mal me quieren en Castilha, e diz Vidal.

Latam ja o sono he comigo
como oyço cantar guayado
que nam vay esfandagado.
Latã. E se he o demo queu digo
viste cantar dona so,
pelo mar vay a vela
vela vay pelo mar.
Vidal. Filha ynes asi viuaes
que tomeis esse senhor
escudeyro cantador
e caçador de pardaes
sabedor reuoluedor
falador gracejador
afoytado pola mam
e sabe de gauiam
tomayo por meu amor.
Podeis topar hũ rabugento
desmazelado baboso
descancarrado brigoso
medroso carapatento
este escudeyro a osades,
onde se derem pancadas
ele as ade leuar
boas, senam apanhar
nele tendes boas fadas.
Mai. quero rir com toda a magoa
destes teus casamenteyros
numca vi judeus ferreyros
aturar tambem a fragoa:
nam te he milhor mal por mal
Jnes hũ bom ofecial

Digitized by Google

que te ganhe nessa praça
que he hum escrauo de graça,
e casaras com teu ygual.
Latam. Senhora perdey cuydado
o que ha de ser, ha de ser,
e ninguem pode tolher
o que estaa determinado.
Vidal. Assi diz Rabbi Zarão,
Mãy. Jnes guarte de rascam
escudeyro queres tu.
Jnes. Jesu, nome de Jesu,
quam fora sois de feyçam.
Ja minha mãy adeuinha
ouuestes por vaidade
casar a vossa vontade,
eu quero casar a minha,
Mãy. Casa filha muyto ẽbora,
Esc. Dayme essa mão senhora
Jnes. Senhor de mui boa mẽte
Esc. Por palauras de presente
vos recebo desdagora.
Nome de Deos assi seja,
Eu Bras da mata escudeiro
recebo a vos Jnes pereyra
por molher e por parceyra
como manda a sancta ygreja
Jnes. Eu aqui diante Deos
Jnes pereyra recebo a vos
Bras da mata, sem demãda,
como a sancta ygreja mãda

Lat. Juro al deu ahi somos nos
Os Judeus ambos.
Alça manim dona o dono ha
arrea especulaa,
bento o deu de Jacob,
bento o deu que a Pharao
espantou, e espantaraa.
Bento o deu de Abraham,
benta a terra de Canam.
pera bem sejais casados
Vid. Dainos ca senhos ducados
Mãi. Aamenhaã volos darão.
Pois assi he, bem seraa
que nam passe isto assi,
eu quero chegar alli
chamar meus amigos ca.
E cantaram de terreyro
Esc. Oo quem me fora solteiro
Jnes. Ja vos vos arrepẽdeis,
Esc. Oo esposa nam faleis
que casar he catiueyro.

Aqui vem a Mãy cõ certas moças e mãcebos, pera fazerẽ a festa, e diz hũa dellas per nome Luzia.

Jnes por teu bem te seja,
oo que esposo, e que alegria,
Jnes. Venhas embora Luzia,
e cedo te eu assy veja.
Mãy. Ora vay tu alli Jnes,
e baylareis tres, por tres,
Fern. Tu com nosco Luzia aqui

que te ganhe nessa praça
que he hum escrauo de graça
e mais casas com teu ygual.
Latã. Senhora perdey cuydado
o que ha de ser ha de ser
e ninguem pode tolher
o que esta determinado
Vidal. Assi diz rabizaram
Mai. Jnes guarte de rascam
escudeyro queres tu.
Jnes. Jesu nome de Jesu
quam fora soes de feiçam!
Ja minha mãy adeuinha,
folgastes vos na verdade
casar aa vossa vontade?
eu quero casar aa minha.
Mãy Casa filha muytembora.
Escu. Dayme ca essa mão senhora.
Jnes. Senhor de muy boa mente.
Escu. Per palauras de presente
vos recebo desdagora.
Nome de Deos assi seja,
eu Bras da mata escudeyro
recebo a vos Jnes pereyra
por esposa verdadeyra
como manda a sancta ygreja.
Jnes. Eu aqui diante Deos
Jnes pereyra recebo a vos
sem mais preço nem demanda
como a sancta ygreja manda
a Bras da mata.
Latã. ahi somos nos.

Vidal. Alça manim dona oo dona ha
arrea especulaa
bento o deu de Jacob
bento o deu que a Pharao
espantou e espantaraa.
Bento o deu de Abraham
benta a terra de Canam
pera bem sejaes casados
daynos ca senhos ducados.
Mãy. Amenhaã volos daram.
Pois assi he, bem seraa
que nam passe isto assi,
eu quero chegar ali
chamar meus amigos ca
e baylarão de terreyro.
Escu. Oo quem me fora solteyro
Jnes. Ja vos vos arrependeis.
Escu. Oo esposa nam faleis
que casar he catiueyro.

Vem a mãy cõ certas moças & mancebos pera fazerem festa, & diz hũa dellas per nome Luzia.

Jnes por teu bem te seja
oo que esposo e que alegria.
Jnes. Venhas embora Luzia
e cedo teu assi veja.
Mãy. Ora vay tu ali Jnes
e baylareis tres por tres
Fern. Tu com nosco Luzia aqui

Digitized by Google

e a desposada ally,
ora vede qual direis.
Cantam todos a cantiga que se segue.
Mal ferida va la garça
enamorada,
sola va, y gritos daua.
A las orillas de vn rio
la garça tenia el nido,
ballestero la ha herido
enel alma,
sola va y gritos daua.

Fernando.
Ora senhores honrrados
ficay com vossa merce,
e nosso senhor vos dee
com que viuaes descãçados.
Jsto foy assi agora,
mas melhor seraa outrora,
perdoay pello presente:
foy pouco e de boamente
com vossa merce senhora.

Luzia. Ficay cõ Deos, desposados,
com prazer, e com saude,
e sempre elle vos ajude
com que sejais bẽ logrados.

Mãy. Ficay cõ Deos, filha minha,
nam virey ca tam asinha
a minha bençam ajais,
esta casa em que ficais
vos dou, e voume a casinha.
Senhor filho, e senhor meu
pois que ja Jnes he vossa
vossa molher e esposa,
encomendouola eu.
E pois que desque nasceo
a outrem nam conheceo
se nam a vos por senhor,
que lhe tenhais muyto amor
que amado sejais no ceo.

Jda a mãy fica Jnes Pereira e o escudeyro, e sentase Jnes pereyra a laurar, e canta esta cantiga.
Si no os vuiera mirado
no penara.
pero tan poco os mirara.

O escudeyro vendo cantar a Jnes pereyra, muy agastado lhe diz.
Vos cantais Jnes pereyra
em bodas me andaueis vos,
juro ao corpo de Deos
que esta seja a derradeyra
Se vos eu vejo cantar
eu vos farey assouiar,

Jnes. Bofee señor meu marido
se vos disso sois seruido
bem o posso eu escusar,

Esc. Mas he bem que o escuseis,
e outras cousas que não digo,

Jnes. porque bradais vos comigo

Esc. Sera bem que vos caleis

e a desposada ali,
ora vede qual direis.
Cantam todos de terreyro.
Mal ferida yua la garça
enamorada,
sola va y gritos daua.

E acabando de cantar e baylar diz Fernando.
Ora senhores honrrados
ficay com vossa merce
e nosso Senhor vos dee
com que viuaes descansados.

Luzia. Ficay com Deos desposados
Com prazer e com saude
e sempre elle vos ajude
com que viuaes descansados,
esta festa foy agora
mas milhor seraa outrora.

Mãy. Ficay cõ Deos filha minha
nam virey ca tanasinha
a minha bençam ajaes
esta casa em que ficaes
vos dou e voume aa casinha.
Senhor filho e senhor meu
pois que ja Jnes he vossa
vossa molher e esposa
encomendouola eu,
e pois que desque naceo
a outrem nam conheceo
senam a vos por senhor
que lhe tenhaes muyto amor
que amado sejais no ceo.

Vayse, e fica o escudeyro com sua molher, o qual diz.

E vos cantaes Jnes pereyra
em vodas mandaueis vos
juro ao corpo de Deos
que esta seja a derradeyra.
Se vos eu vejo cantar
eu vos farey assouiar.

Jnes. Bofee senhor meu marido
se vos disso soes seruido
bem o posso eu escusar.

Escu. Mas he bem que o escuseis
e outras cousas que nam digo

Jnes. Porque bradaes vos comigo.

Escu. Seraa bem que vos caleis

Digitized by Google

E mais sereis auisada
que não me respondais nada
em que ponha fogo a tudo,
porque o homem sesudo
tras a molher sopeada.
Vos não aueis de falar
cõ homẽ nẽ molher que seja,
nem somente yr aa ygreja
nam vos quero eu leyxar.
Ja vos preguey as janelas,
porque vos não ponhais nellas
estareis aqui encerrada,
nesta casa tam fechada
como freyra Doudiuelas.
Jnes. Que peccado foy o meu
porque me dais tal prisam,
Esc. Vos buscais discriçam
que culpa vos tenho eu.
Pode ser mayor auiso,
mayor discrição e siso,
que guardar eu meu tisouro
nã sois vos molher meu ouro
que mal faço em guardar isso.
Vos não aueis de mandar
em casa somente hum pelo,
se eu disser, isto he nouelo
aueylo de confirmar:
E mais quando eu vier
de fora aueis de tremer,
e cousa que vos digaes
nam vos ha de valer mais,
que aquilo que eu quiser.
Moço, as partes dalem
me vou fazer caualeyro,
Moço. Se vos tiuesseis dinheyro
nam seria senam bem.
Esc. Tu has de ficar aqui
olha por amor de mi
o que faz tua senhora,
fechala has sempre de fora
vos lauray ficay per hy.
Moço. Com o que me vos deixays
nam comerey eu galinhas:
Esc. Vayte tu por essas vinhas
que diabo queres mais.
Moço. Olhay olhay como rima,
e depois de yda a vendima?
Esc. Apanha desse rabisco,
Moço. Pesar ora de sam pisco,
conuidarey minha prima.
E o rabisco acabado
irmey espojar aas eyras,
Esc. Vayte por essas figueyras
e fartate desmazelado.
Moço. Assi
Esc. pois que cuidauas
e depois viram as fauas,
conheces tubaras da terra?
Moço. Hiuos vos ẽbora aa guerra
que eu vos guardarey oytauas.
Jdo o escudeyro, diz ho Moço.
Senhora o que elle mandou
nam posso menos fazer,

e mais sereis auisada
que nam me respondais nada
em que ponha fogo a tudo,
porque o homem sesudo
traz a molher sopeada.
Vos nam aueis de falar
com homem nem molher que seja
soomente yr aa ygreja
nam vos quero eu leyxar.
Ja vos preguey as janelas
porque nã vos ponhaes nellas
estareis aqui encerrada
nesta casa tam fechada
como freyra Doudiuelas
Jnes. Que peccado foy o meu
porque me daes tal prisam.
Escu. Vos buscastes descriçam
que culpa vos tenho eu.
Pode ser mayor auiso
mayor descriçam e siso
que guardar eu meu tisouro
nam soes vos molher meu ouro
que mal faço em guardar isso.
Vos nam aueis de mandar
em casa somente hum pelo
se eu disser, isto he nouelo
aueylo de confirmar:
E mais quando eu vier
de fora, aueis de tremer
e cousa que vos digaes
nam vos ha de valer maes
daquilo que eu quiser.
Moço aas partes dalem
vou fazerme caualeyro
Moço. Se vos tiuesseis dinheyro
nam seria senam bem.
Escu. Tu has de ficar aqui
olha por amor de mi
o que faz tua senhora,
fechalahas sempre de fora
vos lauray ficay per hi.
Moço. Co dinheyro que leyxais
nam comerey eu gallinhas?
Escu. Vayte tu per essas vinhas
que diabo queres mais.
Moço. Olhay olhay como rima,
e depois de yda a vendima?
Escu. Apanha desse rabisco.
Moço. Pesar ora de sampisco.
e convidarey minha prima.
E o rabisco acabado
irmey espojar aas eyras,
Escu. Vayte per essas figueyras
e fartate desmazelado.
Moço. Assi.
Escu. pois que cuidauas
e depois viram as fauas.
conheces tubaras de terra?
Moço. Hyuos vos embora aa guerra
que eu vos guardarey oytauas.
Ido o escudeyro diz o moço.
Senhora o que elle mandou
nam posso menos fazer.

Digitized by Google

Jnes. Pois que te da de comer
faze o que te encomendou.
Moço. Vos fartayuos de laurar
eu me vou desenfadar
com essas moças la fora
vos perdoayme senhora
porque vos ey de fechar.
Aqui fica Jnes pereyra soo fechada laurando, e cãtando esta cantiga.
Quẽ bem tem, e mal escolhe,
por mal que lhe venha, nã sanoje.
Falado.
Renego da discriçam,
comendo ao demo o auiso,
que sempre cuidey que nisso
estaua a boa condiçam
cuidey que fossem caualeyros
fidalgos e escudeyros,
nam cheos de desuarios,
e em suas casas massios
e na guerra lastimeyros.
Vede que caualaria
vede ja que mouros mata,
quem sua molher maltrata
sem lhe dar de paz hum dia
E sempre ouui dizer
que homem que isto fizer
nunca mata drago em vale,
nem mouro que chamem Ale
e assi deue de ser.
Juro em todo meu sentido
que se solteyra me vejo
assi como eu desejo,
que eu sayba escolher marido
A boa fee sem mal engano
pacifico todo o anno
que ande a meu mandar,
auia me eu de vingar
deste mal, e deste dano.
Entra o moço com hũa carta de Arzila, e diz.
Esta carta vem dalem
creo que he de meu senhor,
Jnes. mostrai ca meu guardamor
veremos o que ahy vem.
Lee o sobrescrito.
A muy prezada senhora,
Jnes Pereyra da graã,
a senhor minha yrmaã.

Jnes. De meu irmão venha ẽbora
Moço. Vosso yrmão esta em Arzila
apostarey que hy vem
noua de meu senhor tambẽ.
Jnes. Ja elle partio de Tauila?
Moço. Ha tres meses que he passado
Jnes. Aqui viraa logo recado
se lhe vay bem, ou que faz.
Moço. Bẽ pequena he a carta assaz,
Jnes. Carta de homẽ auizado.
Lee Jnes pereyra a carta a qual diz.
Muyto honrrada yrmaã,

Jnes. Pois que te daa de comer
faze o que tencomendou.
Moço. Vos fartayuos de laurar
eu me vou desenfadar
com essas moças la fora
vos perdoayme senhora
porque vos ey de fechar.
Fica fechada Ines pereyra e laurando canta.
Quem bem tem e mal esco[l]he
por mal que lhe venha nam sanoje.
Falado.
Renego da discriçam
comendo oo demo o auiso
que sempre cudey que nisso
estaua a boa condiçam,
cudey que fossem caualeyros
fidalguos e escudeyros
nam cheos de desuarios
e em suas casas massios
e na guerra lastimeyros.
Vede que caualarias
vede ja que mouros mata
quem sua molher mal trata
sem lhe dar de paz hum dia.
Sempre eu ouui dizer
que o homem que isto fizer
nunca mata drago em vale
nem Mouro que chamem Ale
e assi deue de ser.
Juro em todo meu sentido
que se solteyra me vejo
assi como eu desejo
que eu sayba escolher marido.
A boa fee sem mao engano
pacifico todo anno
e que ande a meu mandar
auia meu de vingar
deste mal e deste dano.
Entra o moço com hũa carta, e diz.

Esta carta vem dalem
creo que he de meu senhor
Jnes. Mo strai ca meu guarda mor
e veremos o que hi vem

sobrescrito. Aa senhora muy prezada
Jnes pereyra da graam,
aa senhora minha yrmaã
em Tomar lhe seja dada.
De meu yrmão venha embora
Moço. Vosso yrmão estaa em Arzila
eu apostarey que hi vem
noua de meu senhor tambem.
Jnes. Ja elle partio de Tauila.
Moço. Ha tres meses que he passado
Jnes. Aqui viraa logo recado
se lhe vay bem, ou que faz.
Moço. Bem pequena he a carta assaz.
Jnes. Carta de homem auisado.
Lee a carta.
Muyto honrada irmaã

Digitized by Google

esforçay o coraçam,
e tomay por deuaçam
de querer o [que] Deos quer,
Jnes. E ysto que quer dizer,
Prosegue.
E nam vos marauilheis
de cousa que o mundo faça,
que sempre nos embaraça
com cousas, sabey que indo
vosso marido fogindo
da batalla pera a villa,
a mea legoa de Arzila
ho matou hũ mouro pastor.
Moço. Oo meu amo, e meu señor
Jnes. Dayme vos ca essa chaue,
e hy buscar vossa vida,
Moço. O que triste despedida,
Jnes. mas que noua tam suaue.
Desatado he o noo
se eu por elle ponho doo
o diabo marrebente,
pera mi era valente,
e matouho hum mouro soo.
Guardar de caualeyram
barbudo, repetenado,
que em figura dauisado
he malino, e sotrancam.
Agora quero tomar
pera boa vida gozar
hum muyto manso marido
nam no quero ja sabido
pois tam caro ha de custar.

Aqui vẽ Lianor vaz, e finge Jnes pereyra estar chorando, e diz Lianor vaz

Lia. Como estaes Jnes pereyra
Jnes. Muito triste, Lianor vaz
Lia. Que fareis ao que Deos faz
Jnes. Casey por minha cãseyra.
Lia. Se ficastes prenhe basta,
Jnes. Bẽ quisera eu delle casta
mas nã quis minha vẽtura:
Lia. Filha nam tomeis tristura
que a morte a todos gasta.
O que auedes de fazer
casadeuos filha minha,
Jnes. Jesu Jesu, tam asinha,
isso me aueis de dizer,
Quẽ perdeo hũ tal marido
tam discreto, e tam sabido,
e tam amigo de minha vida,
Lia. Day isso por esquecido
e buscay outra guarida.
Pero marquez tem que erdou
fazenda de mil cruzados
mas vos quereis auisados,
Jnes. Nã, ja esse tempo passou.
Sobre quantos mestres sam
a experiencia da liçam,
Lia. Pois tendes esse saber
querey ora quem vos quer,
day oo demo a openiam.

Vay Lianor vaz por Pero marquez, e fica Jnes pereyra soo dizendo.

esforçae ho coração,
e tomae por deuaçam
de querer ho que Deos quer,
Jnes. e isto que quer dizer
pro- e nam vos marauilheis
segue. de cousa que ho mundo faça,
que sempre nos embaraça
com cousas sabei que indo
vosso marido fogindo
da batalha pera a villa
mea legoa darzilla
ho matou hum mouro pastor:
Moço. hoo meu amo e meu senhor
[Jnes.] Dayme vos ca essa chaue
e hi buscar vossa vida
Moço. Hoo que triste despedida
Jnes. Oo que noua tam suaue
desatado he ho noo
seu por elle ponho doo
ho diabo marrebente
pera mim era valente
e matouho hum mouro soo
guardar de caualeyram
barbudo repetenado
que em figura dauisado
he malino e sotrancam:
agora quero tomar
pera boa vida gozar
hum muyto manso marido
nam no quero ja sabido
pois tam caro ha de custar.

Vem Lianor vaz visitala, e ella fingese muyto anoiada.

Lia. como estaes Jnes pereyra
Jnes. muyto triste Lianor vaz
Lia. que fareis ao que Deos faz
Jnes. casey por minha canseyra
Lia. se ficastes prenhe basta,
Jnes. bem quisera eu delle casta
mas nam quis minha ventura
Lia. filha não tomeys tristura
que a morte a todos gasta
O que auedes de fazer
casade vos filha minha.
Jnes. Jesu Jesu tanasinha,
isso maueis de dizer
quem perdeo hum tal marido,
tam discreto e tam sabido,
e tam amigo de minha vida
Lia. dae isso por esquecido
buscae outra guarida:
Pero marquez tem que herdou
fazenda de mil cruzados,
mas vos quereis avisados.
Jnes. Nam? ja esse tempo passou
sobre quantos mestres sam
esperiencia daa liçam.
Lia. Pois tendes esse saber
querey ora a quem vos quer
day oo demo a opiniam

Vayse Lianor vaz por Pero marquez.

Digitized by Google

Andar Pero marquez seja
quero tomar por esposo
quem se tenha por ditoso
de cada vez que me veja.
Por vsar de siso mero
asno que me leue quero,
e nam caualo folam:
antes lebre, que liam:
antes laurador que Nero.

Vem Lianor vaz, cò Pero marquez, e diz Lianor vaz.

No mais cerimonias agora
abraçay Jnes pereyra
por molher, e por parceyra,

Pero. Ha homẽ ẽpacho maora:
Quanta a dizer abraçar.
depois que a eu vsar.
entonces podera ser:

Jnes. Nã lhe quero mais saber,
Ja me quero contentar.

Lia. Ora dayme essa mão ca
sabeis as palavras, si:

Pero. Ensinarãmas a my
porem esqueçem me ja.

Lia. Ora dizey como digo.

Pero. E tendes vos aqui trigo
pera nos geytar por cima,

Lia. Jnda he cedo, como rima.

Pero. Soma, vos casais comigo
E eu com vosco pardelhas
nam compre aqui mais falar
e quando vos eu negar
que me cortem as orelhas.

Lia. Voume, ficayuos embora,

Vaise, e diz Jnes pereyra.

Jnes. Marido sayrei eu agora?
que ha muyto que nam sahi,

Pero. Si molher, sahi vos hy
que eu me yrey para fora.

Jnes. Marido nam digo disso,

Pero. Pois que dizeis vos molher

Jnes. Yr folgar onde eu quiser,

Pero. Hi onde quiserdes yr,
vinde quando quiserdes vyr
estay quando quiserdes estar
com que podeis vos folgar,
que eu nam deua consentir.

Vem hum hermitão a pedir esmola, que em moço lhe quis bem, e diz.

Senhores por charidad
dad limosna al dolorido
hermitaño de cupido,
para siempre en soledad
pues su sieruo soy nascido.
Por exemplo,
me meti en su sancto templo
hermitaño, en pobre hermita
fabricada de infinita
tristeza en quien contemplo.
A donde rezo mis horas
y mis dias y mis años,
mis seruicios, y mis daños,
donde tu mi alma lloras

Jnes. Andar, Pero marquez seja
quero tomar por esposo
quem se tenha por ditoso
de cada vez que me veja.
Por husar de siso mero
asno que me leue quero
e nam cavalo folam
antes lebre que liam
antes laurador que Nero.

Vem Lianor vaz com Pero marquez.

No mais cerimonias agora
abraçay Jnes pereyra
por molher e por parceyra

Pero. Ha homem empacho ma ora
quanta a dizer abraçar.
Depois que a eu husar
entonces poderaa ser

Jnes. Nam lhe quero mais saber
ja me quero contentar

Lia. Ora dayme essas mãos ca
sabeis as palauras, si

Pero. Ensinaram mas a mi
perem esquecem me ja.

Lia. Ora dizey como digo

Pero. E tendes vos aqui trigo
pera nos geytar por riba.

Lia. Jnda he cedo, como rima.

Pero Soma vos casaes comigo,
E eu com vosco pardelhas
nam compre aqui mais falar
e quando vos eu negar
que me cortem as orelhas.

Lia. Voume, ficayuos embora.

Jnes. Marido e sayrey eu agora
que ha muyto que nam sahi.

Pero. Si molher sahi vos hi
queu me sayrey pera fora.

Jnes. Marido nam digo disso.

Pero. Pois que dizeis vos molher.

Jnes. Yr folgar onde eu quiser.

Pero. Hi onde quiserdes yr
vinde quando quiserdes vir
estay quando quiserdes estar
com que podeis vos folgar
queu nam deua consentir.

Vem hum hermitam a pedir esmola, e diz.

Senhores por caridad
dad limosna al dolorido
hermitaño de Copido
para siempre en soledad
pues su sieruo soy nacido.
Por exemplo
me meti en su sancto templo
hermitaño en pobre hermita
abastada de infinita
tristeza en que contemplo
Adonde rezo mis horas
y mis dias y mis años
mis seruicios y mis daños
donde tu mi alma lloras

Digitized by Google

el fin de tantos engaños.
Y acabando
las horas todas llorando,
tomo las cuentas vna a vna
con que tomo a la fortuna
cuenta del mal en que ando
sin esperar paga alguna.
Y ansi sin esperança
de cobrar lo merescido,
siruo alli mis dias Copido
con tanto amor sin mudança
que soy su sancto escogido.
Oo senhores
los que bien os va damores
dad limosna al sin holgura,
que habita en sierra escura,
vno de los amadores
que tuuo menos ventura.
Yo rogare al dios de mi
en quie[n] mis sentidos traigo,
que recibais mejor pago
de lo que yo recebi
enesta vida que hago.
Y rezare
com gran deuocion y fee
que Dios os libre dengaño,
que esso me hizo hermitaño
y para siempre sere
pues para siempre es mi daño.

Jnes. Olhay ca marido amigo
eu tenho por deuaçam
dar esmola a hum hermitão,
e nam vades vos comigo.

Pero. Hi vos embora molher
nam tenho la que fazer,

Jnes. Tomay a esmola padre la
pois que deos vos trouxe aqui

Erm. Sea por amor de mi
vuestra buena caridad.
Deo gracias mi señora
la limosna mata el peccado
pero vos teneis cuidado
de matarme cada hora
Deueis saber
para merced me hazer
que por vos soy hermitaño,
y aun mas os desengaño
que esperanças de os ver
me hizieron vestir tal paño.

Jnes. Jesu Jesu, manas minhas,
soes vos aquelle que hum dia
em casa de minha tia
me mandastes camarinhas.
E quando aprendia a laurar
mãdaueisme tanta cousinha,
eu era ainda Jnesinha
nam vos queria falar.

Erm. Señora tengo os seruido
y vos a mi despreciado,
hazed que el tiempo passado
no se cuente por perdido.

Jnes. Padre muy bẽ vos entẽdo

dolor de tantos engaños.
Y acabando
las horas, todas llorando
tomo las cuentas vna y vna
con que tomo ala fortuna
cuenta del mal en que ando
sin esperar paga alguna.
Y ansi sin esperança
de cobrar lo merecido
siruo alli mis dias Copido
con tanto amor sin mudança
que soy su sancto escogido.
Oo senhores
los que bien os va damores
dad limosna al sin holgura
que habita en sierra escura
vno delos amadores
que tuuo menos ventura.
Y rogare al Dios de mi
en que mis sentidos traygo
que recibais mejor pago
delo que yo recebi
en esta vida que hago.
Y resare
con gran deuocion y fee
que Dios os libre dengaño
que esso me hizo hermitaño
y para siempre seree
pues para siempre es mi daño.

Jnes. Olhay ca marido amigo
eu tenho por deuaçam
dar esmola a hum hermitam
e nam vades vos comigo.

Pero. Hi vos embora molher
nam tenho la que fazer.

Jnes. Tomay a esmola padre la
pois que Deos vos trouxe aqui.

Ermi. Sea por amor de mi
vuessa buena caridaa.
Deo gracias mi señora
la limosna mata el peccado
y vos teneis buen cuydado
de ser de mi matadora.
Deueis saber
para merce me hazer
que por vos soy hermitaño
y aun mas os desengaño
que esperança de os ver
me hizo vestir tal paño.

Jnes. Jesus Jesus manas minhas
soes vos aquelle que hum dia
em casa de minha tia
me mandastes camarinhas
E quando aprendia a laurar
mandaueisme tanta cousinha
eu era ainda Jnesinha
nam vos queria falar.

Ermi. Señora tengoos seruido
y vos a mi despreciado,
hazed que el tiempo passado
no se cuente por perdido.

Jnes. Padre muy bem vos entendo

Digitized by Google

oo demo vos encomendo
que bem sabeis pedir,
eu determino l[a] dhir
aa ermida Deos querendo.
Erm. Y quãdo.
Jnes. hi vos meu sancto
que eu yrey hum dia destes
muyto cedo, muyto prestes:
Erm. Señora yo me voy en tãto.
Jnes. Em tudo he boa a cõcrusam
marido aquelle hermitão
he hum anginho de Deos,
Pero. Corregeuos esses veos
e pondeuos em feyçam.
Jnes. Sabeis vos o que eu queria
Pero. Que quereis minha molher.
Jnes. Que ouuesseis por prazer
de yrmos la em romaria.
Pero. Seja logo sem deter,
Jnes. Este caminho he cõprido,
contay hũa estoria marido:
Pero. Bofa que me praz molher
Jnes. Passemos primeyro o rio,
descalçaiuos.

Pero. e pois como
Jnes. E leuarme eis ao hombro
não me corte a madre o frio.
Põe-se Jnes Pereyra aas costas do marido e diz.
Marido assi me leuade
Pero. Ydes aa vossa vontade?
Jnes. Como estar no parayso
Pero. Muyto folgo eu com isso.
Jnes. Esperade ora esperade.
olhay que lousas aquellas,
pera poer as talhas nellas,
Pero. Quereis que as leue.
Jnes. Sl
hũa aqui, e outra aqui,
oo como folgo com ellas.
Cantemos marido quereis
Pero. Eu nam saberey entoar,
Jnes. Pois eu ey soo de cantar
e vos me respondereis
cada vez que eu acabar,
Pois assi se fazem as cousas.
Canta Jnes pereyra.
Marido cuco me levades
e mais duas lousas,
Pero. Pois assi se fazẽ as cousas:
Jnes. Bem sabedes vos marido
quanto vos amo
sempre fostes percebido
pera gamo,
Caregado ydes nossamo
com duas lousas,
Pero. Pois assi se fazẽ as cousas.
Jnes. Bem sabedes vos marido
quanto vos quero,
sempre fostes percebido
pera ceruo

oo demo que vos eu encomendo
que bem sabeis vos pedir.
Eu determino la dir
aa ermida Deos querendo.
Ermi. E quãdo.
Jnes. Hiuos meu sancto
que eu yrey hum dia destes
muyto cedo e muyto prestes.
Ermi. Señora yo me voy en tanto.
Jnes. Em tudo he bo a concrusam
marido aquelle hermitam
he hum anginho de Deos
Pero. Correge vos esses veos
e pondeuos em feyçam.
Jnes. Sabeis vos o que eu queria
Pero. Que quereis minha molher.
Jnes. Que ouuesseis por prazer
de yrmos la em romaria.
Pero. Seja logo sem deter
Jnes. Ora este caminho he comprido,
contay hũa historia marido.
Pero. Bofa que me praz molher.
Jnes. Passemos primeyro o rio
descalçayuos.
Pero. Assi ha de ser
e pois como
Jnes. E leuarmeeis no hombro
nam me corte a madre o frio.
Poese aas costas do marido.

Assi.
Pero. Ydes aa vossa vontade.
Jnes. Como estar no paraiso.
Pero. Muyto folgo eu co isso.
Jnes. Esperade ora esperade.
olhay que lousas aquelas
pera poer as talhas nelas.
Pero. Quereis que as leue.

Jnes. Si, hũa aqui e outra aqui
oo como folgo com ellas
cantemos.
Pero. Se vos quereis.

Jnes. E vos me respondereis
a tudo quanto eu cantar
pois assi se fazem as cousas.
Canta Ines pereyra.
Marido cuco me leuades
e mais duas lousas.
Pero. Pois assi se fazem as cousas
Jnes. Bem sabedes vos marido
quanto vos quero
sempre fostes percebido
pera ceruo.
Agora vos tomou o demo
com duas lousas.
Pero. Pois assi se fazem as cousas
Jnes. Bem sabedes vos marido
quanto vos amo
sempre fostes percebido
pera gamo.

Digitized by Google

Agora vos tomou o demo
com duas lousas,
Pero. pois assi se fazem as cousas.
E assi se vam, e se acaba o dito Auto.
Laus Deo.

Carregado ydes nossamo
com duas lousas.
Pero. Pois assi se fazem as cousas.
E assi se vam e se acaba a dita farsa.
Laus Deo.

Aqui fica transcrito o *Auto de Inês Pereira* nas suas duas mais antigas versões, uma desconhecida, a outra com bastantes incorrecções divulgada na edição de Hamburgo de 1834 e desta transcrita para as de Lisboa de 1852 e de Coímbra de 1912. Para amostra apontarei algumas das aludidas incorrecções, servindo-me da edição de Lisboa. Nesta pois, no tomo III, lê-se na pág. 129: *E ficamos dous heroes*, por *e ficamos dous ereos*; na mesma pág., *Se lhe vem melhor alguem*, por *se lhe vem milhor ninguem*; na pág. 136, *E assi como chegar*, por *Eu assi como chegar;* na pág. 141, *Viste cantar «Danaso*, por *viste cantar dona so*, ou *dona Sol*, como aparece na edição mais antiga; pág. 151, *Ah, eu m'empacho má ora*, por *Ha homem empacho ma ora*, etc., além da supressão dalgumas rúbricas: *Vayse Pero marquez, e diz Inez pereyra*, quási ao fundo da pág. 131; *Vayse [a Mãy] e fica o escudeyro com sua molher, o qual diz*, pág. 145, entre os dois primeiros versos.

Da transcrição da *Inês Pereira* do exemplar de Madrid deduz-se, a meu ver, mais um argumento para prova da minha conjectura de pág. 237: Gil Vicente não chegou a compilar todas as suas obras no tal «livro muito grande». Se êle tivesse lá transcrito esta farsa, como se poderá compreender havê-la Luís Vicente passado incorrecta e deficiente para a edição de 1562? E' verdade que também se não compreende, como é que êle se não aproveitou da redacção já impressa e nos deu outra muito inferior; mas, se isto é difícil de explicar, impossível certamente é admitir que houvesse sido o próprio Gil Vicente, ao compilar as suas obras, quem tivesse adulterado esta, para o que nem mesmo a vèlhice daria cabal explicação.

Outra confirmação de asserção minha encontro na edição antiga do *Auto de Inês Pereira*. E' quando «entra o moço com huma carta de Arzila e diz.

Esta carta vem dalem. [1] »

Tenho aqui o próprio Gil Vicente a empregar a palavra *alem* para designar uma das praças do norte de África então na posse dos Portugueses, e isto vem dar toda a fôrça à minha argumentação de págs. 119 a 121 para marcar a data da composição da farsa de *Quem tem farelos*.

Esta observação sugere-me a idea de, para terminar, pôr aqui algumas correcções e considerações a todo o meu estudo, as quais não caberiam na simples e infelizmente inevitável tabela de erratas. Começarei pelo principal retoque, expondo o que mais me ocorreu àcêrca da pátria de Gil Vicente, em aditamento ao aduzido na pág. 29.

Em confirmação da conjectura do poeta haver sido natural da província da Beira, vêem dar notável fôrça as observações já em 1892 apresentadas pelo dr. Leite de Vasconcelos na sua *Nota sobre a linguagem de Gil Vicente* publicada no

[1] Pág. 380.

Digitized by Google

vol. II da REVISTA LUSITANA, págs. 340 a 342. Aponta o erudito e benemérito director daquela publicação para o facto de Gil Vicente empregar nos seus autos, ora a linguagem popular, ora a literária, conforme a qualidade das personagens postas em scena, e chega, quanto ao meu propósito agora, a estas conclusões.

« Seria interessante saber se Gil Vicente emprega a linguagem vulgar de uma localidade especial que elle de proposito estudou, ou se se serve apenas de um conjuncto de expressões typicas, populares sim, mas que offerecem no seu todo um cunho geral de plebeismo. Com quanto o auctor mostre particular predilecção pela Beira, e muitos dos termos que elle usa, fossem já lá populares no sec. XVI, como vimos a cima, e outros o são ainda hoje,... todavia não posso por ora dar uma resposta decisiva. »

E' verdade, continua o dr. Leite de Vasconcelos, que, « ao lado do conhecimento da vida da Beira, Gil Vicente revela-se conhecedor da Estremadura e do Alemtejo, o que se explica pelas suas estadas em Lisboa e Evora... Em todo o caso o estudo da linguagem de Gil Vicente dá-nos bastante luz para a comprehensão dos dialectos portugueses (principalmente da Beira e do Sul)no sec. XVI ».

Ora, se o conhecimento da vida e linguagem popular da Estremadura e Alentejo, revelado por Gil Vicente, se pode explicar pela sua residência nas capitais das respectivas províncias, como se poderá admitir idêntica noção relativa à Beira, onde não consta êle ter habitado depois que começou a freqùentar a côrte, senão por ser de lá natural, ou pelo menos por ter lá residido largos anos durante a sua adolescência?

De refôrço a tudo vêem, julgo, umas palavras na rúbrica do *Auto da Fama*, para as quais eu não tinha reparado. Diz Gil Vicente, modernizando a sua redacção: A fama é uma tam gloriosa excelência, que muito se deve desejar; o reino de Portugal está de posse de maior fama que todolos outros reinos, d'onde se segue que esta *fama* portuguesa é desejada de todalas outras terras, tanto pelo interêsse do comércio, como pelo dano que os Mouros, inimigos da nossa Fé, recebem dos Portugueses na índica navegação. « E porque (agora palavras textuais) antigamente a fama desta *nossa provincia* era em preço de pequena estima, significando isto seraa a primeyra figura huma *mocinha da Beyra* chamada Portuguesa fama... [1] »

As palavras *nossa provincia* não concordarão com a *mocinha da Beyra?* O possessivo *nossa* não será relativo ao próprio autor? — Inclino-me a responder pela afirmativa.

Agora tornarei atrás, à questão da data do *Parecer* no *Processo de Vasco Abul*, para a qual, depois de a fixar entre os anos de 1499 e 1511, escolhi o de 1509 por nêle ter a rainha D. Leonor residido em Almada, onde o simulado processo correu. Sucedeu porêm, que ao tratar pela primeira vez do caso, num artigo do JORNAL DO COMMERCIO, de 8 de Fevereiro de 1907, por descuido de revisão deixei imprimir 1514 por 1518 na data da carta de nomeação do mestre Gil da Costa para cirurgião mor. Em resultado dêste êrro, de que eu fui o culpado, admitiu o sr. dr. Queirós Veloso, no seu *Gil Vicente e a sua Obra*, pág. 66, que o *Processo* poderia ser posterior a 1514, data errada da referida nomeação do mestre Gil da

---

[1] A rúbrica deixei transcrita na pág. 276.

Digitized by Google

Costa, e anterior a 1516, ano em que se concluiu a impressão do *Cancioneiro geral*, onde as trovas se publicaram; e, mais ainda, que poderia ser êste mestre Gil, e não o que eu indico, o autor da *ajuda a um vilancete* tambêm incluida no *Processo*. Rectificado o êrro na data da carta de nomeação, ficam excluidas as conjecturas nêle fundadas.

Neste mesmo parágrafo da obra citada há outro êrro de data, mas dêste, apesar de ainda hoje bastante repetido, não tenho eu culpa, porque o venho emendando já desde 1901 [1]. A carta do título de conde do Vimioso é de 2 de Fevereiro de *1515* e não *1516*, ano em que o *Cancioneiro geral* se começou a imprimir antes de Maio [2].

E, a propósito da data da impressão do *Cancioneiro*, notarei que, se o *Parecer de Gil Vicente no processo de Vasco Abul* não é a sua primeira obra composta, é certamente a sua primeira obra impressa, pois que para o *Auto de Moralidade* «e todas suas obras» tirou êle privilégio, «com as penas e do tehor que pera o cancioneyro geral portugues se ouve [3]», o que implica a precedência na impressão dêste.

Continuarei, seguindo agora a ordem da numeração das páginas. Na 75, no trecho da *Exortação da guerra* lá transcrito, nomeiam-se d'entre os filhos mais velhos de D. Manuel todos, menos o infante D. Luis que era o quarto. Ora, como êsse trecho foi retocado posteriormente pelo autor, significará a omissão propósito intencional? — Não sei responder. Nos seus poemas alude Gil Vicente por três vezes àquele Infante, afora a comemoração do seu nascimento. No princípio da própria *Exortação* deixara escrito:

Tantas artes diabris
saber quis,
que o mais forte diabo
darey preso pelo rabo
ao iffante dom Luís. (*fl. 156, col. 3*).

Isto em 1513, quando êle contava apenas sete anos. Em 1521, nas *Côrtes de Júpiter*, já com quinze anos feitos, diz dêle:

O muy precioso iffante
dom Luís esclarecido
yraa muyto triumphante,
senhor da vida galante,
em cirnes alvos sobido. (*fl. 167, col. 1.*)

Finalmente, cinco meses depois, no *Romance à aclamação de D João III*,

o Iffante dom Luís
leva o estoque Real, (*fl. 255, col. 3.*)

e mais nada, só isto, sem um único adjectivo, quando noutras ocasiões tam pródigo o autor se mostra dêles. Notarei ainda que, quando Gil Vicente retocou a

---

[1] *Brasões de Cintra*, II, 438.
[2] Vidé acima, pág. 87.
[3] Veja-se na pag. 287-288.

Digitized by Google

Exortação da guerra, era o Infante já homem de vinte e quatro para vinte e oito anos; e que excedia os trinta, quando o poeta morreu. Nêsses tempos não se tratava pois de uma criança, mas de um homem feito, aventureiro aguerrido na empresa de Tunes, pessoa afeiçoada às letras, segundo dizem. Porquê, entre os retoques introduzidos na *Exortação* em engrandecimento das infantas D. Isabel e D. Beatriz, e em honra do infante D. Fernando, nada se acrescentou em relação ao infante D. Luís? Não sei explicar e limito-me a registar o facto, um tanto estranho, sem dúvida.

Na pág. 82 deixei dito que Gil Vicente, dividido entre as suas ocupações na Casa da Moeda e as diversões palatinas, fazia repetidas jornadas, como revelava um documento. Ora isto não é rigorosamente exacto, porque por êsse documento, o VI dos adiante impressos, apenas sei ter êle ido em Março de 1516 a Almeirim, e de nenhuma outra ausência de Lisboa tenho notícia por êsses tempos, senão no Natal de 1510, quando ainda não era mestre da balança.

Na pág. 98, em baixo, deve-se emendar e ler o trecho assim:

«Já D. Manuel «se tinha feito na outra volta». quando foi representado o *Auto da Alma;* mas ainda não era sabido na côrte, apesar de estar em véspera de se ultimar em Saragoça o terceiro casamento del Rei. Chegou a nova raínha à raia no dia 23 de Novembro de 1518 e veio encontrar-se com o espôso, etc.»

Na pág. 110 digo que, «na provedoria dos armazens parece ter sucedido a Jorge de Vasconcelos Pedro Afonso de Aguiar», mas não é exacto, porque foi outro o seu sucessor.

Declara Fr. Luís de Sousa nos *Annaes de D. João III*, pág. 208, que el Rei havia, por carta de 7 de Fevereiro de 1527, nomeado vedor dos Almazens, Casas de Guiné e India, e das naus e navios da cidade de Lisboa, em virtude do ofício ter vagado por falecimento de Jorge de Vasconcelos, ao contador mor D. António de Almeida. Não encontro a carta desta nomeação, mas sim outra com a mesma data, registada na *Chancelaria de D. João III*, no liv. 30.º de *Doações*, fl. 3, pela qual D. João III determinou, que aos 40.000 reaes de mantimento ordenados ao referido ofício e consignados na carta de nomeação, se acrescentassem mais 30.000 por D. António haver provado que seu antecessor Jorge de Vasconcelos também os recebia. D'aqui se vê que a carta de nomeação existiu, tendo talvez a mesma data; inclino-me porêm a crer que o cronista houvesse confundido uma com outra, e que a de nomeação fosse bastante anterior à do aumento do ordenado, até porque para êle se realizar, teve de haver uma espécie de justificação.

Na pág. 113, referindo-me às pessoas nomeadas por Gil Vicente na tragicomédia das *Côrtes de Júpiter*, suponho que *Madama dona Maria* «seria alguma das damas que vieram do Brabante com a raínha D. Leonor»; agora porêm, atentando melhor nos versos, penso doutra maneira. Diz Gil Vicente:

Madama dona Maria
yraa sobre cherubins
sũa roupa dalegria,
por aya sancta Luzia
e por guardas serafins. (fl. 167, col. 2.)

Digitized by Google

Comparo esta quintilha com a dedicada pouco acima ao infante D. Henrique, então criança de nove anos,

Sobre tres liões marinhos
o iffante dom Anrique
yraa em cama darminhos
brincando com dous anjinhos
que nam he razam que fique. (fl. 167, col. 2.)

e acho entre elas tanta analogia, que vejo na de cima uma alusão evidente à infanta D. Maria, ainda então de dois meses incompletos, pois que havia nascido a 8 de Junho e o auto representou-se a 4 de Agosto de 1521. A substituição da designação de *iffante* pela de *madama* tem explicação no uso brabantino. Já lá atrás, na pág. 99, mostrei que por *madama Lianor* designava Pero Correia, numa carta a D. Manuel, a infanta D. Leonor, irmã de Carlos, então I de Espanha e dentro em breve imperador V do nome. A qual *madama Lianor* era agora, no tempo das *Côrtes de Júpiter*, a mãe da pequenina *madama dona Maria*.

Na pág. 121 deu-se um salto que precisa ser advertido. Saíu impresso: «A 15 de Fevereiro de 1509, como já vimos, foi Gil Vicente nomeado mestre da balança...», quando eu escrevera: «A 15 de Fevereiro de 1509, como já vimos, foi Gil Vicente nomeado vedor das obras de oiro e prata para os conventos de Tomar e Belêm e hospital de Todolos Santos de Lisboa, e a 4 de Fevereiro de 1513 mestre da balança da Casa da Moeda de Lisboa», etc. As palavras seguintes, «e nestes primeiros tempos não se afastaria muito do emprêgo, como posteriormente sucedeu», hão de ser substituídas por estas: «e nunca se afastou muito do emprêgo.»

Logo mais abaixo emende-se 1519 para 1518, ficando «desde 1509 a 1518».

A obra de Costa Lobo, citada na nota 1 da pág. 126, intitula-se *Infanta D. Maria, Princesa de Castella, recommendações de seus pais por occasião de seu casamento.*

Na pág. 148, a propósito da morte da raínha D. Leonor, protectora que havia sido de Gil Vicente, deveria ter observado que a última peça a ela feita e representada na capela do hospital de Todolos Santos de Lisboa, no Natal de 1518, fôra o *Auto da Barca do Purgatório.*

António Carneiro, para quem nas págs. 155 a 157 reuni alguns dados biográficos, foi provido por D. Manuel no hábito da Ordem de Cristo por carta dada em Sintra, a 3 de Setembro de 1505 [1]. Dêsses tempos é muito pouco vulgar o conhecimento de provisões daquela natureza e por isso pareceu-me interessante deixar aqui esta registada.

---

[1] *Corpo cronológico*, parte I, mac. 5, doc. 87.

Digitized by Google

Pág. 158.—Do Marquês de Vila Rial a D. João III existem não sete cartas, mas vinte e uma, as quais, por serem muito interessantes, tenciono publicar brevemente.

Na pág. 200 deve-se emendar *Frágoa de Amor* para *Nau de Amores*. Nesta mesma pág., nos ligeiros apontamentos para a biografia do segundo Afonso de Albuquerque, declaro que da sua ida à côrte de Carlos V só encontrava menção nos transcritos versos do *Clérigo da Beira;* agora porêm posso acrescentar mais alguns pormenores desconhecidos. Afonso de Albuquerque foi um dos fidalgos portugueses que em Fevereiro de 1526 acompanharam a imperatriz D. Isabel quando foi para Castela. Assistiu ao seu casamento em Sevilha, regressando pouco depois a Portugal, como consta de uma carta do Marquês de Vila Rial a D. João III, datada daquela cidade, a 23 de Março: «Afonso de Albuquerque se vay — diz o Marquês — porque tem necessydade dacudir sobre sua casa, porem crea V. A. que esses dias que cá esteve fostes delle muito bem servido [1].» Desta mesma missiva consta haver sido o autor dos *Commentarios* quem escrevera algumas cartas pelo Marquês, «porque a minha letra hé maa», diz êle, modestamente, pois que ela, sem favor, é péssima.

Na pág. 203, o poeta do *Cancioneiro* lá mencionado, não se chamava Diogo de Melo Pereira, mas Diogo de Melo da Silva; e na pág. 239 devo esclarecer, que Gil Vicente por três vezes e não duas dirigiu trovas a Afonso Lopes Çapaio, sendo os sumários, lá na tal pág. transcritos, respectivamente, os das primeiras e das segundas, únicas em que existem.

A propósito da edição de 1834 das *Obras de Gil Vicente*, realizada por José Victorino Barreto Feio e José Gomes Monteiro e descrita na pág. 282, quero deixar aqui apontado um excelente artigo de crítica publicado no vol. 79 da *Quarterly Review*, no n.º de Dezembro de 1846, com o título seguinte:

«1. *Obras de Gil Vicente.* Publicadas por J. V. Barreto Feio e José Gomes Monteiro. Hamburgo, 1834.

«2. *Um Auto de Gil Vicente.* Por J. B. de Almeida Garrett. Lisboa, 1846. Nova Edição.»

Não está o artigo assinado; mas suponho será de Eduardo Quillinan, de quem existe uma tradução inglesa de parte dos *Lusíadas* publicada póstuma, em 1853, por John Adamson, fervoroso entusiasta de Camões e amigo dedicado de Quillinan. A edição é precedida de uma carta de Adamson a José Gomes Monteiro, outro dedicado amigo do tradutor, que aos dois tencionava dedicar a sua obra. Estudou êle bem o assunto para a *Quarterly*, apreciando-o com ponderada e acurada crítica e merece o seu artigo ser divulgado entre nós. Não é porêm aqui lugar para mais demorada apreciação, a qual reservarei para outra oportunidade.

Vem o artigo esclarecer, quanto a mim, um ponto duvidoso nesta edição das *Obras*, a chamada de Hamburgo, por haver lá sido impressa. Discute-se qual dos dois editores escreveu o *Ensaio sôbre a vida e escriptos de Gil Vicente* antepôsto à transcrição das suas obras. Inocêncio, a quem vários escritores têem

---

[1] *Corpo cronológico*, parte I, mac. 34, doc. 4.

Digitized by Google

seguido, atribui, em mais de um lugar do *Dic. bibliographico*, a paternidade do *Ensaio* a Gomes Monteiro; o dr. Teófilo Braga, que tem contra aquele escritor motivos de particular embirração (*Gil Vicente e as origens*, pag. 445), contesta-lhe a autoria do *Ensaio* por não possuir «cultura literária» suficiente para o escrever, e por Costa e Silva, no I tom. dos *Poetas portugueses*, publicado em 1850, atribuir a contestada obrinha a Barreto Feio. Antes dêle o crítico inglês da *Quarterly Review*, pessoa indiscutívelmente bem informada, declarara positivamente que a edição fôra publicada «com uma excelente e judiciosa introdução pelo sr. Monteiro». Isto diz na pág. 170 e mais adiante, nas págs. 176 e 184, refere-se às considerações de Mr. Monteiro, no *Ensaio*, é evidente.

Transcrevo na pág. 287 a rúbrica do *Auto de Moralidade*, como foi impressa em vida de Gil Vicente e muito diversa da que saiu na *Copilaçam de todalas obras* feita por Luís Vicente, onde aquele auto já na Taboada vem designado por *A barca primeyra*. Na edição antiga declara-se haver sido o auto composto «por contemplaçam da... raynha dona Lianor... e representada per seu mandado a... dõ Manuel». Na *Copilaçam* diz-se haver sido «representada de camara, pera consolação da... Raynha dona Maria, estando enferma do mal de que faleceo.» Dizeres idênticos aos da edição antiga encontram-se em outras duas dos princípios do século XVII, n.os 20 e 23 do meu catálogo. Deverá entender-se que o auto foi, como vários outros, «compuesto en servicio de la Reyna» D. Leonor e por sua ordem representado a D. Manuel, na câmara e para consolação de sua mulher gravemente doente. Fraco alívio traria, estou persuadido, a uma pessoa temerosa das penas infernais, a aparição do diabo junto do seu leito de prolongada agonia, e apenas serviria, me parece, para levar mais aterradoras visões ao seu delírio.

O *Index* português de 1624 proíbiu o *Testamento de Maria Parda* e com efeito não se imprimiu nas edições posteriores do *Pranto de Maria Parda*, pelo menos nas de 1645 e 1665, que pude verificar. O *Index* espanhol de 1747 proíbiu também todo o *Pranto* e o certo é não ter eu encontrado nenhuma edição posterior, senão já no século XIX.

No meu catálogo de impressões avulsas de autos de Gil Vicente tenho de acrescentar mais êstes números.

66

Avto da Cananea. Este avto que adiante se segue fez o author por rogo da muyto virtuosa e nobre Senhora Dona Violante, Dona Abbadessa do muyto louuado e Sancto convento do Mosteiro de Oudiuelas: a qual senhora lhe pedio que por deuação lhe fizesse um auto sobre o euangelho da Cananea. Primeyramente entrão tres pastoras, a primeyra per nome Siluestra, Ley da Natureza, a segunda Ley de escriptura per nome Hebrea, a terceyra ley da Graça per nome Veredina. Foi representado na era do Senhor de mil e quinhentos e [trinta e] quatro annos. Impresso com licença da Sancta Inquisição [em Lisboa] por Antonio Alvarez. Anno MCCCCCCIII. — *Tres vinhetas representando as tres pastoras, Silvestra, Hebrea, Veredina.*

Conde de Sabugosa, *Explicação prévia* anteposta à reprodução do *Auto da Festa*, pág. 44. — Por no *Catálogo da Livraria dos Marqueses de Sabugosa* não encontrar mencionada esta impressão, e não me ocorrer que poderia vir na *Explicação*, a não incluí no seu devido lugar.

Digitized by Google

67

O auto que adiante se segue foy representado á muy caridosa e deuota senhora a Raynha Dona Lianor na Igreja das Caldas na prossição de Corpus Christi sobre a charidade que o bemaventurado Sam Martinho fez ao pobre quando partio a capa. Era de mil quinhentos e quatro.

A seguir ao precedente, em três páginas finais. *Ibidem, ibi.*

68

Gil Vicente / Auto da Festa / (*etc., como no n.º 65*) 2.ª Edição / Lisboa / Depositaria: Livraria Ferreira / 132, Rua do Ouro, 138 / Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial / 27, Praça dos Restauradores, 27 / 1909 / — 8.º de 130 págs. e mais 18 n. n. com o fac-simile.

Exemplar em meu poder. E' reprodução integral da primeira edição.

Talvez se note, que em todo o catálogo das edições das obras de Gil Vicente eu apenas cite uma vez o *Diccionario bibliographico* de Inocêncio Francisco da Silva, e ainda dessa vez sómente para a capa de uma edição, vindo, ainda para mais, a reconhecer depois que as indicações aproveitadas não eram exactas. E' que o Inocêncio, a quem, pelo inapreciável serviço prestado à literatura portuguesa na sua obra, verdadeiramente patriótica, se não devem regatear os mais merecidos louvores e eu aqui lhos presto, foi infeliz no artigo relativo a Gil Vicente. No tom. III do *Dicc.*, publicado em Lisboa em 1859, apenas, no lugar competente, descreve a edição das *Obras* de 1562, caíndo a propósito no defeito das divagações, tam repetido na sua obra, e mais as edições de 1586, 1834 e 1852; mas, quanto a impressões avulsas, não aponta nenhuma! só declara que as houve. No tom. IX, segundo do suplemento, publicado em 1870, nota bibliográfica apenas aparece uma relativa à edição de Hamburgo. De maior utilidade é o *Ensayo de una biblioteca española* de D. Bartolomé José Gallardo, Madrid, 1863-1889.

Nesta obra, com efeito, descrevem-se exemplares de vários autos de Gil Vicente: a *Tragicomeda alegorica del Parayso y del Infierno*, n.º 2 no meu catálogo, a *Barca primeira*, n.º 20, o *Pranto de Maria Parda*, n.º 37; o *Juiz da Beyra*, n.º 39, e o *Dom Duardos*, n.º 41; além dêstes, também menciona o *Auto da Donzella da Torre*, atribuindo-o a Gil Vicente [1].

Outra obra cito várias vezes por conter muitos docs. aproveitáveis para o meu estudo, sem todavia cabalmente a ter especializado. Refiro-me ao *Registo da freguesia de Santa Cruz do Castelo desde 1536 até 1628, publicado com introdução, notas e indice* por Edgar Prestage e Pedro de Azevedo e mandado imprimir pela Academia das Sciências de Lisboa, na imprensa da Universidade de Coímbra, em 1913.

Mais um lapso ainda tenho de levantar. Quando na pág. 71 me referi à comunicação feita à Academia pelo general Brito Rebêlo, deixei de mencionar, ao declarar haver ela aparecido no BOLETIM DA SEGUNDA CLASSE, a designação de, *A propósito de Gil Vicente*, com que se apresentou.

---

[1] Êste sob n.º 4576, no vol. IV, col. 1567, e os outros, respectivamente, no vol. I, col. 980, n.º 1012, e vol. IV, col. 1566, n.º 4573, col. 1568, n.º 4577, e col. 1567, n.ºs 4574 e 4575.

Digitized by Google

IX

Cronologia vicentina

1460 — Por êste tempo nasceu Gil Vicente (págs. 79, 237, 243). — Conforme a indicação da farsa do *Velho da horta*, com a qual pode concordar a do *Auto da Festa*, teria tido lugar o nascimento em 1452 (págs. 30, 31 e 84); indicação talvez não muito longe da verdade (pág. 32-33); a *Floresta de enganos* aponta porêm para o ano de 1470 (pág. 30), bastantes anos antes do qual nascera G. V. (págs. 12 e 32). Na opinião de Brito Rebêlo o nascimento do poeta deve pôr-se entre os anos de 1470 e 1475 (pág. 32).

1481 — Neste ano passou D. Manuel pela primeira vez a Castela (pág. 36).

— Neste ano, a 28 de Agosto, nasceu Sá de Miranda, segundo o parecer de Delfim Guimarães (pág. 175).

1483 — Torna D. Manuel a Castela, onde mal entrou, e regressando ao reino o recolheu D. João II com toda a sua casa no paço. Por êstes tempos é que é lícito supôr-se haverem-lhe sido dados mestres (pág. 36), nenhum dos quais foi G. V. (pág. 37).

1484 a 1486 — Período dentro do qual deve ter tido lugar o primeiro casamento de G. V. (pág. 37). Brito Rebêlo aceita esta data (pag. 32), mas ainda apresenta outras: 1488 a 1490 e 1490 a 1492 (*ibi*).

1486 a 1488 — Dentro dêstes anos deve ter nascido Gaspar Vicente, primeiro filho de G. V. (págs. 37, 52 e 248).

1495, Outubro 25 — Morre D. João II (págs. 9, 117 e 134).

— — 27 — Nasce Francisco de Sá de Miranda (págs. 173 e 174).

— Dezembro 22 — Já tinha morrido a senhora D. Felipa e no senhorio de Almada (vila onde se simulou o *Processo de Vasco Abul*) sucedeu-lhe sua irmã a infanta D. Beatriz (págs. 43 e 386).

1499, Fevereiro 15 — Posterior a esta data é o *Parecer* de G. V. no *Processo de Vasco Abul* (pág. 43).

— Outubro 17 — Ordenação defendendo, isto é, proíbindo o burel, e o rei pouco sentido, que depois dela morreu, foi D. Manuel (pág. 117).

1502, Junho 6 — Nasce o príncipe D. João (pág. 41).

— — 7 — Recita G. V. em Lisboa, no paço da Alcáçova, na câmara da Rainha Nova, perante D. Manuel, a Rainha Velha, a infanta D. Beatriz e a Duquesa de Bragança, o monólogo da *Visitação* ou do *Vaqueiro* (págs. 9, 33, 41, 42, 43, 45, 50, e 271).

— Dezembro, 24 — Representa G. V., em Lisboa, no paço da Alcáçova, a pedido da Rainha Velha, D. Leonor, o *Auto Pastoril Castelhano* (págs. 40, 45, 50, 118 e 271).

— Dezembro 25 — Passa D. Manuel a festa do Natal em Lisboa (pág. 118).

1503, Janeiro 6 — Representa G. V. no paço da Alcáçova, em Lisboa, a pedido da Rainha Velha, o *Auto dos Reis Magos* (págs. 45, 50, 118 e 271).

— de Setembro a Novembro aporta Vasco da Gama a Lisboa e entrega os 1500 miticais de oiro das párias de Quíloa a D. Manuel, que dêste oiro manda a G. V. fazer uma custódia (pág. 46).

— Dezembro 24 — Talvez então, mas duvido muito, se representasse no paço o *Auto dos Quatro tempos* (pág. 118). Vidé em 1511.

Digitized by Google

1503, Dezembro 25 — Passa D. Manuel a festa do Natal em Lisboa (pág. 118).
— a 1506 — Neste período supõe-se haverem sido representadas as seguintes obras de G. V.: *Auto da Sibila Cassandra* (págs. 49, 50 e 117), *Auto de S. Martinho* (pág. 51), *Auto dos Quatro tempos* (págs. 51 e 117) e farsa de *Quem tem farelos* (págs. 51, 117 e 119); mas só é exacto para a segunda (pág. 51); quanto às outras vejam-se os anos de 1509, 1511 e 1513.
1504, Junho 6 — Representa G. V. à rainha D. Leonor, na igreja das Caldas, na procissão de Corpo de Deus, o *Auto de S. Martinho* (págs. 51 e 273).
— Novembro 26 — Morre Isabel, a Católica, sogra de D. Manuel, pelo que não houve festas no paço no Natal dêste ano, e se não representou então o *Auto dos Quatro tempos* (págs. 51 e 118).
— Dezembro 25 — Passa D. Manuel a festa do Natal em Lisboa (pág. 118).
— ou 1505 — Anos em que deve ter nascido Belchior Vicente, filho de G. V. (págs. 79, 241 e 248).
1505, Março — Ainda então habitava D. Manuel os paços da Alcáçova (pág. 117).
— Outubro — Fugindo à peste saíu D. Manuel de Lisboa (págs. 51 e 117) e não tornou mais a residir nos paços da Alcáçova (pág. 118).
— Outubro — Nos fins do mês já a côrte estava em Almeirim (pág. 51).
— Dezembro 25 — Passa D. Manuel a festa do Natal em Almeirim (pág. 51).
— Neste ano, segundo a rúbrica, foi representada a D. Manuel, em Lisboa, nos paços da Ribeira, a farsa de *Quem tem farelos* (págs. 51, 119, 270 e 275); mas não pode ser, porque neste ano ainda aqueles paços não estavam habitados (págs. 51 e 119). Vidé em 1511.
— a 1506 — Neste período supuz haver nascido Belchior Vicente, filho de G. V. (pág. 52); emende-se porêm para 1504 ou 1505 (pág. 248 *n*).
1506, Fevereiro 14 — Já a côrte estava em Abrantes (pág. 51).
— Março 3 — Nasce em Abrantes o infante D. Luís (pág. 51) e nessa noite recita G. V. um *Sermam* feito à rainha D. Leonor (págs. 51 e 277).
— Na armada dêste ano parte para a Índia Gaspar Vicente, filho de G. V. (págs. 37, 56, 70 e 248).
— Maio 22 — Sentença abolindo a Casa dos Vinte e Quatro de Lisboa (pág. 73 *n*).
— Setembro — Morre a infanta D. Beatriz (págs. 43 e 50), e provávelmente dela herda o senhorio de Almada sua filha a rainha D. Leonor (pág. 43).
— Neste ano termina G. V. a custódia de Belêm (págs. 46 e 52).
1508, Abril — Estava D. Manuel na Chamusca (pág. 52); não pode pois estar certa a rúbrica do *Auto da Alma*, visto que declara haver êle sido representado a D. Manuel, nos paços da Ribeira, nas endoenças dêste ano (págs. 52, 90 e 272). Vidé em 1518.
— Julho 14 — Carta régia revogando a sentença de 22 de Maio, que extinguira a Casa dos Vinte e Quatro (pág. 73 *n*).
— Outubro 19 ou 20 — E' tomada pelos Moiros a vila de Arzila (pág. 120).
— — 29 — Chega D. Manuel a Tavira para dirigir os socorros de Arzila (pág. 120).
— Dezembro — No meio do mês ainda estava D. Manuel em Tavira (pág. 120).
— ou 1509 — Nos fins do primeiro dêstes anos, ou nos princípios do segundo, é composta e representada ao vulgo a farsa de *Quem tem farelos*, na qual se alude ao rebate de Arzila (págs. 121 e 385).
1509, Fevereiro 15 — Alvará nomeando G. V. vedor de todas as obras de oiro

Digitized by Google

ou prata, que se mandarem fazer ou se fizerem para o convento de Tomar, hospital de Todolos Santos de Lisboa e mosteiro de Nossa Senhora de Belêm (págs. 10, 15, 47, 52, 53, 54, 121 e 389). Doc. I.

1509, Dêste ano é o *Parecer* de G. V. no *Processo de Vasco Abul* (págs. 43, 55, 56 e 386).

— Neste ano representa G. V., em Almada, à rainha D. Leonor o *Auto da Índia* (págs. 43, 56, 118 e 276).

— Neste ano funda a raínha D. Leonor o convento da Madre de Deus (págs. 50 e 53), tendo sido a 18 de Julho benta a igreja e povoado de freiras o mosteiro (pág. 118).

— Dezembro 24 — Não foi nesta vigília do Natal que G. V. representou o *Auto da Sibila Cassandra*, mas seria na de 1513 (pág. 118).

— a 1518 — Nestes anos G. V. só representa autos na côrte estando ela em Lisboa, ou em Almada à raínha D. Leonor, com uma única excepção (págs. 121 e 389).

1510, Março ou Abril — Compõe Garcia de Rèsende uns versos endereçados a Manuel de Goios (págs. 59-60 e 240), os quais têem muita analogia com outros de G. V. (pág. 60).

— Julho — Saiem impressas *Las sergas de Esplandian*, mas já corriam manuscritas (pág. 56).

— Dezembro 24 — Representa G. V., em Almeirim, a D. Manuel, o *Auto da Fé* (págs. 56, 121, 272 e 388).

— Este ano passou-o todo D. Manuel em Almeirim (pág. 81); pelo que, e ainda por outras razões, está errada a rúbrica do *Auto da Fama*, que declara ter êle sido representado neste ano a D. Manuel em Lisboa (págs. 79 e 276). Vidé em 1515.

1511, Fevereiro — Volta a família rial para Lisboa e vai habitar o paço de Santos (págs. 51, 58, 117 e 121). Desde então até à invasão da peste no verão de 1518 permaneceu a côrte, com pequenas interrupções, sempre em Lisboa, pôsto que no paço da Ribeira (pág. 246).

— Março 4 — Representa G. V. o *Auto das Fadas*, em Lisboa, no paço de Santos, perante D. Manuel, raínha D. Maria, Príncipe e infantas D. Isabel e D. Beatriz (págs. 57 e 58).

— Abril ou Maio — Vem D. Manuel residir para os paços da Ribeira, ainda até então não habitados (págs. 117, 121 e 247). D'então até ao Natal é-lhe representada a farsa de *Quem tem farelos* (pág. 121).

— Julho — Anterior é o *Parecer* de G. V. no *Processo de Vasco Abul* (págs. 43 e 386).

— Dezembro 25 — Passa D. Manuel a festa em Lisboa (pág. 118). Não lhe é representado nenhum auto novo, hesitando eu em conjecturar haver-lhe então sido apresentado o *Auto dos Quatro tempos* (pág. 118). Vidé em 1503.

— a 1525 — Depois de D. Manuel ter passado a habitar os paços da Ribeira e antes da morte da raínha D. Leonor, deverá G. V. ter ido residir para os paços da Alcáçova (págs. 88 e 247).

1512, no inverno — Em Lisboa, ao vulgo, representa G. V. o *Auto dos Físicos* (págs. 62 e 63).

— na primavera, talvez em 6.ª feira de Endoenças, 9 de Abril — Representa G. V. a D. Manuel, em Lisboa, nos paços da Ribeira, a farsa do *Velho da Horta* (págs. 58 e 276).

Digitized by Google

1512 — Dezembro 21 — É G. V. eleito um dos vinte e quatro da Casa dos Vinte e Quatro (pág. 73) e logo depois eleito um dos quatro procuradores dos mesteres junto da vereação de Lisboa (*ibi*).
— neste ano servia na Índia Gaspar Vicente, filho de G. V. (pág. 37).
1513 — Nos princípios dêste ano foi Gaspar Vicente enviado por Afonso de Albuquerque como escrivão de uma embaixada ao Çabaio (págs. 71, 72 e 248).
— Janeiro 21 — Mandado do Governador da Índia para se pagar o mantimento aos embaixadores enviados ao Çabaio (pág. 71).
— Janeiro 28 — Carta régia concedendo mais 5.000 rs. de ordenado ao outro mestre da balança da Moeda de Lisboa para ficar equiparado o seu salário ao de G. V. (pág. 245).
— Fevereiro 4 — Carta régia nomeando G. V. mestre da balança da Moeda de Lisboa (págs. 15, 17, 19, 54, 72, 73, e 389), com 20.000 rs. de ordenado (pág. 245). Doc. II.
— meado Agosto — Em Lisboa, no paço [da Ribeira], na ocasião da partida do Duque de Bragança para Azamor, representa G. V. perante D. Manuel a tragicomédia *Exortação da guerra* (pág. 74). A rúbrica erradamente marca para a representação o ano seguinte (*ibi*).
— Outubro 6 — Instrumento de doação feita pela Câmara Municipal de Lisboa no qual outorga G. V. na qualidade de procurador dos Mesteres (págs. 15 e 73). Doc. III.
— Dezembro 4 — Carta de Afonso de Albuquerque para D. Manuel na qual se refere ao filho de G. V., declarando havê-lo enviado na embaixada ao Çabaio (págs. 20 e 71).
— Dezembro 24 — E' muito possível haver então G. V. representado à raínha D. Leonor no mosteiro de Enxobregas, o *Auto da Sibila Cassandra* (pág. 118).
— Dezembro 25 — Estava a côrte em Almeirim (págs. 82 e 118).
1514 — Abril 8 — No caderno da sisa do pescado e madeira de Lisboa está êste ano incluida a verba de 20.000 rs. de mercê a G. V., para ajuda do casamento de sua irmã (págs. 33 e 78).
— Neste ano estava G. V. em recente viuvez (págs. 31, 76 e 88) por morte de sua primeira mulher Branca Bezerra (págs. 3 e 248).
— Neste ano compõe e representa G. V. num serão da côrte a *Comédia do Viúvo* (págs. 76 e 274).
— Neste ano erradamente declara a rúbrica haver sido representada a *Exortação da Guerra* (págs. 74 e 275). Vidé em 1513.
— Só no segundo semestre dêste ano podia ser sabida no reino a destruição de Adem à qual se refere o *Auto da Fama* (págs. 80 e 81).
— Dezembro 25 — Estava a côrte em Almeirim (pág. 82).
— Neste ano nomeia D. Manuel os oficiais da casa do Príncipe (pág. 154).
1515 — Anterior a êste ano não pode ser a composição do *Auto da Fama* (págs. 79 e 80).
— De 1 de Janeiro a meado Março esteve D. Manuel em Almeirim (pág. 81).
— Fevereiro 2 — Carta do título de conde do Vimioso (pág. 240 e 387); posteriores são as *Trovas a Afonso Lopes Çapaio* (pág. 240), talvez já do reinado de D. João III (*ibi*).
— De meado Março a fins de Outubro esteve D. Manuel em Lisboa, (pág. 81).
— Na primavera representa G. V. a D. Manuel, em Lisboa, o *Auto da Fama* (pág. 81).

Digitized by Google

1515, Setembro 21 — Desembargo mandando dar 20.000 rs. a G. V. para ajuda do casamento de sua irmã Felipa Borges (págs. 15, 34 e 79). Doc. IV.
— Setembro 25 — Recibo dos referidos 20.000 rs. passado por G. V. (págs. 15, 22, 34 e 79). Doc. V.
— De fins de Outubro a 31 de Dezembro esteve D. Manuel em Almeirim (págs. 81 e 87).
— Dezembro 24 — Representa G. V. em Lisboa o *Auto da Festa* (pág. 31), fora do paço rial (pág. 82).
— Dezembro 25 — Passa D. Manuel a festa do Natal em Almeirim (pág. 82).
— a 1516 — Nestes anos supõe Brito Rebêlo ter G. V. passado a segundas núpcias (pág. 88), dou a preferência porêm ao ano de 1517 (*ibi*).
1516 — De 1 de Janeiro a 17 de Maio residiu D. Manuel em Almeirim (págs. 81 e 87).
— Janeiro 23 — Morre Fernando, o Católico, sogro de D. Manuel e por isso cessaram as festas no paço rial (pág. 81).
— Fevereiro 5, entrudo — Supõe Brito Rebêlo ter sido representado o *Auto das Fadas*, mas é engano, havia-o já sido em 1511 (pág. 57).
— Março 6 — Carta de D. Manuel dirigida aos vereadores de Lisboa para ouvirem G. V. sôbre certos apontamentos que por êle lhes envia (págs. 15 e 87). Doc. VI. Tinha ido então G. V. a Almeirim (págs. 87 e 388).
— Maio 17 — Estava a côrte ainda em Almeirim, tendo-se já começado naquela vila a impressão do *Cancioneiro geral* (págs. 87 e 387).
— De 28 de Maio a 31 de Dezembro residiu D. Manuel em Lisboa (págs. 81 e 87).
— Julho 26 — Faz a raínha D. Maria o seu testamento (pág. 113).
— Setembro 9 — Nasce e morre em Lisboa o infante D. António (pág. 84).
— — 28 — Conclui-se a impressão do *Cancioneiro geral* (págs. 42, 52, e 87); posterior é o privilégio tirado por G. V. para a impressão das suas obras (págs. 287-288 e 387). No *Cancioneiro* saíu o *Parecer* de G. V. no *Processo de Vasco Abul* (págs. 42, 56 e 87), primeira obra sua impressa (pág. 387).
— Dezembro 24 — Em Lisboa, no paço da Ribeira, na câmara da raínha D. Maria, estando enferma do mal de que faleceu, representou G. V. o *Auto da Barca do Inferno* (pág. 82 e 84).
— Dezembro 25 — Passa D. Manuel a festa em Lisboa (pág. 118).
— Neste ano imprime-se o *Libro segundo de Palmeirin*, d'onde G. V. tirou o *Dom Duardos* (pág. 146).
— Neste ano supõe Brito Rebêlo haver-se representado o *Auto da Fama* (pág. 79); inclino-me porêm a que o tivesse sido em 1515 (pág. 81).
1517 — Fevereiro 5 — Carta escrita de Bruxelas a D. Manuel, na qual se descreve sua futura terceira mulher, ao tempo indigitada noiva do Príncipe (pág. 99).
— Março 7 — Morre a raínha D. Maria (págs. 84, 89 e 272).
— — 18 — Mandado do Capitão de Goa, para ser descontada certa quantia do sôldo a Gaspar Vicente (pág. 71), o qual era filho de G. V. e servia em Goa (pág. 248).
— Março 31 — Afonso Rodrigues, autorizado por alvará régio a substituir G. V., recebe o primeiro quartel do ordenado dêste ano de mestre da balança da Moeda de Lisboa (pag. 246 *n*).

Digitized by Google

1517—Abril 7—Assina D. Manuel o seu testamento, no qual se refere à custódia e à cruz de Belêm, obras de G. V. (págs. 47 *n* e 89).
— Julho 4 — O mesmo Afonso Rodrigues recebe por G. V. o segundo quartel do ordenado de mestre da balança (pág. 246 *n*).
— Agosto 3—Por instrumento desta data vendeu G. V. o oficio de mestre da balança (págs. 88 e 245).
— Agosto 6 — Carta régia confirmando a sobredita venda (págs. 15, 88 e 246). Doc. VII.
— Outubro 8 — Recebem Afonso Rodrigues e Diogo Rodrigues, ourives, o terceiro quartel do ordenado de G. V. de mestre da balança (pág. 246 *n*). Na mesma data recebe Diogo Rodrigues o quarto quartel (*ibi*).
— Outubro — Fôlha do ordenado dêste ano vencido por G. V. na qualidade de mestre da balança (pág. 245), da qual consta não haver êle servido o ofício em todo o ano (págs. 245 e 246).
— Outubro — Manda D. Manuel a Castela tratar do seu terceiro casamento (pág. 89).
— Neste ano realizou-se provávelmente o segundo casamento de G. V. (págs. 88, 89, 140 e 246).
— No Natal dêste ano já G. V. estava pela segunda vez casado (pág. 82).
— Neste ano, devido à morte da Raínha, parece não se ter representado nenhum auto novo (pág. 84).
— , 1518 ou 1519 — Num dêstes anos suponho haver sido impresso o *Auto de Moralidade*, primeira designação do *Auto da Barca do Inferno* (pág. 288).
1518 — Abril 2 — Em Lisboa, nos paços da Ribeira, representa G. V. a D. Manuel o *Auto da Alma*, feito à raínha D. Leonor (págs. 52 e 90).
— Maio — Efectua-se em Saragoça por procuração o terceiro casamento de D. Manuel (pág. 89).
— princípios de Julho — Chega a Lisboa a noticia dêste casamento (pág. 89).
— Agosto — Dá a peste em Lisboa (págs. 72, 89, 95, 240 *n* e 248) e D. Manuel foge para Sintra (págs. 90 e 95).
— depois de Agosto — Dirige G. V. as *Trovas ao Conde do Vimioso* (pág. 90), andando então a compôr a farça *Caça dos Segredos* (pág. 92).
— No verão, na armada dêste ano, regressa da India Gaspar Vicente, filho de G. V. (págs. 72, 89, 141 e 248).
— fins de Setembro — Estava D. Manuel em Colares (pág. 90).
— princípios de Outubro — Estava D. Manuel em Tôrres Vedras (pág. 90).
— Novembro 19 — Estava D. Manuel em Almeirim (pags. 90 e 96).
— — 23 — Chega a raínha D. Leonor à raia (págs. 98 e 388).
— — 23 — Efectua-se no Crato o terceiro casamento de D. Manuel (págs. 98 e 100).
— Dezembro 24 — Em Lisboa, na capela do hospital de Todos os Santos, representa G. V. à raínha D. Leonor o *Auto da Barca do Purgatório* (págs. 84, 95, 96 e 273). Foi a última peça a ela feita (pág. 389).
— Neste ano, antes e depois da peste dar em Lisboa, procedia-se a pinturas na casa da Relação, e mandava D. Manuel fazer as bandeiras para o recebimento da Raínha na cidade (págs. 95 e 240 *n*). Era então Belchior Vicente, filho de G. V., moço pequeno (pág. 95), teria catorze anos (pág. 248).

Digitized by Google

1518—Dêste ano até o de 1524 nasceram, segundo Brito Rebêlo, Paula e Luís Vicente e Valéria Borges, filhos de G. V. (pág. 251), mas não é provável (*ibi*).

1519 — Abril 22 — Na capela dos paços de Almeirim representa G. V. a D. Manuel o *Auto da Barca da Glória* (págs. 84, 96 e 273).

— Maio 6 — Desembargo mandando pagar as moradias do primeiro quartel do ano a várias pessoas, e entre elas a Gaspar Vicente, moço da capela (págs. 71, 90, 141, 242 e 248). Desta data em diante não há mais notícias dêste filho de G. V. (págs. 72, 141 e 248).

— meado Maio — Passa D. Manuel de Almeirim para Évora (pág. 96).

— Maio 24 — Já D. Manuel estava em Évora (pág. 96).

— Depois de Maio deve ter morrido Gaspar Vicente (págs. 72, 141 e 241) e para o seu lugar de moço da capela deve ter entrado seu irmão Belchior Vicente (págs. 72, 141 e 248).

— Neste ano deve ter nascido Paula Vicente, filha de G. V. (págs. 89, 141, 241 e 250).

— Neste ano veio a Portugal Felipe Guilhem, castelhano, a quem G. V. dedicou umas *Trovas* satíricas (págs. 207, 208 e 277).

— Data errada na rúbrica da tragicomédia *Côrtes de Júpiter* (págs. 107 e 275).

1520, na primavera — Há rebate de peste em Lisboa (pag. 72).

— Novembro 29 — Carta de D. Manuel dirigida à Câmara de Lisboa para se entender com G. V. sôbre as festas da entrada da raínha D. Leonor na cidade (págs. 16, 20, 23 e 101). Doc. VIII.

— Dezembro 10 — Nova carta de D. Manuel à Câmara de Lisboa relativa ao mesmo assunto (pág. 23). Doc. IX.

— Neste ano deve ter nascido Luís Vicente, filho de G. V. (págs. 89, 141, 241 e 255).

— Neste ano já G. V. certamente habitava os paços da Alcáçova (pág. 141).

— Neste ano residia a côrte em Évora (págs. 63 e 100), onde permaneceu até fins de Dezembro (pág. 96).

1521, Janeiro — Os primeiros dias do mês passou ainda a côrte em Évora (pág. 142).

— Janeiro 20 ou 21 — Faz D. Manuel a sua entrada solene em Lisboa com sua terceira mulher a raínha D. Leonor (págs. 24 e 101).

— Março 26 — Assina-se o contrato de casamento da infanta D. Beatriz (pág. 101).

— Março 29, endoenças — Neste ano é representada ao Príncipe, em Lisboa, a *Comédia de Rubena* (págs. 25, 26, 270, 273 e 279), talvez no dia indicado (pág. 101).

— Abril 15 — Morre em Lisboa o infante D. Carlos (pág. 101).

— Junho 8 — Nasce em Lisboa a infanta D. Maria (pág. 101).

— Agosto 4 — Festejos por ocasião da partida da infanta D. Beatriz para Saboia (págs. 106 e 145). Representa G. V. no paço da Ribeira a tragicomédia *Côrtes de Júpiter* (págs. 61, 75, 107 e 253).

— Dezembro 4 — Adoece D. Manuel (pág. 114).

— — 7 — Já não pôde assinar um alvará (pág. 114).

— — 11 — Ditou o seu codicilo (pág. 114).

— — 13 — Morreu D. Manuel (págs. 114, 115, 116 e 117). A êste sucesso escreve G. V. um *Romance* (pág. 115).

Digitized by Google

1521—Dezembro 14—Foi sepultado D. Manuel e G. V. compôs as *Orações dos grandes depois denterrado el Rei* (págs. 116, 125, e 196 *n*).
— Dezembro 17 — Fez-se a quebra dos escudos por morte de D. Manuel (pág. 123).
— Dezembro 18 — Foi uma grande tempestade em Lisboa (pág. 123).
— — 19 — Teve lugar a aclamação de D. João III (pág. 123). Celebra G. V. o acto com o *Romance à Aclamação de D. João III* (págs. 91 e 124) e com as *Palavras dos senhores ao beijar da mão* (pág. 125).
— Dezembro 25 — Passa D. João III o Natal em Lisboa (pág. 186).
— Receitas do Estado neste ano (págs. 113 e 114).
— Neste ano, segundo a rúbrica, foi representada em Évora a D. João III o *Auto das Ciganas* (págs. 105, 142 e 276), mas está errada a data (pág. 105) até porque D. João III neste ano não saíu de Lisboa (pág. 142).
1522 — Foi ano de terriveis fomes em todo o reino; passou D. João III todo êle em Lisboa, talvez no paço de Santos, e não se celebraram representações na côrte (pág. 127).
— Neste ano compôs G. V. o *Pranto de Maria Parda* (pág. 127).
— Dezembro 25 — Passa D. João III a festa do Natal em Lisboa (pág. 186).
— ou 1523 — Conjectura Brito Rebêlo, sem grande probabilidade, haver neste período nascido Paula Vicente (pág. 251). Vidé em 1519.
1523, Janeiro — Nos princípios do mês estalou a peste em Lisboa (págs. 128 e 162).
— Janeiro 25 — Fugindo a ela, já a côrte se encontrava então no Barreiro (pág. 128).
— Janeiro 27 — Confirma D. João III a Felipa Borges a renúncia que fizera de uma tença em seu filho; não se trata porêm da irmã de G. V. (pág. 34).
— Março 10 — Ainda a côrte permanecia no Barreiro (pág. 128).
— — 18 — Já se encontrava em Almeirim (pág. 128).
— Maio — Parte a raínha D. Leonor, viúva de D. Manuel, de Muja para Castela (pág. 128).
— Neste ano deu D. João III dinheiro a G. V. (pág. 125). Foram 6.000 rs. dados depois de 8 de Maio (pág. 128).
— De meado Julho a fins de Setembro permaneceu D. João III em Tomar (págs. 128 e 135).
— No convento de Tomar representa G. V. a D. João III o *Auto de Inês Pereira* (págs. 127, 128, 276, 289 e 365).
— Outubro 2 — Já a côrte se encontrava em Évora, com pouca permanência porêm (págs. 135 e 142).
— Outubro 17 a Dezembro 10 — Residiu a côrte em Montemor o Novo (pág. 142).
— Dezembro — No meio do mês tornou D. João III para Évora (pág. 142).
— — 24 — Em Évora representa G. V. a D. João III o *Auto Pastoril português* (págs. 127, 135 e 272).
1524, Abril e Maio — Nestes mêses são expedidas de Évora as procurações para o contrato de casamento de D. João III (pág. 136).
— Junho 16 — Provisão mandando lavrar os diplomas régios na primeira pessoa do singular (pág. 136).
— Julho 7 — Ordenação proíbindo o uso das sedas (pág. 136).

Digitized by Google

1524, Julho 19 — Assina-se em Burgos o contrato de casamento de D. João III (pág. 136).
— Agosto — Celebra-se em Tordessilhas o casamento por promessa de D. João III (págs. 136 e 137).
— Em Évora, nas festas do desposório de D. João III com D. Caterina, representa G. V. a tragicomédia *Frágoa de Amor* (págs. 127, 137 e 196 *n*). Era então marquês de Vila Rial D. Pedro de Meneses (pág. 139).
— Outubro 1 — Acaba de se imprimir em Sevilha o *Primaleão*, romance de cavalaria d'onde G. V. tirou o *Dom Duardos* (págs. 145 e 146).
— Dezembro 16 — Carta régia de confirmação da lei de D. Manuel que derrogava toda a legislação de excepção lançada contra os cristãos novos (pág. 137). Pouco depois partem os infantes para a raia a tomar entrega da rainha D. Caterina (*ibi*).
— Neste ano concede D. João III uma tença de 12.000 rs. a G. V. (págs. 15, 20, 126 e 141) e afora isso dá-lhe dinheiro (pag. 126), na importância de 4.000 rs. e mais 6.000 (págs. 128 *n* e 141).
— Neste ano residiu sempre a côrte em Évora (págs. 63 e 142).
1525 — Antes dêste ano, conforme Brito Rebêlo, nasceu Valéria Borges, filha de G. V. (págs. 141 e 263), aliás em anos próximos de 1530 (pág. 263).
— Janeiro 19 — Carta régia de três moios de trigo de tença a G. V. (págs. 15, 20, 126 e 141). Doc. x.
— Fevereiro 7 — Ainda a raínha D. Caterina estava em Badajoz (pág. 140).
— — 15 — Já se encontrava em Évora (pág. 140). Foi pois entre estas duas datas que teve lugar o casamento de D. João III (*ibi*).
— Março 19 — Alvará de mercê a G. V. do ofício de língua de Ormuz (pág. 141-142).
— Em Évora a D. João III, estando em serão, representa G. V. o *Auto das Ciganas* (págs. 105 e 161), talvez na sexta-feira de endoenças, 14 de Abril (págs. 142 e 143).
— Abril 22 — Estava D. João III em Montemor o Novo (pág. 143).
— — 29 — Fez D. João III mercê de certas pensões a Garcia de Rèsende (pág. 141).
— Maio 10 — Estava ainda D. João III em Montemor o Novo (pág. 143).
— — 20 — Já se encontrava em Almeirim (pág. 143).
— Julho 1 — Estava em Tomar para assistir às Côrtes (pág. 143).
— Setembro 15 — Para êste dia haviam sido convocadas as Côrtes (pág. 143).
— — 24 — Já a côrte assistia em Tôrres Novas, para onde por causa da peste se transferira (pág. 143).
— Celebram-se as côrtes de Tôrres Novas (pág. 143).
— Outubro 18 — Em Tôrres Novas juram D. João III e a infanta D. Isabel cumprir as condições do contrato de casamento dela com Carlos V (pág. 144).
— Outubro 21 — Ainda a côrte estava em Tôrres Novas (pág. 143), seguindo depois para Almeirim (pág. 147).
— Novembro 1 — Celebram-se em Almeirim os desposórios da infanta D. Isabel, seguindo-se um serão no paço (págs. 75, 144 e 149), no qual G. V. representou a tragicomédia *Dom Duardos* (pág. 145).
— Novembro, antes de 17, ou quando muito de 19, em Almeirim, a D. João III representa G. V. a farsa do *Juiz da Beira*, no caso de estar certa a rú-

Digitized by Google

brica (págs. 147, 161 e 276); mais provável porêm é ter sido representada em Fevereiro de 1526 (pág. 147).

1525—Novembro 17 — Nos seus paços de apar de Santo Eloi morre em Lisboa a raínha D. Leonor, viúva de D. João II e protectora de G. V. (pág. 148). Anteriormente havia G. V. escrito o *Prólogo do Dom Duardos* (pág. 145).

— Neste ano concede D. João III a G. V. um acrescentamento de 8.000 rs. na sua tença de 12.000 rs. (págs. 15, 20, 126 e 141).

— Neste ano declara erradamente a rúbrica haver sido representada a *Frágoa de Amor* (págs. 137 e 275); havia-o já sido em 1524 (pág. 137).

— a 1531 — Nestes anos deve ter sido composto e representado o *Jubileu de Amores*, auto perdido de G. V. (pág. 93).

1526, Janeiro 20 — Depois de vir novo breve de dispensação de parentesco, repete se em Almeirim a ceremónia dos desposórios da infanta D. Isabel com o imperador Carlos V (págs. 31, 83 e 149); talvez então, à partida da Imperatriz para Castela, como declara a rúbrica, fôsse representada a tragicomédia *Templo de Apolo* (págs, 75, 149 e 275). Foi sem dúvida (págs. 149, 158 e 161).

— Janeiro 30 — Parte para Castela a Imperatriz (págs. 75, 158 e 165).

— Fevereiro 4 — De Monforte escreve o Marquês de Vila Rial, que por parte de D. João III acompanhava a Imperatriz, a sua primeira carta a el Rei (pág. 158).

— Fevereiro 24 — Nasce em Almeirim o príncipe D. Afonso (págs. 147 e 193), sendo muito possível que então tivesse representado G. V. a farsa do *Juiz da Beira* (págs. 147 e 161).

— Março 11 — Casa em Sevilha a infanta D. Isabel com o Imperador (pág. 159).

— Março 17 — Duas cartas do Marquês de Vila Rial, dando notícias de Carlos V e da Imperatriz (pág. 159).

— Março 30, sexta-feira de endoenças — Representa talvez G. V., em Almeirim, a D. João III e à raínha D. Caterina, o *Auto do Breve sumário da história de Deus* e o *Diálogo sôbre a Ressurreição*, seu complemento (págs. 101 e 162). Talvez porêm só tôssem representados em 1528.

— Posterior talvez a estas composições foi a da paráfrase ao *Salmo de Miserere mei, Deus* (pág. 239).

— Abril 1, Páscoa — Passa D. João III a festa em Almeirim (pág. 161).

— — 6 — De Castilblanco é datada a última carta do Marquês de Vila Rial, relatando os casos passados em Sevilha entre êle e Carlos V (pág. 160).

— Junho 30 — Carta régia confirmando a Francisco de Ponte o ofício de língua de Ormuz, que G. V. lhe vendera (pág. 142). Doc. XI.

— Setembro — Estava a côrte em Alcochete, onde persistiu até fins de Janeiro, princípios de Fevereiro (pág. 162).

— Neste ano declaram as rúbricas haverem sido representadas as farsas dos *Almocreves* e do *Clérigo da Beira* (pags. 161 e 277); mas é êrro, porque o foram respectivamente em 1527 e 1529 (págs. 178 e 196).

— , 1527 — No inverno as condições de salubridade de Lisboa eram, na aparência, regulares (pág. 162).

1527, fins de Janeiro, princípios de Fevereiro — Parte D. João III de Alcochete com a côrte e tem lugar a entrada solene da raínha D. Caterina em

Digitized by Google

Lisboa (pág. 162). Por esta ocasião representa G. V. a tragicomédia *Nau de Amores* (págs. 161, 162, 166 e 274).

1527— Abril — Recrudesce a peste em Lisboa e a côrte, passada a primeira década do mês, foge para o Lavradio (págs. 162 e 167).

— Abril 15 — Neste dia e nos seguintes permanecia a côrte pelo Lavradio e depois por Benavente, já a caminho de Almeirim (págs. 162).

— Abril 19, endoenças — E' a data posta na rúbrica para a representação do *Auto do Breve sumário da história de Deus* (págs. 162, 273 e 290); mas parece êrro (pág. 162).

— Maio 9 — Já a côrte estava de novo em Almeirim (págs. 161 e 162), onde permaneceu algum tempo (pág. 167), e diz a rúbrica ter lá sido representado o *Sumário da história de Deus* (págs. 161 e 273), mas não parece provável (págs. 161 e 162).

— Junho — D'então em diante é que se encontram notícias documentais da estada em Portugal de Felipe Guilhem, a quem G. V. dedicou umas *Trovas* (pág. 208).

— antes de Julho — Escreveu Sá de Miranda a *Fábula do Mondego*, que melindrou G. V. (pág. 169).

— Julho 2 — Estava ainda a côrte em Almeirim (págs. 161 e 167).

— — 10 — Já a côrte estava em Coímbra (págs. 167 e 169), onde também se encontrava Francisco de Sá de Miranda (pág. 169).

— Julho — Ainda neste mês é possível ter G. V. representado a D. João III, em Coímbra, a comédia da *Divisa da cidade de Coímbra* (págs. 161, 167, 169 e 274).

— Julho 31 ou Agosto 1 — Foi um dia de extraordinário calor (pág. 177).

— No verão representa G. V. em Coímbra a D. João III a farsa dos *Almocreves* (págs. 167, 178 e 277).

— Nos princípios de Setembro entra em Coímbra a embaixada do Preste João (pág. 178).

— Outubro 15 — Nasce em Coímbra a infanta D. Maria (págs. 167, 181 e 193). Ao seu nascimento representa G. V. a tragicomédia *Serra da Estrêla* (págs. 161, 167, 181, 193 e 275).

— Dezembro — Partiu a côrte de Coímbra para Almeirim (pág. 182).

— — 16 — Já a côrte se encontrava em Almeirim (pág. 182). Na jornada foi G. V. roubado por uns almocreves e, queixando-se do facto, escreve umas *Trovas* a D. João III (págs. 161 e 182).

— Dezembro 24 — Conforme a rúbrica foi então representado em Lisboa o *Auto da Feira* (págs. 186 e 272), mas não pode ser (pág. 186).

— Dezembro 25 — Passa a côrte a festa em Almeirim (págs. 182 e 185).

1528, Fevereiro — Deve ter então chegado a Almeirim Lopo Hurtado de Mendoça, embaixador de Carlos V, mencionado por G. V. no *Clérigo da Beira* (pág. 185).

— Abril 10, endoenças — Neste ano, ou em igual dia de 1526, representou G. V., em Almeirim, a D. João III e raínha D. Caterina, o *Auto do Breve sumário da história de Deus* e o *Diálogo sôbre a Ressurreição* (págs. 161, 162 e 185).

— Posterior talvez a estas composições foi o da paráfrase do *Salmo de Miserere* (pág. 239).

— Abril 12, Páscoa — Passa D. João III a festa em Almeirim (pág. 161).

— Maio 5 — Ainda a côrte permanecia em Almeirim (pág. 185).

Digitized by Google

1528, Maio 16 — Já se encontrava em Lisboa (pág. 185).
— Novembro 2 — E' dada uma tença com o hábito de Cristo a Felipe Guilhem; só depois disto podiam ter sido escritas as *Trovas* que G. V. lhe endereçou (pág. 208).
— Dezembro 24 — Representa G. V., em Lisboa, a D. João III, o *Auto da Feira* (págs. 161 a 186).
— Dezembro 25 — Passa D. João III a festa em Lisboa (pág. 186).
— Neste ano concede D. João III uma tença de 20.000 rs. a G. V. (págs. 126 e 185).
— Talvez neste ano escrevera Sá de Miranda a *Carta a António Pereira* (pág. 170).
1529 — Antes de Abril morreu o príncipe D. Afonso (pág. 193).
— Abril 28 — Nasce em Lisboa a infanta D. Isabel (pág. 192). Ao seu nascimento representa G. V. a tragicomédia *Triunfo do Inverno* (págs. 161 e 192).
— Setembro 12 — E' o dr. Francisco Tibau nomeado corregedor do crime de Lisboa (pág. 195). Depois disto é que G. V. compôs a farsa do *Clérigo da Beira* (pág. 196).
— Dezembro 24 — E' possível ter sido então representado por G. V. em Lisboa, no paço, o *Auto da Feira* (págs. 161 e 186), mas inclino-me a que o tivesse sido no ano precedente (pág. 186).
— Dezembro 25 — Passa D. João III a festa em Lisboa (pág. 186). Nas proximidades dêste dia representa talvez G. V. a D. João III a farsa do *Clérigo da Beira* (págs. 134, 161, 170, 171, 173, 186 e 196), se é que o não fez na data a seguir indicada.
1530, Fevereiro 15 — Nasce em Lisboa a infanta D. Beatriz (págs. 192 e 196). Talvez então, se o não havia sido no Natal precedente, fôsse representada por G. V. a D. João III a farsa do *Clérigo da Beira* (págs. 170, 186 e 196).
— Fevereiro 19 — Morre o Conde de Marialva e antes disso havia G. V. representado o *Clérigo da Beira* (pág. 196).
— Novembro — Nos primeiros dias do mês passou D. João III para a Outra-banda, ficando a Raínha ainda em Lisboa (pág. 209).
— Novembro 3 — Estava D. João III em Aldeia Galega (pág. 209).
— — 8 e 9 — Estava no Torrão (pág. 209).
— — 21 — Estava em Castro Verde (pág. 209).
— Dezembro 7 ou 8 — Houve um tremor de terra em Lisboa, ao qual se seguiram outros (pág. 210).
— Dezembro 22 — Ainda a raínha D. Caterina estava em Lisboa (pág. 209).
— — 24 — Estava já toda a côrte reunida no Lavradio (págs. 209 e 210).
— Dezembro 28 — Grassava a peste em Lisboa com bastante intensidade (pág. 209, 209 *n*).
— Neste ano provàvelmente foram compostas as *Trovas a Felipe Guilhem* (págs. 207 e 209).
— Em anos próximos a êste, se não foi nêle, teve lugar, estou persuadido, o nascimento de Valéria Borges, filha de G. V. (págs. 241 e 263).
— a 1534 — Retoca G. V. a tragicomédia *Exortação da guerra* (págs. 76, 238 e 241).
1531, Janeiro 26 — Terremoto muito violento em todo o reino, mas principalmente em Lisboa, Santarêm e todo o Ribatejo (págs. 32, 210 e 211). A

Digitized by Google

côrte estava no Lavradio, onde parece ter sido o abalo menos violento (pág. 211) e G. V. encontrava-se em Santarêm, onde espontâneamente tomou a defesa dos cristãos novos contra os frades desatinados (págs. 144 e 212).

1531 — Janeiro 30 — Já a côrte se encontrava em Alhos Vedros (pág. 211-212).

— — 31 — Repete-se o tremor de terra (pág. 210).

— Fevereiro 2 — Novo tremor de terra (pág. 210). Por êstes dias convocou G. V. os frades de Santarêm para o claustro de S. Francisco e dirigiu-lhes uma fala para os demover da sua atitude agressiva contra os cristãos novos (págs. 32, 54 e 212).

— Fevereiro 4 — Já a côrte estava em Palmela (págs. 212 e 213). Depois dêste dia dirige G. V., de Santarêm, a D. João III uma *Carta* sôbre a atitude dos frades da vila em seguida ao terremoto (págs. 32, 212, 213 e 277).

— Março — Nos fins do mês ainda a côrte se encontrava em Palmela (págs. 212 e 213).

— Abril e Maio — Passa D. João III êstes meses em Montemor o Novo (págs. 213-214).

— Maio 31 — Estava D. João III em Évora (pág. 214).

— Outubro — Nos princípios do mês parte D. João III para o castelo de Alvito (pág. 214).

— Novembro 1 — Neste castelo nasce o príncipe D. Manuel (págs. 211 e 214).

— Dezembro 21 — E' representado em Bruxelas, festejando este sucesso, o *Jubileu de Amores*, auto perdido de G. V. (pags. 93, 214 e 289).

— Dezembro 28 — Errada interpretação dada a esta data nos *Elementos para a história do município de Lisboa*, por o autor não ter reparado que o ano era do Nascimento e não da Circuncisão (pág. 209 *n*).

1532 — Anterior a êste ano supõe Moratín ter sido impressa uma edição avulsa do *Auto de Amadis de Gaula* (pág. 289).

— Março 4 — Estava D. João III em Alcácer do Sal (pág. 214).

— — 21 — Estava em Setúbal (pág. 214).

— Julho 1 — Ainda lá permanecia (pág. 214).

— — 11 — Já a côrte havia regressado a Lisboa (pág. 214). É depois que G. V. representa naquela cidade a D. João III, para festejar o nascimento do príncipe D. Manuel, o *Auto da Lusitânia* (pág. 214). A rúbrica apenas indica o ano (págs. 214 e 277).

— Novembro — Nos fins do mês torna D. João III para Évora (pág. 217), onde já residia em Dezembro (pág. 242), e permaneceu até Agosto de 1537 *(ibi)*.

— Nos fins do ano retira de Portugal o embaixador de Carlos V, Lopo Furtado de Mendoça (pág. 185).

1533 — Maio 25 — Nasce em Évora o infante D. Felipe (págs. 217 e 228) e para festejar o seu nascimento representa G. V. a D. João III a tragicomédia *Romagem de agravados* (págs. 91, 95, 154, 217, 242 e 275).

— Por êstes tempos deve G. V. ter composto os desaparecidos autos da *Aderência do Paço* e da *Vida do Paço* (pág. 95).

— Neste ano representa G. V. em Évora a D. João III o *Auto de Amadis de Gaula* (págs. 228, 242 e 274).

1534 — Neste ano representa G. V. no mosteiro de Odivelas, a rôgo da Dona

Digitized by Google

Abadessa, o *Auto da Cananeia* (págs. 229 e 273), na quaresma (pág. 242), a 26 de Fevereiro (pág. 230-231) ou a 1 de Março (pág. 231).

1534 — Antes de Novembro dêste ano retocou G. V. a tragicomédia *Exortação da guerra* (págs. 76, 238 e 241).

— Dezembro 24 — Em Évora representa G. V. a D. João III o *Auto da Mofina Mendes* (págs. 232, 242 e 272).

1535, Abril 16 — Nasce o infante D. Denis, mas não consta ter G. V. composto neste ano nenhum auto novo (págs. 234 e 242).

— Junho — Reunem-se as Côrtes em Évora para ser jurado o principe D. Manuel (pág. 235).

— Junho 19 — Mandado para G. V. receber 8.000 rs. da vestiaria de seu filho Belchior Vicente (págs. 234, 242 e 248). Doc. XII.

— Agosto 11 — Passa G. V. em Évora recibo da sobredita quantia (págs. 22, 234 e 242 *n*).

— Neste ano não consta ter G. V. composto nenhum auto novo (pág. 234).

— Foi ano de fomes grandes em Lisboa (pág. 235).

— a 1540 — Entre êstes anos põe Brito Rebelo o casamento de Belchior Vicente, filho de G. V. (pág. 234 *n*); mas estou persuadido que em 1536 ainda era solteiro (*ibi*) e só casou depois de 1540 (pág. 249).

1536, Fevereiro 3 — Morreu em Évora Garcia de Rèsende (pág. 235).

— Maio 23 — Bula estabelecendo definitivamente a Inquisição em Portugal (pág. 160).

— Julho 12 — Em Basileia morreu Erasmo, supôsto apreciador das obras de G. V. (pág. 235).

— Neste ano era reposteiro do infante D. Luís um Luís Vicente, que não é o filho de G. V. (pág. 258).

— Neste ano representou G. V. em Évora, a D. João III, a comédia *Floresta de enganos* (págs. 30, 235, 237, 242 e 274), última peça por êle escrita (págs. 235, 238 e 241), depois da qual se supõe ter começado a compilar as suas obras (págs. 237 e 241) por mandado de D. João III (págs. 74, 81, 237 e 242), das quais deixou apenas um borrão de catálogo (págs. 237, 238, 240, 241 e 242).

— Foi então que escreveu o *Prólogo a D. João III* (pág. 237). Doc. XIII.

— Neste ano era G. V. já velho (pág. 237) e após a composição da *Floresta de enganos* não teve mui dilatada vida (págs. 239, 240, 241 e 242).

— Nos fins dêste ano, ou nos primeiros dias do seguinte, morreu G. V. (págs. 242, 247 e 250). Para aqui me inclino, admitindo ainda a possibilidade de se lhe ter prolongado a vida até antes de Agosto (pág. 243). Faleceu em Évora (págs. 242 e 247) e foi sepultado no mosteiro de S. Francisco (pág. 243). Compôs o seu próprio epitáfio (*ibi*).

— Pessoas da família de G. V. neste ano (págs. 241, 242 e 247); nos paços velhos da Alcáçova residia sua mulher Melícia Rodrigues, com seus filhos e seu enteado Belchior Vicente (pág. 247).

Sucessos póstumos

1537, Janeiro 29 — Carta régia de mercê do ofício de escrivão segundo da feitoria da Mina a Belchior Vicente (págs. 242, 248 e 251). Doc. XIV. Já então seu pai G. V. tinha morrido (págs. 243 e 251).

— Junho 8 — Completa dezasseis anos a infanta D. Maria (pág. 250) e seu

Digitized by Google

irmão D. João III põe-lhe casa apartada, entrando então para ela, na qualidade de moça da câmara e tangedora, Paula Vicente, filha de G. V. (págs. 250 e 251), e não em 1539 ou 1540, como supõe Brito Rebêlo (pág. 141).

1537, Agosto — Neste mês retirou a côrte para Lisboa (págs. 242 e 243) e G. V. já indubitávelmente era falecido (págs. 243 e 247).

1539, Janeiro 25 — Imprime-se em Burgos a *Tragicomédia alegórica del parayso y del infierno*, imitação do *Auto de Moralidade* de G. V. (pág. 288).

— Dêste ano em diante passou a viver em Moura um Luís Vicente que não era o filho de G. V. (pág. 258).

— Por todo êste ano, ou nos seus fins, ou nos princípios do seguinte, estava geralmente admitido, com fundamento nos dizeres dum depoimento de seu filho Belchior Vicente, que morrera G. V. (págs. 12, 30, 95 e 240).

1540 — Nos princípios do ano depõe Belchior Vicente, filho de G. V., num processo de justificação (págs. 240 e 248). Residia então em Lisboa, na Alcáçova (pags. 95, 240, 247 e 249), era moço da capela rial (págs. 240, 248 e 249), solteiro (pág. 249) e orfão (pags. 95 e 240).

— Abril 16 — Data da carta testemunhável na qual depôs Belchior Vicente (págs. 240 e 249). Doc. XV.

— a 1545 — Nasceu D. António de Almeida, futuro marido de Valéria Borges, filha de G. V. (pág. 265).

1543 — Neste ano casou a infanta D. Maria, filha de D. João III, e do facto de a êste casamento aludir o sumário da tragicomédia *Serra da Estrêla* se prova não ser êle de G. V. (pág. 181 *n* e 237).

— No Livro das Moradias dêste ano vem inscrita Paula Vicente na qualidade de moça da câmara e tangedora da infanta D. Maria (págs. 250 e 251).

1545, Outubro 19 — Por instrumento desta data vendeu Belchior Vicente o ofício de escrivão segundo da feitoria da Mina (págs. 242 e 249).

— Outubro 23 — Carta régia confirmando o referido ofício ao comprador dêle, Afonso Castanho (pág. 249).

— Neste ano o Luís Vicente, morador em Moura, que não era filho de G. V., foi acrescentado de reposteiro a escudeiro e cavaleiro (págs. 258 e 259).

1546, Janeiro 11 — E' apresentada na Inquisição de Lisboa uma denúncia contra Luís, filho de G. V. (págs. 20, 88 *n*, 255-256). E' a primeira notícia documental de Luís Vicente (pág. 259).

— Desde 1536 que residia nos paços velhos da Alcáçova a viúva de G. V. com seu filho Luís Vicente (págs. 88, 255 e 256), que neste período completou os vinte anos (págs. 88-89). Durante o mesmo decénio também residiu nos ditos paços o cronista mor Fernão de Pina (págs. 88, 89 e 256).

1549, Abril 11 — Baptiza-se Paula, filha de Belchior Vicente e de Guiomar Tavares (pág. 249).

1550 — Neste ano morre em Moura um Luís Vicente que não era filho de G. V. (pág. 259).

1551 — Pelo *Rol dos livros defesos* dêste ano consta que já haviam sido impressos anteriormente os autos de G. V. intitulados *Dom Duardos*, *Lusitânia*, *Pedreanes*, *Jubileu de Amores*, *Aderência do Paço*, *Vida do Paço* e *Físicos* (págs. 93, 95, 288, 289, 303, 354 e 357).

Digitized by Google

1551 — Outubro 14 — Valéria Borges, filha de G. V., é madrinha de uma criança (pág. 263).

1552, Março 30 — Já era morto Belchior Vicente, filho de G. V., tendo chegado a ser acrescentado a escudeiro da casa del Rei (pág. 249). Nesta data foram passadas duas cartas de padrão de tença, uma de dois moios de trigo a sua viúva Guiomar Tavares, e outra de 12.000 rs. a sua filha Paula Vicente (págs. 249 e 268). Docs. XVI e XVII.

— Maio 1 — Luís Vicente, filho de G. V., é testemunha de um casamento (pág. 256).

— Maio 3 — Valéria Borges é madrinha doutra criança (pág. 263).

— Junho 8 — Fez D. João III mercê verbal do ofício de juiz da alfândega de Gogala para quem casar com Valéria Borges. Doc. XVIII.

— Julho 10 — Valéria Borges casa com Pero Machado (págs. 256 e 263); seu irmão Luís Vicente é testemunha (pág. 256).

— Julho 11 — Alvará fazendo mercê do ofício de juiz da alfândega de Gogala à pessoa que casar com Valéria Borges. Doc. XVIII.

1553, Fevereiro 15 — Carta nomeando Pero Machado juiz da alfândega de Gogala por ser casado com Valéria Borges (pág. 263). Doc. XIX.

— Abril — Já Luís Vicente era casado com Mor de Almeida, de quem baptizou um filho em Dezembro (págs. 88 e 256).

— Agosto 7 — Baptizado de Paula, filha de Valéria Borges e Pero Machado (págs. 254 e 263).

— Dezembro 21 — Baptizado de Gil, filho de Luís Vicente e Mor de Almeida (págs. 256, 261, 262 e 302).

1554, Agosto 7 — Guiomar Tavares, viúva de Belchior Vicente, é madrinha de uma criança (pág. 29 *n*).

1554 a 1564 — Neste período nasce Bernardim Borges, filho de Luís Vicente e Mor de Almeida (pág. 257).

1555, Fevereiro 20 — E' madrinha de uma criança Valéria Borges, parece que ainda casada com Pero Machado (pág. 264).

— Maio 5 — Alvará nomeando tabelião em Santarêm por dois anos um Luís Vicente, que não é o filho de G. V. (pág. 259).

— Novembro 19 — Guiomar Tavares, viúva de Belchior Vicente, é madrinha de uma criança (pág. 249).

— a 1557 — Neste período, conforme o primeiro parecer de Brito Rebêlo, realizou-se o segundo casamento de Valéria Borges (pág. 264); parece-me contudo mais provável ter tido lugar nas proximidades de 1565 (pág. 265).

1557 — Neste ano põe Brito Rebêlo, na sua primeira conjectura, o nascimento de D. Beatriz de Meneses, filha de Valéria Borges (pág. 264), quando ela deve ter nascido pelos anos de 1566 (pág. 265).

— Neste ano erradamente supõe Sanches de Baena haver casado Luís Vicente com Mor de Almeida (pág. 256).

1558, Fevereiro 14 — Carta nomeando escrivão dos orfãos de Moura a um Luís Vicente, moço da câmara, que não é o filho de G. V. (pág. 258).

1559 — Antes dêste ano já tinha sido impresso o *Auto de Amadis de Gaula*, de G. V. (págs. 228 e 289).

— No *Cathalogo de los libros en Romance que se prohiben* publicado neste ano menciona-se o *Amadis* de G. V. (págs. 289 e 303).

Digitized by Google

1560, Outubro 12 — Carta nomeando escrivão dos orfãos de Lisboa um Luís Vicente que não é o filho de G. V. (pág. 259).

1561, Setembro 3 — Alvará de privilégio dado a Paula Vicente para a impressão e venda das obras de G. V. seu pai (págs. 89, 252, 257 e 269). Doc. XX.

— Depois de 3 de Setembro começou em Coímbra a impressão da *Copilaçam de todalas obras de Gil Vicente* (págs. 252, 257, 269 e 270). Censura inquisitorial desta edição (págs. 192 *n*, 228 e 303).

1562 — Autos de G. V. impressos em separado antes da edição dêste ano (págs. 288, 289 e 357) e autos nela reimpressos (págs. 288 e 289).

— Neste ano concluiu-se em Coímbra a impressão do liv. 1.º da *Copilaçam* (págs. 269 e 270).

— Para esta edição escreveu Luís Vicente o seu *Prólogo* (págs. 237, 258 e 270). Doc. XXI.

— Setembro 12 — Conclui-se em Lisboa a impressão da *Copilaçam de todalas obras de Gil Vicente* (págs. 257, 258, 269 e 271). Foi empreendida por Paula e Luís Vicente (págs. 141 e 252).

1563, Julho 10 — Alvará nomeando escrivão do tesouro da casa rial um Luís Vicente que não é o filho de G. V. (págs. 259).

1564 — Antes de Outubro dêste ano deve ter nascido Bernardim Borges, filho de Luís Vicente e Mor de Almeida (págs. 257 e 261).

1565, Agosto 4 — Baptismo de Maria, filha de Luís Vicente e Mor de Almeida, madrinha Paula Vicente (págs. 254, 256 e 261).

— Neste ano Melícia Rodrigues, viúva de G. V., morava nos paços da Alcáçova (págs. 77, 88 e 247).

— Neste ano possuia um D. António de Meneses (talvez Meneses por Almeida) umas casas na rua dos Penosinhos de Lisboa (págs. 250 *n*, 265 *n*).

— Nas proximidades dêste ano casou, em segundas núpcias, Valéria Borges, filha de G. V., com D. António de Almeida (págs. 263 e 265).

— 1566 e 1567 — Nestes anos residiu Luís Vicente em Lisboa, na rua dos Penosinhos (pág. 256).

1566, Fevereiro 9 — E' D. António de Almeida padrinho de uma criança baptizada na igreja de Santa Cruz da Alcáçova (pág. 265 *n*).

— Neste ano moravam na rua dos Penosinhos Paula Vicente e Maria Tavares, filhas de Belchior Vicente (págs. 249). Também na mesma rua habitava Luís Vicente em casas da sobrinha Maria Tavares (págs. 249, 256 e 260).

— Neste ano deve ter nascido D. Beatriz de Meneses, neta de G. V., filha de D. Valéria Borges (pág. 265).

— Neste ano é avaliada a fazenda da viúva de G. V. (págs. 88, 91, 247 e 251), a de seu filho Luís Vicente (págs. 91, 250 *n*, 251 e 256) e as de suas netas Paula e Maria (págs. 249 e 251).

1567, Abril 30 — Carta de juiz dos orfãos de Miranda de Podentes a Belchior Vicente, moço da câmara da infanta D. Maria, talvez filho de Belchior Vicente e neto de G. V. (págs. 250 e 254).

— Outubro — Antes dêste mês nasceu D. Helena da Silva, segunda filha de D. Valéria Borges (págs. 264 e 265).

1568, Fevereiro 10 — E' baptizado Jerónimo, filho de Luís Vicente e Mor de Almeida (págs. 254, 256, 259 e 261), sendo padrinho D. António de Almeida (págs. 256 e 265 *n*) e madrinha Paula Vicente (págs. 254 e 256).

Digitized by Google

1569, Julho 11 — Morre na frèguesia de Santa Cruz da Alcáçova uma Melícia Rodrigues, talvez a viúva de G. V. (págs. 247 e 256).

— Neste ano residia Luís Vicente nos paços da Alcáçova (págs. 88, 256, 258 e 259) e as primeiras vítimas da peste grande na frèguesia de Santa Cruz foram dois escravos seus (págs. 90 e 256).

1570 — Antes dêste ano havia de ter nascido Bernardim Borges, filho de Luís Vicente, por isso que era de maior idade em 1595 (pág. 261).

1571 — Neste ano terminou o privilégio concedido aos filhos de G. V. para a impressão e venda das obras do pai (pág. 258).

1572, Novembro 4 — Instrumento público pelo qual Paula Vicente nomeou uma tença de 12.000 rs. em D. Beatriz de Meneses, sua sobrinha (págs. 254, 264 e 265). Teria então D. Beatriz seis para sete anos (pág. 265).

— Dezembro 17 — Alvará confirmando a D. Beatriz de Meneses a tença de 12.000 rs. que nela traspassara sua tia Paula Vicente (págs. 254, 265-266). Doc. XXII. E' o último doc. em que há referência a Paula Vicente em sua vida (págs. 254 e 258), vindo ela a morrer, segundo parece, em 1576 (pág. 255).

— Neste ano imprimiu-se o *Auto de dom Luís e dos Turcos*, erradamente atribuido a Gil Vicente de Almeida, neto de G. V. (pág. 301).

— A êste ano leva Brito Rebêlo, na sua segunda conjectura, o nascimento de D. Beatriz de Meneses, neta de G. V.; é êrro porêm (pág. 264).

1574, Outubro — Então e tempos anteriores morava D. Valéria Borges junto da Graça, em Lisboa (pág. 266).

1576, Junho 18 — Neste dia, no lugar do Mosteiro de Matacães, Joana de Pina e sua mãe Maria Barreto passaram uma procuração a Luís Vicente, marido de uma e genro da outra (pág. 259). Era portanto já então pela segunda vez casado o filho de G. V. (pág. 260).

— Neste ano deve ter morrido Paula Vicente (pág. 255).

1577, Janeiro 1 — Já Paula Vicente tinha morrido, pois começaram então suas sobrinhas a receber as tenças que por morte da tia lhes concedera a infanta D. Maria (pág. 255).

— Fevereiro 7 — Alvará da infanta D. Maria fazendo mercê de uma tença de 10.000 rs. a D. Helena da Silva, sobrinha da falecida Paula Vicente (págs. 254-255). Doc. XXIII. Outros dois alvarás da mesma data de duas tenças de igual quantia a D. Beatriz e D. Mariana de Meneses, também sobrinhas de Paula Vicente (págs. 255, 265 e 266).

— Julho — *Rol das satisfações dos criados e criadas da infanta D. Maria*, no qual se não nomeiam, nem o segundo Belchior Vicente (pág. 250), nem Hortensia de Castro (pág. 251 *n*), nem Paula Vicente (pág. 255).

— Julho 17 — Assina a infanta D. Maria o seu testamento (págs. 251 *n* e 255).

— Agosto 31 — Assina ela o codicilo (pág. 251 *n*).

— Outubro 10 — Morre a infanta D. Maria (págs. 251 *n* e 266).

1578, Dezembro 23 — Escritura pela qual Luís Vicente vendeu umas casas da mulher e da sogra, situadas em Lisboa (pág. 260). No instrumento é intitulado fidalgo da casa rial, morador no lugar do Mosteiro de Matacães (*ibi*).

— *Título das tenças que a Infanta D. Maria deixou* (pág. 252 *n*); por êle recebem as três filhas de D. Valéria Borges as suas tenças dêste anno (pág. 266).

Digitized by Google

1578 — Neste ano nasceu Martim Barreto de Pina, filho do segundo casamento de Luís Vicente (pág. 262).

1580, Julho 27 — Vendem as freiras do Salvador a Luís Vicente parte dos bens que êle possuiu no lugar do Mosteiro de Matacães (pág. 260).

— Neste ano nasceu Francisco de Aguiar, filho do segundo casamento de Luís Vicente (pág. 262).

— Neste ano era capitão de um galeão que se perdeu D. Constantino de Meneses, talvez filho de D. Valéria Borges (pág. 268).

1581 — No *Catalogo dos livros que se prohibem nestes Regnos e Senhorios*, além de se mandar suprimir todo o *Prólogo* de Luís Vicente às *Obras de G. V.* (pág. 258), se declara precisarem todas elas de muita censura e reformação (pág. 303).

1583 — Neste ano nasceu Damião de Aguiar, neto de G. V., filho de Luís Vicente (pág. 262).

1584, Dezembro 10 — Já era morta Joana de Pina, segunda mulher de Luís Vicente de Crasto (pág. 259). Procede-se ao inventário dos bens do casal (pág. 260) e neste doc. é Luís intitulado cavaleiro fidalgo da casa delRei (*ibi*).

— Possuía então Luís Vicente de Crasto uma casa na Alcáçova de Lisboa e devia ainda as legítimas aos quatro filhos que houvera do seu primeiro casamento (pág. 260). Eram êles Jerónimo de Almeida, Bernardim Borges, Gil Vicente de Almeida e Maria da Visitação, freira em Tomar (págs. 260 e 261). Os filhos do segundo casamento eram Martim Barreto de Pina, Francisco de Aguiar e Damião de Aguiar (pág. 260). A Luís Vicente devia 50.000 rs. sua sobrinha Maria Vicente Tavares, filha de Belchior Vicente (págs. 250 e 260).

1585, Fevereiro 4 — Censura para a impressão da segunda edição da *Copilaçam de todalas obras* (págs. 261 e 279).

— Fevereiro 5 — Licenças para a impressão (pág. 279).

1586, Fevereiro 14 — Alvará de privilégio para a reimpressão da *Copilaçam de todalas obras de G. V.* (págs. 261, 278 e 279).

— E' publicada a segunda edição da *Copilaçam de todalas obras de Gil Vicente* (pág. 278).

— Censura inquisitorial exercida nesta edição (pág. 304 a 351, 354).

— Setembro 2 — Licença da Inquisição para o editor da *Copilaçam* poder imprimir os *Autos de Antonio Prestes, Luís de Camões* e outros (pág. 281 *n*), que saíram no ano seguinte (pág. 282).

— Imprime-se em Lisboa o *Auto de Amadis de Gaula*, de G. V. (pág. 290).

1589 — Imprime-se em Lisboa o *Auto de Amadis de Gaula*. Deve ser o precedente com a data emendada (pág. 290).

1590 — No caderno dêste ano das tenças da infanta D. Maria estão inscritas as três filhas de D. Valéria Borges, netas de G. V. (págs. 265 *n* e 266).

1591 — No caderno relativo a êste ano também estão inscritas as mesmas três meninas (págs. 265 *n* e 266).

1592, Janeiro 23 — Passa Luís Vicente, com procuração de seu cunhado D. António de Almeida, recibo das tenças de suas três sobrinhas (págs. 261 e 266). Ainda era portanto vivo D. António de Almeida, mas já talvez muito doente (pág. 261).

— Setembro 24 — Alvará do Arcebispo de Lisboa, na qualidade de testamenteiro da infanta D. Maria, autorizando D. Helena da Silva, neta de

Digitized by Google

G. V., a vender a sua tença para se meter freira (pág. 267). Doc. XXIII. Já então estava D. António de Almeida morto (*ibi*).

1592, Outubro 4 — Nesta data D. Helena da Silva, já de maior idade, vendeu a sua tença (págs. 264 e 267).

1593, Janeiro 1 — D'então em diante deixou D. Helena da Silva de receber a sua tença (pág. 266).

— No caderno das tenças da infanta D. Maria relativo a êste ano já se encontram inscritas só duas das filhas de D. Valéria Borges (pág. 266).

1595, Janeiro 14 — Já Luís Vicente de Crasto era finado (págs. 259 e 261), deixando viúva sua terceira mulher Isabel de Castro (pág. 261) e nomeando tutor de seus filhos menores a seu filho Bernardim Borges (pág. 261), por seu filho maior Gil estar ausente (pág. 262).

1596 — No caderno das tenças dêste ano estão inscritas as duas filhas de D. Valéria Borges, passando esta o recibo (pág. 266).

1597, Outubro 20 — Alvará régio autorizando D. Valéria Borges a renunciar uma tença de 10.000 rs., que tinha, em uma de suas filhas (pág. 267). Doc. XXV.

— No caderno das tenças dêste ano estão inscritas as duas filhas de D. Valéria Borges (pág. 266).

1598, Abril 21 — Passa D. Valéria Borges recibo por suas filhas das tenças do ano precedente (pág. 264).

— Julho 21 — Renuncia D. Valéria Borges a sua tença de 10.000 rs. na filha D. Beatriz de Meneses (pág. 267).

— Setembro 5 — E' passada provisão desta tença a D. Beatriz (págs. 267 e 268). Doc. XXV.

— Setembro 5 — Outra provisão de dois moios de trigo de tença a favor de sua irmã D. Mariana de Meneses (pág. 268). Depois disto não tenho mais notícias de D. Valéria Borges, último filho de G. V. ainda vivo.

— Neste ano imprime-se o *Auto do Breve sumário da história de Deus*, de G. V. (pág. 291).

— Neste ano e nos quatro seguintes Isabel de Castro, viúva de Luís Vicente de Crasto, amanhava os bens rústicos de um dos enteados que estava ausente (pág. 261).

1599 — Por Bernardim Borges ser solteiro e ausentar-se repetidas vezes, é-lhe retirada a tutoria dos menores seus meios irmãos (pág. 261).

— Janeiro 13 — E' confiada a referida tutoria a Gil Vicente de Almeida (pág. 262).

1600 — Gil Vicente de Almeida, morador no lugar do Mosteiro de Matacães, cultivava as terras de seu meio irmão Damião, ausente na Índia (pág. 262).

1601, Novembro 12 — Parece ter então casado Martim Barreto de Pina, neto de G. V., com Leonor de Faria (pág. 262).

— Novembro 29 — E' Martim Barreto de Pina encartado no ofício de escrivão dos órfãos de Tôrres Vedras (pág. 262).

— Neste ano morre um Luís Vicente, que fôra escrivão do tesouro da casa rial, e não era o filho de G. V. (pág. 259).

1602, Janeiro — Ainda Maria Vicente Tavares não tinha pago a sua dívida aos herdeiros de seu tio Luís Vicente (págs. 250 e 260).

— Neste ano ainda vivia Isabel de Castro, terceira mulher que fôra de Luís Vicente de Crasto (pág. 261).

— Neste ano era já casado Martim Barreto de Pina, neto de G. V. (pág. 262).

Digitized by Google

1603 — Neste ano imprimiu-se em Lisboa o *Auto da Cananeia* (pág. 391) e o *Auto de S. Martinho* (pág. 392).

1604 — Antes dêste ano já Francisco de Aguiar tinha morrido servindo na Índia (pág. 262). Seu irmão Martim Barreto de Pina morava então em Tôrres Vedras *(ibi)*.

— Agosto — Depondo então no processo de inventário de sua madrasta, declara Gil Vicente de Almeida, neto de G. V., ser fidalgo da casa del Rei e passar dos quarenta anos (pág. 262).

1605 — Neste ano servia na Índia Damião de Aguiar, filho do segundo casamento de Luís Vicente (pág. 262).

1610 — Neste ano já D. Beatriz e D. Mariana de Meneses, netas de G. V., receberam directamente as suas tenças por procuradores seus (pág. 267), sendo um dêles seu irmão D. João de Meneses (págs. 267 *n* e 268).

1612 — Neste ano imprimiu-se em Lisboa o *Auto de Amadis de Gaula* de G. V. (págs. 290, 292 e 352).

1613 — Neste ano imprimiu-se o *Auto de Dom Duardos* (págs. 292 e 352) e a comédia do *Triunfo do Inverno* (pág. 292 e 353).

— Neste ano receberam D. Beatriz e D. Mariana de Meneses, netas de G. V., as suas tenças (pág. 267).

1614 — Neste ano embarcou em Goa numa armada um D. Constantino de Meneses, que talvez fôsse o neto de G. V. (pág. 268).

1617 — Martim Barreto de Pina, neto de G. V., era escrivão dos órfãos de Tôrres Vedras (pág. 262) e tutor de seu irmão Damião de Aguiar, ausente na Índia (pág. 262), onde já tinha falecido (pág. 262).

1618 — Gil Vicente de Almeida, morador no lugar do Mosteiro de Matacães, ainda então cultivava as terras do menor seu meio irmão Damião, ausente na Índia (pág. 262).

1619, Julho 13 — Licença para se imprimir a farsa do *Juiz da Beira* (págs. 292 e 294).

— Julho 14 — Licença para se imprimir o *Pranto de Maria Parda* (págs. 294 e 295).

— Novembro 25 — Licença para se imprimir o *Pranto de Maria Parda* (págs. 292, 293 e 354).

1621 — Neste ano morreu Martim Barreto de Pina, neto de G. V. (pág. 262).

1623 — As tenças dêste ano ainda receberam D. Beatriz e D. Mariana de Meneses por seus procuradores, havendo sido o primeiro quartel recebido por um criado de seu irmão D. Luís de Meneses (pág. 267).

— Neste ano imprimiram-se em Lisboa, separadamente, os autos das três *Barcas* (pág. 293) e em Braga o de *Dom Duardos* (*ibi*).

1624, Janeiro 18 — O procurador de D. Beatriz e D. Mariana de Meneses assina o recibo do último quartel de suas tenças do ano precedente (pág. 267); ainda eram leigas (pág. 268).

— O *Index* dêste ano menciona autos de G. V. (págs. 292, 293 e 303), proíbe alguns e noutros introduz supressões e modificações (págs. 351, 352, 353, 354 e 391). Também se refere ao *Auto de dom Luís e dos Turcos* (págs. 263 e 301).

1630 — Neste ano compôs António de Souza de Macedo o livro *Flores de España*, etc., no qual pela primeira vez se compara Paula Vicente a Pola (págs. 252-253).

Digitized by Google

1630 — Neste ano imprime-se em Lisboa a farsa do *Juiz da Beira* de G. V. (pág. 293).
1632 — Neste ano imprime-se em Lisboa o *Pranto de Maria Parda* (pág. 293).
1634 — Imprime-se em Lisboa o *Auto de Dom Duardos* (pág. 293).
1643 — Imprimem-se em Lisboa o *Pranto de Maria Parda* (pág. 293) e o *Juiz da Beira*, de G. V. (pág. 293), fazendo-se dêste outra impressão com a mesma data (pág. 294). Também se imprimiu o *Auto da Donzela da Tôrre* de Gil Vicente da Tôrre (págs. 300 e 301).
1645 — Imprime-se em Lisboa o *Pranto de Maria Parda* (págs. 294, 354 e 391).
1647 — Imprime-se em Lisboa o *Dom Duardos* (págs. 294-295).
1652 — Imprime-se em Lisboa o *Auto da Donzela da Tôrre* (pág. 301). Outra impressão no mesmo ano (*ibi*).
1665 — Neste ano fazem-se em Lisboa três impressões do *Pranto de Maria Parda* (pág. 295).
1671 — Imprimem-se em Évora os autos das *Barcas do Inferno, do Purgatório* e *da Gloria* (pág. 296).
1685 — São publicadas em Madrid as *Rimas varias de Luís de Camões* comentadas por Manuel de Faria e Sousa com caluniosas referências a G. V. (pág. 54 *n*).
1700 — Publica-se o livro *Lenitivos da Dor* de Fr. Francisco da Natividade, com um elogio de Paula Vicente (pág. 253).
1715 — Imprimem-se em Lisboa os autos das *Barcas do Inferno, do Purgatório* e *da Gloria* (pág. 296).
1720 — Imprimem-se em Lisboa os autos de *Dom Duardos* e da *Barca do Inferno* (pág. 297).
1721 — Imprime-se em Lisboa a farsa do *Juiz da Beira* (pág. 297).
1723 — Imprime-se em Lisboa o *Auto da Barca do Purgatório* (pág. 298).
1734 — Publica-se o *Portugal ilustrado pelo sexo feminino*, do P.e Manuel Tavares, com um grande elogio de Paula Vicente (pág. 253).
1740 — Sai o II vol. do *Teatro heroino* de Fr. João de S. Pedro, com um elogio de Paula Vicente (pág. 253).
1745 — E' publicado o *Enthusiasmus poeticus* do P.e António dos Reis, com um elogio de Paula Vicente (pág. 253).
1747 — No *Index* espanhol dêste ano são apontados alguns autos de G. V. (págs. 290, 292, 303, 354 e 391).
— Neste ano publica-se o tom. II da *Bibliotheca lusitana*, de Barbosa Machado, com uma larga resenha de obras de G. V. (págs. 290, 292, 293 e 296).
1752 — No III tom. da *Bibliotheca lusitana* há referência a Paula Vicente (pág. 253).
1788 — No II tom. da *Bibliotheca hispana nova* menciona-se Paula Vicente (pág. 253). Já no I tom. muito de passagem se aludira a G. V.
1832 — Publica-se em Hamburgo o *Teatro español anterior a Lope de Vega*, com uma pequena colecção de trechos de G. V. (pág. 286).
1834 — Saem em Hamburgo em tres vols. as *Obras de Gil Vicente* (págs. 282, 283 e 390), com um *Ensaio sôbre a vida e escritos de G. V.* (págs. 253 e 283).
1838, Agosto 15 — Representa-se em Lisboa o drama de Garrett intitulado *Um auto de Gil Vicente* (pág. 253).
1843 — Neste ano, em Paris, substituindo-se os rostos e ante-rostos dalguns exemplares da edição de 1834, simula-se nova edição das *Obras de Gil Vicente* (pág. 283).

Digitized by Google

1846 — Nova edição do *Auto de Gil Vicente*, de Garrett (pág. 390).
— Artigo de Eduardo Quillinan na QUARTERLY REVIEW de crítica à edição de Hamburgo das *Obras de G. V.* (pág. 390.)
1852 — Publica-se em Lisboa, na colecção intitulada BIBLIOTECA PORTUGUESA, uma nova edição das *Obras de Gil Vicente* (págs. 284, 285 e 302).
1859 — Aparece o tom. III do *Diccionario bibliographico* de Inocêncio Francisco da Silva e nêle o artigo relativo a G. V. (pág. 392).
1863 — Publica-se em Madrid o *Ensayo de una biblioteca española*, de Gallardo com a noticia de uma muito antiga edição de um auto de G. V. imitado em castelhano (pág. 288).
1870 — Sai a público o tom. IX do mesmo *Diccionário bibliographico* com uns aditamentos ao artigo do tom. III (pág. 392).
— Sai a *Historia do theatro portuguez*, pelo dr. Teófilo Braga (pág. 1).
1873 — Artigo do dr. Teófilo Braga nas ARTES E LETRAS, intitulado *Gil Vicente e a custódia de Belem* (pág. 1).
1878 — Neste ano começaram-se a compôr os *Apontamentos para a historia da Moeda em Portugal*, nos quais se transcrevem docs. relativos a G. V. (pág. 245 *n*).
1879 — Outro artigo do dr. Teófilo Braga, *Gil Vicente Ourives e Poeta*, no POSITIVISMO (pág. 4).
1880 — Artigo de Brito Rebêlo, *A custódia do convento dos Jerónimos*, publicado no OCCIDENTE (pág. 4).
— Sai no I vol. da HISTORIA E SENTIMENTALISMO o artigo de Camilo Castelo Branco intitulado *Gil Vicente* (pág. 2).
— Publica-se a memória de José Silvestre Ribeiro intitulada *Luisa Sigéa*, na qual há referências a Paula Vicente (pág. 253-254).
1881 — Saíram neste ano as *Questões de literatura e arte portuguesa*, do dr. Teófio Braga (pág. 4).
1882 — Publicou-se neste ano o opúsculo *A Exposição retrospectiva da Arte Ornamental portuguesa e hespanhola*, e nêle descreve o autor, A. Felipe Simões, a custódia dos Jerónimos (pág. 47 *n*).
1889 — Sai em Madrid o tom. IV do *Ensayo* de Gallardo com as notícias dalgumas edições antigas de autos de G. V. (pág. 392).
1892 — Na REVISTA LUSITANA aparece a *Nota sobre a linguagem de G. V.*, artigo do dr. Leite de Vasconcelos (pág. 385)
1894 — Sai o *Gil Vicente* do Visconde de Sanches de Baena (pág. 5 e 10 *n*).
1896 — Publica-se o *Gil Vicente* do Visconde de Ouguela (pág. 6).
— Imprime-se em Lisboa a *Farça de Inês Pereira* de G. V. (pág. 299).
1898 — Publica o dr. Teófilo Braga o livro *Gil Vicente e as origens do theatro nacional* (pág. 5).
— Imprime-se em Lisboa o *Auto Pastoril português* de G. V. (pág. 299).
1900 — Saem os *Indices do Cancioneiro de Resende e das Obras de Gil Vicente* (pág. 135 *n*).
1902 — Celebra-se o quarto centenário do Teatro Português e imprimem-se três opúsculos comemorativos: num sai o *Auto da Alma*, o *Pranto de Maria Parda* e a *Carta a D. João III* (pág. 299); noutro repete-se o *Pranto de Maria Parda* (págs. 299-300); e no terceiro imprime-se a *Visitação* e trechos dos autos da *Lusitânia*, do *Juiz da Beira*, do *Triunfo do inverno e da Cananeia* (pág. 300).

Digitized by Google

1902 — Publica-se o tom. II das EMENTAS HISTORICAS, de Brito Rebêlo, e nêle o seu primeiro *Gil Vicente* (págs. 5 e 6).

— Em Évora imprime A. F. Barata a segunda edição do seu *Gil Vicente e Évora* (pág. 243 *n*).

— Aparece o livro a *Infanta D. Maria e as suas damas*, da Senhora D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, e nêle muitas referências a Paula Vicente (pág. 254).

1903 — No vol. I do ARCHIVO HISTORICO PORTUGUEZ imprime-se o artigo de Sousa Viterbo, *Gil Vicente, dois traços para a sua biographia* (pág. 142 *n*).

1905 — Imprime-se em Lisboa o *Auto da Índia* (pág. 300).

1906 — Reproduz-se em Lisboa o *Auto da Festa* (pág. 300).

1907 — Publica o JORNAL DO COMMERCIO uns artigos meus intitulados *Gil Vicente, poeta-ourives* (págs. 6 e 386).

— No vol. V do ARCHIVO HISTORICO PORTUGUEZ começa o sr. Gomes de Brito a publicar o seu artigo *As tenças testamentarias da infanta D. Maria*, docs. interessantes para a biografia das netas de G. V. (pág. 252 *n*).

— Imprime-se em Coímbra o tom. I das *Obras de Gil Vicente, com revisão, prefácio e notas de Mendes dos Remedios* (pág. 285).

— Sai a segunda edição da reprodução do *Auto da Festa* (pág. 392).

1912 — Publica-se o tom. II dos GRANDES VULTOS PORTUGUESES e nêle o segundo *Gil Vicente* do General Brito Rebêlo (pág. 6).

— No BOLETIM DA SEGUNDA CLASSE DA ACADEMIA sai o meu *Gil Vicente poeta e ourives (novas notas)* (pág. 6).

— Em separata da REVISTA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA sai o artigo da Senhora D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, *Notas Vicentinas*, I (pág. 93).

— Tom. II das *Obras de Gil Vicente, com revisão, prefácio e notas de Mendes dos Remédios* (pág. 285).

1913 — Neste ano publicaram, por ordem da Academia das Sciencias de Lisboa, os srs. Edgar Prestage e Pedro de Azevedo o *Registo da freguesia de Santa Cruz do Castello*, no qual se encontram muitas memórias relativas a pessoas da família de G. V. (pág. 392).

— Tomo III das *Obras de Gil Vicente* da edição de Coímbra (pág. 285).

1914 — *Historia da literatura portuguesa*, II vol. pelo dr. Teófilo Braga (pág. 6). Trata largamente de G. V.

— Publica-se a conferência, *Gil Vicente e a sua obra*, do dr. Queirós Veloso (pág. 148 *n*).

— No vol. IX do BOLETIM DA SEGUNDA CLASSE DA ACADEMIA DAS SCIENCIAS DE LISBOA publica-se em inglês um artigo do sr. Aubrey F. G. Bell, intitulado *Gil Vicente* (pág. 29 *n*).

1916 — No vol. X do mesmo BOLETIM apareceu uma comunicação do general Brito Rebêlo intitulada *A proposito de Gil Vicente* (págs. 71 e 392).

— Publica-se no Pôrto um vol. intitulado *Autos de Gil Vicente seguidos de alguns excertos* (págs. 286-287).

1917 — Imprime-se em Portalegre um folheto intitulado *Gil Vicente e as suas obras*, por Apolino Augusto Marques (pág. 228 *n*).

— Na REVISTA DE HISTORIA aparece o meu primeiro artigo, *Gil Vicente, trovador, mestre da balança* (pág. 1).

1918 — Sai a II das *Notas Vicentinas* da Senhora D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos (pág. 288).

Digitized by Google

X

Canto, dança e música nos Autos de Gil Vicente

Vai em último lugar êste capítulo por estar um pouco fora do programa que me tracei. Não serão notas biográficas, mas também não são apreciações literárias, em todo o meu estudo afastadas. Não se lhes pode porêm negar que constituem dados valiosos para a apreciação da estructura do teatro nos seus primórdios entre nós, e ainda para o conhecimento dalguns aspectos da vida social do tempo.

Despertou-me a idea da sua composição o exame de uma secção das «Contribuições para conhecimento das Obras de Gil Vicente» acrescentadas pelo dr. Mendes dos Remédios ao III tomo, da sua edição das *Obras*. A I secção das «Contribuições» intitula-se «Versos líricos ou fragmentos de canções dispersas nas obras de Gil Vicente» e foi composta por Júlio de Castilho, com o carinho por êle sempre dispensado à memória do luso Aristófanes; mas são só os versos. Pareceu-me por isso incompleta e julgo completá-la bem designando a ocasião e o motivo que deram lugar à entrada das canções nos autos. Alêm disso, por que não associar a Erato suas irmãs Terpsicore e Euterpe? Por que não mostrar ter logo nos seus princípios o teatro português avançado até onde chegou nos tempos actuais? A scenografia brilhante e complicada, não só nos autos hierárquicos para as vigílias do Natal, mas ainda nos palatinos da *Nau de Amores*, da *Frágoa de Amor*, e noutros; os coros e as canções executados no tablado, ora sôbre motivos populares, ora feitos propositadamente; a música às vezes composta pelo próprio Gil Vicente, no *Auto da Sibila Cassandra*, «cantiga feita e ensoada pelo autor», na *Frágoa de Amor*, «cantam a quatro vozes esta cantiga feita pelo autor ao propósito»; finalmente os bailados dos pastores e serranas, dos astros, das folias e chacotas, dando uma nota de alegria e de vivacidade às representações, por que não apresentar todo este aspecto da obra teatral de Gil Vicente?

Lamentava-se êle, no *Triunfo do Inverno*, de já não ver em Portugal

> em cada casa pandeyro
> e gaita em cada palheyro,
> e de vinte anos acá
> não ha hi gayta nem gayteyro.

Pois venha para a sua biografia a nota alegre, visto que êle tanto a espalhou pela sua obra.

Seguirei a ordem da *Copilaçam*, de 1562, a mesma das edições das *Obras* de 1834 e 1852, e citarei as fôlhas da primeira e o volume e páginas da última. Transcreverei as rúbricas e em seguida um ou dois versos da canção, quando a haja, bastando êles para quem a quiser completar o poder fazer recorrendo à citada secção dos *Versos líricos* organizada por Júlio de Castilho, na qual se seguiu também a mesma disposição.

Digitized by Google

Entra primeyramente hum pastor inclinado à vida contemplativa... Cantando.

Menga Gil me quita el sueño
que nho duermo. *Auto pastoril castelhano*, fl. 2. c. 3; B. P., I, 8.

Dormem e o Anjo os chama cantando.

Ha pastor
ques nacido el redemptor. *Ibidem*, fl. 4, c. 2; B. P., I, 16.

Partem se pera o presepio cantando.

Aburremos la majada,
y todos con debocion
. . . . . *Ibidem*, fl. 4, c. 2; B. P., I, 16.

Com tãgeres e baylos offerecem [os seus presentes], e aa despedida cantam esta chançoneta.

Nora buena quedes Menga
ala fe que Dios mantenga.
. . . . . *Ibidem*, fl. 4, c. 4; B. P., I, 18.

Vam se cantando. *Ibidem*, fl. 5, c. 2; B. P., I, 21.

Aparecem os tres Reys Magos cãtando o vilancete seguinte.

Quando la virgen bendita
lo pario
todo mundo lo sentio.
. . . . . *Auto dos Reis Magos*, fl. 7, c. 4; B. P., I, 33.

E cantando assi todos juntamente, offerecem os Reys seus presentes. E assi muyto alegremente cantando se vam... *Ibidem*, fl. 7, c. 4; B. P., I., 34.

Canta Casandra.

Dizen que me case yo
no quiero marido no.
. . . . . *Auto da Sibila Cassandra*, fl. 9, c. 2; B. P., I, 42.

Entra Eruthea, Peresica, e Cimeria com o pastor Salamão em chacota ellas a maneyra de lavradoras, e diz... *Ibidem*, fl. 9, c. 2; B. P., I, 43.

Traz Salamão Esaias, e Moysem e Abraham, cantando todos quatro de folia, a cantiga seguinte:

Sañosa estaa la niña
hay Dios quien le hablaria.
. . . . . *Ibidem*, fl. 10, c. 1; B. P., I, 46.

Abrem se as cortinas onde estaa todo o aparato do nacimento. E cantão quatro anjos.

Ro ro ro
nuestro Dios y redemptor
. . . . . *Ibidem*, fl. 12, c. 2; B. P., I, 57.

Vam cantando em chacota, e chegando ao presepio. Diz Peresica. *Ibidem*, fl. 12, c. 3; B. P., I, 58.

Acabada asi sua adoração, cantaram a seguinte cantiga, feyta e ensoada pollo author.

Muy graciosa es la donzella
como es bella y hermosa.
. . . . . *Ibidem*, fl. 13, c. 1; B. P., I, 61.

Isto baylado de terreyro de tres por tres. E por despedida o vilancete seguinte.

Ala guerra
cavalleros esforçados,
. . . . . *Ibidem*, fl. 13, c. 2; B. P., I, 61.

Benito. . . . . .
veras como canto solo.
Nho nho nho nho nho nho
nho nho nho
que nho que nho.
. . . . . *Auto da Fé*, fl. 15, col. 3; B. P., I, 73.

Cantam a quatro vozes hũa ensellada que veyo de França, e assi se vão com ella, e acaba a obra. *Ibidem*, fl. 15, c. 4; B. P., I, 74.

Chegando todas quatro figuras .s. o Serafim, Anjos, e Arcanjo ao presepio adoram o Senhor cantando o vilancete seguinte.

A ti dino de adorar
a ti nuestro Dios loamos
. . . . . *Auto dos Quatro tempos*, fl. 16, c. 3; B. P., I, 78.

Digitized by Google

E despois da adoraçam dos serafins &c. vem os quatro tẽpos, e primeyramente vem hum pastor que significa o inverno, e vem cantando.

Cantiga.
Mal aya quien los embuelve
los mis amores,
mal aya quien los embuelve. *Auto dos Quatro tempos*, fl. 16, c. 4; B. P., I, 79.
Canta.
Los mis amores primeros
en Sevilla quedan presos
. . . . . *Ibidem*, fl. 16, c. 4; B. P., I, 80.
Canta.
En Sevilla quedan presos
por cordon de mis cabellos
. . . . . *Ibidem*, fl. 17, c. 1; B. P., I, 80.
Canta.
En Sevilla quedan ambos
los mis amores,
. . . . . *Ibidem*, fl. 17, c. 1; B. P., I, 81.
Canta.
En Sevilla quedan ambos
sobre ellos armavan bandos
. . . . . *Ibidem*, fl. 17, c. 1; B. P., I, 81.

Veram cantando.
En la huerta nasce la rosa
quierome yr alla
. . . . . *Ibidem*, fl. 17, c. 2; B. P., I, 81.

Atee chegarem ao presepio vam cantando hũa cantiga Francesa, e diz.
Hay dele noble
villa de Pariz. *Ibidem*, fl. 18-19; B. P., I, 90.

Entra David em figura de pastor e diz.
. . . . . .
Y tambien quiero tocar
y cantar
con mi saltero alegrias
en tono de profecias
mientra me vaga lugar
y luego os adorare.
Levavi oculos meos
. . . . . *Ibidem*, fl. 19, c. 4; B. P., I, 94-95.

E todos assi juntamẽte com te Deum laudamus, se despedirão e derão fim a esta representação. *Ibidem*, fl. 20, c. 2; B, P. I, 97.

Em este passo entra nossa Senhora vestida como Raynha com as ditas donzelas, e diante quatro Anjos com musica... *Auto da Mofina Mendes*, fl. 21, c. 2; B. P., I, 103.

Em este passo se vay o Anjo Gabriel, e os anjos aa sua partida tocão seus instrumentos e cerra se a cortina... *Ibidem*, fl. 22, c. 4; B. P., I, 109.

. . . . . .
virey de dentro baylando
assi desta arte baylado
esta cantiga cantando.

Estas cousas diz Mofina mendez co pote dazeyte aa cabeça, e andando enlevada no baylo caelhe... *Ibidem*, fl. 23, c. 4; B. P., I, 114.

Vaysse Mofina mendez cantando.
Por mais que a dita mẽgeyte
pastores nam me deis guerra
. . . . . *Ibidem*, fl. 23, c. 4; B. P., I, 115.

Em este passo Ioseph e a Fee vam acender a candea, e a virgem com as virtudes de giolhos, a versos rezam este psalmo. *Ibidem*, fl. 24, c. 2; B. P., I, 117.

Em este passo chora o menino, posto em hũ berço as Virtudes cantando o embalã, e o Anjo vay aos pastores, e diz cantando.

Digitized by Google

Recorday pastores
Que vos levanteis
Naceo em terra de Juda
hũ Deos soo que vos salvaraa. *Auto da Mofina Mendes*, fl. 25, c. 1; B. P., I, 121.

Tocam os Anjos seus instrumẽtos e as Virtudes cantando e os pastores baylando se vão. *Ibidem*, fl. 25, c. 4; B. P., I, 123.

Entra Caterina pastora cantando com o gado.

Tiray os olhos de mim
minha vida e meu descanso
que me estais namorando. *Auto pastoril português*, fl. 26-27; B. P., I, 129.

Ino. O gloriosa domina, rezado a versos pellos clerigos aa imagem de nossa Senhora. *Ibidem*, fl. 29, c. 4; B. P. I., 144.

Aqui ordenam sua chacota. E a letra da cantiga he a seguinte:

Quem he a desposada
a virgem sagrada,
. . . . . *Ibidem*, fl. 30; B. P, I, 145.

E com esta chacota se despediram. *Ibidem*, fl. 30; B. P., I, 146.

Entra Roma cantando.

Sobre mi armavam guerra
ver quero eu quem a mī leva.
. . . . . *Auto da Feira*, fl. 33, c. 2; B., P., I, 195.

Vem aa feyra nove moças dos mõtes, e tres mancebos, todas cõ cestos nas cabeças cubertos, cantando, e como chegam se assentam... *Ibidem*, fl. 36, c. 2; B. P., I, 174.

Alevãtãse todas, e ordenadas em folia cantarão a cantiga seguinte, cõ que se despedirão.

Cantiga. Primeyro coro.
Blanca estais colorada
virgem sagrada
. . . . . .
Segundo coro.
Em Belem vila do amor
naceo a rosa do rosal
. . . . . *Ibidem*, fl. 37, c. 1; B. P., I, 180.

Em quanto estas cousas passam Satanas passea fazendo muytas vascas, e vem outro... *Auto da Alma*, fl. 41, c. 2; B. P., I, 200.

Estas cousas estando a alma assentada à mesa, e o anjo junto com ella em pee, vem os doutores com quatro bacios de cosinha cubertos cantando, vexila regis pro Deum... *Ibidem*, fl. 41, c. 4; B. P., I, 202.

Esta toalha... he a varonica... e a madre ygreja com os doutores lhe fazem adoração de joelhos cantando. Salve sancta facies... *Ibidem*, fl. 42, c. 4; B. P., I, 207.

Esta yguaria... sam os açoutes... e todos de joelhos adoram, cantãdo Ave flagellum... *Ibidem*, fl. 42-43; B. P., I, 208.

Esta yguaria... he a coroa de espinhos... e de joelhos os santos doutores cantã, Ave corona espinearum... *Ibidem*, fl. 43, col. 1; B. P., I, 208.

E a este passo tira sancto Agostinho os cravos, e todos de joelhos os adoram cantando, Dulce lignum dulcis clavus... *Ibidem*, fl. 43, c. 1; B. P., I, 209.

Apresenta sam Geronymo à alma hum crucificio... e os doutores o adoram, cantando, Domine Iesu Christe... *Ibidem*, fl. 43, c. 2; B. P., I, 210.

E todos com a alma, cantando, Te Deum laudamus, foram adorar ho muymento. *Ibidem*, fl. 43, c. 4; B. P., I, 211.

Entra hum frade com hũa moça pola mão, e vem dançando fazendo a bayxa com a boca, e acabando diz o diabo. *Auto da Barca do Inferno*, fl. 46, c. 2; B. P., I, 225.

Vem quatro fidalgos cavaleyros da ordem de Christo, que morreram nas partes Dafrica, e vẽ cantando a quatro vozes a letra que se segue.

Aa barca, aa barca segura
guardar da barca perdida
. . . . . *Ibidem*, fl. 49, col. 2; B. P., I, 240-241.

Primeyramente entram tres anjos cantando o romance seguinte com seus remos.

Remando vam remadores
barca de grande alegria
. . . . . *Auto da Barca do Purgatório*. fl. 49 v.; B. P., I, 242.

Digitized by Google

Cantando metem os Anjos o menino no batel, e entra hum taful... *Auto da Barca do Purgatório*, fl. 54, c. 2; B. P., I, 267.

Saem se os diabos do batel, e com hua cantiga muyto desacordada levã o taful. E os anjos cantando levam o menino... *Ibidem*, fl. 54, c. 4; B. P., I, 269.

Primeyramente entrão quatro Anjos cantãdo e trazem cinquo remos com as cinquo chagas, e entram no seu batel. *Auto da Barca da Glória*, fl. 55; B. P., I, 270.

Nam fazendo os Anjos mençam destas prezes, começàram a botar o batel às varas, e as almas fizeram em roda hũa musica a modo de pranto com grandes admirações de dor, e veo Christo... *Ibidem*, fl. 60 v.; B. P., I, 299.

Entra Abel pastor cantando o vilancete seguinte.

Adoray montanhas
o Deos das alturas
. . . . . *Auto da História de Deus*, fl. 65 v.; B. P., I, 313.

Entrando na casa de sua prisam, e achando Abel seu filho, preso naquella infernal stancia, fizeram todos hũ pranto cantando a tres vozes e acabando diz. *Ibidem*, fl. 66 v.; B. P., I, 318.

Entrando sam Ioam naquella prisam, com admiraçam de grande alegria cantaram os presos o romance seguinte, que fez o mesmo Autor ao mesmo proposito, e dizem.

Vozes davan prisioneros
luengo tiempo estan llorando,
. . . . . *Ibidem*, fl. 71 v.; B. P., I, 331-332.

Em este passo vem os cantores e trazem hũa tumba, onde vẽ hũa devota ymagem de Christo morto e despois de acabada sua procissam, diz... *Ibidem* fl. 74 v.; B. P., I, 340.

Aqui tocam as trombetas e charamellas, e aparece hũa figura de Christo... *Ibidem*, fl. 75; B. P., I, 341.

Entra Sylvestra ley de natureza cantando.

Serra que tal gado tem
não na subiraa ninguem. *Auto da Cananeia*, fl. 79, c. 3; B. P., I, 356.

Canta. Nam a subiraa ninguem
serra que tal gado tem. *Ibidem*, fl. 79, c. 3; B. P., I, 356-357.

Vem a ley de graça per nome Veredina, e diz cantando.

Serranas nam ajais guerra
que eu sam a flor desta serra. *Ibidem*, fl. 80, c. 1; B. P., I, 359.

Canta. Pera ser flor desta serra
serranas nam ajais guerra. *Ibidem*, fl. 80, c. 1; B. P., I, 359.

Canta. e vos escusay a guerra
que eu sou a flor desta serra. *Ibidem*, fl. 80, c. 1; B. P., I, 359.

Canta. E me fez frol desta serra
serranas nam ajais guerra *Ibidem*, fl. 80, c. 2; B. P., I, 360.

Canta. Que eu sam a flor desta serra
serranas nam ajais guerra. *Ibidem*, fl. 80, c. 2; B. P., I, 360.

Vem a Cananea cantando.

Senhor, filho de David
amerceate de my.
. . . . . *Ibidem*, fl. 82, c. 1; B. P., I, 369.

E cantando, Clamabat autem se acaba o dito Auto. *Ibidem*, fl. 84, c. 4; B. P., I, 382.

Em quanto Sam Martinho com sua espada parte a capa, cantam muy devotamente hũa prosa: nam foy mais... *Auto de S. Martinho*, fl. 86; B. P., I, 386.

Benita. Dexadme cantar primero.

tiempo era cavallero
que se macorta el vestir. *Comédia de Rubena*, fl. 88, c. 4; B. P., II, 12.

Vãose, e fica a feyticeyra cantando aa menina.

Ru ru menina ru ru
mouram as velhas e fiques tu
co a tranca no cu. *Ibidem*, fl. 91, c. 3; B. P., II, 26.

Canta a ama.

Levanteyme hum dia. *Ibidem*, fl. 92, c. 1; B. P., II, 28.

Vem as fadas Ledèra e Minèa cantando, e acabado de cantar diz... *Ibidem*, fl. 92, c. 2; B. P., II, 28.

Entra Cismena pastorinha, fiando, e... canta.

Digitized by Google

Grandes bãdos andã na corte
tragame Deos o meu bonamore. *Comédia de Rubena*, fl. 92, c. 3; B. P., II, 31.

As fadas que fadaram esta Cismena... a vieram avisar... andando com o gado naquelle monte, e vem cantando, e acabando de cantar diz Ledeera. *Ibidem*, fl. 93, c. 2; B. P., II, 34.

Cantam as lavrandeyras.
Halcon que se atreve
con garça guerrera
. . . . . *Ibidem*, fl. 95, c. 4; B. P.II, , 48.

Cantã. La caça de amor
es daltanaria
. . . . . *Ibidem*, fl. 96, c. 1; B. P., II, 49.
Tempera a viola. *Ibidem*, fl. 96, c. 3; B. P., II, 52.

Canta e tange Dario ledo.
Consuelo vete con Dios
pues vees la vida que sigo
. . . . . *Ibidem*, fl. 96, c. 4; B. P., II, 53.

Com prazer da fructa cantam as lavrandeyras.
Bien quiere el viejo
ay madre mia
. . . . . *Ibidem*, fl. 97, c. 2; B. P., II, 56.

Alevantam se todas as lavrandeyras e fazem festa ha princesa dona Cismena. E com esta festa se acaba... *Ibidem*, fl. 99v. B. P., II, 67.

Vem dom Rosvel cantando.
Arrimarame a ti rosa
no me diste solombra. *Comédia do Viúvo*, fl. 103, c. 1; B. P., II, 86.

Vem dom Rosvel cantando carregado.
Mal herido me ha la niña
no me hazen justicia. *Ibidem*, fl. 104, c. 2; B. P., II, 93.

Vãse as moças vestir de festa, e vem quatro cantores e andarão hum conpasso ao som desta cantiga.
Estanse dos hermanas
doliendose de si
. . . . . *Ibidem*, fl. 106, c. 2; B. P., II, 103.

Denfadada canta Liberata.
Soledad tengo de ti
oo tierras donde naci. *Divisa de Coimbra*, fl. 110, c. 2; B. P., II, 120.

Aqui se cantou hũa doce musica de longe, e acabada diz Liberata. *Ibidem*, fl. 111, c. 3; B. P., II, 127.

Toca Celiponcio sua bozina... *Ibidem*, fl. 112; B. P., II, 132.

Entra Colimena e suas damas com seus yrmãos com grande aparato de musica, e a serpe e lião acompanhando a dita Princesa, e acabada a musica, diz... *Ibidem*, fl. 112 v; B. P., II, 132.

E assi fenece esta comedia saindose com sua musica. *Ibidem*, fl. 113 v.; B. P., II, 136.

Canta o parvo.
Allevantes te panadera
si te has de llevantar
. . . . . *Floresta de enganos*, fl. 114, c. 2; B. P., II, 139.

Canta a moça.
Enganado andais amigo
dias ha que volo digo. *Ibidem*, fl. 118, c, 1; B. P., II, 157.

Vem o Principe de Grecia com os cinquo Duques e senhores pelegrinos, e a ventura pelegrina, cantando todos esta cantiga.
Muestranos por Dios ventura
en esta sierra tan bella
las venturas que hay enella

E acabando de cantar, diz a ventura. *Ibidem*, fl. 121-122; B. P., II, 176.

A ventura tomou as mãos ao Principe e Princesa, e com sua musica se acabou esta Comedia... *Ibidem*, fl. 122, c. 2; B. P., II, 179.

Digitized by Google

Canta Iuliã
Soledad tengo de ti
oo tierras donde nasci. *Dom Duardos*, fl. 129, c. 1; B. P., II 210.
Vem Amandria com as donzellas musicas, e diz. *Ibidem*, fl. 131, c. 2; B. P., II, 221.
Tocam as damas seus instrumentos, e diz Artada.
Señora que cantaremos?
Flerida. Julian lo diraa presto
Dõ Du. Señoras cantad aquesto.
Oo mi passion dolorosa
aun que penes no te quexes
. . . . . .
Flerida. Mas cantad esta cancion
Quien pone su afficion
. . . . . .
Dõ Du. Mas podeis muy bien cantar
Aunque no espero gozar
. . . . . .
Cantam esta cantiga, e acabada diz dom Duardos. *Ibidem*, fl. 131, c. 3-4, B. P., II, 224.
Flerida. Holgara de oyr cantar
Sy eres para librar
. . . . . *Ibidem*, fl. 131, c. 4; B. P., II, 225.
Dõ Du. Por deshecha cantaran.
El galgo y el gavilan
. . . . . *Ibidem*, fl. 132, c. 1; B. P., II, 225.
Vem Iuliam visitar dom Duardos e vem cantando.
Este es el cal bi ora bi
el calbi sol fa mellorado. *Ibidem*, fl. 132, c. 2; B. P., II, 227.
Cantam e tangem, e acabando diz Artada. *Ibidem*, fl. 135, c. 4; B. P., II, 245.
Cantiga. Al amor y ala fortuna
no ay defension ninguna. *Ibidem*, fl. 136, c. 3; B. P., II, 248.
Romance por fim do auto.
En el mes era de Abril,
de Mayo antes un dia
. . . . . *Ibidem*, fl. 136, c. 4; B. P., II, 249.

Este romance se disse representado, e depois tornado a cantar por despedida. *Ibidem*, fl. 137, c. 2; B. P., II, 251.

Entra o correo tocando a corneta, e diz... *Amadis de Gaula*, fl. 138, c. 1; B. P., II, 256.

Levãtase elRey Lisuarte e toda sua corte, e vamse com musica, e vem Amadis... *Ibidem*, fl. 139, c. 3; B. P., II, 262.

Corisanda andando a buscar a dom Florestam em sua Nao, aportou naquelle lugar com suas donzellas musicas, e diz... *Ibidem*, fl. 144, c. 2; B. P., II, 287.

Cantam as donzellas de Corisanda e acabada a musica aparece Dinamarca... *Ibidem*, fl. 144, c. 4; B. P., II, 289.

Primeyramente hũa princesa em figura da Cidade de Lixboa... e entrou logo a cidade com grande aparato de musica, e diz... *Nau de Amores*, fl. 145; B. P., II, 292.

Foy posta no serão onde se esta obra representou, hũa Nao... e os fidalgos do Principe tirarão suas capas e ficaram... como carafates: os quaes começão a carafetar a Nao... ao som desta cantiga.
Muy serena estaa la mar
alos remos remadores,
. . . . . *Ibidem*, fl. 147, c. 3; B. P., II, 302.
Frade cantando.
Que fermosa caravela
quien fosse o capitan della, *Ibidem*, fl. 148, c. 1; B. P., II, 304.

Começarão a cantar a prosa que comunmente cantam nas naos aa salve que diz, bom Iesu nosso senhor, tem por bem de nos salvar etc. o velho cãtava coma velho, o negro apos elle coma negro, e respondiamlhe os passageyros a quatro vozes de canto dorgam, e com isto se vam com a Nao e fenece esta tragicomedia. *Ibidem*, fl. 151, c. 2; B. P., II, 320.

Digitized by Google

Peregrino. Porque no andais cantando
. . . . . .
nunca fue pena mayor
ni tromento tan estraño
. . . . . .
Romeyro. cante vuessa señoria,
donde estaas que no te veo
ques de ti esperança mia.
. . . . . .
Venus. llorando cantare yo
tristeza quien a vos me dio
pues no fue la culpa mia,
no ge la mereci no. *Frágoa de Amor*, fl. 152, c. 2-3; B. P., II, 327.

Vem hum negro cantando na lingoa de sua terra, e diz Venus. — *Ibidem*, fl. 153, c. 1; B. P., II, 330.

Em este passo foy posto hũ muyto fermoso castello e abriose a porta delle, e sayram de dentro quatro galantes... com cada hum sua serrana, .. e assi sayram do dito castello com sua musica, e acabando fazem o razoamento seguinte... *Ibidem*, fl. 153; B. P., II, 332.

Entra o negro na fragoa e andam os martelos todos quatro em seu cõpasso e cantam as serenas quatro vezes ao compasso dos martelos esta cantiga seguinte, feyta pollo author ao proposito.

El que quisiere apurarse
vengase muy sin temor
. . . . . *Ibidem*, fl. 154, c. 2; B. P., II, 327.

Andam os martelos forjando a justiça com a dita musica, e acabado diz Iupiter... *Ibidem*, fl. 155, c. 1; B. P., II, 340.

Metese o frade na fragoa, e depois de refondido com a dita musica diz Cupido. *Ibidem*, fl. 156, c. 2; B. P., II, 346.

Co esta musica se vam, e fenece a fragoa. *Ibidem*, fl. 156, c. 2; B. P., II, 346.

Todas estas figuras se ordenaram em caracol, e a vozes cantaram e representaram o que se segue cantando todos.

Ta la la la lam, ta la la la lam. *Exortação da guerra*, fl. 160, c. 1; B. P., II, 365.

E com esta soyça se sayram, e fenece a suso dita Tragicomedia. *Ibidem*, fl. 160, c. 2; B. P., II, 366.

Vem outro romeyro... e outra romeyra... vem cantando hum ino. *Templo de Apolo*, fl. 162, c. 3-4; B. P., II, 379.

Vem outro romeyro... e outra romeyra... cantando hum duo cuja letra he a seguinte.

Gloriosa gloria mia
vos seaes muy bien venida
. . . . . *Ibidem*, fl. 163, c. 1; B. P., II, 382.

Canta o vilam.

Rogare a Dios del celo
que era padre de mesura
. . . . . *Ibidem*, fl. 164, c. 1; B. P., II, 386.

Ordenaram se todos os romeyros em folia, e cantaraõ a cantiga seguinte:

Par deos bẽ andou Castela
pois tem Raynha tam bela
. . . . . *Ibidem*, fl. 164, c. 3; B. P., II, 389.

Apolo. Se aqui gayta uviera
baylara con una romera
. . . . . .
Y pues. . . . . .
. . . . . .
se cantara este cantar
Aguila que dio tal buelo
tambien bolaraa al cielo.
. . . . . *Ibidem*, fl. 164, c. 4; B. P., II, 390.

E assi cantando se acabou o templo Dapolo. *Ibidem*, fl. 164, c. 4; B. P., II, 391.

Tocam os ventos suas trombetas... *Côrtes de Júpiter*, fl. 165, c. 3; B. P., II, 395.

Digitized by Google

Vem o Sol e a lũa baylando ao som das trombetas dos ventos e com elles Venus, e diz o Sol. *Ibidem*, fl. 165, c. 4; B. P., II, 396.

ninha erguedeme los ojos
que a mi namorado mam.

Este vilancete foy cantado a tres vozes, o Sol e Lũa e Venus, e acabado diz Iupiter. *Côrtes de Júpiter*, fl. 166, c. 1; B. P., II, 398.

Lua. e cantaraa ao pratel
eu mera dona Isabel
agora raya do alto. *Ibidem*, fl. 166, c. 4; B. P., II, 401.

Sol. cantando muy sem conforto
yo me soy Pero cafio. *Ibidem*, fl. 166, c. 4; B. P., II, 401.

Jupiter. cantaraa rouca singella
não me quis casar meu pay
ora folgay. *Ibidem*, fl. 167, c. 3; B. P., II, 405.

Sol. Yraa cantando porem
Aquel cavallero madre si me avra
con tanta mala vida como ha. *Ibidem*, fl. 167, c. 4; B. P., II, 405.

Sol. E sabeis que cantaraa
a que horas me mandais
aos olivaes. *Ibidem*, fl. 167, c. 4; B. P., II, 406.

Venus. Cantaraa com mal tamanho
nunca fue pena mayor
ni tromento tan estraño. *Ibidem*, fl. 167, c. 4; B. P., II, 406.

Venus. cantando muy de verdade
estes meus cabellos madre
dos a dos me los lleva el ayre. *Ibidem*, fl. 167, c. 4; B. P., II, 406.

Venus. cantarlhe ha hum desditoso
de vos y de mi quexoso
de vos porque sois esquiva. *Ibidem*, fl. 167, c. 4; B. P., II, 406.

Venus. cantaraa com alvoroço
enganado andais amigo
comigo. *Ibidem*, fl. 168, c. 1; B. P., II, 407.

Jupiter. Cantaram a esta fermosa
gentil dama valerosa
y donzella por cuyo amor. *Ibidem*, fl. 168 c. 1; B. P., II, 407.

Jupiter. cantaraa batendo o pee
sem mais mando nem mais rogo
aqui me tendes levayme logo. *Ibidem*, fl. 168, c. 1; B. P., II, 407.

Sol. cantaraa seu namorado
al dolor de mi cuydado
y en tus manos la mi vida
me encomiendo condenado. *Ibidem*, fl. 168, c. 1; B. P., II, 408.

Sol. cantaraa cos atabaques
se disseram digam alma mia. *Ibidem*, fl. 168, c. 2; B. P., II, 408.

Sol. cantaram estas que digo
por el rio me llevad amigo
y llevadme por el rio. *Ibidem*, fl. 168, c. 3; B. P., II, 409.

Cantaram todas estas figuras em chacota a cantiga de lhevade me por el rio, e os ventos foram chamar... *Ibidem*, fl. 168, c. 3; B. P., II, 410.

Romance.
Niña era la iffanta
dona Breatiz se dezia
. . . . . .

Este romance cantam os planetas e sinos a quatro vozes, pera com as palavras delle e musica desencantarem a Moura Tais... *Ibidem*, fl. 169, c. 2; B. P., II, 414.

Tornaram todos a cantar a modo de chacota, por el rio me llevade, e com ella se foram, e acabam as cortes. *Ibidem*, fl. 169, c. 4; B. P., II, 415.

Vem Gonçalo hũ pastor da serra que vem da corte, e vem cantando.

Volava la pega y vayse
quem me la tomasse.
. . . . . *Serra da Estrêla*, fl. 170, c. 1; B. P., II, 418.

Digitized by Google

Vem Felipa pastora da serra cantando.
A mi seguem os dous açores
hum delles moriraa damores,
. . . . . *Serra da Estréla*, fl. 170, c. 3; B. P., II, 420.
Vem Caterina Meygengra cantando.
A serra es alta
o amor he grande
se nos ouvirane. *Ibidem*, fl. 170-171; B. P., II, 422.
Vem Fernando cantando.
Com que olhos me olhaste
que tambem vos pareci
. . . . . *Ibidem*, fl. 171, c. 2; B. P., II, 425.
Vem Madanela cantando, e Gonçalo detras della.
Cantiga.
Quando aqui chove e neva
que faraa na serra,
. . . . . *Ibidem*, fl. 172, c. 1; B. P., II, 428.
Vem Rodrigo cantando.
Vayamonos ãbos amor vayamos
vayamos ambos,
. . . . . *Ibidem*, fl. 172, c. 2; B. P., II, 429.
Vem dous foliões do Sardoal, hum se chama Iorge, outro Lopo, e diz a serra. *Ibidem*, fl. 173-174; B. P., II, 438.
Canta Lopo e bayla arremedando os da serra.
E se ponerey la mano en vos
garrido amor.
. . . . . *Ibidem*, fl. 174, c. 1; B. P., II, 439.
Cantiga.
Ja nam quer minha senhora
que lhe fale em apartado
. . . . . *Ibidem*, fl. 174, c. 2; B. P., II, 439.
Esta cantiga cantarão e baylarão de terreyro os foliões, e acabada... *Ibidem*, fl. 174, c. 2; B. P., II, 440.
Ordenaram se todos estes pastores em chacota como la se costuma, porem a cantiga della foy cantada de canto dorgam, e a letra he a seguinte.
Nam me firais madre
que eu direy a verdade.
. . . . . *Ibidem*, fl 174, c. 2; B. P., II, 440.
E com esta chacota se sayram, e assi se acabou. *Ibidem*, fl. 174, c. 4; B. P., II, 441.
[Autor] Cantando.
No penedo Joam preto
e no penedo. *Triunfo do inverno*, fl. 174, c. 4; B. P., II, 444.
Brisco cantando.
Quien ma ora ca mi sayo
cuytado
quien ma ora ca mi sayo. *Ibidem*, fl. 175, c. 3; B. P., II, 447.
Cantando.
El moço y la moça
van en romeria
. . . . . *Ibidem*, fl. 175, c. 4; B. P., II, 448.
Cantando.
Tomales la noche
naquella montina
. . . . . *Ibidem*, fl. 175, c. 4; B. P., II, 448.
Juan Guijarro cantando.
Por do passare la sierra
gentil serrana morena. *Ibidem*, fl. 177, c. 1; B. P., II, 454.
Cantando.
Por do passare la sierra
gentil serrana morena
. . . . . *Ibidem*, fl. 177, c. 1; B. P., II, 454.

Digitized by Google

Cantando.
Ti ri ri ri ri, queda tu aqui
tu ru ru ru ru, que me quieres tu.
. . . . . *Triunfo do inverno*, fl. 177, c. 1; B. B., II, 455.

Velha cantando.
Assi andãdo amor andãdo
assi andando mora yrey. *Ibidem*, fl. 177, c. 4; B. P., II, 458.

Cantando.
Assi andando amor andando
assi andando mora yrey. *Ibidem*, fl. 178, c. 2; B. P., II, 460.

Vamse cantando.
Pollo canaval da neve
nam ha hi amor que me leve. *Ibidem*, fl. 178, c. 2; B. P., II, 461.

Vamse cantando.
Brisco. Quien maora ca mi sayo
cuytado
quien ma ora ca mi sayo.
Juan. Por do passare la sierra
gentil serrana morena. *Ibidem*, fl. 178, c. 3; B. P., II, 461.

Vẽ tres Sereas cantando este vilancete.
Por mas que la vida pene
no se pierda el esperança
. . . . . *Ibidem*, fl. 180, c. 2; B. P., II, 471.

Respondem as Sereas cantando.
Ha a a: ha a a: ha a a. *Ibidem*, fl. 180, c. 3; B. P., II, 472.

Romance.
Dios del cielo rey del mundo
por siempre seas loado.
. . . . . .

Este romance cantarão as Sereas, e acabado diz... *Ibidem*, fl. 180-181. B. P., II, 473, 476.

Esta segunda parte da Tragicomedia trata do triumpho do Verão, o qual entra cantando.
Del rosal vengo mi madre
vengo del rosale. *Ibidem*, fl. 181, c. 1; B. P., II, 476.

Cantando.
A riberas daquel vado
viera estar rosal granado
vengo del rosale *Ibidem*, fl. 181, c. 2; B. P., II, 476.

Cantando.
A riberas daquel rio
viera estar rosal florido
vengo del rosale. *Ibidem*, fl. 181, c. 2; B. P., II, 477.

Cantando.
Viera estar rosal florido
cogi rosa con sospiro
. . . . . *Ibidem*, fl. 181, c. 2; B. P., II, 477.

Entram quatro mancebos e quatro moças todos muyto bem ataviados em folia, dizendo esta cantiga.
Quem diz que nam he este
sam Joam o verde. *Ibidem*, fl. 183, c. 1; B. P., II, 486.

Os Sintrãos em folia com o Principe se vam, que he a fim da suso dita tragicomedia.

Cantiga.
Vento bueno nos ha de levar
garrido he o vendaval. *Ibidem*, fl. 183, c. 4; B. P., II, 489.

Cantam ambas e baylam ao som desta cantiga.
Mor gonçalves
tam mal que mencarcelastes
. . . . . *Romagem de agravados*, fl. 186, c. 4; B. P., II, 508.

Ordenarão se todas as feguras como em dança e a vozes baylaram e cantaram a cantiga seguinte.

Digitized by Google

Por Mayo era por Mayo
ocho dias por andar
. . . . . *Romagem de agravados*, fl. 190. c. 1; B. P., II, 525.

E com esta musica e dança se sayram e fenece esta ultima Tragicomedia... *Ibidem*, fl. 190, B. P., II, 527.

Anda Ayres rosado soo passeando pola casa lendo no seu cancioneyro desta maneyra.

Cantiga Dayres rosado
a sua dama
e nam diz como se chama
de discreto namorado. *Quem tem farelos*, fl. 192, c. 2; B. P., III, 11.

Outra sua.

Pois amor me quer matar
com dor, tristura, e cuydado
. . . . . *Ibidem*, fl. 192, c. 3; B. P., III, 12.

Outra sua estando mal com sua dama.

Senhora mana Isabel
minha payxam e fadiga
. . . . . *Ibidem*, fl. 192, c. 3; B. P., III, 12.

Canta o escudeyro

Re mi fa sol la sol la
. . . . . .
fa la mi re ut
. . . . . .
Un dia era un dia. *Ibidem*, fl. 192, c. 4; B. P.. III, 13.

Tange e canta na rua aa porta de sua dama Isabel, e em começando a cantar si dormis donzella... *Ibidem*, fl. 192, c. 4; B. P., III, 13.

Si dormis donzella
despertad y abrit *Ibidem*, fl. 192, c. 4; B. P., III, 14.

Prosegue o escudeyro a cantiga.

Que venida es la hora
si quereis partir. *Ibidem*, fl. 192, c. 4; B. P., III, 14.

Prosegue o escudeyro a cantiga.

Si estais descalça
nam cureis de vos calçar. *Ibidem*, fl. 193, c. 1; B. P., III, 14.

Prosegue a cantiga.

Que muchas agoas
teneis de passar. *Ibidem*, fl. 193, c. 1; B. P. III, 14.

Prosegue a cantiga.

Agoas dalquebir
que venida es la hora
si quereis partir. *Ibidem*, fl. 193, c. 1; B. P., III, 14.

Escudeyro cantando.

Cantam los gallos
yo no me duermo
ni tengo sueño. *Ibidem*, fl. 193, c. 4; B. P., III, 18.

Canta o escudeyro.

Por Mayo era por Mayo. *Ibidem*, fl. 194, c. 1; B. P., III, 20

Escudeyro cantando.

Apartar me ham de vos
garrido amor. *Ibidem*, fl. 194, c. 1, B. P., III, 20.

Escudeyro cantando.

Eu amey hũa senhora
de todo meu coraçam,
. . . . . *Ibidem*, fl. 194, c. 1; B. P., III, 20.

Prosegue o escudeyro a cantiga.

Nam me vos querem dare
yrmey a tierras agenas
. . . . . *Ibidem*, fl. 194, c. 2; B. P., III, 21.

Prosegue a cantiga.

Ja vedes minha partida
os meus olhos ja se vam
. . . . . *Ibidem*, fl. 194, c. 2; B. P., III, 21.

Digitized by Google

[Canta o Lemos.]
Quem vos anojou meu bem
bem anojado me tem. *Auto da India*, fl. 196, c. 4; B. P., III, 35.

Aqui coroam as virtudes a Fama e a põe em seu carro triumphal com musica, e assi a levam... *Auto da Fama*, fl. 201v.; B. P. III, 61.
Canta a moça.
Qual és la ninha
que coge las flores
. . . . . *Velho da horta*, fl. 203, c. 1; B. P., III, 69.

Assi cantando colheo a moça da orta o que vinha buscar, e acabado diz. *Ibidem*, fl. 203, c. 2; B. P., III, 69.
Canta [o Velho.]
Bolvido nos han bolvido
bolvido nos han,
. . . . . *Ibidem*, fl. 204, c. 1; B. P., III, 75.

Vayse a alcouviteyra e fica o velho tangendo e cantando a cantiga seguinte.
Pues tengo razon senhora
razon es que me la oyga. *Ibidem*, fl. 205, c. 4; B. P., III, 83.

Em quanto a Alcouviteyra vay, o velho torna a proseguir seu cantar e tanger, e acabado torna ella e diz. *Ibidem*, fl. 205, c. 4; B. P., III, 84.
Vayse, e o velho torna a proseguir sua musica, e acabada torna a alcouviteyra e diz. *Ibidem*, fl. 206, c. 1; B. P., III, 85.
Moça. a folia começava
de cantar.
Hũa moça tam fermosa
que vivia ali aa see. *Ibidem*, fl. 206, c. 3; B. P., III, 87.

Vem o messageyro, e... trazlhe dous frades infernaes, hũ delles tangendo hũa gayta... *Auto das Fadas*, fl. 208, c. 4; B. P., III, 99.
Vem as fadas marinhas cantando a cantiga seguinte.
Qual de nos vem mais cãsada
nesta cansada jornada
qual de nos vem mais cansada. *Ibidem*, fl. 210, c. 4; B. P., III, 106.
Respondem as sereas cantando.
Nosso mar he fortunoso
nosso viver lacrimoso
. . . . . *Ibidem*, fl. 211, c. 1; B. P., III, 107.
[Fadas] cãtam.
Nos partimos caminhando
com lagrygmas sospirando.
. . . . . *Ibidem*, fl. 211, c. 2; B. P., III, 107.

E acabadas de dar assi estas sortes se foram todos com sua musica, e se acabou a dita farsa. *Ibidem*, fl. 213v.; B. P., II, 118.
Canta Ines.
Quiẽ cõ veros pena y muere
que hara quando no os viere. *Auto de Inés Pereira*, pag. 365, c. 1, dêste vol.
Canta o Judeu.
Canas do amor, canas
canas do amor.
. . . . . *Ibidem*, pag. 376, c. 1.

Canta o escudeyro o romãce de mal me quieren en Castilla e diz... *Ibidem*, pag.376, c. 1.
Latam. Viste cantar dona Sol?
Pello mar vay a vella,
vela vay polo mar. *Ibidem*, pag. 376, c. 1.

Aqui vem a Mãe cõ certas moças e mãcebos, pera fazerẽ a festa, e diz... *Ibidem*, pag. 377, c. 1.
Mãe. Ora vay tu alli Ines
e baylareis tres, por tres. *Ibidem*, pag. 377, c. 1.

Digitized by Google

Cantam todos a cantiga que se segue.

Mal ferida va la garça
enamorada,
sola va, y gritos dava.
. . . . . *Auto de Inés Pereira*, pag. 378. c. 1.

E acabando de cantar e baylar diz Fernando. *Ibidem*, pag. 378, c. 2.

Ida a mãy fica Ines Pereira... e sentase... a iavrar, e canta esta cantiga.

Si no os uviera mirado
no penara,
pero tan poco os mirara. *Ibidem*, pag. 378, c. 1.

Aqui fica Ines pereyra soo fechada lavrando, e cãtando esta cantiga.

Quẽ bem tem, e mal escolhe,
por mal que lhe venha, não sanoje. *Ibidem*, pag. 380, c. 1.

Canta Ines pereyra.

Marido cuco me levades
e mais duas lousas.
. . . . . *Ibidem*, pag. 384, c. 1.

Vem aa audiencia quatro yrmãos, hum... outro que sempre bayla... *Juiz da Beira*, fl. 224, c. 3; B. P., III, 179.

Amador cantando.

Leyxar quero amor vosso
mas nam posso. *Ibidem*, fl. 225, c. 2; B. P., III, 184.

Em quanto este bayla o priguiçoso dorme e ronca e o namorado canta e sospira... *Ibidem*, fl. 225, c. 3; B. P., III, 185.

Sayram se todos cantando a cantiga seguinte.

Vamos ver as Sintraãs
senhores aa nossa terra
. . . . . *Ibidem*, fl. 226, c. 2; B. P., III, 188-189.

Cantiga.

En la cozina estava el aznu
baylando
. . . . . *Auto das Ciganas*, fl. 227; B. P., III, 192.

Cantando e baylando ao som desta cantiga se foram aas damas... *Ibidem*, fl. 227; B. P., III, 193.

Tornaramse a ordenar em sua dança, e com ella se foram. *Ibidem*, fl. 228; B. P., III, 199.

Vem Pero vaz almocreve que traz um pouco de fato do fidalgo, e vem tangendo a chocalhada, e cantando.

A serra he alta
fria e nevosa
vi venir serrana
gentil graciosa. *Farsa dos Almocreves*, fl. 230, c. 2; B. P. III, 212.

Canta.

A serra he alta, fria, e nevosa
vi venir serrana, gentil graciosa. *Ibidem*, fl. 230, c. 3; B. P. III, 213.

Canta.

Vi venir serrana gentil graciosa
chegueyme pera ella cõ grã cortesia. *Ibidem*, fl. 230, c. 3; B. P., III, 213.

Canta.

Chegueime a ella de grã cortesia
disselhe, señora quereis cõpanhia. *Ibidem*, fl. 230, c. 4; B. P., III, 214.

Vay cantando.

Disselhe, señora quereis cõpanhia
dixeme, escudeyro segui vossa via. *Ibidem*, fl. 231, c. 2; B. P. III, 217.

Hindo Gonçalo seu caminho... topa hũ negro grande ladram e entra cantando buscando hũ mulato, e diz Gonçalo despoys de cantar o negro. *Clerigo da Beira*, fl. 235, c. 3; B. P., III, 241.

Cantam pay e filho cosendo.

Ay Valença guay Valença
de fogo sejas queymada
. . . . . *Auto da Lusitânia*, fl. 240, c. 2; B. P., III, 267.

Digitized by Google

Canta.
Donde vindes filha.
branca e colorida
. . . . . *Auto da Lusitânia*, fl. 240, c. 2; B. P., III, 268.
Entra o Mayo mensageyro do Sol cantando.
Este he Mayo, o mayo he este
este he o mayo, e florece,
. . . . . *Ibidem*, fl. 242, c. 4; B. P., III, 280.
Vem estas deosas em dança ao som desta cantiga.
Luz amores de la niña
que tam linduz ujuz ha
. . . . . *Ibidem*, fl. 243, c. 1; B. P., III, 283.
Tornam ha sua cantiga baylando todos ao som della.
Luz amores de la niña
que tam linduz ujuz ha
. . . . . *Ibidem*, fl. 244, c. 2; B. P., III, 289.
Cantã.
Vanse mis amores madre
luengas tierras van morar
. . . . . *Ibidem*, fl. 245, c. 3; B. P., III, 296.
Vieram quatro cantores os quaes por fim desta farsa cantaram a vozes a ensalada seguinte.
En el mes era de Mayo
vispera de Navidad
. . . . . *Auto dos Fisicos*, fl. 249, c. 3; B. P., III, 320.

Digitized by Google

Digitized by Google

DOCUMENTOS

I

Alvará nomeando Gil Vicente vedor das obras de oiro e prata para o convento de Tomar, hospital de Lisboa e mosteiro de Belem

Evora, 15 de Fevereiro de 1509

Nos ElRey fazemos saber A quamtos este nosso Aluara virẽ que comfiamdo nos de gill vicemte oriuez da senhora Rajnha mjnha jrmãa e que nesto nos seruira asy bem e como o faz em todas as outras cousas em que o emcareguamos por lhe fazermos graça e merçe temos por bem e o fazemos vedor de todas as obras que mamdarmos fazer ou se fizerẽ douro e prata pera o nosso comvemto de tomar e espritall de todos os samtos da nosa çidade de lixboa e moesteiro de nossa senhora de bellem queremos que todas as obras que pera as ditas cassas se ouuerẽ de fazer ora seja por nosso mamdado ora por as ditas cassas o mamdarem fazer se facam pello dito gill vicemte ou per os ofiçiaees que elle pera ysso ordenar e se as elle nam quiser fazer E aquellas que per elle ou em sua casa nam forem feitas elle As vera e emxeminara se vaao na prefeiçam que deuẽ e avaliara se comprjr E por tamto mamdamos a dom prioll do dito comuemto de tomar e prouedor do dito spritall e prioll E frades do dito mosteiro de belem que daqui em diamte conheçam o dito gill vicemte por ofiçiall e vedor das ditas obras e das ditas cassas e lhe dem e façam dar toda a dita prata e o ouro a llaurar quamdo for neçesarjo e tudo façom com seu acordo e comselho e asy mamdamos Aos ofiçiaes outros que nas ditas cassas temos postos que o ajam asy por oficiall delles E o homrẽ e trautẽ como he rrezam E em todo lhe cumprã este noso aluara Como nelle he comteudo o quall lhe mamdamos dar per nos asinado pera o ter por sua guarda e queremos que valha como carta pasada per nosa chamcelaria E asellada sem ẽbarguo de quaees quer lleys e hordenaçoes que hy aja ẽ comtrario feito em evora a xb dias de feuereiro amdre pirez o fez de j̄ b° ix.

Cartório do Hospital de S. José, *Livro 1.º do Registo geral—1501 a 1606*, fl. 20 v., n.º 943. [1]

II

Carta nomeando Gil Vicente mestre da balança da Moeda de Lisboa

Evora, 4 de Fevereiro de 1513

gil vicente trouador mestre da balãça.

dom manuell etc a quamtos esta nosa carta virẽ fazemos saber que cõfiamdo nos da bondade e desquiriçã e fieldade de gil viçente ouriuez da Rainha mynha muyto amada e prezada jrmã E querendo lhe fazer graça E merçe temos por bem e o damos ora por mestre da balança da moeda da çidade de lixboa aasy e pela maneira que o ele deue ser e o ate quy foy fernã gill per cujo faleçimento o dito oficio vagou cõ o qual queremos e nos praz que aja o mantimento proes e percalços a ele direitamẽte ordenados como os o dito fernam gill avya e bem asy todos os pervilegios e liberdades que am e deuem dauer os mestres da dita balamça o qual oficio tera e avera asy ate mygell filho do dito fernam gill ser em ydade de vynte e cynquo annos porque tanto que os ouuer ficara a nos Resgardado fazermos a ele ou a outra quallquer pessoa que noso seruiço mais seja merçe do dito oficio e porem mandamos a graçia monjz tesoureiro da dita nosa moeda e quaesquer outros oficial ou pessoas a que pertençer que o metã em pose do dito oficio e lho leixem servir e vsar e aver o mantimento proes e precalços a ele direitamente ordenados asy como os avia o dito fernam gill e mylhor se os elle com direito milhor poder aver o qual jurou em a nosa chancelaria aos santos avanjelhos que bem e verdadeiramente sirua e vse do dito oficio gardando a nos noso seruiço e as partes seu direito dada em euora a liij dias de feuereiro jurdão pirez a fez anno de myll e b° xiij.

Tôrre do Tombo, *Chancelaria de D. Manuel*, liv. 42.º, fl. 20 v. [2]

---

1 Transcrito pelo dr. Teófilo Braga, cópia não paleográfica e citação errada, no *Gil Vicente e as origens do Theatro Nacional*, pag. 478.

2 Fac-simile em frente da pag. 19. Já impressa pelo dr. Teófilo Braga no *Positivismo* e pelo general Brito Rebelo no *Occidente*.

Digitized by Google

III

Contrato de doação outorgado pelos vereadores da Câmara Municipal de Lisboa conjuntamente com os procuradores dos Mesteres, um dos quais Gil Vicente, e carta régia de confirmação

Lisboa, 6 e 17 de Outubro de 1513

Dom Manuell etc a quamtos esta nosa carta virem fazemos saber que o barão dalujto etc nos emvyou apresentar huum comtrauto de doaçam que lhe foy feyto pelos vereadores e oficiaes da camara desta cydade de que o trelado de verbo [a verbo] he o que segue.
sejam çertos os que esta doaçã virem que no anno de noso senhor Jhesus Christo de mil b^c xiij annos aos bj do mes doutubro do dito anno na camara da vereaçã da muy nobre e sempre leall cydade de lixboa sendo presemtes fernam lopez correa e dom pedro e joam fogaça vereadores e vasco paez procurador e symão vaaz e gill vicemte e gonçalo diaz procuradores dos mesteres em presença de mym nuno fernandez scripvão da dita camara e por autoridade Real das scripturas que a ela pertemçe e se em ela am de fazer pareçeo dom djogo barão daluyto do comselho etc e por sua parte foy apresemtado aos ditos vereadores e procurador e procuradores dos mesteres huum aluara de sua alteza no qual amtre as outras cousas vynha huum capitolo cujo trelado de verbo a verbo he o que segue — outro sy nos praz e vos mamdamos que des ao barão vedor de nosa fazenda o chão que esta junto com as casas damrique de fygueiredo comtra a porta do terreiro do trigo de que lhe tinhamos feyto merçe avemdo que pertemçia a dada delle a nos e despois achamos que era da dita çidade por bem de huuma doaçam que lhe tinhamos feyta dos chãos da Ribeira e o dito barão dara logo aguora trinta mill reaes Em dinheiros per ajuda dos canos dagoa dandaluços sem mais pagar forro alguum e farlhes diso sua doaçam em forma per elle e todos o quall delle deçenderem em que vaa emcorporado este capitolo a qual vira comfirmar per nos porem volo noteficamos todo asy pera comprirdes como neste aluara he comteudo feyto lixboa a tres dias do mes doutubro joam da fomseca o fez anno de mill e b^c xiij e apresentado asy o dito aluara e capitolo açyma scripto e visto pelos ditos oficiaes e mesteres em comprimento delle e mandado do dito senhor fyzeram medir o dito chão o quall he de comprido quatro braças de craueira e dous palmos e meio de larguo e tres braças outro sy de craueira emçerdeandose com a esquyna das casas damrique de figueiredo contra a porta do terreiro do triguo ficando amtre as ditas casas do dito amrique de figueiredo e o dito chão hua braça de craueira per a Rua e asy ficara outra Rua doutra braça de craueira amtre as casas que foram daluaro botelho e o dito cham por bem do mandado de sua alteza os ditos vereadores e procurador e mesteres ouverã logo por trespasado o dito chão em o dito dom djogo barã daluyto deste dia pera todo sempre pera elle e pera todos seus erdeyros e deçendentes e lhe fezerã dele pura e jrreuogauel doaçã pera todo sempre segumdo forma e mandado do dito senhor e per este publico estromento ouuerã por metido de pose delle e que posa delle e em elle fazer todo o que lhe prouuer como de cousa sua propia forra e jsenta e o dito barão emtregou loguo ao tesoureiro da dita cydade trinta mill reaes segundo se contem no dito aluara e capitolo açyma scripto de sua alteza e as paredes e obra se farã demtro dos lemites da dita medida e nom saira mais e em testemunho de verdade lhe mandaram dar feyto este estromento de doaçam testemunhas que presentes foram djoguo gill guarda da camara e vasco pirez tesoureiro o que Reçebeo os ditos trinta mill reaes e outros e eu sobredito nuno fernandez a que esta doaçam a meu fiell scprito fiz espreuer e sobesprevy e asyney de meu synall publico fiz que tall he
pydindonos que lho comfirmasemos e visto per nos seu Requerymento per esta presente carta lha comfirmamos e aprouamos a dita doaçam do noso moto propio e poder asulluto e soprymos quallquer defeyto ou solenydade que per direyto nela seya neçesario por sua firmeza por que nosa vomtade he que lhe sempre seja valioso sem nunca poder ser Reuogada per nenhuma maneira que seya sem embarguo de quaes [quer] leis e ordenações grosas openioees de doutores que hy aja em comtrario e por quamto os trinta mill reaes que o dito barão deu a dita çidade sam dos dinheiros que ouue pelo moynho do Roubaõ que era de morgado pollo comprar com dinheiros que lhe demos em parte de paguo da renda da jidaria daluyto que elle tynha decraramos que o dito chão fique de morgado asy e pela guysa que o era o dito mojnho do Roubão e asy ficaram do dito morgado as bemfeyturias que no dito chão se fizerem fazendo se com o dinheiro que pollo dito moynho ouue e por çertidam e

Digitized by Google

sua garda lhe mandamos pasar esta nossa carta per nos asynada e asellada do nosso sello dada em lixboa a xbij doutubro dimian diaz a fez anno de mill e b° xiij annos. [1]

Tôrre do Tombo, *Chancelaria de D. Manuel*, liv. 42.°, fl. 113 v.

IV

Desembargo de vinte mil reais de mercê a Gil Vicente para ajuda do casamento de sua irmã

Lisboa, 21 de Setembro de 1515

Dom manuell per graça de deos Rei de purtugall e dos alguarues daquem e dalem mar em africa sõr de guinnee etc mamdamos a vos Reçebedor da sisa do pescado e madeira E ao espriuam desee ofiçio que do Remdimemto dela deste Anno pasado de quinhemtos e xiiij dees a gill viçemte vimte mill reaes de que lhe fazemos merçee pera ajuda do casamemto de felipa borgees sua jrmãa de que tinha hum noso aluara de lembramça que foy Roto per Amte nos vos fazeelhe deles mui bom paguamemto e per esta carta com seu conheçimemto vos serã leuados em comta dada <dada> em lixboa Aos xxj dias de setembro elRei ho mamdou per dom pedro de castro do seu comselho e veador de sua fazemda Amtonio da fonseca a fez de mill b° xb

dom pedro de castro

$\widehat{xx}$ rs. a gil vicemte de que lhe vosa A fez mercee pera casamento de felipa borges sua jrmãa de que tinha huũ aluara de lembramça que foy Roto na casa da madeira e pescado do anno pasado.

Tôrre do Tombo, *Corpo cronológico*, part. II, mac. 60, doc. 144. [2]

V

Recibo de vinte mil reaes assinado por Gil Vicente

25 de Setembro de 1515

gill viçemte mestre da balança diguo que he verdade que Recebi de Joham manuell Recebedor da sysa do pescado e madeira os vimte mjll Rs. contehudos neste mandado e porque he verdade lhe dey este conhecimento asynado per mjm a vimte e cimquo de setembro de b° e xb.

duarte nunez gill viçemte.

Tôrre do Tombo, *Corpo cronológico*, part. II, mac. 60, doc. 152. [3]

VI

Carta de D. Manuel aos Vereadores de Lisboa para ouvirem Gil Vicente àcêrca de certos apontamentos que lhes envia

Almeirim, 6 de Março de 1516

Vereadores da nossa cidade de lixboa Nos elRey vos emuyamos muyto saudar / emcomẽdamos vos e mandamos que vejaes huũs apomtamẽtos que nos per gill vyçemte mestre da balamça mandarã os mercadores tossadores e alfayates / E oucaaes o dito gill vicemte o que vos disso ffallar e examines muyto bem o dito casso e nos escrepvaes todo o que vos açerqua dello pareçe e compryo asy com deligemçia scprita em almeirym a bj dias de março Amrique homem a fez de 1516.

Rey . ⁝ .

de castro

Aos vereadores de lixboa que vejã estes apontamentos e ouçã sobre ello gill vicemte e examynem todo e escprevã a V A o que lhes pareçe.

Arquivo Municipal de Lisboa, *Liv. 4.° de D. Manuel*, fl. 77. [4]

---

1 Advertirei que por falta de tipo tive de neste doc., e terei nos seguintes, de desenvolver quási sempre as abreviaturas *e*, *u*, e *i* com til, escrevendo *em*, *um* ou *uma* e *im*.

2 Já publicado pelo general Brito Rebêlo, *Gil Vicente*, pag. 103, n.° VII.

3 Já publicado pelo general Brito Rebêlo, na primeira ed. do *Gil Vicente*, pag. 104, n.° VIII, e em fac-simile na segunda, em frente da pag. 12.

4 Já publicado pelo general Brito Rebêlo, *Gil Vicente*, pag. 104, n.o IX.

Digitized by Google

VII

Carta régia confirmando a venda feita por Gil Vicente do oficio de mestre da balança da Moeda de Lisboa

Lisboa, 6 de Agosto de 1517

Dom manuell etc A quamtos esta nosa carta vyrem fazemos saber que comfyamdo nos da bomdade e descryçã e fyeldade de diogo Rodriguez ouriuez da Jfamte dona Jsabell mjnha muyto amada e prezada fylha e queremdolhe fazer graça e merçe temos por bem e o damos ora por mestre da balamça da moeda desta nossa cidade de lixboa asy e pella maneira que o elle deue ser e o ate quj foy gill vyçemte que lhe vemdeo per nossa licença e o Renonciou segumdo dello fomos çerto per huum publico estromento de Renunçiaçam que parecya ser feito e asynado per pero fernandez tabeliam na dita cidade aos tres dias deste mes dagosto com testemunhas Em elle nomeadas com o quall ofycyo queremos e nos praz que aja o mantymemto proes e precalços a elle dereytamente ordenados como os o dicto gill vyçemte avya e bem asy todolos pryvylegios liberdades que am e devem daver os mestres da dita balamça o qual ofyçio tera e avera asy ate mjgell filho de fernão gill ser de jdade de vimte e cimquo annos porque tamto que os ouuer fycara a nos Resgardado fazermos a elle ou a outra quallquer pessoa que nosso serujço majs seja merçe do dito ofycyo E porem mãdamos a Ruy leyte tesoureyro da dita nosa moeda ou a quallquer outro ofyçiall ou pessoa que pertemçer que o meta Em posse do dito ofycio etc em forma dada em lixboa a bj dias do mes dagosto manuell de moura a fez de j bc xbij annos.

Tôrre do Tombo, *Chancelaria de D. Manuel*, liv. 10.º, fl. 71. [1]

VIII

Carta de D. Manuel aos Vereadores de Lisboa informando-os de haver encarregado Gil Vicente de dirigir alguns dos festejos que se fariam para a entrada da Rainha na cidade

Evora, 29 de Novembro de 1520

Vereadores procurador da nosa cidade de llixboa Nos ellRey vos emviamos muyto saudar nos emviamos ora llaa gill vicemte pera per sua ordenamça se fazerem allgũas das cousas e autos que se am de fazer pera a emtrada nosa e da Rainha mynha sobre todas muyto amada e preçada molher / ẽcomendamos vos que todo o que se ouuer de fazer pratiqueis com elle / e per sua ordem mandeis tudo fazer e tambem pera o que lhade fazer ao feytor e oficiaes das nosas casas de guine e jndias lhe deis todo fauor e ajuda que lhe comprir / E mandeis costranger todos os oficiaes de quaes quer ofycios que seja. e asy serujdores e pesoas que pera os ditos autos forem necesaryos / de maneira que todo se posa bem fazer e acabar pera o tempo que nos com ajuda de noso senhor formos / escprita em euora aos xxix dias de novembro fernãdalluarez a fez de mil bc xx & e porem o que se ouuer de fazer sera parecendo vos bem e que se deue fazer / e pera yso tomareis seu parecer / pera tomardes o que vos bem parecer porque a vos o lleyxamos

Rey . : .

aos vereadores de lixboa sobre gill vicemte.

Arquivo Municipal de Lisboa, *Liv. 1.º de Festas*, fl. 34. [2]

IX

Outra carta análoga sôbre o mesmo assunto

Evora, 10 de Dezembro de 1520

Vereadores procurador e precuradores dos mesteres da nosa cidade de lixboa Nos elRey vos emuiamos muyto saudar vymos vosa carta e todo o que nos por ela escreueis vos

---

1 Já publicado em extracto pelo general Brito Rebêlo, *Gil Vicente*, pag. 104, n.º x.
2 Já publicada, com alguns descuidos de revisão, pelo general Brito Rebêlo, no *Gil Vicente*, pag. 105, n.º xii.

Digitized by Google

agardecemos e temos em seruiço E quamto ao dinheiro que pedem os Remdeiros das casas desa cidade pera despesa de suas Represemtaçõoes nos escreuemos ao noso comtador moor que mamde aos Recebedores delas que despemdão niso todo o que lhes parecer neçesareo.

vymos o que dizeis ssobre o que temdes pasado com gil vycemte e as pimturas que vos mostrou e as cousas e cadafalsos que vos dise que saão necesareos E o dinheiro que se asy niso pode despemder E asy o que escreueis sobre a Reparticão dos lugares pera as Represemtacões das nosas casas de ginee e Jndias e vossas e dos mercadores corretores Remdeiros e oficiaes ao que vos Respomdemos que em todalas cousas que a nosa emtrada tocarem asy no Repartjr dos ditos lugares como ẽ todo mais que se ouuer de fazer ffacaes todo o que vos bem pareçer por que o que nyso fezerdes nos o avemos por bem feyto e mamdamos ao feytor e ofeciaes das ditas casas que cumprão Nesto todo o que lhe vos mamdardes porque asy o avemos por noso seruiço e asy a todalas outras pesoas e ofiçiaes a que esto tocar scprita em euora a x dias de dezembro Gaspar seaura a fez de 1520

e quamto aos trezentos cruzados que dizeis que som necesairos pera os cadafallsos avemos por bem que ho que vos parecer que he necesairo pera y se ter a dita contia se page do dinheiro da emposycam como nos escpreveis

Rey . . .

Resposta a cidade de lixboa

Sobrescrito: Por ElRey Aos vereadores procurador e procuradores dos mesteres da sua muy nobre e sempre leal çidade de Lixboa.

Arquivo Municipal de Lisboa, *Liv. 1.º de Festas*, fl. 36.

X

Carta de três moios de trigo de tença a Gil Vicente

Evora, 19 de Janeiro de 1525

Dom Joam etc A quamtos esta mjnha carta virem faço saber que avemdo eu Respeito aos serviços que tenho Recebidos de gill viçemte e aos que espero ao diante Receber dele e queremdo lhe fazer graça e merçe tenho por bem e me praz que ele tenha e aja de mjm de temça des o primeiro dia de janeiro presemte em diamte em cada huum anno tres mojos de trigo no Recebymento do hum por çemto Porem mando ao Recebedor dele que do dito janeiro em diante em cada hum ano de e page ao dito gill viçemte os ditos tres mojos de trigo e per o trellado desta que ho escriuã de seu carego trelladara no liuro de sua despesa e seu conhecimento mando que lhe sejam leuados em conta e por firmeza dello lhe mandey dar esta per mjm asynada e asellada do meu sello pemdemte dada em evora a xix dias de Janeiro alluaro neto a fez ano de noso senhor Jhesus christo de mjll bc xxb annos amtaã dafonseca a sobescreuy.

Tôrre do Tombo, *Chancelaria de D. João III*, liv. 8.º de *Doações* fl. 134. [1]

XI

Carta régia confirmando a venda feita por Gil Vicente do ofício de língua de Ormuz

Santarêm, 30 de Junho de 1526

Dom Joham &c a quamtos esta mjnha carta virem faco saber que comfiamdo eu de framçisco de pomte que nesto serujra bem e fiellmemte como compre a serujço de deos e meu e bem das partes pertẽçe e queremdolhe fazer graça he merce tenho por bem e me praz que elle sirua de limguoa da cjdade dormuz nas partes da jmdia o tempo comteudo em meu Regimemto com o quall avera o mamtimento proes e percallços ordenados [a] elle acabamdo seu tempo a pesoa ou pesoas que amte dum aluara meu feito a xix de março do

1 Parece ter já sido publicada pelo dr. Teófilo Braga no *Positivismo;* não vi porém este periódico.

Digitized by Google

anno pasado de bc xxb o teverem per mjnha prouisam o quall nele pasou gill vicemte per minha licença porem mando ao meu capitã moor veador da fazenda nas partes da jmdia capitã feitor e ofiçiaes da dita cidade dormuz que apresemtamdolhe o dito framcisco de pomte huuma pesoa auta lhe dem juramemto e a deyxem seruir e aver todo o que dito he sem lhe a ello poerem duvjda nem ẽbarguo algum por que asy he mjnha merçe o quall framcisco de pomte jurara em minha chamcelaria aos samtos avãgelhos que bem e verdadeiramemte o sirua guardamdo o seruiço de deos e meu e as partes seu direito dada em samtarem a xxx dias de junho aluaro neto a fez anno do naçimemto de noso senhor Jhesu christo de mill he bc xxbj Amtam da fomseca o fiz esprever e nã avera mamtimemto nem ordenado somente os proes e percallços ordenados.

Tôrre do Tombo, *Chancelaria de D. João III*, liv. 36.º de *Doações*, fl. 132 v. [1]

XII

Mandado para serem entregues oito mil reaes de vestearia a Gil Vicente

Evora, 19 de Junho de 1535

Dom Joham per graça de deos Rey de portuguall e dos alguarues daquem e dalem mar em affrica senhor de guine e etc mando a vos manuell velho tesoureiro do tesouro de minha casa que deis a gill viçemte oyto mill reaes que lhe mando dar e o dito anno de mim hadaver de sua vestiaria e per este com seu conheçimento vos seram leuados em comta el Rey o mandou per dom Rodrigo lobo de seu comselho e veador de sua ffazemda dioguo doliueira o ffez em evora a xix dias de junho de mill bc xxxb.

Dõ Rodrigo Lobo.

biij reaes no tesouro a gill viçemte de sua vistiaria deste anno de xxxb.
per seu filho belchior viçemte
Registado *Jorge de Fygueiredo correa.*

Recebeo gill vicente de manuell velho tisoureyro estes oyto mill reaes em mercadaria em euora a xj dias daguosto de 1535.
Gil Vicẽte Aspam pirez

Tôrre do Tombo, *Corpo cronológico*, parte II, mac. 202, doc. 12. [2]

XIII

Prologo em que o autor deregia esta copia de suas obras ao muyto alto & excelso Principe elRey dom Ioam o terceyro deste nome em Portugal.

(.•.)

Hos liuros das obras que escritas vi serenissimo senhor, assi em metro como em prosa, sam tam florecidas de sciẽtes materias, de graciosas inuençoẽs, de doces eloquencias & elegancias, que temendo a pobreza de meu engenho, porque nasceo & viue sem possuir nenhũa destas: Determinaua leyxar minhas miserrimas obras por empremir, porque os antigos & modernos nam leyxaram cousa boa por dizer, nem inuençam linda por achar, nem graça por descobrir. Assi que pera passar seguro da pena que minha ignorancia padecer nam escusa, me fora fermosa guarida nam dizer senam o que elles dixeram, ainda que eu ficasse como eco nos vales que fala o que dizem, sem saber o que diz. Porem querendo eu no presente preambulo ajudarme do seu custumado estilo, em querer louuar as excelen-

---

1 Já impressa pelo dr. Sousa Viterbo no *Archivo historico portuguez*, vol. I, pag. 222, num artigo intitulado *Gil Vicente, dois traços para a sua biografia.*

2 Fac-simile em frente da pag. 21. Publicado pelo general Brito Rebêlo na segunda edição do seu *Gil Vicente*, pag. 11.

Digitized by Google

cias de V. A. como elles fazem aos senhores a quem suas obras endereçam. Que farey? sendo certo que ainda q̃ fosse em mi soo a sua horatorea, tam facunda como em todos elles, & me fosse traspassado o spirito de Dauid, nam presumiria escreuer de V. A. a minima parte de sua magnifica bondade, de sua nobilissima condiçam, de sua discreta mansidade, do perfeyto zelo de sua justiça, da sua paz, da sua guerra, da sua graça, grauidade, conselho, sabedoria, liberalidade, prudencia, & finalmente do seu Christianissimo firmamento. Outro si querendo nauegar pola rota do seu exordio delles, pedindo a V. A. fauor & emparo, pera que minha enferma escretura nam seja ferida de lingoas danosas. Pareceme injusta oração pedir tam alto esteo pera tam bayxo edeficio, quanto mais que ainda que dino fora de tam nobre emparo, tenho consirado que Christo filho de Deos sob emparo de poderio eternal do Padre & todos seus bem auenturados sanctos nam passaram por esta vida tam liures, que dos malditos detratores nam fossem julgadas suas diuinas obras, por humanas liuiandades: sua sancta doctrina, por maxima ignorancia: sua manifesta bondade, por falsa malicia: sua sanctissima graça, por sorreticio engano: sua excelsa abstinẽcia, por vil hipocresia: sua celeste pobreza, por terreno vicio. Pois rustico peregrino de mi, que espero eu? liuro meu que esperas tu? Porem te rogo que quando o ignorante malicioso te reprender, que lhe digas, se meu mestre aqui estiuera, tu calaras. Finalmente que por escusar estas batalhas & por outros respeytos, estaua sem proposito de emprimir minhas obras se V. A. mo nam mandara, nam por serem dinas de tam esclarecida lembrança, mas V. A. aueria respeyto a serẽ muytas dellas de deuaçam, & a seruiço de Deos enderençadas, & nam quis que se perdessem, como quer que cousa virtuosa por pequena que seja nam lhe fica por fazer: por cujo seruiço trabalhey a copilaçam dellas com muyta pena de minha velhice & gloria de minha vontade, que foy sempre mais desejosa de seruir a V. A. que cobiçosa de outro nenhum descanso.

Copilaçam de todalas obras de Gil Vicente, ed. de 1562, fl. IV das n. n.

XIV

Carta de mercê do ofício de escrivão segundo da feitoria da Mina a Belchior Vicente

Evora, 29 de Janeiro de 1537

Dom Joham etc ffaço saber a vos feytor e officiaes da casa da Jndia e mina que avendo eu Respeyto ao seruiço que me tem feyto belchyor vicemte meu moço da [ca]pela querendolhe ffazer merçe e comfiamdo nele que nisto me serujra bem e fielmente como compre a meu serujço ey por bem e me praz de lhe fazer merçe do officio de scprivão segundo da feytoria da mina pelo tempo e com ho ordenado comteudo em meu Regymemto o qual serujra acabamdo seu tempo ou vaguamdo hos que dele são provjdos per mjnhas provysoes feytas amtes desta notefficovolo asy e mando que tamto que pela dita maneira lhe couber emtrar na dita escprevanjnha lha deyxeys hyr serujr damdolhe sua embarcação E levara seu fato segumdo ordenamça E per esta mando ao capitam ffeytor e offiçiaes da mjna que tamto que ho dito bellchyor vyçemte la chegar ho metam de pose da dita scprevaninha e syruão com ele o dito tempo e lhe deyxem aver o dito ordenado cada anno e todollos proes e percallços que lhe direytamemte pertemçerem sem niso lhe ser posta duuida nem embarguo allguum porque asy he mjnha merçe e elle jurara na chamcelaria aos samtos avamgelhos que bem e verdadeyramemte syrva E por firmeza delo lhe mandey dar esta carta per mym asynada e aselada de meu selo pemdemte amtonio soayres a fez em euora aos vymta nove dias do mes de janeiro do ano do naçimento de noso senhor Jhesus christo de mjll e b^b^ xxxbij fernão dalluarez a fez escprever — Ey por bem que esta carta pase pela chamçelaria posto que ho tempo em que ouuera de pasar seja pasado e paguara a chamcelaria symgela somemte em Lixboa a xiiij dias de março de mjll b^c^ R.

Apostila à margem: belchior vicemte contheudo na carta aqui Registada aRenunciou oficio descripvão segundo da feitoria da mjna per Licença del Rey nosso senhor em afomsso castanho moço da camara do dito senhor e por tamto eu pero gomez pus aqui esta verba per mandado de sua alteza em evora a bj dias de nouembro de mjll b^c^ R b. — *Pero gomez*

Tôrre do Tombo, *Chancelaria de D. João III*, liv. 40.º de *Doações*, fl. 117. [1]

---

1 Já publicada pelo general Brito Rebêlo, *Gil Vicente*, pag. 106, n.os XV e XVI.

Digitized by Google

XV

Carta testemunhável na qual se transcreve um depoimento de Belchior Vicente

Lisboa, 16 de Abril de 1540

Diz garçia fernandez que elRey voso padre que santa gloria aja ordenou pera a casa da Rolação huã grande obra de pintura a qual por ser de muyto seu contentamento e a querer ẽ toda perfeição encarregou della francisco anrriquez por ser o milhor official de pintura q̃ naquelle tempo avia que foy no año de xbiij° ou xix quãdo a peste deu nesta çidade de lixboa e o dito sñr lhe mandou que se não sayse e ficase nella fazendo na dita obra e asy nas bandeiras que então mandou fazer pera a entrada da Rainha dona lianor dizendolhe que quando noso Sñor delle fizese alguã cousa .S. A. teria sempre lembrança de sua molher e filhos pera lhe fazer merçe como era Rezão pelo qual o dito francisco anrriquez cumprio seu mandado e ficou nesta çidade honde lhe então faleçerão bij ou biij° ofiçiaaes que elle mandou vir de frandes pera a dita obra e asy sete escrauos e elle mesmo por deRadeiro tendo ja aReçebydo tanto dinheiro em parte do que avia daver da obra que senão achaua quem a quisese acabar pelo que se della deuia por que o que mais tinha Reçebydo o dito françisquo anriquez do que se mereçia pelo que fizera erão duzentos setenta e tantos mill rs. E sendo o dito Sñor ynformado que elle dito garçia fernandez a acabaria ẽ sua perfeição cõ desejos damparar os filhos do dito françisco anriquez pela obrigação ẽ que lhe era lhe escreueu que quisese casar cõ hũa filha sua e tomar sobre sy a dita obra e acaballa pelo que se della deuia somente e que S. A. lhe faria por yso merçe do offiçio de pasauante que vagou per falecimento do dito francisco anriquez e de ajuda de casamento pelo qual elle aceytou o dito casamento e a obrigação da obra e a acabou em sua perfeição se não tres paineis que lhe o amo não mandou dar por dizer que .v. a. não avia por seu seruiço que se acabase a dita obra fez de tudo pitição e falou a .v. a. o anno de xxbiij° cõ o amo Remeteo a fernão daluarez a q̃ deu a petição cõ a dita carta aalem da enformação que elle tomou e lhe foy dada como dito he per garçia de Resende e pelo amo que deste caso muyto sabião de que manuel de moura podera aynda ter alguma lembrança. E por .v. A. lhe mandar fazer nas obras de coimbra e de são francisco devora e nas de leiria de montemoor e outras pera a India e no Retauollo de santo eloy desta çidade ẽ que somente lhe foy jullgado cem mill rs. mais do q̃ lhe por ella foy paguo não pode seguir per sy o Requerimento ynda q̃ per outrem sempre foy Requerido ao dito fernão daluarez agora diz lhe que a dita carta se perdeo com a pitição / fez esta por que cumpridas todas as obrigações que lhe forão postas e avidos noue filhos de sua molher cõ a qual lhe não derão mais ẽ casamento que a dita carta e esperança do dito offiçio. pede a V. A. que ẽ satisfação do que açima diz e do que o dito ofiçio lhe podera Render de vinte e dous annos a esta parte que ha que he casado e da ajuda de casamento que se continha na dita carta o que tudo proua pelo estromento que apresenta lhe faça merçe do offiçio daselador e de fiel e pesador da alliandega desta çidade de que ora per faleçimento de joão aluarez vagou a seruintia pois que o offiçio darmas que elle ouuera daver foy dado a antonio dolanda e somente pelo aluara que foy pasado aos offiçiaaes que geerallmente ficasẽ em lixboa aaquelle tempo pera ficarem seus offiçies a seus filhos se falecesẽ de peste lho não podia negar pois o dito francisco anriquez per espiçiall mandado de S. A ficou e faleçeo de peste e tantos offiçiaaes e escrauos seus como dito he e nisto desencarregaraa a conçiençia delRey seu padre e a sua e faraa seruiço a deos e a elle esmolla e merçe pera sustentamento de sua vyda e Remedio de seus fylhos.

Dom Joãom per graça de deos Rey de purtuguall e dos allguarves daaquem e daallem mar em haffriqua de guynee e da comquysta navegaçam comerçjo detyopya arabya persya e da ymdia etc. A todollos coRegedores ouvydores Joyzes e Jostyças offiçjays e pesoas de meus Reynos e senhoryos a que esta mjnha carta testemunhavell ffor mostrada e o conhecimento della em direito pertemçer ffaço saber que amte mjm em o Joyzo e coReyçam da mynha muym nobre e sempre lleall cjdade de llysboa peramte os coRegedores della pareçeo garçya ffernandez pymtor e me apresemtou huma pytyçam que tall se sege seu teor.

Sõr garçia ffernandez pymtor morador nesta çidade / ffaço saber a vosa merçe que ellRey dom manoell que samta grorya aja mamdou ffazer huũa hobra de pymtura de muito seu contemtamento pera o curycheo do llymoeyro a fframçjsco amRiquez que emtam emcaRegou della ho quall pera hacabar com aquella breuydade que sua allteza querya semdo muito gramde mamdou trazer de fframdes offlycjays pera o ajudarem e ao tempo que aquy

Digitized by Google

chegaram nom hera ajmda tomado asemto no debuxo da ymvemçam de que a hobra avya de ser e prymeyro que se tomase pasou muito tempo que elle pagou de vazyo aos ditos offyçyays como se trabalharam /. E depois de ffazerem na dita obra deu peste nesta çydade omde elle fficou per mamdado de sua allteza pera haver de acabar e lhe moReram os ditos offyçyays e muitos escravos e escravas/. e elle tambem de peste e pella gramde despesa que tynha /. lhe ffazyam os pagamentos adiamtados de maneyra que per seu ffalleçymento se achou ter muyto mays dynheyro Reçebydo do que hera a hobra que tynha ffeyta e pella emfformaçam que sua allteza delle garçya ffernandez per Jorge affonso e outras pesoas como por cartas da molher que ffoy do dito ffrançisco amRiquez lhe escreveu huuma carta que queremdo elle tomaar sobre sy ho caRego de acabar a dita hobra pelo que se devya della somemte que hera menos do que se mereçya e casando com huuma ffylha do djto ffrancisco amRjquez lhe ffarya merçe do offyçjo de pasavamte que per seu ffalleçjmento vagou per virtude da quall carta elle açeytou o dito casamento e a hobra e hacabou /. por omde lhe ell Rey noso Senhor fficava em obrygaçam de lhe ffazer merçe do dito offyçjo / e elle garçja ffernandez lho Requereo e ffez diso pytyçam que com a dita carta deu ha ffernão dallvarez pera seu despacho /. e por quamto ela ora nom apareçe e lhe he neçeçaryo provar o que asj pasou pede a vosa merçe que lhe mande pergumtar as testemunhas que apresemtar pelo comteudo nesta pytjçam e com seus ditos lhe mande pasar huum estromemto pera per elle poder Requerer sua Jostyça //.

em a quall pytyçam per mj vysta prenumcyej huum meu despacho cuyjo teor tall he //.

¶ pergumtemse pelo comteudo nesta pytyçam as testemunhas que o soprycamte apresemtar e com seus ditos seja lhe dado seu estromemto ou carta testemunhavell como pede //.

por virtude do quall despacho / pelo cõteudo na pytyçam se pergumtaram çertas testemunhas que ajuramemtadas fforam sobre os samtos avamgelhos por huum emqueredor de mjnha coRejçam das quays se seguem seus nomes e testemunhos //.

¶ It. bellchyor vyçemte ffilho de gjll vyçemte que deos perdoe / moço da capella del Rey noso Senhor e morador nallcaçeva testemunha jurada aos samtos avamgelhos e pergumtado pello costume /. dixe que he amjgo do sopricamte e diraa verdade ¶ It. pergumtado elle testemunha pelo comteudo na pytyçam do soprycamte garçya ffernandez que lhe ffoy liyda etc /. Dixe elle testemunha que he verdade que semdo elle testemunha moço pequeno elle ouvyo dyzer a seu pay que deos aja que ellRey dom manoell que samta glorya aja emcaRegara a hobra da pymtura que se mamdava ffazer pera o curucheo do llymoeyro /. a fframcisco amRyquez comteu[do] na pytjçam e que elle testemunha vyo em casa de ffernam dallvarez huuma pytjçam que ho sopricamte ffyzera a ell Rey noso Senhor ha quall amdava pegada huuma carta per que ho dito Senhor tynha ffeyto merçe ao sopricamte do offycjo de pasavamte que fficara por ffalleçymemto do dito fframcisco amRjquez /. e que a dita carta dezya que casamdo elle sopricamte com huuma ffylha do dito fframcisco amRyquez sua allteza dezya que lhe darya ajuda pera seu casamemto /. e que avendo de ffazer allguuma cousa do dito offyçjo de pasavamte o darya ao sopricamte // e sabe elle testemunha que o dito sopricamte casou logo com a ffylha do dito fframcisco amRyquez e com ella esta casado e tem ffylhos e ffylhas e asy sabe que o sopricamte por bem do que dito he açejtou ha hobra do dito curucheu / e ele testemunha o vyo amdar trabalhamdo nella /. e all nom djxe somente /. tornou a dizer ele testemunha que a dita pytyçam e carta elle a vyo amdar ẽ maço em casa de ffernã dallvarez / e emtam ouvyo dizer a pero amRiquez que o sopricamte hera agravado em o nom despacharem poys hera jostyça e all nom dixe / gonçallo tarouca o esprevy.

¶ Jt. Jnhygo llopez escudeiro da casa dellRey noso Senhor e seu batyffolha cortesão testemunha jurado aos samtos avamgelhos e pergumtado pello costume dixe que o soprycamte he seu amjgo e compadre de hum fflho delle testemunha e dyraa verdade e all nom dixe do costume / e pergumtado elle testemunha pello comteudo na pytyçam do soprycamte garçja ffernamdez que lhe llyda ffoy etc dixe elle testemunha que he verdade / que elle sabe que fframcisco amRiquez comteudo na pytyçam ffazja a hobra da pymtura da Rellaçam de que a pytyçam ffaz memçam por mamdado dellRey dom manoell que samta grorya aja e que no ano de dezoyto quãdo a peste de que nos deos guarde veo a esta çydade de lysboa o dito soprycamte ffycou nesta çidade ffazendo a dita hobra e nella moReu emtam de peste o dito fframcisco amRyquez e asy lhe moReo muita jemte e escravos e escravas /. e elle testemunha braadou emtam com elle por que se dejxava aquy fficar em tam fforte tempo e que elle lhe Respomdeo que elRey dom manoell lhe mamdava acabar aquella hobra e que ffjcase e que lhe ffarya por hyso gramdes merces e que por hyso fficava / e ynda que soubese moRer

Digitized by Google

nom avya de dejxar de ffycar por servyr sua allteza e que sabe que ho dito fframcisco amRyquez por sua morte ffycou devendo ha dita hobra muito dynheyro que majs tynha Reçebydo do que vallya a hobra que tynha ffeyta e dixe elle testemunha que ffycamdo asy a casa do dito fframcisco amRyquez este sopricamte trabalhava emtam com elle e hera seu offyçjall na dita hobra e elle testemunha dixera emtam a ellRey dom manoell que samta grorya aja como ffycava o dito sopricamte em casa do dito fframcisco amRyquez e que hera muito bom offyçjall e que sua allteza o devya casar com huuma ffilha do dito fframcisco amRiquez e nelle cobrarya ho que perdera /. e que ellRey lhe respomdera que lhe ffallase njso o amo / e elle testemunha despoys por ser compadre e gramde amygo do dito fframcisco amRiquez o dixera a sua molher e a Jorge affomso seu jrmão e que emtam elles com elle testemunha ordenarom huuma carta pera ho dito Senhor a quall elle testemunha ffez a menuta della de sua letra e foy dada ao dito Senhor / e a Reposta della elle testemunha e Jorge affomso vymdo devora a trouxeram per carta do dito Senhor // e o que lhe llembra que nella vynha amtre outras cousas hera que o dito Senhor lhe Rogava ao sopricãte que casase com a ffilha do dito fframcisco amRyquez e se emcaRegase da dita hobra como a tynha fframcisco amRiquez e por o preço que a elle tynha e que elle lhe darya ajuda de casamemto e quamto ao offyçyo darmas que pedia que ffycara vago por morte do dito fframcisco amRiquez que ao presemte nom ffazja nada delle que se ouvese de ffazer allguuma cousa delle que emtam lho darya /. e que o dito sopricamte por bem da dita carta açeitou ho dito casamemto e asy ha hobra como na dita carta vynha e oje em dia esta casado com a ffylha do dito fframcisco amRyquez e tem ffilhos e ffylhas e asy o sabe trabalhar na dita hobra / e que depoys diso ouvyra dizer ao sopricamte garçja ffernamdez queyxamdose / que elle dera a dita carta e huuma pytyçam a ffernã dallvarez em que pedia a ellRey nosso Senhor satysffaçam da dita carta / e que llaa em sua casa se lhe perdera e all nom dixe gomçallo tarouca ho esprevy //.

¶ It. Chistouã de ffygeyredo pymtor do Senhor cardeall e nesta çjdade morador na ffregesya de samta Justa testemunha jurado aos samtos avamgelhos e pergumtado pelo costume dixe que a molher do sopricamte e a delle testemunha sam primas ffylhas de dous jrmãos e elle testemunha e ho soprycamte sam compadres e amigos e companheyros em as hobras que ffazem e comem e bebem ambos e all nom dixe do costume // It. pergumtado elle testemunha pello comteudo na pytyçam do sopricamte garçya ffernamdez que lhe llyda ffoy etc dixe elle testemunha que he verdade /. que ellRey dom manoell que samta grorya aja emcaRegou na hobra da pymtura da Rellaçam desta cjdade casa do cyvell e sabe que tynha muitos offyçyays que de fframdes vyeram /. e que he verdade que amdamdo asj o dito fframcisco amRyquez na dita hobra elle testemunha hera companheyro nella por mamdado do dito Senhor e que neste mesmo tempo a esta cjdade veo peste de que nos deos guarde no ano de dezoyto e o dito fframcisco amRiquez e elle testemunha ffycaram na çydade por mamdado do dito Senhor ffazẽdo a dita hobra e que o dito fframcisco amRyquez ffoy ho primeiro que logo ffalleçeo em sua casa e asy lhe moReram çertos fframẽgos offyçjays e escravos e escravas de peste / e que por seu ffallecymemto se achou elle ffycar devemdo muito dynheyro ha hobra que em sy tynha Reçebydo majs do que mereçya a hobra que ffeyta tynha e depoys por o dito Senhor ter emfformaçam do soprycamte que hera bom offyçyall e ffycara na propya casa do dito deffumto e emcaRegado de suas cousas por bom homem e bom offyçyall lhe escreveo huuma carta em que dezya que casando elle soprycamte com huuma ffylha do dito fframçisco amRyquez que elle lhe darya ajuda de casamemto e nom ffarya nada do offyçyo de pasavamte que por ffalleçymemto do dito deffumto ffycara vago por o presemte damdolhe a emtemder que hera pera ho soprycamte segumdo ho entemdimemto delle testemunha / e isto açeytamdo o sopricamte a dita hobra asi como a tynha o dito fframcisco amRyquez /. e que depoys de todo isto asy ser pasado elle testemunha ffalou ao sopricamte por Rogo da molher de fframcisco amRyquez que açeytase ho dito casamemto e elle testemunha o açeitou e amdou niso ate que se Reçeberam e sam casados e damtre ambos ha ffilhos e ffylhas e o soprycamte tomou a hobra e nella trabalhou ate ser cayse acabada eyceyto tres payneys que lhe nom deram por que tambem os acabara se lhos deram e sabe elle testemunha que o sopricamte ffez huã pytyçam a ellRey noso Senhor ha quall acostou a carta de que atras ffaz memçam e a deu a ffernão dalluarez em que lhe pedia satysffaçam / e houve queyxar se ho soprycamte que lhe dizem que he perdida ha dita carta e pytyçam e all nom dixe gomçallo tarouca ho esprevy.

¶ It Jorge affomso arauto dellRey noso Senhor e morador detras de sam domjmgos / testemunha jurada aos samtos avamgelhos e pergumtado pello costume dixe que a molher do sopricamte he sua sobrynha delle testemunha ffilha de huuma sua jrmãa e sam amjgos e dyraa verdade e all nom dixe do costume ¶ It pergumtado elle testemunha pello comteudo

Digitized by Google

na pytyçam de garçya ffernamdez que lhe llyda ffoy etc dixe ele testemunha que he verdade que ellRey dom manoell que samta grorya aja emcaRegou a fframcisco amRyquez que deos perdoe comteudo na pytyçam que lhe ffyzese a hobra da Rellaçam de suas pymturas e que pera ella vyeram certos hoffyçyays de framdes e que ffazemdose a dita hobra sobreveo peste a esta çydade e ho dito fframcisco amRiquez flycou com os ditos hoffyçyays ffazemdo a dita hobra e veo a ffalleçer de peste asy elle como allguums dos ditos hoffyçyays que o ajudavam e asi lhe moReram certos escravos e escravas e que por sua morte ffycou devemdo muito dinheiro ao dito Senhor que Reçebydo damte mão hera /. majs do que se momtava na hobra que ffeyta tynha / e que semdo asy ffalleçido o dito fframcisco amRyquez elle testemunha deu emfformaçam a sua allteza do dito sopricamte que hera muito bom offycyall e ffycara em casa do dito fframcisco amRyquez e que nelle poderya cobrar sua allteza outro fframcisco amRyquez / e que ao dito Senhor aprouve que se o dito sopricamte quisese casar com huuma ffylha do dito fframcisco amRyquez e açeytar ha hobra asy como a tynha o deffumto, e que ffazemdo allguuma cousa do offyçyo de pasavamte que avagara por morte do dito fframcisco amRyquez que lho darya ao dito sopricamte e que disto pasou o dito Senhor huuma carta pera o sopricamte /. e o dito sopricamte por bem da dita carta acejtou ho dito casamemto e tem ffilhos e ffilhas e asj açeytou a dita hobra e ffez a dita hobra e nella trabalhou ate que ellRey noso Senhor mamdou que sobreestyvese asy nella / e logo emtam ele testemunha houvyo djzer ao sopricamte que ffyzera huuma pytyçam a sua allteza /. sobre ello e all nom dixe gomçallo tarouca ho esprevy.

E semdo asy as ditas testemunhas pergumtadas como dito he ho soprycamte me pedio que com o teor dellas lhe mamdase pasar huuma carta testemunhavell e eu lhe mamdey pasar a presemte pella quall vos mamdo que lhe deys e ffaçays dar aquelle credito fee que se daa e deve de dar has tais cartas testemunhaveys e aos propryos orgynays com ho quall vay comcertado bem e verdadeiramemte / ho que asy huums e outros compry / e all nom ffaçades dada em ha çydade de llysboa aos dezaseys dias do mes dabryll /. ell Rey ho mamdou pello licemceado Jorge de penhoramda do seu desembargo e desembargador dos agravos em sua corte e casa do çyvell e que ora por seu espeçjall mamdado tem caRego de Corregedor dos ffeytos e causas çjvejs com allçada em ha dita çjdade e sua coReyçam etc. gomçallo tarouca esprivão a ffez ano do nacjmento de noso Senhor Jhu christo de mjll e quynhemtos e coremta hanos Pagou Cxx rs. — *Georgius llicenciatus.*

Foy comçertado este trellado com ho propjo por mjm esprivã cõ ho abayxo asynado / com o Ryscado que dezya cjdade / em que nõ avera duvyda gomçallo tarouca o esprevy. — *Gomçallo tarouca.* — *João.....ço*

Tôrre do Tombo, *Corpo Cronológico*, part. III, mac. 15, doc. 18. [1]

XVI

Carta de dois moios de trigo de tença a Guiomar Tavares, viúva de Belchior Vicente

Lisboa, 30 de Março de 1552

Dom João etc a quamtos esta minha carta virem faço saber que avemdo Respeito aos seruyços que me ffez belchior vicente escudeiro de minha casa ja faleçido e queremdo em satisfação delles ffazer merçe a giomar tauares que foy sua molher me praz que ella tenha e aja de mjm de temça em cada huũ ano em dias de sua vida dous moyos de triguo de Janeiro que pasou deste ano presemte de b^c Lij em diamte E mando ao barão dallvyto vedor de minha fazenda que lhe faça asemtar os ditos dous moyos de tryguo no liuro dellas e despachar em cada hũ ano/ do dito janeiro em diamte em luguar homde delles aja bom paguamento. E pera firmeza de todo lhe mandey dar esta minha carta per mjm asynada e aselada do meu sello pemdemte dada na çidade de lixboa a xxx dias do mes de março pero Cubas a fez ano do naçimento de noso Senhor Jhũ christo de mil b^c Lij E eu alluaro pirez o fiz escrepver diz a amtrelinha que foy — Comcertada *Pero dolivveira* — Comcertado *Joam da costa.*

Tôrre do Tombo, *Chancelaria de D. João III*, liv. 68.º de *Doações*, fol. 141 v. [2]

---

1 Publicado por Sanches de Baena no *Gil Vicente*, pag. 44, e pelo dr. Sousa Viterbo na *Noticia de alguns pintores*, I, 58.

2 Publicada já pelo general Brito Rebêlo, no *Gil Vicente*, pag. 111, n.º XXII.

Digitized by Google

XVII

Carta de vinte mil reaes de tença a Paula Vicente, filha de Belchior Vicente

Lisboa, 30 de Março de 1552

Dom João etc a quamtos esta minha carta virem faço saber que avemdo Respeito aos serujços que me fez belchior vicente que foy escudeiro de mjnha casa queremdo em satisfação delles fazer merçe a paulla vicente sua filha me praz que ella tenha e aja de mjm de tença em cada huum anno em dias de sua vida dez mill reaes de janeiro que pasou deste anno presemte de quinhemtos cimcoemta e dous em diamte os quaees ey por bem que sejam emtregues em cada huũ anno em quamto a dita paula vicente não casar a giomar tauares sua mãj molher que foy do dito belchior vicente pera mamtymemto da dita paulla vicente e de outra sua irmaã. E mando ao baram dalluyto vedor de minha fazenda que lhe faça asemtar os ditos dez mill reaes no liuro della e despachar em cada hũ anno do dito janeiro em diamte em luguar homde lhe sejam bem paguos E pera firmeza de todo lhe mamdey dar esta carta per mjm asynada e asellada do meu sello pemdemte dada em a cidade de lixboa a xxx dias do mes de março anno do naçimento de noso senhor Jhesus christo de mil bc Lij.—E eu alluaro pirez o fiz escrepver / diz a amtrelinha mjnha / e os risquados / tença / sua / por ir tudo na verdade.—Comcertado *Pero doliueira*—Comcertado *Joam da costa.*

Tôrre do Tombo, *Chancelaria de D. João III*, liv. 68.º de *Doações*, fl. 142. [1]

XVIII

Alvará de promessa de mercê do oficio de juiz da alfândega de Gogala para quem casar com Valéria Borges, filha de Gil Vicente

Lisboa, 11 de Julho de 1552

Eu elRey faço saber a quamtos este meu aluara virem que avemdo eu Respeyto aos seruiços que me tem feytos gil vicemte ey por bem e me praz de fazer merçe a valeria borges, sua filha pera a pesoa que com ela casar do oficio de juiz dalfamdegua de goguala por tempo de quatro anos posto que per meu Regimento ouvesem de ser tres anos somente e com ho ordenado contheudo no Regimento depois que forem compridas as prouisões que de tall cargo tiuer pasadas a outras pesoas feytas amtes de oyto de junho deste ano presemte de bc lij em que lhe fiz a dita merçe e amtes que a dita pesoa case com a dita valeria borges se apresentara ao comde da castanheira vedor de minha fazenda pera ho ver se he auto pera seruir o dito oficio e semdo o lhe pasará diso çertidam nas costas deste aluara pelo qual e a dita certidã lhe fara fazer prouisam em forma do dito ofiçio, tamto que fizer serto ser casado com a dita valeria borges como dito he e pera sua guarda e mynha lembramça lhe mamdey dar este aluara que valera como carta ffeyta em meu nome e pasada pela chancelaria sem embargo da ordenaçam do segundo Liuro titolo xx que despoem o contrario amtonio de melo o fez em lixboa a xj dias de julho de mill bc Lij amdré soarez o fez escrepuer e este pasará pela chancelaria.—Comcertado *Joam da costa*—Comcertado *Pero doliueira.*

Tôrre do Tombo, *Chancelaria de D. João III*, liv. 56.º de *Doações*, fl. 101. [2]

XIX

Carta provendo no oficio de juiz da alfândega de Gogala Pero Machado por ser casado com Valéria Borges

Lisboa, 15 de Fevereiro de 1553

Dom João etc a quamtos esta mjnha carta virem faço saber que cõfiamdo eu de pero machado meu moço da camara que nisto me seruyra bem e fielmente como cumpre a meu seruiço e por Respeito de ser casado com valerja borjes filha de gyl vicemte ey por bem e me praz de lhe fazer merçe como de fejto per esta carta faço dos careguos de juiz

---

1 Já publicada pelo general Brito Rebêlo, *Gil Vicente*, pag. III, n.º XXII.
2 Já publicada pelo general Brito Rebêlo, *Gil Vicente*, pag. III, n.º XXVI.

Digitized by Google

dallfamdegua de guogualla de dyo e de thisoureiro della por tempo de quatro annos posto que pelo Regymemto ouuessem de ser tres soomemte e com ho ordenado em cada huum anno conteudo no dito Regimemto os quaees careguos serujra juntamemte acabamdo seu tempo ou vaguamdo per qualquer vja que seja a pessoa ou pessoas que delles forem proujdas per mjnhas proujsoẽes feytas antes desta E por tamto ho notefico asy ao meu vyso Rey e gouernador que hora he e ao diamte for nas partes da Jmdia e aos vedores de mjnha fazemda em ellas e mamdo lhes que quamdo pelas ditas maneyras ao dito pero machado couber emtrar nos ditos careguos de juiz e thesoureiro da dita allfamdegua o metaõ em posse delles e lhos leixem serujr pelo dito tempo de quatro anos e aver o dito ordenado como dito he e todos os proees e precallços que lhe direitamemte pertemcerem sem nyso lhe ser posto duuyda nem embarguo allgum por que asy he mjnha merçee e elle jurara na chamcelaria que bem e verdadeiramemte syrua guardamdo em tudo o que cumpre a meu serujço e as partes seu direito e por firmeza dello lhe mamdey dar esta carta per mjm hasynada e asellada do meu sello pemdemte dada em lixboa a xb de feuereiro adrjam luçio a fez anno do nasçimemto de noso senhor Jhesus christo de mil bc liij E Regystar se a esta carta nos liuros da casa da Jmdia demtro de quatro meses andre soarez ha fez [escrepver]. — Comcertada *Pero doliueira* — Conçertado *Luis carualho.*

Tôrre do Tombo, *Chancelaria de D. João III*, liv. 68.º de *Doações*, fl. 193 v. [1]

XX

Alvará de privilégio

Lisboa, 3 de Setembro de 1561

Eu elRey faço saber aos que este aluara virem, que Paula vicente moça da camara da minha muyto amada e prezada tia me disse que ella queria fazer empremir hũ liuro e cãcioneyro de todas as obras de Gil vicente seu pay, assi as que atee ora andarão empremidas polo meudo, como outras que o ainda nam foram. Pedindome que ouuesse por bem que por tempo de dez annos nam podessem empremir nem vender o dito cancioneyro senam ella, e as pessoas a que ella pera isso desse licença: e que as ditas obras meudas do dito seu pay, que atee ora andarão empremidas, se nam podessem mais empremir nem vender polo meudo. E visto seu requerimento, e por algũs justos respeytos que me a isto mouem, ey por bem e me praz que fazendo ella empremir o dito cancioneyro de todas as obras do dito seu pay. Empressor algum, nem outra algũa pessoa, possa em meus Reynos e senhorios empremir nẽ vender o dito cancioneyro, nem trazelo de fora do Reyno a vender sem consentimento e licença da dita Paula vicente, e isto por tempo de dez annos soomente, que começaram da feytura deste aluara. E empremindo ou vendendo algũa pessoa o dito cancioneyro nos ditos meus reynos e senhorios, ou trazẽdo de fora delles a vender como dito he dentro no dito tempo de dez anos sem licença da dita Paula vicente, perderaa todos os volumes que delles lhe forem achados, e pagarão cincoenta cruzados, ametade pera a minha camara, e a outra ametade pera quem os acusar. E assi me praz que daqui em diante polo dito tẽpo de dez annos se nã possam empremir nem vender polo meudo obras algũas do dito Gil vicente que estiuerem no dito cancioneyro, sob a mesma pena acima declarada E mando a todas as minhas justiças, officiaes, e pessoas a que o conhecimento disto pertencer, que cumpram e guardem inteyramente este aluara, como se nelle contem, o qual ey por bem que valha e tenha força e vigor como se fosse carta feyta em meu nome, per mi assinada, e passada per minha chancelaria, sem embargo da ordenaçam do segundo liuro, quarto, vinte, que diz que as cousas cujo effeyto ouuer de durar mais de hum anno, passem per cartas, e passando per aluaras nam valham. E valera este outro si, posto que nam seja passado pola chancelaria, sem embargo da ordenaçam que manda que os meus aluaras que nam forem passados pola chancelaria se nam guardem. Jorge da costa o fez em Lixboa a tres dias de Setembro de mil e quinhentos e sessenta e hũ Manoel da costa o fez escreuer. E cada volume do dito cancioneyro se nam poderaa vender por mais de hum cruzado. E este aluara se trasladaraa e imprimiraa no principio do dito cancioneyro. Raynha.

Copilaçam de todalas obras de Gil Vicente, ed. de 1562, fl. II das n. n.

---

1 Já publicada em extracto pelo general Brito Rebêlo no seu *Gil Vicente*, pag. 112, n.º XXV.

Digitized by Google

XXI

Prologo deregido ao muyto alto & poderoso Rey nosso Senhor dom Sebastiam o primeyro do nome, per Luis vicente.

He tam gloriosa cousa, altissimo Rey e senhor nosso, a fama daquelles que a tem e a teueram, que a toda pessoa geralmente faz desejo de a acrecentar e resuscitar suas obras: e assi o fazẽ muytos, hũs cõ cõtarẽ em pratica suas cousas, outros com escreuerẽ suas obras, outros trabalharem que venham aa noticia de todos cõ as empremirem, como foy aquelle que apurou, e alimpou, e fez que fossem vistas e achadas as cousas de Homero, porque se elle nam fora perderamse, e outros que tomaram a seu cargo o trabalho de serem pregoeyros daquelles que escreuerã e fizeram obras dinas de serem apregoadas, sem outra obrigação, mais que soomente a coriosidade que tinham de quererem que se nam perdesse a fama de grãdes homẽs. Quero dizer que se estes nam lhe indo nisso nada o fizeram assi, que faram aquelles a que bate aa porta a obrigaçam de seus antepassados, que suas obras sam desejadas virem aa noticia de todos. E ainda que as obras de meu pay nam tenham tamanho merecimento como tiueram as doutros poetas antigos e modernos, tam celebradas em todo o mundo: toda via ainda que as deste liuro fiquem muyto abayxo destas, por serem cousas alguas dellas feytas por seruiço de Deos, e todas em seruiço de vossos auoos, e de que elles muyto gostarão era razam que se empremissem. E porque sey que ja agora nessa tẽrra ydade de V. A. gosta muyto dellas, e as lee e folga douuir representadas, tomey a minhas costas o trabalho de as apurar e fazer empremir sem outro interesse senã seruir V. A. com lhas deregir, e comprir com esta obrigaçam de filho. E porque sua tençam era que se empremissem suas obras, escreueo per sua mão e ajuntou em hum liuro muyto grande parte dellas, e ajuntara todas se a morte o nam cõsumira. A este liuro ajuntey as mais obras que faltauam e de que pude ter noticia. E porque o prologo que a diante vay deregido a el-Rey vosso auo, que aja gloria, nam ouue effeyto. Esse, com o liuro todo offereço a V. A. a quem nosso Senhor acrecente e prospere a vida e estado per muytos annos.

Copilaçam de todalas obras de Gil Vicente, ed. de 1562, fl. III v. das n. n.

XXII

Alvará de doze mil reais de tença a favor de D. Beatriz de Meneses por nela os haver traspassado sua tia Paula Vicente

Evora, 17 de Dezembro de 1572

Eu elRey faço saber aos que este meu aluara virem que eu ouue por bem por me pedir a Jfamte dona maria mynha tia fazer merce a paulla vicemte sua moça da camara de doze mjll rs de temça em cada huum anno de que lhe não foy pasada provysam alguma E ora por mo a dita paulla vicemte pedir ey por bem que os aja dona breatriz de meneses sua sobrinha filha de dom amtonio dallmejda em quem os nomeou pera com yso se meter frejra segundo se vio per hum publico estormento de nomeação que dezia ser sobrescripto per belchior de montaluo tabeliam das notas da cidade de lixboa asynado de seu publico synall aos quatro dias do mes de novembro do ano presemte de bc l xxij e quero que lhe sejão asentados e pagos no Recebedor do dinheiro do huum por cemto e obras pias e por tamto mamdo ao dito Recebedor que ora he e ao diamte for que do primeiro dia do dito mes de novembro do ano presemte em diamte dê e pague em cada huum ano a dita dona breatriz os ditos xij rs aos quarteis per este so aluara gerall sem mais outra provysão pelo trelado dele que sera Registado no Liuro de sua despesa pelo escripuão de seu cargo com conhecimento da dita dona breatriz mamdo que lhe sejão leuados em comta E este aluara ey por bem que valha e tenha força e vygor como se fose carta feyta em meu nome per mim asynada e pasada pela chamcelaria sem embargo da ordenação do segumdo Liuro titulo xx que diz que as cousas cujo efeyto ouuer de durar mais de huum ano pasem per cartas e por Alvaras não valhão gonçalo Ribeiro o fez em evora a xbij dias de dezembro de mill bc lxxij graujel de moura o fez escrepver.— Comcertado *Joam da costa* — Conçertado *Antonio daguiar*.

Tôrre do Tombo, *Chancelaria de D. Sebastião*, liv. 29.º de *Doações*, fl. 114. [1]

---

1 Já publicado pelo general Brito Rebêlo no *Gil Vicente*, pag. 115, n.º XXXIII.

Digitized by Google

XXIII

Alvará da infanta D. Maria de dez mil reais de tença a favor de D. Helena da Silva, e outro do testamenteiro da Infanta autorizando a venda da tença

Lisboa, 7 de Fevereiro de 1577 e 24 de Setembro de 1592

Doutra letra em titulo: x̂ rs a Joana Inacia ẽ vida

O Arcebispo de lixboa testamenteiro da Iffante dona maria que deos tem fazemos saber, aos que este virem que por parte de Joana Jnacia filha de Luis gomez morador nesta cidade nos foi apresentado hum nosso aluará de licença perque ouuemos por bem que dona jlena da silua filha de dom antonio dalmeida E de dona valeria sua molher podesse uender dez mill rs de tenca que a dita dona jlena tinha en cada hum anno en sua uida da fazenda da dita Sra per hum seu aluará de que o treslado he o seguinte

Eu a Jffante etc faco saber aos que este aluara uirem que auendo eu respeito aos seruicos que paula uicente que foi minha moca da camara me fez en todo tempo que me seruio, E por outros respeitos que me a isso mouẽ Ey por bem E me pras de faser merce a dona jlena da silua sua sobrinha filha de dona Valeria sua irmã de x̂ rs de tenca en cada hum anno em sua uida pera aiuda de seu sostẽtamento, E de a meter freira, os quaes comecara a uẽçer do primeiro dia de janeiro que passou deste presente anno de quinhentos setenta e sete em diante E lhe serão pagos no meu thesoureiro que ora he E ao diante for, per desembarguo que delles tirará en cada hum anno, Notefico o asy ao uedor de minha fazenda pera que lhe faca asentar os ditos dez mill rs nos liuros della, E passar en cada hum anno o dito desembarguo pera lhe serem pagos pella maneira que dito he, E este quero que ualha e tenha forca e uigor, como se fose carta feita en meu nome per mym asinada E passada por minha chancelaria Francisco lopez o fez em lixboa a bij de fevereiro de lxx bij; E alem destes x̂ rs de tenca fiz mais merce a dita dona Valeria por respeito dos seruiços da dita sua jrmã de x̂x̂ rs de tẽça pera duas filhas, pera aiuda de as meter freiras, E eu sebastião da fonseca o fiz escreuer,

os quaes x̂ rs de tenca, que a dita dona jlena assym tinha uẽdeo E trespasou nella dita joana jnacia per uertude de hum nosso aluara de licença por serẽ iguaes nas idades do qual aluara o treslado he o seguinte.

O Arcebispo de lixboa testamenteiro da jffante dona Maria que deos tem: faco saber aos que este virẽ que dona jlena da silua filha de dõ antonio dalmeida que deos aia, E de dona Valeria nos enviou dizer, como ella tinha x̂ rs de tenca da fazenda de .S. A. en cada hum anno en sua uida de que lhe fizera merce, por respeito dos seruicos de paula viçente sua tya, E que por ora estar concertada pera se meter freira no mosteiro de nossa Sra dos marteres de sacauẽ nos pedia lhe desemos licença pera poder uẽder a dita tẽça pera aiuda de se fazer prestes E auẽdo respeito ao que diz, E por outros respeitos E a ser obra de seruico de nosso Sor avemos por bem de lhe dar a dita licença pera que ella possa uẽder os ditos dez mill rs a pessoa cõ que se concertar pera que a dita pessoa os tenha E aya en cada hum anno en sua uida assym E da maneira que a dita dona jlena os tinha E auia per hum aluara da dita Sra; Noteficamolo assym a Sebastião da fonseca uedor E escriuão da fazenda de .S. A. pera que tanto que a dita dona jlena fizer carta de uẽda E renunçiação dos ditos x̂ rs E o aluara que delles tem faca fazer carta a pessoa en que assy os renunciar pera os auer en cada hum anno en sua uida do primeiro dia de janeiro do anno que uira de quinhentos e nouẽta E tres em diante, pondose as uerbas nesecarias; E este nosso aluara se tresladara na carta que se fizer pera a todo tempo se saber, como a dita venda se fez per nossa licença, E se comprira como se nelle contem feito em Lixboa a vĩta coatro de setembro de quinhẽtos nouenta E dous, E eu sebastião da fonseca o fiz escreuer;

Pedindonos a dita Joana jnacia que porquamto a dita dona jlena da silua per vertude do dito aluara de licenca lhe vendeo E trespassou nella os ditos x̂ rs de tenca que lhe assy cõprara como constou per huma escretura publica de uenda, e renuçiação que apresẽtou que parecia ser feita E assinada do sinal publico de antonio pinheiro tabalião das notas nesta cidade de lixboa aos iiij dias do mez doutubro deste presente anno de quinhẽtos nouenta e dous, E cõ testemunhas em ella nomeadas, Ouuesemos por bẽ de lhe mãdar passar esta nossa prouisão em seu nome dos ditos x̂ rs de tenca que lhe assy cõprou; E auẽdo respeito ao que diz E aos ditos aluaras aqui encorporados, E escretura de venda E renunciação de

Digitized by Google

que assy faz mençio mãdamos dar esta nossa prouisão a dita joana jnacia dos ditos x rs de tenca pella qual auemos por bem que ella os tenha E aya da fazenda da dita Sra en cada hum anno em sua uida, assy e da maneira que os tinha a dita dona jlena; os quaes comecara vencer do primeiro dia de janeiro do anno que uem de quinhẽtos nouẽta E tres en diante E lhe serão pagos na pessoa que seruir de thesoureiro da fazenda que ficou por falecimento de .S. A. aos coarteis do anno por desembarguo que pera isso lhe sera dado, ou lhe irão na folha das tencas que se em cada hu anno fizer; Notefico o assy a sebastião da fonseca Vedor E escriuão da fazenda da dita Sra. pera que lhe faca sentar os ditos x rs nos liuros della, E fazer bõ pagamento delles en cada hum anno, pella maneira que dito he, E por firmeza de tudo lhe mãdey passar esta nossa prouisão que se comprira, como se nella cõtem feito em lixboa aos xx iiij doutubro de quinhentos nouenta E dous.

E os aluaras aqui encorporados se romperão ao sinar deste no registo dos quaes se porão as verbas, E declarações nesecarias de como a dita dona jlena, não ha mais dauer os ditos dez mill rs daqui em diante, E eu sebastião dafonseca o fiz escreuer; &c.

Arquivo dos Feitos Findos, *Livro onde está tresladado o Testamento e codicilho da Infanta Dona Maria que Deus tem, que faleceu a 10 de outubro do anno de 1577. E assim está trasladado o Rol das tenças que deixou as pessoas nele declaradas em satisfação de seus serviços e dos legados que mais deixou. — E assim as provisões das pessoas que venderam tenças com licença dos Srs. testamenteiros.*—fl. 239-241.

XXIV

LIVRO TERCEIRO

PROLOGO

Como quiera (excellente Principe y Rey muy poderoso) que las Comedias, farças, y moralidades que he compuesto en seruicio dela Reyna vuestra tia, (quanto en caso de amores) fueron figuras baxas, en las quales no auia cõueniente rethorica, que pudiesse satisfazer al delicado spiritu de V. A. Conosci que me cumplia meter mas velas a mi pobre fusta. Y assi con desseo de ganar su contentamiento halle lo que en estremo desseaua, que fue Don Duardos y Flerida, que son tan altas figuras como su historia recuenta, con tan dulce rethorica, y escogido estilo, quãto se puede alcançar en la humana intelligencia: lo que yo aqui hiziera si pudiera tanto como la mitad del desseo, que de seruir a V. A. tengo. Pero yo me confie en la bondad dela historia, que cuenta como Don Duardos buscando por el mundo peligrosas auenturas para conseguir fama, se combatio cõ Primaleon, vno delos mas esforçados caualleros que auia em Europa, sobre la hermosura de Gridonia, la qual Primaleon tenia enojada. Y comieça luego don Duardos a hablar, pidiendo campo al Emperador contra Primaleon su hijo.

Copilaçam de todulas obras de Gil Vicente, ed. de 1586, fl. 105, *aliás* 150 v.

XXV

Alvará de dez mil reais de tença a D. Beatriz de Meneses, neta de Gil Vicente

Lisboa, 5 de Setembro de 1598

Eu elRey faço saber aos que este aluara virem que por parte de dona britis de meneses filha mais velha de dona valeria borges me foi apresentado hum aluara de lembrança per mjm asjnado e passado pela chancellaria com huma apostilla escrita do qual aluara e postilla o treslado he o seguinte.

Eu elRey faço saber aos que este aluara virem que avendo eu Respeito aos seruiços de dom aluaro dalmejda que deos perdoe ey per bem de fazer merçe a dona valeria borges sua molher de lhe dar licença que possa logo Renuciar os dez mil reis que tem de tença nas obras pias em huma sua filha que quer meter frejra pelo que mando aos vedores de mjnha fazenda que Renuciando a dita dona valeria logo na dita sua filha os ditos dez mil reis de tença e apresentando a filha em que os assj Renuciar Renuciação da dita sua may e a proujsão que delles tem lhe faça passar deles outra em forma pera os ter e aver

Digitized by Google

assy e da manejra que os a dita sua maj tinha e este se comprira como se nelle contem baltesar de sousa o fez em lixboa a xx de outubro de quinhentos nouenta e sete Sebastião perestrello o fez escreuer.

postilla posto que na provjsão acima diga qne o marjdo de dona valeria borges se chama dom aluaro dalmeida chamase dom Antonio dalmeida e com esta declaraçam se comprira a dita proujsão como se nella contem baltesar de sousa o fez em lixboa ao primeiro de junho de quinhentos nouenta e oito Sebastião perestrello o fez escreuer

Pedindome a dita dona britis de meneses que por quanto a dita sua maj Renuciara nella os ditos dez mil reis per vertude do aluara de lembrança acima tresladado como constaua per hum estromento da dita Renuciação que dezia ser sobescrito e asjnado do sinal publico de joão Rodrigues jacome tabeliam de notas nesta cidade de lixboa e feito em ella aos xxj dias do mes de julho deste anno presente de quinhentos nouenta e oito com testemunhas nelle nomeadas justificado pelo doutor amtonio dinis do meu desembargo do conselho de minha fazenda e juiz das justificações della que offerecia ouuesse por bem mandar lhe passar proujsão em seu nome dos ditos dez mil reis de tença E visto per mjm seu Requerjmento e o dito aluara de lembrança acima tresladado e estromento de Renuciação justificado ey por bem e me praz de fazer merçe a dita dona britis que ella tenha e aja de mjnha fazenda os ditos dez mil reis de tença cada anno em sua vida do primeiro dia do mes de janeiro do anno que vem de quinhentos nouenta e noue em diante pagos no thesoureiro das obras pias aos quarteis do anno assy e da maneira que erão pagos a dita dona valeria per sua proujsão e pelo treslado deste que sera Registado no liuro de despesa do dito thesoureiro pelo escrjuam de seu cargo e conhecimentos da dita dona britis lhe serão leuados em conta os ditos dez mil reis que lhe pela dita manejra pagar. E aos vedores de mjnha fazenda que lhos fação asentar no liuro della e do dito janeiro em djante levar cadanno na folha do assentamento das ditas obras pias porquanto o asento que dos ditos dez mil reis estaua no dito liuro em nome da dita dona valeria se Riscou e pos nelle verba de como os Renuciou nella dita dona britis sua filha como se vio per certidão de sebastião perestrello fidalgo de mjnha casa e escrjuão de minha fazenda e não se Riscou o Registo da provjsão que a dita dona valeria tinha do liuro dos Registos da chancellaria por nelles não estar Registada como se outro sj vio per certidão de luis daluarengua escrjuão da torre do tombo as quaes çertidões e estromento de Renuciação certidão de justificação e a proujsam que a dita dona valeria tinha dos ditos dez mil reis foj tudo Roto ao asjnar deste e doutro que foy passado a dona marjana de meneses filha segunda da dita dona valeria de dojs mojos de triguo de tença que a dita sua maj tão bem tinha pela dita proujsão e nella os Renuciou e por firmeza de todo lhe mandej dar este que ey per bem que valha tenha força e vigor como se fosse carta feita em meu nome per mjm asjnada e asellada com o meu sello pendente sem embargo da ordenaçam do liuro 2.º titolo xx que o contrario despoem Amtonio de figeiredo o fez em Lixboa a cinco de setembro de bc lRbiij Sebastião perestrello o fez escreuer.—Comcertado *Pero castanho.*

Tôrre do Tombo, *Chancelaria de Felipe II*, liv. 3.º de *Doações*, fl. 132. v.

XXVI

Alvará de dois moios de trigo de tença a D. Mariana de Meneses, neta de Gil Vicente

Lisboa, 5 de Setembro de 1598

Eu elRey faço saber aos que este alvara virem que por parte de donna Mariana de meneses filha segunda de donna valeria borges me foj apresentado huum aluara de lembrança por mim assinado passado pela chancelaria do qual aluarà o traslado he o seguinte

Eu elRei faço saber aos que este aluara virem que eu ey por bem e me praz de fazer merce a donna valeria borges viuua de dom Antonio dalmejda de lhe dar licença pera poder Renunciar logo os dous moyos de trigo que tem nas obras pias em sua filha segunda pera comjsso se poder Recolher em huum moesteiro pello que mando aos vedores da minha fazenda que apresentando lhe a filha segunda da dita donna valeria em que assj Renunciar os ditos dous moyos de trigo / sua Renunciação e a prouisão ou carta que delles tem lhe fação passar delles outra em forma pera os ter assi e da maneira que os a dita sua mãj tem e este se cumprira como se nelle contem baltesar de sousa o fez em lixboa ao primeiro de junho de bc lRbiij°—sebastião perestrello o fez escreuer.

Digitized by Google

Pidindome a dita donna mariana de meneses que por quanto a dita sua mãj Renunciara nella os ditos dous moyos de triguo por virtude do aluara de lembramça acima trasladado como constava per huum estromento da dita Renunciação..... fleito em ella (*sc.* cidade de lixboa) aos xxj dias do mes de junho deste anno presente de b^c lRbiij°..... ouuesse por bem mandarlhe passar prouisão em seu nome..... E visto per mim seu Requerimento..... ej por bem e me praz de lhe fazer merce a dita donna Mariana que ella tenha e aja de minha fazenda os ditos dous moyos de trigo de tença cada anno em sua vida do primeiro dia do mes de janeiro do anno que vem de b° LRix em diante pagos no thesoureiro das obras pias..... e a prouisão que a dita donna valeria tinha dos ditos dous moyos de trigo foy tudo Roto ao assjnar deste e doutro que foy passado a donna britis de meneses filha mais velha da dita donna valeria de dez mil reis de tença que a dita sua mãj tambem tinha pela dita prouisão e nella os Renunciou e por firmeza de todo lhe mandej dar este que ey por bem que valha etc. Antonio de figueiredo o fez em lixboa a b de setembro de mill b^c LRbiij° — Sebastião perestrello o fez escreuer — Comcertado *Antonio daguiar.*

Tôrre do Tombo, *Chancelaria de Felipe* II, liv. 7.° de *Doações*, fl. 34.

Digitized by Google

ÍNDICE DE MATÉRIAS

Abiul, Senhor de, 57.
Abranches, D. Alvaro de, mestre sala de D. Manuel, 201.
Abrantes, lá, na noite do nascimento do infante D. Luís, prega G. V. um *Sermão* a D. Manuel, 51, 277.
Abrantes, Marqueses de, vidé **Marqueses de Abrantes.**
Abreu, Felipa de, ama de D. João III e mulher de Bartolomeu de Paiva, 155.
Abreu, D. Isabel de, donzela da rainha D. Maria, é nomeada por G. V. no *Velho da horta*, 61, 229; casa com António da Cunha, 229.
Abul, Vasco, dirigem-lhe trovas vários poetas do *Cancioneiro*, 42; dirige-se á rainha D. Leonor, 43; e apresenta-lhe uma queixa em Almada, 55.
Açores, Capitão nos, 202.
Adaião, O, mencionado por G. V. na *Farsa dos Almocreves*, 179. — Vidè **Ortiz de Vilhegas,** Diogo.
Adail de Goa, 70.
Adamson, John, entusiasta de Camões, 390.
Adem, sua destruição, 80, 81.
Afonso, D., bispo de Évora, neto do Duque de Bragança, pai do Conde do Vimioso, 91. — Vidé **Portugal,** D. Afonso de.
Afonso, D., cardial infante, 97, é nomeado nas *Côrtes de Jupiter*, 112; a êle alude G. V. na *Comédia sôbre a Divisa da cidade de Coimbra* e assiste à sua representação, expondo nela G. V. à irrisão do auditório a devassidão do clero, 168; deita a benção a D. João III na sua aclamação, 124. — Seu pintor, 442; seu procurador, 221 *n.*
Afonso, D., condestável, sobrinho de D. Manuel e pai da Condessa de Alcoutim, 116.
Afonso, Mestre, físico mor, 68 *n.*
Afonso, D., príncipe, filho de D. João II, festas do seu casamento, 35; seus amores juvenis, 164 *n.* — Governador da sua casa, 125.
Afonso, D., príncipe, filho de D. João III, seu nascimento e morte, 193; ao seu nascimento talvez representasse G. V. o *Juiz da Beira*, 147.
Afonso V, D., rei de Portugal, 199, modifica o ditado, 120. — Seu cirurgião mor, 44; seu tesoureiro mor, 111; seu vedor da fazenda, 111.
Afonso, João, vidé **Beja,** João Afonso de.
Afonso, Jorge, arauto del Rei, 441, 442.
Afonso, Luís, 2.º correio mor do reino, 198.
Afonso, Rodrigo, vedor da fazenda da infanta D. Beatriz, 153.
Africa: delimitações das conquistas com Castela, 153 — As praças de lá designadas por lugares de além, 199, 120, 385; pensa-se em abandoná-las, 234.
Aguiar, António de, escrivão da Chancelaria, 446, 450.
Aguiar, D. Brites de, mulher de D. Luís de Meneses, 34, 265.
Aguiar, Damião de, filho do segundo casamento de Luís Vicente, 260, seu nascimento, 262. — Ausente na India, 261, 262; lá morre, 262.
Aguiar, Estevão de, uchão de D. João III, em principe, 34, e depois de rei, 34, 265.
Aguiar, Francisco de, filho do segundo casamento de Luís Vicente, 260; seu nascimento, 262. — Serve e morre na India, 262.
Aguiar, Isabel de, moradora nos paços da Alcáçova, 274 *n.*
Aguiar, Pedro de, uchão de D. João III, 34.
Aguiar, Pedro Afonso de, provedor dos armazens da cidade de Lisboa, 110, 388.
Aguiar da Beira, direitos riais, 203.
Aguiar Gorizo, Estêvão de, feitor da alfândega de Cafim, 34; feitor em Malaga, 34. — Vidé **Aguiar,** Estêvão de.
Aguilar, Ambrósio de, escrivão, 279.
Aia da Rainha Princesa: **Sousa,** D. Isabel de.
Aio de D. Manuel, 36.
Aito, assim designa G. V. em scena os seus autos, 135, 135 *n.*
Alandroal: alcaide mor, 151; ermida de N. Sra. da Conceição, 152; sepultura na Misericórdia, 202.
Alão de Moraes, Cristóvão, desembargador do Pôrto e genealogista, 2, 3, 4.
Albuquerque, Afonso de, capitão da armada das costas da Arábia, 70. — Governador da India, numa carta a D. Manuel refere-se ao filho de G. V., 20; ao qual, Gaspar Vicente, dispensa protecção, 70, 71, e envia-o, na qualidade de escrivão, numa embaixada ao Hidalcão, 37, 71, 248. — Suas contendas com D. Francisco de Almeida, 201. — A mãe de seu filho Brás, chamada Joana Vicente, não era parente de G. V., 71; seria uma mulher de África, 200. — Ao dito seu filho fez D. Manuel várias mercês, 200. — Vidé **Albuquerque,** Afonso de, segundo.
Albuquerque, Afonso de, II do nome, foi muito rico e D. João III pedia-lhe dinheiro emprestado, 200. — Edificou a casa dos Bicos em Lisboa e possuiu a quinta da Bacalhoa em Azeitão, 200. — Foi presidente da Câmara Municipal e provedor da Misericórdia de Lisboa, 200. — Acompanhou a infanta D. Beatriz a Itália, 200; e a imperatriz D. Isabel a Castela, 390. — Foi autor dos *Comentarios do Grande Afonso Dalboquerque*, 200. — Serviu de secretário ao

Digitized by Google

Marquês de Vila Rial, 390. — É nomeado por G. V. no *Clérigo da Beira*, 200. — Vidé o seguinte.

Albuquerque, Brás de, filho natural e legitimado de Afonso de Albuquerque e de Joana Vicente, 71, 200. — Por morte do pai mandou-lhe D. Manuel mudar o nome em Afonso. — Vidé **Albuquerque,** Afonso de, segundo.

Albuquerque, D. Luisa de, mulher de André Gonçalves de Ribafria, 206.

Albuquerques, copeiros mores, herdeira desta casa, 206.

Alcácer do Sal: D. Manuel esperou lá pela morte de D. João II, 223 *n.* — D. João III passa por lá, 214.

Alcácerquibir, Batalha de, 11.

Alcáçova, Beatriz da, donzela da rainha D. Leonor e depois mulher de António Carneiro, 156.

Alcáçova, Fernão da, escrivão da fazenda de D. João III, 184.

Alcáçova, Pero da, escrivão da fazenda de D. João II, 156.

Alcáçova Carneiro, Pero da, secretário para os negócios da India, e secretário de D. João III, 157.

Alcobia, António de, morador em Lisboa, ao Grilo, 267.

Alcoutim, Conde de, vidè **Conde de Alcoutim.**

Aldeia Galega: homem lá preso, 208, 278; poisa lá D. João III, 209.

Alcandro, núncio em Bruxelas, assiste à representação do *Jubileu de Amores* de G. V., 93.

Alem, Lugares de, forma por que eram designadas as praças de África, 119, 120, 385.

Alem mar, Lugares de, tinha a mesma significação, 119, 120.

Alemães: **Campos,** Hermã de.

Alenquer: para lá vai desterrado António Carneiro, 156. — Foi lá que se passou o caso de Vasco Abul, 43, 55. — As jurisdições eram da rainha D. Leonor, 43.

Alentejo: G. V. conhecia a vida e a linguagem popular desta província, 386.

Alferes mor da Ordem de Cristo, 134.

Alferes mor do reino, 111, 125.

Algarve: bispo, 351. — Fronteiro mor, 165 *n.* — Recebedor mor das alfandegas, 239. — Vedor da fazenda, 152.

Algés: ermida de Santa Caterina, 155. — Quinta no reguengo, 155. — Reguengo, 222 *n.*

Alhos Vedros: D. João III passa por lá, 211-212.

Almada: estando lá a rainha D. Leonor, é-lhe representado o *Auto da India*, 43, 56, 121, 276; e composto o *Processo de Vasco Abul*, 42, 43, 386. — Ouvidor de lá, 221 *n.* — Senhorio da vila, 43.

Almada, Victorino de, Elementos para um Dicc. de geographia e historia portuguesa. Concelho de Elvas, 3.

Almeida, D. Antónia de, bisneta de G. V., mulher de D. Luís de Meneses, 262, 268.

Almeida, D. António de, contador mor e vedor dos Armazens de Lisboa, Casas de Guiné e Indias, 388.

Almeida, D. António de, genro de G. V., 34, 87, 446, 447, 448, 449. — Quando nasceu, 265, 407. — Era filho de D. Luís de Meneses, 265, e um doc. da-lhe êste apelido, 250 *n.*, 265 *n.* — D'onde tomou o apelido de Almeida, 265. — Casa com Valéria Borges, filha de G. V., 264; data do casamento, 264, 265, 409. — E' padrinho de um filho de Luís Vicente, 256, 265 *n*, 409. — Seus filhos, 268. — Suas três filhas recebiam tenças da infanta D. Maria, 266. — Nomeia seu cunhado Luís Vicente procurador para receber estas tenças, 261, 266, 267. — Sua morte, 267.

Almeida, Dr. Fortunato de, Historia da Igreja em Portugal, 168, 180, 185.

Almeida, D. Francisco de, vice rei da India, 201.

Almeida, Gil Vicente de, filho de Luís Vicente, 256, quando foi baptizado, 256, 261, 262, 302, 408. — Sua legítima materna, 260. — Seu casamento, 11, 262. — Fidalgo da casa del Rei, morador no lugar do Mosteiro de Matacães e tutor dos menores seus meios irmãos, 262. — Sua filha, 262. — É-lhe atribuida a composição de vários autos, 262, e entre êles o de *Dom Luís de los Turcos*, 262, 301; com pouco fundamento, 263; sem nenhum, como prova a data da impressão, 302.

Almeida, D. Isabel de, mulher de D. António de Meneses, 265.

Almeida, Jerónimo de, filho de Luís Vicente, seu baptismo, 256, 261, 409; seus padrinhos, 256. — Sua legítima materna, 260, 261.

Almeida, D. Jorge, arcebispo de Lisboa e inquisidor geral, publica um *Index librorum prohibitorum*, 303.

Almeida, Mor de, primeira mulher de Luís Vicente, 256, 408; seus filhos, 256, 257; legítima de cada um dêles, 260.

Almeida, Pero Vaz de, capitão de Arguim, 265.

Almeirim: estadas lá de D. Manuel, 51, 81, 82, 87, 90, 96, 118; passando lá o Natal três anos consecutivos, 82; vai para lá com sua terceira mulher, 100. — Diploma de lá datado, 435. — Residências de D. João III, 128, 143, 147, 161, 162, 167, 182, 185. — Lá celebra êle a ceremónia dos desposórios da infanta D. Isabel com Carlos V, 144, 149, partindo de lá a nova Imperatriz para Castela, 158. — Lá chega um embaixador de Carlos V, 185. — Lá começa a impressão do *Cancioneiro geral*, 52, 87. — Lá compõe Garcia de Rèsende uns versos, 59; e G. V. outros, 161, 182. — Casas no terreiro dos Paços, 165; convento da Serra, fundação do principe D. João aos onze anos, 126, 135. — Terremoto de 1531, seus efeitos, 210, 211. — Lá representa G. V. a D. Manuel: o *Auto da Fé*, 50, 56, 121, 272, 292;

Digitized by Google

e o auto da *Barca da Gloria*, na capela dos paços, 84, 96, 273. — A D. João III, por ocasião dos desposórios da infanta D. Isabel, a tragicomédia *Dom Duardos*, 145; a farsa do *Juiz da Beira*, 147, 148, 276, 294, 297, talvez ao nascimento do príncipe D. Afonso, 147; à partida da infanta D. Isabel para Castela, a tragicomédia *Templo de Apolo*, 149; a êle e à rainha D. Caterina, o *Breve sumário da historia de Deus*, 161, 185, 273, 290, 291; e o *Diálogo sôbre a Resurreição*, 161, 185. — Segundo declara a rúbrica também lá representou a farsa do *Clérigo da Beira*, 197, 277; mas não é exacto, 196.

Almendra, comenda de Santa Maria de, da Ordem de Cristo, 165 *n.*

Almirante do mar da India, 125. — Vidé **Conde Almirante.**

Almotacé mor, 151, 152, 154.

Almoxarifado do Reino, receita em 1521, 113-114, 183; em 1525, 26, 27, 183 *n.*: em 1532 a 1534, 183 *n.* — Seu tesoureiro, 183.

Alte, Bernardim Esteves de, cristão novo, 224.

Alvarado, Vicente, impressor, 290.

Alvarás, tinham efeito só por um ano, 21 *n.*

Alvarenga, Luís de, escrivão da Tórre do Tombo, 449.

Álvares, Afonso, Auto de Santiago, 290.

Álvares, António, capelão del Rei, prebendado na Beira, é mencionado por G. V. no *Clérigo da Beira*, 197. — Talvez seja o mesmo nomeado tesoureiro da capela do infante D. Luís, 197.

Álvares, António, impressor, imprime em Lisboa autos de G. V., 291, 291, 293, 294, 295, 352, 391, e o *Auto da Donzela da Tôrre*, 300, 301. — A sua oficina era na rua dos Douradores, 291. — Foi impressor del Rei, 301.

Álvares, Branca, cristaleira, 55.

Álvares, Fernand', 95, 176 *n.*, 224, 241 *n.*, foi escrivão da câmara de D. Manuel, 183, 436; tesoureiro da Rainha sua terceira mulher, e da infanta D, Isabel, 183; tesoureiro dos almoxarifados do reino, 183. — Foi escrivão da fazenda de D. João III, 183, 207 *n.*, 210 *n.*, 241 *n*, 439, 440, 441, 442; seu tesoureiro, 183, 184, 207 *n.*, 248; e seu tesoureiro mor, 183 *n.*, 184, 220-221, 249. — Vai a Sevilha com a Imperatriz, 160, e lá recebe de Carlos V quitação do dote dela, 184, como depois a veio a receber de D. João III do dote da infanta D. Beatriz, duquesa de Saboia, 184. — Foi comendador de Santa Maria do Castelo de Tôrres Vedras, 184. — Passou a chamar-se Fernão d'Álvares de Andrade, 184. — Edificou em Lisboa um palácio, muito ampliado pelos Condes da Ericeira, seus descendentes, 184; onde era situado, 184. — Reedificou de novo quási todo o convento da Anunciada em Lisboa, e foi sepultado na sua capela mor, 184. — A campa guarda-se no Museu do Carmo, 184. — Seu filho primogénito, 249. — É nomeado por G. V. nas *Trovas a D. João III*, 183, e na *Romagem de agravados*, 220.

Álvares, Fernão d', *outro*, que foi tesoureiro e pagador das moradias, 183 *n.*

Álvares, Francisco, irmão de Pero Machado, 263.

Álvares, P.e Francisco, Verdadeira informação das terras do Preste João das Indias, 178.

Álvares, João, impressor, na sua oficina imprime-se a primeira edição das obras de G. V., 252, 257, 269, 271 — Era impressor del Rei na Universidade de Coimbra, 257, 269.

Álvares, João, selador, fiel e pesador da alfândega de Lisboa, 440.

Álvares, Vicente, impressor, imprime em Lisboa autos de G. V., 290, 292, 352.

Álvaro, Senhor D., pai do 1.º Conde de Tentúgal, 116.

Alvito, Barão de, vidè **Barão de Alvito.**

Alvito, Castelo de, quando foi levantado, 74 *n.* — Lá reside D. João III, 209 *n.*, 214; e nasce o príncipe D. Manuel, 214. — « Bailos » por essa ocasião, 214.

Alvito, Vila de, renda da sua judiaria, 434.

Alvor, lá morreu D. João II, 134 *n.*

Amas de D. João III, 155.

Amo, O, nomeado por G. V. no *Templo de Apolo*, 151. — Vidè **Paiva,** Bartolomeu de.

Amor de Deus, Fr. Martinho do, Chronica da provincia de Santo Antonio, 230 *n.*

Anadel mor dos bèsteiros de cavalo, 163, *n.*

Andrada, Francisco de. Chronica de D. João III, 27, 41, 70, 123, 126, 127, 136, 137, 144, 145, 149, 154, 205, 211, 228.

Andrade, Álvaro Peres de, filho primogénito de Fernão d'Álvares, 249.

Andrade, Fernão d'Álvares de, tesoureiro mor de D. João III, 184. — Vidè **Álvares,** Fernão d'.

Andrade, Fernão Peres de, provedor dos armazens e armadas, 110.

Andrade, Francisco Xavier de, impressor, imprime em Lisboa um auto de G. V., 298.

Andrade, Isabel de, dona da câmara da infanta D. Maria, 255, *n.*

Andrade, Dr. Manuel de, ouvidor da Casa da Suplicação, 196.

Anes, Afonso, licenciado, 176 *n.*

Angel, Luís Gomes, 266 *n.* — Vidè **Gomes, Luís.**

Angra, Bispo de, 105.

Anriques, vidè **Henriques.**

Anselme, Père, Histoire généalogique et chronologique de la Maison Royale de France, 99.

António, Mestre, cirurgião mor, 44; era judeu, 44, e afilhado de baptismo de D. João II, 45.

António, D., infante, nascimento e morte, 84.

Antuérpia, Feitoria de: para lá ia o oiro da India, 114. — Vidè Envers.

Apontamentos para a historia da moeda em Portugal, 245 *n.*

Digitized by Google

Aposentadores mores: de D. João III, 222, 222 *n.* 223 *n.*, 256; de D. Manuel, 222 *n.*
Aposentadorias: as suas rendas vendidas, 223 *n.* — Vidè em Évora, Lisboa e Santarém.
Arábia, Capitão da armada das costas da, 70.
Aragão, Caterina de, rainha de Inglaterra, 167 *n.*
Araujo, Licenciado João de, 70.
Arauto del Rei, 442.
Arcebispo do Funchal, 92 *n.*
Arcebispo de Lisboa, 98-99, 185, 303. — Era o testamenteiro da infanta D. Maria, 267, 447.
Archeologo português, 202.
Archivo dos Açores, 204.
Archivo historico português, 15, 16, 17, 18, 19, 24, 33, 34, 43, 46, 48, 68, 70, 73, 79, 91, 95, 104, 105, 106, 114, 119, 120 *n*, 126 *n*, 130 *n*, 141, 142, 152, 153, 154, 156, 158, 172 *n*, 180 *n*, 183, 195, 201, 205, *n*, 221 *n*, 222 *n*, 223 *n*, 261, 264, 266, 438.
Archivo pittoresco, 49.
Arelhano, João Ramirez de, fidalgo castelhano, nomeado por G. V. no *Velho da horta*. 59.
Argel. Desastrosa empresa de, 166.
Arguim: capitão desta fortaleza, 265. — Pensões dos capitães e navios que se armavam para lá, 126.
Armada da China, Capitão de uma, 202.
Armada de Cochim, 268.
Armada das costas da Arábia, 70.
Armada da India: a do ano de 1506, 37, 56, 70; seu capitão mór, 56, 70. — A de 1507, 201. — A de 1508, seu capitão mór, 151. — A de 1512, 201. — A de 1518, 72, 89, 141. — A de volta do ano de 1527, 178.
Armada de Saboia: capitão dela, 105, 125.
Armador mor de D. Manuel, 73 *n.*
Armador e provedor mor dos armazens e armadas de Lisboa, vidè em Lisboa.
Arná, Caterina, mulher de Belchior Vicente, 250.
Artes e Letras, 1, 2.
Arte Musical, 131 *n.*
Arzila: rebate quando a praça foi tomada por el Rei de Fez, 120, 121; data da tomada, 120 *n.* — Ao rebate alude G. V. na farsa de *Quem tem farelos*, 121. — Para lá vai servir o Escudeiro do *Auto de Inês Pereira*, 132, 385. — — Almoxarife da vila, 120 *n*; capitão, 120, 125, 166 *n*; recebedor do almoxarifado e alfândega, 120 *n.*
Astrologia judiciária, muito em voga no reinado de D. Manuel, 70, 187; e no de D. João III, 187.
Astrólogo, 70, 187, 208, 278.
Astúrias, Princesa das, 164 *n*, 181, 205. — Vidè **Maria,** D.
Ataíde, D. António de, conde da Castanheira e vedor da fazenda de D. João III, 220, 444.
Ataíde, D. Maria de, condessa de Penela, 105, 199.
Ataíde, D. Maria de, donzela da rainha D. Maria, é nomeada por G. V. no *Velho da Horta*, 61.
Áustria, Duque de, vidé **Duque de Áustria.**
Áustria, D. Leonor de, irmã de Carlos V, seu retrato por Pero Correia, que lhe chamava *madama Lianor*, 99; por Brantôme, 99. — Em Bruxelas todos supunham dever ela casar com o príncipe D. João, 99; mas o Embaixador de Portugal tinha ordem de não falar nisso, 100. — Em Bruxelas apaixona-se pelo Conde Palatino, 100.—Veio a ser a terceira mulher de D. Manuel, 99. — Vidé **Leonor,** D., rainha, terceira mulher de D. Manuel.
Áustria, Margarida de, irmã de Carlos V, a *madama* Margarida, 99.
Auto da Donzela da Tôrre atribuido a G. V., 300, 392; mas não é dêle, 301. — Foi impresso em Lisboa, 300, 301, 414.—Titulos do auto em dois exemplares diversos, 301.
Auto de dom Luis e dos Turcos, atribuido a Gil Vicente de Almeida, 262, 300; mas não pode ser dêle, 301. — Titulo da obra e data da sua impressão, 301, 410. — E' proibido no *Index* de 1624, 263, 301, 351.
Autos, Primeira parte dos, e comedias Portuguesas feitas por Antonio Prestes, e por Luis de Camões, e por outros, 281, 282.— Sua raridade, 281 *n.*
Aveiro, Duque de, vidé **Duque de Aveiro.**
Avelar, João do, escrivão da alfandêga de Lisboa, 112 *n.*
Avis, Ordem de, vidé Ordem de Avis.
Ayola, Gonçalo de, castelhano, grande falador, 90, 91. — Apoda-o G. V. nas *Trovas ao Conde do Vimioso*, 90, 91, 277. — Não encontro noticias d'êle, 91; mas deverá ser Ayala o seu apelido, 92.
Ayres de Azevedo, Diogo Manuel, vidé *Tavares, P.e Manuel.*
Azambuja. Effeitos do terremoto na, 211.
Azamor: expedição para a sua conquista, 74; na ocasião da sua partida representa G. V. a tragicomédia *Exortação da guerra*, 74, 275. — Saboarias da vila, 203, 205. — Serviço nas duas empresas, 165, *n.* — Tomada da praça, 80.
Azeitão, quinta da Bacalhôa, 200.
Azevedo, Diogo Lopes de, senhor de S. João de Rei, 110, 111; talvez poeta do *Cancioneiro*, 111, 112 *n.*
Azevedo, Luis de, vedor da fazenda de D. Afonso V, poeta do *Cancioneiro*, 111.
Azevedo, D. Maria de, mulher de João de Calataiud, 166 *n.*
Azevedo, Pedro de, primeiro conservador da Tôrre do Tombo, encontra um doc. relativo a G. V., 128, *n.*
Azevedo, Pedro de, e Antonio Baião, O archivo da Tôrre do Tombo, 19.
Azevedo, Pedro de, e Edgar Prestage, Registo da freguesia de Santa Cruz do Castelo, 392.

Digitized by Google

Azevedo, Pero Lopes, senhor das terras de S. João de Rei e Bouças, 112 *n.*
Azevedo Coutinho, António de, embaixador de D. João III em Castela, 159, 160.
Azinhaga: capela lá situada, 155 *n*; terriveis calores lá sentidos, 178.
Badajoz, Bispo de, 100.
Badajoz, estada lá da raínha D. Caterina, 140.—Chega lá a Imperatriz, 158.
Badajoz, músico, mencionado no *Auto de Inês Pereira*, 130.
Badajoz, João Fernandes de, 130 *n.*
Baião, Antonio, Alguns ascendentes de Albuquerque e seu filho, 200.—*A Inquisição em Portugal e no Brasil*, 266.
Baião, Dr. António, director da Tôrre do Tombo, 70.
Baiona, Tribunal das prêsas em, 152.
Baleal, lugar, doação da sua pescaria e rendas, 110.
Bandarra, Fernão Gonçalves, carcereiro da cadeia de Lisboa, 86 *n.*
Barão de Alvito, vidé **Lobo,** D. Diogo, e **Lobo,** D. Rodrigo.
Barata, A. F., Cancioneiro geral, continuação ao de Garcia de Rèsende, 208, *n.*—*Évora antiga*, 166 *n.*, 202, 221 *n.* — *Gil Vicente e Évora*, 243, 244.
Barbacena, Senhor de, 166 *n.*
Barbosa Machado, Biblioteca lusitana, 2, 3, 158, 169 *n*, 187. — Regista várias edições de autos de *G.* V., 290, 292, 293, 296.—Engana-se supondo-o autor do *Auto da Donzela da Tôrre*, 300, 301. — Propala a lenda de Erasmo ter aprendido português para ler G. V., 235. — Conserva a tradição de G. V. ter morrido em Evora, 242, e de lá haver sido sepultado, 243. —Confunde o publicador da segunda edição da *Copilaçam de todalas obras* com outro homónimo, 282.—Refere-se a Paula Vicente, 253.— Atribui, seguindo Faria e Sousa, o *Auto de D. Luis e os Turcos* a Gil Vicente, o Moço, 262. —Nomeia-lhe a mãe, 262.
Barcarena, 193.
Barcelos: estada lá de D. Manuel, 35. — Naturais da vila, 11.—Possivel patria de G. V., 29.
Barreiro, para lá vai D. João III, fugindo da peste, 128.
Barreiro da Beira, Senhores da terra de, 229.
Barrera y Leirado, Catálogo del Teatro Antiguo Español, 228.
Barreto, Francisco, deputado do conselho geral da Inquisição, 291.
Barreto, Jerónimo, Nobiliário, 172.
Barreto, Martim, filho de Luis Vicente, 260. — Vidé **Barreto de Pina,** Martim.
Barreto, Mecia, sogra de Luis Vicente, 259.
Barreto, Rui, fronteiro mor do Algarve, 165 *n.*, vedor da fazenda do Algarve, 152.
Barreto Feio, José Victorino, sócio de Gomes Monteiro na publicação das *Obras de Gil Vicente* impressas em Hamburgo, 282, 284, 390. —Não foi o autor do *Ensaio* anteposto àquela edição, 391, apesar de como tal o citar, 30.
Barreto de Pina, Martim, filho do segundo casamento de Luis Vicente, 260. — Seu nascimento, seu casamento, sua morte, 261, 262.— Foi tutor de seus irmãos, 261, morador em Tôrres Vedras e lá escrivão do juiz dos orfãos, 262.
Barros, João de, Ásia, 58, 81, 201.
Basto, Frutuoso de, impressor, imprime um auto de G. V., 293.
Basto, Senhor de, 111.
Basto, Senhores do, 170 *n*, aliás Celorico de Basto.
Batefolha cortesão de D. João III, 441.
Baudry, impressor-editor parisiense, simula uma edição das *Obras de G. V.*, 283; edita a *Coleccion de los mejores autores españoles*, 287.
Beatriz, dama da Imperatriz, mencionada por G. V. na *Nau de Amores*, 164, 165.
Beatriz, D., infanta, filha de D. João III, nasce em Lisboa, 192,; talvez então G. V. representasse o *Clérigo da Beira*, 196.
Beatriz D., infanta, filha de D. Manuel, assiste à representação do *Auto das Fadas*, 57, 58. — É nomeada por G. V. na *Exortação da guerra*, 75, 388. — Casa com o Duque de Saboia, 75, 105.—Assina-se em Lisboa o contrato de casamento, 101. — Seu dote, 105, 106; quitação dêle, 184. — Brilhantes festas à sua partida, 106, 113, 145.—É então representada no paço a tragicomédia *Côrtes de Júpiter*, 75, 106, 107, 253, 275. — Armada que a transportou, 105, 125, 200, tendo viagem trabalhosa, 105, 106. —Duquesa de Saboia, 107, 275.—A ela alude G. V. na *Comédia sôbre a Divisa da cidade de Coimbra*, 167.
Beatriz, D., infanta, mãe de D. Manuel, 91.— Herda o senhorio de Almada, 43. — Assiste ao monólogo da *Visitação* de G. V., 41, 50, 271. —A ela não podia ter sido representado o *Auto da Sibila Cassandra*, 50. — Vedor da sua fazenda, 153.
Beira: É provável que de lá fôsse G. V. natural, 29, 385, ou que lá passasse a mocidade, 33. 386; a primeira figura do *Auto da Fama* é uma «mocinha da Beira», 80, 386.—Regedor da justiça da comarca, 229. — As rendas das suas melhores igrejas eram para os capelães do paço, 197.—Senhor de terras na comarca, 229. —Vida e dialectos da provincia bem conhecidos de G. V., 386.
Beja, Duque de, vidé **Duque de Beja.**
Beja, familias de lá, 152, 153.
Beja, João Afonso de, poeta do *Cancioneiro*, vedor da casa do infante D. Luis, 153.
Beleágoa, Gaspar, escrivão da fazenda, 279.
Belêm, convento de: cruz grande para êle lavrada por G. V., 47, 48, que também lavrou para lá uma custódia. Vidé Custódia de Belêm.—Vedor de todas as obras de oiro e prata para lá destinadas, 10, 53, 148, 389.

Digitized by Google

Belêm, Tôrre de, é erradamente atribuído o seu desenho a Garcia de Rèsende, 49; quem provàvelmente o fez, 49.
Belêm, Fr. Jerónimo de, Chronica seráfica da Santa Provincia dos Algarves, 10, 50, 53, 118, 148.
Bell, Aubrey F. G., Gil Vicente, 29, 97.
Belmonte, Alcaide mor de, 229.
Benavente, fugindo da peste por lá permanece D. João III, 162.
Berlenga, ilha, doação das suas pescarias, rendas e direitos, 110; mosteiro lá em construção, 110.
Bèsteiros, igreja de Santa Eulália, apresentação dela, 167.
Bezerra, Branca, primeira mulher de G. V., quando casou, 37.—Filhos que teve, 3-4, 52, 241, 248.—Quando morreu, 3, 76, 248, 396. —Versos que lhe dedica G. V., 38.—Seu epitáfio, 38; não é incluído por Luís Vicente nas obras meudas de G. V., 258.—Mãe suposta de Gil Vicente, o Moço, 262.
Biblioteca de autores españoles, editada por Rivadeneyra, 287.
Biblioteca Dramatica da Revista Teatral, 299.
Biblioteca hispana nova, 253.
Biblioteca portuguesa ou reproducção dos livros nacionaes, etc., 284, 302.
Biographie Nationale de Belgique, 100, 159.
Bispo do Algarve, 351.
Bispo de Angra, 105.
Bispo de Badajoz, mestre Mota, 100.
Bispo da Canária, 159.
Bispo de Ceuta, 180.
Bispo de Évora, 91, 116, 125.
Bispo do Funchal, 25, 104.
Bispo de Lamego, capelão mor da rainha D. Caterina, nomeado por G. V. nas *Trovas a D. João III*, 183. — Vidé **Vasconcelos e de Meneses,** D. Fernando de.
Bispo de San Tomé, 180.
Bispo de Santiago de Cabo Verde, 152, 153.
Bispo de Sevilha, 289.
Bispo de Siguênça, 100.
Bispo de Viseu, 179.
Bluteau, Vocabulario, 193, 205.
Bobadilha, P. M. Fr. Francisco de, 266.
Bocarro, António, Década 13 da História da India, 268.
Boémia, Rei de, vidé **Fernando.**
Böhl de Faber, D. Juan Nicolas, Teatro español anterior á Lope de Vega, com trechos de composições de G. V., 286.—Apreciação da obra, 286.
Boletim da Segunda classe da Academia das Sciencias de Lisboa, 29, 71, 172, 392.
Bombardeiro del rei, 87.
Bombarral, Morador no, 43.
Borba, Conde de, vidé **Conde de Borba.**
Borges, Antónia, recolhida no mosteiro das Donas de Santos, 266.
Borges, Bernardim, filho de Luís Vicente, seu nascimento, 257, 408, 409, 410. — Sua legítima materna, 260.—Morador no lugar do Mosteiro de Matacães, 261. — Tutor de seus meios irmãos, 261, 412.
Borges, Cecília, 256 *n.*
Borges, Felipa, irmã de G. V., 14, 33. — Para ajuda de seu casamento dá D. Manuel a seu irmão 20:000 rs., 5, 33, 79, 396, 397, 435. — Reparo para a data em que êste auxílio é concedido, 79.—Segundo Sanches de Baena era irmã do poeta G. V., 5; Teófilo Braga passa-a a irmã do ourives G. V., 6. — Não casou com Estêvão de Aguiar, nem com Joane Mendes de Macedo, 34.
Borges, Felipa, mulher de Joane Mendes de Macedo, 34, 400.
Borges, Francisco, guarda da porta dos paços da Alcaçova, 247 *n.*
Borges, Valéria, filha de G. V., quando nasceu, 141, 241, 251, 263, 399, 401, 404. — Usou do apelido talvez em atenção a sua avó paterna, 33.—Madrinha de baptismo, 263, 264, 408.—Sobreviveu ao pai, 241, 247.—Vidé a seguinte.
Borges, Valéria, filha de G. V., mulher de Pero Machado, seu casamento, 256, 263, 408.—Mercê do ofício de juiz da alfândega de Gogala ao homem que casar com ela, 263, 408, 444; realiza-se a mercê, 444.—Sua primeira filha, 250 *n.*, 254, 263, 408. — Enviuva e torna a casar, 264.—Vidé a precedente e a seguinte.
Borges, D. Valéria, filha de G. V., mulher de D. António de Almeida, 37, 256.—Quando casou, 264, 265, 408, 409.—Nascimento da mais velha das suas filhas, 264, 409. — Talvez proprietária na rua dos Penosinhos em Lisboa, 265 *n.*, viveu algum tempo junto da Graça, 266, 410.—Enviuva, 267. — Filhos que teve, 265. —Fez-lhe a infanta D. Maria mercê para suas três filhas de três tenças para se meterem freiras, 255, 264, 265, 447. — Recebe as tenças das filhas, 266, de quem era tutor, 264, quando já de maior idade para o fim especial de receber as tenças, 265.—Transfere às filhas duas tenças suas próprias, 267, 268 412, 448, 449, 450.— Morre, 268.—Vidé as duas precedentes.
Borges de Figueiredo, O Mosteiro de Odivellas, 230.
Botelho, Álvaro, casas suas em Lisboa, 434.
Bouças, Senhor da terra de, 111, 112 *n.*
Boutaca, Mestre, provável autor do desenho da tôrre de Belêm, 49.
Braamcamp, Anselmo José, Theatro português, 253.
Braamcamp Freire, Anselmo, Armaria portuguesa, 120 *n.*, 130 *n.*, 206, 222 *n.* — *Brasões da sala de Cintra*, 29, 76, 104, 105, 140 *n.*, 143, 158 *n.*, 165 *n.*, 172 *n.*, 184, 196, 200, 207, 240, 387.—*Cartas de quitação del Rei D. Manuel*, 24, 34, 46, 47, 48, 95, 114, 119. — *Critica e historia*, 9, 53, 88, 126, 127, 141, 156, 164 *n.*,

Digitized by Google

170 *n*, 229, 235.—*A gente do cancioneiro*. 60, 61, 165 *n*, 166 *n*, 201 *n*, 204, 265. — *Gil Vicente*, poeta-ourives, 386, artigos no «Jornal do Commercio», 6; êrro de impressão numa data, 386 — *Gil Vicente, poeta e ourives (novas notas)*, 6. — *Maria Brandoa, a do Crisfal*, artigo na «Atlantida», 6 *n*, 7 *n*.

Brabante, 113, 388.

Braga: impressor: Frutuoso de Basto, imprime um auto de G. V., 293.—Vigário geral do arcebispado, 104.

Braga, Dr. Teófilo, na questão vicentina é de princípio pela identidade do poeta e do ourives, 1, 2, 4.—Muda de parecer e impugna a unidade vicentina, 1, 5, 6, 7, 10, 15, 16. — Confusões e erros em que incorre, 5, 6, 16.— Aceita as genealogias de Sanches de Baena e, provadas de inexactas, emenda-as com um simples retoque, 5, 6.—Maneira por que acolheu a ruína das informações de Sanches de Baena, 14 *n*.—Maneira por que considera a valia da cota «trovador mestre de balanças», fazendo afirmações contrarias à verdade, 20. — Para impugnar a unidade vicentina alega haver sido a *Comédia de Rubena* representada em Évora na própria ocasião em que G. V. dirigia em Lisboa os festejos da entrada da rainha D. Leonor, 22; prova se haver sido a comédia representada em Lisboa, 24, 25, 26. — Supõe não ter o príncipe D. João assistido àqueles festejos, 7, 23, 26; prova-se que assistiu, 26, 27.—Supõe que a edição do *Palmeirim* de 1524 veio sugerir a G. V. a composição do *Dom Duardos*, 145, 146.—Supõe erradamente haver alusões ao Duque de Bragança na *Comédia de Rubena*, 104, e haver sido Gaspar Gonçalves de Ribafria um alcaiote de D. Manuel, 206 *n*. —Repete a errónea afirmação de haver G. V. passado os últimos anos da vida na quinta do Mosteiro, 13.—Sensata opinião àcêrca de Paula Vicente, 254.—Supõe sem fundamento seguro haver Gil Vicente de Almeida composto autos 263.—Pretende emendar a data do nascimento de Sá de Miranda, 173 *n*.—Confunde cartas patentes com alvarás, 21.—Nega a Gomes Monteiro qualquer intervenção literária na edição de 1834 das *Obras de G. V.*, 282 *n*; no que parece errar, 391. — Publica alguns docs. relativos a G. V., 433, 437.

Braga, Dr. Teófilo, Bernardim Ribeiro e o bucolismo, 206 *n*.—*Carta ao editor da Farça de Inês Pereira*, 299. — *Estudo àcêrca da vida, poesias e época* anteposto a uma edição das *Obras de Cristóvão Falcão*, crítica a êste estudo, 6 *n*, 7 *n*.—*Gil Vicente e a custódia de Belém*, artigo nas «Artes e letras», 1, 2. — *Gil Vicente e as origens do theatro nacional*, 4, 5, 16, 51, 95, 104, 161, 254, 282, 391, 433. —*Gil Vicente ourives e poeta*, artigo no «Positivismo», 4, 433, 437.—*Historia da literatura portugueza*, 6, 13, 16, 85, 51, 145, 173, 254, 262, 263.—*Historia do theatro portuguez*, 1.— *Maria Brandoa, a do Chrisfal, não foi apeada*, artigo na «Atlantida», observações a êle, 7 *n*, 22.—*Poetas Palacianos*, 35.—*Questões de literatura e artes portuguesas*, 4.

Bragança, Casa de, os primeiros marquesados possuiram fidalgos dela, 139, *n*, 140 *n*.

Bragança, Duque de, vidè **Duque de Bragança.**

Bragança, Duquesa de, vidè **Duquesa de Bragança.**

Brandoa, Joana, instituidora de um morgado em Évora, 223 *n*. e administradora do de Val de Gramaxo, 224 n.

Brantôme, Vies des Dames Galantes, 99.

Brasão de armas, acrescentamento, 120 *n*.

Brasil: descobridor dêle, 229.—Governador, vidè **Sá,** Mem de, **Sousa,** Tomé de.—Pessoa desterrada para lá, 208.—Pôrto Seguro, q. v.

Brites, D., neta de G. V., freira em Santos, 29 *n*. —Vidè **Meneses,** D. Beatriz de.

Brito, Duarte de, poeta do *Cancioneiro*, 154.

Brito, Mem de, 206.

Brito Aranha, Diccionario bibliographico, 283.

Brito Rebêlo, General, é o mais consciencioso e o melhor biógrafo de G. V., 6, 76, 234.— Hesita na identidade do poeta e do ourives, 1, 6, 10.—Apresenta uma prova contra a identidade, 4; mas reconhece a sua pouca valia e trata de a deixar esquecer, 5. — Impugna a identidade, 4, fundando-se na diferença entre duas assinaturas, mas logo a seguir continua a hesitar, 22, 234. — Diz ter encontrado docs. nos quais simultâneamente G. V. aparece, ora como ourives, ora sem nenhuma designação, 15; asserção não bem exacta, 15. — Estranha ver G. V., mestre da balança, andar sempre atrelado à côrte, 87.—Destrinça vários indivíduos de nome G. V. mencionados em docs., 4. —Encontra o doc. fundamental para provar a identidade do poeta e do ourives, 16, e reprodu-lo, 21. — Supõe serem da letra de Fernão de Pina as palavras *Gil Vicente trovador mestre da balança*, escritas no alto dêste doc., 19. —Encontra outro doc. revelador do nome do filho de G. V. que servia na Índia, 71 — Divulga um doc. relativo a G. V. existente em lugar desconhecido da Tôrre do Tombo, 128 *n*. — Expõe o pouco crédito merecido pelos docs. apresentados por Sanches de Baena, 12, 259.—Mostra a falsidade da suposta doação da quinta do Mosteiro a G. V., 12, 13.—Mostra o pouco fundamento da asserção de haver sido G. V. mestre de retóricca de D. Manuel, 37.— Seu parecer àcêrca do segundo casamento de G. V. com Melicia Rodrigues, 76, 77, 78.— Supõe com fundamento ser a representação do *Dom Duardos* anterior à morte da rainha D. Leonor, 145.—Nota o êrro da data na rúbrica do *Auto da Fama*, 79; não concordo porêm com a emenda proposta, 81.—Suposições pouco fundamentadas relativas à data do nascimento

Digitized by Google

de G. V., 32; à da composição do *Parecer*, de G. V. no *Processo de Vasco Abul*, 42; à da representação do *Auto das Fadas*, 57; à da da *Frágoa de Amor*, 137; à data da morte de Gaspar Vicente, 72, 90; à da entrada de Paula Vicente para casa da infanta D. Maria, 251; à do nascimento de Valéria Borges, 263; à do seu segundo casamento, 264. — Engana-se na ordem do nascimento das filhas de D. Valéria Borges, 265 *n*. — Seu parecer sôbre a data do naseimento de Sá de Miranda, 175.—Critica o *Indice do Cancioneiro geral de Rèsende e das Obras de Gil Vicente*, 136 *n*. — Publica vários docs. relativos a G. V. e à sua familia, 433, 435, 436, 438, 439, 443, 444, 445, 446.

Brito Rebêlo, General, A custódia do convento dos Jerónimos, artigo no «Occidente», 4, 47, 49, 86, 433.—*Ementas historicas*, tom. II, *Gil Vicente*, 5, 6, 12, 13, 14, 15, 19, 21, 25, 30, 33, 34, 37, 38, 42, 51, 72, 76, 77, 79, 80, 87, 88, 89, 90, 137, 145, 235, 244, 248, 250, 258, 259, 260, 264, 435, 436, 439, 443, 444, 445, 446. — *Grandes vultos portugueses*, tom. II, *Gil Vicente*, 6, 21, 25, 31, 32, 33, 37, 38, 42, 52, 57, 72, 77, 88, 89, 90, 128 *n*, 136 *n*, 137, 141, 185, 234, 240, 251, 258, 264, 435, 438.—*A proposito de Gil Vicente*, 392.

Bruxelas: embaixador português lá, 99, 198, 214. —Representa-se na sua casa o *Jubileu de Amores*, de G. V., 93, 214, 289, provocando escandalo, 168.

Burel, Defesa do, 117.

Burgos, lá se assina o contrato de casamento de D. João III, 136. — Lá se imprime a *Tragicomédia alegorica del Parayso y del Infierno*, 288.

Cabedo de Vasconcelos, José de, de Setúbal, genealogista, 3.

Cabo Verde, Bispo de Santiago do, 152, 153.

Cabo Verde, Ilhas do arquipélago do, 154.

Cabral, Fernão, alcaide mor de Belmonte e regedor da justiça da comarca da Beira, 229.

Cabral, Dr. Jorge, revedor de livros do Santo Oficio, 291, 295, 301.

Cabral, Pedro Álvares, descobridor do Brasil, 229.

Cabral, D. Violante, abadessa de Odivelas, a seu pedido representa G. V. o *Auto da Cananeia*, 229, 230, 273, 391.—Sua sepultura e epitafio, 230.—Seria a viúva de Luís da Cunha, 229; motivos da dúvida, 229 *n*, 230 *n*.

Cabris, Morgado de, 206.

Caçador mor de D. João III, 166 *n*, 205 *n*.

Cadernos das tenças da infanta D. Maria, 252 *n*, 265 *n*, 267.—Vidè *Titulos das tenças*, etc.

Çafim, Feitor de, 34.

Caia, nesta ribeira faz-se a entrega da rainha D. Caterina, 140, e a da Imperatriz, 158.

Calataiud, D. Helena de, mulher de Cristóvão de Melo, 166 *n*.

Calataiud, João de, castelhano, criado da rainha D. Maria, 165 *n*.

Calataiud, João de, porteiro mor do principe D. João, 165 *n*, de D. João III, 165 *n*, 166 *n*, é mencionado por G. V. na *Nau de Amores*, 164.

Calataiud, D. Maria de, donzela do paço, 60, é nomeada por Garcia de Rèsende e por G. V., 60.—É a filha de João de Calataiud, 165 *n*, casada com D. Jorge Henriques, 62, 165 *n*.

Calçadilha, O, vidè **Ortiz de Vilhegas**, D. Diogo, o primeiro.

Caldas, na sua igreja representa G. V. à rainha D. Leonor o *Auto de S. Martinho*, 51, 273, 392.

Caldeira, João, 267 *n*.

Callado Nunes, Luís, anota uma edição do *Auto da India*, 300.

Camareira mor da princesa D. Maria, 205; da Rainha Princesa, 222.

Camareira pequena da rainha D. Maria, 165 *n*.

Camareiro do principe D. João, 223 *n*, 224 *n*; del rei D. João III, 155, 155 *n*; del rei D. Manuel, 89.

Camareiro mor: do Cardial Rei, 111; do infante D. Duarte, 202; do principe D. João e del rei D. João III, 125.

Cambray, Paz de, 152.

Camilo Castelo Branco, impugna a identidade de G. V., poeta e ourives, 1, 2, 3, 4, 10.—Nota ser pessoal de mais a sátira a Sá de Miranda no *Clérigo da Beira* para se considerar casual, 172.

Camilo Castelo Branco, *Gil Vicente*, artigo na «Historia e Sentimentalismo», 2, 3, 4, 10, 44.—*Sá de Miranda*, outro ártigo no mesmo livro, 172.

Caminha, Conde de, vidè **Conde de Caminha**.

Camões, Luís de, vidè *Autos e Comédias Portuguesas*. — Portada da primeira edição dos *Lusiadas*, 290, 291. — Tradutor de parte dos *Lusiadas*, 390.

Campo Maior, Alcaide mor de, 166.

Campos, Hermã de, alemão, bombardeiro delrei e imprimidor, imprime o *Cancioneiro geral*, 87.

Cananor, Capitão de, 201.

Canaria, Bispo da, 159.

Cancioneiro geral, ordenado por Garcia de Rèsende, é começado a imprimir em Almeirim e terminado em Lisboa, 52, 87, 387, 397. — Privilégio igual ao que lhe foi concedido é dado a G. V. para as suas obras, 288.—É ameaçado de severa censura em 1581, no *Catalogo dos livros que se prohibem*, 303 *n*.—Não é o *Cancioneiro português* citado por G. V., 239.—Apodos de Aires Teles a Jorge de Oliveira, 203. — Mote de D. Felipa Anriques, 154. — *Processo de Vasco Abul*, 42, 43, 44, 55, 56; sua data, 43, 386; *Parecer* dado nêle por G. V., 42, 56, 138 *n*. — *Quintilhas heráldicas* de João Rodrigues de Sá de Meneses, 176. — Trovas: de Fernão da Silveira a Garcia de Melo, 203; de João Rodrigues de Sá, 83; de Luís Henriques, 83.—Versos: do Coudel mor às ce-

Digitized by Google

roilas de Manuel de Noronha, 179 *n;* de Garcia de Rèsende a Manuel de Goios, 59, 60, 204; de Simão de Sousa a D. Caterina de Figueiró, 62.

Cancioneiro geral, Poetas do: **Almeida,** Álvaro Fernandes de; **Azevedo,** Diogo Lopes de; **Azevedo,** Luis de; **Barão de Alvito; Beja,** João Afonso de; **Brito,** Duarte de; **Castelbranco,** D. Martinho de; **Conde do Vimioso; Coudel mor; Cunha,** Tristão da; **Fernandes,** Diogo, comendador; **Foes,** Vasco de; **Fogaça,** João; **Gil,** Mestre; **Girão,** Agostinho; **Gomes,** João, da Ilha; **Henriques,** Luis; **Homem,** Francisco; **Homem,** Pedro; **Lobo,** D. Rodrigo; **Manuel,** D. João; **Melo,** Martim Afonso de; **Melo da Silva,** Diogo de; **Meneses,** D. João de; **Meneses;** D. João de, conde de Tarouca; **Meneses,** D. Rodrigo de; **Moniz,** Pero; **Mota,** Henrique da; **Noronha,** D. Henrique de; **Noronha,** D. João de; **Pacheco,** D. Alonso; **Pereira,** D. João; **Sá,** Dr. Francisco de; **Sá,** João Rodrigues de; **Sá de Meneses,** João Rodrigues de; **Saldanha,** João de; **Sem,** Pero do; **Silva,** Gonçalo da; **Silva,** D. Pedro da; **Silveira,** Fernão da; **Sousa,** Simão de; **Sousa do Sem,** Simão de; **Teles,** Aires; **Valente,** Afonso; **Vasconcelos,** Jorge de.

Cancioneiro geral, continuação ao de Garcia de Rèsende, 208 *n.*

Cancioneiro português, alegado por G. V., 239, 278, não é o *Cancioneiro geral,* 239.

Cancionero general, Sevilha, 1540, 130 *n.*, 209, é ameaçado pela censura de 1581, 303.

Cantanhede, Meneses de, 265.

Canto, Ernesto do, Os Corte Reaes, 204 *n.*

Cantor de D. João II, 138 *n*; de D. João III, 138 *n.*

Caparica, Tôrre de, 49.

Capela do infante D. Luis, seu tesoureiro, 197; do príncipe D. João, seu deão, 179.

Capela Rial: capelães, 157, 179, 197, 282.—Deão, 180.—Mestre, 131 *n*, 248; sua vestearia, 131 *n*, 248.—Moços, 4, 14, 21, 71, 72, 95, 141, 239 *n*, 240, 242, 248, 249, 261, 278, 279, 282, 439; sua vestearia, 21, 131 *n*, 234, 248. — Tesoureiro, 179, 282.

Capelães do paço comiam as rendas das melhores igrejas da Beira, 197.

Capelão mor: da rainha D. Caterina, 183, 184; del rei D. João III, 184 *n*; del rei D. Manuel, 184.

Capitão dos ginetes, 105, 166 *n.*

Capitão mor da armada da Índia, 56, 70, 151.

Capitolos de cortes. E leys que se sobre alguũs delles fezeram, 235.

Cardial, vidè **Afonso,** D.

Cardial Saraiva, Obras, 158 *n.*

Cardoso, George, Agiologio lusitano, 230.

Carlos III, duque de Saboia, casa com a infanta D. Beatriz, 101, 105, 106.

Carlos V, imperador, marido da infanta D. Isabel, 75; assina-se o contrato em Tôrres Novas, 144; celebram-se os desposórios em Almeirim, 144, 149, e o casamento em Sevilha, 159, 390; dá quitação do dote, 184.—Recebe em audiência o Marquês de Vila Rial, 159; a quem oferece um presente, 160; e manda muitos dos principais acompanhá-lo à saída de Sevilha, 161. — Pobreza da sua casa, 159. — Pouco amado dos Castelhanos, 161.—Manda regressar a Castela a viúva de D. Manuel, 128.—Ajusta o casamento de sua irmã Caterina com D. João III, 136. — A quem presta valioso auxílio para o estabelecimento da Inquisição, 160.—Desastrosa empresa de Argel, 166. — Embaixador português junto dêle, 25, 93, 106, 152, 153, 166.—Embaixador seu em Portugal, 127, 158, 185.—Irmãos seus, vidè **Áustria,** D. Leonor de, **Áustria,** D. Margarida, **Caterina,** D., e **Fernando,** D.—Filha, vidè **Margarida de Parma.**—A êle alude G. V. na *Comédia sôbre a Divisa da cidade de Coimbra,* 167. — Vidè **Carlos I,** rei de Castela.

Carlos, D., infante, filho primogénito do terceiro casamento de D. Manuel, 101.

Carlos I, rei de Castela, 389; com êle trata D. Manuel o seu terceiro casamento, 89, 99. — Impressão que causou ao embaixador de D. Manuel, 99, 100.—Vidè **Carlos V,** imperador.

Carneira, Francisca, viúva do dr. Diogo de Faria, 45.

Carneiro, António, escrivão da câmara de D. João II, é desterrado para Alenquer, talvez por ter casado a furto no paço, 156. — Parece não ser verdade terem sido, êle e a mulher, desterrados para a ilha do Príncipe, 156.— Seria perdoado ainda por D. João II, 156.—Foi escrivão da câmara de D. Manuel, 156, e seu secretário, 114, 157, 183. — Faz-lhe mercê do hábito de Cristo, 389, e da capitania da ilha do Príncipe com todas as jurisdições, etc., 156. — Trata de todos os negócios de importância do seu reinado, 157. — Escreve o seu codicilo, 157. — Foi também secretário de D. João III, 136, 155, 157, 158, 160, 214 *n.* — Agrega a si para o serviço dois dos seus filhos, 157 — Sua morte, 157. — É mencionado por G. V. no *Templo de Apolo,* 151, 155. — Homem de Estado notável, do século XVI, 155.

Carneiro, Domingos, impressor das Três Ordens Militares, imprime autos de G. V., 294, 295.

Carneiro, Francisco, secretário de D. João III, 157.

Carneiro, Vasco, cidadão do Pôrto, 155.

Carrazedo, Comenda de S. Nicolau de, 153 *n.*

Cartas de Afonso de Albuquerque, 71.

Cartas de brasão, 152 *n.*, 171 *n.*, 172, 206, 221 *n.*

Carvalho, Diogo Lopes de, ouvidor da Casa da Suplicação, 147; do conselho e desembargador do paço e petições, 148. — É nomeado por G. V. na farsa do *Juiz da Beira,* 147.

Digitized by Google

Carvalho, João, filho de Pero Carvalho, **224** *n.*
Carvalho, João Rodrigues de, pai de Vasco de Foes, 134 *n.*
Carvalho, Luís, escrivão, 445.
Carvalho, Manuel de, impressor, imprime em Lisboa autos de G. V., 292, 353.
Carvalho, Pero, guarda roupa de D. Manuel, 48, 223 *n*, e de D. João III, **224** *n.* — Camareiro e guarda roupa do príncipe D. João, 223 *n*, **224** *n.* — Veador da princesa D. Joana, **224** *n.* — Provedor das obras do reino, 155, 223. — Dirige-lhe Sá de Miranda uma *Carta*, 169, 177, 223. — É mencionado por G. V. na *Romagem de agravados*, 177 *n*, 220, 223.
Carvalho, Rui, irmão de Pero Carvalho, **223** *n.*
Carvalho, Mestre Sebastião de, carta de físico, **44** *n.*
Casa do Cível de Lisboa, vidè em Lisboa.
Casa de Guiné e das Indias, vidè em Lisboa.
Casa da Imposição, vidè em Lisboa.
Casa da India, vidè em Lisboa.
Casa da Moeda, vidè em Lisboa.
Casa da Relação, vidè em Lisboa.
Casa da Suplicação, vidè em Lisboa.
Casa dos Vinte e Quatro, vidè em Lisboa.
Cascais, Tôrre de, 49.
Castanheira, Conde da, vidè **Conde da Castanheira.**
Castanho, Afonso, escrivão segundo da feitoria da Mina, 242 *n*, **249**, 439.
Castanho, Pero, escrivão da Chancelaria, 449.
Castela: embaixador português lá, **111**, 159, **164** *n;* enviado português lá sôbre delimitações das conquistas de Africa, 153.
Castela, Princesa de, 237, 275. — Vidè **Maria,** D.
Castela, Reis de, vidè **Carlos I, Fernando e Isabel.**
Castelbranco, D. João de, provedor e superior das aposentadorias de Lisboa, Évora e Santarêm, 223 *n.*
Castelbranco, D. Martinho de, conde de Vila Nova de Portimão, 73 *n*, 105, **125**, 223 *n.* — Foi camareiro mor de D. João III, em príncipe e depois de rei, **125**; capitão da armada de Saboia, 105, 125; governador da Casa do Cível de Lisboa, 125; provedor e superior das aposentadorias de Lisboa, Évora e Santarêm, 73 *n*, 223 *n*; vedor da fazenda, 73 *n*, 125. — Casas suas em Lisboa, 204. — Poeta do *Cancioneiro*, 59, 125. — G. V. nomeia-o no *Velho da horta*, 59; e atribui-lhe umas *Palavras* por ocasião da aclamação de D. João III, 125.
Castelbranco, D. Pedro de, vereador da Câmara de Lisboa, 73, 434; guarda mor do senhor D. Jorge, 73 *n.*
Castelhanos: almocreves muito protegidos pela rainha D. Caterina, 182, 278. — Dêles em geral não gostava G. V., 185, 194. — Com doestos dirige-se a dous, 90, 91, 208
Castelhanos em Portugal, vidè: **Arelhano,** João Ramires de; **Ayola,** Gonçalo de; **Calataiud,** João de; **Guilhen,** Felipe; **Pacheco,** D. Alonso; **Saldanha,** Diogo de; **Saldanha,** João de; **Soares,** Aldonça; **Taço,** Joana do; **Vilhacastim,** João de.
Castelo de Vide, Alcaide mor de, **201.**
Castilho, Júlio de, Carta no «Jornal do Commercio», 53. — *Cronologia Gil Vicentina*, **286.** — *Indice das Obras de G. V*, 286. — *Lisboa antiga*, 53, 184, 204 *n.* — *A Ribeira de Lisboa*, 51, 117. — *Versos líricos... nas Obras de G. V.*, 286, 417.
Castilho, Júlio de, e Anselmo Freire, Indices do Cancioneiro de Rèsende e das Obras de Gil Vicente, 135. — A composição foi toda do primeiro, 136 *n.*
Castro, D. Álvaro de, governador da Casa do Cível de Lisboa, 125, 222 *n*, vedor da fazenda de D. João II, 125. — Atribui-lhe G. V. umas *Palavras* por ocasião da aclamação de D. João III, **125.**
Castro, D. Francisco de, apodado no *Cancioneiro geral*, 153.
Castro, D. Guiomar de, mulher de D. Rodrigo Lobo, 143, 214 *n.*
Castro, Hortênsia de, moça da câmara da infanta D. Maria, 251, 252 *n*, 255 *n.*
Castro, D. Inês de, 105.
Castro, Isabel de, terceira mulher de Luís Vicente de Crasto, 261.
Castro, D. Joana de, senhora da casa de Monsanto, 58.
Castro, D. João de, ínclito varão, **125.** — Funda a casa de Penhaverde, 207.
Castro, D. Leonor de, filha do Conde da Feira, é nomeada por G. V. no *Auto das Fadas*, 57, e casa com D. Luís de Meneses, 58.
Castro, Luís Vicente de, vidè **Crasto,** Luís Vicente de.
Castro, D. Pedro de, vedor da fazenda, 435.
Castro, Urbano de, empresário das Três Bibliotecas, publica autos de G. V., 229, 300.
Castro Daire, Senhores de, 165 *n.*
Castro Pereira, D. Isabel de, senhora de Castro Daire, 165 *n.*
Castro Verde, vão lá D. João III e D. Sebastião, 209.
Castros de Penhaverde, casa fundada por D. João de Castro, 207.
Catalogo dos Livros que se prohibem nestes Reynos e Senhorios de Portugal, anno de 1581, manda suprimir o Prólogo da *Copilaçam das obras* de G. V., 258, 303. — Suas intenções com respeito a comédias, farsas e autos, 303. — Ameaça o *Cancioneiro geral*, 303, *n.*
Catálogo Sabugosa, vidè *Rebêlo Trindade, Luís Carlos.*
Catam, Direitos riais de, **203.**
Caterina, D., mulher de Francisco de Sá, **169** *n.*
Caterina, D., rainha de Portugal, ajusta-se o seu casamento, 136, 153; celebra-se por promessa em Tordessilhas, 136, 137; os infantes

Digitized by Google

vão tomar entrega da rainha, 137, 140; é feita na ribeira do Caia, 140; no Crato consumou-se o matrimónio, 140. — Ao seu apanágio pertencia a vila de Sintra, 193 *n*; nomeia o seu alcaide mor, 206. — Protegia os almocreves castelhanos, 182, 278; e em geral todos os da nação, 183. — Oficiais de sua casa: capelão mor, 183, 184; dama, 111; donzela, 202; veador da casa, 203; veador da fazenda, 211 *n*.

Caterina, Rainha D., e G. V.: aos seus desposórios compõe e representa G. V. a tragicomédia *Frágoa de Amor*, 137, 274. — Assiste em Evora, logo depois de casada, à representação do *Auto das Ciganas*, 142. — Assiste em Almeirim à representação do *Breve sumário da história de Deus*, 161, 162, 273, 290, 291. — Na sua entrada em Lisboa representa G. V. a *Nau de Amores*, 162, 274. — Assiste em Coimbra à representação da *Comédia sôbre a Divisa da cidade de Coimbra*, na qual a devassidão do clero é claramente exposta, 168. — Na mesma cidade, ao nascimento da infanta D. Maria, representa-lhe G. V. a tragicomédia da *Serra da Estrêla*, 181, 275. — É mencionada nas *Trovas a D. João III*, 182. — Em Lisboa, por ocasião de um seu parto, representa G. V. o *Triunfo do Inverno*, 192, 275, no qual a ela alude, 193 — Em Évora, por ocasião do parto do infante D. Felipe, representa G. V. a *Romagem de agravados*, 217, 275. — Ao nascimento do principe D. Manuel compõe G. V. o *Auto da Lusitânia*, 214, 277. — Sendo regente do reino, concede a Paula Vicente o alvará de privilégio para a impressão e venda das obras do pai, 252, 445. — Faz mercê, a pedido da infanta D. Maria, de 12.000 rs. de tença a Paula Vicente, 446. — Permite a seu neto, D. Sebastião, a leitura das obras de G. V., 252.

Cathalogo de los libros en Romance que se prohiben, 289.

Cathalogus librorum qui prohibentur, em Espanha, no ano de 1559, no qual se proíbe o *Auto de Amadis de Gaula*, 228, 289, 303.

Cavaleiros, Senhores da casa de, 169 *n*.

Celorico de Basto, Senhores de, 170 *n*.

Censura. — Vidè em **Gil Vicente** e em Inquisição.

Ceuta: bispo, 180; capitães, 116, 171, 176; capitão interino, 170 *n*. — Desbarato do capitão D. Pedro de Meneses, mortos neste combate, 176.

Cevadeiro mor e mariscal de D. João III em príncipe e depois de rei, 134.

Chamusca, estada lá de D. Manuel, 52.

Chancelaria de D. Manuel, 16, 43. — Exame do liv. 42.º, 17, 18, 19.

Chancelaria mor do reino, registos dos diplomas régios, 17. — Rendeiro dela, 203.

Chanceler, O, ministro de Carlos V, era Jean le Sauvage, sr. d'Escanbecq, 100.

Chanceler do infante D. Luís, 154.

Chanceler mor, O, nomeado por G. V. no *Templo de Apolo*, 151, era o dr. João de Faria.

Chanceler mor, 153, 157.

Chanceler mor interino, 152.

Chaul, Capitão de, 268.

Chièvres, Guilherme de Croy, senhor de, ministro de Carlos V, 100.

China, Capitão de uma armada para lá, 202.

Chouto, têrmo de Santarém, casais e herdades lá situados, 157, 158.

Chronica literaria da Nova Academia Dramatica, de Coimbra, 253.

Cirurgião da rainha D. Leonor, 44.

Cirurgião mor: de D. João II, 44; de D. João III, 45; de D. Manuel, vidè **Gil,** Mestre.

Cirurgião mor do reino, vidè **Faria,** Dr. Diogo de; **Fernando,** Dr. Mestre; **Gil,** Mestre.

Cirurgiões mores com o nome de Gil, 44, 45.

Claretta, Gaudenzio, Notizie storiche intorno alla vita ed ai tempi di Beatrice di Portogallo, duchessa di Saboia, 105, 106.

Clemente VII, papa, 152.

Clero, os seus costumes, quanto à sensualidade, eram como G. V. os pintava, 168. — Vidè em **Gil Vicente.**

Cochim, armada para lá, 268.

Cofala, Feitor de, carta de quitação a êle dada, 46 *n*.

Cogominho, Nuno Fernandes, senhor da tôrre de Coelheiros, 134 *n*.

Coimbra: reside lá D. Manuel, 51. — Reside lá D. João III, 161, 167, 169, 177, 178, 182. — — Durante a sua permanência na cidade representa G. V. três peças: a *Comédia da Divisa da cidade de Coimbra*, 161, 167, 274; a farsa dos *Almocreves*, 161, 178, 277; e, ao nascimento da infanta D. Maria, a tragicomédia da *Serra da Estrêla*, 161, 167, 178, 181, 193, 237, 275. — Neste tempo fez lá um calor insuportável, 177; chega uma embaixada do Preste João, 178; e nasce a infanta D. Maria, 181. — Na oficina de João Alvares, impressor del Rei na Universidade, começa a impressão da *Copilaçam de todalas obras de G. V.*, 252, 257, 269. — Lá se faz uma edição das *Obras de G. V.*, 285, e se imprimem as *Notas Vicentinas*, 288.

Coimbra: beneficiado na sua sé, 171, 173, 174; biblioteca da Universidade, 243; braço de S. Sebastião lá guardado, 153; cónego na sua sé, 173, 174; imprensa da Universidade, 392; Inquisição, vidè Inquisição de Coimbra; moradores, 172 *n*; naturais, 171 *n*, 173; obras mandadas fazer por D. João III, 440; prior de Santa Cruz, 25, 36 *n*; universidade transferida de Lisboa para lá, 195 *n*.

Coimbra, Duque de, vidè **Duque de Coimbra.**

Coiares, estada lá de D. Manuel, 90.

Coleccion de los mejores autores españoles, a colecção Baudry, 287.

Collares Pereira, director da *Revista Theatral*, 299.

Digitized by Google

Collecção dos diplomas e outros documentos necessarios para devidamente se apreciar o direito do Conde de Penafiel, e hoje sua filha a Condessa do mesmo titulo, acêrca das rendas... que lhe foram dadas... em compensação do oficio de Correio Mor do Reino, 198.
Colombo, Cristóvão, sua primeira mulher, 139 *n*.
Colonas, patricios romanos, com êles presavam-se os Sás de se haverem aliado, 172; não encontro porêm confirmação do facto, 176.
Comendador mor de Avis, 59.
Comendador mor de Santiago, 59.
Comentarios do grande Afonso de Albuquerque, 71, 200, 390.
Compostela, vai lá D. Manuel em romaria ao apóstolo Santiago, 35.
Conceição, Fr. Apolinário da, Demonstraçam histórica, 204.
Conde de Alcoutim, vidè **Meneses**, D. Pedro de.
Conde Almirante, vidè **Gama**, D. Vasco da.
Conde de Borba, capitão de Arzila, 120. — Vidè **Coutinho**, D. Vasco.
Conde de Caminha, vidè **Sotomayor**, D. Pedro Alvarez de.
Conde da Castanheira, vidè **Ataíde**, D. António de.
Conde da Feira: 1.º, 154; 2.º, vidè **Pereira**, D. Diogo; 3.º, vidè **Pereira**, D. Manuel.
Conde de Linhares, vidè **Noronha**, D. António de.
Conde de Loulé, vidè **Coutinho**, D. Francisco.
Conde de Marialva, vidè **Coutinho**, D. Francisco.
Conde de Matosinhos, vidè **Sá de Meneses**, Francisco de.
Conde de Olivença, vidè **Melo**, Rodrigo Afonso de.
Conde Palatino, Francisco de Baviera, por quem Leonor de Áustria se apaixonou em Bruxelas, 100.
Conde de Penamacor, 207.
Conde de Penela, 25. — Vidè **Vasconcelos e de Meneses**, D. João de.
Conde de Portalegre, vidè **Silva de Meneses**, D João da.
Conde Prior do Crato, 58, levava a bandeira na aclamação de D. João III, 124. — Vidè **Meneses**, D. João de.
Conde do Redondo, 1.º, vidè **Coutinho**, D. Vasco; 2.º, nomeado por G. V. na *Nau de Amores*, 164, e no *Clérigo da Beira*, 200. Vidè **Coutinho**, D. João; 3.º, vidè **Coutinho**, D. Francisco.
Conde de Sabugosa, Explicação prévia anteposta à reprodução do *Auto da Festa*, 150 *n*, 391.
Conde de Sabugosa, reproduz o *Auto da Festa* de G. V., 82 *n*, 300, 392.
Conde de Soure, provedor mor das obras, 224 *n*.
Conde de Tarouca, vidè **Meneses**, D. João de.
Conde de Tentúgal, vidè **Melo**, D. Rodrigo de.
Conde de Viana, vidè **Meneses**, D. Pedro de.
Conde da Vidigueira, 2.º, 92 *n*.
Conde de Vila Nova de Portimão, vidè **Castelbranco**, D. Martinho de.
Conde de Vila Rial, vidè **Meneses**, D. Pedro de.
Conde do Vimioso, filho do bispo de Évora, chamava-se D. Francisco, 91. — De quando é a carta do titulo, 240, 387. — Foi vedor da fazenda, 91, 220, 239. — Era irmão de D. Beatriz de Portugal, 92. — Foi poeta do *Cancioneiro*, 44, 91, 240. — Dirige-lhe G. V. umas *Trovas* em tempo de peste 72, 90, 277. — A êle se dirige G. V. no *Auto das Fadas*, 91; e na *Romagem de agravados*, 91, 220. — Põe-lhe G. V. certas palavras na bôca no *Romance à aclamação de D. João III*, 91-92, 125. — Pede a G. V. para apodar em trovas a Afonso Lopes Çapaio, 239, 278. — A êle não foi representado o *Auto da Festa*, 83.
Condes da Ericeira, seu palácio à Anunciada em Lisboa, 184.
Condessa da Feira, 58.
Condessa de Penela, vidè **Ataíde**, D. Maria de.
Condessa do Redondo, vidè **Henriques**, D. Isabel.
Condestível, vidè **Afonso**, D.
Confirmações régias, quando tinham lugar, 12, 13. — Escrivão delas, 221 *n*.
Conselho, Do, 73 *n*, 111, 139 *n*, 148, 151, 152, 153, 154, 155, 157, 164 *n*, 165 *n*, 166 *n*, 180 *n*, 184, 205, 221 *n*, 224 *n*., 435, 438.
Cónsul mor dos mercadores sicilianos, italianos e napolitanos em Lisboa, 155.
Contador mor, 388.
Contreiras, Diogo de, padrinho de Gil Vicente de Almeida, 256 *n*.
Copeiro mor de D. Sebastião, 206.
Copeiros mores, Casa dos, 206.
Coronel, Mestre Nicolau, físico da rainha D. Maria, 62.
Corpo diplomático português, 152, 153.
Corpus illustrium poetarum Lusitanorum, 253.
Correia, Fr. Aires, qualificador do Santo Oficio, 295.
Correia, Fernão Lopes, guarda roupa de D. Manuel, 48, 73 *n*, foi vereador da Câmara de Lisboa, 73, 434, e deram-lhe sepultura à porta da antiga igreja paroquial de Sacavém, 73.
Correia, Gaspar, Lendas da India, 117, 200, 201.
Correia, Joana, mulher de Francisco Alvares, 263, 264.
Correia, Pero, embaixador em Bruxelas, 99, 198. — De lá manda a D. Manuel interessantes informações, 99, 100. — Entre elas o retrato de «madama Lianor», a futura terceira mulher daquele rei, 99, 389. — Foi amigo de Afonso

Digitized by Google

de Albuquerque, 99; estribeiro mor na menoridade de Francisco Homem, 113 *n*, e veador da fazenda da rainha D. Caterina, 221 *n*.
Correio mor do reino, cria D. João III o oficio, 198, 198 *n*.
Côrte Rial, Jerónimo, poeta do *Cêrco de Diu* e do *Naufrágio de Sepulveda*, seu casamento, 111, 112 *n*.
Côrte Rial, Vasco Anes. vedor da casa de D. Manuel, 204.
Côrtes de 1525, em Tomar, 143. — Orador nelas, 187. — Resolvem reunir de dez em dez anos, 235.
Côrtes de 1535, em Évora, juram o príncipe D. Manuel, 235. — Orador nelas, 187.
Cós, Mosteiro de, 221 *n*.
Cosmógrafo insigne, 179.
Costa, Alvaro da, criado e feitura de D. Manuel, que lhe deu o título de dom e o oficio de armador mor, 73 *n*. — Foi marido da ama de D. João III, 155. — Casas suas em Lisboa, 204.
Costa, Bernardo da, impressor, imprime autos de G. V., 296.
Costa, Fernão da, uchão de D. Manuel, 34.
Costa, Mestre Gil da, cirurgião mor, 45; verdadeira data da sua nomeação, 386.
Costa, Joana da, moça da câmara da infanta D. Maria, 250 *n*, 255 *n*.
Costa, João da, escrivão da Chancelaria, 445, 446.
Costa, Jorge da, escrivão, 445.
Costa, Manuel da, escrivão, 207 *n*, 210 *n*., 445.
Costa, Vicente da, que servia na India, 71.
Costa Carvalho, Bernardo da, impressor, imprime em Lisboa autos de G. V., 297.
Costa Lobo, História da sociedade em Portugal no século XV, 105, 126, 143, 183. — *A Infanta D. Maria*, artigo no «Arch. hist. port.», 126 *n*, 389.
Costa e Silva, Poetas portugueses, 391.
Cotrim de Castanheda, Rui, uchão de D. Manuel, 34.
Coudel mor, poeta do *Cancioneiro*, 179 *n*. — Vidè **Silveira,** Fernão da.
Coutinha, D. Branca, amada em criança pelo príncipe D. Afonso, casa com Jorge de Melo, 164 *n*.
Coutinho, D. Álvaro, marichal, é nomeado por G. V. no *Auto das Fadas*, 58, e na *Frágoa de Amor*, 140.
Coutinho, D. Fernando marichal, capitão mor da armada da India, 58.
Coutinho, D. Francisco, 4.º conde de Marialva, põe G. V. na sua bôca uma *Oração* ao ser enterrado D. Manuel, 116, e umas *Palavras* à aclamação de D. João III, 125 — É nomeado por G. V. na *Frágoa de Amor*, 139, 196 *n*, e no *Clérigo da Beira*, 196, 199. — Também foi 2.º conde de Loulé e a sua única filha casou com o infante D. Fernando, 116.
Coutinho, D. Francisco, 3.º conde do Redondo, capitão de Arzila, 166 *n*.
Coutinho, D. João, 2.º conde do Rodondo, 164, 166 *n*, capitão de Arzila, 166 *n*, é mencionado por G. V. na *Nau de Amores*, 164, e no *Clérigo da Beira*, 200.
Coutinho, D. Vasco, conde de Borba e capitão de Arzila, 120, foi o 1.º conde do Redondo, 166 *n*.
Couto, Diogo do, Década quarta da Ásia, 211. — *Década quinta*, 165 *n*.
Craesbeck, Pedro, impressor, 351.
Crasto, Hortênsia de, vidè **Castro,** Hortênsia de.
Crasto, Luís Vicente de, nome tomado nos últimos anos por Luís Vicente, filho de G. V., 259, — Casou com Joana de Pina, 259. — Intitulava-se cavaleiro fidalgo da casa del Rei, 259, 260. — Era morador no lugar do Mosteiro de Matacães, têrmo de Tôrres Vedras, 259, 260, 261. — Enviuva e é avaliada então a sua fazenda, 260. — Morre deixando viúva Isabel de Castro, 261. — Vidè **Vicente,** Luís.
Crato, lá é consumado o terceiro casamento de D. Manuel, 98, 99, 100. — Pouco depois o de D. João III, 140.
Crato, Prior do, 125. — Vidè **Conde Prior do Crato.**
Cristaleira da raínha D. Leonor, vidè, **Álvares,** Branca.
Cristãos novos: morticínio dêles em Lisboa, 137, 144, 212. — Derroga D. Manuel as leis de excepção contra êles lançadas, e D. João III confirma esta abolicão, 137. — Nas Côrtes de Tôrres Novas manifesta-se claramente a má vontade geral contra êles, 143, formulando-se acusações terriveis, 144, as quais levaram D. João III a resolver o estabelecimento da Inquisição, 144. — Os frades de Santarêm, em seguida ao terremoto de 1531, concitam do púlpito contra êles os ódios da multidão, 212. — Toma G. V. a sua defesa e salva-os de novo morticínio, depois de arengar aos frades, 144, 212, 213.
Cristãos novos mencionados: **Alte,** Bernardim Esteves de; **Espargosa,** Cristóvão Esteves da; **Fernando,** Dr. Mestre; **Lopes Çapaio,** Afonso; **Oliveira,** Jorge de.
Cristo, Ordem de, vidè Ordem de Cristo.
Cronista mor, vidè **Pina,** Fernão de.
Cubas, Pero, escrivão, 443.
Cunha, Alvaro da, estribeiro mor de D. João II, 49.
Cunha, António da, sr. das terras de Óvoa, Barreiro e Senhorim, e da casa de Santar, 229.
Cunha, D. Felipa da, mulher de Fernão de Sá, 111.
Cunha, Gil Vaz da, alferes mor, sr. de Basto, Montelongo, etc., 111.
Cunha, Gil Vaz da, do conselho, 111, é nomeado por G. V. nas *Côrtes de Júpiter*, 66 *n*, 111, 112.
Cunha, Lopo da, 229.

Digitized by Google

Cunha, Luís da, sr. das terras de Óvoa, Barreiro e Senhorim, 229, e da casa de Santar, 229, 230 *n.*

Cunha, Nuno da, governador da Índia, 165 *n.*

Cunha, Tristão da, capitão mor da armada de 1506 para a Índia, 56, 70; embaixador a Roma, 113 *n*, 153. — Foi poeta do *Cancioneiro*, 59, 113 *n.* — Recomenda Gaspar Vicente, filho de G. V., a Afonso de Albuquerque, 71. — É repetidamente nomeado nas obras de G. V.; no *Velho da horta*, 59, no *Auto da Índia*, 71, e nas *Côrtes de Júpiter*, 61, 112.

Cústódia de Belém é obra de G. V., 4, 14, 46. — Foi feita do oiro das páreas de Quiloa, 46. — Sua data, 52. — Descrição dela, 46, 47. — Foi erradamente atribuído o desenho a Garcia de Résende, 48, 49.

Damas: da imperatriz D. Isabel, 61, 164. — Da infanta D. Maria, 250 *n*, 263. — Do paço, 165 *n.* — Da rainha D. Caterina, 119; a elas alude G. V. no *Auto das Ciganas*, 142; seu guardador, 207. — Da rainha D. Leonor de Áustria, 113. — Da rainha D. Maria, 57, 229.

Datas do ano do Nascimento e não do da Circumcisão, 209 *n*, 222 *n.*

Datas nos alvarás do *Corpo cronológico*, muito mais seguras para a indicação do lugar, do que as das Chancelarias, 117 *n.*

Denis, D., infante, filho de D. João III, ao seu nascimento não se representou auto novo, 234.

Denis, Ana, mulher do mestre Fernando, físico, 66 *n.*

Denis, Dr. António, do Conselho da Fazenda e juiz das suas justificações, 449.

Desembargadores: dos agravos da Casa da Suplicação, 153. — Da casa do Cível, 195. — Da Casa da Suplicação, 196; seus privilégios, 155. — Do Paço, 104. — Do Paço e petições, 148, 152, 153, 157, 221. — Do Pôrto, 2.

Deslandes, Venâncio, Documentos para a historia da typographia em Portugal, 278 *n*, 282.

Dias, Damião, escrivão da câmara de D. Manuel, 221 *n*, 435, da fazenda do príncipe D. João e de D. João III, 221, e das confirmações régias, 221 *n.* — Foi tesoureiro mor das aposentadorias de Lisboa, Évora e Santarém, 221 *n.* — Possuiu terras na Ribeira do Oiro, na ilha de S. Tomé, 221 *n.* — Vai lá buscar o apelido e fica-se chachamando Damião Dias de Ribeira, 222 *n.* — É mencionado por G. V. na *Romagem de agravados*, 220, 221.

Dias, Gonçalo, procurador dos mesteres junto da vereação de Lisboa, 73, 434.

Dias, Pantaleão, escrivão das obras, terças e resídos, 222 *n.*

Diogo, Mestre, físico de D. Manuel, 68.

Diu, vidè Gogala.

Dom, Título de, 73 *n*, 134 *n*, 187 *n*, 206.

Dona da câmara da infanta D. Maria, 255 *n.*

Donzelas: do paço nomeadas por Garcia de Résende e G. V., 60. — Da rainha D. Caterina, vidè **Mendoça,** D. Isabel de. — Da rainha D. Isabel, vidè **Sousa,** D. Felipa de. — Da rainha D. Leonor, vidè **Alcáçova,** Beatriz da, e **Henriques,** D. Felipa. — Da rainha D. Leonor de Áustria, vidè **Mendoça,** D. Maria de. — Da rainha D. Maria, nomeadas por G. V. no *Velho da horta*, 59, 60, 61, e por Garcia de Résende nas *Trovas a Manuel de Góios*, 60. Vidè **Abreu,** D. Isabel de; **Ataíde,** D. Maria de; **Calataiud,** D. Maria de; **Eça,** D. Ana de; **Henriques,** D. Maria; **Lima,** D. Violante, de; **Mendoça,** D. Joana de; **Sá,** D. Beatriz de; **Silva,** D. Beatriz da; **Sousa,** D. Margarida de

Dornelas, Afonso de, Historia e genealogia, 170 *n.*

Doutor, Grau de, conferido por D. João III, 221 *n.*

Duarte, D., infante, filho de D. Manuel, seu camareiro mor e guarda mor, 202.

Duarte, D., rei de Portugal, funda o convento das Virtudes, 155.

Duque de Alva, 161.

Duque de Arcos, 161.

Duque de Áustria, a êle alude G. V. na *Comédia sôbre a Divisa da cidade de Coimbra*, 167. — Vidè **Fernando,** D.

Duque de Aveiro, vidè **Lancastre,** D. João de.

Duque de Beja, vidè **Manuel,** D.

Duque de Bejar, 159, 161.

Duque de Bragança, 1.º, seu filho primogénito, 116. — Um neto seu, 91, 116.

Duque de Bragança, 2.º, avô do Conde de Tentúgal, 116.

Duque de Bragança, 3.º, D. Fernando, seu capelão e defensor, 104.

Duque de Bragança, 4.º, D. Jaime, comanda a expedição a Azamor, 74, 275. — Casa com D. Joana de Mendoça, 62, 204. — Atribui-lhe G. V. uma *Oração* na ocasião do enterramento de D. Manuel, 116 e umas *Palavras* no acto da aclamação de D. João III, 125. — Desacertada suposição de ser êle representado em certa figura de um auto de G. V., 104.

Duque de Coimbra, 116, 140 *n*, 165 *n.* — Vidè **Jorge,** D.

Duque de Guimarães, 275.

Duque de Saboia, vidè **Carlos III.**

Duque de Vila Real, 140 *n.*

Duque de Viseu, seu físico, 44.

Duquesa de Bragança, irmã de D. Manuel, assiste ao monólogo da *Visitação*, 41, 56, 271.

Duquesa de Saboia, vidè **Beatriz,** D.

Eanes, Brás, escrivão dos seguros em Lisboa, 207 *n.*

Eanes, Brás, guardador das damas, nomeado por G. V. no *Clérigo da Beira*, 207.

Eça, D. Ana de, donzela da rainha D. Maria, nomeada no *Cancioneiro geral* e no *Velho da horta* de G. V., 61.

Eça, D. Jorge de, nomeado por G. V. no *Velho da horta*, 59.

Digitized by Google

Elvas, lá se juntaram as comitivas para irem receber a rainha D. Caterina à raia, 140.—Preço do trigo no século XVII, 3.
Embaixada do Preste João chega ao Tejo e é recebida em Coimbra, 178.
Embaixadas: a Henrique VII de Inglaterra, 104; ao Hidalcão, 37, 71; a Roma. 153.
Embaixador de Carlos V, 127, 128, 158, 185.
Embaixador, O, do Cesar Imperador, a quem G. V. alude no *Clérigo da Beira*, era Lopo Hurtado de Mendoça. Q. v.
Embaixadores portugueses: em Bruxelas, 93, 99, 198, 214; em Castela, 111, 159, 160, 164 *n*; em Inglaterra, 104; em Roma, 113 *n*, 152, 153; junto de Carlos V, 25, 106, 152, 153, 166.
Encina, Juan del, 286.
Entre Doiro e Minho, Corregedor na comarca de, 195.
Envers (*Antuérpia*), feira, 188.
Enviado a Castela, 153; a Roma, 153.
Erasmo, humanista, que a lenda diz ter aprendido o português para ler as obras de G. V., 235.
Ericeira, Condes da, vidè **Condes da Ericeira**.
Escovar, Francisco de, 250 *n*.
Escovar, Inês Rodrigues de, moça da câmara da infanta D. Maria, 250 *n*.
Escrivão: da câmara, 43, 156, 183, 183 *n*, 221 *n*, 222 *n*.—Das confirmações régias, 221 *n*. — Da fazenda: da infanta D. Maria, 447, 448; do príncipe D. João, 87, 221; del rei D. Felipe II, 449; del rei D. João II, 156; del rei D. João III, 183, 184, 207 *n*, 210, 221, 222, 241 *n*, 437, 438. — Da puridade: do infante D. Luis, 154; del rei D. João II, 15; del rei D. Manuel, 200.
Esmoler, O, mencionado por G. V., no *Templo do Apolo*, vidè **Esteves**, Marcos.
Espargosa, Dr. Cristóvão Esteves da, 221 *n*.—Era cristão novo, 223.—Vidè **Esteves**, Dr. Cristóvão.
Espargosa, Estêvão da, filho do precedente, 221 *n*.
Espargosa, Guiomar da, filha de Cristóvão, foi freira em Cós, 221 *n*.
Esperança, *Fr. Manuel da*, *Historia serafica*, 229 *n*.
Estêvão, Mestre, judeu castelhano e advogado na Casa da Suplicação, 221 *n*.
Estevens, Álvaro, do desembargo, corregedor do crime de Lisboa, 195 *n*.
Esteves, Dr. Cristóvão, juiz dos feitos da fazenda, desembargador do paço e petições, procurador do infante D. Afonso, ouvidor de Almada, procurador e ouvidor dos feitos da fazenda, desembargador da Casa da Suplicação, 221.—Encarregado da compilação das *Ordenações*, 221. — D. João III confere-lhe o grau de doutor, fá-lo fidalgo de solar com o apelido de Espargosa e dá-lhe carta de brasão, 221 *n*. — Foi um cristão novo de verdadeiro mérito, 221, 223.—É mencionado por G. V. na *Romagem de agravados*, 221.
Esteves, Marcos, esmoler de D. João III, 157, 197, seu capelão e provedor mor dos hospitais capelas, etc. de Lisboa, 157.—Foi apresentado nas igrejas da Madalena da Matança e de Santa Eulália de Bèsteiros, 157. — É mencionado por G. V. no *Templo de Apolo*, 151, 157, 197, e no *Clérigo da Beira*, 157, 197.
Estremadura, G. V. conhecedor da vida e linguagem popular desta provincia, 386.
Estribeiro mor, O, nomeado por G. V. nas *Côrtes de Júpiter*, vidè **Homem**, Francisco.
Estribeiro mor: de D. João II, 49; de D. João III, 113 *n*; de D. Manuel, 113, 113 *n*.
Estudos de Lisboa. — Vidè em Lisboa.
Évora: D. Manuel passa lá o Natal, 96; reside lá 120; e vai para lá com sua terceira mulher, 100. — D. João III reside lá, 63, 136, 213, 217, 232, 242, 243; passa lá o Natal, 135, 233; e a Páscoa, 105, 142, 143.—Durante a sua permanência na cidade representa G. V., seis peças: o *Auto pastoril português*, 127, 135, 272, 299; a tragicomédia *Frágoa de Amor*, na festa do desposório del Rei com D. Caterina, 137, 275; o *Auto das Ciganas*, já na presença da Rainha, 105, 142, 276; a *Romagem de agravados*, ao nascimento do infante D. Felipe, 217, 242, 275; a tragicomédia *Amadis de Gaula*, 228, 242, 274; o *Auto dos mistérios da Virgem* crismado pelo vulgo em *Auto da Mofina Mendes*, êste pelo Natal, 232, 242, 272; a comédia *Floresta de enganos*, sua última obra, 235, 242, 274. — G. V. representa lá os seus últimos autos, 232, 235; lá morre, 242, 243, 247; e lá foi sepultado, 13, 243, 244.— Também lá morreu Garcia de Rèsende, 235. — Na oficina da Universidade imprimem-se autos de G. V., 296. — Lá não foi representada a *Comédia de Rubena* ao príncipe D. João, como alguns têem suposto, 7, 24, 26.
Évora: justas célebres, 205.—Diplomas de lá datados, 245 *n*, 433, 436, 437, 438, 439, 446.—De lá se expedem as procurações para o casamento de D. João III, 136.— Para lá foram êle e D Caterina depois de casados, 140.—Lá nasce o infante D. Felipe, 217. — As côrtes de 1535 juram o príncipe D. Manuel, 235; orador nelas, 187.
Évora: biblioteca pública, 243. — Bispo, 91, 116, 125. — Convento de S. Francisco: casa dos Ossos, 244; obras, 440; sepultura do dr. Cristovão Esteves, 221 *n*, de G. V., 243. — Inquisição, vidè Inquisição de Évora. — Morgados: dos Patalins, 223 *n*; da Sempre Noiva, 92 *n*; de Val de Gramaxo, 224 *n*. — Preço do trigo, 114. — Provedor e superior da aposentadoria, 223 *n*.—Superior da aposentadoria, 222 *n*. — Tesoureiro mor das aposentadorias, 221 *n*.
Excelente Senhora, seu secretário, 112 *n*.

Digitized by Google

Exposição retrospectiva de Arte ornamental realizada em Lisboa, 46.
Faria, Dr. Diogo de, cirurgião mor do reino, 45.
Faria, Francisco de, cavaleiro da casa del Rei, 44 *n*.
Faria, Guiomar de, mulher de Mem de Sá, 176 *n*.
Faria, Guiomar de, viúva do cirurgião mor mestre Gil, 44 *n*, 45.
Faria, Inês de, moça da câmara da rainha D. Leonor, 44 *n*.
Faria, Dr. João de, desembargador dos agravos da Casa da Suplicação, desembargador do Paço e petições, chanceler mor, enviado a Castela e a Roma, embaixador a Carlos v, 153. — É mencionado por G. V. no *Templo de Apolo*, 153.
Faria, Leonor de, mulher de Martim Barreto de Pina, 262.
Faria, Luís de, comendador de S. Nicolau de Carrazedo, 153.
Faria, Maria de, mulher de Pero Godinho, 262.
Faria e Sousa, Manuel de, propalador de uma calúnia contra G. V., 54, 72, 262. — Atribui a Gil Vicente, o moço, a composição do *Auto de Dom Luis de los Turcos*, 262, 263.
Faria e Sousa, Manuel de, Rimas várias de Luis de Camões, 54, 262.
Farnésio, Octávio, duque de Parma, 185.
Fazenda: conselho dela, 449; escrivães, 114 *n*, 156, 184, 207 *n*, 210 *n*, 221, 222; juiz dos feitos, 221 *n*, 449; ouvidor dos feitos, 221 *n*; procurador dos feitos, 221 *n*; vedores, 73 *n*, 74, 91, 105, 111, 115, 125, 166, 184, 214, 220, 234, 239, 434, 435, 438, 443, 444.
Feira, Conde da, vidè **Conde da Feira.**
Feira, Condessa da, vidè **Condessa da Feira.**
Feitor, vidè em Çafim, Çofala, Flandres e Málaga.
Feitorias: Antuérpia, Málaga.
Felipa, Senhora D., de Almada, 43.
Felipa, Senhora D., de Odivelas, 35.
Felipe, Mestre, físico, lente de astronomia no Estudo de Lisboa, 64. — É introduzido por G. V. no *Auto dos Físicos*, 64.
Felipe, D., Infante, filho de D. João III, nasceu em Évora, 217, 228 — Ao seu nascimento representa G. V. a *Romagem de agravados*, 217, 275.
Felipe, D. principe de Castela, depois Felipe II de Espanha, casa com a infanta D. Maria, 126 *n*, 181.
Fernandes, Afonso, desembargador, comissário de Portugal no tribunal das prêsas em Baiona, 152.
Fernandes, Álvaro, chanceler mor, 153.
Fernandes, Álvaro, tesoureiro da testamentaria da infanta D. Maria, 252 *n*.
Fernandes, António, morador na rua dos Penosinhos, 249, 250 *n*.
Fernandes, Diogo, adail de Goa, embaixador ao Hidalcão, 70.
Fernandes, Diogo, comendador, reposteiro del Rei, 112 *n*; escrivão da alfândega de Lisboa, 112 *n*. — Foi poeta do *Cancioneiro*, 112 *n*. — É nomeado por G. V. nas *Côrtes de Júpiter*, 112. — Vidè **Meireles,** Diogo Fernandes de.
Fernandes, Duarte, vigario de S. Martinho de Sintra, 206.
Fernandes, Francisco, livreiro na Rua Nova, em cuja casa se vendia a *Copilaçam de todalas obras de G. V.*, 257, 269.
Fernandes, Garcia, pintor, 240 *n*, acabou a obra de pintura da Casa da Relação de Lisboa, 241 *n*, 441, 442, 443; pede a satisfação das promessas que D. Manuel lhe fizera, 440 a 443.
Fernandes, Joana, moça da câmara da infanta D. Maria, 255 *n*.
Fernandes, Nuno, escrivão da câmara de Lisboa, 434.
Fernandes, Pedro, tabelião em Lisboa, 436.
Fernandes, Pedro José Marcos, empregado na Tôrre do Tombo, paleógrafo, 245 *n*.
Fernandes, Simão, grande astrólogo e matemático mencionado por G. V. no sumário das *Trovas a Felipe Guilhen*, 208, 278. — Era natural de Tavira ou lá morador e compôs uma *Aritmética* em verso, 208 *n*.
Fernandes, P.e Vicente, sua habilitação para familiar do Santo Ofício, 11.
Fernandes Costa, General, Carta no «Instituto», 176.
Fernandez de Moratin, D. Leandro, Origenes del Teatro Español, 287, 288.
Fernando, o Católico, sogro de D. Manuel, 81.
Fernando, Dr. mestre, cirurgião mor, 44, 68.
Fernando, Dr. mestre, cristão novo, morador em Lisboa, físico do Marquês de Vila Rial com honras de físico del Rei, 66, é introduzido por G. V. como figura no *Auto dos Físicos*, 65. — Talvez seja o filho do mestre Isaque Romeiro, 66 *n*.
Fernando, D., infante de Castela, rei de Boémia e de Hungria, 167 *n*, a êle alude G. V. na *Comedia sôbre a Divisa da cidade de Coimbra*, 167.
Fernando, D., infante de Portugal, acompanha à estribeira D. João III na ceremónia da sua aclamação, 124. — Vai à raia tomar entrega da rainha D. Caterina, 137, 140. — Toma parte no serão dos desposórios da infanta D. Isabel, 145. — Acompanha-a até à raia, 158. — Casa com a filha única do Conde de Marialva, 116. — Dissolve-se o matrimónio de maneira fúnebre, 76. — É nomeado por G. V. na *Exortação da guerra*, 75, 76, 388, e nas *Côrtes de Júpiter*, 112.
Ferreira, Fr. Bartolomeu, revedor da Inquisição, 190, foi o censor da ed. de 1586 das *Obras de G. V.*, 190, 213, 238, 279, e da dos *Autos e comédias de António Prestes, Luis de Camões e outros*, 281 *n*, 282.

Digitized by Google

Ferreira, Estêvão, sr. da casa de Cavaleiros, 169 *n.*
Ferreira, Marquês de, vidè **Marquês de Ferreira.**
Ferreira, Marquesado de, 140 *n.*
Ferreira, Martim, sr. da casa de Cavaleiros, 169 *n.*
Fez, El Rei de, ataca e toma Arzila, 120.
Figueira, Afonso, escrivão, 245 *n.*
Figueiredo, António de, escrivão, 449, 450.
Figueiredo, Cristóvão de, pintor, 241 *n*, do Cardial Infante, 442.—Trabalhou na obra da Relação, 442.
Figueiredo, Diogo Gomes, Nobiliário genealógico, 33, 221 *n*
Figueiredo, Dr. Fidelino de, História da Litteratura Clássica, 175.
Figueiredo, Henrique de, casas suas em Lisboa, 434.
Figueiredo, João de, heróico defensor de Arzila, 120 *n.*
Figueiredo, José Anastácio de, Synopsis chronologica da Legislação Portugueza, 117, 137.
Figueiredo Correia, Jorge de, escrivão da fazenda, 438.
Figueiró, D. Caterina de, donzela do paço, é nomeada por Garcia de Rèsende e Gil Vicente, 60. — Por ela andava Simão de Sousa perdido de amores, 62, 165 *n.*—Na edição de 1834 das *Obras de G. V.* e nas posteriores aparece crismada em D. Caterina de Figueiredo, 61.
Felippe Simões, Augusto, A Exposição retrospectiva de Arte ornamental portugueza e hespanhola em Lisboa, 47. – *Sempre Noiva,* nos seus «Escriptos diversos», 92.
Físico: do Duque de Viseu, 44; do Marquês de Vila Rial, 66; da rainha D. Maria, 62; del rei D. Manuel, 68.
Físico mor, 44, 64, 66, 67, 68 *n.*
Físicos, 44 *n*, 62, 64, 66, 68, 223.
Físicos del Rei, carta de seus privilégios, 66.
Físicos introduzidos por G. V. como figuras no *Auto dos Físicos,* vidè **Felipe,** Mestre; **Fernando,** Mestre; **Henrique,** Mestre; **Tôrres,** Físico.
Flandres: câmbios que em 1534 lá se deviam, 234. —Correio lá enviado, 198 *n.* — Feitor lá, 195, 198 *n.*—Importações de lá, 114.—Naus perdidas na volta de lá, 160. — Oficiaes de pintura vindos de lá, 95, 440, 442, 443.
Foes, Miguel de, moço fidalgo, 134 *n.*
Foes, Vasco de, alféres mor da Ordem de Cristo, cevadeiro mor e mariscal de D. João III, comendador de S. Martinho de Santarêm, foi poeta do *Cancioneiro,* 134. — É nomeado por G. V. no *Auto de Inês Pereira,* 129, 133, 200; na *Frágoa de amor,* 134, 138, 139; e no *Clérigo da Beira,* 134, 200.
Fogaça, Diogo, almoxarife da alfândega de Lisboa, 73 *n.*
Fogaça, João, do conselho de D. João II e D. Manuel, almoxarife da alfândega de Lisboa, 73 *n*, foi vereador da Câmara de Lisboa, 73, 434 e provedor e superior das aposentadorias da mesma cidade, 73, 223 *n.*—Foi poeta do *Cancioneiro* e é nomeado por G. V. no *Velho da horta,* 59, 73 *n.*
Foios, Caterina de, mulher de João Rodrigues de Carvalho, 134 *n.*
Foios, Isabel de, filha da precedente, 134 *n.*
Fonseca, Antão da, escrivão da fazenda, 437, 438.
Fonseca, António da, escrivão da fazenda, 435.
Fonseca, Domingos da, impressor, imprime autos de G. V., 290, 292, 352.
Fonseca, João da, escrivão, 434; casas suas em Lisboa, 53.
Fonseca, Sebastião da, vedor e escrivão da fazenda da infanta D. Maria, 447, 448.
Fontaine-Chalandray, M.me de, dite «la belle Torcy», vidé **Torcy.**
Fornelos, Comenda de S. Vicente de, na Ordem de Cristo, 198.
Foyos, D. Guiomar de, mulher de Nuno Fernandes Cogominho, 134 *n.*
Foyos, Vasco de, 134 *n.* — Vidè **Foes,** Vasco de.
França, Enselada vinda de, 192 *n*, 272.
França, Rainha de, vidè **Áustria,** D. Leonor de.
França, Rei de, vidè **Francisco I.**
França Amado, edita em Coimbra as *Obras de G. V.,* 285.
Francês, Tristão, hóspede de D. Manuel em Ponte Vedra, 35.
Francisco, D., filho do Bispo de Évora, 91. — Vidè **Conde do Vimioso.**
Francisco, filho do cónego Gonçalo Mendes, 173, não é Sa de Miranda, 174.
Francisco I, rei de França, 152, 159, 167 *n.*
Freire, D. Caterina, mulher de Rui Lopes, 154.
Freire, D. Maria, primeira mulher de Diogo Lopes de Sequeira, 152, 154.
Freire, Nuno Fernandes, de Beja, 152, 154.
Freire de Oliveira, Elementos para a historia do Municipio de Lisboa, 23, 24, 72, 73, 203 *n*, 211 *n.*—Data lá mal entendida, 209 *n.*
Froes Perim, Damião de, vidè *San Pedro, Fr. João de.*
Fronteira, Natural de, 3.
Fronteiro mor do Algarve, 165 *n.*
Funchal, Arcebispo do, 92 *n.*
Funchal, Bispo do, 21, 104.
Furtada, Isabel, mulher de António Fernandes, 249, 250 *n.*
Gachard, Charles Quint, na «Biographie nationale de Belgique», 159,
Gallardo, Ensayo de una Biblioteca Española, 145, 146, 288, 291, 293, 294, 295.—Descreve exemplares de vários autos de G. V., 392.
Gama, Simão da, denuncia seu tio Fernão de Pina, 88 *n.*
Gama, D. Vasco da, descobridor do caminho

Digitized by Google

marítimo para a Índia, conde almirante, vice rei da Índia, almirante do mar da Índia, 125. — Traz a Lisboa o oiro das páreas do régulo de Quiloa, 46. — Atribui-lhe G. V. umas *Palavras* à aclamação de D. João III, 125.

Gama Palha, Afonso, genealogista, 2, 3.

Gama Palha, Afonso, Relação dos successos da guerra da Liga, 3.

Gamboa, Beltran de, criado da Rainha Católica, 140.

Gándara, Fr. Felipe de la, Nobiliario de Galicia, 172.

Garção Stockler, Ensaio historico sobre as Mathematicas em Portugal, 172 *n*.

Garibay, Compendio historial de las chronicas, 211 *n*.

Garrett, Um auto de Gil Vicente, 113, 253, 390.

Gedrum, dama da infanta D. Maria, foi madrinha de uma neta de G. V., 250 *n*, 263.

Gil, Mestre, o I do nome, cirurgião mor do reino, 44.

Gil, Mestre, o II, cirurgião mor, 43, 44, 45, 66. 68, havia sido físico do Duque de Viseu, 44. — Foi poeta do *Cancioneiro*, 43, 44, 45, 387. —Sua vestearia, 45.—Data da sua morte, 43, 44.

Gil, Mestre, o III, cirurgião mor de D. Manuel e D. João III, 45, 68 *n*, foi o mestre Gil da Costa, 45. — É nomeado no *Auto dos Físicos* de G. V. 62, 68.

GIL VICENTE.—Seu nascimento, 12, 29, 30, 31, 32, 33, 84, 393.—Pátria: Barcelos, 29; Guimarães, 4, 29; Lisboa, 29; provincia da Beira, 29; para ela me inclino, 385, 386. — Quem seria seu pai, 5, 33. — Sua mãe deverá ter sido pessoa de apelido Borges, 33. — Erradamente se supõe ser de família nobre, 3. — Era filho do povo, 33, 54.—Só se lhe conhece uma irmã, Felipa Borges, 34. — Em moço viveu no campo, ou na Beira, ou no Minho, 33; mais provávelmente na primeira provincia, 386. — Conhecia a vida e linguagem popular, não só da Beira, como da Estremadura e Alentejo, 386.—Recebeu larga educação, 33; sendo porém fantasiosas as indicações de escolas e universidades, 35. — Não se sabe quando veio para Lisboa, nem o motivo da vinda, 35. — Casa pela primeira vez, 37, 393.—Com Branca Bezera, 38. — Quando, 32, 37. — A suposição de haver sido mestre de rétorica de D. Manuel, 3, 36, é errónea, 37, 39, 393. — Mantinha-se provávelmente do seu trabalho de ourives, 37.—Nasce-lhe o primeiro filho, Gaspar Vicente, 37, 52, 393. — Conheceu D. João II, 39. — Nêle fala na sua segunda produção dramática, mas não o torna mais a nomear, 40.— Estaria já trabalhando para a rainha D. Leonor, como seu ourives, 40. — Nela encontrou a melhor protecção, 9, 54, 148. — Recita no paço o monólogo da *Visitação*, 41, 393, fundando então o teatro nacional, 42, 45.—É esta a sua mais antiga obra poética conhecida, 42, 43.—Seus primeiros autos, 45, 393.—Começaria a escrever só perto dos cinqùenta anos, 33.—É êrro confundi-lo com mestre Gil, 44. — Manda-lhe D. Manuel fazer a custódia de Belêm, 4, 46, 393. — Sem prova houve quem afirmasse não ser dêle o desenho, 48. — Outros seus artefactos de ourivesaria, 10, 47, 48. —Tinha em sua casa oficina de ourives, com oficiais hábeis para o auxiliarem no seu lavor, 47, 53. — Com ela se transportava acompanhando el Rei, 52. — Conclui a custódia, 46, 52, 394. — Em quanto trabalhava nela não compôs nenhum auto novo de vulto, 49, 51. — Datas erradas atribuídas à composição de alguns autos, 49, 50, 51, 394; averiguam-se, 117, 118, 121.—Em obséquio ou por mandado da rainha D. Leonor compõe a maior parte dos seus primeiros autos, 10, 42, 50, 52, 145, 148, 391, 393. — Nasce-lhe o segundo filho, Belchior Vicente, 52, 394.—É nomeado vedor de todas as obras de oiro e prata destinadas para o convento de Tomar, hospital de Todos-los Santos de Lisboa e mosteiro de Belêm, 5, 10, 53, 121, 148, 389, 394, 433.—Era então ourives da rainha D. Leonor, a quem deveu a nomeação, 10, 53, 54, 148. — Habitava em Lisboa na rua de Jerusalêm, 53, 88, 247. — Em casas dadas pela dita rainha, 53, 247. — Nas quais à morte dela já não residia, 148.— Sua situação na côrte, 54.— Argumentos aduzidos para provar a dualidade do poeta e do ourives, 3, 4, 5, 10, 13, 14, 22, 23, 234.—Um dêles, a diferença entre duas assinaturas, 22, 234, é argumento de nímia valia, 235, pelo próprio apresentante reconhecida, 22. — Facsimile das assinaturas, 79, 234.—Dados autobiográficos: duvidosos, 30, 31, 84; fantasiosos, 31, 52, 215; todos de mínima valia, 30, 84; único sério e verdadeiro, 32.—Identificação do poeta e do ourives, 9 a 26, 202.— A prova irrecusável nas palavras *Trovador, mestre da balança*, 19, 20, 21, 73, 433.—Era designado sempre antonomásticamente, 20, por ser só um, 71.—Não é bem exacto que em docs. apareça simultaneamente designado por ourives, ou sem designação nenhuma, 15.—Compõe o *Parecer* no *Processo de Vasco Abul*, data da composição, 43, 55, 386, 395. — Continua a representar os seus autos na côrte, ou à rainha D. Leonor, 56, 79. 90, 96, 118, 287, 291, 292, 389, 392, 396; ou a D. Manuel, 57, 58, 74, 76, 79, 84, 90, 96, 107, 117, 119, 287, 391. — Também representou fora do paço, 82, e ao vulgo, 62, 63, 117, 121. — Tem conhecimento de versos de Garcia de Résende antes de impressos, 61, 395. — Com êle mantêm relações cordiais, 61. — Apoda-o jocosamente nas *Côrtes de Júpiter*, 61. 112. — Aprecia-o com louvor Résende na *Miscellanea*, 61. — Representa o *Auto dos Físicos*, 62, 395. —

Digitized by Google

Anécdota a propósito, 70. — Parte para a Índia seu filho Gaspar, 70, 394. — Lá serve alguns anos, 71. — Vai G. V. residir para os paços velhos da Alcáçova depois de D. Manuel ter vindo habitar os paços novos da Ribeira, 88, 141, 242, 247, 395, 399. — É eleito pela bandeira dos ourives um dos vinte e quatro mesteres da Casa dos Vinte e Quatro, 73, 396. — Em seguida é eleito um dos quatro procuradores dos mesteres junto da vereação de Lisboa, 73, 396. — Exerce estas funções, 15, 54, 73, 118, 396, 434. — É nomeado mestre da balança da Moeda de Lisboa na menoridade do filho do proprietário do ofício, 17, 19, 72-73, 121, 148, 245, 389, 396, 433. — Era então ourives da rainha D. Leonor, 17, 19, 72, 148. — Foi-lhe dado o ofício com aumento de ordenado dias antes de lhe ser passada a carta de nomeação, 245, 396. — Documentos desconhecidos do Arquivo da Casa da Moeda agora publicados, 245, 246. — Morre sua primeira mulher, 3, 76, 248, 396. — Peças compostas durante a sua viuvez: a *Comédia do Viúvo*, 76, 77, 396; os *Autos da Fama*, *da Festa* e *da Barca do Inferno*, 79, 82, 396, 397. — Para ajuda do casamento de sua irmã Felipa Borges faz-lhe D. Manuel mercê de 20:000 reais, 5, 33, 79, 396, 397, 435. — Dos quais passa recibo, 5, 34, 79, 397, 435. — Dirige-se no *Auto da Barca do Inferno*, em termos injuriosos ao Tesoureiro da Casa da Moeda, seu superior, 85, 86, 87. — Leva a D. Manuel a Almeirim uns apontamentos dos mercadores, tosadores e alfaiates de Lisboa, 87, 397. — Traz-lhes a resposta, 87, 397, 435. — Dividido entre as suas ocupações na Moeda e as diversões da côrte, fazia repetidas jornadas, 82. — O que não é rigorosamente exacto, 388, 389. — Estranha o seu milhor biografo vê-lo andar atrelado à côrte, tendo havido necessidade de se criar um segundo lugar de mestre da balança, 87. — É porém certo que em quanto foi mestre da balança só representou autos na côrte, quando ela estava em Lisboa, ou à rainha D. Leonor em Almada, 121, 365, com excepção do *Auto da Fé* representado em 1510 pelo Natal em Almeirim, 121, 395, não sendo ainda mestre da balança, 388. — Sai à luz o *Cancioneiro geral*, 87, 397. — Nêle é publicado o *Parecer* de G. V. no *Processo de Vasco Abul*, 42, 56, 138 *n*, 387, 397. — Seria pois esta a sua primeira obra impressa, 387, 397. — Alcança para as suas obras privilégio idêntico ao do *Cancioneiro geral*, 287, 288, 387, 397. — Em todo o ano de 1517 já não serviu o ofício de mestre da balança, 245, 246, 397, 368. — Donde infiro que tencionava vender o ofício para ocorrer às despesas do seu segundo casamento, 246. — Vende o referido ofício, 15, 88, 245, 398, 436. — Quando o vendeu não havia maior incompatibilidade entre o seu serviço na Moeda e no Paço, 246. — Casa pela segunda vez, com Melícia Rodrigues, 77, 78, 87. — Quando teve lugar o casamento, 82, 88, 89, 140, 246, 397, 398. — Estava então apenas em sua casa o filho Belchior Vicente, se do primeiro casamento teve apenas os dois filhos meus conhecidos, 89, 140. — Volta da Índia o filho Gaspar Vicente, 72, 89, 398, e entra como moço para a capela rial, 71, 141. — Em sua casa há rebate de peste, na ocasião em que se dirige ao Conde do Vimioso, pedindo-lhe despacho, 72, 90. — Alega a sua pobresa, mas não seria tanta como diz, 91. — Autos seus perdidos, 92, 93, 95, 214. — Morre Gaspar Vicente, 72, 90, 399. — Não seria de peste, 72. — Nasce Paula Vicente, filha de G. V., 89, 141, 241, 399. — Nasce outro seu filho, Luís Vicente, 89, 141, 241, 399. — Em Lisboa, no hospital de Todolos Santos, às matinas do Natal, representa pela última vez um auto novo, o da *Barca do Purgatório*, à rainha D. Leonor, 95-96, 389, 398. — Já então haveria começado a viver afastado dela, 148. — Manda-lhe D. Manuel dirigir os festejos da entrada triunfal de sua terceira mulher em Lisboa, 7, 15, 16, 20, 23, 24, 54, 101, 399, 436. — Documento desconhecido do Arquivo Municipal agora publicado, 23, 436. — Representa ao Príncipe, em Lisboa, a *Comédia de Rubena*, 25, 101, 399. — No grande serão do paço, à partida da infanta D. Beatriz para Saboia, representa a tragicomédia das *Côrtes de Júpiter*, 106, 107, 399. — Foi a última festa do reinado de D. Manuel, 113. — Não é verdade ter-lhe êle feito doação da quinta do Mosteiro no reguengo de Tôrres Vedras, 12, 13. — Escreve umas *Trovas* e um *Romance* à morte de D. Manuel, 115, 399. — Compõe as *Orações dos grandes de Portugal a N.ª Sra. depois del Rei enterrado*, 116, 400. — Vê-o com saudade sumir-se no túmulo, 117. — Mas sem grandes preocupações pessoais, pois já experimentara benévolas disposições no seu sucessor, 117. — Assiste à ceremónia da aclamação de D. João III e descreve-a num *Romance*, 124, 400. — Noutra poesia inventa as *Palavras dos senhores de Portugal ao beijar da mão*, 125, 400. — D. João III foi muito mais liberal com êle que D. Manuel, 126. — Fez-lhe diversas dádivas em dinheiro, 126, 128, 128 *n*, 141, 400, 401. — Concedeu-lhe várias tenças, 15, 16 *n*, 20, 126, 141, 401, 402, 403, 437. — Em 1528 rendiam elas 40:000 rs. e 3 moios de trigo, 126. — Foi D. João III mais generoso com êle do que com Garcia de Rèsende, 126. — Encontro indicada a mercê de mais uma tença, mas parece equívoco, 185. — Outra mercê lhe fez, a do ofício de língua da cidade de Ormuz, 141-142, 401; ofício que vendeu, 142, 402, 437. — Ao novo soberano representa pela primeira vez um auto, o de *Inês Pereira*, 128, 400. — No auto seguinte, o *Pastoril português*, alega não ter «nem ceitil», 135. — Aos des-

Digitized by Google

posórios de D. João III representa a *Frágoa de Amor*, 137, 401. — Nasce Valéria Borges, a última filha de G. V., 141, 241, 404. — Em outro grande serão do paço, ao celebrar-se o recebimento da infanta D. Isabel com Carlos V, representou a tragicomédia de *Dom Duardos*, 145, 401. — Morre a sua antiga protectora, a rainha D. Leonor, de quem já há muito vivia afastado, 148, 402. — Lega ela ao mosteiro da Madre de Deus dois cálices, um feito por G. V., o outro por êle corregido, 148. — Estava doente quando compôs o *Templo de Apolo* para ser representado à partida da Imperatriz para Castela, 149, 150. — Aproveita então e por outras vezes trabalho já feito para satisfazer às ordens régias de autos novos, 150, 151, 228 — Período de extraordinária actividade literária, 161. — Concorre com um auto, o da *Nau de Amores*, para solenizar a entrada da rainha D. Caterina em Lisboa, 162. — Acompanha D. João III a Coimbra, onde lhe representa três peças, 167. — Causa assombro como diante de D. João III e D. Caterina êle expõe cruamente a devassidão do clero, 168. — Da representação da *Comédia sôbre a Divisa da cidade de Coimbra*, levada ao palco nesta cidade, proveio o conflito com Sá de Miranda, 169. — Motivos da ofensa, 169, 170, 171. — Desfôrço de G. V., 170, 171. — Sátira no *Clérigo da Beira*, 171, 172, 196. — A antipatia era inevitável entre os dois poetas, 177. — Compõe um auto ao nascimento da infanta D. Maria, 181, 403. — Na volta de Coimbra para Santarêm é roubado por uns almocreves castelhanos e do facto queixa-se numas *Trovas* a D. João III, 182, 278, 403. — Representa o *Auto da Feira*, uma das suas mais afamadas e discutidas peças, 186, 404. — Ao nascimento da infanta D. Isabel representa outra tragicomédia, 192, 404. — Nela mostra-se saudoso pelos alegres tempos passados bem diferentes dos tristonhos d'então, 193, 417. — Estava em Santarêm quando teve lugar, a 26 de Janeiro de 1531, um medonho terremoto, 212, 405. — Em seguida a êle, vendo que os frades da vila incitavam do púlpito os ânimos contra os cristãos novos, atribuindo o fenómeno sísmico à ira de Deus contra êles, toma a sua defesa, 144, 405. — Convoca o clero de Santarêm para a crasta de S. Francisco e dirige-lhe uma fala, exortando-o a mudar de procedimento, 32, 212, 213, 405. — É atendido, 54, 213. — Ufano pelo sucesso obtido dirige uma carta a D. João III, narrando-lhe tudo, 32, 212, 213, 277, 285, 287, 405. — Começa a retocar algumas das suas obras, 76, 81, 238, 241, 404, 406. — Representa-se em Bruxelas o *Auto do Jubileu de Amores*, 93, 214, 405, provocando escândalo, 93. — Para festejar o nascimento do príncipe D. Manuel, representa em Lisboa o *Auto da Lusitânia*, 214, 405. — Apesar de já septuagenário, não lhe mingua o estro, 217. — Na *Romagem de agravados* não acusa só em scena os frades, acusa também os poderosos, 220. — Marca datas por um sistema já em desuso, 227. — Vai buscar assunto para autos a romances de cavalaria, 228. — Compõe a música dalgumas das canções introduzidas nos autos, 417. — Em Odivelas, a pedido da D. Abadessa, vai representar um auto, 229, 405. — É a última vez que vem a Lisboa, 242. — Torna para Evora, onde representa os seus últimos autos, 232. — Dá-se lhe um mandado para pagamento de vestearia, 21, 234, 248, 406, 438. — E tam confuso o doc. que se duvida se ela era devida ao pai, se ao filho Belchior Vicente, 21, 131 *n*, 234, 248. — Inclino-me a que pertencesse a êste por ser moço da capela, 248. — Continua-se portanto a ignorar se G. V. tinha moradia assente nos livros da matrícula, 21, 234. — Passa recibo da vestearia, 21, 234, 406, 438. — Escreve a *Floresta de enganos*, sua última comédia, 235, 241, 274, 406. — Tinha então setenta e cinco anos na milhor das hipóteses, 237. — Não temos motivo para acreditar, como nos inculcam sem fundamento, que ainda então representasse, 237. — Por ordem de D. João III andava já a coligir as suas obras, 24, 150, 237, 241, 242, 257. — Fazia a compilação com muita pena da sua vèlhice, 237. — Nas cópias seria talvez auxiliado por sua filha Paula Vicente, 254. — Duvida-se que chegasse a compilar as obras todas, 150, 237, 241, 385. — Apenas ajuntou em um livro parte delas, 237, 357. — Apesar de não ter chegado a pôr em ordem todas as suas obras reviu e modificou algumas, 238, 388. — Depois de compôr a *Floresta de enganos* não teve muito dilatada vida, 239, 240, 241, 406. — Foi por êsse motivo que não reviu nem coordenou cuidadosamente todas as suas obras, apesar de ter vontade de o fazer, 240. — Deixou portanto a revisão delas apenas começada, 242. — Chegou porêm a escrever o *Prólogo* delas dirigido a D. João III, 237, 240, 258, 406, 407, 438. — Morreu em Evora, 242, 243, 247, 406. — A data da sua morte geralmente admitida, 12, 30, 141, não é a verdadeira, 240, 241, 251. — Doc. posterior à sua morte, 441. — Estado da sua família nesse tempo, 241, 242, 247, 406. — É fabula haver passado os seus últimos anos numa quinta no termo de Tôrres Vedras e ter lá morrido, 13, 244. — Foi sepultado no convento de S. Francisco de Évora, 243, 406, em parte ignorada, 244, 406. — Seu epitáfio, 243. — Por sua morte fez D. João III mercê da escrivaninha segunda da feitoria da Mina a seu filho Belchior Vicente, 242, 248, 406, 439. — Tempos depois, em remuneração de seus serviços, dá o ofício de juiz da alfândega de Gogala a quem casar com sua filha Valeria Borges, 263, 408, 444. — G. V. revela-se liberal e to-

Digitized by Google

lerante nos seus escritos, nos quais reprova e condena a devassidão do clero sem atacar a religião, 144, 168, 191. — Não a ataca porque era católico convicto, 144, 191. — Não tinha tendências para a Reforma e seus propugnadores, 192. — Tanto que nunca a censura inquisitorial lhe cortou por heteródoxas nenhumas passagens, 192. — Ela só mandava suprimir o que a feria directamente, o ataque ao clero, 190, 213. — A sua bondade levou-o a tomar a defesa dos cristãos novos, 144. — Não foi um truão, um bobo do palco, como o classifica um autor moderno, 54, 74. — Era pouco afeiçoado aos Castelhanos, 185, 194. — Parece que também não foi muito parcial do infante D. Luís, 387, 388; a quem nomeia três vezes em suas obras, 387. — Foi caluniosamente acusado de ter feito por inveja desterrar um filho para a India, 54, 72, 263. — Detractores do seu engenho disputaram-lhe em vida a originalidade de seus autos, 48, 54, 128, 365, e depois de morto ainda quiseram priva-lo de parte da sua glória artistica, 48. — Não analiso a sua obra literária, porque êste estudo é simplesmente biografico, 244, 417. — Filhos: do primeiro casamento, Gaspar Vicente e Belchior Vicente; do segundo, Paula Vicente, Luís Vicente e Valéria Borges. Vidè êstes nomes. — É-lhe erradamente atribuido mais um filho de nome Gil Vicente, 54 *n.* — Genros, vidè **Machado,** Pero, e **Almeida,** D. António de. — Noras, vidè **Tavares,** Guiomar, **Almeida,** Mor de, **Pina,** Joana de, e **Castro,** Isabel de. — Netos: pelo filho Belchior, Paula Vicente, Maria Tavares e talvez outro Belchior Vicente; pelo filho Luís, Gil Vicente de Almeida, Jerónimo de Almeida, Bernardim Borges, soror Maria da Visitação, Martim Barreto de Pina. Francisco de Aguiar e Damião de Aguiar; pela filha Valéria Borges, Paula, do primeiro casamento, e do segundo, D. Luís, D. Pedro, D. João, D. Constantino e D. Beatriz de Meneses, D. Helena da Silva e D. Mariana de Meneses. Vidè êstes nomes. — Pessoas da sua família residentes em Lisboa na rua dos Penosinhos, 249 *n*, 250 *n*. — Parentes seus diversos, 256 *n*.

GIL VICENTE — *Bibliografia.* Impressões das suas obras:

1 *Amadis.* Lisboa, por Antonio Alvares, s. d., 293.

2 *Auto da Aderência do paço*, edição anterior a 1551, 289, 407.

3 *Auto da Alma... Pranto de Maria Parda... Carta a el-rei D. João III sobre o terremoto de 1531 (Gil Vicente Quarto Centenario do Theatro Portuguez—).* Lisboa, 1902, 4.° 299, 415.

4 *Auto de Amadis de Gaula.* Lisboa, 1586, 4.° 290, 411. — 5 *Auto de Amadis de Gaula.* Lisboa, 1612, 4.°, 292, 413.

6 *Auto da Barca do Inferno.* Lisboa, 1623, 293, 413. — 7 *Auto da Barca do Inferno.* Evora, 1671, 4.°, 296, 414. — 8 *Auto da Barca do Inferno.* S. l. n. d. (Lisboa, 1720), 4.°, 297, 414. — 9 *Auto da Barca do Inferno. Feyto por Gil Vicente...* S. l. n. d. 4.°, 297. — 10 *Auto da Barca do Inferno. Feyto por Gil Vicente...* S. l. n. d., 4.°, 298. — 11 *Auto da Barca do Inferno. Feyto por Gil Vicente...* S. l. n. d., 4.°, 298.

12 *Auto da Cananeia.* Lisboa, 1603, com outro auto de G. V. a seguir, 391, 413.

13 *Auto de Dom Duardos*, edição anterior a 1551, 228, 407. — 14 *Auto de Dom Duardos.* Lisboa, 1613, 4.°, 292, 413. — 15 *Auto de D. Duardos.* Braga, 1623, 293, 413. — 16 *Auto de D. Duardos.* Lisboa, 1634, 293, 414.

17 *Auto da Fee. A seguinte representação foy representada em Almeirim...* Impressão do século XVI-XVII, 292.

18 *Auto da Festa. Auto novamente feito por Gil Vicente, e representado ..* S. l. n. d., impressão do século XVI, 291. — 19 *Auto da Festa (Gil Vicente—) Obra desconhecida com uma Explicação prévia...* Lisboa, 1906, 8.°, 300, 416. — 20 *Auto da Festa... 2.ª edição*, Lisboa, 1909, 8.°, 392, 416.

21 *Auto dos Fisicos.* edição anterior a 1551, 289, 407.

22 *Auto hecho nuevamente por G. V. sobre los muy altos e muy dulces amores de Amadis de Gaula con la princesa Oriana...* edição anterior a 1559, 289, 405, 408.

23 *Auto de Ines Pereira. Feyto por Gil Vicente...* S. l. n. d., 4.o, gótico, 289.

24 *Auto do Jubileu de Amores*, edição anterior a 1551. 289, 407.

25 *Auto do Juiz da Beira* Lisboa, 1630, 4.°, 293, 414. — 26 *Auto do Juiz da Beyra Auto feyto por Gil Vicente...* Lisboa, 1721, 4.°, 297, 414.

27 *Auto da Lusitânia*, edição anterior a 1551, 288, 407.

28 *Auto de Moralidade composto per Gil vicẽte Por contemplaçam da serenissima e muyto catholica raynha dona Lianor...* S. l. n. d., 4.°, gótico, 287.

29 *Auto nuevamente echo sobre los muy altos y muy dulces amores de Amadis de Gaula.* [Lisboa.] 1589, 290, 411.

30 *Auto Pastoril Portuguez de Gil Vicente...* Lisboa, 1898, 8.°, 299, 415.

31 *Auto de Pedreanes*, edição anterior a 1551, 289, 407.

32 *Auto da primeira barca que he a do Inferno.* Lisboa, 1715. 296. 414.

33 *Auto de Sam Martinho.* Lisboa, 1603, incluido em outra obra de G. V., 392, 413.

34 *Auto da segunda barca que he a do Purgatorio* Lisboa, 1623, 293, 413. — 35 *Auto da segunda barca que he a do Purgatorio...* Evora, 1671, 4.°, 296, 414. — 36 *Auto da segunda*

Digitized by Google

barca que he a do Purgatorio... Lisboa, 1715, 4.º, 296, 414. — 37 *Auto da segunda Barca que he a do Purgatorio...* Lisboa, 1723, 4.º, 298, 414.

38 *Auto da terceyra barca, que he endereçada a embarcaçam da gloria.* S. l. n. d. (Lisboa, 1623), 293, 413.—39 *Auto da terceira barca que he endereçada a embarcaçam da Gloria...* S. l. n. d. [1671], 4.º, 296, 414. — 40 *Auto da terceira barca que he endereçada a embarcaçam da Gloria...* S. l. n. d., 4.º, 296, 414.—41 *Auto da terceyra barca que he endereçada a embarcaçam da Gloria...* S. l. n. d., 4.º, 299.

42 *Auto da Vida do paço*, edição anterior a 1551, 289, 407.

43 *Autos de Gil Vicente seguidos de alguns excertos (Bibliotecа Lusitana—) Compilação e prefacio de Afonso Lopes Vieira. Edição da Renascença Portuguesa.* Porto, 1916, 8.º, 286, 416,—Obras que contêm, 287.

44 *Barca Primeira. Avto de moralidade, compvesto por Gil Vicente, por contemplação da serenissima e muito Catholica Rainha D. Lianor...* Lisboa, s. d., 4.º, 291.—45 *Barca primeira. Avto de moralidade, compvesto por Gil Vicente, por contemplação da Serenissima, e muyto Catholica Raynha Dona Lianor..* Impressão dos fins do século XVI, principios do XVII, 296.

46 *Breve summario da historia de Deos, feyto por Gil Vicente (Ho auto que se segue he intitulado—).* Sem l. n. d., 4.º. gótico, edição anterior a 1562, 290. — 47 *Breve Summario da Historia de Deos (O Auto que se segue he intitulado—). Feyto por Gil Vicente...* [Lisboa]. 1598, 4.º, 291, 412.

48 *Copilaçam de todalas obras de G. V.* Lisboa, 1562, descrição do volume, 269, 270, 271.—Censura: os deputados da Inquisição vêem o texto, 168, 192 *n*, 503; publica apesar disso autos proibidos pela censura anterior, 93, 303; supressões e alterações, 168, 217, 304 a 351. —Citações e transcrições são todas desta edição, 26 —Editores, 141, 252.—Erros na paginação, 72 *n*, 80 *n*, 90 *n*, 310, 311, 315, 345, 349, 350. — Impressão, 257, 258, 269, 409.—Obras nela contidas, 269 a 278, 288, 289.—Omite o *Prólogo* do *Dom Duardos*, 145, 316. — Privilégio, 270, 409, 445. — Título, 257. — Transcreve-se dela o *Pranto de Maria Parda*, 358 a 364, e o *Auto de Inés Pereira*, 365 a 385.

49—*Copilaçam de todalas obras de G. V.* Lisboa, 1586, descrição do volume, 278, 279, 280. — Censura: censor, 190, 213, 238, 279; licenças, 279, 411; trechos da primeira edição suprimidos ou alterados nesta, 168, 217, toda a censura, 304 a 351.—Editor, 261, 278, 281, 282. —Impressor, 261, 278. — Obras nela contidas, 280, 281. — Privilégio, 279, 411. — Publica o *Prólogo do Dom Duardos*, 10, 49, 145, 316.—Variantes que não provêm da censura, 238, 357.—Versos que se não encontram na precedente edição, 331.

50 *Dialogo de hũs tres judeus e dous Centurios sobre a resurreyção de Christo...* incluido na 1.ª edição do *Breve summario*, 290.

51 *Dom Duardos. Auto nuevamente hecho sobre los muy delicados amores de Dõ Duardos...* Lisboa, 1647, 4.º, 294, 414.—52 *Dom Duardos, Auto nuevamente hecho, sobre los muy delicados amores de Dom Duardos...* Lisboa, 1720, 4.º, 297, 414.

53 *Farsa chamada Auto da India por Gil Vicente Edição para o povo e para as escolas.* Lisboa, 1905, 8.º, 300, 416.

54 *Farça de Inez Pereira por Gil Vicente (Bibliotheca Dramatica da Revista Theatral n.º 6—) Com uma carta...* Lisboa, s. d. (1896), 299, 415.

55 *Juiz da Beira.* Lisboa, 1619, 292. — 56 *Juiz da Beyra. Auto feyto por Gil Vicente, Representado...* Lisboa, 1643, 8.º, 293, 414.—57 *Juiz da Beira. Auto feyto por Gil Vicente, Representado...* Lisboa, 1643, 4.º, 294, 414.

58 *Obras de G. V. Com revisão, prefácio e notas de Mendes dos Remédios.* Coimbra, 1907, 1912 e 1914, três volumes, descrição desta edição, 285, 286, 416.—Citada, 130, 166, 182, 236, 240, 305 *n*, 352, 353, 354. — Erros dela, 56, 59 *n*, 61, 364, 385.—Obras nela contidas, 285, 286. — Publicador, 285.— Secção das contribuições para conhecimento das obras de G. V., 417.

59 *Obras de G. V.* Lisboa. Escriptorio da Bibliotheca Portugueza. 1852, três volumes, 415, descrição desta edição, 284, 285.—Citada, 238, 239, 305 *n*, 352, 353, 354.—Dizeres das capas, 284, 302. — Editores, 284. — Erros, 56, 59 *n*, 61, 364, 385. — Feita sôbre a edição de Hamburgo, 284.—Obras nela contidas, 285.—Substituição de frontispicios, 284.

60 *Obras de G. V., correctas e emendadas pelo cuidado e diligencia de J. V. Barreto Feio e J. G. Monteiro.* Hamburgo, 1834, três volumes, 414, descrição desta edição, 282, 283.—Artigo de critica na *Quarterly Review*, 390, 391.—Citada, 30, 237, 287, 392.—Defeitos e lacunas, 283.—Emenda um êrro na rúbrica da *Exortação da guerra*, sem advertência, 74.—O *Ensaio sobre a vida e escritos de G. V.* nela inserto é obra de Gomes Monteiro, 391, apesar de se ter duvidado, 282 *n*, 390.— Erros nesta edição, 56, 59 *n*, 61, 284, 284 *n*, 364, 385. — Obras nela contidas, 285. — Seus publicadores, 282, 284 *n*, 390.—Reproduzida na edição de Lisboa, 284.—Simula-se outra edição, 283.

61 *Obras de G. V., correctas e emendadas pelo cuidado e diligencia de J. V. Barreto Feio e J. G. Monteiro.* Paris, 1843, 414. É edição simulada, 283.

Digitized by Google

62 *Obras de G. V. Editores J. da S. Mendes Leal Junior e F. I. Pinheiro.* Lisboa, 1852, variante no frontispício da edição da mesma data acima apontada, 284, 284 *n.*

63 *Prãto de maria parda porque vio as ruas de Lixboa com tam poucos ramos nas tauernas. E ho vinho tam caro.* (*De Gil Vycente*—). S. l. n. d., 4.º, gótico, edição anterior à de 1562, da *Copilaçam*, 289.—64 *Pranto de Maria Parda.* Lisboa, 1619, 292. — 65 *Pranto de Maria Parda.* Lisboa, 1632, 4.º, 293, 414. — 66 *Pranto de Maria Parda, porque vio as Ruas de Lisboa...* Lisboa, 1643, 4.º, 293, 414. — 67 *Pranto de Maria Parda, porque vio as Ruas de Lisboa...* Lisboa, 1645, 4.º, 294, 391, 414.—68 *Pranto de Maria Parda, porque vio as Ruas de Lisboa...* Lisboa, 1665, 4.º, 295, 391, 414.—69 *Pranto de Maria Parda, porque vio as Ruas de Lisboa...* Lisboa, 1665. Uma folha, 295, 414.—70 *Pranto de Maria Parda, Porque vio as ruas de Lisboa...* 1665, 295, 414.—71 *Pranto de Maria Parda, Porque vio as ruas de Lisboa (Gil Vicente—)...*, Lisboa, 1902, 8.º, 299, 415.

72 *Romãce ẽ vulgar estilo pera cãtar ao som de Emperatriz y Reyna... (Segue se hũ —)*, incluido noutra obra de diverso autor, 290.

73 *Romance que cuenta de como fue levantado por Rey el muy alto Principe dom João tercero Rey de Portugal. (Sigue se la segunda parte que es—)*, a seguir ao precedente, 290.

74 *Tragicomédia alegorica del parayso y del infierno. Moral representaciõ...* Burgos, 1539, 4.º gótico, 288, 407.

75 *Triumpho do Inverno. Comedia.* Lisboa, 1613, 4.º, 292, 413.

76 *Visitação* (*Monologo do* Vaqueiro) *Todo o Mundo e Ninguem* (*Da farça* Auto da Lusitania) *O Preguiçoso* (*Da farça* Juiz da Beira) *A Velha Namorada* (*Da tragicomedia* Triumpho do Inverno) *Scenas do Auto da Feira. Prece da Cananéa* (Do Auto da Cananêa) *(Gil Vicente Quarto Centenario do Theatro Portuguez—).* Lisboa, 1902, 8.º, 300, 415.

GIL VICENTE—*Catalogo das suas obras:*

1 *Amadis de Gaula*, tragicomédia tirada de um romance de cavalaria, tem pontos de semelhança com o *Dom Duardos*, 228. — Canto e música, 423.—Censura: o *Index* castelhano de 1559 proibe o auto, 228, 289, 303; em 1586 mandaram-se riscar alguns versos, 340, 341, 355; o *Index* português de 1624 manda riscar alguns versos, 292, 293, 303, 352; no *Index* espanhol de 1747 mantem-se a proibição para a edição antiga, mas permitem-se outras, 290, 292, 303.— Edições avulso, 289, 290, 292, 293, 352, 405, 408, 411, 413. — Impressa: na ed. de 1562 da *Copilaçam de todalas obras*, 274; na ed. de 1586 da *Copilaçam*, 281; na de 1834 das *Obras*, 283; na de 1852, das *Obras*, 285; na de 1914 das *Obras*, 286.—Representação, 228, 242, 405. — Rúbrica, 228, 274.—Título, 228.

2 *Auto da Aderência do Paço*, auto perdido, 93.—Censura: o *Rol dos livros defesos* de 1551 proibe o auto, 93, 228, 289, 303, 354; em 1624 torna a ser proibido no *Index*, 351. — Composição, quando seria, 405.—Edição avulso, 289. — Impresso antes de 1551, 93, 289, 407. — Talvez seja a *Romagem de agravados*, 228, 289, 303.

3 *Auto da Alma.* — Canto, 420. — Censura: a de 1586 suprime alguns versos, 308, 355. — Edição avulso, 299, 415.—Estudo crítico pelo Visconde de Ouguela, 299.— Excertos, 287.— Impresso: na ed. de 1562 da *Copilaçam*, 272; na de 1586 da *Copilaçam*, 280; na de 1834 das *Obras*, 283; na de 1852 das *Obras*, 285; na de 1907 das *Obras*, 285.—Representação, 52, 90, 388, 398. — Rúbrica, 52, 90, 272; errada, 52, 394.

Auto de Amadis de Gaula, vidè *Amadis de Gaula.*

4 *Auto da Barca da Glória* é o terceiro auto das *Barcas*, 96.—Canto, 421.—Censura: a de 1586 suprime alguns versos, 310, 355; a de 1624 manda riscar a última parte da marcação final, 352.—Edições avulso, 293, 296, 296-297, 299, 413, 414.—Impresso: na ed. de 1562 da *Copilaçam*, 273; na de 1586 da *Copilaçam*, 280; na ed. de 1834 das *Obras*, 283; na de 1852 das *Obras*, 285; na de 1914 das *Obras*, 286.—Representação, 84, 96, 97, 98, 399. — Rúbrica, 99, 273, 296, 299.

5 *Auto da Barca do Inferno*, primeiro auto da trilogia das *Barcas*, 84. — Canto e dança, 420. —Censura: a de 1586 suprime e altera versos, 308, 355; a de 1624 suprime mais um verso, 352.— Composição, 79. — Edições avulso, 291, 292, 293, 296, 297, 297, 298, 298, 391, 413, 414.—Impresso: em vida do autor com o título de *Auto de Moralidade*, 287, 398; na ed. de 1562 da *Copilaçam*, 272; na de 1586 da *Copilaçam*, 280; na de 1834 das *Obras*, 283; na de 1852 das *Obras*, 285; na de 1907 das *Obras*, 285; na de 1916 dos *Autos*, 287.—Nomeiam-se pessoas viventes, 85, 86.—Representação, 82, 84, 85, 86, 397.—Reprodução prometida do texto da edição princeps, 357 — Rúbrica na *Copilaçam*, 84, 272, diversa da da edição mais antiga, 391, e doutras duas edições avulso, 391.

6 *Auto da Barca do Purgatório*, segunda scena da trilogia das *Barcas*, 95; é o último auto representado à rainha D. Leonor, 389, 398.—Canto, 420, 421. —Censura: a de 1586 suprime e altera versos, 309, 355. — Edições avulso, 293, 296, 296, 298, 413, 414.—Impresso: na ed. de 1562 da *Copilaçam*, 272; na de 1586 da *Copilaçam*, 280; na de 1834 das *Obras*, 283; na de 1852 das *Obras*, 285; na de 1907 das *Obras*, 285. — Representação, 84, 95, 96, 398. — Rúbrica na *Copilaçam*, 95-96, 272, diversa da das edições avulso, 296, 298.

Digitized by Google

Auto do Breve sumario da historia de Deus, vidè *Breve sumário*, etc.

7 *Auto da Cananeia* composto a pedido da D. Abadessa de Odivelas, sôbre o evangelho da Cananeia, 229, 230, 273.—Canto, 421.—Censura: a de 1586 fez córtes e alterações, 311, 355.—Edição avulso, 391, 413.—Impresso: na ed. de 1562 da *Copilaçam*, 273; na de 1586 da *Copiloçam*, 281; na de 1834 das *Obras*, 283; na de 1852 das *Obras*, 285; na de 1907 das *Obras*, 285.—Reimpressão de trecho, 300.—Representação, 299, 231, 232, 242, 405, 406; talvez nalguma festa religiosa no convento, 231.—Rúbrica, 229, 273, 391.

8 *Auto das Ciganas*—Canto e dança, 430.—Censura: poupou-o, 355.—Impresso: na ed. de 1562 da *Copilaçam*, 276; na de 1586 da *Copilaçam*, 281; na de 1834 das *Obras*, 283; na de 1852 das *Obras*, 285; na de 1914 das *Obras*, 286.—Representação, 105, 142, 143, 161, 401.—Rúbrica, 142, 276; êrro da data, 105, 142, 400.—Variante nas duas edições da *Copilaçam*, 348.

Auto de D. Duardos, vidè *Dom Duardos*.

9 *Auto das Fadas*, nêle fala um diabo em língua picarda e nomeiam-se pessoas viventes, 57.—Canto e música, 429.—Impresso: na ed. de 1562 da *Copilaçam*, 276; na de 1834 das *Obras*, 283; na de 1852 das *Obras*, 285; na de 1912 das *Obras*, 285.—Representação, 57, 395, 397. Rúbrica, 276.—Suprimido em 1586 pela censura, 192 *n*, 346, 351, 354.

10 *Auto da Fama*, seu argumento, 276.—Censura: a de 1586 altera alguns versos, 345, 346, 355.—Data da composição, 81, 396.—Impresso: na ed. de 1562 da *Copilaçam*, 276; na de 1586 da *Copilaçam*, 281; na de 1834 das *Obras*, 283; na de 1852 das *Obras*, 285; na de 1912 das *Obras*, 285; na de 1916 dos *Autos*, 287.—Música, 429.—Representação, 79, 80, 81, 396, 397.—Rúbrica, 79, 276, 386; a qual está errada, 79, 395.

11 *Auto da Fé*—Canto, 418.—Censura, a de 1586 suprime e altera versos, 306, 355.—Edição avulso, 292.—Impresso: na ed. de 1562 da *Copilaçam*, 272; na de 1586 da *Copilaçam*, 280; na de 1834 das *Obras*, 283; na de 1852 das *Obras*, 285; na de 1912 das *Obras*, 285.—Representação, 50, 56, 121, 395.—Rúbrica, 50, 272, 292.

12 *Auto da Feira*, uma das suas mais afamadas e discutidas peças, 186.—Canto e dança, 420.—Censura: a de 1586 suprime varios trechos, 189, 190, 191, 301, 355.—Impresso: na ed. de 1562 da *Copilaçam*, 272; na de 1586 da *Copilaçam*, 280; na de 1834 das *Obras*, 283; na de 1852 das *Obras*, 485; na de 1907 das *Obras*, 285; na de 1916 dos *Autos*, 287.—Nomeiam-se pessoas viventes, 187.—Reimpressão de trecho, 300.—Representação, 161, 186 a 192.—Rúbrica, 186, 272; errada, 186, 403.

13 *Auto da Festa*, obra desconhecida, 82 *n*, 300.—Composta durante a viuvez do autor, 79.—Dados auto-biográficos, 31, 84.—Edições: antiga, 291; modernas, 82 *n*, 287, 300, 416.—Impresso: na ed. de 1912 das *Obras*, 285.—Representação, 82, 83, 397.—Sumário, 291.—Trecho largo tirado para o *Templo de Apolo*, 83, 150, 151.

14 *Auto dos Fisicos*, farsa popular, 25.—Auto-alusão, 63.—Canto, 431.—Censura: a de 1551 proíbe-o, 93, 289, 303; a de 1562 deixa-o imprimir, 93, 303; a de 1586 torna a proíbi-lo, 192 *n*, 349, 351, 354; a de 1624, mantêm a proibição, 351.—Edição avulso, 93, 269, 407. Impresso: na ed. de 1562 da *Copilaçam*, 277; na de 1837 das *Obras*, 283; na de 1852 das *Obras*, 285; na de 1912 das *Obras*, 285.—Introduzem-se como figuras pessoas vivas, nomeadas pelos seus nomes, 25, 54, 65, 66, 68.—Nomeiam-se outras, 62, 68.—Representação, 62 a 70, 395.—Rúbrica, 63, 277.—Trechos publicados em Hamburgo, 286.

Auto da História de Deus, vidè *Breve sumário*, etc.

15 *Auto da India*, no qual se começam a expandir as qualidades dramáticas do autor, 118.—Canto, 429.—Censura: a de 1586 modifica alguns versos, 345, 355.—Edição avulso, 300, 416.—Impresso: na ed. de 1562 da *Copilaçam*, 275; na de 1586 da *Copilaçam*, 281; na de 1834 das *Obras*, 283; na de 1852 das *Obras*, 285; na de 1912 das *Obras*, 285.—Nomeiam-se pessoas viventes, 71.—Representação, 43, 56, 70, 71, 395.—Rúbrica, 56, 275.

16 *Auto de Inês Pereira*, a mais perfeita comédia de G. V., 357, foi composta sôbre um tema dado para provar a seus detractores se «fazia de si mesmo estas obras, ou se as furtava doutros autores», 48, 54, 128, 276, circunstância omitida na rúbrica da edição mais antiga: 289, 365.—Canto e dança, 429, 430.—Censura: a de 1586 suprime e altera versos, 347, 355.—Continua o auto na *Farsa do Juiz da Beira*, 147.—Edição anterior à primeira da *Copilaçam*, 289, 357; confrontação dos dois textos, 365 a 385.—Edição posterior, 299, 415.—Erros na edição de Hamburgo, 385.—Exemplar da Bib. Nac. de Madrid serviu para a transcrição, 289, 358.—Impresso: na ed. de 1562 da *Copilaçam*, 276; na de 1586 da *Copilaçam*, 281; na de 1834 das *Obras*, 283; na de 1852 das *Obras*, 285; na de 1912 das *Obras*, 285.—Nomeiam-se pessoas viventes, 129, 130, 133, 200.—Representação, 127, 128 a 134, 400.—Rúbrica, 54 *n*, 128, 276, 289, 365.—Transcrição integral, 365 a 385.

17 *Auto do Jubileu de Amores*, auto perdido, 93.—Censura: a de 1551 proíbe-o, 93, 289, 303, 354; a de 1624 mantêm a proibição, 351.—Edição avulso, 93, 289, 407.—Quando composto e representado, 93, 402.—Representado

Digitized by Google

em Bruxelas, 93, 214, 289, 405, provoca escândalo, 93, 168.

18 *Auto da Lusitânia*, seu argumento, 215.—Canto e dança, 431.—Censura: a de 1551 proibe-o, 93, 217, 288, 303; a de 1562 deixa-o imprimir, 93, 303; a de 1586 suprime-lhe versos, 348, 349; a de 1624 torna a proibi-lo, com os diabos, 357.—Dados auto-biográficos, 31, 215.—Edições avulso, 93, 217, 288, 407.—Excertos, 287, 300.—Impresso: na ed. de 1562 da *Copilaçam*, 277; na de 1586 da *Copilaçam*, 281; na de 1834 das *Obras*, 283; na de 1852 das *Obras*, 285; na de 1912 das *Obras*, 285.—Representação, 214 a 217, 405.—Rúbrica, 214, 277.

Auto dos Mistérios da Virgem crismado pelo vulgo em *Auto da Mofina Mendes*, 232.

19 *Auto da Mofina Mendes*, pôs-lhe o vulgo o nome, era o *Auto dos Mistérios da Virgem*, 228, 232.—Canto, dança e música, 419, 420.—Censura: a de 1586 suprime muitos versos, 306, 351, 355; a de 1624 mantêm as supressões, 351.—Impresso: na ed. de 1562 da *Copilaçam*, 272; na de 1586 da *Copilaçam*, 280; na de 1834 das *Obras*, 283; na de 1852 das *Obras*, 285; na de 1907 das *Obras*, 285; na de 1916 dos *Autos*, 287.—Representação, 232, 233, 242, 406.—Rúbrica, 232, 272.

20 *Auto de Moralidade*, é o auto da *Barca primeira*, ou *Barca do Inferno*, 291.—Argumento, 287, 291; diferente da rúbrica na ed. da *Copilaçam*, 391.—Edição prometida, 357.—Imitação em castelhano, 288.—Impressão mandada fazer pelo autor, 287, que para ela tirou privilégio, 287, 288, 357, 387; quando seria feita, 288, 357, 398.—Outra impressão avulsa, 291.

Auto del Nacimiento, designação dada ao monólogo da *Visitação* e *Auto pastoril castelhano* reunidos, 286, 287.—Trechos impressos, 286, 287.

21 *Auto pastoril castelhano* feito a pedido da Rainha Velha, 50, 393, é obra muito simples, 118, e a única em que existem referências a D. João II, 40.—Canto, dança e música, 418.—Censura: a de 1586 suprime alguns versos, 305, 355.—Impresso: na ed. de 1562 da *Copilaçam*, 271; na de 1586 da *Copilaçam*, 280; na de 1834 das *Obras*, 283; na de 1852 das *Obras*, 285; na de 1914 das *Obras*, 285.—Representação, 45, 393.—Rúbrica, aliás, argumento, 271.—Trechos impressos sob título de *Auto del Nacimiento*, 286, 287.

Auto pastoril del Nacimiento, vidè *Auto del Nacimiento*.

22 *Auto pastoril português*, em que alude a si próprio pelo seu nome, 135.—Canto e dança, 420.—Censura: a de 1586 suprime muitos versos, 307, 355.—Edição avulso, 299, 415.—Impresso: na ed. de 1562 da *Copilaçam*, 272; na de 1586 da *Copilaçam*, 280; na de 1834 das *Obras*, 283; na de 1852 das *Obras*, 285; na de 1907 das *Obras*, 285; na de 1916 dos *Autos*, 287.—Representação, 127, 135, 400.—Rúbrica, 135, 272, 299.

23 *Auto de Pedreanes*, nome que lhe pôs o vulgo, 197, 228.—Censura: a de 1551 proibe-o, 93, 197, 289, 303; a de 1562 deixa-o imprimir com o título de *Farsa do Clérigo da Beira*, 93, 289, 303.—Edição avulso, 289; impressa antes de 1551, 93, 407.—Vidè *Farsa do Clérigo da Beira*.

Auto da primeira, da segunda e da terceira Barca, vidè *Auto da Barca da Gloria, da do Inferno e da do Purgatório*.

24 *Auto dos Quatro tempos*, as estações são o Inverno, Verão, Estio e Outono, 193.—Canto, 418, 419.—Censura: a de 1586 suprime e altera versos, 306, 355.—Impresso: na ed. de 1562 da *Copilaçam*, 272; na de 1586 da *Copilaçam*, 280; na de 1834 das *Obras*, 283; na de 1852 das *Obras*, 285; na de 1914 das *Obras*, 286.—Data da representação, 51, 118, 393, 394, 395.—Representação, 50, 51, 117, 118, 393, 395.—Rúbrica, 50, 117, 118, 272.—Trechos publicados, 286.

25 *Auto dos Reis Magos*, feito a pedido da Rainha Velha, 50, 393, é obra muito simples, 118.—Canto, 418.—Censura: a de 1586 suprime alguns versos, 305, 355.—Impresso: na ed. de 1562 da *Copilaçam*, 271; na de 1586 da *Copilaçam*, 280; na de 1834 das *Obras*, 283; na de 1852 das *Obras*, 285; na de 1914 das *Obras*, 286.—Representação, 45, 50, 393.—Rúbrica, 50, 271.—Trechos publicados, 286.

26 *Auto de San Martinho*, obra muito simples, 118.—Canto, 421.—Censura: respeitou-o, 355.—Edição avulso, 392, 413.—Impresso: na ed. de 1562 da *Copilaçam*, 273; na de 1586 da *Copilaçam*, 281; na de 1834 das *Obras*, 283; na de 1852 das *Obras*, 285; na de 1914 das *Obras*, 286; na de 1916 dos *Autos*, 287.—Representação, 51, 394.—Rúbrica, 51, 273.

27 *Auto da Sibila Cassandra*.—Canto e dança, 418.—Censura: a de 1586 apenas modifica um verso, 306, 355.—Impresso: na ed. de 1562 da *Copilaçam*, 272; na de 1586 da *Copilaçam*, 280; na de 1834 das *Obras*, 283; na de 1852 das *Obras*, 285; na de 1914 das *Obras*, 286.—Representação, 49, 50, 117, 118; data dela, 118, 394, 395, 396.—Rúbrica, 50, 118, 272.—Trechos publicados, 286.

28 *Auto da Vida do Paço*, auto perdido, 93.—Censura: a de 1551 proibe-o, 93, 303, 354; a de 1624 mantêm a proibição, 351.—Data da composição, 405.—Edição avulso, 289, impressa antes de 1551, 93, 407.—Talvez fôsse reimpresso em 1562 sob título de *Romagem de agravados*, 228, 289, 303.

Autos das Barcas, vidè *Auto de Moralidade*, e os seguintes:

Barca da Glória, vidè *Auto da Barca da Glória*.

Digitized by Google

Barca do Inferno, vidè *Auto da Barca do Inferno.*
Barca primeira, vidè *Auto da Barca do Inferno.*
Barca do Purgatório, vidè *Auto da Barca do Purgatório.*
Barca segunda, vidè *Auto da Barca do Purgatório.*
Barca terceira, vidè *Auto da Barca da Glória.*
29 *Breve sumário da Historia de Deus*, espécie de *mystère*, 161.—Canto e música, 421.—Censura: a de 1586 altera e suprime versos, 310, 355.—Edições avulso: anterior à primeira da *Copilaçam*, 290, 357; outra ainda do século XVI, 291, 412.—Impresso: na ed. de 1562 da *Copilaçam*, 273; na de 1586 da *Copilaçam*, 280; na de 1834 das *Obras*, 283; na de 1852 das *Obras*, 285; na de 1907 das *Obras*, 285.—Representação, 161, 185, 402, 403.—Rúbrica, 162, 273, 290, 291; esta errada, 161, 403.
30 *Carta a D. João III* escrita em 1531, em seguida ao grande terremoto, 212, 213, 405.—Censura: a de 1586 suprime-a, 192 *n*, 213, 350, 351, 354.—Dado auto-biográfico aproveitável nela contido, 32.—Data dela, 213.—Impressa: na ed. de 1562 da *Copilaçam*, 277; na de 1834 das *Obras*, 283; na de 1852 das *Obras*, 285; na de 1907 das *Obras*, 285; na de 1916 dos *Autos*, 287.—Reimpressão, 299, 415.—Sumário, 212 *n*, 277.—Trechos transcritos, 212, 213.
Clérigo da Beira, vidè *Farsa do Clérigo da Beira.*
31 *Comédia da Floresta de enganos*, derradeira comédia que o autor fez, 235, 238, 240, 274, 406.—Canto e música, 422.—Censura: a de 1586 suprime e altera versos, 315, 355; a de 1624 manda ler cautamente um trecho, 352.—Composta sendo o autor bem velho, 237, e não é plausível acreditar que tivesse nela representado, 237.—Dados auto-biográficos duvidosos, 30.—Impressa: na ed. de 1562 da *Copilaçam*, 274; na de 1586 da *Copilaçam*, 281; na de 1834 das *Obras*, 283; na de 1852 des *Obras*, 285; na de 1912 das *Obras*, 285.—Representação, 235, 236, 406, seguida pouco depois da morte do autor, 241, 242.—Rúbrica, 235, 274.
32 *Comédia de Rubena* representada ao príncipe D. João, 23, 24.—Canto e música, 421, 422.—Censura: a de 1586 suprime e altera versos, 312; a de 1624 proíbe-a toda, 352, 354.—Êrro supô-la representada em Évora, 7, 23, 24; prova-se que o foi em Lisboa, 25, 26.—Impressa: na ed. de 1562 da *Copilaçam*, 273; na de 1586 da *Copilaçam*, 281; na de 1834 das *Obras*, 283; na de 1852 das *Obras*, 285; na de 1912 das *Obras*, 285.—Nomeiam-se pessoas viventes, 25, 104, 199.—Representação, 25, 26, 101 a 105, 399.—Rúbrica, 25, 270, 273.—Trechos publicados, 286, 287.
33 *Comédia sôbre a Divisa da cidade de Coimbra*, que deu origem ao conflito com Sá de Miranda, 169.—Alusões à família rial e seus parentes, 167.—Canto e música, 422.—Censura: a de 1586 suprime versos, 314, 355.—Impressa: na ed. de 1562 da *Copilaçam*, 274; na de 1586 da *Copilaçam*, 281; na de 1834 das *Obras*, 283; na de 1852 das *Obras*, 285; na de 1912 das *Obras*, 285.—Representação, 161, 167, 168, 169, 403.—Rúbrica, 167, 274.
34 *Comédia do Viúvo* na qual alude à sua recente viuvez, 38.—Canto e dança, 422.—Censura: a de 1586 suprime e altera versos, 313, 355.—Impressa: na ed. de 1562 da *Copilaçam*, 273; na de 1586 da *Copilaçam*, 281; na de 1834 das *Obras*, 283; na de 1852 das *Obras*, 285; na de 1914 das *Obras*, 286.—Representação, 76, 77, 78, 88.—Rúbrica, 76, 273, 274, 396.—Trechos publicados, 286, 287.
35 *Côrtes de Júpiter*, tragicomédia em que se mistura o cristianismo com a mitologia, 108.—Canto, dança e música, 424, 425.—Censura: a de 1586 apenas modifica alguns versos, 348, 355.—Impressa: na ed. de 1562 da *Copilaçam*, 275; na de 1586 da *Copilaçam*, 281; na de 1834 das *Obras*, 283; na de 1852 das *Obras*, 285; na de 1907 das *Obras*, 285.—Nomeiam-se pessoas viventes, 61, 66 *n*, 71, 109, 111, 112, 113, 387, 388.—Representação, 75, 107, 108, 109, 112, 253, 399.—Rúbrica, 107, 275; errada, 107, 399.
36 *Diálogo de três Judeus e dous Centúrios sôbre a Resurreição de Cristo*, espécie de complemento do *Breve sumário*, 161.—Censura: a de 1586 suprime alguns versos, 311, 355.—Edições avulso: uma anterior à primeira ed. da *Copilaçam*, 290, 357; outra posterior, 291.—Impresso: na ed. de 1562 da *Copilaçam*, 273; na ed. de 1586 da *Copilaçam*, 280; na ed. de 1834 das *Obras*, 283; na ed. de 1852 das *Obras*, 285; na de 1907 das *Obras*, 285.—Representação, 161, 185, 402, 403.—Rúbrica, 162, 273, 290.
Diálogo sôbre a Resurreição, vidè o precedente.
Divisa da cidade de Coimbra, vidè *Comédia sôbre a Divisa da cidade de Coimbra.*
37 *Dom Duardos*, tragicomédia tirada de uma novela de cavalaria, 145, 401, tem pontos de semelhança com o *Amadis de Gaula*, 228.—Canto e música, 423.—Censura: a de 1551 proíbe o auto, 93, 288, 303; a de 1562 deixa-o imprimir, 93, 303; a de 1586 altera e suprime muitos versos, 316 a 340, 357; a de 1624, proíbe a edição antiga, mas autoriza outra, 292, 352.—Edições avulso: anterior a 1551, uma, 93, 145, 228, 238, 288, 351, 407; posteriores a 1562, várias, 292, 293, 293, 294, 297, 352, 413, 414.—Impressa: na ed. de 1562 da *Copilaçam*, 270, 274; na de 1586 da *Copilaçam*, 279, 281; na de 1834 das *Obras*, 283; na de 1852, das *Obras*, 285; na de 1914 das *Obras*, 286.—Prólogo, 49, 145, 146, 279, 295, 316, 402, 448.—Redação muito diferente nas várias edições, 238; ignoro em qual das edi-

Digitized by Google

ções da *Copilaçam* se reproduziu o texto antigo, 357. — Representação, 145, 146, 147; quando teve lugar, 145, 161, 401.—Rúbrica, 145, 270, 274, 294, 297.—Variantes nas edições de 1562 e 1586 da *Copilaçam*, 238, 239, 316 a 340, 355.

Epistola dedicatória a D. João III, 283, 285.—Vidè *Prólogo a D. João III.*

38 *Epitáfio de Branca Bezerra*, 38, não é incluido por Luis Vicente nas obras meudas do pai, 258.

Epitáfio do poeta, vidè *Sepultura de G. V.*

39 *Exortação da guerra*, tragicomédia retocada pelo autor, 74, 75, 76, 81, 238, 387, 388, 404, 406.—Canto e dança, 424.—Censura: a de 1586 proibe-a, 192 *n*, 343, 351, 353, 354; a de 1624 mantêm a supressão, 353.—Excertos publicados, 287.—Impressa: na ed. de 1562 da *Copilaçam*, 275; na de 1834 das *Obras*, 283; na de 1852 das *Obras*, 285; na de 1907 das *Obras*, 285.—Nomeiam-se pessoas viventes, 74, 337.—Representação, 74, 75, 76, 396.—Rúbrica, 74, 275; errada, 74, 396.

Fala aos frades de Santarém, 212, 213.—Vidè *Carta a D. João III.*

40 *Farsa dos Almocreves*.—Canto e música, 430. Censura: a de 1586 suprime versos, 348; a de 1624 proibe-a toda, 353, 354.—Impressa: na ed. de 1562 da *Copiloçam*, 277; na de 1586 da *Copilaçam*, 281; na de 1834 das *Obras*, 283; na de 1852 das *Obras*, 285; na de 1907 das *Obras*, 285.—Nomeiam-se pessoas viventes, 179, 180, 403.—Representação, 161, 178 a 181.—Rúbrica, 178, 180 *n*, 277; errada, 161, 178, 402.

41 *Farsa da Caça dos Segredos*, indicada numas *Trovas* do autor, 91, 388, é perdida, 92.

Farsa das Ciganas, vidè *Auto das Ciganas.*

42 *Farsa do Clérigo da Beira*, chamada pelo vulgo *Auto de Pedreanes*, 197, 228, 303.—Canto, 430.—Censura: a de 1551 proibe-a, chamando-lhe *Auto de Pedreanes*, 93, 289; a de 1562 deixa-a imprimir, 93, 289, 303; a de 1586 suprime-a outra vez, 192 *n*, 348, 351, 354.—Data da composição, 195, 196, 404.—Impressa: na ed. de 1562 da *Copilaçam*, 277; na de 1834 das *Obras*, 283; na de 1852 das *Obras*, 285; na de 1907 das *Obras*, 285.—Nomeiam-se pessoas viventes, 105, 134, 185, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 203, 205, 207, 390.—Representação, 161, 186, 197 a 207, 404.—Rúbrica, 161, 196-197, 277; errada, 161, 197, 402.—Sátira a Sá de Miranda, 172, 196; de cujas críticas em parte da farsa se desforça o autor, 170 a 173.

Farsa dos Fisicos, vidè *Auto dos Fisicos.*

Farsa de Inês Pereira, vidè *Auto de Inês Pereira.*

43 *Farsa do Juiz da Beira*, continuação do *Auto de Inês Pereira*, 147.—Canto e dança, 430.—Censura: a de 1586 emenda um verso, 348, 355.—Edições avulso, 292, 293, 293-294, 294, 297, 414; nalgumas delas há variantes do texto da *Copilaçam*, 294.—Impressa: na ed. de 1562 da *Copilaçam*, 276; na de 1586 da *Copilaçam*, 281; na de 1834 das *Obras*, 283; na de 1852 das *Obras*, 285; na de 1912 das *Obras*, 285.—Licença para se imprimir, 292, 413.—Nomeia pessoas viventes, 147.—Reimpressão de trecho, 300.—Representação, 147, 161, 401, 402.—Rúbrica, 147, 276, 293-294, 297.

44 *Farsa de Quem tem farelos*, nome pôsto pelo vulgo, 121, 197, 228, 275.—Canto e música, 428.—Censura: poupou-a, 355.—Impressa: na ed. de 1562 da *Copilaçam*, 270, 275; na de 1586 da *Copilaçam*, 280, 281; na de 1834 das *Obras*, 283; na de 1852 das *Obras*, 285; na de 1912 das *Obras*, 285.—Representação: data dela errada na rúbrica, 51, 119, 394, 395; averigua-se, 119, 121, 385.—Rúbrica, 51, 119, 270, 275; errada, 51, 119.—Variantes nas edições da *Copilaçam*, 344, 345.

45 *Farsa do Velho da horta*, representada na côrte, 25; mas não ao nascimento do infante D. Henrique, 58 *n*.—Canto e música, 429.—Censura: a de 1586 suprime e altera versos, 346; a de 1624 proibe-a toda, 353, 354.—Comparação de parte do texto com trovas de Garcia de Rèsende, 60.—Dados auto-biográficos duvidosos, 30, 31, 84.—Impressa: na ed. de 1562 da *Copilaçam*, 276; na de 1586 da *Copilaçam*, 281; na de 1834 das *Obras*, 283; na de 1852 das *Obras*, 285; na de 1907 das *Obras*, 285; na de 1916 dos *Autos*, 287.—Nomeiam-se pessoas viventes, 59, 71, 165 *n*, 229.—Representação, 58, 58 *n*, 59, 60, 62, 63, 395.—Rúbrica, 58 *n*, 276.

Floresta de enganos, vidè *Comédia da Floresta de enganos.*

46 *Frágoa de Amor*, tragicomédia, em que se «toma castelo por Caterina», 137.—Canto e música, 424.—Censura: a de 1586 suprime versos, 342, 353; a de 1624 fez o mesmo, 353; a de 1747 suprime-a toda, 354.—Impressa: na ed. de 1562 da *Copilaçam*, 274; na de 1586 da *Copilaçam*, 281; na de 1834 das *Obras*, 283; na de 1852 das *Obras*, 285; na de 1912 das *Obras*, 285.—Nomeiam-se pessoas viventes, 134, 138, 139, 140, 200, 390.—Representação, 127, 137 a 140, 401.—Rúbrica, 137, 274; errada na data, 137, 402.—Scenografia complicada, 138, 417.

História de Deus, vidè *Breve sumário*, etc.

Juiz da Beira, vidè *Farsa do Juiz da Beira.*

Monólogo do Vaqueiro, primeira produção dramática de G. V., 33, 148.—Recitação, 45.—Impresso em 1916 nos *Autos*, 287.—Vidè *Visitação.*

Monólogo da Visitação, vidè *Visitação.*

47 *Nau de Amores*, tragicomédia composta para a entrada da rainha D. Caterina em Lisboa, 162.—Canto e música, 423.—Censura: a de 1586 suprime versos, 341, 342, 352; a de 1624

Digitized by Google

mantêm essas supressões, 352; a de 1747 proíbe-a toda, 354.—Impressa: na ed. de 1562 da *Copilaçam*, 274; na de 1586 da *Copilaçam*, 281; na de 1834 das *Obras*, 283; na de 1852 das *Obras*, 285; na de 1912 das *Obras*, 285 — Nomeiam-se pessoas viventes, 163, 164, 390 —Representação, 161, 162 a 167, 403.—Rúbrica, 162, 274.—Scenografia complicada, 417.

48 *Orações dos grandes de Portugal a Nossa Senhora depois denterrado el Rei*, 116, 400.—Censura: poupou-as, 355.—Impressas: na ed. de 1562 da *Copilaçam*, 277; na de 1586 da *Copilaçam*, 281; na de 1834 das *Obras*, 283; na de 1852 das *Obras*, 285; na de 1907 das *Obras*, 285.—Nomeiam-se nelas pessoas viventes, 105, 116, 139.

49 *Palavras dos senhores de Portugal ao beijar da mão*, 125, 400.—Auto-alusões, 125.—Censura: a de 1586 suprime um verso, 350, 355.—Nomeiam-se pessoas viventes, 125.—Impressas: na ed. de 1562 da *Copilaçam*, 277; na de 1586 da *Copilaçam*, 281; na de 1834 das *Obras*, 283; na de 1852 das *Obras*, 285; na de 1907 das *Obras*, 285.

Paráfrase, vidè *Salmo de Miserere*.

50 *Parecer de G. V. neste processo de Vasco Abul à rainha D. Leonor*, 42, 55, 56.—Averigua-se a sua data, 42, 43, 386, 395.—Não é a sua mais antiga composição conhecida, 43; mas é a sua mais antiga obra impressa, 387.—Nomeiam-se nela pessoas viventes, 138 *n*.—Impresso em 1516 no *Cancioneiro geral*, 42, 387, 397.

51 *Pranto de Maria Parda*, a composição mais popular e mais vezes reproduzida, 357.—Censura: a de 1586 altera alguns versos, 350, 351; a de 1624 suprime alguns versos e proíbe o Testamento, 354, 391; a de 1747 proíbe toda a peça, 354, 391.—Composição, 127, 400. —Edição anterior à primeira da *Copilaçam*, 289, 357; confrontação dos dois textos, 357 a 364.—Edições posteriores, 292, 293, 293, 294, 295, 295, 295, 299, 299, 354, 414, 415.—Exemplar da biblioteca de Fernando Palha que serviu para a transcrição, 289, 357.—Erros na ed. de 1834 e nas posteriores, 364.—Impresso: na ed. de 1562 da *Copilaçam*, 278; na de 1586 da *Copilaçam*, 281; na de 1834 das *Obras*, 283; na de 1852 das *Obras*, 285; na de 1907 das *Obras*, 285.—Licença para imprimir, 292, 413.—Sumário, 127, 278, 289, 293, 294, 295, 299.—Texto da ed. da *Copilaçam* mais correcto que o da ed. anterior, 364.—Transcrição integral dos dois, 367 a 364.—Variante, 354.

52 *Prólogo a Dom João III*, 237, 240, 258, 406, 438.—Censura: a de 1586 suprime-o, 199 *n*, 305, 351, 354.—Impresso: na ed. de 1562 da *Copilaçam*, 270; na de 1834 das *Obras*, 283; na de 1852 das *Obras*, 285; na de 1907 das *Obras*, 285, vindo nestas três designado por *Epístola dedicatória*.

53 *Prólogo do Dom Duardos* ou do *Livro terceiro das Obras*, vidè em *Dom Duardos*.

Quem tem farelos, vidè *Farsa de Quem tem farelos*.

54 *Romagem de agravados*, tragicomédia, talvez tivesse sido crismada pelo vulgo em *Auto da Aderência do Paço* ou *Auto da Vida do Paço*, proibidos em 1551 pela censura, 228, 289, 303.—Canto, dança e música, 427, 428.—Censura: a de 1586 proíbe-a, 192 *n*, 344, 351, 353, 354; a de 1624 mantêm a supressão, 353. —Figura principal dela, 95.—Impressa: na ed. de 1562 da *Copilaçam*, 275; na de 1834 das *Obras*, 283; na de 1852 das *Obras*, 285; na de 1907 das *Obras*, 285.—Nomeiam-se pessoas viventes, 91, 105, 177 *n*, 214 *n*, 220.—Representação, 217 a 228, 242, 405.—Rúbrica, 217, 275.

55 *Romance à aclamação de D. João III*, 124, 400.—Censura: poupou-o, 355.—Impresso: na ed. de 1562 da *Copilaçam*, 277; na de 1586 da *Copilaçam*, 281; na de 1834 das *Obras*, 283; na de 1852 das *Obras*, 285; na de 1907 das *Obras*, 285.—Nomeiam-se pessoas viventes, 105, 124, 387.—Reproduzido no *Auto de Santiago*, 290.

56 *Romance à morte de D. Manuel*, 115, 399.—Censura: poupou-o, 355.—Impresso: na ed. de 1562 da *Copilaçam*, 277; na de 1586 da *Copilaçam*, 281; na de 1834 das *Obras*, 283; na de 1852 das *Obras*, 285; na de 1907 das *Obras*, 285.—Nomeiam-se pessoas viventes, 115.—Reproduzido no *Auto de Santiago*, 290.

57 *Salmo de Miserere mei Deus*, 239.—Censura: a de 1586 emenda dois versos, 349; a de 1624 proíbe-o todo, 354.—Composição, 402, 403.—Impresso: na ed. de 1562 da *Copilaçam*, 277; na de 1586 da *Copilaçam*, 281; na de 1834 das *Obras*, 283; na de 1852 das *Obras*, 285; na de 1907 das *Obras*, 285.

58 *Sepultura de G. V.*, 243, 244, 406.—Impressa na ed. de 1562 da *Copilaçam*, 278; na de 1586 da *Copilaçam*, 280, 281; na de 1834 das *Obras*, 283; na de 1852 das *Obras*, 285; na de 1916 dos *Autos*, 287.

59 *Sermão prègado em Abrantes*, 51, 394.—Auto-alusões fantasiosas, 52.—Censura: a de 1586 proíbe-o, 192 *n*, 350, 351, 354.—Impresso: na ed. de 1562 da *Copilaçam*, 277; na de 1834 das *Obras*, 283; na de 1852 das *Obras*, 285; na de 1914 das *Obras*, 286.—Sumario, 51, 277.

60 *Serra da Estrêla*, tragicomédia pastoril, representada ao nascimento da infanta D. Maria, 193, 403.—Canto e dança, 425, 426.—Censura: a de 1586 suprime e altera versos, 343, 344, 353, 355; a de 1624 mantêm as supressões, 353.—Impressa: na ed. de 1562 da *Copilaçam*, 275; na de 1586 da *Copilaçam*, 281; na de

Digitized by Google

1834 das *Obras*, 283; na de 1852 das *Obras*, 285; na de 1907 das *Obras*, 285.—Representação, 161, 181, 182.—Rúbrica 181, 275; composta depois da morte de G. V. por seu filho Luís Vicente, 181 *n*, 237, 407.

61 *Templo de Apolo*, tragicomédia composta estando o autor doente, 149.—Canto e dança, 424.—Censura: a de 1586 proíbe a toda, 192 *n*, 343, 351, 353, 354; a de 1624 mantêm a supressão, 353.—Impressa: na ed. de 1562 da *Copilaçam*, 275; na de 1834 das *Obras*, 283; na de 1852 das *Obras*, 285; na de 1912 das *Obras*, 285.—Nomeiam-se pessoas viventes, 151, 200.—Representação, 31, 75, 149, 150, 151, 158, 161, 402.—Rúbrica, 149, 275.—Trecho largo do *Auto da Festa* para esta tragicomédia transportado, 83, 150, 151.

62 *Testamento de Maria Parda* impresso nas edições de 1562 e 1586 da *Copilaçam*, foi mandado suprimir em 1624 pela censura, 354, 391.

63 *Tragicomédia alegorica del Parayso y del Infierno*, imitação castelhana do *Auto de Moralidade*, 288, foi impressa em Burgos antes da primeira ed. da *Copilaçam*, 288, 407.

Tragicomédias, vidè: *Amadis de Gaula, Côrtes de Júpiter, Dom Duardos, Exortação da guerra, Frágoa de Amor, Nau de Amores, Serra da Estrêla, Templo de Apolo e Triunfo do inverno.*

Trilogia das Barcas, 84.—Vidè *Autos das Barcas*.

64 *Triunfo do Inverno*, tragicomédia feita ao nascimento da infanta D. Izabel, 192, 404.—Canto e dança, 426, 427.—Censura: a de 1586 suprime e altera versos, 344, 355; a de 1624 suprime mais versos, 353.—Edição avulso, 292, 353, 413.—Impressa: na ed. de 1562 da *Copilaçam*, 275; na de 1586 da *Copilaçam*, 281; na de 1834 das *Obras*, 283; na de 1852 das *Obras*, 285; na de 1912 das *Obras*, 285.—Nomeiam-se pessoas viventes, 193.—Representação, 161, 192, 193, 194.—Rúbrica, 192, 275.—Trechos reimpressos: em Hamburgo, 286; em Lisboa, 300.

65 *Trovas ao rifão de Afonso Lopes Çapaio*, 239, 396; seu sumário, 239, 278, 390.

66 *Trovas ao mesmo estando doente*, 239; seu sumário, 239, 278, 390.

67 *Trovas outras ainda ao mesmo*, 390.—Todas estas trovas foram poupadas pela censura e andavam impressas juntas: na ed. de 1562 da *Copilaçam*, 278; na de 1586 da *Copilaçam*, 281; na de 1834 das *Obras*, 283; na de 1852 das *Obras*, 285; na de 1907 das *Obras*, 285.

68 *Trovas a uma càveira*, sempre juntas com a *Sepultura de G. V.*, 243, 244.

69 *Trovas ao Conde do Vimioso*, 72, 90, 91, 398.—Aludem a uma farsa perdida, 91.—Dados auto-biográficos, 72, 90, 91.—Impressas: na ed. de 1562 da *Copilaçam*, 277; na de 1586 da *Copilaçam*, 281; na de 1834 das *Obras*, 283; na de 1852 das *Obras*, 285; na de 1907 das *Obras*, 285.—Nomeia pessoa vivente, 90, 91.—Poupadas pela censura, 355.—Sumário, 90, 277.—Variante entre as duas edições da *Copilaçam*, 350.

70 *Trovas a D. João III*, 182, 403.—Dados auto-biográficos, 182, 183.—Impressas: na ed. de 1562 da *Copilaçam*, 278; na de 1586 da *Copilaçam*, 281; na de 1834 das *Obras*, 283; na de 1852 das *Obras*, 285; na de 1912 das *Obras*, 285.—Nomeia pessoas viventes, 182, 183.—Poupadas pela censura, 355.—Sumário, 182, 278.—Vidè *Vilancete a D. João III*.

71 *Trovas a Felipe Guilhem*, 207, 208, 399, 404.—Impressas: na ed. de 1562 da *Copilaçam*, 277; na de 1586 da *Copilaçam*, 281; na de 1834 das *Obras*, 283; na de 1852 das *Obras*, 285; na de 1914 das *Obras*, 286.—Nomeia pessoas viventes, 208.—Poupadas pela censura, 355.—Sumário, 207, 277.—Variante entre as duas edições da *Copilaçam*, 350.

72 *Trovas à morte de D. Manuel*, 115.—Impressas: na ed. de 1562 da *Copilaçam*, 277; na de 1586 da *Copilaçam*, 281; na de 1834 das *Obras*, 283; na de 1852 das *Obras*, 285, na de 1907 das *Obras*, 285.—Poupadas pela censura, 355.—Variantes entre as duas edições da *Copilaçam*, 350.

Vaqueiro, vidè *Monólogo do Vaqueiro*.

Velho da horta, vidè *Farsa do Velho da horta*.

Versos a uma càveira, vidè *Trovas a uma càveira*.

Vilancete a Dom João III.—Vidè *Trovas a Dom João III*.

73 *Visitação*, monólogo, primeira cousa que o autor fez e em Portugal se representou, 50.—Cousa nova em Portugal, 10.—Impressão: na ed. de 1562 da *Copilaçam*, 271; na de 1586 da *Copilaçam*, 280; na de 1834 das *Obras*, 283; na de 1852 das *Obras*, 285; em 1902 num opúsculo comemorativo do *Quarto Centenário do Teatro Português*, 300, 415; na ed. de 1914 das *Obras*, 285.—Incluida no chamado *Auto del Nacimiento* e impressa em Hamburgo, 286; e no *Auto pastoril del Nacimiento* é impressa em Paris, 287.—Poupada pela censura, 355.—Recitação, 41, 393.—Representação, 50.—Sumário, 41 *n*, 50, 271.—Vidè *Monólogo do Vaqueiro*.

GIL VICENTE — *Censura inquisitorial:* Em 1551 proíbe os autos da *Aderência do Paço*, 93, 192 *n*, 228, 289, 303, 354; de *Dom Duardos*, 93, 228, 238, 288, 303; dos *Fisicos*, 93, 192 *n*, 289, 303; do *Jubileu de Amores*, 93, 192 *n*, 289, 303, 354; da *Lusitânia*, 93, 217, 288, 303; de *Pedreanes*, 93, 197, 289, 303; e da *Vida do Paço*, 93, 192 *n*, 228, 289, 303, 354.

Em 1559 a censura espanhola proíbe o *Auto de Amadis de Gaula*, 228, 303.

Em 1562 a edição da *Copilaçam de todalas obras* foi vista pelos deputados da Inquisição, 168, 192, *n*, 257, 269, 303.—Não sabemos ao certo o

Digitized by Google

que fez, 192 *n*; mas parece ter sido extraordinàriamente benigna, 303.—Deixa passar o trecho alusivo à devassidão do clero na *Comédia sôbre a Divisa da cidade de Coimbra*, 168; todos os epigramas contra a Cúria no *Auto da Feira*, 189, 190, 191, etc.—Consentiu a reimpressão dos autos dos *Fisicos*, da *Lusitânia* e do *Dom Duardos*. 93, 303, e ainda a do *Auto de Pedreanes*, sob a designação de *Farsa do Clérigo da Beira*, 93, 303, e a de um dos *Autos da Aderência do Paço* ou da *Vida do Paço*, transformado em tragicomédia da *Romagem de agravados*, 228, 303.—Todos êles proibidos pela anterior censura, 93.—Apenas suprimiu a «ensellada que veyo de França», no fim do *Auto da Fé*, 192, *n*.

Em 1581, declarando que os autos carecem «de muita censura e reformação», 303, proíbe os *Prólogos*, 258, 303.

Em 1586 a edição da *Copilaçam* foi vista pelos deputados, 278.—O censor foi Fr. Bartolomeu Ferreira, 190, 213, 238, 279, que eliminou tudo quanto ofendia a si, à sua seita, aos de que directamente dependia, 190.—Corta o trecho alusivo à devassidão do clero na *Divisa da cidade de Coimbra*, 168, e os epigramas contra a Cúria no *Auto da Feira*, 189, 190, 191.—Proíbe: o *Auto das Fadas*, 192 *n*, 346, 351, 354; o *Auto dos Fisicos*, 192, 349, 351, 354; a *Carta de D. João III*, 192 *n*, 350, 351, 354; o *Clérigo da Beira*, 192 *n*, 348, 351, 354; a *Exortação da guerra*, 192 *n*, 343, 351, 354; o *Prólogo a D. João III*, 192 *n*; 303, 351, 354; a *Romagem de agravados*, 192 *n*, 228, 344, 351, 354; o *Sermam prègado em Abrantes*, 192 *n*, 350, 351, 354; o *Templo de Apolo*, 192 *n*, 343, 351, 354; e ainda o *Prólogo a D. Sebastião* de Luís Vicente, 304, 351.—Toda ela, 304 a 351.—Variantes no *Dom Duardos*, nem todas provenientes da censura, 238, 357.

Em 1624: autoriza certas edições do *Amadis*, 292, 293; do *Dom Duardos*, 292; do *Triunfo do Inverno*, 292.—Proíbe: os autos da *Aderência do Paço*, dos *Fisicos*, do *Jubileu de Amores*, da *Lusitânia* e da *Vida do Paço*, 351; a *Comédia de Rubena*, 352, 354; o *Dom Duardos* da edição antiga, 352; a *Exortação da guerra*, 353; as farsas dos *Almocreves* e do *Velho da horta*, 353, 354; a *Romagem de agravados*, 353; o *Salmo do Miserere*, 354; o *Templo de Apolo*, 353; o *Testamento de Maria Parda*, 354, 391.—Toda a censura, 351 a 354.

Em 1747, a espanhola, proíbe as tragicomédias *Frágoa de Amor* e *Nau de Amores*, 354; o *Pranto de Maria Parda*, 354, 391; e o *Amadis* que não seja de certas edições, 290.

Ao que toda a obra de G. V. ficaria reduzida por vontade dos Inquisidores, 354-355. — Obras com cortes e alterações, 355.—Obras ilesas, 355.—Concede licença para impressão dalguns autos, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 391.

GIL VICENTE — *Ourives*: Foi protegido pela rainha D. Leonor de quem se intitula ourives, 2, 4, 10, 15, 17, 19, 40, 53, 72, 148, 433.—Para ela lavrou pelo menos dois cálices, 10, 148.—Fá-lo ela nomear vedor das obras de oiro e prata que se fizerem para o convento de Tomar, hospital de Todolos Santos de Lisboa e mosteiro de Belêm, 5, 10, 53, 148, 389, 394, 433.—E' possivel que trabalhasse para o convento de Tomar, mas não existe prova, 4, 5.—Com o primeiro oiro vindo do Oriente manda-lhe D. Manuel esculpir a custódia de Belêm, 4, 46, 393.—Sem fundamento se afirmou não ser dêle o desenho, 48.— Conclui a custódia, 46, 52, 394.—Em quanto trabalhou nela apenas compôs o pequeno *Auto de S. Martinho*, 51.—Lavrou dois cálices para o mosteiro da Madre de Deus, 10, 47.—E uma cruz grande para o de Belêm, 47, 48.—Tinha oficina de ourives com oficiais hábeis para o auxiliarem, 47, 53.—Com ela, retirando também diante da peste, acompanhou D. Manuel para Almeirim, 52.—E' eleito pela bandeira dos ourives um dos vinte e quatro mesteres da Casa dos Vinte e Quatro, 73.—Em seguida é pelos seus colegas eleito procurador dos mesteres junto da vereação de Lisboa, 54, 73.—Suas atribuições, 73.—Exerce as respectivas funcções, 15, 434, para o que permanece em Lisboa, 118.—Reune em câmara com a vereação, 73.—E' nomeado mestre interino da balança da Moeda de Lisboa, 17, 19, 20, 54, 121, 148, 245, 389, 433.—Devia exercer o oficio durante a menoridade do filho do falecido mestre, 72-73, 433.—Foi-lhe concedido o oficio com aumento de ordenado, 245.—Pelo que foi equiparado ao dêle o do outro mestre da balança, 245, 245 *n*.—Estranha-se que, havendo sido criado pelo Regimento da Casa da Moeda, por o serviço ser muito, um segundo mestre da balança, andasse G. V. em repetidas jornadas acompanhando a côrte, 87.—Não é porêm rigorosamente exacto, 121.—Em quanto foi mestre da balança, apenas representou um auto em Almada e outro em Almeirim numas matinas do Natal, 121.—Seria nesta ocasião que levou a D. Manuel uns apontamentos dos mercadores, tosadores e alfaiates de Lisboa e lhes trouxe a resposta, 87, 435.—Passa recibo de 20:000 rs. dados por D. Manuel para ajuda do casamento de sua irmã Felipa Borges, e nêle se intitula mestre da balança, 5, 15, 34, 79.—No *Auto da Barca do Inferno*, representado no Natal de 1516, dirigiu-se em termos injuriosos ao Tesoureiro da Moeda de Lisboa, seu superior, 85, insinuando haver êle roubado, 86, 87.—Em todo o ano seguinte já não exerce o oficio de mestre da balança, 245, 246.—Tinha alvará régio para outro ourives o substituir, 245

Digitized by Google

—Consta da fôlha do ordenado pago ao outro, 246 *n*.—Do facto infiro que já êle então tencionava vender o oficio, 246.—Vende-o, 15, 88, 245, 436.—Fá-lo-hia para ocorrer às despesas do seu segundo casamento, 246.—Verbas do testamento de D. Manuel em que êle é nomeado, 47 *n*, 398.—Verbas do testamento da rainha D. Leonor: uma em que se mencionam os dois cálices da Madre de Deus, 10 *n*; outra pela qual consta ter-lhe dado casa em Lisboa, na rua de Jerusalêm, 53, 88, onde já ao tempo não habitava, 148.

GIL VICENTE — *Poeta e prosador*. Alude: no *Auto da Fama* às empresas dos Portugueses, desde a ocupação de Guiné até à tomada de Malaca, 80; na *Comédia da Divisa da cidade de Coimbra* à família rial e seus parentes, 167; no *Auto das Ciganas*, às damas do paço; na *Farsa de Quem tem farelos* ao rebate de Arzila, 121.

Alude a si próprio, pelo seu nome, ou por invocação da sua pessoa: em 1506, no *Sermam*, 52; em 1512, na *Farsa dos Físicos*, 63; em 1515, no *Auto da Festa*, 31 *n*; em 1518, nas *Trovas ao Conde do Vimioso*, 90, 91; em 1521, nas *Palavras dos senhores ao beijar da mão*, 125; em 1523, no argumento do *Auto de Inês Pereira*, 128; no mesmo ano, no *Auto Pastoril Português*, 135; em 1526, no *Templo de Apolo*, 149; em 1527, nas *Trovas a D. João III*, 182, 183; em 1531, na *Carta a D. João III*, 32, 213; em 1532, no *Auto da Lusitânia*, 215.

Alusões talvez a si próprio: em 1512, na *Farsa do Velho da Horta*, 30; em 1536, na *Floresta de enganos*, 30.

Apoda Garcia de Rèsende nas *Côrtes de Júpiter*, 61, 112.

Apreciado por Garcia de Rèsende na *Miscellanea*, 61.

Aproveita trabalho já feito para satisfazer a incumbências régias, 150, 151, 228.

Atribui nalgumas das suas trovas dizeres a pessoas vivas: nas *Orações dos Grandes*, 105; nas *Palavras dos senhores ao beijar da mão*, 125; no *Romance à morte de D. Manuel*, 115.

Auto atribuido a G. V.: *Auto da Donzella da Torre*, 300, 301, 392.

Autos perdidos: *Aderência do Paço*, 95; *Caça dos segredos*, 92; *Jubileu de Amores*, 93, 214; *Vida do Paço*, 95; o primeiro ou o quarto, algum dêles, talvez seja a *Romagem de agravados*, 228, 303.

Canto, dança e música nos seus autos, 417 a 431.

Catálogo: das compilações, 269 a 287; das impressões avulsas, 287 a 300, 391, 392.

Censura: aponta e condena a imoralidade e devassidão do clero, 54, 144, 151; mesmo diante de D. João III, rainha D. Caterina e cardial D. Afonso, 168; sem atacar contudo a religião, porque foi sempre católico convicto, 144; da sua ortodoxia dá fé a própria censura inquisitorial, 192; os versos suprimidos no *Auto da Feira*, 189, 190, 191, não o foram por conterem matéria herética, 190, apesar de nêles a corrupção da cúria e dos prelados ser verberada com verdadeira irreverência, mas é sempre um católico a falar, 191, 192; a unidade de crença religiosa tirava às suas sátiras em Portugal qualquer intenção heteródoxa, sendo recebidas entre gargalhadas, ao passo que em Bruxelas a representação do *Jubileu de Amores* foi um escândalo, 168; tanto assim era, que o trecho na *Divisa da cidade de Coimbra* relativo ao clero só foi suprimido na edição de 1586 da *Copilaçam de todalas obras*, 168; reprovava o procedimento do clero, mas sem tendências para a Reforma, 192; satiriza no *Clérigo da Beira* as acumulações de prebendas nos capelães do paço, 198; não é só o clero, também exprobra o procedimento dos poderosos, 220.

Compilação das obras: ordena-lhe D. João III que coligisse as suas obras, 74, 150, 237, 241, 242, 254; duvida-se porêm que o chegasse a fazer, 150, 237, 241, 385; pois que elas não foram revistas nem coordenadas cuidadosamente, pôsto que tivesse vontade de o fazer, 240; não obstante reviu e até modificou algumas, 238; apenas teve tempo para juntar em um livro parte delas, 237; sendo talvez ajudado nas cópias pela filha Paula Vicente, 254; chegou contudo a escrever o *Prólogo* a D. João III, 237, 240, 258.

Composição das produções dramáticas, não demandava larga preparação, 25, 150; e com muito pouca antecipação as preparava, 181.

Confrontação de textos vicentinos, 357; dos textos do *Pranto de Maria Parda*, 358 a 364; dos do *Auto de Inês Pereira*, 365 a 385.

Cristianismo e mitologia no mesmo auto, 108.

Dados auto-biográficos manifestos postos por ordem cronológica: no *Sermam prègado em Abrantes*, 52; no *Auto dos Físicos*, 63; no *Auto da Festa*, 31 *n*; nas *Trovas ao Conde do Vimioso*, 90, 91; nas *Palavras dos senhores ao beijar da mão*, 125; no *Auto de Inês Pereira*, 128; no *Auto Pastoril português*, 135; no *Templo de Apolo*, 149; nas *Trovas a D. João III*, 182, 183; na *Carta a D. João III*, 213; no *Auto da Lusitânia*, 215.—Duvidosos, no *Velho da horta* e na *Floresta de enganos*, 30.

Detractores do seu engenho disputam-lhe em vida a originalidade dos seus autos, 48, 54, 128, 365; dão-lhe um motivo para sôbre êle fazer uma peça e escreve o *Auto de Inês Pereira*, 128, 365.

Estudo da sua linguagem conveniente para a compreensão dos dialectos portugueses, 386.

Figuras nos autos: no da *Festa* introduz-se a si

Digitized by Google

próprio, 82; no dos *Fisicos* a pessoas vivas pelos seus nomes, 25, 54, 65, 66, 68.
Música dalgumas canções composta pelo próprio G. V., 417.
Nomeia pessoas viventes, dirigindo-se-lhes pelo seu nome: no *Auto das Fadas*, 57; *Auto da Feira*, 187; *Auto dos Fisicos*, 62, 68; *Auto da India*, 77; *Auto de Inês Pereira*, 129, 130, 133; *Barca do Inferno*, 85, 86; *Clérigo da Beira*, 105, 134, 185, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 205, 207; *Comédia de Rubena*, 25, 104, 199; *Comédia sôbre a Divisa da cidade de Coimbra*, 167; *Côrtes de Júpiter*, 61, 66 *n*, 71, 109, 111, 112, 113, 387, 388; *Exortação da guerra*, 74, 75, 387; *Farsa dos Almocreves*, 179, 180; *Frágoa de Amor*, 134, 138, 139, 140; *Juiz da Beira*, 147; *Nau de Amores*, 163, 164; *Parecer* no *Processo de Vasco Abul*, 138 *n*; *Romagem de agravados*, 51, 105, 177 *n*, 214 *n*, 220; *Romance à aclamação de D. João III*, 105, 124, 387; *Romance à morte de D. Manuel*, 115; *Templo de Apolo*, 151, 200; *Triunfo do Inverno*, 193; *Trovas ao Conde do Vimioso*, 90, 91; *Trovas a Felipe Guilhem*, 208; *Trovas* a D. João III, 182, 183; *Velho da horta*, 25, 59, 71, 165 *n*, 229.
Obras escritas em castelhano, 285-286; em castelhano e português, 285; só em português, 285.
Obras literárias: impressas em sua vida, 42, 287, 387, 391; privilégio concedido para elas, 287-288, 387; nas dramáticas usava diferente linguagem conforme a condição da personagem posta em scena, 386; é êrro supôr-se haver a filha Paula colaborado com êle, 252, 253, 254; impressões anteriores à primeira edição da *Copilaçam*, 288, 289, 290, 357; comprazia-se D. Sebastião na sua leitura e representação, 252, 258; são mandadas imprimir por seus filhos Paula e Luís, 150, 239, 244, 257; que as compilaram, 141, 252; aproveitando um livro onde parte delas por êle haviam sido transcritas, 257; a estas acrescentou Luís as mais de que pôde ter notícia, 257; privilégio para impressão e venda concedido a Paula, 89, 252, 257; começa a impressão em Coimbra, 252, 257; conclui-se em Lisboa, 252, 257; suprimidas pela censura: *Autos da Aderência do Paço, das Fadas, dos Fisicos, do Jubileu de Amores* e *da Vida do Paço*, *Carta a D. João III*, *Clérigo da Beira*, *Comédia de Rubena*, *Exortação da guerra*, *Farsa dos Almocreves*, *Frágoa de Amor*, *Nau de Amores*, *Pranto de Maria Parda*, *Prólogo a D. João III*, *Romagem de agravados*, *Salmo de Miserere*, *Sermam*, *Templo de Apolo*, *Velho da horta*; mutiladas, 355; ilesas, 355; vidè *Bibliografia e Catálogo*.
Paráfrases e adaptações de textos desprezadás, 300.
Poesias não dialogadas: *Epitáfio de Branca Bezerra*, 38; *Orações dos grandes de Portugal depois de enterrado D. Manuel*, 116; *Palavras dos senhores de Portugal ao beijar da mão de D. João III*, 125; *Parecer* no *Processo de Vasco Abul*, 42, 55, 386, 395; *Romance à aclamação de D. João III*, 124; *Romance à morte de D. Manuel*, 115; *Salmo de Miserere mei Deus*, 239; *Sepultura de Gil Vicente*, 243; *Sermão prégado em Abrantes*, 51; *Trovas a Afonso Lopes Çapaio*, ao seu rifam, 239, 396; *Trovas a Afonso Lopes Çapaio, estando doente*, 239; *Trovas a Afonso Lopes Çapaio*, terceiras, 390; *Trovas ao Conde do Vimioso*, 90; *Trovas a Felipe Guilhem*, 207; *Trovas a D. João III*, 182; *Trovas à morte de D. Manoel*, 115; *Versos a uma càveira*, 243, 244; *Vilancete a D. João III*, vidè *Trovas*; *Visitação*, 41.
Prosa: *Carta a D. João III*, 212; *Epistola dedicatoria a D. João III*, 283, 284, ou *Prólogo a D. João III*, 237; *Prólogo do livro III das Obras*, 316, 402.
Representa no *Templo de Apolo*, 149, e no *Triunfo do inverno*, 193; talvez no *Velho da horta*, 30; mas não há suficiente motivo para acreditarmos o tivesse também feito na *Floresta de enganos*, 237.
Retoques: na *Exortação da guerra*, 74, 75, 76, 238, 241, 388, 404; improvável no *Auto da Fama*, 81; variantes nas edições do *Dom Duardos*, 238, 239.
Rubricas e sumários certos, no: *Amadis de Gaula*, 228, 274; *Auto da Cananeia*, 229, 273; *Auto das Fadas*, 276; *Auto da Fé*, 50, 272, 292; *Auto da Festa*, 291; *Auto dos Fisicos*, 63, 277; *Auto da Índia*, 56, 275; *Auto da Lusitânia*, 214, 275; *Auto da Mofina Mendes*, 232, 272; *Auto de Moralidade*, 287, 291, 391; *Auto pastoril português*, 135, 276; *Auto dos Quatro Tempos*, 50, 117, 118, 272; *Auto dos Reis Magos*, 50, 271; *Auto de San Martinho*, 51, 273; *Auto da Sibila Cassandra*, 50, 118, 242; *Barca da Glória*, 96, 273, 296; *Barca do Inferno*, 84, 272, 291, 292, 297, 298; *Barca do Purgatório*, 95-96, 272, 296; *Breve sumário da história de Deus*, 162, 273, 290, 291; *Carta a D. João III*, 212 *n*, 277; *Comédia de Rubena*, 25, 270, 273; *Comédia sôbre a Divisa da Cidade de Coimbra*, 167, 274; *Comédia do Viúvo*, 76, 273-274; *Diálogo sôbre a Resurreição*, 162, 273, 290; *Dom Duardos*, 145, 270, 274, 294, 297; *Farsa de Inês Pereira*, 54 *n*, 128, 276, 289, 365; *Farsa do Juiz da Beira*, 147, 276, 293, 294, 297; *Floresta de enganos*, 235, 274; *Nau de Amores*, 162, 274; *Pranto de Maria Parda*, 127, 278, 281, 283, 285, 293, 294, 295, 358; *Romagem de agravados*, 217, 275; *Sermam prégado em Abrantes*, 51, 277; *Serra da Estrêla*, 181, 275; *Templo de Apolo*, 149, 275; *Triunfo do inverno*, 192, 275; *Trovas a Afonso Lopes Ça-*

Digitized by Google

paio, 239, 278; *Trovas ao Conde do Vimioso*, 90, 277; *Trovas a Felipe Guilhem*, 207, 277; *Trovas a D. João III*, 182, 278; *Velho da horta*, 58 *n*, 276; a da *Serra da Estréla*, foi composta por Luís Vicente, 181 *n*, 237; a do *Auto de Inês Pereira* diversa na edição antiga da reproduzida na *Copilaçam de todalas obras*, 365.

Rúbricas erradas no: *Auto da Alma*, 52, 90, 272; *Auto da Fama*, 79, 276; *Auto da Feira*, 186, 272; *Breve sumário da história de Deus*, 162, 273, 290, 291; *Clérigo da Beira*, 196-197, 277; *Côrtes de Júpiter*, 107, 275; *Exortação da guerra*, 74, 275; *Farsa dos Almocreves*, 161, 178, 180 *n*, 277; *Farsa das Ciganas*, 142, 276; *Farsa de Quem tem farelos*, 51, 119, 270, 275; *Frágoa de Amor*, 137, 274; *Visitação*, 41 *n*, 50, 271; são tantas vezes erradas, 74, 118, 119, 161, que dificilmente se poderão atribuir a G. V., 237.

Teatro: aparato scénico já bastante complicado na *Frágoa de Amor*, 138, na *Nau de Amores*, 163; pano de bôca era uma cortina, 232.

Traduções omitidas, 300.

Usa muitos termos populares da Beira, 386.

Versos líricos ou fragmentos de canções, 417 a 431.

Vulgo põe o nome às farsas da *Mofina Mendes*, 228, 232, de *Pedreanes*, 228 e de *Quem tem farelos*, 121, 228; e talvez a um dos autos da *Aderência do Paço*, ou da *Vida do Paço*, 228.

GIL VICENTE — *Representações:*

Na noite de 7 de Junho de 1502, em Lisboa, no paço da Alcáçova, na câmara da rainha D. Maria, ao nascimento do príncipe D. João, estando presentes el rei D. Manuel, a rainha D. Leonor, a infanta D. Beatriz e a Duquesa de Bragança, recitou o monólogo da *Visitação*, ou do *Vaqueiro*, 41, 50, 393, fundando então o teatro português, 42, 45.

Nas matinas do Natal de 1502, em Lisboa, no paço da Alcáçova, a pedido da rainha D. Leonor, representou o *Auto Pastoril Castelhano*, 45, 50, 393.

No dia de Reis, 6 de Janeiro de 1503, em Lisboa, no paço da Alcáçova, a pedido da rainha D. Leonor, representou o *Auto dos Reis Magos*, 45, 50, 393.

A 6 de Junho de 1504, na igreja das Caldas, na procissão de *Corpus Christi*, representou à rainha D. Leonor o *Auto de S. Martinho*, 51, 394.

A 3 de Março de 1506, em Abrantes, no paço, na noite do nascimento do infante D. Luís, prègou a D. Manuel um *Sermão* feito à rainha D. Leonor, 51, 394.

Em fins de 1508, princípios de 1509, em Lisboa, representou ao vulgo a farsa de *Quem tem farelos*, 121, 394.

Em 1509, em Almada, representou à rainha D. Leonor o *Auto da Índia*, 56, 395.

Nas matinas do Natal do 1510, em Almeirim, representou a D. Manuel o *Auto da Fé*, 56, 395.

Pelo Entrudo, 4 de Março de 1511, em Lisboa, no paço de Santos, diante de D. Manuel, rainha D. Maria, Príncipe e Infantas D. Isabel e D. Beatriz, representou o *Auto das Fadas*, 57, 58, 395.

Depois de Maio de 1511, em Lisboa, no paço da Ribeira, representou a D. Manuel a farsa de *Quem tem farelos*, 121, 395.

Nas matinas do Natal, em Lisboa, no paço da Alcáçova, aliás da Ribeira, na capela, representou a D. Manuel, por mandado da Rainha sua irmã, o *Auto dos quatro tempos*, 117, 118, 393, 395.

No inverno de 1512, em Lisboa, representou ao vulgo o *Auto dos Físicos*, 62, 63, 395.

Na primavera de 1512, talvez na sexta-feira de Endoenças, 9 de Abril, no paço da Ribeira, representou a D. Manuel a farsa do *Velho da horta*, 58, 395.

Meado Agosto de 1513, em Lisboa, no paço da Ribeira, na ocasião da partida para Azamor do Duque de Bragança, representou a D. Manuel a tragicomédia *Exortação da guerra*, 74, 396.

Nas matinas do Natal de 1513, no mosteiro de Enxobregas (Madre de Deus), representou à rainha D. Leonor o *Auto da Sibila Cassandra*, 49, 50, 118, 394, 395, 396.

Em 1514, em Lisboa, num serão da côrte ao qual assistia o príncipe D. João, representou a *Comédia do Viúvo*, 76, 396.

Na primavera de 1515, à rainha D. Leonor, e depois em Lisboa, no paço de Santos, a D. Manuel, representou o *Auto da Fama*, 81, 396.

Nas matinas do Natal de 1515, em Lisboa, fora do paço representou o *Auto da Festa*, 82, 397.

Nas matinas do Natal de 1516, em Lisboa, no paço da Ribeira, para consolação da rainha D. Maria, estando enferma do mal de que faleceu, representou na sua câmara o *Auto da Barca do Inferno*, 84, 397.

Nas Endoenças, 2 de Abril de 1518, em Lisboa, nos paços da Ribeira, representou a D. Manuel o *Auto da Alma*, feito à rainha D. Leonor, 90, 398.

Nas matinas do Natal de 1518, na capela do hospital de Todolos Santos de Lisboa, representou à rainha D. Leonor o *Auto da Barca do Purgatório*, 95, 398

A 22 de Abril de 1519, sexta-feira de Endoenças, em Almeirim, na capela dos paços, representou a D. Manuel o *Auto da Barca da Glória*, 96, 399.

A 29 de Março de 1521, sexta-feira de Endoenças, em Lisboa, representou ao príncipe D. João a *Comédia de Rubena*, 26, 101, 399.

A 4 de Agosto de 1521, à partida da infanta D. Beatriz para Saboia, representou a D. Manuel, em Lisboa, nos paços da Ribeira, a tragicomédia *Côrtes de Júpiter*, 106, 107, 399.

Digitized by Google

Em Lisboa, no ano de 1522, representou ao vulgo o *Pranto de Maria Parda*, 127.
De Julho a Setembro de 1523 representou a D. João III, no convento de Tomar, o *Auto de Inês Pereira*, 128, 400.
Nas matinas do Natal de 1523, representou, em Evora, a D. João III o *Auto Pastoril Português*, 135, 400.
Depois de Julho e antes de Dezembro de 1524, representou em Évora, na festa do desposório de D. João III e D. Caterina, a tragicomédia *Frágoa de Amor*, 137.
A 14 de Abril de 1525, sexta-feira de Endoenças, em Évora, representou a D. João III, estando em serão, o *Auto das Ciganas*, 142, 401.
A 1 de Novembro de 1525, em Almeirim, nos desposórios da infanta D. Isabel, representou a D. João III a tragicomédia *Dom Duardos*, 145, 401.
A 20 de Janeiro de 1526, em Almeirim, à partida da infanta D. Isabel para Castela, representou a tragicomédia *Templo de Apolo*, 149, 402.
Em Almeirim, talvez ao nascimento do príncipe D. Afonso, a 24 de Fevereiro de 1526, representou a D. João III a farsa do *Juiz da Beira*, 147, 401, 402.
Nas Endoenças de 1526, ou de 1528, representou em Almeirim a D. João III e rainha D. Caterina o *Breve sumário da história de Deus*, 161, 185, 402, 403.
Nas Endoenças de 1526, ou de 1528, representou em Almeirim, certamente no paço, o *Diálogo sôbre a Resurreição*, 151, 185, 402, 403.
Nos fins de Janeiro ou princípios de Fevereiro de 1527, em Lisboa, à entrada solene da rainha D. Caterina, representou a D. João III a tragicomédia *Nau de Amores*, 162, 403.
No verão de 1527, em Coimbra, representou a D. João III a *Comédia sôbre a Divisa da cidade de Coimbra*, 167, 403.
No verão de 1527, representou em Coimbra a D. João III a *Farsa dos Almocreves*, 178, 403.
A 15 de Outubro de 1527, ao nascimento da infanta D. Maria que depois foi princesa de Castela, representou, em Coimbra, a D. João III a tragicomédia da *Serra da Estréla*, 181, 403.
Nas matinas do Natal de 1528, representou em Lisboa a D. João III o *Auto da Feira*, 186, 404.
A 28 de Abril de 1529, ao nascimento da infanta D. Isabel, representou em Lisboa a D. João III a tragicomédia *Triunfo do Inverno*, 192, 404.
No Natal de 1529, ou a 15 de Fevereiro de 1530 ao nascimento da infanta D. Beatriz, representou em Lisboa a D. João III a farsa do *Clérigo da Beira*, 196, 404.
A 21 de Dezembro de 1531, ao nascimento do príncipe D. Manuel, representou-se em Bruxelas, em casa do Embaixador de Portugal, o *Auto do Jubileu de Amores*, 93, 405.
No verão de 1532, a festejar o nascimento do príncipe D. Manuel, representou em Lisboa a D. João III o *Auto da Lusitânia*, 214, 405.
A 25 de Maio de 1533, ao nascimento do infante D. Felipe, representou em Évora a D. João III a tragicomédia *Romagem de agravados*, 217, 405.
No ano de 1533, representou em Évora a D. João III a tragicomedia *Amadis de Gaula*, 228, 405.
Na quaresma de 1534, no mosteiro de Odivelas, a rôgo de D. Violante, dona abadessa, representou o *Auto da Cananeia*, 230-231, 405-406.
Nas matinas do Natal de 1534, representou em Évora a D. João III o *Auto dos Mistérios da Virgem*, crismado pelo vulgo em *Auto da Mofina Mendes*, 232, 406.
No ano de 1536, representou em Évora a D. João III a comédia da *Floresta de enganos*, «a derradeira que fez», 235, 406.
Gil, Diogo, guarda da câmara de Lisboa, 434.
Gil, Fernão, mestre da balança da Moeda de Lisboa, 433, 436.
Girão, Agostinho, poeta do *Cancioneiro*, seu epitafio, 43.
Goa: adail, 70; armada, 268; bispo eleito suposto, 187 *n*; capitão, 71, 154, 165 *n*; tomada, 80.
Godinho, Pero, escrivão dos órfãos de Tôrres Vedras, 262.
Goes, Damião de, 54.
Goes, Damião de, Chronica de dom Emanuel, 70, 84, 87, 89, 99, 113, 114, 116, 120, 121, 153, 157, 165 *n*, 168, 206, 222 *n*, 223 *n*, 239.
Goes, Luís de, tesoureiro da casa de D. Manuel, 203 *n*.
Goes de Castro, Gaspar de, sua habilitação para familiar do Santo Ofício, 11.
Goes do Rego, Belchior de, comendador na ordem de Cristo, 11.
Goes do Rego, Gaspar de, comendador na ordem de Cristo, 11.
Gogala, Diu, juiz da sua alfândega, 263, 408, 444, 445.
Goios, Manuel de, capitão da Mina, envia-lhe Garcia de Rèsende uns versos, 60, 204.
Gomes, Isabel, viúva de Vasco de Foes, 134 *n*.
Gomes, João, da Ilha, poeta do *Cancioneiro*, 179 *n*.
Gomes, Luís, 447; vidè **Angel**, Luís Gomes.
Gomes, Pero, escrivão, 439.
Gomes de Brito, encontra no Arquivo da Câmara Municipal de Lisboa as verbas relativas às moradas da viúva e filhos de G. V., 88 *n*.—Lembra ao A. procurar docs. relativos a G. V. no Arquivo da Casa da Moeda, 245.—Averigua a verdadeira data do nascimento de Alexandre Herculano, 175.
Gomes de Brito, As tenças testamentarias da infanta D. Maria, 252 *n*, 261, 264, 266, 267. —*No primeiro centenario de Alexandre Herculano. Paginas intimas*, 175.

Digitized by Google

Gomes de Carvalho, D. João III e os Franceses, 152.
Gomes Monteiro, José, com Barreto Feio mandou imprimir em Hamburgo as *Obras de Gil Vicente*, 282, 284, 390. — Duvidava-se de qual dos dois escreveu o *Ensaio sôbre a vida e escriptos de Gil Vicente* anteposto àquela edição, 282, *n*, 390. — Não se pode porêm duvidar de haver sido escrito por Gomes Monteiro, 391.
Gomes Monteiro, José, Ensaio sôbre a vida e escritos de Gil Vicente, 30, 237, 253, 282, 283, 391.
Gonçalves, André, almoxarife da vila e paços de Sintra, 206.
Gonçalves, Antão, guarda mor interino da Tôrre do Tombo, 19.
Gonçalves, Gaspar, porteiro da câmara de D. Manuel, institui o morgado de Cabris e depois o de Ribafria, 206. — É-lhe dada carta de brasão, 206. — Nomeia-o G. V. no *Clérigo da Beira*, 205. — Vidè **Ribafria,** Gaspar Gonçalves de.
Gonçalves, João, cura de Santa Cruz, 256 *n*.
González Pedroso, D. Eduardo, Autos sacramentales, 287.
Goulart, Simon, Thrésor d'histoires, 211 *n*.
Gouveia, António Luís de, 267 *n*.
Governador, O, mencionado por G. V., veja-se **Castro,** D. Alvaro de.
Governador: da Casa do Cível de Lisboa, 125, 222 *n*; da casa da infanta D. Isabel, 159; da casa do príncipe D. Afonso, 125.
Gramático insigne, 179.
Grijó, Mosteiro de, 176.
Guarda mor: do infante D. Duarte, 202; do senhor D. Jorge, 73 *n*; da Tôrre do Tombo, 16 *n*, 17 *n*, 18, 19.
Guarda roupa: do príncipe D. João, 223, 224 *n*; del rei D. João III, 155, 155 *n*, 224 *n*; del rei D. Manuel, 48, 73 *n*, 223 *n*.
Guarda roupa de D. Manuel, venda dêste ofício, 73 *n*.
Guerra, Francisca da, dama da rainha D. Maria, 57.
Guerreiro, Fr. Francisco, 293, 294, 295.
Guilhem, Felipe, castelhano, boticário no Porto de Santa Maria, matemático, 207, é nomeado corretor da Casa da Índia, veador e avaliador de drogas das Casas da Índia e Mina, com o hábito de Cristo e tença, 208. — Desterrado para o Brasil é lá nomeado provedor da capitania do Pôrto Seguro, 208.—Foi trovador, 208, trovas suas, 209.—Dirige-lhe G. V. umas *Trovas*, 207, 277.
Guimarães: alcaide mor, 29 *n*, 165 *n*; escolas da Colegiada, 35; dom Prior da Colegiada, 104; naturais de lá, 11.—Talvez fôsse a pátria de G V., 29.
Guimarães, Delfim, poeta vernáculo, 174, editor dos *Versos portugueses de Sá de Miranda*, 175, dá indicações ao A., 170 *n*.—Seu parecer àcerca da data do nascimento de Sá de Miranda, 174, 175.—Julga ser êle o dr. Francisco de Sá, poeta do *Cancioneiro*, 175.
Guimarães, Duque de, vidè **Duque de Guimarães.**
Guimarães, Rodolfo, Les Mathématiques en Portugal, 172 *n*, 208, *n*.
Guiné: escravos de lá, 114; pensões dos capitães e escrivães dos navios que se armarem para os rios e ilhas de lá, 126; resgate nos seus rios, 156.
Guiné, Casa de, vidè Casa de Guiné, em Lisboa.
Gusmão, Francisco de, mordomo mor da infanta D. Maria, 263.
Hamburgo, lá publicaram-se trechos de G. V. no *Teatro español anterior a Lope de Vega*, 282, *n*, 286.—E' lá impressa a primeira edição das *Obras de Gil Vicente*, 30, 56, 59, 61, 74, 237, 282, 283, 390.—Vidè **Barreto Feio** e **Gomes Monteiro.**
Helena, D., neta de G. V., freira em Sacavêm, 29, *n*.—Vidè **Silva,** D. Helena da.
Henrique, Mestre, físico de D. Manuel, 68.—Figura no *Auto dos Físicos*, 66, 67.
Henrique, D., infante, futuro inquisidor geral, 112, não foi representada ao seu nascimento a farsa do *Velho da horta*, 58 *n*. — E' nomeado por G. V. nas *Côrtes de Júpiter*, 112, 389.
Henrique, D., infante, solitário do Cabo de S. Vicente, teve as rendas da ilha Berlenga e do lugar do Baleal, 110.—Fidalgo e criado seu, 109, 110.
Henrique VII, rei de Inglaterra, envia-lhe D. Manuel uma embaixada, 104.
Henrique VIII, rei de Inglaterra, 167 *n*.
Henriques, D. Felipa, donzela da rainha D. Leonor, mulher de D. João Pereira, dá um moto para ser glosado, 154.
Henriques, Francisco, pintor, encarregado por D. Manuel da obra de pintura na Casa da Relação de Lisboa e no Limoeiro, 95, 240 *n*, 241 *n*, 440, 441, 442, 443.—Tinha o ofício de passavante, 440.
Henriques, Heitor, tesoureiro e pagador das moradias, 180, *n*.
Henriques, D. Isabel, condessa do Redondo, mulher do 2.º Conde, 166 *n*.
Henriques, D. Jorge, sr. de Barbacena, reposteiro mor de D. João III, 166 *n*, seu caçador mor, 166 *n*, 205 *n*, casa com D. Maria de Calataiud, 62, 166 *n*. — E' o D. Jorge da « fala de moço mimoso » nomeado por G. V. na *Nau de Amores*, 164, 166 *n*.
Henriques, Luís, poeta do *Cancioneiro*, 83.
Henriques, D. Maria, donzela do paço, é nomeada por Garcia de Rèsende e por Gil Vicente, 60.
Herculano, Hist. da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal, 126, 137, 143, 144, 160. — Êrro de data no assento do seu baptismo, 175.

Digitized by Google

Historia e memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa, 157.
Holanda, António de, mercê do oficio de passavante, 241 *n*, 440.
Homem, Francisco, estribeiro mor de D. Manuel, poeta do *Cancioneiro*, é o Estribeiro mor nomeado por G. V. nas *Côrtes de Júpiter*, 113, 113 *n*.
Homem, Henrique, escrivão da câmara, 435.
Homem, Luís, correio mor do reino, comendador de S. Vicente de Fornelos, é nomeado por G. V. no *Clérigo da Beira*, 198.—Havia ido como correio a Flandres, 198 *n*.
Homem, Pedro, estribeiro mor de D. Manuel, poeta do *Cancioneiro*, 113 *n*.
Homónimos no século XV eram distinguidos por velho e moço, 14, 15.—Os que estavam ao serviço da côrte haviam de ser diferençados nos diplomas régios, 21.
Hungria, Rei de, vidè **Fernando.**
Hurtado de Mendoça, Lopo, embaixador de Carlos V, a êle se refere G. V. no *Clérigo da Beira*, 185, 199.
Ilha da Madeira, pensões dos tabeliães das notas e do judicial, 203.
Ilha do Pôrto Santo, pensões dos tabeliães das notas e do judicial, 203.
Ilha do Principe, a sua capitania e alcaidaria mor com todas as jurisdicções e vários privilégios, isenções e liberdades aos seus povoadores, foi dada a António Carneiro, 156.— Para lá se supõe, sem fundamento pareee, ter êle ido desterrado, 156.
Ilha de San Lourenço, 151.
Ilha de San Tomé, doação de terras lá, 221 *n*.
Ilha de Santiago, urzela de lá, 134 *n*.
Ilhas Brava, do Sal e de Santa Luzia, do arquipélago de Cabo Verde, 154.
Imposição, vidè Casa da Imposição.
Imperador, vidè **Carlos V.**
Imperatriz, vidè **Isabel.**
Imprimidor, vidè **Campos,** Hermão de.
Impressor del Rei, vidè **Alvares,** António, e **Alvares,** João.
Impressores, vidè: **Alvarado,** Vicente; **Álvares,** António; **Álvares,** João; **Álvares,** Vicente; **Andrade,** Francisco Xavier de; **Basto,** Frutuoso de; **Campos,** Hermão de; **Carneiro,** Domingos; **Carvalho,** Manuel de; **Costa,** Bernardo da; **Costa Carvalho,** Bernardo da; **Craesbeck,** Pedro; **Fonseca,** Domingos da; **Lobato,** André; **Lopes,** Afonso; **Pinheiro,** F. I.; **Silva,** Libânio da.
Index auctorum damnatæ memoriæ. Lisboa, 1624, proibe o *Auto de D. Luis e dos Turcos*, 263, 301.—Manda riscar versos no auto de *Amadis de Gaula*, 292, 293, 303, e na tragicomédia *Triunfo do Inverno*, 292, e suprimir o *Testamento de Maria Parda*, 354, 391.—Toda a censura aos autos de G. V., 351 a 354.
Index librorum prohibitorum, Lisboa, 1581, vidè *Catalogo dos Livros que se prohibem nestes Reynos*, etc.
Index librorum prohibitorum, Madrid, 1747, proibe o auto de *Amadis de Gaula* que não for de certas edições, 290, 303.—Manda riscar certos versos no dito auto, 290, 292.—Proibe de todo tres obras de G. V., 354, 391.
Índia: adail de Goa, 70.—Almirante do mar, 125.—Armadas: de 1506, 37, 56, 70; de 1507, 201; de 1508, 151; de 1512, 201; de 1518, 72, 89, 141; de 1527, de volta, 178.—Assalto do Cunhal, 252.—Capitão: de Cananor, 201; de Goa, 71.—Casa, vidè Casa da India em Lisboa.—Descobridor, 125.—Embaixada ao Hidalcão, 37, 71, 248.—Governadores, 20, 70, 71, 111, 152, 165 *n*, 222 *n*, 248.—Naus da sua carreira muitas perdidas, 194.—Obras lá, 440. Oficio lá, 445.—Oiro de lá, 114.—Prêsas, 114.—Secretario para os negócios de lá, 157.—Serviço lá, 37, 71, 141, 202, 248, 261, 262.—Vice rei, 125, 201.
Índias, Casa das, vidè em Lisboa.
Índices expurgatórios: castelhano de 1559, 228.—Português de 1551, 228, vidè *Rol dos livros defesos*.—Português de 1624, vidè *Index auctorum damnatæ memoriæ*.
Infantas de Portugal, vidè: **Beatriz,** filha de D. João III; **Beatriz,** filha de D. Manuel; **Beatriz,** mãe de D. Manuel; **Isabel,** filha de D. João III; **Isabel,** filha de D. Manuel; **Maria,** filha de D. João III; **Maria,** filha de D. Manuel.
Infantes de Portugal, vidè **Afonso, António, Carlos, Denis, Duarte, Felipe, Fernando, Henrique, João, Luís, Pedro.**
Inglaterra, embaixador português lá, 104.
Inglaterra, Rainha de, a ela alude G. V. na *Comédia sôbre a Divisa da cidade de Coimbra*, 167.
Inglaterra, Reis de, vidè **Henrique VII** e **Henrique VIII.**
Ingleses, acautela-se a cidade de Lisboa contra as suas incursões, 203 *n*.
Inocencio, Dic. bibliographico, vidè *Silva, Inocencio Francisco da.*
Inquisição, as queixas ouvidas por D. João III nas Côrtes de Tôrres Novas levam-no à resolução de a estabelecer no reino, 144.—Para o conseguir presta-lhe valioso auxilio Carlos V, 160.—Os seus próprios excessos provocavam a reação contra ela, 168, 169.—O *Regimento* para ela decretado pelo Marquês de Pombal, foi sempre iludido, 192.—Deputados do conselho geral, 279, 291.—Inquisidor geral, 112, 279, 303, 351.—Revedores de livros, 190, 213, 238, 279, 281, 282, 291, 293, 294, 295, 301.—Censura às obras de G. V., 93, 168, 189, 190, 191, 192 *n*, 213, 228, 238, 258, 303, 304 a 354.—Ao que ela as queria deixar reduzidas, 354, 355.
Inquisição de Coimbra, inquisidor, 206.

Digitized by Google

Inquisição de Évora, denúncia lá apresentada contra Fernão de Pina e Luís Vicente, 88, 88 *n*, 89, 256.
Inquisição de Lisboa, denúncia contra Fernão de Pina. 19 *n*; outra denúncia, 266.—Inquisidor, 206.
Inquisidor geral de Espanha, 289.
Instituto, O, 92, 101, 173, 176.
Isabel, D., imperatriz, quando é que já se encontrava em Badajoz, 158.—Sua jornada até Sevilha, 158, onde casa, 159.—Embaixador de seu irmão, quando ela morreu, 166.—Damas suas, 61, 164.—Pagem seu, 202.—A ela aludo G. V. na *Comédia sôbre a Divisa da cidade de Coimbra*, 167.—Vidè **Isabel**, D., infanta, filha de D Manuel.
Isabel, D., infanta, filha de D. João III, nasce em Lisboa, 192, 193.—Ao seu nascimento representa G. V. a tragicomédia *Triunfo do inverno*, 192.
Isabel, D., infanta, filha de D. Manuel, assiste à representação do *Auto das Fadas*.—Nomeia-a G. V. na tragicomédia *Exortação da Guerra*, prognosticando que havia de ser imperatriz, 75, 388.—Toma parte no serão à partida de sua irmã para Saboia, 106.—E' nomeada nas *Côrtes de Júpiter*, 112.—Palavras postas por G. V. na sua bôca no *Romance à morte de D. Manuel*, 115.—Pessoas de sua casa: criada, 113; mordomo mor e governador, 159; seu ourives, 88, 436; tesoureiro que a acompanha a Castela, 160, 183, 184; veador, 112 *n*.—As Côrtes de Tôrres Novas votam o serviço necessário para pagamento do seu dote, 143.—Lá se assina o contrato do casamento, 144.—Casa com o imperador Carlos V, 75, 139.—Em Almeirim celebram-se os desposórios, 144, 147, com um serão no paço, no qual é representado o *Dom Duardos*, 145.—Nas vésperas da sua partida é representado o *Templo de Apolo*, 75, 148, 149.—Parte para Castela, acompanhada do Marquês de Vila Rial, 158; e por Afonso de Albuquerque, 390.—Vidè **Isabel**, D., imperatriz.
Isabel, D., a Raínha Católica, a notícia da sua morte obsta a representações no paço, 51, 118.
Isabel, D., raínha de Portugal (mulher de Afonso V), donzela sua, 165 *n*.
Italianos residentes em Lisboa, Cônsul mor dos mercadores, 155.
Jácome, João Rodrigues, tabelião em Lisboa, 449.
Jesus Maria José, Fr. Pedro de, Chronica da provincia da Conceição, 230 *n*.
Joana, D., princesa, seu veador, 224 *n*.
Joana Inácia compra uma tença a uma das netas de G. V., 266, 266 *n*, 267, 447, 448.
Joanes, tangedor da infanta D. Maria, 250 *n*, 264.
João, D., infante, filho de D. Inês de Castro, 105.
João, D., príncipe, 229.—Vidè **João II**, D., rei de Portugal.
João, D., príncipe, filho de D. Manuel, nasce no paço da Alcáçova em Lisboa num dia de medonha tempestade, 41.—Ao seu nascimento representa G. V. o monólogo da *Visitação* ou do *Vaqueiro*, 41, 50, 271.—Aos onze anos funda o convento da Serra de Almeirim, 126, 135.—Aos doze cai de uma varanda abaixo, 126.—Vê com desagrado o terceiro casamento de seu pai, mas assiste às festas da recepção da madrasta em Lisboa, 26, 27.—Toma parte nos festejos à despedida de sua irmã D. Beatriz, 106.—O pai sentia nêle alguma fraqueza secreta, 126.—Seu conselheiro, 26, 27.—Algumas pessoas que o serviram: amas, 155; amo, 73 *n*, 154, 155, 224 *n*; camareiro mor, 125; cevadeiro mor e mariscal, 134; deão da capela, 179; escrivão da fazenda, 87, 221; guarda roupa, 155; mestres, 70, 157; monteiro mor, 205; mordomo mor, 116; porteiro mor; 165 *n*; uchão, 34; veador, 153-154.—Vidè **João III**, D.
João, D., príncipe, e G. V.—Assiste à representação do *Auto das Fadas*, 57, e da comèdia do *Viúvo*, 76, 78, 274.—E' nomeado nas tragicomédias *Exortação da guerra*, 75, e *Côrtes de Júpiter*, 112.—A êle representou G. V. a *Comédia de Rubena*, não em Évora, como alguns supõem, 7, 24, 26, mas em Lisboa, 25, 26, 101, 273.—E' mencionado no *Romance à morte de D. Manuel*, 115.
João, D., príncipe, filho de D. João III, seu camareiro e guarda roupa, 223, 224 *n*.
João II, D., rei de Portugal, depois que começou a reinar não saíu do reino, 35.—Mandou fazer as torres de Cascais e de Caparica, e tencionava mandar fazer uma fortaleza onde está a tôrre de Belêm, 49.—Dá o título de marquês de Vila Rial, 140 *n*.—Põe casa a D. Manuel, 36.—Confirma uma doação de terras na Beira, 229.—Castiga severamente António Carneiro, mas perdoa-lhe não muito depois, 156.—Foi padrinho de baptismo de mestre António, 45.—Morre em Alvor, 134.—Um dos que lá o serviam, 134.—A sua morte foi muito sentida, 117.—G. V. conheceu-o, 39, mas dêle fala uma única vez, 40.—Seu filho natural, vidè **Jorge**, D.—Sua viúva, vidè **Leonor**, D.—Oficiais da sua casa: anadel mor dos bèsteiros de cavalo, 163 *n*; cantor, 139 *n*; cirurgião mor, 44; escrivão da câmara, 156, da fazenda, 156, da puridade, 15; estribeiro mor, 49; pagem, 203 *n*; reposteiro mor, 187; vedor da fazenda, 125.
João III, D., rei de Portugal, sua aclamação acompanhada de presságios sinistros como o nascimento, 41, 123, 124, 125.—Ceremonial da coroação, 123, 124, em seguida à qual dá beijamão, 125.—Conserva os antigos ministros de seu pai, 136.—Expansões da sua mocidade, 127.—Galanteio com a madrasta, 128.

Digitized by Google

— Deliberações futeis por êle tomadas, 127, 128, 136. — Sai de Lisboa fugindo da peste para o Barreiro, 128. — Vai a Tomar reunir o capítulo geral da Ordem de Cristo, a qual reforma, 135. — Concorre para o desenvolvimento artístico do convento, 135. — Confirma a lei de D. Manuel que derrogava as leis de excepção lançadas contra os cristãos novos, 137. — Pedia dinheiro emprestado a Afonso de Albuquerque, 200. — Trata-se do seu casamento com D. Caterina, irmã de Carlos v, 136, 153. — Celebra-se por promessa em Tordessilhas, 136, 137. — Festas do desposório em Évora, 137. — Vão os infantes buscar a esposa à raia, 137, 140. — No Crato é consumado o matrimónio, 140. — Data do casamento, 140. — Vêem os conjuges para Évora, 140. — Faz mercê de uma pensão a Garcia de Rèsende, 126. — Vai a Tomar para assistir às côrtes, que se não realizaram ali por causa da peste, 143. — Estando lá cria o oficio de correio mor do reino, 198. — Vai às Côrtes de Tôrres Novas, 143. — Estado da moral pública, 143. — Queixas contra os cristãos novos, e terríveis acusações contra êles, 143, 144. — De lá trouxe o propósito de estabelecer a inquisição no reino, 144. — Lá jura cumprir o contrato de casamento da irmã, 144. — Em Almeirim celebra a festa dos desposórios de sua irmã D. Isabel com Carlos v, 144, 145. — Morre sua tia a rainha D. Leonor de quem fica por herdeiro, e com desvelo olha pela sua fundação, o mosteiro da Madre de Deus, 148. — Festas em Almeirim à partida da Imperatriz para Castela, 148, 149. — Com ela manda o Marquês de Vila Real para a entregar ao marido, 158, 159. — Vai a Coimbra, onde na sua presença G. V. censura os vícios do clero, 168; Sá de Miranda dedica-lhe a *Fábula do Mondego*, 169; e recebe uma embaixada do Preste João, 178. — Cria mais um corregedor do crime em Lisboa, 194, 195. — Vai até Castro Verde, 209. — Foge da peste para o Lavradio, 210. — Estando lá sobrevem um terrível terremoto, 211. — Retira para Alhos Vedros e Palmela, 211-212. — Aqui recebe uma carta de G. V. àcêrca daquele sinistro, 32, 212. — Providências ferozes para se livrar do contágio da peste, 209 *n*. — Manda cessar com as obras de pintura na Casa da Relação, 241 *n*, 440, 443. — Obras por êle mandadas fazer, 440. — Pensa em abandonar as praças de África, 234. — Põe casa apartada à infanta D. Maria, sua irmã, 250, 251. — Dívida pública no seu reinado, 234. — Seu espírito acanhado e seu fanatismo, 126. — Para o estabelecimento da Inquisição auxilia-o eficazmente seu cunhado Carlos v, 160. — Astrologia judiciária muito em voga no seu reinado, 187. — Apreciação de uma composição pessoal sua, 126 *n*. — Validos seus, 223. — Filhos aqui mencionados: **Afonso, Beatriz, Denis, Felipe, Isabel, João, Manuel, Maria.** — Residências: Alcácer do Sal, 214; Aldeia Galega, 209; Alhos Vedros, 211-212; Almeirim, 128, 143, 147, 161, 162, 167, 182, 185; Alvito, 209 *n*, 214; Barreiro, 128; Benavente, 162; Castro Verde, 209; Coimbra, 161, 167, 169, 177, 178, 182; Évora, 63, 105, 136, 142, 213, 217, 242, 243, lá passa o Natal, 127, 135, 233; Lavradio, 162, 209 *n*, 210, 211; Lisboa, 142, 162, 185, 186, 194, 209, 214, 242, 243, no paço de Santos, 127; Montemor o Novo, 142, 143, 213; Palmela, 212, 213; Setúbal, 214; Tomar, 128, 135, 143; Torrão, 209; Tôrres Novas, 143. — Oficiais da sua casa: almotacé mor, 151, 154; aposentador mor, 222 *n*; arauto, 442; batefolha, 441; caçador mor, 166 *n*, 205 *n*; camareiro, 155 *n*; camareiro mor, 125; cantor, 139 *n*; cevadeiro mor, 134; cirurgião mor, 45; dean da capela, 180; escrivão da fazenda, 114 *n*, 184, 207 *n*, 221, 222; esmoler, 151, 157; estribeiro mor, 113 *n*; guarda roupa, 155, 224 *n*; juiz dos feitos da sua fazenda, 221; mariscal, 134; mestre da capela, 131 *n*, 248; monteiro mor, 164 *n*, 201, 205; pagem da lança, 166; porteiro mor, 165 *n*, 166 *n*; reposteiro mor, 166 *n*; secretário, 136, 155, 157, 158; secretário para os negócios da Índia, 157; tesoureiro, 183, 184, 207 *n*; tesoureiro mor, 183 *n*, 184, 220, 249; uchão, 34, 265; veador da casa, 153, 154; vedores da fazenda, 91, 105, 184, 214, 220, 439, 443, 444. — Vidè o seguinte.

João III, D., e G. V.: *Romance* à sua aclamação, 124, 277, 290. — *Palavras* postas na bôca dos senhores no acto do beijamão, 125, 277. — Representa-lhe no convento de Tomar o *Auto de Inês Pereira*, 127, 128, 276, 289, 365. — Em Évora, pelo Natal, o *Auto pastoril português*, 127, 135, 272, 299. — Em Évora, nas festas do seu desposório, a tragicomédia *Frágoa de Amor*, 127, 274. — Em Évora, pelas Endoenças, o *Auto das Ciganas*, 105, 142, 143, 276. — Em Almeirim, aos desposórios da infanta D. Isabel, o *Dom Duardos*, 145, 146, 270, 274. — Em Almeirim, talvez ao nascimento do príncipe D. Afonso, representa-lhe o *Juiz da Beira*, 147, 276, 294, 297. — Em Almeirim, pelas Endoenças, o *Breve sumário da história de Deus*, 161, 162, 273, 290, 291. — Em Lisboa, à entrada solene da rainha D. Caterina, a *Nau de Amores*, 162, 274. — Em Coimbra, a *Comédia sôbre a Divisa da cidade de Coimbra*, 167, 274. — Em Coimbra, a farsa dos *Almocreves*, 178, 277. — Em Coimbra, ao nascimento da infanta D. Maria, a tragicomédia da *Serra da Estrêla*, 181, 275. — Em Lisboa, nas matinas do Natal, o *Auto da Feira*, 186, 272. — Em Lisboa, ao nascimento da infanta D. Isabel, o *Triunfo do inverno*, 192, 275. — Em Lisboa, no Natal, ou no nascimento da infanta D. Beatriz, representou a farsa do *Clérigo da Beira*, 196; a rúbrica diz ter sido

Digitized by Google

em Almeirim, 277. — Em Lisboa, ao nascimento do príncipe D. Manuel, representou o *Auto da Lusitânia*, 214, 277. — Em Évora, ao nascimento do infante D. Felipe, a *Romagem de agravados*, 217, 275. — Em Évora, representa-lhe o *Amadis de Gaula*, 228, 274. — Em Évora, pelo Natal, o *Auto da Mofina Mendes*, 232, 272. — Em Évora representa-lhe G. V. a *Floresta de enganos*, derradeira comédia que fez, 235, 274. — Dirige-lhe umas *Trovas*, queixando-se de haver sido roubado pelos almocreves castelhanos, 161, 182, 278. — A êle alude no *Triunfo do inverno*, 193. — Dirige-lhe o *Prólogo* das suas obras, 237, 240, 258, 270, 438. — Um dos seus entretenimentos foram as representações dos autos do poeta, 127. — Foi mais liberal com êle que seu pai havia sido, e mais generoso para êle que para Garcia de Rèsende, 126. — Fez-lhe várias mercês, 126, 128, 141, 437, 438. — Escreve-lhe G. V. de Santarêm uma carta a propósito do terremoto, 32, 212, 213, 277, 299. — Ordena-lhe a compilação das suas obras, 74, 150, 237, 241, 242. — Por morte de G. V. faz mercê do oficio de escrivão segundo da feitoria da Mina a seu filho Belchior Vicente, 242, 243, 248, 251, 439. — Em atenção aos seus serviços faz mercê a sua filha Valéria Borges do oficio de juiz da alfândega de Gogala para a pessoa que com ela casar, 263, 444. — Outras mercês à viuva e filha de Belchior Vicente, 443, 444.

Jordão, Levy Maria, Memoria historica sobre os bispados de Ceuta e Tanger, 180.

Jorge, Senhor D., filho natural de D. João II, foi mestre de Santiago e duque de Coimbra, 116, 165 *n.* — Apaixonou-se loucamente, chegando talvez a casar clandestinamente, 165 *n.* — Seu guarda mor, 73 *n.* — Vidè **Mestre de Santiago.**

Jorge, D., nomeado por G. V. na *Nau de Amores*, 164, era D. Jorge Henriques, q. v.

Jornal do Commercio, 6, 386.

Judeus, ameaçados pelos frades de Santarêm em seguida ao terremoto, 212. — Vidè **António,** Mestre. — Um, castelhano: **Estêvão,** Mestre.

Juiz dos feitos da fazenda, 221.

Juliana, D., irmã do Marquês de Vila Rial, duquesa de Aveiro, 214 *n.*

Junta, Juan de, impressor em Burgos, 288.

Juste, Théodore, Éléonore d'Autriche, 100.

La Chaulx, Carlos Popet, sr. de, embaixador de Carlos V, 158, 159, 185.

Lamego, Bispo de, 183, 184.

Lameira, António, escrivão do tesouro da casa rial, 259.

Lancastre, D. Helena de, comendadeira de Santos, 266.

Lancastre, D. Isabel de, sua irmã, 266.

Lancastre, D. João de, filho do Duque de Coimbra, 1.º marquês de Tôrres Novas, 116, 125, 140 *n.* — Atribui-lhe G. V. uma *Oração* na ocasião do enterramento de D. Manuel, 116. — Foi duque de Aveiro, 116, 140 *n*, 214 *n.*

Landim, Álvaro Pires de, escrivão da fazenda, das obras e do dinheiro extraordinário, 222 *n.* — Vidè **Pires,** Álvaro.

Landim, André Pires de, 222 *n.* — Vidè **Pires,** André.

Lanz, Correspondenz des Kaiser Karl V, 106.

Lavradio, fugindo da peste, para lá passa a viúva do D. Manuel, 128, e anos depois D. João III, 162. — Também fugindo da peste lá se encontra toda a côrte, 209 *n*, 210, na ocasião do grande terremoto, 211.

Leiria, obras lá mandadas fazer por D. João III, 440.

Leitão Ferreira, Noticias chronologicas da Universidade de Coimbra, 65, 101, 172 *n.* — *Notas às Noticias*, 101.

Leite, Rui, tesoureiro da Casa da Moeda de Lisboa, 86, 246 *n*, 436.

Leite de Vasconcelos, Dr., Nota sobre a linguagem de G. V., 385, 386.

Leitoa, D. Caterina, mulher do dr. Luis Teixeira, 158.

Lemos, Maximiano, Amato Lusitano, 65.

Leonor, Madama dona, assim é designada numa carta de Pero Correia a futura terceira mulher de D. Manuel, 99, 389. — Vidè **Leonor,** D., terceira mulher de D. Manuel.

Leonor, rainha de França, 99 *n.* — A ela alude G. V. na *Comédia sôbre a Divisa da cidade de Coimbra*, 167. — Vidè **Leonor,** Rainha D., terceira mulher de D. Manuel.

Leonor, D., rainha de Portugal, viúva de D. João II, a *Rainha Velha*, como lhe chama G. V. nalgumas rúbricas, 9, 10, 50, 148 *n*, 271. — Seu caracter, sua desventura, 9. — Gratidão indiscutível que nos merece, 148. — Seus paços em Lisboa, 53, 148. — Funda o mosteiro da Madre de Deus, 50, 53, 118, ao qual lega dois cálices lavrados por G. V., 10, 148. — Sua morte, 145, 147, nos seus paços de apar de Santo Eloi, 148. — Parece não ter sido muito pranteada, 148. — Deixa por seu herdeiro a D. João III, 148. — Verbas do seu testamento, 10 *n*, 53, 88, 148. — Foi senhora de Almada e das jurisdições de Alenquer e Obidos, 43. — Algumas pessoas de sua casa: cirurgião, 44; cristaleira, 55; donzelas, 154, 156; moça da câmara, 44 *n.* — Vidè a seguinte.

Leonor, Rainha D., e G. V. Foi a sua mais afectiva e efectiva protectora, 9, 148. — Dá-lhe casa, 53, 247, a qual por sua morte mandou vender, 148. — Foi G. V. o seu ourives, 2, 4, 13, 17, 19, 40, 53, 72, 433. — Fá-lo nomear vedor das obras de oiro e prata para os conventos de Tomar e Belêm e hospital de Todolos Santos, 10, 54, 148. — Para ela lavrou pelo menos dois cálices, 10, 148. — Foi seu poeta dramático, 2. — Para ela compôs a maior parte das suas comédias e autos, 10, 40, 42, 50, 52,

Digitized by Google

145, 148, alguns a seu pedido, 45, 148.—Um salto de impressão na primeira rúbrica tem escurecido êste facto, 41 *n*, 50.—Assiste à recitação do monólogo do *Vaqueiro*, 41, 45, 50, 51, 148, 271.—Em seguida pede-lhe para compôr outro auto e êle faz o *Auto Pastoril Castelhano*, 45, 50, 271.—Ainda lhe pede outro, vindo a ser êste o *Auto dos Reis Magos*, 45, 50, 271.—Para ela fez mais G. V. o *Sermão* que prègou em Abrantes a D. Manuel, 51, 277; o *Auto de Moralidade*, 287, 288, 391, isto é a *Primeira Barca* ou *Barca do Inferno*, 291, 292; e o *Auto da Alma*, 52, 90, 272.—A ela representa G. V. o *Auto de S. Martinho*, na igreja das Caldas, 51, 273, 392; o *Auto da Índia*, em Almada, 43, 56, 121, 276; o *Auto da Sibila Cassandra*, no mosteiro de Enxobregas, 50, 118, 272; o *Auto da Fama*, 79, 276; o *Auto da Barca do Purgatório*, no hospital de Todos os Santos de Lisboa, 96, 272-273; último que lhe representou, 389.—Manda a G. V. representar a D. Manuel o auto dos *Quatro tempos*, 50, 117, 272.—Em Almada corre o simulado *Processo de Vasco Abul*, no qual G. V. deu um *Parecer*, 42, 43, 55, 386.—Nos últimos anos da sua vida esteve G. V. muito afastado dela, 148.

Leonor, Rainha D., terceira mulher de D. Manuel, seu casamento, 98, 100.—Chegada a Portugal, 98, 388.—Entrada em Lisboa, 7, 16, 23, 24, 101, 240 *n*, 436, 437, 440—Toma parte no serão de despedida da infanta D. Beatriz, 106.—Palavras postas na sua bôca por G. V. no *Romance à morte de D. Manoel*, 115, 116.—Fugindo da peste marcha para o Lavradio, 128.—D'aqui segue até Muja d'onde é obrigada a partir para Castela, 128.—Casa com Francisco I de França, 159.—Donzela da sua casa, 164; mestre sala, 201; tesoureiro, 183.—Vide **Áustria**, D. Leonor de; **Leonor**, Madama D.; **Leonor**, rainha de França.

Le Sauvage, Jean, chanceler de Carlos V, 100.

Lião, Duarte Nunes do, Leis extravagantes, 136.—*Livro das extravagantes*, ms. da Tôrre do Tombo, 137.

Libro segundo de Palmeirim que trata de los grandes hechos de Primaleon... 145, 146.

Lima, D. Álvaro de, monteiro mor de D. Manuel, 112 n.

Lima, D. António de, alcaide mor de Guimarães, 29 n.

Lima, D. António de, Nobiliário, 29, 34, 165 *n*, 166 *n*, 172.—Vide **Lima Pereira**, D. António de.

Lima, Diogo Lopes de, alcaide mor de Guimarães, 165 *n*.

Lima, D. Fernando de, nomeado por G. V. na *Nau de Amores*, 164, foi senhor de Castro Daire e capitão de Goa e de Ormuz, 165 *n*.

Lima, D. Joana de, primeira mulher de João de Saldanha, 112, *n*.

Lima, D. Violante de, donzela da rainha D. Maria, nomeada por G. V. no *Velho da horta*, 61.

Lima Pereira, D. António de, alcaide mor de Guimarães e sr. de Castro Daire, foi famoso genealogista, 165 *n*.—Vidè **Lima**, D. António de.

Linha Pastor, aldeia, 155.

Linhares, Conde de, vidè **Conde de Linhares**.

Lisboa: contrato de casamento da infanta D. Beatriz é aqui assinado, 101.—Cortejo à sua despedida, 106.—Ceremónia da aclamação de D. João III, 124, 125.—Ceremónia do pranto feito por D. Manuel, 123.—Entrada solene da rainha D. Caterina, 162, 274.—Entrada triunfal da rainha D. Leonor, 16, 23, 24, 101, 436, 437, 440.—Festas da sua recepção, para elas concorreu a Câmara Municipal e a Universidade, 101.—Fomes grandes, 235.—Freira santa da Anunciada, 166.—Incursões dos Ingleses, precauções contra elas, 203 *n*.—Mercadores estrangeiros dispensados da defesa das sedas, 137.—Mercadores sicilianos, italianos e napolitanos, seu cônsul mor, 155.—Mercadores, tosadores e alfaiates mandam por G. V. uns apontamentos a Almeirim, 87, 435.—Momo de Santos, 35.—Morticínio dos cristãos novos, 137, 144, 212.—Nascem as infantas D. Beatriz e D. Isabel, 192.—Natural da cidade, 187.—Obras nos canos da água de Andaluz, 74, 434; na Casa da Relação e no Limoeiro, 95, 240, *n*, 241 440 a 443 *n*; nas estrebarias, 204;—Peste: a de 1505, 51; a de 1518, 89, 90; 95, 240 *n*, 241 *n*, 248, 440, 441, 442, 443; a de 1520, 72; a de 1521, 114; a de 1523, 128, 162, durou até o inverno de 1526 para 1527, 162, e recrudesceu em Abril, 162, 167, 178; a de 1530 a 1532, 209, 210, 214; a de 1569, chamada a peste grande, 90, 256.—Quebra dos escudos por D. Manuel, 123—Residência de D. João III, 142, 167, 185, 194, 209, 242, 243; passa o Natal, 186.—Residência de D. Manuel, 51, 81, 256; passa o Natal, 118.—Seguros, cria-se o lugar de escrivão dêles, 207 *n*.—Terremoto de 1531, 210, 211.

Lisboa: Academia Real das Sciências, 253, 300; ou Academia das Sciencias, 392;—Alfândega: almoxarife, 73 *n*; escrivão, 112 *n*, 239; oficio de selador, fiel e pesador 440; rendimento, 114;—Aposentadorias: provedor e superior, 73 *n*, 223 *n*; superior, 222 *n*; tesoureiro mor, 221 *n*.—Arcebispo, 98, 99, 267.—Armador e provedor mor dos armazens e armadas, criação do oficio, 110.—Armazens e armadas, vidè em provedores.—Arquivo: dos Feitos findos, 251 *n*, 252 *n*, 255 *n*, 266 *n*, 267, 448; Municipal, 23, 24, 88, 210 *n*, 249 *n*, 435, 436, 437; da Relação, 252 *n*, 267.—Biblioteca Nacional: códice da Colecção Pombalina, 263; exemplar dos *Autos de Antonio Prestes*, 281 *n*; exemplares de obras de G. V. lá existentes, 283, 284, 293, 294, 295, 296, 297, 298.—Câmara Municipal:

Digitized by Google

dirige-se a D. Manuel em várias cartas e dêle recebe outras, 15, 23, 24, 87, 101, 435, 436; doação de chão, 73-74, 434; festas de recepção da rainha D. Leonor, 101, 436, 437, 440; providências tomadas para defesa da cidade, 203 *n*; providências para a isolar em tempo de peste, 209 *n*; escrivão, 434; guarda, 434; presidente, 200; procurador da cidade, 434; procuradores dos mesteres, 15, 54, 73, 118, 434; tesoureiro, 434; vereadores, 73, 434, 435.—*Cancioneiro geral*, termina-se a impressão, 52, 87.—Carcereiro da cadeia, 86 *n*.—Cartório do Hospital de S. José, 2, 433.—Casa do Cível: desembargadores, 195, 443; escrivão das apelações, 139 *n*; escrivão e solicitador, 139 *n*; governador, 125, 222; promotor da justiça, 195.—Casa de Guiné e das Índias: concorre para as festas da entrada da rainha D. Leonor, 101, 436, 437; mantimento lá pago, 110; vedor dela, 388.—Casa da Imposição, seu escrivão da fazenda e contos, 86.—Casa da Índia, 445, seu corretor, 208, 278; dividas, 234; rendimento dos tratos, 114; veador e avaliador de drogas, 208.—Casa da Madeira e pescado, 435.—Casa da Mina, veador e avaliador de drogas, 208.—Casa da Moeda: arquivo, 245; cruz, 48; director, 245 *n*; escrivão, 246 *n*; tesoureiro, 86.—Casa da Relação, obras de pintura, 95, 240 *n*, 241 *n*, 440 a 443—Casa da Suplicação: advogado, 221 *n*; desembargador, 196, 221 *n*; desembargador dos agravos, 153; ouvidor, 147, 196; ouvidor dos feitos crimes, 196; privilégios de desembargador, 155; regedor, 125, 143, 214, 249.—Casa dos Vinte e Quatro, foi abolida por uma sentença revogada por uma carta régia, 73 *n*; seus procuradores dos mesteres junto da vereação, 15, 54, 73, 118.—Cidadão, 66, 155.—Contador mor, 388.—Corregedores do crime, 195, 196; passa a haver dois, 195, 195 *n*.—Corregedor dos feitos civeis, 443.—Diplomas de lá datados, 435, 436, 439, 443, 444, 445, 447, 448, 449, 450.—Escrivão dos órfãos, 259.—Estudo: cadeira de astronomia, 64; conservador do de Lisboa, 195; lente de astronomia, 64.—Exposição retrospectiva de Arte Ornamental, 46.—Inquisição, vidè Inquisição de Lisboa.—Livreiro na rua Nova, 257, 269.—Misericórdia, seu provedor, 200.—Moeda: mestre da balança, 5, 17, 19, 20, 72, 79, 85, 87, 88, 121, 148, 389, 433; seu ordenado, 245; tesoureiro, 59 *n*, 85, 86, 245 *n*, 433, 436.—Moradores, 66, 130 *n*, 171 *n*; na Alcáçova, 441; à Graça, 266; ao Grilo, 267; na frèguesia de Santa Justa, 442; junto da igreja de Santa Cruz, 222 *n*; detrás de S. Domingos, 442.—Provedor dos Armazens e Armadas, 110, 111, 388, vidè vedor dos Armazens.—Provedor da Misericórdia, 200.—Provedor mor dos hospitais, capelas, etc., 157.—Sisa do pescado e madeira, 435.—Tabelião, 436, 446, 447, 449—Tipografia, 284, 284 *n*, 299, 300, 302.—Tôrre do Tombo, q. v.—Universidade: concorre para as festas da recepção da rainha D. Leonor, 101; conservador dos estudos, 195 *n*; lente de prima de Leis, 101; é mudada para Coimbra, 195 *n*.—Vedor dos Armazens, vidè provedor dos Armazens.

Lisboa: dirige G. V. as festas da recepção da terceira mulher de D. Manuel, 7, 15, 16, 22, 23, 24, 27, 101, 436; bandeiras para elas, 97, 240 *n*, 440.—Frèguesia de Santa Cruz da Alcáçova, pessoas da familia de G. V. lá residentes, 249 *n*, 256, 259; vitimas da peste grande, 90, 256.—Hospital de Todolos Santos: é G. V. nomeado vedor das obras de oiro e prata para lá destinadas, 10, 53, 148, 389, 433; representa na sua capela à rainha D. Leonor o *Auto da Barca do Purgatório*, 84, 96, 273.—Imprensa Nacional, lá se reproduz um auto de G. V., 300.—Impressores de obras de G. V.: **Álvares,** Antônio; **Álvares,** João; **Álvares,** Vicente; **Andrade,** Francisco Xavier de; **Carneiro,** Domingos; **Carvalho,** Manuel; **Costa,** Bernardo da; **Costa Carvalho,** Bernardo da; **Fonseca,** Domingos da; **Lobato,** André; **Pinheiro,** F. I.; **Silva,** Libânio da.—Moeda: é G. V. nomeado mestre interino da balança, 17, 19, 20, 72-73, 121, 148, 245, 389, 433; ordenado que tinha, 245; vende o oficio, 88, 436.—Mosteiro de Enxobregas: lá representa G. V. à rainha D. Leonor o *Auto de Sibila Cassandra*, 50, 118, 272; ao mosteiro lega a Rainha dois cálices lavrados por G. V., 10, 148.—Obras de G. V. existentes na Bib. Nac., 283, 284, 294, 295, 296, 297, 298; ou que lá existiram, 293, 295, 297, 298.—Paço, lá representa G. V. a D. Manuel: a farsa do *Velho da horta*, 58, 276; a tragicomédia *Exortação da guerra*, 74, 275; a *Comédia do Viúvo*, 76; lá representa ao principe D. João a *Comédia de Rubena*, 25, 26, 101, 273; a êle, sendo já D. João III: a tragicomédia *Nau de Amores*, 161, 162, 274; o *Auto da Feira*, 161, 186, 272; o *Triunfo do Inverno*, 161, 192, 275; a farsa do *Clérigo da Beira*, 161, 196; e o *Auto da Lusitânia*, último representado em Lisboa, 214.—Paço da Alcáçova: ao nascimento do principe D. João recita G. V. o monólogo da *Visitação*, 41, 42, 50, 271; representa lá G. V. o *Auto pastoril castelhano*, 45, 50, 118, o *Auto dos Reis Magos*, 45, e o *Auto dos Quatro Tempos*, 50, 117, 118, 272.—Paço da Alcáçova: lá reside G. V., 88, 141, 242, 247, e sua viúva Melicia Rodrigues, 88, 247, 256.—Paço da Ribeira, lá representa G. V. a D. Manuel: a farsa de *Quem tem farelos*, 51, 117, 119, 121, 275; a farsa do *Velho da horta*, 58; o *Auto da Barca do Inferno*, 82, 84; o *Auto da Alma*, 52, 90, 272; e a tragicomédia *Côrtes de Júpiter*, 75, 106, 107, 276.—Paço de Santos, lá reside D. Manuel, 51, 58,

Digitized by Google

81, 276; lá lhe representa G. V. o *Auto das Fadas*, 57, 58, e o *Auto da Fama*, 79, 81, 276.—Pátria pouco provável de G. V., 29.—Representa G. V., em quanto foi mestre da balança, autos na côrte só quando ela estava na cidade, 121.—Representa G. V. ao vulgo, ou fóra da côrte, a farsa de *Quem tem farelos*, 117, 121, a dos *Fisicos*, 62, 63, e o *Auto da Festa*, 82, 83.—Rua de Jerusalêm, teve lá G. V. casa, 53, 88, 148, 247.—Rua dos Penosinhos: era lá proprietário D. António de Meneses, 250 *n*, 265 *n*; pessoas da família de G. V. lá residentes, 250 *n*; vivia lá Belchior Vicente, 234 *n*, e suas filhas, em casas próprias, 249, 265 *n*; também lá habitava Luís Vicente, 249, 250 *n*, 256—Ruas da cidade e lugares do termo nomeados numa comédia de G. V., 25, 26.—Teatro da Rua dos Condes, representa-se lá o *Auto de Gil Vicente*, de Garrett, 253.—Universidade, não a frequentou G. V., 35.

Lisboa: avenida da Liberdade, 184; Andaluz, 74, 434; atafonas à porta de Santo Antão, 201, 203; bairro da Alcáçova, 222 *n*, 234 *n*, 248, 258, 260; bairro do Castelo, 260; barroca do convento do Carmo, 165 *n*; beco do Tibau, 196 *n*; boticas dos ferreiros, 204; cais da Madeira, 163; calçada de Santo André, 284 *n*; carreira dos Cavalos, 203; casa dos Bicos, 200; casa de Jerusalêm, 53; casa da Penitência, 203 *n*.—Casas: de Álvaro Botelho, 434; de Álvaro da Costa, 204; do Conde de Villa Nova de Portimão, 204; de Garcia de Melo, 203 *n*; doutro Garcia de Melo, 204 *n*; de Henrique de Figueiredo, 434; de João da Fonseca, 53; do Monteiro mor, 203; de Simão de Sousa, 165 *n*; de Vasco Anes Côrte Rial, 204; no bairro da Alcácova, 260.—Cata que farás, 204; chafariz del Rei, 163; chãos da Ribeira, 424.—Conventos: da Anunciada, sua reedificação, 184, sepultura na sua capela mor, 184; do Carmo, a sua barroca, 165 *n*; de San Francisco, sepultura na casa capítulo, 166 *n*; de Santo Antão, onde depois foi o da Anunciada, 184; de Santo Eloi, obras no seu retábulo, 440, a par dêle eram os paços da rainha D. Leonor, 148; da Trindade, 260.—Corredoira, palácio lá edificado, 184.—Igrejas: de San Julião, 196 *n*; de Santa Cruz, 222 *n*, 249, 256; de Santo Eloi, 53, 222 *n*.—Judiaria nova, 196 *n*.—Largo da Anunciada, 184; dos Loios, 53.—Limoeiro, obras lá, 95, 440, 441.—Mosteiro dos Loios de Xabregas, estada lá de D. Manuel, 89.—Mosteiro da Madre de Deus, quando e por quem foi fundado, 50, 53, 118, e onde, 53; D. João III aumentou-o 148.—Mosteiro de Santos: comendadeira, 266; freira, 29 *n*.—Mosteiro do Salvador, 260.—Mosteiro de San Domingos, 124.—Muralhas da Ribeira, 204.—Museus: de Arte Antiga, 48; do Carmo, 73 *n*, 184.—Nossa Senhora da Graça, 266.—Paços da Alcáçova: reside lá D. Manuel, 117; deixa de ser habitação da família rial, 118; pessoas lá moradoras, 89, 95, 240, 242 *n*, 247 *n*, 249, 255, 256; orago da capela, 118; guarda da porta, 247 *n*.—Paços da rainha D. Leonor; eram a par de Santo Eloi, sua situação, 53, 148; dêles não existem vestígios, 53; lá morreu a Rainha, 148.—Paços da Ribeira: fixa D. Manuel lá a sua residência, 117, 247; reside lá, 52, 81, 88, 121; morre lá a rainha D. Maria, 89, e depois D. Manuel, 114; obras, 117, 119; orago da capela, 118.—Paços de Santos: reside lá D. Manuel, 51, 58, 81, 117, 121; D. João III, 127; da sua varanda, sendo principe dá uma queda, 126.—Padaria, 106.—Palácio na Corredoira, seu fundador, seus possuidores, 184.—Papelaria de Estêvão Nunes, 300.—Paróquia de S. Bartolomeu, 53.—Portas: da Oura, 204; de Santo Antão, 201, 203; do Terreiro do Trigo, 74, 434.—Postigo do Moniz, 249 *n*.—Ribeira, 163, 186; suas muralhas, 204.—Rossio, 123.—Ruas: da Amargura 53; do Arsenal, 204; Augusta, 284, 302; da Barroca, 299, 300; dos Condes, 184; do Corpo Santo, 186 *n*; Direita da Praia, 196 *n*; Direita de S. Paulo, 196 *n*; Direita que vai para Santa Barbara, 260; dos Douradores, 291; de Eugénio dos Santos, 184; de Jerusalêm, 53, 88, 148, 247; da Judiaria Nova, apar da Moeda, 66; Nova, 106, 124, 257, 269; Nova dos Mercadores, 123; dos Penosinhos, 249; das Portas de Santo Antão, 184, 203; de San Bartolomeu 53; de Santiago, 53; da Saudade, 53.—Santos o Velho, praia fronteira, 64.—Sé, 106.—Sede da companhia de seguros Fidelidade, 196 *n*.—Tanoaria, 106.—Taracenas, 204.—Terreiro do Trigo, 74.—Tôrres: do Maracote, 196 *n*; da Varanda, 163.—Travessa do Cotovêlo, 204.—Xabregas, vidè mosteiros dos Loios e da Madre de Deus.

Lisboa, Fr. Marcos de, deixou umas memórias do convento de Orgens, 229 *n*, 230 *n*.

Lisboa, Pero de, escrivão da fazenda e contas da Casa da Imposição de Lisboa, é nomeado por G. V. no *Auto da Barca do Inferno*, 86.

Livro de Denunciações do Anno de 1560, 266.

Livro de gerações deste Reino, 262.

Livro de lançamento e serviço que a cidade de Lisboa fez a el Rei nosso senhor o anno de 1565, 87, 88, 91, 247 *n*, 249 *n*, 256.

Livro das moradias da rainha D. Caterina, 250.

Livro onde está tresladado o testamento e codicillo da Iffanta Dona Maria, 251 *n*.

Livro das tenças de 1523, 201.

Lobato, André, impressor em Lisboa, imprime a 2.ª ed. das *Obras* de G. V., 261, e os *Autos e Comédias de António Prestes, Luís de Camões e outros*, 281 *n*, 282.

Lobo, D. Diogo, 2.º barão de Alvito, 73-74, 143, 166, 214 n, 434.—Levanta o castelo de Alvito 74 *n*.—Vedor da fazenda, 74, 166.—Poeta do

Digitized by Google

Cancioneiro, 74 *n*.—E' mencionado por G. V. no *Velho da horta*, 59, 74 *n*.
Lobo, D. Felipe, aposentador mor de D. João III, 222 *n*.
Lobo, D. Francisco, pagem da lança de D. João III, embaixador a Carlos V, assistiu à morte da Imperatriz, 166.—Acompanhou o Imperador na desastrosa empresa de Argel, 166.—E' nomeado por G. V. na *Nau de Amores*, 164.
Lobo, Rafael, moço fidalgo, 158.
Lobo, D. Rodrigo, vedor da fazenda de D. João III, 214, 220, 234, 438, 443, 444, seu casamento, 142-143.—Foi poeta do *Cancioneiro* e posteriormente o 3.º barão de Alvito, 214 *n*, 443, 444.—Recebe D. João III no seu castelo de Alvito, 214 —Esteve posteriormente prêso no castelo de Soure, 214 *n*.—G. V. refere-se a êle na *Romagem de agravados*, chamando-lhe D. Rui Lobo, 214 *n*, 220.
Lobo, D. Rui, mencionado por G. V. na *Romagem de agravados*, 214 *n*, 220.—Vidé **Lobo**, D. Rodrigo.
Lomanha, Ana de, moça da câmara da infanta D. Maria, 250 *n*.
Londres, biblioteca do British Museum, existem lá: edições avulsas de autos de G. V., 287, 294, 296, 298; as *Obras* da edição de 1852, 302; e o *Auto da Donzela da Tôrre*, 301.
Lopes, Afonso, capelão del Rei e tesoureiro da sua capela, 282.
Lopes, Afonso, escrivão da alfândega de Lisboa, 239, moço da capela de D. Manuel, 239 *n*.
Lopes, Afonso, impressor em Lisboa, 282.
Lopes, Afonso, moço da capela, 261, 278, 279, 282, publicou a segunda edição da *Copilaçam de todalas obras de G. V.*, 261, 278, 279, 281, 282.—Teve privilégio para esta impressão, 261, 279, 282, e para a dos *Autos e comédias de Antonio Prestes, Luis de Camões e outros*, 281, 282.—Barbosa Machado confunde-o com outro, 282.
Lopes, Afonso, recebedor mor das alfândegas do Algarve, 239.
Lopes, Afonso, sacador da sisa do Aver do Peso de Lisboa, 236.
Lopes, David, académico, 166.
Lopes, Francisco, escrivão da infanta D. Maria, 447.
Lopes, Inhigo, escudeiro da casa del Rei e seu batefolha cortesão, 441.
Lopes, Isabel, mulher do dr. Cristóvão Esteves, 221 *n*.
Lopes, Rui, o Pato, veador da casa do príncipe D. João, 153, 154, e da de D. João III, 153, 154, 200, 222, é nomeado por G. V. no *Templo de Apolo*, 151, 154; no *Clérigo da Beira*, 200; e na *Romagem de agravados*, 154, 220, 222.
Lopes, Tomé, 169 *n*.
Lopes, Tomé, escrivão servindo de guarda mor da Tôrre do Tombo, 17, 18.
Lopes Çapaio, Afonso, cristão novo, morador em Tomar e trovador, dirige-lhe G. V. umas *Trovas* a pedido do Conde do Vimioso, 239, 278.—Provávelmente já no reinado de D. João III, 240.—Dirige-lhe outras estando o Çapaio doente em Santarêm, 239, 278.—E ainda umas terceiras, 390.
Lopes da Costa, Afonso, cavaleiro fidalgo, 282.
Lopes Vieira, Afonso, compila alguns autos de G. V., 286.—Faz uma versão do *Monólogo de Vaqueiro*, 287.
Lopez de Haro, Nobiliário de España, 172.
Loulé, Conde de, vidé **Conde de Loulé**.
Lourel, aldeia do termo de Sintra, 207.
Lourenço, Germão, morador nos paços da Alcáçova, 247 *n*.
Lousada, Gaspar Alvares de, Sumários da Tôrre do Tombo, 43, 70, 113, 134 *n*, 152, 154, 155, 165 *n*, 169 *n*, 176, 184, 201, 202, 223 *n*, 229.
Lucano, poeta, 252, 253.
Lucena, Dr. mestre António de, físico mor, 64, 66, 67.
Lúcio, Adrião, escrivão, 445.
Luís, D., infante, nasce em Abrantes, 51.—Toma parte no serão à despedida de sua irmã D. Beatriz, 106, e no outro aos desposórios de sua outra irmã D. Isabel, 145.—Leva o estoque rial na aclamação de D. João III, 124.—Vai à raia tomar entrega da rainha D. Caterina, 137, 140.—Acompanha até à raia a Imperatriz sua irmã, 158.—Aventureiro na empresa de Tunes, 388.—Presunção de ter escrito o *Auto de Dom Luis de los Turcos*, 262.—Diz-se ter sido afeiçoado às letras, 388.—Ao seu nascimento recita G. V. um *Sermão*, 51, 387.—E' por êle nomeado na *Exortação da guerra*, 387; nas *Côrtes de Júpiter*, 112, 387; e no *Romance à aclamação de D. João III*, 124, 387.—Parece ter G. V. tido certo propósito intencional de o não louvar, 387, 388.—Oficiais seus: escrivão da puridade e chanceler, 154; reposteiro e cavaleiro de sua casa, 258, 259; tesoureiro da sua capela, 197; veador da sua casa, 153.—Doações suas, 112 *n*, 202.
Macedo, Joane Mendes de, 34.
Macedo, Manuel de, fidalgo da casa rial, 34.
Machado, Cristóvão, irmão de Pero Machado, 263, 264.
Machado, Pero, moço da câmara, 263, 444, casa com Valéria Borges, 256, 263, 408.—Foi juiz e tesoureiro da alfândega de Gogala por estar casado com Valéria, 263, 408, 444.—Sua morte, 264.
Madagascar, Ilha de, 151-152.
Madama Lianor, vidè **Áustria**, D. Leonor de.
Madama Margarida, vidè **Áustria**, D. Margarida de.
Madama dona Maria, vidè **Maria**, D., infanta.
Madre de Deus, Mosteiro da, vidè em Lisboa.
Madrid, Biblioteca Nacional de, impressões avul-

Digitized by Google

sas: de autos de G. V. 287, 288, 289, 290, 291, 293, 294, 295; de um dêles é tirada a transcrição do *Auto de Inês Pereira*, 358, 385; de outros autores, 301, 302.
Mafra, Senhor de, 105.
Maia, Felipa da, viúva de André Pires, 222 *n*.
Malaca: capitão, 111; guerra, 262; tomada, 80.
Málaga: feitor, 34; feitoria, 114.
Maldonado, Joana, moça da câmara da infanta D. Maria, 255 *n*.
Manuel, D., duque de Beja, sua educação, 36.—Seu estribeiro mor, 113 *n*.
Manuel, D., príncipe, filho de João III, seu nascimento, 211, no castelo de Alvito, 214.—Foi muito festejado: em Alvito, com «bailos», 214; em Bruxelas, em casa do Embaixador português, com a representação do *Jubileu de Amores* de G. V., 93, 214; em Lisboa, algum tempo depois, com a representação do *Auto da Lusitânia*, 214, 277.—Foi jurado nas Côrtes de Évora, 235.—Orador no auto do seu juramento, 187.
Manuel, D., rei de Portugal, manda uma embaixada a Henrique VII de Inglaterra participando-lhe a sua elevação ao trono, 104.—Pessoa que o acompanhou aos juramentos de Castela, 180 *n*.—Vai em romaria a Santiago de Compostela, parando em Barcelos, 35. — Seu hóspede em Ponte Vedra, 35.—Passa o Natal em Lisboa três anos consecutivos, 118.—Dá a peste em Lisboa e foge para Almeirim, 51.—Recebe em Évora a notícia da perda de Arzila e parte logo para Tavira, 120.—Novas da côrte em verso, 59-60.—Vai residir para os paços da Ribeira, 88.—Manda castigar o Governador da Casa do Cível, 222 *n*.—Passa o Natal em Almeirim três anos sucessivos, 82.—Mercês feitas ao filho de Afonso de Albuquerque, 200.—Morre a sua segunda mulher, recolhe-se no mosteiro de Penhalonga, onde assinou o seu testamento, passando d'ali para os Loios de Xabregas e d'aqui finalmente para Lisboa, mas muito saudoso ainda, 89.—Recebe as informações que de D. Leonor de Áustria lhe manda o seu Embaixador, 99, 389.—Resolve o seu terceiro casamento, 89.—Celebra-se em Saragoça, 98.—Dá outra vez a peste em Lisboa e foge para Sintra, 90, 95.—Vai-se encontrar com a esposa ao Crato, 98, 99, 388, d'onde segue com ela para Almeirim, 100.—Foi êste casamento mal visto pelo Príncipe, 26, 27.—Faz a sua entrada solene com a mulher em Lisboa, 15, 16, 23, 24, 101.—Assina o contrato de casamento da filha Beatriz com o Duque de Saboia, 101.—Serão na côrte à partida da infanta, 106, 113.—Reaparece a peste em Lisboa e dela morre, 114, 115, 116.—A sua morte parece não ter sido muito sentida, 116, 117, 123, 125.—Verba do seu testamento, 47.—O seu codicilo, 157.—Quebra dos escudos, então chamada ceremónia do pranto, feita por sua morte, 73 *n*, 123.—O ano da sua morte foi de terríveis fomes, 114, 127.—Manda fazer a tôrre de Belém, 49.—Outras fundações em que prosseguia com empenho, 53, 54.—Obras mandadas fazer na Casa da Relação de Lisboa, 95, 240 *n*, 241 *n*, 440 a 443; nas estrebarias em Lisboa, 204; no Limoeiro, 95, 440; nos paços de Sintra, 206.—Desperdícios seus, 204.—Objectos de oiro e prata do seu tesouro, 47, 48; de sua guarda roupa, 48.—Foi dado à astrologia judiciária, 70, muito em voga no seu reinado, 187.—Estimava vêr dar pública repreensão de seus defeitos aos moradores de sua casa, 87, 168.—Para isso se aproveitava dos chocarreiros castelhanos que trazia na côrte, 87 *n*.—Foi casto, não se lhe conhecendo amantes, 127, 206 *n*.—Derroga as leis de excepção lançadas contra os cristãos novos, 137.—Os negócios de importância do seu reinado eram tratados por António Carneiro, 157.—Contratos de especiaria, indústrias nacionais, importações de Flandres, 114.—Receitas do reino no fim do seu reinado, 113, 114.—Estado então da fazenda pública, 114.—Miséria no reino, 114.—Residências: Abrantes, 51; Almeirim, 51, 81, 82, 87, 90, 96, 100, 118; Chamusca, 52; Coimbra, 51; Colares, 90; Évora, 63, 96, 100, 120; paços da Alcáçova de Lisboa, 117, quando deixaram de ser habitação da família rial, 118; paços da Ribeira de Lisboa, 52, 81, 88, 121, quando começaram a ser habitados, 117, 247; paços de Santos de Lisboa, 51, 58, 81, 117, 121; Ponte de Lima, 35; Ponte Vedra, 35; Setúbal, 51; Tavira, 120; Tomar, 51; Tôrres Vedras, 90.—Sua mãe, vidè **Beatriz**, D., infanta.—Sua irmã, vidè **Duquesa de Bragança**.—Seus filhos, vidè **Afonso, António, Beatriz, Carlos, Duarte, Fernando, Henrique, Isabel, João, Luís** e **Maria**.—Alguns oficiais de sua casa e do reino: aio, 36; alferes mor, 125; almotacé mor, 151; anadel mor dos bèsteiros de cavalo, 163 *n*; aposentador mor, 222 *n*; armador mor, 73 *n*; camareiro, 89; capelão mor, 184; cirurgião mor, 45; escrivão da câmara, 156, 183, 183 *n*, 221 *n*, 222 *n*; escrivão da puridade, 20; estribeiro mor, 113 *n*; físico, 68; guarda roupa, 48, 73 *n*, 223 *n*; mestre de seus filhos, 179, 187; mestre sala, 201 *n*; monteiro mor, 112 *n*; mordomo mor, 125; pagem, 203, 205; porteiro da câmara, 206; porteiro mor, 203; recebedor do tesouro, 47; reposteiro mor, 139 *n*; secretário, 114, 157; tesoureiro da casa, 203 *n*; uchão, 34; vedor da casa, 204; vedores da fazenda, 73 *n*, 74, 91, 125, 166, 220, 239, 434, 435. — Vidè o seguinte.
Manuel, D., e G. V.: assiste à recitação do monólogo do *Vaqueiro*, no paço da Alcáçova, na câmara da rainha D. Maria, ao nascimento do príncipe D. João, 41, 50, 271.—No mesmo paço assiste à representação do *Auto pastoril*

Digitized by Google

castelhano, 45, 118.—Manda-lhe lavrar a custódia de Belêm com o primeiro oiro vindo das partes da Índia, 46.—Em Abrantes, na noite do nascimento do infante D. Luis, prega-lhe um *Sermão*, 51, 277.—Nomeia-o vedor das obras de oiro ou prata que se fizerem para o convento de Tomar, hospital de Todolos Santos de Lisboa e mosteiro de Belêm, 10, 433.—Nomeia-o mestre interino da balança da Moeda de Lisboa, 19, 433, com aumento de ordenado, 245.—Faz-lhe uma mercê para ajuda do casamento da irmã, 79, 435.—Manda por êle, de Almeirim, a resposta a uns apontamentos dos mercadores, tosadores e alfaiates de Lisboa, 87, 435.—No seu testamento manda dar ao mosteiro de Belêm a custódia e a cruz feitas por G. V., 47.—Dá-lhe licença para vender o oficio de mestre da balança, 436.—Manda-lhe dirigir as festas da entrada da rainha D. Leonor em Lisboa, 23, 101, 436, 437.—Deu-lhe aposentos nos velhos paços da Alcáçova, 88, 247.—Representa-lhe, em Almeirim, o *Auto da Fé*, 50, 56, 121, 272, 292.—Em Lisboa, no paço de Santos, o *Auto das Fadas*, 57, 276.—Em Lisboa, no paço da Ribeira, a farsa de *Quem tem farelos*, 51, 117, 119, 121, 275; o auto dos *Quatro tempos*, 50, 117, 272, e a farsa do *Velho da horta*, 58, 276.—Em Lisboa, à partida da expedição para Azamor, a tragicomédia *Exortação da guerra*, 74, 275.—Em Lisboa, num serão da côrte, a *Comédia do Viúvo*, 76, 274.—Em Lisboa, no paço de Santos, o *Auto da Fama*, 79, 81, 276.—No paço, por contemplação da rainha D. Leonor e por seu mandado, representou-lhe G. V. o *Auto de Moralidade*, 287, 391, que é o *Auto da Barca primeira*, 291, 292.—Em Lisboa, na câmara da rainha D. Maria, representa-lhe, conforme a rúbrica, êste mesmo auto com a designação de *Auto da Barca do Inferno*, 84, 272, 391.—Em Lisboa, no paço da Ribeira, o *Auto da Alma*, 52, 90, 98, 272.—Em Almeirim, na capela dos paços, o auto da *Barca da Glória*, 96, 273.—Em Lisboa, nos paços da Ribeira, à partida da infanta D. Beatriz para Saboia, representa-lhe a tragicomédia das *Côrtes de Júpiter*, 107, 275.—A sua morte escreve G. V. um *Romance*, 115, 277.—Depois de enterrado escreve as *Orações dos grandes*, 116, 277.—Saudade de G. V., por êle, 117.—Não foi seu mestre de retórica, 36, 37, 39.—Não lhe fez nenhuma doação da quinta do Mosteiro, 12, 13.

Manuel, D. Fradique, 260.

Manuel, D. Joana, donzela do paço, nomeada por Garcia de Rèsende e por G. V., 60, casou com D. Alonso Pacheco, 61.

Manuel, D. João, poeta do *Cancioneiro*, 61.

Manuel, João, recebedor da sisa do pescado e madeira, 435.

Manuel, D. Maria, por quem o Duque de Coimbra se apaixonou loucamente, 165 *n*.

Maracote, Gonçalo Martins, conservador do Estudo de Lisboa, 195.

Maracote, Leonor Gonçalves, mulher do dr. Francisco Tibau, 195, 196 *n*.

Maracote, Rui Gonçalves, corregedor em Entre Doiro e Minho, promotor da justiça da Casa do Civel, conservador do Estudo de Lisboa, 195, foi corregedor do crime de Lisboa, 195, 196, e do desembargo, 195 *n*. E' mencionado por G. V. no *Clérigo da Beira*, 195.

Maracote, Tôrre do, em Lisboa, 196 *n*.

Margarida de Parma, filha natural de Carlos V, 185.

Maria, filha de Luis Vicente, vidè **Visitação**, Sóror Maria da.

Maria, D., infanta, filha de D. João III, nasce em Coimbra, 167, 178.—Ao seu nascimento representa G. V. o auto da *Serra da Estrêla*, 181, 193, 237.—Foi princesa das Astúrias, ou de Castela por casar com o príncipe de Castela, futuro Filipe II, 126 *n*, 164 *n*, 181.—Sua camareira mor, 205; seu veador, 164 *n*.

Maria, D., infanta, filha de D. Manuel, nasce em Lisboa, 101, 389.—Aos dois meses nomeia-a G. V. nas *Côrtes de Júpiter*, chamando-lhe « madama dona Maria », 388, 389.—Põe-lhe D. João III casa apartada, 250, 251.—No seu apanágio entra a vila de Tôrres Vedras, 12.—Foi protectora e amiga de Paula Vicente, filha de G. V., 101, 254.—Tomou-a para sua casa, 14 *n*, 141, 247, 251; como môça da câmara e tangedora, 250; e lá permaneceu perto de quarenta anos, 254.—Alcança para ela uma tença, 254, 446; mas não lhe fez nenhuma doação de bens em Tôrres Vedras, 12, 13, 255 *n*.—Havendo respeito aos serviços de Paula Vicente, fez mercê a três sobrinhas suas de tres tenças, 255, 265, 266, 447.—As tenças foram dadas à mãe, D. Valéria Borges, por as filhas serem ainda menores, 265.—Teve côrte brilhante, 254, 447.—Mulheres da sua casa, 251, 252.—Seus serões, 251.—Manda fazer o *Rol dos seus criados e criadas*, 250, 251 *n*, 255.—Satisfações deixadas às suas moças da câmara, 255 *n*.—Sua morte, 266.—Seu testamento e codicilo, 251 *n*.—Seu testamenteiro, 267, 447.—Tenças que deixou encomendadas, 251 *n*.—Cadernos das suas tenças, 252 *n*, 266.—Seu suposto apaixonado, 249.—Algumas pessoas da sua casa: dama estrangeira, 250 *n*, 263; dona da câmara, 255 *n*; escrivão, 447; vedor e escrivão da sua fazenda, 447, 448; moças da câmara, 250, 250 *n*, 251, 252, 252 *n*, 254, 255, 263, 445, 446, 447; moço da câmara, 14 *n*, 250; mordomo mor, 263; tangedor, 250 *n*, 264; tangedora, 250.

Maria, Madama dona, nomeada por G. V. nas *Côrtes de Júpiter*, seria alguma dama da rainha D. Leonor? 113.—Não, era a infanta D. Ma-

Digitized by Google

ria, filha de D. Manuel, 388, 389. — Vidè a precedente.
Maria, D., mulher de Pero Carvalho, 223 *n*.
Maria, D., rainha de Portugal, mulher de D. Manuel, ao seu primeiro parto recita G. V. na sua câmara o monólogo da *Visitação*, 41, 50, 271.—Chama-lhe G. V. a Rainha Nova, 10, 50.—Donzelas suas nomeadas por Garcia de Rèsende nas *Trovas a Manuel de Goios*, 60, e por G. V. no *Velho da horta*, 59, 60, 61.—Assiste à representação do *Auto das Fadas*, 57.—Na sua câmara, estando doente do mal de que morreu, representa-lhe G. V. a *Barca do Inferno*, 82, 84, 272, 391.—Sua morte, 84, nos paços da Ribeira de Lisboa, 89.—Algumas pessoas de sua casa: camareira pequena, 165 *n*; dama, 57; donzelas, vidè **Abreu**, D. Isabel de; **Ataíde**, D. Maria de; **Calataiud**, D. Maria de; **Eça**, D. Ana de; **Henriques**, D. Maria; **Lima**, D. Violante de; **Mendoça**, D. Joana de; **Sá**, D. Beatriz de; **Silva**, D. Beatriz da; **Sousa**, D. Margarida de; físico, 62; mulher a seu serviço, 113; veador da casa, 57, 112.
Maria da Visitação, Sóror, a Freira Santa da Anunciada, 166.
Marialva, Conde de, vidè **Conde de Marialva**.
Marialva e Loulé, herdeira destas casas, 76.
Marichal, vidè **Coutinho**, D. Álvaro; **Coutinho**, D. Fernando.
Marichal, O, nomeado por G. V., vidè **Coutinho**, D. Álvaro.
Mariscal, vidè **Foes**, Vasco de.
Marquês, O, por excelência era o de Vila Rial, 139. — Assim o designavam e assim se assinava êle, 140 *n*.
Marques, Apolino Augusto, Gil Vicente e as suas obras, 228.
Marquês de Ferreira, vidè **Melo**, D. Rodrigo de.
Marquês de Pombal, êrro de quem supuser nêle irreligião, por ter expulsado os Jesuitas e por ter dado *Regimento* novo à Inquisição, 192. — Casa de seus descendentes em Sintra, 207.
Marquês de Torres Novas, vidè **Lancastre**, D. João de.
Marquês de Valença, filho primogénito do 1.º Duque de Bragança, foi pai de D. Afonso de Portugal, bispo de Évora, 116.
Marquês de Vila Franca, 161.
Marquês de Vila Rial: 1.º, vidè **Meneses**, D. Pedro de; 2.º, vidè **Meneses**, D. Fernando de; 3.º, vidè **Meneses**, D. Pedro de; 4.º, 214 *n*.
Marquesados, primeiros que houve em Portugal: Valença, Vila Viçosa, Montemor o Novo, 139 *n*, 140 *n*; Vila Rial, 139 *n*, 140 *n*; Tôrres Novas e Ferreira, 140 *n*.
Marqueses de Abrantes, 169 *n*.
Martinho, D., nomeado por G. V. no *Velho da horta*, 59. — Vidè **Castelbranco**, D. Martinho de.
Martins, João, mestre da balança da Moeda de Lisboa, 245 *n*, 246 *n*.
Mascarenhas, D. Fernando Martins, capitão dos ginetes, 166 *n*.
Mascarenhas, D. Francisco Martins, bispo do Algarve, inquisidor geral, manda publicar em 1624 o *Index auctorum damnatæ memoriæ*, 351.
Mascarenhas, D. Pedro, embaixador junto a Carlos V, 93, 106, 214, fez representar em sua casa, em Bruxelas, o *Jubileu de Amores*, de G. V., 93, 214.—Foi estribeiro mor de D. João III, 113 *n*.
Matança, apresentação na igreja da Madalena, 157.
Matemático, 187, 207, 208.
Matosinhos, Conde de, vidè **Conde de Matosinhos**.
Mazagão, Capitão da praça de, 163 *n*, 202.
Médico, 70.
Medina, Diogo de, padre, encarregado de cópias na Tôrre do Tombo, 18, 19.
Medina, Feira de, 188.
Meireles, Diogo Fernandes de, escrivão da alfândega de Lisboa, 112 *n*.—Vidè **Fernandes**, Diogo, comendador.
Melo, António de, escrivão, 444.
Melo, Cristóvão de, porteiro mor de D. João III, 166 *n*.
Melo, Cristóvão de, porteiro mor de D. Felipe I, neto do precedente, 166 *n*.
Melo, Diogo de, vidè **Melo da Silva**, Diogo de.
Melo, Francisco de, mestre em Artes e licenciado em Teologia pela Universidade de Paris, mestre dos filhos de D. Manuel, orador nas Côrtes de Tôrres Novas e de Évora e no auto do juramento do príncipe D. Manuel, foi astrólogo, 187, e insigne matemático, 187, 208. —Não teve o título de dom, nem foi eleito bispo de Goa, 187 *n*.—E' mencionado por G. V. no *Auto da Feira*, 187, e no sumário das *Trovas a Felipe Guilhen*, 208, 278.
Melo, Garcia de, alcaide mor de Serpa, mencionado no *Cancioneiro*, 203. Talvez seja o seguinte.
Melo, Garcia de, embaixador a Inglaterra, 104.
Melo, Garcia de, monteiro mor, 203 *n*.
Melo, Garcia de, monteiro mor, *outro*, 204 *n*.
Melo, Inês de, mãe dos filhos do cónego Gonçalo Mendes, 173, 174.
Melo, Jorge de, do Alandroal, sobrinho de Jorge de Melo, o Picota, 202. — Também se chamou Jorge de Melo Pereira, 202.
Melo, Jorge de, anadel mor dos bèsteiros de cavalo, capitão da praça de Mazagão, 163 *n*.
Melo, Jorge de, camareiro e guarda mor do infante D. Duarte, 202.—Também se chamou Jorge de Melo Coutinho, 202.
Melo, Jorge de, mestre sala de D. Manuel, 201 *n*.
Melo, Jorge de, monteiro mor, 164 *n*, 201, 205,

Digitized by Google

é nomeado por G. V. no *Clérigo da Beira*, 200, 201, 202, 203.—Foi pagem de D. Manuel, 203, 205, que lhe fez várias mercês, 203, 204. —Foi monteiro mor do principe D. João e depois de D. João III, 203, 205, que lhe fez várias mercês, 205.—Casas suas em Lisboa, 203, 204.—Vários homónimos seus, 201.

Melo, Jorge de, pagem da Imperatriz, 202. — Também se chamou Jorge de Melo da Silva.

Melo, Jorge de, o Picota, capitão de uma das esquadras da armada da Índia, capitão de Cananor, parcial de Afonso de Albuquerque, assistiu à morte do vice rei D. Francisco de Almeida, 201 —Foi mestre sala da rainha D. Leonor de Áustria, 201.—Também se chamou Jorge de Melo Pereira, 202.

Melo, Jorge de, primo de Jorge de Melo, camareiro do infante D. Duarte, 202.

Melo, Manuel de, monteiro mor, 164 *n*.

Melo, Manuel de, reposteiro mor de D. João II, capitão de Tánger, 187.

Melo, Manuel de, de Tavira, 164 *n*.

Melo, Manuel de, veador da princesa das Astúrias D. Maria, embaixador em Castela, 164 *n*, é nomeado por G. V. na *Nau de Amores*, 163. — Também se chamou Manuel de Melo Coutinho, 164 *n*.

Melo, Martim Afonso de, capitão nos Açores e na Índia, 202.

Melo, Martim Afonso de, capitão de Mazagão e de uma armada da China, 202, seria o poeta do *Cancioneiro* nomeado por G. V. no *Velho da horta*, 59.

Melo, D. Rodrigo de, 1.º conde de Tentúgal e 1.º marquês de Ferreira, 116, 140 *n*, atribuilhe G. V. uma *Oração* à morte de D. Manuel, 116, e umas *Palavras* à aclamação de João III, 125.

Melo, Rodrigo Afonso de, conde de Olivença, 187.

Melo, Rui de, 202 *n*.

Melo, Vasco Martins de, alcaide mor de Castelo de Vide, 201.

Melo Coutinho, Jorge de, 202.

Melo Coutinho, Jorge de, *outro*, 202.

Melo Coutinho, Manuel de, 164 *n*.

Melo Pereira, Diogo de, 203, 390.—É êrro, vidè **Melo da Silva**, Diogo de.

Melo Pereira, Jorge de, 202.

Melo Pereira, Jorge de, *outro*, 202.

Melo da Silva, Diogo de, porteiro mor de D. Manuel, foi veador da casa da rainha D. Caterina, poeta do *Cancioneiro*, 203, 390.

Melo da Silva, Jorge de, 202.

Memória da doença e entêrro de D. Manuel, 123.

Memórias de litteratura da Academia, 143, 187.

Mendes, Gonçalo, cónego de Coimbra, 173, 174, legitima vários filhos, 173. — Não é o beneficiado Gonçalo Mendes de Sá, pai de Sá de Miranda, 174.

Mendes, Luís, bacharel, físico, nomeado por G. V. no *Auto dos Físicos*, 62, 68.

Mendes Leal Junior, J. da S., editor das *Obras de G. V.* da ed. de Lisboa de 1852, 284.

Mendes dos Remédios, Dr., Subsídios para o estudo da História da Literatura Portuguesa, 211 *n*, 285. — Nêles compreendeu uma edição da *Miscellanea de Garcia de Rèsende*, 211 *n*, e outra das *Obras de G. V.*, 285. — *Prefácio* a esta edição, 240. — Em apêndice a ela publicou um *Glossário*, 130, 166, 182, 200, 213, 236, 286; e uma secção intitulada «Contribuições para o conhecimento das obras de G. V.», 417.

Mendoça, D. Antónia de, mulher de Jorge de Melo, o Picota, 202.

Mendoça, António de, deputado do Conselho Geral da Inquisição, 279.

Mendoça, Diogo de, alcaide mor de Mourão, aventureiro nas justas de Évora, 205.

Mendoça, D. Isabel de, donzela da rainha D. Caterina, mulher de Jorge de Melo da Silva, 202.

Mendoça, D. Joana de, donzela do paço, nomeada por Garcia de Rèsende e por Gil Vicente, 60, veio a casar com o duque de Bragança, D. Jaime, 62, 204.

Mendoça, D. Margarida de, mulher de Jorge de Melo, 204, 205; depois de viúva foi camareira mor da princesa das Astúrias, 205.

Mendoça, D. Maria de, donzela da rainha D. Leonor de Áustria, mulher de Manuel de Melo, 164 *n*.

Meneses, D. Aldonça de, instituidora de um morgado que passou aos Sás do Pôrto, 171.

Meneses, D. António de, avô do seguinte, 265.

Meneses, D. António de, genro de G. V., 29 *n*, 34; proprietário de casas na rua dos Penosinhos, 250 *n*, 265 *n*, usou o apelido Almeida. Vidè **Almeida,** D. António de.

Meneses, D. Beatriz de, neta de G. V., foi filha de D. Valéria Borges, 254, 265. — Quando nasceu, 264, 265, 409. — Nomeia-lhe sua tia Paula Vicente uma tença, 254, 264, 265, 410, 446. — A infanta D. Maria deixa-lhe outra, 255, 410, a qual por ela recebe seu pai, depois sua mãe, 266, 266 *n*, e finalmente ela directamente, 267. — Nela traspassa sua mãe outra tença, 267, 412, 448, 449, 450.—Nunca foi freira, 268. — Vidè **Brites,** D.

Meneses, D. Branca de, mulher de D. Francisco Lobo, 166.

Meneses, D. Brites de, mulher de Henrique de Sá, 111.

Meneses, D. Caterina de, primeira mulher de João Rodrigues de Sá, 111.

Meneses, D. Constantino de, neto de G. V., 29 *n*, 265, foi capitão de Chaul, 268.

Meneses, D. Duarte de, governador da India, 222 *n*.

Meneses, D. Fernando de, 2.º marquês de Vila

Digitized by Google

Rial, 4.º capitão de Ceuta, atribui-lhe G. V. uma *Oração* depois do enterramento de D. Manuel, 116. — Põe na sua bôca umas *Palavras* por ocasião da aclamação de D. João III, 125. — É confundido com o filho, 158 *n*.

Meneses, D. João de, conde prior, conde de Tarouca, capitão de Arzila e de Tânger, governador da casa do príncipe D. Afonso, mordomo mor e alferes mor de D. Manuel, prior do Crato, poeta do *Cancioneiro*, atribui-lhe G. V. umas *Palavras* por ocasião da aclamação de D. João III, 125. — Vidè **Conde Prior.**

Meneses, D. João de, neto de G. V., 29 *n*, 265, 268. — Procurador de suas irmãs, 267.

Meneses, D. João de, poeta do *Cancioneiro*, 59, 111, é nomeado por G. V. no *Velho da horta*, 59.

Meneses, D. Leonor de, mulher de Diogo Lopes de Azevedo e depois de Jorge de Vasconcelos, 110, 111.

Meneses, D. Luís de, filho segundo do Conde Prior do Crato, é nomeado por G. V. no *Auto das Fadas*, 57. — Com quem casou, 58.

Meneses, D. Luís de, neto de G. V., 29 *n*, 265, seu casamento, 262, 268. — Procurador de suas irmãs, 267.

Meneses, D. Luís de, pai do genro de G. V., 34, 37, é de um ramo dos Meneses de Cantanhede, 265.

Meneses, D. Maria de, mulher de D. Jorge Henriques, 166 *n*.

Meneses, D. Mariana de, neta de G. V., foi filha de D. Valéria Borges, 29 *n*, 265. — Deixa-lhe a infanta D. Maria uma tença, 255, 410, a qual por ela recebeu seu pai e sua mãe, 266. 266 *n*. e depois ela directamente, 267. — Renuncia nela sua mãe outra tença, 268, 412, 449, 450. — Morre antes de sua irmã Beatriz, 268.—Não foi freira, 268.

Meneses, D. Pedro de, capitão de Ceuta, morre lá num desbarate, 176.

Meneses, D. Pedro de, 2.º conde de Alcoutim, atribui-lhe G. V. uma *Oração* depois do enterramento de D. Manuel, 116, 139, e umas *Palavras* ao aclamar de D. João III, 125. — Foi marquês de Vila Rial, 139. — Vidè **Meneses,** D. Pedro de, 3.º marquês de Vila Real.

Meneses, D. Pedro de, conde de Viana, capitão de Ceuta, 171.

Meneses, D. Pedro de, 3.º conde e 1.º marquês de Vila Rial, 36 *n*, 140 *n*. — Seu físico, 66.

Meneses, D. Pedro de, 3.º marquês de Vila Rial, era o 2.º conde de Alcoutim, 139. — Vai acompanhar a Imperatriz a Sevilha, 158, 159. — Do caminho e de lá dirige várias cartas a D. João III, 158, 159, 160, 161, 390. — Algumas das cartas foram escritas por Afonso de Albuquerque, 390. — Depois do casamento é recebido em audiência por Carlos V, 159, 160, que lhe dá um presente, 160. — Sua saída de Sevilha, 161. — Alude G. V. a êle na *Frágoa de Amor*, 139.

Meneses, D. Pedro de, neto de G. V., 29 *n*, 265, 268.

Meneses, D. Rodrigo de, poeta do *Cancioneiro*, 111.

Meneses, apelido acrescentado pelos Sás do Pôrto ao seu nome, 171, 172.

Meneses, de Cantanhede, a um ramo dêles pertencia o genro de G. V., 265.

Mercadores estrangeiros residentes em Portugal são dispensados da proibição das sedas, 137.— Os sicilianos, italianos e napolitanos elegem seu cônsul mor, 155.

Mercadores, tosadores e alfaiates de Lisboa mandam a D. Manuel por G. V. uns apontamentos, 87.

Mestre da Balança, vidè em Moeda de Lisboa.

Mestre da capela, vidè em Capela rial.

Mestre dos infantes filhos de D. Manuel, 179, 187. — De D. João III, 157.

Mestre sala: da rainha D. Leonor de Áustria 201; del rei D. Manuel, 201, 201 *n*.

Mestre de Santiago, filho natural de D. João II, 116, 165, acudiu ao rebate de Arzila, 121. — Atribui-lhe G. V. uma *Oração* após o enterramento de D. Manuel, 116, e umas *Palavras* por ocasião da aclamação de D. João III, 125. — Duas filhas suas, 266. — Um criado seu, 88 *n*. — Vidè **Jorge,** D.

Mexia, Afonso, Somaryo, 154, ou *Livro das tenças*, 165 *n*.

Michaëlis de Vasconcelos, D. Carolina, aprecia os êrros das didascálias, ou rúbricas dos autos de G. V., 50, 51. — Dá notícia dos primeiros autos de G. V. proibidos pela censura, 92, 93. — Retrata Paula Vicente, 254.— Atribui uma data à *Carta a António Pereira* de Sá de Miranda, 170 *n*. — Supõe ser a égloga *Alexo* de Sá de Miranda réplica a alguma das peças proibidas de G. V., 172, 173. — Indica ao autor certas reproduções de obras de G. V., 290. — Facilita-lhe a revisão das provas do *Auto de Inês Pereira*, emprestando-lhe a fotografia dêle, 358. — Promete reproduzir o texto da 1.ª ed. do *Auto de Moralidade*, 357.

Michaëlis de Vasconcelos, D. Carolina, A infanta D. Maria e as suas damas, 254 — *Notas Vicentinas*, I e II, 51, 92, 93, 95, 228, 288, 289, 291, 292, 357.—*Novos estudos sobre Sá de Miranda*, no «Boletim da Segunda Classe da Academia», 173.—*Poesias de Francisco de Sá de Miranda*, 169 *n*.

Miguel, filho de Fernão Gil, mestre da balança da Moeda de Lisboa, 433, 436.

Mina: capitão, 60, 152; escrivão segundo da feitoria, 242, 248, 251, 406, 407, 439; oiro de lá, 114.

Minho, lá passaria G. V. a sua mocidade, 33.

Miranda, João Gonçalves de, avô de Sá de Miran-

Digitized by Google

da, 173 *n*.—Vidè **Miranda Soutomaior**, João Gonçalves de.
Miranda do Corvo, antiga Miranda de Podentes, 250.
Miranda do Douro, apresentação na sua igreja de Santa Maria, 197.
Miranda Henriques, Francisco de, capitão de armada na Índia, 268.
Miranda de Podentes, Juiz dos órfãos de, 250.
Miranda Soutomaior, João Gonçalves de, avô de Sá de Miranda, 171, 172 *n*, não se chamou João Fernandes de Soutomaior, 171.
Moça da câmara: da infanta D. Maria, 250, 250 *n*, 251, 252, 252 *n*, 263, 445, 446, 447; satisfações que lhes deixou, 255 *n*.—Da rainha D. Leonor, 44 *n*.
Moço da câmara da infanta D. Maria, 14 *n*, 250. —Del rei, 139 *n*, 249, 259, 263, 439, 444.
Moço da capela, vidè em Capela.
Moeda, vidè em Lisboa.
Moeda, Casa da, vidè em Lisboa.
Moluco, Tratado de, 152.
Monforte, passa por lá a imperatriz, 158.
Moniz, Felipa, primeira mulher de Cristóvão Colombo, 139 *n*.
Moniz, Garcia, tesoureiro da Moeda de Lisboa, 59 *n*, 85, 86, 245 *n*, 433, foi demitido do ofício, 86, 87.—E' nomeado por G. V. no *Velho da horta*, 59, e na *Barca do Inferno*, 59 *n*, em termos ofensivos, 85, 86.
Moniz, Nicolau, moço da câmara, e escrivão da Casa do Civel, 139 *n*.
Moniz, Pero, cantor de D. João II e D. João III, escrivão e solicitador dos feitos da justiça na Casa do Civel, 139 *n*, é nomeado por G. V. no *Parecer* junto ao *Processo de Vasco Abul*, 138 *n*, e na tragicomédia *Frágoa de amor*. 138.
Moniz, Pero, reposteiro mor de D. Manuel, poeta do *Cancioneiro*, 139.
Moniz, Rui, tesoureiro da Moeda de Lisboa, 86.
Moniz de Castelo Branco, Manuel, genealogista, 3.
Moniz da Silva, Pero, reposteiro mor, 139 *n*.
Monroy, D. Goterre de, capitão de Goa, 71.
Monsanto, Senhora da casa de, 58.
Montalvo, Belchior de, tabelião em Lisboa, 446.
Monteira, Isabel, moça da câmara da infanta D. Maria, 250 *n*.
Monteiro mor, 203 *n*, 204 *n*, sua jurisdição, 205. —Do principe D. João, 203; del rei D. João III, 164 *n*, 201, 203, 205; del rei D. Manuel, 112.
Montelongo, Senhor de, 111.
Montemor o Novo: obras lá mandadas fazer por D João III, 440.—Reside lá D. João III, 142, 144, 213.
Montemor o Novo, Marquesado de, 139 *n*, 140 *n*.
Monterégio, Joannes de, célebre astrónomo alemão, alegado por G. V. no *Auto da Feira*, 187, e na *Fala aos frades de Santarêm*, 213.
Moradias: escrivão, 222 *n*; pagador, 180 *n*, 198; tesoureiro e pagador, 180 *n*, 183 *n*.
Moraes, Diccionário, 194.
Moraes, Brites de, mulher do licenciado Afonso Anes, 176 *n*.
Moraes, Francisco de, autor do *Palmeirim de Inglaterra*, 54, apaixona-se por uma dama francesa durante a sua estada em França, 99 *n*.
Moratin, D. Leandro Fernandez de, Origenes del Teatro Español, 287, 288, 289.
Mordomo mor: da infanta D. Isabel, 159; da infanta D. Maria, 263; do principe D. João, 116; del rei D. Manuel, 125.
Moreira de Mendonça, História universal dos terremotos, 211 *n*.
Mosteiro, Quinta do, suposta doação dela a G. V., 12, 13, que não passou lá os seus últimos anos, 13, 244.
Mosteiro de Matacães, têrmo de Tôrres Vedras, moradores lá, 259, 260, 261, 262.
Mota, Henrique da, morador no Bombarral, juiz dos órfãos de Óbidos, escrivão da câmara rial, 43, foi poeta do *Cancioneiro* e iniciador do *Processo de Vasco Abul*, 42, 43, 44, 55, 56.
Mota, Mestre, bispo de Badajoz, 100.
Moura, Escrivão dos órfãos de, 259.
Moura, Manuel de, escrivão, 436, 440.
Mourão, Alcaide mor de, 205.
Mourão, António, morador na rua dos Penosinhos, 249, 250 *n*.
Muja, de lá parte para Castela a viúva de D. Manuel, 128.—Terras no seu paúl, 222 *n*.
Munich, Biblioteca Rial de, 288.
Músicos, 130.
Napolitanos residentes em Lisboa, Cônsul mor dos mercadores, 155.
Narrativa da perseguição de Hippolyto José da Costa Pereira Furtado de Mendonça, 192.
Natividade, Fr. Francisco da, Lenitivos da dor, 253.
Nau Garça, uma das da armada da Índia, 56.
Navarro, João, lingua de uma embaixada ao Hidalcão, 71.
Neto, Álvaro, escrivão 437, 438.
Neto, Dr. Brás, nomeado por G. V. no *Templo de Apolo*, 151, foi desembargador do paço e petições, chanceler mor interino, embaixador a Carlos V e a Roma, bispo de Santiago de Cabo Verde, comissário de Portugal no tribunal das prêsas em Baiona, 152. — Cartas suas, 153.
Neto, Dr. Pedro Gonçalves, 152.
Neto, Simão, 152 *n*.
Nicolau, Mestre, físico nomeado por G. V. no *Auto dos Físicos*, 62. — Vidè **Coronel**, Mestre Nicolau.
Nobiliário quinhentista em meu poder, 84, 37, 166 *n*, 172, 265.
Noronha, D. Afonso de, aposentador mor de D. João III, 222 *n*.

Digitized by Google

Noronha, D. António de, escrivão da puridade de D. Manuel, conde de Linhares, 200.
Noronha, D. Brites de, condessa da Feira, 58.
Noronha, D. Henrique de, comendador mor de Santiago, poeta do *Cancioneiro*, a êle alude G. V. no *Velho da horta*, 59.
Noronha, D. João de, prior de Santa Cruz, poeta do *Cancioneiro*, 36 *n*.
Noronha, Manuel de, versos às suas ceroilas, 180 *n*.
Noronha, D. Maria de, mulher de Afonso de Albuquerque, 200.
Nunes, Duarte, escrivão do recebedor da sisa do pescado e madeira, 435.
Nunes, Miguel, recebedor do tesouro de D. Manuel, quitações, 47, 48.
Obidos: juiz dos órfãos de lá, 43. — As suas jurisdições eram da rainha D. Leonor, 43.
Obras Pias, tenças lá, 267, 268, 446, 448, 449, 450.
Obras do reino: escrivão 222 *n*; provedor mor, 155, 223, 224 *n*; veador, 155.
Obras, terças e residos, Escrivão das, 222 *n*.
Occidente, O, 47, 49.
Odivelas, Mosteiro de: sua abadessa, 229, 230, 273.—Cofre de relíquias lá guardado, 230. — Sepultura da abadessa D. Violante, 230; de uma suposta filha de D. Manuel, 127.—Representa lá G. V. o *Auto da Cananeia*, 229, 230, 242, 273, 391, talvez por ocasião dalguma festa religiosa, 231.
Oliveira, Brites de, moça da câmara da infanta D. Maria, 250 *n*.
Oliveira, Diogo de, escrivão, 438.
Oliveira, Jorge de, cristão novo, rendeiro da Chancelaria, apodado por Aires Teles no *Cancioneiro*, 202.
Oliveira, Pero de, escrivão da Chancelaria, 443, 444, 445.
Olivença, Conde de, vidè **Conde de Olivença.**
Ordem de Avis, Comendador mór da, 59.
Ordem de Cristo: alferes mor, 134.—Cavaleiro, 131 *n*, 180 *n*, 206.—Comenda: do Pinheiro, 154; da Sabacheira, 165 *n*; de San Nicolau de Carrazedo, 153 *n*; de San Vicente de Fornelos, 198; de Santa Maria de Almendra, 165 *n*; de Santa Maria do Castelo de Tôrres Vedras, 184.—Comendador de S. Martinho de Santarém, 134.—Comendas de Sá de Miranda, 173.—Hábito, 134 *n*, 208, 389.—Reune o capítulo geral em Tomar e reforma a Ordem, 135.—Sede em Tomar, 134.
Ordem de San João, moinho seu na ribeira de Ceda, 134.
Ordem de Santiago: comendador mor, 59, 154; mestre. vidè **Jorge,** D.
Ordem Seráfica, Executor da reforma da. 152.
Ordenações de D. Manuel, 119; seus compiladores, 221, 221 *n*.
Ordens Militares, Impressor das Três, 294, 295.
Orgens, Convento de, memórias, 229 *n*.
Ormuz: capitão, 165 *n*; oficio de lingua da cidade, 142, 401, 402, 437.
Ortiz de Vilhegas, D. Diogo, o Calçadilha, foi insigne gramático e cosmógrafo, e bispo de Viseu, 179.—Foi aos juramentos de Castela, 180 *n*.—É designado pela alcunha no *Cancioneiro*, 179 *n*, e em diplomas, 180 *n*.
Ortiz de Vilhegas, Diogo, capelão de D. Manuel e mestre dos infantes seus filhos, 179.—Foi deão da capela do principe D. João, 179, e da capela rial, 180.—Foi bispo de Ceuta e de San Tomé, 180.—É o Adayam da farsa dos *Almocreves* de G. V., 179.
Osório, Jerónimo, De rebus Emmanuelis Regis Lusitaniæ, 117.
Ouguela, Alcaide mor de, 166.
Ouguela, Visconde de, vidè **Visconde de Ouguela.**
Ourique, o campo da batalha visitado por D. Sebastião e talvez por D. João III, 209.
Ourives: da infanta D. Isabel, vidè **Rodrigues,** Diogo; da rainha D. Leonor, vidè **Vicente,** Gil.
Ouvidor da Casa da Suplicação, 147, 196.
Óvoa, Senhores de, 229.
Pacheco, D. Alonso, castelhano, poeta do *Cancioneiro*, 61.
Pacheco, Dr. Diogo, acessor da embaixada a Roma, 153.
Pacheco, Fr. Miguel, Vida de la Serenissima Infanta doña Maria, 250, 255 *n*.
Paes, Ana, moça da câmara da infanta D. Maria, 255 *n*.
Paes, Vasco, procurador da cidade de Lisboa, 434.
Pagem: da Imperatriz, 202; de D. João II, 203 *n*; de D. Manuel. 203, 205. seu vestuário, 203 *n*; da lança de D. João III, 166.
Paiva, Bartolomeu de, amo de D. João III, 73 *n*, 154, 223, 224 *n*, 241 *n*, era cidadão de Lisboa, 155.—Foi camareiro e guarda roupa,e do conselho de D. João III, que lhe deu os privilégios de desembargador da Casa da Suplicação, cônsul mor em Lisboa dos mercadores sicilianos, italianos e napolitanos, 155, 155 *n*.—Teve o oficio de veador ou provedor das obras do reino, 155, 223, 241 *n*; 440, 442.—É mencionado por G. V. no *Templo de Apolo*, 151, 154.
Paiva, Brites de, ama de D. João III, mulher de Álvaro da Costa, 155.
Paiva, Isabel de, mulher de Fernão d'Alvares de Andrade, 184.
Palha, Fernando, na sua biblioteca existe um magnífico exemplar da edição de 1562 da *Copilaçam de todalas obras de G. V.*, 278 *n*.—Edições avulsas de autos de G. V. nela existentes, 289, 295, 298, 299.— A ela pertence o exemplar do *Pranto de Maria Parda*, 357, transcrito de pág. 358 a 364.

Digitized by Google

Palmela: residência de D. João III, 212, 213, 277; saboarias, 44 *n*, 45.
Paris: estudante na sua Universidade, 187. — A esta cidade se refere G. V. exaltando a sua valia, 163. — Lá se apresentou uma edição simulada das *Obras de G. V.*, 283. — Obras suas existentes na Biblioteca Nacional, 287.
Parma, Duque de, vidè **Farnésio**, Octávio.
Parvi, D. João, bispo de Cabo Verde, 153.
Passavante, Ofício de, 241 *n*; 440, 441, 442, 447.
Patalim, João, 223 *n*.
Paula, neta de G. V., filha de Valéria Borges, 250 *n* — Seu baptismo, 254, 263, 449; seus padrinhos, 263. — Morreu criança, 254.
Pedreneira, vila nomeada por G. V., 31, 179, 215.
Pedro, D., infante da Alfarrobeira, 35, 100.
Pedro II, D., rei de Portugal, 204 *n*.
Pedro V, D., rei de Portugal, por sua morte fez-se pela última vez a ceremónia da quebra dos escudos, 123.
Pedro, D., vereador de Lisboa, vidè **Castelbranco**, D. Pedro de.
Penamacor, Conde de, vidè **Conde de Penamacor.**
Penela, Conde de, vidè **Conde de Penela.**
Penela, Condessa de, vidè **Condessa de Penela.**
Penhoranda, Licenciado Jorge de, desembargador dos agravos da Casa do Cível, 443.
Pereira, António, sr. do Basto, dirige-lhe Sá de Miranda uma *Carta*, 170. — Morava na quinta da Taipa, 170 *n*.
Pereira, D. Diogo, 2.º, conde da Feira, 58.
Pereira, D. Fernando, o Espelho, 154.
Pereira, Gaspar, deputado do conselho geral da Inquisição, 291.
Pereira, D. Henrique, comendador mor da Ordem de Santiago, 154.
Pereira, D. João, o Mulato, poeta do *Cancioneiro*, 154.
Pereira, D. João, de Santarém, comendador do Pinheiro, escrivão da puridade e chanceler do infante D. Luís, 154, é nomeado por G. V. no *Templo de Apolo*, 151, 154.
Pereira, D. João, de Serpa, foi capitão de Goa e sr. das ilhas Brava, do Sal e de Santa Luzia do arquipélago de Cabo Verde, 154.
Pereira, João Rodrigues, capitão de Ceuta, 170 *n*.
Pereira, João Rodrigues, senhor de Celorico de Basto, 170 *n*.
Pereira, D. Leonor, filha do Conde da Feira e mulher de D. Luís de Meneses, 58.
Pereira, D. Manuel, 3.º conde da Feira, atribui-lhe G. V. uma *Oração* ao ser enterrado D. Manuel, 116, e umas *Palavras* à aclamação de D. João III, 125.
Pereira, D. Paulo, capelão mor de D. João III, 184 *n*.
Pereira Bayão, José, Portugal cuidadoso e lastimado, 206.
Peres, Álvaro, padrinho de uma neta de G. V., 263 *n*.
Perestrelo, D. Caterina, não era êste o nome da mulher do dr. Luís Teixeira, 158 *n*. Vidè **Leitoa**, D. Caterina.
Perestrelo, Sebastião, escrivão da fazenda, 449, 450.
Pestana, Álvaro, escrivão da Casa da Moeda de Lisboa, 246 *n*.
Peste em vários anos, vidè em Lisboa. — Em 1525 em Tomar, obrigando a transferência das Côrtes, 144. — Providências ferozes tomadas por D. João III, em 1531 para se defender do contágio, 209 *n*. — Peste grande, 90, 256.
Pexão, Pero, mestre de obras, 207.
Pina, Fernão de, cronista mor, é denunciado de hereje na Inquisição de Évora, 88, 88 *n*, 256, e na de Lisboa, 19 *n*.—Também foi guarda mor da Tôrre do Tombo, 16 *n*, 17 *n*, 18, 19. —Residiu nos paços da Alcáçova, 88, 89, 256.
Pina, Joana de, filha de Mecia Barreto, foi segunda mulher de Luís Vicente, 259.—Sua morte, 260.—Seus filhos, 260, 261.—Inventário da sua fazenda, 250, 257, 259, 260, 261, 262.—Pelas considerações de que o acompanhou Sanches de Baena ao publicá-lo, foi-lhe prejudicado o crédito, 259.—Restitui-lho porêm a confrontação com os assentos paroquiaes da frèguesia de Santa Cruz da Alcáçova, 259.
Pina, Rui de, Chronica de D. João II, 42, 117.
Pina, Rui de, guarda mor da Tôrre do Tombo, 18 *n*.
Pinheiro, António, tabelião de Lisboa, 447.
Pinheiro, Comendador do, 154.
Pinheiro, D. Diogo, bispo do Funchal, 25, 104, fôra capelão do duque de Bragança D. Fernando e autor do *Manifesto em que se mostra a inocencia do Duque*, 104.—Foi desembargador do Paço, embaixador a Inglaterra, prelado de Tomar, dom prior de Guimarães e vigário geral do arcebispado de Braga, 104.—Nomeia-o G. V. na *Comédia de Rubena*, 25, 104, e atribui-lhe umas *Palavras* por ocasião da aclamação de D. João III, 125.
Pinheiro, F. I., imprime em Lisboa as *Obras de G. V.*, 284.
Pinheiro, D. Rodrigo, filho do Bispo do Funchal, 104, foi bispo de Angra, 105.
Pinheiro Chagas, Álvaro, sócio de Urbano de Castro, 299, 300.
Pinta, Mecia, mulher de Cristóvão Machado, 263.
Pinto, Gaspar, padrinho de Gil Vicente de Almeida, 256 *n*.
Pintores, vidè **Fernandes**, Garcia; **Figueiredo**, Cristóvão de; **Henriques**, Francisco.
Pires, Álvaro, escrivão da fazenda, 443, 444, vidè **Landim**, Álvaro Pires de.
Pires, André, escrivão da fazenda de D. João III, 221, 222.—Foi também escrivão da câmara, das moradias e das obras, terças, resídos, hos-

Digitized by Google

pitais, etc., 222 *n*.—Em docs. não se lhe dá o apelido de Landim, 222 *n*.—E' mencionado por G. V. na *Romagem de agravados*, 220, 221. —Foi o escrivão que fez o alvará nomeando G. V. vedor das obras de oiro, etc., 433.
Pires, Aspão, escrivão do tesouro rial, 438.
Pires, Jordão, escrivão, 433.
Pires, Vasco, tesoureiro da câmara de Lisboa, 434.
Podentes, Juiz dos órfãos de, 14 *n*.
Poetas, além dos mencionados em *Cancioneiro*. e Trovadores, vidè **Côrte Rial**, Jerónimo; **Sá de Meneses**, Francisco; **Sá de Miranda**, Francisco.
Pola, mulher de Lucano, 252, 253.
Policiano, Angelo, famoso professor italiano, 157.
Pombal, Marquês de, vidè **Marquês de Pombal**.
Ponte, Francisco de, vende-lhe G. V. um ofício, 142, 437.
Ponte, Gidine de, moça da câmara da infanta D. Maria, 250 *n*, 263-264.
Ponte de Lima, estada lá de D. Manuel, 35.
Ponte de Sôr, passa por lá a Imperatriz, 158.
Pontevedra, estada lá de D. Manuel, 35.
Portalegre, Conde de, vidè **Conde de Portalegre**.
Porteiro da câmara de D. Manuel, 206.
Porteiro mor do príncipe D. João, 165 *n*; del rei D. João III, 166 *n*; del rei D. Manuel, 203.
Porteiro mor, O, nomeado por G. V. na *Nau de Amores*, 164, vidè **Calataiud**, João de.
Pôrto: alcaide mor, 111, 171; cidadão, 155; desembargador, 2; vedor da fazenda, 111, 169 *n*.
Pôrto Seguro, Provedor da fazenda da capitania de, 208.
Portugal, D. Afonso de, bispo de Évora, atribui-lhe G. V. uma *Oração* ao ser D. Manuel enterrado, 116, e umas *Palavras* à aclamação de D. João III, 125.—Vidè **Afonso**, D.
Portugal, D. Afonso de, filho do Conde do Vimioso, vedor da fazenda. 91.
Portugal, D. Beatriz de, irmã do Conde do Vimioso, 92, institui o morgado da quinta da Sempre Noiva, no têrmo de Evora, 92 *n*.
Portugal, D. Martinho de, arcebispo do Funchal, 92 *n*.
Prestage, Edgar, e Pedro de Azevedo, Registo da freguesia de Santa Cruz do Castelo, 392.
Preste João, O, envia uma embaixada a D. João III, 178.
Prestes, António, vidè *Autos e Comédias Portuguesas*.
Primaleão, vidè *Libro segundo de Palmeirim, etc.*
Princesa das Astúrias, vidè **Maria**, D.
Princesa de Portugal, vidè **Joana**, D.
Príncipe de Portugal, vidè **Afonso**, D.; **João**, D.; **Manuel**, D.
Prior do Crato, 125.—Vidè **Conde Prior do Crato**.
Prior de Santa Cruz, poeta do *Cancioneiro*, 35. —Vidè **Noronha**, D João.
Processo de Fernão de Pina na Inquisição de Lisboa, 88 *n*.
Processo de Vasco Abul, vidè em *Cancioneiro geral*.
Provedor: dos armazens e armadas, 110, 111; da Misericórdia de Lisboa, 200; das obras do reino, 155, 225.
Provedor e superior das aposentadorias de Lisboa, 73 *n*, 223 *n*; das de Lisboa, Évora e Santarém, 223 *n*.
Provedor mor: dos hospitais, capelas, etc. 157; das obras, 155, 223, 224 *n*.
Puerto de Santa Maria, boticário lá, 207, 277.
Punhete, dependências da côrte lá instaladas, 51.
Purificação, Fr. António da, Crónica da Graça, 166 *n*.
Quarterly Review, 390, 391.
Queirã, Celeiro da, 203.
Queirós Veloso, Dr., é de parecer que a diferença entre as assinaturas de G. V. pouca fôrça tem para provar a dualidade, 235.—Devido a um êrro de revisão num meu artigo admite para o *Processo de Vasco Abul* uma data não exacta, 386.
Queirós Veloso, Gil Vicente e a sua obra, 148, 235, 240, 386.—Data errada, 387.
Questão vicentina, trâmites por que tem passado, 1 a 7.
Quillinan, Eduardo, escreve um artigo de crítica à edição de 1834 das *Obras de G. V.* para uma revista inglesa, 390, 391 (*).—Tradutor de parte dos *Lusiadas* para inglês, 390.
Quiloa, com o oiro das suas párias fez G. V. a custódia de Belêm, 46.
Quinta: da Bacalhoa, 200.—Da Melhorada, 112 *n*.—Do Mosteiro, suposta doação dela a G. V., 12, 13, que não passou lá os seus últimos

(*) QUILLINAN. Quando no texto me referi ao artigo de crítica aqui apontado, ainda não tinha a certeza dêle ser do autor suposto; hoje porém já a tenho. No principio de Setembro dêste ano mostrou-me no Pôrto o distinto bibliófilo, sr. Joaquim Gomes de Macedo, um livro intitulado *Poems by Edward Quillinan. With a Memoir by William Johnston*. London: Edward Moxon, Dover Street. 1858. 8.° E nêle, apontando-me para a pag. XXXVI da introdução, fez-me ler o seguinte: «In the December number of the «Quarterly Review» for this year [1846] (No. 157) he (*sc.* Edward Quillinan) published an elaborate criticism on the works of Gil Vicente, and the ancient Portuguese drama. This essay is worthy of the pains wich he no doubt bestowed upon it. It is elaborate without being prolix or dull; and full of learning on the subject under discussion, without any tincture of pedantry». Análoga lisonjeira apreciação do artigo já deixei no texto.

Digitized by Google

anos, 18, 244.—Da Taipa, 170 *n*.—Da Tapada, 173.
Raczynski, Les Arts en Portugal, 12.
Raínha Católica [D. Joana], criado seu, 140.—Vidè **Isabel**.
Raínha Nova, vidè **Maria**, D.
Raínha Princesa, [1.ª mulher de D. Manuel], sua aia e camareira mor, 222.
Raínha Velha, vidè **Leonor**, D.
Raínhas de Portugal, vidè: **Caterina, Isabel, Leonor**, mulher de D. Manuel, **Leonor**, viúva de D. João II, **Maria**.
Ravasten, Mosoor de, vidè o seguinte.
Ravensteyn, Felipe de Clèves, sr. de, neto do infante D. Pedro, 100.
Rebate de Arzila, a êle alude G. V., na farsa *Quem tem farelos*, 121.
Rebêlo Trindade, Luis Carlos, Catalogo methodico da livraria dos Marquezes de Sabugosa, 291, 292, 391.
Redondo, Conde do, vidè **Conde do Redondo**.
Redondo, Condessa do, vidè **Condessa do Redondo**.
Regedor, O, nomeado por G. V., veja-se **Silva**, João da.
Regedor: da justiça da comarca da Beira, 229; das justiças da Casa da Suplicação, 125, 143, 214 *n*, 249.
Regente do reino, 252.
Registo da freguesia de Santa Cruz do Castelo, 29, 70, 88, 90, 222 *n*, 247, 249, 254, 256, 260, 263, 264, 265, 392.
Rêgo, Pero do, juiz dos órfãos de Miranda de Podentes, 250.
Reis, P. António dos, Enthusiasmus poeticus, 253.
Reis Católicos, vidè **Fernando** e **Isabel**.
Reis de Portugal, vidè **Afonso V, Duarte, João II, João III, Manuel, Pedro II, Pedro V, Sebastião**.
Relação, vidè Casa da Relação.
Renascença Portuguesa, A, do Porto, publica alguns *Autos de Gil Vicente*, 286, 287.
Reposteiro: da casa do infante D. Luís, 258; del Rei, 112 *n*.
Reposteiro mor: de D. João II, 188; de D. João III, 166 *n*; de D. Manuel, 139.
Rèsende, Mestre André de, 251.
Rèsende, André de, Antiquitates Lusitaniæ, 209. —*Epistolæ de Vita aulica*, 95.—*Genethliacon Principis Lusitani*, 93.—*In obitum Beatricis Allobrogum Reginæ Carmen*, 106.—*Oratio pro rostris*, 157.
Rèsende, Garcia de, escrivão da fazenda do príncipe D. João, 87, 221; del rei D. João III, 114 *n*, 222, 241 *n*, 440.—Foi D. João III menos generoso com êle que com G. V., 126, 141.—Tenças que disfrutava, uma talvez com o hábito de Cristo, 141.—São-lhe erradamente atribuidos os desenhos da tôrre e da custódia de Belêm, 48, 49.—Fez apenas o desenho de uma fortaleza para o sitio onde depois se edificou aquela tôrre, 49.—Cortesãos que o freqüentavam, 54.—Parece não ter sentido muito a morte de D. Manuel, 116, 123.—Quem o auxiliou e lhe sucedeu no ofício, 222 *n*.—Morreu em Évora, 235, 406.—Ordena e emenda o *Cancioneiro geral*, 87.—Compõe em Almeirim uns versos com as novas da côrte endereçadas a Manuel de Goios, 59-60, 204.—Dêles teve conhecimento G. V., 61.—Conclui a *Vida e feitos del rey Dom João segundo*, 228-229.—Apreciação que deixou de G. V. na *Miscellanea*, 61.—Apoda-o êste nas *Côrtes de Júpiter*, 61. 112.
Rèsende, Garcia de, Cancioneiro geral, q. v.—*Chronica dos valorosos e insignes feytos del Rey dom João II*, 94 *n*.—*Entrada del rey dom Manoel em Castella*, 180 *n*.—*Ida da iffante dona Breatis pera Saboya*, 106.—*Livro das obras*, 94 *n*, 106.—*Miscellanea*, 61, 94 *n*, 114, 115, 117, 124, 130, 211; décimas suprimidas pela censura inquisitorial, 93, 94.—*Vida de D. João II*, 42, 45, 48, 49, 73, 117, 134 *n*, 228-229.
Resurreição, M. Vicente da, revedor de livros da Inquisição, 293, 294, 295, 301.
Revista lusitana, 60, 61, 165 *n*, 166 *n*, 201 *n*, 204, 265, 385.
Revista Theatral, 299.
Ribafria, no têrmo de Sintra, instituição do morgado, 206.—Fundação da tôrre e casa, 207.
Ribafria, André Gonçalves de, 2.º alcaide mor de Sintra, copeiro mor de D. Sebastião, 206.
Ribafria, Gaspar Gonçalves de, alcaide mor de Sintra, 206, edifica a tôrre e casa de Ribafria, e umas casas na vila de Sintra, 207.—Vidè **Gonçalves**, Gaspar.
Ribafria, Luís Gonçalves de, inquisidor em Coimbra e Lisboa, 206.
Ribeira, Damião Dias de, 222 *n*.—Vidè **Dias**, Damião.
Ribeira, Duarte Dias de, escrivão das confirmações régias, 222 *n*.
Ribeiro, Bernardim, Obras, edição da Bibliotheca Portuguesa, 284 *n*, 302.
Ribeiro, Gonçalo, escrivão, 446.
Ribeiro, João Pedro, Additamentos e retoques a Synopse Chronologica, 137.—*Dissertações*, 120, 227.—*Memoria para a historia das confirmações régias*, 13.—*Memorias do Real Archivo*, 18.—*Memorias sobre as Fontes do Codigo Philippino*, 143, 144, 235.
Ribeiro, José Silvestre, Luiza Sigéa, 253.
Ribeiro, Nuno, pagador das moradias, 180 *n*, 198.—É nomeado por G. V. nas farsas dos *Almocreves*, 180, 198, e do *Clérigo da Beira*, 198.
Ribeiro Guimarães, Summario de varia historia, 48.
Ribeiro dos Santos, António, Memoria da vida e escritos de D. Francisco de Mello, 187.—*Memorias historicas sobre alguns Mathematicos*, 187.

Digitized by Google

Rio de Moinhos, Direitos riais de, 203.
Rivadeneyra, editor da **Biblioteca de autores españoles,** 287.
Rodrigo, Dr. mestre, físico, 64, 66.
Rodrigues, Afonso, ourives, serve de mestre da balança por G. V., 245, 246 *n.*
Rodrigues, António, tesoureiro da tapeçaria, 256 *n.*
Rodrigues, Bernardo, Anais de Arzila, 120 *n,* 121 166 *n.*
Rodrigues, Diogo, ourives da infanta D. Isabel, 88. — Compra a G. V. o oficio de mestre da balança da Casa da Moeda de Lisboa, 88, 245, 436. — Recebe o ordenado, 246.
Rodrigues, Gonçalo, tabelião, morador nos paços da Alcáçova, 247.
Rodrigues, João, denunciante de Felipe Guilhen, 208, 278.
Rodrigues, Melícia, segunda mulher de G. V., 77, 78, 87, 88, 140, 241. — Quando casaria, 76, 88, 89, 240, 398. — Seus filhos, 141, 241, 247. — Depois de viúva é avaliada a sua fazenda, 88, 91, 247, 251, 409. — Morava nos paços velhos da Alcáçova, 88, 247, 256, 406, 407, 409. — Sua morte, 247, 256.
Rol dos criados e criadas da infanta D. Maria para por êle haverem as satisfações de seus serviços, 250, 251 *n,* 255.
Rol dos livros defesos de 1551, 92, 95, 145, 197, 217, 228, 238, 288, 289, 303.
Roma: embaixada portuguesa, 153; embaixador português, 113, *n,* 152, 153.
Romeiro, Mestre Isaque, morador em Lisboa, 66 *n.*
Roulão, Moinho do, 434.
Ruas, Adelina, actriz, desempenha o papel de Maria Parda, 299.
Sá, D. Antónia de, mulher de Mem de Brito, 206.
Sá, D. Beatriz de, donzela da rainha D. Maria, é nomeada por Garcia de Rèsende no *Cancioneiro,* e por G. V. no *Velho da horta,* 61. — Foi dama da imperatriz D. Isabel, 61, 165, 166.
Sá, Diogo de, natural de Coimbra e morador em Lisboa, 171 *n,* era primo com irmão de Sá de Miranda, 172 *n.*—Teve carta de brasão, 171 *n,* 172.—Compôs o opúsculo *De Navigatione, libri tres,* 172 *n.*
Sá, Felipa de, mulher de João Gonçalves de Miranda Soutomaior, 171, 172 *n,* e avó de Sá de Miranda, 171, 172, 173 *n.*
Sá, Fernão de, sr. de Sever, Bouças, etc. 111.
Sá, Francisco de, morador em Santarém, 169 *n.*
Sá, Dr. Francisco de, poeta do *Cancioneiro,* não creio que fôsse Sá de Miranda, 175.
Sá, Francisco de, recita uma Oração gratulatória em Coimbra à chegada de D. João III, 169.— Não era Sá de Miranda, 169.
Sá, Francisco de, vedor da fazenda do Pôrto, 169 *n.*
Sá, Garcia de, capitão de Malaca, governador da Índia, 111.
Sá, Garcia de, vedor da fazenda do Pôrto, 169 *n.*
Sá, Gonçalo Mendes de, beneficiado na sé de Coimbra, é o pai de Sá de Miranda, 171, 173, 173 *n.*—É-lhe concedida carta régia de licença para comprar bens de raiz, 173, 174.
Sá, Gonçalo Mendes de, filho de Sá de Miranda, morre num desbarate em Ceuta, 176.
Sá, Henrique de, alcaide mor do Pôrto, sr. de Sever, poeta do *Cancioneiro,* 111.
Sá, Jerónimo de, militar, 206.
Sá, João Rodrigues de, filho de Mem de Sá, morre num desbarate em Ceuta, 176.
Sá, João Rodrigues de, I do nome, o das Galés, 173 *n,* foi o progenitor dos Sás do Pôrto, 172.
Sá, João Rodrigues de, II, 171, foi alcaide mor e vedor da fazenda do Pôrto, sr. de Sever, 111.
Sá, João Rodrigues de, III, foi poeta do *Cancioneiro,* 83.—Vidè **Sá de Meneses,** João Rodrigues de.
Sá, D. Leonor de, mulher de Manuel de Sousa de Sepúlveda, 111.
Sá, D. Maria de, mulher de Gaspar Gonçalves de Ribafria, teve mercê do título de dom, 206.
Sá, Maria Luís de, mulher de Gaspar Gonçalves, 206.—Vidè a precedente.
Sá, Mem de, irmão de Sá de Miranda, que lhe dirigiu uma *Carta,* 174.—Foi governador do Brasil, 174, 208, e desembargador, 176, 176 *n.*—Seu casamento, 176 *n.*—Morre-lhe um filho em Ceuta, 176.
Sá, Rodrigo Anes de, recebia comedorias em Grijó com sua mulher que era Avelar e não Colona, 176.
Sá, Rodrigueanes de, bisavô de Sá de Miranda, 172, 173 *n.*
Sá de Meneses, Francisco de, camareiro mor, conde de Matosinhos, poeta lírico, 111.
Sá de Meneses, João Rodrigues de, alcaide mor do Porto, sr. de Sever, embaixador a Castela, foi poeta do *Cancioneiro,* 111.—Compôs umas *Quintilhas heráldicas,* 176.
Sá de Miranda, Francisco de, notável poeta da escola clássica, data do seu nascimento, 173, 174, 175.—Averiguação da sua paternidade, 173, 174. — Não é o Francisco, filho legitimado do cónego Gonçalo Mendes, 174.— Foi filho do beneficiado Gonçalo Mendes de Sá, 171, 173 *n,* 174.—Dois versos de G. V. reforçam a minha asserção, 174.—Era neto de Felipa de Sá, 171, primo com irmão de Diogo de Sá, 172 *n.*—É Mem de Sá o único irmão por êle nomeado nas suas obras, 174.— As cartas de legitimação dos dois irmãos desapareceram, 174.—Parece brasonar ser dos Sás Coloneses, 172, 176.—Necessidade de se averiguar a aliança, que parece improvável, com as Colonas, 176.—Máculas na sua ascendência, 171, 172.—Suas viagens, 174.—Encontra-se em Coimbra com D. João III, 169.—

Digitized by Google

Data do seu casamento, 176.—Paga o quarto das suas comendas, 173.—Seu filho Gonçalo Mendes de Sá é morto em Ceuta, 176.—Não era o Francisco de Sá que recitou a oração das boas vindas a D. João III em Coimbra, 169.—Suposição de ser o dr. Francisco de Sá, poeta do *Cancioneiro*, 174, duvido dela, 175.—Necessidade de procurar mais docs. para a sua biografia, 175.

Sá de Miranda e G. V.: a representação da *Comédia sôbre a Divisa da cidade de Coimbra* executada naquela cidade, onde então estava Sá de Miranda, deu origem ao conflito entre os dois poetas, 169.—Motivos por que G. V. se julgou ofendido, 169, 170, 171.—Desfôrço que tirou, 170, 171.—Sátira de G. V. no *Clérigo da Beira*, 171, 172.—Réplica de S. M. na égloga *Alexo*, 172, 173.—A antipatia era inevitável entre os dois, 177.

Sá de Miranda, Francisco de, Alexo, égloga, 172.—*Carta a António Pereira, senhor do Basto*, 170.—*Carta a João Rodrigues de Sá de Meneses*, 172.—*Carta a Mem de Sá, seu irmão*, 174.—*Carta a Pero Carvalho*, 169, 177 *n*, 223.—*Fábula do Mondego*, 169, 170.—*As Obras do doctor Francisco de Saa de Miranda*, 170, 172, 174, 177.—*Poesias*, ed. Michaëlis, 169, 174.—*Versos portugueses*, ed. Delfim Guimarães, 175. 16

Sá Soutomaior, Fernão de, morador em Coimbra, 171 *n*, 172 *n*.

Sás de Coimbra são os únicos que trouxeram a coluna dos Colonas no seu escudo, 176.

Sás condes de Penaguião, marqueses de Fontes e de Abrantes não usaram da coluna dos Colonas no seu escudo, 176.

Sás do Pôrto, senhores de Sever, alcaides mores do Pôrto, acrescentaram a seu nome o apelido de Meneses, 171.—O seu progenitor, 172.

Sás Coloneses dêles se presava ser Sá de Miranda, 172, 176 e tambem João Rodrigues de Sá de Meneses nas *Quintilhas heráldicas*, 176.—Não vejo porêm confirmada a aliança dos Sás com os Colonas, 176.

Sabacheira, comenda da Ordem de Cristo, 165.

Saboia, Duque de, vidè **Carlos III**.

Saboia, Duquesa de, vidè **Beatriz**, D.

Sabugosa, Conde de, vidè **Conde de Sabugosa**.

Sacavêm: antiga igreja paroquial, 73; freira no mosteiro de lá, 29 *n*; freira no mosteiro das Descalças, 265 *n*, ou da Senhora dos Mártires, 267, 467.

Sagres, Senhor de, 165 *n*.

Salazar y Castro, Casa de Lara, 172.

Saldanha, Diogo de, castelhano, secretário da Excelente Senhora, 112 *n*.

Saldanha, João de, veador da casa da rainha D. Maria, era castelhano, 112 *n*.—Foi também veador da casa da infanta D. Isabel, 112 *n*.—Tinha a sua casa em Santarêm e possuia no termo a quinta da Melhorada, 112 *n*.—Foi poeta do *Cancioneiro*, 112 *n*.—E' nomeado por G. V. no *Auto das Fadas*, 57, e nas *Côrtes de Júpiter*, 112.

Saldanha Oliveira e Sousa, José de, director da Casa da Moeda, 245 *n*.

Salvá, Catálogo, 294.

Sampaio, Manuel de, camareiro de D. João III, 155 *n*.

San João, Ordem de, vidè Ordem de San João.

San João de Rei, Senhores de, 110, 111, 112 *n*.

San Pedro, Fr. João de, Theatro heroino, abecedario historico, e catalogo das mulheres, 253.

San Tomé: bispo, 180; criação do bispado, 180.

Sanches de Baena, Visconde de, genealogista audaz, 5, 10, 11, é pela dualidade do poeta e do ourives, 1.—Suas trapalhadas genealógicas, 34.—Seus equivocos, 244, 263.—Restrito crédito devido às suas informações, 256, 259.—Restituo-lho no caso do inventário de Joana de Pina, 259.—Publicara-o, prejudicando-o por enlaçar as noticias dêle extraídas com outras infundadas, 259.—Conta em que devem ser tidos os seus estudos sôbre G. V., 10, 11, 12, 13.

Sanches de Baena, Visconde de, Gil Vicente, 5, 10, 12, 34, 250, 256, 259, 260, 262, 263, 443.

Sandoval, Historia de Carlos V, 211 *n*.

Santa Maria, P. Francisco de, Ceo aberto na terra, 222 *n*.

Santar, Casa de, senhores dela, 229.

Santar, D. Violante de, viúva de Luis da Cunha, 229 *n*, 230 *n*.

Santarêm: casas lá, 112 *n*, 153, 169 *n*; chantre da igreja de Santa Maria da Alcáçova, 179; comenda de S. Martinho na Ordem de Cristo, 134; diploma de lá datado, 438; a um doente dirige para lá G. V. *Trovas*, 239, 278; grandes calores, 178; morador na vila, 112; porta de Leiria, 153; provedor e superior das aposentadorias, 222 *n*, 223 *n*; tabelião, 259; têrmo, vidè Chouto e Quinta da Melhorada.—Terremoto de 1531, seus terriveis efeitos, 210, 211, 212.—Torna-se então patente o ódio dos frades aos cristãos novos, acusando-os de terem provocado a ira de Deus e ameaçando-os do púlpito, 212.—Toma G. V. a sua defesa, 144, 212, 213.—Reúne os padres na crasta de S. Francisco e fala-lhes, 212.—Convence-os a mudarem de propósitos, 32, 213.—Tesoureiro mor das aposentadorias, 221 *n*.

Santarêm, Visconde de, vidè Visconde de Santarêm.

Santiago, Ilha de, vidè Ilha de Santiago.

Santiago, Ordem de, vidè Ordem de Santiago.

Santiago de Cabo Verde, Bispo de, 152, 153.

Santo Oficio, habilitações para familiares, 11.

Saragoça, celebra-se lá o terceiro casamento de D. Manuel, 98, 388.

Saraiva, Cardial, vidè Cardial Saraiva.

Sardinha, Joana, moça da câmara da infanta D. Maria, 255 *n*.

Digitized by Google

Seabra, Gaspar, escrivão, 437.
Sebastião, D., rei de Portugal, vai visitar o campo de batalha de Ourique, 209. — Comprazia-se na leitura das obras de G. V., 252, e representação delas, 258. — Assim o declara Luís Vicente no *Prólogo* a êle dirigido na ed. de 1562 da *Copilaçam de todalas obras de G. V.*, 258, 270, 446.—Para ocultar o facto manda a Inquisição suprimir o *Prólogo*, 258. — Confirma o traspasse de uma tença a favor de uma neta de G. V., 254. — Seu copeiro mor, 206.
Secretário, O, nomeado por G. V. no *Templo de Apolo*, 151, vidè **Carneiro,** António.
Secretário: da Excelente Senhora, 112 *n*; de D. João III, 136, 155, 157, 158, 160, 214 *n*; de D. Manuel, 114, 157, 183; para os negócios da Índia, 157.
Sedas: defesa delas decretada por D. João III, 136, e logo dispensada para os mercadores estrangeiros, 137.
Sem, António do, sr. da casa dos Sens, 165 *n*.
Sem, Pero do, poeta do *Cancioneiro*, 165 *n*.
Sempre Noiva, Quinta da, no têrmo de Evora, antiguidade da sua designação, 92 *n*.
Senhorim, Senhores da terra de, 229.
Sequeira, Diogo Lopes de, alcaide mor do Alandroal, capitão mor da armada da Índia, é nomeado por G. V. no *Templo de Apolo*, 151.— Foi almotacé mor, 151, 152, 154; capitão da Mina, governador e capitão mor da Índia, 152.
Sergas, Las, de Esplandian, 56.
Serpa, Alcaide mor de, 203.
Serrão, Francisco, 260.
Serrão, Jorge, deputado do Conselho Geral da Inquisição, 279.
Setúbal, lá reside D. Manuel, 51.—Lá estava o Mestre de Santiago quando foi o rebate de Arzila, 121.—Lá reside D. João III algum tempo, 214.
Sever, Senhores de, 111, 171.
Sevilha: bispo, 289. — Celebra-se lá o casamento de Carlos V com a infanta D. Isabel, 159, 390. — Estada lá do Marquês de Vila Real, 160, 161.—Livros lá impressos, 145.
Sicilianos mercadores residentes em Lisboa, seu cônsul mor, 155.
Sigea, Angela, donzela da casa da infanta D. Maria, 251.
Sigea, Luisa, donzela da casa da infanta D. Maria, 251.
Siguença, Bispo de, 100.
Silva, Aires da, regedor da Casa da Suplicação, 125.
Silva, D. Beatriz da, donzela da Rainha D. Maria, é nomeada por G. V. no *Velho da horta*, 61.
Silva, Diogo da, tesoureiro mor de Afonso V, 111.
Silva, Gonçalo da, sr. de Abiul, poeta do *Cancioneiro*, a êle se dirige G. V. no *Auto das Fadas*, 57.—É nomeado por G. V. no *Velho da horta*, 59.
Silva, D. Helena da, neta de G. V., segunda filha de D. Valéria Borges, 255.—Seu nascimento, 264, 265, 409.—Pelos serviços de sua tia Paula Vicente dá-lhe a infanta D. Maria uma tença, 255, 410, 447.—Recebe-a, 264, 266.— Vende-a, 266, 266 *n*, 267, 412, 447, para se meter freira nas Descalças de Sacavêm, 29 *n*, 265, 267, 447.—Vidè **Helena,** D.
Silva, Inocêncio Francisco da, Diccionario bibliographico, presto os merecidos louvores à sua obra patriótica, 392.—Atribui a José Gomes Monteiro a composição do *Ensaio sobre a vida e escritos de G. V.*, 237, 282, 390.—Descreve a capa dos vols. da edição de 1852 das *Obras de G. V.*, 284, sem exactidão, 302, 392.—Foi infeliz e deficiente no artigo relativo a G. V., 392.—Indica a existência de exemplares dos *Autos de António Prestes*, etc., 281 *n*.—Transcreve a *Oração* de Francisco de Sá a D. João III, 169 *n*.
Silva, D. Isabel da, mulher de Francisco de Sá, 169 *n*.
Silva, D. Isabel da, mulher de Gil Vaz da Cunha, é nomeada por G. V. nas *Côrtes de Júpiter*, 66 *n*, 111.
Silva, João da, regedor da Casa da Suplicação, 125, 143, 214 *n*, 249, atribui-lhe G. V. umas *Palavras* na ocasião da aclamação de D. João III, 125.—Foi senhor de Vagos, 125.
Silva, Jorge da, suposto apaixonado da infanta D. Maria, 249.
Silva, Libânio da, impressor, imprime em Lisboa um auto de G. V., 299.
Silva, D. Luisa da, filha de Jorge de Vasconcelos, dama da rainha D. Caterina, casa com Jerónimo Côrte Rial, 111, 112 *n*.
Silva, Manuel da, aposentador mor de D. Manuel, 222 *n*.
Silva, D. Pedro da, comendador mor de Avis, poeta do *Cancioneiro*, a êle alude G. V. no *Velho da horta*, 59.
Silva Carvalho, Dr., presta informações ao autor, 64, 66.
Silva de Meneses, Diogo da, aio de D. Manuel, 36.
Silva de Meneses, D. João da, 2.º conde de Portalegre, mordomo mor do príncipe D. João, atribui-lhe G. V. uma *Oração* ao ser enterrado D. Manuel, 116, e umas *Palavras* à aclamação de D. João, III, 125.
Silveira, Fernão da, coudel mór, 15, 179 *n*, 203, foi poeta do *Cancioneiro*, 179 *n*, 203.
Silveira, Fernão da, escrivão da puridade, 15.
Silveira, Isabel da, viúva de mestre Henrique, físico, 68.
Silveira, Luís da, conselheiro do príncipe D. João, 26, 27.
Sintra: alcaides mores, 206.—Almoxarife da vila e paços, 206.—Ao apanágio da rainha D. Ca-

Digitized by Google

terina pertencia a vila e o têrmo, 193 *n*.—Casas: dos Marqueses de Pombal, de Penhaverde e na rua da Praça, 207.—Igreja de S. Martinho, 202.—Morgados de Cabris e de Ribafria no têrmo, 206.—Mosteiro de Penhalonga, 89.—Obras nos paços, 206.—Reside D. Manuel na vila, 389, fugindo à peste, 90, 95.—Tôrre e casa de Ribafria, 207.—Vigário de S. Martinho, 206.

Soares, Aldonça, castelhana, camareira pequena da rainha D. Maria e mulher de João de Calataiud, 165 *n*.

Soares, André, escrivão da fazenda, 444, 445.

Soares, António, escrivão, 439.

Soares, Fernão, nomeado por G. V. na *Nau de Amores*, 164, serviu em Tánger, 165 *n*.—Era irmão de D. Maria de Calataiud, 166 *n*, e foi comendador de Santa Maria de Almendra, 165 *n*.

Soares, Leonor, mulher de António Mourão, 249 *n*.

Soledade, Fr. Fernando da, História seráfica, 152.

Sotomayor, D. Pedro Álvares de, conde de Caminha, 172.

Soure, no seu castelo esteve prêso o Barão de Alvito, 214 *n*.

Soure, Conde de, vidè **Conde de Soure.**

Sousa, D. António Caetano de, Historia genealogica da Casa Rial, 2, 37, 99, 140.—*Memorias dos Grandes de Portugal*, 35 *n*, 157.—*Provas da Historia Genealogica*, 4, 57, 113, 114, 123, 202, 224 *n*.

Sousa, Baltasar de, escrivão, 449.

Sousa, D. Felipa de, donzela da casa da rainha D. Isabel, mulher de António do Sem, 165 *n*.

Sousa, D. Francisco de, veador da casa de D. João III, 154.

Sousa, D. Isabel de, aia e camareira mor da Rainha Princesa, 222.

Sousa, João de, capitão dos ginetes, 105.

Sousa, Lourenço de, mencionado por G. V, na *Romagem de agravados*, 220, 222, foi aposentador mor, 222, 222 *n*, 223 *n*, 256, superior das aposentadorias de Lisboa, Évora e Santarêm, 223 *n*, e mor dor junto da igreja de Santa Cruz, 256.

Sousa, Frei Luis de, Annaes de D. João III, 26, 27, 41, 70, 123, 126, 127, 128, 136, 137, 140, 144, 145, 148, 149, 154, 158, 184, 185, 211, 234, 235, 388.

Sousa, Manuel de, aposentador mor, 223, *n*, foi padrinho de uma neta de G. V., 256.

Sousa, D. Margarida de, donzela da Rainha D. Maria, 62, é nomeada no *Cancioneiro* por Garcia de Rèsende e no *Velho da horta* por G. V., 61.

Sousa, Rui de, morador na Alcáçova, 222 *n*.

Sousa, Rui de, sr. de Sagres, 165 *n*.

Sousa, Simão de, poeta do *Cancioneiro*, é nomeado por G. V. no *Velho da horta*, 59, 165 *n*.—Andava apaixonado por D. Caterina de Figueiró, 62.—Vidè **Sousa do Sem,** Simão de.

Sousa, Tomé de, governador do Brasil, 208.

Sousa de Almeida, Simão de, 165 *n*.—Vidè **Sousa do Sem,** Simão de.

Sousa de Macedo, António, Flores de España, Excelencias de Portugal, 252, 253.

Sousa do Sem, Simão de, nomeado por G. V. na *Nau de Amores*, 164, foi poeta do *Cancioneiro*, comendador da Sabacheira e serviu nas empresas de Azamor, 165 *n*.—Vidè **Sousa,** Simão de, e **Sousa de Almeida,** Simão de.

Sousa de Sepulveda, Manuel de, o náufrago do galeão S. João, 111.

Sousa Viterbo, Archivos da hist. da medicina portuguesa, 65.—*Diccionario dos architectos*, 49, 155.—*O dote de D. Beatriz de Portugal, duquesa de Saboia*, 106 *n*.—*Duarte Galvão e a sua família*, 70.—*Estudos sôbre Sá de Miranda*, 173, 174, 175.—*Fr. Bartholomeu Ferreira, o primeiro censor dos Lusiadas*, 282.—*Gil Vicente, dois traços para a sua biographia*, 142, 438.—*Mestres da Capella Real nos reinados de D. João II e D. Manuel*, 131.—*Noticia dalguns pintores*, 95, 443.—*Noticia sôbre alguns medicos portugueses*, 66.—*Trabalhos náuticos*, 112 *n*, 152, 208.

Soutomaior, João Fernandes de, 171.—Vidè **Miranda Soutomaior,** João Gonçalves de.

Superior das aposentadorias de Lisboa, 73 *n*, 223 *n*; das de Lisboa, Évora e Santarêm, 222 *n*, 223 *n*.

Taço, Joana do, castelhana da casa da rainha D. Maria e criada da infanta D. Isabel, é mencionada por G. V. nas *Côrtes de Júpiter*, 113.

Tangedor da casa da infanta D. Maria, 250 *n*, 264.

Tangedora da mesma casa, 250.

Tánger: capitão, 125, 187; serviço lá, 165 *n*; socorros de lá enviados a Arzila, 120.

Tapeçaria, Tesoureiro da, 256 *n*.

Tarouca, Conde de, vidè **Conde de Tarouca.**

Tarouca, Gonçalo, escrivão, 441, 442, 443.

Tavares, Guiomar, casa com Belchior Vicente, 249, 256.—Viúva, faz-lhe D. João III mercê de uma tença para ela, 249, 268, 408, 443, e doutra para uma sua filha, para a receber durante a sua menoridade, 444.—Madrinha de baptismo, 29 *n*, 249, 408; testemunha de casamento, 256.

Tavares, Isabel, mulher de Marcos Tejxeira, 249 *n*.

Tavares, João, 256 *n*.

Tavares, P.e Manuel, Portugal illustrado pelo sexo feminino, 253.

Tavares, Maria, filha de Belchior Vicente, 249, 257.—Reside na rua dos Penosinhos em casas suas, 249, 250 *n*, 409.—Aluga parte da casa a seu tio Luis Vicente, 249, 256, 260.—Avaliação da sua fazenda, 250 *n*, 251, 409.—Vidè **Vicente Tavares, Maria.**

Digitized by Google

Tavares, D. Maria, mulher de Gaspar de Goes de Castro, 11.
Tavares, Maria, mulher de Gil Vicente de Almeida, 262.
Tavares, Xisto, Nobiliário, 172.
Tavira, 164 *n*.—De lá dirige D. Manuel os socorros para Arzila, 120, 121.—Pessoa lá nascida ou moradora, 208 *n*.
Távora, D. Ana de, senhora com quem D. João III dançou no serão dos desposórios da Imperatriz, 145.
Teatro português, seu quarto centenário, 299, 300.—Scenografia, coros, canções, música e bailados nos seus princípios, 417.
Teixeira, Anibal, almoxarife de Arzila, 120 *n*.
Teixeira, Dr. João, chanceler mor, 157.
Teixeira, Dr. Luís, nomeado por G. V. no *Templo de Apolo*, 151, 157, foi mestre de D. João III e jurisconsulto afamado, 157.—Foi desembargador do paço e petições, 157, 158; mas não foi chanceler mor, 158.—Também aparece nomeado Luís Teixeira Lobo.
Teixeira, Marcos, morador na rua dos Penosinhos, 249, 250 *n*.
Teixeira de Aragão, Catálogo da Exposição retrospectiva da Arte ornamental, 49.—*Diabruras, santidades e prophecias*, 166.—*Vasco da Gama e a Vidigueira*, 46, 49.
Teixeira Lobo, Luís, 157, 158.—Vidè **Teixeira**, Luís.
Teles, Afonso, alcaide mor de Campo Maior e Ouguela, 166.
Teles, Aires, poeta do *Cancioneiro*, 203.
Teles, Rui, mordomo mor e governador da casa da infanta D. Isabel, a quem acompanhou até casar em Sevilha, 159.
Tentúgal, Conde de, vidè **Conde de Tentúgal**.
Terremoto de 1531 descrito por um contemporaneo, 210, 211.—Os cronistas oficiais não se referem a êle, 211, só Diogo do Couto o recorda, 211.—Seus efeitos em todo o reino, 210.—Procedimento dos frades de Santarém, provocando as iras populares contra os cristãos novos, 32, 312.—Dêles toma a defêsa G. V., 32, 54, 144.—Dirige uma carta a D. João III, relatando o sucedido, 32, 212, 277.
Tesoureiro: do almoxarifado do reino, 183; da capela do infante D. Luís, 197; da capela rial, 179; da casa de D. Manuel, 203 *n*; da infanta D. Isabel, 160, 183, 184; da rainha D. Leonor de Áustria, 183; del rei D. João III, 183, 184.
Tesoureiro mor: das aposentadorias de Lisboa, Évora e Santarém, 221 *n*; del rei D. Afonso V, 111; del rei D. João III, 183 *n*, 184, 220, 249.
Tesouro da casa rial, seu escrivão, 259, seu tesoureiro, 438.
Tibau, Afonso Martins, feitor em Flandres, 195.
Tibau, Bêco do, em Lisboa, 196 *n*.
Tibau, Dr. Francisco, nomeado por G. V. no *Clérigo da Beira*, 195, foi desembargador da Casa do Cível, conservador do Estudo de Lisboa, 195, corregedor do crime de Lisboa, 195, 196, desembargador da Casa da Suplicação e ouvidor dos feitos crimes dela, 196.
Título das tenças que a infanta D. Maria deixou, 252, *n*, 266.—Vidè *Cadernos das tenças*.
Tomar: côrtes para lá convocadas, 143; freira no mosteiro de Santa Iria, 260, 261; morador na vila, 239, 278; poetas de lá, 86 *n*, 239.—Reside lá D. Manuel, 51.
Tomar, Convento de: D. João III reside lá, 128, 143; reune o capítulo geral da Ordem de Cristo, 135; cria o ofício de correio mor do reino, 198; concorre para o seu desenvolvimento artístico, 135; representa-lhe G. V. o *Auto de Inês Pereira*, 128, 134, 276, 289, 365.—Prelado, 104.—Sede da Ordem de Cristo, 134, vedor dos objectos de oiro e prata para lá adquiridos, 4, 5, 10, 53, 148, 389, 433.
Tombos de S. Francisco, ms. da Biblioteca Pública de Évora, 243.
Torcy, La belle, dama da rainha D. Leonor de Áustria, 99, é a dama francesa por quem Francisco de Moraes se apaixonou, 99 *n*.
Tordessilhas, lá celebra-se a promessa de casamento de D. João III, 136, 137.
Torrão, lá poisa D. João III, 209.
Tôrre de Coelheiros, Senhor da, 134 *n*.
Tôrre do Tombo: director, 70.—Docs. de lá copiados, 433, 435, 436, 437, 438, 439, 443, 444, 445, 446, 449, 450.—Empregado paleógrafo, 245 *n*.—Empregados lá existentes no século XVI, 19.—Escrivão, 18, 19, 449; servindo de guarda mor, 17, 18.—Guarda mor, 16 *n*, 17 *n*, 18, 19; interino, 19.—Guardas, 19.—Leitura nova, 18, 19; cópias para ela, 18, 19.—Livraria nova, 18.—Obras de G. V. lá existentes, 257, 295, 297, 298, 299.—Livros dos registos da Chancelaria mor para lá passavam, 17.—Origem da designação, 19 *n*.
Tôrres, físico, introduzido por G. V. no *Auto dos Físicos*, 62, 68, 187.—Vidè **Tôrres**, Licenciado Tomás de.
Tôrres, Maria Vicente de, mulher do licenciado João de Araújo, 70 *n*.
Tôrres, Licenciado Tomás de, médico e astrólogo, 70, 187, foi mestre do Príncipe D. João, 70.—Vidè **Tôrres**, físico.
Tôrres de Carvalho, António José, editor elvense, 3.
Tôrres Novas: Côrtes, lá reunidas em 1535, nas queixas dos povos nelas apresentadas revela-se o estado da moral pública, 143.—Lá se vota um serviço para o dote da infanta D. Isabel, 143.—Nelas se manifesta a má vontade geral contra os cristãos novos, formulando-se queixas terríveis, 143, 144.—Resolvem tornar-se a reunir d'ali a dez anos, 235.—Orador nas Côrtes, 187.—Na vila assina-se o contrato de

Digitized by Google

casamento da infanta D. Isabel com Carlos v, 144.
Tôrres Novas, Marquês de, vidè **Marquês de Tôrres Novas.**
Tôrres Novas, Marquesado de, 140 *n.*
Tôrres Vedras: comenda de Santa Maria do Castelo na Ordem de Cristo, 184.—Escrivão do juiz dos órfãos, 262.—Estada lá de D. Manuel, 90.—Formou o apanágio de várias rainhas e foi doada à infanta D. Maria, 12.—Suposta doação de bens no seu reguengo, 12, 13, 255 *n.*—Têrmo: lugar do Mosteiro de Matacães, 259, 260, 261, 262; quinta do Mosteiro, 12, 13, 244.
Torsi, dama francesa por quem Francisco de Moraes se apaixonou, 99 *n.*
Tratamento: o de senhoria era dado aos condes, 83; o de vossa mercê deu G. V. ao dono da casa onde representou o *Auto da Feira*, 83.
Três Bibliotecas, empresa literária, 299.
Tribunal das prêsas em Baiona, 152.
Trigoso de Aragão Morato, Francisco Manuel, Memória sôbre os Secretários dos Reis e Regentes de Portugal, 157.
Trovadores: **Guilhem,** Felipe; **Lopes Çapaio,** Afonso.
Tunes, Empresa de, 388.
Uchão: do principe D. João, 34; del rei D. João III, 34, 263; del rei D. Manuel, 34.
Vagos, Senhores de, 125.
Valdés, D. Fernando de, bispo de Sevilha e inquisidor geral de Espanha, 289.
Valença, Marquês de, vidè **Marquês de Valença.**
Valença, Marquesado de, 139 *n*, 140 *n.*
Valente, Afonso, nomeado por G. V. na *Barca do Inferno*, 86, era carcereiro da cadeia de Lisboa, 86 *n.*
Valente, Afonso, *outro*, foi poeta do *Cancioneiro* e morador em Tomar, 86 *n.*
Varela, Aires, Theatro das antiguidades d'Elvas, 3.
Vasconcelos, António de, filho de Jorge de Vasconcelos, 110, 111.
Vasconcellos, P.e Inácio da Piedade e, História de Santarêm, 43.
Vasconcelos, João Mendes de, do Esporão, embaixador junto a Carlos v, 25.
Vasconcelos, Joaquim de, Albrecht Dürer, 114.—*Arte religiosa em Portugal*, 48.
Vasconcelos, Joaquim de, o mais notável dos nossos críticos de Arte, 46.
Vasconcelos, Jorge de, mencionado por G. V. nas *Côrtes de Júpiter*, 109, 112; foi armador e provedor dos armazens e armadas de Lisboa, 110, 111, 388.—Foi poeta do *Cancioneiro*, 111.—Foram-lhe confirmadas as pescarias, rendas e direitos da ilha Berlenga e do lugar do Baleal, 110.—Filhos seus, 111.
Vasconcelos, Luis Mendes de, fidalgo e criado do infante D. Henrique, talvez fosse contemplado no seu testamento, 109.—Doação das rendas e direitos da ilha Berlenga e do lugar do Baleal, 110.
Vasconcelos e de Meneses, D. Fernando de, era o Bispo de Lamego nomeado por G. V. nas *Trovas a D. João III*, 183.—Foi capelão mor da rainha D. Caterina, 183, 184, del rei D. Manuel, 184; bispo de Lamego, 184 e arcebispo de Lisboa, 185.
Vasconcelos e de Meneses, D. João de, 2.º conde de Penela, 25, 105, 116, 184.—Dera-lhe D. Afonso v o título, 199.—Foi senhor de Mafra, 105, e vedor da fazenda, 105, 184, 220.—Atribui-lhe G. V. uma *Oração*, depois de D. Manuel enterrado, 105, 116; e umas *Palavras* à aclamação de D. João III, 105, 125.—Nomeia-o na *Comédia de Rubena*, 105; no *Clérigo da Beira*, 105, 199; e na *Romagem de agravados*, 105, 220.
Vaz, Joana, mestra da infanta D. Maria, 251, 252.
Vaz, Leonor, mulher de Damião Dias, 221 *n.*
Vaz, Simão, nomeado por G. V. na farsa dos *Almocreves*, foi capelão del Rei, tesoureiro da sua capela e chantre da igreja de Santa Maria da Alcáçova de Santarêm, 179.
Vaz, Simão, procurador dos mesteres junto da vereação de Lisboa, 73, 434.
Vaz Pinto, Dr. Gonçalo, lente de prima de Leis na Universidade de Lisboa, 101.
Veador, O, nomeado por G. V. na *Romagem de agravados*, 220.—Vidè **Lopes,** Rui.
Veador da casa: da infanta D. Isabel, 112 *n*; do infante D. Luis, 153; da princesa das Astúrias, D. Maria, 164 *n*; do principe D. João, 153, 154; da rainha D. Caterina, 203; da rainha D. Maria, 112 *n*; del rei D. João III, 153, 154, 200, 222; del rei D. Manuel, 204.
Veador: da fazenda da rainha D. Caterina, 211 *n*; das obras do reino, 155; da princesa D. Joana, 224 *n.*
Vedor, O, nomeado por G. V. no *Templo de Apolo*, 151, 153, no *Clérigo da Beira*, 200, e na *Romagem de agravados*, 154, era Rui Lopes. Q. v.
Vedor da fazenda: do Algarve, 152; da infanta D. Beatriz, 153; do Pôrto, 111, 169 *n.*
Vedores da fazenda: de D. Afonso v, 111; de D. João II, 125; de D. João III, 91, 105, 184, 214, 220, 234, 239, 438, 443, 444; de D. Manuel, 73 *n*, 74, 91, 115, 166, 434, 435.
Vedor das obras de oiro e prata mandadas fazer para o convento de Tomar, hospital de Todos-los Santos de Lisboa e mosteiro de Belêm, 5, 10, 53, 148, 433.
Velho, Manuel, tesoureiro do tesouro da casa del Rei, 438.
Verão, no tempo de G. V. correspondia à nossa primavera, 192-193.
Vestearia: de cirurgião mor, 45; do mestre de

Digitized by Google

capela, 131 *n*.—A de G. V. ou de seu filho Belchior Vicente, 21, 131 *n*, 234, 242.

Viana, Conde de, vidè **Conde de Viana**.

Vicente, Afonso, suposto irmão de G. V., 5.

Vicente, Belchior, filho de G. V., do seu primeiro casamento, 79, 241, 247.—Quando deve ter nascido, 29, 52, 79, 241, 248, 394, 398.—Os que são pela dualidade querem que fôsse filho do ourives; prova-se que o foi do poeta, 14, 16.—Estava com o pai quando êle tornou a casar, 89, 140.—Foi moço da capela rial, 4, 14, 21, 95, 234, 240, 248, 249, 439, 441.—Para lá provávelmente entrou por morte do irmão Gaspar Vicente, 72, 141, 242, 399.—Mandado para receber a sua vestearia, 21, 131 *n*, 234, 242, 248, 406, 438.—Sobreviveu ao pai, 241, 247.—Por sua morte fez-lhe D. João III mercê da segunda escrivaninha da feitoria da Mina, 242, 243, 248, 251, 406, 439.—Oficio que êle vendeu, 242, 249, 407, 439.—Já depois da morte do pai depõe numa inquirição de testemunhas, 95, 240, 241 *n*, 248, 407, 441.—Morava então na Alcáçova com a madrasta, 95, 240, 242 *n*, 247, 249, 406, 407, 441.—Casa com Guiomar Tavares, 249.—Quando, 234 *n*, 249, 406.—Reside na rua dos Penosinhos, 234 *n*.—Onde suas filhas foram proprietárias, 249, 265.—Foi acrescentado a escudeiro da casa rial, 249, 443, 444.—Sua morte, 249, 406.—Não se encontra o assento de óbito, 249, 257.—Filhos que deixou, vidè **Tavares,** Maria, e **Vicente,** Paula.—Filho provável, vidè o seguinte.—Viúva, vidè **Tavares,** Guiomar.—Mercês a sua viúva e filhas, 443, 444.

Vicente, Belchior, presumivel neto de G. V., filho de seu filho Belchior, 250.—Foi moço da câmara da infanta D. Maria, 14 *n*, 250, 254, e juiz dos órfãos de Miranda de Podentes, 250, 409.

Vicente, Brás, cura de Santa Cruz da Alcáçova, 247.

Vicente, Gaspar, filho de G. V., do seu primeiro casamento, 79, 241.—Quando deve ter nascido, 37, 52, 248, 393.—Parte para a Índia, 37, 56, 70, 248, 394.—É lá protegido por Afonso de Albuquerque, 70, 71, que o nomeia escrivão de uma embaixada ao Hidalcão, 37, 71, 248, 396.—Serve na India, 37, 71, 141, 248, 396, 397.—Regressa de lá, 72, 89, 141, 248, 398.—De volta exerce o oficio de moço da capela rial, 71, 72, 141, 242, 248, 399.—Sua morte, 72, 90, 141, 241, 248, 399.—E substituido na capela rial por seu irmão Belchior Vicente, 72, 141, 242, 248.

Vicente, Gil, o Moço, suposto filho de G. V., 54 *n*, 72, é-lhe atribuida a composição do auto de *Dom Luis de los Turcos*, 262.

Vicente, Gil, moço da câmara, 259.

Vicente, Gil, trovador, mestre da balança, vidè **GIL VICENTE**.

Vicente, Guiomar, irmã e herdeira de um Luis Vicente, 259.

Vicente, Joana, mãe de Brás, filho de Afonso de Albuquerque, não era parente de G. V., 71, 200.—Era mulher de África, 200.

Vicente, Luis, filho de G. V. do seu segundo casamento, 141, 241, 247, 255, 258.—Quando nasceu, 89, 141, 241, 251, 255, 399.—Era vivo ao tempo da morte do pai, 241, 247.—Morou com sua mãe já viúva nos paços velhos da Alcáçova, 88, 255, 256, 407.—É denunciado na Inquisição de Évora de relações imorais mantidas com Fernão de Pina, 20, 88, 89, 255, 256, 407.—Continuou a morar na frèguesia de Santa Cruz da Alcáçova, 256, 258, 259.—Lá serviu de testemunha em dois casamentos, sendo um o de sua irmã Valéria, 256, 263, 408.—Casa com Mor de Almeida, 88, 256, 408.—Baptisa os seus filhos na dita frèguesia, 256, 259, 408, 409.—De dois dêles é madrinha sua irmã Paula Vicente, 254, e doutro é padrinho seu cunhado D. António de Almeida, 256, 265 *n*.—Mora alguns anos na rua dos Penosinhos, 249, 250 *n*, 256, 260, 409.—É-lhe então avaliada a fazenda, ainda em vida da mãe, 91, 250 *n*, 251, 256, 409.—Passa a residir nos paços velhos da Alcáçova, 88, 256, 259, 410.—Onde dois escravos seus são as primeiras vitimas da peste grande na frèguesia, 90, 256.—Como procurador de seu cunhado D. António recebe as tenças de suas sobrinhas, 261, 266, 267, 411.—Tem lugar o seu segundo casamento, 258, 259, 260, com Joana de Pina, 259.—Evidência do facto, 259.—Passa a chamar-se Luis Vicente de Crasto, 259.—Prova-se o facto pela combinação de docs., 259, 260.—Mora no lugar do Mosteiro de Matacães, onde estabelece a sua residência, 259, 260, 261.—Lá possuia propriedades, 260, 410.—Intitula-se cavaleiro fidalgo, 259, ou fidalgo da casa rial, 260.—Faz-se inventário por morte de Joana de Pina, 259, 411.—É então novamente avaliada a sua fazenda, 260.—Ainda devia a legitima materna aos filhos do primeiro casamento, 260.—Era credor de uma sua sobrinha, 259, 260.—Casa pela terceira vez com Isabel de Castro, que lhe sobrevive, 261.—Morre, 259, 261.—Sua assinatura, 261.—Filhos do primeiro casamento, 256, 257, 261; vidè: **Almeida,** Gil Vicente de; **Almeida,** Jerónimo de; **Borges,** Bernardim; **Visitação,** Sóror Maria da.—Filhos do segundo casamento, 260, 261; vidè: **Aguiar,** Damião de; **Aguiar,** Francisco de; **Barreto de Pina,** Martim.—Do terceiro casamento não teve filhos, 261.—Vidè o seguinte.

Vicente, Luis, filho de G. V., editor das obras do pai, as quais com sua irmã Paula Vicente compilou e publicou, 141, 252, 257.—Ajuntou as obras do pai que faltavam no livro que êle deixou escrito, aquelas de que teve noti-

Digitized by Google

cia, 237, 257.—Nelas não incluiu o epitáfio de Branca Bezerra, primeira mulher de G. V., d'onde se deve deduzir mais uma prova de não ser filho dela, 258.—Manda imprimir as obras do pai, 150, 237, 239, 244, 257, 269.—Interfere na composição da rúbrica da tragicomédia da *Serra da Estrêla*, 181 *n*, 237, 258, 407.—Texto adoptado para a reprodução do *Dom Duardos*, 357.—O que serviu para a do *Pranto de Maria Parda* era mais correcto que o da impressão avulso, 364.—O contrário sucedeu com o do *Auto de Inês Pereira*, 385.—Conclui-se a impressão, 258.—Assina no fim do vol. para evitar as fraudes, mas não o consegue, 257.—Dirige a D. Sebastião o *Prólogo* da *Copilaçam de todalas obras de G. V.*, 237, 258, 270, 283, 446.—A censura de 1581 ameaça-o de supressão, 258, o que a de 1586 realiza, 304, 351.—Termina o praso do privilégio para a impressão e venda das obras do pai, mas não consta que lhe fosse renovado, 258, 410.—Estranho foi portanto à mutilada segunda edição da *Copilaçam*, 261.

Vicente, Luís, irmão do ourives G. V. e pai do poeta G. V., segundo Sanches de Baena, 5, 83, deixa de ser pai do poeta no retoque do dr. Teófilo Braga, 6.

Vicente, Luís, moço da câmara, tabelião em Santarêm, escrivão dos órfãos de Moura e dos de Lisboa, e escrivão do tesouro da casa rial, não é o filho de G. V., 259.

Vicente, Luís, reposteiro do infante D. Luís, 258, e cavaleiro de sua casa, 259, não é o filho de G. V., 259.

Vicente, Martim, pai do poeta G. V., segundo o dr. Teófilo Braga, 6.

Vicente, Paula, filha de Belchior Vicente, é baptizada, 249, 407.—Foi-lhe feita mercê de uma tença, 249, 408, 444.—Morava na rua dos Penosinhos em casas suas, 249, 250 *n*, 409.—Avaliação da sua fazenda, 250 *n*, 251, 409.

Vicente, Paula, filha do segundo casamento de G. V., 76, 78, 141, 241, 247.—Foi a primogénita dêsse matrimónio, 89, 250.—Quando deverá ter nascido, 4, 89, 141, 241, 250, 251, 399, 409.—Sobreviveu ao pai, 241, 247, 250.—Auxiliou-o talvez nas cópias dos seus autos, 254.—Por sua morte entra para casa da infanta D. Maria, 14 *n*, 141, 247, 250, 251, 407.—Como moça da câmara, 250, 445, 446, e tangedora, 250.—Sua moradia, 250, 407.—Com seu irmão Luís compilou as obras do pai e publicou-as, 141, 252, 257.—É-lhe concedido privilégio para a impressão e venda delas, 89, 252, 257, 269, 270, 283, 409, 445.—Termina o praso do privilégio e não lhe é renovado, 258, 410.—Errónea suposição de ter colaborado com o pai e de ter escrito comédias, 252, 253.—Madrinha de dois filhos de Luís Vicente, 254, 256, 409.—A seu pedido entra Belchior Vicente para casa da infanta D. Maria, 14 *n*, 250, 254.—Sua influência em casa da Infanta, 264.—Na qual viveu perto de quarenta anos, 254.—E ela era sua amiga, 101, 254; mas não lhe fez doação de nenhuma quinta em Tôrres Vedras, 12, 13, 255.—Alcançou-lhe porêm uma tença de 12:000 rs., 254, 268.—A qual depois nomeou em sua sobrinha D. Beatriz de Meneses, 254, 264, 265, 410, 446.—Ultimo doc. relativo a ela passado em sua vida, 254, 258, 410, 446.—Sua morte, 255, 258, 266, 410.—Em satisfação de seus serviços fez a Infanta mercê de três tenças de 10:000 rs. cada uma a suas três sobrinhas, 255, 255 *n*, 264-265, 266.—Exagerados encómios, 253.—Atribuem-lhe composições literárias, 253.—Põem-na a representar nos autos do pai, 253.—Mas fazem-na feia, 253, 254.—Seu verdadeiro aspecto, 254.

Vicente, D. Valéria, filha de G. V. e mulher de D. António de Meneses, 29.—Vidè **Borges**, D. Valéria.

Vicente Tavares, Maria, filha de Belchior Vicente, 250.—Devia dinheiro a seu tio Luís Vicente, 250, 260.—Vidè **Tavares**, Maria.

Vicente da Tôrre, Gil, Auto da Donzela da Tôrre, 301, 414.—E' provável pseudónimo, 301.

Vida do doutor Francisco de Sá de Miranda, collegida de pessoas fidedignas que o conhecerão e tratarão, e dos livros das gerações deste Reyno, 173, 174, 175, 176.

Vidigueira, Conde da, vidè **Conde da Vidigueira**.

Vieira, Caterina, moradora nos paços da Alcáçova, 247.

Vieira da Silva, Augusto, As muralhas da Ribeira de Lisboa, 117, 196.

Vila Nova de Portimão, Conde de, vidè **Conde de Vila Nova de Portimão**.

Vila Rial, Conde de, vidè **Conde de Vila Rial**.

Vila Rial, Duque de, vidè **Duque de Vila Rial**.

Vila Rial, Marquês de, vidè **Marquês de Vila Rial**.

Vila Rial, Marquesado de, 139 *n*, 140 *n*.

Vila Viçosa: marquesado, 139 *n*, 140 *n*; morador, 11.

Vilaboa, Manuel de, físico, 223.

Vilanova, Pedro de, físico, 223.

Vilar de Bèsteiros, apresentação nesta igreja, 197.

Vilhacastim, João de, músico, nomeado por G. V. no *Auto de Inês Pereira*, 130.—Era mestre da capela, 131 *n*, 248.

Vilhena, D. Beatriz de, a Perigosa, com extraordinária nomeada de formosura no *Cancioneiro geral*, 165 *n*.

Vilhena, D. Branca de, mulher de Rui Barreto, 165 *n*.

Vilhena, D. Francisca de, dama do paço e mulher de D. Fernando de Lima, 165 *n*.

Vilhena, D. Joana de, mulher de Damião Dias de Ribeira, 222 *n*.

Digitized by Google

Vilhena, D. Maria de, segunda mulher de Diogo Lopes de Sequeira, 152.

Vilhena Barbosa, erradamente atribui a Garcia de Rèsende os desenhos da custódia e da tôrre de Belêm, 48, 49.

Vilhena Barbosa, A exposição retrospectiva portuguesa em Paris, 49.

Vimioso, Conde do, vidè **Conde do Vimioso.**

Vinte e Quatro, Casa dos, vidè em Lisboa.

Violante, D., dona abadessa de Odivelas, 229, 391.—Vidè **Cabral,** D. Violante.

Virtudes, Convento das, 155.

Visconde de Ouguela, errada apreciação do aspecto moral de G. V., 54, 74.—Perfilha para êle os traços biográficos de Camilo, 6.

Visconde de Ouguela, Estudo crítico do Auto da Alma, 299.—*Gil Vicente*, 6, 45, 54.

Visconde de Sanches de Baena, vidè **Sanches de Baena,** Visconde de.

Visconde de Santarêm, Quadro elementar, 104, 137, 152, 158 *n.*

Viseu: bispado, 197; bispo, 179.

Viseu, Duque de, vidè **Duque de Viseu.**

Visitação, Sóror Maria da, filha de Luís Vicente, seu baptismo e seus padrinhos, 256, 409.—Freira professa no mosteiro de Santa Iria de Tomar, 260, 261.—Sua legítima materna, 260, 261.

Xabregas, Mosteiro de: casas e horta onde foi fundado, 53.—Vidè em Lisboa, Mosteiro da Madre de Deus.

Xabregas, Mosteiro dos Loios de, 89.

Xevres, vidè **Chièvres.**

Zeller, Francisco van, empresta ao autor um magnífico exemplar da primeira edição da *Copilaçam de todalas obras de G. V.*, 278 *n.*

Digitized by Google

TABOADA

Explicação	Pag.	VII
Preâmbulo	»	1
Cap. I. — Dados biográficos. Identificação do poeta e do ourives	»	9
Cap. II. — Dados biográficos. Primórdios indecisos. 1460 (?)-1502	»	29
Cap. III. — Dados biográficos. No reinado de D. Manuel. 1502-1521	»	41
Cap. IV. — Dados biográficos. Na côrte de D. João III	»	123
Cap. V. — Os filhos de Gil Vicente	»	247
Cap. VI. — Tentativa bibliográfica	»	269
Cap. VII. — Censura Inquisitorial	»	303
Cap. VIII. — Confrontação de textos Vicentinos. Retoques finais	»	357
Cap. IX. — Cronologia Vicentina	»	393
Cap. X. — Canto, dança e música nos Autos de Gil Vicente	»	417
Documentos	»	433
Índice de matérias	»	451

Digitized by Google

Digitized by Google

Colocação das estampas

Retratos. — Em frente da pág. v.
Carta de 4 de Fevereiro de 1513, nomeando Gil Vicente mestre da balança da Casa da Moeda de Lisboa. — No alto o sumário: *Gil Vicente trovador mestre da balança.* — Em frente da pág. 19.
Desembargo de 19 de Junho de 1535 mandando pagar 8.000 reaes a Gil Vicente. — Em frente da pág. 21.
A custódia dos Jerónimos. — Em frente da pág. 46.
Planta de parte da antiga frèguesia de S. Bartolomeu de Lisboa. — Em frente da pág. 53.
Sepultura de Gil Vicente, fl. 262 da primeira edição, a de 1562, das suas *Obras.* — Em frente da pág. 243.
Frontispício da primeira edição (1562) das *Obras* de Gil Vicente. — Em frente da pág. 256.
Colofon da primeira edição (1562) das *Obras* de Gil Vicente e assinatura de seu filho Luís Vicente. — Em frente da pág. 256.
Portada do Liv. I das *Obras* de Gil Vicente, da edição de 1562. — Em frente da pág. 269.
Portada do Liv. II da mesma edição. — Em frente da pág. 270.
Página interior ainda da mesma edição. — Em frente da pág. 271.
Gravura no verso da fl. 25 da dita edição, a de 1562. — Em frente da pág. 272.
Frontispício da segunda edição (1586) das *Obras* de Gil Vicente. — Em frente da pág. 278.
Portada do Liv. I das *Obras* de Gil Vicente da edição de 1586. — Em frente da pág. 279.
Frontispício do *Auto da Segunda Barca* na fl. 60 desta edição. — Em frente da pág. 280.
Página interior da edição de 1586 das *Obras.* — Em frente da pág. 281.
Frontispício do *Breve sumário da História de Deus*, impressão talvez contemporânea do autor. — Em frente da pág. 290.
Página inicial do *Pranto de Maria Parda*, impressão feita em vida de Gil Vicente. — Em frente da pag. 358.
Frontispício do *Auto de Inês Pereira*, impressão anterior à primeira edição das *Obras.* — Em frente da pág. 365.

Digitized by Google

Digitized by Google

Addenda et corrigenda

Pág.	4,	lin.	2	1601	*leia-se*	1595
»	12	»	18	fins de 1539	»	fins de 1536, principios de 1537
»	13	»	24	meras usufructuárias	»	meros usufructuários
»	14	»	33	docs. XIII	»	docs. XIV
»	30	»	23	precedente	»	de 1536
»	»	»	»	setenta	»	sessenta e sete
»	»	»	24	oitenta e sete ou oitenta e oito	»	oitenta e quatro ou oitenta e cinco
»	41	»	22-23	encontrava-se	»	encontravam-se
»	49	»	39	prólogo do livro	»	prólogo do *D. Duardos*, no livro
»	52	»	36	1505 a 1506	»	1504 ou 1505
»	57	»	31	he (*hei*) per	»	he per
»	58	»	32	sexta feira de endoenças	*note-se*	Nestes tempos à quinta feira santa davam o nome de quinta feira de Lavapés e à sexta feira o de sexta feira das Indulgências (Goes, *Chronica de D. Emanuel*, part. III, cap. 50), ou das Endoenças.
»	70	»	12	1520.	*acrescente-se*	Tomás de Tôrres tomou posse da cadeira de Astrologia e Matemática na Universidade de Lisboa em 19 de Outubro de 1521 e regeu-a até a Universidade passar para Coimbra, em 1537 (A. Ribeiro dos Santos, *Memórias sôbre alguns mathemáticos*, pág. 176 do vol. VIII das *Mems. de Litteratura da Academia*).
»	73	»	18	pág. 18	*leia-se*	pág. 19
»	79	»	15	Em análoga situação, etc.	*Risquem-se*	*estas palavras até ao fim do periodo.*
»	89	»	26	primeira	*leia-se*	segunda
»	»	»	35	catorze ou quinze	»	doze ou treze
»	92	»	11	Quanto ao fanfarrão do Gonçalo de Ayala, nas *Trovas* Ayola para rimar com sola e escola, não encontro notícia fidedigna em parte nenhuma.	*acrescente-se*	Encontrei finalmente notícias fidedignas. O homem chamava-se Gonçalo de Ayora, havia nascido em Córdova em 1466, fôra cronista e capitão de Fernando, o Católico, e entrara na revolução das Comunidades, pelo que fôra condenado à morte e confisco dos bens, sendo um dos exceptuados do perdão geral. Fugira para

Digitized by Google

						Portugal em 1520 e aqui persistiu até perto da morte. Foi homem muito instruido, latinista distinto, engenheiro de talento, oficial hábil e experimentado, tudo prejudicou porêm por se ter mostrado constantemente enfatuado, descontente, importuno, atrevido e até temerário na sua linguagem. Carlos v, num despacho escrito por sua mão, declara não se lhe dever dar crédito « por haber sido comunero liviano y un gran bellaco » (*E. Cat., Essai sur la vie et les ouvrages du chroniqueur Gonzalo de Ayora*; Fernández Duro, *Noticias de la vida y obras de Gonzalo de Ayora*; cronista Estanques citado na obra de Rodriguez Villa, *La Reina doña Juana la Loca*, pag. 241). Tal era, a fugir, o homem por G. V. apodado.
Pág.	99	lin.	18	as	*leia-se*	sa
»	100	»	44	1520	»	1521
»	125	»	28	conde desde	»	conde da Vidigueira desde
»	»	»	29	pág. 105	»	pág. 104
»	137	»	34	Lisboa	»	Évora
»	141	»	7	1539	»	1537
»	»	»	9	vinte	»	dezanove
»	148	»	4	finara-se em Lisboa,	*acrescente-se*	a 17 de Novembro de 1525,
»	153	»	40	Carrazeda	*leia-se*	Carrazedo
»	154	»	14	comendador mor	*acrescente-se*	de Santiago
»	155	»	14	régia	»	, isto é, provedor mor das obras do reino como depois se lhe chamou.
»	163	»	44	bèsteiros	»	de cavalo
»	177	»	40	Botão	*leia-se*	Bolão
»	195	»	18	1493 a 1498	»	1491 a 1495
»	228	»	23	disfarçado	*acrescente-se*	em trabalhador,
»	250	»	30	Lix	*leia-se*	Lxix
»	262	»	48	*Rimas*... I	»	*Rimas*... II
»	288	»	19-20	dos autos	»	do auto
»	»	»	36	981	»	980
»	292	»	41	13	»	14
»	354	»	26	1646	»	1645
»	355	»	20	*Inês Pereira*, 94 e 13;	*acrescente-se*	*Auto da Lusitánia*, 85 e 1;
»	358			Est. XVI		Relativamente a esta estampa afirmou-me o sr. Joaquim de Vasconcelos, a quem eu a mostrei, ser a gravura portuguesa, de execução local, sem cruzamento de traços, por tanto só traço linear, garantindo-nos êste conjunto de circunstâncias ser ela dos primeiros anos do século XVI. A arquitectura mostra o grande aparelho usado nos muros dos paços e nas muralhas das cidades; o chão é revestido de tijolo esmaltado, ou mais própriamente constituido por trabalho de embrechado nacional. Póde-se pois afirmar ser esta edição do *Pranto* do próprio ano em que G. V. o compôs, isto é, de 1522.
»	371	»	41	col. 1 nos	*leia-se*	uos (*vos*)
»	407	»	35	Lisboa	»	Évora

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

UNIV. OF
CALIFORNIA

Digitized by Google

UNIV. OF
CALIFORNIA

Digitized by Google

Digitized by Google

14 DAY USE
RETURN TO DESK FROM WHICH BORROWED
LOAN DEPT.
RENEWALS ONLY—TEL. NO. 642-3405
This book is due on the last date stamped below, or on the date to which renewed.
Renewed books are subject to immediate recall.

FEB 26 1971 27
MAR 29 1971 99
RETURNED TO
FEB 24 1971
LOAN DEPARTMENT
REC'D LD MAR 14 '71-5 PM 83
AUG 9 1973 52
REC'D LD SEP 7 '73-4 PM 52
JUL 4 1977
REC. CIR. JUN 9 '77

LD21A-60m-3,'70
(N5382s10)476-A-32

General Library
University of California
Berkeley

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

U. C. BERKELEY LIBRARIES
C051334680

452734

UNIVERSITY OF CALIFORNIA LIBRARY

Digitized by Google